

[redacted]

O ESCHOLIASTE PORTUGUEZ

O ESCHOLIASTE PORTUGUEZ

OU

SUBSIDIOS LITTERARIOS

Grammaticaes, philologicos e rethoricos

COMPILADOS DOS MELHORES AUCTORES

E

Divididos em tres partes

CCOMMODADAS AO ESTUDO ELEMENTAR E COMPLEMENTAR

DA

LINGUA PORTUGUEZA

POR

ANTONIO MARIA D'ALMEIDA NETTO

Professor particular das linguas Portugueza
Latina e Franceza

25, 2.° — CALÇADA DO CALDAS — 2.°, 225

1.ª PARTE

LISBOA
LIVRARIA FERREIRA
132 — Rua Aurea — 134
1883

[redacted]

O auctor d'este repositorio de definições e regras, preceitos e leis da arte de exprimir e gravar o pensamento, nos seus multiplos modos e nas suas manifestações variadissimas, entendeu, por modestia inexplicavel em quem mostra tanta erudição, que era uma circumstancia propicia ao seu livro, o acompanharem-o algumas linhas por mim subscriptas.

Não quero trahir o seu desejo, que aliás me é grato, nem discutir as condições inferiores de critica e auctoridade em que elle encontra o Mentor escolhido para o encargo, que até já passou de moda, de o acompanhar na sua peregrinação pelos mundos da publicidade prefaciando o seu livro, porque os livros são o que são, e não o que a censura ou o louvor *ad hoc* pretendam que elles sejam. Mas como, assim na arte como nas lettras, na sciencia como na politica o iconoclastismo revolucionario tem apeado dos altares os idolos e destruido certos dogmatismos, mais ou menos arbitrarios, e hoje todos podem dizer de tudo, não será muito ousar o affirmar-se, como eu affirmo, que o Escholiaste Portuguez é um livro de summa uti-

lidade para os que estudam, porque estão n'elle reunidos todos os preceitos e definições da grammatica, da logica, da rhetorica e da eloquencia, e a par das leis especiaes que regulam o exercicio do entendimento disciplinado, muitas prescripções que se referem á morphologia litterario-artistica, á poesia e ao theatro. Esta compilação representa um longo trabalho, e vem evidentemente preencher uma falta. Parece-nos muito proveitosa aos escolares, a que principalmente se destina, pois suppre, por si só, a leitura ou a consulta de muitos livros. Pelos mesmos predicados é util a todas as pessoas como livro de consulta facil no tracto quotidiano, para fixar noções, evitar erros, e destruir duvidas; que n'estas epochas caracterisadas por uma crescente actividade material é preciso saber tudo, mas depressa. Recommendo pois aqui o ESCHOLIASTE como o faria exercendo a profissão de jornalista, nas minhas relações com uma mais larga publicidade, certo de que satisfaço unicamente um dever.

EDUARDO COELHO.

Cedendo ás instancias de nossos filhos e discipulos, em proveito de quem haviamos collecionado estes subsidios, agora sob o titulo de ESCHOLIASTE PORTUGUEZ os damos a lume, persuadido de que prestamos um bom serviço ao estudo regular e progressivo da lingua portugueza.

Com inquebrantavel perseverança e decidida força de vontade investigámos durante muitos mezes esses thesouros inexgotaveis, onde póde illustrar-se o espirito de muitas notabilidades, e d'ahi é que transcrevemos, compilámos e coordenámos o que nos pareceu mais proveitoso. Falta portanto originalidade completa nas doutrinas do texto; nem julgamos que a possa haver em lucubrações d'esta natureza, tendo aqui verdadeira applicação aquelle dito de L. Reybaud: *Il n'y a plus d'originalité ici-bas, pas même dans l'absurde.*

Mas se fizemos como a abelha industriosa que libando de flôr em flôr o succo mais precioso, com elle é que póde formar o dôce mel, em poucos artigos deixámos de intervir pessoalmente, modificando os textos por forma a ficarem mais accessiveis á intelligencia da mocidade estudiosa, ora com exemplos novos, ora com redacção nova, conforme nossa maneira de ver, nosso aturado estudo da materia e longa pratica de ensino. Novo é tambem o methodo da exposição dos differentes artigos, que não deixa confundir o ESCHOLIASTE com qualquer das grammaticas já conhecidas, porque sómente n'este *livro* encontram os estudiosos da lingua portugueza um repertorio alphabetico, racional e completo de todos os artigos que constituem um dos mais importantes preparatorios, que exige o curso dos Lyceus para qualquer carreira scientifica ou litteraria — o estudo da lingua patria.

mento.

N'este grato dever cumpre-nos distinguir Eduardo Coelho, pelas expressões de obseq com que, accedendo ao nosso convite, quiz mendar o nosso trabalho; e — José Joaquim lioso auxilio que generosamente nos dispens pôde a impressão d'este 1.° volume chegar a

Não terminaremos sem agradecer desde gnissimos srs. Professores que dispensarem a aquella valiosa protecção que por ventura m liaste Portuguez.

Lisboa, 31 de agosto de 1884.

Antonio Maria d'Al

AUCTORES E OBRAS CONSULTADAS

Ex.mos srs.:

Arsenio Augusto **Torres de Mascarenhas**: — *Noções Elementares de Estylistica.* [1]

A. C. Borges **de Figueiredo**: — *Instituições Elementares de Rhetorica*, etc.

A. Epiphanio **Dias**: — *Grammatica Portugueza.*

A. F. de Castilho: — *Tratado de Metrificação.*

A. J. Silvestre **de Sacy**: — *Principes de Grammaire Générale.*

Bento José de **Oliveira**: — *Grammatica Portugueza.*

Delphim M. d'Oliveira **Maya**: — *Manual de Estylo. Noções de Poetica*, etc.

E. M. G. C.: — *Synopse e Apontamentos Grammaticaes.*

F. Evaristo Leoni: — *Genio da Lingua Portugueza.*

Francisco Freire de **Carvalho**: — *Lições Elementares de Eloquencia Nacional.*

Henrique Midosi: — *Poesias Selectas.*

João de Deus: — *Cartilha Maternal.*

Joaquim Alves de Sousa: — *Varias publicações.*

Joaquim Freire de **Macedo**: — *Grammatica Portugueza.*

José Gonçalves Lage: — *Grammatica Portugueza. Elementos de Litteratura Gaulica.*

José Silvestre **Ribeiro**: — *Ensaio de Estudos Praticos de Litteratura.*

José Simões **Dias**: — *Lições de Litteratura Portugueza.*

M. J. P.: — *Pontos para o Curso de Portuguez.*

Paulino de Sousa: — *Grammaire Portugaise raisonnée et simplifiée.*

Silva Tullio: — *Estudos da Lingua Materna.*

Varios diccionarios portuguezes e estrangeiros; ineditos, etc.

Floriferis ut apes in saltibus omnia libant,
Omnia nós itidem depascimur aurea dicta,
Aurea perpetua semper dignissima vita.

Abreviaturas, raras empregamos, e essas, ou porque bem se comprehendem, ou porque vão explicadas no artigo do mesmo nome, tivemos por escusado explical-as aqui em secção especial.

Indocti discant, et ament meminisse periti.

[1] D'esta obra pouco aproveitámos, por estar já quasi completa a nossa.

O ESCHOLIASTE PORTUGUEZ

A

Primeira lettra do alphabeto, representativa da voz nominal —*á*— e assim chamada.

Como parte componente da palavra ou da oração, pode ter o *a* tres valores: —*nominal* — *á* —, e *fechado* — *â* —, representativos de vozes puras; e *nasal* — *ã* —, representativo de voz nasalada.

Tem valor nominal:

em toda a syllaba em que concorrerem, soando juntas, as duas vogaes *a i*, e nos monosyllabos *cae, pae, sae, vae* [1]; *cal, mal, qual, sal, tal, val;* em toda a syllaba final que termine pelas lettras *ar*, como em *par, palmar, respeitar*, etc., ou em *az*, como em — *Braz, jaz, traz, zaz;* e na terminação *au*, como em — *pau, calhau, Nicolau*, etc.;

na primeira syllaba de quasi todas as terminações *ado, ada; ato, ata; dade; ario, aria; aso, asa* (em que não influe a terminação plural em *s*); e na das terminações seguintes, pertencentes a diversas vozes de verbos: *ais, ar, ara, aras, aram, aramos, ardes, areis, arem, ares, armos, asse, asseis, assem, assemos, asses, aste, astes, ava, avas, avam, avamos, aveis;* nas vozes *ha, has* (do verbo *haver*); e sempre que sobre o *a* estiver o accento agudo — *á* —

de ordinario é nominal o *a* da penultima syllaba da palavra, v. g.: *casa;* excepto se esta tiver accentuada a syllaba final, como o têem *avó, avô, Adão;* ou se for esdruxula, como o são: *camara, lampada, syllaba;* ou aguda, como — *maçador, rapaz, rapé, vagar*, etc.

---

[1] Por — *cai, sai, vai.*

ou cousa personificada — *o amor cega* a *muitos, a fortuna não ha* a *quem não deslumbre. Pintaram os antigos* ao *amor menino*[1].

DIFFERENTES CIRCUMSTANCIAS, taes como:

— LOGAR ONDE — a *cada uma d'estas portas está um escrivão.*

— LOGAR POR ONDE — *a necessidade é a que mette ou precipita o mineiro* ao *mais profundo da terra.*

— LOGAR ONDE — *a necessidade é a que leva o soldado á guerra...*[2]

— FIM PARA QUE, OU A FIM DE — *e* a *escalar as muralhas...*

— INSTRUMENTO — *onde vendo cair uns* a *ferro, e voar outros* a *fogo, avança comtudo e não desmaia.*

— MODO — *cortando como pude a corrente saí* a *nado da outra parte. Morreu* a *assignar.*

— PREÇO, TAXA — *não* a *trinta por cento, mas* a *dez.*

— DISTANCIA — a *quatorze leguas de Lisboa.* A *dois passos d'aqui.*

— CAUSA — *muita gente morta á fome.*

— TEMPO QUANDO, OU EM QUE — *por não ter* ao *nadar impedimento.* A *esta hora (que é uma da noite) chego de fallar...*

— MEIO — *para cima se vai á sirga.*

— ESPAÇO DE TEMPO — *rondam* a *quartos.*

— QUANTIDADE — aos *moios; ás carradas; agua* a *cantaros.*

— MEDIDA — aos *metros; d'aqui* a *um mez.*

— SUCCESSÃO — *de paes* a *filhos.*

— DISTRIBUIÇÃO — *um* a *um.*

Muitas vezes vale por *se* condicional; v. g.: a *haver alguns trabalhos* (se houver); a *ser assim* (se assim é ou for).

Serve de principio a muitas phrases e locuções que se tomam adverbialmente; v. g.: a *torto e* a *direito; ás apalpadellas.*

Muito usado entre duas dicções identicas — *de parte* a *parte se pelejava braço* a *braço.*

Toma significação diversa conforme as palavras a que se junta, a saber:

— AQUELLA... (cousa ou pessoa ?), algumas vezes antes do relativo *que*, servindo de sujeito ou attributo da oração principal: — *a necessidade é* a (aquella cousa) *que engolpha o marinheiro nas ondas do oceano.* A (aquella pessoa?) *que fez isto não tem desculpa.*

— ATÉ — *esperei* a *que acabasse o responso.* A *mais não poder.*

---

[1] Nem sempre é precedido da preposição *a* o complemento directo ou objectivo, embora representado por pessoa ou cousa personificada; v. g.: *Pedro matou Antonio*

[2] Todas as vezes que se suppõe regresso ou volta, deve dizer-se — *ir, vir* **a**; e quando se suppõe estada larga, ou não ha regresso ou volta, deve dizer-se — *ir, vir* **para**.

— com — *e postas em ordem suas cousas, partiu de sua terra a muita pressa.*

— como — *as unhas disfarçadas muito cheiram a maliciosas.*

— conforme, ou segundo — *cresce o merecimento á medida da sua boa vontade. A meu ver.*

— contra, ou direito a — *arremessou-se ao inimigo. Como que queria que Diniz fosse a elle por aquella rua.*

— deante — *fazendo presas e tolhendo o commercio á vista de seus olhos.*

— durante — *e assim passaram a noite.*

— em — *esteve a risco de se perder.*

— junto ou proximo — *os estranhos se te vinham assentar ao pé dos muros.*

— para — *cuja minima parte sobraria a alagal-os.*

— por — *ellas que vão do doce amor vencidas estão a seu conselho offerecidas.*

— que — *não ha mais a dizer.*

— sobre — *fica a meu cargo* ou *cuidado... á minha responsabilidade.*

— proximo de, seguindo um verbo no infinito: — *está* a *partir; está* a *morrer; está* a *chegar.*

É tal a energia do seu significado que não seria difficultoso assignar-lhe ainda outras relações, porque a sua significação é extensissima, como fica dito, e se pode ainda deprehender de outras phrases, taes como: — *letra* a *vencer...* a *poder de empenhos... dores* a *qual mais forte... convem* a *saber,* etc.

Empregam-se com a preposição *a* os adjectivos que exprimem qualidades que vão referir-se a um objecto; v. g.: *surdo aos rogos... insensivel á dor... agradavel ao tacto.*

O nome que segúe a preposição *a* como seu complemento póde ficar no singular ou no plural, conforme revele a ideia de um ou de muitos objectos; v. g.: *ir a pé... a cavallo... marchar a passo lento,* etc., ou *saltar a pés juntos... caminhar a passos lentos,* etc.

Os seus multiplicados e mui variados usos sómente se podem conhecer pela assidua lição dos bons classicos, reflectindo, etc.

Na composição de algumas palavras, o *a* umas vezes influe na significação, como: — a*bater* (de — bater); a*brigar* (de — brigar); a*talhar* (de — talhar); a*pagar* (de — pagar): outras, não: como: — a*juntar* (ou — juntar); a*laúde* (ou — laúde); a*limpar* (ou — limpar); a*mostra* (ou mostra), etc.

Collocado em palavras de origem grega denota, ora privação, como: — a*nonymo* (sem nome); a*phylo* (sem folhas); ora

negação, como: — a*theista* (que nega a existencia de Deus); a*cephalo* (sem cabeça).

Como particula prepositiva teve por forma primitiva *ab*, mas sendo prefixo de varios nomes perdeu o *b* antes de muitas invogaes.

Ás palavras cuja composição por elle começa ajunta ideias accessorias, as quaes, associadas a outras, modificam profundamente o sentido primitivo d'essas palavras.

Entra na formação de um grande numero de verbos, mobilisando a ideia expressa pelo substantivo; como: — a*preçar* (de — preço); a*tinar* (de — tino), etc.

Serve na linguagem poetica, para augmentar syllaba ou fortalecer a palavra, como: — a*tambor* (de — tambor).

Como abreviatura, *A* — entende-se por — *Aceito*, *Alteza*, *Approvo*, *Auctor*; e dobrado — *AA*: *Altezas*, *Auctores*, etc.

Contrai-se com as preposições *a*, *de*, *em*, *per* ou *por*, quer seja artigo, ou pronome, do seguinte modo: — *á*, *da*, *na*, *pela*; e, quando é preposição, com o demonstrativo *aquelle*; v. g.: *áquelle*, *áquelles*, *áquella*, *áquellas*; ou com o artigo ou pronome *o*, de uso frequente; v. g.: a*o*, a*os*.

É do genero masculino, como o são todas as lettras do alphabeto e assim diz-se: um *a*, este *A*; e pode ser maiusculo *A*, ou minusculo *a*.

São do genero feminino a maior parte dos substantivos terminados em *a*, como: — *alma*, *dama*, *fuga*, *pedra*, *ronda*, *taboa*, *vida*, *zanga*, etc.
São masculinos — *aroma*, *cometa*, *dia*, *diploma*, *phantasma*, *mappa*, *symptoma*, *poema*, *telegramma* e algumas mais.

O plural dos nomes terminados em *a* forma-se com o accrescentamento de um *s*; v. g.: *alma*, *almas*; *rosa*, *rosas*; *boa*, *boas*.

Segundo uma convenção quasi geral, que parece remontar á invenção mesma, ou ao primeiro estabelecimento da linguagem articulada, foi o *a* empregado de um modo systematico, como letra inicial, signal ideographico, das palavras representativas de ideias ou cousas elevadas; taes como: — *Adonai* (Deus), *Adão*, *alma*, *altar*, *aguia*, *anjo*, *arvore*, *astro*, *athleta*, *Alpes*, *Atlas*, *Augusto*, *Alteza*, etc.

Representa igualmente o primeiro som que sai dos labios da innocencia, e o que escapa a todos os homens nos movimentos da dor, da alegria, da surpresa e da admiração.

Esta lettra, disse Castilho, é de todas a mais franca; de todas a mais facil na pronuncia. É a primeira e por muito tempo a só que proferimos. Os nossos vocabularios se estreiam por ella; o da infancia não tem outra. É a expressão natural da admiração, da alegria, do alvoroço, e da ternura; o sentimento de respeito e enthusiasmo para com tudo o que é grande, parece que melhor se exprimirá por termos em que prevaleça o *A*.

Ouvi o grande épico propondo ao mundo o objecto que pretende immortalisar:

As armas e os varões assignalados

Não é entre nós o *A* a suave marca do nome da mulher, de quantos objectos lhe pertencem, de quantas qualidades se lhe referem?

Maria, formos*a*, bo*a*, modest*a*, cast*a*.

Se não é possivel provar que o *A* se applicou ao feminino, por effeito de um conhecimento previo e philosophico do seu valor, é pelo menos innegavel que o uso de o ouvirmos desde o berço figurar sempre assim nas mais amantes relações, lhe imprimiu, se elle o não tinha já por si, o que quer que seja de mais namorado e voluptuoso que ás outras lettras.

Á. Ás. — Contracção da preposição *a* com o adjectivo articular *a*, ou *as* (plural); v. g.: *attendei mais á consciencia que á fama. A resignação serve de allivio ás desgraças.*

Ou a mesma contracção entre a preposição e o pronome; v. g.: *applica-te mais á analyse das tuas faltas que á dos outros. Cede tudo ás suggestões da virtude, nada ás do vicio.*

Estas formulas são indicio de complemento terminativo.

Escreviam-se antigamente separados estes elementos da oração, como nol-o deixou escripto Duarte Nunes: — «*quando dizemos* a a, *o primeiro* a *é preposição, o segundo, artigo feminino.*» Exemplo: *a vontade que pertence* a a (á) *parte vegetativa, que é semelhante* a a (á) [1] *que têem as arvores*, etc. *Eu rogo* a *as* (ás) *tuas sagradas virtudes que ellas supportem*, etc.

A orthographia antiga carecendo de accentos, suppria-os

---

[1] Neste logar do exemplo dado, o 2.° *a* não é o artigo feminino e sim a fórma feminina do pronome demonstractivo, valendo os dois *a a* por — *aquella* (parte), i. é. — *áquella que...* etc.

com a repetição das vogaes, quando as queria pronunciadas mais fortes.

João de Barros (1540) começou a contrair n'um só *á*, assim accentuado, a preposição *a* junta ao artigo ou pronome *a*, que os seus predecessores todos escreveram separadamente; mas, apesar de ter prevalecido em nossa orthographia a forma adoptada pelo Livio portuguez, e não obstante o tempo fazel-a tão propria, como elle mesmo o esperou, devemos considerar sempre a preposição *a* com toda a sua força e significação, como se estivesse separada do termo a que por contracção se une.

Com estas formulas tambem se compõem varias locuções; v. g.: *á pressa; ás cegas; á falta de... ás mãos cheias; á vontade; ás apalpadellas; á minha* ou *á nossa vontade*, etc.

São do genero masculino os substantivos terminados em *á*, como: — *alvará, maná, tafetá;* exceptua-se *pá*, que é do genero feminino.

O plural dos nomes terminados em *á* forma-se com o acrescentamento de um *s;* v. g.: *má, más; pachá, pachás.*

Ã, Am, An. — Estas tres formulas indicam o *a nasal;* mas a primeira é a que se emprega na syllaba final [1], ou quando o *a* que se quer *nasalado* vem seguido de vogal; v. g.: *irmã, canção, capitães*. A segunda formula *(am)* emprega-se antes de *b, m, p,* v. g.: am*bos*, am*moniaco*, am*paro*. A terceira *(an)* emprega-se em todos os mais casos; v. g.: *cantando*, an*no*, *importancia*, etc.

São do genero feminino os substantivos terminados em *ã*, taes como: — *lã, maçã, rã.*

Os nomes terminados em *ã* formam o plural conforme a regra geral, i. é, com o accrescentamento de um *s;* v. g.: *irmã, irmãs; lã, lãs; sã, sãs.*

Ab. — Veja *Prefixos.*

Abcedario. — A que outros chamam o *A B C*, é a serie de lettras adoptadas pelo uso elementar de uma lingua. Esta serie toma ainda o nome technico de Alphabeto.

Veja este artigo.

---

1 Modernamente prefere-se *irmã* a *irman; lã* a *lan;* mas *afan, ademan, cans, iman*, escrevem-se sempre assim.

Veja os artigos *Nasal, Nasalado, Nasalidade.*

Abreviações. — Veja *Abreviaturas.*

Abreviaturas. — São certos signaes formados pelo corte de lettras e syllabas, servindo de representar palavras e até phrases, em que aquellas foram supprimidas, ou para se escreverem mais rapidamente, ou para se accommodarem n'um limitado espaço. D'entre as que o uso ainda conserva, daremos as seguintes :

a. J. C. ou *A. J. C.*	antes de Jesus Christo, ou antes da era christã.
Abb.^{e}	Abbade.
A. M.	Ave Maria.
Att.^{o}	Attento.
Crd.^{o}	Criado.
D.	Dom, Dona.
D.^{o}	Dito.
D.^{r}	Doutor.
D.^{s} *G.*^{de}	Deus Guarde.
Em.^{mo}	Eminentissimo.
Ex.	Exemplo.
Ex.^{a}	Excellencia.
Ex.^{mo}	Excellentissimo.
F.	Foão ou Fuão; abreviatura de *Fulano.*
Fl.^{s}	Folhas.
Fr.	Frei, Freire, abreviatura de *Frade.*
Gor.^{or}	Governador.
I. É ou *i. é*	Isto é.
Ill.^{mo} *Sr.*	Illustrissimo Senhor.
J. C.	Jesus Christo.
J. H. S.	*Jesus Hominum Salvator* — Jesus Salvador dos homens.
J. M. J.	Jesus Maria José.
J. N. R. J.	Jesus Nazareno, Rei dos Judeus.
£	Libra.
Lx.^{a}	Lisboa.
M.^{ce}	Mercê.
M.^{te}	..mente, terminação adverbial.
M.^{to}	Muito.
Ms.	Manuscripto.
N.	Nome.
N. B.	Note Bem.
N.^{o}	Numero.
Obgd.^{mo}	Obrigadissimo.
Off.	Offerece.
P.	Padre, Pede.

P. E. F.	Por Especial Favor.
P. F.	Por Favor.
Pg.	Pagou.
P. N. e *A. M.*	Padre Nosso e Ave Maria.
P. P.	Proximo passado.
P.^{r} %	Por cento.
P. Sc.	Depois de escripto-a.
Q. ou *q̄*.	Que.
Qd.^{o}	Quando.
Q.^{to}	Quanto.
S.S. P.P.	Santos Padres.
S.	Santa, Santo ou São [1].
S. N.	Serviço Nacional.
Snr. Snr.^{a}	Senhor, Senhora.
S. P. Q. R.	*Salva Populum Quem Redimisti*— Salva o povo que remiste.
Vid.	Veja.
V. S.^{a}	Vossa Senhoria.
V. Ex.^{a}	Vossa Excellencia.
Vnrd.^{or}	Venerador.
V. g.	*Verbi gratia*—a proposito.
V. M.^{ce}	Vossa Mercê.
Vol.	Volume.
X. P. T. O	Christo.
7.^{bro}	Setembro.
8.^{bro}	Outubro.
9.^{bro}	Novembro.

Todos os diccionarios são precedidos de uma lista das abreviaturas usadas no texto.

Em todas as sciencias, artes, profissões, etc., se usam abreviaturas; assim em grammatica usamos, d'entre outras, das seguintes: *adj.* (adjectivo); *adv.* (adverbio); *conj.* (conjuncção); *f.* (feminino); *m.* (masculino); *p. p.* (participio passivo); *plur.* (plural); *sing.* (singular); *sub.* (substantivo), etc.

Devem porém evitar-se as abreviaturas no estylo epistolar onde o prohibe o respeito devido ás pessoas a quem se escreve, ou um sentimento profundo de delicadeza. São apenas admissiveis nos tratamentos, como: V.^{a} S.^{a}, V.^{a} Ex.^{a}, Ill.^{mo} Snr., Ex.^{mo} Snr., etc.

Abs.—Veja *Prefixos*.

---

1 Sendo nome de santo e começando por vogal, diz-se *santo*; v. g.: *Santo Antonio*, *Santo Ignacio*, etc.; começando por invogal, diz-se *São*; v. g.: *São José*, *São Pedro*, etc.

oluto, a. — Diz-se, em opposição a *relativo*, o super-
ue, exprimindo o maior ou menor grau d'intensidade na
ıção das qualidades de um individuo qualificado pelo
, não considera essas qualidades em relação com os de
ıdividuo, mas sem dependencia de comparação; exem-
Deus é grande, Eminentissimo e Reverendissimo *Se-*
Tenho dado fim ao meu discurso largo para o tempo,
uito breve *e* diminuto *para o merecimento da causa. Os*
...tos excessivos são muito importunos.
Superlativo.

soluto o verbo substantivo *ser*, quando affirma sómente
encia do sujeito, como n'esta phrase: *Deus é*, a qual
le a — *Deus é um ser*, ou *um ente que realmente existe.*
bem chamam alguns grammaticos *absoluto* o verbo que
er empregado sem complemento, como n'esta phrase: *a*
... embrutece (intransitivamente).
luto se diz: o *modo* que exprime um facto sem condição,
pendencia; o *tempo*, que exprime a época do facto, sem
com um acontecimento anterior ou posterior, como o
to perfeito do indicativo — *cheguei, vi, venci;* e o partici-
feito — *está tudo* acabado.

se *absoluto* o sentido independente que designam as ora-
rincipaes, e não só o sentido, mas as mesmas orações se
absolutas: como: *o nascimento em todos é egual, as obras*
os homens differentes.

ıbem se dizem *absolutas* as palavras, quando não vêem
anhadas de outras que lhes determinem o sentido; n'este
stão: as epigraphes ou titulos das partes em que uma
dividida, como se lê nas selectas; v. g.: *Dialogos,*
los, Parabolas, Gnomas, Apophthemas, Cartas, Reflexões,
ıções, etc.
mesmo caso estão os adjectivos positivos que simples-
significam as qualidades ou propriedades de um indivi-
rescindindo do augmento ou diminuição de que as mesmas
ısceptiveis, como se vê no seguinte exemplo: — *não ha*
fraco *onde o coração é* forte.

stracção. — É em geral a operação pela qual o espi-
ınsidera isoladamente cousas intimamente unidas; resul-
esta operação.
ı por objecto a abstracção isolar pelo pensamento o que
se confunde na materia; separar as qualidades, as rela-
ıs idéas elementares da substancia, dos termos, ou do
ue as contém; e, separando-as assim de tudo o que se

lhes relaciona, presta-lhes uma existencia ideal que realmente não têem, mas que permitte á intelligencia prendel-as, e fazer d'ellas o objecto de suas operações ulteriores.

Assim a *côr*, a *figura*, a *extensão*, não têem existencia propria e independente dos corpos que ellas modificam; mas, por meio da abstracção; individualisam-se de certo modo, isolam-se umas das outras, desprendem-se do corpo que as reune, tornam-se emfim idéas perfeitamente distinctas e que se prestam por si mesmas a todos os actos da reflexão e do raciocinio.

O primeiro acto da abstracção pertence á attenção, a reflexão produz os que lhe succedem.

A abstracção é o principio da analyse e conseguintemente da marcha da intelligencia, pois que o espirito só prosegue decompondo as noções primitivas, que a synthese recompõe mais tarde; ella é tambem o principio das ideias e das palavras que são o producto ulterior d'esta analyse.

A abstracção é que tornou necessario o emprego dos signaes para se fixarem as ideias e as generalisações. Assim se formam estas differentes classes d'ideias que, permittindo ao espirito elevar-se do particular ao geral por meio da inducção, e descer do geral ao particular por via do raciocinio, representam os graus da escala intellectual.

As sciencias chamadas especialmente abstractas ou de raciocinio, como as mathematicas, são aquellas cujo objecto, tendo passado pela abstracção no dominio do espirito, nada retêem do que pertence ao dominio da natureza.

Não ha sciencia em que se não concebam abstracções, e de que muitas vezes se abusa tomando os seres de razão, v. g: — o pensamento, os generos, as especies, etc., como se elles fossem seres reaes.

O homem é naturalmente propenso a realisar as abstracções. Foi assim que os pagãos personificaram e divinisaram a *Belleza*, o *Amor*, a *Sabedoria*, a *Justiça*, etc. Platão e seus discipulos realisaram sob o nome de *archetypos*, de *idéas*, as essencias de cada genero, de cada especie. Os philosophos modernos realisaram as ideias de *substancia*, de *tempo*, de *espaço*, de *infinito*, etc.

O plural, *abstracções*, emprega-se para exprimir as concepções de um espirito que, sem se apoiar na observação, só trabalha sobre as ideias. Diz-se tambem de ideias sem realidade, sem applicação possivel. *É um espirito chimerico que se perde nas abstracções.*

Tambem significa preoccupação, scismar persistente, resultado de um caracter particular; e assim dizemos : *este homem está sempre abstracto em seus estudos ou meditações. Vive em continuas abstracções.*

É pois a *abstracção*, n'este sentido, uma como alheação do

bem concentrado n'aquelle objecto interior que o tira de si mesmo.

Abstracto. — Dá-se este nome ao verbo substantivo *ser* por estar separado do attributo.

Abstractos. — Dizem-se os substantivos que significam propriedades ou qualidades, separadas do sujeito que as possue[1] e do qual se prescinde, como: — *alegria, valor, engano;* que não subsistem por si, mas consideram-se como realmente existentes pela ideia que d'elles formamos.

Pertencem a esta classe de substantivos os adjectivos substantivados, quando significam qualidades ou propriedades de indeterminado individuo e sem que se lhe associe ideia alguma de relação, como: — o *bello*, o *util*, o *rico*, equivalendo a — *belleza, utilidade, riqueza,* sem existencia propria, apenas individualisados.

A mesma classe pertence o infinito impessoal dos verbos tomados n'uma significação indeterminada e sómente empregados como signaes que permittem fixar ideias generalisadas; v. g.: *não havia comer que o fartasse. Morrer é a unica boa acção do avarento.*

O substantivo abstracto tem tambem o nome de *modal* ou *parcial*, por significar uma qualidade ideal, commum a muitos individuos.

Absurdo. — Proposição contraria ás leis logicas do entendimento. Tudo que repugna ao espirito, por ser contrario á razão, ao bom senso, ao senso commum.

Quando se suppõe uma cousa absurda, tiram-se d'ella mil consequencias ainda mais absurdas.

A ideia de um *circulo bicudo* é um absurdo que a nossa intelligencia não póde admittir.

Academia. — Nome dado a uma reunião em sociedade, em corpo, de um certo numero de pessoas votadas a trabalhos theoricos e praticos, com o fim de esclarecerem, fazerem conhecer, utilisarem os resultados de seus trabalhos, e darem uma certa auctoridade ás suas opiniões pela solidariedade, mais ou menos positiva, que entre ellas mesmas se impõem.

A maior parte das academias, fundadas com o louvavel fim

---

[1] E n'isto differem dos adjectivos que significam propriedades ou qualidades, existentes n'uma dada pessoa ou n'uma dada coisa: assim, por exemplo, quando dizemos: — *branco, candido* — a qualidade que indicamos de *brancura* ou de *candidez*, consideramol-a, não abstractamente, mas referida ao determinado *ser* que por algum substantivo annexo exprimimos.

e com a intenção sincera, da parte dos fundadores, de se tornarem uteis á humanidade em geral, e em particular á communidade que as viu nascer, têem tido como resultado observações e descobertas preciosas para as sciencias e para as artes, mas tambem se tem visto nascer em seu seio o espirito de seita, de corrilho servil, ou antes essas paixões pequenas, essas guerras de orgulho e de vaidade que dividem os academicos, e tiram aos trabalhos da instituição o poder que ella tinha da sua propria unidade e da solidariedade de seus membros.

Entre nós têem-se tornado mais distinctas por seus trabalhos litterarios — a *Academia Real da Historia Portugueza*, a *Arcadia Ulyssiponense*, a *Academia Real das Sciencias* e a *Nova Arcadia* ou *Academia de Bellas Lettras*.

Antes d'estas houve muitas outras *academias* — a dos *Generosos*, fundada no reinado de D. João IV; contava em 1661 40 membros. Esta academia teve por seu fundador D. Antonio Alvares da Cunha. *Academia dos Singulares*, contava 27 socios em 1663; parece fôra seu fundador Pedro Duarte Ferrão; terminou em 1665. *Academia das Conferencias Discretas* e *Eruditas*, que vinha a ser a dos *Generosos* renovada; a *Instantanea*, a dos *Solitarios*, a dos *Occultos*, a dos *Anonymos*, a dos *Applicados*, uma alluvião em summa de frivolas academias que inundava o paiz, resultado da educação pedante e do estado de atrazo em que estavam as sciencias na Peninsula, até á fundação da *Academia Real da Historia Portugueza*, fundada pelo conde da Ericeira e declarada *official* em 1720.

A *Arcadia Ulyssiponense* foi inaugurada em 1756 e findou em 1776 pela dispersão de muitos dos seus socios. Cada um d'elles adoptára um nome de pastor; assim: Antonio Diniz da Cruz e Silva foi *Elpino Nonacriense;* Pedro Antonio Correia Garção, *Corydon Erimantheo;* Francisco José Freire, *Candido Lusitano;* Domingos dos Reis Quita, *Alcino Micenio*, etc.

A *Academia Real das Sciencias*, fundada em 1780 pelo Conde de Lafões, e a que pertenceram muitas notabilidades litterarias e scientificas.

A *Nova Arcadia*, a mesma *Arcadia Ulyssiponense* procurando renascer em 1790, celebrou as suas sessões com o titulo de *Academia de Bellas Lettras*, mas pouco viveu; extinguiu-se diante das aggressões de Bocage.

Aça. — Veja *Desinencias.*

Acção. — No sentido restricto em que tomamos aqui esta palavra, quer dizer tudo que respeita á continencia, aos movimentos do corpo; aos gestos do orador ou do actor; á vehemencia, ao calor, á actividade e promptidão com que se exprime.

É o discurso do corpo pelo qual se vai mais direito ao espirito por suas relações intimas com o discurso fallado: é a acção com que a sua reproducção animada; é a eloquencia exterior.

Em litteratura, e principalmente na arte dramatica, é o desenvolvimento, a applicação pratica dos meios que devem conduzir a bom fim um drama, uma epopeia, um romance, toda a obra litteraria emfim que conta, canta ou representa um acontecimento verdadeiro ou falso, sabido ou inventado, no seu conjuncto e nas suas particularidades, com suas causas, seus effeitos, etc.

Accento, os. — É o tom de voz, com que se lêem as vogaes, mais ou menos fortemente.

Além do *til* (~), indicio de nasalidade, ha tres signaes orthographicos, indicativos do maior ou menor grau de intensidade com que se devem proferir as syllabas de uma palavra. Estes signaes são os tres accentos prosodicos: (´) *agudo*, (`) *grave*, (^) *circumflexo*; que podem ser empregados pela mesma ordem nas tres palavras — *louvámos*, *louvèmos*, *louvâmos*: não está porém já em uso o accento *grave* na lingua portugueza.

Os accentos dividem-se em *vogaes* e *prosodicos*.

Os accentos vogaes influem na qualidade e natureza da leitura das vogaes: não se faz porem rigoroso caso d'estes accentos, esperando-se que, pela pratica ou pelo sentido oracional, se saiba distinguir na leitura o differente valor das vogaes: d'esta omissão derivam os disparates que a ignorancia articula, alterando a natureza e a significação das palavras, lendo por exemplo: — *pára* em vez de *pára* e vice-versa, *gôsto* por *gósto*, *côrte* por *córte*, etc.

Os accentos prosodicos sómente influem no grau de intensidade com que devem proferir-se os elementos phonicos representados pelas vogaes puras ou modificadas pelas differentes articulações.

Veja *Predominante*.

Accento tonico ou predominante. — Veja *Predominante*.

Accentuação. — É a parte da prosodia que trata dos accentos, ou o conjuncto das regras que ensinam a sua conveniente collocação nas palavras escriptas.

Tomada como parte da recitação, é uma das condições necessarias a quem queira fallar bem, e que muito concorre para a harmonia inseparavel da palavra; denota muitas vezes a actividade do nosso espirito e até a paixão que o domina.

A accentuação de um povo differe quasi sempre da de um outro, por causas ligadas ao caracter, ao clima, etc.

Accepção. — É o differente sentido em que uma palavra é empregada.

Diz-se — *o calor do fogo* —, na accepção *natural*; — *o calor do discurso* —, na accepção *figurada*.

Da differente accepção de qualquer termo resultam pois as variantes do significado, muitas vezes differente da noção para que a palavra foi inventada ou entrou no uso da lingua. Deriva d'aqui a sua divisão em *natural* ou *propria* e *figurada*.

No seguinte periodo: — *poz Deus no paraizo a Adão, e deu-lhe para seu regalo o fructo de quantas arvores tinha aquelle* mar *de plantas, aquelle* ceo *de flores,* bosque *de suavidades e* côrte *das frescuras* — vê-se que, á excepção das primeiras palavras, as mais constituem linguagem figurada; os termos não estão empregados na sua accepção natural, mas no sentido figurado e correspondem ao natural das seguintes ou de outras equivalentes: — *poz Deus no paraizo a Adão e deu-lhe para seu regalo o fructo de quantas arvores tinha aquella planicie ou floresta de plantas, aquelle deleitoso jardim de flores, conjuncto de deliciosos prazeres ou aggregado de felicidades e mansão dos jubilos,* ou *habitação da graça, da paz,* etc.

A significação de muitas palavras é ou não transitiva, segundo a differente accepção em que ellas se tomam. A mesma causa se ha de attribuir a variabilidade dos seus complementos. Vê-se pois quanto importa estudar attentamente a accepção em que as palavras se empregam. Observemos o verbo *aproveitar:*

— (ser util) requer complemento terminativo; v. g.: *aproveitou*-lhe *a lição*.

— (converter em utilidade), complemento objectivo: v. g.: *aproveitarei* o seu prestimo.

— (fazer progressos), intransitivo; v. g.: *temos aproveitado*.

— *se* (reflexo), complemento circumstancial; v. g.: *aproveitou-se* dos bons exemplos, etc.

As differentes accepções de uma palavra vêem marcadas nos diccionarios com signaes graphicos da escolha dos lexicographos; uns empregam o ponto e virgula (;), outros dois pontos (:), outros um pequeno traço horisontal (—), outros o mesmo traço em sentido vertical (|), outros o signal §, etc.

Veja *Metaphora*.

Accessorio. — É toda a palavra ou oração que se junta em seguida a qualquer dos termos da oração ou a ambos para os explicar, restringir ou ampliar.

As palavras que servem de accessorios facilmente se resolvem em orações incidentes. Nos exemplos seguintes se verifica esta regra: *Lisboa, cidade de marmore e de granito, rainha do Tejo, é a mais formosa entre as cidades do mundo. A brisa, que corre [illegible] outeiros, é pura como o céo azul, que se espelha no [illegible] porto, similhante a um grande mar... A nação, esmagada pela [illegible], tinha muito tempo gemido debaixo da sua miseria.*

Nestes exemplos se observa: 1.º que os accessorios vêem ordinariamente separados por virgula; 2.º que se collocam de modo que facilmente se percebe a que palavra se appõem e por que relação; 3.º que podem servir de accessorios: — substantivos continuados; orações incidentes, explicativas ou restrictivas; adjectivos qualificativos; e participios que não constituam alguma circumstancia oracional; 4.º que os accessorios podem ter complementos e estes ainda outros complementos; 5.º finalmente que os accessorios do pronome *tu* se chamam — *vocativos* — e são antecedidos da interjeição *ó*, clara ou occulta.

Quando o pronome está occulto, serve a interjeição de dar a qualquer nome a determinação de 2.ª pessoa, e por isso taes accessorios sempre vêem unidos ao verbo na 2.ª pessoa, como neste exemplo: — *Ceos, ouvi nossos rogos* —; vale o mesmo que dizer: — *vós, ó ceos, ouvi nossos rogos.*

Quando os accessorios não vêem expressos por orações incidentes, podem ser considerados como *incidentes implicitas*, por isso que se podem resolver em orações do relativo *que*: exemplo: *as ultimas lagrimas do orvalho*, perolas congeladas (incidente implicita) ou — *que são perolas congeladas* (incidente explicita), *tremiam scintillando nas pontinhas das flores.*

Veja — *Appostos.*

Acha, acho. — Veja *Desinencias.*

Accidentaes. — Dizem-se as qualidades expressas pelos adjectivos qualificativos e susceptiveis de existirem ou não no objecto designado.

Quando o qualificativo é accidental, toma um sentido geral ou particular, conforme estiver collocado antes ou depois do substantivo: assim — *o homem rico* — quer dizer *todo o homem que é rico*; — *o rico homem* — significa *o homem rico* sobre que versa a questão.

O pobre homem e *o homem pobre* apresentam a mesma differença, mas ha casos em que *pobre*, collocado antes do substantivo, toma uma outra significação, porque ha adjectivos que mudam de significação, conforme o logar que occupam na phrase ou no discurso; por exemplo:

Homem grande; i. é — corpolento, alto.
Grande homem; » — pelo caracter, pelo genio, pelas acções.
Mulher pobre; » — que não é rica.
Pobre mulher; » — infeliz, digna de lastima.
Negocios certos; » — seguros, lucrativos.
Certos negocios; » — alguns, uns tantos.

Outros, sem mudar de accepção, têem uma significação mais extensa ou mais restricta, conforme procedem ou seguem o substantivo; assim — *os desgraçados habitantes d'aquella cidade* — quer dizer que os taes habitantes são todos desgraçados, ou ao menos que os consideram a todos como taes, em quanto que — *os habitantes desgraçados* — só faz allusão áquelles que o são, sem dar a entender que o sejam todos.

Emfim ha adjectivos cuja collocação antes ou depois do substantivo, é uma pura questão de gosto e de euphonia, porque a significação do substantivo não fica por isso diversamente modificada.

Não devemos esquecer que em poesia são admittidas inversões que a prosa não pode tolerar.

Accidentes. — São as differentes modificações de que são susceptiveis principalmente as palavras variaveis.

Os accidentes dos substantivos são — a *accepção*, a *especie*, a *figura*, o *genero*, o *numero*, a *relação*, a *significação*.

Os dos adjectivos, — a *accepção*, a *classe*, a *especie*, a *figura*, o *genero* ou *forma*, o *numero*, a *significação*, o *grau de significação*, a *relação*, a *concordancia*.

Os dos pronomes pessoaes, — o *numero*, a *variação*, a *relação*, a *referencia*, a *especie*.

Os dos artigos, — o *numero*, a *forma*, a *especie*, a *concordancia*.

Os dos verbos, — a *accepção*, a *especie*, a *figura*, a *voz*, o *modo*, o *tempo*, o *numero*, a *pessoa*, a *conjugação*, a *significação*, a *concordancia*.

Os participios tomam em grande parte os accidentes dos adjectivos e os dos verbos.

As particulas ou palavras invariaveis tambem são susceptiveis de accidentes: o adverbio — na *especie*, na *modificação*, no *grau de significação*; a preposição — na *relação*, no *complemento*; a conjuncção — na *especie*, no *effeito*; a interjeição — no *significado*, etc.

Aço. — Veja *Desinencias*.

Acro. — Veja *Prefixos.*

Acrostico. — Pequena composição poetica cujos versos começam pelas iniciaes de um nome seguidamente, ou têem essas iniciaes no começo do 2.º hemistichio ou no fim. Eis-aqui um exemplo dos da primeira classe:

« Patria minha, se hoje em dia
« O teu nome desconhecem,
« Ricas paginas da historia
« Te recordam, te engrandecem.
« Ufana podes mostral-as,
« Galharda nação guerreira,
« Ainda que pobre em numero,
« Levaste a palma á primeira. [1]

Activa. — Diz-se a voz do verbo ou variação verbal que se emprega, quando o sujeito pratica a acção que esse verbo exprime: nas seguintes orações está o verbo empregado na voz activa: — *a ingratidão perverte o juizo, perturba a razão, cega o entendimento e corrompe a vontade.*

Tambem se diz *activa* a oração cujo verbo está na voz activa; v. g.: *José ama a virtude.*

Na oração activa o sujeito pratica a acção, fazendo-a recair n'elle ou n'outro paciente, e servindo qualquer dos dois de complemento objectivo ou directo, v. g.: *Pedro feriu-se* ou *feriu os inimigos.*

Muda-se a oração *activa* para *passiva* — collocando como sujeito o complemento objectivo da activa, e o sujeito d'esta como complemento de causa efficiente da passiva; o verbo passa ao participio perfeito e servirá de attributo, ligado pelo verbo substantivo *ser,* posto no mesmo tempo e modo em que estava na activa, mas devendo satisfazer as regras da concordancia do sujeito com o verbo, i. é, em numero e pessoa com o novo sujeito; exemplo: *os inimigos foram feridos por Pedro.* (Compare-se com a construcção que tem este mesmo exemplo no periodo anterior).

Quando o complemento objectivo fôr na activa o mesmo su-

---

[1] Não pensavamos que ao colligir, de ha annos, estes apontamentos para nosso uso particular, teriamos de offerecel-os ao publico, aliás teriamos logo desde então em cada exemplo o nome de seu auctor. Sendo pois difficillimo este trabalho hoje, deixamos consignado que as virgulas dobradas, ou o typo italico, advertem que os exemplos assim transcriptos não são de nossa lavra.

jeito, será, como naturalmente se deprehende, o mesmo complemento de causa efficiente na passiva; v. g.: *Pedro feriu-se, ou foi ferido por si mesmo.*

Se o verbo na activa tiver dois complementos — *objectivo* e *terminativo* — mudaremos o objectivo sómente; v. g.: *Antonio emprestou um livro ao visinho;* mudando para a passiva, fica: — *um livro foi emprestado por Antonio ao visinho.*

Activo. — Diz-se o verbo transitivo cujo sujeito pratíca a acção, recaindo esta immediatamente sobre uma palavra, ou oração integrante, que nomeamos complemento objectivo ou directo. Exemplos: *a guerra afflige as nações. Deus quer que os homens se amem.*

Quando a acção recai sobre o mesmo sujeito que a pratíca, o verbo pode ser *reflexo, pronominal,* ou *reciproco.* Exemplos: *Pedro feriu-se. Veste-te em guerra e arma-te em paz. Paulo e João desaviram-se.*

Estes verbos são os mesmos na figura e no sentido, que quando têem sujeitos e complementos diversos.

Se a acção do verbo activo recai sobre nome de pessoa ou cousa personificada, succede vir esse nome, algumas vezes, regido da preposição *a.* Exemplos: *amemos* a *Deus sobre todas as cousas,* e *ao proximo como a nós mesmos.*

O participio do presente ou imperfeito tambem é conhecido por participio *activo.*

Veja *Imperfeito.*

Activo-relativo. — Diz-se o verbo transitivo que pede dois complementos — *objectivo* ou *directo,* e *terminativo* ou *indirecto;* v. g.: *a desgraça augmenta* o brilho á virtude *dos bons. É necessario dar* credito a tudo *aquillo que dicta a dor.*

Quando as vozes encliticas servem de complemento terminativo, vão juntas ao verbo; ou depois d'elle, separadas pela risca d'união, ou antes, sem a risca; mas se o dito complemento vier expresso por outra palavra, é indifferente collocal-o antes ou depois do complemento objectivo, com tanto que se respeite a harmonia da phrase. Exemplos: *o Creador deu ao homem a liberdade para* lhe *deixar o merecimento da virtude. Quem dá ouvidos a quem quer comprar a justiça, está muito proximo a vender*-lh'a.

Acyrologia. — Toma este nome a impropriedade com que uma palavra ou phrase é empregada; a locução alheia do sentido; a impropriedade das expressões e do estylo; v. g.:

estranho muito que se diga tal: em vez de *estranho* ou *sinto muito que se diga tal*.

Ad. — Veja *Prefixos*.

Ada. — Veja *Desinencias*.

Adagio. — É uma sentença breve, geralmente recebida e de ordinario moral, ás vezes picante.

O adagio confunde-se com o *Proverbio*, o *Rifão* ou o *Anexim*. É sómente mais vulgar, singelo e claro, e de moral menos austera que o Proverbio.

Entre muitos, que estão consagrados por longo uso, damos os seguintes para exemplos:

Quem muito dorme, pouco aprende.
Ande eu quente, ria-se a gente.
Azeite, vinho e amigo, o mais antigo.
Casa onde não ha pão, todos pelejam, nenhum tem razão.
A mulher e o vidro sempre estão em perigo.
Não ha bonita sem senão.
De vagar se vai ao longe.
Melhor é tarde que nunca.
Quem cala, consente, etc.

Ha quem diga: — os adagios são a sabedoria das nações.

A maior parte porem, verdadeiros em theoria, estão sujeitos a numerosas excepções na pratica: por isso nos não devemos servir d'elles, senão com muita sobriedade e discernimento.

Um adagio empregado a proposito terá sem duvida o seu merecimento: mas é raro que corte uma questão difficil, ou termine uma controversia.

Ade. — Veja *Desinencias*.

Ad hominem. — Veja *Argumento pessoal*.

Adjectivar. — É tomar o substantivo como a expressão de uma qualidade ou propriedade attributiva, i. é, particular a um ser: v. g.: *tornou-se espadachim*: como se disseramos — *brigoso*: e no sentido figurado, — *provocador*.

Nem todos os substantivos porem são susceptiveis de se adjectivar.

Adjectivo. — É uma parte variavel da oração que se ajunta ao substantivo e cujo significado modifica, ou determinando-lhe a extensão, ou qualificando-lhe a comprehensão, já ampliando-a, já restringindo-a.

No 1.º caso determina as differentes circumstancias em que

podemos considerar os seres, os objectos ou as cousas sentadas pelo substantivo; no 2.º, significa as propriedaas qualidades d'esses seres, objectos, individuos, etc.

É por tanto necessaria a reunião do substantivo e do ctivo (ou do adjectivo e do substantivo), para que re: ideia de um ser indicado por sua natureza, e considerad possuindo uma certa propriedade ou qualidade.

> [1] *As filhas do Mondego a morte escura*
> *Longo tempo* chorando memoraram,
> E por *memoria eterna* em *fonte puro*
> *As lagrimas choradas* transformaram.

Quando o adjectivo forma o attributo de uma oraçã re-se ao nome (ou substantivo) que serve de sujeito a es ção, e não deve ajuntar-se a um outro nome, pois qu mesmo sujeito que se affirma a qualidade expressa p adjectivo.

Fora d'este caso, se algumas vezes se supprime o su tivo, é porque facilmente se percebe que nome é qual pelo adjectivo.

N'estas proposições:— *Os justos serão eternamente fe os impios eternamente desgraçados* — ha quatro adjectiv nenhum nome; estes adjectivos são: *justos, impios, feliz graçados.* Como os dois ultimos servem de attributos n cisam de estar unidos a substantivos. Os dois outros, que não podem indicar seres determinados, senão pel com um substantivo; mas, se esse substantivo não v presso, é porque é facil subintendel-o, visto que tod põem aquella phrase equivalente a est'outra: *os homen serão eternamente felizes, e os homens injustos* (serão) *mente desgraçados.*

Os adjectivos são mais ordinariamente empregados nomes communs ou abstractos, que com os nomes pr quando estes são communs a muitos individuos, ajunta adjectivo que os distinga, e então este adjectivo faz de sorte parte do nome proprio; assim diz-se: — *Pedro fico. João o clemente, Affonso o africano,* para distingu monarchas dos outros que igualmente se chamaram *João, Affonso.*

Ajunta-se ainda um adjectivo a um nome proprio pa car uma certa qualidade do individuo designado por ess

---

[1] O artigo é tambem um adjectivo determinativo, que muitos adjectivo articular, determinativo articular, etc., designações que acceitaveis.

qualidade á qual só n'esse momento se presta attenção. Dizendo, por exemplo — *o modesto* Fenelon, indico não considerar *Fenelon* n'este momento, nem como um homem sabio, nem como um homem eloquente, piedoso, bemfazejo, respeitavel, etc., mas somente como um *homem modesto.*

As differentes maneiras de ser dos objectos, suas modificações accidentaes, effeitos d'acção, relações que o espirito pode considerar nos individuos, suas propriedades e qualidades, inherentes, attribuidas ou accessorias, todas estas considerações em summa, aconselharam a divisão dos adjectivos em duas grandes classes : — *determinativos* e *qualificativos.*

Uns e outros com suas subdivisões aqui os damos na seguinte

CLASSIFICAÇÃO DOS ADJECTIVOS

- Determinativos ou Extensivos
  - demonstractivos
  - relativos-conjunctivos
  - interrogativos
  - quantitativos
    - universaes
      - collectivos
      - distributivos
    - partitivos
      - definitos ou numeraes
        - cardinaes
        - ordinaes
      - indefinitos
  - possessivos
  - pronominaes ou simplesmente pronomes
  - articulares ou ostensivos............
    - definitos
    - indefinitos

- Qualificativos ou Attributivos
  - explicativos ou essenciaes.......... [1]
  - restrictivos
    - accidentaes [1]
    - patrios, gentilicos, verbaes — derivados

No exame dos seus accidentes vemos que a ACCEPÇÃO dos adjectivos pode ser : — *natural ou figurada.*

A CLASSE diz, se é *determinativo* ou *qualificativo.*

A ESPECIE diz, se é *demonstractivo, relativo, quantitativo-numeral,* etc., ou se *explicativo, restrictivo-patrio,* etc.

Quanto á FIGURA, pode ser : *primitivo* ou *derivado, simples* ou *composto, augmentativo* ou *diminutivo.*

---

[1] A dupla designação dos adjectivos *explicativos* em *essenciaes*, e a dos *restrictivos* em *accidentaes*, deve entender-se relativa, porque as propriedades essenciaes n'um individuo tornam-se qualidades accidentaes n'outro ; v. g. : *marmore duro, queijo duro, calma ardente, sede ardente ;* mas *duro* todo o marmore o é de sua natureza, bem como *ardente* toda a calma.

Na FORMA ou GENERO, pode ser: *uniforme, biforme* e *triforme*[1].
Pode estar no NUMERO *singular* ou *plural*.
Quanto á SIGNIFICAÇÃO, pode ser *abstracto* ou *concreto*.
Pelo GRAU DE SIGNIFICAÇÃO, pode ser: *positivo, comparativo* e *superlativo*[2], e tambem *augmentativo* e *diminutivo*.
A RELAÇÃO pode ser *subjectiva, vocativa, restrictiva, terminativa, objectiva* e *circumstancial*.

Os adjectivos muitas vezes são substituidos por appellativos regidos da preposição *de* ou sem ella, e assim dizemos: *pessoa de distincção, homem de probidade;* em vez de — *pessoa distincta, homem probo; rei philosopho, povo rei, terra virgem,* etc.

D'esta regra se poderia concluir que os adjectivos propriamente ditos, i. é, os qualificativos ou attributivos, não são absolutamente necessarios, senão porque do seu emprego resulta um modo de exprimir menos longo e monotono; assim poderiamos dizer — *um homem que tem prudencia*, em vez de *um homem prudente*—, se não reconheceramos grande vantagem, para a rapidez e para a energia da phrase, exprimir por uma só palavra a qualidade que se considera no individuo de que fallamos.

Os adjectivos concordam em genero e numero com os substantivos, cuja significação modificam; exemplo: *um beneficio recebido é a mais sagrada* (divida) *de todas as dividas*.
Veja *Concordancia*.

Quando dois ou mais adjectivos concorrem juntos, como que representando uma só palavra, o ultimo é que concorda com o substantivo, ficando os demais invariaveis na terminação masculina; v. g.: *eschola medico-cirurgica; forças luso-britanicas; exercito anglo-luso*, etc.

Construem-se com preposição, entre outros, os seguintes adjectivos: *attento, indifferente, docil, indocil, sensivel, insensivel; rebelde, surdo, inexoravel, favoravel, hostil, agradavel, desagradavel, caro, conforme, contrario, similhante, egual, equivalente, identico, parallelo, anterior, posterior, superior, interior, offendido, entendido, versado, habil, apto, prompto, assiduo,* etc.; v. g.: *versado nas linguas; apto para a guerra; contente com* ou *da sua sorte; reconhecido aos beneficios,* etc.

---

1 Ás terceiras formas dos determinativos — *este, esse, aquelle, todo, algum, nenhum,* costumam alguns grammaticos chamar adjectivos pronominaes; os respectivos são: — *isto, isso, aquillo, tudo, algo, nada*. Tambem se podem dizer triformes os adjectivos que na forma feminina têem duas.

2 Sendo *determinativos* é raro que tenham grau de significação. Veja *Superlativo*.

Ha porém muitos adjectivos que têem outra construcção, particularmente os que exprimem sentimentos benevolos ou hostis: v. g.: *indulgente para com os subordinados.*

Alguns adjectivos podem ser empregados no masculino singular como preposições, e n'este uso são invariaveis; v. g.: *conforme, excepto, junto, mediante, salvo, supposto, segundo* [1], etc.

Outros empregam-se frequentes vezes adverbialmente no singular. Esta forma dá muita graça e energia á phrase; v. g.: *certo* por *certamente; forte* por *fortemente; primeiro* por *primeiramente; subito* por *subitamente*, etc., exemplo: *diga-me primeiro se um rico sem caridade não é uma arvore infructifera? Subito lhe desappareceu a alegria do rosto. É gente que gasta largo*; i. é — *largamente* ou *á larga.*

Muitos adverbios de modo e de qualidade são formados da forma feminina dos adjectivos qualificativos, á qual se ajunta a terminação adverbial — *mente;* v. g.: *promptamente, ricamente, brevemente, felizmente,* etc.

Se muitos adverbios, assim formados, concorrerem seguidamente na mesma phrase, bastará que o ultimo leve a terminação caracteristica; exemplo: *ficou hospedado commoda* e *rasoavelmente.*

Veja *Adverbio.*

Encontram-se tambem muitas locuções formadas de adjectivos, como: *á uma,* por *unanimemente; manso* e *manso,* por *socegadamente,* etc.

Tambem se diz *adjectivo* o verbo *ser* quando vem combinado com o *attributo,* formando ambos uma só palavra, como: *amar, viver;* equivalentes a — *ser amante; ser vivente* ou *vivo.* Assim: — *eu amo, tu amas; elle vive, nós vivemos,* etc., equivalem a — *eu sou amante, tu és amante; elle é vivente, nós somos vivos* ou *viventes,* etc.

Se separarmos a significação de *qualidade* ou *attributo* — representado no radical — da significação de *ser* ou *existencia* — representada na terminação, — teremos as duas palavras que se fundiram n'uma só — *ser amante, ser vivente.*

Ha por tanto incluidas no verbo adjectivo duas significações: — a de *ser* ou *existencia* —, propria do verbo substantivo (ser), representada na terminação, com as modificações de modos.

---

[1] Quando *segundo* se possa facilmente substituir por *conforme,* nunca se confunda com o adjectivo numeral ordinal *segundo* (2.º), v. g.: *segundo* a tua opinião, i. é — *conforme* a tua opinião.

tempos, numeros e pessoas, e — a de *qualidade* ou *attributo*, representada no radical.

O verbo adjectivo, considerado quanto á significação do a tributo implicito, pode ser *transitivo* ou *intransitivo*.

Vejam-se estes vocabulos.

Adjectivos adverbiados. — São os que se empr gam servindo de adverbios. Taes são os das seguintes phras

fallar claro,	por	— claramente.
» *primeiro,*	»	— primeiramente ou em primeiro logar.
» *alto,*	»	— altamente ou em voz alta.
» *baixo,*	»	— baixamente ou em voz baixa.
» *acertado,*	»	— acertadamente ou com acerto

e muitos outros, empregados vulgarmente; v. g.: *comprou ca vende barato; anda apressado; traduz melhor; escreve peior*, e *A reputação é uma joia que, perdida uma vez*, raro *se recupe* i. é: raras vezes ou raramente se recupera.

Diz-se *adverbial* ou *adverbialmente* esta maneira de redu a menor expressão as preposições com os seus complement supprimindo-se aquellas e tomando-se substantivamente os r mes adjectivos.

Adjectivos pronominaes (ou simplesmente pror mes). — Dizem-se as terceiras formas de certos determina vos, empregadas em vez de nome ou phrase, ou, collecti mente, em vez de nomes ou phrases; taes são: ISTO, de — *e esta;* ISSO, de — *esse, essa;* AQUILLO, de — *aquelle, aquella;* TU de — *todo, toda;* ALGO, de — *algum, alguma;* NADA, de — *nenh nenhuma.*

«*Parceis, alfaques, syrtes naufragosas*
«*Tudo* (todas estas cousas ou todos estes perigos) a salvo passou.

Veja *Pronomes.*

Admiração. — Sentença exclamativa terminando p signal orthographico (!), que se chama — ponto de admiraç exemplo: *só Deus é grande!*

Tal é o modo de exprimir o sentimento que affecta a al quando é ferida pelos caracteres do bello, do maravilhoso, sublime; ou a commoção que causa a presença do bello, s na ordem physica, seja na ordem moral. Susceptivel de du ção, gera o sentimento, pois que se não está sob a influen de um effeito instantaneo, involuntario, mas sob a da refle e do raciocinio.

ação affecta sempre a alma de um modo agradavel. nos admirar o que tememos, o que aborrecemos, o uma sensação desagradavel.
da este caracter notavel, e é que sendo, da parte do a testemunha, uma como especie de confissão de le em presença de uma superioridade qualquer, esta nem longe de o humilhar, pelo contrario lhe inspira zendo-o tomar parte na superioridade que soube revem proclamar.

ratívo. — Ponto admirativo ou de admiração é o ographico (!) que se emprega depois de uma expresase admirativa, isto é, depois de uma exclamação.

n se diz admirativo o genero das obras de poesia e ncia que, pela nobreza dos sentimentos e da expresm a nossa admiração.
vel é o que excita admiração, por excellente e opti*rativo*, o que dá indicios de sentença de admiração, acompanhado de admirações (!!!) D'onde se vê que ymas estas palavras, cuja distincção auctorisa a sessagem do insigne Vieira: *estas minhas admirações e haveis de ouvir. Não será o sermão admiravel, mas rativo.*

se *admirativas* as particulas *ah! oh!* etc., emprega exprimir a admiração, a surpreza, o assombro, etc. *terjeição.*

— Veja *Desinencias.*

no. — Assim chamado um dos graus do ornato, que tre e belleza dá ao discurso oratorio; consiste no acdo emprego dos tropos e das figuras da elocução.
no veste os pensamentos de palavras nobres e agraner separadas, quer juntas em phrases.

rbiados. — Veja *Adjectivos adverbiados.*

rbiaes. — Dizem-se *locuções adverbiaes* duas ou avras ou algumas phrases combinadas, exercendo junmcções de um só adverbio. Taes são entre outras forseguintes: *ás direitas, ás escondidas, sobre modo, emrto e a direito, em continente, de improviso, em vão, a ou em despeito de, sem embargo de, ainda que, a pesar te em diante, de quando em quando, de todo em todo,* e nais.

Encontram-se escriptas em uma só palavra certas loc adverbiaes; como: *acaso, apesar, depressa, emcima, adian bremodo, emfim, demais*, etc.

Veja *Locuções*.

Adverbial. — Diz-se o complemento ou regime : sentado por um adverbio ou por uma locução adverbial; *aquelles que escrevem como fallam, ainda que fallem* bem, *vem* mal. *Nada faças* ás escondidas, *persuadido de que* ; *venha a saber* (complementos adverbiaes de modo).

Veja *Adverbiaes*.

Adverbialmente. — Veja *Adjectivos adverbiados*

Adverbio. — É uma parte invariavel da oração que de modificar a significação de um adjectivo, de um ver de um outro adverbio.

O adverbio póde ser considerado como equivalendo : expressão abreviada da preposição com o seu complem assim podemos usar do adverbio — *primeiramente* — em \ — *em 1.º logar; aqui*, por — *n'este logar; rapidamente* e: de — *com rapidez*, etc.

Tomado isoladamente, ou separado de tudo o que pos tecedel-o ou seguil-o, offerece sempre por si mesmo um s completo e só pode substituir-se por muitas outras pal Com effeito, *perfeitamente, vivamente, eloquentemente*, etc., ficam: *de uma maneira perfeita, com vivacidade, com eloqu* etc. É possivel exprimir assim, sem o soccorro dos adv todas as modificações ou todas as ideias que elles represe d'onde devemos concluir que não é rigorosamente indis vel esta especie de palavras, ainda que devamos exc d'esta conclusão a particula negativa — *não* —, que é d necessidade absoluta.

Todavia é preciso reconhecer a vantagem do empreg adverbios, quando ha necessidade de reduzir ou de abrev formulas da manifestação do pensamento. Então cada u adverbios, pode ser considerado como uma expressão ell verdadeiramente preciosa e que seria necessario criar, : existisse.

Da terminação feminina dos adjectivos qualificativos suffixo *mente* se formam os adverbios de *qualidade* e ta muitos dos de *modo*, os quaes, sendo empregados seguidai dispensam o dito suffixo, exceptuando sómente o ultimo; *discorreu alegre, seguida e eloquente*mente. Mas não se diz , *damente, terceiramente*, etc., embora se diga *primeiramen*

Estes adverbios em *mente* são na verdade mui nume mas nem todos os adjectivos servem para os formar. .

[illegible] dizemos *cheiamente* e sim *plenamente*; dizemos *maiormente* ou [illegible] e já não dizemos *menormente*; dizemos *novamente* e não [illegible]. Só o conhecimento pratico da lingua nos pode guiar n'estas anomalias.

De alguns adjectivos terminados em *ez* se formam os adverbios de terminação masculina; v. g.: *portuguezmente*, e não *portuguezamente*.

Muitos adverbios, mas principalmente os de qualidade, podem exprimir-se no grau comparativo ou superlativo, como: [illegible] ou *tão efficazmente* ou *efficacissimamente*, *mais tarde*, [illegible], etc.

Outros ha que são susceptiveis de tomar a forma diminutiva; como: *pertinho*, *juntinho*, *cedinho*, *de vagarinho*, etc.

Alguns adjectivos empregados na terminação masculina podem tomar-se por adverbios, como nas seguintes locuções: [illegible] ou *acertado*; *custa caro*; *vale pouco*; *raro se encontra*; [illegible] *melhor*; *tocaram peior*, etc.

Veja *Locuções adverbiaes*.

Segundo sua significação, e conforme forem as circumstancias que acompanhem a acção, assim os adverbios se poderão grupar em adverbios — de *affirmação*, de *comparação*, de *designação*, de *duvida*, de *exclusão*, de *logar*, de *modo*, de *negação*, de *ordem*, de *qualidade*, de *quantidade* e de *tempo*.

Daremos alguns exemplos em cada grupo:

AFFIRMAÇÃO. — Sim, certamente, effectivamente, evidentemente, realmente, verdadeiramente, affirmativamente.

COMPARAÇÃO — mais, menos, tão, como, melhor, peior.

DESIGNAÇÃO — eis, eis ahi, eis alli, eis aqui.

DUVIDA — acaso, talvez, quiçá (antiq.)

EXCLUSÃO — apenas, mal, sequer, senão, só, somente, unicamente.

LOGAR — aonde, onde [1], aqui, ahi, alli, acolá, acima, abaixo, aquem, alem, cá, dentro, fora, longe, perto junto, diante, antes, detraz, lá, algures, etc.

MODO — assim [2], aliás, como [3], bem, mal [4], melhor, peior.

---

[1] *Onde*, adverbio relativo, refere o logar *em que*; ajuntando-lhe a preposição *a* (*aonde*), muda de significação, quer dizer — o logar *a que* alguma cousa se destina.

[2] O adverbio *assim* entra na composição de muitas locuções de um emprego mui frequente; taes são: *ainda assim*, *assim mesmo*, *assim assim*, *assim pois*, *assim é*, *assim eu podesse!* *assim como assim*, etc.

[3] *Como* e *quando*, adverbios de tempo, empregam-se muitas vezes por conjuncções.

[4] *Mal* emprega-se algumas vezes no sentido de — *apenas*, *logo que*, *assim que*. Exemplos: *mal tinha chegado*, quando... *Mal o viu*. Junto ao participio perfeito de certos verbos significa — *muito*, *gravemente*; v. g.: *mal ferido*.

Negação — jámais, menos, não [1], nunca.

Ordem — antes [2], depois, primeiramente, precedentem segundo, successivamente, finalmente, seguidamente, etc.

Qualidade — prudentemente, sabiamente, e grande nu dos terminados em *mente*.

Quantidade — assaz, mui ou muito, pouco, mais, menos, ou quanto, quasi, só ou somente, e alguns terminados em — sufficientemente, demasiadamente, etc.

Tempo — agora, ainda, ámanhã, antes, cedo, depois, e hoje, hontem, já [3], jamais [4], logo, nunca [4], ora, outr'ora, c do, sempre [5], tarde e alguns terminados em *mente* — ac mente, diariamente, etc.

Certos adverbios correspondem a pronomes, quanto á su gem e significação; v. g.: *aqui* corresponde ao pronome *ahi*, ao pronome *esse; alli*, ao pronome *aquelle*. Por isto c nominam *pronominaes* e os dividem alguns grammatico — demonstractivos, como: — *ahi, aqui, alli, acolá, então*; - lativos, como: — *onde* (i. é: *em que*); — interrogativos, c — *onde? quando?* indefinitos, como: — *alhures*, etc.

Os adverbios relativos, do mesmo modo que os pronom lativos, ligam a oração a que elles pertencem a outra or v. g.: *a paciencia é um firme arnez* onde (i. é — no qual) *ramente se recebem os duros golpes da adversidade.*

Alem dos adverbios relativos outros ha que servem ta de exprimir relações entre orações; taes como: — *conseq mente, logo, portanto*, etc.; têem por isso o valor de con ções.

Alguns adverbios de quantidade podem modificar o su

---

[1] Nas phrases emphaticas emprega-se algumas vezes o adverbio *não* particula affirmativa: v. g.: *não pensara eu que o venceria!* O adverb n'estas phrases, não só tem força affirmativa, mas até augmenta a cação do verbo. Em sentido affirmativo se emprega tambem algumas precedido de *quão* ou *quanto*; v. g.: oh! *quanto não és feliz com o de Deus!*

[2] O adverbio *antes*, significando *mais, depressa, com preferencia*, segundo termo da comparação ligado pelas particulas — *que* ou *do* g.: *antes morte honrosa que vida deshonesta.*

[3] Tambem se emprega, ás vezes, por — *agora*: como n'estas phra *vê que o não engano. Já vejo que não falla ao que promette.*

[4] Ainda que *nunca* e *jamais* de ordinario se empreguem um pelo sua significação não é exactamente a mesma. *Nunca* deve emprega preferencia nas proposições positivas; v. g.: *nunca pude convencel-o; isso me passou pelo sentido. Jamais* é preferivel nas proposições i gativas, ou n'aquellas cujo sentido é duvidoso; v. g.: *que homem de se agastou jamais sem causa? Duvido que tal promessa jamais lise.*

[5] *Sempre* é frequentes vezes empregado com a significação de *em caso*; v. g.: *sempre quero ver o resultado*; e tambem como exp n'uma phrase em que se queira imprimir certa emphase; v. g.: c *jeito sempre é um tratante!... Esta senhora sempre é bem elegant*

tivo quando este ultimo é empregado como adjectivo; v. g.: *vós não sois mais mãe do que eu; era já muito noite.*

O adverbio colloca-se geralmente antes da palavra que modifica, se essa palavra não é um verbo, v. g.: *muito sabio; bastante tarde; mal traduzido.*

Quando o adverbio modifica o verbo deve de ordinario collocar-se depois d'elle; v. g.: *come bem; dorme mal.*

Nos tempos compostos colloca-se depois do participio perfeito, e não entre o auxiliar e o participio. Exemplo: *tenho trabalhado muito. Tinhamos soffrido bastante.*

Mas para dar ao discurso emphase ou energia, pode começar-se a phrase pelo adverbio. Exemplo: *muito mente aquelle sujeito. Bem vejo que se não engana,* ou *não se engana, bem vejo. Muito tem soffrido! bastante lhe aproveitará,* etc.

Nos tempos dos verbos na voz passiva collocam-se geralmente os adverbios de *quantidade* e os de *modo* entre o auxiliar *ser* e o participio; v. g.: *é sempre amado: fomos logo requeridos; serás dignamente recompensado; temos sido muito enganados.*

Os mesmos adverbios, quando modificam o attributo, collocam-se igualmente entre o verbo e o attributo; v. g.: *está muito constipado; sairam d'alli inteiramente desenganados: ficamos de todo illudidos.*

Ha todavia casos em que, para dar mais força á expressão, se pode collocar o adverbio antes do verbo.

Tambem não devemos dizer com o participio do presente ou imperfeito: — *estou muito soffrendo, estava amargamente chorando;* e sim — *estou soffrendo muito; estava chorando amargamente.*

É principalmente nos bons auctores que se deverá observar o uso e a collocação dos adverbios, por que a respeito d'esta parte da oração, como das mais, são elles que, dando-nos as melhores e as mais amplas lições, como mestres da lingua, nos ensinam que sobre o cuidado de todo o escriptor escrupuloso predomine o que devem merecer a clareza e a boa harmonia.

Aes, Aes. — Veja *Desinencias.*

Adversativas. — Dizem-se as particulas ou conjuncções que marcam a opposição entre o que precede e o que segue: taes conjuncções ligam duas orações, das quaes a segunda exprime uma cousa que contraría o sentido da precedente: são as seguintes: — *mas, porem* (pospositiva), *comtudo, senão, todavia:* e as locuções: — *ainda assim, antes que, supposto que, ao contrario, apesar de, de outra sorte, não obstante, sem embargo de, sem que,* e outras equivalentes.

Tambem se dizem *adversativas* as orações que, umas vezes

denotam *contrariedade* ou *opposição;* outras, *restricção, limitação* ou *excepção* ao sentido de outras precedentes. Taes são as que se compõem com alguma das conjuncções ou locuções adversativas. Exemplos: *nem todos os homens podem ser grandes;* mas todos podem ser bons. *A experiencia que se não adquire* senão pelas proprias faltas, *é uma mestra muito dispendiosa. A fama é filha da fortuna;* não é porém menos inconstante e caprichosa.

Affirmativa.— Diz-se a proposição pela qual se sustenta como verdadeira uma cousa de que se não duvida. Negar uma cousa é affirmar que ella não existe; é esta a opinião de muitos.

São expressões affirmativas oppostas ás negativas — *sim, certamente, já se vê, não ha duvida,* etc.

Veja *Negativa.*

Affixos. — Termo generico dado ás lettras ou particulas que se põem no começo, no meio ou no fim das palavras, para lhes determinar ou modificar a significação. Postas no começo, chamam-se *prefixos;* no meio, *infixos;* no fim, *suffixos* ou *desinencias.*

Na palavra — *protectorzinho,* temos o prefixo *pro* (indicando, alem da significação local e temporal que lhe é propria, utilidade e vantagem); o radical *tect* (do supino latino *tectum*[1]; a terminação *or* (designando o agente masculino ou o auctor da acção); o infixo *z* (euphonico); a desinencia *inho* (propria do diminutivo).

Tambem se dizem affixos as desinencias do verbo *ser* que, na conjugação dos verbos adjectivos, se ajuntam aos radicaes dos mesmos e são representativos do attributo n'elles comprehendido; v. g.: *dev-erei;* i. é: *serei devedor.*

Affixos ou *affixas* se dizem tambem as lettras ou signaes interpostos nas palavras cuja pronuncia convem alterar para se evitarem hiatos ou outro defeito; como em — *louvam-no, devem-na, applaudem-nos*[2], *applaudem-nas;* em vez de — *louvam-o, devem-a, applaudem-os, applaudem-as;* similhantemente se nomeiam as particulas encliticas ou variações pronominaes, que se ajuntam aos verbos, e são: *me, te, lhe, lhes, nos, vos,*

---

[1] Do verbo — *tego, is, ere* — cobrir, defender, etc.

[2] Muitos escrevem — *applaudem-n'os;* e n'este caso é preferivel, para destacar o affixo *n* (euphonico) do pronome — *os;* de outra sorte parece a variação pronominal — *nos* — e quereria dizer: — *applaudem-nos,* i. é: *applaudem a nós,* em vez de: *applaudem a elles.*

o, a, os, as; como em — *dize*-me, *conduz*-se, *faze*-lhe, *promettia*-nos, *levou*-as, etc.

Por affixos se hão de ter igualmente as terminações dos augmentativos, dos diminutivos, dos superlativos absolutos, etc.

Importados quasi todos da lingua latina, os affixos ajuntam-se em regra áquellas palavras de que formamos derivados e cuja significação se quer modificada.

Agem. — Veja *Desinencias*.

Agente. — É o sujeito de uma oração cujo verbo se emprega na voz activa; v. g.: a resignação *allivia as desgraças*; a impaciencia e o queixume *irritam-nas*.

Contrapõe-se a *paciente* ou áquelle individuo em que se emprega a acção do *agente*.

Veja *Sujeito*.

Agongorado. — Diz-se o estylo viciado pelo gongorismo, empolado.

Veja *Gongorismo*.

Agonista. — Veja *Desinencias*.

Aguda, as. — Diz-se a rima formada por versos *agudos*, i. e. cujas ultimas palavras são agudas; v. g.:

«A tua bella irmã,
«A rosa da manhã.

«Se d'outra flôr o calix mais libei
«Por esses quantos valles divaguei.

Dizem-se *agudas* as palavras, cujo accento vocal ou cuja syllaba predominante está no fim; taes são: *atroz*, *barão*, *dizer*, *farois*, *mar*, *mostrou*, *teimar*, *valerá*, etc.

Estas palavras communicam o seu nome aos versos que por ellas terminam, e se chamam por isso *versos agudos*; o mesmo succede á rima formada por taes versos.

São *agudas* as syllabas cujas vogaes se lêem com o seu valor nominal, ou pela sua posição, ou pelo accento que desce sobre ellas, como se vê em: *amado*, *amada*; *Panamá*, *dadiva*, *ligado*, *pelle*, *café*, *lima*, *anil*, *dó*, *moda*, *musica*, etc.

Agudo, os. — Diz-se *accento agudo* aquelle traço obliquo, que desce para a esquerda, sobre as vogaes — *á*, *é*, *í*, *ó*, *ú* — *é*,

como se vê, o signal de voz nominal, de voz forte ou syllaba dominante.

Chamam-se *agudos* os versos que têem o ultimo accento predominante na ultima syllaba, e uma syllaba menos que o seu nome designa. Exemplo:

«Vasco da Gama, o forte capitão.»

Verso endecassyllabo, i. é, de 11 syllabas, mas em que somente se contam 10.

«De tamanha precisão»

Redondilha maior ou perfeito, i. é, verso de 8 syllabas, mas em que sómente se contam 7 [1].

Sendo o estylo serio e grave, e a versificação solta, os versos agudos devem ser excluidos, salvo em algum rarissimo caso em que se empreguem intencionalmente para effeito onomatopico.

Na poesia rimada caem perfeitamente, sendo postos com symetria; mormente se com elles se fecham á italiana os dois ramos parallelos de uma estrophe grave. Exemplo:

«Oh que asperrimo dezembro!
«Treme o frio em cada membro,
«Se cogito, se me lembro,
«Do que lá por fora vai!
«Pelos gelos da vidraça
«Olho a rua; ninguem passa,
«Mais que o vento, que esvoaça
«Sobre a neve, e neve cai!

Os versos agudos, pelo seu modo secco e estalado de acabar, sem elasticidade, sem vibração, se assim o podemos dizer, têem o que quer que seja de ingrato ao ouvido; seriam insoffriveis, se alguem se lembrasse de nol-os dar enfiados aos centos, como os graves nos apparecem, sem nos cançarem; demais, por isso mesmo que os vocabulos agudos são menos frequentes, d'ahi tiram os versos agudos um *quid* de exhibição exquisita que não parece frizar senão com ideias extravagantes, comicas, burlescas ou satyricas. Nos sonetos serios de Bocage não se encontra um só verso agudo, emquanto que nos jocosos e mordazes se encontram muitos.

---

[1] Sobre este modo de contar as syllabas de um verso, veja o artigo *Medição*.

Al.— Terminação de muitos nomes cujo plural é formado pela troca d'esta syllaba em *aes*, como : *animal, animaes; castiçal, castiçaes*, etc.; *mal* faz por excepção *males* e *cal, cales* pouco usado.

São do genero masculino os substantivos terminados em *al*, como : *areal, avental, dedal*, etc. ; exceptua-se *cal* que é feminino.

São uniformes os adjectivos terminados em *al* como : *campal, nacional, vicinal*, etc.
Veja *Desinencias*.

Alexandrinos.— Assim chamados os versos de 13 syllabas, compostos geralmente de dois de 7 syllabas, dos quaes o primeiro ou é agudo, ou o não é e póde elidir-se a ultima syllaba na 1.ª da palavra seguinte.
Costumam trazer accento na 6.ª e 12.ª Exemplo :

«Musas deixai-me em paz — que a heroica harmonia
«Com que adornais de novo — a lingua portugueza,
«Dos rudes labios meus — mettida na dureza,
«Em vez de consonancia — horrores causaria.

Tambem se podem formar de um grave de sete, accentuado na 3.ª, e outro de seis, accentuado na 2.ª Exemplo :

«Já no misero albergue — que escolhe por berço,
«O mais pobre dos filhos — dos homens parecé.

Algaraviada.— Linguagem corrompida em que os sons das palavras são de tal modo alterados que se torna inintelligivel, confusa.

Algia.— Veja *Desinencias*.

Alha.— Veja *Desinencias*.

Allegoria.— É a figura pela qual, em vez de exprimirmos uma cousa pelos termos que lhe são proprios, a representamos pela imagem de outro objecto com quem ella tem similhança, ou relações sensiveis ; assim diriamos, em vez de coração, — *fonte perenne do vital espirito*.
E' uma especie de ficção cujo artificio consiste em apresentar um objecto ao espirito de maneira a lhe dar a ideia de um outro. É um veo de que se serve o orador ou o escriptor, não para occultar uma verdade, mas para a fazer destramente che-

gar áquelle a quem se não ousaria mostral-a em tc nudez.

Póde ser tambem uma composição engenhosa, pai linguagem directa o que ella tivesse de pouco delicadı goria diz pois uma cousa differente do que parece dize allusão, uma prolongada metaphora; que nem por i ser inintelligivel, cobrindo-se com veo que não seja rente.

Ha allegorias muito longas, podem até formar con inteiras, como a *Divina Comedia* do Dante. Os prov parabolas, as fabulas, os enigmas são verdadeiras a ou antes differentes maneiras de velar e embellecer a tempo a verdade.

O sermão de Santo Antonio que o Padre Anton prégou no Maranhão, antes de partir para o reino er uma longa e engenhosa allegoria, na qual elle diz a o que para os homens era dito.

Eis aqui uma allegoria um pouco mais longa qu fogo o nome de *Vulcano,* ou que entender *Marte* pela é do sr. Latino Coelho, pondo as seguintes expressões dos reis : — *Se não fora que nós velassemos dia e noite do estado, entre syrtes e recifes, haverieis de dar ao t a nave onde singramos* — para dizer, com delicada ir se não fossem elles, os reis, não subsistiriam as nac des. É uma serie de metaphoras de *fino* gosto... politi

Outra de J. Freire — *Esta arvore do estado, de cuj pendem tantos tropheos ganhados no Oriente, tem as rai tadas do tronco por infinitas leguas, convem que a su arrimada na paz de uns, e no respeito dos outros.*

E est'outra do nosso épico :

.... Mas ó cego
Eu, que commetto insano e temerario,
Sem vós, nymphas do Tejo e do Mondego,
Por caminho tão arduo, longo e vasio
Vosso favor invoco : que navego
Por alto mar com vento tão contrario,
Que, se não me ajudais, hei grande medo,
Que o meu fraco batel se alague cedo.

No seguinte exemplo :

— Ó *nau*, ao mar te tornam novas *ondas*.
O que fazes ? Com força o *porto* afferra. —

toma Horacio a *nau* pela republica, as *ondas* pelas gu vis, e o *porto* pela paz.

O ardor de embellezar a linguagem, a necessidade (vivo e surprehendente um pensamento difficil de con

der-se de outro modo, deram nascimento á allegoria. As qualidades boas e más, as virtudes e os vicios, as paixões violentas, tornaram-se outros tantos personagens diversos que, nos gestos e nos discursos, ou sob traços arrojados, deixam entrever a idéa moral que os devia representar.

Não ha fonte mais fecunda em felizes e brilhantes allegorias que a mythologia pagã. Pode dizer-se que os antigos, mais perto dos começos da natureza, tanto melhor lhe perceberam a elegancia, as graças, a belleza. Em quanto abundantes bens se espalhavam no meio d'elles, uma torrente de males lhes vinha apés. A quem attribuir estes ultimos? aos deuses ou ao acaso? Terrivel questão metaphysica! A imaginação dos gregos apoderou-se d'ella, e, se não desataram a difficuldade, desarmaram ao menos a razão, pelo prazer que trouxeram ao espirito.

Assim, quando elles representaram o Amor na figura de um rapazinho, armado de settas agudas e alado, exprimiram sob o véo da allegoria: que esta paixão nasce de ordinario sem o concurso da razão como todos os sentimentos do homem na sua infancia: que ella produz as maiores desordens; que é leve e de pouca duração. Allegoriando a Justiça sob a forma de uma mulher, segurando n'uma das mãos a balança e na outra uma espada, com os olhos vendados como o Amor, deixaram-nos perceber o sentido que inculca esta figura: na balança pesa os direitos; com a espada pune; e se o Amor foi vendado para significar que procede sem discernimento, a Justiça ao contrario, devendo ser extremamente perspicaz, não precisa de conhecer aquelles a quem a sua imparcialidade deve punir.

Artistas de todos os tempos têem ceifado abundantemente no campo da allegoria.

É facil perceber que brilhantes producções ella pode inspirar áquelles que, a um engenho habil, podem juntar uma conceituosa imaginação.

Differe a allegoria da metaphora: 1.º em que esta transfere uma só palavra, aquella muitas; denominando-se por isso a allegoria uma continuação de metaphoras; 2.º em que o sentido da metaphora é mais facil de perceber-se que o da allegoria.

Tambem se lhe dá por synonymo o *Apologo*, mas distingue-se d'este e das suas especies — a *Fabula* e a *Parabola* — em que não necessita de explicar a verdade que encerra, porque a exactidão de suas relações com ella se manifesta a cada passo; em quanto que o *Apologo* faz consistir o seu merito em occultar o sentido moral, até ao instante mesmo da conclusão, que se chama moralidade. É raro que a moralidade do apologo venha expressa no principio.

A allegoria pode ainda ser: *real*, quando as palavras que a compozerem forem proprias e exprimirem uma acção verda-

deira ou ficticia, que é a figura de outra que se tenha em vista; e *verbal,* quando as palavras forem metaphoricas e offerecerem na significação propria um sentido, e na translacta outro; d'estas ha duas especies: a *total,* em que todas as palavras são metaphoricas, e a *mixta,* em que vão misturadas as palavras proprias com as translatas.

Exemplo da total:

«Vedai já, ó meninos, as levadas, assás bebeu o prado.»

A allegoria d'esta especie é como um enigma, e por isso raríssimas vezes se emprega.

Exemplo da mixta:

«Livremos esta escrava da Asia das *prisões* do tributo; livremos nossos mares que debaixo de suas armadas *violentados gemem.*»

Alliteração. — Figura de rhetorica pela qual de proposito se repetem na mesma phrase as mesmas syllabas, de maneira a produzirem muitas vezes o mesmo som. É um verdadeiro attrito de letras que se chocam.

Primitivamente destinada a produzir a harmonia imitativa, a alliteração degenerou em cacophonia. Muitos auctores, mas principalmente os poetas, têem feito uso d'esta figura de mau gosto. Eisaqui alguns exemplos: *fallem cartas, calem barbas; pobrete alegrete; trema a terra, ferva a guerra; vai bem a monarchia, mas sem anarchia.*

A alliteração pode ser de um felicissimo effeito, quando produzir a harmonia imitativa. Muitas vezes a empregavam os poetas da edade media.

Allocução. — Discurso dirigido por qualquer chefe aos seus subordinados. Não tem já hoje a extensão de outros tempos, em que eram dirigidas pelos generaes romanos ás suas cohortes.

Pronunciavam-nas, e ainda hoje as podem pronunciar, em circumstancias mais ou menos notaveis.

Entre as mais bellas allocuções pode citar-se a de La Rochejaquelein aos vendeanos, no momento de travar-se a batalha: *se eu avançar, segui-me; se eu recuar, matai-me; se eu morrer, vingai-me.*

Reune, como se vê, a boa qualidade de ser laconica e ao mesmo tempo expressiva, sem apparato oratorio.

Napoleão I exhibiu optimos modelos de allocução em differentes generos.

Allonimo. — Obra publicada sob o nome de um outro, ou aquelle que publica essa obra.

Não se deve confundir o *allonimo* com o *anonymo*, com o *pseudonymo*, nem com o *cryptonymo*.

Veja estes artigos.

Allusão. — Indicação disfarçada por meio de metaphora, de um jogo de palavras ou giro de phrase, etc., de uma cousa ou de um facto que se não menciona formalmente, mas que é todavia susceptivel de ser comprehendida pelos ouvintes ou pelo leitor.

Em linguagem ordinaria, *fazer allusão a uma cousa* significa mencional-a incidentemente.

Alphabeto. — Reunião de todas as lettras que servem de representar as palavras.

Tem este vocabulo por etymologia primitiva a primeira lettra α *alpha* (*aleph* dos phenicios), e a segunda β, *beta* da lingua grega.

No alphabeto da lingua portugueza contam-se hoje 26 lettras — *a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x z y*, que se dividem em vogaes e invogaes.

Veja *Lettras*, *Articulações*, etc.

Lucano disse que a fama dava aos phenicios a honra de terem elles inventado a escriptura alphabetica :

> Phœnices primi, famae si creditur, ausi
> Mansuram rudibus vocem signare figuris.

Como quer que seja, que direitos não tem ao reconhecimento de todos os povos o poderoso genio que fez esta descoberta maravilhosa ! verdadeiro prodigio que fixa a palavra e dá, para assim dizer, corpo e azas ao pensamento !

Quando se pensa que com o auxilio de 26 signaes, diversamente combinados, podemos exprimir todos os sons produzidos pela voz, como deixar de admirar tão sublime concepção !

Nenhuma outra descoberta contribuiu tão poderosamente para os progressos do estado social, como a invenção da lettra, origem de todos os nossos conhecimentos.

Com o seu auxilio podemos encadear o pensamento que brilha e se esvai, como o relampago ; fixar o som e a voz que passam e não voltam ; tornar a palavra visivel, palpavel e sujeita á apreciação da posteridade atravez dos seculos !

Alti. — Veja *Prefixos*.

Altiloquo. Altisonante. Altisono. — Toma qualquer d'estes qualificativos o estylo sublime, propriamente dito. Veja *Sublime*.

Am. — Veja *Ã*.

Ambages. — Circumlocuções equivocas ou rodeio de palavras de significação escura. Razões embaraçosas, e nada concludentes.

Ambi. — Veja *Prefixos*.

Ambiguidade. — É o duplo sentido que offerece um termo ou phrase, podendo receber duas ou mais interpretações manifestas e apparentes; como: — *a aguia matou a pomba no seu ninho* — (seu de quem? da aguia ou da pomba?).

Da ambiguidade procedem a obscuridade, a duvida, a confusão, o equivoco, a incerteza emfim na linguagem e nas ideias, e são outros tantos vicios que se oppõem á clareza.

A ambiguidade só pode ser o recurso de limitados talentos, ou dos que se querem esconder na obscuridade; tambem o era dos oraculos.

Veja *Amphibologia*.

Ame. — Veja *Desinencias*.

Amphi. — Veja *Prefixos*.

Amphibologia. — É a figura que resulta de se compor a phrase ou oração, de modo que fica susceptivel de duas interpretações differentes e até contrarias, sem se poder distinguir aquella que esteve na mente de seu auctor. Exemplo: *examinou o padre o ancião e não o julgando habilitado, disse-lhe que perdesse elle a esperança.*

O duplo sentido que apresenta a amphibologia procede, não da ambiguidade dos termos (termos equivocos), mas da viciosa construcção da phrase, na qual falta a clareza, primeira e mais essencial qualidade da expressão do pensamento, quer fallado, quer escripto. Assim não se diz uma *phrase* AMBIGUA e sim AMPHIBOLOGICA.

N'este exemplo:

«Heitor Achilles chama a desafio»

nenhuma das palavras é *ambigua* nem *equivoca*, mas é *amphi-*

bologico o sentido; porque, ainda quando regularmente se pozesse o sujeito antes do verbo, os poetas invertem muitas vezes esta ordem, e d'aquella phrase se pode entender que Heitor provoca Achilles, ou este aquelle.

Concorre muito para as amphibologias o mau emprego ou a má collocação já dos pronomes pessoaes, já dos adjectivos possessivos, como se verifica no exemplo do primeiro periodo, em que, apesar do emprego dos pronomes — o, LHE, ELLE — não se percebe se o padre examinou o ancião, ou se foi o ancião que examinou o padre.

N'este outro exemplo: — *o guerreiro amou sempre aquelle amigo no meio da* SUA *adversidade* — não nos diz o possessivo SUA, se foi na adversidade do guerreiro, ou na do amigo, que elle sempre amou.

Os pronomes pessoaes e adjectivos possessivos, empregados no primeiro e ultimo exemplos, podem referir-se a um dos dois termos da oração, e é isto que occasiona a amphibologia nas phrases citadas.

Com tudo seria facil conhecer a quem se refere o possessivo, se este fosse empregado sempre na composição indicando o substantivo, como cousa pertencente ao sujeito do verbo da mesma oração; v. g.: *estando o imperador Aureliano na guerra contra a rainha Zenobia, mandou que* NINGUEM *entrasse de noite na* SUA *tenda.*

Ora, o imperador, a rainha, e todos os militares que sob o commando de Aureliano a guerreavam, tinham *suas* tendas, mas, assentado que o possessivo se ha de referir ao sujeito da oração, como no exemplo dado que determina a tenda do sujeito *ninguem*, clara fica a prohibição do imperador.

D'este modo evitar-se-ia um vicio ou defeito que pode ajuntar-se a todos os que se oppõem á clareza.

Assim concluiremos que se a amphibologia não provém da deficiencia das regras grammaticaes, provém da intenção dobre de quem falla.

Esta especie de sophisma era tambem de um grande recurso para os oraculos.

Amphiguri. — Este neologismo de origem franceza, ainda que grego pela etymologia, parece ser um termo de escola, de formação arbitraria, para significar discurso ou peça de verso, cujas partes offerecem ideias sem ordem, sem significação ou sentido determinado; discurso burlesco feito de proposito e em que as phrases são dispostas por forma, que só apresentam ideias sem nexo nem consequencia, incoherentes e inintelligiveis. — *Um apontoado de rodilhas, sem pés nem cabeça.*

Amplificação. — É o discurso pelo qual se estende o

objecto de que se trata, ou seja desenvolvendo-o mais, ou dicionando-lhe ornatos, argumentos, etc. ou exaggeran

Os oradores e os poetas da antiguidade deixaram-nos a raveis exemplos d'amplificação. O desespero de Dido pir por Virgilio é entre os latinos uma notavel amplificação, se pode ver na Eneida, Liv. IV; Vers. 522 e seguintes. Não é menos sublime a que contêem as estancias XXXII do Canto V, onde o nosso insigne épico fez a pintura do gig Adamastor.

O effeito da amplificação é asseverar mais a verdade, de que, não escapando ao ouvido, mas fazendo-se mais sivel, se imprima no entendimento e mova o coração.

Não serve somente este conceito de ornar o discurso, s tambem para reforçar as provas e despertar os affectos engrandecendo a dignidade e amplitude do objecto, ora nando bem manifesta a sua indignidade e atrocidade.

O objecto engrandece-o a amplificação, já considerando em si mesmo ou nas suas circumstancias, já comparando-c outro inferior, egual ou superior.

Nem todos os assumptos são dignos da amplificação, nem todos a supportam; é necessario tambem que o assu seja verdadeiro ou, ao menos, verosimil; porque, como se plifica para esclarecer e convencer, para dar mais peso á p de um facto, para desenvolver mais amplamente uma ideia pensamento, emfim para pintar ou ornar os objectos, dar uma grandeza real, devemo-nos encerrar sempre nos limit verdade, aliás tornar-se-ía a amplificação illusoria e ridi

São especies de amplificação — a *gradação*, o *raciocin* *congeries*.

An. — Veja *Á*.

Ana. — Veja *Prefixos*.

Anacenose. — Nome dado pelos rhetoricos a uma e cie de synedoche, pela qual o orador se une moralment ouvinte ou ouvintes, ou pela qual se attribue (a si) uma p do que só pertence inteiramente a outros.

Temos um exemplo de anacenose n'este modo de dize: *confessemos que não foi regular o nosso procedimento*, em ve — *confessa que não foi regular o teu procedimento*, ou *con* *que não foi regular o seu procedimento*.

Anacephaleose. — Nome que os rhetoricos dão a recapitulação summaria dos principaes pontos de um disc

Já não está muito em uso este termo; a critica litte vai-se desembaraçando do seu apparato de palavras gr

: deixar ás sciencias naturaes. Em verdade de que serve rmo, se em seu logar podemos empregar *recapitulação*, nifica usual e etymologicamente a mesma cousa.

achronismo. —Tem este nome o erro na supputação upos historicos e na data dos acontecimentos, assignan- uma época anterior áquella em que elles succederam. achr nismo que não é permittido em historia, é algumas isado como licença poetica.

dos anachronismos mais formosos na poesia é o de Vir- izendo reinar Dido em Africa no tempo de Eneas, quando a historia d'aquelles tempos se sabe que o incendio ia, depois do qual o heroe se dirigiu á Italia, succedeu nos antes.

te sentido a palavra anachronismo tem por correlativo ronismo, que marca o erro opposto, i. é, o que marca os cimentos n'um tempo posterior áquelle em que succede- las no uso não se faz esta distincção, emprega-se a pa- nachronismo para significar qualquer erro contra a chro- i.

entido figurado, diz-se de toda a confusão de tempo re- ente aos factos, aos costumes, ás ideias, etc.; bem como as. É pois fazer um anachronismo dar á Roma de Au- os costumes dos Scipiões, a Portugal do seculo XIII as e as aspirações do Portugal do seculo XVI.

bem se diz das instituições, dos usos e dos costumes s, que se quer transportar para uma época em que já em razão de ser.

acolutho. — É uma especie de ellipse, que tem logar as vezes que se não observa a connexão logica entre a precedente e a subsequente, ou quando se omitte uma que é a consequencia necessaria de uma outra. Exem- *anto mais longe dos homens, tanto melhor: trato e fami- ade com elles, Deus vos livre. Conselhos d'estes, que os vam os misantropos.*

2.º exemplo o anacolutho é pleonastico.

a figura tambem resulta de ter de subintender-se o cor- o da palavra expressa.

nacolutho não é permittido senão quando a ellipse pode cilmente supprida sem prejuizo das regras grammaticaes; *quem dá aos pobres, empresta a Deus. Quem*, n'este caso, or — *o homem que*, ou *a pessoa que*.

mbem se dá o nome de anacolutho á figura pela qual as da oração se não ligam entre si, segundo as regras da e; como: *a fome espreita á porta do homem laborioso, lo se atreve a entrar*-lhe *em casa* (em casa d'elle).

Anacreontico. — Dá-se este qualificativo a um.(genero de poesias ligeiras e jocosas, modeladas pelas od canções bacchicas e eroticas de Anacreonte, poeta grego. A cecia, a ingenuidade e a simplicidade são os caracteres es ciaes d'este genero.

Anadiplose. — É a figura de rhetorica que consist recomeçar uma proposição pela palavra que já se emprego precedente, ou que por ella terminava. Exemplos :

> «Para o ceo cristallino alevantando
> «Com lagrimas os *olhos* piedosos
> «Os *olhos* porque as mãos lhe estava atando...

Tu restituias ao valor a sua generosidade, *á* generosi *a sua modestia.*

> «C'os olhos lhe accendi no peito *fogo*
> «*Fogo* que sempre ardeu e ainda arde agora,
> «Na primeira viveza inteiro e puro,

Esta figura dá força e graça ao estylo, mas tornal-o-ia neirado se se reproduzisse com frequencia.

Anagramma. — É a transposição das lettras de palavra, de sorte que formem outra com significação div por exemplo de AMOR : *ramo, mora, armo, Roma,* etc.

Em differentes palavras reunidas podem achar-se as le necessarias para compor outra phrase ; a esta combinaç lettras, de que resulta um sentido qualquer, vantajoso ou vantajoso para alguem, se dá o nome de *anagramma.*

Um dos mais felizes anagrammas é o que responde á gunta feita por Pilatos a Jesus Christo : *Quid est veritas vir qui adest* [1]. Resposta formada com todas as lettras da gunta, nem mais nem menos, e que convem perfeitamen Salvador que tinha dito de si — *Eu sou a verdade.* (*Eg veritas*).

Analectos. — Collecções litterarias formadas de frag tos escolhidos de um ou de muitos auctores, principaln quando esses fragmentos se compõem de poesias fugitiva

Analogismo. — Diz-se a maneira de raciocinar consiste em proceder por meio da analogia. *O analogismo*

---

[1] A traducção é ; da pergunta : — *O que é a verdade ?* da resposta *o homem que está diante de ti.*

...babilidade, mas nunca á certeza. Pode-se chegar á ver-... analogismo, mas é somente a deducção que conduz á

...ogia. — É a relação de similhança ou de approxi-...e ha entre uma e outra lettra, entre uma e outra pa-...tre uma e outra locução.
...alogia de valores entre as lettras B e P, V e F, D e T. ...*amar* nós fazemos *amante*, a analogia nos conduzirá a ...*caminhar, caminhante*; de *participar, participante*,

...virtude de uma faculdade inherente ao nosso espirito, ...rmam naturalmente estas analogias nas linguas, para ...classes, familias, generos e especies de palavras.
...a da natureza sobre este ponto é admiravel nas crian-...ndo as vemos seguir inconscientemente a analogia ...ical, entre as variações verbaes de cada conjugação ...a, e em muitas outras operações do seu espirito.
...*ia* e *similhança* são termos synonymos; note-se porém ...e dois objectos pode existir grande *similhança* e ne-...*nalogia*; v. g.: entre as feições de duas pessoas e o ...nento, o genio, etc. e *vice-versa*.

...logos. — Dizem-se termos analogos os que variam ...ificação, conforme os individuos a que se applicam, i. ...ão exprimem em todos os individuos precisamente a ...deia, mas ao menos alguma ideia que tem uma rela-...e causa, ou de effeito, ou de similhança com a primeira. ...ras *saudavel, triste*, são termos analogos, porque se di-... pessoas e das cousas; n'aquellas como qualidades, ...omo causa d'essa qualidade. Nós dizemos: *este homem ...el*, tem saude; e, por analogia, *este ar é saudavel*, i. é — .... Do mesmo modo: *estou triste; a casa é triste*, etc.
...-se *linguas analogas* aquellas em que a successão das ...segue no discurso a gradação natural das ideias; têem ...estas as linguas transpositivas, i. é — as antigas. As ...analogas são mais appropriadas aos progressos das ...e em geral da civilisação.
...alogos são um guia seguro para a intelligencia humana, ...procede com prudencia; auxiliam muito a força de de-...o raciocinio.

...lysar. — É investigar a natureza e especie de cada ... palavras que entram na composição da oração ou do ...; conhecer seus accidentes, relações, etc.
...Analyse.

Analyse. — É o resultado da acção pela qual s
põe um todo em suas partes simples, afim de se conh
lhor sua natureza.

Diz-se analysar uma oração — decompol-a em sua
grammaticaes, afim de bem se conhecer e estudar s
mente sua natureza, genero, especie, numero, mod
pessoa, etc.

Este methodo tem por correlativo a synthese, que re
o que a analyse decompoz.

Todas as sciencias empregam a analyse, como mei
cobrir a verdade.

Um primeiro golpe de vista não dá a ideia das con
vêem, e, para a formarmos com a exactidão indisp
necessario observal-as uma após outra.

Esta observação deve fazer-se por ordem natural, i
dando primeiro as principaes partes, e descendo d'es
accessorias até á menor particularidade.

A analyse de um discurso, periodo, trecho, oração,
ser — *logica, grammatical* ou *philosophica.*

Antes de classificar qualquer palavra, começaremo
por bem entender e definir sua significação, que pode s
tural e *propria* ou *figurada;* em seguida, desfiando pe
dentes que admitte, diremos, se fôr:

Substantivo — sua especie, numero e genero; se
attributo ou complemento e de que palavra; se é si
composto, primitivo ou derivado, etc.;

Adjectivo — sua especie, numero e forma; com q
corda; grau de significação; funcção que exerce na ora

Artigo — sua especie, numero e forma; com quem
ou que nome determina; se vem contracto com algum
sição, etc.;

Pronome — sua especie; que nome representa; num
ma; se é sujeito, attributo ou complemento e de que
sendo pronome pessoal, que pessoa representa; suas v
etc.;

Participio — de que verbo; numero e forma (sen
vel); com quem concorda; funcção que exerce na ora
accessorio, de que palavra o é; se é tomado adverbi
que palavra modifica; se se presta a uma phrase or
como, etc.;

Verbo — especie, pessoa, numero, tempo e modo; se
impessoal; seu sujeito, se estiver em tempo pessoal;
plemento, se fôr transitivo; voz, derivação, etc.;

Preposição — seu complemento, ou quaes as palav
relação de complemento mostra;

Adverbio — sua especie; palavra cuja significação r
derivação; grau de significação, etc.;

o verbo adjectivo *deve.)*
[illegible] o verbo *deve,* mas, pela significação do
[illegible], *activo-relativo;* requer por tanto o *comple-*
minativo — ao Evangelho, e o *objectivo — o imperio que*
os destinos do mundo; este ultimo complemento recebe
de *complexo,* por causa do accessorio que lhe está
representado na oração incidente explicativa — *que*
os destinos do mundo; oração elliptica em que falta o
— *ella* (a Europa), e em que a collocação das palavras
posta, por aquelle privilegio que tem o relativo de ser
o começo da oração que caracteriza. Assim a collocação
seria: — *ella* (a Europa) *exerce que* (o qual imperio) *nos*
do mundo; ligada, porém, d'este modo á oração prin-
uanto não eram infringidas as regras da harmonia do
!...

rsemos o mesmo periodo grammaticalmente.
plo de analyse grammatical: *a Europa deve unicamente*
gelho o imperio que exerce nos destinos do mundo.
õe-se este periodo de duas orações: uma principal —
pa deve unicamente ao Evangelho o imperio — ; a outra
ncipal, i. é, incidente explicativa — *que exerce nos des-*
mundo — ; é um accessorio de *imperio.*
ação... principal, plena, simples, affirmativa, da voz
complexa, se attendermos a que a 2.ª serve de acces-
objectivo da 1.ª
rtigo definito, forma feminina, singular, concordando
ropa;
pa... substantivo proprio, feminino, singular, invariavel,
é sujeito;

ao... contracção da preposição *a* com o artigo definito *o*, terminação masculina do singular, concordando com *Evangelho;*

Evangelho... nome substantivo appellativo, variavel, empregado em accepção propria, masculino, singular; serve de complemento á preposição *a* (complemento terminativo do verbo *deve*);

o... artigo definito, terminação masculina, singular, concordando com *imperio* para lhe restringir o significado;

imperio... substantivo commum, masculino, singular, variavel, primitivo, simples, abstracto, empregado em sentido figurado (predominio); serve de complemento objectivo ou directo do verbo *deve;*

Esta oração pode mudar-se para a voz passiva pelo modo que ficou indicado no artigo — *Activa* —, convindo porém que o accessorio, expresso na oração incidente, se subintenda unido ao novo sujeito, e como que fazendo parte d'elle, do seguinte modo: — *o imperio* [*que a Europa exerce nos destinos do mundo*] *é devido por ella* (pela Europa) *unicamente ao Evangelho;*

2.ª Oração... não-principal, incidente explicativa, elliptica (falta-lhe o sujeito), simples, complexa, affirmativa, da voz activa;

que... pronome relativo, invariavel, refere-se a imperio, seu antecedente (o qual imperio); serve de complemento objectivo ao verbo *exerce;*

exerce... verbo adjectivo, transitivo, activo, pertence á 2.ª conjugação, apenas tem a irregularidade de mudar a figurativa c em *ç*, antes de *a* ou *o;* está na 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo da voz activa; vale por *é exercendo;* tem por sujeito *Europa* (subintendido — figura ellipse e zeugma) com o qual concorda em numero e pessoa;

nos... forma contracta da preposição *em* e do artigo definito *os*, terminação masculina do plural, concordando com *destinos,*

destinos... substantivo commum, masculino, plural, variavel, composto do prefixo *des*, e parecendo derivado do latim (*de stano*), abstracto; serve de complemento á preposição *em*, que o antecede, contraída com o artigo (complemento circumstancial de logar onde virtual, ou terminativo);

do... contracção da preposição *de* com o artigo definito *o*, terminação masculina do singular, concordando com *mundo;*

mundo... substantivo commum, collectivo, masculino, singular, variavel, simples e primitivo; serve de complemento á preposição *de* (complemento restrictivo de *destinos*.

Exemplificaremos a analyse philosophica com o excerpto de um sermão, prégado pelo P. Antonio Vieira, e annotado pelo ex.mo sr. José Silvestre Ribeiro.

EXCERPTO

Os homens (deve ser porque são mortaes) o que costumam festejar com maiores demonstrações de gosto, parabens e applausos, assim publica como privadamente, são os nacimentos. **(1)** *Mas o nacer, pelo que tem de si, nem merece alegria, nem tristeza: antes, se bem se considera, mais digno é de tristeza, que de alegria* **(2)** *Não de balde, com o ser o risivel a primeira propriedade da nossa natureza, a mesma natureza nos ensina a nacer chorando.* **(3)** *Com lagrimas choraram muitas nações os nacimentos que nós solemnisamos com festas, e não sei se nos deveriamos tomar o nome de barbaros, que lhe damos. Queixamo-nos da vida, e festejamos os nacimentos, como se o nacer não fora principio da mesma vida, que nos traz queixosos.* **(4)** *O nacimento é o principio da vida, como a morte o fim: e uma carreira que tem o fim tão duvidoso: uma navegação que tem o porto tão pouco seguro;* **(5)** *como pode ter o principio alegre? Nacemos sem saber para que nacemos, e bastava só esta ignorancia, para fazer a vida pesada, quando não tivera tantos encargos* **(6)** *sabidos. Os ditosos e os desgraçados todos naceram, e como são mais os que accusam a fortuna, que os que lhe dão graças, maior materia dão os nacimentos ao temor, que á esperança. A esperança promette bens, o temor ameaça males, e entre promessas, e ameaças tanto vem a se padecer o que se espera, como o que se teme.* **(7)** *A quem começa a vida, tudo fica futuro, e no futuro nenhuma distincção ha de males a bens, todos são males, porque todos se padecem.* **(8)** *Os males padecem-se porque se temem, os bens padecem-se porque se esperam; e para affligir o mal, basta ser possivel: para molestar o bem, basta ser duvidoso.* **(9)** *Se alguma cousa nos podera segurar os sobresaltos d'esta contingencia,* **(10)** *parece que era o tempo,* **(11)** *o logar, e as pessoas de que nacemos; mas por mais que d'estas circumstancias conjecture a vã sabedoria felicidades,* **(12)** *o certo é, que nem o tempo as influe, nem a patria as produz, nem dos mesmos paes se herdam.*

Annotação

(1) Repare-se bem no tecido d'esta phrase. A ordem grammatical, e a clareza da expressão, exigiam a seguinte construcção: *O que os homens (deve de ser porque são mortaes) costumam festejar com maiores demonstrações de gosto, parabens e applausos, assim publica como privadamente, são os nascimentos.*

Tambem o conceito que vem no parenthesis devera estar collocado no fim da phrase: mas Vieira collocou-o logo depois da palavra — *homens* — para não distanciar d'estes a qualidade de *mortaes*; e assim logrou dar maior vivacidade á expressão do pensamento.

O — *deve de ser porque são mortaes* — é uma locução engraçada, que por ventura alguns preferirião ao modo de dizer de hoje: — *Será talvez,* ou *talvez seja, porque os homens são mortaes.*

A transposição que acima notamos é frequente nos nossos classicos, e por vezes, como n'este caso, communica uma certa emphase ao discurso, — outras vezes, porem, o torna confuso e malsoante.

(2) Hoje exprimimos o mesmo pensamento do seguinte modo: *Mas o nascimento em si proprio, não tem de que nos alegrar, nem de que nos entristecer, antes, pensando bem, mais parece dever excitar tristeza, do que alegria.*

N'esta ultima forma ha mais conformidade com a grammatica philosophica: na forma que o padre Vieira adoptou ha mais energia de expressão.

De passagem observaremos que nos parece melhor escrever — *nascimento* do que — *nacimento* — como escreve o padre Vieira; a razão etymologica é, n'este caso, muito poderosa.

(3) A proposição que começa em — *Não de balde* — e acaba em — *nacer chorando*, examinada attentamente, não tem a indispensavel precisão philosophica, nem exprime correctamente o pensamento do orador.

Não consente a bôa rasão que se diga «que a Natureza nos ensina a nacer chorando.» O homem apenas sai do ventre materno, rompe logo em choro; e d'este facto induz a philosophia, que a Natureza — parece querer significar — que as creaturas humanas são destinadas para o soffrimento, para uma vida de provações; o que é inteiramente diverso de *ensinar a nacer chorando*. Que quer dizer: — *Com ser visivel a primeira propriedade da nossa natureza?* Se o homem nasce chorando, a primeira propriedade da sua natureza não é, por certo, a de rir. — Se o orador quiz dizer que a vida do homem não e uma cousa séria, mas sim um escarneo, um objecto de riso e de motejo..., ou havemos de concluir que exprimiu um pensamento improprio da gravidade da cadeira evangelica, ou que não atinou n'esta occasião com a propriedade dos termos.

(4) As duas antecedentes phrases são de uma belleza de dicção, de um primor de concisão inexcediveis.

(5) Pensamento muito bem exprimido. A comparação da vida do homem com a *navegação que tem um porto pouco seguro*, é summamente feliz e apropriada.

(6) A palavra — *encargo* — não exprime com bastante energia os padecimentos, os contratempos, as tribulações da vida do homem.

(7) Veja-se como o orador vai desenvolvendo o pensamento, amplificando-o mais e mais de um modo sublime!

(8) Tem um tanto de metaphysico esta passagem! — *e no futuro nenhuma distincção ha de males a bens.*

(9) Expressão ousada — *padecer bens!* O homem suspira pelos bens que antevê ou espera no futuro; afflige-se de que não cheguem em breve: entristece-se com o receio de que não se realisem: tudo isto e natural, tudo isto e proprio do coração humano; mas nenhum d'estes factos auctorisa a dizer que o homem *padece os bens* do futuro.

A expressão — *e para affligir o mal, basta ser possivel* — offerece obscuridade, pois que ficamos em duvida se o mal afflige ou é o affligido; — e o mesmo podemos dizer a respeito da expressão que se segue: — *para molestar o bem, basta ser duvidoso.*

(10) *Os sobresaltos d'esta contingencia*: expressão felicissima de energia e propriedade. Só o grande mestre da nossa lingua poderia inventar uma tão expressiva locução.

(11) «Se alguma cousa *podera* segurar... parece que *era tempo*, etc.» — devera dizer: «parece que *seria* o tempo.»

(12) «Mas por mais que d'estas circumstancias conjecture a vã sabedoria felicidades.» — Lendo-se attentamente esta phrase, sôa mal a collocação das ultimas palavras. Melhor seria ter dito: *Mas, por felicidades que a vã sabedoria*, etc.; e d'esta arte apreciariamos muito mais a excellencia do que as segue: *nem o tempo as influe, nem a patria as produz, nem dos mesmos paes se herdam.*

— N'estas rapidas notas exprimimos enthusiasticamente a nossa admiração, nas passagens do excerpto que nos pareceram formosas; mas igualmente assignalamos sem hesitação o que aqui e acolá, se nos affigurou ser defeituoso.

ɑ de natureza synthetica.

ɑamnesis. — Figura de rhetorica empregada pelo ora- quando finge que se lembra de repente de uma cousa que esquecendo. Exemplo: *agora o anel de Pisão me susci- lembrança d'uma cousa que de todo me escapara. A quan- mens de bem, cuidais vós, tirou elle dos dedos os anneis de*

n esta figura se fazem tambem galantes transições, como le Vieira: *lembra-me (vamos do monte ao mar), lembra-me o mar de Tiberiades corria fortuna a barca do apostolado.*

ɑphora. — É a figura que resulta da repetição calcu- de uma mesma palavra no começo de diversos membros periodo, com o fim de tornar mais energico o effeito que ressão deve produzir. Exemplos: *tudo cura o tempo, tudo tudo digere, tudo acaba. Divertia-os a ambição, divertia-os eresse, divertia-os a soberba, divertia-os a auctoridade e ação propria.*

> «A ti, ó doce esposa, a ti cantava,
> «A ti, sosinho na deserta praia,
> «A ti, nascendo, a ti morrendo, o dia.

ve esta figura para despertar ora a indignação, ora a aixão, etc. Empregada a proposito, é de um feliz effeito, nos versos como na prosa.

s parallelos e comparações se costuma tambem empregar

Anastrophe. — É a figura que resulta da inversão d usada na collocação das palavras; como nos seguintes ex plos: *a diligencia d'estas matronas serviu de allivio no traba nos perigos de exemplo;* em vez de — *e* (serviu) *de exem nos perigos. Lá de Italia defronte:* em vez de — *Lá defront Italia.*

A versificação permitte inversões contra o uso da pro mas ha casos em que a construcção não pode ser mudada, s defeito para a harmonia da phrase e para a energia da exp são, ou sem se cair em amphibologia.

Ança. — Veja *Desinencia.*

Anecdota. — Narração mais ou menos espirituosa d'u particularidade secreta, d'uma situação original, d'uma rep picante, d'uma ingenuidade ridicula, d'uma bella acção d'uma aventura escandalosa.

Servia d'antes este termo, para designar mais particul mente qualquer historia secreta de factos passados no inte dos gabinetes, ou dos palacios principescos, nos mysterios sua politica ou dos seus costumes, e mais geralmente se tendia por obras em que se descobriam factos secretos, pa culares curiosos, que aclaravam os arcanos da politica, e os cultos manejos que produziam os grandes acontecimentos.

A anecdota conta-se de viva voz, e assim tem mais gra desperta o espirito dos velhos, é o encanto das criança aguça a curiosidade dos ociosos ou dos criticos.

Anexins. — São ditos allusivos ou picantes de que us vulgo.

Nas phrases ou locuções que formam os anexins, alg dos quaes encerram sentenças moraes, geralmente recebid ha conceituosas metaphoras que tornam o discurso mais fest ou pittoresco.

Confunde-se o anexim com o *Proverbio*, o *Adagio* ou o *fão;* é apenas de sentido mais breve.

Chamam-se anexins os ditos seguintes e semelhantes:

Andar ás aranhas.
Não ver boia.
Escapar pela malha.
Viver em mar de rosas.
Pescar nas aguas turvas.
Metter-se em camisa de onze varas.
Meiada sem costal.
Andar n'uma dobadoira, etc.

Recentemente publicou-se uma obra inedita do nosso classi F. M. de Mello, titulada — *Feira de Anexins.*

Annaes. — São breves indicações de factos dispostos anno por anno, e destinados a servirem de materiaes á historia; limitam-se a manifestar os factos singelamente, sem ornato nem reflexões.

O que escrever estas collecções de factos ha de ser fiel, distincto e completo nas suas compilações, embora deva limitar-se, como lhe cumpre, á simples relação dos factos, sem outra ordem que a dos tempos em que se passaram, sem outro laço que a correspondencia, que não pode deixar de existir entre acontecimentos que se succedem nas mesmas circumstancias.

E n'isto differem os *annaes* da — *historia*, que muitos confundem.

A historia tem sempre por objecto uma serie de acontecimentos ligados, formando um todo. A narração d'esses acontecimentos não está absolutamente submettida á ordem dos tempos; muitas vezes é interrompida, pondo-se em confronto os factos de diversas épocas, já para se tirar d'esta approximação alguma inducção ou moralidade, já para lançar mais luz sobre os mesmos factos que se approximam, mostrando-se assim melhor o laço que os une.

Os annaes servem portanto de elementos á historia; são os materiaes que ella recolhe e põe em ordem, para com elles construir a sua obra.

Annotações. — Commentarios succintos, notas em livros ou escriptos, postos com o fim de lhe esclarecer alguma passagem menos clara, ou para addicionar-lhe algumas descobertas posteriores que facilitem certas conclusões criticas ou analyticas.

Ano. —Veja *Desinencias.*

Anomalos. — Dizem-se os verbos que em sua conjugação deixam de obedecer rigorosamente a alguns dos paradigmas ou modelos. Estão n'este caso os quatro auxiliares *Ser*, *Estar*, *Ter* e *Haver*. N'este caso estão igualmente muitos outros; taes como: *dizer*, *fazer*, *trazer*, *valer*, *poder*, *saber*, *ir*, *vir* e muitos mais, que vão conjugados na parte d'esta publicação que trata de tal assumpto.

Veja *Irregulares.*

Anonymo. — Diz-se qualquer escripto ou obra cujo auctor se ignora; tambem se applica ao auctor que encobriu seu nome.

Varios são os motivos que podem levar um auctor a encobrir o seu nome; mas poucos ha a quem a modestia, ou qualquer outro sentimento louvavel, a isso os tenha determinado.

Muitas vezes o amor do bem impelle o homem a dizer a dade aos poderosos cuja vingança elle teme, sem ter a cora de a affrontar abertamente. Algumas outras, um resto de p esconde sob o veo do anonymo a mão odiosa que calumni Ha pessoas que se servem do anonymo pelo gostinho d trigar o mundo e de saborear no silencio, e por uma es de egoismo singular, esta gloria sem nome que lhes causa secreta alegria.

Anormaes. — Veja *Irregulares.*

Antagonismo. — Em sentido restricto, quer dizer: (de doutrina opposto em principio á theoria dos analogos (connexões.

Antanaclase. — A que tambem se dá o nome de r *cussão*, é a figura de rhetorica resultante do emprego rep de uma palavra, tomada em duas accepções differentes. E plos : *deixai aos mortos enterrar os mortos. A rasão acaba se por ter rasão.*

Por esta figura tambem se usa de palavras levemente radas pelos prefixos, mas de ideias differentes ou contra v. g.: *dos meninos é proprio o aprender; dos mancebos o cr hender; dos varões o comprehender; mas dos velhos o repr der.*

Confunde-se algumas vezes esta figura com a *Paranom*

Antanagoge. — Figura de rhetorica pela qual se en gam contra o adversario as rasões, argumentos ou prova que elle se serviu, fundamentando n'ellas a accusação defesa.

Antapodose. — Consiste esta figura de rhetorica collocar as palavras de uma proposição, de modo que co pondam, n'uma ordem semelhante ou invertida, ás palavra uma outra proposição; segunda parte de uma similhança responde exactamente á primeira.

Ante ou Anti. — Preposição indicativa de *posição j teira;* v. g.: *comparecer ante o juiz; trazer ante si;* e de (*cedencia;* v. g.: *ante maduros annos; ante-manhã, ante-tem; pé ante pé* (locução); *perante* (contracção de *para an*

Veja *Prefixos.*

Antecipação. — Veja *Prolepse.*

Antecedente. — É o termo posto na oração que ante

o relativo e ao qual o mesmo relativo se refere, concordando com elle, como n'estas phrases: *nós devemos respeitar aquelle* (homem) *que* (i. é — o qual homem) *protege a sociedade. Os individuos que* (os quaes individuos) *combatem pela defesa da patria, são respeitados da posteridade. A opinião é uma potencia invisivel e mysteriosa á qual* (potencia) *nada resiste. As mulheres que* (as quaes mulheres) *correspondem á sua missão sublime, atravessam a vida, como os sopros da primavera, os quaes* (sopros) *em sua passagem vivificam tudo.*
O subsequente é sempre o mesmo, subintendido no acto de se analysar a oração, quando não vem expresso, como regular e frequentemente succede.

Tambem se dá o nome de *antecedente* ao 1.º dos dois termos da relação entre duas palavras ou phrases, ligadas pela preposição; v. g.: *dispõe-te a estudar; dispõe-te* é o antecedente; *estudar*, o consequente.

Antes. — Preposição que indica *anterioridade de tempo*, collocada antes do seu regimen, ou seguida da particula ou conjuncção *que*. Seguida da preposição *de*, exprime *anterioridade de tempo, de ordem ou de logar*.

Tambem é adverbio: exprime preferencia e vale o mesmo que — *para melhor dizer*. Quando depois do adverbio *antes* se segue a particula *que*, com intercalação de palavras, significa *mais depressa, com preferencia*. Sendo regido pela preposição *de*, denota *anterioridade de tempo, no tempo passado, em outro tempo*.

Antho. — Veja *Prefixos*.

Anthologia. — Diz-se a figura pela qual n'uma mesma ideia ou n'um pensamento se reunem partes que parecem inconciliaveis, mas que na verdade se combinam perfeitamente, e dão á expressão a mesma agudeza, brilho e energia. Exemplo: *ninguem menos é rei, que quem tem reino.*
Parece synonimo de *Antilogia*.
Veja *Paradoxo*.

Anthropologia. — Diz-se em sentido restricto a figura de estylo, que consiste em attribuir a Deus actos humanos, dizendo-se de Deus o que é proprio dos homens; v. g.: *Deus falla, vê, irou-se, arrependeu-se de crear o homem*, etc., quando falla como homem respondendo, que ignora o que como Deus não pode ignorar, etc.

.... mesmo auctor.
Veja *Anthologia*.

Antimetabole. — Especie de repet.
parecer no segundo membro de uma phra
primeiro membro, n'uma ordem que exprime c
como n'esta sentença de Socrates: *é necessa*
ver e não viver para comer.

Antimetalepse, Antimetathese
Veja *Antimetabole*.

Antinomia. — É a contradicção nas j
tenças de duas ou mais leis, ou entre duas pas
lei. Em accepção figurada, significa este vocabu
contradicção; v. g.: *notaveis antinomias dos an*
Kant deu este nome a uma contradicção nat
resultante não de falsos raciocinios, mas da
sempre que, ultrapassando os limites da experi
remos remontar ao absoluto, ficando então na
de não corresponder á ideia do absoluto, ou de
limites de nossa intelligencia, que não atting
nos.
A antinomia é, segundo Proudhon, a concep
de dupla face: uma positiva, outra negativa.

Antiparastase.— Consiste esta figura
engenhoso giro de phrases, com que ...
sustenta, que elle ...

fez dar ao Cabo das Tormentas, pode tambem ser indicado como exemplo de uma antiphrase.

A antiphrase é muitas vezes a arma da adulação, da lisonja, da hypocrisia, do medo, do odio, etc. N'alguns casos toma o nome de *ironia* ou de *euphemismo*.

Antiptose.— Termo grammatical ou figura que se nota quando se emprega qualquer variação do pronome pessoal por outra, ou a differente circumstancia de um nome; v. g.: *é mais velho que* mim, por — *que eu; a duqueza que muito* lhe *amava,* por — *o amava; em toda a terra* que *punha os pés,* por — *em que* ou *na qual punha os pés.*

Esta figura era frequente como licença poetica ou oratoria, nas linguas em que os nomes se declinavam, como na latina e grega.

Póde algumas vezes confundir-se com a hypallage ou motival-a.

Antistrophe.— Figura de rhetorica pela qual se transtorna a collocação de palavras connexas de qualquer construcção: v. g.: *as luzes d'este seculo, e o seculo d'estas luzes. As façanhas de taes heroes, e os heroes de taes façanhas. O direito da força, e a força do direito.*

Tambem davam os antigos este nome á 2.ª estancia de um canto lyrico, semelhante em tudo, pelo numero e pela medida dos versos, á 1.ª estancia ou estrophe; com esta differença, porém, que a estrophe cantava-se á roda da ara ou da scena, indo o celebrante da direita para a esquerda e a antistrophe, voltando á esquerda e caminhando para a direita.

Antithese.— Como figura grammatical, é assim denominada a que resulta da substituição de uma lettra por outra: como em: — *louval-o, eil-o, já vol-o disse* — por — *louvar-o, eis-o, já vos o disse.*

Em rhetorica, diz-se a figura pela qual se oppõem n'um periodo cousas contrarias, quer pelos pensamentos, quer pelos termos, afim de prender a imaginação por uma approximação engenhosa de imagens differentes, e de produzir uma impressão mais profunda, muita energia e graça.

Para que a antithese produza o effeito desejado, é necessario que ella seja naturalmente preparada, e que não approxime cousas que não tenham relação immediata.

Oppondo a antithese pensamentos a pensamentos, e palavras a palavras, cumpre advertir que só a primeira convem ao estylo serio; o estylo familiar tolera a segunda como um jogo

de palavras. Mas a antithese mais bella é a que oppõ mesmo tempo pensamentos e palavras.

Augusto, avançado em idade, para se fazer escutar de al jovens sediciosos, dizia-lhes : *como assim ! pois quando e moço, desejavam os velhos ouvir-me, e agora que sou velho querem os moços escutar-me ? !...*

Esta antithese é viva, precisa e engenhosa ; oppõe p mentos e palavras. É a antithese da melhor especie.

Agora a que oppõe só pensamentos. É de Demosthenes surando as concussões dos administradores d'Athenas : *um saram da miseria á opulencia, outros da obscuridade ao es dor ; alguns construiram casas particulares cuja magnific insulta os edificios publicos ; quanto mais desceu a fortuna tes, mais subiu a fortuna d'aquelles.*

Quanto á antithese que só oppõe palavras a palavras, (propria de qualquer estylo ; e no familiar só ha de figurar gracejo.

É um jogo de palavras,
Uma affectação pura,
E não é assim que falla
Nossa mestra, a Natura.

Serve vantajosamente a antithese para augmentar a da impressão que um objecto deve produzir ; mas conven servar que a frequente repetição d'esta figura mostra sen affectação e artificio, e por isso faz desagradavel e vici elocução.

Exemplo de antithese por contraposição de palavras u uma : *não ha no mundo alegria sem sobresalto, não ha co dia sem dissensão, não ha descanço sem trabalho, não ha ri sem mingua, não ha dignidade sem perigo, finalmente nã gosto sem desgosto.*

Exemplo de antithese em que as palavras se contra duas a duas : *vieram gentios e tornaram fieis, vieram idol e tornaram christãos.*

Exemplo de antithese em que se contrapõem orações a ções : *antigamente estavam os ministros ás portas das cid agora estão as cidades ás portas dos ministros.*

Quando á antithese se junta a figura *polyptoton*, toma (o nome de *antimetabole*.

Antonomasia. — Especie de metonymia, ou figura qual se substitue com um nome proprio outro commum ; uma periphrase ou com uma qualidade, um nome ; com nome, um adjectivo.

Um *Nero* é, por antonomasia, um tyranno impio e sang rio, que tem parecido a mais cruel injuria aos mais cruei rannos.

Foi n'este sentido que a propria mãe d'este monstro do crime, soberano de um imperio vastissimo, tratou um dia o filho que a horrorisava.

Quando dizemos: *um Catão, é um Cicero, será qual Camões*, empregamos outras tantas antonomasias, que valem por — *honrado como foi Catão, eloquente como Cicero, poeta como Camões.*

«Sem um *Mecenas* de que serve um *Augusto?*»

Por antonomasia diremos — o fundador da monarchia, em vez de — Affonso Henriques, etc.

Ha tres especies principaes de antonomasia: 1.ª em que se troca o nome proprio pelo patronimico; 2.ª em que se troca o nome proprio pelo que designa as qualidades caracteristicas e individuaes, assim do espirito como do coração; 3.ª em que, em vez do nome proprio do individuo, se usa de expressões que designam as acções por que elle se assignala e distingue dos mais homens.

Este tropo é muito usado de poetas e oradores; mas, se for mui frequente, cairá no vicio da obscuridade.

Querem alguns que seja a antonomasia uma pertença da synecdoche.

Antonymia. — É a opposição de nomes ou de palavras que offerecem um sentido contrario; qualidade das palavras antonymas.

Antonymo. — É o termo que diz o contrario de synonymo.

São antonymos as palavras que exprimem ideias oppostas; taes como: *vicio* e *virtude; frio* e *calor; belleza* e *fealdade: movimento* e *repouso; coragem* e *cobardia; analyse* e *synthese*, etc.

Ao. Aos. — Contracção da preposição *a* com o artigo ou com o pronome — *o, os*.

Veja *A; O; Artigo*.

Ão. — Terminação de muitos nomes dos quaes uns formam o plural em *ães*, como — *cão cães, pão pães;* outros em *ões*, como — *nação nações, paixão paixões;* outros seguindo a regra geral, i. é, accrescentando um *s*, como — *grão grãos, mão mãos*, etc.

É tambem uma terminação dos augmentativos como se vê em *rapagão*, augmentativo de *rapaz; toleirão*, de *tolo*, etc.

Os augmentativos são do genero masculino, ainda que os seus primitivos o não fossem.

Os nomes terminados em *ão* são, pela maior parte, masculinos; os adjectivos são de duas formas (biformes); como *christão, christã; são, sã*, etc.

Veja *Desinencias*.

Apagogia. — Figura de rhetorica que consiste em provar a verdade de uma proposição, demonstrando o absurdo da proposição contraria.

Apezar. — Preposição que se junta á particula ou preposição *de*, e com a qual forma uma locução prepositiva, que denota: — *opposição, resistencia*, etc. Ou é uma locução adverbial e significa: — *não obstante, contra vontade*, etc.

A alma do philosopho é sempre livre apezar *dos assaltos da multidão; a rasão o allumia* apezar *das trevas que a prevenção espalha á roda d'elle.*

Veja *Contra*.

Apherese. — É a figura de dicção que resulta da suppressão de qualquer lettra no principio de uma palavra, como: *inda, ora, poz, té, traz*; por — *ainda, agora, apoz, até, atraz*.

Veja *Palavras*.

Aphorismo. — É uma proposição que em poucas palavras apresenta o que ha de mais importante a conhecer em qualquer sciencia.

Aphorismo, Apophthegma, Axioma, Maxima, Sentença, são synonymos.

O aphorismo é um ensino doutrinal que arrebata pela dose de bom senso que encerra, embora se lhe desconheça o auctor; basta que a rasão o confesse e a experiencia o confirme: n'isto se distingue d'aquelles synonymos.

Consideram-se aphorismos estes juizos: *vale mais o que assenta na verdade, que o que está na opinião. A vida é breve e a arte longa. Nada se julga concluido, faltando que accrescentar-lhe. Nenhum cidadão é superior á lei. A lei deve ser igual para todos*, etc.

Apo. — Veja *Prefixos*.

Apocope. — Figura de dicção que resulta da suppressão de uma ou mais lettras no fim de uma palavra, como: *gran nume, mui, lhe, vamo-nos*, etc., por — *grande, numen, muito, lhes vamos-nos*, etc.

Veja *Apostropho; Palavras*.

Apocrypho. — Esta palavra empregada em sentido restricto, serve de caracterizar os livros, as historias, os documentos e os auctores cuja authenticidade, auctoridade e realidade são duvidosas.

Os SS. PP. deram o nome de *apocryphas* a um grande numero de obras, que nos primeiros seculos do christianismo se liam como fazendo parte dos livros sagrados.

Apodo. — Comparação ridicula e affrontosa, que se faz de alguma cousa, transferindo-lhe o que tem de ridiculo e affrontoso áquella com que por irrisão a comparamos.

Apodioxe. — Figura de rhetorica pela qual se rejeita uma objecção como absurda, manifestando uma especie de indignação, causada pelo emprego de um tal meio.

Apodose. — Figura de rhetorica em virtude da qual os ultimos membros de um periodo offerecem uma opposição, mais ou menos assignalada com os primeiros.

Apographo. — Tratado tirado fielmente de outro; copia de um original; opposto de *autographo.*

Apologia. — Discurso escripto ou de viva voz, tendo por fim defender ou justificar uma pessoa, uma acção, uma obra ou uma cousa qualquer.

Apologia e justificação são synonymos. A 1.ª é um meio de justificação, tendo por fim a defeza do accusado; a prova de sua innocencia faz a sua justificação. A 2.ª nem sempre suppõe accusação; basta o receio d'ella para um homem querer *justificar-se*; a apologia sempre a suppõe, pois é discurso em defeza.

Apologo. — É o facto composto e contado com o fim de dar uma lição, de desenvolver uma verdade moral ou philosophica. As mais das vezes empregam-se animaes como actores ou como interlocutores.

Parece ter sido inventado para com elle se dizerem verdades, cuja nudez incommodaria os poderosos a quem se dirigissem.

Serve tambem o apologo de fazer que se preste mais attenção aos conselhos que elle encerra, ferindo mais demoradamente a imaginação pela forma por que são expostos.

O apologo é sempre fundado n'uma allegoria com applicação ao homem. Tendo por synonymo a *Fabula,* a *Parabola* e a

Allegoria, differe d'estas em ser mais extenso: faz fallar os animaes, os deuses, os homens, as cousas insensiveis, e ainda os seres abstractos e metaphysicos.

É composto de duas partes, das quaes uma se póde chamar o corpo — é a fabula; a outra, a alma — é a moralidade.

A acção do apologo deve convergir ao ponto unico da verdade moral. Cumpre que os seus agentes fallem e obrem, conforme os diversos instinctos e inclinações que lhes são naturaes; e nisto consiste a verosimilhança da fabula.

O estylo deve ter uma singeleza e naturalidade fina e delicada, que pareça não ter custado esforço algum.

Na maior parte dos apologos, a verdade moral que elles encerram, vem expressa no principio ou no fim, e convem que nasça naturalmente da acção, e seja clara, breve e interessante. A primeira qualidade é sobretudo necessaria, quando o poeta não expressa a moralidade, mas deixa ao leitor o prazer de adivinhar.

Apontamento. — Escriptura breve para ajudar a memoria; minuta, lembrança; declaração breve e por escripto de qualquer cousa que cumpre fazer ou dizer; nota que se toma sobre qualquer assumpto; indicação succinta de uma obra.

Apophase. — Figura de rhetorica pela qual o orador refuta as suas mesmas palavras.

Veja *Refutação*.

Apophthegma. — É um dito notavel breve e sentencioso de pessoa celebre; vindo a proposito, presta á linguagem muita graça ou força, energia e vivacidade.

Apophthegma, *Aphorismo*, *Axioma*, *Maxima*, *Sentença*, são synonymos.

O apophthgma exprime mais particularmente as sentenças dos homens respeitados por sua classe ou por sua doutrina.

Nos Proverbios de Salomão possuimos um compendio magnifico de apophthegmas. Eis alguns:

O temor de Deus é o principio da sabedoria.

Não te deixes seduzir pelos afagos do peccado, nem condescendas com elle.

Não sejas sabio a teus proprios olhos: teme a Deus, e aparta-te do mal.

Remove de ti a boca maligna, e estejam longe de ti os labios que detraem, etc.

Aporia. — Figura de rhetorica pela qual o orador se mostra duvidoso sobre o que hade dizer, hesitando no meio do discurso.

Após.— Preposição indicativa de *logar posterior*, synonymo de *atras*; v. g.: *um após outro*. *Saiu após elle*.

Muitas vezes pospõe-se-lhe a preposição *de*; v. g.: *após de mim virá quem bom me fará*.

Aposiopese.— É a figura de rhetorica que consiste em suspender o sentido de uma phrase, e em deixar ao leitor ou ao ouvinte o cuidado de a completar. Esta figura, tambem chamada *reticencia* e que se manifesta pelo signal — (. . .) —, applica-se á interrupção causada por algum movimento de colera ou de indignação, e tambem exprime affectos de receio ou de escrupulo.

O mais bello exemplo que se pode apresentar d'esta figura é o — *quos ego*. . . de Virgilio. Os nossos classicos tambem nol-os dão e muito interessantes, como este de Camões :

> . . . . . morra emfim, nas mãos das brutas gentes
> Que pois eu fui. . . E n'isto de mimosa
> O rosto banha em lagrimas ardentes.

E est'outro do Padre Vieira :

O rustico veste como rustico e falla como rustico; mas um pregador vestir como religioso e fallar como... não o quero dizer em reverencia ao logar.

As phrases interrompidas são a linguagem propria dos transportes da paixão, que precipita ideias, e com a pressa não as deixa acabar á lingua, muito vagarosa n'este caso, para exprimir a rapidez do pensamento.

Tem bastante energia esta figura, e communica ao discurso uma grande força.

A aposiopese tem por synonymos — *Reticencia, Omissão, Suspensão, Ellipse.*

Veja *Reticencia*.

Apostilla.— Nota, declaração, addicionada ao contexto de alguma escriptura; signal, ou breve advertencia e reparo que se põe na margem de qualquer escripto, livro, etc., para o criticar, esclarecer, rectificar, etc. N'este sentido, diz-se melhor — *annotação*. Nota supplementar lançada em diplomas de mercê, sobre a continuação d'ella; nova mercê, ou alteração na carta respectiva. O que se junta a uma carta depois de escripta, fazendo preceder esse addicionamento das iniciaes P. S. (*post. scriptam*). Recommendação lançada pela mão officiosa de um protector á margem de uma petição qualquer, em memorial ou requerimento.

Apostrophe.— Figura eloquente e ousada pela qual o orador desvia o seu discurso do objecto a que é consagrado,

para dirigir de repente a palavra a uma pessoa ou a uma cousa qualquer, seja para a invocar como testemunha, seja para lhe dirigir censuras.

É a mais viva e a mais efficaz de todas as figuras; mas por isso mesmo que o seu effeito é poderoso, e algumas vezes terrivel, como metralha da eloquencia, rasão maior para ser manejada com muita arte, e só muito opportunamente empregada.

Deuses protectores d'Athenas, apostrophava um dia o celebre Demosthenes, notando que o auditorio lhe não prestara attenção, *vêde com que avidez este povo escuta os contos frivolos e pueris, e a criminosa indifferença com que recebe os meus conselhos sobre os mais caros interesses da patria!*

E estas do nosso épico—
a um fallecido:

> Ó famoso Pompeu, não te pene
> De teus feitos illustres a ruina,

a Deus:

> Ó tu, guarda divina, tem cuidado
> De quem sem ti não póde ser guardado.

E est'outra, que se encontra na *Ulissea* de P. de Castro, a cousas inanimadas:

> Dizei-o vós, ó concavos penedos,
> Quantas vezes as queixas repetistes
> De minha imiga: e o éco, que me ouvia,
> A ultima voz, imiga, repetia.

Apostrophar as coisas insensiveis é como dar-lhes pessoa, vida, acção e sentimento; e então a apostrophe une-se á prosopopeia.

A Biblia está cheia de magnificas apostrophes.

Apostropho ou **Apostrophe.**—É o signal ortographico (') que se usa para indicar elisão ou falta de lettras, de que resulta alguma das figuras: — *Syncope, Apocope, Synalepha, Ellipse* — como em *esp'rança, gran'cruz, d'Elvas, co'os filhos*, etc., em vez de — *esperança, grande cruz, de Elvas, com os filhos*, etc.

Appellativos.— Dizem-se os nomes que designam individuos que têem caracteres communs entre si, i. é, que designam os individuos especificadamente; v. g.: *flor, livro, nuvem.* Oppõem-se aos proprios ou individuaes.

Veja *Commum, Substantivo.*

Appendice. — Addição, acrescentamento, supplemento

› fim de uma obra ou tractado, para illustração do que bastantemente explicado, ou para tirar as conclusões .

osição.— Esta figura de construcção a que alguns os dão tambem o nome de *apexegesis*, consiste no eme dois substantivos, collocados de maneira, que o separece como um adjectivo, qualificativo do primeiro e ia de extensão limita, ainda que a não explique, como mplemento restrictivo. Exemplo: *o Senhor separa o seu censa-lhe o* dogma *da unidade divina*, BASE *da antiga mantem esta* nação, *distincta das outras*, GUARDA *vigi seus preceitos e* EXEMPLO *vivo da sua omnipotencia.* *Appostos.*

ostos.— Dizem-se os nomes collocados em seguida a a outros, servindo-lhe de qualificativo; como: *a* cruz, *emblema do catholicismo.* Viriato, PASTOR *do monte Her-*

Portuguezes: cidadãos, soldados, senadores, fallo-vos em patria, nenhum d'estes substantivos é apposto; porrimem ideias distinctas e separadas do nome *cidadãos.* se dissermos:— *Lisboa, cidade de marmore, rainha do a guerra, fructo da ambição ; o trabalho, fonte de toda a:* os substantivos — *cidade, rainha, fructo, fonte* — são que podem resolver-se n'outras tantas orações, explida ideia que ligamos ás palavras — *Lisboa, guerra,* —, e ás quaes servem como de accessorios ou comos.

o substantivo, ou expressão equivalente, póde junpposto, i. é, outra designação substantiva da mesma ou cousa, para determinal-a ou caracterisal-a com maior ação. Exemplos: *Vasco da Gama, o forte capitão. O checo. Achilles lusitano. Leonardo, soldado bem disposto. exemplo de belleza. Diadema e sceptro o ornavam, insi realeza.*

osto ou se junta immediatamente ao substantivo, como nplo acima, e n'este caso é uma simples qualificação, ligado a elle por meio de uma particula (adverbio, ou ção empregada adverbialmente), e n'este caso, não só a mas tambem exprime alguma relação mais:— causa, omparação ou outra—; v. g.: *D. João de Castro, quando da India, empenhou os cabellos da barba.*

«Joanne sempre illustre alevantado
«Por rei, como de Pedro unico herdeiro
«(Ainda que bastardo), verdadeiro.

Um apposto pode até pertencer para o sentido de uma oração: v. g.: *as redeas fluctuavam á solta, signal evidente da distracção do cavalleiro.*

Veja *Accessorios.*

Apurado. — Diz-se o estylo que brilha pela boa escolha e airosa collocação das palavras, e não por luxo de colorido, nem pelos grandes movimentos da sensibilidade. Se usa de ornatos, é dos breves e correctos, e não dos brilhantes e arrojados. As cadencias das suas clausulas são variadas, mas sem harmonia estudada. A expressão é mais elegante e ornada que no estylo simples.

N'esta especie do estylo podem ser escriptas, uma carta familiar, uma memoria sobre o assumpto mais arido; e até poderá ser lido com prazer um sermão ou tratado philosophico.

A este estylo que tambem se diz *florido* e *medio,* oppõe-se o estylo affectado.

Os dotes especiaes do estylo apurado ou florido são: a *riqueza,* a *finura,* a *delicadeza* e a *graça.*

A RIQUEZA *resulta da união da abundancia com o brilho, o que se consegue pela affluencia bem regulada de conceitos e imagens vivas e numerosos torneios de phrase, mas de modo que não degenere em excesso.*

A FINURA *consiste na facilidade com que se pode perceber uma parte do pensamento, deixando por assim dizer adivinhar a outra; brilha pela vivacidade da expressão, ligada a uma certa subtileza. Refere-se á intelligencia.*

A DELICADEZA *é a qualidade que no estylo consegue encobrir uma parte dos sentimentos que queremos dispertar em quem ouve ou lê; e serve para adoçar, por assim dizer, uma censura, ou tornar menos viva e intensa uma emoção. E' o mesmo que a finura, mas referida ao sentimento.*

A GRAÇA *do estylo provem não só de serem risonhos e engraçados os conceitos, mas ainda mais da originalidade e feliz escolha dos ornatos com que se manifestam.*

Ar. — Veja *Desinencias.*

Aranzel. — Narração longa e enfadonha. É tambem empregado n'outras accepções.

Aravía. — Linguagem inintelligivel, embaraçada; tambem se diz *Arabía.*

Arcadia. — Veja *Academia.*

Arce. Arch ou **Archi.** — Veja *Prefixos.*

». — Figura que resulta do emprego de pala-
a inteiramente antiquadas; como: *affeito* por
or *então; quiçá* por *talvez; abilhar* por *vestir;*
'ar, etc.
palavras tanto pode ser effeito de negligencia,
io.
se os archaismos; é comtudo permittido rein-
llario palavras uteis de que se perdeu o uso,
a sido substituidas; como: *doesto, puridade,*

tiga veneranda fonte dos genuinos classicos, e
rentes da antiga, sã linguagem, rompam-se as
latinas.»
devido ás seguintes causas: 1.ª desappareci-
;o significado pelas palavras; v. g.: *alcaide,*
moda que faz olhar muitas palavras como ri-
orno, botar; 3.ª o pedantismo que rejeita mui-
que desconhece o uso; 4.ª o sentido obsceno,
lavras; 5.ª a synonymia; assim *forçar* fez cair
: 6.ª o sentido novo que se dá a uma palavra,
r usada no primitivo; v. g.: *manha,* boa qua-
ada para significar o contrario.
oppõe-se o *neologismo.*
haico da lingua portugueza vai até cerca dos
metade do seculo XVI.

ja *Arce* (Prefixo).

Dá-se este nome a qualquer pratica, discurso
e se repetem, em publico ou em particular, ra-
ertinentes e muitas vezes capciosas para en-
iosas e inintelligiveis que nada querem dizer,
n para massar os ouvintes.
utros, é uma especie de *arrazoamento* oratorio,
que se dirige a um grande concurso para com-
commummente para animar os soldados a em-
lados a batalha, ou qualquer perigosa empreza.
bem, em notaveis circumstancias, a corporações
pessoas eminentes. A arenga dirige-se pois ao
ndo por fim persuadir e mover.

s que os antigos generaes faziam a suas tropas
combate; devem attribuir-se antes ao artificio
storiadores ou dos poetas, que á eloquencia de

sentido fazem os grandes conspiradores aren-
ara excital-o á rebellião. Os sabios e valorosos

concorrendo para a producção da ordem material ou mo d'uma harmonia cujo fim definitivo é a civilisação e a felicida

A arte comprehende todo o vasto dominio da actividade h mana, todas as relações realisaveis entre a alma e o mun exterior.

Quando a arte corresponde a uma concepção geral do u verso e aos sentimentos de todo um povo, as suas obras s grandiosas.

O poeta, o artista, o operario, devem, para fazer arte, produzir as formas naturaes com verdade, taes como elles conceberam, e imaginar combinações symetricas verosime dando-lhes um corpo onde respirem o sentimento e a intel gencia.

Muito se tem discutido sobre a natureza da arte, sobre seu principio, sobre o seu fim, e segundo o ponto de vista clusivo em que se collocam os differentes auctores, assim têm elles dado definições differentes ao que seja a arte.

Evidentemente *a arte em geral é uma cousa muito comple que abraça toda a natureza e todas as expressões, que pode te nunhar a alma humana, diversamente impressionada e transf mando suas sensações em harmonias sensiveis, com o fim de i struir, de commover, de agradar, de embellezar emfim o mund a vida social.*

Os sentidos do homem são variados, e os seus meios de e pressão variam igualmente. Em cada uma das divisões da a é preciso pois considerar a natureza dos objectos de que el se compõe, os meios de exprimir os seus effeitos, e o fim pa que essa expressão vem manifestar-se.

A poesia é uma harmonia nos pensamentos e nas palavra a musica é a harmonia dos sons; a pintura, a harmonia d cores; a esculptura, a harmonia das formas; a architectura, harmonia das proporções geometricas. Mas a harmonia prod zida pela arte deve ser um symbolo, que apresente á imagin ção realidades viventes; se assim não for, a forma, não tem em que appoiar-se, ficará adulterada, e para assim dizer e torpecida, e deixará de agradar, porque a arte dirige-se mesmo tempo á intelligencia e aos sentidos do homem.

D'aqui resulta que não se faz *arte para a arte;* se os p meiros artistas formulavam *uma symbolica* e *processos esthe cos*, evidentemente não podemos attribuir a estes process uma importancia exaggerada, a ponto de os considerarm como o objecto principal da arte; seria tomar o effeito pe causa.

Dividem-se as artes em *mecanicas* e *liberaes*. As *mecanic* são as que exigem sobre tudo o trabalho da mão ou o empre das machinas; é a industria humana nas suas applicações i

veis ou meramente *provaveis* subdividem-se em *proba-s*, em *mais provaveis*, e em *simplesmente provaveis*, con- maior ou menor numero de razões, ou de forças, em stribam entre a certeza e a duvida.

em se toma este vocabulo na accepção de *indicio, con-proca*; v. g.: *sua probidade é um grande argumento em sua innocencia. Os factos são sempre o melhor argu- breviam a discussão.*

ica ainda — *materia, assumpto, sujeito, exposição* breve ria que se contem em algum contexto mais largo de ; como os *argumentos dos cantos dos Lusiadas.*

mento pessoal. — Que tambem se denomina — *nem*, é um raciocinio comparativo na identidade, que **aração entre acções ou ditos de uma pessoa extrai, em ma relação** de identidade, uma de disparidade ou de o.

ga-se frequentemente para designar uma cousa que ectamente a pessoa a quem é dirigida.

para exemplo o dito de um camponez que, reprehen- Frederico o Grande, por não querer certa moeda que acceitava no thesouro real, o fez calar com este argu- essoal: — *Acaso a recebes tu?*

o. — Veja *Desinencias*.

o nome de *aria* á cançoneta ou composição lyrica de mero de versos, que nos dramas se substituiu aos an- os tragicos e comicos; é cantada em musica mais ar- que a demais lettra, ou fallas do drama, que são re-

Cantata.

zoado. — Exposição de razões, discurso, vocal ou pto, em favor de qualquer causa.

zoamento. — O mesmo que *Arrazoado*. É tambem de *Arenga*.

— Imitação da natureza reflectida na alma humana; o do bello ideal sob uma forma harmoniosa; apro- los objectos naturaes a todas as necessidades do ho-

que a arte na accepção mais extensa, é ao mesmo pensamento e a execução, o sentimento e a palavra,

Arte menor (de). — Dizem-se os versos de 7 sylla
tambem chamados *heroicos quebrados*; podem ter os acce
na 2.ª e na 7.ª, ou na 3.ª e na 7.ª, ou na 4.ª e na 7.ª, ou n
e na 7.ª Exemplo:

> «Que eu fosse emfim desgraçado
> «Escreveu do fado a mão:
> «Não se mudam leis do fado,
> «Triste do meu coração!

Articulações. — São os accidentes ou modificações
soffrem na pronuncia os elementos phonicos puros pela ad
ção de uma invogal.

Representam-se pois pelas invogaes e dividem-se em:
proferiveis, simples e compostas.

São sete as proferiveis, mas podem representar-se de v
e duas formas; a saber:

f...	(fé, afflicção, phoca)	f, ff, ph.
v...	(vai)	v.
ç...	(suisso, ceo, aço, maximo, etc.)	s, ss, c, ç, x,
z...	(aza, uso, existe)	z, s, x.
x...	(eixo, chega, ais, faz)	x, ch, s, z.
j...	(já, geme, osga, etc.)	j, g, s, etc.
r...	(rua, erro, rhetorica)	r, rr, rh.

Descontando repetições, reduzem-se a dezeseis, das qu
sete (s, c, x, z, ch, g, r) têem diversos valores:

s	ç... seu		c	c... ceo		x	x (ch)... eixo	
	z... uso			q... cá			z... existe	
	x... triste			x... cheio			ç... proxir	
							qç... sexo	

z	z... zelo; x... fiz	ch	x... chefe; q... chimica	g	j... gelo; gh... agua	r	rr...; r...

As simples são: — b, c, d, f, g, j, k, l, m, n, p, q, r, s, t
x, z; umas de valor certo, outras de valor incerto.

As compostas são: — ch, lh, nh, ph, rh, th.

*Quadro analytico das articulações, divididas e subdividi
conforme exemplifica a efficacissima* «Cartilha Maternal», *c
o benemerito poeta, sr. João de Deus, ensina que as articula
entremeando e recortando a voz, apezar da sua obscuridade,
são menos preciosas na palavra que as proprias vozes:*

s. As *artes scientificas* são as mesmas artes mecanicas, lo particularmente fundadas sobre a observação dos phe-uos da natureza; ou antes a pratica mesma das sciencias. *artes liberaes* são particularmente o que se tem chamado ção da natureza reflectida na alma humana, realisação do ideial sob uma fórma harmoniosa. Exigem no mais alto a acção da intelligencia; as necessidades do coração, da , tudo o que ha de vivo, de generoso e de apurado em nesmos empresta suas expressões; ellas teem sido consi-das como *bellas* entre todas as artes.

paganismo chamava-as *divinas*, porque representavam olhos dos povos as imagens dos deuses e a belleza corpo-u moral; mais tarde chamaram-nas *liberaes*, porque os ho-s livres pareciam destinados para as apreciar e exercer, opposição ás que só exerciam os escravos; mas hoje prin-lmente se entendem aquellas em que predomina o espirito; a pintura, a esculptura, a architectura, a musica, a poe-a rhetorica, a grammatica, etc.

arte é a habilidade reduzida a theoria; adquire-se pelo es-e pelo exercicio. O primeiro uso de uma arte é para as ne-lades da vida. O homem sabe variar as obras primas da

muitas vezes acompanhada de uma palavra que a precisa, que lhe determina o sentido; v. g.: *arte de fallar; arte de ver; arte oratoria; arte poetica; arte da pintura; as artes as; a arte musical*, etc. *A logica é a* arte *de raciocinar. A rinha construe o seu ninho com uma* arte *admiravel.*

is-se em geral da habilidade que tem uma pessoa para ar aos seus fins, para obter um resultado qualquer.

rrem muitas producções litterarias, nacionaes e estrangei-com o nome de *arte*, seguido de melhor designativo; taes : *arte de amar; arte de bem morrer; arte christã; arte vida ou vida sem arte; arte de cozinha; arte de dansar; entre os antigos; arte de furtar; arte judaica; arte moderna; poetica; arte de ser feliz; arte dos signaes; arte de verificar tas*, etc. etc.

eja *Bellas Artes*.

rte maior (de). — Assim chamados os versos de 12 bas, compostos de dois de 6 syllabas, accentuadas ordi-amente na 2.ª, 5.ª e 8.ª Exemplo:

> «D'espigas e palmas — coroemos a enxada,
> «Morgado e não pena — dos filhos d'Adão;
> «Mais velha que os sceptros, — mais util que a espada,
> «Thesouro é só ella, — só ella brasão.

Articulado.—Diz-se *som articulado* o que proc
quando dizemos a vogal modificada pela addição de
mais invogaes quaesquer, collocadas antes ou depoi
vogal; v. g.: *ga le no, ul ti mo, al vi tre, cul pa vel, fol in de mni zar*, etc.

Tambem se dizem *articulados* as razões expostas p
gos, ou o que se tem formado em artigos.

Articular. — É dizer clara e distinctamente as
as syllabas, as palavras, dividindo o som continuo
natural.

Articular é tambem propor em artigos, produzir por
los, dividir qualquer materia ou discurso em pequena
distinctas e lançadas em paragraphos.

Articulares. — Adjectivos articulares dizem-se
os artigos, definitos e indefinitos, mas os que são da
do artigo e que, juntos aos nomes, indicam deverem
mar-se *extensiva* e não *comprehensivamente;* v. g.: *este
aquella casa, esses senhores, meu pae, sua rasão, nossos
livros*, etc. que applicam a noção e comprehensão do
individuos.

Artigo.—É uma parte da oração que por si só
gnifica, mas, antes dos nomes, mostra que elles se nã
comprehensivamente e sim em sentido individual, mai
nos restricto.

Serve igualmente o artigo de indicar o genero e o
dos nomes a que se junta.

Pode ser: *indefinito—um, uma, uns, umas;* ou *defi
a, os, as* [1].

Os primeiros mostram que os nomes a que se jun
tomados em sentido vago, mal determinado; v. g.
sta-me um livro.

Os segundos, que os nomes se tomam n'um sentido
nado, ou que vai ser conhecido; v. g.: *traze-me o livr*
livro que já conheces, ou de que se vai tratar.

*No juizo universal tomará Deus conta, mas dará te
juiso particular toma conta, mas não dá tempo, porque
toma* o tempo *e depois* a conta.

N'este periodo do grande mestre da boa falla por
está terminantemente exemplificada a regra; porque

---

[1] O artigo definito pertence rigorosamente á classe dos pronom
strativos, e o artigo indefinito, á classe dos pronomes indefinitos. E
os artigos indefinitos a *certo, certa, certos, certas*, ou *qualquer*,
não póde confundir-se com o numeral *um*, que não tem plural e
ideia de quantidade determinada.

stantivos *tempo* e *conta*, só na ultima parte da sentença levam artigo, por ser aqui onde se *determina* qual seja o tempo e *a* conta de que se trata.

Ainda accrescentaremos um exemplo que serve de fazer ver por que maneira este determinativo individualisa e distingue qualquer nome. É do mesmo insigne Vieira: .... *pois todos estes que aqui tendes presentes não são tambem filhos vossos? sim, são: são meus filhos, mas não são o meu filho. Os outros tambem eram filhos, não o negava Jacob, mas o seu filho era José. Vai muito de ser filho a ser o seu filho.*

O artigo deve sempre preceder a palavra que determina, e d'aqui vem que se considera na classe dos determinativos sujeito, como vimos, aos accidentes de forma e numero, applicaveis nas regras de concordancia com o substantivo.

Junto ao adjectivo qualificativo, serve de o substantivar, dando ás propriedades, ou qualidades que elle significa, uma ideia concreta; como quando dizemos: *o bello, o bom, a branca*, — vale o mesmo que dizer: — *o que é bom, o que é bello, qualquer cousa boa* ou *bella*; o *homem bello, o alimento bom*, etc.

Igualmente substantiva uma ou mais partes quaesquer da oração, e até uma oração inteira, para poderem servir de sujeito, attributo ou complemento; como: — *o quando, o porque, os prós, os contras, um não muito terminante, o querer provar de mais*, etc.

Appropria os nomes communs; como: — a *Bahia*, a *Certã*, o *Porto*; ou torna os proprios communs: como quando dizemos: — os *Cesares*, os *Ciceros* os *Camões*, i. é, — os caudilhos como Cesar, os oradores como Cicero, os poetas como Camões.

Antecede o adjectivo collocado como epitheto antes do nome proprio; como: *o valoroso D. Nuno*; e do mesmo modo antecede o nome caracteristico por que alguem é conhecido; como: — *João o clemente, Fernando o formoso, Sebastião o desejado.*

Repete-se antes de cada um de dois substantivos ou adjectivos de significação opposta; como: *a humildade e a soberba destroem-se reciprocamente. O sabio e o ignorante, o nobre e o plebeu, o rico e o pobre são a antithese uns dos outros.*

Posto antes do comparativo, torna-o superlativo relativo. Exemplo: — *a melhor e a peior cousa que ha no mundo é o conselho: se é bom, é o maior bem; se é mau, é o peior mal. Tu és a mais formosa entre as cidades do mundo.*

Os artigos contraem-se com as preposições — *a, de, em,* do seguinte modo:

ao	em	vez de	*a*	*o;*	*aos*	em	vez de	*a*	*os*
á	»	»	*a*	*a;*	*ás*	»	»	*a*	*as*
do	»	»	*de*	*o;*	*dos*	»	»	*de*	*os*
da	»	»	*de*	*a;*	*das*	»	»	*de*	*as*
no	»	»	*em*	*o;*	*nos*	»	»	*em*	*os*
na	»	»	*em*	*a;*	*nas*	»	»	*em*	*as*
pelo	»	»	*per*	*o;*	*pelos*	»	»	*per*	*os*
pela	»	»	*per*	*a;*	*pelas*	»	»	*per*	*as*

Não se deve empregar o artigo, pelo menos em quatro ca
1.° antes dos *nomes proprios* por serem determinados p mesmos.
2.° antes dos *nomes communs* tomados attributivament precedidos de algum determinativo.
3.° antes dos vocativos, ou antes dos nomes de pesso cousas que chamamos, ou a quem nos dirigimos.
4.° antes dos substantivos synonymos, ou quasi synony
Exceptuam-se os nomes de montes, rios e mares, que d ser precedidos do artigo; como: *o Vesuvio, o Tejo, o Atla* e bem assim alguns nomes de provincias, republicas, re imperios e partes do mundo; como: *a Beira, o Equador, a turias, a Hespanha, a Europa, o Mexico,* etc.
N'estes exemplos o artigo determina o nome commum se subintende antes de qualquer dos mesmos exemplos; c — *o monte Vesuvio, o rio Tejo, o mar Atlantico, a provinc Beira,* etc.
O vocativo apparece em alguns classicos, precedido d tigo, mormente no principio da phrase ou do periodo.

Na leitura do artigo, desligado ou contrahido, o *s* do p liga-se com a palavra seguinte, em esta começando por ' ou *h,* e toma n'este caso o valor de *z*. Exemplos:

os heroes / *as armas* / *dos imperios* } que se lê { *ozeroes* / *azarmas* / *dozimperios*

e assim: *das horas, nas artes, umas aves, pelos olhos,* etc.

As armas e os barões assignalados
A zarmaze os barõezassinalados

Fallemos tambem de outro artigo ainda, que, posto p: de origem hespanhola é muito mais antigo que a domi

philippina; é o artigo *el*, anteposto á palavra *rei*. D. Diniz já assignava com a formula — *Eu Elrey* etc.; pelo que se suspeita ser este artigo nosso, ou derivado da lingua galliziana, que foi no principio da monarchia quasi uma mesma com a nossa, ou uma contracção do pronome pessoal *elle* (ille latino), antigamente muito usado; v. g.: «*para el, ou a quem el o der.*»

As. — Plural do artigo e do pronome *a*, forma feminina de *o*. Veja *A*.

Ás. — Contracção da preposição *a* com o artigo ou pronome *as*.
Veja *Á*.

Asiatico. — Diz-se o estylo verboso, empolado e vão, excedendo muito a exacta e escrupulosa proporção entre as ideias e as palavras; diffuso tanto nos pensamentos, como na expressão, que é carregada de ornatos excessivos e pomposos, e por vezes prolixos; pode este estylo denominar-se tambem redundante.
Veja *Attico, Atticismo*.

Aspas. — Veja *Virgulas dobradas*.

Aspiração. — No sentido restricto e grammatical em que tomamos aqui este vocabulo, é a acção de dizer uma vogal ou uma syllaba aspirando-a; assim para dizermos *harpa, heroe, hirto, homem, humido*, é preciso empregar alguma aspiração na primeira syllaba de qualquer d'estas palavras.
Toda a vogal no principio de uma palavra é precedida de uma pequena aspiração, e esta consiste no esforço da voz ao dizel-a. Esta aspiração em portuguez é quasi imperceptivel.

Assoantes. — Dizem-se as palavras que, tendo na syllaba predominante a mesma vogal, apresentam comtudo diversas invogaes; v. g.: *grato, dado; segue, leve; tino, rico; piedoso, molho; estufa, caluda*.
Este vocabulo não se emprega no singular em tal caso, porque não póde haver assonancia senão entre duas cousas.

Assonancia. — Dá-se este nome á rima incompleta que se limita ao emprego das mesmas vogaes, ainda que de outro modo articuladas, por serem acompanhadas de differentes invogaes, ao contrario da *alliteração* que repete as mesmas syllabas ou lettras. A assonancia é contraria ao genio da nossa lingua; são por isso raros os exemplos; eis aqui um, por signal bem desengraçado:

«Muito me pesa prima,
«Muito me pesa o seu *mal*,
«Assim elle me não pese
«E não me pode *pesar*.

Tambem se dá o mesmo nome á similhança approxin sonidos na terminação das palavras, ou á correspond som da ultima syllaba de dois versos, não sendo aquell que recai o accento metrico. Differe da *Consonancia*.

Assumpto. — Diz-se o que se toma para thema guma composição ou discurso. Confunde-se esta pala litteratura com *materia;* differença-se em que a *mate* genero dos objectos de que se trata, e o *assumpto* é o particular em questão. Uma obra versa sobre uma s ria, e tratam-se n'ella diversos *assumptos*. As verda Evangelho são a *materia* dos sermões; um sermão t *assumpto* alguma d'estas verdades, v. g.: — *o amor do p o perdão das injurias, o juizo final*, etc.
É necessario possuir toda a *materia* para tratar bem insignificante *assumpto*. Ha sempre *materia* na conv para as pessoas que fallam; não ha tantos *assumptos* versação para as pessoas que pensam.

Asteismo. — Figura de rhetorica, especie de iroi licada e elegante, que consiste em dissimular o louv adulação sob a apparencia da censura ou da reprehensi sim diremos: *eis aqui o mais ignorante alumno da minh* apresentando ao mesmo tempo o melhor e o mais estud
Felizes os que choram, porque serão consolados.

Asterisco. — Signal orthographico de que se ser impressores—(*)—para indicar: 1.º as chamadas á mar ao fundo da pagina (notas); 2.º as lacunas do texto anonymo do auctor ou da pessoa de que se trata. A pı chamada é indicada por um só asterisco; a segunda p etc. Uma serie de asteriscos indica os defeitos do oı Uma lettra maiuscula seguida de asteriscos é a inicial nome, ou marca um anonymo.
O asterisco é hoje menos usado que outr'ora; substit os algarismos no 1.º caso; nos dois outros, uma serie de

Asyndetica. — Diz-se a coordenação das oraçõe cada sem conjuncção; v. g.: *cheguei, vi, venci*.
Oppõe-se-lhe a coordenação *syndetica*.

Asyndeton. — Figura que consiste em supprimir gações e particulas, que deveriam collocar-se entre as pa

phrase e as mesmas orações, resultando d'esta omissão liscurso mais vivo e mais energico. Exemplos: *honras, les, fortuna, tudo favorecia a sua ambição. É preciso os homens, alterar as suas instituições, corrigir os seus ecassar de suas malfeitorias, torcer suas propensões vi-. Amparar o seu similhante, valer-lhe nas afflicções, na na doença, na morte, é innato desejo, é natural precisão ; homem social.*

sta figura se incute mais força e viveza á phrase, por-elerando a marcha do discurso, o torna mais animado.

— Preposição indicativa de *termo*, de *distancia* ou *me-*. g.: *até meio caminho; até noite; até 600 homens; cus-*2003000 *réis: estudar até saber.*

ado como adverbio com a significação de *ainda, tam-almente*: v. g.: *se se vendesse, até eu o comprara; sei é sei o que disse cada um. Agua molle em pedra dura até que fura.*

ega-se depois da preposição *desde*: *desde manhã até á desde o Minho até ao Algarve.*

o. — Veja *Desinencia.*

— Veja *Desinencias.*

ás ou Atraz. — Uma das preposições que marcam: ão posterior, na ordem do logar; v. g.: *mais de uma raz, atraz do gado*; na ordem do tempo: v. g.: *os dias dade pouco atraz da minha*; precedencia, fallando de cousa antes dita ou escripta; v. g.: *como atraz fica*

ões que com ellas se formam: — *deixar atraz*, por — *r-se, sobrepujar, exceder; tornar atraz com a palavra, repender-se, desdizer-se, revogal-a; fazer pé atraz*, em — *recuar; ficar atraz*, por — *não obrar quanto deve*, etc.

cismo. — Dizia-se o modo de fallar conciso e cerrado, cio de elegancia, o qual, frio como a razão, estava em estima entre os athenienses no tempo da sua gloria e virtude.

e sentido é opposto ao *asiatismo*, ao estylo de Cicero, lamente, seguido de uma equipagem de figuras, de um ortejo de ornatos.

ico. — Diz-se o estylo que guarda uma justa proporção as palavras e os pensamentos, de maneira que na elocu-da sobeje e nada falte; sendo composto ao mesmo tem-

6

po de pensamentos, finos e delicados, e de uma phrase limada, polida e depurada de palavras e ornatos improprios.

É um modo de dizer preciso e irreprehensivel nos pensamentos e palavras, ditas sempre muito a proposito; uma conveniencia nas expressões, uma familiaridade e uma flor de espirito, um talento de agradar, que parecem particulares ás pessoas em quem a educação auxiliou as felizes disposições da natureza.

O estylo attico tambem se denomina *preciso*, e é preferivel a muitos outros.

Attributivos.— Dizem-se os termos que exprimem uma ideia concreta, affirmando ou annunciando a existencia de algum attributo, cujo sujeito convem conhecer; taes são : os *verbos adjectivos*, os *adjectivos qualificativos*, os *substantivos adjectivados*.

Attributo.— É tudo que n'uma oração se affirma ou nega do sujeito de que se trata.

Podem servir de attributo um *adjectivo*, um *pronome*, um *substantivo*, um *verbo* no presente do infinito, e ainda uma *oração* inteira, que então se chama *integrante*. Exemplos : *a terra é redonda ; os pontos cardinaes são quatro ; essas são as nossas duvidas ; não sejas teimoso ; a caridade é uma virtude ; a cortezia é o laço que prende as vontades ; nada são os thronos e as riquezas em comparação da sabedoria ; a sabedoria facilmente é vista por aquelles que a amam ; trabalhar é viver ; desamparar seu pae na velhice é incorrer na maldição de Deus.*

O attributo vem algumas vezes elliptico, como n'estes dois exemplos : *não é das minhas attribuições, é de boa tempera ;* no 1.º subintenda-se para attributo o adjectivo *proprio ;* no 2.º, o participio ou adjectivo *dotado*, em sentido proprio ou figurado.

O attributo vem distincto do verbo, quando este é o verbo *ser*, e muitas vezes *estar ;* e implicito n'elle, quando é verbo adjectivo. N'este caso, e estando o verbo na voz activa, o attributo é o participio imperfeito representado pelo radical ; e na voz passiva, o participio perfeito, distincto do auxiliar.

O attributo pode ser : *simples* ou *composto*, *complexo* ou *incomplexo*. Veja estes artigos.

Sendo como o sujeito um termo da oração, pode o attributo ser considerado logica ou grammaticalmente : considerado logicamente, é tudo que em uma proposição é affirmado ou negado do sujeito de que se trata. N'esta phrase — *a liberdade é o primeiro dos direitos do homem* — a locução — *o primeiro dos direitos do homem* — é o attributo do sujeito — *a liberdade* — ;

mesmo numero em que está o verbo: exemplo: *bosque, ...*

respeito ao genero, observar-se-ão as seguintes regras:
sujeitos são do mesmo genero, o adjectivo ou partici-
a o genero dos sujeitos: v. g.: *são necessarias a cir-
ção e a prudencia.*

sujeitos são de generos diversos, o adjectivo ou o par-
rai para o genero do sujeito mais proximo, no caso de
regar o singular: v. g.: *é necessario o esforço e a vigi-*
ou *é necessaria a vigilancia e o esforço.* No caso de se
ar o plural, vai por via de regra para o genero mascu-
g.: *nem o sangue nem as lagrimas estavam enxutos; a*
os Apostolos foram sanctificados.

do o attributo é um substantivo que tem formas diffe-
egundo o genero, escolhe-se a forma correspondente ao
do sujeito, da mesma maneira que nos adjectivos; como
xemplo: *a historia é a mestra* (e não o mestre) *da vida.*

do o sujeito é o substantivo *parte* ou outro de significa-
titiva como — *porção, metade,* etc., *numero,* ou outro de
ação semelhante, acompanhado de um complemento da
pessoa do plural com a preposição *de,* que designe a
de objecto a que o sujeito se refere, o attributo pode
ar com o complemento, como se este fora sujeito. Exem-

Quando fizer parte de um sujeito composto alguma das pa lavras *tudo, todos, todas, ninguem, nada* (resumindo esse su jeito por syllepse), o attributo concordará com estes pronomes v. g.: *discursos, versos propheticos, palavras de santos, juizos d astrologos... tudo foi impresso, espalhado e commentado. Ricos nobres e plebeus, ninguem foi poupado.*

Quando um sujeito composto é seguido de *cada um* ou *cad qual*, como appostos, o attributo, se se refere immediatament a estes pronomes, concorda com elles; v. g.: *homens, mulhere velhos, crianças, cada um era recebido alegremente.*

Quando a *mais de, menos de, cerca de, obra de, cousa de perto de*, se liga um attributo, a concordancia faz-se como s estas palavras não entrassem na oração; v. g.: *estavam anco rados no porto cerca de tresentos navios.*

Quando o sujeito é uma expressão de tratamento, como: *Su Santidade, Vossa Eminencia*, etc., o attributo concorda com nome proprio da pessoa que recebe o tratamento; v. g.: *Su Santidade está bem lembrado. Vossa Magestade é muito caridosa* sendo rainha, e *muito caridoso*, sendo rei.

Se dois ou mais sujeitos representam uma só pessoa ou cousa, o attributo concorda com o mais proximo; v. g.: *est soldado valente; este poeta sublime; esta gloria nacional foi des amparada no leito da dor.*

Quando o sujeito é o pronome *vós* (ou o pronome *que*, a ell referido) designando uma só pessoa, o attributo concorda em genero, mas não em numero; v. g.: *vós sois feliz; vós sois bo* (ou *bom*, referindo-se a pessoa do sexo masculino).

O attributo pode ser do plural, embora o sujeito seja do sin gular; exemplo: *na conversação não era* (o P.e Vieira) *um s homem, era muitos homens* (rarissimo).

O verbo *ser* concorda algumas vezes com o attributo, quand este é um substantivo e não está regido de proposição; v. g. *a renda de Pedro são dois mil cruzados. O que mais me agrad são as pinturas.* Ainda querendo dar-se um outro giro a esta phrases em sentido opposto, a concordancia será a mesma v. g.: *mil cruzados é a renda de Pedro. As pinturas é o que mai me agrada.*

Todavia em algumas phrases podemos fazer concordar o verb com o sujeito ou com o attributo; exemplo: *o meu jantar é la ranjas e pão*, ou *são laranjas e pão;* esta concordancia é sempr

nais agradavel. Ha casos em que a concordancia só pode ser com o attributo; v. g.: *tudo isso são historias*. Veja *Concordancia*.

Au. —Veja *Desinencias*.

Augmentativos. — Dizem-se os appellativos derivados que, alem da ideia principal contida nos primitivos, exprimem, com o auxilio das terminações affixas, ideias accessorias de *grandeza*, de *força*, etc., acima do vulgar.

As terminações que de ordinario dão a conhecer os augmentativos são: — *ão*, *ona*, simplesmente, ou precedidas de outras lettras que deixaram alterada a terminação do nome a que se juntam; e *aço*, *aça*, *ar*, *ote*, em que ha menos exaggero que nas primeiras. Exemplos: *mulherão*, *mulherona*, *toleirão*, *toleirona*, *homemzarrão*, *rapagão*, *medalhão*, etc.: *mestraço*, *mulheraça*, *beberraz*, etc.

Alguns augmentativos são do genero masculino, embora os seus respectivos primitivos sejam do genero feminino, como: *mulherão* (m.), derivado de *mulher* (f.) *garrafão*, etc.

Tambem se contam adjectivos nos augmentativos; taes são: *sabichão*, *valentão*, *doidarrão*, *grandalhão*, *espertalhão*, etc.; esses e semilhantes teem a forma feminina em *ona*.

Muitas vezes empregados ironicamente para depreciar; v. g.: *valentão*, *valentona*; *sabichão*, *sabichona*.

Os adjectivos terminados em *udo* podem ser considerados como uma especie de augmentativos, porque exprimem sempre abundancia ou a força, o excesso de talhe ou de dimensão — *udo*, *graúdo*, etc.; outros apresentam formas irregulares; o: *gorduchudo*, *pedinchão*, *tristonho*, *ricaço*, etc.

[illegible]mam igualmente a designação de augmentativos alguns [illegible]os derivados que se formam na lingua portugueza, tanto [illegible] meio de desinencias alteradas do verbo latino *ago*, *is*, que [illegible]a ideia de *augmento*, *extensão* e *grandeza*, como por meio [illegible]oposições que lhes dão força intensiva. Dos primeiros te[illegible]entre outros, os verbos: *alterar*, *esbofetear*, *farpear*, *fol*[illegible]*passear*, *vaguear*, etc. Dos segundos: *realçar*, *exalçar*, [illegible]*r*, *esbravejar*, *resfriar*, *consolidar*, *tressuar*, etc.

[illegible]uns formam-se juntamente por meio das indicadas desi[illegible]s e de preposições; v. g.: *esperdiçar*, *impacientar*, etc.

[illegible]ertas palavras que são naturalmente augmentativas e [illegible]m positivo; entre outras temos: *comilão*, *comilona*; *cho*-

rão, chorona; estirão (sem feminino), ou de formas isoladas como: *cabeçorra, copazio, corpanzil, poetastro*, etc.

Note-se que nem todos os substantivos são susceptiveis d'este grau de significação.

Autographo.—Qualquer escripto ou producção do espirito, que está feita pela propria mão do auctor a quem se attribue. O opposto diz-se *apographo*.

Ha pessoas que estimam e colleccionam autographos de homens celebres, como reliquias preciosas.

Os autographos podem reproduzir-se por meio de processos litographicos sem a menor alteração; a esta arte dá-se o nome de *autographia*.

Auxesis.—É o vicio d'ornato, que consiste em dar nomes mui subidos a cousas pequenas. É synonymo de *hyperbole*.

Por meio d'esta figura se dá expressão muito superior á grandeza do objecto, como se ao *voluptuoso* se desse o epitheto de *malvado*.

Deixa de ser vicio, quando sobrepensado se quer exaggerar o objecto ou excitar o riso.

Auxiliares.—Dizem-se os verbos que, juntos com outro lhe formam os tempos compostos, ajudando-o a exprimir os diversos modos de significar a acção.

Os principaes verbos auxiliares são: *ter, haver, estar*, e o verbo *ser*, quando, com o participio perfeito dos verbos adjectivos forma as linguagens da voz passiva.

Servem tambem de auxiliares—*andar, começar, entrar, ficar, ir, vir; acertar de, cessar de, deixar de, dever de, tornar a*, etc.

Quando os verbos servem de auxiliares não conservam exactamente a significação propria; nas phrases—*ter dito* e *ter bens*,—a ideia que offerece o verbo *ter* não é certamente a mesma.

Assim pois, já como auxilio para mais cabalmente ficar expressa a maneira de ser, ou a acção enunciada pelo outro verbo a que se junta—*ando a ver, vou vivendo, deixei de ver*, etc. já como auxilio para a formação dos *tempos compostos* ou da *voz passiva*—*tenho vivido, sou estimada*, os verbos auxiliares prestam um importante serviço ás differentes maneiras de enunciar a acção. Veja *Observações* nas tabellas das conjugações dos verbos.

Axioma.—É toda a proposição olhada como verdadeira não deixa a menor duvida, veo algum sobre a certeza da sua immediata percepção; não carece por tanto de demonstração

Exemplo: *o todo é maior que uma de suas partes. Não ha effeito sem causa.*

Eis aqui dois axiomas, tão evidentes por si mesmos, que nem são susceptiveis de ser demonstrados.

São verdades necessarias, cujo contrario é absurdo, e que não podem demonstrar-se senão por factos, como — *o todo é maior*, etc.

Az-Azio. — Veja *Desinencias.*

B

Segunda lettra do alphabeto e primeira invogal, certa.

Uma das articulações improferiveis labiaes.

Chama-se *bê*; seu valor porem não é, nem toante nem soante; é improferivel; basta unir os beiços para que a voz saia modificada por esta articulação — *b'*..., semilhante no valor á invogal *p*.

Diz-se um *bê*, o *bê*, este *bê*, etc., sempre do genero masculino; d'aqui se vê que, para ser indicado, é necessario ajuntar ao seu valor a terminação vocalisada — *ê* —

Pode ser maiusculo — B — ou minusculo — b —. O minusculo dobra-se em algumas palavras como em — *abbade, abbadia*, etc.: nunca porem no principio das palavras. Nenhuma vantagem conhecemos n'esta duplicação de lettras.

Antes de *b* não se compõe syllaba nasal com a lettra *n* e sim com um *m*: v. g.: *ambos, embora, imberbe, combate, umbella*, etc.

O *b* do prefixo *sub* muda-se em alguma das lettras *c, r, p*, antes de palavra componente de outra que comece por qualquer d'estas lettras, v. g.: *succeder, surripiar, supplantar*, etc.

Bacharelada. Bacharelice. — Termos vulgares empregados para ridiculisar o costume de muitas pessoas que, com discursos enfadonhos e pretenciosos, sem nada dizer de substancioso, fatigam a quem as ouve, proferindo imperitamente e fóra de proposito uma saraivada de palavras sem importancia nem sentido.

Á bacharelada ou vicio de bacharelar dá-se o nome de *bacharelice.*

Ballada ou **Balata.** — Nome de uma composição poetica antiga, que se cantava dançando. Poemeto popular que se compunha de estancias regulares. Servia de *epithalamio.*

Banalidades. — Dizem-se os argumentos ou palavras

ociosas ou frivolas que se empregam em qualquer discurso ou falla.

Os comprimentos, as mais das vezes, não passam de banalidades.

Barbarismo. — É a infracção das regras e da pureza da linguagem que se adopta na expressão dos juizos.

Tambem se denomina *peregrinismo.*

Commette-se: 1.° quando se empregam palavras ou phrases que nem o uso nem os bons escriptores as têem adoptado, ou por serem estranhas á lingua (gallicismos), ou ainda por outras razões; como: *affazeres,* por *occupações; chefe d'obra,* por *primor d'arte* ou *obra prima; faz-se calculos,* por *fazem-se calculos,* etc. 2.° quando se dá a qualquer palavra uma significação que lhe não pertence; v. g.: *desaperceber,* por *desperceber,* como se em vez de — *desacautelado, desarmado, não provido,* dissessemos — *não percebido, não comprehendido;* do mesmo modo: *emoção* (motim ou alvoroto), por *commoção* (turbação ou agitação *do animo).* 3.° quando se escrevem ou pronunciam as palavras incorrectamente; como *sastifação* em vez de — *satisfação; ingnoro* por *ignoro; tu fostes, vós fosteis,* em vez de — *tu foste, vós fostes;* e assim: *cravão, hades ir, handem vir, faz isto, traz isso, diz aquillo, conduz est'outro,* etc., por — *carvão, has de ir, hão de vir, faze isto, traze isso, dize aquillo, conduze est'outro,* etc.

Commette-se emfim *barbarismo,* todas as vezes que na falla ou na escripta, se empregam formulas ou phrases, não consagradas pela auctoridade dos mestres da lingua, que devem sempre tomar-se para modelo.

Não deve confundir-se o *Barbarismo* com o *Solicismo,* que é uma locução viciosa, por defeito na construcção das phrases.

Battologia. — Vicio de elocução, que consiste em repetir o que já se disse em termos identicos, ou pouco mais ou menos semilhantes; abundancia de palavras superfluas e ocas de sentido. Podemos citar como um exemplo d'esta figura a seguinte redundancia de expressões: *gozemos os fructos da paz e da concordia, saboreando os pomos colhidos da tranquilidade e do socego.*

Bellas Artes. — As bellas artes são a reverberação da phisionomia dos povos; o espelho de mil faces onde cada um d'elles vem alternativamente reflectir os mil cambiantes de seu caracter, e com cujo auxilio o distinguimos nas idades, curvado sob a barbarie, ou resplandecente dos beneficios da civilisação, conforme os tiver desprezado ou cultivado com amor.

De um preço inestimavel, de uma vantagem incomparavel, a

ellas artes, depois de ter engrandecido e embellencia de uma nação, ainda lhe presta o maior serella já não existe, dando testemunho do seu ge- futuras, e levando sua gloriosa memoria até á posteridade.

ıação de *bellas artes* designa particularmente a a *esculptura*, a *pintura* e a *musica*, a que muitos a *pantomima*, ou linguagem dos gestos, e a *pa-* ıguagem dos sons articulados.

tores contam seis *bellas artes*, de que fazem seis inguagem, seis maneiras de manifestar o pensa-*sica* ou a linguagem dos sons modulados; a *escul-* inguagem por imitação das fórmas dos objectos *architectura* ou a linguagem pelas disposições si-las construcções; a *pintura* ou a linguagem ex-côres lançadas sobre uma superficie plana; a *pan-* manifestação do pensamento por meio de gestos gesticulação); a *poesia*, a *rhetorica* e a *gramma-* s de conseguir a boa elocução, i. é, a manifestação atos pela palavra, quer fallada, quer escripta.

Lettras. — Toma este nome a parte das lettras evela o que ha de melhor em eloquencia, em hisilosophia, em poesia, em grammatica, i. é, o conroducções do espirito humano na ordem do pensado sentimento e da acção.

lettras são o mais rico apanagio da humanidade. eira dolorosa para o ideal, fazem ellas a alegria a sua consolação e, muitas vezes, um ponto de se lançar em novas sendas de progresso; assim s com seu esplendor brilhante distinguir os seculos de Augusto e de Leão x.

refugio, a Thebaida sagrada das almas quebranspiritos illudidos, das actividades anhelantes; os sejado muito, os que tudo têem querido abarcar, nagnificos, corações ingenuos e altaneiros genios, contram um balsamo para as suas angustias, um aspirações. Todo aquelle que tem sentido palpitar b o peito o infinito, pode aplacar a sede ardente nia, na pura e eterna fonte das *bellas lettras*. Thers civilisações, a nação que as despreza tem necessmente proxima a sua decadencia.

as, Litteratura.

-Veja *Sublime*.

Bem. Bene. Bi. Biblio. — Veja *Prefixos*.

Biformes. — Assim chamados os adjectivos de duas [illegible]mas, das quaes uma, a primeira, destinada á concordancia [illegible] os substantivos do genero masculino, e a segunda, com [illegible] genero feminino; como: *rico, rica, surdo, surda*.

São biformes os adjectivos terminados em *ão, eu, ez,* [illegible] *o*: como: *são, sã*[1]; *hebreu, hebrea*[2]; *portuguez, portugu*[illegible] *branco, branca*; *abrazador, abrazadora*[4]; *cru, crua*.

Os adjectivos de quaesquer outras terminações são u[illegible]mes. Exceptuam-se: *bom, mau, hespanhol, andaluz*, que f[illegible] — *boa, má, hespanhola, andaluza*.

Nos adjectivos em que o *o*, fechado no singular, passa p[illegible] aberto no plural, tambem esse *o* fechado passa para aber[illegible] forma feminina, tanto no singular, como no plural; v. g. [illegible]*moso, formosos, formosa, formosas*, e assim *ditoso, piedoso,* [illegible]*doso*, etc.

Bil. — Veja *Vil*.

Bimembre. — A que tambem alguns dão o nome d[illegible] [illegible], e o periodo que consta de dois membros; como este[illegible] [illegible] *que este só dia ba*[illegible] [illegible].

[illegible] *agradam sempre; são livro*[illegible] [illegible]

[illegible] *escripto com arte; não* [illegible] *methodo*.

Neste [illegible] a 1.ª [illegible] é o 1.º membro e [illegible] 2.ª [illegible] serve de inciso; a 3.ª é o 2.º [illegible] 4.ª [illegible] que lhe serve de inciso.

Bio. [illegible]

Biographia. [illegible] historia que tem por ob[illegible] a [illegible] principalmente a dos homens

[illegible] *sabich*[illegible] [illegible] fazem

[illegible] são uni[illegible] [illegible] duas f[illegible] [illegible] ambas [illegible] represent[illegible] [illegible]

s acções e cujos trabalhos segue passo a passo, offe-
xemplos que devem seguir os homens de todas as

rcialidade deve ser a primeira condição de uma boa
a; não tem porem succedido assim em muitas publi-
este genero, feitas para servirem as paixões e os in-
le um partido.
s biographias não têem menos importancia que a his-
rem conhecer os homens, seu espirito, seu caracter,
ões; põem-nos sob os olhos as lutas da coragem e do
ntra as falsas situações em que nos colloca a má con-
da sociedade; mostram-nos como os verdadeiros apos-
humanidade, os defensores da verdade e do direito,
rido e combatido pela justiça e pela rasão; finalmente
aos leitores o desejo de imitar as boas qualidades, que
sua vista.

-Termo usado para fazer repetir o que acabou de
ou cantado, e de novo se deseja ouvir.
refixos.

— Veja *Desinencias.*

dade. — Vicio de pronunciação que consiste em sub-
na invogal suave por outra aspera, de cuja articulação
vicio que tem aquelle nome; v. g.: *zoia* por *joia;*
r *sabão; caginhos* por *carinhos,* etc.
idade tanto pode provir de um defeito nos orgãos da
omo de certa preguiça natural em alguns caracteres,
que poderia ter sido combatida nos primeiros dias da
, se se empregassem os esforços necessarios para se-
pronunciadas algumas syllabas gutturaes.

uejo ou **Syntomia.** — É uma pequena descri-
oçada com tão vivas côres, que a nossa imaginação,
zida pela imagem que ellas traçam, facilmente com-
uadro. Assim Camões só com dois versos nos faz ver
rogante do condestavel, inflammado em brios patrio-

A mão na espada, irado e não facundo,
Ameaçando a terra, o mar e o mundo.

enos vivo é est'outro do P.e Vieira: ... *mas quando*
gante de tão desmedida estatura, e armas eguaes aos
com que parecia uma torre de ferro, todos desmaiavam

bosquejos as primeiras linhas no desenho de um obje-

... palatal superior — ç..., o segundo
... encolhida) — k'...
... cedilhado (ç), ou seguido de *e* ou *i*
... mais casos.
... das formas duplas, e tem dois
... 1.°, igual á articulação soante *x*, é
... *cheio*, *chita*, *choupo*, *chuva*; o 2.°,
... uttural *q'*, é mais raro — *christão*, *encha-*
...
... stá quasi geralmente, o methodo do sr. João
... ainda dar, como elle dá, a esta lettra o nome
... dendo aos seus tres valores, a cada um dos
..., como fizemos ao valor improferivel da invo-
... podermos nomear *bê*.
... maiusculo *C* ou minusculo *c*.
... a expressão numerica 100; dois CC, 200; tres
... seguido de um L (CL), 400; voltado e depois do I
... 500; e tendo ainda um outro C antes d'aquella for-
... valia 1:000.
... palavra começa por C dobrado (CC), ou cedilhado (Ç).
... nas palavras de prefixos *ad* e *sub*, em que o *d* ou
... dados em *c*, por começar a outra dicção por um *c*,
... em *accumular*, *acclamar*, *acceder*, *succeder*, *suc-*
... Dobra-se igualmente em muitas outras palavras.
... *protecção* (da terminação latina *ction*), *reducção*, *in-*
...
... é lido antes de *t*, como acontece em *facto*, *pacto*,
confundirem estes termos com *fato*, *pato*. Assim

cto, de modo que a pintura só é inceptada, ficando ao ouvinte o gosto de a acabar; como: *a gloria é a sombra da virtude. Honras humanas são jogos de meninos.*

Botano. — Veja *Prefixos.*

Brachy. —Veja *Prefixos.*

Brachylogia. — Diz-se o vicio de elocução, que consiste em uma brevidade excessiva e levada tanto além do que é permittido, que torna o estylo obscuro. Tambem se diz o estylo conciso e laconico; discurso resumido; modo de exprimir por sentenças ou maximas; aphorismo.

Braco. —Veja *Desinencias.*

Breves. — Dizem-se as duas syllabas finaes das palavras esdruxulas; como: *as*pero, *pyram*ide, *mathemat*ico; e a ultima das palavras graves; como: *paus*a, *costum*e, *fugim*os.

Tambem se dizem *breves*, em opposição a *longas*, as syllabas em cuja pronuncia se demora menos a voz que na das syllabas longas.

Brevidade. — É a qualidade do estylo, pela qual o orador ou o escriptor só diz o que é necessario dizer e nada mais. Ha certos trabalhos litterarios, como são as cartas, que requerem esta qualidade.

Consegue-se a brevidade pelo uso frequente dos relativos, dos pronomes, das interjeições, das phrases ellipticas, dos adagios, das sentenças e ainda pelo emprego dos incisos, dos membros e das figuras, cuja conclusão fica ao cuidado dos ouvintes ou leitores, ao seu discernimento, etc.

Esta qualidade levada ao excesso degenera em Brachylogia.

Bucolica. — Composição poetica em que se comprehende tudo quanto tem relação com os costumes pastorís, com as ideias campestres, com os sentimentos rusticos, com todas as inspirações emfim que d'elles derivam.

A este genero de poesia pertencem não só as bucolicas, mas as eglogas e os idyllios.

Bundo. —Veja *Undo.*

C

ceira lettra do alphabeto e segunda invogal, incerta.
uso considera este elemento da escripta do genero mas-
, como todos os mais do alphabeto.
dois valores: um *soante*, outro *improferivel*.
ma-se *cêke*. O primeiro valor profere-se com o folego,
a ponta da lingua na gengiva superior — ç...; o segundo
as um *modo* (lingua encolhida) — k'...
o 1.º valor, vindo cedilhado (ç), ou seguido de *e* ou *i*
: tem o 2.º em todos os mais casos.
binado com o h, é uma das formas duplas, e tem dois
— som e modo: o 1.º, igual á articulação soante *x*, é
ntissima: v. g.: *chá, cheio, chita, choupo, chuva;* o 2.º,
improferivel guttural *q'*, é mais raro — *christão, eucha-
machinista*, etc.
ittido, como está quasi geralmente, o methodo do sr. João
us, podemos ainda dar, como elle dá, a esta lettra o nome
têze, attendendo aos seus tres valores, a cada um dos
juntamos *e*, como fizemos ao valor improferivel da invo-
para a podermos nomear *bê*.
e ser maiusculo *C* ou minusculo *c*.
resenta a expressão numerica 100: dois CC, 200; tres
00; seguido de um L (CL), 400: voltado e depois do I
alia 500; e tendo ainda um outro C antes d'aquella for-
(CIↃ) valia 1:000.
uma palavra começa por C dobrado (CC), ou cedilhado (Ç).
a-se nas palavras de prefixos *ad* e *sub*, em que o *d* ou
am mudados em *c*, por começar a outra dicção por um *c*,
uccede em *accumular, acclamar, acceder, succeder, suc-*
, etc. Dobra-se igualmente em muitas outras palavras,
m *protecção* (da terminação latina *ction*), *reducção, in-*
o, etc.
sempre é lido antes de *t*, como acontece em *facto, pacto*,
e não confundirem estes termos com *fato, pato*. Assim
lê nas palavras — *caracter, instinctos, distincção, exacto;*
iz-se em *convicção, convicto*. Seria insulto dizer — *maioria*
cta (com pata).

cographia. — Dá-se este nome ao modo vicioso de
ver as palavras de uma lingua.
professores que procedem por exemplos de *cacographia*
sino da *orthographia*, violando de proposito as regras
parte da grammatica, para que os alumnos façam as
arias correcções.

Cacologia. — Dá-se este nome á locução viciosa, i.
modo de fallar incorrecto, no qual são violadas as regra
grammatica.

A *cacologia* é para a linguagem o que a *cacographia* é
a escripturação.

Cacophato. — Veja *Cacophonia.*

Cacophonia. — É o vicio de elocução, que result
uma dissonancia desagradavel ao ouvido; provém do enc
de vogaes a repetirem o mesmo som, ou da reunião de syll
que formam sentido torpe ou ridiculo; deve por tanto evita
pois que é contrario á clareza e correcção, primeiras condi
do estylo.

São notaveis as seguintes dissonancias:

Esta proposta como a eu concebo.
Este amor com que m'amaste.
Has no dizer tantas graças.
Soffrer aqui não pode o Gama mais.
Alma minha que te partiste.
Tantas batalhas dá nunca cansado.

Este defeito rude e desagradavel, opposto a uma das
dições do estylo que se não pode desprezar — a harmoni
phrase —, dispõe contra nós as pessoas que nos escutam,
ctorisa a critica.

E não se commette só, quando da reunião de duas pala
resulta uma dissonancia grosseira ou torpe, mas quand
abusa de uma phrase honesta para significar um sentid
sceno, ou quando, dividindo na pronuncia ou na escripta
palavra, fica uma das partes obscena ou sordida.

Cacophonicos. — Assim chamados os versos em
da união de duas palavras, ou da syllaba final de um voca
com a primeira do seguinte, resulta a cacophonia.

Cacozelon. — Vicio de ornato, que consiste no emp
de uma imitação infeliz, i. é, no uso de locuções que pas
os limites do verdadeiro ornato, e em que o genio do ora
destituido de juizo e de verdadeiro gosto, se deixa eng
com o bello apparente; taes são as palavras ineptas e re
dantes, a phrase escura, a collocação molle e effeminada,
fectação pueril de consoantes, de equivocos, etc.

Cadastro. — Registo publico, onde está assentada a q
tidade, qualidade e valor dos predios, das terras, etc., c
fim principal de servir de base á distribuição, equitativa e
porcional, das contribuições e mais impostos que devam r

ropriedade. Este processo, que é um principio e uma le, não está infelizmente seguido entre nós.

acia. — Restringindo o sentido d'esta palavra ás ras, diremos a marcha, queda ou inflexão harmoniosa s, quer na prosa quer nos versos, ou a maneira pela terminam.

não deve ser uma mistura de conformidade de ver- mudanças que se effectuam nos versos podem tam- e na prosa. A liberdade da composição em prosa susceptivel de mais variada harmonia, e conseguin- ais expressiva que a dos versos, cuja medida tem s, marcados pelo numero.

ão, que dava aos antigos a faculdade de collocarem pela ordem mais harmoniosa, nos é quasi absoluta- rdicta; mas esta mesma difficuldade não fez mais a emulação do genio; os escriptores de bom ouvido, outros recursos, têem sabido accommodar numero sentimento ou á imagem, que têem querido expri-

ısi impossivel *cadenciar* tão bem a nossa prosa, que asse uma harmonia sempre sustentada e igualmente nem os bons escriptores se têem applicado a pintar ıto, senão com palavras que ao mesmo tempo firam o ouvido.

ito da poesia ha uma cadencia simples, commum, que se sustenta igual em todos os pontos, que torna harmoniosos e correntes, que afasta com cuidado o pode ferir o ouvido com rudes sons, e que, pela differentes numeros e medidas, forma esta harmonia vel, que geralmente deve reinar em todo o corpo de omposição poetica.

ia, na poesia grega e latina, depende do numero e amento dos pés ou medidas periodicas, que entram ição dos versos, das cesuras, etc., e que varia con- ifferentes especies de verso.

uas vivas, a cadencia resulta do numero de syllabas e cada verso, da riqueza, da variedade e da disposi- ıas.

ntido auditivo que se dirige a cadencia; é ella que m dos requesitos principaes da arte oratoria.

ıbourgo. — Palavra modernamente adoptada do ı gallicismo que significa jogo de palavra; equivoco gem, que repousa sobre a dupla significação de dois s, ou palavras que têem a mesma consonancia, dif- om tudo no sentido e na orthographia.

Talvez que lingua nenhuma se preste tão facilmente jogos de palavras chamados *calembourgs* como a franc entanto, entre nós, o sr. Duarte de Sá tornou-se insigne passatempos inoffensivos com que Voltaire encavacou.

Eis aqui alguns modelos do calembourgos:

Dizia um provinciano voltando á sua terra:

—Vi tudo! Inclusivamente a rainha e *urrei!* (o rei).

—Acho que fez muito bem, lhe respondeu um farci dia até ter zurrado.

Uma senhora encommendava a um cavalheiro que curasse uma lã, que fosse muito fina e sobre tudo mu sivel ao corpo; elle rectificando o pedido, lhe respo que v. ex.ª pretende é uma *lanterna* (lã terna).

Qual é o homem que ha e que nunca existiu?—É

—Por que?—Porque é o homem que nunca *houve* (o

—O minha senhora, eu queria a mala (amal-a).

—Amar-me! repete a dama cheia de pejo. O sr. é de imprudente.

—Pois é imprudencia eu querer a mala que me fi quecida.

—Ah! a mala, essa... aqui está.

Calendario.—Livro que contém por ordem as paes divisões do anno—estações, mezes, semanas e o compõem; as variações da lua; os dias sanctificado dos, de gala, etc.

Na sciencia chronologica, a palavra *calendario* to accepção importante; é o methodo pelo qual cada p tigo e moderno, se tem guiado para formar o seu peri nual, e distribuir os dias d'esse periodo.

Pelo calendario solar contam-se em cada anno 365 proximamente 6 horas, tempo que a terra gasta em co o seu giro em roda do sol; um dia que aquellas 6 ho pletavam no fim de 4 annos, lembrou a Julio Cesar a dade de intercalar mais um dia em cada periodo de 4 n'esse anno contavam-se 366 dias, e chamava-se *bissex*

Mas em 1582, no pontificado de Gregorio XIII, tendo-nhecido que a terra gasta em fazer a sua revolução á sol 365 dias e 49 minutos, e que do excedente de 11 em cada anno provinha um erro, já então percebido de fez-se a reforma do calendario romano, pelo qual de 100 annos se ficaria cortando um dia a um anno bisse xando por isso de o ser (bissexto), excepto no fim de los, época em que o erro não é já senão de uma hora nutos.

Assim 1600 era bissexto, 1700 e 1800 não o foram, o será, e sómente o será o anno 2000.

dario chamou-se então gregoriano e foi adoptado por
ropa christã, á excepção dos paizes do rito grego.

raphia. — É a arte de traçar com perfeição os
da escripta; nem póde merecer o nome de *boa cal-*
a escripta, cujos traços se não approximem do dese-

alos XIV e XV produziram-se verdadeiras obras pri-
lligraphia, manuscriptos de lettras d'ouro ornados de
loridos ou enriquecidos de todas as illustrações, que
a esta arte n'aquella época.

mnia. — É a falsa imputação imaginada para ferir
a reputação de outrem.
nia desencadeia-se de preferencia contra os homens
ontra os que são uteis aos seus semelhantes, e cujo
tude ou caracter são uma perpetua e insupportavel
ra os ineptos, os impotentes, os maus e os inve-

a é com effeito o vicio que fornece o mais temivel
ao calumniador. Macúla a probidade como o lodo
rosa.
riumpha da calumnia, senão despresando-a, por que
dor cedo ou tarde ha de ter o seu *merecido premio.*

o. — Pequena composição poetica, lyrica, diversa
re assumptos populares, e em forma cantavel.
ordinario por objecto as situações campestres, e as
vadas pelo amor, saudade ou ausencia.
proprio d'esta especie de poesia é o medio, elevan-
lescendo, segundo a materia de que trata, unindo a
inalidade muita naturalidade e delicadeza de senti-

a-se o verso decasyllabo e heroico quebrado, ora só,
ado, solto ou rimado, terminando por uma ou mais
om que o poeta, fallando com a canção, conclue com
ensamento.
exemplo a seguinte canção de Camões, que parece
ar a supposição de que fora em Coimbra que o poeta
formosa Catharina d'Athaide, que tamanha influen-
epresentar em toda a sua vida:

Vão as serenas aguas
Do Mondego descendo,
E mansamente até ao mar não param;
Por onde as minhas maguas
Pouco a pouco crescendo,
Para nunca acabar se começaram.

Ali se me mostraram
N'este logar ameno,
Em que inda agora mouro,
Testa de neve e d'ouro,
Riso brando e suave; olhar sereno;
Um gesto delicado.
Que sempre n'alma m'estará pintado.

....

Cancioneiro. — Collecção ou livro de canções e outras poesias. reliquias da antiga poesia portugueza, que se attribuem com todo o fundamento aos primeiros seculos da monarchia, e que são hoje verdadeiros monumentos litterarios, que nos restam da escola dos trovadores. Mencionam-se os seguintes seis, ainda que alguns d'elles se perderam:

Cancioneiro da Ajuda, ou dos Nobres, composições anteriores a D. Diniz.

Cancioneiro do Vaticano, composições de D. Diniz e de todos os trovadores do seu reinado.

Livro das cantigas do Conde de Barcellos, cancioneiro que se attribue a D. Pedro, filho bastardo de D. Diniz.

Cancioneiro do Conde de Marialva, ignora-se quem o colleccionara nos tempos de Affonso IV. N'elle se encontram as canções attribuidas a Guesto Ansur, Egas Moniz, Gonsalo Hermingues, o *Poema da Cava*, a canção da *Reyna gloriosa*, e muitas outras.

O *Livro das trovas* de El-rei D. Duarte.

O *Cancioneiro geral* de Garcia de Rezende, collecção de poesias do seculo XV. Este cancioneiro tem muita importancia philologica e algum merecimento historico.

O *Cancioneiro* do poeta portuguez Jorge de Montemór.

O *Cancioneiro popular*, interessante collecção de trovas antigas e modernas, coordenada e publicada em 1867 pelo sr. Theophilo Braga este volume faz parte da obra que o mesmo auctor publicou sob o titulo de *Cancioneiro e Romanceiro geral portuguez.*

Cancioneiro das ilhas (coordenação do mesmo sr. Theophilo Braga), incluido no volume que tem por titulo *Cantos populares do archipelago açoriano.*

Cancioneiro ou *Romanceiro* do visconde de Almeida Garrett (incompleto).

Cancioneiro do sr. João de Lemos, collecção das suas mais formosas poesias, divididas por tres volumes, cujos titulos são: *Flores e Amores; Religião e Patria; Impressões e Recordações.*

Cançoneta. — É uma especie de *canção* ou *cançãosinha* em verso e musica; diminutivo de *Canção.*

Cantata. — É uma especie de poema lyrico, composto

-antado, e que offerece uma acção, ou heroica, ou ga-
pathetica, ou pastoril.
las partes, recitativo e aria. No recitativo narra o
sumpto, na aria faz reflexões suggeridas pelo recita-

itativo emprega-se o verso endecassyllabo só, ou
pico-quebrado, solto ou rimado.
, a redondilha maior e d'ahi para baixo, formando de
estancias regulares.
empregado no recitativo é o medio, elevando-se até
e, se a materia o pede.
ia é tambem o medio, descendo ou elevando-se, con-
ede o assumpto.
Bocage deixou-nos nas suas composições cinco ad-
modelos d'este genero de composição poetica, que se
: — *Medéa, Ignez de Castro, Leandro e Hero, Cantata
na Conceição de Nossa Senhora, e Cantata á Serenis-
sima D. Maria Thereza.*
cantata pode considerar-se como tendo já passado

ico. — Hymno em honra da Divindade.
sublime monumento d'este genero entre os antigos é
entoado por Moysés, depois da passagem do mar

ticos datam de bem remotas eras, e eram considera-
cto publico do reconhecimento dos homens para com
es o celebravam tambem para tornarem mais memo-
rtos acontecimentos, dignos de passarem á posteri-

mplos christãos usa-se cantar o *Te-Deum* em acção
pelo successo de actos publicos.
dos canticos se denomina um dos livros do Velho
to, e poucos haverá na *Biblia* que tenham sido, como
cto de tantos estudos especiaes e de tantas contro-

tico dos canticos foi traduzido pelo primoroso poeta
Deus em forma de dialogo e em verso octosyllabo,
do n'esta producção aquelle bucolico lyrismo que per-
os os seus poemas; encontra-se no volume — *Flores*
. O sr. Guimarães Fonseca tambem o soube vasar em
is versos.

iga. — Copla de versos menores para se cantar; can-

is se intitularam as composições poeticas, escriptas
mo o *Sabio* em versos de seis a doze syllabas, e con-

sagradas ao louvor da Virgem. Seu auctor chegou a determinar que estas suas composições fossem perpetuamente cantadas na egreja de Santa Maria de Murcia.

Cantilena. — É o canto suave e mavioso com que se recitam cantigas pastorís e simples.

Cantilenas se designavam na edade media os pequenos poemas de origem germanica, simultaneamente lyricos, epicos e guerreiros.

Alem das *cantilenas guerreiras*, destinadas a promover no povo o amor da patria, conservando a tradição dos feitos heroicos, havia tambem as *cantilenas religiosas*, destinadas a propagar a gloria dos servos de Deus.

Canto. — É toda a composição em verso. Os cantos do poeta immortalisam o heroe.

Dá-se tambem o nome de *canto* a cada uma das secções em que o poeta divide sua composição. Camões dividiu em 10 cantos o seu immortal poema os *Lusiadas*.

Ção, cção. — Terminação de muitos nomes substantivos do genero feminino: como: — *adoração*, *direcção*, *instrucção*, *perdição*, etc.: são masculinos — *arção*, *coração*; d'este mesmo genero são os augmentativos assim terminados, ainda que os seus respectivos primitivos fossem do genero feminino; v. g.: *cadeirão* (m.), de *cadeira* (f.); *portão* (m.), de *porta* (f.), etc.

Veja *Desinencia*.

Capitulo. — Uma das partes em que estão divididos certos livros, ou um tratado, um codigo, uma lei.

O uso dos capitulos serve de dar maior clareza ás materias, para mais facilmente se distinguirem.

Santo Agostinho compara os capitulos dos livros com aquellas hospedarias, onde os viajantes ficam para repousar.

A palavra *capitulo* é tomada em varias accepções, mas estranhas, á indole d'este nosso trabalho.

Caracter. — São vulgarmente conhecidas pelo nome de *caracter* as descripções de qualidades moraes, i. é, a physionomia moral do individuo, expressão constante e completa de sua personalidade.

Descrevem os costumes de uma classe, como: o *ambicioso*, o *avarento*, o *vaidoso*, etc.

Diz-se um caracter *impetuoso*, *irascivel*, *odiento*, *bondoso*, etc.

Caracteres. — Nome geralmente dado nas sciencias e

caracteres *algebricos astronomicos, typographicos, telegraphicos, musicaes*, etc.

nominação de *caracteres* publicou La Bruyère, dis- ptor e moralista francez do seculo XVII, um livro e, no dizer de Saint-Beuve, nunca será velho; em gina que se abra temos a certeza de encontrar uma e no fundo e na fórma, alguma coisa sobre que se ir e que ao mesmo tempo distrai. É uma serie de çados com finura n'um estylo conciso, energico e n imagens arrojadas e de uma variedade infinita.

eristica.—Diz-se a lettra que precede a termi- verbos, e que distingue a classe, a que os mesmos como: em *amar*, o *a*; em *dever*, o *e*; em *applau-* m igual denominação a lettra ou lettras, que se con- todos os derivados de uma palavra, como, CORPORAL, *corpo*; MANIFESTAÇÃO, de *manifestar*, etc.

naes. — São os adjectivos determinativos nume- designam uma relação de quantidade em abstracto, arcar a ordem; como:—*um, dois, tres, quatro, cinco* que se seguem.

naes *um, dois*, e de *duzentos* a *nove centos* inclusivè, genero, i. é, são biformes; os mais todos são inva-

guido de outro numero diz-se *cento*: v. g.: *cento e e dois*, etc., bem assim quando é empregado como

tenas e as dezenas — *quinhentos e cincoenta* e cinco; entre as milhares ou mil e as centenas, se estas não forem seguidas de um outro numero; v. g.: *cinco mil e oito centos*. No caso contrario supprime-se a conjuncção; v. g.: *cinco mil oito centos e sessenta*. O n.º 875,403,125 enunciar-se-á — *oito centos e setenta e cinco milhões, quatro centos e tres mil, cento e vinte e cinco*; se a unidade de que se trata for dinheiro, diga-se — *contos*, em vez de *milhões*, porque a palavra *conto*, que quer dizer *milhão*, só se emprega, quando se trata de dinheiro, e assim diz-se — *um conto de réis* — 1:000$000 réis; *um milhão de homens* — 1.000:000, com os mesmos algarismos, ou 12:000$000 réis (doze contos de réis); 12.000:000 de homens (doze milhões).

As quantidades exprimem-se sempre pelo numero cardinal á excepção do *primeiro* (do mez).

O uso tem consagrado os numeros cardinaes a alguns personagens estrangeiros taes como: *Leão 13* ou XIII; Luiz XIV ou 14, etc.; os algarismos romanos é que continuam a ser empregados n'este caso.

As fracções ($\frac{1}{2}$ *meio*, $\frac{1}{3}$ *terço*, $\frac{1}{4}$ *quarto*, $\frac{1}{5}$ *quinto*, $\frac{1}{6}$ *sexto*, $\frac{1}{7}$ *septimo*, $\frac{1}{8}$ *oitavo*, $\frac{1}{9}$ *nono*, $\frac{1}{10}$ ou 0,1 *decimo*), a partir de dez exclusivamente, exprimem-se acrescentando *avos* ao numero cardinal; v. g.: $\frac{1}{11}$ *um onze avos*, $\frac{1}{12}$ *um doze avos*, $\frac{1}{50}$ *um cincoenta avos*, etc., ou *onzavos, dozavos, cincoentavos*, etc.

Carta. — É a mensageira fiel que interpreta o nosso animo aos ausentes, aos quaes por este meio communicamos o que queremos.

As cartas não têem objecto especial de que forçosamente hajam de occupar-se porque, podendo ser o reflexo de quaesquer pensamentos e sentimentos da alma humana, tratam de todos os assumptos, desde o mais vulgar até ao mais elevado, e admittem por isso todas as formas do estylo, desde o singelo até ao sublime.

Entretanto adoptaremos a divisão enunciada por Cicero, indicando tres generos de cartas: *cartas commerciaes*, ou que dizem respeito á vida, fazenda ou estado de cada um; *cartas familiares*, entre amigos, sobre noticias, comprimentos, galanterias, etc.; *cartas philosophicas* ou *scientificas* sobre negocios mais graves, assumptos religiosos, politicos, militares, etc.

O 1.º genero comprehende as cartas sobre assumptos domesticos, economicos, civis e mercantes; o 2.º, cartas de novida-

odas as referidas especies devem observar-se como pre-
- *brevidade, clareza, propriedade e conveniencia.*
se, porem, que uma carta em que se devam tratar ou
questões, ou muitas faces da mesma questão, pode ser
todavia concisa; o que não poderá ser é longa e laco-
mesmo tempo.
das qualidades communs a todas as cartas, ha outras
s só de algumas: assim, por exemplo, as *commerciaes*
ser curtas e sem preambulo; as de *petição* modestas e
sas; as de *recommendação* escrevam-se de sorte que
risem bem a pessoa recommendada por suas virtudes e
nentos; as de *pezames* exigem um estylo simples, mas
avidade; as de *felicitações* devem ser amenas e agrada-
ssim como as de *novidade* ou *gracejos* entre amigos ou
de familia na mesma condição; as de *conselhos* reque-
idencia, mas sem arrogancia e afagando o amor proprio
le a quem se dirigem; as de *censuras*, embora energi-
o devem desprezar a polidez e a justiça, fazendo por
as queixas e a reprehensão.
alidade e condição das pessoas a quem se escreve, pre-
a certas formalidades e deveres que não é licito prete-
sim não se escreve a um superior do mesmo modo que
gual ou inferior; a uma senhora como se escreve a um
; a um velho, a um pae, do mesmo modo que a um col-
ı inferior.
geral aos superiores escreve-se com respeito, mas sem
lo nem servilismo; aos eguaes com uma certa familia-

Correm excellentes obras litterarias tituladas *cartas* seguidas de outro qualificativo, ou do nome do seu auctor, assim, não esquecendo a *Carta Constitucional*, mencionaremos principalmente: — *Cartas de Cicero*, *Cartas de Fénélon*, *Cartas persianas*, *Cartas do Padre Antonio Vieira*, e ainda outras que passam por optimas producções do genio dos seus respectivos auctores.

Casos ou **Variações.** — São as desinencias ou terminações que tomam segundo a funcção que exercem na oração, os nomes, os pronomes, os adjectivos e os participios.

A lingua portugueza não tem casos, a não ser para os pronomes pessoaes, unicas palavras que para exprimirem as differentes relações de complemento, á semelhança dos casos latinos, variam suas formas primitivas.

Veja *Declinação*, *Complemento*.

Para indicar aquellas relações serve-se dos *artigos*, das *interjeições*, das *preposições* ou das *posições*.

Indica: o sujeito, ou relação subjectiva, pelo nome proprio sem artigo, ou pelo appellativo com elle.

A relação vocativa, pela interjeição *ó*, e pela posição do nome entre virgulas.

A relação restrictiva, ou complemento restrictivo, pela preposição *de*, e sua posição immediata ao appellativo que restringe.

A relação terminativa, ou complemento terminativo, pela preposição *a*, antes da palavra por ella regida.

A relação objectiva, ou complemento objectivo, pelo nome quando é de cousa, posto sem preposição depois do verbo, de cuja acção é objecto; e quando o nome é de pessoa, algumas vezes, com a dita preposição *a*.

Emfim a relação ou complemento circumstancial, com o nome precedido, já de uma, já de outra preposição, conforme a circumstancia for de causa, de logar, de modo, de tempo, etc.

Assim suppre a lingua portugueza as terminações ou declinações que nas linguas transpositivas se chamavam casos, por meio dos quaes se podia alterar no discurso a ordem das palavras sem prejuizo do sentido; o que não succede nas linguas neo-latinas onde o pensamento repousa não sobre a terminação mas sobre a posição dos termos.

Catachrese. — Ou translação da palavra; figura que resulta do emprego abusivo de uma palavra em logar do termo proprio, metaphora ousada a que se deu com razão o nome de *abuso*; porque em verdade é abusar das palavras transportal-as para uma significação, a que parecem resistir, só pelo simples

) de semilhança; como n'estas phrases: *ferradas de fogo* *que levam. As searas têem sede; os fructos padecem. Ca-* *a em uma cana.*

atachrese convem melhor á poesia que á prosa; entre- não deixa de ser empregada algumas vezes pelos escri- eloquentes.

rem-se d'ella os rhetoricos na falta de uma expressão, que apresentar o pensamento como se deseja; a necessidade sculpar n'este caso o seu emprego, e o sentido que se palavras, salva a especie de contradicção que se lhes po- notar.

talogo. — Lista, rol ou inventario de nomes, pessoas uesquer cousas, postas por uma certa ordem.

e haver catalogos de livros, de estampas, de quadros, de has, de plantas, de mineraes, etc.

lica-se esta palavra mais geralmente á lista, ou relação ras contidas em uma bibliotheca, onde o catalogo é um) de primeira necessidade, devendo ser formado com a simplicidade e exactidão.

catalogo geral pode servir apenas para referencias a catalogos secundarios.

tilinaria. — Titulo dos quatro discursos pronuncia- r Cicero, contra Catilina.

-se por extensão o discurso violento pronunciado contra a: accusação energica e eloquente que se lhe dirige, etc.

usa efficiente. — Relação ou complemento circum- al de *causa efficiente* é o termo, que designa a pessoa ou por *quem* é praticada a acção, ou que produz o effeito si- ado pelo participio perfeito, constitutivo da voz passiva. regido das preposições *por* ou *de*, sós ou contrahidas com dos artigos definitos *(pelo, pela, pelos, pelas, do, da, das).* Exemplos:

tuas palavras, ó Christo, foram escutadas PELOS INDOMA- *nos da Gothia.*

filhos de Israel provados POR TODOS *os males, cortados* DAS *as calamidades.*

permitte que o seu altar seja demolido PELA MÃO *dos barbaros.* *a esteril deu á luz Isaac, treze annos depois de nascido* *, reconhecido* PELOS *arabes, como tronco da sua gente. O* *tivo posto* PELO PATRIARCHA *a este fructo desejado* DO SEU *significa filho da promessa e riso de alegria.*

---

considerar-se complemento restrictivo de *fructo;* mas se admittir-

O patriarcha fecha os olhos deixando um nome venerado POR TODOS OS ORIENTAES.

O homem, ainda o mais poderoso, é a final vencido PELA FORÇA *irresistivel da grande ordem das cousas.*

A diligencia POR NINGUEM *é mais admirada, que* PELO PREGUIÇOSO.

Os verbos apassivados pelo pronome indefinido *se*, não trazem expressa a causa efficiente, pode comtudo ser determinada pelo sentido dos periodos. Ex.: *sêde justos, se quereis que se vos faça justiça ;* i. é, *se quereis que justiça vos seja feita* PELOS HOMENS.

Depois da descoberta da imprensa, dizia Napoleão, invocam-se as luzes para reinar, e reina-se para escravisar; i. é, — *as luzes são invocadas* PELOS HOMENS *e o reinar,* (o facto, a acção de reinar) *é* POR ELLES *praticado para as escravisarem.*

Muitos são de parecer que o verbo em taes locuções está na voz activa, e o pronome *se* representa um sujeito, mais ou menos determinado, ou accommodado ao sentido, i. é: — *os homens invocam as luzes,* ou *alguem, quem quer,* (indefinidos) *invoca as luzes,* etc.

Causaes. — Conjuncções causaes ou particulas causativas são as palavras invariaveis, que se empregam para enunciar a rasão, ou o fim por que se faz alguma cousa; dão o seu nome á oração em que se empregam; taes são: — *porque, que* (com o valor de *porque), por quanto, como, pois;* e as locuções: — *já que, pois que, visto como ou visto que, para que, a fim de, pelo muito que, por isso, sendo que.*

Bossuet disse que o emprego das conjuncções causaes no discurso era o signal indubitavel do raciocinio.

Causal. — Diz-se a oração que exprime a razão, ou o fim de alguma cousa enunciada n'outra oração; e conhece-se pelas conjuncções causaes. Ex.: *quando se está bem com a fortuna, é preciso acaricial-a;* PORQUE, *se ella se retira,* NÃO VOLTA.

E diz bem: QUE A FORTUNA É *como a reputação, mui custosa de adquirir-se, e mui facil de perder-se.*

Occasiões ha em que, POR LIVRAR DE PERIGO A NOSSOS AMIGOS, *é licito pôrmo-nos em algum* (perigo).

Encolhe as azas, QUE TE ABRASAS, *louca !*

A causal pode ser de fim ou de razão.

Causativa. — Diz-se a particula posta antes da oração,

---

mos que o amor podia desejar aquelle fructo, o mesmo é dizer *do seu amor*, que *pelo seu amor;* a collocação transposta é motivo de amphibologia, que o auctor da phrase teria evitado construindo: — *a este desejado fructo do seu amor.*

em-a-auxilio do verbo *fazer*, empregado como auxi-
iplos: isso *fará desobedecer*, i. é,— será causa de des-
a. *Já vos fiz ver*... i. é,— fui causa que visseis.

llação. — Sophisma, rasão falsa, sophistica, enga-
ieto falso, cauteloso; astucia para induzir a erro, ou
promessa dolosa, etc.

. — Veja *Ção*.

r. — Veja *Suffixos*.

r. — Veja *Suffixos*.

lha. — Signal orthographico, similhante a uma pe-
gula, que se colloca sob o c quando este, precedendo
s *a*, *o*, *u*, da mesma syllaba, deva ter o valor de *s*,
erifica nas palavras — *caçada*, *lenço*, *açude*.

smo. — Dá-se este nome em accepção particular ao
ornato, que resulta da mistura de varias linguas ou
no mesmo discurso, e ainda de expressões sublimes
as, de antigas com modernas, de poeticas com as que
res, etc.
falta unidade; e, onde quer que esta não apparece
a a variedade, ordinariamente falta a belleza.

Esta pausa tem dois fins: offerecer ao ouvinte uma cade cia agradavel, concorrendo assim para a melodia do verso, aliviar o recitante, que se fatigaria, se fora obrigado a suste tar a voz na pronuncia de muitas syllabas sem respirar. É p isso que a cesura só tem logar nos versos de muitas syllab

Partindo a palavra pela sua ultima syllaba predominante, juntando as restantes com a primeira da palavra seguinte, t remos a cesura na expressão corrente da phrase, seja em pro ou em verso.

Conchega a mãe ao peito o filho amado
Concheg'a mãe ao peit'o filh'amado
Nobre e rica outr'ora
Nobr'e ric'outr'ora

Nos versos compostos, é de necessidade para a musica d verso; nos outros serve para lhes variar o andamento, dand lhes, conforme o logar em que se colloca, certa melodia viv ou doce, vagarosa ou grave.

Chácara. — Melopeia popular. Veja *Xácara*.

Charada. — Enigma d'um genero particular e que con siste na simples divisão de uma palavra em tantas parte quantas as syllabas de que a mesma é formada, uma vez qu cada syllaba, sendo por si só uma palavra, exprima um sentid completo.

Define-se vagamente, mas com verdade, cada parte, depo o todo, que tem de ser adivinhado. Eis aqui um exemplo:

1.ª parte........	Assim Leandro nadava — 1 —	*Nu*
2.ª »	E Hero lhe respondia — 1 —	*vem*
Conceito........	Umas vezes sou formosa Outras roubo a luz ao dia.	*Nuvem.*

A facilidade com que muitos adivinham esta especie de en gmas, levou os charadistas a introduzirem varias modificaçõ no systema de dispor as charadas para serem adivinhadas.

Compõem-se em prosa, em versos soltos ou rimados.

Chiro. — Veja *Prefixos*.

Chirographo. — Nome particular que se tem dado um acto redigido em dupla forma sobre uma só carta. Escr via-se duas vezes sobre o mesmo pergaminho, mas em senti contrario; no intervallo que separava as duas formas, escr via-se em lettras maiusculas a palavra *chirographo;* cortava em seguida a folha pelo meio d'esta palavra, e entregava

uma copia a cada parte contratante, como hoje se faz com os recibos de talão ou talonetes.

Tambem se dá o nome de chirographo ao escripto do proprio punho, ou á pessoa que exprime os seus pensamentos pelo movimento das mãos.

Chirologia. — Arte de fallar pelos dedos.

Chiste. — Dito conceituoso e engraçado; tambem se dá este nome a uma composição poetica mais ou menos conceituosa.

É synonymo de graça, e assim se diz — *tem chiste*, por *tem graça*; e tambem — *dar no chiste*, — por entender a difficuldade, perceber o conceito ou o segredo da sentença.

Chronicas e Chronistas. — São as *chronicas* exposições de acontecimentos, subordinados a differentes épocas por uma determinada ordem.

Differem da *historia* em serem menos ligadas pelas relações de causalidade e no conjuncto.

O chronista escreve sem paixão nem interesse; não discute, não commenta. o que não deve é deixar de fixar bem as datas, n'esse registo onde, sem preoccupação das causas, deixa consignados com indifferença os factos pela ordem de sua successão.

O primeiro chronista portuguez foi Fernão Lopes (1434), o primeiro na moderna Europa que dignamente escreveu historia. Alem do primor com que trabalhou sempre em apurar os successos publicos, adivinhou os principios da moderna historia.

Nas chronicas de F. Lopes não só ha historia, mas poesia e drama: ha a edade média com a sua fé, seu enthusiasmo, seu amor de patria. N'isto se parece com o quasi contemporaneo chronista francez Froissart; mas em todos esses dotes lhe leva conhecida vantagem.

Com isto e com chamar a F. Lopes o Homero da grande epopeia das glorias portuguezas, temos feito a tão illustre varão o mais cabal elogio.

A F. Lopes seguem-se: Gomes Eanes de Azurara (1459); Vasco Fernandes de Lucena (1484); Ruy de Pina (1525); D. Antonio Pinheiro (1550); Francisco d'Andrade (1593); Fr. Bernardo de Brito (1614); João Baptista Lavanha (1618); D. Manuel de Menezes (1625); Fr. Antonio Brandão (1644); Fr. Raphael de Jesus (1682); José de Faria (1695); Fr. Bernardo de Castello Branco (1709); Fr. Manuel dos Santos (1726); Fr. Manuel da Rocha (1740); Fr. Antonio Botelho (1745); Fr. José da Costa (1747); Fr. Antonio Caldeira (1755); Fr. Antonio da Matta.

Circumstanciaes. — Chamam-se as palavras invariaveis que servem de exprimir algumas circumstancias ou modificações, relativas a *tempo, logar, modo,* etc.

Dizem-se tambem *circumstanciaes* as conjuncções: — *como, tanto, quanto, quando*[1] e as locuções conjunctivas — *antes que, assim que, apenas, tanto que, logo que, primeiro que, depois que, em quanto, até que, sempre que, todas as vezes que, senão, mal que,* etc.

Estas conjuncções e locuções dão o nome á oração em que se empregam (orações circumstanciaes).

Os adverbios são tambem palavras invariaveis que exprimem varias circumstancias — de *tempo,* de *modo,* de *logar,* etc.

O sujeito ou o attributo da oração podem vir acompanhados de complementos circumstanciaes (sujeito ou attributo complexos); como: *A vida em certas condições passa com rapidez, mas n'outras é bem custosa de soffrer.*

Os complementos chamados circumstanciaes de ordinario vêem precedidos de uma preposição, que varía segundo a natureza da circumstancia que exprimem; v. g.: de LOGAR COM com algumas das preposições — *a, ante, após, atraz, em, sob* ou *sobre.*

de LOGAR D'ONDE — *de, desde*
de LOGAR POR ONDE — *per* ou *por*
de LOGAR PARA OU ATÉ ONDE — *a,* até, *em* ou *para*
de TEMPO EM QUE — *a, em, entre*
de TEMPO DESDE QUE — *de, desde*
de ESPAÇO DE TEMPO — *em, por*
de TEMPO ATÉ QUE — *a, até*
de MODO — *a, com, de, em*
de PREÇO, APREÇO OU ESTIMAÇÃO — *a, até, em, por*
de MEIO — *a, por*
de INSTRUMENTO — *a, com, de*
de CAUSA — *a, com, de, em, para, por*
de MATERIA — *com, de, em*
de EXCESSO — *em, sobre*
de COMPANHIA — *com*
de OPPOSIÇÃO E CONTRASTE — *contra, sobre*
de SUBSTITUIÇÃO — *por*
de QUANTIDADE, *perto de, até, por.*

Circumstancias oracionaes. — *Phrases oracionaes* dizem-se aquellas que, sendo formadas pelo participio imperfeito ou perfeito (se não serve de accessorio ao termo a que se

---

1 *Quando* emprega-se algumas vezes em vez de — *caso que*; v. g.: *quando seja necessario irei eu;* i. é: *caso que seja necessario,* ou *em sendo necessario...*

refere), se resolvem em orações circumstanciaes de *tempo, modo, causa*, etc. Exemplos: *augmentando nossas necessidades, aggravam-se nossas difficuldades*; i. é: — quando nossas difficuldades augmentam, aggravam-se, etc. *Crescia a falta gastando e comendo o povo esse pouco pão que havia*; i. é: — crescia a falta, porque o povo gastava e comia, etc. *Passado o perigo cessa o receio*, i. é: — depois de passar o perigo, ou logo que o perigo passa, cessa o receio.

Nas phrases oracionaes o participio do preterito precede o nome (ou seja o sujeito da oração) que modifica: v. g.: *em chegando o medico; em sendo horas; acabada a festa*; i. é: — quando o medico chegar; quando forem horas; logo que a festa acabe.

Cis. — Veja *Prefixos*.

Claras — Veja *Nominal*.

Clareza. — É a lei fundamental do discurso, um dos dotes da linguagem: esta boa qualidade, que depende principalmente da propriedade dos termos, consiste em fazer que o pensamento de qualquer auctor seja percebido sem esforço: e este resultado obtem-se por dois meios: collocando as ideias cada uma em seu logar pela ordem natural, e exprimindo correctamente cada uma d'essas ideias.

As ideias serão expressas correcta e facilmente, se se evitarem termos ambiguos, phrases muito longas, muito carregadas de ideias incidentes e accessorias á ideia principal, allusões epigrammaticas, etc.

Em nossa lingua o abusivo emprego do *que*, podendo confundir-se umas vezes com o relativo, outras com a conjuncção, ora integrante, ora causal: o dos possessivos, deixando em duvida o possuidor, e ainda outras palavras, dão logar a ambiguidades frequentes, que seriam permittidas, se podessem tomar-se como equivocos ligeiros e puramente grammaticaes, que não escurecessem o sentido, ou não enfraquecessem a vivacidade do discurso.

Da falta de clareza resulta o vicio contrario, — a obscuridade.

Os requisitos da clareza são: *precisão, ordem, propriedade, unidade*, e que a *conclusão das clausulas se não demore muito*.

A primeira condição, porém, para se fazer entender bem dos outros, é entender-se bem a si; e por isso o primeiro cuidado de quem falla ou escreve, deve ser profundar, ordenar e verificar os seus pensamentos. Quando se tem ideias claras e precisas sobre o assumpto, a expressão illumina-se com a luz interior e é raro que não saia clara e fluente.

Deve pois o pensamento ser bem concebido, e expresso em palavras proprias e tão claras, que o significado d'ellas seja entendido sem esforço pelas pessoas a quem forem dirigidas, e a syntaxe tão correcta, que se não possam notar infracções das regras grammaticaes.

A clareza é uma qualidade muito necessaria nas composições historicas, e resulta não só da boa elocução, mas de bem se ordenarem e differençarem os factos, pessoas e circumstancias, de forma que na cadeia ininterrompida dos successos, se vão distinguindo bem esses factos, pessoas, tempos, logares e motivos das acções, etc.

Claros. — Dizem-se os pensamentos expressos por forma que se percebem sem esforço, a redacção ahi empregada torna-os, por assim dizer, *transparentes*, deixando ver bem o seu objecto. Exemplo:

«O valle de Santarem é um d'estes logares privilegiados pela natureza, sitios amenos e deleitosos, em que as plantas, o ar, a situação, tudo está n'uma harmonia suavissima e perfeita; não ha alli nada grandioso, nem sublime, mas ha uma como symetria de côres, de sons, de disposição em tudo quanto se vê e se sente, que não parece senão que a paz, a saude, o socego d'espirito e o repouso do coração devem viver alli, reinar alli um reinado de amor e benevolencia.»

Classicos. — Assim chamados os escriptores que, sobresaindo em cabedal de erudição nas sciencias ou nas lettras, por um consenso unanime gosam de legitima auctoridade.

Fixando, polindo e aperfeiçoando as formas do patrio idioma foram nossos mestres os *quinhentistas*[1].

Com effeito a litteratura classica de Portugal coincide com o tempo heroico em que os portuguezes sulcavam todos os mares, dilatando a fé e o imperio pelas vastas regiões da Africa, Asia e America.

Nomearemos alguns dos classicos portuguezes mais abalisados pelo bem que trataram os assumptos, ou pela excellencia do seu estylo, quer em prosa, quer em verso:

João de Barros, Damião de Goes, Francisco de Andrade, Diogo do Couto, Affonso de Albuquerque, Francisco de Sá de Miranda, Luiz de Camões, Diogo Bernardes, Antonio Ferreira, Francisco Rodrigues Lobo, Duarte Nunes de Leão, D. Fr. Amador Arraes, D. Fr. Marcos de Lisboa, Jorge de Monte

---

[1] Escriptores portuguezes dos seculos 1500 — 1600.

Gaspar Barreiros, Fernão Mendes Pinto, Fernão Al-
lo Oriente. Fr. Heitor Pinto, Fr. Bernardo de Brito, Fr.
e Sousa, P. João de Lucena, D. Francisco Manuel de
os dois Brandões chronistas móres, Fr. Manuel da Es-
L, D. Rodrigo da Cunha, Jacintho Freire de Andrade,
Ribeiro de Macedo, P. Antonio Vieira, P. Bartholomeu
ntal. P. Manuel Rodrigues Leitão, P. Manuel Bernar-
Francisco de Santa Maria, P. Francisco de Sousa, P.
Jurado, D. José Barbosa, A. Garrett, José Gomes Mon-
. Herculano, A. F. de Castilho, Rebello da Silva, e ou-
tre que a posteridade fallará com merecidos louvores
to.
Litteratura, Quinhentistas.

usula. — Diz-se a reunião de palavras, que apresenta
samento completo: a clausula é formada por phrases,
las por ponto final: não devem ser tão curtas que cau-
scuridade pela falta de ligação, ou façam o estylo como
rtado por interrupção; nem tão desmarcadas que con-
o espirito por conterem, as mais das vezes, grande va-
de ideias: tambem não devem ser enredadas com mui-
ções incidentes, o que seria peor por obrigarem a do-
attenção, para se não perder o fio da oração principal,
npido por essas incidentes.
ualidades necessarias ás clausulas são: *correcção, pu*
areza, unidade, força e harmonia.

maxon. — Figura de rhetorica pela qual o discurso
a, ou desce como por graus; synonymo de *gradação,*
vem a distincção de *climax ascendente* e *descendente.*
os: — *nas cidades tem a sua origem o luxo; do luxo é*
ncia necessaria a avareza; da avareza rompe com im-
audacia; a audacia é a mãe de todos os crimes atrozes e
es.
erda nasce o conhecimento, do conhecimento a estimação,
nação a dor.
: *o bom exemplo calando avisa, avisando emenda, e emen-*
affeiçoa.

nato. — Diz-se em grammatica a palavra formada da
de outra; assim — *dotado de excellentes qualidades;* o
mento *de excellentes qualidades,* que hoje se diz predi-
l, é pedido pelo cognato *dote,* i. é: *dotado* (com o *dote,* sub-

---

nós já pudemos bem perceber esta novidade...

intendido) de *excellentes qualidades*. E assim *satisfeito, tente, desesperado*, etc., *de similhante exito*, i. é: pela *satisfa* pelo *contentamento*, ou pelo *desespero* (que me vem) de se lhante exito.

Cognome. — Ou sobrenome diz-se o nome, appellid alcunha, que se junta ao nome de baptismo; como: Jos *Mascarenhas;* Manuel de *Almeida;* Joaquim *Pinto;* etc.

Cola. — Veja *Desinencias.*

Collectaneas. — Dá-se este nome aos excerptos apontamentos colligidos de escriptos, livros ou fontes diver Não se usa no singular, só se para representar a phrase lat de que traz a origem — *collectanea dicta.*

Collectivos. — São os nomes substantivos communs embora no singular, exprimem uma reunião ou grupo de ind duos da mesma especie, como: *gente, povo, nação, exer frota, rebanho, pomar, floresta*, etc. Ha duas especies de lectivos — *geraes* e *partitivos.*

Os COLLECTIVOS GERAES são os que representam uma col ção completa, podendo ser:

— *indeterminada*, como: *bando, manada, cardume;* etc.

— *determinada*, como: *novena, duzia, milhar, groza, qua rão, milheiro*, etc.

Os COLLECTIVOS PARTITIVOS são os que representam uma lecção parcial, podendo ser:

— *definitos*, como: *metade, terço, quarto, quintuplo, centu* etc.

— *indefinitos*, como: *parte, partida, porção, troço*, etc.

Assim pois os collectivos são:

Geraes	e	Partitivos
Determinados, Indeterminados		Definitos, Indefinitos

Os collectivos usam-se ás vezes com adjectivos e verbo plural, por isso que dão a ideia de muitos individuos, sem cessidade de ser modificados por nomes do plural regido preposição *de*. São frequentes os exemplos; v. g.: *ficaram tos grande multidão. A causa de elrei mandar botar esta*

...tidos. Dizia gente que não são de ciumes maltratados. A maior parte iam mortos.

Veja *Concordancia.*

Dizem-se *collectivos especiaes* aquelles collectivos que mais particularmente se applicam a uma cousa que a outras; taes são:

Alcateia de lobos.	*Matilha de cães.*
Bando de aves.	*Rancho de soldados.*
Cafila de camelos.	*Rebanho de ovelhas.*
Cardume de peixes.	*Récua de cavalgaduras.*
Chusma de criados.	*Roda de homens.*
Enxame de abelhas.	*Vara de porcos.*
Fato de cabras.	*Corja de ladrões, de vadios, de bebados.*
Manada de bois.	
Manga de arcabuzeiros.	*Sucia de velhacos.*

Cada um dos collectivos seguintes exprime só elle um conjuncto de certas cousas da mesma natureza:

Arvoredo.	*Courama.*	*Pedraria.*
Boiada.	*Dinheirama.*	*Rapaziada.*
Brazio ou *brazido.*	*Fradaria.*	*Rapazio.*
Burricada.	*Gaitada.*	*Sucia.*
Cambada.	*Genteada.*	*Taboada.*
Cavalgada.	*Gentio.*	*Teclado.*
Caveirada.	*Gritaria.*	*Tourada.*
Chusma.	*Mulherio.*	*Trouxada.*
Cortinado.	*Palavreado.*	*Vasilhame.*
Cordoalha.	*Pancadaria.*	*Velame.*
Cordame.	*Papelada.*	*Vozeria*, etc.

Collisão.— É o som desagradavel, que resulta da pronunciação de articulações asperas e successivas; v. g.: *o rato roeu a roupa. Zunindo com as azas azues, livros roxos, rosas seccas*, etc.

Ou o emprego de pluraes continuados pela concorrencia de chiantes, que não imitam a cousa que significam; v. g.: *pomontes infinitos, quintas cercadas de vinhas, pomares e hortas, todas de fontes e arroios de aguas excellentes. Mortos e vivos misturados, uns sem pernas, outros sem braços, outros com as entranhas passadas com tamanhos e tão vivos gemidos e ancias.*

Quando taes vicios se introduzem com o intuito de se imitarem os sons ou os phenomenos da natureza, deixam de ser vicios para serem bellezas.

Collocação. — É a justa e harmonica disposição das p lavras e seus aggregados.

Em geral as regras da harmonia consistem na collocaç das palavras breves com as longas, por modo tal que o perio se torne cadente, preferindo para o encerrar as que forem m expressivas e sonoras; igualmente em omittir as palavras d necessarias, que podem impedir a fluencia e energia do d curso, ou tambem repetindo-as; tudo de modo que o discu adquira a verdadeira vernaculidade.

Os logares mais distinctos de um periodo são o primeiro e ultimo. Por isso, quando se quizer tornar mais notavel um v cabulo, deve-se-lhe dar um d'estes logares de honra. Exe plos: VÃOS *são todos os homens em que não ha sciencia Deus.*

A mais dura cousa que tem a vida é chegar a pedir, e dep de chegar a pedir, ouvir um NÃO.

As sete fabricas a que a fama deu nome de maravilhas, (*crescentam alguns como oitava o amphitheatro romano. Mas maravilha oitava ou nona, é que todas essas maravilhas, que p reciam eternas,* PASSARAM!

Tres cousas são indispensaveis para que haja boa collo ção na phrase: 1.ª *ordem*, 2.ª *ligação* ou *junctura*, como l chamam alguns rhetoricos, 3.ª *numero* ou *harmonia*.

Por aqui se vê que não é a collocação das palavras u cousa indifferente, pois que d'ella dependem o calor, a graç a harmonia de um periodo; é por meio d'este engraçado a ficio que se faz avultar uma imagem; que se dá vida a u pensamento; que se consegue produzir uma viva e profun impressão, chegando a depender da acertada collocação uma só palavra um grande effeito oratorio. A lingua port gueza, pela faculdade de inverter e transpor a ordem direc do discurso, tem a vantagem de poder prestar-se a infinit bellezas e elegancia de estylo, e aos variados encantos da h monia, que resulta da combinação dos sons e dos accentos d palavras.

A collocação das palavras na oração pode ser *directa* e i *directa* ou *inversa*.

Veja: — *Concordancia, Construcção, Ordem, Inversão, Tra posição.*

Colloquio. — Conversação de varias pessoas que c gam a um accordo commum, ou discurso premeditado de p soas doutas sobre pontos de doutrina ou controversos.

Colon. — Veja *Membro.*

Com. — Preposição que indica a concomitancia e uni

[redacted]

o significado pelo nome que a precede, com o outro
i serve de complemento; v. g.: *Deus vá comvosco.*
varias relações e circumstancias, taes como:
ниDADE — *conversavam um* com *outro.*
·*esteja* com *attenção.*
ΙΙΑ — *marchou* com *seu tio.*
-*geme* com *dores.*
ENTO (real ou virtual) — *feriu-o* com *a lança, cortando*
ar com *larga vela.*
mais com *o saber se vence que* com *a força.*
'eal ou virtual) — *pagou* com *mil cruzados.*
;o — *pelejava* com *todos os elementos.*
— *as paredes eram construidas* com *pedra e cal e o*
'o com *ramos e colmo.*
ι algumas vezes por bons escriptores antes do com-
directo; v. g.: *cumpriu* com *o seu dever;* com *a sua*
etc.
ignificação de — *a, para, a respeito de, entre;* v. g.:
ode comparar com *um amigo fiel. Caritativo* com *os*
oceden com *elle como generoso cavalheiro. Foi visto*
· *dançando*, etc.
tambem o ornato que acompanha; v. g.: *casa mo-*
ι *bons trastes.*
a composição de muitas palavras, para indicar com-
sujeitos da acção do verbo ou do attributo; v. g.:
omprazer, cooperar, coadjuvar, col*lateraes, corrom-*

o sujeito do verbo é acompanhado de nome regido
ção *com*, attendendo ao significado de concomitancia
neidade que tem esta preposição, fazem os nossos
lassicos o sujeito collectivo e põem o verbo no plu-
· lhes convem.
efixos.

lia. — Peça de theatro que é a representação ou
ção dos costumes, dos vicios, dos usos, dos revezes,
os ordinarios da sociedade, postos em acção. É uma
nsina a virtude e a decencia por meio de acções e

lia reproduz uma acção em que se critica um de-
ieza ou vicio ridiculo, ou que sem ser grandemente
nem acima do commum, manifesta uma importante
oral.
lia toma o nome de — *opera-comica*, quando é can-
-farça ou entremez, quando é uma pintura exage-
lesca d'algum vicio ou ridiculo, com o fim de fazer
cena-comica, quando se limita a um monologo ou

dialogo de pouca extensão e proprio para mover o riso j
jovialidade, agudeza ou fina critica.

O estylo da comedia deve ser o da conversação familiar, :
polida; porque uma linguagem baixa é sempre impropria
qualquer composição poetica.

O metro mais proprio é o octosyllabo. Modernamente m
poucas comedias são escriptas em verso.

Comico. — Diz-se o estylo em que concorre a natu
dade com o artificio da imitação nos discursos, nos caract
e nas acções; tal é o typo do verdadeiro estylo comico: viv
de engenho, e ao mesmo tempo uma grande delicadeza na j
tura dos defeitos do homem, da desigualdade de caracter
excentricidades mil, de tendencias viciosas, etc., etc.; ei
requisitos necessarios ao poeta *que põe a moral em espectac*
e quer satisfazer ao preceito — *ridendo castigat mores.*

Quando o poeta sabe fallar na sua lingua a linguagem
todos os estados de pessoas, e no tom que convem ao co
zão, ao burguez, ao sabio, e ao ignorante: quem duvida,
parecendo então exhaurir a sua lingua, a augmenta indizi
mente...

Comma. —Veja *Inciso.*

Commentarios. — Synonymo de *Memorias*, são c
posições em que costumam depositar-se materiaes para a
toria, ordinariamente factos de que o escriptor foi testemu
com a differença que as *Memorias* são mais miudas.

Os *commentarios* são *memorias* summarias, apontame
mais breves, quasi um diario ou taboa em que se notam
principaes acontecimentos, mas em estylo menos secco e
nos apanhado, que o dos simples diarios.

Commum ou **appellativo.** — Diz-se o nome subst
tivo que convem a todos os individuos de um mesmo ger
ou especie, ou que designa todos os seres e todos os obje
de uma mesma especie; assim: *casa, arvore, montanha,
homem, animal, tigre, insecto, flor, pedra, pão, fogo,* — são
mes que designam seres de uma natureza commum a ou
seres de igual genero, especie ou natureza; não trazem a i
de um individuo em particular e sim applicaveis a todas as
sas, a todas as arvores, montanhas, etc.

Oppõe-se-lhe *o nome proprio.*

Communicação. — A que outros dão o nome de (
sulta é a figura por meio da qual o orador, fingindo que os
embaraços, deliberações e conselhos lhe são communs com

tras pessoas, por exemplo, com as pessoas dos seus ouvintes, qualquer que seja a assembleia perante a qual esteja orando, consulta com ellas ácerca do modo, por que se ha de haver n'aquelle caso. Exemplos: *que fizemos nós para nos entregarem assim a nossos accusadores?*

Que havemos de fazer? Que farieis vós n'uma occasião semelhante? Como deliberarieis, se fosseis trahidos, como eu o fui!

Communicado. — Significa este termo na sua accepção mais particular, o artigo inserido em qualquer folha diaria ou periodica, e que interessa menos á redacção da folha, que ao signatario do artigo, muitas vezes desconhecido do publico.

Communs-de-dois. — São os substantivos que, sem alterarem a terminação, designam individuos do sexo masculino ou feminino; taes são: *consorte, cumplice, infante, interprete, martyr, capellista*, etc.; assim diremos — *martyr glorioso, martyr gloriosa*, conforme o individuo qualificado for homem ou mulher.

Comparação. — É o discurso pelo qual se compara ou marca a semilhança ou differença entre duas cousas. Consiste em approximar da cousa de que se falla ou escreve, uma outra que se lhe pareça em algum ponto e sirva de a fazer comprehender melhor. Para isto devem reunir-se ideias que se não contradigam.

Dão as comparações um grande fulgor e realce á expressão do pensamento; são um dos signaes mais evidentes do espirito. Não servem somente para tornar claro um conceito escuro, mas para o ornar, para lhe communicar uma certa graça e brilho, que um enunciado simples não poderia attingir.

O espectaculo assombroso da natureza, as maravilhas da Creação, as scenas encantadoras ou terriveis do mundo physico, e até os phenomenos da vida moral, são a fonte inexgotavel, onde o genio ou o talento e o bom gosto vão beber as comparações, que tão graciosamente enfeitam o discurso, lisongeiam o espirito e deliciam o coração do leitor ou do ouvinte.

Cumpre porem que não sejam muito frequentes, nem prolixas, nem affectadas, nem triviaes e communs; mas tornar-se-ão apreciaveis se revelarem facilidade, graça e propriedade.

Não ha de ser escuro ou desconhecido o objecto de que se tira a semilhança; absurdo fôra que desse menor clarão a luz que se vai buscar, do que o assumpto ou enunciado que se pretende tornar luminoso.

Se as comparações excellentes são o ornato brilhante do discurso, — é certo que ainda mais longe podem chegar no seu

prestimo. E com effeito, uma das vantagens d'este genero de figuras, é que a imaginação, apresentando-se-lhe um objecto semilhante áquelle que se pretende pintar, descobre muitos aspectos interessantes, que aliás não poderiam ser suggeridos pela simples palavra.

Alguns exemplos:

«A brisa que varre os teus outeiros, é pura como o céo azul que se espelha no teu amplo porto, semilhante a um grande mar.»

. . . .

«Mas este éco da historia, que devia ser para ti como um grito de remorso, não ha ouvidos que o escutem.»

. . . .

«Formosa ainda no aspecto, te assemelhas ao sepulchro do Evangelho — alvo e polido no exterior, mas cheio de podridão e negrura.»

. . . .

«Como a antiga Jerusalem se afundou em mar de impiedades, assim a moderna Sião, a grande cidade do occidente, se mergulhou em uma torrente de perversidades.»

Discorrendo sobre este artigo diz mais o sr. S. Ribeiro:

Não podemos resistir ao desejo de offerecer á apreciação dos leitores a excellencia da seguinte comparação, que aliás não perde o seu merecimento por extensa, visto como foi indispensavel ao orador dar todo o desenvolvimento á imagem que foi buscar aos phenomenos da creação. É do grande P.e Vieira.

«Na arvore, emquanto lhe dura a vida, ou a verdura, tudo são galas, tudo pompa, tudo novidades: morre finalmente a arvore com o tempo a primeira vez, e d'aquelle corpo tão formoso e vario, que vestiam as folhas, que guarneciam as flores, que enriqueciam os fructos, não se vê mais que um cadaver secco, triste e destroncado. N'este despojo de tudo o que tinha sido, presa ainda pelas raizes e sustentando-se na terra (mas não da terra) espera a arvore em pé a ultima caída, e esta é a segunda morte, com que de todo acaba. Assim deve acabar, quem quer acabar bem.»

Comparativas. — Dizem-se as orações em que se acha a relação de superioridade, igualdade ou inferioridade que resulta da comparação, feita entre as propriedades ou qualidades de dois ou mais individuos, e significadas por adjectivos qualificativos, expressos geralmente na 1.ª oração, ou implicitos no verbo adjectivo.

Estas orações conhecem-se pelas particulas invariaveis — *que* ou *do que* —, integrantes de — *mais* ou *menos* —, e — *como* —, integrante e correlativa de — *tão* —, ou da variavel —

...—; e tambem pelos comparativos *melhor, peior, maior,* ...*or,* seguidos de — *que* —; e pelas locuções — *assim como... ...* *quanto mais... tanto mais,* etc.

Não ha caminho mais seguro para a felicidade que o da virtude.

Mais vale um só dia de discreto, que cem dias de nescio.

Quando vós virdes vosso irmão cair em alguma falta, por mais ... que ella seja, não penseis que sois melhor do que elle.

A fama não é menos caprichosa que a fortuna.

A mordedura de uma serpente é menos cruel que a ingratidão ... filho.

É tão nobre a gratidão como vil a ingratidão.

Assim como o fogo prova o ouro, assim a adversidade o ...

A narração, quanto mais breve, tanto mais clara é e mais in...

...-se *comparativas* as particulas ou palavras que servem ... as orações do mesmo nome; como: *mais* ou *menos... ... que, tão... como,* (invariaveis) *tanto, maior, menor, me... peior* (variaveis) e as locuções — *assim como... assim, an...* —, tambem invariaveis.

... *Correlativos.*

Comparativo. — É o adjectivo qualificativo que, auxi... pelos adverbios *mais, menos, tão,* exprime o segundo grau ... comparação, i. é, uma relação de superioridade, de inferio... ou de igualdade.

O adjectivo que exprime a differença de superioridade, que ... da comparação entre as propriedades ou qualidades de ... ou muitos individuos, faz-se preceder do adverbio *mais;* ... exprime differença de inferioridade, do adverbio *menos,* ...-se a qualquer d'elles a integrante *que* ou *do que,* a ... o segundo termo da comparação; e o adjectivo que ... a egualdade que resulta da referida comparação, faz-... preceder do adverbio *tão,* seguindo-se a integrante correla... *como,* anteposta ao segundo termo da comparação. Exem...:

Esta mulher é mais bella que virtuosa.

Alexandre foi mais feliz do que Annibal.

Não ha cousa mais difficil de dizer aos homens que a verdade.

Os homens seriam menos desgraçados, se fossem mais virtuo... do que são.

Os preguiçosos são menos estimados que os diligentes.

O naufragio e a morte são menos funestos do que os prazeres ... atacam a virtude.

O mau exemplo é tão prejudicial á saude da alma, como o ar ... á saude do corpo.

O comparativo de egualdade tambem serve de expri
uma qualidade se dá em tal grau, que resulta d'ahi ce:
sequencia. Exemplo: *Era tão amante da verdade que n
bando mentia.*

Tamanho (tão grande) tambem se emprega como c
rativo attestando sua origem latina — *tam magnus* —
*minha mãe, certo que nem sempre vos vistes vós em tama
amparo como este.*

O adjectivo comparativo vem algumas vezes impl
verbo adjectivo:

*Os prazeres immoderados abreviam mais a vida hun
que a medicina a pode prolongar;* i. é: *são mais abre
da vida...*

*A actividade desenvolve menos o talento, que a pregui
lisa;* i. é: *é menos desenvolvente do talento,* etc.

A lingua portugueza tem irregulares na formação os
tes comparativos:

Invariav. no sing. Veja *Feminino dos adjectivos*	Melhor	do	positivo	Bo
	Peior	»	»	Mả
	Maior	»	»	Gr
	Menor	»	»	Pe
	Superior	»	»	Al
	Inferior	»	»	Ba

Á excepção dos dois ultimos, os quatro primeiros
rativos, quer formados por este modo, quer regularm
os fazendo preceder do artigo definito elevam-se a
lativo relativo, como se percebe nas seguintes orações
lhantes:

*A probidade reconhecida é a melhor e a mais segura
as garantias.*

*O maior inimigo que um homem de talento pode ter é
da preguiça.*

A ingratidão é o peior dos defeitos.

*A menor precipitação pode preparar um desgosto
nente.*

Superior e Inferior, precedidos de artigo, antes
substantivados; frequentemente se encontra preferid
mação regular, como nos seguintes exemplos:

*A virtude pode não ser vencida nem derribada poi
alta... que todos os baluartes e fortalezas da terra.*

As pyramides do Egypto são os mais altos *monun
vaidade humana, que teem resistido á acção dos seculos*

O que parece mais baixo *aos olhos do mundo, pode s
digno aos olhos de Deus.*

MELHOR, PEIOR tambem se empregam como adverbios comparativos n'estas phrases e semilhantes:

Não vai melhor, ao contrario, passa peior. Canta melhor. Escreve peior, etc.

Maiores, plural de *maior*, emprega-se tambem como substantivo e com a significação de *antepassados*; v. g.: *o nome que herdara de seus maiores*...

Comparativo — diz-se tambem o raciocinio que conclue de um objecto para outro desconhecido, caminhando do generico para o generico, do especifico para o especifico, ou do particular para o particular, pela comparação das relações de paridade, disparidade ou contraste. E um processo mais expedito, porem menos seguro do que a inducção ou deducção; porque, applicando a um objecto desconhecido o que sabe d'outro objecto, conclue muitas vezes, d'uma semilhança unica, a semilhança ou identidade completa; d'uma differença, a dessemilhança ou opposição absoluta.

Veja *Inductivo*, *Deductivo*.

Tambem se dizem adverbios comparativos os que exprimem uma ideia de comparação, um grau de differença no modo de ser das cousas ou pessoas; taes são: *mais*, *menos*, *tão*, *como*, *melhor*, *peior*; v. g.: — *O uso* MAIS GERALMENTE *adoptado nem sempre é o mais digno de ser seguido.*

Compellativo. — Veja *Vocativo*.

Compendio ou **Epitome.** — é o resumo do mais substancial, ou das noções elementares de alguma arte, sciencia ou preceitos, expostos de um modo succinto.

O compendio não é simplesmente a reducção de uma obra; é um tratado completo, reduzido a menores proporções que a obra que elle resume. Tem uma redacção propria, que o caracterisa, sem se parecer com a do livro original. Diremos *compendio de doutrina, de historia, de civilidade*, etc.

Complementar. — Veja *Integrante*.

Complemento. — Em geral diz-se qualquer parte que se junta a uma outra, com o fim de a tornar mais completa e mais perfeita, de sorte que forme com ella um todo acabado. Em grammatica é toda a palavra ou oração que se junta a outra para lhe completar o sentido.

O complemento a que tambem se dá o nome de *regime* pode ser — *directo* ou *objectivo*, *indirecto*, *expletivo*, e *continuado* ou *apposto*.

Uns e outros com suas subdivisões aqui os damos na s

CLASSIFICAÇÃO DOS COMPLEMENTOS

DIRECTO OU OBJECTIVO — *servi* A PATRIA.

INDIRECTO
- *restrictivo* — *rigor* DAS LEIS.
- *terminativo* ....
  - *contribue* PARA O BEM.
  - *oppõe-te* AO MAL.
  - *temor* DE DEUS, ou a Deus.
- *expletivo* — *não* ME *saias de casa.*
- *circumstancial*
  - de logar
    - onde — *está* EM LISBOA.
    - d'onde — *fugiu* DO ERMO.
    - por onde — *vai* POR TERRA.
    - para onde — *volta* PARA O
    - aonde [1] — *foi* A LAGOS.
  - de tempo
    - quando — POR MORTE *de D. H*
    - em que — EM 1640, A 20.
    - desde que — DA MORTE *de* (
    - até que — AO NASCIMENTO *de*
    - espaço de tempo — *vão* 44
  - de quantidade — *eram* PERTO D
  - de fim — *arrisquei-me* PARA TE
  - de modo — *viver* EM PAZ.
  - de meio — *cedeu* POR FIANÇA.
  - de instrumento — *ferido* COM A
  - de materia — *copo* DE VIDRO.
  - de preço — *comprou* POR MIL R
  - de companhia — *sahiu* COM ELI
  - de causa — *morto* Á FOME.
  - de excesso — SOBRE TANTOS DE *a ingratidão.*
  - de causa efficiente — *abençoa* DEUS OU POR DEUS, PELO S etc., etc. Veja *Circumstanci*

CONTINUADO OU APPOSTO — *vida,* ENIGMA *que a morte deci*

Quando os complementos vêem expressos por orações (c integrantes); v. g.: *Deus quer* QUE OS HOMENS SE AMEM OUTROS, recebem a designação de — *complementos oracio*

Distinguem-se ainda os complementos pela designa *grammaticaes* e *logicos:* os primeiros compõem-se de termo ou de uma só expressão; os segundos compõem-se d

[1] Veja a nota 2 da pagina 4.

}ue concorrem para o desenvolvimento do sujeito ou
o.
de differentes complementos as variações dos pro-
oaes.
soaes. *Concordancia.*

)s os complementos indicados são necessarios para
significação transitiva ou relativa das regentes que
'sta funcção cabe aos complementos *objectivo, ter-*
'e *causa efficiente*; o *restrictivo* porem e o *circumstan-*
pedidos nem determinados pelas palavras a que se
:s elles mesmos as modificam, já restringindo, já
u ampliando a significação d'ellas.
todo o complemento vem regido de uma preposição,
sempre, excepto o complemento *objectivo* ou directo,
ome de pessoa ou cousa personificada, que algumas
:ido da preposição *a* [1]. Este mesmo complemento
usa, algumas vezes, regido da preposição *de* ou *com*
ca e elegantemente; v. g.: *puxou da espada; cum-*
'*eu dever.*
ições que regem os complementos de que precisam
de significação transitiva, variam segundo a acce-
: são tomadas essas palavras.
ementos terminativos dos verbos activos-relativos
los de alguma das preposições *a, de, com, para, por;*
:s complementos forem algumas das variações pro-
· *me, te, se, nos, vos, lhe, lhes* —, não trazem prepo-
ie essas vozes equivalem a — *a mim, a ti, a si, a*
: *elle* ou *a ella, a elles,* ou *a ellas* —; v. g.: *dize-me*
ão te aconselho esse passo, etc.
ois ou mais verbos pedem a mesma regencia, pode-
um complemento commum; v. g.: *admiro e acato a*
'stã; mas seria erro dar o mesmo complemento a
s verbos de regencia differente, como são: *devo* e
n os quaes não podemos construir a phrase — *muito*
ido do meu amigo; porque o verbo *devo* não pede
o regido da preposição *de:* ninguem diz — *devo do*
— e sim — *ao meu amigo de quem dependo* (ou *d'elle*
ı dando ainda um outro giro á mesma phrase; v.
do meu amigo a quem muito devo.

bom o que sobre o complemento diz o sr. Epipha-
s seguintes linhas; abstemo-nos porém de mencio-

---

[1] *plemento objectivo* no fim da pag. 3, e a nota 1 da pag. 4.

nar o complemento novo, o *predicativo*, para não augmentar a confusão da terminologia grammatical etc.:

Nenhum idioma possue os vocabulos sufficientes para representar por uma só palavra as ideias que o homem tem ou que o seu espirito pode crear. Forçoso era por tanto inventar um artificio, pelo qual podessemos não ficar privados de exprimir os nossos pensamentos com rigor e exactidão. Esta é a origem dos complementos. Se não houvesse, por exemplo, o vocabulo *caridade*, ter-se-ia de dizer o *amor do proximo;* e as palavras *do proximo* seriam um complemento do substantivo *amor*; pois que explica a accepção, em que este vocabulo se acha tomado. Se não existisse o verbo *correr*, dir-se-ia *andar com velocidade*, e os termos *com velocidade* seriam complemento do verbo *andar*. *João toma bebidas alcoolicas a ponto de perder a razão*, são um complemento do verbo *tomar*, *até perder a razão* outro complemento do mesmo verbo. Tambem estes complementos podiam dispensar-se, empregando o verbo *embriagar: João embriaga-se.*

A ordem normal ou a collocação dos *complementos*, em regra, é esta:

O complemento restrictivo segue immediatamente o seu substantivo, ou o adjectivo que deva ir ou siga melhor depois do substantivo que modifica; o complemento objectivo occupa o primeiro logar depois do verbo; o terminativo occupa o segundo, excepto se fôr algum dos pronomes pessoaes *me, nos, te, vos, lhe, lhes, se*, que quasi sempre precedem o objectivo, juntos ao verbo antes ou depois; seguem-se os outros, proximos quanto ser possa ás palavras que completam. Tem todavia a nossa lingua a liberdade de inverter esta ordem, sem que por isso a construcção do periodo deixe de ser natural; o relativo conjunctivo por exemplo, qualquer que seja a especie de complemento que represente na oração, occupa n'esta o primeiro logar. Em verso são frequentissimas as inversões. Exemplos: *feliz quem pode dar á velhice de um pae ou de uma mãe todos os cuidados, que d'elles recebeu em sua infancia. Mais feliz ainda quem lhes restitue seus sorrisos, seus carinhos, suas meiguices. A piedade filial de um só homem pode illustrar todo o seu seculo. Um criminoso em Roma fora condemnado a morrer de fome na prisão. Sua filha, podendo ahi ser introduzida, sustentava-o com o seu leite. O senado, informado d'este acto heroico de amor filial, restituiu o pae á filha, e no logar da prisão mandou erigir um templo á piedade.*

Complexa.—Em opposição a simples, diz-se a oração cujos termos trazem accessorios, i. é, quando comprehendem muitas ideias, ou uma collecção de varias percepções. Exemplos: *a voz do propheta, commovida pela grandeza do espectaculo, deante do naufragio da nação oppressora, eleva-se cheia de jubilo,*

celebrando a victoria com a magnificencia das imagens orientaes.

...; e (Moniz) *sentindo sobre si o correr de soldados seus, que já não pode ver, despede com um grito de alegria a grande alma; e abre da mão a espada, finalmente viuva.*

A historia é a appellação dos erros contemporaneos para os juizos da posteridade.

Veja *Complexo.*

Complexão ou **Epistrophe.** — Figura de rhetorica a que tambem se dá o nome de symploce; repetição pela qual muitos membros do discurso começam e terminam pelo mesmo gyro de phrase, ou com as mesmas palavras para termo das phrases: Exemplo:

Quem é o auctor d'esta lei? Rullo. Quem privou do suffragio a maior parte do povo romano? Rullo. Quem presidiu aos comicios? Rullo.

Tudo acaba a morte, e tudo se acaba com a morte, até a mesma morte.

Em todos estes exemplos se vêem as differentes phrases fechadas pela mesma palavra.

Complexo. — Diz-se qualquer dos termos da oração, quando não vem simples e sim acompanhado de algum accessorio, como n'estas orações:

Aquelle que gosta de ser adulado é cumplice do adulador.

A adversidade melhora aquelles que não succumbem.

A amizade é um prazer de todas as estações da vida.

O elogio que mais saboreamos é de ordinario o que menos merecemos.

Taes orações chamam-se *complexas*, por que n'ellas ou o sujeito ou o attributo indicam uma cousa, cuja natureza é determinada ou modificada por muitas ideias.

O sujeito é complexo, quando a natureza da cousa que elle indica é determinada por muitas ideias, que concorrem todas a formar a ideia total do sujeito.

O attributo é complexo, quando a qualidade que elle exprime é determinada por muitas ideias, que concorrem todas juntas para formar a ideia total d'essa qualidade.

Composição. — Dá-se este nome em sentido restricto ao trabalho litterario, ordenado e disposto de forma que apresenta um todo harmonioso e regular; quando indicamos assim um livro, designamos a obra sem fallar das qualidades que n'elle predominam; todavia qualquer composição tem seu valor relativo.

Tomada em accepção particular lembra o exercicio escolar,

por meio do qual o alumno se habitua a exprimir as ideias e os pensamentos, subordinando-os ás regras convenientes, ou coordenar o que lhe occorre sobre um dado ponto, empenhando-se em não faltar aos preceitos da grammatica, do estylo, do genero respectivo ao assumpto proposto.

Composta. — Diz-se a oração que tem mais de um sujeito ou mais de um attributo; como são as seguintes e semelhantes: *O tempo e a agua limpam as manchas do corpo; nem o tempo nem as aguas de rio algum podem limpar as manchas da alma.*

A amizade é um prazer de todas as estações da vida, um fogo innocente e prezado que só arde em corações puros.

De uma oração composta podem formar-se tantas orações simples, quantos forem os sujeitos ou os attributos que a constituirem, subentendido o verbo em condições de satisfazer ás regras da concordancia com o sujeito.

Exemplifiquemos com a primeira das referidas orações: *O tempo limpa as manchas do corpo, tambem a agua as limpa* (ou *a agua tambem limpa as manchas do corpo.*)

O que n'esta foi applicavel ao sujeito, é n'outra ao attributo, sendo *composto.*

D'aqui se vê que a oração composta exprime mais de um juizo.

Veja *Compostos.*

Compostas. — (Preposições). Veja *Prepositivas.*

Compostas. — (Conjuncções). Veja *Conjunctivas.*

Compostos. — Dizem-se as partes da oração ou vocabulos formados de duas ou mais palavras simples, quer inteiras, quer alteradas; como: *bemquerença, aguardente, Celorico, malmequer, entretanto, circumscripto, reviravolta, fidalgo, Barca d'Alva,* etc.

N'estas palavras encontram-se umas que constam de prefixo, radical e suffixo ou desinencia; v. g.: *exclamação, presumir, decompor,* etc.; outras só de prefixo e radical; v. g.: *afim, combate, prenome,* etc.; outras de radical e suffixo; v. g.: *contar, mover, sentir;* outras finalmente têem na composição uma particula mais, ou lettra que se chama infixo; v. g.: *objecçãozinha* — ob-je-c-ção-z-inha. Veja *Decomposição.*

Tambem se dizem *compostos* os appellativos, formados de palavras das seguintes especies:

DOIS SUBSTANTIVOS — *pontapé, varapau.*

SUBSTANTIVO E ADJECTIVO — *aguardente, cantochão, sul-americano.*

ADJECTIVO E SUBSTANTIVO — *menoridade, granmestre*[1].
DOIS ADJECTIVOS — *planalto, luso-brazileiro.*
VERBO E SUBSTANTIVO — *sacarolha, catavento, passatempo.*
DOIS VERBOS — *vaivem, bule-bule, ganha-perde.*
PREPOSIÇÃO E SUBSTANTIVO — *entrelinha, contratempo.*
ADVERBIO E ADJECTIVO — *bemaventurado, maltratado.*
TRES PALAVRAS — *malmequer, fidalgo* (quer-me mal, filho de algo [alguem]).

Nos adjectivos compostos é de ordinario o ultimo que soffre a modificação do genero, se é variavel, o 1.º fica invariavel na concordancia com um substantivo; v. g.: *verde-negro; verde-negros; tropas anglo-luzas; povos greco-romanos, guerra franco-prussiana:* etc.

Todos os adjectivos compostos, cujo primeiro termo, adjectivo ou substantivo, é alterado na sua forma, escrevem-se como se fossem uma só palavra e conseguintemente só a terminação é variavel; v. g.: *boquiaberto, lanigero, fructifero; boquiaberta, lanigeros, fructiferas;* etc.

Os adjectivos compostos das palavras *meio, recem, semi, todo*, só têem variavel a ultima palavra ainda que separada pela risca de união: v. g.: *meio*[2]*-tostado, recem-nascida, semi-barbaros, todo-poderosa;* ou *meio-tostadas, recem-nascidos, semi-barbara; todo-poderoso;* etc.

Os tempos dos verbos, taes como os preteritos e os futuros, formados com um auxiliar, dizem-se compostos, o que se verificará nas tabellas respectivas das conjugações dos verbos.

Os tempos compostos da voz activa são constituidos pelos verbos irregulares — *ter* ou *haver* — com o partecipio perfeito do preterito: v. g.: *tenho louvado, haremos louvado.* Os da passiva são constituidos pelo auxiliar que os compõe (*ter*, raro, *haver*) e o partecipio *sido;* v. g.: *hei* ou *tenho sido louvado, haviamos* ou *tinhamos sido applaudidos*, etc. Alem d'es-

---

1 O adjectivo *grande* escreve-se *grand* quando se segue nome que começa por vogal e *gran* ou *grão*, se o nome começa por invogal; v. g.: *grand-almirante, gran-cruz* ou *grão-cruz.*

2 Erram por vezes muitos escriptores contemporaneos empregando o adjectivo *meio*, sem lhe darem a construcção adverbial que lhe compete em muitas phrases, taes como: casa *meio* feita, pessoa *meio* morta, porta *meio* aberta.

Uma casa pode estar meia feita e meio feita. Na primeira hypothese affirma-se que a casa está *feita* até metade, por exemplo, da altura em que deve ficar; na segunda que a feitura da casa está em meio.

Na primeira phrase o vocabulo *meia* é rigorosamente adjectivo, e como tal concorda com o substantivo em genero e numero; na segunda emprega-se o mesmo adjectivo adverbialmente, e então dá-se-lhe sempre a terminação masculina.

tes dizem-se compostos os tempos das linguagens periphrasticas, ou de significação começada.

É composto o sujeito que encerra muitas cousas, cuja natureza é determinada por ideias independentes uma da outra; v. g.: *os pecegos, os abricoques e as ameixas são excellentes fructos.*
Esta doutrina é applicavel ao attributo; v. g.: *as peras são agradaveis á vista, saborosas ao paladar e por isso de todos apetecidas.*
D'aqui se segue que um sujeito composto é uma reunião de muitos sujeitos, aos quaes convem o mesmo attributo, e que um attributo composto é uma reunião de muitos attributos, que convêem a um mesmo sujeito; porque, não convindo, o sujeito ou o attributo serão simples, posto que á primeira vista pareçam compostos; como no seguinte exemplo: *O amor da virtude e o odio dos homens virtuosos são sentimentos inconciliaveis.*
Veja *Sujeito.*

Comprehensão. — Dá-se este nome ao numero das ideias parciaes que encerra uma palavra.
A comprehensão, mais particularmente applicada aos nomes appellativos, será tanto maior, quanto maior for o numero das ideias n'elle comprehendidas.
Tomamos os nomes *na sua comprehensão,* quando só attendemos ás qualidades, attributos e propriedades que caracterisam a ideia da sua classe, genero, especie, e prescindimos dos individuos que têem esses attributos, propriedades e qualidades.
Por outras palavras: o numero de ideias parciaes contidas em um nome dá a comprehensão d'esse nome; o numero de individuos, ou classes de seres comprehendidos na significação de um nome, dá a extensão d'esse nome.
Resulta naturalmente d'estas duas definições que tanto maior é a comprehensão de um nome, tanto menor é a sua extensão, e reciprocamente.
A palavra *ser,* por exemplo, tem muita extensão, porque esta denominação abraça todas as substancias que existem e cujo numero é infinito; mas em compensação, tem pouca comprehensão, pois que não designa as substancias ás quaes se applica senão pela unica ideia de existencia. A palavra *desleixo* comprehende mais ideias parciaes que a palavra *vicio,* e tem menos extensão que esta ultima palavra, que se estende á preguiça, ao orgulho, á gula, á colera, etc. Da mesma maneira, o verbo *fazer,* que designa as acções de toda a especie, tem uma grande extensão, emquanto que a palavra *escrever,* que só designa uma acção de uma certa especie, tem-n'a muito menor; mas, em troca, *escrever,* que comprehende mais ideias parciaes que *fazer,* tem mais comprehensão que ella.

A palavra *ser* só designa, pela simples ideia de existencia, todas as substancias a que se applica. A palavra *animal* ajunta á ideia de existencia a de substancia organisada, dotada de sensibilidade e locomoção. A palavra *quadrupede* ajunta mais áquellas ideias a de um ser que se move mediante 4 pés. Finalmente a palavra *cavallo* augmenta o conjuncto de todas aquellas ideias com todas as ideias especiaes das formas particulares, que extremam o cavallo das outras especies de quadrupedes. Pelo que, a palavra *cavallo* abrange mais ideias parciaes que a palavra quadrupede; esta mais que *animal*, e a ultima avantaja-se á palavra *ser*. Todavia n'outro ponto de vista, a palavra *cavallo* contém somente os individuos da especie dos cavallos: emquanto a palavra *quadrupede* comprehende, alem dos cavallos, multidão de outras especies, como cães, gatos, bois, leões, etc. Tem portanto extensão muito maior que a palavra cavallo. Da mesma sorte a palavra *animal* comprehende muito mais individuos que a palavra *quadrupede*, e a palavra *ser* muitos mais que a palavra *animal*.

Con. — Veja *Com*.

Conceito. — Na accepção particular em que aqui tomamos este vocabulo, significa sentença, agudeza ou dito engenhoso, que concebemos antes de manifestar nossa opinião, ou nosso parecer sobre qualquer assumpto sujeito á apreciação do nosso juizo.

Formamos *conceito* de alguma pessoa ou cousa, e podemos tel-o bom ou mau.

Concessiva. — Diz-se a oração que não influindo no que na outra se affirma ou nega, mostra que o facto não soffreria modificação pelo concurso de novas circumstancias. Conhecem-se pelas conjuncções concessivas. Exemplos: a lei está sempre acima de vós, *por mais elevados que estejais*. *Ainda que a immortalidade da alma tenha sido sempre a crença universal do genero humano*, ha infelizmente quem a refute.

Conhecem-se estas orações pelas locuções conjunctivas que entram na sua formação.

É concessiva a oração que exprime uma cousa, de que prescinde a asserção contida n'outra: e conhece-se pelas conjuncções concessivas. Exemplos: «os beneficios, *ainda que* sejam suaves e mimosos, pedem o honesto juro do reconhecimento. O officio de principe magnanimo é perder o medo a grandes emprezas, *por perigosas que* sejam. Mas, *de qualquer modo que* haja ou não haja sido, eu estou pela sentença, e irei para onde me mandarem.»

Concessivas. — Dizem-se as locuções conjunctivas, antepostas aos novos juizos que se oppõem a uma verdade, affirmada ou negada, sem a modificar; taes são as seguintes: *ainda que, ainda quando, com quanto, dado que, dado o caso que, posto que, supposto que, se bem que, pois, pois que, por mais que, por muito que, como quer que*, etc.

Concisão. — Qualidade de estylo, escripto ou fallado, que consiste na expressão dos pensamentos em poucas palavras, supprimindo-se tudo que se pareça com amplificação ou ornamento.

Não se confunda a *concisão* com a *precisão*, e ainda menos com o *laconismo*.

A concisão refere-se antes á phrase que ao assumpto, que pode ser tratado desenvolvidamente, se abundar em factos ou em pensamentos.

A phrase concisa é despojada de todo o ornamento superfluo.

Ainda assim, a concisão não exclue nem as grandes imagens, nem as expressões pittorescas, nem tão pouco o que principalmente possa influir em prender a attenção.

Pertence sobre tudo a concisão ao genero simples e temperado; a esta qualidade do estylo oppõe-se a *perissologia.*

Conciso. — Dá-se este qualificativo ao estylo, empregado pelo escriptor ou pelo orador, para apresentar um discurso em que todas as ideias são claramente enunciadas com o menor numero de palavras possivel, com os vocabulos mais proprios e significativos, excluidas palavras ou circumlocuções desnecessarias.

De tudo que são explanações e ideias accessorias admitte apenas o indispensavel para a clareza; e regeita todos os ornamentos, que não servirem para tornar a expressão mais breve ou mais energica.

Este estylo é conveniente em alguns casos; porem muito arriscado a tornar-se escuro, ou secco e árido, por que não tem ornato algum.

Conclusivas.—Dizem-se as orações, que exprimem illação ou consequencia, deduzida de um principio já estabelecido, e terminando o raciocinio. Exemplos: *a velhice expia as faltas da mocidade, não devem pois commetter-se em tempo algum.*

A impunidade gera o crime, logo não se absolva o criminoso.

Conhecem-se as orações conclusivas pelas conjuncções ou locuções do mesmo nome, que entram na sua composição.

São conclusivas as conjuncções ou locuções, que indicam ir

ıa conclusão, ou consequencia de principio estabele-
ı proposição precedente; taes são: *pois* (posposi-
d'onde, finalmente, e as locuções ou formulas — *por conseguinte, pelo que, assim que, emfim, por fim, por uma, ergo* (conservada do latim), *conseguintemente*, etc.

rdancia. — Denomina-se concordancia a corres-
le flexões, i. é, a maneira de relacionar as palavras
ıs outras, segundo as regras da syntaxe.

em-se diversas concordancias: a do verbo com o
numero e pessoa; a do adjectivo com o substan-
sujeito com o attributo e a do relativo com o seu
:, em genero e numero; a da resposta com a per-
dos nomes appostos ou continuados, em identidade
tancias ou relações.

lações de concordancia são indicadas ou pelas posi-
las terminações das palavras que as exprimem.

ı das diversas concordancias:

ı COM O SUJEITO: — *o nascimento em todos é igual, as ı os homens differentes.*

eito.

ɔ collectivo geral é seguido de um substantivo no
determina o sentido, e ao qual está ligado pela pre-
estando este plural comprehendido no singular,
›ecie no genero, o adjectivo e o verbo concordam
ctivo, e não com o substantivo do plural; exemplo:
los infieis foi derrotado; a junta dos medicos appro-rio.

› collectivo geral vem só, ou seguido de um substan-
ɡular, o adjectivo e o verbo podem concordar com o
.o singular, ou concordar no plural com todos os in-
mprehendidos na collecção. Exemplos: *havia concor-gente que parecia pobre* ou *pareciam pobres. Começou r o povo, com diversos gravames, tirando-lhe as for-: melhor o dominar timidos e sujeitos. A maior parte ·a gente dorme* ou *dormem no chão. Ditosa gente que atada* ou *que não são maltratados de ciumes. E gente a estimo* ou *os estimo, nem serve* ou *servem para cousa*

o collectivo partitivo do singular é seguido d'um
ı no plural, ao qual está ligado pela proposição *de*,
singular comprehendido no plural, como a parte no
›ctivo e o verbo devem ir ao plural. Exemplo: *esta-*

ɾante, sem conta nem respeito.

vam juntos alli uma infinidade de homens; uma multidão de gueiras, que de contínuo ardiam, allumiavam a fumaça da polv

CONCORDANCIA DO ADJECTIVO COM O SUBSTANTIVO: — *os pa tempos hão de ser raros, honestos e tão comedidos que a ten rada*[1] *musica da honesta vida se não destempere.*

Mas quando os pronomes *nós, vós*, só representarem 1 pessoa, o adjectivo colloca-se no singular. Exemplos: *meu fi vós sereis estimado, se fordes instruido. Nós abaixo assign director da alfandega de*... etc.

Quando se emprega *vós* fallando a uma só pessoa, segu a mesma regra. Exemplos: *vós sois um* verdadeiro *amigo. ficastes abandonada.* Mas é raro empregar-se este pronome conversação ou no estylo epistolar: frequentemente se usa 3.ª pessoa do singular, se fallamos a uma só pessoa, e da do plural, se a mais de uma, empregando, em vez do suj *vós*, o sr. a sr.ª, os srs. as sr.ªs, v. s.ª, v. s.ªs, v. ex.ª, v. ex.ªs,

Sendo o pronome *vós* complemento directo, emprega-se usu mente alguma das variações — *o, a, os, as*, — ou algum precedentes tratamentos — o sr., a snr.ª, etc.; v. g.: *saia p que o não vejam. Nós a acompanharemos*, minha senhora, ou Nós acompanharemos a snr.ª *Retirem-se antes que* os *vejam* — *que* as *vejam*, ou — *que vejam os snrs., as snr.ªs, a v. a v. ex.ªs*

Sendo complemento terminativo, emprega-se alguma das riações — *lhe, lhes* — pelos ditos tratamentos, ou estes, regi da preposição *a*; v. g.: *digo-lhe* ou *digo-lhes com franqueza O que lhes digo é verdade*, ou — *o que digo* aos *snrs.*, a *v. a v. ex.ªs, é verdade.*

Nos tempos compostos dos verbos, auxiliados pelos irreg res — *ter* ou *haver*, é o partecipio invariavel, quer o verbo teja na voz activa, ou seja pronominal; v. g.: *os livros qu nho* (ou hei) *lido; as casas que tu tens* (ou has) *comprado ellas houvessem* (ou tivessem) *pensado; se nós nos tivesse* (ou nos houvessemos) *lembrado*, etc.

Mas, se aos auxiliares *ter* ou *haver* se seguir o partec *sido*, a voz é passiva, e então o partecipio perfeito concor com o sujeito da oração; v. g.: *elle tem sido estimado;* *têem sido muito estimadas.*

Se concorrerem dois ou mais substantivos do singular genero differente, o adjectivo concordará com elles no plu na forma do genero masculino. Exemplos: *o marido e a mu ambos são generosos; um dia e uma noite eram passados. N*

---

[1] A regra é applicavel ao artigo, e ao partecipio quando variavel.

) *que o manteo e a roupeta que* (o clerigo) *trazia, alem*
stavam no ultimo fio de velhos e gastados.
um adjectivo se refere a muitos substantivos do
iero e numero, concorda em genero, mas vai ao plu-
pae e filho honrados; mãe e filha formosas.
orem, os substantivos de significação semilhante, o
oncorda com o ultimo; exemplo: *não nas bonanças*
versidade se conhece o amor e a amizade verdadeira.
de e o amor verdadeiro.

rrerem muitos substantivos do plural e de genero
o adjectivo concordará com o mais proximo; exem-
mores e esperanças eram vãs, ou *eram vãos seus te-*
eranças. Paris tem bonitas ruas e passeios; vimos ca-
os derrubados.
vezes comtudo o adjectivo ou o partecipio concor-
al com o substantivo mais afastado, como no exem-
e: *os moveis, e não as casas, foram penhorados pelo*
que, n'este caso, o substantivo mais proximo do par-
cluido da afirmação pela particula negativa—*não.*

rrer um substantivo do plural com outro do singu-
tivo, em regra, concordará com o do plural; exem-
endas e o dinheiro eram muitas. Não são nossos po-
dade tão limitados.
m-se nos classicos excepções a esta regra; v. g.:
dinheiro e as fazendas; acceso porque deva con-
ljectivo com o substantivo mais proximo, se na col-
precede.
pre têem os classicos observado esta regra; é por-
or, para satisfazer á euphonia, evitar a reunião de
s de genero e de numero differentes, ou dar a cada
ectivo particular; v. g.: *os dinheiros eram avultados*
muita; ou antes empregar um adjectivo uniforme
ste possa concordar simultaneamente com os dois
s; v. g.: *as fazendas e o dinheiro eram importantes,*
s. Lições, discursos e conferencias breves.

os adjectivos ou os partecipios precedem os substan-
stade, Alteza, Eminencia, Excellencia, Senhoria,
, concordam com estas palavras em genero e nu-
: *sua* ou *vossa Alteza, suas* ou *vossas Altezas; vossa*
tade; mas se os substantivos forem seguidos de
de pronomes ou de partecipios, estes concordam em
umero, não com estes substantivos, mas com a pes-
essoas a quem se dá estes titulos; v. g.: *vossa Al-*
tivo, se é a um homem que se falla, *caritativa,* se é

vam juntos alli uma infinidade de homens; uma multid
gueiras, que de continuo ardiam, alumiavam a fumaça do

CONCORDANCIA DO ADJECTIVO COM O SUBSTANTIVO : —
tempos hão de ser raros, honestos e tão comedidos que
rada[1] *musica da honesta vida se não destempere.*

Mas quando os pronomes *nós*, *vós*, só representa
pessoa, o adjectivo colloca-se no singular. Exemplos :
vós sereis estimado, se fordes instruido. Nós abaixo a
director da alfandega de... etc.

Quando se emprega *vós* fallando a uma só pessoa,
a mesma regra. Exemplos : *vós sois um* verdadeiro *a*
ficastes abandonada. Mas é raro empregar-se este pro
conversação ou no estylo epistolar : frequentemente s
3.ª pessoa do singular, se fallamos a uma só pessoa,
do plural, se a mais de uma, empregando, em vez d
vós, o sr. a sr.ª, os srs. as sr.as, v. s.ª, v. s.as, v. ex.ª, v.

Sendo o pronome *vós* complemento directo, emprega-
mente alguma das variações — *o*, *a*, *os*, *as*, — ou al
precedentes tratamentos — o sr., a snr.ª, etc. ; v. g. : *s*
que o *não vejam. Nós* a *acompanharemos*, minha senho
Nós acompanharemos a snr.ª *Retirem-se antes que* os
— *que* as *vejam*, ou — *que vejam os snrs., as snr.as*,
a v. ex.as

Sendo complemento terminativo, emprega-se algum
riações — *lhe*, *lhes* — pelos ditos tratamentos, ou estes
da preposição *a*; v. g. : *digo-lhe* ou *digo-lhes com fran*
O que lhes digo é verdade, ou — *o que digo* aos *snrs.*,
a v. ex.as, é verdade.

Nos tempos compostos dos verbos, auxiliados pelos
res — *ter* ou *haver*, é o partecipio invariavel, quer o
teja na voz activa, ou seja pronominal ; v. g. : *os livr*
nho (ou hei) *lido; as casas que tu tens* (ou has) *comp*
ellas houvessem (ou tivessem) *pensado; se nós nos t*
(ou nos houvessemos) *lembrado*, etc.

Mas, se aos auxiliares *ter* ou *haver* se seguir o p
sido, a voz é passiva, e então o partecipio perfeito co
com o sujeito da oração ; v. g. : *elle tem sido estima*
têem sido muito estimadas.

Se concorrerem dois ou mais substantivos do sing
genero differente, o adjectivo concordará com elles no
na forma do genero masculino. Exemplos : *o marido e*
ambos são generosos; um dia e uma noite eram passad

---

[1] A regra é applicavel ao artigo, e ao partecipio quando variav

po que o manteo e a roupeta que (o clerigo) *trazia, alem , estavam no ultimo fio de velhos e gastados.*

do um adjectivo se refere a muitos substantivos do genero e numero, concorda em genero, mas vai ao plu- g.: *pae e filho honrados; mãe e filha formosas.*

a. porem. os substantivos de significação semilhante, o ro concorda com o ultimo; exemplo: *não nas bonanças adversidade se conhece o amor e a amizade verdadeira. izade e o amor verdadeiro.*

ncorrerem muitos substantivos do plural e de genero te, o adjectivo concordará com o mais proximo; exem- s *temores e esperanças eram vãs,* ou *eram vãos seus te- esperanças. Paris tem bonitas ruas e passeios; vimos ca- lacios derrubados.*

mas vezes comtudo o adjectivo ou o partecipio concor- plural com o substantivo mais afastado, como no exem- guinte: *os moveis, e não as casas, foram penhorados pelo* ; porque, n'este caso, o substantivo mais proximo do par- é excluido da affirmação pela particula negativa — *não.*

ncorrer um substantivo do plural com outro do singu- adjectivo, em regra, concordará com o do plural; exem- *fazendas e o dinheiro eram muitas. Não são nossos po- liberdade tão limitados.*

ntram-se nos classicos excepções a esta regra; v. g.: *do o dinheiro e as fazendas;* acaso porque deva con- o adjectivo com o substantivo mais proximo, se na col- o os precede.

sempre têem os classicos observado esta regra; é por- melhor, para satisfazer á euphonia, evitar a reunião de tivos de genero e de numero differentes, ou dar a cada adjectivo particular; v. g.: *os dinheiros eram avultados nda muita:* ou antes empregar um adjectivo uniforme ue este possa concordar simultaneamente com os dois tivos: v. g.: *as fazendas e o dinheiro eram importantes, aveis. Lições, discursos e conferencias breves.*

do os adjectivos ou os partecipios precedem os substan- *Magestade, Alteza, Eminencia, Excellencia, Senhoria.* etc., concordam com estas palavras em genero e nu- . g.: *sua* ou *vossa Alteza, suas* ou *vossas Altezas; vossa agestade;* mas se os substantivos forem seguidos de tos, de pronomes ou de partecipios, estes concordam em e numero, não com estes substantivos, mas com a pes- as pessoas a quem se dá estes titulos; v. g.: *vossa Al- ritativo,* se é a um homem que se falla, *caritativa,* se é

guma clausula, da qual depende a affirmação ou n
nhecem-se pelas conjuncções condicionaes que en
composição. Exemplo: SE O TEU INIMIGO TIVER FOM
comer; SE TIVER SEDE, *dá-lhe de beber; porque c*
agradecerá.

Os tempos condicionaes formam-se do infinito e
conjugações ajuntando ás terminações — *ar, er, ir*
bas: *ia, ias, ia, iamos, ieis, iam.*

Conferencia. — Diz-se principalmente a
de duas ou mais pessoas juntas, sobre qualquer a
rio, querendo chegar a um accordo commum. N'out
entende-se especie de lições familiares dadas por u
assim se dão conferencias sobre a historia, a lit
bellas artes, a politica, etc.

Confirmação. — É a comprovação directa
do assumpto, a parte do discurso em que se est
provas do que se affirmou ou negou, corroborando-
razões e fundamentos, dispostos pela ordem e sob
vista mais capazes de persuadir.

A confirmação compete o estylo subtil, de modo q
e a perspicuidade da phrase vá acompanhada de f
Veja *Refutação.*

Congeneres — Dizem-se as palavras da mes
i. é, que têem a mesma raiz; taes são: *alegrado,*
alegramento, alegrão, alegrar, alegre, alegremente, a
greza, alegria, alegrissimo, alégro.

Tomando o radical *am* e juntando-lhe os conven
xos, se formam as seguintes palavras, e ainda out
ma origem:

Radical — am { ar, abilidade, abilissimo, ado, ador, ante, avel, avelmente, igavel, igo, izade, oravel, orifero, or, orío } Desinencias ou suffixos

lical *am* indica a ideia de *amor*, mas esta ideia é mo-
de differentes modos, segundo os suffixos que se lhe
.

ta-se que, assim como as palavras podem constar de
um prefixo, assim podem tambem ser compostas de
um *suffixo*: algumas chegam a ter quatro. Sirvam de
as seguintes:

....	um suffixo
vel	dois suffixos
bili-ssimo	tres suffixos
bili-ssima-mente	quatro suffixos

em se dizem congeneres ou consanguineas as linguas
m uma origem commum, como são os idiomas romani-
neo-latinos — portuguez, hespanhol, francez, italiano,
al e valachio, pertencentes ao grande grupo indo-euro-

geries. — Veja *Conglobação*.

globação ou **Congeries.** — Dão os rhetoricos
tes dois nomes á figura, pela qual se reunem muitas
pensamentos, accumulação de termos ou de provas
monstrar a mesma cousa. Exemplo: *quantas provações
vel accumular, todas visitaram os israelitas: a perigosa
cação de estranhos cultos e de lisongeiras delicias; o
precipicio de um poder immenso; desastres consecutivos;
da patria, servidão na terra inimiga, perda da inde-
a, e subjeição ao estrangeiro; nada abalou no coração
a esperança e a verdade.*

ugação. — Diz-se o conjuncto das formas, que se
nos verbos por *modos, tempos, numeros* e *pessoas*.
mas dos modos indicam se a acção expressa é geral,
incerta: as dos tempos exprimem se esta acção é pas-
sente ou futura; as dos numeros, se o sujeito do verbo
ingular ou no plural; e as das pessoas, se é o sujeito
, se é a elle que se falla, ou se é d'elle que se falla.

jugações são tres, e distinguem-se pelo presente do
termina a 1.ª em *ar*, como *louv*-ar; a 2.ª em *er*, como
3.ª em *ir*, como *applaud*-ir.
e vê a ordem das vogaes — *a, e, i*, seguidas da in-

jugações podem ser *regulares* ou *irregulares, defecti-*

vas ou *unipessoaes*, *reflexas* ou *pronominaes* e *periphrasticas*.

O verbo *pôr* e seus compostos levam sua irregularidade ao infinito; mas como aquelle verbo é uma contracção do *poer* (antigo, do latim *ponere*), faz parte dos irregulares da 2.ª conjugação.

O verbo pode ser conjugado na voz *activa* ou na *passiva*.

Conjugar. — É reunir ou recitar as differentes inflexões e terminações, que um verbo toma em todas as pessoas, numeros, tempos e modos de ambas as vozes.

Este modo de recitar os verbos é regular ou irregular, conforme a conjugação segue os modelos ou d'elles se afasta.

Para bem conjugar um verbo regular é principalmente indispensavel: 1.º saber pelo infinito a qual das conjugações pertence; 2.º conhecer todas as terminações pessoaes de cada tempo dos modelos ou paradigmas; 3.º distinguir em cada pessoa o radical da terminação necessaria; 4.º saber conjugar os verbos auxiliares com os quaes se formam os tempos compostos.

Veja *Conjugação*.

Conjuncção. — É uma palavra invariavel que liga ou relaciona entre si as orações, ou os membros d'estas, de modo que formem um sentido completo.

As principaes conjuncções são: *e, mas, nem, ou, pois, porque* e *se*.

Ha, depois d'estas, as palavras e locuções conjunctivas constantes dos grupos designados em seus respectivos logares.

As conjuncções entre varias palavras — *sujeito, attributo, verbo* ou *complemento* — permittem formar outras tantas orações ellipticas, cujo nexo e ordem se conserva entre as mesmas como partes elementares do pensamento total.

É a luz mais benigna QUE *o sol;* PORQUE *o sol não só allumia* MAS *abrasa: a luz allumia* E *não offende*.

Tem este periodo seis orações: quatro no 1.º membro, duas no segundo.

A não ser o auxilio das conjuncções — *que, porque* e *mas* no 1.º membro e — *e* — do 2.º, não somente ficariam inteiramente desligadas umas das outras as orações contidas n'este bimembre, mas deixariam de exprimir as relações de nexo e ordem que assim guardam entre si, formando sentido total.

N'este periodo — *Se Deus não cortára a carreira ao sol, com a interposição da noite, fervera e abrazara-se a terra, arderiam as plantas, seccaram-se os rios, sumiram-se as fontes e for*

O 2.º volume d'este estudo começa pelas differentes conjugações dos verbos, convenientemente exemplificadas e annotadas.

[redacted]

não fabulosos os incendios de Faetonte — apezar
t a conjuncção *e*, nos incisos — *arderam as plan-*
se os rios, sumiram-se as fontes — onde notamos a
ton, — ainda assim não devem contar-se menos
s.

ções podem ser consideradas em quanto á *forma*
á *significação*.

as em quanto á forma, dividem-se em *simples* e

s em quanto á significação, podem dividir-se em
coordinativas e *subordinativas*.

ao 1.º grupo:
ivas, continuativas, disjunctivas, adversativas,
s comparativas, explicativas e conclusivas.

ao 2.º grupo:
onaes, concessivas ou restrictivas, causaes, cir-
integrantes e dubitativas.
uma na ordem alphabetica d'este livro.

tivas. — Dizem-se locuções conjunctivas duas
ras ou phrases combinadas, desempenhando as
ma conjuncção, que por isso se chama composta;

não só... mas tambem, outro sim, alem de, alem
ito, na verdade, de mais a mais, de sorte que, por
eguinte, apesar de, de outra sorte, como quer que,

dizem conjunctivas as palavras, que ligam a an-
rações onde ellas são collocadas, ficando por isso
d'aquellas — são as conjuncções e os relativos

tivo. — É um dos modos na conjuncção dos ver-
nta a um outro verbo, ficando-lhe subordinado
ndente para formar um sentido perfeito; vem de
edido da conjuncção *que*. Exemplo: *Deus quer*
se amem uns aos outros. Desejo que tenhas saude.
o dos tempos do conjunctivo é duvidosa e con-
s linguagens andam sempre subordinadas a ou-
terminam.
racter d'estas linguagens é annunciarem indirec-
ticamente a existencia do attributo no sujeito,

---

as outras locuções vão grupadas com cada uma das diffe
conjuncções a que respectivamente pertencem.

dependente sempre de uma palavra (ordinariamente verbo no indicativo), a que estão ligadas por alguma das conjuncções — *que, se, quando* [1] (clara ou occulta), dão-lhe por isso tambem alguns grammaticos o nome de *subjunctivo*.

As differentes formas verbaes do conjunctivo ou subjunctivo são:

um presente

tres preteritos { preterito imperfeito
preterito perfeito composto
preterito mais que perfeito composto

tres futuros... { futuro imperfeito simples
futuro imperfeito composto
futuro perfeito composto

Os pronomes relativos *que, qual, quem, cujo*, e o adverbio *onde*, tambem se denominam *conjunctivos*.

Veja *Relativos*.

Connexão. — É a dependencia ou ligação que na expressão dos pensamentos, quer fallados quer escriptos, se estabelece entre as ideias, entre as proposições, entre os principios e suas consequencias, ou entre as causas e os effeitos resultantes, entre o todo e as suas partes, etc.

Consequente. — Diz-se o 2.º dos dois termos da relação entre duas palavras, ou phrases ligadas pela preposição; v. g.: *dispõe-te a estudar*; ESTUDAR é o consequente, como *dispõe-te* é o antecedente da relação de complemento que ha entre *dispõe-te* e *estudar*.

Veja *Subsequente*.

Consoante. — Diz-se a rima que guarda conformidade em todas as lettras, desde a vogal accentuada até ao fim das palavras, em que terminam dois ou mais versos; como: *certeza* e *firmeza, gloria* e *memoria, mundo* e *profundo, alma, calma, palma*, etc.

A rima consoante divide-se em *encadeada, emparelhada* e *interpolada*.

Veja cada um d'estes artigos.

Consoantes. — Veja *Invogaes*.

---

[1] *Embora* e, por via de regra, *com quanto* levam o verbo ao conjunctivo.

ancia. — Diz-se a uniformidade de som na ter- palavras. Na poesia quanto mais rica é a conso- imas, tanto mais estimada é a composição. Já não o tanto na prosa, por que ahi as consonancias las ferem o ouvido ou chocam o gosto.

lasse de figuras de palavras chamadas de *conso-* e pertencem: —o *equivoco*, a *paranomasia*, a *anta-* *percussão.*

as figuras devem ser empregadas raras vezes, até osas; e ainda assim, para serem louvaveis, é pre- onsonancia sirva de gravar e tornar mais pene- nsamento valioso.

consonancia pára no ouvido, sem que o espirito se ella, torna-se n'um ridiculo e pueril jogo de pala- ste — *Por causa dos privados foi privado.*

posto á *Consonancia* é a *Dissonancia.*

ucção. — É a combinação ou arranjo das pala- lo ou no discurso, segundo as leis e os usos de e em harmonia com as mutuas relações de concor- ndo o exemplo dos que melhor fallaram ou escre- na lingua, afim de que haja clareza, primeira qua- ial, força e suavidade de expressão.

ção pode ser *directa*, *inversa*, *transposta* ou *inter-* *elliptica*, *simples*, *figurada*, *usual*, etc.

construcção ou *collocação* a syntaxe, que ensina a avras e as orações pela ordem local, auctorisada mestres da lingua.

xe.

ura diz-se em geral o systema que domina em mposições litterarias, ou os processos que ahi fo- los e seu conjuncto.

ura. — É o modo de organisação, de arranjo s partes que constituem um corpo organisado, e seu *tecido.*

em litteratura diz este vocabulo — ligação das rmam uma obra intellectual, litteraria; v. g.: *a um discurso, de um drama*, etc.

ados. —Veja *Appostos, Apposição.*

ativas. — Dizem-se *continuativas* ou *transiti-* ncções ou locuções, que ligam duas orações fa- em de uma para a outra, em rasão da semilhança e ambas têem; taes são:

Pois, *ora* (agora), *outrosim*; e as locuções — ***além d'isti*** ou *d'isso, alem de que* ou *do que, de mais, de mais a mais, **quant** ao mais, com effeito, em* ou *na verdade, assim mesmo*, **etc.**

Tambem se chamam continuativas ou **transitivas duas ora** ções, ligadas entre si por alguma das conjuncções ou **locuçõe** do mesmo nome, e tão relacionadas pelo sentido, **que uma** uma se completam. Exemplos: *não o tenho por fraco, **pois vi j** obras do seu esforço. Ora, tornando ao assumpto, **serei bre** ve*...

Conto. — É a narração poetica de uma acção **singela, o** sem grandeza, mas interessante, lastimosa ou jocosa.

Tambem se dá este nome á narração fabulosa, **historia ima** ginaria ou fabula; differe da historia.

São contos largos, locução vulgar que quer dizer — é **um** historia muito comprida, é um negocio complicado. *Deixe-se **d** contos*, modo de dizer, equivalente a — *falle **sem rodeios, trat** da questão, nada de desculpas; não ande com **mexericos, intri** gas*, etc.

Quem conta um conto sempre lhe accrescenta um ponto — **ada** gio popular.

Conto, Fabula, Novella, são synonymos. *Conto* é **uma aven** tura fingida e narrada por auctor conhecido. *Fabula* é **um** aventura falsa divulgada no publico, e cuja origem **se ignora** *Novella* é uma serie de muitas aventuras suppostas.

Veja *Romance, Narrativa*.

Contra. — Preposição que denota a relação de **situaçã** ou direcção para alguma parte; v. g.: *voltado contra **o poent*** Tambem denota relação de opposição, inimizade, **comparaçã** numerica, etc.; v. g.: *contra a vontade; fallou **contra a repu** tação de...; aposto um contra dez*, etc.

Contra, apezar, não obstante, são synonymas.

Contra denota uma contrariedade formal, ou **a respeito d** opinião, ou da conducta: *o homem de bem **não falla contra** verdade, nem o politico contra a opinião geral.*

Apesar exprime uma opinião de resistencia **sustentada po** via de facto, ou por outros meios, mas sem effeito **da parte d** opponente, enunciado pelo complemento da **preposição**. ***A li**berdade triumphará apesar dos tyrannos.*

Não obstante indica sómente uma opposição ligeira **da part** do complemento, a que se não tem respeito. ***O malvado com**mette crimes no templo, não obstante a sanctidade do logar.*

Veja *Prefixos.*

Contracção. — Diz-se a especie de pressão, de condensação de syllabas pela qual, em vez de duas que eram, fazemos uma só syllaba, como n'estas: *ao, á, do, da, no, na, pelo, pela:* em logar de — *a o, a a, de o, de a, em o, em a, per o, per a* ou *por o, por a.* etc: *áquelle* em vez de — *a aquelle: n'este* em vez de — *em este: d'Almeida,* em vez de — *de Almeida: lh'o, m'o, t'o,* em vez de — *lhe o, me o, te o,* etc.

No verso tambem se encontram estas contracções: — *c'o, c'os* ou *co'o, co'os,* em vez de — *com o, com os; co'a, co'as* em vez de — *com a, com as.*

Ha duas especies de contracções: a *syncrese* e a *crase.*

A pressa que temos em enunciar o pensamento deu logar ás contracções e ás ellipses. Alem d'isto as contracções corrigem a rudeza de certas palavras. Assim pois,

Em vez de:		*Diga-se e escreva-se:*
a o,	a a	ao, á
a os,	a as	aos, ás
de o,	de a	do, da
de os,	de as	dos, das
em o,	em a	no, na
em os,	em as	nos, nas
per ou por o,	per ou por a	pelo, pela
per ou por os,	per ou por as	pelos, pelas

As formulas — *sobre o, sobre a, sobre os, sobre as,* tambem se encontram na poesia contrahidas d'este modo: — *sobolo, sobola, sobolos, sobolas* (esdruxulas).

Com o artigo indefinito tambem se contrai; em vez de — *de um, de uma, de uns, de umas; em um, em uma, em uns, em umas* — diga-se e escreva-se (quando a euphonia assim o requeira): — *d'um, d'uma, d'uns, d'umas; n'um, n'uma, n'uns, n'umas.*

O, a, os, as, que se contraem com as preposições *de, em* e *por* ou *per* quando são artigos definitos ou pronomes demonstrativos, nunca se contraem com ellas quando são pronomes pessoaes, porque, n'este caso, não são regimes d'estas preposições, embora as sigam; v. g.: *em o vendo ali; em a prevenindo a tempo; depois de os ver; quando as comprimento,* etc.

Temos ainda as seguintes contracções com os demonstrativos e alguns indefinitos: *d'este, d'esta; d'esse, d'essa; d'aquelle, d'aquella* e seus pluraes; *d'isto, d'isso, d'aquillo.* Em vez de — *de este, de esta, de esses,* etc.

N'este, n'esta, n'esse, n'essa, n'aquelle, n'aquella e seus pluraes; *n'isto, n'isso, n'aquillo.* Em vez de — *em este, em esta, em esses,* etc.

Àquelle, áquella, áquelles, áquellas, áquillo. Em vez de — *a aquelle, a aquella, a aquelles, a aquellas, a aquillo.*

D'outro, d'outra e seus pluraes e *d'outrem;* em vez de — *de outro,* etc. *Est'outro, ess'outro, aquell'outro;* em vez de — *este outro,* etc. e seus pluraes.

D'algum, d'alguma, e seus pluraes; *d'alguem, d'ambos, d'ambas,* etc.; em vez de — *de alguem, de ambos,* etc.; *lh'o, lh'a, lh'os, lh'as,* em vez de *lhe o,* ou *lhes o, lhe a,* ou *lhes a; m'o, t'o,* etc.

Contraposição. — Dá-se este nome a uma classe de figuras de palavras, que comprehendem a *antithese* e a *antimetabole.*

Veja estes artigos.

Contraste. — Diz-se o effeito que resulta de razões ou réplicas em contrario. O contraste das ideias é uma das fontes mais abundantes do estylo; ás vezes brilha do contraste como que uma luz, que approxima ou concilia as opiniões.

Se os olhos são o espelho da alma, como é que tem esta mulher uma alma tão negra, e aquelles olhos de um azul celeste?

É um facto da ordem physica em comparação de um outro da ordem moral, cujo effeito produz um *contraste.*

Os contrastes prazem á imaginação, porque dão mais pompa e brilho aos objectos, mais occupação á nossa sensibilidade. Excitam mais fortemente a attenção; auxiliam-na, determinam a sua comparação, fazendo percorrer rapidamente as ideias accessorias. Por este meio obtem-se o effeito principal do estylo, que é procurar a maior quantidade possivel de sensações, no menor intervallo de tempo, e com o menor numero de palavras que se possam empregar.

Não basta que o contraste seja verdadeiro, é tambem necessario que seja bem manejado. Abusar do *contraste* e da *antithese* seria destruir o seu effeito.

Alguns escriptores da escola romantica têem levado este abuso até ao ridiculo.

Controversia. — Debate, discussão, manifestação de opiniões oppostas. É especialmente applicado este termo ás questões mais ou menos vivas, que se sustentam sobre pontos de theologia.

Conveniencia do estylo. — É a conformidade entre a expressão dos pensamentos e o assumpto de que se trata, pois que a elocução ha de variar para se accommodar aos pensamentos e evitar-se a monotonia. Assim as cousas simples appareçam exprimidas simplesmente; as agradaveis deleitosamente; as nobres e grandes com elevação e grandeza: nos as-

discussão, convem o estylo claro, preciso, forte e
le imaginação, o elegante e o espirituoso, o deli-
toresco; nos patheticos, o insinuante, o vivo e o
lgumas vezes o vehemente e o energico.
;, entende-se a qualidade pela qual se deve obser-
que compete ás pessoas a quem são dirigidas.
as.

sação. — Diz-se a linguagem quotidiana, desen-
o estudada, de duas ou mais pessoas, como de fa-
lo sobre qualquer materia que se offereça.
livre a conversação não admitte palavras exquisi-
ıbra de affectação; deve porem ser pura, correcta
:s communs a todo o genero de discurso; estylo
tural.
a boa conversação deve ser corrente, e natural, e
ou frivolo; discreto sem vaidade; prasenteiro sem
; polido sem affectação; galante sem insipidez;
:m engano.
: disserta, nem se invectiva; raciocina-se sem ar-
galanteia-se sem jogo de palavras, e com maravi-
e associam o bello espirito e a razão, as maximas
; a engenhosa facécia e a moral austera.
: tudo; porque cada um tem a dizer alguma cousa;
ndam as questões com o receio de causar enfado;
s como de passagem ou se tratam com rapidez; a
corre para a elleganeia; cada um offerece o seu
:urando sustental-o em poucas palavras; ninguem
alor a opinião de outro, nem defende obstinada-

para se elucidar o espirito; acha-se recreio na
a um se instrue, e se diverte; e todos se retiram
mesmo sabio tira d'estas instrucções assumptos
serem meditados em horas silenciosas.
regra das conversações recommenda, que sejamos
s nossos discursos, simplices nas acções, fieis nas
actos nos deveres, regulados nos desejos, e que
ıos por motivos do nosso proprio prazer, do que

e o garrula prolixo é mais insupportavel, que um
uso; porque um livro, que nos fatigue, sem ceri-
amos pela janella fora; porem já não podemos ter
erdade com um fallador infatigavel, que sempre
mar a palavra em tudo, e a todos os momentos,
sobre a sociedade, dando com isto communente
equivocas d'uma educação pouco feliz, e de pre-
lhantes para aquelles, que o ouvem.»

Coordenação. — Tomada no sentido restricto e appl cada á grammatica, diz-se a disposição, o arranjo das palavr e das orações, segundo as regras grammaticaes, que lhes s communs e que estabelecem suas relações e sua dependenci mutua.

Divide-se em *syndetica* e *asyndetica*.

Veja estes artigos e *Composição*, *Construcção*.

Coordenadas. — Chamam-se as orações ligadas um ás outras por conjuncções, sendo da mesma natureza. Exempl *Chegou, disse e convenceu.*

Estas tres orações são todas da mesma natureza — *princ paes;* as duas ultimas coordenadas com a primeira e ligad pela conjuncção. Outro exemplo:

Recitar versos não deve ser medil-os nem cantal-os; medil- e cantal-os são duas orações integrantes coordenadas que conjuncção — *nem* — ligou uma á outra.

Incluem-se na classe das orações principaes (coordenad as *copulativas*, as *disjunctivas*, as *adversativas*, as *conclusiv* as *explicativas*, as *comparativas* e as *correlativas*.

Veja estes artigos.

Coordenativas. — São as conjuncções que sómente l gam as orações, como: as *copulativas*, *continuativas*, *disju ctivas*, *adversativas*, *correlativas* ou *comparativas*, *explicativ* e *conclusivas*.

Veja qualquer d'estes artigos.

Copia. — Dá-se este nome, em sentido restricto, ao e cripto feito conforme um outro; reproducção por escripto, p dendo ser imitado com mais ou menos exactidão.

Os *fac-similes* são copias figuradas.

Copla. — Quarteto de versos endecasyllabos, ou octon rios, consoantes ou assoantes.

Ás vezes formam uma parte da canção e até uma canção intei

A copla na canção é como a estrophe nas Odes.

Copuladas. — Dizem-se as orações de egual nature ligadas umas ás outras por algumas das conjuncções coord nativas. Veja *Coordenadas*, seu synonymo.

Copulativa. — Diz-se a oração que, independente d'ou tra quanto ao sentido, a ella está todavia ligada por alg das conjuncções copulativas clara ou occulta. Exemplo: *O c nhecimento das nossas obrigações, é o mais importante de tod os nossos conhecimentos,* E *aquelle que nós mais despresamos.*

mo *começa as revoluções, acompanha-as o delirio,* E
ipre se lhes segue o arrependimento.
ünam-se *copulativas* as conjuncções e as locuções que
orações susceptiveis da mesma affirmação ou nega-
juntar nenhuma ideia particular á ideia de ligação.
as conjuncções — *e, tambem, nem, mais, que;* e as lo-
· *não só... mas tambem, bem assim, alem de.*
ncontra-se algumas vezes ellidida no primeiro mem-
irase; v. g.: *logo lhe pareceu cavalleiro, ainda que* (nem)
m cavallo trouxesse.
ga-se por — *e não, e tão pouco, e ainda menos, como*
: *disse-lhe a verdade, nem outra cousa lhe podia dizer.*
igas mal de ninguem, nem de teu inimigo. Foges de mim
u fosse teu inimigo.
ga-se em algumas phrases como particula emphatica;
e entraremos todos em combate pois nem *um* (nenhum?)
rá. Nem que elle jure o acredito; i. é, *não o acredito*
e elle jure.
raro empregar-se como conjuncção copulativa; se al-
z se emprega, é com a significação de *e;* v. g.: *o susto*
i que não a mim.
m não se deve confundir com os adverbios *tão bem:* é
ar o equivoco, como se deprehende das seguintes phra-
tão bem acolhido que... foi tambem elle mal informado.

ie. Cornio. —Veja *Desinencias.*

ecção. — É a qualidade da oração, que consiste na
osa observancia das regras da grammatica e dos usos
a; ou a conformidade exacta com as regras da concor-
regencia.
m se dá este nome á figura pela qual se condemnam
iras expressões, corrigindo-se, ou porque foram de-
fracas para exprimir toda a energia do pensamento,
se dizer outra cousa. A correcção, n'este sentido, é pro-
a produzir alguma sensação viva e agradavel, ou sim-
e para despertar a attenção do auditorio.
ção e *Exactidão,* são synonymos. A *correcção* consiste
vancia escrupulosa das regras; a *exactidão* depende da
o fiel de todas as ideias necessarias ao fim que nos
s. A 1.ª applica-se ás palavras e ás phrases; a 2.ª aos
ás cousas.
ase será *correcta,* se for conforme ás regras da gram-
la lingua. Sem correcção, mal pode haver clareza e já-
a elocução.
io contrario á correcção é o solecismo, e o melhor meio
itar, é não violarmos as leis da syntaxe.

... — Diz-se a concordanci
ha entre as palavras ou entre as orações;
os termos — *amo* e *criado, mestre* e *discipu*
Quando o sentido de uma proposição e
situação de exigir, ou de suppor o sentido
posição, diremos que estas proposições são
é a correlação da outra. Assim podemos ig
relação entre dois membros de uma phrase:
uma cousa é vedada, tanto ella é mais deseja
Os dois membros d'esta phrase chamam-
tas ou correlativas.

Correlatas. — Veja *Correlação, Correl*

Correlativas. — Assim denominadas a
denotam relação commum e reciproca; taes
depois de — *mais, menos* (invariaveis); *maior,*
(variaveis); *como, quão* (invariaveis) e *quanto*
de — *tão* (invariavel) e *tanto* (variavel); *qual*
de — *tal* (variavel) etc; e as locuções — *não*
como... assim; assim como... assim tambem; t
menos, ou *quanto menos; primeiro que*, etc.
Tambem dizemos:
quanto mais... tanto mais;
quanto menos... tanto menos;
ou quanto mais... tanto menos;
quanto menos... tanto mais;
v. g.: *quanto mais eu examinava, tanto mais*
admiração; ...

quando o 2.° membro correlativo é seguido de um
u de um verbo; v. g.: *é mais idoso do que tu; aquelle
que este; é mais instruido* (ou menos) *do que parece.*
algumas excepções havemos de admittir, quando
xija a harmonia do discurso; preferimos dizer: *não*
o mais seguro para a felicidade que o da virtude, a
do que o da virtude.

n se diz *correlativa* a oração composta de duas ora-
rimindo a relação de egualdade entre dois objectos,
e-se pelas diversas palavras correlativas. Exemplo:
o na puericia as virtudes parecem mais formosas, as-
ncianidade os vicios parecem mais feios. Quanto se põe
lho, tanto se tira do necessario. É tão grande o peso dos
da publica administração, que pedem o concurso de

as orações correlativas, ligadas entre si pelas conjunc-
alavras conjunctivas, a 2.ª é integrante da 1.ª
posições *correlativas* chamam-se tambem *absolutas* ou
O conjuncto das proposições correlativas ou parciaes
periodo.
m ha quem lhes dê o nome de *correlatas.*

espondencia. — Em grammatica deve entender-
ção de determinação e de dependencia, que os tempos
os podem ter entre si.
tido mais restricto, entende-se a troca de cartas entre
ssoas; essa correspondencia pode ser — *litteraria, po-*
entifica, diplomatica, etc.

ado ou solto. — Diz-se o estylo cujas phrases são
desligadas. Exemplo:
ra é o riso do ceo, a alegria dos campos, a respiração
, a harmonia das aves, a vida e alento do mundo, etc.
stylo é proprio das paixões, alegria, e argumentação
. Com tudo deve o seu uso ser moderado; para não
discurso todo retalhado aos bocadinhos, que alem de
ria o estylo desatado e como que ir aos saltos.

s ou a maior das clausulas de um discurso ou escri-
m de uma só phrase curta, ou de phrases curtas e
, toma o estylo a forma solta ou cortada. Exemplo:
e virtude são a nobreza verdadeira. As fidalguias her-
estam-se: perdem-se, deslustram-se. Desabam thronos.
e opulencias. As forças gastam-se. A mocidade e as
apparecem. O poder aniquila-se. Os titulos revogam-
ções transtornam-se. Os amigos finam-se. As condeco-

rações despem-se todas as noites. O mais carregado d'ellas o distinguirá no somno do mendigo nu!...

A prosa solta requer-se na conversação familiar e nas tas, onde se tratam negocios de sua natureza diversos e gados; excepto se a sua materia for mais elevada, como ctos philosophicos, politicos, etc.; porque, n'esse caso, d com o estylo elevar-se tambem a collocação.

Cosmo. —Veja *Prefixos.*

Cracía. —Veja *Desinencias.*

Crase. — É aquella figura que resulta da contrac dois *a a* brandos em um só agudo — *á* — v. g.: *á vista, á ci dar á vela;* por — *a a vista, a a cidade; dar a a vela,* e por *a aquelle*, etc.

Veja *Palavras, Contracção.*

Crisía. —Veja *Desinencias.*

Criterio. — É a base da certeza dos juizos do ho caracter que forma como a pedra de toque da verdad permitte ao espirito distinguir o verdadeiro do falso, e assim a certeza. Esta palavra, como o indica a sua etym suppõe que alguem quer elevar-se á certeza, e adquirir positivas do quer que seja, assegurando-se préviame grau de fé que deve ligar aos diversos motivos do seu j

Querem muitos que o criterio mais seguro seja a evi Mas como chegar á evidencia, a não ser por todos os meios ou processos intellectuaes?

Critica. — Diz-se a applicação do bom gosto ás di tes producções do espirito, distinguindo-se o bello do pe pesando o merito dos escriptos, etc.; pode ser: *sã* ou *co*

Sã, quando registando os extravios dos generos, se to ção proveitosa aos engenhos vindouros.

Corrupta, quando a apreciação dos conhecimentos hu é feita debaixo da pressão das paixões, e das tendencias systema viciado.

A verdadeira critica em materia d'arte e de litteratu siste em averiguar a causa das impressões agradavei suscitam em nós certos productos da imaginação; porqu daram elles em todos os tempos aos homens cultos; a q xões, a que necessidades da alma se dirigem e corresp Em materia de historia, a critica determina o grau de co que merecem os diversos acontecimentos de que se fa

regras que a dirigem n'estas decisões, umas dizem
auctoridade do testemunho dos homens em geral.
› mais especiaes e referem-se aos escriptos e á pessoa
iadores, ao numero de seus testemunhos, e ás suas
ões sobre factos particulares.
›o historico estabelece tambem regras relativamente
idade dos factos attestados pelos monumentos publi-
ı tradição.
nalyse.

-se *obras de critica* todos os escriptos d'apreciação do
: producções litterarias ou artisticas, e que pertencem
o didactico, porque de ordinario não se limitam a ex-
apressões do auctor, mas apontam e applicam as re-
zem observações instructivas.
ica deve ser esclarecida, imparcial, judiciosa e polida.
ima qualidade é ainda mais necessaria, quando a cri-
ntestada e nasce a *polemica.*

ei. —Veja *Prefixos.*

ptographia. — Arte de escrever em caracteres se-
Escriptura que consiste em transportar as lettras do
to, ou em as representar por differentes signaes de con-
de modo que só os entenda a pessoa a quem se escreve.

ptonymo. — Auctor que esconde o seu nome, que o
ı. Os auctores *cryptonymos* dividem-se em: *anonymos,*
em imprimir suas obras sem lhe pôr o nome d'elles;
ymos que assignam suas obras com um nome que elles
m e que o inventaram a seu prazer; *allonymos* que se
m sob o nome de qualquer auctor de reputação, procu-
ttribuir-lhe obras que elle não escreveu; finalmente em
ymos que se contentam de transportar as lettras do seu
uzendo com isso um anagramma.

teranismo ou **Cultismo.** —Veja *Gongorismo.*

sivo. — *Lettra cursiva,* a que não é redonda; diz-se
d toda a escripta traçada com alguma rapidez; tal é a
m que está escripto o seguinte conceito:

O desconfiado convida a ser trahido

D

Quarta lettra do alphabeto e terceira invogal, certa.

Uma das articulações improferiveis linguaes-dentaes

Chama-se *dê;* seu valor porem não é nem toante nem

é improferivel; lê se pondo a lingua nos dentes e na g

superior; por este *modo*, sem nada proferir, sairá a voz

ficada pela articulação *d'* — v. g.: *Dido duvida.*

Diz-se um *dê*, o *Dê*, um *dê* pequeno, aquelle *Dê* g

Donde se vê que é do genero masculino, e que pode ser

culo ou maiusculo. O minusculo dobra-se em muitas pa

compostas da preposição ou prefixo *ad*, começando por

tra palavra componente como — *addicção, adducção,* etc

se começar por *c, f, g, l, n, p, r, s, t,* então o *d* do pre

muda-se por antithese nas mesmas lettras, como se veri

accusar, affixar, aggravar, allusão, annexo, applauso, as

associação, attonito.

A não ser a razão etymologica nenhuma convenienc

deriamos encontrar n'esta duplicação de lettras.

No começo das palavras nunca se dobra.

O maiusculo emprega-se assim — D. como inicial d

(abreviatura de *Dominus* — Senhor), Dona, Doutor.

Como expressão da quantidade romana, ainda usad

nós, D vale 500 e com um traço por cima — $\overline{D}$ — 5:000.

Veja T.

D' ou *d'*. — Abreviação da preposição *de* junta a um

que começa por vogal; v. g.: *d'abril d'este anno,* em ve

de abril de este anno.

Veja *Contracção.*

Dactylicos. — Veja *Esdruxulas* e *Esdruxulos.*

Dactylolalia. — Arte de representar os elemen

palavra (as lettras) pelos dedos diversamente dispostos

Dactylologia. — Arte que ensina os surdos mudo

primirem os seus pensamentos, ou as suas ideias, por s

feitos com os dedos em diversas posições; meio de que s

servir qualquer outra pessoa, a quem não seja descon

esta combinação.

Dade. — Veja *Desinencias.*

Dão. — São do genero feminino os substantivos term

em *dão*, como: *aptidão, gratidão, multidão;* exceptuan

godão, condão, galardão e os augmentativos, que sem

ainda que os seus respectivos primitivos sejam do
ino.

· **Indicação do tempo e do logar onde uma cousa**
a em que uma carta ou qualquer documento foi

dar, **indicar a época** e o logar em que o facto suc-

recede ordinariamente a assignatura, ficando á es-
m pouco acima do nome, nas cartas e requerimen-

9 de fevereiro de 1884.

(Assignatura.)

se emprega como synonymo de *Época*. Veja este

'reposição que indica varios complementos como —
u virtual *d'onde* alguem ou alguma cousa vem ou
enho de *casa*; *descendente de nobre linhagem*; *a luz*
a do sol; *do cajado ao sceptro*; *da choupana aos pa-*
es. De vendido e escravo, se viu vice-rei do Egypto.
sos estados por que as cousas algumas vezes pas-
uccessivamente de um em outro; *de palavra em pa-*
gente em gente; — o espaço de tempo: *em menos de 3*
tempo desde que: *relações de longa data*; — o tempo
lava de noite e de dia; — o modo: *vae de vagar, foi*
está de mau humor; — a causa: *morreu de susto, de*
sgosto, da peste; — a causa efficiente: *familia aben-*
Deus; *estimado de todos*, (isto é — por todos); — a
que uma cousa é feita: *copo de vidro, salva de*
instrumento com que se fez: *obra de cinzel, ferido*
- **varios complementos** restrictivos: da ideia de pos-
ção — *senhor de ricas propriedades, quadro de Ra-*
qualidade — *homem de letras*; de superioridade —
elles, o maior de todos; de distribuição — *qualquer*
cada um dos soldados; numeral — *o 1.º de nós, um*
dos snrs.
m **adjectivos substantivados**: *o pobre do homem, o*
s; ou com substantivos: *o toleirão do rapaz.*

zes **se podem substituir** os nomes regidos da pre-
significando complemento de materia ou qualidade,
os attributivos, ficando o mesmo sentido; v. g.: em
de prata, leitos de marfim, animaes de utilidade,

homens de honra, podemos dizer: *vasos argenteos, l*
neos, animaes uteis, homens honrados.

Com os nomes proprios tambem se podem por m
preposição dar *attributos*, e assim dizemos — *é de Li*
lisbonense, etc., ou *continuados*, como quando dizemo
dade de Lisboa, a villa d'Olhão, etc.

Emprega-se com a significação de *desde* v. g.: *cos*
menino ; de pequenino se torce o pepino.

Ajunta-se a preposição *de* aos infinitos empregа
substantivos v. g.: *deixou de servir ; lembrou-se de d*

Emprega-se tambem esta preposição, para reger
impessoal do verbo auxiliado pelos verbos *ter* ou *h*
linguagens de significação começada (iniciaes ou proje
hei ou tenho de louvar, etc.

Construem-se com a preposição *de* muitos adjectivos
ficação correspondente á de muitos verbos de signific
sitiva, ou que exprimem posse de uma cousa em ab
como: *differente, isento, livre, cheio, repleto*, etc.; v
de cuidados.

Esta doutrina é applicavel a muitos verbos intransit
significação pede complemento regido d'esta prepos
mo: *abster-se, desistir, carecer*, etc.; v. g.: *abster-se*
desistir da acção.

Tambem se construem com a preposição *de* os ve
sitivos, que exprimem a ideia de *prover* de uma cou
carregar um navio de trigo e assim — *encher, rodear*,
encarregar, etc.

Depois das palavras partitivas serve de designa
v. g.: *parte do paiz, o resto da provincia ; o mais p*
metaes ; um d'estes livros ; qual de vós?

Serve de indicar o genero, a cousa medida ou con
pois dos substantivos que significam medida ou qu
v. g.: *uma porção de arvores, grande numero de o*
pedaço de pão, uma colher de licor, uma resma de pa
de certos pronomes, adjectivos e adverbios empreg
substantivos ou pronomes; v. g.: *nada de novo, um tan*
lho, um pouco de sagacidade; que de lagrimas! assaz d

Depois de certos substantivos de significação gera
sição *de* indica o objecto particular a que se appli
gnação, constituida por aquelles substantivos; v. g.:
Augusto, o titulo de rei, o mez de setembro, o reino de
a egreja de S. Vicente, a rua do Arsenal.

No estylo familiar tambem se diz *o demonio do hon*
vesso do rapaz.

Tambem se emprega em certas exclamações; v. g.: *ai de nós! infeliz d'elle!*

Quando *de* precede qualquer vocabulo, que principia por *e*, costuma supprimir-se o *e* da preposição e emprega-se em seu logar o apostropho; v. g.: *d'este, d'Elvas*, etc. Alguns supprimem o *e*, quasi sempre que á preposição segue vocabulo começado por vogal, como: *d'Almeida, d'hontem;* porem quando *de* precede os artigos *o, a, os, as*, sempre se escreve *do, da, dos, das*, sem apostropho; e porque pela pronuncia se conhece já contraida a preposição, se póde escrever sem erro — *daquelle, disso, daqui, donde:* não obstante, usaremos de preferencia o emprego do apostropho para evitar o equivoco entre *d'este*, preposição e demonstractivo, e *deste* segunda pessoa do singular do preterito do verbo *dar*.

Entra em muitas phrases só por donaire e propriedade da lingua, como: *dar-lhe a ultima demão; acertou de passar*, etc.

Nas orações comparativas umas vezes se emprega, outras se omitte a preposição *de*, ou antes a particula *do* (*de o*, contraidos), na oração que serve de integrante, conforme se queira evitar as dissonancias e cacophonias produzidas pelo conjunctivo *que*, indispensavel e impreterivel em taes orações; v. g.: *nenhuma acção mais tragica do que esta; a quem queres mais do que a mim: mais vale guardar que pedir. Cezar que affectara o imperio, não podia ver-se menor que Pompeu: nenhuma cousa deu a natureza ao homem melhor do que o engenho.*

Veja *Des, Prefixos.*

Deca. — Veja *Prefixos.*

Decadas. — Dá-se este nome em litteratura ás obras compostas de dez livros, como as decadas de Tito Livio, historiador latino, as decadas de João de Barros, de Diogo do Couto, etc.

João de Barros só deixara impressas tres das famosas Decadas da Asia Portugueza, que lhe grangearam entre os doutos o nome de Tito Livio Luzitano.

Por ordem de Philippe I de Portugal, foi Diogo do Couto encarregado da continuação d'aquella importante historia.

Os escriptos de ambos são o registo authentico das nossas antigas glorias no Oriente, e um monumento levantado em honra da nação portugueza, e dos esforçados capitães que por seus illustres feitos alli se ennobreceram.

Diogo do Couto achava-se em Goa, quando Philippe I lhe commetteu a empreza do proseguimento da historia de João de Barros; tal era o credito do novo historiador, que a distancia

... o escriptor deve re
termos obscenos, sordidos ou grosseiros des
os ouve ou lê, e mostram torpeza e grosseri
prega.

Serão decentes as palavras que não offen
delicadeza ou a civilidade, tendo-se em vist
a educação, a religião, o estado, etc., da pes
quem se falla.

Deci. — Veja *Prefixos*.

Decifração. — Acção de decifrar, expli
adivinhar os caracteres, ou os signaes com que
quaesquer documentos ou textos em uma lingu
gar.

Muitas peças antigas foram escriptas, e aind
caracteres differentes dos ordinarios, de mane
rem ser comprehendidos senão de certas pesso
cia empregam-se algarismos, ou outros signaes

Tambem se emprega o termo decifração ou d
se consegue ler uma escriptura mal feita ou mei
parecia illegivel.

Decima. — Composição poetica contendo
redondilha maior, rimando o 1.° com o 4.° e 5.°;
o 6.° e 7.° com o 10.°; e o 8.° com o 9.° ...
diversos ...

Amor dividira os ares
de seus tormentos cercado,
á funda estancia do fado
o vôo havia abatido,
e ambos tinham resolvido
que eu fosse emfim desgraçado.

ultimo verso é o que serviu de *mote.*
ta de um só assumpto, tratado em uma ou mais deci-
cabando cada uma d'ellas sempre com um pensamento
ou delicado. Varía o seu estylo conforme o assumpto.
forma poetica acha-se muitas vezes empregada em *glosa,*
il discorrendo-se sobre um thema em verso, se insere
ole e apropriam a elle o pensamento e a rima dos outros

decimas é ás vezes o mote de dois versos não rimados
te caso, o primeiro faz o 4.º verso da decima e o outro
ltimo. Exemplo:

MOTE

No fogo d'amor queimei-me!
Ai! meu Deus! que muito doe.

GLOSA

Bella Marilia, enganei-me
Pois quanto mais eu pensava
Que d'amor isento estava,
No fogo d'amor queimei-me!
Bella Marilia, valei-me
Contra o mal que me destroe;
Que esta chamma que me roe,
D'esses olhos procedida,
Me quer acabar a vida
Ai! meu Deus! que muito doe!

lamação. — Dá-se este nome ao emprego vicioso de
ões e de phrases pomposas, que enchem o discurso de
ção contra as regras da boa eloquencia.
a palavra tem na arte theatral a sua accepção mais di-
e mais geralmente usada: consiste em recitar em scena
ificação tragica com gestos, posições, expressão de rosto
m, tudo estudado; a acção mimica é o seu complemento
ensavel, como a nobreza deve ser sempre o seu caracter
ctivo.
ja *Recitação.*

da declamação que os pensamentos e affectos recebem não
manifestação exterior, mas a força e poder, que os torna
agiosos; e por isso tão grande é sua importancia, que uma
declamação pode fazer parecer excellente um discurso
iocre, como uma viciosa perderá o melhor discurso.

. ..., ..esto.

Declinação ou **Declinar.** — Di.
zer passar os nomes variaveis ou declina
sos (*quedas*), á semelhança dos latinos e g
Em nossa lingua somente se applica ao
cujas differentes terminações servem de in
dependencia e de regime entre os memb
entre o sujeito e o verbo, entre uma prep
plemento, etc.
Assim declinamos os pronomes pessoaes
Ella, Se.

Eu, *me, mim, migo*......................
Nós, *nos, nosco*........................
Tu, *te, ti, tigo*.........................
Vós, *vos, vosco*.........................
Elle, *lhe, o* ....
Elles, *lhes, os*..........................
Ella, *lhe, a*.............................
Ellas, *lhes, as*..........................
Se, *si, sigo*.............................

Não se reputam casos as relações de nume
minadas pela mudança de terminação dos s
adjectivos, porque as novas terminações não
mes que as tomaram são regidos por um n
uma preposição.
Quanto ...

ecomposição das palavras. — Conhecido o *pre-* e o *suffixo* da palavra, é facil *decompol-a*. Assim, dada alavra v. g.: — *exclamação* —, decompol-a-emos no prefixo no radical *clam*, e no suffixo *ação*; na palavra *pretender* dis-guiremos o prefixo *pre*, o radical *tend*, e a desinencia *er*; na avra *agilidade* distinguiremos a radical *agil*, o infixo *i*, e uffixo *dade*. E assim se decompõem as mais.

a divisão da palavra, quando passarem algumas syllabas a linha immediata, observam-se as regras seguintes:

. Nunca se partam diphthongos nem syllabas, mas divida-se lavra de tal maneira, que fiquem syllabas juntas, tanto no como no principio da linha seguinte como: *a-gu-lha, cir-stan-cia.*

. Concorrendo duas invogaes, deve uma ficar no fim, e a passar para o principio da linha seguinte, como: *bel-lo, m, as-sumir, at-tender.*

. Concorrendo duas invogaes diversas, como — *br, dr, cl, tr, pl, pr, gn, mn*, e todas as mais que forem proprias começar syllaba, pertencem ambas para a vogal seguinte, *a-brir, te-cla, sa-cro, a-dro, di-gno, da-mno, am-plo*, etc. se a 1.ª das duas invogaes for *l* ou *r*, por essa faremos , como: *mel-ro, pal-rar, cor-tar.*

As palavras compostas de preposições, dividem por es-s são as que principiam por *ab, ad, an, circum, com* ou *des, em* ou *en, im* ou *in, ob, per, pre, pro, sub, super* e

nente nunca se passe para a linha seguinte uma vogal que forme syllaba inteira), nem signal orthographico, gula, ponto, etc., pertencente á ultima palavra da li-edente.

isca-de-união.

o. — Decoro em eloquencia é a conveniencia, ou a formidade da expressão em geral com os pensamen-mbas estas cousas, com as pessoas que no discurso com a materia que no mesmo se trata, e com as ias do tempo e do logar.

advertida razão, junta a uma apurada educação, orador mais ajustadas regras sobre o que conve-ro, do que quantas poderiam ser aqui largamente

eniencia, Decencia.

oria. — Homenagem que se faz de um livro a a por uma epistola, ou somente por uma inscri-eiras paginas da obra.

Em todas as épocas as dedicatorias litterarias têem sido inspiradas pelo desejo de adquirir a protecção de um homem influente, pela necessidade de se obterem os soccorros pecuniarios de um cidadão rico, com a esperança de fazer-se que uma obra má seja bem divulgada á sombra de uma protecção brilhante, ou emfim pela vaidade do autor que dá assim publicidade a relações que lisongeam seu amor proprio; mas em todos os tempos houve numerosas excepções, e poderiamos citar um grande numero de dedicatorias, inspiradas somente pelo mais louvavel sentimento de gratidão, de estima ou de affeição.

Deducção. — É um dos principaes modos do raciocinio; a operação pela qual o espirito infere uma cousa de uma outra. A deducção é diametralmente opposta á inducção. N'esta, vai-se do particular para o geral; conclue-se dos individuos de uma especie, ou das especies de um genero, para os outros individuos da mesma especie, ou para as outras especies do mesmo genero. Erige o phenomeno em lei geral. A deducção, ao contrario, parte do resultado da inducção, e descendendo novamente pela escala da generalisação, applica a lei a casos particulares, ou tira algumas consequencias do principio geral admittido.

Sabendo por exemplo que qualquer corpo abandonado ao seu proprio peso se precipita para o centro da terra, concluo d'aqui ou deduzo que um corpo dado apresentará este phenomeno, se for collocado em circumstancias determinadas.

A deducção tira pois o particular do geral; tanto vale o geral, quanto o particular que d'elle se infere ou deduz.

Uma ampla e circumstanciada narração ou exposição de factos e rasões toma igualmente o nome de deducção; v. g.: *apresentar uma longa deducção dos seus motivos. Vi-me forçado a escutar a interminavel deducção dos seus aggravos.*

Veja *Deductivo* e *Inductivo*.

Deductivo. — Diz-se o raciocinio que segue a marcha inversa do inductivo; desce do mais para o menos extenso, do genero, todo ou causa, para as especies, partes ou effeitos. Assim no exemplo dado d'inductivo geral (Veja *Inductivo*), se em vez de se partir da ideia particular — *Pedro* — se partir da ideia geral — *animal racional*, e se dissermos — *o homem é um animal racional — Pedro é homem — logo Pedro é racional* — teremos um raciocinio deductivo do genero para o individuo.

Defectivos. — São os verbos irregulares que carecem de raizes, tempos ou pessoas, taes como: *abolir, banir, brandir, carpir, colorir, compellir, delir, demolir, discernir, exinanir, expellir, munir, submergir*, e outros que carecem das pessoas cu-

[redacted]

s começam por *a* ou *o*, e só as têem precedi-
terminação; *feder*, usa-se em bem poucas vo-
gar emprega-se a phrase — *cheirar mal) jazer;*
mento), só usado nas terceiras pessoas do singu-
recaver e *repellir*, que carecem das vozes cujas
meçam por *a* ou *o*, *trovejar*, *ventar* e outros se-
usados nas 3.as pessoas; *soer* só usado nas 3.as
sente do indicativo e no imperfeito do mesmo;
lo nas 3.as pessoas de cada tempo.

dizem *defectivos* os nomes que não têem todos
todas as formas, taes como — *alferes*, *arraes*,
ires, *simples*, que só têem esta terminação para
eros; *alviçaras*, *amygdalas*, *arredores*, *arrhas*,
, *esponsaes*, *exequias*, *matinas*, *trevas*, *viveres*, só
il, bem como muitos nomes proprios d'homens e
como *Carlos*, *Mathias*, *Lopes*, *Henriques*, e os
ormes como são os que acabam no singular em
el; il, *im*, *iz; ol* [1], etc.

ras nega o uso as formas que não têem.

). — É a explicação da natureza de uma cousa,
ades distinctivas, de seus attributos, etc.
é uma das partes mais importantes e mais diffi-
lo. A maior parte dos nossos erros provêem de
ieias, e de equivocos contidos nas definições de-
dos mais vulgares defeitos consiste em introdu-
o o *definido*, deixando-se, por este erro, inintel-
ra obscuro, e precisava de ser esclarecido.
pode ser das *cousas* ou das *palavras*. Definir uma
el-a ou *classifical-a;* definir uma palavra é *tra-*

são necessarias a uma boa definição: que seja
ria e *clara*. Universal, que comprehenda todo o
ria, por convir somente ao definido; clara, que
luminosa e distincta ideia da cousa definida.
s definições se dá clareza ao discurso, e se evi-
cos, em que pode claudicar quem emprega pala-
o diverso do que ellas são tomadas por quem as

s. —Veja *Definitos*.

---

uelle, *hespanhol*, não são *uniformes* por excepção. *Esta*
spanhola, são os femininos *respectivos*.

Definitos. — Dizem-se os artigos que antepomos a
mes, cujo sentido queremos determinado, indicando o o
de um modo claro e preciso. *O, a, os, as* são artigos *def*
por opposição a *um, uma, uns, umas,* que chamamos a
(ou articulares) *indefinitos.*

Estes artigos podem tambem considerar-se adjectivos
minativos que frequentemente servem de indicar que o
appellativo ou commum é tomado em toda a sua exten
isto succede principalmente quando se quer caracterisar
pecie inteira, oppondo-a a uma outra especie, v. g.: *as*
res tiveram a sensibilidade em partilha, mas a força ficou
o apanagio dos homens —, é claro que opponho a clas
teira do sexo masculino ao sexo feminino, e o artigo
energia e precisão á phrase.
Veja *Artigo.*

Tambem se qualificam *definitos* ou *numeraes* os adje
partitivos, que determinam a significação dos substan
ajuntando-lhes uma ideia de numero ou de ordem, e po
se dividem em *cardinaes* e *ordinaes.*

Ainda se denominam *definitos* ou *proporcionaes* os colle
partitivos, que designam uma collecção parcial determi
como: *duplo, triplo, quintuplo,* etc., os quaes têem flexõ
generos e numeros como os adjectivos, v. g.: *duplo, dupl*
plos, duplas.

São igualmente *definitos* os pronomes pessoaes, que desi
directamente as pessoas a que têem referencia, em opp
aos *indefinitos* que as não determinam.
Veja *Pessoaes.*

Demo. —Veja *Prefixos.*

Demonstractivo. — Diz-se em rhetorica o gene
eloquencia que tem por objecto a critica, o louvor ou a c
ra; oppõe-se ao genero deliberativo, e comprehende os
gyricos, as orações funebres, os discursos academicos, os
primentos officiaes, etc. É particularmente a litteratur
cortezãos cujas formulas são invariaveis: *a popularidade*
cente, o enthusiasmo indiscriptivel das populações, e tod
phrases banaes e gastas constituem o essencial d'este ge

Demonstractivos. — São os determinativos que
vem para mostrar, ou para trazer á memoria cousas e pe
com a ideia do logar que ellas occupam.

ividem-se em puros e conjunctivos:

PUROS OU INDICATIVOS

Singular	Plural
, *Esta*	*Estes, Estas*
utro, Est'outra	*Est'outros, Est'outras*
; *Essa*	*Esses, Essas*
utro, Ess'outra	*Ess'outros, Ess'outras*
lle, Aquella	*Aquelles, Aquellas*
ll'outro, Aquell'outra	*Aquell'outros, Aquell'outras*
o, Mesma	*Mesmos, Mesmas* [1]

os pronomes invariaveis ou terceiras formas — *Isto, Isso, llo* e a variação *O.*

este grupo de invariaveis poderiamos ainda juntar certos ulos, quando substantivamente empregados; taes como: *tanto, o mesmo*, etc. Exemplo: *Obedeci e elle fez outro; perdoei e elle fez o mesmo.*

tes demonstractivos restringem sempre a extensão do commum, limitando sua significação a uma parte dos indivíduos, aos quaes são applicaveis por si mesmos. Quando eu : — *estes homens, estes cavallos* — não fallo da especie indos homens ou dos cavallos, fallo somente de uma porção minada d'esta especie.

te, esta, isto, indicam o objecto proximo de quem falla.

se, essa, isso, proximo da pessoa com quem se falla.

uelle, aquella, aquillo, longe de nós ou da pessoa com se falla.

t'outro, ess'outro, aquell'outro, etc., servem de designar um ois objectos que occupam o mesmo logar.

formas pronominaes — *isto, isso, aquillo* — tambem ás se referem a pessoas, em bom ou mau sentido: *isto é joia; isso é um bregeiro; aquillo é um talento.*

CONJUNCTIVOS OU DEMONSTRACTIVOS RELATIVOS

Singular	Plural
al, a qual	Os quaes, as quaes
, cuja..................	Cujos, cujas
n	Invariaveis

[1] Com a significação de *Proprio*; por que na accepção de *Igual* é quantivo.

Servem estes demonstractivos de ligar as orações que por elles começam com a anterior, da qual ficam fazendo parte como incidentes, e ao mesmo tempo recordam os objectos a que se referem, pela sua antecedencia immediata; por isto se dizem *conjunctivos*, e d'ahi lhes vem o nome mais geral ainda de relativos, pela sua referencia a uma cousa ou pessoa antecedente.

Esta propriedade cabe aos demonstractivos *puros*, quando recordam cousas já ditas no discurso.

Qual é só variavel em numero, deve ser sempre precedido de artigo e por isto se distingue do interrogativo *qual*, que nunca tem artigo — *qual é o teu parecer?* e do comparativo *qual*, que suppõe sempre antes de si o outro adjectivo comparativo *tal*: *Tal será a ventura de uma nação, qual o respeito pelas suas leis.*

Pode ser substituido por *que* invariavel e servindo para todos os generos e numeros; e é só n'este caso que o *que* é relativo, aliás é conjuncção. Exemplo: *o homem que* (ou *o qual*) *fez isto; a mulher a qual* (ou *que*) *é admirada; os livros que li; as cartas as quaes te recommendam*, etc.

Que pode ser *explicativo* ou *restrictivo*.

É *explicativo*, quando na ideia do substantivo, a que elle se refere, está implicita a affirmação da oração incidente, e então pode ser substituido por — *por que;* e se a oração for supprimida, não fica alterada a verdade nem o sentido. Exemplo: *o homem que é o rei da creação deve amar o Creador;* i. é, *o homem por que* (ou por isso que) *é o rei da creação* deve amar o Creador.

É *restrictivo*, quando a affirmação da oração incidente é accessoria e não implicita na oração principal, e então pode o *que* mudar-se em *se*, *quando*, etc. Mas, se a oração do *que* for eliminada, a verdade e o sentido ficam alterados. Exemplo: *o homem que amar os vicios* não pode ser estimado.

Todos estes demonstractivos conjunctivos podem servir de sujeitos nas orações parciaes incidentes.

O *que* como sujeito d'orações incidentes é preferivel a *qual* se não causar ambiguidade pela sua qualidade invariavel, ou desharmonia por muito repetido; assim diremos: *Deus que creou tudo. Uma esposa cheia de prudencia e de juizo, é a razão que nos falla, o coração que nos guia.* Mas em vez de se dizer: *a desobediencia dos Israelitas ás ordens de Deus, que é materia continua das queixas de Moises — Certas flores de que ninguem ha que desgoste;* substituiremos o *que* por *a qual*, no 1.º exemplo, para evitar o equivoco da concordancia; e por *das quaes*, no 2.º exemplo, para evitar a repetição monotona do *que*.

Cujo vale o mesmo que — *de quem, do qual, da qual, dos quaes, das quaes.* Ex.: *Deus cuja bondade é infinita;* i. é, *a bon-*

o homem cuja é esta casa, i. é, *de quem esta casa*
ı fama encheu o mundo, i. é, *a fama da qual na-*

que o relativo *cujo* não admitte antes de si pre-
ıto se depois d'elle vem algum substantivo com
a que sirva de complemento á preposição. Exem-
cuja casa venho, a cuja influencia devemos este re-
ıjas diligencias obtivemos o despacho, etc.
vê que os relativos *qual* e *que* concordam com o
ntecedente a que se referem, emquanto que o re-
io concorda com o possuidor, mas com o objecto
ual objecto possuido sempre se lhe segue imme-
omo se vê nos exemplos dados.

onstractivo conjunctivo, quando é regido de pre-
uivale a — *o qual* — Exemplo: *aquelle a quem* (ao
virtude sempre vence; mas se o demonstractivo
r de terminação, o pronome relativo terá por equi-
rminações respectivas — *aquella... á qual; aquel-*
es; aquellas... ás quaes.
equivalem a *aquelle que, aquella que, a pessoa que*,
referencia a pessoas ou a coisas personificadas de
mente se fallou ou se falla immediatamente de-
lo: *foi elle que* (ou *quem*) *o contou*; ou — *quem o*
e. É este um abençoado paiz a que (ou *a quem*) *a na-*
eu tão benigno clima.
lido do artigo e referindo-se a um sentido antece-
de a — *e isto*. Exemplo: *sacrificou-se (o professor)*
ı trabalho, o que (e isto) *foi causa de chegar áquella*

r variavel ou invariavel.
ıções — *o, a, os, as* — seguidas de *que* valem as
ıtes — *aquelle, aquella, aquelles, aquellas*, e podem
eito da oração principal.
!.

ıvel) equivale a — *isto, isso, aquillo*, ou ao sub-
a (essa cousa, essas cousas); pode ter referencia a
a uma phrase, a ideias, a acções, a assumptos de
se tenha fallado. Exemplos: *assim* o *diz Cicero.*
oriadores o *affirmam. O que eu previa, realisou-se.*
mos escripto. Soube-o *tarde.*
ıam para pelejarem batalhas tremendas, porque o
to as que nos aguardam.
D. Duarte a entregar Ceuta pelo resgate do in-
ıdo, este jámais o *consentiu* (que se entregasse

Por estes exemplos se vê que o *o* demonstractivo se acc
moda na oração, umas vezes como sujeito, outras como c
plemento, outras como attributo.

Mesmo, precedido de artigo, exprime identidade physica
moral de alguma cousa ou pessoa. Exemplo: *temos a me
idade.*

É pronome quando se emprega para evitar a repetiçã
uma phrase. Exemplo: *meu pae tem trabalhado muito, eu*
fazer o mesmo.

Aqui pode dizer-se — substantivamente empregado.

Mesmo, sem artigo emprega-se immediatamente depoi
qualquer demonstractivo, pronome, e até de alguns adverb
para lhes augmentar força. Exemplo: *Eu mesmo vi; tu me
o fizeste; ahi mesmo teve logar.*

Empregado adverbialmente em vez de *até, tambem*, é g
cismo que se pode escusar.

Devem collocar-se os demonstractivos em regra antes
substantivos que determinam; v. g.: *este homem, esta mul*
todavia algumas vezes em phrases exclamativas ou emphat
se altera a collocação, dizendo-se por exemplo: *que ho
este! que mulher esta!...*

Veja *Directa* (construcção).

Demonstração. — É o raciocinio que, por meio de
dicações successivas ou explicações, qual mais clara, p
com evidencia.

Quem demonstrar deve encadear as exposições da prim
á ultima, e, seguindo a relação entre os principios e as
sequencias, formar uma série de raciocinios tendentes a e
belecerem a verdade das proposições.

Tambem se emprega na accepção de testemunho, mani
tação, expressão; e assim dizemos: *demonstração de aleg
demonstração d'amizade, demonstração hostil*, etc.; tudo o
serve de demonstrar; indicação, prova. Os factos são a
lhor demonstração. O fructo da demonstração é a scienci
experiencia é a demonstração das demonstrações.

Denominativos. — Assim chamados os verbos que
derivam de nomes substantivos, e significam fazer um o
uso da coisa que os mesmos nomes indicam; por exemplo:

De aguilhão — *Aguilhoar* (ferir, estimular com aguilh
De fumo — *Fumar* (tomar na boca o fumo do ciga
ou cachimbo, aspiral-o).
De pente — *Pentear* (passar o pente repetidas ve
pelos cabellos para os alisar e comp
—Tambem é verbo frequentativo.

— *Vozear* (dar vozes, gritar, clamar, bradar).
VOZEAM *e bradam as leis, os decretos, e o juiz surdo, e obstruido com a peita vai por seu torcido rumo.*

rivados.

es. — Dizem-se as duas articulações improferiveis -*d*, *t*.

ecação. — Figura de rhetorica pela qual o orador e deseja a alguem um grande bem ou um grande mal.

ação. — Em grammatica — é a maneira por que as le uma mesma raiz se formam umas das outras, pela le desinencias. Em rhetorica — veja *Polyptoton*.
erivados, *Denominativos*.

ados. — Dizem-se os nomes formados de outros, encia foi alterada pela mudança de uma ou mais syllabas, como: *arvoredo*, *livraria*, *pregadura*, deri-*arvore*, *livro*, *prego*.
e dos derivados pertencem os *augmentativos* os *di-* e os substantivos *verbaes*; v. g.: *garrafão*, *tinteiri-mento*.
ivados oppõem-se os *primitivos*.
lavras derivadas a primeira parte chama-se *raiz*, e a palavra primitiva; a segunda, *suffixo*, *terminação cia*, composta das syllabas ou lettras que se junta-; v. g.: *arvore-do*, *livr-aria*, *preg-adura*, *persegui-ção*.
adjectivos pertencem igualmente á classe dos deriva-omo os *patrios*, *gentilicos*, *verbaes*; v. g.: *algarviense*, , *beirão*; *portuguez*, *hespanhol*, *belga*; *aureo*, *argenteo*, etc., carecendo em geral de graus de significação.
adjectivos derivados do latim conservam o superla-a origem.
perlativo.

os derivados que temos na lingua portugueza são os *vos*, *imitativos*, *frequentativos*, *inchoativos*, *augmenta-utivos e negativos*.
se dizem derivados os tempos dos verbos formados lio dos tempos primitivos; taes como: o *mais que* indicativo, o *imperfeito* e o *futuro* do conjunctivo, nam da 2.ª pessoa do preterito perfeito do indica-

s.

A lingua portugueza presta-se com a maior facilidade á formação de novos verbos; porque de um nome qualquer, e de uma desinencia verbal adequada, se pode quasi sempre formar um verbo, que é a maior parte das vezes mui significativo; assim de Evangelho se formou — *evangelisar;* de romano — *romanizar;* de praia — *espraiar;* de sargento — *sargentear;* de volume — *avolumar*, etc.

Des. — Este prefixo em alguns vocabulos tem valor differente do que em geral lhe pertence como derivado do *dis* latino, privativo ou disjunctivo, e anteposto a muitas palavras para exprimir separação, acção feita em contrario, ou em sentido opposto a outra, como *desfazer*, desmanchar o que está feito, *desprezar*, não prezar, etc.; em *descantar* e *descante* indica prolongação de acto, intensidade na acção, ou maior perfeição. O verbo *desvelar* que é composto de *des* e *velar*, na accepção de *vigiar* não significa deixar de velar, o que seria dormir, e no figurado não cuidar; mas sim *velar muito, ter muito cuidado, andar muito solicito.* Não se forme porem o equivoco: *desvelar*, composto de *velar*, cobrir com veo, significaria *privar de veo, descobrir*, sendo n'este caso privativa a particula ou prefixo *des.*

Desperceber e *despercebido*, é não ter ou não ser percebido, não entender, não reparar.

Desaperceber e *desapercebido*, é desapparelhar, desarmar, desprover, e tambem desavisar, desprevenir (não estar apparelhado, armado, provido, etc.)

Evite-se por tanto o erro de confundir estes dois verbos, cuja significação e regencia são tão differentes uma da outra.

Ha uma differença entre a preposição *des* e a preposição *in*, posto que ambas signifiquem negação ou privação, e é que a primeira denota a privação ou falta da coisa que anteriormente se possuia, e a segunda indica negação ou privação sem denotar a posse anterior d'ella.

Veja *Prefixos.*

Descripção. — É a enumeração dos attributos de uma cousa; servem as descripções de ornamento ao discurso, pintando sob as mais vivas cores, o que se julga ser agradavel ao leitor ou ao ouvinte.

A descripção deve reproduzir a realidade. Descrever é pintar.

Por que é que em todas as descripções, que pintam bem os objectos, e que por imagens fieis os tornam como presentes, não só o que é grande, extraordinario e bello, mas ainda o que é

desagradavel á vista, nos sentimos verdadeiramente extasiados!?

Está a resposta n'este verso de Boileau:

Rien n'est beau que le vrai, le vrai seul est aimable.

Bello só a verdade, amavel só ella o é.

«O merito de uma descripção, seja esta de que especie for, está em pintar o objecto por forma a fazer parecer ao ouvinte ou leitor que tem diante dos olhos a realidade. Isto não pode conseguir-se sem uma acertada selecção das circumstancias mais caracteristicas do objecto, e uma viva particularisação d'ellas; e por isso o primeiro cuidado de quem descreve, deve ser o preenchimento d'essas condições. Mas como, segundo a disposição moral do espectador, pode o mesmo objecto ser olhado por diverso modo, cumpre mais que, na selecção das circumstancias, se ponham cuidadosamente de parte aquellas, que contrariam o ponto de vista, em que se quer apresentar o objecto.»

Bem escolhidas serão as circumstancias, se forem: —1.º não communs e triviaes, mas proprias e novas, para poderem ferir a imaginação; 2.º vivamente designadas e particularisadas, para darem ideias bem distinctas; 3.º entre si coherentes e conspirando todas ao mesmo fim.

Veja-se a sublime descripção da tempestade que assalta os navios do Gama. *Lusiadas* — Canto VI, est. 71 a 84.

Veja *Descriptivo*.

Descriptivo. — Diz-se o estylo empregado nas descripções; deve ser variavel, segundo a diversa natureza ou o caracter dos objectos que se descrevem; assim á pintura de um objecto grave convirá o estylo grande e sublime; á das acções atrozes, lastimosas e outras similhantes, o pathetico; á d'uma cousa agradavel, o flórido e pittoresco.

A feliz escolha dos epithetos concorrerá tanto para a força e energia, como para a graça e belleza, importando sobre tudo que sejam bem accommodados á ideia do objecto principal.

Tambem se denomina descriptivo o genero de composição quer em prosa, quer em verso, que se occupa da variedade de pinturas e quadros discursivos, ou descripções, hypotyposes e ethopeas; sem que todavia constituam propriamente um genero particular de composição.

As composições descriptivas são, em geral, especies de digressões, que podem ter logar nos varios generos de discurso; quasi sempre como enfeites ou atavios; para os tornar interessantes, é mister apresentar ao leitor o objecto com as suas fei-

ções mais notaveis, e pintal-o com tão naturaes cores de vida e realidade, que fique facil ao pintor copial-o em um quadro.

Descrevendo um objecto grande, as circumstancias devem tender a engrandecel-o; e, sendo um objecto agradavel, a aformoseal-o. Alli seja a phrase mais concisa, para que a impressão se torne viva e profunda; aqui mais copiosa e amena, para alimentar o deleite; e, ou se procure a força e energia, ou a graça e belleza, muito conduzirá para uma e outra cousa a feliz escolha de epithetos; que em todo o discurso devem de ser bem accommodados á ideia do objecto principal, muito mais importa que o sejam no descriptivo.

O estylo d'este genero é variavel, segundo a diversa natureza ou caracter dos objectos que se descrevem; assim na pintura de um objecto grave convirá o estylo grande e sublime; na das acções atrozes, lastimosas e outras similhantes, o pathetico; na de uma cousa agradavel, o flórido e pittoresco.

Nos poemas descriptivos o metro adoptado tem sido o endecasyllabo solto; mas este genero de poesia vai quasi abandonado.

Desde. — Preposição composta das duas preposições — *des* e *de*. Denota o termo d'onde se mede ou conta; determina algum espaço, servindo de raia, baliza, época ou meta á cousa significada pelo nome que se lhe segue; logar d'onde começa um movimento ou acção; e tempo desde que. Vem de ordinario apoz ella a preposição ATÉ; v. g.: *desde o Tejo até ao Mondego; desde o Natal até á Paschoa.*

Desenvolvido. — Dá-se este qualificativo ao estylo que mostra os pensamentos com toda a luz, força e graça, desenvolvendo-os e apresentando-os por differentes faces; admitte francamente os ornatos e magnificencias da expressão; mas faz tudo isto sem cair em verboso ou superfluo.

Desgarrada. — É o nome que se dava ás cantigas populares, ou certames poeticos, improvisados pelos nossos vates camponezes, ao desafio, nos domingos e nos dias de grande solemnidade.

Trouxeram-na os arabes aos nossos costumes, generalisando-se por quasi todas as aldeias das nossas provincias, por muito se ageitarem aos estimulos da rivalidade amorosa, e desabafo do orgulho ferido dos chamados *cantadeiros*, que nas *esfolhadas* e *espadeladas* de nossas aldeias, não querem encontrar competidor nos *descantes*, que, picados pela emulação, convertem em *desafio*.

Desinencias. — Assim chamadas as ultimas syllabas ou

ɔr que terminam os vocabulos, e que se pospõem ao
e qualquer nome ou verbo, modificando-lhe a signifi-
gundo o diverso valor de cada uma.
inencias, a que tambem se dá o nome de *suffixos*, jun-
z, formam com esta um só vocabulo; taes são as que
ı os nomes, como:
— GRANDE QUANTIDADE ou DIMENSÃO e algumas vezes
; v. g.: *fumaça, trapaça, vinhaça.*
, ACHO, — DESPREZO, POUCA IMPORTANCIA, POUQUIDADE;
icho, vulgacho.
— AUGMENTO, INTENSIDADE; v. g.: *estilhaço, ricaço;* e
ı RESULTADO DA ACÇÃO, marcada pelo verbo radical; v.
ɔo, cansaço.
— 1.º: CONFEIÇÃO, CONSERVA, DOCE (nos derivados de
v. g.: *batatada, marmelada* — 2.º: GRANDE QUANTI-
substantivos derivados d'outros); v. g.: *caminhada,*
3.º: PANCADA, CONTUSÃO ou FERIMENTO com o objecto
o pelo radical; v. g.: *bengalada, canelada, facada* —
ANTIDADE que enche a capacidade indicada pelo radi-
: *caldeirada, panellada* — 5.º: O RESULTADO DA ACÇÃO
o pelo verbo radical; v. g.: *calçada, queimada* — 6.º:
. CABIDA; v. g.: *bregeirada, rapaziada.*
— Veja DADE.
— O CARGO ou DISTRICTO d'uma auctoridade; v. g.:
patriarchado; e tambem A EXTENSÃO (nos substantivos
ı d'outros); v. g.: *descampado, montado.*
— terminação do plural dos nomes em *al;* v. g.: *aven-*
nal, etc., *aventaes, nacionaes* [1].
— terminação do plural de alguns substantivos em *ão;*
pitão, sachristão, etc... *capitães, sachristães,* etc. [2]
, — COLLECÇÃO; v. g.: *criadagem, equipagem;* e tambem
E DURAÇÃO; v. g.: *aprendizagem.*
ISTA, — COMBATENTE; v. g.: *antagonista, protogo-*

COLLECÇÃO, ou GRANDE QUANTIDADE (nos substantivos
ı d'outros); v. g.: *lamaçal, olival;* CONCERNENTE, PER-
, ou RELATIVO A..., PROPRIO DE (nos adjectivos derivados
ıntivos); v. g.: *medicinal, ministerial, patriarchal.*
A, — DOR; v. g.: *nevralgia, nostalgia.*
, — DESPREZO; v. g.: *gentalha, migalha.*
— O MEIO de produzir o que exprime o radical do verbo
ı nomes derivam; v. g.: *tentame;* ou A COUSA que re-

ı por excepção — *réis; mal, males,* etc. Veja AL pag. 35, e AL n'estas

ÃO paginas 59, e ÃO n'estas desinencias.

sulta da acção do verbo; v. g.: *exame;* e tambem ALGUMA CO
EM ABUNDANCIA; v. g.: *exame, cordame.*

ANÇA, — GRANDE QUANTIDADE (nos substantivos derivados adjectivos); v. g.: *bastança, mestrança;* e ACÇÃO (nos subst tivos derivados de verbos terminados em AR); v. g.: *allian mudança.*

ANCIA, — ESTADO OU ACÇÃO FREQUENTE; v. g.: *ambulan reluctancia, repugnancia.*

ANO, — NATURAL OU HABITANTE DE... (nos derivados gent cos); v. g.: *alemtejano, lusitano, transtagano.*

ANTA, — UM ESTADO, UMA QUALIDADE DURAVEL; v. g.: *infa giganta.*

ANTE, — UMA QUALIDADE DURAVEL, inherente a um sujei UMA PROPRIEDADE, de que resulta um certo effeito; v. g.: *am te, constante.*

ÃO, — O EFFEITO OU A ACÇÃO, indicados pelo verbo (nos su stantivos derivados de verbos); v. g.: *confissão, rasgão, ori ção;* e tambem O ESTADO OU A QUALIDADE, indicados pelo rad cal (nos substantivos derivados d'adjectivos); v. g.: *escura dão, mansidão, perfeição.*

AR, — CONCERNENTE, PERTENCENTE OU RELATIVO A... PROP DE..., ou que contém ou involve, o que o radical indica (n adjectivos derivados dos substantivos); v. g.: *cellular, comp mentar, exemplar, insular, regular.*

É tambem suffixo verbal, ligando á radical a ideia de:

— 1.º DAR, MINISTRAR; v. g.: *alimentar, disciplinar.*

— 2.º COLLOCAR, PÔR EM OU A...; v. g.: *abrigar, arriscar, enc minhar.*

— 3.º DISTRIBUIR, METTER EM...; v. g.: *aboletar, embarcar.*

— 4.º FAZER, TORNAR (do latim *agere); v. g.: conquistar, i pacientar.*

— 5.º FAZER COM... (segundo o radical); v. g.: *aperfeiçoa aprimorar.*

— 6.º CAUSAR; v. g.: *desgostar, prejudicar.*

— 7.º GUARNECER DE..., ORNAR COM..., PÔR: *alcatroar, pratea esteirar.*

— 8.º TEMPERAR COM..., MISTURAR, IMPREGNAR, OU ENCHER DE; g.: *apimentar, embrear, salgar.*

— 9.º FERIR COM; v. g.: *apunhalar, metralhar.*

— 10.º FECHAR OU PRENDER COM...; v. g.: *afferrolhar, en deiar.*

— 11.º TIRAR, PRIVAR DE...; v. g.: *espoliar, esfolhar.*

— 12.º UNIR, JUNTAR EM...; v. g.: *amontoar, enfeixar.*

— 13.º USAR DE... EXERCITAR; v. g.: *ajuizar, reflexionar.*

ARIA, — A ARTE, OFFICINA OU LOGAR, em que elles são feit (nos derivados de substantivos que significam artefactos); g.: *confeitaria, relojoaria;* e tambem GRANDE QUANTIDADE (n

derivados d'outros substantivos); v. g.: *escadaria*, *gritaria*.

ARIO. — O CONTINENTE, do objecto significado pelo radical (nos substantivos derivados d'outros); v. g.: *lampadario*, *relicario*; e tambem — O QUE TRATA DE..., QUE EXERCE A ARTE; QUE FAZ, PRATICA OU TEM A SEU CARGO o objecto significado pelo radical (nos derivados d'outros substantivos); v. g.: *boticario*, *depositario*, *funccionario*.

ARRÃO, — AUGMENTO, ENCARECIMENTO OU EXAGGERO; v. g.: *chasarrão*, *homemzarrão*.

ATICO, — MANEIRA DE SER OU DE VIVER, PERTENCE A... PROPRIO DE..., com referencia ao radical: v. g.: *asiatico*, *magestatico*.

ATO, — O CARGO OU DISTRICTO de uma auctoridade (como ADO); v. g.: *bacharelato*, *generalato*.

AVEL. — POSSIBILIDADE OU APTIDÃO *de se tornar* ou *vir a ser* o que indica o radical do verbo d'onde derivam os nomes; v. g.: *amavel*, *duravel*.

AZ, — AUGMENTO; v. g.: *beberraz*, *mordaz*.

AZIO, — AUGMENTO; v. g.: *copazio*.

BIL. — Veja VEL.

BIO, BITA, — QUE VIVE; v. g.: *amphibio*, *macrobio*, *cenobita*.

BRACO, — BREVE: v. g.: *amphibraco*, *tribraco*.

BUNDO. — Veja UNDO.

CEBER, — TOMAR, v. g.: *perceber*, *receber*.

CEDER, — IR, CAMINHAR; v. g.: *anteceder*, *preceder*, *succeder*.

CENTO. — Veja ENTO.

CEPHALO, — CABEÇA; v. g.: *acephalo*, *microcephalo*.

CIA, 1.º — QUALIDADE OU ESTADO, designado pelos adjectivos de que derivam; v. g.: *audacia*, *demencia*, *prudencia*; 2.º — PROPENSÃO, TENDENCIA; v. g.: *beneficencia*, *clemencia*, *maledicencia*; 3.º A ACÇÃO, designada pelo radical (nos derivados de verbos); v. g.: *deferencia*, *resistencia*.

CIDA, — MATADOR; v. g.: *fratricida*, *suicida*.

CIPAR, — APRENDER, DESCOBRIR, TOMAR; v. g.: *antecipar*, *participar*.

CIPITE, — CABEÇA; v. g.: *bicipite*.

COLA, — CULTIVADOR; v. g.: *agricola*, *vinicola*; e tambem HABITANTE; v. g.: *arvicola*, *monticola*.

CORNE, NIO, — PONTA; v. g.: *bicorne*, *unicornio*.

CRACIA, — GOVERNO; v. g.: *aristocracia*, *democracia*.

CRISIA, — CACOCRISIA, HYPOCRISIA.

DADE, — A QUALIDADE OU O ESTADO que designam os adjectivos de que vêem derivados; v. g.: *agilidade*, *bondade*.

DICO, — QUE DIZ; v. g.: *maledico*, *veridico*.

DOR. — Veja OR.

DUZIR, — GUIAR, LEVAR; v. g.: *conduzir*, *induzir*.

EAR, o mesmo que EJAR de que parece syncope; — AGITAR,

EXERCER; v. g.: *falcar, tornear;* e tambem — FAZER, TORNAR; v. g.: *altear, branquear.*

ECER e ESCER (frequentemente com a prefixa *a* ou *en* da desinencia latina *escere*, que indica acção insipiente) — TRANSFORMAÇÃO, MUDANÇA OU PASSAGEM do sujeito ou complemento da oração para o estado ou situação do radical; v. g.: *abolorecer, empallidecer, florescer, robustecer.*

EDA e EDO, — GRANDE QUANTIDADE; v. g.: *alameda, arvoredo, vinhedo.*

EGAR, — (a mesma significação de ECER e ESCER); v. g.: *carregar, fumegar.*

EIRO, 1.º — como ARIO (nos substantivos derivados d'outros), O CONTINENTE do objecto significado pela radical; v. g.: *lameiro, tinteiro;* 2.º — como ARIO (nos substantivos moraes) O QUE TRATA DE..., QUE EXERCE A ARTE; QUE FAZ, PRATÍCA OU TEM A SEU CUIDADO o objecto significado pelo radical; v. g.: *caloteiro, engenheiro, sapateiro;* 3.º — (em substantivos verbaes), O LOGAR ONDE se exerce a acção do radical; v. g.: *atoleiro, lavadeiro.*

EJAR (parece vir do preterito latino *egi* de *agere*, e dar aos derivados as differentes accepções de *agere*, diversas segundo seus complementos), — AGITAR, EXERCER; v. g.: *arejar, gracejar, manejar.* Outros derivam *ejar* do castelhano ECHAR, LANÇAR.

EJO, — QUE HABITA; v. g.: *sertanejo;* e tambem DIMINUIÇÃO, v. g.: *quintalejo.*

ELLA, — GRANDE QUANTIDADE; v. g.: *parentella.*

ENÇA. — ACÇÃO, designada pelo radical dos verbos em ER de que derivam; v. g.: *crença, detença;* e tambem — A QUALIDADE OU O ESTADO, indicados pelo radical dos adjectivos de que derivam; v. g.: *differença, doença.*

ENGO, — QUE É OU QUE PROCEDE DE...; v. g.: *avoengo, flamengo.*

ENSE. — NATURAL OU HABITANTE DE (nos derivados gentilicos); v. g.: *elvense, lisbonense.*

ENTAR, — PASSAR LENTA E SUCCESSIVAMENTE ao estado do radical; v. g.: *adoentar, avelhantar-se.*

ENTO, — QUE TIRA PARA, OU QUE IMITA essa cor (nos derivados de nomes de cores); v. g.: *amarellento, pardacento;* e tambem — CHEIO DE (nos derivados de substantivos); v. g.: *agoento, ferrugento.*

ESCER. Veja ECER.

ESCO, — IMITANTE, QUE RECORDA, QUE É PROPRIO DE (nos derivados de substantivos); v. g.: *carnavalesco, gigantesco, pitoresco.*

ESTRE, — RELATIVO A... PROCEDENTE DE...; v. g.: *equestre, terrestre.*

EVO, — EDADE; v. g.: *coevo, primevo.*

EZ, EZA, — 1.° (nos substantivos derivados d'adjectivos) A QUANTIDADE ou ESTADO designado por estes; v. g.: *altivez, viuvez*; — 2.° NATURAL DE... (nos adjectivos gentilicos); v. g.: *francez, portuguez*; — 3.° HABITANTE ou PROPRIO DE (nos adjectivos derivados de substantivos communs); v. g.: *camponez, cortez*.

FERIR, — LEVAR; v. g.: *conferir, preferir*.

FERO, — QUE PRODUZ; v. g.: *mortifero*.

FICAR, — FAZER; v. g.: *amplificar, certificar*.

FICE, FICO, — QUE FAZ; v. g.: *artifice, benefico*.

FLUIR, — CORRER, MANAR; v. g.; *affluir, refluir*.

FORME, — FORMA; v. g.: *biforme, uniforme*.

FUGO, — QUE FOGE DE, QUE AFUGENTA; v. g.: *centrifugo, febrifugo*.

GAMO, — CASAMENTO; v. g.: *bigamo, polygamo*.

GASTRIO, — VENTRE; v. g.: *epigastrio, hypogastrio*.

GENIA, — GERAÇÃO; v. g.: *androgenia*.

GENEO, — GENERO; v. g.: *heterogeneo*.

GENO, — NASCIDO; v. g.: *androgeno*.

GEO, — TERRA; v.: *apogeo*.

GERO, — QUE TRAZ; v. g.: *lanigero*.

GNOSIA, GNOSE, GNOSIS, — CONHECIMENTO; v. g.; *autognosia, diagnose, diagnosis*.

GONIA, — CONHECIMENTO; v. g.: *theogonia*.

GONO, — ANGULO; v. g.: *polygono*.

GRAMMA, — ESCRIPTO; v. g.: *epigramma*.

GRAPHE, — ESCRIPTA; v. g.: *epigraphe*.

GRAPHIA, — DESCRIPÇÃO; v. g.: *geographia*.

GRAPHO, — QUE DESCREVE; v. g.: *geographo*.

GINO, — MULHER; v. g.: *androgino*.

IA, — 1.° O DISTRICTO onde alguem habita ou exerce um cargo; v. g.: *abbadia, freguezia*. — 2.° O EMPREGO OU CARGO exercido pelo individuo designado no radical; v. g.: *conezia, regedoria*. — 3.° A SCIENCIA, ARTE OU OFFICIO; v. g.: *chronologia, serralheria*. — 4.° DOENÇA, INCOMMODO PHYSICO; v. g.: *asphyxia, dysenteria*. — 5.° GRANDE QUANTIDADE OU EXTENSÃO; v. g.: *escadaria, gritaria*.

ICAR, — DIMINUIÇÃO, DEPRECIAÇÃO de um acto repetido; v. g.: *adocicar, namoricar*.

ICE, — ACÇÃO OU ESTADO; v. g.: *bebedice, doidice, meiguice*.

IÇO, — PROPENSÃO, VEZO, FACILIDADE DE (nos adjectivos verbaes); v. g.: *alagadiço, espantadiço, movediço*; e tambem CONCERNENTE A... EM FORMA DE... (nos derivados de substantivos); v. g.: *castiço, massiço, roliço*.

IDÃO, — A QUALIDADE OU ESTADO (indicados pelo radical nos derivados d'adjectivos); v. g.: *escuridão, podridão, ingratidão*.

INO, — FEITO DE... IMITANDO OU SIMILHANTE A... PERTENCENTE A; v. g.: *crystalino, diamantino, campino*.

INHAR, — imitar; v. g.: *abespinhar, patinhar.*
ISAR ou IZAR, — 1.º collocar, estabelecer; v. g.: *ca sar, harmonisar.* — 2.º fazer, imitar; v. g.: *economisar, sy lisar.* — 3.º reduzir a; v. g.: *alcoolisar, pulverisar.*
ISCO, — diminuição; v. g.: *chovisco, pedrisco.*
ISMO, — 1.º crença religiosa; v. g.: *catholicismo, juda* — 2.º seita; v. g.: *deismo, fatalismo.* — 3.º propriedade; v *brilhantismo.* — 4.º uso, costume; v. g.: *archaismo, gallic*
ISTA, — 1.º o que exerce, faz ou segue (nos derivado substantivos); v. g.: *artista, copista, hellenista.* — 2.º o qu bita; v. g.: *bairrista.* — 3.º o que possue; v. g.: *capital logista.*
ITAR, — frequencia do acto significado pelo radical; v *dormitar, exercitar.*
IVO, — 1.º habituado ou propenso a exercer a acçã pressa pelo radical; v. g.: *apprehensivo, caritativo, pens* — 2.º que denota, que tem poder ou virtude de; v. g.: *al vo, digestivo, repressivo.* — 3.º que involve ou contém; v *alusivo, affirmativo.*
LADAR e LATAR, — levar (do supino latino *latum,* a mesma significação de *ferir); v. g.: trasladar, treslada latar.*
LITHO. — pedra; v. g.: *aerolitho.*
LOGIA, — conhecimento; v. g.: *archeologia.*
LOGO, — conhecedor; v. g.: *archeologo.*
MACHIA, — combate; v. g.: *tauromachia.*
MACRO, — longo; v. g.: *amphimacro.*
MANCIA, — vaticinação; v. g.: *anthropomancia, capno cia.*
MENTO. — o effeito da acção designada no radical substantivos verbaes; v. g.: *movimento, pensamento.*
MERGIR, — mergulhar; *emergir, submergir.*
METTER e MITTIR, — mandar, enviar; v. g.: *prom remetter, transmittir.*
METRO, — medida, meio; v. g.: *decimetro, diametro.*
MNESIS, — lembrança; v. g.: *amnesis.*
MORPHE ou MORPHO, — figura; v. g.: *amorphe, amo*
NOMIA, — conhecimento, norma; v. g.: *agronomia, ast mia.*
NOMO, — que estuda as regras; v. g.: *agronomo, astron*
NTE, — 1.º o agente da acção ou o existente no estad o radical designa (nos adjectivos verbaes); v. g.: *amante, riente, pedinte.* — 2.º (nos derivados de substantivos de q dade ou estado) a posse d'essa qualidade ou a situação n estado; v. g.: *constante, demente, prudente.*
ODO, — caminho; v. g.: *exodo, periodo.*
ODYNIA, — dor; v. g.: *arthrodynia.*

· EGUAL, PLANO; v. g.: *anomalo.*
UE DENOTA, OU CAUSA; v. g.: *medonho, tristonho.*
· NOME; v. g.: *homonymo, pseudonymo.*
substantivos verbaes) — 1.° (tendo a figurativa
IENTE DA ACÇÃO do radical; v. g.: *abridor, leitor,*
.° (tendo outra figurativa) O EFFEITO DA ACÇÃO do
: *louvor, tremor.*
' A CAUSA OU EFFEITO do radical (nos adjectivos
g.: *infamatorio, satisfatorio.* — 2.° O LOGAR ONDE
ção do radical (nos substantivos verbaes); v. g.:
:riptorio, observatorio.
QUE CAUSA OU DESPERTA; v. g.: *appetitoso, odioso.*
M OU INVOLVE; v. g.: *apparatoso, perigoso.* — 3.°
.: *chuvoso, espumoso.* — 4.° QUE TEM; v. g.: *amar-*
o. — 5.° QUE USA DE; v. g.: *artificioso, cauteloso.*
UREZA DE...; v. g.: *argiloso, carbunculoso.* — 7.°
brioso, rancoroso. — 8.° AFFOITO A, PROPENSO; v. g.:
:roso, rixoso. — 9.° SIMILHANTE A... EM FORMA DE...;
esponjoso. — 10.° PROPRIO DE...; v. g.: *cavalheiroso.*
INIFESTA, QUE MOVE A...; v. g.: *choroso, lastimoso,*

:CO APREÇO; v. g.: *amigote, rapazote.*
LOGAR ONDE se exerce a acção do radical; v. g.:
tambem O ESTADO, OPPORTUNIDADE OU EDADE DE;
louro, casadouro, vindimadouro.
UE PARE; v. g.: *viviparo, oviparo.*
– SOFFRIMENTO; v. g.: *allopathia, homeopathia.*
É; v. g.: *bipede.*
– EMPURRAR, FORÇAR; v. g.: *compellir, impellir, re-*

UE PEDE OU SE DIRIGE A...; v. g.: *centripeto.*
— HABITO DE COMER; v. g.: *antropophagia.*
· QUE COME; v. g.: *antropophago.*
AMANTE, AMIGO; v. g.: *bibliophilo.*
– TEMOR; v. g.: *hydrophobia.*
QUE TEME; v. g.: *hydrophobo.*
· PRODUCTOR; v. g.: *aromatophoro.*
· NASCIDO; v. g.: *neophyto;* e tambem PLANTA; v.

AJUNTAR OU JUNTAR; v. g.: *compilar, recopilar.*
– DOBRAR, INVOLVER; v. g.: *complicar, duplicar,*

– PENNA, AZA; v. g.: *implume.*
'É; v. g.: *antipoda.*
'ENDEDOR; v. g.: *bibliópola.*
DADE; v. g.: *Andrinopoli, metropoli.*
— LEVAR; v. g.: *importar, exportar.*

PRIMIR, — APERTAR; v. g.: *comprimir, opprimir.*
SCENDER, — SUBIR; v. g.: *ascender, descender.*
SONO, — QUE SOA; v. g.: *altisono, unisono.*
SPIRAR, — RESPIRAR; v. g.: *aspirar, transpirar.*
STHENIA, — FORÇA, RIGOR; v. g.: *asthenia.*
STYLO, — COLUMNA; v. g.: *perystylo.*
TECHNIA, — ARTE; v. g.: *atechnia.*
THESE, — POSIÇÃO; v. g.; *antithese.*
TOMIA, — CORTE; v. g.: *arteriotomia.*
TRAHIR ou TRAIR, — ARRASTAR, DILATAR, PUXAR, TRAZER; v. g.: *attrair, contrair, protrair, subtrair.*
TROPHIA, — NUTRIÇÃO; v. g.: *atrophia.*
TYPO, — EXEMPLAR, MODELO; v. g.: *archetypo, prototypo.*
UDO, — QUE TEM GRANDE..., ABUNDANTE EM... v. g.: *beiçudo, cabelludo, taludo.*
UME, — AUGMENTO, INTENSIDADE; v. g.: *cardume, queixume.*
UNDO, — AUGMENTO, FACILIDADE OU TENDENCIA PARA... (nos adjectivos derivados): v. g.: *furibundo, meditabundo;* e tambem FORÇA e ABUNDANCIA da causa que o radical exprime, fazendo sobresair a duração d'esse estado; v. g.: *moribundo, vagabundo.*
URA, — 1.º ACÇÃO, ARTE, EFFEITO OU O INSTRUMENTO com que se exerce a acção do radical (nos substantivos verbaes); v. g.: *cortadura, douradura, fervura.* — 2.º A QUALIDADE (nos substantivos derivados d'adjectivos); v. g.: *alvura, formosura.* — 3.º A TOTALIDADE d'objectos que constituem um todo ou collecção (nos substantivos derivados d'outros); v. g.: *abotoadura, dentadura;* — 4.º O ESTADO, indicado pelo radical; v. g.: *frescura, vagatura.*
VAGO, — QUE VAGUEIA; v. g.: *noctivago, undivago.*
VEL, e BIL, — QUE MERECE, DEVE OU PODE soffrer a acção do radical (nos adjectivos verbaes): v. g.: *crivel, possivel* ou *possibil* (antigo); e tambem — QUE CAUSA OU PRODUZ a coisa significada pelo radical (nos adjectivos derivados de substantivos); v. g.: *agradavel, terrivel,* ou *terribil* (antigo).
VERGIR, — PROPENDER, INCLINAR-SE; v. g.: *convergir, divergir.*
VERTER, VERTIR, — VIRAR; v. g.: *converter, inverter, advertir.*
VOLO, — QUE VOA; v. g.: *altivolo.*

Os substantivos, cuja forma é egual á 1.ª ou 3.ª pessoa do singular do presente indicativo da 1.ª conjugação (com troca, ás vezes de um accento por outro, ou para outra syllaba), ou á 1.ª pessoa singular do presente subjunctivo, significam em geral — EFFEITO da acção d'esses verbos; v. g.: *começo, emenda, encommenda, commercio, furto, risco, roubo; ajuste, córte, empate, realce, resgate.*

Sem que haja o conhecimento previo do sentido e força de todas as desinencias, não é possivel obter a exacta significação dos vocabulos, embora se conheçam as raizes dos mesmos. Tanto estas, como as preposições, diz *Court de Gebelin*, constituem uma das grandes chaves da sciencia etymologica.

São as desinencias dos vocabulos um dos mais notaveis caracteristicos do genio da lingua portugueza, e em que a mesma ostenta uma riqueza e variedade, como nenhuma outra possue. Sendo todas palavras latinas, posto que ligeiramente alteradas nas formas, não perderam as accepções que lhes são proprias convertendo-se em portuguez; antes discriminadas e mantidas essas accepções pelo genio da lingua, passaram a compor uma infinidade de vozes com que a mesma lingua se locupletou [1].

E particularmente nos *augmentativos* e *collectivos* que apparece uma riqueza e profusão, de que facilmente se poderá formar ideia pelo specimen que produzimos, e em que debalde quizera disputar competencia a propria lingua dos romanos.

As desinencias de muitos vocabulos nossos parece que mostram proceder do ablativo do singular dos nomes latinos: v. g.: *hora*, *memoria*, *opulencia*, *terra*, *toga*, *zona*, *astro*, *dolo*, *pelago*, *servo*, *throno*, *arte*, *carne*, *infante*, *vertice*, *effigie*, *planicie*, *serie*; o mesmo succede a respeito de muitos adjectivos: v. g.: *claro-a*, *justo-a*, *negro-a*, *optimo-a*, *pessimo-a*, *raro-a*, *santo-a*, *vivo-a*, *constante*, *grave*, *prudente*, *sciente*, etc.

Veja *Latinismo*.

Determinativos. — A que tambem se dá o nome de *extensivos*, são os adjectivos que juntam á ideia dos objectos significados pelos substantivos uma designação particular, dando-lhes um sentido preciso ou restricto.

Os determinativos não indicam as qualidades physicas dos substantivos, mas os diversos aspectos sob que o nosso espirito os encara: fazem que os appellativos, com os quaes concordam, se tomem em sentido individual, já caracterizando-os por certas qualidades ou attributos individuaes, já contando-os, já applicando-os a certo numero de individuos.

Distinguem-se dos qualificativos por quatro signaes: 1.° não alteram a significação do substantivo; 2.° precedem-no sempre [2]; 3.° não admittem graus de significação [3].

---

[1] O sr. João Bonança, nosso patricio, não é d'esta opinião, e brevemente nol-o vai provar com a publicação de um trabalho de summa valia.

[2] Alguns determinativos pospostos aos substantivos com que concordam tomam significação diversa: *todo o homem* quer dizer — *cada homem*: *o homem todo* entende-se o homem inteiro, i. é, com todas as substancias que constituem este ser no pleno goso de suas faculdades.

[3] Encontra-se *mesmissimo* em alguns auctores.

Eis aqui a divisão dos determinativos:

- Demonstractivos
  - puros ou indicativos (**1**).
  - relativos ou conjunctivos (**2**).
- Interrogativos (**3**).
- Quantitativos ..
  - universaes
    - collectivos (**4**).
    - distributivos (**5**).
  - partitivos
    - definitos ou numeraes
      - cardinaes (**6**).
      - ordinaes (**7**).
    - indefinitos (**8**).
- Possessivos (**9**).
- Pronominaes ou simplesmente pronomes (**10**).
- Articulares ou ostensivos............
  - definitos (**11**).
  - indefinitos (**12**

Veja cada um d'estes artigos.

(1) *Este, esse, aquelle, est'outro, ess'outro, aquell'outr mesmo* (equivalente a *o proprio*), e os femininos e pluraes

(2) *Que, qual, quaes; cujo, cuja, cujos, cujas*[2].

(3) São os relativos conjunctivos postos nas orações in rogativas; v. g.: QUAL *é melhor?* QUEM *o imitou?*

(4) *Nenhum, todo;* com seus femininos e pluraes[3].

(5) *Cada,* e *todo* — *toda* em logar de *cada.*

(6) 1, 2, 3, (um ou uma; dois ou duas; tres, etc.)

(7) 1.º, 2.º, 3.º (primeiro, segundo, terceiro) etc., com femininos e pluraes.

(8) *Algum, certo, muito, pouco, outro, qual, quanto, ta um, ultimo* e seus femininos e pluraes; *qualquer, tal,* e os raes; *mais* (invariavel)[4].

(9) *Meu, minha; teu, tua; seu, sua; nosso, nossa; vosso, vo cujo, cuja,* com seus pluraes.

(10) *Isto, isso, aquillo, tudo, nada, algo.* Veja *Pronomes*

(11) *O, a, os, as.*

(12) *Um, uma, uns, umas*[5].

Di, Dia. — Veja *Prefixos.*

---

[1] *Isto, isso, aquillo* são pronomes, ou adjectivos pronominaes, de stractivos.
[2] *Quem* é pronome relativo indefinito. *Cujo-a, cujos-as* tambem se em gam como possessivos.
[3] *Tudo, ninguem, nada* são pronomes universaes indefinitos.
[4] *Alguem, algo, quemquer* são pronomes indefinitos.
[5] Veja a nota a paginas 74.

ɪpe. — Figura a que tambem se dá o nome de *tmese*
ato grammatical.
…paração.

ectica. — Arte de descobrir o melhor modo de de-
: a verdade: methodo de discussão muito estimado de
e Platão.

ecto. — Palavra de origem grega que significa lin-
particular d'uma provincia, colonia ou cidade, deri-
alterada da lingua geral d'onde procede, na pronuncia,
ntuação, nos accidentes grammaticaes, etc.
ste o dialecto: 1.º no uso de palavras estranhas a ou-
lectos; 2.º no uso de significações particulares a certos
; 3.º na varia escriptura das palavras, trocando, au-
do ou diminuindo as lettras, ou invertendo a ordem
mas: 4.º na alteração das formas das palavras decli-
já dando-lhes terminações differentes da lingua com-
a classificando-as em diversa terminação ou conjuga-
na syntaxe.
Lingua.

logismo. — Consiste esta figura de rhetorica em fa-
: as pessoas introduzidas no discurso fallem, ou com-
smas, ou umas com outras, ou comnosco; mas para que
torne crivel, é mister fingirmos que as pessoas dizem o
tural ou verosimilmente pensariam. Exemplo: *mas que*
s antigos pertensores irei tentar agora escarnecida?
a especie de *prosopopeia*, pela qual o orador cita dire-
te discursos, que elle proprio fornece aos seus persona-
a si mesmo em determinadas circumstancias, dá-nos o
um belissimo exemplo no cantico de Moysés depois da
em do Mar Vermelho — *O inimigo disse: eu os perseguirei*
alcançarei: repartirei seus despojos; minha alma ficará
; desembainharei a minha espada; a minha mão acabará
te.

logo. — Conversação ou pratica entre pessoas sobre
er assumpto. Pode ser fallado ou escripto. Ha de clas-
se, segundo a materia de que tratar, *litterario, critico,*
phico, historico, poetico, dramatico, etc.
nterlocutores do dialogo não devem passar de dois, ou
muito tres.
dos d'este genero d'eloquencia são: os dialogos de *Pla-*
de *Cicero,* sobre a arte oratoria; os *Mundos (les Mon-*
Fontenelle. Os dialogos do nosso *Amador Arraes,* etc.
itterarias em forma de conversação.

O dialogo não admitte regra geral e uniforme; o tom e o estylo elevam-se ou abaixam, segundo a natureza dos assumptos. Não se deve com tudo esquecer que um dialogo é uma conversação, cujas qualidades naturaes tem de reproduzir; requer: — vivacidade, certa negligencia agradavel e abundancia facil, isenta de affectação, simplicidade, etc.

Diastole. — Diz-se a figura que resulta de alongar-se a syllaba que é breve, como: *CleopÁtra, epiTHÉto, idoLÁtra, imPío*: por *Cleópatra, epitheto, idólatra, impio.*

Dicção. — Conjuncto das qualidades geraes e grammaticaes do discurso escripto ou fallado; maneira de dizer, a respeito da escolha e do arranjo das palavras empregadas na expressão dos pensamentos.

O caracter da dicção é modificado pelo genio da lingua, pelas qualidades do espirito e da alma do escriptor, pelo genero em que elle se exerce, pelo assumpto que tracta, pelos costumes e pela situação dos personagens que faz fallar, ou que elle proprio adorna, finalmente pela natureza das cousas que exprime.

Cada commoção tem seu grito; cada sentimento sua entoação: cada caracter, para assim dizer, tem sua voz. Em summa a dicção será boa, se a phrase for correcta e clara.

Em geral a boa dicção em toda a lingua rimada exige que a palavra principal da phrase seja pronunciada mais claramente, e n'um tom mais elevado que as outras, como se quizessemos attrair sobre ella mais particularmente a attenção. Os outros membros da phrase são menos accentuados, e sempre em proporção do seu menor grau de importancia.

Assim o artigo absorve-se no substantivo, como o pronome no verbo; é quasi improferivel porque todo o esforço da voz se appoia no substantivo.

Se o substantivo é precedido de um adjectivo, este será menos accentuado que o substantivo, e o artigo ficará menos proferivel ainda, de maneira que a gradação entre estas differentes palavras fique bem signalada, segundo a sua importancia relativa.

Quando queremos dar mais força á significação do adjectivo, collocamol-o ordinariamente depois do substantivo, por que então, ficando menos absorvido por este, melhor adverte a attenção.

O pronome que exerce um papel secundario em relação ao verbo, torna-se a palavra principal em uma phrase elliptica, ou quando é complemento de uma preposição. É pois sobre elle, n'estes dois casos, que deve appoiar-se todo o esforço da voz.

Estas regras todavia não estão isentas de algumas excepções consagradas pelo uso.

Entre os que fallam a nossa lingua, portuguezes ou brazileiros, bons oradores e pessoas que cantam ou discursam com alma, são os unicos a pôrem em pratica estas e outras regras de boa dicção, afim de darem ás suas ideias ou aos seus sentimentos uma precisão maior por meio de uma variada entoação, indicando a importancia relativa das palavras, que elles empregam para se expressarem.

N'outra accepção quer dizer: a palavra de que nos occupamos — *termo*, *vocabulo*, *palavra;* uma quantidade emfim de som que significa alguma cousa em qualquer lingua.

Dico. —Veja *Desinencia*.

Dicolos. —Veja *Bimembre*.

Dicto. —Veja *Dito*.

Dictado. —Têem este nome as palavras, que nas aulas ou escolas o professor faz escrever pelos alumnos, em quanto elle as vai pronunciando mais ou menos lentamente e em voz alta.

É um exercicio de orthographia pratica, no qual o estudante se habitúa a escrever com desembaraço e sem erros.

Este exercicio diversifica, segundo é desempenhado por pequeninos, a quem se ensina toda a variedade de palavras, ou por discipulos já familiarisados com as palavras e regras.

São muitos os methodos de corrigir um *dictado* volvendo-o proveitoso: ler primeiro, antes de dictar, afim de ser melhor comprehendido o intuito moral ou intellectual do trecho que se dicta; dar, a proposito de cada erro, as necessarias explicações grammaticaes, e interrogar os meninos sobre a natureza das palavras, sua significação, genero, numero, derivação, etymologia, conjugação de verbos, tempos, modos e demais promenores.

Didactico. —Diz-se o discurso, que tem por fim instruir e communicar directamente conhecimentos uteis, por meió de convenientes preceitos sobre qualquer assumpto, litterario ou scientifico.

É n'este genero que essencialmente deve brilhar toda a luz da perspicuidade: — no emprego das palavras e phrases da propria lingua, em que se falla ou escreve, o que constitue a pureza; na conveniencia, subordinação e ordem das palavras, em harmonia com a reciproca relação das ideias, o que forma a correcção syntactica; na propriedade dos termos, no decoro,

na precisão e concisão, i. é, na justa proporção entre as palavras e os pensamentos e entre estes e a materia.

A diffusão ou superfluidade empece tanto á intelligencia como á memoria; um diluvio de palavras affoga o espirito de quem as ouve ou lê; e a multidão de accessorios confunde-o, distraindo-lhe a attenção do objecto principal.

O estylo pois deve ser simples e, ainda que technico, sem obscuridade; methodico sem frieza, exacto sem sequidão.

Quando em assumpto moral, couber ou a pintura das acções, e dos differentes caracteres dos homens, ou a invectiva contra os vicios; força é passar da illustração do intendimento com as rasões, ao impulso do coração com os motivos ou affectos. Então o pensamento e a elocução, deixando a singeleza do estylo, como o mais proprio para instruir, devem elevar-se ao grau do robusto e vehemente.

Dizem-se propriamente didacticos os poemas que apresentam uma exposição ordenada e extensa das ideias do poeta sobre qualquer assumpto util, seja scientifico, artistico, moral, religioso ou critico. É o assumpto que distingue estes poemas entre si; e é d'elles que tiram o nome, por que são individualidades.

Exigem-se n'elles tres qualidades essenciaes: um assumpto util, interessante e susceptivel de receber os ornamentos da poesia; uma ordem clara e facil, embora não muito rigorosa, no desenvolvimento d'esse assumpto; e belleza de estylo, que faça desapparecer, quanto seja possivel, a seccura, frieza e monotonia do tratado.

Esta belleza de estylo consiste especialmente, em descripções animadas, exemplos e figuras opportunas, sentimentos interessantes, digressões e episodios bellos e convenientes. É por esta forma, abrilhantando os fructos da rasão com as galas da imaginação, a doçura do sentimento, a belleza e a harmonia da linguagem poetica, que os poemas didacticos offerecem vantagens notaveis sobre os tratados em prosa, e se tornam verdadeiramente obras poeticas.

O estylo proprio d'estes poemas é o temperado; o verso, o endecasyllabo solto, como reunindo á gravidade e harmonia, o dar campo e facilidade á expressão.

Diérese. — É a figura que resulta da divisão do diphthongo em duas syllabas; como: *Orpheü, Deüs* (Or-phe-u, De-us): por — Or-pheu, Deus.

Oppõe-se-lhe a *synérese*.

Esta figura pode supprir-se pelo accento agudo (´), exemplo: *adaíl, alaúde, ataúde, paúl, saúde* por: adaïl, alaüde, ataüde, paül, saüde.

Tambem se dá este nome ao signal orthographico (••) de que aqui nos servimos; estes dois pontos sobre a vogal advertem que a sua pronunciação se destaca da vogal precedente; v. g.: *maïusculo, arguïção, ruïna, unguënto, miüdo, exiguïdade, moïnho, baëta, guëla, graüdo, heroïna*, etc., orthographia que se não usa entre nós; hoje preferimos accentuar com o signal (′) a lettra que mais se deve ferir, ou deixamos ao leitor o cuidado de corrigir, quando pelo sentido conheça o engano.

Veja *Trema.*

Diffuso. —Veja *Prolixo.*

Digressão. — É qualquer parte de discurso ou obra, que se afasta do seu assumpto especial, e que interrompe a sua marcha regular, para occupar algum tempo o ouvinte ou o leitor n'um outro objecto.

O bom gosto deve regular o uso e fixar a medida das digressões. Uma digressão seguida sem esforço, convenientemente tratada, restringida a justos limites, é uma distracção agradavel, que allivia o espirito de uma attenção muito aturada; mal posta, ao contrario, diffusa e evidentemente destinada a supprir uma lacuna, a digressão não passará de um palavriado insipido; levada ao extremo toma o nome de *divagação.*

Dilemma. — Especie de argumento empregado para reduzir uma proposição ao absurdo. Estabelece-se entre duas ou mais proposições contradictorias, i. é, que não podem jamais ser nem verdadeiras nem falsas ao mesmo tempo; uma alternativa inevitavel para o adversario, cuja derrota é certa, qualquer que seja a proposição acceita.

Querendo Alexandre Magno despedir um philosopho que trazia em sua casa, lhe disse estas palavras: *Eu, como sou homem, erro como homem; e tu sendo philosopho, não me reprehendes, nem avisas de nada;* OU É QUE NÃO ENTENDES MEUS ERROS, OU QUE OS ENTENDES: SE OS NÃO ENTENDES, NÃO ÉS SABIO; SE OS ENTENDES, NÃO ÉS MEU AMIGO, POIS ME NÃO EMENDAS; POR ISSO VAI-TE EMBORA.

O sophista Protagoras deixou-nos um modelo de um dilemma sem replica no processo, que intentou contra um dos seus discipulos.

Ajustara o mestre com o discipulo que pelo ensino da eloquencia lhe pagaria este certa somma, metade da qual adiantada, e a outra metade depois da 1.ª causa, que o discipulo defendesse com bom exito. Não apparecendo, porem, a desejada

occasião, Protagoras chama a juizo o seu discipulo requerendo o resto da somma ajustada. *Ou a sentença me é favoravel*, pensava o mestre, *ou contraria: no 1.° caso, ha de o meu discipulo pagar-me; no 2.°, ganha elle o seu processo, e, nos termos do nosso ajuste, é meu devedor.*

Mas o discipulo não menos dextro respondeu: *Se os juizes me derem razão, nada vos deverei; se a derem a vós, perderei a minha primeira causa, e o nosso ajuste absolve-me.*

É uma argumentação que da comparação de duas faces oppostas, chega a uma unica conclusão. Outro exemplo: *o dinheiro é util ou inutil — se é util, merece censura o avarento por não usar d'elle; e se é inutil, merece-a tambem pelo trabalho que toma em o ajuntar.* Em ambos os casos o avarento merece censura.

Diminutivos. — São os appellativos derivados que, alem da ideia principal contida nos primitivos, exprimem, com o auxilio das terminações affixas, ideias accessorias de pequenez, abaixo das dimensões communs e normaes, e bem assim as de carinho, ternura, desprezo ou desdem; v. g.: *botãosinho, amorsinho, filhinho, fidalgote, mulhersinha*, etc.

As terminações que de ordinario os dão a conhecer são: *inho* ou *zinho, inha* ou *zinha; ito, ita; ico, ica; ejo; ulo, ula*. As terminações *ete; oto, ota; acho, acha*, diminuem em menos que as precedentes; v. g.: *papelinho, homemzinho, rapazito, cadellinha, mulherzinha, rapariguita, burrico, animalejo, globulo, pellicula, mulherica, rapazete, perdigoto, illota, riacho, lebracha*, etc.

Segundo sua diversa terminação, pode o significado dos diminutivos apresentar differenças (e ás vezes bem notaveis). Assim *mulherzita* ou *mulherzinha* significa ordinariamente uma mulher de pequena estatura, ou uma menina que se approxima da edade nubil, emquanto que *mulherinha* significa de preferencia mulher besbelhoteira.

O mesmo ha de até certo ponto entender-se ácerca dos augmentativos. Assim *mulherão* ou *mulherona*, diz-se de uma mulher alta e corpulenta; *mulheraça* applica-se especialmente para designar uma mulher bem configurada e musculosa, embora regular na estatura.

A designação de diminutivos pode dar-se a alguns verbos que se formam em portuguez, já de outros verbos, e já de nomes que contraem desinencias alteradas das formas *illo* e *io*, de que se compõem os proprios diminutivos da lingua latina; taes são, entre outros os verbos — *choviscar, escrevinhar, lagrimejar, depennicar*, etc.

, outras terminações especiaes para diminutivos
ırca nos seguintes: — *casebre, banqueta, camarote,*
vila, parcella, particula, regulo, versiculo, viella, etc.

se contam adjectivos nos diminutivos; v. g.: *ale-*
te, moreninho, queridinho, etc.

tivos diminutivos mais communs são principalmente
ıbam em *inho* ou *zinho*, mas alem da sua significa-
le ternura ou de caricia, exprimem alguns ao mesmo
resse ou compaixão; v. g.: *coitadinho do meu Pedro;*
ıa da rapariga.
iminutivos em *inho* têem um sentido superlativo; i.
a significação do adjectivo, como nas seguintes phra-
r baixinho; ia sosinho; esteja calladinho; sentou-se
:; pão quentinho, etc.

adverbios são susceptiveis de tomar a forma dimi-
g.: *pertinho, juntinho, cedinho, devagarzinho*, etc.

vras terminadas em *co, ca*, mudam o c em *qu* para
:m o valor do *c*; v. g.: *bico, biquinho, faca, faquinha.*

nação *im* é tambem algumas vezes signal de diminu-
ı contracção de *inho*; v. g.: *sellim, patim, camarim,*
ıadim, botim, etc.
que nem todos os nomes são susceptiveis de dimi-

ıo poderá fazer conhecer os numerosos diminutivos
, assim como o seu emprego, nem sempre facultativo.
tivos que convêem ao estylo sustentado (grave ora-
tros que só podem ser empregados no estylo familiar.

hongos. — São as syllabas que se pronunciam
uvir com uma só emissão de voz o valor combinado
ogaes, dando comtudo mais rapidez á 2.ª (subjunctiva)
1.ª, (prepositiva), que fica por isso mais longa que a 2.ª
thongos podem ser *oraes* e *nasaes.*
es: ae, ai, ao, au, ei, eo, eu, io, iu, oe, oi, ou, ui.
aes: ãe, ãi, ão, õe, õi, ũi.
combinações das vozes compostas tambem se encon-
syllabas formadas pela *synérese*, como nas palavras
doa, pateo, nas quaes em vez de 3 syllabas só se
as, e n'aquellas palavras em que o *u* é precedido de
s seguido da voz longa, como em *qual, quaes, quasi,*
al, iguaes, ingua, etc.
impropriamente *diphthongos* a reunião convencional

de duas ou mais vogaes que só formam uma voz na pronunciação, e que realmente não passam de vogaes compostas, assim nas palavras — *que, querella, quilha; guerra, guita,* não podem achar-se diphthongos nas primeiras syllabas.

Directa. — Diz-se *directa* em opposição a *inversa* a construcção que colloca o sujeito antes do verbo; em seguida ao verbo o attributo, se o tem claro; depois os complementos desde o objectivo, se a oração é construida com verbo activo transitivo; seguida em tudo a ordem da relação grammatical, conforme as regras de concordancia e regencia, e de modo a perceberem-se facilmente.

O sujeito e o attributo devem ser seguidos de seus accessorios, quando os tenham.

Se servir de sujeito um vocativo (relação vocativa), tomará logar depois da primeira ou primeiras palavras da oração, proximo ao termo que indica a pessoa com quem se falla.

As palavras subordinadas em regra devem ser collocadas logo depois das suas respectivas subordinantes. Exemplos: *Deus é justo. A justiça é a primeira necessidade dos povos. A justiça e a caridade, sentadas junto do throno do Eterno, serão as relatoras fieis das nossas obras. Os soberanos governam os povos; as leis governam os soberanos. Aquelle que marcha pela estrada da innocencia, avança com segurança. Estavas, linda Ignez, posta em socego. Vós, nobilissima verdade, sois o facho luminoso que muitas vezes queimais a mão que vos sustenta. Se tu soubesses, filho, quanto a arte de agradar instrue na arte de enganar!...*

O verbo no imperativo leva ordinariamente o sujeito depois, claro ou occulto. Exemplos: *vê tu como a ironia assassina a amizade. Trabalhai* (vós), *se quereis afugentar a miseria.*

Havendo muitos sujeitos, ou muitos attributos, ou muitos verbos, collocaremos os primeiros pela ordem de sua preeminencia ou importancia relativa, e os ultimos pela gradação ascendente, quando se afirme, e pela descendente, quando se negue. Exemplo dos primeiros: *desterros da patria, servidão na terra inimiga, perda da independencia, e subjeição no estrangeiro, nada abalou no coração dos justos a esperança e a verdade.*

Exemplo dos ultimos; attributos pela gradação ascendente, affirmando — *Pedro é rico, nobre, sabio e virtuoso;* pela gradação descendente, negando — *nem virtuoso, nem sabio, nem nobre, nem rico.* Verbos, em orações affirmativas, gradação ascendente — *Pedro saiu, tropeçou, caiu, quebrou as pernas;* em orações negativas, gradação descendente — *nem quebrou as pernas, nem caiu, nem tropeçou, nem saiu.*

djectivos empregados com os substantivos forem *de-*
os devem preceder aquelles cuja significação modifi-
este homem, aquella mulher, essas creanças, meus me-
forem *qualificativos*, vão, em regra, depois dos sub-
sendo *restrictivos*; mas, se forem *explicativos*, podem
:ados antes ou depois d'elles. Restrictivos — *homem*
inos applicados, criadas ladinas. Explicativos — *calma*
umanidade fragil, pedra dura, nectar doce.
'ectivos cuja collocação antes ou depois dos substan-
altera a significação, o que se verifica nas seguintes
ıcias — *bom homem, pobre homem, algum homem, todo*
· postos os adjectivos depois dos substantivos ficará
ıção de cada phrase sensivelmente alterada.
·ctivos possessivos que, em regra, devem preceder os
'os com os quaes concordam, algumas vezes se col-
)ois, em phrases emphaticas: v. g.: *Oh filho meu! Oh*
'nha! Dêmos-lhe noticias nossas. É um amigo vosso.
os teus que o dizem.
is de tua gloria, os monarchas dos ultimos confins da
ıariam por honrados com chamar irmãos a teus filhos;
us davam e tiravam coroas.
gia que a esta conclusão incute a transposição d'a-
ssessivo TEUS, é tão sensivel que não passa desperce-

ossessivos.

)lemento restrictivo deve collocar-se depois do sub-
ue o pede, ou em seguida ao adjectivo, quando o tenha
ır-lhe a significação. Exemplo: *a aurora é o riso do*
gria dos campos, a respiração das flores, a harmonia
a vida e o alento do mundo; começa a sair e a crescer
o gesto agradavel do mundo e a composição da mesma
oda mudada.
)lemento *objectivo* e o *terminativo* collocam-se depois
aquelle primeiramente — *Demos graças a Deus* —;
terminativo for alguma das variações pessoaes — *me,*
ıs, vos, lhes, se, precederá o objectivo e os dois collo-
juntos, antes ou depois do verbo, deixando por isso
'cta a construcção; o mesmo succede algumas vezes
nplemento *objectivo*, quando é representado por algum
ınes — *o, os, a as.*
caso em que é obrigatoria a transposição do substan-
serve de complemento — é quando vem precedido do
ujo, referindo-se a esse complemento; v. g.: *adoremos*
cuja omnipotencia confessamos infinita e eterna.
versa.

Os complementos circumstanciaes distribuem-se de maneira que fiquem, o mais proximo que possa ser das palavras que os pedem.

Havendo muitos complementos pertencentes ao verbo, como alguns d'elles necessitam para si de outros complementos ou de accessorios, convirá distribuil-os de modo que os mais curtos fiquem proximos ao verbo, para o ultimo distar d'elle o menos possivel; e se forem mais de tres os complementos, bastará que tres se colloquem depois do verbo e os outros antes.

As preposições, em regra, precedem os seus complementos. Exemplo: *o medico que aspira a ser grande, deve incessantemente occupar-se da medicina, sem se distrair para outros objectos, que não tenham relação com ella, e muito menos no campo das facções.* Se, porem, forem servir de complemento verbos no infinito, podem collocar-se entre elles e a preposição o sujeito e qualquer das variações pessoaes—*me, te, lhe, o, a, nos, vos, lhes, os, as, se.* Exemplos: *para o homem ser feliz não basta que os outros lh'o digam. A felicidade tambem está em nos accommodarmos com a nossa sorte. Sem m'o procurares, duvido. Por vos ajudar, arruinou-se.* Assim, sendo complexo o complemento da preposição, colloca-se esta antes da 1.ª palavra da expressão complementar. Exemplos: *era admiravel o afan de qual seria o primeiro no perigo. Compadeceu-se de que tanta miseria se reunisse n'uma só familia.*

Os adverbios devem collocar-se o mais proximo possivel da palavra, cuja significação modificam, antes ou depois; quando, porem, modificam verbo, não sendo o adverbio — *não* — que sempre o precede, têem mais geralmente logar depois d'elle. Sirvam de guia nos casos de duvida o uso e a harmonia que são mestres seguros. *As commendas em similhantes peitos não são cruz, são aspa: e quando se vêem tantos ensambenitados da honra, bem vos podeis honrar de não serdes um d'elles. Sejam esses embora, exemplo da fortuna, sêde-o vós da virtude. A honra que se vende é sempre paga mais cara do que vale.*

As conjuncções collocam-se regularmente no principio da oração que ellas ligam a outra precedente, ou entre dois membros de phrase por ellas unidos. Exemplo: *o homem deve escolher um amigo que seja melhor que elle, ou ao menos tão bom; porque tel-o peor, é peor que não ter nenhum.*

A conjuncção *se*, sendo condicional vai de ordinario no principio da phrase; mas, sendo integrante, põe-se no corpo d'esta. Exemplos: *os governos não são fortes sendo pelas leis; se lhes substituirem o arbitrio, vel-os-eis abalados. Direi se é possivel.*

nçào conclusiva *pois*, e as conjuncções — *porem*, *tambem*, *todavia*, *com tudo*, collocam-se frequentemente uma ou mais palavras, que dão começo á oração de azem parte, e chamam-se por isso pospositivas. Exem-*lo pois que a ociosidade é a mãe dos vicios... Conhe-i o erro. Fica portanto demonstrado. Ha tambem quem Se o menos pobre é todavia o que menos deseja... Bem i comtudo melhor...*

avras para as quaes não se assigna logar determinado e-ão de modo, que seja facil perceber a sua relação dancia e regencia.

oração *directa* não pode ser geralmente seguida; são quentes os exemplos da construcção *inversa*, que faci-rdinar o discurso ás regras da harmonia, ás exigen-uphonia e á energia das phrases; apesar d'isto, nem odem ter logar as *inversões*, mas em certos e deter-casos. Convem sobre tudo esperar que, da lição atu-eflectida dos classicos, se adquira o acerto e o bom modo de manifestar o pensamento.

m se dá o nome de *directa* em opposição a *indirecta* vão, á *confirmação* que comprehende as rasões e os ntos, produzidos pelo orador no intuito de fortificar a a, ou desenvolver o seu assumpto.

Pessoaes, Interrogação, Particípio, Accidentaes, Essen-

jectivos *demonstractivos* só se transpõem em phrases ta: *todos os homens são mais ou menos cegos, verdade se não pode negar.*

jectivos *numeraes transpõem-se* quando indicamos o dia e algumas vezes com as palavras *semana*, *mez*, *anno*, com os nomes proprios dos soberanos, e para indicar nas de um livro ou a ordem dos *capitulos*, *tomos*, etc.; izemos: *no dia 1.º*, *no dia 15 de janeiro*, *no seculo* XVIII; *1.º*, *D. Pedro 5.º*, *Luiz* XIV; *paginas 25 do capitulo 3.º 2.º*; etc.

jectivo indefinito *algum* transpõe-se, quando se em-m sentido negativo, i. é, em vez de *nenhum*; v. g.: *não palavra alguma; não tem recurso algum. Nenhum* tam-transpõe em certas phrases, principalmente quando este vo termina a phrase; v. g.: *não tem duvida nenhuma.* significando *inteiro*, (*todo inteiro*), segue o substantivo; *todo o homem é mortal* (*qualquer* homem é mortal); *o ho-*do *não é mortal* (o homem *inteiro* [em corpo e alma] não tal).

Directo. — Diz-se o complemento ou regime que completa a significação do verbo activo, ou do seu participio imperfeito, sem intermedio de preposição, excepto os casos apontados no vocabulo — *objectivo*; mostra uma relação de dependencia immediata á palavra sua subordinante; pode ser representado por uma ou mais palavras e até por uma oração inteira, que se chama *integrante*. Exemplo: *Deus creou o homem e para elle creou tambem os animaes, as plantas, os metaes; disse-lhe depois — crescei e multiplicai, e por fim de tanto amor, só quiz que o amassemos, como Pae.*

Oppõe-se ao complemento directo o complemento ou regime *indirecto*.

Veja *Transitivo*.

Tambem se diz *directo* em opposição a *indirecto* o discurso que um auctor refere, como se fallasse a propria pessoa a quem o attribue. Exemplo: *Rebello da Silva dizia: — a revolução nas espheras do poder provoca a revolução das praças. A lei desacatada pelos seus guardas naturaes perde-se o respeito com facilidade.*

Pelo discurso indirecto, — Rebello da Silva dizia, ou dizia R. da Silva: *que a revolução nas espheras do poder provocara*, etc., *e que á lei desacatada... se perdia o respeito*, etc...

Dis. — Veja *Prefixos*.

Discernimento. — Faculdade de bem distinguir as cousas e de formar d'ellas um juizo são. *Juizo* e *discernimento* são expressões synonymas, mas importa não confundir certos limites que o uso lhes tem attribuido.

Discernimento é aquelle *juizo* recto, que se forma para se chegar a distinguir as cousas umas das outras por suas differenças. *Juizo* é a faculdade da alma, que julga das cousas, de suas relações, de sua conformidade ou desconformidade com outras; é um conhecimento que decide; é a operação do entendimento pela qual se combinam duas ideias differentes, ou se affirma que uma cousa é ou deixa de ser; é a prudencia no fallar e obrar.

O objecto do *discernimento* é tudo o que convem saber, e se limita ás cousas presentes. Distingue o *discernimento* o verdadeiro do falso, o perfeito do imperfeito, os motivos bem fundados dos apparentes pretextos. — O *juizo* attende mais ao que se ha de fazer, e estende suas reflexões até ao futuro; percebe as relações e as consequencias das cousas e prevê os seus effeitos.

Pode dizer-se do *discernimento* que é claro, que apresenta ideias exactas, que impede o erro e livra de cair em falsida-

juizo pode dizer-se que é recto, que é sabio, que nos a proceder com prudencia, a evitar extravios, absurdos agancias.

rnimento refere-se á especulativa, e aproveita nas in-ões philosophicas; o *juizo* refere-se á pratica e nos é il na vida e modo de proceder.

nescio o que carece de discernimento; é um louco o tem *juizo*.

iplinas. — Dá-se este nome em particular aos estu-nas sciencias são o objecto de nossa applicação, prin-ite nas aulas.

linas, doutrinas, lettras, artes, são todos termos obje-ira designar as sciencias. Estas quatro palavras con-as os conhecimentos que servem de formar, desenvol-iar o espirito humano, e que estão comprehendidas no ral *humanidades* (cultura intellectual e moral). Assim ão ao conjuncto dos conhecimentos humanos contidos timo vocabulo, *doutrinas* e *disciplinas* designam ramos res, isto é, cada sciencia considerada como um syste-denado de conhecimentos, taes são: a philosophia, a, as mathematicas, a historia, etc., com esta diffe-ie *doutrinas* designa antes as sciencias especulativas e as, e que pertencem á instrucção philosophica e sábia, *inas* antes as que pertencem á vida ordinaria, as scien-ticas.

s e artes abraçam todas as sciencias com esta diffe-ie *lettras*, palavra de um sentido mais restricto e d'onde s *litteratura*, designa as sciencias, em quanto as con-s depositadas nos livros que servem de enriquecer de aentos o nosso espirito, e de formar a rasão e o gosto; nto que *artes*, palavra de um sentido muito extenso sciencias, artes em geral), as designa pela influencia ita, que o seu conhecimento exerce sobre nossa cultura nal ou artistica.

i estas palavras de significação objectiva têem por cor-o termo subjectivo *estudos* que designa, no mais vasto os mesmos conhecimentos, em quanto a elles nos ap-s, dispensando-lhes todos os nossos cuidados.

rasão desta significação subjectiva que esta palavra é nhada, ora de determinativos, taes como: *meus, teus, estudos*, ora de um determinativo que faz conhecer o jecto mais especial, como: *estudo de humanidades, de , de astronomia*, etc.

cordancia. — Falta ou defeito de concordancia; es-) que se não conforma com os argumentos ou explicações

produzidas por outro. Não é da mesma opinião, nem pode ser convencido ; não está de accordo.

Discursivo. — Dizia-se o methodo pelo qual se tirava uma proposição de uma outra por meio do raciocinio. A theologia é puramente discursiva.

Veja *Deductivo*.

Discurso. — É uma serie de raciocinios ou phrases empregadas na expressão do pensamento sobre qualquer assumpto. Em geral é todo e qualquer exercicio da palavra, desenvolvendo o quadro exacto das operações do nosso espirito.

No dominio da eloquencia é um todo harmonioso, cujas partes concorrem todas e cada uma de per si, para o fim que o orador se propõe.

Divide-se em *capitulos*, *paragraphos*, etc. ; e pode ser *directo* ou *indirecto*.

As partes elementares do discurso são : NOMES — *substantivo, adjectivo, artigo, pronome, particípio* —, VERBOS (variaveis) e PARTICULAS — *preposição, adverbio, conjuncção* e *interjeição* —(invariaveis).

O discurso, já pela natureza do assumpto, já em relação ao logar em que se exerce, pode ser expresso em *prosa* ou em *verso*, e composto em varios estylos, conforme o genero de que tratar ; este pode ser : — *ecclesiastico* ou *evangelico*, *academico*, *militar*, *pathetico*, *politico*, *forense*, etc. ; e ter por causa : — o *louvor* ou o *vituperio*, o *conselho* ou a *persuasão*, a *accusação* ou a *defeza*, a *sciencia*, a *bravura*, o *heroismo*, etc.

Comprehende o discurso cinco partes : o *exordio*, a *narração* ou *provas*, a *confirmação*, a *refutação*, e a *peroração* ou *conclusão*.

Os pensamentos que compõem o *exordio* preparam os animos dos ouvintes. Os que compõem a *narração* dedicam-se a informal-os sufficientemente do assumpto. Os que constituem a *confirmação* provam directa ou indirectamente a verdade e a importancia do assumpto. Os que formam a *peroração* dirigem-se a radicar na memoria dos ouvintes o que ficou dito nas partes antecedentes, e mais que tudo a remover-lhes da vontade todos os obstaculos que poderiam estorvar a pratica que se lhes inculca, ou, fallando em geral, o fim a que o orador se propoz.

O discurso pode ainda ser descriptivo, didactico, familiar, historico, oratorio.

Veja *Estylo*.

Temos ainda a considerar o genero de discurso *laudativo*, e *panegyrico* a que pertencem as seguintes especies :

Genethliaco ou adoração natalicia ; *eucharistico* ou d'acção de

epythalameo; oração inicial; discurso d'inauguração; ou *gratulatorio; epicedio* ou elogio funebre.
das estas especies necessita o orador de descobrir o le dizer, com que ordem, e por que modo; ha de inves-
ovas, bellezas e affectos, em harmonia com o seu fim; os pensamentos, dar-lhes o devido logar e ligação, e scolher as palavras e phrases que melhor exprimam os ntos: cuidando em que a expressão seja pura, correcta, nada, bem collocada e decente.

ussão. — Exame circumstanciado e debatido de uma ão, de uma ideia, de uma medida, de maneira a pode-valiar os prós e os contras.
ca-se por extensão a qualquer disputa ou contestação.

unctiva. — É a conjuncção que, unindo os membros se ou do periodo, separa as cousas de que se falla, i. s expressões e separa as ideias.
njuncções disjunctivas são: *nem* [1], *ou*, *que*, o infinito — *ser*, o conjunctivo — *seja... seja*, e os adverbios — *já... . ora: quando... quando*, valendo por conjuncções.
particulas ligando orações susceptiveis da mesma af-, mostram que, da comparação de uma com outra se-ente, resulta que só uma d'ellas pode ser admittida. a da incompatibilidade entre os seus attributos.
disjunctiva a oração composta de dois membros, entre se acha uma particula disjunctiva.
los: *ou tu sabes o que dizes ou o ignoras. Quem não não pode accumular, nunca chega a ser sabio nem rico. chova, quer não. O homem é inconstante nas suas reso- quer uma cousa, já outra. O tempo vai desigual, ora , ora está quente. Quando a trote, quando a galope.*

ertação. — Exame circumstanciadamente exposto de stão ou de um ponto de historia, de moral, de philoso- critica ou de erudição. Esta discussão que apparece vezes de viva voz ou por escripto, limita-se a alguns le um objecto, escuro ou mal esclarecido.
ertação é necessariamente menos extensa que o tratado. aça um assumpto sob todas as faces, e portanto mais mais desenvolvido que a dissertação.
ncem a esta especie as monographias, as memorias

— é disjunctiva negativa em certas phrases; v. g.: *nem que o mos- que o proves me convences:* conhecer-se-á pelo sentido do loga- apparecer.

scientificas ou litterarias, e tambem os artigos didacticos dos periodicos.

As suas qualidades essenciaes são as mesmas dos tratados; mas por isso que são escriptos breves, devem ser mais apurados no estylo, mais concisos no desenvolvimento das ideias, e muito reduzidos nos incidentes d'ornato.

Dissonancia. — Dá-se este nome á desharmonia que se nota entre o som de algumas palavras, cuja pronuncia discordante ou inconveniente fere o ouvido, destoa ou desagrada pela reunião de syllabas duras.

Ha dissonancias nas seguintes palavras — *mar revolto, mal real, fé de rei, do dador, etc.*

É um dos vicios que se oppõem á melodia.

Haverá *dissonancia* na phrase, resultado da má ligação, todas as vezes que n'ella se encontrem *cacophato, hiato, collisão,*

Dissyllabos. — Dizem-se as palavras compostas de duas syllabas ou diphthongos, como: *aba, amor, canções, elle, fulgor, paixão, questões, raiva, tina, vidros,* etc.

Igual nome se dá aos versos de duas syllabas:

Bem sei...	Aqui	Um beijo
a Rosa	a flor	é graça,
formosa	sorri	se a mais
que amei.	amor.	não passa.

Distico ou **Disticho.** — Composição poetica formada de dois versos fazendo um sentido perfeito.

Tambem se dá este nome ás lettras, letreiros ou emblemas dos escudos e das emprezas; bem como ás divisas, letreiros ou rotulos.

Na poesia foi geralmente adoptado para a elegia e para o epigramma.

No distico são bem estreitos os limites em que se encerra o pensamento, não obstante resalta ahi ás vezes a finura ou a naturalidade, ora com energia, ora com graça.

Distributivos. — Dizem-se os adjectivos determinativos universaes positivos, que applicam a significação do nome commum a todos os individuos de uma classe, considerados cada um de per si, ou a todas as partes de uma totalidade. São:

Cada e, em seu logar, *todo-toda* com a significação de *cada*; os compostos — *cada qual, cada um, qualquer,* e o pronome *quem quer*, com a significação de *qualquer*, mas referindo-se somente a pessoas. Exemplos: *cada terra tem seu uso;* é o mesmo que se dissessemos: *todas as terras têem seus usos, (cada uma o seu). Todo o homem é mortal,* em vez de *cada ho-*

Cada qual sente o seu mal. Ninguem é menos conhecido que um de si mesmo. Qualquer dia ou qualquer hora bastam os maiores abusos ou para as maiores virtudes. Quaesquer jam os meios. Isso quem quer o faz, etc.
a *Universaes*.

tado. — Voz popular que diz o mesmo que *adagio*, mas talvez moralidade particular, ou algum d'esses conse-ulgares, fundados na experiencia, que são a sabedoria vo.

ntre outros damos para exemplo, os seguintes, bem conhe-:

ga-te aos bons e serás um d'elles.
hor é dar aos maus que pedir aos bons.
) dá quem tem, senão quem quer bem.
› digas d'esta agua não beberei.
tente-se com o seu estado quem quizer viver socegado.

ado, sentença, principio, maxima, apophthegma, proverbio,), rifão, paremia, aphorismo são synonymos.
a *Dictado*.

thyrambo. — Especie de poesia lyrica em honra de ‹. É uma das mais antigas composições poeticas; seus eristicos principaes eram um enthusiasmo elevado até á ção, a licença das expressões e a desordem das ideias.
poesia moderna caracterisam o dithyrambo a desordem sigualdade das medidas; distingue-se pela energia, pelo siasmo ou delirio poetico.
ι dithyrambos do nosso Antonio Diniz da Cruz, e nos dos ι Arcades, até Belchior Curvo Semedo, apparecem os Ky-s esdruxulos com a intenção de caracterisar o delirio e o siasmo da embriaguez.

to. — Phrase conceituosa ou maxima composta engenho-ιte de palavras conceituosas, engraçadas e muitas vezes tes.
lito pode ser — *engraçado, discreto, frio, insulso, mordaz, ravel, agudo*, etc.
saram á historia muitos *ditos* de homens celebres; mas a sobreleva este de Fénélon: *eu amo mais a minha fami-que a mim proprio; mais a minha patria do que a minha a; e ainda mais o genero humano que a minha patria* [1].

---

[1] me plus ma famille que moi-même; plus ma patrie que ma famille; re plus le genre humain que ma patrie.

N'estas palavras recopilava este insigne escriptor e virtuoso homem, todos os seus sentimentos e todos os seus deveres; e com effeito o prelado de Cambrai, foi o bemfeitor da sua familia, um dos brilhantes titulos de gloria do seu paiz, e um modelo para a humanidade.

Divagação. — Diz-se o desvio involuntario do pensamento, escripto ou fallado.

No orador, no publicista, no philosopho, todo o raciocinio ousado e um pouco aventuroso é considerado como uma divagação. Os paradoxos são divagações.

Tambem se dá o nome de divagação a qualquer exaltação em poesia.

Divisão das orações. — Dividem-se as orações em *principaes* e *não-principaes*, e tanto umas como outras podem ser *coordenadas*, quando ligadas ás suas similhantes por conjuncções ou por outras palavras simplesmente coordinativas.

Contando os verbos em qualquer periodo, e não só os claros como os que devam ser subentendidos, encontraremos outras tantas orações, que tomarão alguns dos seguintes qualificativos[2]:

- Principaes . .
  - Absolutas ou independentes
  - Coordenadas
    - copulativas
    - disjunctivas
    - adversativas
    - conclusivas
    - explicativas
    - comparativas
    - correlativas[1] . . . . . . absolutas ou parciaes
- Não-principaes, coordenadas ou não . . . .
  - Subordinadas . . . . . .
    - condicionaes
    - causaes
    - concessivas
    - circumstanciaes
  - Parciaes
    - Incidentes — explicativas ou restrictivas
    - Integrantes

N'este periodo

— *Não trates mal o servo, que trabalha com fidelidade, nem*

[1] As 2.as integrantes das 1.as

[2] Receberão algum d'estes nomes da respectiva conjuncção que fizer parte de cada oração.

o que todo se dá a servir-te e não o deixes cair em rammaticalmente dividido, ha sete orações: a 1.ª *s mal o servo* — é principal absoluta; a 2.ª — *que n fidelidade* — é incidente restrictiva; a 3.ª — *nem o*, i. é, *e não trates mal o mercenario* — é principal copulativa; a 4.ª — *que todo se dá* — é outra inci-ictiva; a 5.ª — *a servir-te* — é parcial integrante, o terminativo do verbo activo relativo *dá;* a 6.ª — *es* — é outra principal coordenada copulativa; a *n pobreza* — é outra parcial integrante, comple-tivo do verbo *deixes.*

só ache 5 orações no dito periodo, entendendo que n contar as orações que têem o verbo no modo in- como as orações do infinito têem denominação outras cujo verbo está no modo finito — orações grantes — não vemos rasão para esta incoherencia. *servido,* são duas orações, uma principal e outra da mesma maneira que — *Obteve que o servissem;* a-se que qualquer das construcções só constitue em que — *obteve* — é o verbo e as mais palavras ito. O sujeito em ambas está elliptico.

s a doutrina de Jeronymo Soares Barbosa: — tan-tantas orações, nem mais nem menos. — Qualifi-uma segundo sua respectiva funcção nos periodos.

o das palavras. — Veja *Risca d'união, De-*

ento. — Peça escripta, titulo, prova que testemu-cialidade e a veracidade de uma narração feita, de emittida, de uma accusação ou de uma reclama-

ocripho se é falso; *authentico,* se tem o cunho de por onde se não duvide que é verdadeiro, i. é, do m se attribue.

ntos. — Collocados um sobre o outro (:), indi-ra e recitação uma pausa maior, que a que requer rgula, porem com a mesma inflexão de voz.

se aquelle signal orthographico antes de qualquer entença, ou citação que se possa annunciar por al-s phrases — *o seguinte, a saber, taes são, por exem-* e.; ou quando uma proposição é seguida de porme-outra que esclarece ou desenvolve a precedente. entes os exemplos em qualquer livro; vão os se-

: *espiritos viris, a duqueza de Mantua não se aco-*

vardou com os tumultos, e de uma janella gritava em altas vozes : — Que é isto, portuguezes?

. . . .

Resistiu, intentando descer ao terreiro, e, como os fidalgos lhe tolhessem os passos, voltou-se e disse-lhes : Basta, senhores!

. . . .

D. Carlos de Noronha disse-lhe que se retirasse para não dar occasião a perder-se-lhe o respeito — A mim! Como? — Retorquiu : obrigando vossa alteza, se não quizer entrar por esta porta, a sair por aquella janella.

. . . .

O padre Nicolau da Maia fallava ao povo agglomerado, bradando : uniram-se os nobres, e deliberaram quebrar o jugo d'este reino, que ha sessenta annos padecemos. . . . .

Um cavalheiro castelhano espantado do que via exclamou : assim perde D. Filippe com luminarias e festas um reino tão poderoso! Grande signal da vontade de Deus! [1]

Doutrina. — Nome dado ao conjuncto de conhecimentos adquiridos pela leitura e pelo estudo, ou ás producções do espirito humano pelo que respeita ao systema, theoria e opiniões philosophicas, religiosas, scientificas, etc.; o que se crê ou o que se ensina.

A doutrina designa a instrucção como ensino transmittido, tendo por objecto a cultura ou o desenvolvimento de nosso espirito; é o ensino theorico, que recebemos sobre qualquer materia; a instrucção no sentido mais lato d'esta palavra, tendo relação com as cousas da vida, ou com a sciencia, a arte, a moral, a politica, etc.

Esta palavra faz considerar o ensino como um conjuncto de estudos, como um systema completo de regras; significa portanto instrucção, sciencia, habitos devidos a um certo ensino, disciplina; systema ou ordem em virtude da qual se faz alguma cousa, seita philosophica, ou escola, conforme predomina alguma das relações citadas.

Drama. — É uma composição especial que tem por objectivo imitar uma acção, parte obrada parte narrada na scena. É portanto o drama uma peça theatral que se encontra na litteratura das mais civilisadas nações, em verso ou em prosa. Não sendo nem como a tragedia nem como a comedia, animado quasi sempre pelo contraste da alegria e da dor, do riso e das lagrimas, o drama resume todas as peripecias da existencia, todos os matizes da sociedade, appropriando-se dos senti-

---

[1] Episodios da restauração no 1.º de dezembro de 1640.

idiculos, das virtudes e dos vicios, dos escanda-
les da humanidade.
o, se é misturado de canto ou todo elle composto

rama é entremeiado de cantos ou musica, em har-
gumas situações, dá-se-lhe propriamente o nome
mas esta palavra encontra-se muitas vezes em-
menos propriedade, para significar dramas exag-
representam o que ha de mais anormal na car-
crime ou miseria.
Gil Vicente, que teve a clara intuição do realismo
r mais que os nossos contemporaneos se queiram
nção — a vida humana começou a apparecer so-
com os seus ridiculos, as suas lagrimas, a sua
sua miseria.

co. — Diz-se o genero de composição que com-
ama, a *tragedia*, a *comedia* por meio das quaes
idade a tudo que pode servir de caracteristico em
na sociedade, no ideial e na realidade: a trans-
ado o que ha de bello, grande e terrivel em nos-
s e em nossas paixões.

dá o qualificativo de *dramatico* ao estylo apai-
de imagens vivas e animadas, interessando for-
ntidos.

ramatico comprehende duas especies principaes:
edia e *Comedia*.

te genero todas as composições, *em que o poeta
ão humana, apresentando os agentes d'ella a fal-
r directamente, conforme a verdade ou a verosimi-*
llas duas classes: umas compostas para serem of-
spectaculo, e outras destinadas somente á leitura.
abrange as composições dramaticas propriamente
tragedia, o *drama* em sentido restricto, e a co-
variantes de cada uma d'essas especies. Perten-
se diversas composições dialogadas, em cujo nu-
ande parte das eglogas.
d'este genero de composições é acautelar a alma,
as paixões desordenadas; embebel-a de sentimen-
generosos; inspirar-lhe o amor do bem e o horror
borar os costumes e o gosto.
faltar n'este genero de composições, como qua-
es — integridade e interesse e além d'estas, vero-
midade.

Dubitação. — Figura de rhetorica pela qual o ora finge duvidar d'aquillo mesmo que pretende provar, no inti de prevenir as objecções que o adversario possa offerecer-

Dubitativas. — Dizem-se as conjuncções que servem exprimir duvidas, taes como: *que, se, como;* e as locuções *se porventura, se acaso.*

Duplicação de lettras. — Veja *Lettras dobradas.*

Duvida. — Veja *Perplexidade.*

Duzir. — Veja *Desinencias.*

Dys. —Veja *Prefixos.*

E

Quinta lettra do alphabeto, segunda na ordem das voga representativa da voz nominal — *é* — e assim chamada.

Diz-se um *E*, este *e*. Pode ser maiusculo *E*, ou minuscul Seguido de x — *Ex.* ou *Ex.*ª, *Ex.*ᵐᵒ - *Ex.*ᵐᵃ, é abreviatura *Excellencia, Excellentissimo-a. Ex.* ou *ex.* tambem se toma abreviatura de *exemplo.*

Como parte componente da palavra ou da oração, pode ter, pelo menos, cinco valores — *nominal é; fechado ê; abe é; grave è,* representativos das vozes puras; e *nasal ẽ,* rep sentativo das vozes nasaladas.

E *nominal* em todas as palavras onde se pronuncie, com terceira pessoa do singular do presente do indicativo do ve *ser (é),* o que succede sempre que sobre o *e* cai o accento a do, como em *fé, maré, pé;* nem outro valor terá no fim da lavra, quando for assim accentuado, porque, não o sendo grave; note-se a differença entre *rape* e *rapé.*

E igualmente *nominal* na penultima syllaba de algumas lavras que têem a vogal da ultima syllaba *grave,* como em *cedo, leve, mecha* —, não tendo o accento circumflexo, como — *rêde, sêde, vêde* —, que então fica o dito *e* —*fechado,* com primeiro das palavras — *elle, esse, este, vezes,* etc., e no ulti de *mercê, dê.*

E *aberto* quando se pronuncia como nas palavras — *c meço, pego, ella, essa, esta, aquella* e na terminação *vel* de a ctivos; v. g.: *affavel, fallivel, movel,* etc.; e percebe-se qu mais forte nas palavras terminadas pelo diphthongo *eo,* seja não seguido de *s;* v. g.: *ceo, chapeo, reo;* exceptuam-se—*as argenteo, ferreo, plumbeo* e outros adjectivos qualificativos, e accento predominante deva ser na penultima syllaba. E me

te que o nominal nas palavras que terminam pelo diphtongo como em *combateu*, *meu*, *viveu*, etc., ainda que seguido de *s* *Deus*, *meus*, *teus*, *seus*, *judeus*, etc.

E *grave* sempre que se pronuncia como na palavra—*pedi*, i. é, fim das palavras, não vindo accentuado, v. g.: *disse*, *arde*, *ca-ade*; embora seguido de *s*—*grandes*, *limites*, *consoantes*, etc.

A conjuncção — *e* — pronuncia-se sempre com pequena diff-ença do — *i* —; note-se isto na phrase — *um e outro* — como leitura corrente de qualquer periodo ou pagina, onde es-a empregada a dita conjuncção.

E *nasal* quando sobre elle cai o til (ẽ), ou quando, seguido *m* ou *n*, faz syllaba com alguma d'estas lettras, como nas lavras—*têem*, *vêem*, *sentença*, *emporio*, *encommenda*, *mentem*, *abrem*, etc.

Nasala-se o *e* com o til, quando se lhe segue outra vogal; m *m* seguindo-se-lhe *b*, *p* ou *m* ou no fim das palavras; com n *n*, fora d'estes dois casos, o que se pode verificar nos exem-os dados.

Devemos advertir que poucas palavras terminam em *en*, como *joven*, *eden*, *germen* (germe), *pollen*, *amen*, *regimen* (regime), *specimen*, e algum outro que acaso nos não occorre.

Dos differentes sons d'esta vogal se poderá formar uma es-la phonetica, graduada pelas sensiveis modificações que se recebe na sua variada pronunciação. Não obstante, com me-r explosão, com menor volume e resonancia que o *a*, o *e* rece incapaz de valor algum onomatopico, ou representativo, não ser para expressar languidez, tibieza, quietação, e ainda gosos serenos, que participam d'estas qualidades.

Esta vogal é de todas a menos distincta e a menos musica.

Conjuncção copulativa, que serve de ligar duas ou mais pro-sições inteiras, ou ellipticas, ambas affirmativas, ou negati-s; v. g.: *elles foram para a sua casa e eu fui para a minha; es e eu fomos para nossas casas.*

Nas orações compostas de muitos sujeitos, attributos ou com-mentos, põe-se a conjuncção *e* antes do ultimo, entenden--se nos mais, que por isso se distinguem com virgula; v. g.: *prazeres, as honras e as riquezas são o objecto das paixões s homens, sua tentação e sua ruina.*

São do genero masculino os substantivos terminados em *e* ave, como — *balde*, *bosque*, *catre*, *dente*, *mote*, *valle*, etc. Exce-uam-se — *arte*, *febre*, *mole*, *plebe*, *prece*, *saude*, *sêde*, *séde*, que o femininos.

Tambem são do genero masculino os substantivos terminados a *é* *aberto*, como—*boldrié*, *café*, *capillé*, *pé*, *rapé*, etc. Exce-uam-se — *fé*, *galé*, *maré*, *sé*, que são femininos.

sonhos medonhos ; a dama chama com toso ; vogal nasal, etc.

Tambem se dá este nome á compos sos cujas ultimas syllabas rimam con lavra no começo do verso seguinte. E.

Que valem ais do consterna
Que val o abr*igo* que se dá
Que val a meiga e filial te
Se a sepult*ura* se lhe está

Melhor exemplo nos dá o sr. João çada composição

A SAIA NOV

— Saia nova cor de rosa ?
Rosa !
Algum cirio á terra vem
Hem ? !
— Não, senhor. — E teu marido ?
— Ido
Agora seis mezes ha ;
— Ah !
— Anda embarcado lá fora
— Ora !
E tu então ? — Eu, assim...
— Sim...
— Na vida por cá lidando,
Ando
— Mas vida que não faz dó.
— Oh !
—Vida de moiro ; a Maria...
Ria ?

E um
A olhai
Diz-me
E olho
— Mas
O destir
— Só u
Que elle
Ou fora

ıadeada.

pse. — **É a figura** que resulta da contracção, no **›reposição** *com* e o **artigo**, em uma syllaba só: *co'os 'os filhos), co'a luz*, por — *com os filhos, com a luz.*

> — *Dareis co' as azas candidas —*
> *Casa c'os meus, teus frouxos ais!*

ı *as azas, com os meus.*
a suppressão deixa de ser nasal o *o* da preposição *com.* ı **se** emprega *commigo*, em vez de *com migo* a vogal da o *com* perde tambem a nasalidade.

Edo. — Veja *Desinencias.*

ação. — Abstraindo do sentido physico em que pode **da esta** palavra, é a expressão dos cuidados pela cul-**al** e intellectual dos jovens. Nas sociedades moder-**rofessor** que toma a seu cargo o ensino das sciencias **tes.** Depois do mestre, a vida publica é que completa **de um** joven no ponto de vista moral. Na rua, na praça **no** theatro, nos bailes, nas viagens, na conversação, no **das** diversas profissões, ha para o adulto mil occa-**aprender**, de se formar, de se aperfeiçoar, tornando-**vez** melhor: porque a educação não acaba realmente **n a** vida.

em bem educado, em sociedade com seus semelhantes, **l for** o paiz que habite, a religião que professe, e a **ção** civil a que obedeça, necessita de ter tres qualida-**ducação**: — uma que lhe indique os meios de obter a **da alma**, como bem unico para que foi creado e a que **irar** — esta é a educação religiosa; outra que lhe mos-**us** deveres como homem e como cidadão — esta é a **moral** e politica; e á terceira, que o ensina a cumprir **uas** obrigações, em qualquer cargo que occupe na so-**daremos** o nome de *professional.*
ação que, rasgando o vôo da ignorancia, franquear luz **dimento** e que, incutindo-lhe ideias nobres e generosas, **a esphera** do seu poder, será um thesouro, de que cada **ds deve fazer** bom uso. O homem que não conhecer as **ras da natureza,** nem pode meditar nem sustentar uma **ção agradavel** e variada.
nversação encontra o homem bem educado, como que **tro onde exhibir** com gosto e destreza as agradaveis **ies do genio, a força** da intelligencia, e os affectos do **á**

coração. É uma arte cuja cultura, como á dos jardins, enriquece o terreno, vigora as plantas e faz produzir flores e fructos a arvores que, sem ella, seriam estereis.

Procurar estas vantagens aos nossos leitores é o nosso principal fim e por isso lhes lembramos que a felicidade interna não pode obter-se sem meditação, e esta só se forma e conserva no conhecimento da religião e com o estudo das sciencias naturaes.

O homem de grande merito não é só o advogado habil, o medico profundo, o cirurgião applicado, e o bom calculador, mas tambem o que, tendo apenas alguma instrucção, for estimado e reconhecidamente homem de bem.

Consideremos pois na perfeição das obras de Deus, tanto no que diz respeito ao firmamento, como á superficie do globo que habitamos, ao mar, aos rios, aos campos, e ás proprias entranhas da terra, accrescentando a este quadro as obras eminentemente maravilhosas da industria humana.

É esta a educação que pode tornar o homem feliz, instruido, amavel, e util aos seus semelhantes. Busquem-se os meios de conseguir este fim, e uma vez obtido, faça-se bom uso d'elle, que n'isso consiste a boa educação. E não esqueça o celebre conceito do orador romano: — *o que somos e o que temos á educação devemos.*

Efficiente. — Veja *Causa efficiente.*

Egar. — Veja *Desinencias.*

Egloga. — Poesia pastoril, cujo caracter essencial é a simplicidade, a suavidade e a candura; tem geralmente por fim retratar os acontecimentos da vida campestre.

A egloga differe pouco do idyllio, ás vezes até se confundem; todavia parece que o uso quer na egloga mais movimento e mais acção, em quanto que no idyllio contenta-se de encontrar imagens, narrações ou sentimentos.

A imitação das eglogas pastoris, se fazem eglogas em que fallam pescadores, segadores, faunos, etc., etc., ditas *eglogas piscatorias.*

A egloga toma ás vezes o vôo, e canta as acções dos heroes ou assumptos elevados, mas é sempre indispensavel que faça sentir a sua simplicidade no meio das narrações pomposas.

A egloga pertence mais ao genero dramatico, e o idyllio ao lyrico, narrativo ou descriptivo. Está hoje quasi fora d'uso, ao passo que o idyllio é frequente, não com este nome, mas confundido entre as poesias lyricas, ou entrando no genero descriptivo.

Veja *Idyllio.*

Eiro, Ejar, Ejo. —Veja *Desinencias.*

El. — Os nomes que acabam n'esta syllaba trocam esta terminação em *eis* para a formação do plural, como: *annel, anneis; papel, papeis; movel, moveis.*

El é a forma usada pelos monarchas portuguezes, desde D. Diniz, antes do substantivo *rei, El Rei* e pelos nossos escriptores, fallando de qualquer rei — *el rei*, como o fizeram já o conde D. Pedro, Fernão Lopes, Azurara, etc.: — grammaticos ha que o suppõem artigo não hespanhol, mas nosso, formado por abreviação do antigo pronome *ello*: querem outros que seja derivado da lingua galliziana, que foi no principio da monarchia quasi uma mesma com a nossa. É certo que o uso do artigo *el* na palavra *elrei*, é entre nós de mui subida antiguidade, assim na diplomacia como na historia, começando com elle muitas ordenanças, e usando-o os nossos historiadores mais antigos.

Elegante. — Diz-se o estylo que procura agradar á imaginação e ao ouvido sem faltar ao desenho, reunindo ao merito do pensamento, quanto póde aformosear a expressão, sem cair em excesso. Escrupulo na escolha das palavras, graças de colorido, clausulas harmoniosas e variadas, emprega tudo, mas sempre com um gosto puro e delicado.

Este estylo, quando os ornatos são muito ricos e pomposos para o assumpto, ou são multiplicados em demasia, degenera em *flórido* ou *brincado*.

É pois escriptor elegante aquelle que agrada á imaginação e ao ouvido, illustrando o entendimento; e que une ao merito do pensamento tudo quanto póde aformosear a expressão, sem a sobrecarregar de ornatos deslocados.

Oppõe-se a este estylo o *affectado*.

Elegia. — Pequena composição poetica, cujo principal caracter é a dor; é a lamentação do amante abandonado, da desposada que perdeu seu esposo.

Personificada, a elegia é a musa da dor que geme.

O estylo d'esta poesia deve ser simples, porque um coração, verdadeiramente afflicto, já não tem pretensões. Convem todavia que as expressões que desafogam queimem ás vezes, como a cinza que cobre um fogo devorante. Exemplo :

Á MORTE DE D. STEPHANIA

Saudade!

«Meiga, risonha flor, o amor a conduzira
«Dos jardins da Germania ao throno portuguez!
«Tudo hontem a abençoava! E hoje tudo suspira!
«Hoje resta a orphandade e a triste viuvez!

«Desfizeram-se em pranto as pedras do diadema:
«A grinalda nupcial perdeu o viço e a côr:
«E esse nome, de amor e caridade emblema,
«Emblema se tornou de sentimento e dor!

«Converteu-se o diadema em c'roa de martyrio,
«O thalamo em sepulchro, o riso em afflicção:
«E essa flor celestial, branco e innocente lyrio,
«Desfeita hoje rolou nas pregas do tufão!

«Sumiu-se como um sonho o angelico sorriso
«D'essa que era entre nós toda virtude e amor!
«Azas brancas abriu, subiu ao Paraiso,
«E hoje reza por nós aos pés do Creador!

«Prantêam Tejo e Douro a rosa da Germania;
«Do patrio Sans-Souci prantêam-n'a os rosaes;
«Prantêa-a a Natureza! o nome de STEPHANIA
«Não se ha de em corações esvanecer jámais!

«E eil-a! murchou! morreu! risonha flor de esp'rança!
«Resta a amargura e a dor, o lucto e a viuvez!
«Mas do anjo celestial não murchará lembrança!
«Não morrerá saudade em peito portuguez!

Elegiaco. — Diz-se o genero de discurso dedicado sumptos tristes, ternos e delicados. Muitas vezes toma o de *epiniceo,* quando trata de prantos, queixas e funeraes. estylo é o medio.

Elementos phonicos ou **vocalisados.** — mam-se os signaes destinados a representar os sons da constam não sómente das vogaes — *a, e, i, o, u, y* — ma articulações vocalisadas — *v, z, s* (entre vogaes), *j, r* — ele tos proferiveis toantes; e das articulações não vocalisad *f* (ph), *ç* (s), *x* (ch) — elementos proferiveis, soantes foleg respirados.

Os mais elementos lêem-se sem voz nem folego, i. é, c lencio, servem apenas de simples modificações das vozes c representadas pelas vogaes.

Elevado. — (Estylo elevado.) Veja *Sublime.*

Elisão. — Suppressão de uma lettra final para evi

ettra por que começa a dicção seguinte, e formar
nancia; signala sua presença as mais das vezes
ropho ('); v. g: *d'alma, dê-lh'os, traga-m'as, sen-
'-m'o, co'a força, c'rôa, hoj'em dia*, etc.; em vez de
*lê-lhe-os, traga-me-os, sentamos-nos, dize-me-o, com
a, hoje em dia*, etc.
lesempenha um papel importante na poesia; con-
uito successo para os mais felizes effeitos da har-
iva.
recitação, como na conversação admittem-se muitas
lão mais rapidez, e mais graça á linguagem fallada.
ılmente o uso que legisla como soberano mestre
ia.

Veja *Desinencias*.

:. — Figura grammatical, que resulta da omissão
nais palavras, que são ou parecem necessarias para
r a expressão de um pensamento.
ıcção grammatical precisa das palavras que a elli-
niu; comtudo é muitas vezes permittida e até ne-
:llipse, porque tem a vantagem de dar mais vivaci-
'essão.
udo a todos, e a vós nada.
selho deve inteirar-se do seguinte modo: *perdoai
odos, e não perdoeis vós a vós nada.*
que sem o emprego da figura ficaria pesada e fasti-
ressão d'estas phrases; a ellipse por tanto, alem de
maior concisão ou para maior elegancia da phrase,
agem de aligeirar a expressão, evitando muitos vi-
a harmonia do discurso.
mos: *dignou-se de dedicar-me*, ou *de dar-me o seu livro*.
imeira phrase dissonante, e a segunda cacophonica,
ıremos facilmente elidindo a preposição *de*.
esta figura é muito seguido nos bons auctores, e de-
loar-lh'o até para as ellipses menos susceptiveis d'a-
ando tornam o discurso mais rapido, sem o deixar
. é, quando facilmente se subintenda o que se não
haja equivoco ou obscuridade.

aciencia do espirito humano, sua imaginação arreba-
lesejo de chegar com rapidez á solução de seu racio-
: com que se supprimam no discurso palavras que em
casião não se supprimiriam. A esta omissão chamam
naticos *ellipse*.»

se constitue pois uma das elegancias do nosso idioma,

lineada; mas a substancia, ou a mat
A CABEÇA PÓ, O PEITO PÓ, OS BRAÇOS PÓ
GUA, O CORAÇÃO, TUDO PÓ. Quantas vez
era!

«Aos INFIEIS, SENHOR, AOS
«E NÃO A MIM, *que creio o*

Do ATTRIBUTO: — *a gente é branca, e*
É DOTADA *de boas feições).*

Do SUJEITO *e do* ATTRIBUTO: — *somo*
NATURAES *do Algarve).*

Do SUJEITO, *do* VERBO *e do* ATTRIBUT
mens mais cubiçosos? da opulencia, da
cubiçosos da opulencia, da fortuna).

Do COMPLEMENTO OBJECTIVO: *menino e*

Do COMPLEMENTO TERMINATIVO: — *se ao*
zeres a escolha entre a morte e a desh
MORTE (á deshonra).

Dos COMPLEMENTOS OBJECTIVO E TERMIN
de Deus (dai *esmola aos pobres...).*

Da PREPOSIÇÃO: — *governou a provinci*
muitos annos).

Da CONJUNCÇÃO: — *espero sejas attend*
dido) [3].

Os pronomes *eu, tu, elle, ella, nós, vó*
mem-se geralmente quando o sujeito da
gnado pelo sentido...

davam em competencia com Fr. Bartholomeu as honras e as dignidades, ELLE *a aborrecel-as,* ELLAS *a entrar-lhe por casa.*

«Tão usual e frequente é esta ellipse que se pode dizer que ella constitue regra para quem tem de exprimir-se em portuguez, e a expressão d'esse sujeito, a excepção, pois só se verifica em certos e determinados casos. N'isto assemelha-se o portuguez ao latim em que a sobredita ellipse é ainda frequente, e leva grande vantagem ao francez, em que o sujeito pronome é quasi sempre expresso. Em portuguez como em latim, com um verbo se forma proposição: — *amo, aborreço* — (AMO, ODIO); quando em francez é preciso dizer: — *j'aime, je hais.*»

«Assim as ellypses são uteis no estylo simples para lhe dar mais luz e clareza, porquê quanto menos palavras se empregam em uma phrase, mais se chegam as ideias umas ás outras, e melhor se percebem suas relações. Ellas por outra parte são necessarias no estylo pathetico e vehemente para dar mais fogo e vivacidade ao discurso e assim imitar melhor a marcha precipitada das paixões. O ponto está em que as ideias que se supprimem sejam faceis de supprir, ou pelo raciocinio ou pela associação que o uso tem feito de umas com outras, ou pelo estado de agitação em que se acha, tanto quem falla como quem ouve.

«Para que a ellipse seja admissivel, é necessario que não exija esforço da rasão para supprir as palavras subentendidas: a que offender a clareza ou a harmonia do periodo é viciosa e degenera em obscuridade.

Elliptica. — Diz-se a construcção em que ha necessidade de subentender algumas palavras.

Oração *elliptica* é aquella a que faltam palavras necessarias para a integridade da syntaxe. Exemplo: *não quero:* n'este mesmo caso estão as interjeições, e as locuções ou phrases interjectivas.

A oração será elliptica se lhe faltar ou o sujeito, ou o verbo, ou o attributo, ou o complemento indispensavel, i. é, de que a construcção grammatical, ou a clareza da expressão pareça ter necessidade.

Amar-te-ia constante, assim desprezo-te.

N'estas orações estão prejudicadas a construcção grammatical e a clareza da expressão; satisfeita a primeira, apparece a outra —

Eu te amaria, se tu foras constante, assim (como tu o não és), eu te desprezo.

O discurso não tem por fim senão communicar aos outros os nossos conhecimentos ou os juizos do nosso espirito. Como o nosso pensamento é muito rapido, é natural que procuremos exprimil-o o mais brevemente possivel. Para alcançar este fim, muitas vezes cortamos uma parte das palavras, que seriam necessarias para pintar o nosso pensamento inteiro, sem que por isso perca o discurso nada de sua clareza, porque o tom, o gesto, o arranjo das palavras, ou o giro da phrase suppream esse côrte.

É o que se chama *ellipse* ou construcção *elliptica*.

Quando os pronomes pessoaes são agentes ou sujeitos da oração, permitte a nossa lingua que se omittam, o que produz notavel concisão e graça no estylo. O seguinte trecho contém a prova d'esta asserção.

«Arranca o estatuario uma pedra d'essas montanhas, tosca, bruta, dura, informe; e depois que desbastou o mais grosso, toma o maço e o cinzel na mão, e começa a formar um homem, primeiro membro a membro, e depois feição por feição, até á mais miuda: ondea-lhe os cabellos, aliza-lhe a testa, rasga-lhe os olhos, afila-lhe o nariz, abre-lhe a boca, avulta-lhe as faces, tornea-lhe o pescoço, estende-lhe os braços, espalma-lhe as mãos, divide-lhe os dedos, lança-lhe os vestidos, aqui desprega, alli arruga, acolá recama, e fica um homem perfeito.»

Veja *Ellipse*.

Elocução. — É a enunciação ou manifestação dos pensamentos por meio das palavras; pode ser *grammatical* e *oratoria*.

Diz-se elocução grammatical a simples expressão verbal dos pensamentos, porque se contenta com palavras e phrases taes, que por ellas se entendam bem os conceitos do espirito, sendo este o seu proprio e unico fim; assim sua virtude é a *elegancia*.

Elocução oratoria é a escolha e o arranjo das palavras e phrases, que dão aos pensamentos a conveniente *luz*, *força* e *graça*: suas virtudes são: *pureza*, *clareza*, *correcção*, *ornato* e *boa collocação*.

Depende a *clareza* da propriedade e concerto natural das palavras; a *correcção* resulta da regularidade das construcções; o *ornato* resulta do feliz emprego das figuras; a *boa collocação* obtem-se pela união cadenciada e harmonica das palavras, conforme as regras da grammatica da lingua em que se falla.

A elocução é tambem synonymo de estylo e dicção: o estylo tem mais relação com o auctor; a dicção com a obra; e a elocução com a arte oratoria.

Diz-se que um auctor tem bom *estylo*, quando sabe exprimir suas ideias com propriedade e elegancia, e d'um modo accommodado á materia que trata; que uma obra tem boa *dicção*,

quando a phrase é correcta e clara; que um orador tem *boa elocução*, quando se exprime com termos proprios, facilidade e elegancia.

A elocução deve ser sempre *elegante* e *decora*: é elegante, sendo pura, correcta e clara; é decora, quando se accommoda ás circumstancias pessoaes ou reaes.

A elocução que pertence a uma causa ordinaria, não é a mesma que pertence a uma causa da maior importancia; diante de pessoas nobres e graves falla-se differentemente do que em presença da gente commum, etc.

Consiste a perfeição da elocução na facilidade habitual de empregar no discurso, não uma linguagem affectada, exquisita e extravagante; mas sim natural, simples e expressiva, o que só se adquire com a muita e bem dirigida lição dos bons auctores.

Eloquencia. — É uma faculdade, um dom do espirito que na força do dizer domina as intelligencias e os corações, produzindo a convicção e a persuasão, acompanhadas de deleite.

Com esta maravilhosa potencia da alma abatem-se as replicas, curvam-se as opiniões, transmitte-se a uma assembleia inteira a dôr, a colera, o sentimento, qualquer que seja, de que o orador está animado.

Esclarecendo com provas o entendimento dos seus similhantes, o homem eloquente faz com que elles reconheçam e acreditem a verdade que lhes inculca; *convence-os*: agradando-lhes com bellezas que despertam a imaginação, elle os atrai; *deleita-os*: dando-lhes, com os affectos, impulso á vontade, lh'a determina; *persuade-os*.

Estes são os fins a que se dirige aquella faculdade, dos quaes o mais nobre é a persuação, porque na determinação da vontade é que a eloquencia reina como soberana absoluta: sendo que se ha por mais eloquente aquelle cuja voz, partindo-lhe do coração, cala no coração alheio.

Para a eloquencia chegar ao fim que se propoz, emprega tres meios geraes, — *pensamentos*, *palavras* e *gestos*.

Quatro são as funcções do orador: 1.ª achar as cousas que deve dizer; 2.ª pol-as em ordem conveniente; 3.ª exprimil-as com decencia; 4.ª pronunciar aptamente o discurso.

Para persuadir os homens é preciso provar, agradar, mover: logo, nas cousas e palavras deve haver tendencia á prova, deleite e movimento, ou deve haver argumentos por que se prove, costumes por que se agrade, e paixões por que se mova. Qualquer d'estas cousas domina só, ou mais, segundo o genero a que pertence o discurso.

A eloquencia differença-se da rhetorica em ser aquella a fa-

culdade de exprimir os pensamentos por meio da palavra, de sorte que se consiga o fim para que se falla, prescindindo da origem a que é devida uma tal faculdade; é a rhetorica o complexo de preceitos, ordenados a dirigir e a aperfeiçoar a natureza no uso da eloquencia. A 1.ª pode ser effeito de um mero talento natural; a 2.ª é a arte que lhe corrige os defeitos e extravios, ou que o aperfeiçoa.

É o poder, natural ou cultivado, de vencer, por meio do discurso, qualquer resistencia de animo alheio; ou essa resistencia venha da intelligencia, do coração, do torpor e indifferença, ou de tudo isso juntamente. A sua perfeição está em elevar ao bello litterario o verdadeiro e o bem, reunindo ao talento logico de convencer, o particularmente oratorio de mover persuadindo, e o poetico de deleitar. Assim a grammatica, a logica e a rhetorica tem de dar-se as mãos para aperfeiçoar o dom da eloquencia.

Grande é a differença entre a rhetorica e a eloquencia: differença d'origem, natureza, objecto e fim. A eloquencia tem a sua origem nos dons naturaes do homem, que a rhetorica dirige e aperfeiçoa somente; natural ou cultivada, é sempre um dom natural, cujo objecto é tudo, sobre que se pode discursar, e cujo fim é vencer qualquer resistencia do animo alheio.

Veja *Oratoria*.

Em. En. — Preposição que indica differentes circumstancias, taes como:

1.ª *Logar onde* (real ou virtual), ou no qual se está — *Em campo raso, em casa; no campo, na sala.*

Com artigos e demonstrativos toma as seguintes formas: *no, na, nos nas, n'um n'uma, n'uns n'umas, n'este n'esse, n'aquelle n'outros*, etc., em vez de — *em o, em a, em os, em as, em um, em uma, em uns, em umas, em este, em esse*, etc.[1]

2.ª *Logar por onde — De boca em boca, de terra em terra.*

3.ª *O tempo em que* alguma cousa se faz ou succede — *No verão, em setembro, na primavera, em 1836.*

4.ª *O espaço de tempo — N'um instante, em duas horas.*

5.ª *O tempo até que — De hora em hora, de mez em mez.*

6.ª *O modo — Estava em ancias, viu-se em apuros, appareceu-me em camisa.*

---

1 Muitos grammaticos querem que o *n* seja meramente euphonico para evitar-se o hiato de *em* com *o, a,* etc., suppondo elliptica a preposição. Outros consideram o *n* proveniente da preposição antiquada *en* (em vez de *em* que hoje usamos), ellidindo-se o *e* por apherese. Outros querem que ellidindo-se da preposição *em* o *m* se mude em *n* por antithese. Nós dizemos apenas que ha certas formulas consagradas pelo uso, que nem a sciencia nem a arte as preparam, e d'ahi os juizos encontrados ao quererem-se explicar mais tarde.

reço ou *estimação — O lanço está em 100 libras : ava-*
. 400$000 réis ; é tido em boa conta.
ateria (real ou virtual) — *É uma provincia fertil em*
abil na musica ; forte em mathematica.
cesso. — Excede-o em sabedoria.
estado de transformação — Deu em estravagante : caiu
ido.
a e *destino — Vir em auxilio ; pedir em casamento.*
dos nomes de productos, e depois de mais alguns no-
ega-se a preposição *em* qualificativamente, designando
ouro em pó, prata em barra, algodão em rama, ferro
pomar em flor.
de certos verbos empregam-se com os pronomes pes-
a preposição *em*, mas as formas do complemento indi-
im diz-se : *não lhe toques, não lhe mexi.*
esta preposição denota occasião e tempo em que al-
sa se faz, etc., permitte a lingua que possa elegante-
primir-se ; v. g. : *pereceram* aquelle dia *mais de tres*
s ; a colheita foi este anno *muito escassa*, etc.
itos casos fora até solecismo empregar a preposição ;
issessemos : *em este anno, em quinta feira, em domingo*
tc.
refixo.

emas ou **Emblematicas.** — São imagens e
as por lettras ordinarias, de um modo enigmatico, ou
caracteres convencionados, de modo que não possam
idos senão pelas pessoas que d'elles têem o segredo

a podem ser symbolos, ou representações allegoricas
amento moral ou politico. A cruz é o emblema da fé;
a vigilancia.
le difficuldade do emblema está em fazel-o significar
usa d'engenhoso, ficando em meio a clareza da per-

relhada. — Denomina-se tal a rima, quando os
lois ou mais versos consecutivos rimam um com o
mplos :

Passeando o pavão com ufania,
e fama que dissera ao corvo um dia :
«repara quanto devo á natureza,
olha que lindas cores ! que viveza !
que adorno ! que matiz ! Olha este rabo !
em mim não ha senão. E tu, diabo,
negro como um carvão, como um bisoiro,
inda és de mais a mais, ave de agoiro.»

O corvo que na lingua não tem papas,
lhe responde: «Essas pennas são mui guapas,
«mas, para refrear teu desvario,
«observa d'essas pernas o feitio.»
Ainda (quem dará credito a isto!)
as pernas o pavão não tinha visto.
Mas que muito, se ha gente, e gente grave,
que em seus olhos não vê nem uma trave.

....
Digam com estes verdores
Este capricho das flores
Estes ignotos amores.

Tambem se chamavam parelhas dois versos rimando um com outro e que communmente serviam para motes e divisas; v. g.:

Serra que tal gado tem
Não na subirá ninguem

Emphase. — Diz-se a figura de rhetorica, que consiste em pronunciar alguma phrase de sorte que se deixe entender, que as palavras significam mais do que soam, ou que se não diz tudo o que houvera de dizer-se.

Tambem se dá este nome á energia em excesso empregada na expressão; ao tom da voz, ao gesto, á pompa affectada no discurso; á exageração no pensamento, unida ao empolado no estylo. É um genero de pintura oratoria que dá a entender mais do que as palavras por si declaram.

Differe do bosquejo em ser este uma pintura começada, imperfeita e mutilada, que se deixa á imaginação para a acabar, sendo todavia o objecto o mesmo; e na emphase não é o mesmo o que se diz, e o que d'ahi se collige, mas diverso.

Alguns rhetoricos admittem duas especies de emphase, a saber: uma que significa mais do que se diz; e outra ainda aquillo que se não diz: pertence á 1.ª especie o dicto gracioso de um da companha de Vasco da Gama:

Olá, Vellozo amigo, aquelle outeiro
É melhor de descer, que de subir.

A segunda especie de emphase consiste ou na suppressão total de um sentido, ou na sua interrupção; supprime-se quando o pensamento fica suspenso, pedindo outro depois de si, o qual se subentende; interrompe-se, quando a oração grammatical fica incompleta e requer um complemento, o qual, pelas circumstancias, é facilmente supprido pelo espirito. Exemplo de emphase por suppressão: *Se n'esta fortuna tua tamanha, não houvesse tanta benignidade, quanta tu possues de ti mesmo, sim de ti mesmo (bem sei o que digo); funestissimo fora o luto, que redundaria d'esta victoria.* Exemplo de emphase por interrupção:

Mas morra emfim nas mãos das brutas gentes
Que pois eu fui... E nisto de mimosa.

—Veja *Em.*

llage. — É a figura que resulta da mudança de uma a oração por outra, ou quando se mudam os accidentes nes e dos adjectivos; v. g.: *isto é verdade*, por — isto é eiro. O *honesto*, o *justo* em vez de — a honestidade, a . *O teu saber*, por — a tua sabedoria. *Doce tanges, Pie-ce cantas*, por docemente tanges; *primeiro* em vez de amente, etc. *Os cabeças* da conspiração foram *presos* em — *os homens*, cabeças da conspiração, etc.
bem se diz por enallage: *O como, o quando, o logo, o Os porquês de Deus só a elle são manifestos.* Ou se em-a os infinitos dos verbos como se fossem nomes substan-lo genero masculino, — *o dormir, o querer, este meu sof-* *teu pensar*, etc.

rgueia. — Que outros dizem *enargia* é uma especie ura oratoria, feita com tal viveza que parece estão a os objectos descriptos.
a este fim ha de o orador attender a quatro cousas: 1.ª pintura ou descripção tenha um fim principal, a que to-suas partes se encaminhem; 2.ª deve escolher os pon-vista mais favoraveis ao effeito que se propõe produzir, bjecto que pinta é estavel, e, se é variante e mudavel, entos que forem mais vantajosos para chegar a produ-ximo effeito; 3.º deve escolher aquelles toques que ex-mais vivamente o que pretende pintar; 4.º deve final-procurar os contrastes que, como o claro e o escuro na , servem para fazer realçar os objectos que quizer fa-sensiveis.
dizer tudo em poucas palavras, deve esmerar-se em suas pinturas sejam o mais vivas e animadas possivel, só conseguirá trabalhando porque sejam naturaes; po-ao mesmo tempo ajuntar-lhes todas as circumstancias ão obstante o serem falsas, costumam acontecer em ca-milhantes.

Merencorio no gesto parecia;
O forte escudo ao collo pendurado
Deitando para traz medonho e irado:
A viseira do elmo de diamante
Alevantando um pouco, mui seguro,
Por dar seu parecer, se poz diante
De Jupiter, armado, forte e duro [1].

---

[1] ...ve que Camões no canto I est. 36 e 37 faz do deus da guerra, quando ...levanta para dar o seu parecer no conselho de Jupiter, convocado ...empreza da navegação do Gama.

Veja *Hypotyposc.*

A enargueia pode dividir-se em total e individual, ou pro-priamente *descripção.*

A 1.ª pinta pelas palavras toda a imagem do objecto em um só quadro. Tal é a pintura da morte de Dido em Virgilio (Eneid. IV, 960. Traducção de Garção):

> Tres vezes tenta erguer-se;
> Tres vezes desmaiada, sobre o leito
> O corpo revolvendo, aos ceos levanta
> Os macerados olhos.

E a de Patroclo, ferido por Heitor:

> .... Logo sobre a terra
> Inclina, pondo a mão por sustentar-se;
> Co'a eterna sombra os olhos abre e cerra,
> Provando em vão tres vezes levantar-se.
>
> (ULISS. VI, 64).

A 2.ª pinta a imagem dos objectos em varios quadros. Tal a que Cicero faz do voluptuoso banquete de Gallio: *figura-se-me estar vendo uns entrando, outros saindo; estes cambaleando com o vinho, aquelles bocejando ainda pela embriaguez do dia antecedente. Entre elles andava Gallio, ungido de perfumes, coroado de flores. O pavimento estava immundo, enlameado com o vinho, e coberto de capellas algum tanto murchas e de espinhas de peixe.* E a do nosso épico descrevendo a batalha dos portuguezes com os hespanhoes. (Luz. IV, 31):

> Já pelo espesso ar os estridentes
> Farpões, settas e varios tiros voam,
> Debaixo dos pés duros dos ardentes
> Cavallos treme a terra, os valles soam.
> Espedaçam-se as lanças; e as frequentes
> Quedas co'as duras armas tudo atroam;
> Recrescem os imigos sobre a pouca
> Gente do fero Nuno, que os apouca.

O objecto que se pinta deve imitar bem o natural, ajuntando-se-lhe os accessorios, verdadeiros ou fingidos, mas que em taes casos costumam acontecer; imitando sempre a natureza, *que é o modelo das artes.*

Vejam-se os *Quadros Historicos* de A. F. de Castilho.

Encadeada. — É assim denominada a rima, quando a dicção final de um verso rima com uma ou mais dicções médias do verso seguinte. Exemplo:

Que longos dias! como passam lentos
Sobre os tormentos do ralado enfermo,
Que balouçando-se entre vida e morte
Só pede a *sorte* lenitivo ou termo!

. —Veja *Desinencias.*

yticas. — Dizem-se as palavras monosyllabas, par-
u vozes, que se juntam á palavra precedente, como se
fizessem uma só palavra, e se pronunciam branda-
ppoiadas na ultima ou penultima syllaba da palavra
parecendo um só vocabulo, apesar de separadas pela
união; taes são as particulas — *me, te, nos, vos, lhe,*
i, os, as, se; v. g.: *faze-me, rogo-te, dize-nos, capacitai-*
e-lhe, prometteu-lhes, conduze-o ou *condul-o, trouxe-m'a,*
ir fez-os, guardei-as, esquecer-se-ão por *esquecerão-se,*
-se-vos, entregaram-se-vos, etc.

yclopedia. — A encyclopedia propriamente dita
ende o circulo, o conjuncto dos conhecimentos huma-
ara os homens universaes.
ncyclopedias especiaes, destinadas a certas e determi-
lasses de cidadãos, e só abraçam noções necessarias ou
conhecimento de uma arte, de uma sciencia ou de uma
).
encyclopedias são em geral as melhores, as mais van-
; contêem o maior numero de cousas uteis áquelles a
ão dirigidas, e são de menos difficil acquisição.

yclopedistas. — Dizem-se aquelles que escrevem
põem encyclopedias; applica-se principalmente este
os escriptores da grande Encyclopedia do seculo XVIII,
ert. Diderot e outros, que não conseguiram attingir o
se propunham; não alcançaram elevar ás creações do
humano um monumento digno de sua riqueza e de sua

eixa. — Composição poetica, funebre, em louvor de
to. Lamentações em canticos tristes, de ordinario com-
le estancias de quatro versos, cada uma de seis a sete
, destinadas a celebrar um acontecimento tragico ou
enda de devoção, e a chamar a commiseração publica
mores desgraçados, ou sobre uma execução de justiça.
ior parte dos crimes celebres têem sido objecto d'en-

stylo, assim como seu caracter musical, deve ser sim-
nvicto.
oje uma forma perdida da nossa antiga poesia.

Endiades. — Dá-se este nome á figura pela qual se divide uma phrase em duas; como: *aproveitou a opportunidade e o ensejo*, em vez de — *aproveitou ensejo opportuno; admirava a perfeição e a architectura*, em vez de — *a perfeição da architectura* ou *a perfeita architectura.*

Energia. — Diz-se em rhetorica a boa qualidade, que possue o orador de juntar á força do raciocinio expressões tão vivas, que, apresentando-nos o seu objecto, parece que o estamos vendo.

Energico. — Diz-se o estylo que se distingue pela força e elevação dos pensamentos e da expressão. Ora resulta de uma perfeita escolha e combinação de termos, que não exprimem só, mas gravam o pensamento; ora de uma feliz antithese que fere vivamente o espirito; e ora de, juntando á força dos pensamentos a concisão da expressão, dizer muito em poucas palavras.

Engo. —Veja *Desinencias.*

Enigma. — Expressão metaphorica e disfarçada de uma cousa e de seus principaes caracteres, de maneira a deixar que a sagacidade do leitor ou ouvinte a adivinhe; e por extenção, tudo o que não é facil de comprehender-se á primeira vista.

Eis aqui um enigma que nos pareceu muito bem feito ao coração.

Movo-me como um relogio,
Sem ser a relogio igual;
Conservo muitas raizes,
Porem não sou vegetal.

No logar onde nasci,
É onde espero morrer,
Mas o meu maior amigo
Nunca me deseja vêr.

Ainda vivendo occulto,
Alli mesmo me provocam,
Que os bens ou males do mundo,
Ou mais ou menos me tocam.

Pode egualmente tomar-se por uma especie de allegoria, em que uma cousa se representa debaixo da imagem de outra, envolvida de proposito em circumstancias proprias para a fazerem obscura.

Esta palavra, de origem grega, quer dizer pergunta intrincada, ou o que vulgarmente se conhece pelo nome de *adivinhação*, ou a descripção de uma cousa por algumas de suas qualidades, dispostas de tal modo que occultem o que é, para que o seu descobrimento cause maior admiração; por exemplo, o celebrado enigma da fabulosa esphinge de Thebas: — *Qual é o*

ibutos, e de ordinario o mais inesperado. O fim pois
ção é dar uma exacta informação, e o do enigma exer-
ngenho.

igos, e particularmente os orientaes, eram muito af-
aos apologos e ás parabolas, e por isso era o enigma
de que frequentemente se serviam para communicar
as verdades de maior transcendencia. As parabolas
s na escriptura, como a tão maravilhosa de Natan a
as muitas de que Jesus Christo se servira, não eram
nem adivinhações, porque n'ellas se não occultava o
nem se omittiam as circumstancias principaes, mas
e disfarçava o fim ou o objecto do discurso, para de-
argumento de analogia, fazer-se mais sensivel a ver-

igos, por outro lado, eram nimiamente affectados e ex-
em suas composições formaes, e para se differença-
discurso ordinario, e confundirem mais o ignorante,
do estylo enigmatico, envolvendo em sombras mys-
o sentido occulto. É de crer que a palavra signifi-
ia curta composição como apologo, fabula, ou outros
de sabedoria, mas envolvida em maior mysterio ou
ade.

progresso da civilisação e da litteratura nos tempos
s, começou a conhecer-se que a obscuridade e a diffi-
pretação eram qualidades inconsistentes com os mais
bjectos do discurso e da instrucção, por maior que
razer d'aquelles que se deleitam em decifrar um eni-

gmatico deve ser censurado como um erro, assim no discurso familiar como no elevado, assim na escriptura epistolar como na poetica. É uma observação mui justa a que muitos fizeram dos engenhos enigmaticos — que esvoaçam pela superficie, sem que jámais toquem na substancia, e que empregariam antes o seu tempo em decifrar uma adivinhação, do que na investigação de um phenomeno commum da natureza. Se o uso dos enigmas pode ser agradavel ao ignorante, é despresado pelo sabio, e por isso devemos concluir, que todo o enigma é uma futilidade.

Ense. Enter. — Veja *Desinencias*.

Entendimento. — Percepção intellectual, faculdade que a alma tem de conhecer, distinguindo as cousas que não têem forma corporal. Nem a nossa imaginação, nem os nossos sentidos poderiam nunca dar-nos a certeza ou a segurança de uma cousa, se o nosso entendimento não interviesse.

O entendimento é pois a luz que Deus nos deu para nos conduzirmos.

Enthymema. — Diz-se a forma de argumentação empregada para provar; comprehende duas proposições: uma antecedente, outra consequente.

Dos dois juizos, de que se compõe o enthymema, diz-se *assumpção*, o que se traz para prova do outro; e *intenção*, o que pretende provar. Quando a assumpção precede a intenção esta diz-se tambem *consequente*, e aquella *antecedente*.

É um syllogismo perfeito no espirito, mas imperfeito na expressão, porque se supprime n'elle alguma das proposições, como sendo muito clara ou muito conhecida, e por isso facilmente supprida pelo espirito d'aquelles a quem se falla.

Todas as orações ou fallas que se encontram nos classicos portuguezes, offerecem frequentes exemplos d'esta especie de argumentações, v. g.: *maior poder é o nosso, que o do inimigo: pelejam pela nossa parte a fama e a victoria.*

Alem de ser uma forma de argumentação, empregada para provar, é tambem uma especie de conceito sentencioso, que serve para ornar o discurso oratorio; porem só é sentença quando formado de ideias oppostas, e sobresai na elocução pela agudeza e concisão da expressão, e pelo brilho e claridade que resulta da opposição e contraste das ideias de que é formado, recaindo sempre sobre cousa já provada. Exemplos: *entre pressa e diligencia, ha grande differença; porque a diligencia não perde occasião, e a pressa não espera por ella. De homens moderados é remediarem, como prudentes, os erros em que caem, como ignorantes.*

Ento. — Veja *Prefixos.*

Entre. — Preposição que indica:
1.º *situação interior* ou em meio de varios objectos — *Entre fome e desesperação; entre pae e irmãos;*
2.º *o logar onde* real ou virtual — *Entre montanha e campo; no mundo e entre os homens;*
3.º *o tempo em que* — *Entre dia e noite; entre as dez e as onze.*
Veja *Prefixos.*

Esta preposição, como prefixo, conserva algumas vezes a forma latina *inter* v. g.: *interpor, intercalar, intervir, intervallo,* etc.
Veja *Inter.*

Tambem serve de formar certas locuções como: *entre verde e azul; passar por entre,* etc.

Enumeração. — Diz-se a explanação do objecto, relacionando successivamente, nos elementos de uma proposição ou em proposições seguidas, as mais interessantes partes, effeitos, ou circumstancias d'elle.
A ampla e pomposa forma com que esta figura apresenta o pensamento, a viveza que dá ao andamento da phrase, a associação em que muitas vezes vem com a antithese e a repetição, e finalmente a symetria harmoniosa de linhas successivas com igual ou aproximada grandeza, torna esta forma uma das mais proprias para desenhar as ideias por um modo claro e vigoroso. Por isso é ella um dos meios de que mais se vale a *amplificação.*
Todavia não se deve prodigalisar, nem estender mais do que é justo, nem applical-a senão a objectos verdadeiros, solidos e dignos d'ella; pois de contrario, degenerará nos vicios de monotonia, verbosidade e declamação; v. g.: *quantas provações era possivel accumular, todas visitaram os israelitas: a perigosa communicação de extranhos cultos e de lisongeiras delicias; o eminente precipicio de um poder immenso; desastres consecutivos; desterros da patria; servidão na terra inimiga; perda da independencia e subjeição ao estrangeiro; nada abalou no coração dos justos a esperança e a verdade!*

Enunciado. — Diz-se a expressão do pensamento em termos claros.
Não basta pensar bem, é necessario saber enunciar bem o que se pensa.
Ás vezes basta o simples enunciado dos factos para se avaliar o seu merecimento; comtudo é sempre acertado auxiliar

o juizo na indagação da verdade com enunciados significativos, energicos e qual mais proprio para imprimir no espirito dos ouvintes a imagem do objecto, que queremos fazer conhecer. O convencimento deve ser o objectivo d'este elemento da eloquencia.

Epana. — Veja *Prefixos.*

Epanadiplose (duplicação ou repartição), — É a figura de rhetorica pela qual se repete a mesma palavra no principio e fim do mesmo verso, da mesma phrase ou sentença. Exemplos:

«*Vencido* quer não parecer *vencido.*»

«*Ambos* na flôr da edade, arcades *ambos.*»

«*Alegrai-vos* incessantemente no senhor, outra vez digo *alegrai-vos.*»

Não se deve confundir a *epanadiplose* com a *anadiplose*, na qual a palavra que termina um membro de phrase está repetida, para começar o membro da phrase ou verso seguinte; v. g.:

«Ah que gostos de amor são *feiticeiros!*
«*Feiticeiros* enganos m'enlaçaram.

Tambem se não deve confundir qualquér d'estas com a *epanalepse.*

Epanalepse. — Figura pela qual a palavra do meio de uma phrase corresponde á palavra do meio d'outras; como:

Em Dina matou a formosura a Sichem; em Dalila matou a Samsão: em Judith matou a Holofernes: em Helena a toda a Troia; em Lucrecia a toda a Roma; em Florinda a toda a Hespanha.

Ou a repetição da mesma palavra depois de muitas outras. Exemplo:

«Quem ler com alguma attenção, e com animo imparcial e limpo de baixas preoccupações a historia dos descobrimentos e viagens maritimas, emprehendidas e executadas pelos portuguezes desde os principios do seculo XV, com tanta utilidade do mundo civilisado, não poderá deixar de sentir-se possuido de admiração e quasi assombro, considerando que *uma nação* pequena, libertada pouco antes da oppressão dos sarracenos e das pretensões de seus vizinhos, destituida de guia e exemplar que a tivesse precedido na sua carreira; carecida dos muitos meios e methodos que o tempo, a industria, e o progresso das sciencias, têem depois multiplicado, — que *esta nação*, diga-

formasse e executasse a vasta, difficil e arrojada empreza de descobrir tantos mares, terras e povos até então desconhecidos, de navegar até ás mais apartadas regiões do mundo, e de levar por toda a parte a sua industria, a sua civilisação, o seu commercio, as suas armas e o seu dominio!»

Epanáphora. — Figura de rhetorica que resulta da repetição da mesma palavra nos principios dos membros, ou incisos da oração.

Tambem se dá este nome a uma especie de narração, ou *relação* poetisada ou amenisada com os adornos do estylo descriptivo.

Epanastrophe. — Figura de rhetorica pela qual se collocam por outra ordem as palavras antes ditas, para fazer mais perceptivel a sentença; confunde-se com a *Epanoda*.

Epanoda. — Figura de rhetorica a que tambem se dá o nome de *regressão*, e que consiste em uma especie de repetição, que se faz das palavras já empregadas, mas em sentido differente, vindo com giro novo desinvolver a ideia contida na phrase.

Dissera um adulador a Diogenes, sabendo que elle comia ervas: — *se tu adularas a Dionisio, não comeras ervas.* — *E se tu te contentaras com ervas,* lhe respondeu o philosopho, *não adularas a Dionisio, porque os reis não se servem de homens que se contentam de comer ervas, por isso estão comidos de aduladores e cercados de inimigos.*

É bem conhecido est'outro exemplo: *não vivemos para comer, comemos para viver.*

«Toda a historia é mestra da vida, esta é mestra da vida e da historia.

«A prudencia é filha do tempo e da razão, da razão pelo discurso, do tempo pela experiencia.

Tambem se diz a figura que repete, separando, palavras que primeiro se empregaram juntas; como:

Admiravel foi David na harpa e na funda: com a harpa afugentava demonios, com a funda derrubava gigantes.

Epanorthose (correcção). — Figura de rhetorica pela qual se acrescenta a um modo de dizer, que parece muito fraco, uma expressão que se nos afigura mais energica; v. g: *a vossa prudencia ou antes a vossa covardia, nos perderam.*

Tambem se define uma especie de retractação fingida, que consiste em emendar ou corrigir a palavra já dita, para dar mais força ou vehemencia á expressão.

Tudo que nasce e vive n'este mundo, a este fim vive e nasce. Que digo eu, o que vive e o que nasce? Os elementos não são viventes; e a este mesmo fim (a pensão do sustento humano) *cançamos e fazemos trabalhar aos proprios elementos.*

Epenthese. — É a figura que resulta da inserção de qualquer lettra ou syllaba no meio de uma palavra, como: *enxuito, escuitar, Mavorte, Orpheiu, termino* por, *enxuto, escutar, Marte, Orpheu, termo.*

Epexegesis. — Dá-se este nome ao termo grammatical mais conhecido por *apposição*. Veja este artigo.

Ephemérides. — Assim chamadas as noticias, que dão conta diaria dos acontecimentos passados.

Igual nome tomaram as taboas astronomicas, com o auxilio das quaes se determinam dia a dia, os movimentos dos corpos celestes, os logares dos planetas e seus aspectos, as latitudes, os eclipses, etc.

Epi. — Veja *Prefixos.*

Epicedio. — Dá-se este nome á composição poetica (elegia), oração ou canto funebre, que se entoa em honra de um defuncto; muitas vezes pronunciado em presença do proprio cadaver.

Em logar de epicedio emprega-se hoje mais communmente o nome de *elegia*. Veja este artigo.

Epicenos. — Dizem-se os nomes substantivos, que designam indifferentemente animaes de um e outro sexo; uns nomeiam-se tão somente no masculino, como: *bufalo, corvo, tigre*; outros, no feminino, como: *aguia, cobra, phoca.*

Distingue-se o sexo d'estes individuos pelas palavras *macho* ou *femea* que se lhes junta; v. g.: *o javali femea,* ou *a femea do javali; a borboleta macho* ou *o macho da borboleta.*

Epicherema. — Syllogismo irregular em que cada uma das premissas é acompanhada da sua prova ou razão; compõe-se, na opinião de alguns rhetoricos, de cinco proposições; na de outros, de tres, servindo as duas que aquelles enumeram, de simples accessorios das duas primeiras. Exemplo:

É razoavel pensar que os bens, que mais relação têem com o

que a nossa natureza encerra de mais excellente, são os mais capazes de nos tornar felizes. Ora, a sciencia e a sabedoria são os bens que aperfeiçoam o que em nós ha de mais excellente... É pois razoavel pensar que seremos felizes com o estudo e a sabedoria.

O epicherema só differe do syllogismo em que este se funda em principios verdadeiros; aquelle funda-se mais em principios provaveis. Como: *Milão matou justamente a Clodio; pois este o aggrediu; o que se manifesta por seus soldados, armas e manobras; e é permittido matar um aggressor; como se prova pelo direito natural e das gentes, e por exemplos.*

Épico. — Dá-se este qualificativo ao poema, em que se celebram as acções assignaladas de um ou mais personagens grandes; é uma narração em verso de aventuras heroicas, contendo como principaes qualidades — um fundo de verdade, grandeza, interesse, variedade, unidade e integridade.

Tambem se diz genero épico, poesia épica, i. é, proprio da epopeia, a mais nobre producção da poesia, alta, levantada.

O genero épico na litteratura classica comprehendia o poema épico, e o poema heroi-comico.

O estylo proprio do genero épico é o sublime.

Tambem se toma este vocabulo pelo poeta que escreve o poema, e assim diremos de Camões — o nosso épico.

O poema épico, comparado com a tragedia, tem por objecto uma acção heroica mais prolongada e mais duravel: admitte maior numero e variedade de incidentes, não só do que a tragedia, mas tambem do que todos os outros poemas; tem, nas pinturas, uma liberdade amplissima: a acção, supposto que menos animada que na tragedia, é comtudo capaz de excitar nos animos a perturbação, o terror, a compaixão. O estylo épico puro predomina nas paixões mais brandas e nas situações mais tranquillas, onde a inspiração presumida permitte ao poeta usar de maior pompa, e tomar um tom mais elevado, admittindo as imagens de todos os tempos, de todos os climas, de todas as condições da vida humana. Do que se colligc, que ainda quando um poema épico não seja escripto senão em prosa poetica e harmoniosa, necessariamente ha de enriquecer e polir muito a lingua, como o fizeram Camões, Ferreira, Bernardes, Miranda, Caminha e outros em cujas producções se acha toda inteira a nossa lingua.

Epigramma. — Denomina-se em geral um dito lançado na conversação, ou phrase escripta que encerra um pensamento critico, maligno, zombeteiro ou mordaz.

O epigramma deve ser vivo e espirituoso: seu merito con-

siste na facilidade natural com que se dispara o conceito. Exemplos:

«No tempo da *Inquisição*
«Havia autos de fé,
«Hoje que está entre nós
«A *politica* de pé,
«Não é já victima o homem,
«A consciencia é que o é.

«Aos poetas:

«Na bola — ideias
tamanhas!
«Na bolsa — teias
d'aranhas!

De um réles *musico*, que tambem se dizia *poeta*, *pintor*, *e astrologo*, formou um critico este conceito epigrammatico — *Epistolo dos* QUATRO *costados*.

Em sua origem era o epigramma uma simples inscripção que se gravava nos frontespicios dos templos, nos arcos de triumpho, nos brazões como divisa, nos tumulos, etc.

Na sepultura de um sapateiro que se enterrou descalço improvisou um poeta o seguinte epigramma:

No recinto onde repousam
Tantos despojos mortaes
Descalço aqui jaz um *quidam*
Que viveu calçando os mais.

Por aqui se vê que não foi tambem mal definido o epigramma — uma pequena poesia, que exprime um pensamento fino, engenhoso e, as mais das vezes, satyrico. Deve surprehender e penetrar no espirito pela agudeza ou sal do pensamento, e fixar-se na memoria pela brevidade, energia e delicadeza da expressão.

Epigrammatico. — Diz-se o genero de discurso, que em poucos versos rimados trata qualquer assumpto agudo, subtil e delicadamente.

As quatro especies que constituem este genero são: o *epigramma*, propriamente dito, o *soneto*, a *decima*, o *madrigal*.

O estylo adoptado para estes generos é o energico, mas singelo, entre o tenue e o medio.

Epigraphe. — Citação, phrase, sentença ou divisa, posta no principio de um discurso, ou no frontespicio de um livro, de um capitulo, de uma poesia, peça de theatro, etc.

Inscripção gravada n'um edificio para marcar a data da sua construcção, ou o uso que se lhe destina. Divisa de brazão.

go. — Nome dado á ultima parte de uma obra ou de so; sua conclusão, onde se repetem resumidamente as razões já adduzidas.

arte da peroração particularmente destinada para o dos *motivos*, i. é, dos meios oratorios que tem por fim ão dos affectos; por isto é permittido ao orador soltar rte do discurso todas as suas fontes, para triumpho da eloquencia.

a parte da peroração em que o orador mais se esforça minar os animos dos ouvintes. Aqui rasga elle de novo s que fizera; aqui procura com mais ardor a victoria; logar dos affectos; este o triumpho pleno da eloquencia.

íceo. — Assim chamado o cantico ou poema composto a de alguma victoria, ou para se obter um premio.

se titulavam as odes de Pindaro.

honema. — Sentença em forma d'exclamação, de- ma exposição ou d'uma prova:

....

Deus se contenta da humildade!

mação conceituosa com que se conclue alguma narra- liscurso interessante. Eis aqui tres d'essas figuras que ceram exemplares.

anda sêde de ouro, quantos crimes não inspiras tu aos s!

im perde D. Filippe com luminarias e festas um reino troso! Grande signal da vontade de Deus!!!

hor Eterno! No ultimo dia dos seculos quando se rasgar firmamento; quando o teu braço invencivel detiver o sol carreira; quando resuscitadas do pó as gerações todas, o destino eterno dos homens de uma palavra tua; pode- tão ver sem espanto as agonias da natureza moribunda!

especies de sentenças serão tanto mais bellas, quanto udas e curtas forem; por isso que são postas no fecho narração ou prova, como reflexão fina e delicada em xclamativa.

phrase. — Tem este nome a figura d'estylo, pela qual m a uma phrase, que parecia acabada, um ou muitos s para desenvolver ideias accessorias.

odio. — É a narração inserida no poema épico ou

---

non mortalia pectora cogis sacra auri fames! (Virgilio.)

dramatico, para seu ornato; a qual, posto que não seja essencial, deve ter connexão com a fabula do poema, e vir a proposito; como na *Iliada* a morte de Heitor, na *Eneida* a de *Turno*; nos *Lusiadas* o admiravel episodio do *Adamastor*, etc.

Extensivamente se podem qualificar de episodios quaesquer factos ou exposições incidentes isoladas na apparencia, mas mais ou menos ligadas a um acontecimento, ou a uma narração principal, para lhe servirem de ornato ou amplifical-a. Convem que venham a proposito, e que sejam breves em relação ao discurso a que se ligam.

Epistolar. — Diz-se o genero ou o estylo de uma obra litteraria, escripta sob a forma de cartas ou epistolas; pertencem a este genero muitas producções do insigne Vieira.

Nas cartas requer-se toda a naturalidade e singeleza; deve predominar o estylo tenue, sendo a phrase pura, correcta e clara... Evitem-se os longos circuitos de palavras, a collocação muito apurada, e os enfeites brilhantes: que o trabalho e arte quadram tão pouco a uma carta, como á conversação familiar.

Não se confunda, todavia a facilidade e singeleza com a negligencia ou desleixamento; pois não deve esquecer que a escripta, ficando exposta ao exame e critica do leitor, não é como a linguagem fallada, onde uma palavra mal cabida ou menos propria poderia ter escapado á attenção do ouvinte. Algumas vezes succede tratarem-se n'este genero assumptos graves, como os philosophicos, os politicos, os religiosos e outros similhantes. deve então elevar-se o estylo: podendo até, algumas vezes, chegar ao nobre e grande. Veja *Familiar*.

Epistolas. — Synonymo de cartas, estas são, fallando em geral, as que se escrevem principalmente em prosa no commercio da vida, e as que foram escriptas por auctores modernos ou nas linguas vulgares; e assim dizemos — *as cartas de Vieira*, as de *Santa Thereza*, etc. *Epistolas* pelo contrario, quando se falla das *cartas* que escreveram os antigos nas linguas mortas; e assim dizemos: — as *epistolas* de Cicero, de S. Paulo etc.

No uso moderno dá-se geralmente o nome de *cartas* a todas as que são escriptas em prosa, qualquer que seja o seu assumpto e extensão: exceptuam-se porem as que se põem no principio dos livros para as dedicar a alguem, ás quaes se dá o nome de *epistolas*. As cartas em verso costumam chamar-se *epistolas*, podendo tratar todos os assumptos, e tomar todos os tons e estylos desde o familiar até ao sublime. Assim ora é didactica, ora lyrica, elegiaca ou narrativa. Quando didactica pode tratar qualquer assumpto instructivo; porem as mais das vezes, occupa-se de litteratura ou de moral, louvando o bem e

ando o mal. Pede nas ideias, verdade e ordem; e no es-
mcisão, energia e elegancia.
formas usadas na epistola têem sido as mesmas que na
l.
ata differe da conversação em ser mais pensada e por
mis correcta. Leva por tanto a desterrar quanto se re-
de estudo e esforço, e a mostrar espontaneidade do pen-
tos, facilidade e até ás vezes familiaridade de expressão,
quecendo que se não escreve a um inferior, ou a um
, do mesmo modo que a um conhecido; nem sobre as-
to importante, como sobre o que o não é.

strophe (circuito). — Figura de dicção, chamada tam-
omplexão, e repetição.
Complexão.

taphio. — Inscripção gravada sobre um tumulo em
de que ali jaz.
casos rarissimos é um epigramma; outras vezes, uma
, se acreditarmos o proverbio popular — *mentiroso como*
taphio!
resumo, é a ultima das vaidades humanas.
nico epitaphio indestructivel é um bom livro.
epitaphio poetico entende-se a inscripção tumular, ex-
ido em verso um pensamento laudativo, moral, satyrico ou
so, a proposito de um morto. São qualidades essenciaes
especie de composições a precisão, a clareza e uma sim-
ide nobre. Exemplo:

«Quem é este de insignias differentes:
«Sceptro, e pirão, e livro, e espada, e arado?
«Este foi paz de reis, e amor das gentes,
«Grande Diniz, rei nunca assaz louvado;
«Outros foram n'uma só cousa excellentes.
«Este com todas nobreceu o estado:
«Regeu, edificou, lavrou, venceu,
«Honrou as musas, poetou e leu.

a-lhe o principal merito — ser conciso — para que mais
ente se grave na memoria.
n deixou bons modelos de epitaphios, ou antes carapu-
n talhadas para muitos vicios e ridiculos d'este mundo,
distincto escriptor hespanhol, D. Francisco Martinez
losa. Vejamos alguns mais curiosos tirados do *Cemente-*
Momo:

Yace aqui un tal matrimonio,
Dos cuñados, suegra y yerno;
No falta sino el demonio
Para estar junto el infierno.

No hay duda que estan difu

Eche una limosna, hermanc
Y que no suene el dinero,
No reviva este usurero.

Aqui enterraron de balde
Por no hallarle una peseta.
No sigas ; era poeta.

Aqui yace un cortesano
Que se quebró la cintura
Un dia de besamano.

Aqui yace o mui illustre
Señor João Mosinho Sousa
Carballo Silva d'Andrade.
Sobra nombre ó falta losa ?

Aqui yace un contador
Que jámais erró una cuent
A no ser a su favor.

Sub hoc tumulo... adelant
Que este será algun pedant

Aqui un medico repousa
Y al lado han puesto á la m
Iban siempre de esta suerte

Una palma han colocado
En la tumba de Lucila...

Epithalamio. — Canto nupcial ou pequena composição litteraria, feita por occasião de um casamento e em honra dos novos esposos.

Epítheto. — É o termo annexo a um nome e destinado a marcar as propriedads physicas e communs, ou a caracterisar, seja em bem, seja em mal, o que ha de distinctivo e de particular nas pessoas e nas cousas que esse nome representa, com o fim de dar mais luz, força ou graça á ideia que elle exprime. Assim em — *rapida corrente, livro instructivo, calor tropical*, os epithetos *rapida, instructivo, tropical* caracterisam os nomes a que vão juntos, associando-lhes ideias accessorias que modificam a sua significação, já ornando-os, já communicando-lhes meios energicos.

Os epithetos são, as mais das vezes, adjectivos qualificativos, mas tambem os ha de substantivos continuados e de orações incidentes, v. g.:

> Saudade! gosto amargo de infelizes,
> Delicioso pungir de acerbo espinho,
> Que me estás repassando o intimo peito.

Podem os epithetos ser *simples* ou *grammaticaes*; ou de *imagem*, compostos quasi sempre de adjectivos precedidos de artigos como — *Pacheco, o Achilles lusitano; Coimbra, a Lusa Athenas; Veneza a bella*; ou *patronimicos* que são titulos annexos a nomes de pessoas, como — *Affonso d'Albuquerque, Luiz de Camões, João de Barros*, etc.

Os epithetos contribuem elegantemente para o effeito da ideia a que se juntam, havendo tal que, por si só, diz mais e melhor do que uma longa phrase.

Haja porem cuidado em fugir dos EPITHETOS ociosos, que não dizem cousa que o substantivo por si só não dissesse, como: *branca neve*; dos VAGOS, que se podem applicar indistinctamente a muitos objectos, como: *aço fino*; e dos TRIVIAES, como: *covas escuras*.

Ainda sendo os epithetos appropriados, não se devem multiplicar sem necessidade, porque toda a phrase desnecessaria prejudica a ligação, que muito concorre para a harmonia e connexão das ideias. Para enumerar as qualidades do objecto é licito empregal-os um após outro na mesma phrase.

O epitheto ou apposto é ou grammatico, ou oratorio, ou poetico; entre os referidos ha esta differença: o *grammatico* ora explica, ora restringe a ideia do sujeito ou do attributo da proposição, sendo por isso necessario para a intelligencia, ou para a verdade do sentido. O *oratorio* porem não se emprega por necessidade, senão para ornar ou amplificar o discurso. E se os poetas se contentam com que o epitheto convenha á palavra

a que se junta, não se lhes censurando dizerem — *brancos* *tes, humidos vinhos;* — na oratoria, comtudo, se o epitheto desperta a imaginação, ou não esclarece os objectos, ou não impulso aos animos, é redundante.

É pois *epitheto oratorio* — a expressão que ao nome de objecto junta uma ideia accessoria d'outro objecto, para graça ou energia ao discurso — Só porem é tropo, quand translação de palavras, i. é, quando vem junto com algum quatro generos — *metaphora, ironia, synecdoche* e *metonym* subdivide-se por isso o epitheto em:

Metaphorico:

Veiu a manhã no ceo pintando as cores
De *pudibunda* rosa e *roxas* flores.

Ironico:

Que *florente* não fora o vasto imperio
Das fulas amazonas, se o revera
Tão gentil coração, alma *tão nobre!*

Synedochico:

Nem com tanto furor o mar *egeu*,
Co'as forças do austro em tempestade escura,
Ergue as tumidas ondas.

Metonymico:

Da lua os claros raios rutilavam
Pelas argenteas ondas *neptuninas.*

Ora, ainda que sem os epithetos fica o discurso como desenfeitado, não se deve todavia carregar de muitos, po assim se torna longo e embaraçado. Apesar d'isto, alg vezes podem juntar-se a um nome, não um só, senão mu epithetos; com tanto que as ideias accessorias, por elles cadas, tenham relação umas com outras e com a ideia princ

Deu signal a trombeta castelhana
Horrendo, fero, ingente e temeroso.

Epitome. — Dá-se este nome á reducção ou resumo principaes materias de uma grande obra.

Epitrochasmo. — Consiste esta figura de rhetoric fazer seguida e precipitadamente muitas perguntas, para ab aquelles a quem se falla; tambem significa exposição, enu ção rapida.

Epitrope. — Tem este nome a figura de rhetorica, pela qual se faz uma concessão, no intuito de se obter alguma cousa.

Epizeuxis. —Veja *Reduplicação.*

Época ou **Épocha.** — Estação historica e chronologica; momento determinado e marcado por um acontecimento notavel, que completa ou que começa uma serie de factos relativos.

Distinguem-se na historia universal muitas grandes épocas, entre outras a época dos tempos heroicos da Grecia, dos Pharaós do Egypto, do captiveiro dos judeus em Babylonia, das guerras punicas entre os romanos e os carthaginezes, da decadencia dos romanos e da invasão dos barbaros, da edade média, das cruzadas, da revolução franceza, etc., etc. Cada paiz conta suas épocas memoraveis. Nós temos principalmente as da nossa independencia, das nossas descobertas e conquistas.

Veja *Datas.*

Tambem se diz a parte de tempo caracterisada por um facto, por uma situação; v. g.: *a época dos exames, da minha estada em Coimbra;* a época da inscripção de uma lapide, ou de qualquer objecto.

Fr. época, diz-se de um facto notavel, importante, que chegou a causar sensação.

Epodo. — Termo de poesia lyrica: a terceira parte da ode ou hymno, dividido em estrophes, antistrophes e epodos: ou a ultima copla da ode de tres estancias.

O epodo cantava-se no meio do theatro ou diante do altar.

Tambem se dá o nome de *Epodo* á sentença ou maxima moral, prudencial.

Epopeia. — Dá-se este nome ao poema épico, que reproduz em uma narração imitativa e elevada uma acção memoravel e interessante. A epopeia exige a unidade de acção, o interesse e a grandeza dos successos, a maneira de os referir, mais épica do que historica fora das regras arbitrarias, das pinturas salientes do caracter e das façanhas dos personagens, emfim uma dicção muito pathetica.

A grande epopeia é a mais nobre producção da poesia.

Seu estylo é alto e grandiloquo, com intervenção do maravilhoso que o poeta inventa, etc.

N'esta composição empregam os poetas o verso hendecasyllabo.

As epopeias mais celebres são: a *Iliada* de Homero, a *Eneida* de Virgilio, a *Pharsalia* de Lucano, a *Jerusalem Libertada* de Tasso, o *Paraiso Perdido* de Milton, os *Lusiadas* de Ca-

mões, com caracter de epopeia nacional, o que lhe dá grai superioridade sobre as outras, e o *Caramurú* de fr. José Santa Rita Durão.

Entre o grande numero de epopeias que conta a litterat portugueza, a mais celebre é sem duvida os Lusiadas de (mões.

Os Lusiadas são a obra capital da nossa litteratura. O auctor é não só o maior poeta portuguez, mas o maior poı guez de todos os tempos.

Em frente do genio de Camões, que em vida teve por ped tal a misera enxerga dos tristes, inclina-se reverente a poı ridade e saúda a sua memoria, cada seculo mais limpida e diosa.

Fomos grandes na edade arrojada das aventuras; fizeı espumar as ondas retalhadas e correr em largo veio o san dos descridos; mas o tempo apodreceu as caravellas, as ı ralhas ruiram e com ellas as quinas; o que ficou de pé, ii merato e dominando o tempo, foi esse livro que elle salvou naufragio, não para se illustrar a si, mas para nos perpetu nós.

.... Soa o brado ingente
Já pela Europa; e o nome lusitano
Ao nome de Camões eterno se une.
GARRETT — *Cam.* c. IX, XVIII.

Equi. — Veja *Prefixos.*

Equipollentes. — Assim chamadas as proposições palavras que têem igual valor em quanto ao sentido; v. *chegar ao fim da existencia*, ou *deixar de viver. Omnipot* ou *Todo poderoso. Má sorte*, ou *fortuna adversa* etc.

Differem dos synonymos, porque n'estes ha sempre de para outro termo alguma ideia accessoria a ajuntar, em qu que nas palavras equipollentes o sentido é perfeitamente ig

Equivoco. — Expressão ou phrase que tem, ou que p ter duplo sentido.

Em moral é uma proposição de dois sentidos, dos quaes comprehende-o aquelle que a escuta e o outro aquelle q diz; é um artificio, uma subtileza criminosa, muitas vezes pregada pelos *finos* politicos, aliás muito boas pessoas...

«O equivoco é indigno de um homem franco e honrado, que delata engano, e deve ser evitado pelo litterato, o (nunca deve *jogar de vocabulo* senão em obras jocosas.»

O equivoco tambem é uma figura de consonancia que prega na mesma clausula palavras homonymas em accep differentes; v. g.: *que passos vão pelos paços!*

Quando a consonancia pára no ouvido, sem que o espi

leite com ella, torna-se em um ridiculo e pueril trocadi-
u jogo de palavras, como este — *Por causa dos privados*
ivado.

udição. — Grande extensão de saber, de conhecimentos
iridos pelo estudo em litteratura, em philologia, em mate-
iistorica, etc. A erudição alimenta e faz viver todos os
ros de litteratura.
ia boa memoria e paciencia no estudo bastam para formar
rudito; acrescentai-lhe intelligencia e reflexão, tereis um
; applicai este ás materias de especulação e ás sciencias
-lhe penetração, tereis um *sabio.* O *erudito* cita frequente-
e auctoridades e factos: o *douto* profunda a doutrina a
e dedica, e discorre com acerto; o *sabio* investiga, analysa,
mstra e dá sempre a razão do seu dito.

s. —Veja *Prefixos.*

scer. —Veja *Desinencias.*

scholas. — Damos este nome, no sentido restricto em
aqui fica empregado, ás transformações successivas da
a portugueza, isto é, aos graus de desenvolvimento que
nprimiram os seus cultores, contribuindo com sua influen-
volutiva para que o portuguez assumisse um certo cara-
uma forma propria, em differentes periodos, segundo as
situdes por que tem passado: *nascimento* ou *infancia, pro-*
ou *adolescencia, esplendor* ou *virilidade, decadencia* ou
e, renascimento ou *actualidade*, idades que correspondem
fferentes épocas, que por sua ordem chronologica mostra-
desenvolvidamente no artigo *Litteratura.*
strarmos agora pela mesma ordem as cinco épocas da
ria da poesia portugueza, em cada uma das quaes predo-
uma eschola.
nossas escholas poeticas são: *eschola provençal* ou dos
dores; *eschola italiana, eschola hespanhola* ou gongorica:
la latina ou arcadica; *eschola franceza* e *eschola romantica.*

ESCHOLA PROVENÇAL

TROVADORES E CANCIONEIROS

Desde os tempos anteriores á fundação da monarchia
até ao principio do seculo XVI

nguagem barbara, irregular, inintelligivel ás vezes, rudeza
ensamentos, algumas vezes energia ou graça, nenhum co-
imento da arte e versificação dura, formam o caracter da
la dos trovadores.

ESCHOLA ITALIANA

Desde os principios do seculo XVI até principios do XVII

Linguagem pittoresca e formosa, cheia de phrases energicas mas descaindo a miudo no trivial e no prosaismo, ideias platonicas, imitações do estylo classico dos gregos e romanos mais juiso que imaginação, e metros adoptados de Italia, distinguem das outras a eschola italiana.

ESCHOLA HESPANHOLA

Desde o principio do seculo XVII até ao meado do seculo XVIII

Muito engenho, originalidade, agudeza demasiada de pensamentos, estylo metaphysico, profusão de tropos, expressões hyperbolicas, clausulas affectadamente symetricas, allusões a usos populares, progresso mui sensivel na perfeição do metro que nos escriptores d'esta eschola é mais corrente, mais variado e harmonioso, formam o caracter da eschola hespanhola.

ESCHOLA LATINA

Do meado do seculo XVIII até ao principio do XIX

A eschola latina ou arcadica recommenda-se pela linguagem quinhentista, pela formação de novos vocabulos e compostos, pelo arrojo das ideias philosophicas, viveza e profusão de imagens, erudição, imaginação regulada pela rasão e constante imitação da natureza pela poesia descriptiva, e uma versificação variada e musical.

ESCHOLA FRANCEZA

Do principio do seculo XVIII até ao actual

Linguagem moderna, mas pura, pouca erudição, pouca imaginação, e menos invenção ainda, elegancia contínua, estylo claro e simples, e optima versificação, eis aqui as prendas mais notaveis dos poetas da eschola franceza.

ESCHOLA ROMANTICA

O visconde de Almeida Garrett pode considerar-se o fundador d'esta eschola entre nós, a qual começou em 1826 e tem sido seguida pela maior parte dos escriptores modernos.

ι eschola romantica é original e nacional, se é menos cor-
ta do que a classica, em compensação tem mais naturali-
le, vida e paixão.
'eja Litteratura.

Escholios. — Têem este nome as notas e apontamen-
grammaticaes e criticos, ou as annotações feitas sobre al-
n texto para o explicar, removendo as difficuldades que se
olham á sua intelligencia.

Esco. — Veja *Prefixos.*

Escriptura. — Diz-se a arte de communicar as ideias e
tar a palavra por meio de signaes ou caracteres de conven-
. É a pintura da voz, e tanto melhor, quanto mais fielmente
presenta.
ι escriptura pode ser *Ideographica* e *Phonographica*; a 1.ª
prehende a *hieroglifica, symbolica, emblematica* ou *allego-
i*; a 2.ª a *phonetica* ou *alphabetica*.
'ela 1.ª, quando se queria fazer conceber a ideia de uma
ntanha, de um rio, de uma arvore, pintavam-se estes obje-
s. Um sol annunciava a Divindade. O amor era allegoriado
a figura de um menino armado de flechas e com uma venda
olhos, como para exprimir, sob o veo da allegoria, que esta
são nasce de ordinario sem o concurso da razão, como todos
sentimentos do homem na sua infancia; que é ligeira e in-
stante; e que procede sem discernimento.
'ela 2.ª, em vez de uma infinidade de signaes e caracteres
, isolados, tinham um sentido proprio e muito estenso, re-
iram-se esses caracteres a duas duzias, pouco mais ou me-
, aos quaes se deu um valor ou som convencional; depois,
s diversos grupos e pelas differentes combinações d'estes
icteres sonoros reunidos, se formaram primeiramente pala-
s univocas, mas expressivas, que foram as raizes de muitas
as palavras compostas d'aquelles monosyllabos, servindo,
is e outras, de exprimir os pensamentos e de os differençar,
ndo o seu grau de approximação ou de disparidade.
'eja *Alphabeto. Signaes orthographicos.*

Escuridade. — Veja *Obscuridade.*

Esdruxulas ou **Dactilicas.** — Dizem-se as palavras
têem aguda a antepenultima syllaba e depois d'ella duas
res, como: — *aspero, egloga, Fabiola, jubilo, lampada, py-
ide, Africa*, etc.
stas palavras communicam o seu nome aos versos em que
postas de remate; se a palavra ultima de um verso qual-

quer é esdruxula, esdruxulo se nomeia o verso; do que resi
que o verso esdruxulo terá mais uma syllaba, que as qu
contam para o classificarmos quanto á especie de metro.
gundo a doutrina de Castilho, terá duas syllabas a mais.

Veja *Metro*.

Os termos esdruxulos ou dactilicos são menos frequentes
nossa lingua que os inteiros ou agudos. Ideias ha talvez,
as quaes a sua toada tem uma secreta affinidade; v. g.: a ic
de extensão ou grandeza; considerai os superlativos, todos
ctilicos: *maximo, optimo, vastissimo;* não é verdade que o me
tom material d'estes adjectivos assim, tem alguma coisa
representativo? mas não é só com a ideia de grandeza qu
esdruxulos fraternisam, é com a dos sons aprazíveis: *mus*
cythara, cantico; é com as suavidades, amenidades e enle
placido, florido, sympathico, lagrimas, zephiro, candido; é
as de movimento e força: *rapido, quadrupede, barbaro, imp*
subito, relampago; é finalmente com as oppostas ás suav
horrido, lugubre, tumulo, palido, Lucifer, etc.

O emprego dos vocabulos esdruxulos em remate de vêr
deve ser muito raro.

Esdruxulos se dizem portanto os versos que têem o ulti
accento predominante na antepenultima syllaba e uma syll
mais que o seu nome designa.

Ex.:

Entrai, ruins *espiritos*
no lume eterno e fosco!
Espiritos *angelicos*,
vós ficareis comnosco;
dareis co'as azas *candidas*
abrigo ao vosso irmão!
Vós sois os *primogenitos*
de todo o innocentinho;
para entre nós *trouxeste-los*
do ceo, seu patrio ninho:
no valle pois das *lagrimas*
lhes dai consolação.

Os versos esdruxulos, entre versos soltos graves, muitas ve
se empregam com felicidade e com grande effeito onomatopi
entretanto o seu uso deve ser sobrio e discreto, posto que
tão restricto como os agudos; em poesia rimada e séria
verão evitar-se como consoantes, mas nos versos soltos,
formam intervallos aos rimados, cabem elles peregrinam
uma vez que se colloquem com symetria e não ao acaso.

Uma serie de versos esdruxulos sem interrupção, ou
poucas interrupções, tem um desnatural, affectado, exquis
e que facilmente degenerará em ridiculo.

Veja *Dityrambos*.

ões conhecedor da structura da lingua portugueza, e dos s que d'ella podia tirar, soccorreu-se aos esdruxulos, um meio d'arte, para pintar a horrenda catadura do e Adamastor.

> Não acabava, quando uma figura
> Se nos mostra no ar robusta e *valida*,
> De disforme e grandissima estatura,
> O rosto carregado a barba *esqualida*:
> Os ol..os encovados, e a postura
> Medonha e má, e a cor terrena e *pallida*:
> ....

irituoso. — Diz-se o estylo que exercita agradavel- a intelligencia do ouvinte ou leitor, já mostrando ideias de uma penetração fóra do commum, e já exprimindo samentos por uma forma indirecta, que mostra uma parte outra a adivinhar. A ironia, a allusão, a antithese, a se- iça, a suspensão, as figuras de consonancia, e outros de expressar o pensamento com um certo disfarce e fi- ão frequentes n'este estylo.

stylo espirituoso, applicado aos sentimentos, constitue o *delicado*, sendo que a delicadeza é a finura do sentimento, finura é a delicadeza da intelligencia.

senciaes. — Dizem-se os adjectivos qualificativos que iem uma qualidade natural ou convencional, inherente ecto de que se falla.

ndo o qualificativo é *essencial*, pode collocar-se antes ou do substantivo. Assim pode dizer-se igualmente: *as ne- revas* e *as trevas negras; a branca neve* e *a neve branca* e *negras* e *branca* exprimem aqui qualidades naturaes e iaes, que não podem ser separadas dos objectos designa- Semilhantemente se dirá *a inconstante fortuna* ou *a for- nconstante*, porque *inconstante* é uma qualidade conven- mente inherente á *fortuna*, da qual é inseparavel.

s regras não estão todavia isentas de excepções; ha cer- sos em que o qualificativo, bem que essencial, não pode ar-se antes do substantivo. Assim havemos de dizer o *mortal* e não o *mortal homem* [1].

nbem se dizem essenciaes as qualidades ou partes, sem tes uma cousa não pode admittir-se, suscitando em nós a ideia, porque essas qualidades ou partes pertencem á ia d'essa cousa; assim o oxygenio e o hydrogenio são

---

a nota a pag. 23.

partes essenciaes da agua. A redondeza é essencial ao circulo, a rasão essencial ao homem, etc.: são portanto qualidades necessarias, indispensaveis que, se vêem expressas, de ordinario o são por adjectivos explicativos: *circulo redondo, homem racional.*

Estancia. — Dá-se este nome ao ajuntamento de um certo numero de versos, ordinariamente rimados e com sentido completo, servindo de modelo a outras estancias.

Toma o nome de *estrophe* nas odes, e de *copla* nas canções.

Distinguem-se pelo numero de versos; e assim se dizem — *distichos* ou *parelhos, tercetos, quadras, quintilhas, sextilhas, oitavas, decimas.*

Este vocabulo é empregado em muitas accepções; aqui só o definimos como ramo, ou numero de versos, em que se dividem alguns poemas.

As estancias em que está dividido o padrão maior das nossas passadas glorias — Os Lusiadas — compõem-se de 8 versos (oitavas), submettidas ás mesmas regras de metro e rima a que o está a seguinte, que damos para exemplo:

Formosa filha minha, não temais
Perigo algum nos vossos lusitanos;
Nem que ninguem comigo possa mais,
Que esses chorosos olhos soberanos:
Que eu vos prometto, filha, que vejais
Esquecerem-se gregos e romanos,
Pelos illustres feitos que esta gente
Ha de fazer nas partes do Oriente.

Estylo. — É a maneira de exprimir por escripto os pensamentos; ou, mais particularmente, a maneira de dar ás producções escriptas um caracter emanado, ou da qualidade da obra, ou do gosto pessoal; caracter que resulta do giro do pensamento, da escolha dos termos, do arranjo respectivo de todas as partes constituintes do discurso, e que dá a este uma feição especial.

Muito bem se pode dizer: — a feição caracteristica que dá ao dizer de cada um o modo especial de exprimir seus pensamentos, distincto pela escolha e arranjo das palavras, conforme as leis da harmonia, e accommodado á elevação ou á simplicidade do assumpto de que tratar.

O estylo deve ser considerado:

1.º Quanto ao maior ou menor desenvolvimento, quer dos pensamentos, quer da expressão.

Esta classificação divide o estylo em: — *laconico, attico, rhodio* e *asiatico,* denominações que correspondem a — *conciso* ou *apanhado, preciso, desenvolvido* ou *abundante, prolixo, diffuso* ou *verboso.*

ɩo grau e qualidade do ornato.
gue tres generos de estylo : — *simples* ou *tenue*
nde o *natural* e o *familiar*), *temperado* ou *ornado*
ɜnde o *apurado*, o *elegante* e o *espirituoso*) e *su-*
ou *nobre* (que comprehende o *energico*, o *vehe-*
ɩifico).

ɩ forma das phrases e clausulas.
nomina-o : — *cortado*, *ordinario* e *periodico*.
ssificações falta juntar a do estylo considerado
ɩ qualidades especiaes, que lhe dá cada escriptor,
caracter, e a natureza do assumpto de que trata.
infinito, por que seria necessario especificar to-
ades, que podem ter os pensamentos, sendo já
ɜngenhosos, já delicados, finos, espirituosos, ter-
ɩs, futeis, obscuros, etc., bem como seria preciso
s as qualidades boas e más, que podem ter as
ıras dos pensamentos, as expressões com que se
ıesmos pensamentos, e as clausulas em que essas
acham dispostas. A enumeração de todas essas
tylo é quasi impossivel ; contentar-nos-emos com
es dadas, a que acrescentamos — *secco*, *plano* ou
ɩco e *florido*.
ɩrado é commum a qualquer d'elles, e principal-
ıas composições poeticas.
ɔ (estylo).

. surprehender o ouvido, a prender a imaginação
o espirito, requer a poesia uma linguagem apri-
.alquer dos estylos.
qualidades da elocução, a harmonia que resulta
do arranjo das palavras, é a de que mais se oc-
A conveniencia é a sua lei fundamental.
estylo deve brilhar a luz da perspicuidade e ap-
rto numero de qualidades essenciaes, e são : *ver-*
naturalidade, *ordem*, *ligação* e *unidade* nos pen-
ʻeza, *propriedade*, *clareza*, *decencia* e *conveniencia*
correcção, *pureza*, *clareza*, *unidade*, *força* e *har-*
ases e clausulas.
ılidades pode cada escriptor juntar outras, con-
seu caracter ; o estylo que nascer d'essa união
pre que a expressão for conforme com os pensa-
ıas as cousas forem convenientes á materia, pes-
stancias. As cousas simples appareçam exprimi-
ɜnte ; as agradaveis deleitosamente ; e as nobres
ɩ elevação e grandeza ; nos assumptos de discus-
ylo *claro*, *preciso*, *forte* e *grave* ; nos de imagina-

ção, seja *elegante, espirituoso, delicado* e *pitoresco*; nos patheticos, seja *insinuante, vivo* e *animado*, e algumas vezes *vehemente* e *energico*; e assim varie-se a elocução, para se accommodar aos pensamentos e evitar a monotonia.

Sendo as palavras, por assim dizer, o trajo dos pensamentos, aos quaes devem ellas de ajustar-se, bem como ao corpo o vestido; e devendo o estylo condizer com a materia, já se vê que, quando ella for menos importante, ao discurso convirá o estylo *singelo*; quando mediana, *o temperado*; quando grave, o *grande*. Embora, porem, geralmente predomine em cada discurso uma das tres formas, deve ella comtudo variar, ás vezes, segundo variarem os objectos que entrem no assumpto.

Bocage com mais concisão e elegancia que Horacio, nos deu o preceito n'este admiravel quarteto da *Satyra contra Elmiro*:

Co'a materia convem casar o estylo.
Levante-se a expressão se é grande a idéa;
Se a idéa é negra a locução negreja;
E tenue sendo, se attenue a phrase.

Resulta o estylo da escolha no colligir e dispor os vocabulos, conforme as leis da harmonia, pelo que respeita á elevação, á simplicidade, á natureza do objecto; é elle a maneira, o tom, o colorido que reina em uma obra, ou qualquer parte d'ella. As principaes distincções do estylo dependem da diversidade dos assumptos. O mesmo modo de expressão seria tão improprio em occasiões differentes, como o mesmo trajo em pessoas de varias hierarchias, em diversas estações do anno ou latitudes do globo.

O estylo philosophico pede *precisão* e *raciocinio*, rejeitando ornatos e figuras rhetoricas. A primeira condição da conversação familiar, da carta, da fabula, é ser *pura, clara, facil, simples, natural*. O estylo sublime quer nobreza sustentada, dignidade, magestade; sentimentos sempre elevados, phrase sonora, altiloqua. No estylo pathetico importa fallar, não á cabeça, mas ao coração. O dialogo da sociedade aristocratica deve ser *delicado, gracioso, fino, elegante*. O estylo do homem de imaginação, *rico e brilhante*. O da epopeia *elevado* e *pomposo*, como o sublime. O da satyra *forte, energico, vehemente, incisivo*. O da historia *correcto, varonil, nervoso*. O da maxima *apertado, conciso*. O pastoril *florido, singelo*, como infantil. O dos contos *brincalhão, attractivo*. O da sciencia *severo, didactico*. O dos tumulos, *lapidar*. O do interior *familiar*; e ahi se subdivide o familiar em *alto* e *baixo*, analogamente á sociedade, que se compõe de familias fidalgas e plebeias.

E fugir do estylo *secco, diffuso, languido, obscuro, affectado* ou *improprio*.

Escrever negligentemente é confessar que não se dá grande

pensamentos, porque da convicção que nós temos da e da importancia das nossas ideias, nasce um enthu- ifficiente para impor ao nosso espirito um cuidado in- na escolha das expressões mais claras, mais bellas, rgicas; — tal como o que se emprega n'essas reli- esses preciosos objectos de arte dos receptaculos de ata.

lo é o homem — disse Buffon. De Levís expressou-se phrases: O bom estylo contenta por igual — espirito, rasão.

o insigne Vieira foi mais longe, ouçamol-o: — Como er as palavras? Como as estrellas. As estrellas são stinctas e muito claras. E nem por isso temais que estylo baixo: as estrellas são muito distinctas, e ıras, e altissimas. O estylo pode ser muito claro e o: tão claro que o entendam os que não sabem, e tão tenham muito que entender n'elle os que sabem. O cha documentos nas estrellas para a sua lavoura, e o tico para as suas observações e para os seus juizos.

e. —Veja *Desinencias.*

bilho. — Assim chamado o verso que se repete no na ou mais estancias, como nas seguintes se verifica:

tudo ás avessas,
o aos trambulhões!
pé as condessas,
ndes e os barões!
ı que os taberneiros,
e albardeiros,
e carro estofado!
tudo invertido!
s! está tudo perdido!
o *está desgraçado!*

Sabe hoje qualquer fedelho
Grego, latim e francez;
Mas a final chega a velho
Sem saber o portuguez;
Ha hoje tantos litt'ratos
Como no janeiro os gatos
A miarem no telhado;
Tantos sabios! tantos poetas!
Jesus! meu Deus! que patetas!
O mundo está desgraçado!

Hoje quem for estouvado
E imponha de sabichão,
Alcança ser deputado,
Visconde, conde ou barão!
A ministro sobem todos,
Que saibam pregar engodos
Com choco palavriado,
Que tenham finura e ronha,
Meu Deus! que pouca vergonha!
O mundo está desgraçado!

S. M.

ophe. — Nome dado em poesia a um certo numero s, formando um sentido completo e dispostos symetri-

A medida dos versos que devem entrar n'uma estrophe, ou periodos metricos eguaes, depende unicamente da vontade do poeta, mas todas as estrophes que compõem uma mesma peça devem ficar submettidas ás mesmas regras.

As estrophes em que um poema, longo ou curto, se divide devem compor-se ou de versos inteiros, todos da mesma medida, ou symetricamente entremeados ou rematados pelos seus quebrados respectivos. Segundo o que, onde na 1.ª estrophe ficarem versos graves, onde agudos, onde esdruxulos, devem igualmente cair em todas as outras estrophes, versos graves, versos agudos e versos esdruxulos.

Quando as estrophes constam de dois ramos, quer estes sejam eguaes em quantidade de versos, quer deseguaes; por exemplo, quatro e quatro, quatro e tres, tres e quatro, cinco e tres, seis e dois, etc., o ouvido approva muito, não só que esses dois ramos rimem um com o outro pelo fim, mas que rimem em agudo. Exemplo :

Vos á terra e ao ceo propicios,
que dais com mil beneficios,
contra a fome e contra os vicios,
asylo ao bando infantil;

redobrai com mãos piedosas
esmolas, que, milagrosas,
recobrareis feitas rosas,
nos campos do eterno abril.

Nasci no rico Oriente,
criei-me entre as verdes palmas
para amor.
Amor me poz no Occidente,
fez-me d'alma duas almas
para a dor.

Uma estrophe pode ter de tres a doze versos, a que se dão os nomes particulares de *tercetos*, *quadras* ou *quartetos*, *quintilhas*, *sextinas*, *estrophes de 7 versos*, *oitavas*, *estrophes de 9 versos*, *decimas*, *estrophes de 11 e 12 versos*.

Estudo. — Acção de estudar; todo o trabalho do espirito em geral; applicação ás sciencias, ás lettras, ás artes. O mais solido alimento do espirito.

Soberano remedio contra os desgostos da vida, *és tudo!*

Convem lembrar frequentemente á mocidade que a sciencia, posto que seja muito apreciavel pelas vantagens intellectuaes que dá a quem a possue, é ainda mais util considerada como um meio do que como um fim.

Podemos perscrutar no mais recondito dos nossos pensamentos, e ser oraculos de muitos factos, e todavia conservar-nos em tanta ignorancia, emquanto ao grande fim dos progressos intellectuaes, como se nem ao menos tiveramos os primeiros rudimentos da escola.

O *coração* é tão susceptivel de cultura como a *cabeça*, as

sejamos educados como cumpre e interessa á nossa pro-
conservação.

falta de educação moral não a compensa nem um catalogo omes e datas, nem a memoria de grandes acontecimentos, a abundancia de raciocinios, nem os esforços intelle-es.

nossa opinião que nos mestres e parentes dos mancebos está sempre o poder de inspirar-lhes estes sentimentos; uanto a generalidade do gosto pelo estudo, junta á facili-de o satisfazer, faz com que muitas vezes se tomem os s pelos fins. D'aqui resulta que a educação moral do povo is lenta e descuidada do que a sua educação intellectual; a qual for o motivo por que isto acontece, é certo que se rvam e commettem graves erros no ensino e direcção da dade.

nfessamos que o genero humano nos faz conceber espe-as mui lisongeiras, e que olhamos com uma certa admira-para os progressos de muitos dos nossos compatriotas no uho da sabedoria. Mas apezar de tudo isso, e do muito va-que damos aos dotes intellectuaes, que tão poderosamente orrem para o bem estar dos homens, contrista-nos ver que gresso moral e religioso é ainda considerado, não como o e verdadeiro fim do estudo, mas como o seu fortuito e isivel resultado.

gosto pela leitura, que é uma das feições caracteristicas resente seculo, pode fazer-se instrumento do bem perdu-l e solido.

convicção d'esta verdade deve inspirar os maiores dese-os amigos do genero humano de concorrerem, quanto em uber, para que a litteratura, principalmente periodica, se , não um vehiculo de calumnias e immoralidades, mas perenne de illustração, que doutrine o povo nos seus de-como catholico, e como subdito fiel das leis civis.

ja *Disciplinas.*

hmo. — Veja *Prefixos.*

ho. — Veja *Prefixos.*

hopeia. — Diz-se a composição que faz a pintura ou a ipção dos costumes e das paixões; pode ser de *caracter*, screve qualidades moraes; de *retrato*, se moral ou physi-nte descreve uma pessoa.

ma-se mais propriamente *Mimeses*, se descreve costumes sa classe, como: o ambicioso, o avarento, etc.

na o nome especial de *Hypothypose*, quando a descripção a commover, não só porque pinta o objecto com tão vi-

vas cores que parece estar-se vendo, mas o pinta em pers| ctivas successivas e diversas.

Todo o poema *Hyssope* está cheio de bellissimas ethopei: taes como a seguinte:

> O Padre Mestre, vendo-se obrigado
> A recontar de Ulysses os trabalhos;
> Para o tempo ganhar de recordal-os,
> Ronca, escarra, da manga o pardo lenço
> Sacca, nas espalmadas mãos o tende,
> Em ambas supesado o leva á penca,
> Com'strondo se assoa, e dobrado o colhe:
> D'esturro então, sorvida uma pitada,
> O habito sacodo, aos sobacos
> Alça o cordão, arrocha-o na casola,
> E de papo ao Deão assim responde:

Etymologia. — É a parte da grammatica que se occu da origem, natureza e accidentes das palavras.

Na composição de uma lingua entram diversas classes palavras, destinadas a differentes funcções; a etymologia e sina a estudal-as analyticamente; a fazer perceber a força ligação que existe entre as palavras primitivas e as derivad e a effectuar a sua justa escolha segundo a conveniencia expressão.

As palavras têem passado por transformações successiv grande multidão de acasos; circumstancias estranhas á cou passageiras, e que nenhum vestigio deixaram, concorreram p a formação de muitos vocabulos cuja origem é hypothetica.

Menos afastados que nós das primeiras tradições, os a gos estariam muito mais proximos da verdade, que nós n'a sciencia.

São tres os elementos etymologicos ou morphologicos palavras — *prefixos, raizes* e *suffixos* ou *desinencias*.

Quasi todas as palavras portuguezas são formadas co auxilio de algum ou de todos estes elementos, provenientes ralmente do latim e do grego [1].

Na formação das palavras é de grande vantagem o conh mento dos *prefixos* e *suffixos*.

Veja *Orthographia*.

Eu. — Veja *Prefixos*.

Euphemismo. — É a figura de dicção, pela qual se farçam ou encobrem á imaginação as ideias que, exprimi em termos proprios, seriam obscenas ou desagradaveis.

---

[1] O resultado das investigações do sr. João Bonança repelle esta asse dos nossos philologos, e provará que o celta e não o latim é a lingua

Por euphemismo se diz: *já não é criança* por — *está velho; não é bom* por — *é ruim; Deus o favoreça* por — *não lhe quero dar esmola; passou a melhor vida* por — *morreu.*

«Porem depois que a escura noite eterna
«Affonso aposentou no ceo sereno.

Euphonia. — É o nome que damos á elegancia e facilidade na pronunciação dos vocabulos ou phrases; ou á feliz escolha dos sons que concorrem para a harmoniosa successão das vogaes e das invogaes, o que torna a pronunciação mais suave e agradavel.

Diz-se por euphonia — *d'alma*, em vez de — *da alma; pelo* em logar de — *por o* ou *per o; mande-m'as*, por — *mande-me-as; deixal-o* em vez de — *deixar-o; deixemol-o* por — *deixemos-o; trazem-n'o* por — *trazem-o*, etc.

É ainda por euphonia que se alteram as radicaes de muitos verbos de uns para outros tempos ou vozes; v. g.: *marcar — eu marco, eu marque; largar — eu largo, eu largue; valer — eu valho, tu vales*, etc.

As exigencias da euphonia obrigam ao uso de algumas figuras, taes como — *a ellipse, a antithese, a epenthese*, etc.

Euphonicas. — Dizem-se as lettras admittidas por substituição de outras ou introduzidas nas palavras de pronunciação aspera ou dissonante, afim de a tornar mais suave e agradavel. Vejam-se os exemplos offerecidos no artigo — *Euphonia.*

Evo. — Veja *Desinencias.*

Ex. — Veja *Prefixos.*

Excepção. — Comprovação de uma irregularidade, enumeração, ou pelo menos designação, das palavras ou phrases que escapam á regra.

E não só das palavras e phrases, mas das cousas e pessoas. *Os cysnes são brancos, á excepção dos da Australia, cuja plumagem é negra.*

A excepção confirma a regra.

Excerpto. — Diz o mesmo que extracto, apontamento de noticias ou doutrinas, que escolhemos de alguma obra.

Os excerptos vêem em soccorro da memoria do escriptor e permittem-lhe dominar o seu assumpto.

Veja *Extracto.*

Exclamação. — É o grito excitado por uma sensação

ou por um sentimento vivo. A exclamação pode ser de dor, *alegria*, de *surpreza*, de *ira*, de *susto*, de *desespero*, de afflic etc. *Ah! Oh! Ui! Jesus!*

A linguagem dos sentimentos precisa de ser ás vezes rapida e espontanea, que só uma exclamação, valendo por u phrase inteira, é capaz de a exprimir, tão promptamente se o exigem as necessidades da occasião.

Tambem se diz a figura de rhetorica que consiste em tra portar no estylo esta manifestação viva do sentimento ou ideia, pela qual se nomeia e invoca alguma pessoa, os mort alguma cidade, e fallando com ella se exprime e pondera guma cousa de paixão e affecto vehemente, já de prazer, já dor, já de observação, já de indignação, já de admiração e prehensão, já de imprecação.

«Philosophia! como tu és triste e arida!

«Imperio d'Hespanha, imperio d'Hespanha! porque fo teus dias contados?!

«Ó maldito o primeiro que, no mundo,
«Nas ondas vélas poz em secco lenho!

Chama-se *ponto de exclamação* ou de *admiração* o signal thographico (!), que se colloca depois da exclamação ou da terjeição.

Veja *Interjeição*.

Exemplo. — É o argumento que consiste em facio conforme casos analogos. Confrontação de facto com fact qual muito concorre tanto para esclarecer a intelligencia, c para dar impulso ao coração: ora é, pois, uma prova, ora motivo.

Em accepção menos restricta é synonymo de *Exempl* modelo, molde, com esta differença: o *exemplo* segue-se, i ta-se: o *exemplar* copia-se. O *exemplo* é um facto, uma ac um modo de proceder, que se propõe á nossa imitação, e nos pode servir de norma em circumstancias similhantes *exemplar* é um original completo que se nos offerece para e ctamente o copiarmos. O homem prudente e avisado, pr dendo de certo modo, em certos casos, offerece-nos uma re de proceder; pode servir-nos de norma em casos analo dá-nos um *exemplo*. O homem virtuoso e justo, que consta mente dirige suas acções pelo recto caminho da honra, da p bidade e da virtude, offerece-nos um original, que devem co em si mesmos todos os que aspiram á verdadeira grand moral; é um *exemplar*.

Exemplo é o caso ou facto succedido n'outro tempo, prop para imitar-se ou evitar-se, e tambem o procedimento de guem que outros podem imitar. *Exemplar* é um original,

rototypo que se nos offerece para o copiarmos, é um modelo imitar-se.

Jesus Christo quando lavou os pés a seus discipulos, deixou-os o mais perfeito *exemplo* de humildade e caridade fraterna; , morto na cruz, foi o *exemplar* com que se identificou S. Francisco de Assis. O desgraçado fim de Nero foi um triste *exemplo* de que seus successores se não aproveitaram; antes parece que alguns d'elles tomaram por *exemplar* aquelle monstro da natureza humana. Job, diz Vieira, alcançou o titulo não só de *exemplo*, mas de *exemplar* de toda a paciencia.

Tambem se dá ao exemplo a designação de argumento comparativo ou raciocinio que, da comparação do objecto comsigo mesmo ou com outro, conclue que o affirmado ou negado d'um, se deve por igual, contraria ou maior razão, affirmar ou negar do outro; ou por disparidade de razão, se não pode affirmar ou negar igualmente do outro exemplo: — *O homem deve ser fiel á mulher como esta áquelle:* — *Os planetas giram, como a terra, em roda do sol, e por isso devem, como ella, ser habitados.* — *É estimavel o homem virtuoso, como é desprezivel o vicioso.* — *Esta proposição é verdadeira, porque a contraria é absurda.* — *Se o tigre, apezar da sua ferocidade, ama seus filhos, mais deve amar os seus o homem dotado de ternura.* — *Se o homem deve em saude estar preparado para a morte, mais o deve fazer no estado de doença.*

Tambem foi designada com o nome de *exemplo* uma das formas da poesia popular: eram pequenos contos, ás vezes deduzidos de diversos conceitos axiomaticos, como rifões ou proloquios populares.

Exergasia. — Figura de rhetorica pela qual, por assim dizer, se repizam as mesmas ideias por differentes palavras ou phrases synonymas. Exemplos:

Em se tratando dos negocios de Deus, ERA *fogo,* ERA *raio,* ERA *corisco...* ASSIM *abrazavam,* ASSIM *feriam,* ASSIM *penetravam suas palavras.*

Veja *Synonymia.*

Exordio. — Diz-se a primeira parte ou a introducção de um discurso qualquer, em que se prepara o ouvinte para escutar o orador, de maneira que este possa colher o fructo, que se propõe fallando. O exordio deve ser simples e sem affectação, engenhoso, modesto, curto, tirado das entranhas da materia. Engenhoso não é cheio de pontos e antitheses, mas arrazoado e temperado, de sorte que dê boa opinião do talento, genio e bom senso do orador, que annuncie bem o que se deve seguir, e determine a ouvir attentamente a narração que vem após.

Ao exordio está bem o estylo tenue, mas ao mesmo te apurado.

Expletivo ou **Redundante.** — Dá-se este nom variação do pronome pessoal empregada no discurso fami como complemento indirecto do verbo, nas expressões de ad ração ou censura, nas recommendações e instancias, e nas terrogações ácerca de alguem, para significar que a pes designada pelo pronome pessoal tem interesse na acção:

Porque não me estuda? Os estranhos se te vinham assenta pé dos muros.

Não me sáia d'aqui.

E não só o pronome pessoal mas outras palavras mono labicas entram nas phrases apenas para realce, sem signifi ção nem funcção grammatical, v. g.: *por pouco* ME *não* *graço. Deixe-os lá fallar.*

> «Repousa *lá* no ceo eternamente,
> «E viva eu *cá* na terra sempre triste.

Explicativa. — É a oração que desenvolve e esclar algum dos termos d'outra a que está unida; conhece-se p conjuncções explicativas. Exemplo: *fôra um domingo pr* (o arcebispo), COMO COSTUMAVA, *a um logar do termo.*

Tambem se dizem *orações explicativas*, as incidentes qu servem de esclarecer uma ideia principal — *Os prazeres, to dos moderadamente, são como o orvalho sobre as plantas, qu* REANIMA SEM AS ABALAR.

Estas orações, ainda que supprimidas, não alteram o sen d'aquella de que fazem parte, e á qual dão o nome de *compl*

Costumam vir entre virgulas, se estão no meio da phra se começam a phrase, são seguidas de virgula; e são prec das d'esta, se concluem a phrase.

Dizem-se igualmente *explicativas* as conjuncções que li uma oração a outra em forma de explicação, como as segu tes: *como;* e as locuções: *a saber, isto é, assim como, bem co em quanto*, etc.

Como emprega-se tambem em vez de — *visto que, pois* v. g.: *como não vem, vou-me embora.*

São locuções ou formulas explicativas as seguintes: *de que, de maneira que, por tal que, certo que, mormente, princi mente, emquanto, tanto assim que, de geito que;* o adverbio junctivo — *como*, e as locuções que com elle se formam *assim como, bem como, como se, como quer que;* as formula *por exemplo, a saber*, etc.

Explicativos. — Dizem-se os adjectivos que expri qualidades essenciaes aos individuos. Estes adjectivos po

resolver-se em orações causaes. Exemplo: *Deus justo premeia os bons e castiga os maus;* i. é, Deus, *porque é justo*, etc.

Vão antes ou depois dos substantivos, como a *inconstante* **fortuna, ou a fortuna** *inconstante.*

Ainda que se tirem aos substantivos não alteram a verdade **á ideia por elles suscitada.**

Veja *Essenciaes.*

Expressão. — Diz-se a manifestação do pensamento, ou **a maneira de o exprimir** fallando ou escrevendo.

O mesmo nome se dá á palavra ou termo; á phrase, a um **giro** de phrases, ou ao modo por que as enunciamos; ao que **serve de manifestar** um sentimento, uma paixão, etc.

A expressão pode ser *justa, precisa, clara, falsa, vaga, obscura, natural, estudada, correcta, nobre, elegante, baixa, trivial*, etc.

Expressão é synonymo de *palavra, voz, vocabulo, termo.* A *expressão* é a *palavra* ou *palavras* com que se declara o conceito **da alma**, o que se passa n'ella; refere-se mais particularmente **ao modo** como exprimimos pela voz nossos conceitos ou **sentimentos**, e á qualidade dos *vocabulos* com que os enunciamos.

Das expressões nobres, engraçadas e energicas depende a **elegancia da phrase** e a belleza do estylo.

O pensamento e sentimento podem exprimir-se por tres modos: **pelo tom** da voz, pelo gesto, pela palavra. A este ultimo **chama-se elocução.**

Extensão. — Dá-se este nome ao numero dos individuos **ou das classes** de seres comprehendidos na significação d'uma **palavra.**

A extensão é tanto maior, quanto maior for o numero de individuos **comprehendidos.**

Diz-se que uma palavra é tomada na sua extensão, quando **ella se pode** applicar a todos os individuos que o seu significado **abrange**; a palavra *vicio* tomada na sua extensão comprehende — *a preguiça, o orgulho, a inveja, a gula, a ira*, etc.; *arvore*, **tomada** na sua extensão comprehende — a *larangeira*, a *pereira*, a *figueira*, etc. Tomada no sentido restricto, applica-va-se **a uma só** d'estas cousas.

O verbo *fazer*, que designa as acções de toda a especie, tem **uma grande extensão**; emquanto que a palavra *escrever*, que **só designa uma** acção de certa especie, tem-na muito menor: **mas, em troca,** *escrever* que comprehende mais ideias parciaes **que** *fazer*, **tem muito mais** *comprehensão.*

D'aqui se vê que, quanto maior comprehensão tiver uma palavra, **menor será a sua extensão** e reciprocamente.

Veja *Thases, Comprehensão.*

Extensivos. — Veja *Determinativos.*

Extra. — Veja *Prefixos.*

Extracto. — Materia separada de outras partes mixtas componentes; o que se extraíu de livros, manuscriptos, escolhendo as partes que nos convêem ou agradam, e n'isto differe do *tractado* que é copiado todo.

Quantas leituras inuteis poderiamos nós evitar por meio de bons extractos!

Veja *Excerptos.*

Ez. — São biformes os adjectivos que terminam em *ez*, como: *portuguez* — *portugueza;* o plural d'estes nomes forma-se com o acrescentamento da syllaba *es*, como: *portuguez, portuguezes.*

Veja *Prefixos.*

F

Sexta lettra do alphabeto e quarta invogal, certa. Pode ser simples — *f* — ou composta — *ph.*

Uma das articulações não vocalisadas, mas proferivel, soante, folegada ou respirada.

Diz-se um *Fê*, aquelle *fê*, etc. Consideramol-o do genero masculino, podendo ser maiusculo ou minusculo; mas para ser indicado é necessario juntar ao seu valor a terminação vocalisada *ê.*

O minusculo dobra-se (por amor da etymologia) em algumas palavras; v. g.: *affavel, effeito, effigie.*

Dobram o *f* que se segue aos prefixos *di, e,* e á lettra *o* como prefixo, as palavras compostas das ditas particulas ou lettras; v. g.: *difficil, efficaz, offensa;* todas as derivadas de *soffrer* e muitas que são formadas do prefixo *a* como: *soffrimento, soffrivel: affirmar, afflicção, affronta* e seus derivados.

Não se dobra o maiusculo, como se não dobra no principio de palavra.

Emprega-se a forma composta *ph* em vez de *f* nas palavras de origem grega, como: *phalange, pharmacia, photographia,* que muito bem se poderiam escrever *falange, farmacia, fotografia,* se não fôra a vaidade de mostrar as alfaias que comprámos em segunda mão, e o desejo de augmentar ostentações etymologisticas, e dificuldades orthographicas, rastejando origens e derivações que ás vezes se perdem na mistura de tantas linguas, que as modernas tomaram de emprestimo, e das alterações que o longo tempo e a ignorancia muitas vezes fizeram, entre os barbaros corruptores do grego e do latim, se não quizerem do celta.

[redacted]

Fabula. — Narração curta que sob o veo de uma ficção simples e engenhosa encobre certa moralidade, composta ordinariamente em verso.

A fabula é o corpo do apologo, a alma é a moralidade.

Diz-se, por extensão, a narração imaginaria ou que tem um só caracter mythologico qualquer; mentira ou acção inventada.

As fabulas são a historia dos tempos grosseiros; vieram as primeiras do Oriente: de uma parte, a escravidão que constrangia o fraco a disfarçar as lições que queria dar ao poderoso; de outra parte, a vivacidade d'imaginação dos povos d'aquellas regiões, que facilmente presta paixões e discursos aos animaes, concorreram para esta creação.

É longa a lista dos fabulistas de todas as idades, apontaremos apenas os nomes de *Bocage*, de *Curvo Semedo*, de *Esopo* (grego), de *Francisco Manuel do Nascimento* (Filinto Elysio), de *Joaquim José Teixeira* e de *José Joaquim Correa d'Almeida* (brazileiros), de *La Fontaine* (francez), de *Lessing* (allemão) em prosa, muitas das quaes traduzidas em portuguez; de *Pato Moniz*, de *Phedro* (latino), de *Pimentel Maldonado*, de *Thomaz Yriarte* (hespanhol), dos Viscondes *Garrett* e *Castilho*, etc.

Todos estes litteratos nacionaes e estrangeiros nos deixaram em prosa ou verso muitas fabulas, que na opinião de Garrett são lidas como tradições oraes antiquissimas, que em todos os tempos e nações se encontraram conservadas pela memoria das classes mais rudes e menos instruidas.

Daremos para exemplo a muito conhecida fabula d'Esopo, imitada por dois notaveis poetas — La Fontaine e João de Deus.

La Cigale et la Fourmi

La cigale ayant chanté
Tout l'été,
Se trouva fort dépourvue
Quand la bise fut venue:
Pas un seul petit morceau
De mouche ou de vermisseau:
Elle alla crier famine
Chez la fourmi, sa voisine,
La priant de lui prêter
Quelque grain pour subsister
Jusqu'à la saison nouvelle.
— Je vous paierai, lui dit elle,
Avant l'août, foi d'animal,
Intérêt et principal.
La fourmi n'est pas prêteuse
C'est là son moindre défaut.
— Que faisiez-vous au temps chaud?
Dit elle à cette emprunteuse.
— Nuit et jour à tout venant
Je chantais, ne vous déplaise.
— Vous chantiez, j'en suis fort aise!
Eh bien, dansez maintenant.

La Fontaine.

A Cigarra e a Formiga

Como a cigarra o seu gosto
É levar a temporada
De junho, julho e agosto
N'uma cantiga pegada,
De inverno tambem se come,
E então rapa frio e fome...
Um inverno a infeliz
Chega-se á formiga, e diz:
— Venho ped'r-lhe o favor
De me emprestar mantimento,
Matar-me a necessidade!
E, em chegando a novidade,
Faço ate um juramento,
Pago-lhe, seja o que for!
....
....
«Mas, (pergunta-lhe a formiga),
O que fez durante o estio?
— Eu, cantar ao desafio.
«Ah! cantar? Pois minha amiga,
Quem leva o estio a cantar
Leva o inverno a dançar.

João de Deus.

Como dissemos a fabula tem por intuito um fim moral; convem que a leitura d'estas producções do genio derrame insensivelmente em nossa alma o germen da virtude, e o sr. João de Deus para quem *a litteratura não tem outra rasão de existencia senão o bem moral*, preceituando: —«A sciencia compete-lhe as mais crueis verdades; mas quem explora a ficção, tem obrigação pelo menos de a armar de maneira que não deprave os corações»— não podia traduzir aquelles dois versos:

La fourmi n'est pas prêteuse
C'est là son moindre défaut

resposta dura, que se não pode tomar por modelo, ainda que a attenue a presumpção de que bem merece a cigarra o que lhe succede; todavia, concedido que La Fontaine quizesse precaver o delphim de França [1] contra a imprevidencia e a preguiça, mostrando-lhe suas funestas consequencias, devera receiar que o seu real discipulo caisse em defeitos maiores — a avareza, o egoismo, a falta de caridade em summa.

Assim pois convem advertir aqui, que nem todas as fabulas estão feitas de molde para crianças, se não têem uma certa experiencia da vida que as guie nas subtilezas, nas intenções e nas bellezas de toda a especie que se contêem nas fabulas.

Fac-simile. — Copia, imitação exacta da escripta ou da assignatura de um individuo.

Os *fac-similes* fazem-nos viver, para assim nos exprimirmos, com o que já não existe, introduzindo-nos facilmente na intimidade dos cidadãos illustres cujo nome inspira respeito e desperta a admiração.

Facticio. — Diz-se em grammatica o termo ou a palavra que não está adoptada na lingua, mas que se forma segundo as regras da analogia.

Facto, Factos. — São os elementos constitutivos da historia de um povo ou da vida de um personagem.

Qualquer cousa cuja existencia se verifica, ou seja na ordem physica, ou seja na ordem moral; o que existe, o que succede, a alteração que se produz, chama-se um *facto*, do qual é possivel tirar certas consequencias. Raciocinios não destroem *factos*.

Os factos são certos, falsos ou duvidosos, com relação directa á essencia, ou qualidade do facto em si mesmo.

---

[1] La Fontaine dedicou suas fabulas ao filho de Luiz XIV, de cuja educação fôra encarregado.

é o mesmo que *facto* mudada por euphonia a pronuncia ue na doce de *ei*; corresponde muitas vezes a *obra*, as o seu uso mais frequente é representar as acções illustres. de homens famosos e dignos de memoria. mau historiador altera os *factos* que refere, quando le convem...

etas e epicos propõem-se em suas epopeias cantar os lustres de seus heroes.

ilavra *facto* é empregada em muitas locuções; v. g.: ao *facto*, i. é, prosigamos a narração. Questão de *facto*, se disputa se succedeu ou não a cousa, que se diz ter do. ou ácerca das suas circumstancias. Vias de *facto*, ias. Estar ao *facto*, mui bem instruido. Pôr alguem ao e alguma cousa, explicar-lh'a para que possa formar o seguro. De *facto*, com effeito, na verdade. *Ipso facto*, s latinas que significam — pelo mesmo feito, pelo mesmo n consequencia de se haver feito, sem mais outra coisa, tença, etc.

ldades intellectuaes. — Ou os factos pelos e manifesta a intelligencia, reunidos por um commum r que permitte reduzil-os a um genero, dar-lhes o mesmo attribuil-os a uma faculdade unica; são todavia de diespecies.

chamos em nós mesmos muitas especies de pensamenantas são, quantas os diversos modos por que o espirito que é preciso conhecer, ou em outros termos — *facul-ntellectuaes.*

radas em nossas classificações, estas faculdades conquasi sempre no trabalho do espirito. Não ha uma só faça suppor todas as outras, e supprimida uma d'ellas, s outras ficariam paradas. Tal é a admiravel economia a constituição intelligente, tudo ahi se acha organisado velmente, como em uma machina perfeitamente con-; nada falta, nada superabunda, e cada elemento tem e sua funcção especial; é necessario a todos os outros para tudo.

das entre si nas relações da vida e por uma continua idade de serviços, as nossas faculdades intellectuaes confundem todavia. Ainda que não sejam mais que as tações variadas de uma faculdade unica e fecunda, a idade real de seus objectos, de suas operações e de seus tos exige que se descreva cada uma em separado.

cionaremos as principaes: a *concepção*, a *memoria*, a nação, a *inducção*, a *abstracção*, a *generalisação*, o *juizo*.

nto á *consciencia*, o seu dominio é egual em extensão ao las as faculdades intellectuaes, *tomadas* juntamente; seus

objectos são os objectos de todas e de cada uma; a experiencia tem o presente, a memoria o passado, e a inducção o futuro; os sentidos conhecem a materia, e a razão dirige-se a Deus; a consciencia tem tudo isso, abraça todos estes objectos, conhece tudo que é possivel ser conhecido. Ella é o pensamento mesmo, prendendo ora o ser limitado, ora o ser infinito; aqui as qualidades e os phenomenos, acolá as causas e as leis.

Todo o acto de intelligencia é uma modificação da consciencia, e a consciencia é o termo geral que designa o conjuncto das nossas forças intellectuaes.

Falla. — É a manifestação das ideias ou dos pensamentos pelos sons articulados da voz; proferir, pronunciar palavras é fallar.

Este vocabulo que tem presentemente uma grande extensão, applica-se, pelo menos no sentido figurado, a todo o facto, a toda a acção, a toda a realidade que, exprimindo uma idéia, sollicíta a attenção e se dirige directamente á intelligencia.

A falla só foi dada ao homem, rei dos outros animaes.

Uma ave que articula palavras não falla, porque esta articulação de palavras não emana do principio da palavra, é apenas uma imitação, que não exprime nada do que se passa no interior do animal, não representa nenhuma de suas affeições.

Tambem se falla por signaes (dactylologia).

Veja *Palavras*.

Falsi. — Veja *Prefixos*.

Familiares. — Dizem-se os termos ou as locuções, que se empregam na conversação; o discurso, a linguagem, o estylo, o genero, podem ser familiares.

O estylo familiar é o ordinario da conversação e das cartas familiares; ligeiro e versatil nos pensamentos, e menos castigado na dicção do que o estylo simples.

Tambem se diz familiar o genero de discurso que comprehende a *conversação*, a *pratica*, o *colloquio*, a *conferencia*, o *dialogo*; especies tão approximadas, que d'ellas pode dizer-se, o que das Nereides cantou Ovidio: *que, não tendo todas ellas as mesmas feições, deixam ver comtudo a parecença de irmãs.*

Familiares se dizem as cartas missivas de uso frequente, que são uma como imagem, ou transumpto da conversação ordinaria. Pedem estas, por isso, toda a naturalidade e singeleza; de geito que, como diz Hugues Blair, se veja n'ella o *homem*, não o auctor.

Fastos. — São narrações summarias de successos memoraveis, notando os dias em que succederam.

Com o nome de *Fastos* são conhecidas duas producções notaveis — os *Fastos de Ovidio*, poema vertido em portuguez por Castilho, formando uns verdadeiros annaes poeticos e legendarios da antiga Roma, e contendo preciosa noticia das antiguidades religiosas e da chronologia entre os romanos; — *Fastos da Egreja*, em que Rebello da Silva ostentou as bellezas do seu estylo magnifico.

Fechado. — Diz-se o valôr das vogaes puras, *â*, *ê*, *ô*, em *cada*, *sêde*, *ôvo*: e em todas as palavras em cuja pronunciação se notar aquella sensivel modificação do valor nominal das tres indicadas lettras.

Feminino. — Qualificativo que se dá ao genero opposto ao masculino.

São d'este genero os nomes dos individuos do sexo feminino, e os das cousas que o uso assim considera, taes são: *mulher*, *pomba*, *rosa*, *virtude*, *Martha*, *mana*.

Tambem o são por analogia ou ampliação os nomes das cousas que, na poesia, pintura e esculptura, se personificam em figura de mulher, como as *deusas do paganismo*, as *cinco partes da terra*, as *sciencias* e *artes*, as *virtudes* e os *vicios*, as *paixões*, as *qualidades physicas*, etc.

Veja *Formas dos nomes*.

Ferir. Fero. Ficar. — Veja *Desinencias*.

Ficção. — Invenção fabulosa de cousas só existentes na imaginação de quem as inventa.

Diz-se ficção poetica, agradavel, instructiva, etc.

A poesia épica, segundo *Boileau*, sustenta-se da fabula e vive pela *ficção*.

Fice. Fico. — Veja *Desinencias*.

Figura. — Dá-se este nome, não só á forma differente da usual que as palavras tomam pela alteração de suas lettras e syllabas, mas tambem a certas locuções que parecem contrarias ás regras da syntaxe. Ha portanto figuras de palavras e figuras de syntaxe, como ha figuras de rhetorica.

Consistem as figuras de palavras na alteração que estas soffrem por *acrescentamento*, *suppressão*, *mudança*, *separação*, *contracção* de lettras, ou *transposição* de vozes.

POR ACRESCENTAMENTO

Prothese no principio	*Epenthese* no meio	*Paragoge* no fim

POR SUPPRESSÃO

Apherese no principio	*Syncope* no meio	*Apocope* no fim

POR MUDANÇA

Metathese	*Antithese*

POR SEPARAÇÃO DE LETTRAS

Tmese	*Diérese*

POR CONTRACÇÃO DE LETTRAS OU SYLLABAS

Synérese	*Crase*	*Synalepha*	*Ecthlipse*

POR TRANSPOSIÇÃO DE VOZES

Systole	*Diastole*

Veja cada um d'estes artigos.

Consistem as figuras de syntaxe na *omissão* de palavras necessarias; no *acrescentamento* de outras; na *alteração* da disposição regular de outras.
Dá-se omissão por *Ellipse, Zeugma* e *Syllepse*.
Dá-se acrescentamento (redundancia) por *Pleonasmo*.
Dá-se alteração por *Enallage* (troca), *Anastrophe* (inversão), *Parenthese* (interrupção) e *Hyperbato* (transposição).

No usar de qualquer das seis primeiras figuras deve haver summa cautela, pois que o nome de *figura*, como desculpa ou attenuação de culpa, só é n'estes casos mascara lustrosa, com que se pretende encobrir um defeito muito real.

O uso geral de um povo altera no correr dos annos muitas palavras, por todos os seis modos indicados; do que seria facil amontoar exemplos. Todas essas alterações, depois de assim generalisadas, ficam sendo licitas até aos minimos escrevedores; mas adulterar por propria auctoridade uma palavra, accrescentando-a ou mutilando-a, é ousadia, que os mesmos

maximos, e mais idoneos para legislar vernaculi-
a terra, ou não tomam, ou só usam parcissimamente
apertos e com boas rasões para resalva.
res metrificadores são os que menos tomam taes li-
peiores inçam d'estes aleijões, enfeitados com o ti-
uras, tudo quanto escrevem. Bocage, de todos os
ificadores o mais delicioso e o que mais se deve,
netro, inculcar aos principiantes, como carta de guia,
issimas vezes se valeu d'esses recursos. Ferreira é
nossos metrificadores os mais duros e desastrados,
ssada sem aquellas muletas.

no: As figuras *Próthese*, *Epenthese*, *Paragoge*, *Aphé-*
pe e *Apócope*, consistindo em viciar as palavras, são
nte defeitos.
stas figuras é todavia admissivel nos casos em que,
e ser o escriptor o primeiro que emprega um voca-
rado, o recebeu já assim pelo costume geral, ou do
u tempo, ou dos poetas de boa nota.
ou o uso geral do fallar contemporaneo, ou o dos
oa nota, tem prevalecido, e a palavra é já mais co-
familiar na sua forma figurada, do que o seria no
vo e genuino ser, então o vicio e a virtude trocam
nomes; o figurado fica sendo o natural, e o natural

tambem das figuras do pensamento, que animam e
scurso, mas o seu emprego requer muito discerni-
uita prudencia, i. é: devem ser raras e empregadas
oposito. Estas são as figuras de rhetorica — *formas*
o com que o orador acrescenta com as palavras e com
á enunciação simples e logica do pensamento ideias
que o fazem mais vivo, interessante, pathetico ou agra-

isse que, quanto ao discurso, são estas figuras de
s utilidade: uma estatua inteira e de uma só peça
até á base com a cabeça direita sobre os hombros,
aços pendentes e os pés juntos não teria graça al-
eceria immovel e como morta; são as differentes
los pés, das mãos, do rosto, da cabeça, que varia-
a infinidade de maneiras, conforme a diversidade
tos, communicam ás obras da arte uma especie d'ac-
ovimento, e dão-lhes como uma alma e uma vida.
em no discurso o effeito das figuras, dispensadas a
procuradas em a natureza mesma do assumpto de
a; sem ellas, o discurso esmorece, cai n'uma espe-
tonia, e é quasi como um corpo sem alma; as figu-

periode e a ironia.

Accrescentaremos a estas ainda o
ção curiosa emprega algumas vezes
vam — *resposta, preterição, prolepse,*
ção, suspensão e *permissão:* entre a
hypotypose, aposiopese, e *ethopeia;* en
recção, e *anamnesis.*

Tratando no começo d'este artig
só tocamos em duas classes ou g
agora tres outras classes, tambem d
lavras, por dependerem inteirament
expressão, de modo que desapparec
sem que nem o pensamento, nem a
ração essencial; taes são: as figura
centamento de palavras; figuras q
cia, symetria e contraposição das m
As figuras por acrescentamento p
ber: *Reduplicação, Separação, An*
ploce, Anaphora alternada, Ploce, Ep
diplosis, Exergasia, Polysyndeton e
As figuras por diminuição de pal
por meio de subtracção de alguma
mais concisão e novidade ao discurs
especies, que são: *Ellipse,* tambe
Assyndeton e *Zeugma.*
As figuras por consonancia poden
o *Agnominatio* e *Antanaclasis.*

«Aos montes ensinando e ás ervinhas
«O nome, que no peito escripto tinhas.

va. — Assim denominada a invogal que precede dos verbos — *andar, fugir, vencer* — tem por fi- **l**, *g*, *c*; — nos verbos regulares nunca mudam as **ivas**; nos que, porem, se conjugam irregularmente, **zes**, por antitheses, substituidas por outras lettras s vozes, como se pode verificar nas observações **no fim** de cada exemplo para a conjugação dos **res** (segunda parte d'esta obra).

Veja *Ponto*.

– **Diz-se** finito o sentido de um periodo, quando **não** espera mais nenhuma palavra para o com-

lo finito o que comprehende os quatro modos pes- **bos** — *indicativo, condicional, imperativo* e *conjun-* **posição** ao *modo infinito* que pode ser pessoal ou **nossa** lingua.

–Veja *Monogramma*.

. — Dá-se este nome ás formas differentes que **ras** declinaveis.
encias, Terminações.

Mas ainda se requerem outras
paes:

1.º evitar o seguimento de mui
stanciaes ou restrictivos, e a superf
ção de demonstrativos, relativos e

2.º usar convenientemente das fig
thetos, e em alguns casos, como n
da concisão, que concentrando a ex
gica e penetrante.

3.º collocar no logar mais evident
as que mais importa inculcar, em ra
mais importante da phrase ou clau

4.º dispor as palavras e phrases
possivel, se dê ás palavras homol
dos logares, da importancia ou da
exprimem; se guarde para o fim o
extensão; e se não conclua por
pouco valor.

Forçados. — Dizem-se os pen
guagem que mais tem de pretensão
dade, ou por não terem estreita con
tratam, ou por não convirem á pe
longe com certa violencia, desagrad
cia.

Formação dos tempos. —
stituir as differentes flexões tem

;SENTE DO INFINITO formam:

›resente do indicativo, mudando as terminações *ar*, *er*,
Exemplo: *am*-ar, *am*-o; *dev*-er, *dev*-o; *applaud*-ir, *ap*-

imperfeito do indicativo, mudando *ar* em *ava*, *er* e *ir*
'xemplo: *am*-ar, *am*-ava, *dev*-er, *dev*-ia, *applaud*-ir, *ap*-

preterito perfeito, mudando *ar* em *ei*, *er* e *ir* em *i*.
›: *am*-ar, *am*-ei; *dev*-er, *dev*-i; *applaud*-ir, *applaud*-i.
futuro do indicativo, accrescentando *ei*. Exemplo: *amar*,
; *dever*, *deverei*; *applaudir*, *applaudirei*.
condicional, accrescentando *ia* ás tres conjugações.
›: *amar*, *amaria*; *dever*, *deveria*; *applaudir*, *applaudiria*.
particípio imperfeito, mudando o *r* final em *ndo*. Exem-
a-r, *amando*; *deve*-r, *devendo*; *applaudir*, *applaudindo*.
participio perfeito, mudando *ar* em *ado*, *er* e *ir* em *ido*.
o: *am*-ar, *amado*; *dev*-er, *devido*; *applaud*-ir, *applau*-

.ª PESSOA DO SINGULAR DO PRESENTE DO INDICATIVO formam:
presente do conjunctivo, mudando o *o* em *e* na 1.ª con-
, e em *a* nas duas outras. Exemplo: *am*-o, *am*-e; *dev*-o,
applaud-o, *applaud*-a.
imperativo, da maneira seguinte: a 2.ª pessoa do sin-
a 2.ª do plural formam-se das 2.ªˢ pessoas correspon-
do presente do indicativo, supprimindo o *s* final. Exem-
mas, *ama*; *amais*, *amai*; *deves*, *deve*; *deveis*, *devei*; *ap*-
, *applaude*; *applaudis*, *applaudi*.
outras tres pessoas do imperativo são similhantes ás —
oa do singular, 1.ª e 3.ª do plural — do presente do
tivo.

3.ª PESSOA DO PLURAL DO PRETERITO PERFEITO formam tres
s.
mais que perfeito do indicativo, supprimindo o *m* final.
lo: *amaram*, *amara*; *deveram*, *devera*; *applaudiram*,
dira.
imperfeito do conjunctivo, mudando a terminação *ram*
Exemplo: *amaram*, *amasse*; *deveram*, *devesse*; *applau*-
applaudisse.
futuro do conjunctivo, supprimindo a terminação *am*.
lo: *ama*-ram, *deveram*, *applaudiram*, ficam: *amar*, *de*-
plaudir.

tempos que acabamos de formar da 3.ª pessoa do plu-
preterito, podem formar-se da 2.ª pessoa do singular do
preterito, mudando a terminação *ste* em *ra*, no prete-

... ... differentes ideias qu
vos, quando os sujeitamos ás regı
substantivos.

Os adjectivos portuguezes têen
bos os generos, e se chamam *un*
frugal, *gentil*, *solemne*, etc., ou tı
concordancia com os nomes do g
os do feminino, e se chamam *bifo*
bom, *boa*; *portuguez*, *portugueza*, et

A forma feminina dos adjectivo
vê, em *a*; esta é a regra geral. M
do genero masculino terminar em
vm, conservará esta mesma forma
casual, *duravel*, *facil*, *peculiar*, *saga*
e tambem *só*.

Os terminados em *ão* conservan
nasal, como: *pobretão*, *pobretã*; *sá*
alguns mudam *ão* em *ona*: — *sabic*

Dos acabados em *or* são uniforme
exterior, *incolor*, *inferior*, *interior*, *n*
cor, *peior*, *posterior*, *superior*, *tricol*

Dos acabados em *ez*, são unifor
soez.

Os cardinaes *um*, *dois* e os multi
a *novecentos*, são biformes.

Alguns adjectivos, ditos pronomi
3.ª porem consideramol-a um verda
determinativos — *este*, *esse*, *aquelle*.

speita aos substantivos que são susceptiveis de
ma para cada genero, advertiremos apenas que
regularmente de um para outro genero, mudando
g.: *Francisco, Francisca; pombo, pomba; cantor,*

ı para cada forma uma significação, inteiramente
g.: *banho, banha; prato, prata; queixo, queixa.*
a, prata, queixa não são as formas femininas de
ueixo, posto que o pareçam.
ignando objectos da mesma natureza, têem para
na ideia particular; assim á masculina daremos
ão de maior altura, de maior largura, ao objecto
por esse nome, á imitação do que se observa com
dos nomes com que designamos os seres vivos;
a baga; o poço, a poça; o saco, a saca, etc.
rimem no masculino uma ideia de unidade, e no
n um sentido collectivo; v. g.: *fructo, fructa;*
narujo, maruja; etc.
n o feminino irregular; v. g.: *carneiro, ovelha;*
irasta; genro, nora; pae, mãe; homem, mulher;
co, ré, etc.
ar regras seguras ou certas para tanta variedade,
ica da lingua fará conhecer.

— Veja *Desinencias.*

Veja *For.*

ismo. — Veja *Gallicismo.*

itativos. — Dizem-se os verbos derivados uns
os, outros de adjectivos e outros de verbos, conhe-
rdinario pelos suffixos ou desinencias — *ear, egar,*
no: SALTEAR (de *salto* ou de *saltar*); FUMEGAR (de
umar); DOIDEJAR (de *doido*); DORMITAR (de *dormir*);
ção d'estes verbos exprime uma acção que se rei-

Desinencias.

des. — Dizem-se os fundamentos ou provas
inuteis e de pouco valor, vãs, ou sem importan-
ez; discursos, argumentos ou objecções frivolas.

---

terminados em *or* têem a forma feminina em *iz*; como:

Futuro. — Dá-se este nome em grammatica ao verbo que exprime uma acção, um estado por vir; que uma cousa será ou ha de ser como — eu *verei, tu vierem, terão feito, sereis obedecido*, etc.

Pode ser imperfeito ou perfeito; simples ou comp Veja *Perifrasticas*.

Em logica diz-se futuro contingente o que aconte xar de acontecer.

G

Setima lettra do alphabeto e 5.ª invogal, incerta.

Chama-se — *jêghê*, porque esta articulação vale elemento vocalisado, que se lê sem despegar a lingu giva superior, como em *gesto, fugida, geito, giro*, e simplesmente *modo*, que se lê sem *tom* nem *som*, cons lingua encolhida — *gh'*... lingual-guttural, como em *fi gula, grato*, etc.

Vale *j*, (proferivel), com *e* ou *i*, e *gh'* (improferivel) de qualquer outra lettra; assim para se escrever *guita, figueira, preguiça*, etc., é necessario, como se o *g* do *e* e do *i* com a interposição do *u*, que n'este não lê, de outra sorte ler-se-ia — *jerra, jita, fijeira*, Em rarissimos casos se lê o *u* intermeiado, como em *guinco*, e poucos mais.

Pode ser maiusculo *G*, ou minusculo *g*; este dobra gumas palavras, não sendo no começo d'ellas; mas isso, vale mais ou menos, tanto diz — *aggravo, exagg* — *agravo, exagero*.

Ha nomes em que esta lettra se não lê, como suce *gnal, Ignez, Ignacio*, em todas as vozes dos verbos *assignar*, etc.; lê-se porém em — *cognome, prognostic fragmento, pygmeu, maligno*, etc.

Diz-se um *jêghê*, este *jêghê*, o *jêghê*, juntando ao s terminação vocalisada — *ê* — para ser indicado, como zemos; é do genero masculino, como todas as lettras beto.

Gallicismo ou **Francezismo.** — É o nome a qualquer palavra, phrase, ou construcção, que, vin cez, desdiz do nosso usual ouvir e fallar.

Dizem-se gallicismos reprehensiveis os termos e lo nos trazem, ou arrastam da lingua franceza para sul repellir os que temos da nossa com a mesma acce mais energia, e muito mais bem soante.

O gallicismo de palavra ainda em alguns casos p

missivel. Muitos vocabulos são já hoje portuguezes, que eram exclusivamente francezes, não ha muito. O que em relação a elles se pode estabelecer por doutrina mais sã, e que melhor conforma com a pratica dos nossos bons escriptores, é que se não vá buscar dicção franceza que diga o mesmo, e ás vezes menos que outra, que pertença legitimamente ao nosso vocabulario.

Veja *Neologismo*.

Na construcção e contextura do periodo evitem-se ainda com mais cuidado os gallicismos, tomando-se por modelos os nossos classicos, e respeitando-se as regras da boa grammatica.

Apontaremos alguns gallicismos escusados ou feios.

Detalhes em vez de — *pormenores*, *particularidades*.

Chefe d'obra em vez de — *obra prima*, *primor d'arte*.

A sciencia a mais universal por — *a sciencia mais universal*.

Confeccionar leis, *regulamentos*, etc., em vez de — *redigir leis*, *fazer regulamentos*, *formular*, *escrever*, etc.

Confeccionar, ou antes *confeiçoar*, em bom portuguez, é fazer confeições, que são as preparações medicinaes que se manipulam nas boticas.

Confeccionar, empregado em differentes phrases, taes como:

«nomeou-se uma commissão para *confeccionar* a lei;»

«já se *confeccionou* o regulamento;»

«o architecto está *confeccionando* o plano da obra;»

«os productos d'esta fabrica são bem *confeccionados*;»

e em outras que taes é não só gallicismo, mas disparate de marca maior.

Todas estas *confeições* serão muito doces e saborosas para certos paladares, mas repugnam e amargam ao gosto portuguez.

O nosso modo de dizer é: *Fazer* leis, *redigir* leis, *escrever* leis ou *legislar*.

Já se *formulou* o regulamento.

O architecto está *traçando* o plano.

Os productos d'esta fabrica são bem *trabalhados*.

Em fim, quasi tudo o que os gallicistas designam pelo verbo *confeccionar*, se explica em bom portuguez pelos verbos *fazer*, *formular*, *compor*, *organisar*, *traçar*, *riscar*, *fabricar*, *produzir*, *delinear*, *idear*, e outros muitos.

De resto em vez de alguma das conjuncções adversativas ou locuções equivalentes.

Ter logar em vez de *realisar*, *effectuar* ou *effeituar*, *occorrer*, *succeder*, *acontecer*, *haver*, *celebrar*, etc.

Garantir, tambem o julgamos superfluo, porque temos em vez d'esse, tomado do francez, muitos com a mesma accepção; v. g.: *affiançar*, *abonar*, *assegurar*, *preservar*, *acautelar*, etc.

Soffrer, como synonymo de *padecer* fallando-se de pessoas, é um gallicismo: padecer é sentir alguma enfermidade, dor, fome,

trabalhos, necessidade, incommodo, desgosto, damno, dor em fim qualquer mal physico ou moral. *Soffrer* é supportar dos estes males com paciencia, resignação, animo, cara alegre sem queixumes ou gemidos.

De sorte que ha padecer sem soffrer, mas não pode haver soffrimento sem padecimento.

Quando dizemos, fulano soffre do peito, asseveramos cousa que talvez ignoramos, ou que não seja verdade, porque elle pode padecer do peito, mas não causar soffrimentos a doença. Por isso devemos dizer, para não errar—padece do peito.

«A caridade é paciente e soffrida nas tribulações.»

Quando o verbo *soffrer* se emprega em accepção translata ou figurada, então se usa muitas vezes sem perigo de gallicismo.

Partilhar na accepção neutra ou intransitiva, tomado do verbo francez *partager*, que tem as duas naturezas, como muitos dos nossos. *Partilhar* entre nós é activo unicamente, que para a acção intransitiva temos o verbo *participar*.

N'estas locuções, que até em diplomas officiaes se lêem: o governo *partilha as ideias do illustre deputado; partilhar o sentimento publico; partilho a mesma opinião; partilhar as mesmas doutrinas, os seus pezares, as suas alegrias*, ha gallicismos vergonhosos. Em bom portuguez deve dizer-se: *participo* do sentimento publico. *Participo da* mesma opinião, *dos seus* pezares, *das* suas alegrias, etc., i. é, tomo parte n'ellas.

Logo que amanheceu e que foi dado o signal da partida, etc. por — *logo que amanheceu e foi dado*, etc.

Isto sendo assim, não admira que elle fosse mal succedido, por — *sendo isto assim não admira*, etc.

Peço-te de guardar segredo, por—*peço-te que guardes segredo*.

Que saiba todo o mundo que eu estou innocente, por—*saibam todos que estou innocente*.

Elle me tem dado a sua palavra de vir passar em minha companhia alguns dias, por—*Elle me deu a sua palavra que viria* etc.

É por isso que eu me resolvi, em vez de —*por isso é que me resolvi*.

Mais observo, mais cresce a minha curiosidade, por —*quanto mais observo, tanto mais cresce*, ou *tanto maior é a curiosidade*, etc., etc.

Veja *Solecismo*.

Bom serviço prestou á nossa lingua o douto cardeal D. Francisco de S. Luiz no seu *Glossario das palavras e phrases da lingua franceza, que por descuido, ignorancia ou necessidade se têem introduzido na locução portugueza moderna;* enganou-se porem em muitos pontos o illustrado philologo, rejeitando com

espurios muitos vocabulos que não são intrusos, pois têem legitima posse, conferida pela adopção e uso dos doutos, e omittindo muitos dos que se devem repellir, de sorte que os principiantes, em não vendo ahi taxado de gallicismo algum vocabulo de que querem usar, julgam-no adoptado.

Assim não ha guia seguro para escrever limpamente em portuguez; não temos diccionario que aponte os neologismos adoptaveis, nem um bom vocabulario de gallicismos; mas temos varias selectas, onde os que querem escrever com pureza e correcção, podem achar mananciaes de boa linguagem, quando lhes seja difficil a acquisição de obras completas dos nossos classicos.

Os gallicismos que de necessidade havemos de receber no peculio da nossa lingua, para exprimirmos ideias e cousas novas, devem perder essa designação, que é odiosa pelo mal que tem causado ao nosso idioma, e tomar a denominação generica de neologismos.

Mas aquelles que em vez de nos opulentar e aclarar a linguagem, a esterilisam, remendam e obscurecem, devem conservar essa nota, para os evitarmos, para os reprehendermos nos escriptos alheios, e expungirmol-os dos nossos.

Gamo. —Veja *Desinencias.*

Gastrio. —Veja *Desinencias.*

Gastro. —Veja *Prefixos.*

Geneo. —Veja *Desinencias.*

Genero. — Propriedade que tem o nome de designar o sexo real ou ficticio dos seres ou dos objectos que representa.

Os generos são: *masculino* e *feminino.*

Ha substantivos que se denominam *communs de dois*, outros *sobre-communs* e outros *epicenos* [1].

O genero conhece-se principalmente pela significação e pelo uso, e tambem pela terminação.

Ha nomes que, embora conservem a mesma terminação, variam comtudo de genero conforme a accepção em que são tomados; assim *capital*, significando dinheiro, valores, é masculino, significando cidade principal, é feminino; — *lente*, na accepção de professor, é masculino; como instrumento d'optica, é feminino, e assim — *espia*, *guia*, *guarda*, etc.

Não se podem portanto fixar regras geraes para se conhecer

1 Veja cada um dos artigos compostos em typo italico.

o genero dos nomes pela sua terminação, visto que essa
porventura se fixassem, soffreriam quasi outras tantas e
ções, e em taes casos melhor é aconselhar como guias se
o trato dos que bem fallam, o estudo dos que bem escrev
consulta e a lição de diccionarios auctorisados.
Veja *Formas.*

Tambem se dá o nome de genero á divisão de uma esp
lidade qualquer no discurso, ou nas composições; assin
exemplo, diz-se genero a differença do estylo, que pode
familiar, epistolar, didactico, descriptivo, historico, ora
narrativo, elegiaco, epico, epigrammatico, dramatico, l
simples, sublime, laudativo, panegyrico, pastoril, etc., que
prosa, quer em verso.

Genethliaco. — Diz-se o discurso, composição ou o
poetica, relativa ao nascimento de uma pessoa. Discurso
licio.

Genia. —Veja *Desinencias.*

Genio da lingua. —Veja *Latinismo.*

Geno. —Veja *Desinencias.*

Gentilicos. — Assim chamados os adjectivos deri
do nome da nação, região ou paiz a que alguma pessoa ou
pertence; como *asiatico*, pessoa ou cousa da Asia; *portu*
pessoa ou cousa de Portugal; *italiano* de Italia, *brasilei*
Brazil, etc.
Estes adjectivos carecem de graus de significação, post
sejam qualificativos.

Genuinos. — Dizem-se termos genuinos; traducçã
nuina, i. é, pura e correcta. É genuino o sentido, o ent
mento de algum texto, quando é verdadeiro e proprio, ou
e vernaculo.
Veja *Vernaculidade.*

Geo. —Veja *Desinencias.*

Geraes. —Veja *Collectivos.*

Gero. —Veja *Desinencias.*

Gerundio. — Dava-se este nome a uma voz inva
do infinito dos verbos, que hoje se confunde com o part

do presente ou imperfeito, denotando a acção, ou o attributo com relação ao presente ou como actual.

Costuma servir de accessorio ás palavras a que se refere, ou se resolve em orações circumstanciaes de tempo, modo, etc.

Os classicos empregavam este tempo muitas vezes régido da preposição *em*. Exemplos: *em querendo* (ou em tu querendo) *podes começar;* i. é, *quando queiras* ou *quando quizeres. Mandou ordem que,* em vendo *o inimigo, accommettesse;* aqui denota celeridade; equivale dizer — *assim que,* ou *logo que visse o inimigo. Terminou finalmente o regosijo* durando *as festas oito dias.* Veja *Partecipio.*

O emprego da preposição *em* antes do partecipio ou gerundio tambem denota momento determinado, tempo restricto.

O gerundio dos verbos auxiliares *estar, andar, ir, vir,* precede sempre o gerundio dos outros verbos; v. g.: *estando dormindo, andando aprendendo, indo marchando,* etc. Este segundo gerundio pode ser substituido pelo infinito do respectivo verbo, precedido de preposição, e dizer-se: *estando a dormir, andando a aprender,* etc.

Chamaram os grammaticos gerundios aos casos do infinito nas linguas que eram susceptiveis d'essas variações, e visto que o infinito dos verbos podia servir de complemento a um nome, a uma preposição e a outro verbo, devia ser susceptivel da variação dos casos, n'essas linguas em que os nomes os admittiam, como na lingua latina. Do ablativo latino trouxeram o gerundio portuguez, e de facto o parece, significando qualquer das circumstancias proprias d'aquelle caso latino, como: *tempo, causa, modo,* etc.; mas que, no sentir da maioria dos nossos grammaticos, deve tomar a designação de *partecipio;* e rasão têem, porque, para as funcções do gerundio ou casos do infinito, temos o mesmo infinito regido de differentes preposições, como é tão facil de formar em portuguez; exemplos:

Do genitivo .. { desejos *de estudar* / vontade *de sair* / saudades *de* a *ver* }

Do dativo .... { oppor *ao soffrer* resignação / está *a partir* / esteve *para morrer* de dor }

Do accusativo. { recolheu-se *a orar* / come *para viver* / não vivas *para comer* }

Do ablativo... acabou *por conceder,* etc.

Donde se vê que o gerundio e o supino desappareceram das grammaticas modernas, confundidos com as formas do infinito.

Gesto. — No sentido particular em que definimos este vocabulo, é a conformação dos movimentos do corpo, e principalmente dos braços e das mãos, com a manifestação dos nossos pensamentos, sensações e impressões por meio de palavras (vozes), auxiliadas pelos gestos.

Os gestos concorrem pois com os movimentos do rosto, para se exprimirem os movimentos da alma, e para que a linguagem se torne mais insinuante.

De todas as artes liberaes era a arte do gesto a que os antigos mais estudavam e praticavam; todavia não deve ser empregada a gesticulação em excesso, para se não cair no ridiculo.

Veja *Voz*.

Glosa. Glosar. — Chama-se *glosa* a poesia em que o poeta discorre sobre o assumpto de algum *mote*; e *glosar* é discorrer em verso sobre algum assumpto dado em um mote, e na mesma medida, com os mesmos versos, ou verso do mote, servindo este de ultimo fecho á decima, oitava ou soneto em que se glosa o mote. Exemplo:

MOTE

Tocando n'uma sanfona.

GLOSA

«Cupido, tempo ha de vir
«Em se acabando os patetas,
«Que não hão de as tuas setas
«Nem penetrar nem ferir;
«Inda te hão de vir cobrir
«De grossa e parda japona!
«E tua mãe fanfarrona,
«Que dirá vendo-te então,
«Roto e cego atraz d'um cão,
«*Tocando n'uma sanfona?*

O Bispo de Beja, D. Fr. Manuel do Cenaculo Villas Boas, de saudosissima memoria, varão preclarissimo em lettras e virtudes, apreciava muito os improvisos dos nossos vates campezinos, de cujos certames poeticos e jogos de espirito scintillam ás vezes pensamentos finos e delicados, ideias sublimes que maravilharam então o santo prelado, e ainda hoje assombram os finos apreciadores da verdadeira poesia, quando logram a ventura, já mui rara, de os ouvir. Consta que o digno Bispo tendo noticia de que proximo de Baleizão havia um pastor, notável entre os

seus collegas pela facilidade com que poetava, o chamara á sua presença, e lhe experimentara o estro, dando-lhe este mote :

Nós ambos somos pastores !

O camponez respondeu :

Senhor meu, batei as palmas,
Que nós não somos iguaes !
Vós sois o pastor das almas,
E eu cá pastor dos animaes :
Passo frio, soffro calmas,
Sinto do tempo os rigores ;
Vós brilhais entre os doutores,
Servindo aos sabios de exemplo :
Eu no prado, vós no templo,
Nós ambos somos pastores.

Veja *Decima.*

Gnomas. — Resumo de muitas verdades moraes, enunciadas em mui poucas palavras.

Sentenças destacadas e concisas, em que se consigna o resultado da experiencia moral de homens eminentemente eruditos.

Confunde-se com a *Maxima*, de que é *synonymo.*

Eis algumas gnomas que se podem tomar como maximas moraes :

A cortezia é um laço que prende as vontades.

Dirás todas as cousas más, se disseres ingrato.

Querer é poder.

Admire-se o guerreiro nos combates, o piloto na tempestade, a virtude nos revezes.

Não se metta a governar os outros, o que não sabe governar-se a si, etc.

A gnoma é propria para confirmar o que se prova e para dar graça ao discurso.

Consideradas em quanto ao seu objecto, as *gnomas* podem ser relativas a *cousa* ou a *pessoa ;* em quanto ás partes de que constam, são *simples* ou *compostas ;* em quanto á forma, *figuradas* ou *não figuradas ;* em quanto á sua extensão, *communs* ou *apropriadas.* Exemplos :

relativa a COUSA — *A posse é o tumulo do desejo.*

relativa a PESSOA — *O sabio tem vergonha dos seus defeitos, mas não tem vergonha de corrigil-os.*

GNOMAS SIMPLES DESACOMPANHADAS DA SUA RASÃO — *O despreso faz morrer a maledicencia,*

DITAS ACOMPANHADAS DA SUA RASÃO — *Não te contentes de ser virtuoso conforme a lei ; porque ella não pode dizer tudo.*

Gnosia, Gnose, Gnosis. —V

Gongorico. — Diz-se o estylo qu
gorismo.

Veja *Gongorismo.*

Gongorismo. — Especie de affe
masiado e singular, que se introduziu
pela imitação do estylo de Luiz de Go
do seculo XVI.

O estylo de Gongora, a que tambem
ou *cultismo,* caracterisa-se por uma
guindada e pretenciosa em que, á força
gens novas e expressões empoladas, se
descair no grotesco empertigadamente

O *cultismo* pronunciou-se propriament
entre poetas e prosadores do nosso paiz
a eschola hespanhola.

Segundo Lope de Vega o Gongorismo
principal fundamento o *transpor,* i. é, col
longe dos substantivos que quasi escapa
relações, e esta circumstancia junta aos
pensamentos alambicados, metaphoras de
novas ou usadas em sentido novo, o torn
curo e difficil de entender.

O proprio P. Antonio Vieira se deixo
da época ...

Gono. — Veja *Desinencias.*

ção. — **Figura** de pensamento em que, por meio de s successivas, se apresentam as ideias progredindo emente, que a seguinte exprime constantemente al. mais ou menos que a precedente, até á ultima, que rte ou a mais fraca de todas, conforme a progresndente ou descendente. Ex.: *as necessidades, os deixões, perseguem o coração do homem.*

a, tão aspera, tão injuriosa coisa é um — não : — ssidade, dura ; para a honra, affrontosa ; para o mensoffrivel.

enio pode levar-nos á impaciencia, da impaciencia á olera ao arrebatamento, do arrebatamento á violencia, a ao crime ; e por esta gradação vai-se da cama ao

apresentadas *por gradação* as imagens, os sentias paixões, se descrevem ou pintam com arte desde ço, encarecendo successivamente o seu progresso, a a sua extensão, etc.

ma. — Veja *Desinencias.*

matica. — É a arte de fallar e escrever correcta. a lei a que o discurso deve a sua pureza, como á loa sua precisão, e á rhetorica o seu embellezamento. lo-a, porem, com os nossos melhores grammaticos, didisciplina que trata dos principios geraes da linguaiderada como expressão verbal do pensamento.

se em geral e particular.

matica geral ensina os principios communs a todas

matica particular ensina as regras para entender, erever correctamente uma lingua.

matica portugueza é pois o tratado dos preceitos que m, quando se falla ou escreve a lingua portugueza.

es de que consta este tratado são 4 : *etymologia, synodia* ou *orthoepia*, e *orthographia.*

dividem a grammatica em :

gia, comprehendendo — *lexicologia* e *syntaxe* — i. é ; de bem fallar ; e

aphia, i. é, a maneira de bem escrever.

utros a dividem em :

gia ou phonetica, i. é : tratado dos sons ; comprehen*thoepia* e a *orthographia.*

gia, i. é : tratado das formas.

SYNTAXE, i. é: a maneira de combinar entre si
palavras, para a correcta expressão das ideias e cab
ção dos juizos; e

SEMIOLOGIA, i. é: o estudo das diversas funcçõe
vras.

N'este *viveiro* escolham os estudiosos as melhor
e façam d'ellas arvores frondosas, a cuja sombra
esta sciencia, que tambem o é, emquanto se occup
mentos das linguas, e emquanto fornece regras ce
ceitos fundamentaes, a que praticamente deve obed
se propõe fallar e escrever sem erros.

Fallando, explicamos os nossos pensamentos po
mas, como estas voam *(verba volant)*, foi necessario
aos outros os nossos pensamentos por caracteres
é, duraveis e permanentes *(scripta manent)*.

A grammatica ensina duas cousas principaes rel
a estes caracteres: a 1.ª o que elles são por sua na
como sons e caracteres; a 2.ª o que representam p
gnificação, i. é: a maneira por que nos servimos d'
pressão dos nossos pensamentos.

Quaesquer que sejam os termos de que se sirva
rentes povos, terão sempre de manifestar percepç
raciocinios; hão de necessitar de palavras para e
objectos de suas ideias, suas modificações, suas c
precisarão de tornar sensiveis os differentes pont
sob os quaes tiverem considerado todas essas cousa
sidade obrigal-os-á muitas vezes a empregar termo
vos e geraes, até para exprimir individuos, e conseg
não poderão dispensar palavras determinativas, q
jam a significação muito vaga das primeiras.

Em todas as linguas ha de haver proposições co
jeitos e seus attributos; termos cujo sentido incom
um complemento, um regime; emfim todas as lingu
narão indispensavelmente sua marcha ás leis da an
do pensamento; e estas leis são invariavelmente
em toda a parte e em todos os tempos, porque a na
maneira de proceder do espirito humano são esse
immutaveis.

Ha pois de haver principios fundamentaes, comm
as linguas, cuja verdade indestructivel é anterior
convenções arbitrarias ou fortuitas, que deram orig
ferentes idiomas.

Mas percebe-se bem que nenhuma palavra pode
essencial de nenhuma ideia, e que só o pode ser po

...to particular, ou que as derogue inteiramente. ...ultam a possibilidade e a origem das differentes ... foram, são e hão de ser falladas sobre a terra.

...atica admitte pois duas especies de principios, uns ... verdade immutavel e de um uso universal; pren... natureza do proprio pensamento; seguem a sua ... seu resultado; outros só têem uma verdade hypothe...ndente das convenções livres e mutaveis, e só estão ... povos que as adoptaram, sem perder o direito de ...m de as abandonar, quando o mesmo uso as quizer ...u prescrever.

...iros constituem a *grammatica geral;* os segundos ...to de diversas *grammaticas particulares.*

...matica geral é pois a sciencia philosophica, acom... reflexões sobre os principios immutaveis e geraes ... fallada e escripta; uma grammatica particular oc... instituições arbitrarias e usuaes de uma lingua

...matica, seja de que lingua for, tem dois fundamentos: ...rio e a syntaxe.

... palavras de uma lingua são outros tantos signaes ... compõem o vocabulario ou o diccionario; mas como ...que as ideias tenham seus signaes, pois que as não ...as isoladas e cada uma em particular, visto ser ne...llocal-as em relação umas com outras para d'ahi se ...juizos, imaginaram-se meios de marcar-lhe as dif-

A relação de determinação é o fundamento do regim
exige tal ou tal determinação, conforme a distancia do
nas linguas que os têem, ou fixa o logar da palavra n'a
que os não têem, como o portuguez, o hespanhol, o franc
Os principios geraes e particulares das linguas são e
nas grammaticas; mas as boas grammaticas são raras

Grammatica comparada. — Expressão q
para designar o estudo comparativo das differentes lin

Grammaticaes. — Tomam esta denominação:
regras, os principios, os estudos, etc., respectivos á g
tica; 2.º as syllabas que entram na composição de u
vra, e cuja pronunciação é contavel e mais distincta q
syllabas metricas; 3.º as differentes partes elementar
curso, que se sujeitam á analyse, i. é: *substantivo*,
artigo, pronome, partecipio e *verbo* (variaveis); *prepo*
verbio, conjuncção e *interjeição* (invariaveis); 4.º os
ou varias formas que tomam as terminações das pala
riaveis.

Grammatical. — Diz-se a analyse das pala
trata de sua natureza, origem, accidentes, funcções, et

Grandes. — Veja *Hendecasyllabos.*

Grandiloquo. — Veja *Sublime, Epico.*

Graphe, Graphia, Grapho. — Veja *Desin*

Graus de significação. — Dizem-se os vari
de exprimir a differença relativa das propriedades,
des das cousas ou pessoas. São 3 nos adjectivos: —
ou normal, *comparativo* ou medio, e *superlativo* ou ext
rio —; e 2 nos substantivos e tambem nos adjectiv
gmentativo e *diminutivo.*

Carecem de graus de significação:

1.º os determinativos com excepção unicamente de
muito, pouco — que algumas vezes, ainda que raras,
tram no superlativo — *mesmissimo, muitissimo, pouq*

2.º os derivados, taes como: — *argenteo, celeste, ig*
fero, elvense, etc.[1]

3.º os que significam estado ou condição, como: —
morto, casado;

[1] Por excepção diz-se — *portuguezissimo.*

ıes terminados em *or*, *ora*, como: — *salvador*, *dor*; mas, sendo meros qualificativos, podem re- le significação, como: — *mais obsequiador*, *muito* tc.

's adjectivos, alem do comparativo e superlativo mais bom, muito bom, mais mau, muito mau, egulares de origem latina, como aqui se vê:

Comparativo	Superlativo
Melhor	Optimo
Peior	Pessimo
Maior	Maximo
Menor	Minimo
Superior	Supremo ou summo
Inferior	Infimo

os tambem são susceptiveis de graus de significa- diz-se: — *mais*, *menos* ou *tão gravemente*, *perfeitis-* .*elhor*, *peior*, etc. Estes adverbios servem de esta- relação de superioridade, de inferioridade ou de . g.: *João escreve melhor*, em vez de *mais bem*, ou z de *mais mal*; ou em vez de *melhormente*, *peior-*

— Diz-se grave a vogal *e*, quando tem valor iden- se nota proferindo as palavras — *desusado*, *pedi*,

e *graves* as palavras que têem por penultima syl- *nda*, e por ultima uma breve, como: — *primavera*, *jas*.

maioria dos vocabulos portuguezes são graves; s palavras são as ultimas dos versos, estes cha- *es*; d'aqui vem que em todas as medidas os ver- ão os mais faceis e obvios, e os mais constante- los por todos os poetas. Por esta mesma rasão tal- a cadencia, de uma *longa*, seguida de uma *breve*, se o nosso ouvido anda mais affeito, até na prosa, verso grave, o mais digno do seu nome, o menos o mais decente, ou unico decente para os assum- s, tragicos, philosophicos e didacticos; pelo menos e posse immemorial d'estas e de quantas materias sia mette em si.

atureza e estructura prestam-se excellentemente graves á fluidez, que é propria do estylo narrativo, o discurso se deslise e corra, sem a cada passo

esbarrar, nos tropeços, que lhe põe a accumulação
vras agudas, que são principalmente as que se demo
tardam o proseguimento. — Eis um trecho que prova
um longo seguimento de palavras graves contribue
ao estylo esta fluidez de que acabamos de fallar,
certo tom natural e de simpleza, que muito convem a
assumpto narrativo:

«Já no largo oceano navegavam,
«As inquietas ondas apartando.
«Os ventos brandamente respiravam,
«Das naus as velas concavas inchando;
«Da branca escuma os mares se mostravam
«Cobertos, onde as proas vão cortando
«As maritimas aguas consagradas,
«Que do gado de Proteu são cortadas.

«Quando os deuses do Olympo luminoso,
«Onde o governo está da humana gente,
«Se ajuntam, em concilio glorioso
«Sobre as coisas futuras do Oriente;
«Pisando o crystalino ceo formoso,
«Vêem pela via lactea juntamente,
«Convocados da parte do Tonante
«Pelo neto gentil do velho Atlante.

Ou como na seguinte descripção da mais profunda

«Vereis a um d'estes, quando ainda se conta no n
vivos, descorado, pallido, macilento, myrrhado, as fa
das, os olhos encovados, as sobrancelhas caidas, a ca
rubada para a terra, e a estatura toda do corpo e
acanhada, diminuida...»

Grecismo. — Diz-se a phrase, locução ou idio
mittido da lingua grega, a que tambem se deu o no
lenismo.

O nosso antiquario André de Resende pôde encont
gua portugueza muitos vestigios da grega — voca
phthongos, e até os mesmos artigos fazendo parte i
de palavras nossas, chegando algumas vezes a enco
vocabulos proximamente de origem hellenica[1].

Gutturaes. — São assim chamadas as duas ar

1......Adeoque verum est Græcæ originis multa in Hispania v
tigia, ut etiam linguæ complura et vocabula, et Hellenismi
phtongi ipsique etiam additi nominibus articuli, eorumque u
sit et custodiatur. Aliquando curiositatis studio, atque animi ca
sus sylvam collegi vocabulorum fere quingentorum, cum sua d
ex Græco relictorum, quæ, etc.

s linguaes — *g*, *q* — não estando a primeira junta
· então é proferivel toante como o *j*.

— Veja *Desinencias*.

H

tra do alphabeto, quinta invogal, certa, quando
m as articulações *l*, *n*, *p*, *r*, *t*; incerta com o *c*. Não
om signal etymologico, servindo algumas vezes de
; *ha*, *has*, vale accento, lê-se como *á*, *ás*: em *haver*,
ndo muito, valer uma pallida modificação da aspi-
que os latinos proferiam o seu *habere*; em *heroes*,
o e é ao mesmo tempo signal etymologico — *eroes*,
os proferiam *héroes*, aspirando o *h*.
palavras começadas etymologicamente por *h*, deixa
vogal de ser lida mais ou menos fortemente. Com
observa-se esta mesma regra.
· *agá*, e diz-se *h* minusculo, este *H* maiusculo, etc.
o ás vogaes, não exerce sobre ellas outra influencia
quella que ficou indicada. Applicado ás invogaes *l*,
lespreza-se; com as invogaes *n*, *l*, *p*, forma os va-
e notam nas palavras — *ganhe* (nhe),[1] *ralhe* (lhe),

tem dois valores *som* e *modo*: o primeiro é frequen-
, como em *chá*, *cheiro*, *chilo*, *cachorro*, *chuço*; o se-
is raro — *q*, como em *machina*, que se lê, *maquina*,
isma, *monarcha*, etc.

mia. — Dá-se em litteratura este nome ao som,
musical do estylo, que é o resultado da boa esco-
sição das palavras no discurso, ou ao conjuncto das
que tornam o discurso agradavel ao ouvido e ao es-

ipaes vicios a ella oppostos são: o *hiato*, o *caco-*
, e o *hyperbato vicioso*.
s vicios tornam-se bellezas, quando as palavras se
com o fim de imitar a natureza; v. g.:

.... Leões horridos
Rugem: 'strugem-lhe insolitos ouvidos;
Repetem-lhe o rugido alpestres rochas.

---

us derivados lêem-se *anelo*, *anelito*, *anelar*, *anelante*, etc.
harmonico, e outros começando pela particula privativa *in*,
inherente, *inhumano*, (inabil, inerente, inumano, etc.)

Comprehende duas partes — *melodia* e *numero*.

Não pode haver mais que duas especies de harmon tylo : a que imita os phenomenos da natureza, e a q os sentimentos ou as paixões.

Ha em alguns periodos de Herculano, de Latino C Rebello da Silva, uma harmonia tão agradavel, que melhores versos se encontra.

E este encanto desconhecido e inexplicavel, que co grande merito de muitos versos e trechos de prosa, não contêem senão ideias communs, é o effeito da just nia, tanto dos sons, como dos compassos, dos vocabu phrases.

Hellenismo. —Veja *Grecismo*.

Hemistichio.—Tem este nome aquella metade do verso (heroico ou alexandrino), em cujo final se fa repouso ; v. g. :

Pobreza eu te agrade | ço o *honrado velho diz*.
....

Veja *Cesura*.

Hendecassyllabos. — Assim denominados de onze syllabas, e tambem *grandes*, *italianos*, e por a sia *heroicos*.

São de apreciavel formosura, e de sufficiente grand abranger pensamentos, e susceptiveis de grande vari

Admittem-se duas disposições de accento: na 6.ª e 4.ª, 8.ª e 10.ª A primeira d'estas combinações torn grave e valente, a segunda fal-o suave e affectado, taes versos são denominados *hendecasyllabos saphicos*

As armas e os *varões* assigna*la*dos

Nise for*mo*sa como as *graças* *pu*ras.

Os versos hendecassyllabos empregam-se em assu bres e elevados, e sempre que se narram acções me interessantes como na epopeia.

Hermeneutica. — É a arte que nos ensina a tar o verdadeiro sentido das palavras, ou das opiniõ tros.

Para se interpretar o sentido genuino dos textos, rio recorrer ás regras fundamentaes da boa interpret presente as da analyse e as da critica.

:o. — Diz-se o poema que se distingue do épico — gir uma acção tão importante; em não ser tão rigo- obrigado á lei da unidade d'acção e d'agente; em não lhoso, ou só o admittir passageiramente, para real- a situação interessante. Tiradas estas differenças, geral as mesmas leis do estylo.

-comico. — Diz-se o poema, que para tornar mais na acção risivel, a narra com o apparato da epopeia. por isso costumes e caracteres viciosos e ridiculos atyrisar; e no mais segue leis analogas ás do poema ; na intervenção do maravilhoso, que vai buscar a r entes sobrenaturaes, preferindo os mais comicos. e qualquer forma metrica, e até a mistura de versos s. O seu estylo é uma travessura e zombaria con- levando-se o poema por momentos á pompa épica, e indo de repente no comico proprio do assumpto. *ope* do nosso poeta Antonio Diniz da Cruz e Silva ionacriense — nome arcadio), é o mais notavel poema ico da lingua portugueza, e um dos mais notaveis aturas europeas; ninguem melhor que Elpino soube ridiculo até á immortalidade. ro heroi-comico foi tratado com um grande exito no *Don Quichote* do grande Cervantes.

ico-quebrado. — Denomina-se assim o verso de e, que pode ter os accentos na 1.ª e na 6.ª, ou na 2.ª ou na 3.ª e na 6.ª, ou na 4.ª e na 6.ª e vê, admittem estes versos muita variedade na col- o primeiro accento, pois que este pode achar-se col- sde a 1.ª até á 4.ª syllaba; porem os mais harmonio- que têem accento na 4.ª e 6.ª e depois, aquelles que a 3.ª e 6.ª Exemplo:

«Salve, florinhas simplices
«Que em dita me igualais,
«Bellas sem artificios,
«Felizes sem rivaes.

o. — É a figura que resulta da dissonancia na pro- successiva de vogaes longas, ou de diphthongo com emplos: *vou á aula. Mandaram-o buscar. Mandou-o A cubiça dá azo ao furto.* s nos seguintes casos deixam de ser vicios, e são belle- ando pela *synalepha* se elide a vogal anterior; 2.º los hiatos se deu á phrase um som mais cheio e, por proprio para exprimir a grandeza do objecto: 3.º r meio d'elles se pinta a difficuldade da acção; 4.º

quando em um discurso singelo, como o dialogal e o epis
os hiatos deixam ver um não desagradavel desleixo de u
mem occupado mais dos pensamentos que das palavras.

Hieroglíphicos. — Caracteres symbolicos de q
serviam os antigos, principalmente os egypcios, para f
uma linguagem mysteriosa e sagrada, só conhecida dos s
dotes e dos sabios.

Pintura emblematica e significativa de conceitos, com
o são as palavras escriptas, em uso em todas as naçõ
mundo, afim de por este meio se transmittirem á poste
sentenças e pensamentos representados em figuras.

Os hieroglificos, dizem a maior parte dos sabios, nã
discursos, mas signaes astronomicos que indicam a marcl
astros, e a dos planetas no decurso dos annos solares e lu
e que annunciam a vinda das estações, as enchentes peri
dos rios e a approximação do tempo das lavouras, das s
teiras, das colheitas, etc.

Hippo. — Veja *Prefixos.*

Historia. — Complexo de factos verdadeiros esc
com fidelidade e imparcialidade; exposição ligada e disc
de acontecimentos verdadeiros, para instrucção da human

A historia é tambem, segundo outros a definem, a na
de factos memoraveis, ligados pelas relações de causalid
apreciados á luz da philosophia na individualidade e n
juncto.

Em sua accepção mais lata, applica-se esta palavra a
os factos, que caem sob o dominio da experiencia; o pr
o passado, todos os phenomenos que se produzem no e
todas as mudanças que se operam successivamente, chro
camente, são da competencia da historia assim comprehe

Em sentido mais restricto, não é a historia outra cou
não a narração dos factos, dos acontecimentos relativ
povos em particular e á humanidade em geral.

A historia pode ser universal, geral, ou particular, a
ou moderna, sagrada ou profana, da idade-média [1] ou co

---

[1] A historia da idade-média, como o querem grande numero de l
dores, tem por ponto de partida a morte de Theodosio em 395, ou
truição do imperio romano no Occidente em 476; e, como termo, a
berta da America em 1492, ou a do caminho maritimo das Indias (
em 1498.

Veja *Idade-média.*

poranea, fabulosa ou mythologica, ecclesiastica, litteraria, politica, militar, etc.

Historiadores. — São conhecidos como taes, aquelles que escreveram ou escrevem a historia, uma historia, ou algumas historias: — *historia universal, historia natural, historia ecclesiastica, historia de Portugal, do Brazil*, etc.

O historiador, no dizer do illustre escriptor inglez *Macaulay*, deve, sem nada inventar e sem recorrer a hypotheses, resuscitar o espectaculo das cousas passadas, apreciar os homens, reproduzir os acontecimentos e julgar os factos.

São innumeraveis os escriptores antigos desde Herodoto, sendo os de mais nomeada Thucidides, Xenophonte, Cesar, Salustio, Tito Livio, Tacito, Plinio, Plutarcho, etc.

Depois da idade-média abundam em todos os paizes, usando alguns d'elles, como verdadeiros modelos, de um estylo ora elegante e preciso, ora de um vigor e de uma lucidez e erudição incomparaveis; outros de um criterio, harmonia e elegancia, que excedem os maiores louvores que lhes possamos tecer.

Nós, os portuguezes, podemos apresentar com solida ufania uma pleiada brilhante desde João de Barros até A. Herculano, o mais insigne historiador d'este seculo.

Veja *Litteratura*.

Se a historia é, como disse Cicero — testemunha do tempo, luz da verdade, vida da memoria, eschola da vida, mensageira da antiguidade; ou como, talvez melhor, descreveu Vieira — mãe da verdade, émula do tempo, deposito das acções, testemunho do passado, exemplo e aviso do presente, advertencia do futuro; aos *historiadores* se deve tão inestimavel thesouro.

No historiador deve haver, alem de outros dotes, muito saber, probidade e imparcialidade. Para chegar ao seu fim, deverá remontar-se á fonte dos acontecimentos que narra; porque só assim poderá obter e communicar solido conhecimento d'elles. Deve dar ao seu plano quanta unidade e ligação possa; sendo que uma collecção de partes diversas, sem connexão, está muito longe de constituir o que propriamente se chama historia, a qual requer tal encadeamento nos factos e circumstancias, que de tudo appareça um corpo compacto e perfeito. Deve ter um profundo estudo do coração humano, para poder claramente explicar os caracteres, paixões e sentimentos dos individuos. Deve ser versado na politica e conhecer os varios interesses das nações, para assignar aos acontecimentos e revoluções dos estados as verdadeiras causas, e a influencia d'estas sobre a direcção dos negocios publicos de todo um povo. Deve distinguir-se, emfim, pelos principios constantes de uma sã moral;

ponha cada cousa no seu logar, e n
dade o curso dos acontecimentos, d
como elles se ligam uns aos outros.

Para o interesse contribuirão tamb
res, e outros objectos. No emprego p
ceda o historiador de modo que não c
igualmente se afaste da affectação e c

Historiographo. — Têem est
encarregados de escrever a historia
sendo para isso pensionados pelo esta
historia escrevem; corresponde quasi
mava *chronista*.

Podemos ajuizar como seria escript
turalmente precisava mais de disfarça
do que de dizer as verdades, que a dep
olvidassem. Já Voltaire no seu *dictiona*
tir, quanto era difficil para o historiog
a verdade sem rebuço, e em 1750, n'u
marechal de Richelieu, exclamava: «*I*
si libre, qu'un historiographe de Franc
de France». A historia exige uma verd
de França a pode escrever o historiogr

Devemos porem advertir que estes d
riographo e o *historiador* — não escre
modo um que o outro.

O historiador compõe e escreve um

umstancias, sendo já singelo, já temperado, já grande
; cumpre porem ao historiador fugir da ostentação,
afastar-se da affectação e da trivialidade, manten-
pre grave e cheio de dignidade.
s composições historicas exigem cinco qualidades :
lareza, precisão, interesse e dignidade.

lia. — É o discurso, ou antes conferencia, com o
licar o evangelho e os dogmas da igreja.
e confundir-se a homelia com o sermão; a 1.ª fa-
iliarmente, por isso mais nos parece a nós com uma
a, porque n'ella os pastores interrogavam os povos,
do tambem estes; o sermão pelo contrario, é reves-
ais solemnidade, e aquelle que o pronuncia sobe ao
maneira dos oradores da antiguidade.

o. — Veja *Prefixos.*

ologia. — Figura de rhetorica por meio da qual
a os mesmos conceitos, a mesma forma de elocução,
a collocação das palavras. Sendo este seguimento
radavel ao espirito e ao ouvido, é um dos vicios de
se deve fugir; por quanto a monotonia ou falta de
torna a phrase fastidiosa.

optoton ou **Cadencia similhante.**— É a
rhetorica que consiste em empregar varios verbos

qualquer genero de discurs

Homo. Homoe. — Veja *Pr*

Homógrammos. — Dizem-
crevem da mesma maneira, mas se p
v. g.: *torno* (instrumento), e *torno*
plo), *dobro* (verbo *dobrar*); *molho* (t
(da panella), e *olha* (3.ª pessoa do
— *tôrno*, *tórno*; *dôbro*, *dóbro*; *môlho*

Homógrapho. — Dizem-se a
com as mesmas lettras, mas com diffe
se distinguem umas das outras; v. g
pequena),[1] *mèzinha* (clyster, qualqu
séde, etc.

Homónymos. — São palavras
modo de as escrever e pronunciar,
differentes; taes são entre muitas ou

Amparo	substantivo	Ampa
Briga	»	Briga
Cravo	»	Cravo
Dever	»	Dever
Era	»	Era
Franco	»	Franco
Guia	»	Guia

	substantivo	Nota	verbo
	conjuncção	Ora	»
a	substantivo	Prenda	»
a	»	Quarta	adjectivo
	»	Rio	verbo
!	»	Saude	»
	»	Sella	»
	»	Taxa	»
	»	Uso	»
s	adjectivo	Verdes	verbo *ver*
	»	Vigia	»

mesmas palavras pronunciadas do mesmo modo, mas re-
ntando cousas de natureza differente, dizem-se tomadas
cepção *diversa;* taes são, entre muitas outras, — CANTO,
RTO, PALMA.

... { da rua ;
qualquer angulo ;
sitio retirado ;
das aves, musical ;
canção, cantiga ;
porção de uma epopeia ;

rto { musical ;
reparação ;
composição de objecto em mau estado ;

... { folha de palmeira ;
da mão ;
insignia da victoria, etc.

a *Accepção.*

móphonos. — Assim denominados os vocabulos que
dentica phonação, mas orthographia e significado diver-
mo se verifica nos seguintes : *sessão, secção, cessão; con-*
conselho ; sella, cella, e *sella* (este ultimo do verbo *sellar)* ;
(3.ª pessoa do verbo *haver)* e *avia* (3.ª pessoa do verbo
, etc.
a *Parónymos.*

manidades. — Como termo generico abraçava na
média e abraça ainda hoje, em seu sentido lato, o estudo
guas classicas, o da grammatica, da historia, da poesia
hetorica.
umanidades têem por objecto aperfeiçoar no mecanismo

das linguas os mancebos, a quem os annos de grammatica i ciaram n'esses principios; revelar-lhes o genio, a força, a queza, a vaidade, a ousadia, e todas as mais combinações r pectivas. Grammaticos, rhetoricos, historiadores, philosopl todos são mais ou menos humanistas, todos procuram mais menos a bella elocução, sem a qual, a fallar verdade, não humanidades.

Os allemães dão ainda este nome ao desenvolvimento h monioso de todas as faculdades humanas, a educação moı intellectual e esthetica do homem.

Empregada n'esta accepção scientifica, a palavra *humani des* comprehende tudo o que é humano, tudo o que forms caracter fundamental, a essencia do homem, digno d'este non em outros termos, tudo quanto é opposto á animalidade.

A esta ideia fundamental vêem aliar-se ideias accessor d'amabilidade, de polidez, d'affabilidade, de sentimentos ge rosos, qualidades que, reunidas, devem ser o apanagio do l mem, mas que devem ser desenvolvidas por uma educação c forme ao seu destino.

Hydro. — Veja *Prefixos.*

Hymno, Cantico. — Composição poetica ou musical louvor e honra de Deus ou dos santos, ou em homenagem dignidades principescas.

Os hymnos são considerados de origem tão remota, comc infancia do genero humano, e inspirados por um vivo sen mento de admiração em presença das maravilhas do univer Ao principio foram exclusivamente consagrados á Diviudad quiz depois a lisonja, fazendo a apotheose dos principes, ain em sua vida, dirigir-lhes tambem iguaes cantos.

Quando a França tomou as armas pela defesa dos seus reitos, soltou um grito heroico que se fez ouvir dos Pyrin ao Rheno, do Oceano aos Alpes, esse grito foi o *hymno* tão nhecido pelo nome de *Marselheza;* composição de magnifica h monia, a que ficou ligado indelevelmente o nome do seu auct *Rouget de L'Isle*, a quem Luiz Filippe mandou se desse u pensão de mil e duzentos francos.

Hymnographia. — Genero de poesia que comprehen os hymnos. Hymnographo diz-se o que compõe hymnos. Ent os gregos contaremos — Orpheo, Homero, Sapho, Anacreon Pindaro, etc. Nos hebreus — Moisés, Débora, David, Salom Entre os christãos — Telesphoro, auctor do *Gloria in excel* Santo Ambrosio do *Te Deum*, etc.

Hypallage. — Figura pela qual se quer attribuir a c

tas palavras de uma phrase, o que pertence a outras da mesma phrase, sem que por isso haja equivoco, bem que se inverta a ordem da expressão do pensamento; v. g.: *trazem os perfumes as brandas auras;* em vez de — *as brandas auras trazem os perfumes (das flores).*

Muitas vezes a vivacidade da imaginação nos leva a fallar de maneira que, se viermos depois a considerar na disposição dada ás palavras de que nos servimos, notaremos que nos desviamos da ordem natural, e da maneira habitual que os outros homens empregam, quando construem a expressão dos seus pensamentos. É a esta especie de transposição das palavras que os antigos deram o nome de hypallage.

Hyper. — Veja *Prefixos.*

Hyperbato. — É a figura de grammatica ou d'elocução, que consiste em inverter a ordem natural do discurso, deslocando as palavras contra o que a grammatica requer; v. g.: *as altas virtudes que de vós elle herdou, não deixaremos em silencio;* cuja collocação regular é: — *não deixaremos em silencio as altas virtudes, que elle herdou de vós.*

Na linguagem poetica é o hyperbato quasi tão commum em nossa lingua, como a ellipse; d'onde resultam para o discurso portuguez duas excellentes qualidades: *concisão* e *harmonia.*

«............ vereis um novo exemplo
«De amor dos patrios feitos valorosos,
«Em versos divulgado numerosos.

Quando em nosso espirito se afigura que certa ideia não será bem ouvida, e passará despercebida no meio das palavras que a cercam, costuma-se, para chamar a attenção do leitor, colloca-la n'um logar em que o espirito a veja bem.

«Quantos povos a terra produziu
«D'Africa *toda,*................

Outras vezes, pela necessidade da harmonia, especialmente no verso, em consequencia das rimas e das pausas, o escriptor se vê forçado a alterar a ordem logica ou grammatical dos vocabulos; e é a esta alteração que os grammaticos chamam hyperbato. Exemplos: *nas tormentas da maledicencia o mais tranquillo e abrigado porto é o silencio. Esta armada tão espantosa nas apparencias e no poder tão debil, é freio a Rumecão, aos nossos muro. Gloria foi do imperio romano vencer muitas batalhas Quinto Fabio Maximo; depois foi salvação excusar uma.*

Entre o primeiro verso dos Lusiadas, onde se encontra complemento do verbo,

— as armas e os varões assignalados —,

e o verbo com o seu accessorio e circumstancias annexas

— cantando espalharei por toda a parte,
se a tanto me ajudar o engenho e arte —,

intrometteu o poeta treze versos ! sete de uma estancia, a 1ª e seis da 2.ª

O hyperbato differe da inversão, por ser n'aquelle menos or-dinaria e mais brusca a deslocação da ordem das palavras.

Prejudica ás vezes a clareza, por isso se não deve usar d'est figura, principalmente em prosa, senão com muita circumspec-ção.

Quando é felizmente empregada, imprime ás phrases muit rapidez, graça e energia.

Obrigam ao uso d'esta figura:

1.º o som desharmonioso que resultaria de certa união d palavras; 2.º maior elegancia ou energia, que pode trazer a discurso a transposição que se effectuou.

Note se porem que o hyperbato, quando em vez de commu-nicar mais ornato ao discurso, gera antes n'elle ambiguidad e confusão, torna-se vicio de elocução ou se converte em sy-*chese,* como pode ser classificada a seguinte inversão:

«.................. que em terreno
«Não cabe o altivo peito tão pequeno [1]

Hyperbole.—Figura de rhetorica pela qual se augmen-tam ou diminuem as cousas com exageração, de maneira a apresental-as acima ou abaixo do que ellas são, prejudican-do-se a expressão exacta da verdade.

Os melhores escriptores de todos os tempos e de todas as nações têem, não obstante, feito uso d'este tropo, que parece ser a figura favorita da imaginação, e que é o fundamento de uma chusma de metaphoras.

São phrases hyperbolicas:

Fere o clamor os astros.

Vão as ondas orvalhando as estrellas.

---

[1] *Pequeno* não qualifica *peito,* mas parece. Porque o altivo peito não cabe em terreno tão pequeno, é a composição directa e mais clara.

É um tigre aquelle homem (se é feroz).
É um leão (se é bravo).
É um sapo (se é lento).
Velox como o raio, etc.

: muito frequente o uso d'esta figura, principalmente nos :tas, empregando-a na pintura dos grandes sentimentos, das xões violentas, das situações extraordinarias ; e assim ganha iscurso uma energia, que só lhe pode dar a imaginação que aa o *vôo de aguia.*

) melhor meio de conhecer a opportunidade e modo de uma perbole é ver se ella tem verdade para quem a diz ; pode generar em inchação, falsidade e affectação, sempre que não reçam naturaes ; ou conformes com a natureza, apparente stas circumstancias em que é necessario apresentar as cou-ı differentemente da realidade, exaggerando-as ; v. g. :

> «Vendo ora o mar até ao inferno aberto,
> «Ora em nova furia ao ceo subir.

deprimindo-as ; v. g.: *não ha homem tão pygmeu ou tão for-pa, que não aspire a ser gigante.*

As regras que devem observar-se no uso das hyperboles, a que ellas, em vez de ornato, não degenerem em vicios de cução, podem reduzir-se ás tres seguintes : 1.ª nunca sejam frequentes que resulte um modo de dizer frio e destituido interesse, por lhe faltar a naturalidade ; 2.ª nunca se usem ão para descrever um objecto extraordinario, assombroso ou ro ; pois em tal caso, é permittido dizer mais ou menos do e elle é, visto não ser possivel descrevel-o como em realidade a ; 3.ª ainda que toda a hyperbole passa os limites da ver-le, nunca deve exceder os da moderação, porque, embora a perbole diga o que não é, nunca seja de modo que pretenda ganar mentindo.

Hyphen. — Veja *Risca-de-união.*

Hypo. — Veja *Prefixos.*

Hypothese. — Diz-se a supposição de que se deduz uma nsequencia.

É tambem uma série de supposições ligadas, coordenadas tre si, de maneira a formarem um systema, cujo fim é dar ão dos factos observados.

Servimo-nos da hypothese, como de uma concepção ideal, a verdade não está provada nem demonstrada, mas que, sup-ta verdadeira, explica rigorosamente o objecto em questão. Veja *Supposição, These.*

illusão, como n'estes exemplos:
Inflammado em maldade e furi
ram-lhe os olhos: de todo o rosto

«Achilles, que se vê n
«Estreitamente aperta
«Mette o joelho esquer
«Carregando nos peitos
«Que, sem poder suste

Tambem se dá a esta figura o
sentação ocular.

I

Terceira vogal pura nominal, e
Diz-se um *I*, este *i*. Pode ser
Tem valor certo e nominal em t
pronunciação menos longa n'uma
como se distingue entre *facil* e *faz*
m ou *n* na mesma syllaba, torna-se
lavras — *fim*, *limpeza*, *indo*, *distincto*
o *i* com o *m*, senão seguindo-se-lhe
lavras, como: *imberbe*, *simples*, *imm*
Os diminutivos quasi todos se f
addicção essencial de um *i*: *flor* — *flo*
o nosso espirito um signal de exigui
o uso familiarissimo forma di...

Ia, Icar, Ice, Iço. — Veja *Desinencias.*

Idade-média. — Dá-se este nome á série de seculos, que omeça com a queda do imperio romano no Occidente, e para a época da translação do imperio romano, restabelecido, dos rancezes para os allemães, no seculo x.

Muitos historiadores prolongam esta época até á tomada de Constantinopla pelos turcos em 1453, e outros até á descobera da America em 1492.

Veja *Historia,* nota.

A idade-média é a civilisação média; é a época em que a hilosophia, as sciencias, as artes, não vivem já senão de tralições: é a época em que os clarões da civilisação antiga alumiam ainda o mundo; em que alguns principes de origem arbara, mas que a civilisação romana, tão forte e tão vivaz, oubera transformar pelo seu molde, como Theodorico na Itaia, e mais tarde Carlos Magno em França, restauraram os esudos, e souberam imprimir algum vigor á luz antiga que quasi e apagava.

Tambem se dá o nome de baixa-idade á época da historia niversal, que se estende do seculo x até á Renascença no seulo xv. A baixa-idade que muitos escriptores, sem razão, conundiram com a idade-média, é antes este periodo durante o ual a ignorancia e a barbarie feudaes triumpharam por um empo, em que as trevas se estenderam sobre a Europa, em que s sciencias se refugiaram á sombra dos conventos e das igreas, perto das quaes se formaram as universidades, e d'onde llas foram tiradas por esses homens illustres, que prepararam fizeram a Renascença nos seculos xv e xvi.

Estas duas grandes épocas da idade-média e da baixa-idade, ubdividem-se em outras muitas épocas mais curtas e que vaiam conforme a chronologia, que se julga a proposito dever seuir; para a historia ecclesiastica — as differentes heresias, o omeço do mahometismo, o schisma dos gregos, as cruzadas, o rande schisma do Occidente; para a historia profana — o imerio byzantino, o imperio latino, Constantinopola conquistada elos turcos, a descoberta do novo mundo, etc.

Caindo pela invasão dos barbaros o imperio do Occidente, estruidos os monumentos e roubadas as bibliothecas, as muas fogem; cerra-se a tenebrosa noite da *idade-média.* A deseito dos esforços de alguns sabios para afugentar as somras da barbaridade, ellas crescem todavia, e por longo tempo obrem a Europa occidental. E, se no Oriente se sustentam inda as lettras com mais alguma vantagem, a philosophia es-

cholastica mata o talento em vans disputas theologicas. — Mas felizmente novas revoluções vêem preparar uma época mais afortunada. No seculo XVI assoma a aurora do renascimento das lettras; com *Dante* e *Petrarcha* nasce na Toscana um estudo mais attento das obras primas da antiguidade; descobre-se a typographia pelo meio do seculo XV, e os sabios gregos, fugindo então de Constantinopola, arribam á Italia, e desenrolam os antigos thesouros da Grecia. Assim renascem as lettras.

Mas os seculos XIV e XV em que se restauraram as lettras, não foram ainda os seculos do bom gosto. Os materiaes que não cessavam de se accumular obrigaram os sabios, antes de tudo, a preparar o terreno, sobre que deviam elevar-se mais tarde os monumentos do genio moderno. A imprensa nascente multiplicava sem descanço as obras antigas, que uma activa investigação ia descobrir no pó dos mosteiros, e aquellas que os gregos fugitivos haviam trazido do Oriente. O enthusiasmo que ellas excitaram ao principio fez olvidar, no meio das vigilias consagradas á sua interpretação, a cultura das linguas modernas. A sciencia foi muitas vezes pedantesca, e seu amor levado até ao fanatismo. Mas a nossa ingratidão tem demasiadamente esquecido os immensos serviços que devemos a esses homens, que se sepultavam vivos com os mortos, e nos facilitavam, por seus trabalhos, a avenida para fontes preciosas a que em breve deviamos acudir.

Achavam-se as cousas n'este ponto, quando o seculo XVI se elevou resplandecente, rico dos despojos do passado, juvenil na esperança, e depurado da ferrugem das escholas, que havia até ahi suspendido os progressos do espirito humano.

Idão. — Veja *Desinencias*.

Identidade. — Diz-se *relação de identidade* a que existe entre duas ou mais palavras, que representam o mesmo ser. É a *relação de identidade* que serve de fundamento á concordancia das palavras.

Ideogramma. — Nome dado aos signaes que não exprimem nenhum som, mas uma ideia, abstraindo do som por que essa ideia é expressa em alguma lingua.

São ideogrammas as cifras de nome como: X P T O — Christo; °/₀ — por cento; 7.^{bro} — setembro, etc.

Ideographia. — Dá-se este nome á expressão directa do pensamento por imagens pintadas ou esculpidas; differe de uma simples pintura, porque esta limita-se a representar objectos naturaes, e a ideographia procura expressar as ideias, segundo o typo interior que ellas têem revestido.

Idioma. — Este vocabulo de origem grega designa a linguagem particular ou especial de um paiz, de um povo, de uma nação.

Refere-se principalmente ás locuções proprias de cada lingua ou a seus idiotismos, pelo que é mais proprio, quando quizermos fallar das differentes épocas de florecimento ou decadencia da litteratura de uma nação, em que sua lingua se enriqueceu de locuções novas, elegantes e expressivas, que, para assim dizer, lhe aperfeiçoaram as feições e determinaram o genio, ou em que ella se empobreceu, desfigurou, e quasi que se abastardou.

Idiotismo. — Dão os grammaticos este nome á construcção ou locução contraria ás regras communs e geraes, mas proprias e particulares de uma lingua, como: — o infinito pessoal em portuguez e diversas phrases feitas; — a singularidade peculiar da mesma lingua em dar a varios nomes no singular uma accepção diversa da que tomam no plural; v. g.: *zelo* e *zelos*, *bem* e *bens*, *graça* e *graças*, etc.; — a repetição das variações dos pronomes pessoaes, como: — *parecia-me a mim; eu vos hei de levar por onde nem os alarves nos vejam a nós, nem nós os vejamos a elles;* — a propriedade que têem muitos partecipios do preterito de tomar significação activa, propriedade que constitue uma das maiores bellezas de nossa lingua; v. g.: *aborrecido* (que aborrece tudo); *agradecido* (que agradece); *applicado* (que se applica); *despachado* (que despacha ou avia todos os negocios); diligente, expedito e assim: *determinado*, *disfarçado*, *entendido*, *estragado*, *fingido*, *moderado*, *precipitado*, etc. — a particularidade com que muitos auctores benemeritos da lingua a têem dotado, empregando com significação transitiva muitos verbos de sua natureza intransitivos, particularidade que constitue uma riqueza e dá á lingua maravilhoso realce; v. g.: *ajoelhar a soberba; torva affeição lhe arde as entranhas; arfar suspiros; as gerações passadas bradam estas cousas; já ardente chamma a anima a trovejar iras de Achilles;* — a propriedade de empregar o infinito pelo imperativo; v. g.: *alegrar que é chegada a hora de vos irdes;* por *alegrai-vos*, etc., *levantar d'ahi, preguiçosos;* por *levantai-vos;* etc.

Cada lingua tem seus idiotismos e suas locuções proprias de difficil, se não impossivel traducção exacta em outra lingua. Apezar de suas construcções viciosas e contrarias ás mais simples regras da logica, os idiotismos contribuem muitas vezes para a originalidade e até para a belleza de uma lingua.

Tomam o nome da nação onde a lingua se fallou ou se falla. Assim dizem-se *hebraismos*, se esses modos de dizer são peculiares da lingua hebraica; *latinismos* ou *grecismos*, se imitam o modo de dizer dos latinos e dos gregos; *lusitanismos*, etc.

... *por* — rogo·

Quanto não dava eu por possu
dava eu ou quanto eu dava por

Nem por sombras — *em vez de*

Vêem-se ruas e ruas — *por* —

Está na minha mão — *por* — (

Mandou vir o reo á sua pres
reo viesse á sua presença.

Ha dias bem aziagos — *por* —

Por mais que diga; por mais (
que muito diga ou faça.

Isso quem quer o sabe — *por* –

Idolopeia. — Diz-se a figu
troduzimos a fallar o Deus verda
e os mortos.

D'esta especie de prosopopeia es
incomparavel poema, os Lusiadas.
cias XXIV a XL contêem uma foi

Idyllio. — Pequena composi(
sempre, cujo assumpto é ordinari:
tre. Confunde-se com a egloga.

O idyllio reveste algumas veze:
se-ia confundir com este genero, s(
levantado.

Tirava Bocage jactancia do se
com o fulgor dos seus passados. e:
lio á ...

O idyllio pertence verdadeiramente ao genero lyrico, narrativo ou descriptivo; vem hoje confundido entre as poesias lyricas, ou entrando no genero descriptivo.

O fim moral das composições pastorís é inspirar ideias de paz, descanço e innocencia, e o amor dos prazeres suaves, que proporciona a vida dos campos.

O estylo nem deve ser rustico como as brenhas, nem refinado como o do cortezão; mas singelo, cheio de imagens familiares, escolhidas, animado de sentimentos ternos e agradaveis, e em summa respirando singeleza, innocencia e felicidade suave.

O idyllio, se n'elle é o poeta que falla em seu proprio nome, pode tomar um tom mais elevado, um estylo mais elegante e florido, uma vez que os ornatos sejam tirados dos costumes e objectos campestres, de modo que o poeta não pareça ser senão o mais instruido e delicado dos pastores.

O metro mais usado tem sido o hendecassyllabo solto ou rimado.

Os mais celebres auctores de idyllios foram, entre os antigos, Theocrito e Virgilio, entre os modernos, occupando-nos de portuguezes — os nossos Jorge de Montemor, Francisco Rodrigues Lobo, Diniz (Elpino) e Quita.

Il. — Esta syllaba por que terminam muitos nomes do vocabulario portuguez, pode ser n'elles longa, como em *funil*, *gentil*, *covil*, etc.; ou breve como em *agil*, *facil*, *fossil*, etc.: os 1.os formam o plural mudando *il* em *is*; v. g.: *funis*, *gentis*, *covis*; os 2.os em *eis*; v. g.: *ageis*, *faceis*, *fosseis*.

Imagens. — Dizem-se em litteratura as descripções curtas e vivas, que apresentam os objectos tanto á vista como ao espirito; algumas ha tão fieis e perfeitas, que nem a pintura seria capaz de nol-as apresentar mais surprehendentes.

Estes arrojos da fantasia, seguindo analogias intimas, materialisam as ideias e sentimentos, representando-os por um modo visivel, e que podem dar assumpto a um quadro; v. g.:

«..... E n'isto de mimosa
«O rosto banha de lagrimas ardentes,
«como co'o orvalho fica a fresca rosa.

«A pallida doença lhe tocava
«Com fria mão o corpo enfraquecido.

«Um trovão parecia a voz pesada;
«Trás ella um raio o fulminar da espada.

Imaginação. — Faculdade que tem a nossa alma de representar todas as cousas sensiveis.

Dom do espirito que consiste em receber vivas impressões dos objectos reaes, e em combinar essas impressões de maneira a produzir com elles novas creações.

Em litteratura toma-se pela faculdade de inventar, de conceber, junta ao talento de reproduzir vivamente as concepções.

A imaginação considerada em geral é a faculdade de reter a impressão dos objectos, de combinar de mil modos e dispor as suas imagens. Todos os sentidos fornecem soccorros á imaginação, mas o da vista enriquece-a mais que todos os outros, porque approximando as distancias, ou transpondo os intervallos, multiplicando as nossas relações com o exterior, abraçando quasi no mesmo momento o ceo e a terra, faz-nos tocar em um maior numero de cousas, que se gravam em nosso interior e ahi depositam sua imagem.

Imitativos. — São os verbos que derivando-se dos nomes significam imitar, ou usurpar as qualidades inherentes ás cousas que os mesmos nomes indicam. — Taes são:

De *Balança* ..... *Balancear*. Vacillar com movimento semelhante ao da balança.—Tambem é verbo frequentativo.

De *Judeu* .... *Judear*. Proceder do mesmo modo que os judeus para com Christo.

De *Papagaio* .... *Papaguear*. Repetir as cousas como faz o papagaio. — Tambem é frequentativo.

De *Pato* .... *Patinhar*. Tambem é frequentativo, etc.

Das vozes e gritos proprios dos diversos animaes, como dos sons dos instrumentos, se formaram tambem muitos verbos imitativos; taes como: arrulhar, balar, cacarejar, chocalhar, coaxar, crepitar, estalar, fungar, ganir, grunhir, guinchar, latir, miar, piar, relinchar, roer, rosnar, rufar, rugir, serrar, sibilar, silvar, soluçar, soprar, tinir, troar, trotar, uivar, urrar, zumbir, zunir, zurrar e tantos outros.

Imperativo.—É um dos modos dos verbos na sua conjugação. Dizem-se no modo imperativo as variações verbaes com que mandamos fazer ou soffrer alguma cousa; v. g.: *dize, dizei; faze, fazei; traze, trazei; soffre, soffrei;* pedimos, avisâmos, intimamos uma ordem, ou exhortamos; emfim quando declaramos o nosso querer. Esta denominação de *imperativo* traz comsigo a ideia de mando com execução posterior ou mero desejo.

Da 2.ª pessoa de ambos os numeros do presente do indicativo, tirado o *s* final se formam as 2.as pessoas do imperativo, cujas 3.as pessoas e 1.ª do plural são as mesmas do presente

ivo, salvas as excepções offerecidas nas respectivas
conjugações dos verbos. — Parte II.
dissuadimos ou não queremos, usamos do conjun-
alguns dos adverbios de negação *não*, *nunca* ou pa-
xprima negação *nem* (e não): *não digas, não digais;*
, *nunca façais*; *nem digas, nem faças*; *nem digais*,
Tambem se emprega o futuro — *não dirás*.
do imperativo emprega-se ordinariamente depois

Taboas das conjugações dos verbos, volume 2.º

feito. — Dão os grammaticos este qualificativo a
s variações do verbo na sua conjugação.
imperfeito, — o *preterito* e o *futuro*, do indicativo; o
o *preterito* do conjunctivo; e o *partecipio* no in-

to imperfeito do indicativo (presente relativo a pre-
n da existencia simultanea com outra passada, al-
s tambem exprime existencia simultanea com ou-
tada condicionalmente, equivalendo ao condicional
mplo: *eu* FAZIA *isso* (faria), *se* FOSSE *preciso*.
po forma-se do infinito, mudando, na 1.ª conjuga-
nação AR em *ava, avas, ava, avamos, aveis, avam* e
, ER ou IR em *ia, ias, ia, iamos, ieis, iam*, sempre
gação for regular.
imperfeito (futuro absoluto) exprime um facto pos-
to da palavra. Exemplo: *ámanhã* FAREI *o que pedes*.
ambem existencia duvidosa ou hypothetica. Exem-
r DEIXARÁ *de variar, se for firme; mas não* DEIXARÁ
r, se for verdadeiro.
se tambem como imperativo para exprimir preceito
ão. Exemplo: AMARÁS *a Deus sobre todas as cousas*.
s.
po forma-se do infinito, mudando, na 1.ª conjuga-
nação AR em — *arei, arás, ará, aremos, areis, arão;*
m — *erei, erás, erá, eremos, ereis, erão;* na 3.ª, IR
rás, irá, iremos, ireis, irão, sempre que a conju-
gular.
onal imperfeito exprime existencia ou acção em
terminado a respeito de uma condição passada,
cabada, e por isso pode applicar-se a qualquer
mplo: *eu* SERIA (hoje, hontem, um dia, etc.) *muito*
sse os teus conselhos.
vezes a forma condicional em *ria* não exprime
as sim um futuro possivel e contingente. Exemplo:
z do seculo dourado dizem os poetas, que o leão DE-
cidade, e a serpente o veneno.

Este tempo forma-se do infinito, mudando, na 1.ª conjugação, a terminação AR em — *aria, arias, aria, ariamos, arieis, ariam;* na 2.ª ER em — *eria, erias, eria, eriamos, erieis, eriam;* na 3.ª, IR em — *iria, irias, iria, iriamos, irieis, iriam,* sendo a conjugação regular.

O imperfeito do conjunctivo pode referir-se, não só a um tempo passado ou presente, mas ainda a um futuro hypothetico, estando subordinado a verbo cuja significação tenha por objectos cousas futuras e contingentes. Exemplos: *eu mandei ou mandava dizer-te que* VIESSES. *Estimo que* FIZESSES *boa jornada. E quando assim* FOSSE, *pouco se me dava do despreso a que o* CONDEMNASSEM.

Exprime tambem hypotheticamente um facto simultaneo com preterito, já absoluto, já relativo a presente. Exemplos: *o homem mau sempre julgou* os *outros homens, como se* FOSSEM *similhantes a elle. Que quanto* (diziam) *se fazia na terra,* FOSSEM *quaes* FOSSEM *os meios e os principios, tudo vinha traçado do ceo.*

Alem da terminação SSE, propria d'este tempo, tambem se usa elegantemente da terminação RA em linguagens condicionaes, como: *se eu* FORA, *se eu* ESTIVERA, por — *se eu* FOSSE, *se eu* ESTIVESSE.

Este tempo forma-se da 2.ª pessoa do singular do preterito perfeito, mudando em todas as conjugações, a terminação STE, em — *sse, sses, sse, ssemos, sseis, ssem;* ou se forma do infinito mudando, na 1.ª conjugação, AR em *asse, asses, asse, assemos, asseis, assem;* na 2.ª, ER em *esse, esses, esse, essemos, esseis, essem;* na 3.ª IR em *isse, isses, isse, issemos, isseis, issem.*

Tambem se diz imperfeito o partecipio, que outros qualificam — do *presente* ou *activo,* o qual exprime existencia ou acção não acabada, e conhece-se por alguma das terminações — *ando, endo, indo,* segundo proceda de verbo da 1.ª, 2.ª, ou 3.ª conjugação, como: *louvando, devendo, applaudindo.*

Estes partecipios são empregados com regime ou complemento, directo ou indirecto, ou sem elle, conforme os verbos a que pertençam; v. g.: *cavando a terra, não se aborrecendo do trabalho* e *dormindo depois.* São sempre invariaveis.

O partecipio imperfeito emprega-se dos seguintes modos:

1.º com o frequentativo *andar,* para exprimir a repetição successiva de um acto; v. g.: *ando aprendendo;* com o continuativo *estar,* para exprimir continuação ou persistencia de acção já começada; v. g.: *estou compondo;* com o inchoativo *ir,* para designar principio de acção; v. g.: *vai amanhecendo;* e prolongamento; v. g.: *a tradição foi-se corrompendo. Foi pastoreando os gados.*

2.º para exprimir varias phrases oracionaes de *modo,* causa, *condição, tempo,* etc. Exemplos — de *modo:* COMENDO *se lhe foi a fome;* (i. é. com o comer ou a comer); de CAUSA: *aqui hom*

muitos mortos, RESISTINDO *alguns mouros* com grande valor; (i. é. porque resistiam); de CONDIÇÃO: *ámanhã, não* CHOVENDO, *partirei;* (i. é. se não chover); de TEMPO: IMPERANDO *Augusto nasceu o Redemptor*; (i. é. quando imperava Augusto.

3.º significando varias circumstancias; v. g.: *deu-lhe a morte, não a* MERECENDO *o infeliz* (i. é, apesar de a não merecer, ou com quanto a não merecesse). *Até que* FRANQUEANDO *um pouco os cercados, e* SENDO *já perto portuguezes,* PONDO *no empenho o ultimo de suas forças, e* ESCORRENDO *em sangue que já de largas feridas lhe repuxa,* etc.

4.º e assim serve de accessorio ao nome a que se refere; v. g.: *mas do meio das gentes armadas que se atropellam* DISPUTANDO *a grandeza,* (i. é. as quaes gentes *disputando* a grandeza se atropellam) accessorio do sujeito.

... *Apagou-se a luz extrema nos olhos do poeta* (Bocage). *ainda hoje vivo na memoria do povo: porque, similhante a Camões,* CELEBRANDO *a patria, o amor, a gloria, e o infortunio, era verdadeira a saudade que sentia;* (i. é, elle [o poeta Bocage], similhante a Camões, *celebrando...* ou quando celebrava... sentia).

5.º representa o attributo implicito no verbo adjectivo, como: *caminhar*, i. é — ser caminhante; *celebrava*, i. é — era celebrante ou celebrando.

Os nossos classicos empregaram algumas vezes o partecipio imperfeito precedido da particula ou proposição *em*: —*mandou que toda aquella noite* em *indo e vindo fizessem grão trilha*. Em *nascendo o dia*, etc.

Impessoaes. — Dizem-se as orações que exprimem acções consideradas em si, sem estarem referidas a uma pessoa grammatical, v. g.: *chove, combate-se.*

Veja *Unipessoaes*, *Reflexos*.

Impessoal. — Diz-se o modo infinito do verbo na sua conjugação, empregado nos seguintes casos:

1.º quando se não refere a nenhum sujeito determinado, como: *o objecto da sciencia é indagar a verdade;* 2.º quando o sujeito da oração regente é o mesmo da oração regida, como: *os ambiciosos procuram sempre elevar-se* e não *elevarem-se*; 3.º quando o infinito tiver sentido de imperativo, como: *estudar antes do exame e preparar para elle;* 4.º quando vier precedido da preposição *de* posposta a qualquer dos verbos *haver* ou *ter*, como: *havemos de honrar nossos paes, como o primeiro dos preceitos que pertencem ao proveito do proximo;* 5.º quando representam um substantivo verbal abstracto, como: *mentir pouco dista de jurar falso.*

Em regra, emprega-se o infinito impessoal quando não tem sujeito proprio, ou quando faz com outro verbo uma linguagem composta; v. g.: *folgarás de ver*, e não — *de veres*; *acabaram de ler*, e não — *de lerem; hão de observar*, e não — *de observarem*, etc.
Veja *Pessoal*, *Infinito*.

Tambem se emprega o infinito impessoal, tendo este o sujeito no plural; v. g.: *A necessidade é a que leva o soldado á guerra e a escalar as muralhas, onde, vendo cair uns a ferro, e voar outros a fogo...* e não *cairem... voarem*.
São quatro as funcções do infinito pessoal:
1.ª representando um substantivo verbal abstracto, pode servir de sujeito, de attributo ou de complemento, já objectivo ou directo, já indirecto ou circumstancial regido de preposição. Exemplos: *o ler é proveitoso. Justiça é dar o seu a cada um. Quero ler. Dá-me um livro para ler. E no seu dizer respirava um affecto e doçura inexplicavel.*
O infinito assim tomado por enallage é como um substantivo do genero masculino.
2.ª junto com a preposição *de* aos verbos auxiliares *ter* e *haver*, forma linguagens começadas ou perifrasticas; v. g.: hei ou tenho *de escrever;* e com a preposição *a* ou *para* juntas aos verbos *ir*, *começar* ou *entrar*, *andar*, *estar*, *tornar*, forma phrases verbaes, que exprimem proximidade, principio, frequencia, estado ou repetição; como: *está a chegar* ou *para chegar; começou* ou *entrou a chover; anda a cantar; estou a escrever; tornou a vir*, etc.
3.ª determinado por verbos que signifiquem movimento, denota circumstancia de *fim para que;* v. g.: *foram observar* (para observar).
4.ª empregado em locuções ou phrases como estas: — *Era mais para louvar; era de ver;* etc.; por *era mais para ser louvado* ou *para se louvar; era digno de ser visto* ou *de se ver; é de crer; é para sentir;* — toma-se como em sentido passivo.

O infinito impessoal é a forma primitiva de todo e qualquer verbo, portanto não se forma de nenhuma outra, a não ser do seu radical como: — *am-ar, dev-er, applaud-ir.*

Implicita. — Diz-se a oração que contém em si o sujeito, o verbo e o attributo, sem que nenhum d'estes termos esteja expresso; o que se dá com as *interjeições* e com os adverbios, *sim* e *não;* v. g.: *estudaste a lição? não* (i. é — não estudei a lição).
Veja *Interjeição*, *Accessorio*.

Improferiveis. — São assim chamadas as articulações ou invogaes, simples ou compostas, que se não proferem; i. é, que não valendo nem *tons* nem *sons*, representam apenas modos de dizer as vogaes, a que se juntam formando syllaba.

Podem ser:
- labiaes — *m, b, p,*
- linguaes.
  - dentaes — *d, t*
  - palataes — *r, l, lh, n, nh*
  - gutturaes — *c, g, k, q.*

O *c*, o *g* e o *r*, alem dos valores modaes a que agora nos referimos, valem *tons* em determinados casos, por isso se denominam tambem *invogaes incertas*, i. é, tendo valores, umas vezes *proferiveis*, outras, *improferiveis*.

Veja cada uma d'estas lettras.

Improviso. — Assim chamado o discurso ou composição, quer em prosa, quer em verso, que se não tinha preparado.

Os improvisos são o fructo de uma instrucção variada, de uma imaginação viva, sendo a vontade uma das condições essenciaes.

Nos improvisos pode ostentar-se um estylo colorido, memoria segura, citações opportunas.

Muitos improvisos têem sido cobertos de applausos; seu auctor, se tiver genio, poderá mostrar-se, alternativamente simples, elevado, pathetico; chegar até ao sublime, e offerecer recreações agradaveis, commoções vivas e profundas.

Bocage foi um prodigio n'este genero de composições, inimitavel em sonetos improvisados; aos 10 annos ainda não completos dava provas do seu precoce genio.

Acabava o joven poeta de entrar na sala onde se achavam seus paes com Antonio José da Gama, que fazia annos n'aquelle dia; informado d'esta circumstancia, sem esperar um instante, o nosso poeta, com uma facilidade prodigiosa, quasi sem hesitar um só momento, recitou os seguintes versos:

Da fria habitação, da vitrea gruta
Alça o Calipo a fronte salitrosa,
E risonho, penteia a barba hirsuta,
Alva melena, rispida e lustrosa:

Em torno d'elle a modular se escuta
Chusma de Nymphas candida e formosa;
Dos ventos o tropel, bramindo luta
Lá na Eolia masmorra cavernosa.

Dando lascivos osculos nas flores,
Gratos effluvios Zephyro derrama,
Desfaz do inverno os madidos vapores.

Almo prazer os corações inflamma,
Tudo respira amor, tudo louvores
Ao festivo natal do illustre Gama.

Veja *Glosa, Glosar.*

Impureza. — Este termo applicado ás phrases, é a viciação indesculpavel na linguagem.

A impureza está, ora no uso de uma palavra avessa ao genio da lingua; ora na troca de proposição; ora no emprego de pronomes pessoaes sem utilidade para a clareza, para a emphase, ou pelo menos para a harmonia; ora na repetição de uma palavra; ora na suppressão de outra; ora na collocação contraria ao genio da lingua.

D'aqui se vê quanto cumpre estudar, na aturada e reflectida lição dos classicos, a indole e propriedade da lingua; pois são tantos e ás vezes tão pouco salientes os modos, por que se pode cair em barbarismos de phrase e outros defeitos de linguagem, que sem aquelle estudo mal se poderão evitar.

Cai-se em impureza, ou quando se empregam palavras não auctorisadas pelo uso dos que bem fallam, ou quando ás palavras auctorisadas se dá accepção estrangeirada ou impropria.

In (ou *Il, Im, Ir*). —Veja *Prefixos, (des).*

Incertas. — Dizem-se as invogaes que têem mais de um valor; taes são — *c g r z s x m n*, e a invogal composta *ch*. Veja cada uma d'estas lettras.

Incidente. — Diz-se a oração que amplia ou restringe a palavra ou oração a que se refere, ou que explica ou restringe o sujeito, o attributo, o complemento, ou o sentido total d'outra oração a que está ligada pelos relativos *que, quem, qual, cujo* e *onde.*

Pode ser *explicativa* ou *restrictiva.*

A explicativa serve de desenvolver, e de fazer comprehender a ideia da palavra a que está ligada. A restrictiva ajunta á ideia da palavra em questão uma ideia particular, que a circumscreve n'um sentido menos extenso.

A 1.ª d'estas duas proposições pode ser tirada da principal de que faz parte; a 2.ª não pode sel-o, porque alteraria o sentido da phrase inteira pela suppressão da ideia incidente.

Exemplos: *a religião é uma poesia do coração cujos encantos ninguem pode exprimir. Deus perdoa ao culpado que se arrepende*

dos seus erros. Estive no castello onde (no qual castello), *se logra uma linda perspectiva. Não conheço a pessoa de quem tu fallas. Não sei qual seja o homem que não tenha por desgraça imputar-se-lhe a culpa dos males que padece.*

Estas orações tambem se chamam qualificativas, e servindo de caracterisar um nome ou pronome da oração subordinante, ou ainda o sentido total da oração, equivalem a um adjectivo; v. g.: *sopra um vento que soffoca;* i. é, *suffocante. O nosso irmão que reside em Lisboa;* i. é, *residente em Lisboa. A rosa exhala um cheiro que agrada muito;* i. é, *muito agradavel* ou *agradabilissimo.*

Inchoativos. — Dizem-se os verbos derivados uns de substantivos, outros de adjectivos, outros de verbos, conhecendo-se ordinariamente pela desinencia *ecer;* v. g.: *anoitecer, emmagrecer, adormecer,* cujos primitivos são: *noite, magro, dormir.*

Estes verbos exprimem uma progressão gradual, quer diminuindo quer augmentando.

D'esta mesma especie são alguns verbos derivados e com a terminação *entar,* desinencia que se suppõe composta do participio activo latino *iens, euntis,* e da forma infinitiva *ar;* taes são, entre outros, os verbos: *afformosentar, aguarentar, apascentar, quebrantar, affugentar, ensanguentar,* etc.

Incidida ou **Cortada.**— Diz-se a phrase desligada de outra e tão breve, que ao pronunciar-se não enche o ouvido; é propria para dar ao discurso força, calor e acrimonia, como acontece nas argumentações, etc.

Veja *Cortado* ou *solto.*

Incisiva, o. — Diz-se a linguagem, ou o discurso muito satyrico e mordaz; muito decisivo. Na tribuna parlamentar e na imprensa frequentemente se exhibem optimos especimens d'este genero.

Inciso ou **Comma.** — É a oração ou phrase annexa, que forma um sentido parcial, breve e separado da proposição principal, ou do periodo de que faz parte por lhe accrescentar alguma circumstancia. Exemplos : *a fortuna,* sem virtudes, *é um mal maior que a desgraça. Um oppressor,* debaixo do nome de magistrado, *é o mais detestavel dos tyrannos. O mal alcança aquelle que o faz,* por mais que se esforce por lhe fugir.

As palavras que não foram compostas em *italico* constituem os incisos dos respectivos exemplos.

tres ou poucas palavras, são co
que o orador fere vivamente
ou supposto. De mais d'isto o c
frequentes, fica mais áspero, e
tivo das invectivas acres e pica

Inclusão. —Veja *Pensame*

Incomplexa. — É assim
jeito ou cujo attributo não traz
é breve ; o ferro é um metal ; a
são vegetaes ; a inveja é vil e cru
Veja *Oração.*

Incomplexo. — Diz-se o
cuja natureza é determinada p
vida é breve ; as estrellas brilhan
Esta doutrina é applicavel ao

Indefinidos. —Veja *Inde*

Indefinitos. — Dizem-se
designam uma porção de indivi
plicação a um particular ou d
vago e indeterminado ; taes s
mais, menos, muito, outro, pouc
tanto, ultimo, um ; aos quaes poc
nenhum, todo [1]. Exemplo : c

Os adjectivos indefinitos têem a seguinte particularidade: no singular designam um ser indeterminadamente, são simplesmente *indefinitos;* no plural designam um numero ou quantidade indefinita, são então verdadeiros *quantitativos indefinitos.*

Algum indica vagamente um individuo ou muitos; v. g.: *alguns homens ha.* Omitte-se frequentemente nas phrases *homens ha; annos ha,* i. é, *alguns homens ha, alguns annos ha.* Collocado depois do substantivo significa *nenhum;* v. g.: *não ha remedio algum; não encontrei pessoa alguma.*

Outro exprime parte ou porções contrapostas; v. g.: *uns formam a fortuna de ouro, outros de vidro.* Na significação de *differente* é qualificativo; v. g.: *são outros os mares da China, e muito outros os que se atravessam d'ella para o Japão.*

Um e outro collocado antes de substantivo não obriga este o plural; v. g.: *um e outro remedio, uma e outra pessoa;* mas *um e outro* se empregar como sujeito leva o verbo ao plural; g.: *um e outro são bons, uma e outra eram formosas.*

Tal precedido de artigo é partitivo; indica individuos determinados, se o artigo for definito; indeterminados, sendo indefinito, equivalendo n'este ultimo caso a *certo.* Exemplos: *o tal homem veio; um tal sujeito disse.*

Tal — correlativo a *qual, como* ou *que,* claros ou occultos, é attributo exprimindo qualidade de similhança; e no mesmo sentido se emprega precedido de *que.* Exemplos: *qual pae, tal filho.* — *Não posso fazer estas regras senão por mão alheia: tal é o estado em que a minha convalescença me tem posto.* — *Por onde está Ixion, e Tantalo por onde demora Sisypho, e outros magarefes que taes?* (quejandos antigamente).

Certo indica indeterminadamente uma pessoa ou cousa. É synonymo de *um,* artigo indefinito, que ás vezes se lhe antepõe; como: *certo* ou *um certo amigo.* etc. É qualificativo quando succede ao nome, como: *um amigo certo,* i. é, *um amigo verdadeiro,* etc.

Muito, pouco, exprimem grande ou pequena quantidade de individuos, assim como grande ou pequena parte do um todo. Exemplos: *muitos fallam, poucos obram. Andar muito ou pouco caminho.*

Mais, demais, menos, extendem a significação do nome commum a um numero de individuos maior ou menor, que o significado por outro nome com o qual se compara. Exemplos: *ha mais crimes, que virtudes, ou menos virtudes do que crimes.* — *Mais de sete seculos são passados...* i. é, mais seculos de sete, etc. Precedidos de artigo tomam-se como substantivos.

Mais, demais — com artigo, exprimem o resto relativo a outra parte antecedente. Exemplos: *tres soldados dormiam, os*

Tanto estende a significação d
tidade comparada com outra d
Exemplos: *quantas cabeças, tanta*
tas victorias, como Alexandre. (
ção, sendo uma circumstancia c
mo leva no rosto a conjuncção *qu*
que mal se podia romper.

Precedido de *outro*, designa u
tra de que já se fallou. Exemplo
subir ao cume de sua grandeza;
descer ao ultimo termo de sua ru
gado como substantivo.

Tanto e quanto muitas vezes
que parece, absoluto, para expri
continua, mormente em proposiçõ
tivas. Exemplos: *quantas primav*
quantos verões e quantos outonos, c
cto que folha e flores!

Tanto tambem designa numero
Exemplo: *cincoenta e tantos,* (com

Tamanho é composto de *tão gr*
no).

Muito, pouco, tanto, quanto, m
artigo ou sem elle, usam-se con
uma quantidade indeterminada. I
pouco. Não costuma Deus dar ta
prometter. Tinha tanto em raiz, ta
nheiro.

SINGULAR		PLURAL	
ulino	Feminino	Masculino	Feminino
o,	toda,	Todos,	todas.
hum,	nenhuma,	Nenhuns,	nenhumas.
um,	alguma,	Alguns,	algumas.
to,	certa,	Certos,	certas.
[1],	uma,	Uns,	umas.
—	—	Ambos,	ambas.
ro [2]	outra,	Outros,	outras.
[2]	»	Taes	»
[2]	»	Quaes	»
a um,	cada uma	—	—
lquer [3]	»	Quaesquer,	»
[4]	»	—	—

feição de substantivos e usados no discurso como se fos-
ubstantivos do genero masculino e do numero singular.

, Alguem, Nada, Ninguem, Outrem, Quem quer [3], Tudo.

e a designação de pronomes indefinitos áquelles que
indicam de um modo indeterminado e vago as pessoas
ousas a que se reportam.
rma *se*, que o pronome pessoal da 3.ª pessoa assume
o singular como no plural), quando empregado sob uma
ndeterminada e vaga (conforme diremos ao tratar dos
s pessoaes), constitue uma frizante exemplificação do
a entender-se por *pronome indefinito.*

---

e confunda este pronome com o artigo indefinito; o artigo figura
nteposto a um substantivo antecedentemente nomeado ou suben-
v. g.: *elle comeu dois peros, e eu um*. No singular exprime ideia
; v. g.: *nos combates um ataca arrojado, outro foge cobarde;*
glorioso, outro morre abandonado. No plural ou vem repetido
posição a outros; v. g.: *uns sobem, outros descem; uns nascem,*
rrem.
, *tal, qual*, acham-se classificados entre os pronomes demonstra-
s dois primeiros — e entre os relativos — o terceiro. — Mas ha ca-
os em que qualquer dos tres assume perfeitamente as funcções de
ndefinito.
umes *quemquer* e *qualquer* são compostos de *quem, qual*. e da
iser, contraida em *quer*. O 1.º applica-se ás pessoas, e e invaria-
pode applicar-se tanto a pessoas como a cousas. Antigamente usa-
lavra *quizer* não contraida; v. g.: *seja qual quizer.*
me *cada* não pode figurar na oração separado da palavra a que
assim dizemos: *cada homem, cada mulher, cada objecto*. Que-
ir se no discurso a palavra a que elle se refere, tem de ser sub-
forma composta — *cada um, cada uma.*

Indeterminado. —Veja (

Indicativo. — É um dos sua conjugação. Exprime directa um sujeito determinado. Este m(pessoaes e numericas.

O caracter das linguagens do si mesmas affirmativas, absolut: orações principaes.

Tem o modo indicativo as seg bacs:

um presente

cinco preteritos { preterito imperf(, preterito perfeit(, preterito perfeito, preterito mais q(, preterito mais q(

tres futuros .. { futuro imperfeito, futuro imperfeito, futuro perfeito c(

Que serão desenvolvidos na 2.ª *ção dos verbos.*

Indice. — Assim chamada a

'efutação.

ecto. — Diz-se indirecto o complemento ou regime é directo; i. é, que só por intermedio de outra pala-lleta a significação transitiva que o pede. Pode ser —), *terminativo*, *expletivo*, *circumstancial*, etc. Exemplos: *a do campo conversando pela estrada com os seus ami-os ao caes e embarcou no vapor, e n'elle foi até á outra lo rio; ahi desembarcou seguindo para casa, onde foi re-grenente por sua familia, que o esperava aquella noite.* ste periodo onze complementos indirectos.

m se diz *indirecto* em opposição a *directo* o discurso, e expõe o theor das declarações de alguem, sem toda-resentar a propria pessoa a fallar. Exemplo: Schiller *a mentira era a arma do inferno.*

iscurso directo era assim ennunciado o conceito do ce-ulo de Goethe — Schiller disse: *a mentira é a arma do*

riduaes. — Veja *Prefixos.*

eção. — É o raciocinio ou a expressão do raciocinio, o espirito conhece a verdade, raciocinando por forma bases anteriormente estabelecidas entre todos os ca-iculares, possa tirar uma conclusão geral e conforme e ahi provada.

ocinio por inducção funda-se n'este principio, acceito t: — O que se pode affirmar ou negar de cada indivi-ma especie, ou de cada especie de um genero, pode se ou negar-se de toda a especie e de todo o ge-

guagem ordinaria e muitas vezes em logica, confun-*inducção* e a *analogia*; devemos porem distinguil-as, a analogia é apenas uma inducção incompleta. Toda-a inducção, propriamente dita, como a analogia, as-eralmente em probabilidades, attenta a impossibili-studar todos os individuos sem excepção, ou de abra-os casos possiveis sem omittir um só.

losophia, por exemplo, querendo-se provar a existen-utros homens, raciocinamos da maneira seguinte: eu ue penso; vejo que sou um corpo organico e ani-to depois em redor de mim corpos semelhantes ao otro n'elles os mesmos orgãos, sentimento, movimen-os meus; vejo-os com vida que tambem eu tenho, e e fallarem como eu posso fazer; concluo, por in-e esses individuos são seres organicos, animados, s em uma palavra.

resulta. No 1.° caso diz-se que
e no 2.° que é *inductivo particu*
sim se eu da ideia de Pedro, s
á de racional; e digo — *Pedro*
mal racional — logo Pedro é ra
ductivo geral. Se, porem, chega
mir, em vez da verdade geral —
todos ou alguns dos factos, de
dade, o meu raciocinio será *indu*

Ineditos. — São assim den
estão ou não foram publicados.
graphia inedita.

Infinito. — Nome dado a u
conjugação; é de uma natureza
porque se não liga, como elles,
com uma ou outra das pessoas, e
de forma, a todos os numeros e
Com effeito podemos dizer, c
respeitar a lei, tu deves respeita
dois numeros, — *eu devo respeita*
com os tres tempos, — *eu devo,*
lei; e o infinito *respeitar* se prest
sem mudar de terminação.
Este modo é pois abstracto e
gura como um substantivo que s
distinguirmos do substantivo pro

Assim tomado por enallage é, como dissemos, um substantivo no singular, e do genero masculino — *esse teu fallar.*

A significação dos infinitos impessoaes dos verbos, tomados como substantivos, no parecer de alguns grammaticos, não é a mesma que a dos substantivos que d'elles derivam, (propriamente ditos verbaes.

Assim ha uma differença entre *o cantar* e *o canto*, *o chorar* e *o choro*, *o rir* e *o riso*, etc.: *o cantar*, *o chorar*, *o rir*, significam a acção mesma de cantar, de chorar, de rir, e *o canto*, *o choro*, *o riso*, exprimem o resultado d'esta acção. Exemplo: *não gosto do seu cantar, apesar de ter o canto muito melodioso.*

Quando os infinitos dos verbos, empregados substantivamente, significam cousas e não acções, podem tomar o signal de plural; v. g.: *os dares e tomares* (i. é, as disputas): *os seus teres e haveres* (i. é, a sua fortuna).

Quando os verbos no infinito são seguidos dos pronomes, — *o*, *a*; *os as*, muda-se por euphonia o *r* em *l*; v. g.: *loural-o*, *devel-os*, *applaudil-a*, etc., em vez de *louvar o*, *dever os*, *applaudir a*, etc.

Se estes pronomes são collocados depois da 1.ª ou da 2.ª pessoa do plural, muda-se em *l* o *s* da terminação d'estas pessoas: v. g.: *louvamol-o*, *deveil-o*, por *louvamos o*, *deveis o*.

Se estes mesmos pronomes são collocados depois da 3.ª pessoa do plural, para evitar o hiato, costumam alguns intercalar um *n*; v. g.: *amam-n'o*, *devem-n'o*, ou *amam-no*, *devem-no*.

Por euphonia muda-se tambem em *l* o *z* final dos verbos em *zer* e *zir*, quando esta final é seguida dos pronomes *o*, *a*, *os*, *as*; v. g.: *fil-o*, *dil-o*, *tral-o*, *condul-o* por *fiz o*, *diz o*, *traz o*, *conduz o*.

A lingua portugueza, por um idiotismo singular, possue alem do infinito *impessoal* outro *pessoal*, como se pode ver na taboa das conjugações. — Parte II.

Esta propriedade que tem a nossa lingua de conjugar o infinito por pessoas e numeros, não somente é uma excellencia e belleza que extraordinariamente a realça, e lhe dá a maior precisão e clareza, por quanto o que n'outras linguas se não pode dizer senão por via de circumlocuções, expressamos nós com toda a energia e concisão; mas tambem faz ser o portuguez uma das linguas mais perfeitas, e lhe dá reconhecida vantagem sobre a propria castelhana, sua irmã. [1]

---

[1] Errou Mr. Beauzée asseverando que *dans aucune idiome, l'infinitif ne reçoit ni inflexions numériques, ni inflexions personelles.*

Dois futuros... { futuro impessoal
futuro pessoal

Tres partecipios { partecipio imper
partecipio perfei
partecipio perfeit

Todos estes tempos se devem
que ficaram expostas nos artigos,
Veja *Lusitanismo.*

Ino. — Veja *Desinencia.*

Infixo. — Diz-se a particula o
vra no meio d'ella; v. g. : *admin*
prefixo *ad*, do radical *ministra*, da
da desinencia ou suffixo *inho*; *irmã*
pobrezinha, signalzinho, homemzinho

Inflexões. — Veja *Articulaçõ*

Inhar. — Veja *Desinencias.*

Iniciaes. — Dizem-se as prim
lavra, verso, capitulo, etc.
Muitos escriptores usam de iniciaes
sim — A. Herculano, M. P. Chagas, et
... eiro são apenas indicados

Deve-se ás inscripções grande copia de conhecimentos sobre a chronologia, a biographia, a genealogia, a linguistica, a administração; sobre o estado social, e até sobre a vida intima dos povos da antiguidade e da idade-média.

É tomada esta palavra em muitas outras accepções, entre as quaes está — a curta indicação, aviso succinto que se affixa ou grava em um logar para servir de instrucção, registo, ou direcção.

Por inscripção poetica entende-se uma pequena poesia, que se inscreve n'um monumento, edificio ou outro qualquer objecto, com o fim de attrair a attenção da posteridade, dando-lhe a conhecer algum homem, objecto, facto ou verdade importante.

São qualidades essenciaes n'esta composição a precisão, a clareza, e uma simplicidade nobre. Exemplo:

> Aqui de tua patria os defensores
> Tragaram do martyrio inteira a taça:
> Viandante! leva as lagrimas e as flores;
> Lê só, dobra o joelho, adora, e passa.

Instrucção. — Dá-se em geral este nome a tudo quanto pode ministrar algum conhecimento de cousas que se ignorem; ou aos esclarecimentos ácerca de quaesquer assumptos; e em particular á acção de instruir, de adestrar a mocidade em alguma cousa, ensinando-lhe diversos conhecimentos; ou a todos os preceitos, ensinos, e ordens dadas, quer verbalmente quer por escripto, quer por superiores a seus subordinados para a execução de uma cousa.

Um illustre publicista francez disse que um Estado pode existir sem constituições escriptas, sem leis positivas, sem penas corporaes, dando-se a cada um e a todos a instrucção necessaria; a instrucção que é o direito á civilisação; a instrucção que pode combater e destruir a miseria immaterial — a ignorancia — do mesmo modo que o trabalho e a probidade podem combater e destruir a miseria material, fontes uma e outra da maior parte dos crimes.

Um outro moralista da mesma nação, é de parecer, que não é tanto pelo poder das leis, de ordinario exclusivamente motivadas por circumstancias passageiras e por interesses moveis, que os costumes melhoram, mas pela influencia poderosa de uma instrucção, convenientemente appropriada á constituição que o rege ou deve regel-o.

Um governo não se funda, não se consolida, não se perpetúa, senão por um systema d'instrucção publica, posto em harmonia com os seus principios fundamentaes; assim, n'um governo cuja base é a eleição popular, tudo ha de tender essencialmente, para que a mocidade se prepare com estudos especiaes

... engodo, ou
para nos sujeitar a deveres fic
cimento das verdadeiras obrigaç
sobre este assumpto, mais se
a doutrina dos deveres são as u
pecie humana dos males, que a
de revoluções. A instrucção prud
pelas differentes condições da s
cessaria para ensinar aos homen
cumprirem os seus deveres.

Não deixe porem de dominar e
mais elementares até ás de superi
samento — o de incutir nos espir
Evangelho. Se inspirarmos aos l
lhes lembrar o amor dos homens,
tes inuteis e perigosos; — se l
homens despresando o amor de D
des incompletas, formando discip
obstaculos e revezes.

Ha uma idade em que a rasão j
creanças têem todavia affeições,
devem encaminhal-as pela estrad

O bem é tudo o que inspira o ju
periores, dos jovens amigos, e ta
dar allivio a um pezar e de caus
amar seus similhantes é a que n
envolvida, desde a época em que
sas, até ao tempo em que exercit
nas escholas ...

car-se de modo que facilmente se perceba, a que palavra ou oração pertençam e por que relação.

Exemplos: *não é necessario que a belleza se mostre, basta que ella modestamente se deixe ver. Simular é fingir o que não é. Não sei se és feliz. A benevolencia dá mais amigos que a riqueza, mais credito que o poder. Para que é bom dizer ou fazer isto? Eisaqui o que cada um deve perguntar a si mesmo antes de fallar ou de obrar.*

Porque faz *parte* d'aquellas orações a que vem junta, por isso mesmo se chama tambem *parcial*.

A oração integrante une-se á integrada e a completa de tres modos:

1.º Por meio de alguma conjuncção integrante ou dubitativa como: — *que, se, se porventura*; v. g.: *peço-te que fiques, dize-lhe se queres*, etc.

2.º Por meio de algum adjectivo ou adverbio interrogativo e tambem do relativo *que*, tendo por complemento um pronome demonstrativo, como: *quem, qual, quanto, o que*, etc.; v. g.: *tu saberás quaes são as angustias que se padecem: o senhor castiga a quem ama, como um pae a um filho querido; fiz quanto pude: o canto é para a palavra o que a pintura é para o desenho.*

3.º Por meio de um infinito a servir-lhe de termo ou de complemento; v. g.: *vale mais adormecer sem ceia, que acordar com dividas; quem não sabe fazer uso da propria experiencia, mal poderá aproveitar-se da dos outros; devemos estudar para saber: louvar os principes por virtudes que elles não têem, é dizer-lhes impunemente injurias.*

As orações integrantes e as palavras tomadas materialmente consideram-se do numero singular e do genero masculino.

Dizem-se integrantes as conjuncções, que postas no principio da oração mostram que esta faz parte da antecedente immediata, á qual fica subordinada; taes são as conjuncções — *que, se*, e as locuções — *se por ventura, se acaso.*

A palavra *que* é ás vezes uma simples particula de realce, i. é, uma voz expletiva que, desprovida de significação grammatical, serve unicamente de fazer sobresair a expressão de certa ideia. É o que succede, por exemplo, nas phrases seguintes: *certamente que não conheço outra. Quasi que enlouqueci. Desde o alvor da manhã que vos procuro. Oh! que é muito!* etc. [1].

Não se confunde o *que* conjuncção com o *que* relativo das

---

[1] Estas orações podem tambem considerar-se ellipticas; prestam-se á seguinte composição e analyse: *Que eu não conheço outra* (attributo) *é certamente o facto* (ou *a verdade*). *Que vos procuro desde o alvor da manhã* (complemento directo) *todos o sabem* ou *todos sabem que vos procuro*, etc.

orações incidentes, nas quaes se pode substituir p equivalentes — *o qual, a qual, os quaes, as quaes, o q o homem que* (o qual) *tu conheces... a criança que* (a q *cámos... os objectos que* (os quaes) *compraste... as exp que* (das quaes) *te serviste... todo o que* (todo o homem *commette um crime deve ser punido... ha homens que...* (homens)... *é bom louvar os que* (os homens os quaes) *mor de animar os que* (os homens os quaes) *vivem.*

Nas orações — *Sêde justos, se quereis que vos façam dizia ella que a melhor lição para uma filha é o exempl mãe virtuosa; creio que tudo nas cousas humanas é mis bem e de mal; é mais virtuoso que erudito; é menos jus tu.*[1] Nenhum dos *que* se pode substituir pelos demonstr lativos — *o qual, a qual, os quaes, as quaes,* por ser o juncção integrante em cada um dos cinco exemplos.

N'este outro exemplo — *Não se pode dirigir um mais picante a qualquer pessoa, que a de a louvar por q que não tem;* — o 1.º *que* é conjuncção, o 2.º relativo; e se verifica no seguinte — *mas é tal a nossa fraquez gostamos de louvores, que não reputamos sinceros nem ros.*

Inteiras. — Dizem-se as palavras que têem tonico ou predominante na penultima syllaba como: *vento, quimera, tentativa, utilidade.* etc.

Chama-se *inteiro* o verso, cuja ultima palavra é int são os seguintes:

> Depois de porcellosa tempestade,
> Nocturna sombra, e sibilante vento,
> Traz a manhã serena claridade,
> Esperança de porto, e salvamento.

Outros dizem — *palavras graves, verso grave.* Veja este vocabulo.

Inteiros. — Dizem-se inteiros ou graves os v têem o ultimo accento predominante na penultima tantas syllabas quantas o seu nome designa, como:

> Não se mudam as leis do fado

redondilha maior — 8 syllabas.

---

[1] Sobre o emprego do *que* ou da formula — *do que,* depois de *mais menos,* exprimindo comparação, veja *Correlativas.*

As armas e os varões assignalados

hendecassyllabos — 11 syllabas [1].

Os versos inteiros são os mais melodiosos e os que devem predominar em toda e qualquer especie de metro; e d'ahi veio a designação de cada especie de versos pelo seu numero de syllabas quando grave, embora tenha menos uma syllaba quando agudo, e mais uma quando esdruxulo. Assim estes tres versos —

«Vasco da Gama o forte capitão
«Não acabava quando uma figura
«Se nos mostra no ar robusta e válida —

disseram-se todos hendecassyllabos ou de onze syllabas, apezar de ter o 1.º só dez e o terceiro ter doze. Vem esta differença de que no verso agudo, a voz demora-se com a ultima syllaba, tanto tempo quanto gasta a pronunciar-se um final grave; e no esdruxulo, as duas ultimas syllabas escorregam tão rapidamente pelos labios que não gastam mais tempo do que uma syllaba breve.

Intelligencia. — Faculdade de conhecer, de comprehender; qualidade do que é intelligente.

O poder de que é dotada a nossa alma para produzir certos phenomenos; taes como: a *percepção*, a *attenção*, a *consciencia*, a *concepção*, a *reflexão*, a *abstracção*, a *comparação*, a *generalisação*, a *memoria*, a *reminiscencia*, a *associação das ideias*, a *imaginação*, a *rasão*, o *raciocinio*, etc.

Os graus de intelligencia na especie humana constituem uma escala bem graduada.

Esta mesma escala se nota nos irracionaes. Diz-se o elephante tem muita intelligencia; o cavallo, o cão, o castor são animaes muito intelligentes, i. é, são dotados da faculdade intellectual, capazes de conceber e de raciocinar; falta-lhes fallar. A falla só foi dada ao homem.

Intelligencia e entendimento são synonymos: a *intelligencia* é a mesma faculdade intellectiva, occupada mais particularmente em comprehender as cousas; é o conhecimento exacto

---

[1] Castilho advertiu no seu *Tratado de metrificação*, que se devem contar por syllabas de um verso as que n'elle se proferem até á ultima aguda ou pausa, e que nenhum caso se faça da uma ou das duas breves, que possam seguir; pois chegado o accento predominante, já se acha preenchida a obrigação.

Esta porem não é a pratica geral, que é designar o verso contando-lhe mais uma syllaba para alem da pausa; assim ao *hendecasyllabo* ou de onze syllabas chamava Castilho *decasyllabo* ou de dez syllabas, etc.

e positivo d'ellas; é a pericia com que as explicamos, se são especulativas, ou as executamos, se são praticas. A palavra *entendimento* parece corresponder mais principalmente á especulativa; *intelligencia* á pratica. Fulano discorre com grande *entendimento*; obra com summa *intelligencia*.

Veja *Talento*.

Inter, Intro. —Veja *Prefixos*.

Interjectivas. — Dizem-se as particulas, phrases ou locuções, que servem de exprimir a exclamação que pinta, de um só lance, as affeições subitas da alma.

Veja *Interjeição*.

Taes palavras servindo á expressão da paixão, foram certamente os primeiros elementos da linguagem fallada, suppõem muitos que por estes gritos expressivos, acompanhados de gestos, começaram os homens a communicar suas sensações; pelo que haveria tantas particulas ou phrases interjectivas, quantas paixões differentes.

Temol-as ainda para exprimir: admiração, dor, afflicção, desconfiança, ironia, desprezo, aversão, repugnancia; para chamar, para perguntar, etc., etc.; v. g.: *bravo! adeus! Misericordia, Senhor! Que tal está!* etc.

Interjeição. — É uma palavra invariavel, aspirada e de ordinario curta, com que exprimimos varios affectos e movimentos subitos de nossa alma, como *alegria*, *dor*, *admiração*, *indignação*, etc.

São de varias especies as interjeições, assim como os affectos que exprimem:

oh! ah!	denotam	alegria, admiração;
hui! ai!	»	dor;
fora! irra!	»	indignação, aversão;
oxalá! oh!	»	desejo;
eia! sus! animo!	»	exhortação, animação;
bem! bravo!	»	applauso;
ó! olá!	»	chamamento.

Chamam-se locuções interjectivas duas ou mais palavras combinadas para servirem de interjeição; exemplos: *ai de mim! Pobre de ti! Ditosos d'elles! Assim Deus me ajude!* etc.

Cada interjeição pode valer por uma ou mais orações que formam o todo de um juizo ou pensamento; por exemplo: *ai* significa — *que desgraça* ou *que infelicidade é a minha!* ou *como sou infeliz!*

Por isso as interjeições são palavras eminentemente *syntheticas* e de natureza differente das outras, as quaes são todas *analyticas*.

Cada interjeição pode considerar-se uma oração elliptica ou resumida, significando a expressão subita de affectos, que perderiam a vivacidade natural, se fossem descriptos com palavras analyticas ou com phrases limadas.

Independentemente das interjeições propriamente ditas, o homem agitado de uma commoção violenta, penetrado de uma ideia viva, recorreu a signaes da linguagem analytica, que desviou um pouco de sua significação primitiva, para as tornar proprias a exprimirem suas affeições com rapidez e concisão: taes como: *Misericordia! Paciencia! Silencio! Milagre! Virgem Santissima!* etc.

Dividiremos pois as interjeições em —*naturaes*, i. é, exclamações expontaneas, que não exprimem os nossos pensamentos, mas que são a expressão irreflectida de nossas sensações, e cuja significação depende absolutamente do logar em que nos achamos, do sentimento que se pretende exprimir, e do modo como são pronunciadas, como: *hui! oh! ai!* e —*convencionaes*, i. é, palavras pertencentes á linguagem analytica, empregadas interjectivamente, como: *bravo! paciencia! pelo amor de Deus!*

As interjeições foram os primeiros elementos da linguagem. Sem duvida o homem, impressionado em seu espirito, e sentindo uma commoção viva, soltou repentinamente um grito, e assim exprimiu pela vez primeira os seus sentimentos.

Foi pois talvez por meio de gritos, acompanhados de gestos, que os homens começaram a communicar os seus pensamentos, traducção das impressões da natureza.

Não podemos asseverar nem negar que o Creador, dotando o rei da creação da faculdade de fallar, fazendo-lhe perceber esse dote sublime e distincto por excellencia, em vez de uma linguagem formada, lhe outorgou apenas os recursos de uma intelligencia, superior sim, mas carecendo de aperfeiçoamento pela cultura: podendo vir a medir os astros que rolam na immensidade do espaço; ler no firmamamento, como em um livro aberto; quebrar o impeto do raio que estala e mata de improviso; servir-se da electricidade e do vapor para acabar com as distancias, etc.

A interjeição *ai* emprega-se algumas vezes como substantivo, e isto se vê n'estes exemplos: —*vencido pela dor, dava sentidos ais.*

«Triste de quem der um *ai*
«Sem achar éco em ninguem.

A interjeição *ai* muitas vezes se emprega seguida da preposição *de*, v. g.: *ai de mim; ai dos vencedores!*

Por emphase empregam-se como interjeições alguns adjectivos, seguidos de nome ou pronome com a preposição *de*, como: *feliz de mim*, se eu vencer! *Desgraçados dos inimigos*, se não triumpharem!

Não se devem confundir as interjeições *ó* e *oh*; a primeira é simplesmente vocativa, serve para evocar ou chamar; a segunda denota admiração e outros affectos; exemplos: *ó morte, este misero soccorre. Oh! que entremezes da vida! oh! que tragedias do mundo!*

Oxalá (queira Deus) leva o verbo ao conjunctivo. Exemplo: *oxalá fossem meus votos ouvidos!*

O clima influe certamente na variedade das sensações, e a isso devemos attribuir serem mais variadas e mais vivas as sensações dos povos meridionaes, que as dos povos do Norte. Sem nos occuparmos d'essas causas, cremos que d'ellas dimana o numero consideravel d'interjeições de toda a natureza, que enriquecem a linguagem portugueza.

Interlocução. — Discurso alternado entre duas ou mais pessoas; tambem se dá este nome ao discurso, que interrompe o fio de outro.

Interlocutores. — Dizem-se propriamente as pessoas que se introduzem em um dialogo; e por extensão, toda a pessoa que conversa com uma outra.

Interpolada. — É assim denominada a rima, quando dois ou mais versos, que rimam entre si, são permeiados de um até seis versos de rima differente. Exemplos:

«Apostolo é o pae que se afadiga
«Só para que descance o filho amado.
«Apostolo é a rocha em que se abriga
«Ave agoureira e pobre desgraçado;
«Apostolo é a lagrima que amiga
«Cai pela face em peito amargurado;
....

«Oh que mulher tão perfeita
«A que vem alem andando!
«Vem espalhando um perfume
«E é tão airosa a andar!
«Parece quando se deita
«Incenso e myrrha no lume
«Que se vai desenrolando
«Aquella nuvem no ar[1].

---

[1] Que delicadeza de sentimento nos deixa perceber n'esta imagem e n'estas estrophes o nosso mimoso poeta e amigo o sr. João de Deus.

Interpretação. — Explicação dos termos e do espirito de uma lei, de um texto sagrado; de uma cousa obscura e ambigua. Tambem se toma pela traducção de uma lingua em uma outra; ou a acção de tirar de uma cousa qualquer inducção.

É a applicação das regras da hermeneutica á investigação do sentido das palavras dos outros.

A interpretação dos sonhos formava entre os antigos e principalmente entre os judeus, uma grande sciencia; seus interpretes gosavam de um credito immenso. Pretendia-se ver nos sonhos uma advertencia do ceo sobre os acontecimentos futuros. Foi á interpretação dos sonhos que José deveu a origem do seu poder no Egypto.

Interprete. — Traductor ou traductora; aquella pessoa que traduz as palavras de uma lingua em uma outra lingua; ou a pessoa que esclarece, que torna intelligivel o sentido de um auctor, de um discurso, de uma passagem, de um texto, de uma lei; que reproduz o caracter d'um personagem historico. A pessoa encarregada de fazer conhecer as intenções, os sentimentos, a vontade de outrem.

Os augures eram considerados entre os pagãos, como os *interpretes* da vontade dos deuses.

A voz e a lingua são os *interpretes* dos nossos pensamentos.

Os olhos são os *interpretes* do coração.

As flores são muitas vezes os *interpretes* dos nossos sentimentos.

Interrogação. — Proposição composta de maneira que indica a ignorancia ou a incerteza d'aquelle que falla, e o desejo que elle tem de ser instruido a tal respeito. Exemplo:

Visitaste a exposição? Quando partes? Já chegaram?

Estas proposições terminam sempre pelo signal de interrogação (?) ou ponto de que nos servimos para marcar a interrogação, v. g.: — *voltaram?... perguntou em voz baixa.*

Em algumas phrases como as seguintes, que damos para exemplo, colloca-se quasi sempre o sujeito depois: *já chegou o vapor? queres tu vir comigo? sabiam elles a rasão? quanto custam esses livros? que dia é hoje?*

Tambem se dá o nome de interrogação á figura pela qual aquelle que falla avança uma cousa em forma de pergunta, dando em seguida elle mesmo a resposta; v. g.: *És tu mercador? vende-nos. És carniceiro? mata-nos. És monarcha? faze-nos felizes. Quem são os ricos n'este mundo? os que têem muito? não; porque quem tem muito deseja mais, e quem deseja mais falta-lhe o que deseja, e essa falta o faz pobre.*

A interrogação dá mais peso e vehemencia ao discurso. O

orador emprega-a com vantagem, quando falla de uma cous em tom affirmativo, como não podendo admittir a menor dú vida; quando quer mostrar os absurdos em que cairia aquell que pretendesse combater os sentimentos d'elle orador; quan do quer separar as respostas capciosas ou os sophismas d seu adversario, e quando o proprio orador, posto em apuro quer a seu turno *entalar* o seu antagonista.

A interrogação, muitas vezes filha de uma commoção vio lenta, é particularmente propria para pintar as paixões viv sobre tudo a indignação, a dor, o receio, a admiração; anim o discurso, deixa o auditorio á espera e obriga-o á recebe impressão. Serve para variar e animar o estylo.

As interrogações accumuladas, exprimindo a commoção orador, fazem-na passar ao coração d'aquelles que a escutam são como uma explosão dos raios da eloquencia, e um d meios mais frequentes de dar vehemencia ao estylo.

Por que o quereis condemnar? Quaes são seus crimes? Q provas tendes? Quem o accusa?

«Como? da gente illustre portugueza
«Ha de haver quem refuse o patrio Marte?
«Como? d'esta provincia, que princeza
«Foi das gentes na guerra, em toda a parte,
«Ha de sair quem negue ter defeza?
«Quem negue a fé, o amor, o esforço e arte
«De portuguez, e por nenhum respeito
«O proprio reino queira ver sujeito?

Interrogativas. — Dizem-se as particulas, as phras ou orações que servem para perguntar, isto é, indicando parte d'aquelle que as emprega, antes uma pergunta que u asserção; taes são: *como, onde, que, quem, quando, quanto, po que, porquanto, de que modo; de que se trata? quem fez ist onde estás?*

Colloca-se ordinariamente no fim da phrase ou oração o ponto chamado interrogativo ou de interrogação, como fi exemplicado.

Não ha na lingua portugueza nenhum termo que seja pur mente interrogativo, queremos dizer, que designe essenci mente a interrogação, porque as mesmas palavras que emp gamos na interrogação, servem igualmente para as mais po tivas expressões. Assim nós dizemos: *quanto custa este livr* com interrogação, e — *eu bem sei quanto custa este livro*, co affirmação. O mesmo se verifica no emprego dos outros te mos *interrogativos*.

Muitas vezes não é senão o tom ou as circumstancias discurso, que dão a uma phrase o sentido interrogativo, e co na escriptura não pode figurar o tom, é o ponto de interrog *ção que* ahi decide o sentido da phrase.

zem-se interrogativas as phrases ou orações com as quaes
›rmúla uma pergunta ou interrogação; v. g.: *o que fez
que diz o medico? aonde vais tu?* Assim expressas, deve o
to collocar-se regularmente no fim.
ja *Interrogação.*

nterrogativos. — São os relativos-conjunctivos, quan-
ervem para perguntar, directa ou indirectamente: quem?
qual? cujo? onde? seguidos do signal d'interrogação (?)
mplos: *Quem és? Que cousa é esta? Qual será a causa?
Cuja* (de quem) *será a victoria em tanta differença de uns
ros combatentes? D'onde vens? Para onde te levam?* etc.
em, interrogativo, é sempre pronome e tambem *que* quando
re nome. Exemplo: *quem* (que homem — pessoa) *poderá
o que não tem? Que é isto? Que dizes?* Tem depois de si
esma oração o seu substantivo expresso ou subentendido.
o relativo-conjunctivo é sempre pronome referido a sub-
ivo ou sentido antecedente, v. g.: *os conselhos que me
são* bons. *Louva-se a energia com que te defendes.*
ja *Relativos.*

nterrupta. —Veja *Transposta.*

ntransitivo. — Diz-se o verbo que significa mero es-
e qualidade do sujeito, ou o que exprime uma acção que
passa do mesmo sujeito que a pratica. *Viver, brilhar, sal-
rir, mentir,* são verbos intransitivos.
tes verbos não pedem complementos.

> «O toiro busca, e pondo-se diante
> «Salta, corre, sibila, acena e brada.

davia a muitos verbos intransitivos algumas vezes se dá
ntemente significação *transitiva*, o que dá á lingua um
vilhoso realce. Exemplo:
*tes quizera ser pedra, ou ser nada, do que viver vida simi-
e.
na dama... tinha gemido aquelle grito.*

> «Do mal futuro avisos grasna a gralha.

> «Gritam ordens os cabos.—Não lh'as ouvem.

ja *Verbo, Vozes, Passivo.*

verbos intransitivos não se costumam passivar.

Se juntando ao verbo a pergunta *o que?* ou *a quem?* naturalmente pedir alguma palavra ou palavras para lhe completar a significação, esse verbo será *transitivo*, se não pedir palavra alguma será *intransitivo*; v. g.: *a flor vegeta... o que!* ou *a quem?* Taes perguntas com este verbo não pedem resposta; logo o verbo *vegetar* é *intransitivo*, porque não pede complemento algum.

Algumas vezes dá-se a forma reflexa aos verbos intransitivos.

Veja *Reflexos*.

Intro. —Veja *Prefixos*.

Invariaveis. — Dizem-se as quatro seguintes partes elementares do discurso: *preposição, adverbio, conjuncção e interjeição;* invariaveis, porque se escrevem sempre com as mesmas lettras; v. g.: *para, não, porem, oh!* etc.

Invenção. — Diz-se em rhetorica a investigação dos pensamentos mais accommodados ao fim, que o orador se propõe; estes pensamentos, que são as provas, os affectos e as bellezas, só se podem achar vendo o *fundo* á materia do discurso.

Inversa. — Diz-se a ordem por que são dispostas as palavras na oração, quando se segue um processo contrario á ordem directa; i. é, quando se colloca o sujeito depois do verbo ou o verbo depois dos complementos; o adjectivo depois do substantivo; as palavras subordinadas antes das subordinantes. Exemplos: *existe um pae commum que a todos ama. De generoso sangue seu o traço nos conduz. Aos servos mandou que as portas abrissem do palacio. Ha de vir esse dia; e se a figueira em abrolhando perto vem o estio, não longe está; succediam desgraças incriveis*, etc.

São mui frequentes os exemplos da construcção inversa principalmente no verso; permitte-o a indole da lingua portugueza; comtudo não devem ser tão arbitrarios que se falte á harmonia da phrase, a qual deverá conservar-se em todo o caso, evitando-se cautelosamente os vicios que lhe sejam contrarios.

Veja *Ordem*.

Inversão. — É a transposição de palavras contraria á ordem das ideias ou á ordem alphabetica. É frequente tanto na prosa como no verso, mas a poesia admitte inversões que lhe são particulares, e que na prosa se não podem admittir.

A inversão em qualquer dos estylos estabelece uma dif-

rença essencial e produz effeitos admiraveis. Executa-se pelas seguintes razões: 1.ª para approximar ideias correlativas, e ligar as orações entre si, de geito que o sentido total se perceba *claramente*; 2.ª para contrastar pensamentos oppostos, e apresentar ideias importantes onde mais *toquem* o espirito; 3.ª para variar e amenizar a forma do discurso dando-lhe *graça* e *harmonia*.

As inversões devem ser dictadas ou por necessidade, para evitar ambiguidades ou dissonancias; ou por utilidade, para tornar a expressão mais energica ou graciosa; e quando assim não forem, devem evitar-se na prosa.

O verso tem mais alguma liberdade, para poder satisfazer ás obrigações da medida e da rima; mas ainda assim deve sempre respeitar-se a clareza.

No estylo familiar e no estylo epistolar pouco nos afastamos da construcção directa, mas no estylo da historia, da eloquencia, e da poesia, é inimitavel a nossa lingua que, por meio de arrojadas inversões, adquire a maxima energia e a distincta graça de expressão que a tornam afamada, porque pode ostentar estes dotes sem damno da precisão, qualidade que constitue um dos principaes caracteres da lingua portugueza.

A inversão tem ainda por fim fazer sobresair mais a ideia sobre a qual se quer chamar mais particularmente a attenção. Obtem-se isto com o auxilio de um certo arranjo harmonico das palavras, cujo objecto é apresentar desde logo ao espirito a ideia que se quer pôr em relevo, e ao mesmo tempo fazer cair mais forte intoação sobre a palavra que exprime esta ideia.

Não deve porem ser o effeito do capricho; quando não haja rasão de utilidade ou vantagem, prefira-se a construcção directa.

É impossivel dar regras precisas sobre uma operação, que depende inteiramente do sentido intimo que cada um liga ás palavras, e do gosto que preside ao seu arranjo. Daremos apenas alguns principios geraes que possam indicar de que modo a inversão pode affectar as differentes partes do discurso, advertindo que muito mais podem aproveitar os exemplos tirados dos bons auctores.

1.º Toda a inversão que prejudica sensivelmente a clareza do discurso deve ser rigorosamente regeitada.

2.º A inversão, quando possa ou deva ser empregada, consiste ordinariamente em collocar n'um certo logar da phrase, oração ou discurso, a palavra que exprime a ideia principal, ou ao menos aquella, sobre que se quer chamar mais particularmente a attenção, uma vez que esta construcção não seja contraria á euphonia.

3.º Na conversação e no estylo epistolar corrente, uma grande reserva se ha de usar da inversão, e ainda deve ser simples e não se empregar em mais de uma poucas palavras, afim de evitar toda a apparencia de affe

4.º O estylo historico, o oratorio e o poetico têem o pri da inversão e é só n'este genero de litteratura onde pod correr livremente para o brilho da dicção, para a ener expressão, para a magestade, eloquencia e harmonia do

5.º A inversão é *necessaria* ou simplesmente *util*.

É necessaria: para approximar ideias relativas, para as amphibologias, para dar força aos contrastes, para n'um só pensamento muitos pensamentos desligados. E necessaria a certas formas d'expressão, para as quaes não admitte a construcção directa.

A inversão é *util*: para introduzir a variedade na co ção das phrases, ou para apresentar logo ao espirito do ou do ouvinte a ideia que nos occupa, e da qual nós que que elle se occupe tambem, ou finalmente para dar á phr seguimento natural, tornando-a mais facil e mais harm

As duas primeiras oitavas dos Lusiadas offerecem mais bellos exemplos do emprego da inversão na poesi duziu ali o poeta um effeito maravilhoso, conservando su o espirito do leitor pela enumeração preliminar dos altos que constituem o objecto do seu poema até ao fim da 2.ª cia, onde está o verbo pelo qual nos annuncia que os vai

Vejam-se os effeitos da inversão nos sermões de V nas obras de Garrett, Herculano, Rebello da Silva, Castil

Invocação. — Supplica que o poeta dirige a u musas ou a todas, a um genio, ou a qualquer dividad lhe pedir o seu soccorro.

A invocação é propria para o poema épico onde absolutamente necessaria, por isso que o poeta tem d cousas que elle não podia saber, senão pelas revelaçõ teriosas das musas.

> E vós, Tagides minhas, pois criado
> Tendes em mim um novo engenho ardente,
> Se sempre e em verso humilde celebrado
> Foi de mim vosso rio alegremente;
> Dai-me agora, etc.
>
> Lus. *C.* I, *est.* 4.ª *e* 5.ª

> Lembra-me, Musa, as causas[1], e me inspira
> Como por tantos mares o prudente
> Grego, vencendo de Neptuno a ira,
> Chegou do Tejo á tumida corrente;
>
> Ulys. *C.* I, *est.* 2.ª

---

[1] Como se traduzissemos de Virgilio — *Musa, mihi causas mem*

Invogaes. — São as lettras que se lêem sem voz; dividem-se em *proferiveis* e *improferiveis*.

São proferiveis as *toantes* — *r j z v*: e as *soantes* — *x c f*.

São improferiveis: as *labiaes* — *m b p*, as *linguaes dentaes* — *d t*, as *linguaes palataes* — *r l lh n nh*, e as *linguaes gutturaes* — *g q*.

As invogaes só se dobram entre vogaes ou entre vogal e *l* ou *r*.

As invogaes que se podem dobrar são *b*, *c*, *d*, *f*, *g*, *l*, *m*, *n*, *p*, *r*, *s*, *t*.

Palavras portuguezas não principiam nem acabam por lettra dobrada.

Tem cada uma das invogaes, pelo material do seu proprio som, e relações que se dão entre elle e alguns outros da mesma natureza, um caracter distincto, que muito pode contribuir para accrescentar ás palavras o seu effeito.

O *b* e o *p* exprimem percussão subita: o *d* e o *t* o mesmo, porem com mais energia; o *c* com o valor de *s*, e o *s*, silvo; o *s* com valor de *z*, e o *z*, zunido; o *f*, e o *ph* com valor de *f*, e o *v*, os sons analogos como quer que seja ao bufar dos gatos; o *g* com o valor de *j*, e o *j*, o *x* com o valor de *ch*, e o *ch*, e o *s* e *z* finaes, o correr dos liquidos: o *c* com o valor de *k*, e o *k*, o *q*, e o *q* com o seu valor aspero, aspereza, escabrosidade, e resistencia; o *l*, estalido; o *lh*, esmiunçamento ou divisão em miudos; o *m*, affecto mavioso, servindo emfim de syllaba para augmentar a resonancia; o *r*, sons fortes e tremulos.

Veja *Lettras dobradas*.

Ironia. — É a figura pela qual se diz o contrario d'aquillo que as palavras significam dando-se a conhecer ou pela pronunciação, ou pelo caracter da pessoa, ou pela natureza da cousa, ou por algum gesto, etc.; pois se alguma d'estas tres cousas não convem com as palavras, bem se vê que queremos significar o contrario do que dizemos; v. g.: *que famoso pastor de ovelhas é elle* (o lobo)!

Na ironia é essencial que cada palavra se tome na sua significação propria, de outro modo deixaria de ser ironia; v. g.: *ajuda ao pae que é velho!* diz-se vulgarmente, quando após um damno sobrevem outro maior, e nos resignamos com esta exclamação ironica.

«Que exemplo a futuros escriptores,
«Para espertar engenhos curiosos,
«Para porem as cousas em memoria,
«Que merecerem ter eterna gloria!

Não tem forma particular: ás vezes é uma palavra (ironia tropo); outras uma phrase (ironia figura); e até ha livros inteiros ironicos.

O sarcasmo, o *asteismo*, a *antiphrase*, o *euphemismo* e a *paremia* são differentes especies de ironia.

Poucas figuras têem, como esta, um quadro tão vasto e variado. Ora mordente e envenenada, é a ultima expressão do despreso, da colera, e até do desespero; ora penetrante e acerada, serve á razão para aclarar a verdade e desmascarar o erro; aqui ligeira, delicada e fina, é o vestido gracioso da alegria; alli pudica e receiosa, lança um veo sobre a ideia ou sentimento.

Agora faz parecer leves as coisas graves, ou graves as que são leves; logo vitupera simulando louvor, ou louva simulando vituperio.

Irregular. — Em opposição a *regular*, diz-se a syntaxe cujas regras de concordancia, regencia e construcção apparentemente se não guardam.

É tambem irregular a conjugação dos verbos, que na formação dos seus tempos não seguem as regras geraes das conjugações.

Irregulares (*Anomalos* ou *Anormaes*). — São os verbos que alteram ou as lettras do radical, ou as terminações da conjugação a que pertencem, afastando-se das regras para não seguirem a perfeita analogia.

Taes verbos não se conjugam como o verbo modelo, ou paradigma da conjugação respectiva.

Veja as taboas das conjugações e suas notas na 2.ª parte d'esta obra.

Isar ou **Izar.** —Veja *Desinencias.*

Isco. —Veja *Desinencias.*

Ismo. —Veja *Desinencias.*

Isocolon. — Consiste esta figura de rhetorica na igualdade dos membros da phrase, por serem compostos de quasi o mesmo numero de lettras. Exemplo:

Leva Abrahão seu filho Isaac ao monte, ata-o sobre a lenha do sacrificio, tira pela espada para lhe cortar a cabeça; manda-lhe Deus suspender o golpe, e diz-lhe estas palavras: Agora conheço, Abrahão, que temes a Deus.

Ista. —Veja *Desinencias.*

Itar. Ivo. —Veja *Desinencias.*

J

Decima lettra do alphabeto e septima invogal de valor certo; uma das articulações proferiveis, toantes ou vocalisadas.

Diz-se um *Jê*, **este** *jê;* **podendo conseguintemente ser maius-ılo ou minusculo e sempre do genero masculino; note-se po-rm que só ao minusculo se sobrepõe o ponto —** *j.*

Esta invogal modifica o valor das vogaes a que se junta, do esmo modo que o *g* **antes do** *e* **ou do** *i*, **de modo que** *geito, lo* **dizem-se como** *jeito, jelo*, **etc.**

Esta lettra nunca se dobra; nunca se emprega antes de ou-a invogal ou no fim de palavra, nem tampouco antes de *i*.

Jaculatorias. — Assim ditas as orações curtas, ferven-s e que partem do coração, dirigindo-se affectuosas á Divin-ade.

Janeiras. — Eram certas cantigas symbolicas adoptadas elos povos modernos, da mesma origem das *maias*, introduzi-as na Peninsula pelo paganismo, e que o nosso povo conser-ou por muito tempo, até á publicação de um *Accordão da amara de Lisboa*, que é do teor seguinte: «*Outrosim esta-lecem que d'aqui em diante, n'esta cidade e em seu termo, não atem* JANEIRAS, *nem* MAIAS, *nem a outro nenhum mez do anno*, tc., publicado em 1385.

Juizo. — É o acto pelo qual o espirito conhece a relação e conveniencia ou desconveniencia entre dois objectos.

Deus é justo; a alma não é mortal.

Se é de conveniencia, affirma-se uma das duas ideias da ou-a, e o juizo exprime-se por uma proposição affirmativa; se é e desconveniencia, uma das duas ideias é negada da outra, a proposição é negativa.

O juizo compõe-se essencialmente de dois termos, dos quaes m é invariavelmente uma concepção geral, o outro pode ser differentemente, ou um objecto d'experiencia, ou uma cousa ncebida, ou a ideia d'uma especie.

Alem d'estes dois termos ou elementos *(sujeito* **e** *attribu-o)*, **não pode o juizo dispensar um terceiro elemento que é** *verbo.*

Assim podemos instituir uma comparação, muitas vezes vo-ntaria, mas que pode tambem estabelecer-se espontanea-ente, em virtude de uma especie de affinidade natural entre s ideias, que têem uma parte commum; o conhecimento inti-o da relação dos dois termos é o juizo que, exprimido, con-erte-se na — proposição.

Os nossos discursos reduzem-se todos a uma serie sições que exprimem uma successão de juizos. São rios juizos ou proposições, com que se affirma ou ne tencia de uma certa relação entre duas ideias.

O juizo differença-se da oração em que esta, em ptica, é sempre expressa por palavras (expressão aquelle pode não o ser.

O acto interno com que affirmo que *o mar é immen* se *juizo*, as palavras com que o expresso, formam *ção*.

A explicação das varias classes de juizos e de su é tambem a explicação das proposições. Por tanto o mos d'estas, entender-se-á dito dos juizos, e reciproc

Propriamente fallando, o juizo é a consciencia e homem. Na vida humana não ha um instante em q sciencia e a razão não tenham que julgar alguma c decidir algum negocio, que tomar alguma deliberaçã se exporá alguem a fallar sem que empregue a razão sem o impulso da consciencia? Logo é restrictamen sario que o juizo seja cultivado com o maior esmero e

Juncção. —Veja *Zeugma*.

K

Undecima lettra do alphabeto. Uma das articulaçõ feriveis, linguaes-gutturaes, de valor certo.

Chama-se *kê grego* ou simplesmente *kê*. Pode ser — um *K*, ou minusculo — este *k*; do genero mascul todas as lettras do alphabeto consideradas em abstr

As palavras da lingua portugueza dispensam esta davia reconhecemos-lhe uma vantagem, qual é a de um emprego vicioso; valor certo e conhecido. É só vozes tomadas de outros idiomas.

Kilo. —Veja *Prefixos*.

L

Duodecima lettra ao alphabeto. Uma das articula vogaes improferiveis, linguaes-palataes, de valor ce simplesmente para modificação da voz, o que se ob com a lingua uma leve pancada no ceo da boca, con fica dizendo — *luva, bola, apalpadella*.

Em algumas palavras é dobrado, mas tem o me phonetico; v. g.: *pelo, pello, vale, valle, calo, callo*

mo modo estes nomes, embora haja para cada um signi-
diversa.

põe-se com o *h* assim — *lh* —; mas na leitura d'esta composta, cujo valor é tambem certo, percebe-se que a adhere mais forte e extensamente ao ceo da boca, o verifica dizendo as palavras — *ilha, dá-lhe, filhinho,* tc.

mos pois chamar a esta lettra *lêlhê*, nome verdadeiro e l, se bem reflectirmos nos valores mecanicos que se das suas duas formas, em lhes tirando a convencional costumamos juntar a cada uma das formas das invo-ıra se nomearem.

lhê pode ser maiusculo *L* ou minusculo *l*; é do genero ino como se vê — o *lêlhê*, este *lêlhê*, etc.

, que é articulação de sua natureza mui branda, não se iu ainda indole alguma representativa, a não ser, que cie de estalido, que a ponta da lingua deixa perceber, ıdo-se do ceo da boca, o torna por ventura apto para ar a acção de quebrar ou partir, como nas palavras *es-estalo, estalar, martelar, lascar*, etc.

ıto porem ao *lh*, facil é perceber-lhe um não sei quê, ito bem conforma com a ideia de coisa esmiunçada, ou a em miudos, como; *esmigalhar, chocalhar, ralhar, ba-arulho, mergulho, entulho, vidrilho,* etc.

n bem reparar em certa analogia, que se dá entre *lh* e erá talvez descobrir na indole peculiar do *h* por onde ıe esta semi-coincidencia, esta propriedade que elle pa-r n'um e outro caso, por se transformar em soído de li-e de outros corpos miudos e facilmente divisiveis.

, expressão de quantidade romana, ainda usada, vale 50.
euphonia substitue-se o *r* por *l* em: *louval-o, devel-o, dil-o;* por — *louvar-o*, etc. (figura antithese).

ıomes acabados em *l* formam o plural da seguinte ma-

Se o *l* está precedido de *a, o, u*, formam o plural mu-o *l* em *es*; ex.: *sal, saes; doutrinal, doutrinaes; farol,* ' *azul, azues*. Exceptuam-se *cal, mal, bul, consul*, que fa-*les, males, bules, consules*. *Real*, substantivo, faz no plu-*s*; sendo adjectivo, segue a regra geral — *reaes*.

Se o *l* se acha precedido de *e*, formam o plural mudando *is*; exemplo: *annel, anneis; fiel, fieis; mel, meis.*

Se é precedido de *i* longo, mudam o *l* em *s*; exemplo: *turis; gentil, gentis*. Se de *i* breve, mudam a termina-em *eis*; exemplo: *fossil, fosseis; docil, doceis; projectil, eis.*

Labiaes. — Assim chamadas as invogaes ou articulações improferiveis *m*, *b*, *p*, cuja leitura, meramente modal, ou simplesmente mecanica, se faz, mas não se diz, unindo os beiços para se oppor uma resistencia ao elemento phonico que vai proferir-se; observe em *mobil*, *Baima*, *pobre*, *pômo*.

Laconico.—Diz-se o estylo curto, monossyllabico, escuro e enigmatico, faltando-lhe muitas vezes o necessario para fazer-se entender. É tão conciso e apanhado que quasi se torna inintelligivel. Apenas em algumas cartas pode ter logar. É em geral vicioso este estylo.

Laconismo. — É a expressão ou phrase concisa, que tem por objecto resumir no menor numero possivel de palavras um sentido completo; é o adagio *muito em pouco*, que todos os oradores deveriam adoptar.

O laconismo tem por escolho a obscuridade. Exclue todas as figuras que fazem o ornamento da linguagem.

Convem eminentemante aos proverbios, ás sentenças, ás inscripções, etc.

O — *veni, vidi, vici* — de Cesar, e o — *senão, não* — dos aragonezes por occasião da investidura dos seus reis, são modelos d'este genero.

O laconismo quando é conceituoso, chega a ser sublime. Leonidas, rei de Sparta, fora encarregado de oppor-se com 300 homens no desfiladeiro das Termopylas á invasão dos persas commandados por Xerxes. Escreveu este ao valente lacedemonio — *Rende-te e terás o imperio da Grecia.* Leonidas responde — *Prefiro morrer a escravisar a patria.* Segunda carta de Xerxes com estas palavras — *Entrega-me as tuas armas* — Resposta: — *Vem por ellas.*

O combate foi tão renhido que bem poucos escaparam.

Não é menos sublime a linguagem de madame Lefort. Conseguindo illudir a vigilancia do carcereiro de seu marido, e que este se vestisse nos trajes d'ella, pôde o accusado evadir-se, ficando sua mulher na prisão. No dia seguinte descobre-se o acontecido. O representante do povo, encarregado de interrogar a senhora Lefort, diz-lhe em tom ameaçador: «Desgraçada, que fizeste? — *O meu dever*, respondeu ella; *faze o teu.*» O laconismo heroico d'esta resposta não fica atraz do de Sparta.

Latinismo. — Dá-se este nome á construcção, phrase, ou locução propria da lingua latina; v. g.: *inicio, prisco, amaro, rubente, prelio, gladio; ouviu gemer um homem. E tu os has visto nascer e morrer*[1]. *(Tu que illos vidisti nasci atque mori)*;

[1] *A. Herculano — Threnos Historicos* — I, 4.º periodo.

i. é: e tu has visto (ou viste) que elles (os seculos) nasciam e morriam.

Diz-se *latinismo* do latim, como se diz *gallicismo* da lingua dos gallos ou franceza, ou como se diz *luzitanismo* do antigo modo de fallar luzitano, e assim *hebraismo, grecismo*, do hebraico, do grego, etc.

Ha latinismo nas seguintes phrases: *mandou Deus descer o anjo;* equivalendo a — mandou que o anjo descesse. *Mandou vir os annaes e historia da ordem. Vemol-a atravessar*, equivalendo a — vemos que ella atravessa. *Vejo-as rir*, que em latim diriamos: *video illas ridere;* i. é — *vejo o que?* a ellas? não; mas — ... *que ellas riem;* (ou ellas rir) — não podendo *ellas* deixar de ser sujeito e não complemento de *rir*, que é intransitivo, e toda a oração — *que ellas riem* (illas ridere) — integrante, servindo de complemento directo ao verbo *vi;* e assim as mais orações referidas, cuja construcção e analyse bem se parece com a latina.

Aproveitaremos este vocabulo para tornar evidente a analogia do portuguez com a lingua latina, citando aqui dois extractos, um em prosa, outro em verso, que se não attestam a origem da lingua portugueza, provam que esta muitas vezes se pode escrever com as mesmas palavras, phrases e orthographia que usaram os latinos, salvo pouquissimas variantes ligeiras:

O quam gloriosas memorias publico, considerando quanto vales nobilissima lingua lusitana! Cum tua facundia excessiva mente nos provocas, excitas inflamas. Quam altas victorias, quam celebres triumphos speras, quam excellentes fabricas fundas, quam preversas furias castigas, quam feroces insolentias rigorosa mente domas, manifestando de prosa, de metro, tantas elegantias latinas! [1]

[2] Canto tuas palmas, famosos canto triumphos,
Ursula, divinos martyr concede favores,
Subjectas, sacra Nympha, feros animosa tyrannos.
Tu Phœnix vivendo ardes, ardente triumphas,
Illustres generosa choros dás, Ursula, bellas,
Dás, rosa bella, rosas, fortes dás sancta columnas.
Æternos vivas annos, o regia planta.
Devotos cantando hymnos vos invoca sanctas,
Tam puras nymphas amo, adoro, canto, celebro.
Per vos felices annos, o candida turba,
Per vos innumeros de Christo spero favores.

---

[1] Extracto dos *Discursos politicos* de Manuel Severim de Faria, impressos em Evora em 1640.

[2] Extracto de um hymno a Santa Ursula, tirado do *Tratado* de Duarte Nunes de Leão, sobre a origem da lingua portugueza, impresso em Lisboa em 1680.

Os mais conspicuos investigadores da origem da lingua portugueza são concordes em a julgar derivada do latim rustico e corrupto da idade-média, já viciado nas formas, já alterado nas desinencias dos vocabulos pela communicação dos invasores que se seguiram. «Para d'isto nos convencermos, dizem elles, basta reparar no uso que a mesma lingua faz, não diremos já das palavras designativas das causas de primeira intuição, mas das proprias particulas da lingua latina: preposições, conjuncções, etc. E não só a forma material das preposições e conjuncções, senão a força, o valor, e o sentido das mesmas, o emprego que têem na oração, e a maneira por que modificam os vocabulos de que resulta *um certo modo de ver*, que propriamente constitue o genio da lingua, nos convence de ser a latina a origem e fonte primaria da portugueza. Os meios mecanicos que emprega para formar *a pintura e expressão do pensamento*, são, de feito, os mesmos de que se serve a lingua latina; isto é, as mesmas palavras dispostas e ligadas com as mesmas preposições e conjuncções; de modo que n'esta especie de edificio, não só as pedras são talhadas pelo *modulo* romano, senão tambem a mesma argamaça, que as conjuncta e liga, é da fabrica e composição d'aquelles sabios estructores; vindo, consequentemente, a architectura de todo o edificio a têr as proporções, a natureza e o gosto da romana.

A corrupção da lingua latina operou-se por differentes modos e causas, e n'esse estado foi que serviu de base á formação de grande numero de palavras, que hoje revelam a sua origem, sendo que umas foram empregadas:

com TRANSMUTAÇÃO DE LETTRAS; v. g.: *alvo* de *albo*, (ablat. de albus); *assadura* de *assatura; bolsa* de *bursa; hortelão* de *hortelano* (ablat. de hortelanus); *madrinha* de *matrina; sarar* de *sanare; trazer* de *trahere;* etc.; outras,

por SYNCOPE OU SUPPRESSÃO DE LETTRAS OU DE SYLLABAS; v. g.: *abelha* de *apicula; agulha* de *acula; banhar* de *balneare; celeuma* de *celeusma; cobrir* de *cooperire; irmão* de *germano* (ablat. de germanus); *moio* de *modio* (ablat. de modius) *semana* de *septimana*, etc.;

por TRANSPOSIÇÃO DE LETTRAS OU SYLLABAS; v. g.: *bandeira* de *banderia; beijar* de *basiare; colleira* de *collaria; melro* de *merula; preguiça* de *pigritia; trevas* de *tenebras* (accusat. de tenebræ); *tropego* de *torpido* (ablat. de torpidus); etc.;

por AUGMENTO DE LETTRAS ou de SYLLABAS; v. g.: *abreviar* de *breviare; amargo* de *amaro* (ablat. de amarus); *embalsamar* de *balsamare; escada* de *scala; garupa* de *grupa; roubador* de *raptore* (ablat. de raptor); *sombra* de *umbra;* etc.;

por DIMINUIÇÃO DE LETTRAS ou de SYLLABAS; v. g.: *abutre* de *vulture* (ablat. de vultur); *hombro* de *humero* (ablat. de hume-

rus); *sangrar* de *sanguinare; soluço* de *singulto* (ablat. de *singultus*); *vingança* de *vindicatio*, etc.

Estes poucos exemplos mostram algumas das transformações com que os vocabulos latinos, nem todos barbarisados, passaram para o portuguez.

E sendo as terminações do ablativo do singular as mais uniformes e regulares, assim como as de mais clara e facil pronunciação, a que podemos tambem junctar as mais frequentemente repetidas, por ser o ablativo o *caso* que se emprega em maior numero de circumstancias, eram essas portanto as que naturalmente deviam ficar existindo, e que de feito ficaram.

Assim foram lançados os primeiros fundamentos da lingua portugueza: fundamentos na verdade bem simples; porque a lingua era pobre quanto possivel, constando apenas dos vocabulos indispensaveis para o uso quotidiano da vida: mas, se bem attendermos, marcados todos com o cunho da lingua latina, cuja filiação é impossivel desconhecer.

Perdida uma parte das desinencias latinas e, por tanto, a declinação dos nomes, ficaram estes com o menor numero de terminações; porem mais uniformes, e apresentando já um caracteristico novo e proprio para denotar o genio da lingua vulgar. Foi este pois, e devia ser, o typo invariavel pelo qual se moldaram todos os nomes arabes, que posteriormente se foram introduzindo, e outros que se inventaram, porque a lingua não podia ficar estacionaria, e n'um estado de rudeza tal como se apresenta nos documentos que nos restam, e que proximamente marcam a transição da lingua latina para a portugueza.

Nota-se que as terminações dos nomes dos deuses, dos heroes e dos vocabulos scientificos não correspondem ao ablativo latino, certamente porque, não pertencendo estes termos á linguagem do povo, só nos vieram em tempos de mais illustração, adoptados por nossos primeiros poetas e historiadores, e por isso grande numero d'estes vocabulos foram tomados do nominativo latino, sem embargo da diversidade das desinencias; — outros tomados do ablativo, ou de outros casos, segundo o gosto e o ouvido do escriptor, no que já, por certo, era consultada e attendida a euphonia.

Tudo isto nos disseram até agora, contra a illustrada opinião do cardeal Saraiva, os melhores philologos portuguezes: brevemente porem veremos estampadas em curiosos volumes as porfiadas investigações do nosso patricio, o sr. João Bonança, dando rasão ao douto prelado portuguez, e provando que a nossa lingua mais deve aos celtiberos que aos habitadores do Lacio.

Veja *Origem da Lingua Portugueza*.

Laudativo. — É um dos generos do discurso e dos escriptos destinado a louvar, e por isso se diz — discurso *laudativo*, phrase *laudativa*. O cortezão não tem para seu amo e senhor senão formulas *laudativas*.

São especies d'este genero o *genethliaco*, o *eucharistico*, o *epythalamio*, o *epinicio* ou *gratulatorio*, o *epicedio*, etc.

Legenda. — Inscripção posta sobre moedas, medalhas, escudos, cippos, altares, etc., umas vezes circular, outras disposta em linha recta e em sentido inverso, i. é, da direita para a esquerda.

O conhecimento das legendas é importantissimo para a numismatica, porque só ellas podem dar a explicação dos typos, ao mesmo tempo que apresentam preciosos indicios sobre historia, mythologia, symbolos, chronologia, geographia, etc.

No começo da idade-média eram as legendas a principio muito curtas e limitavam-se tão somente á indicação, muitas vezes abreviada, do povo e da cidade. Depois tornaram-se mais explicitas e comprehendiam os nomes e os titulos honorificos das divindades locaes, dos magistrados, dos reis, algumas noções topographicas e o valor nominal da moeda.

Leitura. — Acção de quem lê em voz alta ou em silencio; operação que se aprende com o soccorro da *arte* [1]. Lêem uns para instrucção (infelizmente é o menor numero), outros para desenfado ou mero recreio.

Para muitas pessoas não é a leitura mais que a acção machinal dos olhos ou dos labios, um prazer de algumas horas, uma distracção á falta de outra; n'este caso, a *leitura* está bem longe de significar estudo, meditação.

São raros os que fazem da leitura uma occupação regular e sabiamente ordenada, uma recreação quotidiana intelligentemente entendida.

Em geral ou não se sabe ler, ou não sobra tempo para enriquecer o espirito, quando a vida é necessaria no redomoinho das paixões, dos interesses, para correr atraz das modas, da vaidade e do luxo; mas lêem-se romances frivolos, novellas e contos que têem transformado este elemento moralisador, a *leitura*, em um instrumento d'immoralidade.

Convem ler os auctores que já são geralmente conhecidos e respeitados, pois se poupa com isso muito tempo e se adianta mais. Estes escriptores eminentes ensinam, tanto pelo que dizem, como tambem pelo que fazem pensar. O espirito nutre-se

---

[1] Cartilha Maternal ou *Arte de Leitura*.

ela doutrina que lhe communicam; desperta e desenvolve-se elas reflexões que lhe inspiram.

A leitura é como o alimento: o proveito não está na proporão do que se come, e sim do que se digere: pausada, attenta, eflectida, convem suspendel-a com frequencia e meditar sobre que se lê; assim se irá convertendo em substancia propria a ubstancia das producções lidas.

Veja *Recitação*.

Lendas. — Historias de Santos.

Veja *Legenda*.

Lettras. — É este o nome dos caracteres representativos os elementos da palavra, e cujo emprego forma a escriptura. lista ou a collecção das lettras proprias de cada povo forma alphabeto d'esse povo.

Poder-se-ia dizer que as lettras são os signaes representatios da nacionalidade de um povo, porque a historia das linguas ão é outra cousa senão a historia das civilisações, e cada uma 'ellas tem seu typo, seus traços signaleticos, seus caracteres istinctivos, como cada raça humana tem seus lineamentos, ua physionomia, sua originalidade. É o que torna tão attraente tão cheio de doutrinas o estudo d'estes symbolos; d'estes signaes representativos do pensamento, e que facilitam a troca as ideias e a communhão dos espiritos; d'estes instrumentos ão engenhosos da lingua pensada; d'estes signaes commemoativos da lingua fallada e escripta.

São 26 as lettras do nosso alphabeto (admittindo o *w*), as uaes se dividem em vogaes e invogaes ou vozes e articulações.

Qualquer das lettras pode ser maiuscula ou minuscula; iniial, figurativa, gothica, italica, ingleza, bastarda, bastardinho, edonda, cursiva, etc.

Veja *Articulações*, *Bellas Lettras*, *Disciplinas*, *Invogaes*, *Voaes*, *Vozes*.

Lettras dobradas. — Costumam dobrar-se as invoaes, *b*, *c*, *d*, *f*, *g*, *l*, *m*, *n*, *p*, *r*, *s*, *t*, mas nunca no principio ou im de palavras puramente portuguezas.

Duas são as regras da duplicação das lettras.

1.ª escrevam-se com lettra dobrada as palavras derivadas le linguas estranhas, se n'essas linguas assim se escreverem, omo: *occasião*, *occupação* (de — *occasio*, *occupatio*).

2.ª dupliquem-se nas palavras compostas, o *m* e o *n* dos prefios *com* e *in*, quando as simples começarem por *m* ou *n*, como: *ommissão*, *innocencia* [1].

[1] Aqui não ha duplicação de lettras, mas sim a conservação das dos prefixos.

. . . . a
l . . . . a

Con — muda pela mesma rasão
l . . . . co
r . . . . co

In — muda o *n* em
l il
m . . . . im
r . . . . ir

Ob e *sub* trocam o *b* por
c . . . . oc
p . . . . op

Veja *Prefixos.*

Lexicographia. — É a par prehende todas as mudanças, por rentes especies de palavras; o e por objecto apreciar os elementos sua derivação, as differentes modifi a sua forma, passando de uma esp

Tambem se toma pela parte d cialmente das regras a seguir na e e dos meios pelos quaes se chega a sentido das palavras.

Um notavel escriptor asseverou que a vida de um forçado é referivel á de um fazedor de libellos, porque o primeiro pode ɜr sido condemnado injustamente ás galés, em quanto que o egundo merece-o.

Como termo forense significa exposição breve e distincta em rtigos, etc.

O uso vulgar muitas vezes confunde o *libello* com o *folheto* ue é uma obra de poucas paginas, principalmente de litteraıra, posto que tambem os ha scientificos e politicos; em uanto que o *libello* é uma obra de pouca extensão, de cirımstancias dadas, por meio da qual se trata de desacreditar reputação de uma ou mais pessoas, empregando o sarcasmo a calumnia, que é o que constitue a essencia do *libello*.

O objecto do *folheto* é instruir, aclarar alguma cousa por ıeio de argumentos solidos, e sempre com gravidade e decenia; o *libello* só se propõe injuriar e diffamar.

Licença. — Veja *Parrhesia*.

Ligação ou **Junctura.** — É uma das virtudes dos pensamentos considerados juntos, a qual consiste em unir os pensamentos e seus grupos, ou partes da obra, de fórma que se asse de um a outro pensamento, d'uma a outra parte, sem sforço nem embaraço; e isto effectua-se já pelas proprias reıções dos pensamentos, e já por meio de phrases de união, pensamentos intermediarios, ou ainda por uma idéia lançada como npensadamente, mas que annuncia e faz esperar a seguinte.

Da *ligação* resulta a *melodia*.

Lingua. — No sentido translato em que agora definimos ite vocabulo é o conjuncto de palavras, vozes ou termos, com ue cada nação exprime seus conceitos, ou o que constitue o ıbedal de sua linguagem.

As linguas são grandes obras humanas, que o homem não z, fazem-se com elle, talvez d'elle tambem; mais sujeitas m tudo a circumstancias fortuitas, que á vontade, ao poder ı á força de ninguem.

Diz-se *lingua viva* a que se falla actualmente, e *lingua morta* a ue um povo fallou, e já não existe senão em documentos ou livros.

As linguas e dialectos conhecidos, segundo os melhores daıs estatisticos, são:

linguas	europeas	587
»	asiaticas	937
»	africanas	228
»	americanas	1.264
	Total	3.010

cada um d'estes artigos.

Linguaes. — Têem este (...) invogaes improferiveis que, em cuja composição ellas entram, são: *d, t, r; l, lh* (composta), *n,* se dividem em *dentaes, palataes*

Linguagem. — Diz-se em samentos por meio de palavras
Tudo que serve para a expre pecie de linguagem; assim — o a pintura, a esculptura — são es dizemos *linguagem* muda a lin sentido figurado e não no pro vista, do gesto, porque a vista natureza a seguirem os movime lam, e conseguintemente a expri quanta é maior a corresponden a cousa significada que o produz

A linguagem tem relação com suas intenções, com seus interes determina a linguagem do que sua *linguagem* particular, segun são uma mesma nação, com um differentes épocas ter linguagens

. nação será tanto mais elevada, quanto a sua linguagem is philosophica, isto é, com quanta maior clareza e di- e ao mesmo tempo exprimir, não somente todas as cou- as sobre tudo as grandes verdades que se referem a ao homem, aos seus destinos alem da campa, á eterni- mfim.

ntas nações devem principalmente á sua linguagem a cia civilisadora que exercem sobre os outros povos!

lingua portugueza é branda para deleitar, grave para decer, efficaz para mover, doce para pronunciar, breve esolver, e accommodada ás materias mais importantes tica e escriptura. Para fallar é engraçada, com um enhoril; para cantar, é suave, com um certo sentimento vorece a musica; para prégar, é substanciosa, com uma ade que auctorisa as rasões e as sentenças; para escre- rtas, nem tem infinita copia que damne, nem brevidade que a limite; para historias, nem é tão florida, que se e, nem tão secca, que busque o favor das alheias. ronunciação não obriga a ferir o ceo da bocca com as , nem a arrancar as palavras com vehemencia do gargalo. eve-se da maneira que se lê, e assim se falla.

de todas as linguas o melhor; a pronunciação da lati- origem da grega; a familiaridade da castelhana; a bran- a franceza; a elegancia da italiana.

mais adagios e sentenças, que todas as vulgares, em ua antiguidade. Se á lingua hebrea, pela honestidade lavras, chamaram santa, certo que não sei eu outra que uja das palavras claras em materia descomposta, quanto a E. para que diga tudo, só um mal tem, e é que, pelo que lhe querem seus naturaes, a trazem mais remendada pa de pedinte.»

guagens *de significação começada* (periphrasticas).— que significam um facto começado na intenção e futuro ção; tambem se denominam, por isso mesmo, *iniciaes eçadas.*

a linguagens formam-se dos auxiliares *ter* e *haver*, con- com o infinito impessoal do verbo auxiliado, regido da ção *de*, como: *haver* ou *ter de louvar; hei* ou *tenho de* , *havia* ou *tinha de louvar*, etc.

a linguagens são ellipticas nas quaes fica subentendida ra *dever, destino, necessidade* ou *tenção*, etc. v. g.: *hei o* ou *a tenção de louvar;* e em virtude d'este *projecto* ou que se enuncia no tempo presente, vem a ficar a acção n tempo posterior, o qual se chama, por isso —*futuro do.*

Por outras palavras, n'estas linguagens os auxiliare *haver* não são rigorosamente synonymos. *Ter* denota de *necessidade*, e *haver*, *tenção* meramente espontanea; as *tenho de partir*, equivale a — *tenho dever* ou *necessidade d tir*, ou *é forçoso que parta*; e *hei de partir* equivale a — *tenho tenção de partir*.

Tambem se emprega o vocabulo *linguagens* como ter colar, significando as conjugações dos verbos.

Litho. — Veja *Desinencias*.

Lithographia. — É a arte de desenhar ou traçar l na pedra, e tirar d'ella impressos, tendo assim por alvo effeito o substituir em certos casos a imprensa e a grav

A extrema simplicidade do methodo que se emprega, e grande economia de tempo e de dinheiro, são as prin vantagens d'este modo de impressão, cuja descoberta veu em grande parte ao acaso.

A lithographia foi descoberta em 1793 pelo allemão Senefelder, vulgarisada hoje em todos os paizes onde e arte typographica.

Litotes. — Figura de rhetorica que consiste em no virmos por modestia, respeito, ou ironia algumas vez uma expressão que diz menos, para fazer entender m despreso da raposa, quando diz — *estão verdes* — as uv radas a que ella não pode chegar, é uma lilotes.

Litteratura. — É a sciencia que encerra a exp do pensamento humano, desde que se manifesta pela li gem, ou se fixa pelos signaes de uma escripta: comprehe philosophia, a grammatica, a eloquencia, a historia e a ou, por outras palavras, as bellas-lettras.

Tambem se dá o nome de *litteratura* ao conjuncto da ducções litterarias de uma nação ou de uma época, e ao c cimento das regras, das materias e das obras litterarias.

Enumerar os beneficios da litteratura seria fazer o q dos melhoramentos sociaes em todas as épocas. N'esse q ver-se-ia a arte de pensar e a de nos exprimirmos, pri objecto da litteratura, desenvolvendo os nobres germen tidos no homem, aperfeiçoar os costumes, inspirar a ind dencia, e renovar a face do mundo com instituições lib Ver-se-ia os maiores escriptores conquistarem pouco a o logar devido ao seu genio, e forçarem as mais desden aristocracias a reconhecer a verdadeira nobreza que elle beram adquirir, como interpretes da expressão social.

...rol das nações, causa de seus progressos, a litteratura é ...te e o alimento da vida ideal. Sem ella os homens pas... são esquecidos; os povos morrem e não deixam recor...s. De balde são honrados por enormes *tumulos*, os restos ...grandes homens, esses restos não são para a posteridade ...que ossadas sem nome.

...scida a lingua portugueza durante o periodo decorrido ... a fundação da monarchia e a acclamação de D. Diniz, ...nos sete seculos que nos separam da sua origem divi...e a nossa litteratura em muitas épocas, cada uma das ...s marca uma evolução.

...jeita ás metamorphoses inevitaveis em todas as linguas ...es, segundo o principio verdadeiro de Schleider, não po... permanecer invariaveis n'um longo espaço de tempo, a ...a portugueza, enriquecida pela latina e confundida no ...principio com a galliziana, com quem se assemelha, ainda ...mais do que com a castelhana, foi assimilando elementos ...dependencia, pelas condições de liberdade do povo que a ...a, passando assim por certos graus de desenvolvimento ...se chamam *idades da lingua*, e que rigorosamente são ...: *syncretica* e *disciplinar*. Vai a 1.ª até ao seculo XVI em ...Fernão d'Oliveira publicou a primeira grammatica (1536); ... até nossos dias. É caracterisada a 1.ª pela desordem e ...rego arbitrario de formas grammaticaes. A 2.ª por tal ou ...fixidez de formas.

...Alem d'estas duas grandes idades historicas da lingua por...eza, pode o philologo ir notando, em presença dos docu...los linguisticos, as vicissitudes lentas d'essa rica lingua ...começando no seculo XII, e confundida em seus principios ...o galliciano, adquire novas formas; accentúa a sua pro...a desde o tempo de D. Diniz; aperfeiçoa-se e desenvol...e no seculo XVI: combina elementos novos: forma um sys...a completo, unido e distincto pela legislação grammatical ...a vasta cultura intellectual dos classicos; e terminado o ...eiro quartel do seculo XVII, lucta com o gongorismo, o ...icismo e o mau gosto dos convencionalistas litterarios do ...lo XVIII, que tiveram de ceder o passo aos neologismos e ...vações linguisticas que, por necessidade de exprimir no...ideias de sciencias, artes e officios, importaram os roman...t.

...Assim podemos subdividir aquellas duas grandes idades ...lingua em differentes periodos menores.

...A cultura litteraria de Portugal, d'este povo que encheu o ...do de sua gloria, tem experimentado as naturaes revolu... de prosperidade e de infortunio, de esplendor e de abjec-

nzes germes que os monarcha
tado; e o pensamento, coarctado
escapar ao jugo, retem-se capti
outra vez protegido, resurge, ton
e ridente esplendor.

Que preciosos fructos se não
da litteratura, sendo como é a ex
Dirigindo as faculdades de pen
ram dos outros animaes, a litter
humano; adoça e tempera os co
elevados e grandes exemplos que
ração o amor da gloria, cujo triu
mitte ás gerações vindouras.

Na accepção mais ampla a litt
vasto campo das sciencias e das
porem designa ella — *o corpo das*
— e entre estas, mais particularm
e a historia. Em relação aos mor
qualquer nação culta, a litteratura
excellencia o é a dos antigos greg
dos *quinhentistas*.

Marcando as épocas do nascime
decadencia das lettras patrias; de
vicissitudes; e indicando os nomes
que em differentes ...

1.ª EPOCA

ade 1139 a 1279 ou desde a fundação da monarchia
até á acclamação de D. Diniz

riodo não offerece mais que ensaios sem importancia
canções anonymas. É apenas um trabalho de incu-

2.ª ÉPOCA

1500 ou desde a acclamação de D. Diniz até á de D. João III

z faz traduzir em portuguez muitas obras estrangei-
mesmo compõe algumas poesias. É do seu reinado
a litteratura portugueza: elle funda a Universidade
ra; seu filho, D. Pedro, conde de Barcellos, cultiva
e a poesia e escreve em prosa o seu *Nobiliario*.
periodo, segundo a opinião geral, é que vivia Vasco
a, o auctor do famoso romance de cavallaria — *Ama-
ula* ou *Arcadia de Gaula*.
› I dá um grande impulso ao idioma portuguez, or-
que todos os actos e documentos publicos sejam re-
n portuguez porque até ahi o eram em latim.
ado de D. Duarte proseguiram as lettras sua marcha
e sob a protecção d'este monarcha, dando elle mesmo
plo com muitas producções suas, notaveis para aquella
azendo escrever em latim a historia do reino.

HISTORIOGRAPHIA

iro historiador portuguez é Fernão Lopes, secreta-
Duarte, que escreveu a *chronica* dos Reis, desde o
Henrique até D. Affonso V. Viveu pelos annos (1380–

-se successivamente:
Pina, chronista de D. João II, que escreveu as chro-
muitos reis em estylo sobrio e digno. Era natural da
440–1523).
Eannes de Azurara, grande chronista do reino; escre-
*de D. João I.— Tomada de Ceuta. Annaes de D. Af-
bre a expedição d'Africa* (1.ª parte); obra que foi con-
Ruy de Pina. Era natural de Azurara (...–1493).
de Resende. *Vida e feitos do rei D. João II. Cancio-
elanea* (trovas). Era natural d'Evora (1470–1554).
Galvão. *Chronica de D. Affonso Henriques*. Era na-
ira (1445–...)

A introducção da imprensa n'este periodo (1470-147 meçando a funccionar primeiramente em Leiria, veio novo impulso á nossa litteratura. Garcia de Resende o seu *Cancioneiro* (1516), collecção das poesias dos ma mados auctores do reino.

3.ª ÉPOCA

De 1500 a 1625 ou desde D. João III até Philippe II

Este periodo pode ser chamado a idade de ouro da l tura portugueza; não haja duvida em dizer a este respei o seculo de João III, — como se diz: o seculo de Pericl Grecia, e o seculo d'Augusto, em Roma.

Aos excellentes escriptores d'este periodo deu-se o nc *quinhentistas*, e são considerados como classicos de pr ordem, e não só porque poliram o idioma nacional, mas o fallaram com toda a pureza.

POESIA

XVI seculo

Bernardim Ribeiro. — *Eglogas* — *Menina e Moça*, ro Era natural do Torrão (...-1550).

Gil Vicente (o Plauto portuguez) — *Poesias dramati Comedias* — *Tragi-comedias* — *Autos* — *Farças*. Era natu Barcellos? (1470-1536).

Dr. Francisco de Sá de Miranda (o pae da poesia port za) — *Sonetos* — *Epistolas* — *Hymnos* — *Canções* — *Elegi* duas comedias: *Os Estrangeiros* e *Os Velhalpandos*. Era ral de Coimbra (1495-1558).

Antonio Ferreira — *Epistolas* — *Odes* — *Sonetos* — *El* e as comedias: *O Cioso* e *Bristo*, e a tragedia: *A Castr* ducção admiravel. Era natural de Lisboa (1528-1569).

Luiz de Camões (o principe dos poetas épicos portug — *Sonetos* — *Elegias* — *Canções* — *Odes Eclogas* — *Oitav* emfim os *Lusiadas*, poema épico, cujo assumpto é a desc de um novo caminho para a India, cortado por Vasco da Era natural de Lisboa (1524-1580).

Diogo Bernardes (poeta e guerreiro) — *O Lima*, conte *Eglogas* — *Cartas*. Era natural de Ponte da Barca (153...-

Pedro d'Andrade Caminha — *Poesias*. Era natural do (1520-1589).

Jeronymo Corte Real (poeta e guerreiro); dois poema cos — *2.º Cerco de Diu* — *Naufragio de Sepulveda* — *Aut* Era natural d'Evora (1540-1593).

ALVARES DO ORIENTE — *Lusitania transformada*, que ›pòem trabalho de Camões, o que basta para elogiar escla de prosa e verso em que a elegancia corre pa- ı a pureza da linguagem. Era natural de Goa (1540?–

REIRA BRANDÃO — *A Elegiada*, poema épico cujo as- a ruina da patria; poeta e guerreiro acompanhara D. á Africa, d'onde póde voltar por meio de resgate, lorar em canto funebre a batalha de Alcacerquibir e equencias, mas esse canto funebre no juizo de Garrett canto do cysne da poesia nacional, que parece querer om elle e já n'elle moribunda se mostra. Era natural (1540–...).

HISTORIOGRAPHIA

1496-1570

E BARROS, o *Tito Livio* portuguez; este escriptor oc- rimeiro logar entre os historiadores. Publicou o *Cla-* chronica em forma de romance. A *Asia*, o mais im- dos seus escriptos, onde estão consignadas as faça- portuguezes durante a descoberta e a conquista dos das terras do Oriente. Este livro teve a gloria de ser ro que fez conhecer a India aos europeus. A obra é em décadas que foram continuadas por Diogo do Couto. ıral de Vizeu (1496–1570).

ɔ DE GOES — *Chronica de D. Manuel* — *Chronica de* *II* — *Traducção do livro de Cicero* — DE SENECTUTE. Era le Alemquer (1501–1573).

ɔ LOPES DE CASTANHEDA — *Historia do Descobrimento e a da India pelos Portuguezes*. Era natural de Santarem 19).

SO DE ALBUQUERQUE — *Commentarios de Affonso d'Al- e* (seu pae). Era natural d'Alhandra (1500–1589).

DE REZENDE, o maior antiquario do seculo XVI. Escre- latim a obra *De Antiquitatibus Lusitaniæ* e deixou a *das Antiguidades da cidade d'Evora*. Era natural d'E- 98–1573).

IONYMO OSORIO, bispo de Silves, o Cicero Portuguez. É ' da *Vida de D. Manuel*, obra escripta em latim. É o auctor de *Cartas*. Era natural de Lisboa (1506–

ı MENDES PINTO — *A Peregrinação*. Era natural de ór-o-Velho (1509–1583).

: NUNES DE LEÃO, um dos mais notaveis escriptores — ʼo *do Reino de Portugal* — *Chronica dos Reis* (1.ª

A introducção da imprensa n'este periodo (1470-1474), começando a funccionar primeiramente em Leiria, veio dar um novo impulso á nossa litteratura. Garcia de Resende publica o seu *Cancioneiro* (1516), collecção das poesias dos mais afamados auctores do reino.

3.ª ÉPOCA

De 1500 a 1625 ou desde D. João III até Philippe II

Este periodo póde ser chamado a idade de ouro da litteratura portugueza; não haja duvida em dizer a este respeito: — o seculo de João III, — como se diz: o seculo de Pericles, na Grecia, e o seculo d'Augusto, em Roma.

Aos excellentes escriptores d'este periodo deu-se o nome de *quinhentistas*, e são considerados como classicos de primeira ordem, e não só porque poliram o idioma nacional, mas porque o fallaram com toda a pureza.

POESIA

XVI seculo

Bernardim Ribeiro. — *Eglogas* — *Menina e Moça*, romance. Era natural do Torrão (. . .-1550).

Gil Vicente (o Plauto portuguez) — *Poesias dramaticas* — *Comedias* — *Tragi-comedias* — *Autos* — *Farças*. Era natural de Barcellos? (1470-1536).

Dr. Francisco de Sá de Miranda (o pae da poesia portugueza) — *Sonetos* — *Epistolas* — *Hymnos* — *Canções* — *Elegias* — e duas comedias: *Os Estrangeiros* e *Os Velhalpandos*. Era natural de Coimbra (1495-1558).

Antonio Ferreira — *Epistolas* — *Odes* — *Sonetos* — *Elegia* — e as comedias: *O Cioso* e *Bristo*, e a tragedia: *A Castro*, producção admiravel. Era natural de Lisboa (1528-1569).

Luiz de Camões (o principe dos poetas épicos portuguezes) — *Sonetos* — *Elegias* — *Canções* — *Odes* *Eclogas* — *Oitavas* — e emfim os *Lusiadas*, poema épico, cujo assumpto é a descoberta de um novo caminho para a India, cortado por Vasco da Gama. Era natural de Lisboa (1524-1580).

Diogo Bernardes (poeta e guerreiro) — *O Lima*, contendo — *Eglogas* — *Cartas*. Era natural de Ponte da Barca (153. . .-1605).

Pedro d'Andrade Caminha — *Poesias*. Era natural do Porto (1520-1589).

Jeronymo Corte Real (poeta e guerreiro); dois poemas épicos — 2.º *Cerco de Diu* — *Naufragio de Sepulveda* — *Austriada*. Era natural d'Evora (1540-1593).

ARCIA DE MASCARENHAS — *Viriato Tragico*, poema he-
a natural d'Avô (1596–1656).

A DA SILVEIRA — *El Machabeo*, poema em vinte can-
espanhol, sobre a restauração de Jerusalem. Era na-
Celorico da Beira (1576–1636).

RELHO DE MORAES E VASCONCELLOS — *El Afonso, ó La
m del Reyno de Portugal*, em hespanhol. (...?...).

quadra quasi todos os poetas transigiram com o do-
trangeiro, escrevendo em hespanhol, cujo idioma sa-
nejar com grande facilidade.

HISTORIOGRAPHIA

1569 — 1617

ARDO DE BRITO. Era natural d'Almeida (1569–1617) —
a de Cister — *Os Elogios dos Reis* — *Geographia antiga
tania* — *Monarchia Lusitana*, continuada por

IO BRANDÃO — continuação da *Monarchia Lusitana* de
rito. Era natural d'Alcobaça (1584–1637).

DO COUTO — *O Soldado Pratico* e a continuação das
de J. de Barros. Era natural de Lisboa (1542–1616).

UIZ DE SOUSA, dominicano — *Chronica de S. Domingos
de Fr. Bartholomeu dos Martyres*, arcebispo de Braga.
ural de Santarem (1555–1632).

MENDES de VASCONCELLOS — *Sitio de Lisboa* — *Arte Mi-*
..?...).

ERNARDO DA CRUZ — *Chronica d'el-rei D. Sebastião*, tem
e defeitos. ...?... (1530–158...?).

IS ESTAÇO — *Varias antiguidades de Portugal*. Era na-
Evora (...–1626).

TRO FREIRE d'ANDRADE — *Vida de D. João de Castro*,
rei da India. Era natural de Beja (1597–1626).

DE MARIZ — *Dialogos de varia historia* — *Historia do
de Santarem*. Era natural de Coimbra (15..–161...).

ida outros que viveram n'este periodo, que foi o do
da litteratura portugueza.

4.ª ÉPOCA

De 1625 a 1750, ou de Philippe II a D. José I

periodo pode ser qualificado o seculo do mau gosto; é
o do *Gongorismo*, do escriptor hespanhol *Gongora*, de
, que introduziu este mau estylo na litteratura portu-
nquinando o engenho de tantos sublimados talentos
culo XVII nos apresenta.

LANTA DO CEO — *Santa Engracia*, comedia em verso,

parte) — *Origem e Orthographia da Lingua Portugueza.* Era natural d'Evora (152...-1608).

Fr. Antonio Rosado — *Tratado sobre a destruição de Jerusalem — Lagrimas de Jeremias.* Era natural de Mertola (1575-1640).

Antonio de Castilho — *Commentario do cerco de Goa e Chaul — Elogio d'el-rei D. João III — Tratado do perfeito secretario* e outras. Era natural de Thomar (1565-1596).

Heitor Pinto — *Imagem da Vida Christã.* Era natural da Covilhã (...-1584).

Garcia de Horta — *Colloquios dos simples e drogas.* Era natural d'Elvas (149...-15...).

Amador Arraes, bispo de Portalegre — *Dialogos,* sobre todos o — *Dialogo sobre o triumpho dos Portuguezes.* Era natural de Beja (152...-1600).

João de Lucena, (padre) — *Vida de S. Francisco Xavier.* Era natural de Trancoso (1550-1600).

Fr. Thomé de Jesus — *Trabalhos de Jesus.* Era natural de Lisboa (1529-1582).

Fr. Marcos de Lisboa, *Constituições synodaes do bispo do Porto.* Era natural de Lisboa (1511-1591).

Dr. Diogo de Paiva d'Andrade — *Sermões* e outras. Era natural de Coimbra (1528-1575).

Luiz de Granada, dominicano — *Sermões.* Era natural de Granada (1504-1588).

Francisco Fernandes Galvão, arcediago — *Sermões.* Era natural de Lisboa. (1554-1610).

Sobre eloquencia. Veja *Orador.*

COMEÇO DO XVII SECULO

POESIA

Francisco Rodrigues Lobo, o theocrito portuguez — *Eglogas — A Primavera,* que encerra versos admiraveis — *O Pastor peregrino — O Desenganado* — E em prosa: *Côrte na Aldeia — Noite d'Inverno.* O seu estylo é ameno e em algumas de suas composições mostra bem vivo o sentimento da natureza. Era natural de Leiria (...-1623).

Vasco Mousinho de Quevedo — *Affonso Africano,* poema épico, incontestavelmente o primeiro dos nossos poemas épicos de segunda ordem. Era natural de Setubal (15...-16...).

Gabriel Pereira de Castro — *A Ulissea,* poema em dez cantos sobre a fundação de Lisboa, attribuida a Ulisses. Era natural de Braga (1571-1632).

Francisco de Sá e Menezes — *Malaca conquistada,* poema épico, cujo heroe é o grande Affonso d'Albuquerque, conquistador das Indias. Era natural do Porto (...-1664).

Antonio Vieira, considerado o maior prégador do seu screveu : — *Cartas* — *Vozes saudosas* — *Historia do* ?) — *Sermões*, obra de todas a mais notavel que deixou iptor eximio e fecundo, e de todos os classicos o mais ido, apesar dos seus gongorismos. Era natural de 1608–1697).

ncisco Manuel de Mello. — *Apologos dialogaes* — *Epa*s — *Carta de guia de casados* e outras. Occupa este eslogar eminente como eximio cultor do seu tempo. Esve. Era natural de Lisboa (1611–1666).

es auctores succederam outros no começo do XVIII seostrando um periodo de deploravel decadencia das portuguezas, em que se trocavam as imagens grandiosora empoladas pelas ridiculas puerilidades do trocadinbicado e grutesco.

reinado de D. José I que ellas começam a reanimar-se.

3.ª EPOCA

Depois de 1749

einado de D. José I começa a litteratura portugueza a ar-se pela iniciativa da sociedade dos *Arcades*, que se em 1756 com o fim de prorogar o gosto da grande época que a lingua pura do seculo XVI, desembaraçando-se os gallicismos que lhe haviam introduzido, tomasse graça e doçura e todas as mais qualidades que tanto a [1].

einado de D. Maria I, o duque de Lafões funda, em 1780, emia Real das Sciencias, que presta incontestaveis e ntes serviços ás lettras portuguezas, publicando um numero de obras, e fazendo reimprimir outras.

FINS DO XVIII SECULO

Poetas

o Antonio Correia Garção (O Corydon na Sociedade cades), classico estimado, foi um dos primeiros refors da litteratura portugueza. Cognominaram-no o Hoortuguez. Compoz — *Odes*, *Epistolas*, *Sonetos*, *Satyras* e

---

né fallando da lingua portugueza diz que ella *est belle, sonore, nomnissant a la douceur et à la souplesse de la langue italienne, la t les couleurs de la latine.*

clopédie cujo testemunho é sempre muito considerado, diz no seu rtugal » — *la langue de ce pays, pleine de douceur pour les dède l'amour, ne manque pas d'élévation dans les sujets heroi-*

cheia de metaphoras estravagantes; e algumas outras obras. Era natural de Lisboa (1601-1693).

Manuel Severim de Faria — *Discursos politicos* — *As noticias de Portugal* — E um bom escriptor; notam-lhe o emprego abusivo de muitos archaismos. Era natural de Lisboa (1583-1655).

Diogo Barbosa Machado — *Bibliotheca Lusitana*, obra de variada e trabalhosa erudição. Era natural de Lisboa (1682-1772).

Fr. Manuel da Esperança — *Historia Seraphica da ordem dos frades menores de S. Francisco*, na provincia de Portugal. Era natural do Porto (158. . .-1670).

M. de Faria e Sousa — *Europa Portugueza*, *Commentarios* ás obras de Camões e varias outras em prosa e verso. Era natural de Pombeiro (1590-1649).

Martim Affonso de Miranda — *Triumphos da salutifera cruz de Christo* — *Declaração do Padre Nosso com suas meditações*, e a 1.ª e a 2.ª parte de uma obra com o titulo de *Tempo de agora*. Era natural de Lisboa (15. . .-?).

P.e Manuel Bernardes — Escriptor mystico, diz o sr. P. Chagas: a doçura do seu estylo captiva e encanta; classico primoroso, mereceu que Antonio Vieira não julgasse em perigo o idioma portuguez, em quanto vivesse, para lhe zelar a pureza o padre Manuel Bernardes. Era natural de Lisboa (1644-1710).

Nas *Novas Florestas*, nas *Meditações sobre os Novissimos do Homem*, na *Luz e Calor* sabe entretecer, na teia do pensamento religioso, delicioso matiz ora historico, ora anecdotico, ora legendario, a que dá sempre realce o seu estylo vivo e pittoresco, animado ás vezes com um geito chistoso, agradavel sorriso, que desfranze esses labios donde manava o mel doirado, que ia libar nas flores do mysticismo.

Rocha Pitta — *Historia da America Portugueza*, obra que lhe grangeiou muitos applausos, e lhe alcançou o diploma de socio da Academia Real da Historia, e o de fidalgo da Casa Real; apesar de se resentir ás vezes dos defeitos do seu tempo — o gongorismo e a affectação — o livro de Rocha Pitta é estimado pelo estylo brilhante, que sempre conserva sem cair no exaggero. Era natural da Bahia (1660-1738).

D. Rodrigo da Cunha — *Catalogo e Historia dos bispos do Porto* — *Historia Ecclesiastica de Braga e a 1.ª parte da de Lisboa* — *Nobiliario das familias do reino*, etc. Era natural de Lisboa (1577-1643).

Condes da Ericeira (Menezes) — *Historia de Tanger*, *da vida e acções d'el-rei D. João 1.º* — *Henriqueida* — *Historia de Portugal Restaurado*, e ainda outras somenos. 1.º, (1614-1699) e 2.º (1632-1690).

ligencia: e quando esse povo, ou essa geração desapparece
, superficie da terra com todas as suas instituições, crenças
costumes, escapa a litteratura aos rigores do tempo, para
nunciar ás gerações futuras qual fora o caracter e a impor-
ncia do povo, do qual é ella o unico representante na poste-
lade. Sua voz como um éco immortal repercute por toda a
te, e diz: em tal época, debaixo de tal constellação, e
tal ponto do globo existia um povo, cuja gloria só eu a
servo, cujos heroes só eu os conheço; vós porem, se pre-
deis conhecel-o, consultai-me, porque eu sou o espirito d'esse
vo, e uma sombra viva do que elle foi.»

Lôa.—Assim chamada a copla laudatoria usada ainda
nos cyrios. Figuram ser um cantar de anjos, ou espiritos
stes, e entre elles recitado e replicado. A phrase empre-
é *deitar lôas*, talvez figurando que, por ser de boca de an-
seja do ceo que as *deitam* para a terra. Diante dos presé-
tambem se recitam ainda nas provincias do Norte. São
sempre em forma de dialogo tratado entre os pastores e
anjos, na vespera do Natal, por occasião da *Missa do Gallo*,
dia de Reis.

No antigo theatro chamavam *lôa* ao prologo, ou pequeno
curso preliminar, com que um actor, ainda antes de come-
a récita, expunha resumidamente o theor da composição
mica, e pedia indulgencia para ella. Era uma especie de
ambulo conciliatorio.

Locução.—É o modo de fallar e explicar-se com pala-
s, e tambem a expressão, o estylo que se emprega. Pode
—*familiar*, *elegante*, *trivial* ou *commum*, *antiquada*, *impro-*
a, *viciosa*, etc.

A locução viciosa é um barbarismo ou um solecismo; revela
educação ou rudeza.

A locução familiar convem aos assumptos ligeiros, quer em
so quer em prosa.

Diz-se locução *adverbial*, *prepositiva*, *conjunctiva*, *interje-*
a, a reunião de duas ou mais palavras equivalendo a um
verbio, a uma preposição, a uma conjuncção ou a uma in-
jeição; *de prompto*, *a fim de*, *por mais que*, *ora essa! pois*
! etc., são locuções d'este genero.

Locução *elliptica* é a locução que contém uma ellipse.

A locução deve ser sempre exacta, correcta, appropriada ao
sumpto, ao genero, ao objecto que exprime. Ha assumptos
e exigem uma locução escolhida, mais elevada, taes como
discursos academicos, o panegyrico, a oração funebre, os
cursos parlamentares; e, em poesia, o genero épico, dithy-
mbico, o genero da ode, a tragedia. O sermão e todos os

Logia. — Veja *Desinencias.*

Logica (adj.) — Diz-se a anal
posição ou oração tres elementos -
todas as mais palavras são compl
do attributo, e não alteram este p
palavras entram na proposição sem
Diz-se por opposição — analyse

Esta palavra, tomada como subs
raciocinar, ou a sciencia que tem p
no emprego que ella faz de suas f
e discorrer com methodo.

Logo. — Veja *Desinencias.*

Logographo.—É uma especie
em dividir uma palavra em muitas, c
forme o sentido das syllabas que c
Combinando tambem as lettras d
formem outras de sentido differen
tem-se formado um logogripho.
A palavra *Amor*, por exemplo, p
rios nomes, taes como — *Roma*, *I*
Romã, etc. — por meio de certas c
d'aquelle vocabulo.

telligencia; e quando esse povo, ou essa geração desapparece da superficie da terra com todas as suas instituições, crenças e costumes, escapa a litteratura aos rigores do tempo, para annunciar ás gerações futuras qual fora o caracter e a importancia do povo, do qual é ella o unico representante na posteridade. Sua voz como um éco immortal repercute por toda a parte, e diz: em tal época, debaixo de tal constellação, e sobre tal ponto do globo existia um povo, cuja gloria só eu a conservo, cujos heroes só eu os conheço; vós porem, se pretendeis conhecel-o, consultai-me, porque eu sou o espirito d'esse povo, e uma sombra viva do que elle foi.»

Lôa. — Assim chamada a copla laudatoria usada ainda hoje nos cyrios. Figuram ser um cantar de anjos, ou espiritos celestes, e entre elles recitado e replicado. A phrase empregada é *deitar lôas*, talvez figurando que, por ser de boca de anjos, seja do ceo que as *deitam* para a terra. Diante dos presépios tambem se recitam ainda nas provincias do Norte. São quasi sempre em forma de dialogo tratado entre os pastores e os anjos, na vespera do Natal, por occasião da *Missa do Gallo*, e no dia de Reis.

No antigo theatro chamavam *lôa* ao prologo, ou pequeno discurso preliminar, com que um actor, ainda antes de começar a récita, expunha resumidamente o theor da composição scenica, e pedia indulgencia para ella. Era uma especie de preambulo conciliatorio.

Locução. — É o modo de fallar e explicar-se com palavras, e tambem a expressão, o estylo que se emprega. Pode ser — *familiar, elegante, trivial* ou *commum, antiquada, impropria, viciosa*, etc.

A locução viciosa é um barbarismo ou um solecismo; revela má educação ou rudeza.

A locução familiar convem aos assumptos ligeiros, quer em verso quer em prosa.

Diz-se locução *adverbial, prepositiva, conjunctiva, interjectiva*, a reunião de duas ou mais palavras equivalendo a um adverbio, a uma preposição, a uma conjuncção ou a uma interjeição; *de prompto, a fim de, por mais que, ora essa! pois não!* etc., são locuções d'este genero.

Locução *elliptica* é a locução que contém uma ellipse.

A locução deve ser sempre exacta, correcta, appropriada ao assumpto, ao genero, ao objecto que exprime. Ha assumptos que exigem uma locução escolhida, mais elevada, taes como os discursos academicos, o panegyrico, a oração funebre, os discursos parlamentares; e, em poesia, o genero épico, dithyrambico, o genero da ode, a tragedia. O sermão e todos os

discursos no templo exigem tambem uma escolha particular de locução em relação com a gravidade das materias que ahi se tratam. Quaesquer locuções do genero comico, ainda que elevado, ficariam inteiramente deslocadas nos assumptos precedentes.

Em summa qualquer que seja o assumpto que se trate, devemo-nos servir de locuções, correctas a todos os respeitos, isto é, não empregar senão palavras auctorisadas pelo gosto, pelas regras ou pelo uso.

Locuções. — Veja *Adverbiaes, Conjunctivas, Interjectivas, Prepositivas.*

Logia. — Veja *Desinencias.*

Logica (adj.) — Diz-se a analyse que só considera na proposição ou oração tres elementos — *sujeito, verbo* e *attributo;* todas as mais palavras são complementares ou do sujeito ou do attributo, e não alteram este principio, por isso que taes palavras entram na proposição sem lhe serem essenciaes.

Diz-se por opposição — analyse grammatical.

Esta palavra, tomada como substantivo, significa a arte de raciocinar, ou a sciencia que tem por objecto o estudo da alma, no emprego que ella faz de suas faculdades para bem pensar e discorrer com methodo.

Logo. — Veja *Desinencias.*

Logogripho.—É uma especie de anagramma que consiste em dividir uma palavra em muitas, conforme as syllabas, ou conforme o sentido das syllabas que entram na sua composição.

Combinando tambem as lettras de uma palavra, de modo que formem outras de sentido differente que é preciso adivinhar, tem-se formado um logogripho.

A palavra *Amor*, por exemplo, presta-se á formação de varios nomes, taes como — *Roma, Ramo, Omar, Armo, Mora, Romã*, etc. — por meio de certas combinações com as lettras d'aquelle vocabulo.

Longas. — Dizem-se *longas* as vogaes ou syllabas em cuja pronuncia demora mais a voz, que na das syllabas ou vogaes breves.

Lusiadas. — Titulo do celebre poema de Luiz de Camões, consagrado á gloria portugueza.

Este poema tem por assumpto principal a descoberta da India por Vasco da Gama.

Encerrando em dez cantos todo o cyclo da historia portugueza, está esta famosa composição entremeiada de admiraveis episodios, como são — os de Ignez de Castro, da apparição do Ganges e do Indo a D. Manuel, das imprecações do velho de Belem, dos doze d'Inglaterra e, sobre todos, do gigante Adamastor; de biographias de alguns celebrados portuguezes; de descripções magnificas das scenas de mar, de combates, etc.

Esta sublimada producção excitou um grande enthusiasmo, tanto em Portugal como no estrangeiro. Era o primeiro poema regular que apparecia na época da Renascença, e as suas imitações de Homero e Virgilio, assim como o sopro patriotico que o anima, bastavam para lhe grangear o favor dos eruditos, e a immensa popularidade que alcançou. Conta mais de cem edições, não só na lingua portugueza, mas n'aquellas em que foi traduzido o poema e são, que saibamos: hespanhola, franceza, ingleza, allemã, dinamarqueza, hungara, italiana, latina, hebraica, grega, hollandeza, sueca, russa e polaca.

Lusitanismo. — Diz-se o modo de fallar dos antigos lusitanos e tambem a phrase, locução ou idiotismo que conservamos da infancia da lingua, assim, por especial lusitanismo, têem os infinitos a propriedade de ser considerados como substantivos designativos de *acção*, a qual nem sempre se denota pelos substantivos cognatos dos mesmos verbos.

D'aqui vem dizermos *o cair das folhas* e não a *queda*; porque o *cair* das folhas indica a acção d'ellas se desprenderem e soltarem das arvores; e *queda* é uma contracção de *cair*; e esta contracção, sendo abreviatura da palavra, denota tambem a abreviatura da acção, e, em rigor, significa o instante em que o corpo despenhado encontra o chão; propriamente *choque*, *pancada*.

O cair das folhas é ainda mais proprio do que *caída*; porque designa uma acção *indefinita*, e involve a ideia de reiteração; e *caída* significa uma acção *unica*, *definita*, e, por certo, menos propria para representar o acto successivo de se desprenderem e cairem as folhas das arvores, e (por metonymia) o *tempo* em que as mesmas caem.

Considerados a esta luz os infinitos dos verbos, vê-se que é com rigorosa propriedade de expressão que vulgarmente costumamos dizer: *o romper d'alva*, *o fechar da noite*, *o travar da peleja*, *o andar do tempo*, *o murmurar do povo*; *querer é poder*, etc.

Não se pode negar que a referida propriedade é herança que a lingua adquiriu da latina, na qual se dão e podem citar infinitos exemplos.

errare humanum est,
scire tuum nihil est.

E não só os infinitos dos verbos são tomados na lingua portugueza pelos substantivos cognatos, senão que ainda muitos adjectivos fazem as vezes de nomes substantivos; como quando dizemos: *o bello* de um quadro, *o pathetico* de um drama, *o sublime* de um pensamento, *o util* e *o agradavel*, o *melhor* e o peior, *o certo* e o *duvidoso*, etc.

Estes adjectivos, assim tomados, são elegantes pela concisão, e imprimem graça ao discurso.

Tambem fazem as vezes de nomes substantivos muitos partecipios do presente e do preterito, como: *amante, pretendente, ouvinte; escripto, attestado, impresso*, etc.

Em muitos proverbios e rifões vulgares achamos os partecipios substantivados, o que prova que este modo de exprimir está no gosto e no genio da lingua; v. g.:

Mais come o boi de uma lambida que a ovelha em todo o dia.
Mais vale agua do ceo que todo o regado.

É tal a propriedade que a lingua tem de substantivar todas as palavras que até dos tempos dos verbos, de uma particula, ou de outra qualquer parte da oração, podemos formar um nome substantivo; v. g.: *mais vale um toma que dois te darei; os comes e os bebes; os dares e os tomares; o sim e o não; o quê e o porquê; os itens e os provarás; os prós e os contras*, etc.

D'aqui a grande facilidade com que formamos tantos nomes proprios verbaes, tão significativos e engraçados, como: o *Espalha*, o *Penetra*, o *Janota*, o *Estafermo*, o *Bota-a-baixo*, o *Papa-moscas*, o *Mija-mansinho*, o *Trinca-fortes*, etc.

Veja *Infinito, Substantivar.*

Lyra. — Composição poetica igual á canção quanto ao assumpto e estylo.

O verso empregado é o hendecassyllabo, a redondilha maior e d'ahi para baixo, só ou misturado, em pequenas estancias regulares, repetindo-se de ordinario no fim de cada uma d'ellas um estribilho, composto de menor numero de versos e quasi sempre mais pequenos.

São muito conhecidas as *Lyras* do nosso poeta Thomás Antonio Gonzaga.

Tambem se toma o termo *Lyra* pela inspiração poetica:

«N'aquelle, cuja lyra sonorosa
«Será mais afamada que ditosa —

ou pelo talento dos poetas que compõem odes, operas, canções, obras destinadas ou que se suppõem feitas para serem cantadas.

Lyricos. — Dizem-se os versos que se cantavam entre os

ao som da lyra e hoje se suppõe que o possam ser; e particularmente, odes, canções e hymnos.

Diz-se genero *lyrico*, poema e estylo *lyrico*, poesia *lyrica*.

Os modernos têem um outro genero de poema lyrico que os antigos não tinham, e que merece melhor este nome, é a opera.

Os poetas lyricos mais celebres da antiguidade foram:

David, Orpheu, Alceu, Sapho, Anacreonte, Pindaro, Horacio, Ossian, etc.

O estylo lyrico exclue a analyse systematica, de que ordinariamente faz uso o homem que se occupa de discorrer, de meditar, de reflectir. *O estylo lyrico é o estylo das metaphoras, das allegorias e comparações.*

Lyrismo. — Dá-se este nome á elevação dos pensamentos, á nobreza das expressões.

O *lyrismo* é o lado poetico da prosa; as galas e as flores do estylo.

Algumas vezes toma-se n'outro sentido, v. g.: fez lyrismo, isto é, foi exaggerado.

M

Decima terceira lettra do alphabeto, decima invogal ou articulação improferivel labial incerta.

Este caracter umas vezes é lettra, outras vezes signal de voz nasalada, outras vezes nem uma cousa nem outra; e podemos accrescentar que outras vezes é ambas as cousas.

A impagavel *Cartilha Maternal*, depois de assim o haver doutrinado, accrescenta: quando é lettra, vale união de labios, á semelhança de *b*, *p*; como, em *madre*, *menos*, *milha*, *molde*, *multa*.

É impossivel começar a ler estas palavras sem ser de bocca fechada: os labios despegam-se á primeira voz, vindo por tanto o *m* a representar um facto puramente mechanico, por si só inapreciavel ao ouvido. Tem este valor, com vogal adiante (na mesma palavra); sem vogal adiante, vale o mesmo que o simples *til* (˜). Tanto importa para a leitura escrever:

	ambos	como	ãbos
[1]	embora	»	ẽbora
	impar	»	ĩpar
	somma	»	sõma
	umbral	»	ũbral

[1] Antes de *b p* e *m* e nas palavras componentes *circum* e *septem* escreve-se sempre — *m* —, querendo se nasala-la a vogal antecedente.

Não se lê, nem é signal de voz nasalada, e só se escr por divisa etymologica, em *commenda, commissão, conden* etc., que se lêem exactamente como se escrevessemos *com comissão, condenado.*

Mas nem sempre *mm* dobrado está no caso de *bb, cc,* *gg*, etc., que valem como simples; porque é tão comm primeiro *m* ser puramente etymologico, como ser sign voz nasalada; ler, por exemplo :

gomma	é ler	gūma
emmalar	»	ēmalar
immortal	»	ĩmortal

vingando aqui a regra, que *m*, sem vogal adiante, é signal.

Vejamos agora como o *m* é ás vezes, lettra e signal de nasalada ao mesmo tempo; lendo — *ama, temo, lima, Ro uma* — percebe-se uma especie de influencia nasal retro como se estivesse escripto — *ãma, têmo, lĩma, Rõma,*

Dá-se tambem o caso de nasalarmos a penultima vo *til* nem *m* que pertença á respectiva vogal nas seguinte melhantes inflexões de verbo: *amamos, amemos; fazem çamos; vestimos, vistamos: pomos, punhamos.*

Am final, ainda que vale *ã*, deve ler-se *ãu*, accrescentan a voz *u*, embora não escripta; e advertindo que este *ãu* é deverá ler-se sempre forte a penultima syllaba da pal acabada em *am*; v. g.: *louvavam, diriam, punham.*

Chama-se esta lettra *Metil;* seu valor é bocca fechada e é signal de voz nasalada, quando não tem vogal adiante.

Pode ser maiusculo (M) e minusculo (m).

Os nomes que terminam o singular por esta lettra for o plural, mudando-a em *ns*, como, *homem, homens; ima imagens: bom, bons*, etc.

Os adjectivos terminados em *m* são *uniformes* e os ter dos em *um* mudam no superlativo estas terminações e *simo*: v. g.: *commum, communissimo.*

Empregado como lettra numeral, vale 1000.

Encontra-se ás vezes supprimido no verso, quando a ul syllaba da prep. *com* é seguida por vogal; v. g. :

> Este sempre as soberbas castelhanas
> Co' o peito desprezou firme e sereno ;
> Porque não é das forças luzitanas,
> Temer poder maior, por mais pequeno.
> ....
> ....
> Seccas do rosto as rosas e perdida
> A branca e viva cor, co' a doce vida.
> ....
> ....
> Mas ella c' um formoso riso honesto

Machia. — Veja *Desinencias.*

Macro. — Veja *Desinencias* e *Prefixos.*

Macrologia. — É um dos vicios do ornato, que consiste em dizer por muitas palavras o que mais bellamente se podia dizer em poucas. Estylo diffuso.

Exemplo: *os enviados, não tendo conseguido a paz, voltaram para traz, para casa, d'onde tinham vindo.*

Se porem as ideias accessorias não só convierem ao objecto, mas tambem ao fim do orador, o circumloquio será ornato e não vicio.

Madrigal. — É o nome de um pequeno poema lyrico de ideias delicadas, subtís e galantes, que não está sujeito a nenhuma regra concernente á rima ou ao arranjo.

O madrigal de assumpto amoroso é mais filho do coração que do espirito; deve apresentar o sello da inspiração, mas não do esmero.

Em sua origem era uma canção pastoral muito querida dos italianos; foram elles que lhe deram o nome que conserva de *Madrigal.* Entre nós é conhecido por uma pequena composição poetica, exprimindo em poucos versos, um sentimento terno, gracioso e delicado. Damos para mostra o seguinte de Bocage:

Zephyros, que brincais co'as tranças bellas
da minha doce Analia,
Voai ás flores da viçosa Idalia,
Bem que na graça e côr são menos que ellas.
Não é por vós, Favonios, que a frescura
Trazeis ao niveo seio,
E á face melindrosa em que deliro;
É só porque receio,
Que de astuto rival, de audaz ternura,
Comvosco se disfarce algum suspiro.

Magnifico. — Diz-se o estylo puro e corrente, cheio de doçura e de harmonia, algumas vezes pomposo, mas tambem algumas vezes rasteiro e sobrecarregado de ornamentos que o desenfeitam.

A elegancia das palavras, a riqueza das comparações e das imagens, a elevação dos pensamentos, o grandioso e valentia das figuras, e a harmonia dos periodos caracterisam este estylo, a que os antigos davam o nome de *sublime.*

Maias. —Veja *Janeiras.*

Mais-que-perfeito. — É assim denominada uma das variações do preterito (preterito relativo a preterito); denota existencia ou um facto anterior a outro passado. Exemplo:

seguintes casos:

— no começo de um periodo e
cada verso;

— depois de ponto final, e de p
admiração, se estas ficaram termin

— no começo de uma citação, di

— escrevendo o nome de Deu
prio;

— muitas vezes escrevendo os n
gnidades, de tribunaes e repartiçõe
cias, artes, profissões, de epitheto
nhecidos os nomes proprios, a que
aquellas palavras, que nos repres
etc.

Eis aqui as lettras maiusculas e

A B C D E F G

M N (

Q R S T *U V* W

Mal, Male. —Veja *Prefixos*.

Mancia. —Veja *Desinencias*.

Marinismo. — Ficou sendo

este genero os nomes dos individuos do sexo mascu-
i das cousas que o uso assim considera; taes são: *ho-*
nbo, lirio, crime, Pedro, reo, etc.
:m o são por analogia ou ampliação os nomes dos an-
os, montes, mares, rios, mezes, e os dos deuses my-
s personificados na poesia, na pintura ou na esculptura
a de homem.

:ria. — Veja *Assumpto.*

ima. — É uma verdade util expressa em poucas pa-
n'um sentido absoluto, feita para guiar os homens na
para censura de seus costumes.
a, *Aphorismo, Apophthema, Axioma, Sentença, Prin-*
ioma, são synonymos; differe a maxima em ser uma
ão maior e em dirigir-se á pratica.
ui algumas maximas moraes:
nada recusa ao trabalho.
ude sempre teve contradicções; e o illustre nome nunca
ou sem trabalhos.
encia é um firme arnez onde seguramente se recebem os
lpes da adversidade.
quizer ser rico, não augmente na riqueza, mas diminua
s: não é pobre o que tem pouco, mas o que deseja

as boas artes e disciplinas são grande ornamento ao
utilidade e veneração.

ia. — Veja *Idade-média.*

ição de verso. — No verso não se contam por
todos os sons em que as palavras se podem dividir;
ittem-se ou contraem-se outros, que em rigor gram-
formam syllabas distinctas; d'onde procede achar-se
mesmo verso mais syllabas grammaticaes do que
s.

de exemplo, e ao mesmo tempo de exercicio, a seguinte
de Camões:

Cinco vezes a Lua se escondera,
E outras tantas mostrara cheio o rosto,
Quando a cidade entrada se rendera
Ao duro cerco que lhe estava posto.
Foi a batalha tão sanguina e fera,
Quanto obrigava o firme presupposto,
De vencedores asperos e ousados,
E de vencidos já desesperados.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	1
Cin	co	ve	zes	a	Lu	a	s'es	con	[illegible]
E ou	tras	tan	tas	mos	tra	ra	cheio	o	[illegible]
Quan	d'a	ci	da	d'en	tra	da	se	ren	[illegible]
Ao	du	ro	cêr	co	que	lh'es	ta	va	[illegible]
Foi	a	ba	ta	lha	tão	san	gui	n'e	[illegible]
Quan	t'ò	bri	ga	v'o	fir	me	pre	su	[illegible]
De	ven	ce	do	res	as	pe	ros	e ou	[illegible]
E	de	ven	ci	dos	já	de	ses	pe	[illegible]

Por aqui se vê quanto é frequente no verso o em figuras, que alteram a structura regular das palavr crescentamento, elisão ou troca de lettras, reunião ou de sons. Sendo o verso agudo, ha de faltar uma sylla

Esta é por certo a terra que buscais.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Es-t'é-por-cer-t'a-te-rra-que-bus-cais.

Se for esdruxulo, sobrará uma; v. g.:

O rosto carregado, a barba esqualida.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12
O-ros-to-ca-rre-ga-d'a-bar-b'es-qua-li-da.

Veja os artigos *Agudo, Esdruxulo, Inteiro.*

Médio. — Diz-se o estylo que é menos vehem sublime, mas mais elevado que o simples ou tenue; d'elles — pela abundancia das *metaphoras* e outros *guras*, das quaes resulta graça ao discurso; pela das *digressões*; pela *harmonia* proveniente de uma cação de palavras; pelo formoso das *sentenças* e por natos apenas empregados para causar deleite.

O seguinte periodo pode servir de exemplo:

«A madrugada surgira formosa. Um grosso chuv para a trovoada, e o ar escassamente movido imp de vagos e tenues perfumes. As plantas revivesciam novo, aspirando por todos os poros a frescura da a e balouçando com movimento apenas perceptivel as cujos vertices tremiam, semelhantes a perolas soltas deiras gotinhas de chuva. Era um immenso concert sos que despregava a natureza; era uma estrophe do hymno interminavel entoado pela terra ao Cre povoou de harmonias. Quem observasse as montan

› longe, os campos virentes ao perto, e no meio o rio ador-
o, não poderia deixar de sentir essa incerta saudade, que
: não ter objecto, e que não é mais que a saudade de Deus».

·iosis. — Um dos vicios do ornato contra a clareza, por
do qual se cortam á oração palavras, cuja falta torna o
entido imperfeito; concorre muito este vicio para a *ob-*
'ade.
a este termo.

lodia. — É o concerto agradavel de sons bem soantes
ados, que constituem uma das partes da harmonia.
nelodia pertence inteira á imaginação; é mais o resul-
le uma feliz inspiração, que dos calculos da sciencia:

virtudes da melodia são: *Consonancia* e *Variedade.*
s vicios são: *Dissonancia* e *Monotonia.*

nelodia, sendo o agrado derivado de uma continuação de
tem logar não só nas palavras, como tambem nos *incisos,*
embros e nos *periodos*, de que consta todo o discurso.

a tornar a elocução melodiosa devem evitar-se: as pala-
isperas ou difficeis de pronunciar, e mais ainda a sequen-
: palavras que produzam cacophonia, hyato, ou collisão
nsoantes asperas, como *r*, *s*, *z*; e a continuação dos mes-
ons, de monosyllabos longos ou breves, de palavras com
smas vogaes, e emfim de tudo que privar a phrase de va-
le de sons.
im carecem de melodia estes versos:

> Quem não quer commercio busca guerra.
> Alma minha que te partiste.
> Mas morra emfim nas mãos da bruta gente.
> Amargas ancias causa amar ingratos.
> A fé d'amor que tu trahiste.
> Soffrer aqui não pode o Gama mais.

lodrama. — É este o nome que se dá ao drama en-
ado de canto; especie de tragi-comedia, cujas scenas de-
das se cortam de cantos que a musica da orchestra
panha.
peças d'este genero occupam-se principalmente das tor-
ou das miserias da vida social, não para tirar d'ellas li-
mas para excitar um interesse grosseiro.
retanto ha tambem melodramas com suas acções virtuo-
em que se mostra a intervenção da Providencia a punir
ne, para que não fique inulta a innocencia ultrajada.
a *Drama.*

não admitte o ornato, a nobreza e a elevação da historia. O nome de *memorias*, que indica o fim d'este genero de es-iptura, mostra tambem, de algum modo, qual deve ser o seu iracter. Quem quer conservar, ou deixar em memoria os suc-ssos publicos do seu tempo, escreve os factos principaes, nota s causas, as consequencias, etc.

Memorial. — Diz-se por extensão a obra, monumento storico, ou simplesmente registo destinado a conservar para memoria um facto qualquer.

A ingratidão rasga folha por folha o memorial dos beneficios.

Em sentido menos lato, dá-se este nome ás memorias di-omaticas para instrucção dos negocios internacionaes.

E em sentido restricto diz-se o *Diario* em que os banquei-os e os negociantes são obrigados a inscrever diariamente eus negocios e suas transacções, á medida que se realisam.

Menor. — Veja *Heroico quebrado.*

Mento, Mergir. — Veja *Suffixos*

Meta. — Veja *Prefixos.*

Metaphora. — É a figura de rhetorica ou tropo que tem or effeito transportar uma palavra do seu sentido proprio e atural para um outro sentido; v. g.: *Alexandre, esse raio da uerra;* por que n'ella fazia tanto, e tão arrebatado estrago, omo faz o raio. *Pedro é um leão*, i. é, tem a bravura do leão.

Se os termos proprios são insufficientes para enunciar uma leia em toda a sua força ou se as expressões ordinarias não tem energia bastante, recorre-se então á metaphora, i. é: ansporta-se a significação propria de uma palavra para uma ignificação nova, cuja conveniencia só pode estabelecer-se em irtude de uma comparação feita em nosso espirito. Assim uando dizemos: — *A mentira enfeita-se muitas vezes com as ores da verdade*, — a palavra *cores* não tem n'esta phrase a ignificação propria e primitiva, não expressa já a luz modifi-ada que faz ver os objectos ou brancos, ou vermelhos, ou marellos, etc.; significa os exteriores, as apparencias, e isso ela comparação entre o sentido proprio das *cores* e os exte-iores que toma um homem que nol-as impõe sob a mascara a sinceridade.

Da mesma sorte — *a flor da idade, o fogo do amor, a luz o espirito, a ternura do coração, as perolas do orvalho, os ru-is da romã, as azas do tempo*, etc., são outras tantas metapho-as, porque ha uma especie de comparação, ou alguma rela-ão equivalente entre as palavras — *flor, fogo, luz, ternura, pe-*

dividir a questão, quando ella offerecer elementos muito complexos, separando os claros dos que precisam de explicação; finalmente appoiando-nos sobre principios evidentes, estabelecer por meio de deducções rigorosas a relação entre os principios já estabelecidos e as conclusões, não admittindo proposições duvidosas ou equivocas, provando ou explicando as que necessitam de provas ou de esclarecimentos, e marchando sempre gradualmente das ideias mais simples e mais conhecidas, para as que emanam d'ellas immediatamente.

Divide-se o methodo em *analytico* e *synthetico*; o 1.º consiste, como dissemos, em observar individuos, decompor noções particulares e complexas, para tirar d'ellas ideias mais geraes e mais simples até chegarmos ás mais abstractas concepções; o 2.º consiste na rasão inversa: procede do simples para o composto; é um ensino que encaminha dos principios para as consequencias, e que recompõe o que tinha sido analysado.

O methodo analytico pode subir dos conhecimentos parciaes da divisão ao conhecimento geral expresso na definição.

O methodo synthetico segue a marcha inversa; desce da definição ou d'uma verdade geral; e por meio da deducção encontra em ordem descendente, todas as descobertas da analyse. Do todo deduz as partes; do estado as qualidades; da causa os effeitos; do fim os meios; do genero as especies; e d'estas os individuos.

Estes dois instrumentos do methodo — a analyse e a synthese — completam-se reciprocamente.

A analyse dá indicações mais numerosas e mais especiaes, e por isso é superior como instrumento de investigação. Mas acabada a sua obra, é util lançar das alturas da definição um olhar retrospectivo sobre o terreno explorado; por que d'esta arte, abraçar-se-á melhor o conjuncto, e será mais facil ordenar bem na composição os pormenores. E d'aqui vem que a synthese é superior á analyse, como instrumento de exposição. Haverá comtudo assumptos que não possam ser estudados analyticamente, e a que por isto tenha de applicar-se unicamente o methodo synthetico.

Metonymia. — Dá-se o nome de metonymia ao tropo fundado na relação de connexão entre objectos coexistentes ou successivos.

Consiste esta figura de rhetorica em tomar a causa pelo effeito, ou o effeito pela causa, o abstracto pelo concreto, o signal pela cousa significada, ou o continente pelo conteúdo, o logar onde uma cousa succedeu pela mesma cousa succedida.

Parece dar mais vivacidade ao discurso pela disposição, em certo modo enigmatica, que se dá ao pensamento.

ı o que mais importa, é distinguir bem o verdadeiro das palavras, não confundindo o sentido tropologico roprio.

ıos : *este homem vive do seu trabalho*, i. é, do fructo do ›alho ; aqui a causa pelo effeito. *Eis um campo sem som-*é, sem arvores ; aqui o effeito pela causa. *Toda a cidade tou*, i. é, todos os habitantes da cidade ; aqui, o conti-elo conteúdo. Do mesmo modo, quando dizemos : *bebeu d'agua*.

da por metonymia que se diz : *Ceres* para designar o *ıcho* ou licor de Noé, pelo vinho ; *Neptuno* pelo mar ; pelo fogo, etc.

indo a alguem que escreve bem, dizemos igualmente onymia — *é uma bella penna*, ou *é uma penna bem apa-*'inha *esperança*, pela cousa que se espera. *Tem cabeça*, ɜm juizo. *O sceptro*, pela auctoridade soberana. *O cres-*ɜlos turcos ; i. é, o signal pela cousa significada, bem *uinas* em vez de Portugal.

specics de metonymia a *antonomasia* e a *metalepse*.

'icas. — Dizem-se as syllabas que se contraem no cuja pronuncia se funde de forma que de duas se faz syllaba.

Medição do verso.

'ificação. — É a parte da poetica que tem por obje-ɜdição do verso.

'o. — Esta palavra tomada n'uma accepção geral quer ɜdida. Como termo prosodico é qualquer pé ou medida **a na** composição dos versos.

para os antigos como para os modernos foi sempre o **ıa** condição essencial da cadencia e da rima.

uitas as medidas usadas mais ou menos em nossa lin-; temos versos de duas até quatorze syllabas.

s de duas syllabas :

D'homem
Só
Tende
Dó

s de tres syllabas :

As testas
Cinjamos

s de quatro syllabas :

De amor fogo
Coração

Metros de cinco syllabas:

Da meiga infancia
Ledo sorrir

Metros de seis syllabas:

No espaço mesquinho
Da vida mortal

Metros de sete syllabas:

Salve, florinhas simplices
Que em dita me egualais

Metros de oito syllabas:

Talvez que fosse melhor
Ver cozer a costureira

Metros de nove syllabas:

Acompanhai meu vão lamento,
Auras ligeiras, que passais!

Metros de dez syllabas:

Vem, ó dona das graças e flores,
Volve ao mundo teu mago calor

Metros de onze syllabas:

Minerva! brada o pae d'homens e deuses,
És quem, de todos, sabes mais sem duvida

Metros de doze syllabas:

D'espigas e palmas c'roemos a enxada,
Morgado e não pena dos filhos de Adão.

Metros de treze syllabas:

Se a fortuna um diadema em teu berço ha lançado
D'esse dom casual não me attrai o esplendor.

Metros de quatorze syllabas:

O saber, a virtude, o valor, a probidade
Os homens engrandece, em paz governa o mundo.

Convem advertir aqui que classificamos o verso s uso antigo ou a pratica geral, que é designar o vers do-lhe mais uma syllaba para alem da ultima agud porem preferem a regra adoptada por Castilho, julga racional dar a medida do verso onde termina a ultir ou syllaba predominante, do que classifical-os pelo

res ou inteiros, o que põe os versos agudos fora da classi-
ção. O afamado mestre contava por syllabas de um metro,
que n'elle se proferem até á ultima aguda ou pausa, e ne-
m caso fazia da uma ou das duas breves que ainda podes-
a seguir-se; dizia elle que, chegado o accento predominante,
se achava preenchida a obrigação.
Veja *Verso*.

Metro. — Veja *Prefixos*.

etter. — Veja *Desinencias*.

icro. — Veja *Prefixos*.

imeses. — É uma especie de ironia de que se usa para
ar no ridiculo qualquer pessoa; consiste esta figura de
rica em repetir o que essa pessoa tiver dito, imitando-se
affectação a sua postura, o seu gesto, as suas palavras.
mimeses occupa-se principalmente da descripção de cer-
classes de individuos, taes como: o vadio, o adulador, o
crita, etc. Veja *Ethopeia*.

nusculas. — Chamam-se as lettras mais pequenas em
ição ás maiores (maiusculas), de cuja forma differem;
são:

a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x y z

ttir. — Veja *Desinencias*.

nemonica. — É a arte de facilitar as operações da me-
; methodo por meio do qual se cultiva, fortifica e desen-
esta faculdade.
todos os tempos tem havido empenho, e se têem esfor-
os homens por encontrar meios artificiaes para fixar os
na memoria; ninguem ha que não tenha inventado para
o certos processos mais ou menos imperfeitos, tendentes
rdarem o que se receia esquecer. Todos os methodos de
ria artificial são baseados na associação das ideias. To-
les consistem em recordar, com o auxilio de uma combi-
simples e facil, em reter combinações complicadas e
ficilmente se accommodam na memoria; em ligar factos
que se apresentam isolados; em fixar no espirito
aturas, datas, etc.
periencia tem mostrado quanto a mnemonica é vanta-
nte util: ajuda a fixar na memoria os factos historicos,
es de um discurso, as datas, os numeros e em geral
o que prende com as artes e com as sciencias naturaes;

mas nenhum auxilio presta ao estudo da logica, da n
sica, ou ao de qualquer sciencia onde se trate meno
ctos e de factos positivos, que de ideias geraes e de f
peculativos.

O melhor meio de ajudar a memoria é sem duvida
nuo e longo exercicio. Cousa nenhuma tanto como a r
se augmenta com o uso, ou se perde com o descuid
pois decorar-se muito, meditar-se muito, e todos os di
possivel; e, já pelo tracto familiar com os eruditos,
continuada lição dos melhores livros, enriqueceremos
ria, tanto de pensamentos espirituosos e delicados,
palavras e phrases qual mais propria e mais polida.

Mnesis. —Veja *Desinencias*.

Modal. —Veja *Abstractos*.

Modos. — Dizem-se as differentes flexões termi
que o verbo obedece, correspondentes ás differentes r
de enunciar a acção.

Os modos são:

FINITO.. {*indicativo*, *condicional*, *imperativo*, *conjunctiv* / *junctivo* — pessoal.

e

INFINITO — Ora pessoal, ora impessoal.

Veja cada um d'estes termos.

Monogramma. — Firma, signal ou caracter, (
de todas ou das principaes lettras de um nome.

Foi ao principio empregado o monogramma nas
depois nos estandartes, nos sellos, e finalmente nos (
blicos.

Nas igrejas ainda se vê o monogramma do nome
Christo (J. H. S.), significando, *Jesus Hominum Salv*
sus Salvador dos Homens).

Monologo. — Diz-se a scena de uma peça de
em que um personagem está só, ou falla comsigo mes

Só no theatro e por uma ficção combinada é que (
individuo fallar alto comsigo mesmo, estabelecer duvi
jecções a que elle mesmo responde.

Na vida ordinaria, acontece isto mesmo algumas
certo, mas por excepção, por effeito de uma viva pr
ção, n'esses momentos em que as nossas paixões são fu
excitadas; servimo-nos então do termo *soliloquio*.

:na, quando o actor falla comsigo mesmo, sem que os
ersonagens que estão em scena mostrem ter dado por
faz elle um monologo, mas um *á-parte*.

syllabos. — Dizem-se as palavras de uma só
taes como : *pae*, *mãe*, *flor*, *mar*, etc.
lingua abundante em monosyllabos seria prompta,
, rapida, mas difficilmente harmoniosa.

otonia. — Tem este nome a uniformidade, a egual-
fadonha na conversação, no discurso, na leitura, na es-
: um defeito de variação nas inflexões da voz, que faz
iar tudo o que se diz ou escreve sempre no mesmo tom,
lavel e indicativo de um espirito limitado ou de um
pedantismo ; n'um orador é um defeito insupportavel,
suppor n'elle extrema ignorancia ou falta de senti-
o que diz ; defeito ainda mais detestavel, e não obstante
ommum, n'um leitor que, longe de embellecer o assum-
. o seu modo de recitar torna o auctor da obra, aliás es-
imo, aborrecido a todos os ouvintes.
notonia é um dos vicios que se oppõem á melodia e á
le. Veja *Recitação*.
sas da monotonia podem reduzir-se a cinco : *éco*, con-
de *monosyllabos*, de syllabas *longas* ou *breves*, de pa-
:om as mesmas *vogaes* ; e tudo o que possa privar a
la *variedade de sons*.
m advertir que ha certos vicios, como o éco, que
de o ser, se forem empregados como sons imitativos
atopaicos, do que offerecem felizes exemplos os bons
es. Exemplo :

> «Arma, arma, tudo soa, tudo guerra,
> «Soa o mar guerra, guerra a terra soa,
> «Dos valles repulsando nos outeiros,
> «Respondem guerra os écos derradeiros.

inuação de monosyllabos faz correr a phase como aos
. g. : *Do mar que vê do sol a roxa entrada.*
inuação de syllabas longas retarda a pronunciação da
v. g. : *D'esta cançada já velhice minha.*
inuação de syllabas breves accelera a pronunciação ;
e *mil religiosos diligentes.*
inuação de syllabas *longas* ou *breves* deixa de ser vi-
ndo tem por fim imitar a natureza ; v. g. : *O mar todo*
e ferro ferve.
inuação de palavras com as mesmas vogaes causam
ram a graça da variedade.

estudam e classificam as diffe
ao papel que desempenham no
considerad(os), assim como as
palavras. É como que a anatom

Esta parte da grammatica e
natureza, a classificação e as p
responde ao que outros gram
conglobar sob a denominação d

Grammaticalmente considera
e papel que desempenham na
ficam-se em diversos grupos e
de *partes do discurso* ou *partes*

Mote. — Nome dado ao dict
em um ou mais versos e aprese
e glosar. Veja *Glosar.*

Damos um exemplo na seguin
podereis ver glosado no exemp
cima :

> Que eu fosse emfi
> Escreveu do fado
> Não se mudam l
> Triste do meu co

Cada um d'estes versos se p
que sirva de fecho, como o 1.º

Veja *Decima.*

N

Decima quarta lettra do alphabeto, decima primeira invogal ou articulação improferivel, lingual-palatal, incerta.

Á semelhança do *m* (*metil*), umas vezes é lettra, e vale *modo;* outras vezes é simplesmente signal de nasalidade; outras vezes vale *modo* e é signal de nasalidade; outras vezes nem vale *modo* nem é signal; e ainda outras vezes, carregado com o *h* (âgá), vale um *modo* analogo, mais forte.

Quando é lettra lê-se pegando a lingua ao ceo da bocca: como para dizer o *lê* ao qual, apesar da differença para o ouvido, se assemelha muito no valor; observe-se em: *lona*, *luneta*, *Lino*, *nullo*, *Nilo*.

O *n* final valendo modo (e sempre tambem de *til*, pela influencia nasal retroactiva, indicada a respeito do *m*), é raro. Poucas são as palavras que assim acabam. E é só n'essas palavras que a orthographia moderna o admitte. Caíu em desuso escrever *van*, *lan*, *manhan*. O *n* final servindo de til foi com razão substituido pelo *til*[1].

N'esta qualidade de *til*, o mesmo que ficou dito do *m* é applicavel ao *n*.

É com frequencia ao mesmo tempo lettra e signal de nasalidade. A vogal dominante seguida de *n*, como em *mana*, *pena*, *tina*, *tona*, *punho*, lê-se quasi sempre, como se estivesse tilada: *mãna*, *pẽna*, *tĩna*, *tõna*, *pũnho*.

O *n* junto ao *h* produz a invogal composta ou forma dupla, certa *nh*, que se lê adherindo a lingua ao ceo da bocca, mais forte e extensamente que quando se lê o *n;* v. g.: *manha*, *linho*, *nenhum*, etc.

Em algumas palavras tem simplesmente o valor de *n*, como em *anhelo* e seus derivados, *inhibir* e seus derivados, que se lêem como se escrevessemos — *anelo*, *inibir*.

Por este novo valor que assume, devemos chamar ao *n* — *nênhetil;* seu valor é lingua no ceo da bocca, (n') e é signal de voz nasalada, quando não tem vogal adiante.

Pode ser maiusculo *N*, ou minusculo *n*.

Na lingua portugueza poucos nomes terminam em *n;* devemos contar no numero d'estes poucos — *ademan*, *afan*, *iman*, *canon*, *joven*, *hyphen*, *numen*, *pollen*, e poucos mais, cujo plural se forma, segundo a regra geral, á excepção de *canon* que forma o plural com o acrescentamento de *es* e não com um *s* só.

Muitos escriptores, evitando o concurso da voz nasal com o

[1] Veja a nota a paginas 8.

artigo, empregado como pronome pessoal ou demonstrativo, juntam um *n* por mera euphonia. Exemplos: *não ha cousa tão forte de soffrer que o tempo não* na *abrande; procurem*-no *e achal-o-ão; buscam*-nas *onde não* nas *podem achar*, etc.; n'este caso chama-se affixa a lettra *n*.

«Tudo corre e a mourama é já tanta,
«Que não ha quem *n*'a possa contar
. . . .
«Mouro colo' o christão não *n*'o doma,
«O crescente não verga ante a Cruz.»

Nacionaes. — Denominam-se *nacionaes* aquellas palavras primitivas do nosso vocabulario cuja origem se desconhece.

Nacionalisadas. — Denominam-se *nacionalisadas* aquellas palavras primitivas que, embora procedentes de outra lingua, já se acham auctorisadas pelos bons escriptores, pelo emprego d'ellas nos seus escriptos ou discursos.

A origem das palavras nacionalisadas pode ser *proxima* ou *remota*. Chama-se *proxima* aquella d'onde os vocabulos vêem immediatamente, e *remota* aquella d'onde os vocabulos procedem, por intermedio de outro idioma. Por exemplo: a palavra *sabbado* veio para a lingua portugueza directamente do ablativo latino *sabbato*, e indirectamente do substantivo hebraico *shabbat*, descanço. Portanto a origem *proxima* é o latim, a origem *remota* o hebraico.

Não-principaes. — Dizem-se não-principaes as orações que estão dependentes de outra pelo sentido e pela regencia. Exemplo: *como sabes que Deus existe? Basta contemplar as harmonias da natureza.*

D'estas quatro orações dizem-se não-principaes — *que Deus existe* (2.ª da pergunta), e — *contemplar as harmonias da natureza* (2.ª da resposta): aquella serve de complemento directo ao verbo *sabes;* esta de sujeito a *basta*.

As orações não-principaes conhecem-se pelos signaes seguintes:

1.º têem o verbo no infinito sem conjuncção, ou no conjunctivo e no indicativo com ella ou com outra palavra subordinante.

2.º fazem sentido dependente e não intelligivel sem outra que as determine.

As orações não-principaes, coordenadas ou não, subdividem-se em:

....		condicionaes. causaes. concessivas. circumstanciaes.
..	Incidentes................	explicativas ou restrictivas.
	Integrantes.	

uma d'estas.

ÇÃO. — É a relação ou exposição de um facto e
tancias, accommodado ao fim do que falla.
ue esta seja verdadeira ou verisimil, curta e clara.
lidades hão de juntar-se a simplicidade, a graça
o perfeito entre a pessoa do narrador e a sua lin-

cos reconhecem diversas especies de narração que
quatro, e são: a narração do apologo, a narração
narração poetica e a narração dramatica.
narração ser boa, cumpre que seja clara, breve,
interessante. Seguir a ordem dos tempos, formar
s uma cadeia ininterrompida, nada esquecer que
distinguir bem as cousas, as pessoas, os tempos,
s os motivos das acções, são condições necessarias
za. A brevidade exige especialmente, que se corte
fizer falta nem á clareza nem ao interesse. Ajus-
tos ás pessoas, motivos, tempo e logares, conse-
similhança. Finalmente o interesse vem sobre tudo,
ha dos termos, da boa disposição dos successos, e
e tempero d'elles por meio de sentimentos natu-
es apropriadas, e uma elocução conveniente.
o pode ser: clara, obscura, fiel, agradavel, diffusa,
re, verisimil, interessante, falsa, etc.
mais conveniente á narração é o elegante.
o longa pode tomar-se por viciosa, não só porque
memoria, senão por que é fastidiosa aos ouvintes.
diffusão assim das argumentações improprias d'esta
curso, como da *digressão*, salvo se esta for breve e
eça ser a violencia da paixão o que nos desvia do
a. Não devemos todavia ser nimiamente conciso em
para que não aconteça que, procurando ser breve,
escuro, sendo que a brevidade bem regulada con-
o termo, i. é, *em dizer quanto é necessario e quanto*
guardando — *concisão* nos pensamentos, *precisão*

Narrativo. — Genero de discurso ou estylo empregado quando se narra, conta, expõe ou faz conhecer circumstanciadamente um ou mais acontecimentos verdadeiros ou presumiveis.

Comprehende este genero todas as composições, em que se narram acções e successos da vida da humanidade. E como estes factos podem ser verdadeiros, fingidos ou mixtos, d'aqui vem a divisão em *composições historicas, romances,* e *romances historicos.*

Veja *Historia, Historiador.*

Entram na classe dos poemas narrativos ou contos, todas as narrações poeticas, sem o apparato da epopeia, d'uma serie d'acções sem unidade de fim; ou d'uma unica acção sem grandeza, mas agradavel, jovial, tocante ou risivel. São o romance prosaico posto em verso; e, como elle, podem no todo ou em parte, ser tirados da historia. Ha-os tambem inteiramente phantasticos, mas geralmente são imaginados com verisimilhança e tratados sem a elevação d'estylo dos poemas épico e heroico.

Ha contos que são parodias de poemas serios, cuja acção e personagens se ridiculisam por esse modo. Ha-os que têem um fim claramente didactico, e por isso só na forma pertencem ao genero narrativo.

Tambem se designam pelo nome geral de *romances narrativos* as poesias, que offerecem uma curta narração, feita com singeleza tocante ou engraçada, e em forma cantavel; taes são a *xácara* e o *solao;* e propriamente *romances,* quando a narração, toda ou quasi toda, é feita directamente pelo poeta.

Nasal. — É o valor das vogaes *nasaladas;* a voz que se ouve, quando dizemos essas vogaes, cuja emissão se faz em parte pelo canal do nariz; v. g.: *impõem.*

São nasaes as primeiras syllabas de *amparo, anno, embora, Henrique, imperio, injusto, hombro, onde, umbral, tympano, syntaxe, unto;* e as ultimas de *maçã, homem, joven, jasmim, barões, albuns,* etc.

Nasaladas. — São as vozes que se dizem, não asperamente fanhosas, como se tivessemos o nariz tapado, e as fizessemos écoar nas fossas nasaes; mas com uns ares d'isso. Em bom portuguez não se admitte o timbre fanhoso.

As vozes nasaladas são cinco:

ã,	ẽ,	ĩ,	õ,	ũ
am,	em,	im,	om,	um
an,	en,	in,	on,	un.

Como se vê, indicam-se com ˜, M ou N; tendo porem o M e o N

[redacted]

applicações mais, podemos dizer que exclusivamente
adu a este uso só temos o til (˜).

salidade. — Diz-se a qualidade phonetica que se
ɔc na pronunciação das vozes ou sons nasaes; v. g.:
ı *com tenção de plantar ainda esta semana cem platanos
dia; e não é muito para dez varões constantes no trabalho.*
platanos percebe-se uma tal ou qual nasalidado no 2.º A,
que não faça syllaba com aquelle *n* que se lhe segue; é
s devida á influencia nasal retroactiva de que fallamos
ttras *m* e *n*.
muito igualmente se percebe, alguma nasalidade no u,
sta não a sabemos nós attribuir mais que ao costume,
arece tomou foros de universalidade.
vogaes cuja nasalação pode ser indicada com til, são *a*
ı das outras vogaes é indicada com *m* ou *n*, excepto a 3.ª
a do plural do presente do indicativo dos verbos *ter* e *vir*
u *vẽem*, (de *tenent*, *veniunt*), como *põem* (de *ponunt*), e res-
os compostos — *abstẽem*, *entretẽem*; *convẽem*, *intervẽem*;
em, etc.
principio e no meio das palavras, o *a* nasal é represen-
com *an*, e antes de *b*, *p*, *m*, com *am*; com *ã* só se repre-
nos diminutivos, (v. g.: *manhãzinha*) e no plural dos no-
m *ã* (v. g.: *maçãs*). No fim das dicções representa-se com
an (v. g.: *rã* ou *ran*; no plural *rãs* ou *rans*); mas a pri-
formula é hoje mais seguida. *Ademan*, *afan*, *irman*, es-
m-se sempre assim; por excepção. Veja *Til*.
palavras agudas que terminam em *ão* não devem termi-
m *am*, assim escreveremos *furão* (animal), e *foram* (pre-
do verbo *ser*); *louvaram* (preterito), e *louvarão* (futuro),
e não *estam*, etc.
sta regra exceptuam-se *Christovão*, que se lê como se es-
amos *Christóvam*; e *Estevão*, *bençâo*, *orphão*, *rabão*, *or-*
otão, que não são agudas.
ando uma palavra termina por uma vogal nasal simples,
endo *a*, a nasalidade deve ser sempre indicada por um
ras vezes por um *n* e nunca por um til (˜); v. g.: *homem*,
n, *som*, *bodum*, etc.
ã é pois o signal especial da nasalidade do *ã* final; já ex-
amos as palavras, *iman*, *ademan*, *afan*; e o *m*, o signal da
dade das outras vogaes finaes, exceptuando, *joven*, *semen*,
, *hyphen*, *hymen*, *canon*, e ainda outras que terminavam
ra em *en* — *regimen*, *numen*, que hoje de ordinario se es-
n, *regime*, *nume*, etc.
e o *u* nos prefixos *septem* e *circum* nasalam-se sempre
; assim se escreveram na lingua latina donde a nossa
mente os importou. Veja *Ecthlipse*.

Natural. — Diz-se o estylo simples que á simplicidade da expressão junta a dos pensamentos. O que diz e o modo por que o diz, é tudo tão facil e natural, que a todos parece facilimo fazer o mesmo.

> «De sorte que qualquer se persuadisse,
> «Que faria outro tanto; mas, tratando-o,
> «Visse, que em vão suára..............

Mas esta naturalidade, não sendo companheira do talento, cai no insipido, baixo, pueril e desalinhado.

Para ser bella deve sair de um engenho rico, de uma imaginação viva, ou de uma fina sensibilidade.

Tambem se diz *natural* o pensamento, que parece nascido, espontaneamente, por ser inteira e directamente ajustado ao assumpto e ás circumstancias da pessoa que o expressa.

Por isso mui errados vão aquelles, que julgando ostentar de sabios, originaes e engenhosos, caem em pensamentos *forçados*, *subtis* ou *rebuscados*.

Natural tambem se diz o sentido em que as palavras são tomadas ou empregadas; isto é, quando significam a ideia para que foram primeiramente inventadas. Ao *natural* oppõe-se o *figurado*. A palavra *leão* foi primeiro destinada a uma especie de animal; este é o seu sentido natural e proprio; mas se eu disser fallando de um homem arrebatado — *é um leão*, empregarei esta palavra no sentido figurado.

Veja *Metaphora*, *Propriedade*, *Termos proprios*.

Naturalidade. — É uma qualidade dos pensamentos considerados em geral e que muito convem procurar, porque o mais brilhante pensamento será tanto menos admirado, quanto mais se descobrir n'elle esforço e pretenção.

Negativa. — Diz-se a proposição que nega, i. é, aquella que não somente separa o attributo do sujeito, segundo toda a extensão do mesmo attributo, mas a que o separa do sujeito, segundo toda a extensão que este tem na proposição. Separa-o universalmente, se o sujeito é universal e particularmente se é particular. Se dissermos: *nenhum ambicioso é feliz*, separamos todas as pessoas felizes de todas as pessoas ambiciosas. Se dissermos: *este juiz não é parcial*, separamos parcial do juiz a que nos referimos.

Tambem se diz negativa a palavra que serve para negar: *não*, *nada*, *nem*, *nenhum*, *ninguem*, *nunca*, são palavras negativas.

A negação contida n'estas palavras cai sobre a proposição inteira de que ellas fazem parte e torna-a *negativa*.

Quando a phrase é negativa, deve o pronome que serve de

ito ao verbo collocar-se geralmente antes d'este nos
iples, e antes do auxiliar nos tempos compostos; v.
o lhe falla; tu não a vês; nós não o sabiamos então;
inheis avisado; ella não nos dirá; tu nunca me terias
lhe dês isso.
icional como no futuro, seja phrase negativa ou não,
ção é a mesma.
.e a proposição seja negativa, deve a negação af-
erbo; v. g.: *a pobreza não é um defeito.* Se a nega-
ffectar o verbo, a proposição não é negativa, é affir-
g.: *a lei manda não fazer isto;* para que esta pro-
sse negativa deveria dizer — *a lei não manda fazer*
ferença provém do diverso logar que a negação oc-

ivos. — Dizem-se alguns verbos formados em por-
primitivos ou positivos e das preposições — *des, in,*
ue negam ou destroem a acção significada. Exem-

....	desatar	De cobrir	descobrir
....	desfazer	De impedir	desimpedir
r......	desobrigar	De unir.........	desunir
r......	immacular	De quietar	inquietar
:......	inutilisar	De validar	invalidar

porem que nem em todos os verbos influem para a
o negativa estas preposições prefixas: *desbotar* não
lo de *botar* nem *despedir* de *pedir,* ou *impôr* de *pôr;*
de *pugnar; incorrer* de *correr; informar* de *formar;*
vestir, etc.

- Veja *Prefixos.*

gismo. — Diz-se o uso frequente de palavras
. innovação de palavras e phrases não usadas; como:
leredicto, rewolver, wagon ou *vagon,* etc.
inovações são necessarias pela mudança nas insti-
is ideias, nos costumes, descobrimentos, sciencias,
commercio, modas, etc.
gismos que pedem os progressos incessantes do es-
ano, são as heranças, o morgado inalienavel das
orque a necessidade de exprimir uma ideia nova, ou
um novo producto, pede ou cunha logo a palavra,
ntrar na circulação do mundo civilisado.
ocabulos não são gallicismos, como a escrupulosa
de alguns puristas quer que sejam, embora venham

Neutro. — Classificação d
latinos e que alguns grammat
ros, quizeram admittir na ling
tambem quiz que as terceira
portuguezes fossem formas neu
tivos de uma só, quando emp
para modificarem orações inteir

Confundidos porem os gene
apagada a distincção entre a
os neutros dos masculinos, por
em que ambos se confundem na

Nome. — É a parte da ora
as pessoas, as cousas, um ag
sas, ou suas propriedades e qua

O *nome* é susceptivel de num

Não pode haver proposição s
subentendidos.

O nome pode ser *proprio, co*
partitivo, abstracto, promiscuo o
culino, feminino, e finalmente *su*

O *nome* admitte ainda outr
são ideologicas; entre os subst
tinguir: o *patronimico*, o *preno*
brenome.

Veja cada um dos termos imp

ı. — Veja *Suffixos.*

ıal. — Diz-se o valor das vozes puras, isto é, das
;aes.
:o as vozes puras nominaes — *á, é, í, ó ú.*
grammaticos dão o qualificativo de *nominal* á pro-
ıjo verbo está supprimido; v. g.: *o homem perfecti-*
s de — *o homem é perfectivel.*

. — Veja *Desinencia.*

— Veja *Apontamento.*

la. — Nome dado a certos romances pouco exten-
ıdo aventuras interessantes ou jocosas, tiradas da
u criadas na imaginação de quem a conta ou es-
, divertir, ou para instruir moralmente.
é synonymo de *conto, fabula:* no *conto* deve brilhar
ı; na *fabula* a feliz invenção; na *novella,* ao merito
o, e ao feliz enlace e desenlace dos successos, de-
ecer as descripções, as pinturas, e as demais belle-
espectivamente se admiram no mesmo poema épico.
o é um modelo d'este genero.

:e). — Veja *Desinencias.*

raes. — São os adjectivos determinativos defini-
determinam a significação dos substantivos com
rdam, ajuntando-lhes uma ideia de numero ou de

-se em *cardinaes, ordinaes* e *multiplicativos.*
la um d'estes.

ı se dizem numeraes as lettras do alphabeto que
es se empregam para indicarem uma quantidade;
C que vale 100; D, 500; I, 1; L, 50; M, 1000; V,
etc. Veja cada uma d'estas lettras.

numeraes figuram no discurso ou como substanti-
comprei um cento de laranjas, ou como adjectivos,
laranjas, dois centos, um milhão, dois milhões, etc.
raes collocam-se ordinariamente antes dos substan-
eterminam, salvas as excepções apontadas no artigo
(construcção).

o. — Diz-se em grammatica a differente termina-
dá tanto ao verbo como ao nome, substantivo ou

adjectivo, para significar que se trata de um ou mais individuos.

Com applicação ao verbo, é a propriedade que elle tem de marcar com a sua forma a relação em que está com um sujeito no singular ou no plural, e assim dizemos variando de forma; *eu estudo, tu estudas, elle estuda, nós estudamos, vós estudais; elles* ou *ellas estudam.*

Os numeros são dois — *singular* e *plural.*

Em litteratura numero ou rhythmo significa a *harmonia*, que resulta d'um certo arranjo de palavras, quer na prosa, quer no verso, e que produz bellas phrases cheias de graça, de *numero* e de cadencia *(numerosas* e *cadenciadas).*

A phrase pode tornar-se numerosa: 1.° *substituindo* a uma palavra menos numerosa outra que mais o seja; 2.° *ajuntando* alguma, se não parecer ociosa; 3.° *subtraindo* outra, se não for necessaria; 4.° *empregando* a *syncope*, a *synalepha* e principalmente o *hyperbato.*

O

Decima quinta lettra do alphabeto, quarta vogal, representativa da voz nominal — *ó* — e assim chamada.

Como parte componente da palavra ou da oração, pode o *o* ter quatro valores — *nominal* — *ó* — ; *fechado* — *ô* — ; e com o valor de — *u* —, representativos de vozes puras; e *nasal* — *õ* —, representativo de voz nasalada.

Pode ser *minusculo* — *o* —, ou *maiusculo* — *O* — e, como todas as lettras, do genero masculino; assim indicaremos: este *o;* um *O,* aquelle *o*, etc. N'este caso sempre com o valor nominal.

Diz-se tambem nominal o valor do *o*, quando se profere como na palavra *moda*, ou quando vem assim accentuado — *ó* — como nos vocabulos — *avó, enchó, pó.*

Diz-se fechado nas palavras — *doce, flor, cebola, hoje,* etc., e todas as vezes que assim se pronuncie, o que succederá sempre que sobre elle vier o accento circumflexo, como nas palavras — *avô, arrôz, pôz-se,* etc., no penultimo *o* dos adjectivos terminados em *oso* como — *ditoso, curioso,* e no diphtongo *ou,* que se deve ler como se fora uma voz simples — ô — v. g.: *vou, aviou, ouça, poupou.*

O valor fechado que tem o penultimo *o* dos adjectivos acabados em *oso*, muda-se em nominal na forma feminina e no plural de ambas; v. g.: *briôso, briósa, briósos, briósas,* que escrevemos sem estes signaes orthographicos.

Tem o valor de — *u* — no fim das palavras ou só, não vindo

o, embora seguido de um *s*, v. g.: *o dedo, os dedos;* como se estivera escripto — *u dedu, us dedus.*
nasal, quando faz syllaba com *m* ou *n*, ou quando es-
s são suppridas pelo signal de nasalidade (˜), cha-
que se colloca sobre o — *õ* — ; como em — *sombra,*
nções, põe, etc.
do *o* é muitas vezes modificado por uma certa nasa-
e lhe communicam o *m* ou o *n* seguintes, ainda que
tes á syllaba immediata, e isto percebe-se nas pa-
como, tomo, risonho, medonho, etc.
em aberto ou nominal o *o* da syllaba *oz* em que aca-
os termos, como — *atroz, feroz, filhoz, voz, noz,* se não
ccento circumflexo como — *algôz, arrôz, pôz,* cujo *ô*
ficou dito, o valor fechado.
inario é nominal ou aberto o *o* da penultima syllaba
a que não tiver accentuada a ultima syllaba; v. g.:
), *dote, pobre, toga, molho* (feixe); ha porem muitos
exceptuados d'esta regra: assim os substantivos em
s ultimas syllabas entra *o*, têem quasi todos o penul-
hado no singular, ainda que no plural o mudem para
m algumas excepções; v. g.: *olho, globo, povo,* que se
lo, glôbo, pôvo, no plural dizem-se — *ólhos, glóbos,*
gosto, lobo, lodo, molho (tempero), *garoto, rolo,* tam-
m — *desgôsto, lôbo, lôdo, môlho, garôto, rôlo,* mas no
m-se — *desgôstos, lôbos, môlhos, garôtos, rôlos;* isto é,
o *o* fechado, e assim — *bojo, bolo, cachorro, coxo,*
, *moço, nojo, potro, soldo, sorro,* e poucos mais.
ljectivos mudam o *o* do radical, fechado no mascu-
ular, em *o* aberto (nominal) no feminino do singu-
as as formas do plural; v. g.: *morno, morna, mor-*
novo, nova, novos, novas; e todos os adjectivos
m *oso*, v. g.: *formoso, formosa, formosos, formo-*
u dito.
que conservam o *o* fechado, como — *nosco, vosco,*
ias formas; v. g.: *gordo, gorda, gordos, gordas;*
scos, toscas, etc.
iomes escriptos com as mesmas lettras (homo-
de ler-se o *o* com differente valor, para ser per-
cado que lhe corresponde na oração ou no dis-
rno, rodo, jogo, etc., diz-se — *tôrno, rôdo, jôgo,*
vos, e *tórno, ródo, jógo,* sendo verbos.
esdruxulas têem valor de *u* os *o o*, que entram
as duas ultimas syllabas; v. g.: *apologo, bary-*
probo, methodo, parocho, comoro, periodo, po-
o tanto succede em *polvora, época, antiphona,*

É a expressão masculina do artigo definito ou adjectivo determinativo articular *o*, com o qual caracterisamos os substantivos masculinos, determinando a extensão do seu significado; v. g.: *o estudo é o alimento dos moços e o prazer dos velhos. A interpretação dada por Joseph ao sonho do Pharaó elevou o bisneto de Abrahão ao valimento do rei e á dignidade de ministro.*
Veja *Artigo.*

Variação do pronome pessoal da 3.ª pessoa (elle), servindo na oração de complemento directo ou objectivo; v. g.: *encontramos Deus em toda a parte, mas não o comprehendemos em nenhuma. É muito menos raro encontrar homens sem virtudes, que encontral-os sem defeitos.*

Pronome demonstrativo valendo por *aquelle, aquelles, isto, isso,* v. g.: *não ha descanço mais doce que o que se compra com o trabalho. É mais facil extinguir o primeiro desejo que satisfazer todos os que se lhe seguem. Que é o que ha de mais difficil; o que ha de mais facil; e o que de mais doce no mundo? Faze tudo o que deves fazer, succeda o que succeder. Assim o achamos escripto; quem lh'o disse? Sei-o eu, porque m'o contaram,* etc.

Serve de substantivar qualquer parte d'oração, e até um verbo do modo infinito pessoal ou impessoal, fazendo que se tome por um nome do genero masculino. Exemplo: *aquillo que ha de mais difficil é o conhecermo-nos a nós mesmos; de mais facil, o dar um conselho; de mais doce, o obter o que se deseja.* E assim — o *como*; o *quando*; o *porquê*, etc.

Como pronome demonstrativo pode servir de sujeito ou de attributo da oração, como pronome pessoal nunca; v. g.: o (homem) *que é excessivamente civil é incommodo; o talento mais raro e mais para desejar, é o de fallar a tempo e de saber calar. Aquelle que acha um bom genro, ganha um filho; o que tem a desgraça de* o (a elle — complemento) *achar mau, perde uma filha.*

Quando precede o partitivo indifinito *tal* dá a este a significação de *certo*, e então indica indeviduos determinados, mas que não se nomeiam. Exemplo: *o tal sujeito não é dos melhores conceituados.*

Pospõe-se ao determinativo *todo*, quanto este antecede o appellativo; v. g.: *todo o homem é mortal. Lê todos os livros d'aquella estante. O temor de Deus saiu do coração do povo, e entraram n'elle todas as raivas do inferno.*

Anteposto aos adjectivos comparativos, formados pela juncção dos adverbios *mais, menos*, torna-os superlativos relativos: e bem assim aos irregulares — *melhor, peior, maior, menor*; v. g.: *o invejoso é* o MAIS DESGRAÇADO *dos homens. O crime é* o MAIOR *de todos os males.* Os MAIORES *talentos vêem a ser nocivos, quando a honra e as virtudes os não acompanham.*

Colloca-se antes de muitos nomes proprios de regiões, pro incias, ilhas, cidades, montes, rios; como: o *Egypto*, o *Algarve Porto*, o *Funchal*, o *Gerez*, o *Mondego*, os *Açores*, os *Archi elagos*, o *Atlas*; e antes dos nomes proprios de homens; fre uentemente se diz: *o Antonio partiu hontem. Venho de casa do 'rancisco. Não pude fallar ao José. Encontrei o Joaquim.*

Terminação de muitos substantivos do genero masculino e da rma tambem masculina dos adjectivos biformes; v. g.: *coe o branco, gato pardo, pombo negro.*

Tambem são do genero masculino os nomes terminados em assim accentuado, como — *dó, pó, nó*; exceptuam-se *enxó, 'hó, ilhó, mó*, e *teiró*, que são femininos.

O *ó* com este accento serve para chamar, diz-se interjectivo; g.: *ó Pedro*. Tambem se emprega precedendo uma exclama io ou admiração, e assim dizemos: *ó que maravilha! Ó estra ia novidade!*

O *O* é na segunda escala das vogaes o que o *A* é na primeira: m fraco, rasgado, energico, e como que uma explosão da ma. O chamar, o exclamar, por elle se exprimem. Parece ter n não sei quê de varonil e de activo, de forte e imperioso.

Nas boas descripções de tempestades da natureza ou do imo, de trabalhos, etc., quando escriptos por poetas esmera , observar-se-á como o *O* predomina, e com que effeito.

'requentes vezes se suprime o *o* no verso, principalmente o reposição *com*, por ecthlipse. Exemplos:

«D'espigas e palmas c'roemos a enxada.
«Mas ella c'um formoso riso honesto.

». —Veja *Prefixos*.

jectivo. — Diz-se complemento objectivo ou directo a a ou oração, que é o 1.º termo ou o objecto da significa verbo activo ou do seu partecipio, significação que se ta sem intermedio de preposição alguma. Tambem se *ime directo*. Exemplos: *Alexandre cortou* o NÓ GORDIO. *la Gama descobriu* A INDIA. *A experiencia dos seculos* UE O LUXO ANNUNCIA a **decadencia** DOS ESTADOS.

o complemento objectivo pronome pessoal, empre is formas proprias d'este complemento — *me, te, se, o, a, os, as*, que equivalem a est'outras — *a mim, a ti, 's, a vós, a elle, a ella, a elles, a ellas*. Exemplos: *eu ›u estimo-te*, por — *estimo a ti; tu me estimas* ou *esti ›r — estimas a mim; nós o estimamos* ou *estimamol-o, ιamos a elle*, etc.

vezes por pleonasmo, vão expressas ambas estas ;.: *tu me estimas a mim; eu vi-a a ella.*

Emprega-se a preposição *a* antes do nome de pessoa ou cousa personificada, v. g.: *n'um carro ufano, que rodavam tigres, Galerio segue* a *Augusto; pintaram os antigos* ao *amor menino; Jacob serviu* a *Laban 14 annos.*

O emprego d'esta preposição é facultativo nos casos ordinarios, mas torna-se obrigatorio, quando uma inversão possa occasionar alguma amphibologia; v. g.: *aos gregos expulsaram os romanos.* N'este exemplo em que o complemento objectivo está antes do verbo e o sujeito depois, seria difficil distinguir estes dois termos um do outro, se o complemento não fosse precedido da preposição *a;* e n'este outro exemplo: *combate ao fraco espirito a dor antiga.*

Ha verbos activos a que elegantemente se dá complemento objectivo com preposição, como: *puxar* ou *tirar pela espada, pelo sabre,* etc.; *concluistes com a conquista da India mais cedo do que eu o pensava.*

Outros podem sem mudar de significação admittir o seu complemento umas vezes regido de preposição, como: *gosar de boa saude; esperar por alguem;* outras não; como: *gosar boa saude; esperar alguem.* O mesmo succede com alguns verbos reflexos, v. g.: *dignou-se escrever-me* ou *de escrever-me; sirva-se aceitar* ou *de aceitar.* Veja *Directa.*

Quando a oração da voz activa muda para a passiva, passa para sujeito d'esta o complemento objectivo d'aquella. Exemplo: *Pedro Alvares Cabral descobriu o Brazil;* mudada para a voz passiva esta oração, diremos: o *Brazil foi descoberto por Pedro Alvares Cabral.*

Assim querendo mudar-se da voz passiva para a activa uma oração, escolheremos para complemento objectivo o sujeito da passiva. Exemplo: *o nonio foi inventado pelo celebre mathematico portuguez Pedro Nunes;* mudando para a voz activa esta oração, diremos: *o celebre mathematico portuguez Pedro Nunes inventou o nonio* [1]. Veja *Transitivo.*

Dois ou mais verbos podem ter o mesmo complemento; v. g.: *manda vir cheiros, joias, galas, espelhos; veste, compõe, enriquece, esmalta os cabellos, a garganta, o peito, as mãos.*

Obscuridade. — Diz-se o defeito de clareza nas ideias e na expressão.

Tambem se diz *obscuridade* dos tempos, o pouco conhecimento dos factos praticados em tempos remotissimos, prehistoricos.

---

[1] O francez Vernier apenas modificou levemente este instrumento no seculo XVII.

:pressões que formam as allegorias, sendo em regra me-
:as, admittem alguma obscuridade, seria com tudo um vicio a obscuridade demasiada, a menos que se não in-
: formar um enigma; por quanto deve em todo o caso
se entrever o verdadeiro sentido da allegoria, atravez
s que encobrem o pensamento.

curidade ou obscuridade nasce de palavras desusadas,
s compridos, hyperbatos longos, ordem natural despre-
arentheses longos, perissologia, meiosis, ambiguidade,
ases desnecessarias e pouco analogas, affectação de
o, demasiada brevidade, archaismos, etc.

ecração. — Figura de rhetorica pela qual se implora
discurso a assistencia de Deus, ou o soccorro de alguem.

«Divina guarda, angelica celeste
«Que os ceos, o mar e terra senhoreas;
«Tu, que a todo Israel refugio deste,
«Por metade das aguas Erythreas:
«Tu que livraste Paulo, e defendeste
«Das syrtes arenosas, e ondas feas,
«E guardaste co'os filhos o segundo
«Povoador do alagado e vacuo mundo
....
....
«Porque somos de ti desamparados,
«Se este nosso trabalho não te offende,
«Mas antes teu serviço só pretende?

oletos, as. — Dizem-se obsoletas as palavras ou phra-
das em desuso, i. é, *antiquadas;* estes dois qualificati-
synonymos: indicam ambos cousa antiga que decaíu
; mas a segunda accrescenta uma especie de despreso.
iculo. As palavras e phrases *antiquadas* podem ainda
: em poesia, ou estylo jocoso, mas não as *obsoletas*, que
inario foram substituidas por outras mais bem deriva-
mais sonoras. O uso pode fazer reviver, segundo a sen-
de Horacio, muitas expressões antiquadas, porem as
as parecem condemnadas por elle ao perpetuo esqueci-
. O escriptor que se serve de palavras e locuções anti-
, mas genuinas da lingua, expressivas e com boa analo-
ra fugir á invasão do neologismo merece louvor; porem
vai desenterrar velhices e prefere os archaismos dos
avós ás boas expressões que o uso depois introduziu,
livrará do nome de rançoso.

rte Nunes de Leão na sua *Origem da lingua portugueza*
ia-se n'estes termos: *Assi como em todas cousas huma-
continua mudança e alteração, assi he tambem nas lin-
;* e como prova d'esta asserção offerece no cap. XVII da
obra, uma lista de 128 palavras portuguezas antiquadas.

Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, colligiu um grande numero de palavras, que já no seu tempo se ignoravam.

Francisco José Freire tambem nos deixou uma lista de palavras antiquadas no seu tempo.

«Na historia das metamorphoses da linguagem portugueza duas circumstancias curiosas se observam, quando se compara o fallar de um seculo com a linguagem seguida em outro: 1.ª muitas palavras antiquadas em um seculo revivem n'outro; 2.ª muitas palavras deixam de ser usadas só n'um ou mais de seus sentidos primitivos, ou adquirem significações novas.»

Assim *albergar*, *algures*, *aquecer*, *aturar*, *atroar*, *confortar*, *desempenhar*, *falha* e outras, dadas como antiquadas por Duarte Nunes Leão, estão ainda hoje em uso.»

Bondade significou *acto de coragem*, *grande feito*; hoje só indica *suavidade de genio*, *natural inclinado ao bem*, *humanidade*, *cortezia*, *favor*.

Forte significava *mau*; hoje só se emprega no sentido de *rigoroso*, tanto no physico como no moral.

Perceber é antiquado no sentido de *avisar*. E como estes muitos outros vocabulos.

«Mas não he muito de maravilhar que as vozes envelheção e as velhas alghuma ora pareção mal porque tambem enuelhecem os homens cujas vozes ellas são...; e muy poucas são as cousas que durão por todas ou muitas idades em hum estado: quanto mais as falas que se conformão com os conçeitos ou entenderes, juysos e tratos dos homens: e esses homens entendem: julgão: e tratão por diuersas vias e muytas: as vezes segundo quer a neçessidade: e as vezes segundo pedem as inclinações naturaes [1].»

Ode. — É a composição poetica dividida em estrophes ou estancias e formando a primeira divisão do genero lyrico com o hymno e o dithyrambo.

Os gregos davam o nome de *ode* a tudo o que podia ser cantado.

A *ode* é um poema, que pertence ao genero exclusivamente lyrico, e que é caracterisado por todos os arrojos da imaginação e pelos sentimentos mais intimos da alma do poeta. De todas as mais elevadas são as que celebram a Divindade. Taes são um grande numero de psalmos hebraicos, os cantos de Moisés e de Débora, algumas *odes* de Pindaro, de Horacio, etc.

Após o *hymno* ou *ode sagrada*, vem a *ode pindarica*, depois a *ode heroica*, a *saphica*, a *didactica*, a *philosophica*, a *epodica*, a

---

[1] Fernão d'Oliveira *Grammatica de Linguagem Portugueza*, cap. 36. Edição de 1536.

amorosa, e a *satyrica*; ás quaes se pode ajuntar uma outra especie, a *ode anacreontica*, que celebra o prazer e o amor.

A *ode* não tem hoje, como antigamente, nada de commum com a musica; comtudo destinada a ser cantada, toma o nome de hymno.

Hoje que é livre adoptar qualquer forma poetica, não se pode dar sobre a forma das *odes*, outra regra que não seja a de que o poeta deve escolher a combinação metrica, que for mais apropriada ao sentimento que exprimir. Para os sentimentos de um vigor sustentado, é mais propria a divisão em estancias regulares ou symetricas; mas já aos que têem marcha irregular, variando de forma ou de objecto, quadra melhor a forma de estancias irregulares ou a não divisão em estancias. Para assumptos graves e elevados, não temos verso mais apropriado do que o hendecasyllabo; e por isso elle só ou junto ao septsyllabo, tem predominado nas *odes*, especialmente nas sagradas, heroicas e philosophicas.

A ode *A Camões* de Soares de Passos é um modelo d'este genero de poesia.

Odo, Odynia. — Veja *Desinencias*.

Oitavas. — São as estancias de oito versos heroicos, rimados os seis primeiros de sorte, que fiquem consoantes o primeiro, terceiro e quinto, e o segundo, quarto e sexto; os dois ultimos têem quaesquer consoantes diversos dos primeiros seis, mas unisonos entre si:

«Em que labios se bebem mais delicias,
«Em que face de virgem se desatam
«Rosas mais puras d'intimas primicias,
«Que nas que por dar vida a nós se matam?
«Sempre a bem nosso, a nosso amor propicias
«Na menina dos olhos nos retratam;
«E nunca premio vil em paga pedem
«De quanto tanto d'alma nos concedem.

Como esta estancia do nosso bom e simpathyco poeta o sr. João de Deus, allusiva ás mães, são compostas as da grande epopeia nacional — Os Lusiadas — a obra prima da litteratura portugueza.

Veja *Estancias*.

Ol. — Os nomes acabados n'esta syllaba formam o plural, mudando-a em *oes*; v. g.: *caracol*, *caracoes*; *lençol*, *lençoes*, etc.

Omalo. — Veja *Desinencias*.

Omeilogia. — Vicio de ornato que resulta da falta de

variedade na phrase, o que torna o discurso monotono e fastidioso.

Omeoptoton. — É a figura de rhetorica na qual em differentes orações os nomes estão nas mesmas circumstancias, ou os verbos nos mesmos tempos, quer occupem o fim, quer o principio, quer o meio da oração. Exemplos:

Não aquella graça que deleita e suspende os entendimentos; senão aquella graça, que abranda, que rende, que fere, que inflamma os corações.

Toma Ignacio o livro nas mãos: lê-o a principio com dissabor, pouco depois sem fastio; ultimamente com gosto, d'alli por deante com fome, com ancia, com cuidado, com desengano, com devoção, com lagrimas.

Omeoteleuton. — Figura que se dá quando os membros de um periodo acabam pelos mesmos consoantes. Exemplo:

Aquellas pernas que caminhos andariam? Aquellas caveiras que imaginações teriam? Quam infunadas nas falsas esperanças do mundo seriam? Que castellos de vento fariam?

Onho. — Veja *Desinencias*.

Onomatopeia. — Diz-se a figura que resulta do emprego de palavras cujo sentido é imitativo da cousa significada. É um processo pelo qual o homem tenta, pelo som material da palavra, exprimir as cousas que actuam sobre o sentido do ouvido, imitando os sons caracteristicos d'essas cousas; como: *trovão, rugido, murmurio, tiroteio, ribombo, baque, sussurro, silvo, gorgeio, gargalhada, estalo, cacarejar, zunir, gargarejo, rasgar, zumbir, roncar, roer, rugir, berrar,* etc.

A onomatopeia é a fonte mais fecunda das raizes em todas as linguas; é o typo das linguas pronunciadas, como o hieroglypho é o typo das linguas escriptas.

Na poesia é de um grande recurso, como alma da harmonia pitoresca e da poesia imitativa.

Não pode considerar-se um tropo, pois que as expressões de que se applica são tomadas no sentido proprio; nem é uma figura de rhetorica senão pela exactidão com que representa e faz a imagem.

> A plumbea péla mata, o brado espanta,
> Ferido o mar retumba e assovia;

A lingua portugueza tem a propriedade de ser riquissima de vozes onomatopaicas, imitando os sons naturaes das cousas que representam; d'onde o grande effeito produzido por estas vo-

orque o mesmo é ouvil-as, que conceber a ideia das cou-
e significam e, ainda mais, imaginar que as temos pre-

to. —Veja *Prefixos.*

ymo. —Veja *Desinencias.*

ra. —Obra dramatica e lyrica em que se reunem to-
encantos das bellas artes, na representação de uma
apaixonada, para excitar, com o auxilio de sensações
veis, o interesse e a illusão.
stituem este genero de espectaculo os poemas dramati-
stos em musica.
era é um genero que nem todos estão no caso de apreciar.
se o nome de *grande* opera ao drama em que não entra
fallado, composto somente do canto ou do recitativo,
posição a *opera comica*, nome sob o qual se designa toda
misturada de dialogo e de canto, posto que o seu cara-
ja algumas vezes muito serio.

posição. — Figura de rhetorica pela qual se reunem
deias que parecem contradictorias; como por exemplo:
uca sabedoria, triumphantes derrotas.
s verdades que teem alguma opposição esclarecem-se
imando-se, e parecem esclarecer-se mais á proporção
opposição é mais notada.
pensamentos que só brilham pela *opposição.*
Pensamento periodico.

—Veja *Desinencias.* Os nomes terminados por esta syl-
azem o plural com o acrescentamento da syllaba *es;* v.
ntor, cantores; flor, flores; incolor, incolores.

ção. — É a expressão verbal de um juizo; i. é, um
ado de palavras com que affirmamos ou negamos algu-
sa. Exemplos:
*sto é a imagem de Deus sobre a terra. O cego não vê. A
asce entre espinhos.*
ração pode ser considerada logica ou grammaticalmente.
siderada logicamente consta só de tres elementos: sub-
verbo e attributo ou predicado, dos quaes o 1.º e o ulti-
chamam *termos* da proposição.
Proposição, Predicado.

siderada grammaticalmente consta de tantas partes quan-
palavras que entram na structura da mesma oração.

Considerada quanto aos seus termos pode ser *simples* ou *composta*, *complexa* ou *incomplexa*.

Considerada quanto ao seu todo pode ser *plena*, *elliptica* e *implicita*.

Consideradas em relação umas com as outras, e compondo o discurso, as orações podem ser: *principaes* ou *não-principaes*.

Considerada quanto á voz em que está o verbo n'ella empregado, pode ser : *activa* ou *passiva*.

A collocação das orações está subjeita ás mesmas regras das palavras.

As orações que servirem de accessorio nas incidentes, ou de complemento nas integrantes, devem collocar-se de modo que facilmente se perceba a que palavra ou oração pertençam, e por que relação.

Veja *Ordem*.

Para que a oração fique, se não adornada, ao menos *clara*, requer-se antes de tudo, que seja *correcta*, ou limpa de erros; para a clareza, porem, não basta só a mera correcção nas palavras e na syntaxe, é necessaria tambem a *pureza* de linguagem, a *propriedade* dos termos, a *concisão* e a conveniente *disposição* das palavras e phrases, de maneira que o pensamento se perceba facilmente.

Á virtude da clareza oppõe-se o *barbarismo*, o *archaismo*, o *solecismo* e a *amphibologia*.

Não pode haver oração sem verbo, nem verbo sem oração.

Em qualquer periodo, contando os verbos que n'elle se contêem, ou do modo indicativo, ou do conjunctivo, ou do infinito tantas são as orações ; e observando depois os modos a que suas linguagens pertencem, se saberá a qualidade das mesmas pela ordem da syntaxe e construcção do periodo.

Veja *Divisão das Orações*.

Tambem se dá o nome de Oração ás obras da eloquencia compostas para serem pronunciadas em publico.

Veja *Eloquencia*.

Em liturgia, toma-se em geral como synonymo de supplica. Modelo de todas as orações, oração por excellencia, é a do *Padre Nosso* (oração dominical), ensinada por Jesus Christo.

Assim o tem comprehendido o sentimento christão, para o qual não existe oração nem mais grata nem mais querida [1].

---

[1] Tertulliano disse que o *Padre Nosso* era um breviario de todo o Evangelho — *breviarium totius Evangelii*. Simples e sublime ao mesmo tempo é a oração de todos, e todos a repetem com felicidade sem nunca se cansarem, porque corresponde a todas as aspirações, porque exprime todas as ne-

diz-se *vocal*, quando é dita em voz alta; *mental*, ·ita interiormente.

naes. —Veja *Circumstancias oracionaes.*

r. — Tem este nome a pessoa, que em presença de oncurso de homens ou mulheres, pronuncia um dis-

, como diz Cicero, é ou deve ser um homem de bem, ado na arte de bem-dizer; e, se é certo que a arte exerceu sempre grande influencia no espirito dos tanto não importa que o procedimento do orador seja vivo das virtudes, ou dos actos que elle recommenda alavras?
das palavras do orador deve estar em relação com que se forma d'elle, dos seus habitos e costumes. taria o egoista a prégar benevolencia e compaixão s outros: o devasso a recommendar modestia e vir- lupuoso, recostado em macios estofos a instar que e a fadiga: o effeminado preguiçoso a doutrinar e valentias?
dores, por maiores talentos que desenvolvessem, des- or seu porte todo o effeito, que se propozessem em e em seus preceitos.
osthenes estivesse vendido a Philippe, em vão teria amor da patria, de odio ao despotismo: nem um só teria escutado a voz do sublime orador, manchado dade.
a pois que o orador esteja provido dos talentos ne- das qualidades que podem tornal-o estimavel, é ecessario que elle gose da liberdade, afim de que mir-se sem constrangimento, e fazer ouvir em occa- tunas a linguagem austera da verdade.
teve oradores eminentes emquanto não foi subju- successores de Alexandre; Roma conservou sua tri- ca até ao dominio de Cesar e de seus acolitos no e na erecção do imperio. N'um governo absoluto lores, occulta-se a verdadeira eloquencia.
s só póde apparecer a eloquencia parlamentar em s primeiros alvores da liberdade.
a 1846 avultam os maiores oradores da tribuna par- ortugueza. Em 1851 a tribuna ainda faz vibrar a tigos paladinos, mas a excitação do parlamento já

do tempo e do mundo visivel, como as do mundo invisivel e Que riqueza sob aquella forma condensada! Que plenitude santos desejos e de grandes ideias! Veja *Paraphrase*.

não corresponde á temperatura da opinião. Os oradores caem e resfriam. A oração de José Estevão na questão *Gi les et Georges* é a sublime scentelha d'um grande incendio.
Eisaqui por ordem alphabetica os nomes dos principaes dores portuguezes :

NA ELOQUENCIA SAGRADA

Alexandre do Espirito Santo Palhares (Fr.), de Arcos Val-de-Vez (1749-1811).
Antonio das Chagas (Fr.), de Leiria (1598-1655).
Antonio das Chagas (Fr.), da Vidigueira (1631-1682).
Antonio de Sá (Fr.), do Rio de Janeiro (1620-1678).
Antonio Feo (Fr.), de Lisboa (1573-1627).
Antonio José da Rocha, de Lisboa (1767-1831).
Antonio Pinheiro (D.), de Porto de Moz, bispo de Mira Leiria; morreu em 1582.
Antonio Vieira, representante da eloquencia sagrada seculo, elevou a eloquencia do pulpito a uma altura tal, ninguem até hoje póde excedel-o; foi dotado de uma erud vastissima. Era natural de Lisboa onde nasceu em 1608; reu em 1697.
Christovão d'Almeida (D. Fr.), da Gollegã (1620-1679).
Diogo de Paiva d'Andrade (Dr.), de Coimbra (1528-15
Filippe da Luz (Fr.), de Lisboa, falleceu em 1633.
Francisco de Mont'Alverne (Fr.), da provincia de Santo tonio no Rio de Janeiro (1790-1858).
Francisco de Santa Thereza de Jesus Sampaio (Fr.), da vincia da Conceição, no Rio de Janeiro (1778-1830).
Francisco do Amaral, de Lisboa (1593-1647).
Francisco Fernandes Galvão (Dr.), de Lisboa (1554-1
Francisco Raphael da Silveira Malhão, de Obidos (1 1860).
João de Ceita (Fr.), de Lisboa (1578-1633).
José Agostinho de Macedo, de Beja (1761-1831).
Luiz Alvares, de S. Romão, de Cêa, fallecido em 1709
Luiz Antonio Verney, de Evora (1713-1792).
Luiz de Granada (Fr.), de Granada (1504-1588).
Manuel Bernardes [1], de Lisboa (1644-1710).

---

[1] Accusam o Padre Manuel Bernardes de ser *imitador acerrimo de* A. Vieira; ouçamos o que de ambos disse Castilho:
«Lendo-se com attenção, sente-se que Vieira ainda fallando no ceu os olhos nos seus ouvintes; Bernardes ainda fallando das creaturas, absorto no Creador. Vieira vivia para fóra, para a cidade, para a côrte o mundo; Bernardes para a cella, para si, para o seu coração. Vieira dava gallas e louçainhas de estylo; achava-as, é verdade, tinha bom affeiçoal-as e uma graça no vestil-as como poucos; Bernardes era c

s Santos (Fr.), por cujos labios vibrantes soaram
s brados da época brilhante da oratoria ecclesias-
iias de D. Sebastião, no dia 19 de setembro de 1578.
a Silva (D. Fr.), de Leiria (1756–1840).
vo (Fr.), do Porto (...?...).
Bluteau (D.), de Londres, mas de paes francezes,
iós mais de meio seculo (1638–1734).
Veiga (Fr.), Coimbra (1578–1638).

s ainda citar oradores importantes, taes como:
'aes, *Balthazar Limpo*, Fr. *Christovão de Lisboa*,
orem a menção dos mais notaveis.

NA ELOQUENCIA PARLAMENTAR

ntonio de Magalhães, de Lamego (1790–1848).
vão Coelho de Magalhães [1], de Aveiro (1809–1863).
sto Rebello da Silva, de Lisboa (1821–1872).
a Silva Passos, de S. Martinho de Guifões (1801–

da Fonseca Magalhães, de Condeixa (1787–1858).
de Almeida Garrett, do Porto (1799–1854).
que no seu tempo mereceram ser considerados por
icia parlamentar; taes como — *Fernandes Thomaz*,
neiro, *Durão Peixoto*, *Santos e Silva*.

— Dizem-se as vozes *puras* — a e i o u, em oppo-
zes *nazaladas* — ã ẽ ĩ õ ũ.
er simples (vogaes), ou compostas (diphthongos).

ia. — Como disciplina, é o mesmo que rhetorica
da derivação etymologica d'esta palavra: designa
la eloquencia exercitada no discurso oral; ou a ex-
stematica das leis, meios e fins d'essa eloquencia.
pal fim da oratoria é convencer ou persuadir. De
orador considera a investigação da verdade como
cundario: assumindo por base certos principios ou
postos ou admittidos, o seu alvo é apresental-os de
ue obtenha o assentimento da intelligencia dos ou-

le seu natural, que se não cançam com alindamentos, a quem
... Vieira zomba frequentes vezes de nossa credulidade: podemos
convicção de Vieira, ainda quando nos falla certo; Bernardes
andido e liso que, ainda quando nos illude, não nos mente».
lo, o Cicero portuguez, conquistou os foros de primeiro orador
inguem como elle sabia produzir uns certos effeitos inesperados,
n ninguem como elle se inflammava tanto no amor da liber-
siasmo pelos seus principios.

O costume de decorar cegamente as lições, que os alumnos a
quirem nas aulas, atraza-lhes o desenvolvimento da razão.
Trazia um vestido no tempo do inverno levissimo.
Falleceu na volta da India o irmão do almirante PAULO
GAMA.
Amava-o muito PARA *lhe fazer a vontade.*
Em França foram prohibidos os MYSTERIOS DO POVO POR E
GENIO SUE.
João fallou a Antonio em SUA CASA.
Hyperides imitou Demosthenes em tudo que ELLE *tem de bello*, e
A ordem que se segue na collocação das palavras pode
directa, indirecta, transposta ou *interrupta*. Veja estes artig

Ordinaes. — Assim denominados os adjectivos deter
nativos numeraes que indicam o logar de ordem, que occup
os individuos ou as cousas a que fazem referencia; i. é:
primem uma relação de quantidade com gradação e ordem
são: *primeiro, segundo, terceiro, quarto, quinto, vigesimo,* e
tesimo, millesimo[1], e os mais que se não indicam aqui.
Ultimo diz-se numeral indeterminado.
Estes adjectivos são susceptiveis dos mesmos accidentes
genero (forma) e numero, que os qualificativos biformes.
Os ordinaes tambem se empregam na designação das fr
ções, v. g.: *uma quinta parte; duas decimas partes;* mas di
um meio, ou simplesmente *meio*, e em logar de *terceiro* di
terço: duas terças partes; etc.
Fallando dos soberanos empregam-se sempre os numeros
dinaes; v. g.: Luiz I, Pedro V, Maria II. Todavia o uso t
consagrado o numero cardinal para os nomes seguintes: Lu
13 ou XIII, Luiz 14 ou XIV, etc.
Quando estes adjectivos, continuados, precederem o subst
tivo, deverá este conservar-se no singular. Assim diremos
primeiro e *segundo* anno, — o 4.º e 5.º volume, — o 2.º e 3.º
dar, o 6.º, 7.º e 8.º seculo; se os substantivos precederem
adjectivos poderá muito bem dizer-se — os seculos 6.º, 7.º e 8
etc. Cumpre advertir que nem todos os nossos escriptores t
rigorosamente observado esta regra.

Ordinario. — Diz-se o estylo com que se apresent
singela e directamente, sem symetria de partes, nem suspe
são de sentido, uma phrase extensa ou varias phrases ligad
Sirva de exemplo o seguinte periodo:
Entre todas as cidades herdeiras do nome das suas antep
sadas, é a nossa Lisboa uma d'aquellas cujo tronco é mais anti

---

[1] O *s* da terminação *simo* pronuncia-se como *ç*.

enovações têem sido mais frequentes. Alem das mudan- ∣'ella devia produzir a successão dos tempos, os terremo- cendios e as guerras visitaram-na tantas vezes, que apenrestam raros e quasi apagados vestigios d'essas existen- larga vida, d'esses edificios monumentaes que nas outras da Europa contam o passado ao presente.

estylo é proprio das exposições e narrações simples, e ersação socegada.

re pois que todas ou a maior parte das clausulas apre- singela e directamente, sem symetria de partes, nem ão de sentido, uma phrase extensa ou varias phrases , toma o estylo a forma *ordinaria*.

gem da lingua portugueza. — Investigar a da lingua portugueza pelas inverosimilhanças da fa- rece-nos trabalho inglorio e sobre tudo improficuo. rdade e o rigor historico não podem basear-se em sup- s de mera phantasia, como julgamos as que nos ap- m do diluvio, e nos dão a Tubal, neto de Noé, como o a 1.ª colonia que veio estabelecer-se n'esta orla occi- da Europa, e que legou o seu nome á cidade de Setu- de primeiro fixara sua residencia.

m de seus descendentes, de Luso, dizem derivar-se o a Lusitania, que tivera a nossa patria antes de se de- r Portugal. Camões com a sua liberdade poetica, con- do Noé com Baccho, segue a tradição:

«Esta foi Lusitania derivada
«De Luso ou Lysa, que de Baccho antigo
«Filhos foram, parece, ou companheiros,
«E n'ella então os incolas primeiros.

a parte:

. . . .
«Bem fora que aqui Baccho os sustentasse
«Pois que de Luso vêem, seu tão privado.
. . . .

tarde e depois de destruida Troia, diz-se, aportara ás praias lusitanas, vindo a fundar nas aprasiveis mar- o Tejo a famosa Ulissea, hoje Lisboa.

. . . . Vencendo de Neptuno a ira
Chegou do Tejo á tumida corrente
ULISS. C. I, est. 2.ª

---

itanos.

O estabelecimento d'esta nova colonia introduziria no paiz uma lingua distincta da que já existia, i. é, a lingua hellenica ou grega, e estas por ventura se mesclaram com o andar dos tempos.

Com as emigrações indo-europeas estabeleceu-se nas Gallias a raça celtica, que atravessando os Pyreneos invadiu a Lusitania, aportando á barra do Douro[1]. Longa foi a sua permanencia nas terras lusitanas, pelo que se pode inferir de grande copia de vocabulos, que ainda hoje enriquecem a lingua portugueza, e poderam levar o douto cardeal Saraiva a sustentar que a lingua portugueza era filha da celtica ou celtibera. Em favor d'esta opinião illustrada tem o nosso amigo e patricio o sr. J. Bonança colligido valiosos elementos, que se dispõe dar á estampa.

Primeiro que Cipião subjugasse a Lusitania, combateram seus habitantes em camaradagem com os carthaginezes contra o inimigo commum, durante uma parte da segunda guerra punica, e natural é que d'esta convivencia viessem encorporar-se na linguagem lusitana muitas palavras com a mesma ou differente pronunciação.

Vencidos uns e outros, estacionaram entre nós as hostes latinas que tudo foram *romanisando*, e não foi sem uma grande alteração na lingua até ahi fallada, que os vencedores exerceram o seu systema politico, elles que tudo nos impozeram — religião, usos, costumes, instituições civis e politicas, e até os proprios prejuizos populares.

O latim foi-nos portanto imposto, não o latim da idade aurea, mas o latim rustico ou provincial das aguerridas cohortes do Lacio.

A Igreja adoptou o latim na celebração dos seus actos[2], «e foi tal em summa a enraização d'essa lingua que nós, ainda «depois da queda do imperio romano, e a despeito do contacto «dos povos que successivamente nos dominaram e da forma«ção da nossa nacionalidade, usámos sempre o latim para to«dos os actos officiaes até ao reinado de D. Diniz.

«Ora o jugo de uma lingua estranha durante 14 seculos «(202 a. de C. a 1279 dep. de C.) não se exerce infructuosa«mente; deixou vestigios e profundos vestigios da sua exi«tencia. A nossa lingua herdou da latina alem de grande co«pia de palavras, as particulas grammaticaes e formas synta«cticas. Existe, emfim, uma analogia tão intima entre o portu«guez e o latim que podemos desassombradamente conclui

---

1 Querem muitos que o nome *Portugal* derive de — *portus gallorum*, logar onde desembarcaram.

2 Vamos seguindo os *Traços Geraes da Historia da Litteratura Portugueza*.

a lingua portugueza, posto que modificada por outros
ctos, é filha da latina [1].
immensidade de termos de procedencia grega, que a lin-
portugueza possue, foi uma consequencia do dominio ro-
).
eram-nos incorporados no lexicon latino, ou foram adqui-
pela communicação directa e puramente familiar que
rentura tivessemos com o povo grego.
vadido por todos os lados o territorio dos Cesares pelos
s barbaros, a Lusitania, como parte componente do im-
, cai debaixo do poder tyrannico dos alanos, suevos, van-
s e wisigodos.

....

....

lo contacto dos povos germanos, ou por via do allemão
inglez toma a nossa linguagem grande numero de pala-

....

corridos tres seculos, os wisigodos vencidos pelos mou-
a batalha de Guadalete, abandonaram a Peninsula aos
edores, que a dominaram por espaço de 425 annos. O
lo lastimoso em que se achava a Lusitania, melhorou
deravelmente com a regencia mahometana.
arabes, povo esclarecido e sabio, derramaram entre nós
volvidos conhecimentos de mathematica, medicina, as-
mia, botanica e architectura. A industria, a agricultura
autica resentiram-se sensivelmente da sua influencia sa-
, e a nossa lingua adquiriu bastantes vocabulos de ori-
arabe, que a tornaram mais rica e mais euphonica.
sas palavras são na sua maioria as que começam por *al*.
seculo XI, o francez D. Henrique, cavalleiro ousado,
ando distinguir-se nos campos de batalha, resolveu com-
os mouros, offerecendo os seus serviços a D. Affonso VI
eão e Castella. Os feitos valorosos de D. Henrique em
se fizeram notar, e Affonso deu-lhe em premio a mão
a filha, D. Thereza, e as provincias do Douro e Minho,
titulo de condado.
chegada e estabelecimento de um principe francez em
s territorios, devia necessariamente modificar o idioma
. Depois da celebrada batalha de Campo de Ourique,
ue um punhado de bravos portuguezes esmagou as nu-
as legiões mouriscas, fixa-se definitivamente a nossa
omia.
sde então, as relações politicas, artisticas, litterarias,

---

ez se deva dizer filha da celtica, educada pela latina que a aper-
e enriqueceu.

«commerciaes e familiares que sempre temos mantido com os «povos estranhos, têem-nos fornecido um numero consideravel «de elementos linguisticos que as necessidades da vida social «têem naturalisado portuguezas.

«Apezar da applicação estudiosa dos nossos primeiros aman- «tes das lettras, a nossa lingua conserva-se n'um estado pouco «fixo e regular até ao seculo XVI, época em que recebendo a «legislação grammatical de Fernão d'Oliveira, João de Barros «e Duarte Nunes de Leão, toma verdadeiramente as suas fei- «ções caracteristicas e se constitue classicamente portugueza. «No seculo XVII, adultera-se com a invasão do gongorismo, do «marinismo e dos neologismos francezes; e na segunda metade «do seculo XVIII, readquire a sua antiga pureza em virtude das «medidas litterarias que para esse fim se organisaram [1].»

«Foi o dialecto minhoto e gallego o primeiro que se come- çou a polir entre os differentes dialectos da Hespanha neo-go- thica. Depois esse dialecto dividiu-se: o dialecto gallego foi-se aperfeiçoando e ainda hoje subsiste, mas litterariamente como creação artificial. O dialecto portuguez com a independencia do reino, com a formação de uma côrte, foi-se sempre robuste- cendo até formar no seculo XVI, em que se fixou, uma das lin- guas mais bellas da Europa, uma das seis linguas neo-latinas que os philologos admittem e que são o francez, o hespanhol, o italiano, o provençal, o valachio ou *roumaico* e o portuguez».

«A litteratura portugueza teve na idade-média dois ramos perfeitamente distinctos: a litteratura popular que faz parte integrante da litteratura popular de Hespanha, porque con- siste n'essas admiraveis chacaras que o povo ainda hoje canta e que tem muitas vezes uma versão hespanhola e uma versão portugueza ao mesmo tempo, e a litteratura fidalga e corteză que era importada de Provença, litteratura trovadoresca de cujas principaes producções se encontram exemplares nos can- cioneiros do rei D. Diniz e do conde D. Pedro, assim como as canções populares que se acham hoje compiladas no *Romanceiro* de Garrett, que completa para a historia da litteratura da peninsula hispanica o *Romancero* de Duran». Dic. Pop.

Ornado. — Veja *Temperado*.

Ornato. — Dá-se em litteratura o nome de *ornato* ás fórmas de estylo, ás flores de rhetorica, ou aos arranjos de pa- lavras e phrases que têem por fim principal embellezar o dis- curso.

---

1 Sr. A. J. Damasceno Nunes.

Tres são os meios de ornar o discurso: *pintura, conceito* e *adorno.*

Consiste a excellencia que o ornato dá ao discurso: 1.° na maior luz, força e graça que lhe communica; 2.° em concorrer para que os ouvintes lhe prestem maior attenção do que se fosse desordenado; 3.° em fazer que não só os doutos, mas até os ignorantes se sintam dispostos a favor do discurso em que entra o ornato.

As qualidades que constituem o ornato, denominadas tambem suas virtudes essenciaes, são quatro; a saber: 1.ª o ser *viril;* 2.ª o ser *forte;* 3.ª o ser *natural;* 4.ª o ser *decente.*

A estas virtudes oppõem-se os quatro vicios seguintes: o *effeminado,* opposto ao *viril;* o *molle,* opposto ao *forte;* o *contrafeito,* opposto ao *natural;* o *incongruente,* opposto ao *decente.*

A generalidade dos rhetoricos enumeram mais desenvolvidamente doze vicios oppostos ao ornato do discurso, que são: o *cacophaton,* a *tapeinosis,* a *auxesis,* a *meiosis,* a *tautologia,* a *omeilogia,* a *macrologia,* o *pleonasmo,* a *periargia,* o *cacozelon,* o *cenismo,* e as *expressões desordenadas em geral,* como são as grosseiras, as tristes, as insipidas, e as desleixadas.

Orthoepia. — Veja *Prosodia.*

Orthographia. — É a parte da grammatica que ensina as regras estabelecidas para escrever as palavras correctamente, e o emprego da pontuação, de modo que se perceba a distincção e nexo das partes do discurso [1].

Diz-se *pronunciativa* ou *philosophica,* quando as palavras se escrevem como se pronunciam, e só com as lettras necessarias a exprimirem os sons; como: *filosofia, téma, açunto, atração,* etc.; e diz-se *etymologica,* quando para accusarem sua origem as palavras conservam na escripta as mesmas lettras, empregadas na lingua de que procedem; como: *philosophia, thema, assumpto, attracção,* etc.

A orthographia chamada philosophica ou da pronunciação, tal qual João de Barros [2] e Barreto a queriam, qual a Academia Espanhola a estabeleceu no reino visinho, e a Sociedade Litteraria Portuense procurou introduzir entre nós, não é tão

---

[1] **La ortografia**... es la que mejora las lenguas, conserva su pureza, señala la verdadéra pronunciacion y significado de las voces, y declara el legitimo sentido de lo escrito... (*Real Academia Española.*)

[2] «A primeira e principal regra da nossa orthographia, é escrever todalas dicções com tantas leteras com quantas as pronunciâmos, sem poer consoantes ociosas.»

absurda e ridicula como muitos pretendem. Não é exacto que á etymologia, base certa e segura da escriptura das palavras, queiram substituir a arbitraria e variavel pronuncia. Pelo contrario, n'esse systema se considera tambem a etymologia como essencialissima base orthographica, dando-a porem só como norma da pronuncia, a qual depois regula a escriptura. A differença dos dois systemas consiste pois, em que um (o etymologico) conserva todas as lettras originarias que a pronuncia não alterou; o outro (o philosophico) conserva só as que soam, e substitue aos caractéres estranhos os que lhes correspondem em nosso alphabeto. É certo que d'esta maneira se supprimem grande numero de caracteristicas etymologicas, o que torna obscura a filiação das palavras; resta porem decidir se esse inconveniente, que ainda assim não é tão grande como o representam, deixa de ficar amplamente compensado pela simplicidade da escripta; vantagens que d'ella resultam ao ensino das creanças e dos mudos; economia de trabalho pela suppressão de muitas lettras, e desnecessidade de folhear diccionarios que até muitos não têem; e sobre tudo pela philosophica razão de não empregarmos caractéres ociosos, só porque assim o quizeram os passados, por causas, talvez, que já não subsistem. *Grammatici certant, et adhuc sub judice lis est.*

O erudito philologo J. S. Barbosa estabeleceu na sua grammatica — que a etymologia deveria regular a escriptura das palavras — mas conclue confessando — que o uso fazia n'esta regra as excepções que queria.

O fecundo poeta Garrett estabeleceu as seguintes regras orthographicas:

1.ª conservar fielmente a etymologia, quando se lhe não oppõe a pronuncia.

2.ª Combinal-a com a pronuncia, quando esta se oppõe á inteira conservação d'aquella.

3.ª nas palavras de raiz incognita (só n'estas, note-se) seguir o uso geral.

4.ª nas diversas modificações dos verbos conservar sempre a figurativa, quando a pronuncia não obsta.

5.ª não pôr accentos (agudo e circumflexo que são os unicos em portuguez), senão onde a palavra sem elles se confundiria com outra.

Um acreditado litterato, Teixeira de Vasconcellos, disse, não importa onde, que deixava o systema orthographico d'um livro seu na dependencia da vontade do editor, isto prova o estado anarchico a que tem chegado entre nós esta parte da grammatica. Garrett já no seu tempo dizia que em Portugal não havia orthographia. Em vão se tem cançado o sr. Barbosa Leão, é voz do que clama no deserto.

Os defensores da orthographia pronunciativa têem contra si

o juizo de Ch. Nedier [1]. Vamos oppor ao critico francez um adversario das fórmas inuteis.

Quando o nossso excellente lyrico e amigo, o sr. João de Deus, redigia em 1861 um jornal no Alemtejo, escreveu-lhe um collaborador, o sr. Padre Macedo, as seguintes linhas:

«Que juizo farão de mim á vista dos erros *typographicos* com que saíu o meu artigo! Aponto alguns: atenção por *attenção;* estilo por *estylo:* inteligencia por *intelligencia;* fala por *falla....*»

Oiçam a resposta:

«Por *falla...* dizeis vós; por que? Pelo *uso* tem-se sempre escripto dos dois modos. Pela *etimologia*, d'onde se deriva então? O *fallere* latino significa *ingavar!* Serve-vos a etymologia? Oh! padre, tambem vós, virtuoso como Socrates, poeta como Fénélon, democrata como um e outro, dais ouvidos aos advogados do privilegio e do misterio? Que dualismo é esse, ou religião de luz e trevas, d'Ormuz e Ahriman, que levantais sobre a unidade de Deus e da humanidade, condenando as noventa e nove centecimas partes da sociedade a não poder com a pena molhada em lagrimas atravessar a ideia no seu vôo, e dividir com os mais as suas lastimas!

«*Mas é preciso que a lingua se não corrompa...!*»

Sois os primeiros a corrompel-a, não a escrevendo como a escreviam os nossos mestres e deixando-a escrita como se não ha de ler!

«*Mas é preciso que a lingua se uniformise.*»

Em quê? Na pronuncia? nem todos podem ir em peregrinação a Constantinopla perguntar aos ulemas do Alcorão ortografico como hão de ler as suas sagradas paginas! Na escrita? escreve cada um de seu modo, e todos bem differentemente dos nossos classicos, cada um dos quais já escrevia de sua maneira particular!

«*Mas o* elemento historico? *mas os* trajos *da antiguidade? mas a* feição *de familia? o cunho da raça?*»

Sabeis tanto o que isso quer dizer como eu! Qual é a etimologia do *chá* da China?... papelões! Em cada palavra que escreveis falha um principio da vossa mistica ortografia! Mas seja a coisa arbitraria, arvore-se o capricho em lei, juremos constituição o *despotismo:* que escritura nos dais por tipo? Quando quiser nomear quem primeiro descobriu as praias do novo mundo, que hei de escrever — Pedro Alvares ou Pedralvres ou Pedralures ou Pedralvares ou Pedraluares?...!!

[1] Tout grammairien qui a pu s'aviser de rendre l'orthographe conforme à la prononciation n'a prouvé q'une chose, mais je conviens qu'il la prouve d'une manière irresistible: c'est qu'il ne savait ni ce que c'est l'orthographe, ni ce que sont les voix de la parole, ni ce que sont les signes de l'écriture.

A opinião de cada um de vós sei eu: é escrever como cada um de vós escreve.

Sei que se tem escrito nestes ultimos tempos sobre o assumpto; mas Deus me livre de desperdiçar um momento com doutrinas em que os seus proprios mestres se não intendem uns aos outros. Levantei-me do berço com opiniões formadas sobre muita coisa e não ha Bhrama com todas as suas quatro cabeças mitradas e toda a sua quadrilatera magestade que me tire d'ahi: esta é uma das tais. A rasão é — que elles vêem-me com raciocinios e eu escuto o coração. Filho do povo, inimigo de raça de todo o privilegio, digo: pode aprender a ler toda a gente e escrever bem toda a gente? Por que não ha de aprender, e não ha de escrever bem? Por que não ha de inthesoirar em papel um sentimento d'alma uma pobre mulher senão a troco do escarneo dos doutores?

Estou a imaginar uma virtuosa mãi a ensinar a ler a sua filha.

— Pomba, venha cá; são horas de lição. Que é da cartilha? Abra: diga: *p ê*
a g á
á
ó
t i l?
(Soma) *Fão.*

Ouviu, minha filha? Diga outra vez; ora vamos: *p ê*
a g á
á
ó
t i l?
. . . .?

Fão, minha filha! pois não ouves?

— Quê, mamã?

— Olhe, repare a minha joia: *p ê*
a g á
á
ó
t i l?
. . . .?

— Til, mamã!

— Não, filhinha! pois não ouves: *p ê*
a g á
á
ó
t i l?
Fão.

Jesus! não estás atenta! Não ouves dizer *fão?*

— Tambem a mamã diz *til!*

— Mas tudo, meu amor! tudo faz *fão*. Vamos a ver outra vez; agora diga *fão*. Repare: *p ê*
a g á
á
ó
t i l?

— Mamã!

— Diga.

— Mamã!!

— Então não diz?

— Mamã!!!

Não diz e as lagrimas já lhe estão a ferver nos olhos em borbotões. E o horror innato ao absurdo; é a sinceridade dum anjo que em quanto a não bestificam, matam-na com palmatoadas, arrancam-lhe as orelhas, mas não confessa uma impiedade! Pelo amor de Deus não nos bestifiquem logo á nascença; não faltará quem nol-o faça em todo o tempo! Não apaguem logo nos inocentes a luz que Deus lhes deu! Não se abracem ao passado como termo da vida: Deus fez a terra redonda para se não parar!

Tudo se herdou do passado informe, rude, desmembrado, inarmonico, sem sistema, sem unidade, como as pedras que á roda d'um calvario se ajuntam pelo tempo adeante deitada cada qual por sua mão: mas veio a rasão depois, em tudo, com esses materiaes acarretados pelas gerações desalumiadas pôr por obra, como arquiteto uma fabrica, um pensamento. Será excetuada a escrita?

Simplificai e regularisai a lingoa de Camões e vereis não só todos sabermos ler, senão dentro em cem annos o nosso prelo em correspondencia com os livreiros do mundo. A que deve o feissimo francez a sua universalidade? á *logica;* porque esse ao menos é consequente no absurdo.

E uma questão d'alta nacionalidade; acham-na os pontifices pueril. Para nós o que é é enfadonha. E concluindo — o y grego mandei-o para a Grecia: letras dobradas só em dias de muito frio: e o — *p h á ó til* fão — só quando o Pulido presidir á correção das provas de jornal que eu redija, ou me passar por alto.»

Appellemos por tanto para o uso que é o legislador supremo em taes casos. Como todas as cousas estão sujeitas n'este mundo sublunar a contínuas mudanças e alterações, esta lei perpetua irá imprimindo, afeiçoando e polindo o cunho orthographico que ha de ter curso legal; entretanto observemos os melhores diccionarios da lingua. Se um dia houver uma Aca-

demia que queira legislar sobre este assumpto, e aind
muitos outros de que não cuida, e dotar o paiz com u
diccionario, que não fique a *azurrar* como o primeiro, e
será guia seguro, fora dos meandros em que nos trase
dados poetas e prosadores.

Cada nação tem o seu modo de fixar a palavra pela
dos sons; d'onde se segue, que não nos podemos faze
der em todos os paizes, senão empregando as palavras
gnaes conhecidos dos naturaes, i. é, auctorisados pelo

Qualquer tratado de orthographia divide-se natur
em tres partes distinctas: a 1.ª tem por objecto o uso
tras, consideradas como elementos materiaes das pal
2.ª o uso dos *caractéres prosodicos;* (accentos, apo
traço de união, cedilha, til, etc.); a 3.ª a *pontuação*.

Orthographicos. — Veja *Signaes orthographic*

Orthologia. — É tambem assim denominada a
fallar correctamente Este estudo repousa inteiramen
uma exacta analyse do pensamento, i. é, sobre a log
uso não passa de uma consagração mais ou menos sa
Os tratados d'este genero encerram ordinariament
cios divididos em duas partes; uma onde estão exercic
postos de phrases defeituosas — *lexicologia* — a outra
acham os mesmos exercicios corrigidos — *syntaxe*.

Oso, Ote. — Veja *Desinencias*.

Ostensivos. — Alguns grammaticos denomina
os artigos ou determinativos articulares, por serem n
gnaes indicativos, mas nunca especificativos da exte
que se toma o substantivo.
Os mais determinativos denominam-se *reaes*, por q
elles determinam effectiva e não ostensivamente, com
tigos.

Ouro. — Veja *Desinencias*.

P

Decima sexta lettra do alphabeto e decima segunda
ou articulação, improferivel, labial, certa.
Chama-se *pê;* seu valor porem não é nem toante, ne
te, é improferivel; lê-se apertando os beiços, para qu
saia modificada por esta articulação — *p*'...

Esta lettra é irmã do *b* no valor, percebe-se apenas a necessidade de unir mais os beiços.

Diz-se um *pê*, o *pê*, este *pê*, etc.

Consideramol-o do genero masculino; para ser indicado é necessario juntar ao seu valor a terminação vocalisada — *ê*.

Pode ser maiusculo *P* ou minusculo *p*. O minusculo dobra-se em algumas palavras, compostas da preposição ou prefixo *ad*, cujo *d* se mudou em *p*, como em: *apparecer*, *appello*, *approximar*, etc., duplicação de lettras que em nada influe na pronunciação, apenas conservada para prova da origem ou etymologia de taes palavras; no começo porem nunca se dobra.

Ha palavras em cuja composição entra o *p* e se não diz, v. g.: *Baptista*, *prompto*, *escripto*, *descripção*, *psalmo*.

E n'outras diz-se, como em *apto*, *eclipse*, *rapto*, *inépcia*, *nupcias*, etc.

Antes de *p* não se compõe syllaba nasal com a lettra *n* e sim com um *m*; v. g.: *campo*, *empate*, *impeto*, *compadre*, *cumplice*, *exemplo*, etc.; e não *canpo*, *enpate*, etc.

O *p* junto com o *h* forma a articulação composta *ph*, que tem o valor de *f* como em *phrase*, *philosopho*, *apherese* e em muitas palavras de origem grega.

É abreviatura das palavras — *Pede*, *Pergunta*, *Provará*.

Paciente. — É o mesmo que complemento objectivo, ou o objecto em que se emprega a acção do *agente*, isto é, do sujeito do verbo empregado na voz activa; v. g.: *A vida do cortezão apura o gosto, circumscreve o espirito, e enfraquece o caracter: gosto, espirito, caracter*, são pacientes. Veja *Directo*, *Objectivo*.

Palataes. — Chamam-se as articulações, improferiveis, linguaes — *r*, *l*, *n*, simples; e *lh*, *nh*, compostas; as quaes se dizem com o movimento da lingua, tocando esta ao mesmo tempo no paladar.

Palavras. — Combinação de sons articulados da voz humana, significativos por convenção.

Constam de dois elementos — *vozes* e *articulações*, cujos signaes na escriptura se chamam *lettras*.

As palavras, consideradas quanto ao numero de syllabas que entram na sua composição, dizem-se *monosyllabos*, *dissyllabos*, *trissyllabos*, *polyssillabos*; quanto á sua structura, são: *simples* ou *compostas*, *primitivas* ou *derivadas*; quanto ao logar em que têem o accento tonico ou predominante, são: *agudas*, *inteiras* ou *esdruxulas*; quanto á sua significação podem ser *analyticas* ou *syntheticas*; quanto ás relações de dependencia ou determinação em que umas estão para com outras, reduzem-se a *regen-*

que podem compor a oração ou (
culas.

Variaveis.... { nome............ / verbo............

Invariaveis — particulas ....

Quanto ao modo de dividir as pa
de união.

As palavras podem ser alteradas
ção, de que resultam as figuras —
goge; — por *diminuição*, de que re
rese, *Syncope*, e *Apocope*; — por *tr*
as figuras — *Metathese* e *Antithese*.

No verso é muito frequente o e
alteram a structura regular das pa

A pronuncia das palavras é tamb
a euphonia para se evitarem hiatos
1.° pela anteposição de um *n* a
os, *as*, precedidos dos ...

muda em *l* pela figura *antithese;* como: *louval-o-ei, devel-a-ias, applaudil-os-ão; louval-o, devel-o*, etc., por *louvar o, dever o.*

3.° por meio da *crase* reunindo dois *a a* n'um só *á*, como: *á praça*, em vez de *a a praça; áquelle, áquella*, etc., em vez de *a aquelle, a aquella*, etc. Veja *Affixos.*

É mui frequente no verso o emprego das figuras que alteram a structura regular das palavras; alem d'aquellas que deixamos indicadas, lembramos ainda a *cesura* e a *ecthlipse.*

As palavras podem tomar-se ou empregar-se n'um sentido *natural* e *proprio* ou no *figurado.*

Tomadas materialmente, consideram-se do numero singular e do genero masculino.

Chamam-se palavras conjunctivas todas as que servem de unir entre si as orações, ou de exprimir as correlações que ha entre umas e outras; taes são as conjuncções e os relativos conjunctivos.

Dizem-se *congeneres* as palavras que se derivam de uma raiz commum, constituindo todas uma como familia: assim: *instrucção, instructor, instructivo, instruir, instrumento, instrumental, instrumentista*, etc., têem a mesma procedencia.

As palavras podem ser: civis, obsequiosas, amigaveis, mysteriosas, enigmaticas, ambiguas, equivocas, altivas, ultrajantes, simples, graciosas, bellas, boas, lisonjeiras, benevolas, arrogantes, ameaçadoras, promettedoras, energicas, melifluas, entrecortadas, decentes, inconsideradas, etc. Veja *Falla.*

Consideradas como signaes das ideias, devem ter cinco qualidades; *pureza, propriedade, clareza, decencia, e conveniencia* com o tom da composição. Veja *Propriedade dos termos.*

A palavra é a voz articulada, i. é, modificada pelos orgãos complicados, através dos quaes ella é transmittida; produz-se durante a respiração. Estas modificações ou articulações da voz, quando são fixadas, constituem uma serie de sons distinctos uns dos outros e aos quaes, por convenção ligamos ideias especiaes, e que nos servem de exprimir com facilidade, rapidez e clareza, as nossas sensações, os nossos sentimentos, as nossas affeições, emfim tudo o que resulta do exercicio de nossas faculdades intellectuaes. Existe esta differença essencial entre a voz e a palavra: a 1.ª não é outra cousa senão um ruido grave ou agudo, forte ou fraco, resultado das vibrações da glotte; em quanto que a palavra se compõe d'este mesmo ruido, submettido á acção das partes situadas acima da glotte, modificado por estas partes de um modo constante e tal, que a palavra serve de collocar o homem em communicação rapida e precisa com os seus semelhantes.

É a palavra o mais doce laço da sociedade; seu fim é tra-

duzir os pensamentos, taes como elles existem no espirito. Ha planos complicadissimos demais para serem representados aos olhos pela arte do desenho, mas que podem ser vantajosamente indicados á imaginação pelo magico pincel da palavra.

Uma palavra dita a tempo, vale mais que um longo discurso.

Palavras sem sentenças são corpos sem alma.

É por se confundirem as palavras que muitas vezes se confundem as cousas.

A palavra revestida de brandura tem muita força e lustre; a revestida de cólera não tem lustre nem força.

Pode-se com as palavras enganar os homens; a Deus nunca.

As palavras voam e os escriptos ficam; cita-se frequentemente este proverbio sob a seguinte forma latina: *verba volant, scripta manent.*

O dom da palavra é um dos privilegios da especie humana; pronunciando *palavras* manifesta o homem do modo mais nobre e efficaz seus pensamentos; a differença d'estas *palavras* e de suas variações, a differente maneira de as pronunciar, e as inflexões com que se articulam, constituem as linguas.

A verdade é, que n'uma lingua deve haver palavras de diversas ordens: comicas, burlescas, graves, sérias, floridas, magestosas, emfim conformes á materia, ao logar, á occasião, á situação do animo do que falla, segundo a maxima de Horacio:

> «....................... Ao rosto triste
> «Tristes vozes convém; respire ameaças
> «O que em colera está, graceje o alegre,
> «E mostre seriedade o que é severo.

Veja *Estylo.*

Palavras technicas. —Veja *Technologia.*

Panegyrico. — É o discurso de apparato, composto e pronunciado em honra de um personagem illustre; para estes productos dá mais a imaginação que a rasão; são hyperboles continuas.

Pantomima. — Imitação de todas as cousas com o auxilio dos gestos, dos movimentos do corpo, das attitudes, independente de qualquer palavra articulada; arte de reproduzir á vista toda a especie de acções, de paixões e de caracteres e até as mesmas modificações que os tornam distinctos.

Diderot considerava a pantomima no numero das bellas artes, e um elemento essencial da arte dramatica.

É uma especie de drama em que os actores supprem a palavra pelo gesto.

Para. — Esta preposição, alem de designar um termo remoto de logar a que se dirige um movimento ou acção, e por analogia o termo de tempo, marca varias outras accepções tambem analogicas, e assim exprime:

1.° LOGAR *para onde* alguem vai (com o intento de lá ficar) ou alguma cousa se dirige, tende, olha. — *Foi para Lisboa. Recolheu-se para casa. Virado para o nascente. Lobrigamos para a esquerda.* E por analogia o segundo termo de uma rasão: *De 2 para 4 ha a mesma razão que de 3 para 6.*

2.° TEMPO *futuro.* — *Lá para o anno* ou *para o mez que vem. De dia para dia. Deixando-nos a vida do conde para muitos annos. Temos chuva para muito tempo. Das 3 para as 4 da tarde.*

3.° PROXIMIDADE *de acção futura* (com verbos no infinito). — *Está para partir.*

4.° PROPENSÃO. — *Habil para as artes, inhabil para as letras; é homem para tudo* ou *para muito.*

5.° ATTRIBUIÇÃO. — *Zelo para as cousas da religião.* N'este sentido usa-se elegantemente a preposição *para* seguida de *com*. *Os deveres do homem para com Deus; os dos filhos para com os paes.*

6.° FIM. — *Fazer uma obra para utilidade publica.*

7.° TERMO maior de uma approximação. — *Gastou duas para tres horas.*

8.° COMPLEMENTO TERMINATIVO. — *Pedi isto para ti; trago-te este presente; compre-me* (para mim) *um livro.*

PARA, POR. — Quando se empregam estas preposições para explicar a razão ou motivo de alguma acção, são synonymas; por exemplo: *procurou cortar a conversação para não expor-se* ou *por não expor-se a dizer mais do que quizera.* Pode porem notar-se entre ellas esta differença: com a primeira se explica mais directamente o poder ou a influencia do motivo ou da acção no effeito: com o segundo se explica mais directamente a intenção, ou o fim com que se executa a acção. Assim *para* applica-se com mais propriedade quando se suppõe sufficiencia na acção ou seguridade de seu effeito; e *por*, quando se suppõe somente probabilidade ou possibilidade de lograr o que se intenta; v. g.: *movo os pés para andar, ando muito por ver se posso dormir melhor. Saio de casa para ir ao campo, onde darei um passeio por dissipar a melancolia.*

Tambem com a ideia de *referencia* usamos ás vezes da preposição *com*; v. g.: *Deus que para com elle foi bom, tambem foi bom para comnosco.*

Parabola. — Especie de allegoria que encerra sob figuras, sob imagens vulgares, alguma verdade importante. É um modo de instruir que agrada tanto mais, quanto é certo que desperta o espirito, fazendo-o passar das imagens mais com-

muns para as mais profundas e guiando-o, pelo que se lhe diz, a meditar sobre o que se lhe não diz.

A Escriptura está cheia d'estas sublimes allegorias.

Eis aqui as principaes parabolas : do semeador, do joio e do bom trigo, do grão de mostarda, do fermento, do thesouro, da perola, dos peixes bons e maus, do servo mau, do bom samaritano, do bom pastor, do filho prodigo, do mau rico e o pobre Lazaro, do publicano e do phariseu, do moço rico, dos obreiros e a vinha, do banquete nupcial, das virgens prudentes e das virgens loucas, dos talentos, etc.

Differe a parabola da semelhança em ser esta tirada de cousas familiares e da mesma especie ; e aquella procurar de mais longe, e em cousas de especie, e ainda de natureza diversa, os objectos de comparação ; sendo na parabola até uma belleza essa mesma distancia, donde se vai buscar o objecto de confrontação, pela novidade e imprevisão que a acompanham.

E por isso mesmo que costuma procurar-se de mais longe, dá mais novidade ao discurso, tornando-o sublime, flórido e agradavel. Exemplo : *Assim como no eco, quando se bate, entre os montes, o tom é n'uma parte, e n'outra a pancada ; assim, nas adulações do lisonjeiro, o tom é em vossos louvores, a pancada em seus interesses.*

Tanto na parabola como na semelhança, de quatro modos se apresentam os objectos, *semelhante* e *assemelhado* ; umas vezes antecede aquelle a este ; outras este áquelle ; ora a *applicação reciproca* é manifesta ; ora se subentende.

Os nossos classicos estão cheios d'estas especies de pinturas, em que se procura confrontar o objecto semelhante com o assemelhado e vice-versa.

Parachronismo. — Especie d'anachronismo que consiste em assignar a um facto um tempo posterior áquelle em que realmente aconteceu esse facto. Oppõe-se ao *Prochronismo.*

Paradigmas. — São os exemplos das conjugações que podem servir de modelo a outros verbos ; assim *louvar* é paradigma dos verbos regulares da 1.ª conjugação ; *dever*, dos da 2.ª ; *applaudir*, dos da 3.ª

Paradoxo. — É a proposição contraria á opinião commum e que surprehende as opiniões recebidas.

É uma opinião contraditoria, falsa na apparencia, ainda que verdadeira algumas vezes no fundo.

O paradoxo, geralmente fallando, não é tal senão porque

exaggera a ideia ou a applica mal, ou ainda porque se pronuncia contra a opinião admittida.

Dizer que a pobreza é preferivel á riqueza, é um paradoxo. Nas sciencias muitas opiniões que parecem paradoxos insustentaveis são verdades incontestaveis. A opinião de Galileu — que a terra gira — foi por muito tempo olhada como um paradoxo. Muitos escriptores deveram em parte sua celebridade ao arrojo de seus paradoxos.

Paragoge. — É a figura que resulta do augmento de qualquer lettra no fim de uma palavra; como: *error*, *martyre* por *erro*, *martyr*. Veja *Palavras, Figuras.*

Paragrapho. — É a secção de um capitulo, de um discurso, de uma carta. Assim dizemos paragrapho 1.°; aquelle paragrapho; etc. Muitos paragraphos formam um capitulo.

E tambem o nome do signal orthographico, que se emprega algumas vezes na frente de um paragrapho — (§).

Paralogismo. — Falso raciocinio ou erro commettido na demonstração, quando a consequencia é tirada de principios falsos ou não provados, ou quando se passa sobre uma proposição que deveria ter-se provado.

O *paralogismo* differe do *sophisma* em que n'este o erro commette-se de proposito, e com má fé, e n'aquelle provém de pura ignorancia ou irreflexão.

Paranomasia. — Diz-se a semelhança entre palavras de diversas linguas, mostrando uma origem commum; v. g.:

Latim	Portuguez	Hespanhol	Francez	Italiano
tempus,	tempo,	tiempo,	temps,	tempo.
parentes,	parentes,	parientes,	parents,	parenti.
vinum,	vinho,	vino,	vin,	vino.
unus,	um,	uno,	un,	uno.
septem,	sete,	siete,	sept,	sette.
homo,	homem,	hombre,	homme,	uomo.

Por esta figura se empregam em rhetorica palavras de som semelhante ou parecido, mas de ideias differentes; taes como: *conselho* e *concelho*, *sella* e *cella*; *pego* (subst.) e *pego* (verbo), etc. *Fallar verdade sem vaidade. Nem se senta, nem se tenta? A perseverança muito alcança.*

Paraphrase. — Dá-se este nome á explicação ou interpretação muito extensa de um texto.

Ha certos auctores obscuros que se não podem comprehender

bem, senão por meio da paraphrase, isto é, não é possiv zil-os palavra por palavra, pelo figurado e vago da ex

A paraphrase é pois de um grande soccorro, sempre obscuridade no texto, n'este caso torna claro o que ap comprehensivel.

O nosso Camões muitas vezes no seu poema parap Virgilio; v. g.:

Oh ditosos aquelles que puderam
Entre as agudas lanças africanas
Morrer........................
Lus. C. vi, est. lxxxiii.

....................O terque quaterque beati,
Queis ante ora, etc.
En. Liv. 1.° v. 98 a 100.

Para não accumular citações, pedimos aos estudi linguas portugueza e latina observem as magistrae phrases do nosso eximio professor e bom amigo, o s cisco de Paula Santa Clara, na sua notavel publicaçã *dos Amores*, pequena brochura, mas de encarecido mento, que em nada desdiz a reputação do insigne l

Todavia releve-se-nos que, ainda uma vez enlev rante a sublime paraphrase do *Padre Nosso*, demos l paginas do Escholiaste a uma das mais formosas pr do nosso mavioso poeta e amigo, o sr. João de Deus:

Pae Nosso, de todos nós,
Que todos somos irmãos,
A Ti erguemos as mãos,
E levantamos a voz.

A Ti, *que estás lá no ceo*,
E nos lanças com clemencia
Do vasto estrelado veo
Os olhos da Providencia.

Bemdito, *sanctificado*
Seja o teu nome, Senhor;
Inviolavel, sagrado,
Na bocca do peccador.

E *venha a nós o teu reino*,
Acabe o da vil cubiça.
Reine o amor á justiça,
Que pregava o Nazareno,

De modo que *seja feita*
A tua santa *vontade*.
Sempre a expressão perfeita
Da justiça e da verdade

Seja feita, *assim na terra*,
Como no ceo, onde habita
Esse, cuja mão encerra
A criação infinita.

O pão nosso n'esta lida
De cada dia nos dá
Hoje e basta: a luz da vid
Quem sabe o que durará!..

E *perdoa-nos, Senhor*,
As nossas dividas... sim,
Grandes são, mas é maior
Essa bondade sem fim...

Assim como nós, se é dad
Julgar-nos tambem credore
Perdoamos de bom grado
Cá, *aos nossos devedores*.

E não nos deixes, bom Pa
Cair nunca *em tentação*,
Que o homem, por condiçã
Sem o teu auxilio cai.

Mas Tu, que não tens segundo,
E muito menos igual,
Dá-nos a mão n'este mundo;
Senhor, *livra nos do mal*.

Parciaes. — São assim chamadas as orações integrantes e ainda as incidentes, por fazerem parte d'aquellas a que vêem juntas. Exemplos:

Homem orgulhoso, não te esqueças de que a satisfação, que nasce da clemencia, não acaba nunca.

Os homens, que se crêem superiores, sentem assaz que são fortes, mas não sentem assaz que são mortaes.

Parcial. —Veja *Abstractos.*

Parelhas. —Veja *Emparelhada.*

Paremia. — Sentença vulgar, synonymo de *Proverbio*, tomando-a com esta significação disse o padre A. Vieira — d'aqui nasceu aquella *paremia* ou *proverbio:* que o ceo era para Deus e a terra para os homens.

A paremia significa por um dictado uma cousa a que alludimos como se, ao que ensina a quem sabe mais, applicarmos o proverbio portuguez : *ensinar o padre nosso ao vigario.*

Parenthese. — É a figura que resulta da interposição n'uma oração de uma palavra ou phrase que, embora interrompa o fio do discurso, serve comtudo para o esclarecer e completar. Exemplo :

«Do justo e duro Pedro nasce o brando,
«(Vede da natureza o desconcerto!)
«Remisso e sem cuidado algum, Fernando
«Que todo...

Como signal orthographico, encerra palavras ou phrases que, não fazendo parte do discurso, todavia o explicam ou illustram, devendo por isso recitar-se em voz mais baixa. Exemplo: *Em noites serenas entretinha-se a achar o norte, por meio da ursa-maior ou (como lhe chamam os nossos marinheiros e lavradores) a barca...*

Mas se a explicação for curta, bastará encerral-a com virgulas, recitando-se no mesmo tom do parenthese. Exemplo : *a moral, dizia um sabio, é a sabedoria dos seculos.*

Veja *Virgula.*

Os parentheses imprimem ás vezes, certa viveza e rapidez ao pensamento; porem mais vezes ainda, parecem phrases acunhadas n'outras phrases, e cortando o sentido principal, tornam a clausula escura; por isso são tão raros nos bons escriptores, quanto frequentes nos maus, que não sabendo achar logar conveniente para as ideias, atiram com ellas para o primeiro logar que se lhes depara.

Parison. — Figura de rhetorica pela qual aca principiam as orações por palavras toantes, i. é, por que, do accento predominante até ao fim, têem as lettras vogaes, mas differentes lettras invogaes.

Paro. —Veja *Desinencias.*

Parodia. — Composição poetica, feita sobre uma poesia seria, e geralmente conhecida, que se torna con meio de algumas mudanças, applicadas a um outro as sobre que se introduz o gracejo ou a zombaria, o bu trivial. Todavia tem occasionado algumas vezes pro muito engenhosas.

Tambem se tem composto parodias em prosa.

Estas imitações têem muitas vezes annullado o bo que seus auctores esperavam obter, fazendo cair no até bellas producções.

Lembra-nos offerecer para modelo a primeira Episto F. de Castilho á imperatriz do Brazil, implorando o pe velho portuguez, condemnado a doze annos de trabal blicos, engenhosamente parodiada pelo distincto est J. J. da S.:

OS DOZE ANNOS

¡Doze annos!; ¡preso!; ¡mudo!: ¡oppresso!; ¡envilecido!;
¡descoroado das cans!; ¡infame no vest'do';
¡um numero por nome!; o trabalho sem fim!;
¡e impossivel a esp'rança'! (Olhos de serafim,
perdoai, se vos baixo a este horror profundo!)
¡Doze annos n'um jazigo; extincto, e moribundo!
¡viuvo, de mulher que traz por elle o dó!
¡pae, de filhos sem pae! ¡com familia; e tão só
¡olhos de serafim! banhai-o em vosso pranto!

¿Doze annos;: ¿e a velhice acaso espera tanto?
¿Doze annos?! ¿mas ignora a justiça mortal
que um só dia em tal dor... por mil seculos val?
Doze annos?!! vezes doze os longos soes do estio,
sem elle entrar co'os seus no seu pomar sombrio!
¡Vezes doze do outono a abundancia, o prazer,
das arvores que poz sem elle um fructo ver!
¡Vezes doze do inverno as noites espaçosas,
tão sociaes té agora... agora tão saudosas!
¡Doze vezes em fim, primavera a sorrir
a toda a natureza... e sem deixar cair...
a descuido sequer!, ¡na sua sepultura,
uma florinha: um sol: um pio: uma verdura!
¿Doze annos?!!! mas sabeis o que doze annos são,
no fundo de um abysmo, onde até .. a oração
¿se enregela talvez?!:

¡Cento e quarenta e quatro
mezes a desfilar em lôbrego theatro!
¡Semanas... a exhaurir no calice da dor...
seiscentas vinte e seis sem dia do Senhor!

¡Dias... a distillar... a gota e gota, lentos;
dias sem luz do ceo... são: quatro mil; trezentos;
mais oitenta; mais tres! ¡Horas, horas eguaes,
na angustia, ás do estertor; no odio, ás infernaes;
horas, quaes Deus não quer, e que Satan faz suas,
são cento e cinco mil cento e noventa e duas!

¿Doze annos!?; ¿doze?!?; ¿doze!!!?; a dextra de um juiz
lança doze de um rasgo; a voz, depressa o diz;
¡são duas lettras só! ¡mas á provecta edade,
duas lettras... contém: o inferno, e a eternidade!

A lei é cega e surda; ¡afortunado o rei
que suppre, ouvindo e vendo, o incompleto da lei!
e a quem do Estado o jus, da humanidade amigo,
deixa dizer: — ¡Perdão! — quando a lei diz: — Castigo.
¡Prerogativa excelsa! o raio, attesta um Deus;
mas a clemencia, o mostra; e nos torna mais seus.

PARODIA

OS SETE ANNOS

(FRAGMENTO)

....
....
Sete annos a estudar! oppresso! aborrecido!
De prazeres privado! e pobre no vestido!
Um numero por nome! e os estudos sem fim!
Sem ter mais do que a esp'rança! (Olhos de seraphim,
Dai-lhe força, por Deus, no desprazer profundo)
Sete annos n'uma escola, exhausto e moribundo!
Amando uma mulher, que d'elle nem tem dó
Por infeliz o ver, sem familia, tão só!
Olhos de seraphim! vós sois seu doce encanto!
Sete annos? e um mancebo acaso espera tanto?
Sete annos? mas ignora o *sup'rior conselho*
Que um só dia em tal dor do joven faz um velho?
Sete annos?!! vezes sete os longos sóes do estio
Sem elle ver doirar o seu porvir sombrio!
Vezes sete do outono a abundancia, o prazer,
Passados n'um tormento horrivel de soffrer!
Vezes sete do inverno as noites espaçosas
Em livros a estudar lições fastidiosas!
Sete vezes, emfim, primavera a sorrir
A todos n'este mundo... excepto ao seu porvir!
Sete annos?!!! Mas sabeis o que sete annos são
Na vida d'um donzel... que tem um coração
E nada mais de seu?! sabeis?!
Oitenta e quatro
Mezes a desfilar das aulas no amphitheatro!
Semanas... sempre a ouvir sermões de um professor,
(Podendo ver-te só no dia do Senhor),
Sobre sessenta e cinco ainda mais trezentas!
Noites sem descançar... são duas mil, quinhentas,
Mais cincoenta, mais sete! Horas, horas eguaes
Na angustia ás do estertor, no horror ás infernaes,
(Mas que elle ao seu amor sacrificou affoito)
Cincoenta e quatro mil cento e sessenta e oito!

Sete annos!? sete!!? sete!!!? a lei n'este paiz
Não quiz menos de sete; a voz depressa o diz;
É uma letra só! mas no verdor da idade
Uma letra... contém: o inferno, a eternidade!
E bem tyranna a lei! abençoada a amante
Que o trovador anima a proseguir ávante,
E suppre c'um sorriso o artigo malfadado
Da lei que escravisar pretende um desgraçado!
Prerogativa excelsa! ao lugubre estertor
Succede a meiga esp'rança em canticos de amor!
....
....

Paronymia. — Diz-se a similhança de palavr por etymologia, quer por consonancia; v. g.: *cega* adj. — que não vê); *cega* — do verbo *cegar*, perder *sega* — do verbo *segar*, ceifar; etc. Veja *Paronymos.*

Paronymos ou **Homophonos.**—Palavras se tes quanto ao modo de as pronunciar, mas differente thographia e significado; taes são entre muitas outras

Atestar — encher até á boca ou borda.
Attestar — testemunhar.
Bucho — estomago dos animaes.
Buxo — arbusto.
Cerrar — fechar, apertar.
Serrar — cortar madeira com serra.
Comece — do verbo *começar*.
Comesse — do verbo comer.
Concelho — divisão administrativa.
Conselho — aviso, parecer.
Eça — catafalco.
Essa — form. fem. do demonst. *esse*.
Facha — feixe, molho, etc.
Faxa — cinta, tira.
Grama — herva.
Gramma — peso.
Hora — parte do dia.
Ora — conj., ou voz do verbo *orar*.
Incerto — duvidoso.
Inserto — que se inseriu, impriu ou introduziu.
Laço — armadilha, etc.
Lasso — frouxo, cançado.
Maça — clava.
Massa — farinha amassada.
Nós — plur. de *Eu* pron. pess. da 1.ª pessoa.
Noz — fructo.
Pena — de morte.
Penna — d'aço, de rama.
Paço — palacio.

— movimento que se faz andando.
— ter vontade.
· acreditar.
— ratado.
— barulho.
- succo.
— supremo.
— prego, mancha.
· preço.
— vontade.
— rigidez de membros, reteso de nervos.
planicie.
Val — do verbo *valer*.

esia. — Figura de rhetorica a que tambem outros
ie de *Licença*, consiste em fingir o orador que falla
, e mais do que parece permittido e conveniente,
a um fim aonde não parecia dirigir-se; como, por
uando debaixo de uma reprehensão amarga occulta
fino e delicado, ou outro fim differente do da ver-
erdade; como:
servirá logo tanto trabalho e tanta despeza sem fru-
nça-se a si mesmo V. alteza; dome seu espirito:
randeza de seu coração.

s. — Da oração — Veja *Oração*.

scurso — Veja *Palavras*, *Discurso*.

ammatica — Veja *Grammatica*.

s da grammatica são 4: *etymologia*, *syntaxe*, *proso-*
graphia.
os dias, os que estudam a grammatica pelo methodo
o das linguas costumam dividil-a em tres partes:
morphologia, e *syntaxe*, a que ainda outros accres-
emiologia.
ções, as differenças de dialecto, a determinação do
palavra pela etymologia, e a sua orthographia, ba-
e a derivação ou composição, são factos cuja expli-
nce á historia da lingua.

ipio. — Esta parte do discurso é uma das vozes
o modo infinito, chama-se *partecipio* porque ao mes-
articipa da natureza do verbo e da do nome.
do verbo porque exprime os attributos de existen-
io e de tempo que constituem o verbo. Partecipa do

nome, porque exerce algumas vezes as funcções de adjectivo, e então, semelhante a elle, concorda em genero e em numero com o individuo a que se refere.

Distinguem-se duas especies de partecipio : — o *partecipio do presente* (imperfeito ou activo) e o *partecipio do preterito* (perfeito ou passivo).

Alem dos partecipios *imperfeito* e *perfeito*, temos em portuguez o *partecipio perfeito composto* e os *partecipios duplos*.

Veja *Concordancia, Circumstancias oracionaes, Qualificativos.*

São *partecipios do presente* os que acabam em *ando, endo, indo*, como — *louvando, devendo, applaudindo.*

São *partecipios do preterito* os que acabam em *ado, ido*, como *louvado, devido, applaudido;* segundo pertençam a verbos da 1.ª, da 2.ª, ou da 3.ª conjugação.

Os partecipios geralmente servem de accessorios aos nomes a que se referem, explicando, restringindo, ou ampliando as ideias por elles apresentadas ; n'este caso devem seguir os substantivos, porque, precedendo-os, podem formar circumstancias ou phrases oracionaes. Exemplos :

O homem não é só feitura da natureza ; é um artista de si mesmo, destinado *a aperfeiçoar o seu ser.*

Os romanos tão entendidos *na paz e na guerra, inventaram para os soldados as coroas civicas.*

A religião e a caridade caminham sorrindo *uma para a outra.*

Estando *ociosa Eva no Paraizo, entrou a serpente* colleando-*se mansamente sem pés, mas com cabeça, começou pela especulação e acabou pela mentira.*

Acabada *a guerra, foi seu primeiro cuidado decretar regulamentos da publica administração.*

Crescia a falta gastando *e* comendo *o povo esse pouco pão que havia.*

Serve igualmente o partecipio de complemento attributivo, ou nome predicativo, como nas seguintes phrases : *o exercito ficou* desanimado *depois d'aquella fatal derrota. Os soldados estavam* decididos *a vencer ou a morrer. As senhoras permaneceram* capacitadas *de que seria* protegida *a pobre mãe.*

Veja *Imperfeito, Perfeito* e *Predicativo.*

Partecipio perfeito composto. — É o que se forma do partecipio imperfeito do auxiliar com o partecipio perfeito do verbo que se conjuga ; como : *tendo devido, tendo applaudido.*

Veja as tabuas das conjugações na II Parte d'esta obra.

Partecipios duplos ou **de forma dupla.** — Dizem-se os dois partecipios que têem alguns verbos, um regular, outro irregular ; como : *acceitado, acceito* — do verbo *acceitar ;*

'*egido, eleito* — do verbo *eleger; extinguido, extincto* — do verbo *xtinguir*, etc.

Os partecipios que têem forma regular são geralmente os que e conjugam com os verbos *ter* e *haver;* porque denotam uma cção *feita* ou *executada;* o que os outros não indicam, sendo penas meros adjectivos verbaes, que designam uma qualidade ubsistente no sujeito, sem relação alguma com o exercicio da iesma, como todos os adjectivos que não são verbaes. — Asim não podemos dizer: *temos afflicto alguem*, em vez de *temos fligido;* porque *afflicto* pode ser um estado não promovido ou ausado por outrem; e *affligido* quer dizer *feito afflicto;* pelo ue, *temos affligido* significa: *temos feito* o acto de affligir, ou *emos feito* com que alguem ficasse *afflicto.*

Os partecipios irregulares portuguezes não provêem geralnente dos nossos verbos, por haverem sido tomados na maxima arte dos partecipios latinos, onde lhes devemos ir buscar a origem. Ora, como muitos d'estes partecipios se acham hoje subtantivados, e são usados como nomes, segue-se que é nos referidos partecipios que estes mesmos têem a raiz, e em que só lh'a podemos encontrar. Por exemplo:

Acto..... — De *actus*, part. de *ago, is;* obrar, fazer, produzir.
Assumpto. — De *assumptus*, part. de *assumo, is;* tomar, usurpar, arrogar.
Colheita.. — De *collecta*, part. fem. de *colligo, is;* ajuntar, recolher.
Debito... — De *debitus*, part. de *debeo, es;* dever.
Divisa... — De *divisa*, part. fem. de *divido, is;* dividir.
Escripto.. — De *scriptus*, part. de *scribo, is;* escrever, etc.

Particulas. — Dizem-se em geral todas as palavras invariaveis e curtas; taes como as variações dos pronomes pessoaes *me, te, se*, etc., e as quatro partes invariaveis do discurso — *preposição, adverbio, conjuncção e interjeição.*

A conjuncção e ao mesmo tempo pronome *que* é a particula mais importuna e molesta da nossa lingua. — Exemplifiquemos de quantos modos pode ella ser empregada no discurso portuguez.

Pronome relativo — *A morte, que fecha as portas da vida, abre as da eternidade. Preferi sempre os que vos aconselham áquelles que vos louvam. O mundo é um baile mascarado, em que cada um procura disfarçar-se.*

Pronome interrogativo —

«Comendo alegremente perguntavam
«Pela arabica lingua d'onde vinham?
«Quem eram? de que terra? que buscavam?
«Ou que parte do ceo corrido tinham?

conjuncção concessiva (visto que, pois que).

Entra em muitas locuções; taes como: *posi*
ainda que, logo que, com tanto que, etc.

E muitas vezes é empregada sem necessida
ou como inconveniente gallicismo.

Partitivos.—Dizem-se partitivos os coll
presentam uma collecção parcial, significand
mero ou multidão, como: *metade, terço, parte*, e
em — *proporcionaes, definitos e indefinitos;*

Os adjectivos quantitativos que applicam a
nome commum a parte de uma classe ou total
nada e exacta, ou vaga e indeterminada, com
1.°, 2.°, 3.°, etc.; *algum, qualquer, tanto*, etc.; d
bem em — *definitos* e *indefinitos*.

E os pronomes que só se referem a cousas e
presentam alguma parte ou partes determinada
menos, muito, pouco, quanto, tanto.

Mais vale o mesmo que — *mais cousas, maior*
v. g.: *quem mais tem, mais deseja.*

Menos vale o mesmo que — *menos cousas, m*
v. g.: *quem menos tem, menos vale.*

Muito vale o mesmo que — *muitas cousas, m*
v. g.: *muitos poucos fazem muito. Dizemos m*
pouco, quando sabemos bem os termos proprios d

Quanto equivale a *quanta cousa, tudo o que,*
quanto pude.

Tanto equivale a *tanta cousa*, etc.: v. g.: *nã*

la-se a oração da voz passiva para a activa — collocando sujeito o complemento de causa efficiente da passiva e ito d'esta, como complemento objectivo da activa; o verbo para o mesmo tempo e modo da voz activa, de sorte ɔssa concordar em numero e pessoa com o novo sujeito. ɔregando os exemplos acima, teremos as mesmas ora- a voz activa assim: *O fogo queimou as casas. Deus creou lo.*

oração composta na voz passiva, o nome predicativo do :mento directo na voz activa passa a ser nome predica- o sujeito; v. g.: *consideramos Jesus Christo nosso Re- r;* pela passiva: *Jesus Christo é considerado nosso Re- r.*

se *voz passiva* a série de formas verbaes que representam o como padecida.

ngua portugueza não tem verbos passivos, mas forma-os s vozes do verbo *ser* e o partecipio perfeito (passivo) do que quer passivar, concordado com o sujeito; como: *ser o, sendo louvado, tendo sido louvado, sou louvado, era lou- fui louvado, tenho sido louvado*, etc.

imeiro e o principal emprego da voz passiva é exprimir :ção sem exprimir o individuo que a pratica, o que mui- zes somos obrigados a fazer, ou porque se não conhece dividuo, ou porque não o queremos fazer conhecer d'a- ı a quem fallamos. Assim eu direi: — *assegura-se que nelli foi envenenado*[1], ou porque ignoro a quem se attri- te crime, ou porque não julgo a proposito fazel-o conhe-

:mas vezes emprega-se a voz passiva exprimindo ao tempo o individuo por quem a acção foi praticada; é o prego da voz passiva. Recorre-se a esta forma de pro- ı, principalmente quando se quer fixar a attenção d'aquel- uem se falla sobre a pessoa ou a cousa que é o objecto ão, antes que sobre aquella que a pratica. Então o su- io é expresso senão como uma circumstancia da acção, por e uma proposição á qual serve de complemento. Se eu a historia da vida de Britannico, terminal-a-ei dizendo: *nico foi envenenado á mesa de Nero e pelo proprio Nero.* objecto principal é Britannico, e é por isso que eu me la voz passiva e exprimo o sujeito (causa efficiente na ı), como um termo circumstancial, dizendo —*pelo proprio*

pa Clemente XIV (Laurent Ganganelli), eleito em 1769, morreu enve- dizem, em 1774; i. é, um anno depois que appareceu o breve *Do- :c Redemptor Noster*, abolindo a companhia de Jesus.

Se pelo contrario eu tivesse por fim fazer a re
mes de Nero, diria: *Nero envenenou Britannico*
mesa, por que me occuparia menos de fazer co
cumstancia da morte de Britannico que o crime
Emprega-se tambem a voz passiva para varia
e dar mais graça ao discurso.

Passivar. — Diz-se passivar um verbo (a
sitivo) juntar o seu partecipio perfeito variavel
vozes do verbo substantivo *ser*, n'este caso — a
plo: *eu sou louvado, tu és louvado, elle é louvado*
vada, nós somos louvados ou *louvadas*, etc.
Nas linguagens unipessoaes — *diz-se, dizia-se,*
querem muitos grammaticos que o pronome pes
se esteja passivando o verbo, por quanto equiva
é dito ou *dita, era dito, foi dito*, etc. Outros quer
nome sirva de sujeito do verbo valendo por *homem*
do que vale o *on* (abreviatura de homme) na
za, como se dissessemos — *homem* ou *alguem* (i
etc.
Assim as expressões: *conta-se isto, mandou-s*
feriram-se casos, façam-se obras, são equivaler
passivas — *isto é contado, foi mandado dinheiro*
dos casos; sejam feitas obras, ou a estas orações
isto, alguem mandou dinheiro, alguem referiu cas
obras.
Veja *Reflexo.*

Passivo. — Impropriamente dizem alguns
verbo passivo o verbo adjectivo, cujo partecipio
vel e junto ás vozes do verbo substantivo *ser*
gens da voz passiva, como: *eu sou louvado* ou
foram attendidas; elles serão ou *vós sereis ap*
N'estas linguagens o verbo *ser* é auxiliar.
Dá-se elegantemente forma passiva aos ver
vos ou relativos, empregando o verbo *ser* por
d'este modo: *eram chegados* por *tinham chegado.*
vinda a hora do sol.
A lingua portugueza não tem pois verbos pa
latina. Veja *Vozes, Reflexo.*

Pastoril. — Diz-se o genero, estylo ou poe
descrevem ou imitam as scenas de pastores, os
tumam analysar suas ideias, nem compol-as; to
consta, pela maior parte, de imagens, e de sent
Predominam n'elles as sensações sobre a re
tylo é todo figurado.

linguagem da natureza, pobre de vocabulos, abundante ; e tal é a que convem n'este genero de poesia.

a. —Veja *Desinencias.*

os. — São os adjectivos derivados do nome da ci-, aldêa, ou provincia, d'onde se é natural, como: natural de Lisboa; *lacobrigense*, natural de Lagos; natural do Alemtejo, etc.
ljectivos carecem de graus de significação, posto qualificativos.

nymicos. — Dizem-se os substantivos proprios ados de um nome de pessoa, trazem implicita a liação e, começando por constituir sobrenomes, aca-se converter em appellidos hereditarios. Assim de le derivou *Henriques* (que propriamente significa fi-enrique); de *Sancho*, *Sanches* (ou filho de Sancho) *Lopes;* de *Fernando*, *Fernandes;* de *Gonsalo*, *Gon-Nuno*, *Nunes;* de *Rodrigo*, *Rodrigues;* de *Geraldo*, de *Miguel*, *Migueis;* de *Pero*, *Peres;* de *Bento*, *Ben-*

Pequeno espaço medido e composto de um certo nu-syllabas de differentes valores, constituindo uma livisão das varias especies de versos, e conforme a os mesmos.

Pellir. —Veja *Desinencias.*

mento periodico. — É um aggregado de ora-ipaes, ligadas entre si por alguma relação geral, es de um pensamento total.
lação pode ser ou de *gradação*, quer subindo de los importantes para outras que o são mais, quer d'estas para aquellas; ou de *inclusão*, involvendo tras, ou desinvolvendo umas apoz outras ideias con-ou de *opposição*, contratando umas com outras ideias possam conciliar. Exemplos:
ação —«*Foram desembarcando as munições e manti-ls elles os soldados, e o ultimo de todos D. Fernando, strucção do pae ou brio do filho.*»
usão —«*Não ha modo de mandar, ou ensinar, mais ve do que o exemplo: persuade sem rhetorica, impelle cia, reduz sem porfia, convence sem debate; todas as sata, e corta caladamente todas as desculpas.*»
sição —«*O que se adquire com trabalho e difficuldade,*

expressos os pensamentos, seja orando ou escrev
vezes só conseguimos expressal-os, taes como fc
dos, depois de longos exercicios; outras, o trabal
são permanece difficil, ainda que o do pensame
na persuasão do contrario.

Os pensamentos podem ser de qualidades mui
ou *escuros*, *verdadeiros* ou *falsos*, *nobres* ou *baixo*
affectados, *vivos*, *engenhosos*, *finos*, *delicados*, *pr*
mes, etc.; e assim poderão dar ao dizer de cada
ou feição correspondente.

Ha porem certas virtudes que devem encontr
samentos em geral, e são: *verdade*, *clareza* e
nos pensamentos considerados singularmente; e
e *unidade* nos pensamentos considerados juntos.

Os elementos que entram na expressão dos p
formas, *figuras*, *palavras*, *phrases*, *clausulas*, et
combina-os cada individuo a seu modo, segundo
mina a sensibilidade, a rasão ou a imaginação;
espirito é mais ou menos lucido e methodico;
mais ou menos conhecimento da lingua e das
de escrever, e d'esse differente uso e combinaçã
ferentes estylos.

Penultima. —Veja *Vogal penultima*.

Per, por. — A preposição *per*, antigamente
para designar a circumstancia do *logar por onde* s
acção ou movimento, emprega-se hoje somente

assicos, seguindo a derivação latina, empregavam a pre-
per nas relações de espaço (de logar ou tempo), meio
iento; e a preposição *por* nas relações de causa ou mo-
ɔca, preço, etc. No 1.º caso diziam: *Per montes e valles;*
ır e pela terra; pelo Natal; traspassado pela lança; re-
obtido pela experiencia, etc. No 2.º: *obrar por interesse;*
ıuro por prata; tido por amigo; pedir ou dar esmola pelo
: Deus; combater pela patria, [1] etc.
n pois estas preposições indicam:
ɪɢᴀʀ por onde. — *Viajar por mar e por terra.* E virtual-
passar por grandes trabalhos. Contando-os um por um,
ɪrem vinte por todos (numero de seres considerados como
ıo espaço).
ʀᴀçãᴏ exacta ou approximada. — *Privilegio por 30 an-*
·los annos de 1580 (correndo os annos pouco mais ou
de 1580).
a relação omitte-se frequentemente a preposição por
o que constitue uma das elegancias da nossa lingua;
lurou a guerra 10 annos (por 10 annos). Se accordará
te edadas largas com alegre memoria de tão formoso dia.
ɪᴏ, ɪɴsᴛʀᴜᴍᴇɴᴛᴏ. — *Elevar-se pela intriga. Contender por*
Varado pela setta. Partecipar pelo telegrapho.
ɔᴅᴏ. — *Contar alguma cousa por extenso.*
ᴜsᴀ, ᴍᴏᴛɪᴠᴏ, ғɪᴍ. — *Obrar por medo, por interesse, por*
'o, por ordem, etc. *Por isso, por essa razão. Trabalhar*
'ecer (a fim de merecer) *Elles mesmos por entreter os nos-*
eram fogo ás casas (afim ou com o fim de). *Pedir esmola*
pelo amor de Deus (a fim de merecer o amor de Deus).
alguem ou por alguma cousa (ir buscar alguem ou al-
ousa).
ᴜsᴀ ᴇғғɪᴄɪᴇɴᴛᴇ ᴏᴜ ᴀɢᴇɴᴛᴇ. — *Terra cultivada por seu*
dono. Carta escripta por mão alheia. Obra feita por ha-
ıta.
ғᴀᴠᴏʀ, ᴇᴍ ʙᴇɴᴇғɪᴄɪᴏ, ᴇᴍ ɴᴏᴍᴇ. — *Saiu a sentença por nós*
ɔ favor). *Interceder por alguem* (a favor de alguem). *Orar*
pelos vivos e defunctos. Requerer por parte de alguem
ı nome como procurador). *Esta é a defeza com que ve-*
' parte de v... (a favor de v...)
ᴇçᴏ, ᴛʀᴏᴄᴀ. — *Comprar por um vintem; trocar ouro por*
Deixar o certo pelo duvidoso. Por cada pedra arriscarei
ι.
ᴛɪᴍᴀçãᴏ, ᴏᴘɪɴɪãᴏ (como). — *Reputado por sabio, por ho-*
probidade (como sabio, *como* homem de probidade, etc.)

[1] emprega-se indistinctamente a preposição *por* em ambos os casos servimos de *per* n'algum particular idiotismo e como particula in-dos verbos e dos nomes; como: *pernoitar*, *perfuração*, etc.

Deixaram-no por morto (por julgarem que estava morto). *Ter a victoria por certa (como* certa).

10.° SUBSTITUIÇÃO (como). — *Estava por capitão; foi por embaixador, (como* embaixador, ou *fazendo as vezes* de embaixador, etc.) *Por não se dar por elle a forte Ceita (em vez d'elle a forte* Ceita).

11.° ESTADO, CARENCIA (sem). — *Estava por jantar (sem* jantar); *ficaram por ver (sem* ver).

12.° TOTALIDADE. — *Eram 20 por todos.*

Peregrenismo. — Veja *Barbarismo.*

Perfeito. — Diz-se perfeito ou absoluto o preterito, cuja linguagem designa absolutamente existencia ou facto já passado. Exemplo: *Newton foi um grande geómetra.*

Da 2.ª pessoa do singular d'este preterito se formam o preterito mais que perfeito do indicativo, o preterito e o futuro do conjunctivo; mudadas as lettras *ste* da terminação em — *ra, sse, r* —, tem-se a 1.ª pessoa de cada um d'aquelles tempos em todos os verbos.

É *perfeito* o condicional que exprime existencia acabada, a respeito de condição tambem perfeita e acabada. Exemplo: *eu teria sido muito feliz, se tivesse tomado os teus conselhos.*

Tambem se diz *perfeito* o futuro que exprime uma existencia ou um facto futuro anterior a outro tambem futuro. Exemplo: *quando tu aqui chegares, já eu terei partido.*

O futuro *perfeito* tambem se emprega para designar um facto passado, de que estamos como duvidosos. Exemplo: *quantas vezes terás approvado o que mais tarde condemnaste.*

Perfeito é ainda o partecipio que significa existencia ou acção já acabada, e conhece-se pelas terminações — *ado, ido;* v. g.: *louvado, devido, applaudido.*

Muitos verbos têem dois partecipios perfeitos, um regular e outro irregular, contracto do 1.°, ou tirado do verbo radical latino d'onde ordinariamente provém. Os partecipios irregulares, em geral, são adjectivos verbaes, e é por isso que elles dizem melhor com os auxiliares; *estar, ser, andar, ficar, vir;* como: *estou afflicto; sou suspeito;* e os regulares, com *ter* ou *haver;* como: *tinha-se affligido, havia suspeitado,* porque denotam uma acção feita ou executada; pelo contrario os irregulares, sendo apenas meros adjectivos verbaes, designam sómente qualidade como todos os adjectivos qualificativos; assim não podemos dizer — *temos afflicto alguem,* em vez de — *temos affligido;* porque *afflicto* pode ser um estado não promovido ou causado por outrem; e *affligido* quer dizer *feito afflicto:* pelo que, *temos affligido,* significa — *temos feito* o acto de affligir, ou *temos feito com* que alguem ficasse *afflicto.*

Muitos dos partecipios irregulares se substantivam; como: *nexo, captivo, gasto,* etc.

O partecipio perfeito invariavel, conjugado com os verbos xiliares *ter* e *haver*, forma os tempos perfeitos compostos da z activa, como: *elle* ou *ella tem louvado; elles* ou *ellas têem plaudido.* Sendo variavel, é *passivo*, isto é, significa uma ac-o recebida pelo substantivo com o qual concorda; como: *mpo lavrado, campos lavrados; terra lavrada, terras lavra-s.*

Com o verbo *ser* e concordando com o sujeito, forma todos tempos compostos da voz passiva, como: *eu sou louvado, a foi applaudida, nós fomos louvados, elles têem sido applau-dos* ou *ellas estão sendo louvadas.*

Junta-se aos nomes como qualquer adjectivo, para lhes mo-ficar a significação; v. g.: *exercito derrotado, praça rendida, mpos explorados, torres despenhadas,* e ao mesmo tempo ser-m de accessorio.

Mas precedendo o nome que modifica, forma phrases oracio-es, de *tempo depois que.* Exemplo: *Recolhido Affonso de Al-querque ás naus, mandou logo el-rei* (assim que, ou depois que fonso d'Albuquerque recolheu, etc.)

Todavia pode antepor-se quando o partecipio leva a prepo-ão *em;* v. g.: *em a mina rebentando,* ou: *em rebentando a a.* Tambem *isto, isso, aquillo, o que,* podem antepor-se aos tecipios passivos simples de que forem sujeitos: *isto posto, posto isto.*

estes partecipios chamam alguns grammaticos *absolutos,* os *oracionaes* com mais propriedade.

ndo geralmente passivos os partecipios perfeitos varia-alguns têem significação activa, como: *arriscado,* que se a; *calado,* que cala; *ceado,* que ceou; *confiado,* que con-c.; outros têem significação, ora activa ora passiva, como: *oado,* o que atraiçoa; *atraiçoado* por alguem; homem *tado,* que tem credito, homem *acreditado* por alguem; *lido,* que tem lido muito, instruido; carta *lida* ou es-*lido* por alguem.

i. —Veja *Prefixos.*

largia. —Vicio de ornato que consiste na ostentação siado apuro na elocução, chegando a enervar a phrase -lhe a energia.

odica. —Diz-se a oração que se compõe de mais de embros, mas não excedendo a oito. Exemplo:

e o zelo do bem publico marcham a descoberto, a ge-e a beneficencia encobrem-se. A piedade filial não

ou mais *partes* cadenciadas e dispostas artific
modo que o ouvido se deleita, e o sentido vai in
conclusão. Exemplo:

*N'aquelle paiz, seja qual fôr o seu grau de civi
rio, onde fallece o amor da patria, onde os vicic
dos virem á luz do sol, onde a todas as ambições
der e esperar tudo, onde a lei, atirada para o ci
pelo pé desdenhoso dos grandes, vai lá servir de j
tidões desenfreadas, onde a liberdade do homem, a
principes, e as virtudes da familia se converteram
des mentiras, ha ahi uma nação que vai morrer.*

Este estylo é proprio para os objectos grand
e imponentes, que demandam mais pompa e g
força e pathetico.

Costumam os rhetoricos chamar *rodeio perio*
que consta de mais de quatro membros. Veja *T*

Periodo ou **Circuito.** — É a reunião de
sições, por tal forma combinadas entre si e conca
sentido fica suspenso até á ultima que o cor
plo:

*Não terei, senhores, pejo de vos dizer que ao vi
faltam n'esta doença as commodidades, que acha
mais pobre soldado.*

Cada uma d'estas proposições tomadas separ
ma-se *membro* do periodo, e estes membros estão
dos uns aos outros, ou por conjuncções ou soment
Todo o periodo consta de duas partes maior

n-se em tal caso, mormente se são extensos, orações
;, rodeio periodico ou *pneuma*.
do dá ao estylo muita nobreza; o seu principal me-
ste na justa proporção dos seus membros, em sua li-
il, e em sua cadencia habilmente variada.
riodo consta, pelo menos, de tantas orações quantos
'er.
nos *pelo menos* porque pode haver orações ellipticas,
: faltem os verbos.
grammaticos preceituam que se contem tantas ora-
itos verbos houver no modo finito ou pessoal. D'este
se desprezam as orações subordinadas, que podem
do finito (do conjunctivo por exemplo). Se pois as
das ou integrantes se contam, não ha motivo para se-
esadas do conto somente as do infinito ou impessoal,
itegrantes, como as do conjunctivo e muitas de indi-

ivisão das orações.

do oratorio, segundo a mór parte dos rhetoricos, deve
condições:
star de dois, tres ou quatro membros; cujos sentidos
spensos até ao ultimo membro: esta é a *conclusão*
distingue a prosa *ligada* ou *periodica* da *incidida* e
da.
claro e distincto para que possa entender-se.
desmarcado para facilmente se reter na memoria.
porcionado nos membros; porque sendo um d'elles
so e outro mui curto, ficaria a marcha do periodo,
arte arrastada, por outra claudicante.
nembros, passando de quatro, não excederem a oito,
egado já se não chama *periodo* senão *oração periodica;*
os forem os membros quantos a respiração de quem
alcançar, tem o nome de *pneuma*.
se pois o periodo, propriamente dito; em — *dico-*
os e *tetracolos;* i. é, *bimembre, trimembre, quadrimem-*

hrase ou **Circumloquio.** — É a figura a que
e dá o nome de circumlocução, rodeio indirecto de
que se empregam quando se não quer exprimir uma
termos proprios, e se dá a conhecer pelas qualida-
mstancias ou usos; v. g.: O creador de todas as cou-
Deus.
nições e as analogias são propriamente *periphrases,*
ɔsito é explicar alguma cousa.
ɔlver n'um *circuito de palavras,* como disse Quinti-

Esta figura é necessaria quando ha conven
dar, servindo ao mesmo tempo de ornamento a
Emprega-se alem d'isto para variar a expres
a magestade e harmonia das phrases, dar mais
ideia do objecto, elevar ideias vulgares, e tam
brir ideias obscenas, ou adoçar ideias tristes,
agradaveis. Cumpre porem que não seja escu
sobriamente e só com reconhecida necessidad
pois do contrario converter-se-á em vicio, tor
se não escuro, guindado, pretencioso e arrastad
O uso da periphrase é muito frequente, sob
sia, mas, como a metaphora, por mais bella qu
belleza sendo muito repetida, e converte-se no
sologia ou macrologia.

Periphrasticas.—Dizem-se as conjuga
pos, que se construem com os verbos auxiliares,
seguidos de preposição, formando um circumlo
Para exprimir certas ideias accessorias da
verbo, combinam-se certas formas d'esse verbo
dos verbos auxiliares—*andar, ir, estar, ter,*
circumloquios que se dá o nome de *conjugação*
v. g.: *ando a estudar* ou *ando estudando; foi a*
amanhecendo; vou estudar: estava estudando ou
tou para partir; todos temos ou *havemos de mor*
O presente indicativo da conjugação periphr
haver (v. g.: *hei de estudar*), emprega-se muit

É uma periphrase viciosa, como todas aquellas em que ha verbosidade inutil e vã. Veja *Battologia.*

Permissão. — Em sentido particular e como figura de elocução, quer dizer confiança que o orador mostra no que sustenta, confiança de grande peso, quando se trata de provar. Consiste esta figura em deixar o mesmo orador ao arbitrio dos seus ouvintes, e ainda dos seus proprios adversarios, algumas cousas para elles as decidirem.

Antes de resolver a questão, disputemol-a primeiro, e ouvi com attenção o que allegar por uma e por outra parte, porque vós haveis de ser juizes.

Peroração. — É a recapitulação rapida de tudo o que o exordio, a narração e a confirmação d'um discurso offerecem de mais forte, de mais capaz de gerar a convicção, e sobre tudo de commover e tocar, quando se percebe ser impossivel produzir a convicção por outros meios.

Commovendo os corações por meio da peroração, têem os grandes oradores conseguido sempre supprir a fraqueza de outros meios.

A peroração, onde se espera a victoria e o triumpho, requer uma forma de estylo nobre, sublime e vehemente.

Duas são as regras a observar nas perorações: 1.ª escolha de momento preciso, de maneira que nem se conclua repentina e inesperadamente, nem se engane a expectação dos ouvintes; 2.ª conclusão agradavel e elegante quanto possivel em phrases dignas, e não frouxas, nem languidas, mas cheias de fogo, afim de que o auditorio se retire mui favoravelmente impressionado, tanto a respeito do orador, como do assumpto de que elle se occupou.

Divide-se a peroração em duas partes mui diversas — *recapitulação* ou *anacephaleose* e *epilogo.*

Quando nem o assumpto pedir affectos, nem o discurso repetição summaria, omittir-se-á a *peroração,* propriamente dita.

Perplexidade. — Figura empregada pelo orador para se fingir duvidoso sobre os pontos por onde ha de começar, ou acabar; que cousa ha de dizer ou deixar de dizer. Por este modo tira ao seu discurso o ar de premeditação, e o faz por consequencia mais crivel, excitando a attenção e pondo em agitação o espirito dos seus ouvintes por meio d'estas suppostas duvidas. Exemplos:

Certo, quanto a mim, não sei para onde me volte. Acaso negarei a existencia d'aquella infamia de um juramento peitado...?

Não sei por onde comece e se explicára melhor a minha dor com lagrimas e gemidos que com palavras...?

D'esta figura, nascem a *Communicação* e a *Permissão*.

Personificar. Personificação. — É a figura de rhetorica que consiste em fazer de um ser inanimado, ou de uma pura abstracção um personagem real, dotado de sentimento e de vida.

Personificam-se as paixões, os vicios, as virtudes; emprestando-se-lhes acção, alma e linguagem.

> «No regaço do *luxo* a *opulencia*,
> «Os cansaços do *ocio* maldiz;
> «Entre as lidas sorri a *indigencia*;
> «Co'o pão negro se julga feliz.

Aqui o poeta personificou o luxo, a opulencia, o ocio, a indigencia; abstraindo do sentido figurado em que empregou as palavras *regaço* e *cansaço*.

É uma das figuras de animação mais atrevida e magnifica, especialmente quando falla com seres, que não podem ouvir e entender, e mais ainda quando introduz a fallar os que não têem linguagem; mas por isso mesmo é rara e deve sel-o, pois logo que não pareça natural, cairá no ridiculo.

Esta figura não só anima o estylo, mas dá-lhe colorido, como o que prende nossa admiração, cada vez que lemos os bellos *Threnos Historicos* de A. Herculano, onde esta figura ostenta as melhores galas de sua magnificencia.

Veja *Prosopopeia*.

Pessoa. — Veja *Pessoaes, Pessoas*.

Pessoaes. — Dizem-se os pronomes que especialmente designam as pessoas grammaticaes, i. é, as que figuram no discurso ou na oração; a saber:

Eu, Tu, Elle ou Ella — para as 1.ª, 2.ª e 3.ª pessoas do singular.

Nós, Vós, Elles ou Ellas — para as 1.ª, 2.ª e 3.ª pessoas do plural.

Se, reflexo ou reciproco, da 3.ª pessoa de ambos os numeros.

Querem muitos grammaticos que estas palavras se chamem — *nomes pessoaes*, por quanto difficilmente se concebe, como um homem que quizesse fallar de si mesmo imaginasse dar-se os nomes de *Pedro, Paulo, Sancho*, ou qualquer outro nome indirecto em vez de *Eu, me*, etc.

Estes pronomes são os unicos em nossa lingua que, á semelhança dos latinos, têem a propriedade de ser declinaveis; i. é, têem differentes casos ou variações, como se vê no seguinte

QUADRO DA DECLINAÇÃO DOS PRONOMES PESSOAES DEFINITOS

soas	1.ª		2.ª		3.ª		3.ª reflexo
eros	Sing.	Plur.	Sing.	Plur.	Sing.	Plur.	Sing. e Pl.
ito	Eu [1],	Nós.	Tu [1],	Vós	M. Elle, F. Ella,	Elles Ellas	

VARIAÇÕES

plem. ctivo	Me,	Nos.	Te,	Vos	M. O, F. A,	Os [2] As	Se
plem. nstivo	Me Mim	Nos	Te Ti	Vos	M. Elle, F. Ella, com-mum Lhe,	Elles Ellas Lhes [3]	Se Si
plem. ust.	Mim, Migo,	Nós Nosco	Ti, Tigo,	Vós Vosco	M. Elle, F. Ella,	Elles [4] Ellas	Si Sigo

Me vale por — *a mim;* TE por — *a ti;* SE por — *a si;* NOS r — *a nós;* vos por — *a vós;* ou — á minha, á tua, á sua, nossa, á vossa pessoa.

As variações da penultima linha d'este quadro são usadas no complemento circumstancial, regidas de qualquer prepo-ão; as da ultima linha vêem sempre antecedidas da prepo-ão *com*.

Me, te, o, a, nos, vos, os, as, se, como complementos directos, pregam-se:

.º postos (encliticamente) logo depois de um verbo, ou in-calados nos futuros e nos condicionaes; v. g.: *louva-me, var-te-á, louvar-se-ia.*

Entre *o, a, os, as,* e o verbo pode interpôr-se *me, te, lhe, nos, , se;* v. g.: *apresentou-m'o, apresenta-nol-o.*

Os pronomes *Eu, Tu,* nunca podem ser regime (complemento) de pre-ção alguma, embora venham precedidos d'ella; são sempre sujeito de verbo enunciado na phrase que é regime da preposição. Exemplo: *tu seres honrado é que todos te estimam; nunca tal farás sem eu permittir.*

Veja *Demonstractivos.*

Emprega-se *lhe* por *lhes,* quando encliticamente segue alguma das va-ões — *o, a, os, as;* v. g.: *dou-lh'os,* i. é, *dou-os a elles.* Veja *Concor-cia* e *Ellipse.*

Veja *Restrictivo.*

2.° precedendo o verbo, ou immediatamente ou separado d'elle pelo adverbio *não : elle me louvou, elle não te louvou, elle te não louvou*, etc.

Me, te, lhe, nos, vos, lhes, se, como complementos indirectos, empregam-se :

1.° postos (encliticamente) logo depois de um verbo, ou intercalados nos futuros e condicionaes : *responda-me, responder-te-ei, responder-lhe-ias*, etc.

2.° precedendo o verbo, ou immediatamente ou separados d'elle pelo adverbio *não* ou pelo pronome *o, a, os, as : elle me respondeu, elle te não respondeu, elle nol-o apresentou*, etc.

Os pronomes *nos, vos, lhe e lhes*, combinam-se, por euphonia, com os pronomes — *o, a, os, as*, do modo seguinte : *nol-o, nol-a, nol-os, nol-as ;* em vez de — *nos o, nos a, nos os, nos as, vol-o, vol-a, vol-os, vol-as ;* em vez de — *vos o, vos a, vos os, vos as, lh'o, lh'a* ou *lho lha*, em vez de — *lhe o, lhe a*, ou *lhes o, lhes a, lh'os, lh'as* ou *lhos, lhas*, em vez de — *lhe os, lhe as*, ou *lhes os, lhes as*.

Os complementos objectivos — *o, os, a, as*, distinguem-se do artigo, porque em quanto este annuncia o sentido determinado do appellativo, aquelles sempre recordam á ideia pessoas ou cousas de que se fallou, e precedem ou seguem immediatamente o verbo activo. Exemplos : *o sol doura a quem o vê, o sabio illumina a quem o ouve. Offendido o Senhor da grave desobediencia de Eva, sujeitou-a a privações e dor ; e desterrando-a com Adão os impediu de gosarem as venturas do Éden ; até que, vencidos de fadiga, renderam as almas a quem lh'as tinha dado*. Veja *Contracção*.

Em vez dos complementos restrictivos — *mim, ti, si, nós, vós*, precedidos em geral da preposição *de*, usamos dos adjectivos possessivos, seus derivados, — *meu, teu, seu, nosso, vosso ;* assim dizemos : *meu livro, por livro de mim ; vossa casa* por *casa de vós ; seu tio* por *tio d'elle*. Entretanto com o pronome da 3.ª pessoa diz-se ás vezes, por exemplo : *este livro é d'elle ; este bordado é d'ella ; estas casas* são *d'elle* ou *d'ella, d'elles* ou *d'ellas*, em vez de — são *suas*.

Mas se o possessivo não se refere ao sujeito da oração é melhor, não havendo equivoco, substituil-o pelas formulas *d'elle, d'ella, d'elles, d'ellas ;* v. g. : *os meninos viram o pintor e os retratos d'elle*, ou *que elle lá tinha*. Se dissessemos — *os seus retratos*, o sentido ficaria ambiguo : tanto se poderia entender pelos retratos dos meninos, como pelos do pintor.

Tambem se diz — *foi-se-me a alegria*, em vez de — *foi-se a minha alegria*. Veja *Possessivos*.

Se, si, comsigo empregam-se tambem sem valor reflexo representando a pessoa com quem fallamos e a quem tratamos na 3.ª pessoa. De igual modo os pronomes possessivos *seu, sua*

de representar a pessoa com quem fallamos e a quem
›s na 3.ª pessoa; v. g.: *espero que V. Ex.ª me tenha*
na sua graça. Leve-me o senhor comsigo; i. é, *na sua*
hia.

ronomes de que nos temos occupado tambem se cha-
efinitos, porque designam directamente as pessoas a
em referencia.
›s por tanto outros pronomes pessoaes *indefinitos*, que
terminam as pessoas ou as cousas personificadas a que
a referencia; e são: *alguem, ninguem, outrem, quem,*
uer e *se*, todos invariaveis e com a terminação corres-
te a *homem;* assim se poderá explicar porque elles si-
n — *nenhum homem* ou *nenhuma* pessoa (universal); *al-*
mem ou *alguma pessoa* (partitivo); *outro homem* ou *ou-*
oa (partitivo); *quem* (relativo) — o *homem* ou *os homens*
a pessoa ou *as pessoas que; quem?* (interrogativo) — *que*
que homens? que pessoa? que pessoas? quemquer (uni-
listributivo) — *qualquer homem, qualquer pessoa* ou *todo*
m, toda a pessoa.
ronomes *alguem, ninguem*, empregam-se algumas vezes
lo familiar: o 1.º no sentido de — pessoa d'importan-
2.º no sentido opposto; v. g.: *cuida que é alguem; são*
guens.
em só se emprega no singular; no plural substitue-se
alguma cousa; v. g.: *cuidam que são alguma cousa.*
quer significando *todos* não leva o *que* (quemquer que);
sso quemquer o sabe fazer; i. é, *todos o sabem fazer.*
Indefinitos.

onome *se* chama-se *indefinito*, quando se junta ás tercei-
ssoas dos verbos para os apassivar. Chama-se *reflexo*
denota que a acção reverte para o mesmo sujeito que
cou.
locuções uni-pessoaes equivale a — *alguem*, a *gente*, o
elle, o mundo, ou aos pluraes — *alguns*, os *homens, el-*
lividuos, pessoas, ou a um substantivo accommodado ao
da phrase. Assim quando na phrase — *diga-se a ver-*
ıpassivamos o verbo — *seja dita a verdade*, damos por
mento de causa efficiente — *pelo homem*, o que equivale
na voz activa — *diga o homem a verdade.*
rbo transitivo apassivado pelo pronome *se* emprega-se
ral, se os seres sobre que recai a acção estiverem no
Exemplo: *compraram-se muitos livros; mataram-se mui-*
s.
onome *se* indefinito não deve começar a phrase; empre-
s pois a formula — *dá-se, diz-se, faz-se;* e não: *se dá,*

se diz, se faz, etc.; mas, se o verbo estiver precedido de uma outra palavra, poderá collocar-se antes do verbo; v. g: *tambem se dá; sempre se diz; nunca se faz.*

Empregando-se algum verbo intransitivo, não pode ser passivado; é por isso que nas expressões — *Nem sempre se falla sério. Quando se é feliz, sente-se alegria*, e outros equivalentes, ou não se deve, ou não ha necessidade de apassivar o verbo.

Se a acção expressa pelo verbo póde ser praticada pelo sujeito, o verbo com o pronome *se* é reflexo; v. g.: *Pedro feriu-se*; aliás não, porque n'esta oração — *o predio caiou-se*, o sujeito não pode ter praticado a acção de *caiar-se a si*, o verbo não é pois reflexo; n'este caso o pronome *se*, ou se traduz por — *alguem* (indefinito) tomando a oração este giro: — *alguem caiou o predio*, ou serve de passivar o verbo e equivale a dizer-se — *o predio foi caiado* (por alguem); o effeito grammatical é o mesmo: o *se* ou serve de sujeito, ou de complemento de causa efficiente, como succede em qualquer oração que mudamos da voz activa para a passiva. Veja *Passiva*.

Pessoal. — Diz-se o modo infinito do verbo na sua conjugação, empregado por um idiotismo singular da nossa lingua, representando existencia ou acção por um modo indeterminado, contendo ao mesmo tempo a ideia de pessoa ou de numero. Exemplos: *seu pae deu-lhes licença para* ESTUDAREM *o que quizerem. Ha quem supponha* EXISTIREM *habitantes na lua.*

O infinito pessoal emprega-se em quatro casos:

1.º quando tem sujeito proprio e este está claro na oração do infinito, como: *para sairem os alumnos da aula é indispensavel licença do professor.*

2.º quando o verbo exprime uma acção, referida a pessoa ou pessoas determinadas, mas que não queremos designar, como: *refugiei-me em França para não me perseguirem.*

3.º quando o sujeito do verbo no modo infinito é differente do do verbo no modo finito que o determina, ou possa causar equivoco sobre qual é aquelle de quem se falla, n'esse caso, para distincção dos dois sujeitos e para evitar obscuridade na oração, a linguagem infinita toma differentes terminações pessoaes, como: *creio não seres tu perfeito; julgo termos vencido.*

Assim pois emprega-se de ordinario a forma pessoal, quando o infinito, complemento de um verbo, tem o sujeito differente do sujeito d'esse verbo.

4.º quando a oração do infinito, ou como sujeito e attributo d'outro verbo, ou como complemento de alguma preposição, se pode tomar n'um sentido mais ou menos determinado ou pessoal, como: *para me louvares com verdade, farei aquillo de que me louvas. Os maus com se louvarem não deixam de o ser.*

Ainda ha outros casos em que se empregam as formas pes-

soaes, mormente quando são exigidas pela clareza, pela emphase ou pela harmonia da oração.

Se a phrase começar por um infinito com preposição, deve antes empregar-se a forma pessoal. Exemplo: *por terem estudado pouco, ficam agora reprovados* (e não — por ter estudado pouco); não por causa da ambiguidade, mas para fazer conhecer o sujeito logo no começo da phrase.

Nos tempos pessoaes, colloca-se o pronome que serve de complemento depois do verbo e antes do sujeito; v. g.: *dizeres-me tu isso é loucura;* mas se o infinito é precedido de uma preposição, o sujeito e o complemento collocam-se antes do verbo; v. g.: *para tu me dizeres isso; sem elle me ver; antes de nós lhe escrevermos; sem tu nol-o teres dito; por nós lhes termos aconselhado.*

Tambem se pode dizer, deixando o sujeito depois do verbo: *por lhes termos nós aconselhado;* o mais geral no infinito pessoal é ficar o sujeito depois do verbo; v. g.: *ao morrer o corpo recobra a alma a liberdade.* Veja *Pessoaes.*

Pessoas. — Dizem-se pessoas as diversas inflexões dos tempos pessoaes dos verbos. São tres no singular, e outras tantas no plural — 1.ª, 2.ª e 3.ª

Servem de designar cada uma d'ellas, quando figuram no discurso, os pronomes denominados, por isso mesmo, *pessoaes*, e são:

	Sing.	Plur.
1.ª pessoa ou a que falla..........	Eu;	Nós
2.ª » ou com quem falla......	Tu;	Vós
3.ª » ou de quem se falla.....	Elle, ella; Se... invariavel.	Elles, ellas

E note-se que para o fim grammatical se consideram as cousas, como se fossem pessoas.

1.ª pessoa, singular, louvo; plural, louvamos.
2.ª pessoa, singular, louvas; plural, louvais.
3.ª pessoa, singular, louva; plural, louvam.

Louva-se, louvam-se — 3.ªs pessoas, formas reflexas ou passivas.

Assim podemos dizer *pessoa* grammatical a propriedade que o verbo tem de marcar com a sua forma a relação em que está com um sujeito da 1.ª, da 2.ª ou da 3.ª pessoa, *eu canto, tu escreves, elle* ou *ella estuda*, etc.

Peto, Phagia, Phago, Philo. —Veja *Desinencias.*

Philologia. — É a sciencia que diz principalmente res-

peito ás obras litterarias e ás linguas, debaixo do ponto de vista da erudição, da critica, dos textos e da grammatica. Occupa-se da resolução das difficuldades grammaticaes, da discussão das diversas lições e em apurar e restituir os textos dos auctores, interpretal-os, e dar-lhes emfim melhores edições.

Os estudos philologicos, espalhados no XVI seculo por toda a Europa exerceram a mais util influencia, não somente sobre a civilisação, cujos progressos muito serviram, mas tambem sobre as sciencias especiaes e positivas.

Phobia. Phobo. —Veja *Desinencias.*

Phonação. —Tem este nome o conjuncto de phenomenos, que concorrem no homem e nos animaes para a producção da voz e da palavra.

A phonação nos animaes limita-se á simples producção da voz bruta, ou do som vocal; no homem, é complicada e tem por attributo essencial a palavra ou a voz articulada.

Phonicos. — Dizem-se os elementos que concorrem para a producção da voz; no homem, a voz articulada, isto é, a palavra, cujos elementos são — *vozes* e *articulações*, ou — *vogaes* e *invogaes.*

Phonographia.—É a arte de representar por meio de lettras as vozes, tons, sons e modos que se empregam nas palavras falladas; esta collecção de signaes constitue a escriptura alphabetica.

Assim diz-se: escriptura phonetica, sons phoneticos, cujos elementos representam *vozes* ou *articulações,* ou por outros termos — *vogaes* e *invogaes.*

Phonologia.—É a parte da grammatica que se occupa das inflexões articuladas da voz humana; i. é, das vozes, tons, sons e modos elementares das palavras.

Estes diversos accidentes da voz pura ou modificada podem representar-se por simples vogaes, ou por estas incorporadas com uma ou mais invogaes.

Os grammaticos modernos, attendendo á origem d'este vocabulo são de parecer que é mais expressivo que o de *prosodia.* Phonologia deriva das duas expressões gregas —*phone* voz e *logos* tratado.

Phoro. —Veja *Desinencias.*

Photo. —Veja *Prefixos.*

Phrase. — É qualquer combinação de palavras, destinadas á expressão de uma ideia que se não quer, ou se não pode traduzir por uma unica palavra, devendo apresentar ao espirito um sentido completo; v. g.: *pureza inquebrantavel; cheio de ardente enthusiasmo.*

As qualidades necessarias ás phrases são, como nas clausulas: *correcção*, *pureza*, *clareza*, *unidade*, *força* e *harmonia.*

A phrase pode ser: *correcta*, *irregular*, *obscura*, *clara*, *pura*, *commum*, *simples*, *figurada*, *elegante*, *harmoniosa*, *baixa*, *trivial*, *energica*, *magestosa*, *estropiada*, *culta*, *alinhada*, etc.

«A phrase constitue uma *clausula*, quando separada d'outra por ponto final; e forma uma parte de clausula, quando o ponto final vem depois de duas ou mais phrases.

«Se todas ou a maior parte das clausulas de um discurso ou escripto constam de uma só phrase curta, ou de phrases curtas e desligadas, toma o estylo a forma *solta* ou *cortada;* se apresentam singela e directamente, sem symetria de partes, nem suspensão de sentido, uma phrase extensa ou varias phrases ligadas, toma o estylo a forma *ordinaria;* emfim, quando apresentam duas ou mais partes cadenciadas e dispostas artificialmente; de modo que o ouvido se deleita, e o sentido vai incompleto até á conclusão, tem o estylo a forma *periodica.*

«Será pura a phrase, se tanto na combinação das suas partes, como no seu arranjo geral, seguir o genio da lingua ou o uso constante dos homens illustrados.»

Phraseado. — Dá-se este nome ao contexto das phrases; este termo é quasi sempre tomado em sentido depreciativo, revelando o emprego de muitos ditos, periphrases, ou circumloquios pouco castiços.

Cabe o nome de phraseado ao que se enuncia em phrases de muitas palavras com adorno ou sem elle, podendo dizer-se pura e simplesmente em uma só palavra ou em mui poucas.

Phraseologia. — Diz-se o conjuncto de phrases proprias de uma lingua, ou de um escriptor, em particular, principalmente nas phrases mais elegantes e castiças do idioma em que escreve.

Estudo das phrases; modo de compor, coordenar ou ligar as palavras, segundo o uso de cada lingua.

Phrases oracionaes. —Veja *Circumstancias oracionaes.*

Physicos. — Alguns grammaticos denominam appellativos physicos os substantivos que designam individuos em attenção a suas qualidades essenciaes e constantes, como: *ho-*

mem, *flor*, *rio*, *pedra*, em opposição aos que designam os individuos pelas suas qualidades *moraes;* como : *pae*, *ministro*, *rei*, *juiz*, etc. Veja *Moraes*.

Pinturas. — Em rhetorica dizem-se os pensamentos com que o orador imita fielmente a natureza.

Ha diversos generos de pintura; a *enargueia* (ou enargia), a *descripção*, a *semelhança*, a *parabola*, a *imagem*, a *syntoma* ou *bosquejo*, a *emphase*, etc.

Plano. — Diz-se plano ou chato o estylo que se eleva um grau acima do estylo secco; faz uso de mui poucos ornatos, porque attende unicamente á força dos pensamentos; todavia, se não cuida em agradar, servindo-se de *figuras* de *harmonia*, e de outros quaesquer artificios oratorios, evita com todo o cuidado o desagradar pela seccura e dureza.

Alem da clareza, caracterisam esta especie de estylo a pureza, a propriedade e a precisão da phrase, o que é já um merecimento digno de grande estima.

A força e a vivacidade não são tambem incompativeis com o estylo plano; por isso o auctor, que d'elle faz uso, tem muitos meios para agradar.

Differe o estylo *plano* do *secco*, em que este é incapaz de empregar ornatos, e até parece ignorar em que elles consistem; ao mesmo tempo que aquelle se contenta em os não procurar, transmittindo-nos o pensamento em boa linguagem, distincta e pura.

Plena. — Diz-se a oração ou proposição, que tem expressas todas as suas partes, ou todos os seus elementos. Exemplo: *a lei vê o irado, o irado não vê a lei; a moral é a sabedoria dos seculos; o homem erra; tu és mortal.*

Pleonasmo *(redundancia)*. — Escusada repetição d'uma ideia assaz indicada; v. g.: *subir para cima; descer para baixo.*

Por esta figura occorrem muitas vezes palavras que, embora sejam desnecessarias para a perfeita expressão do pensamento, servem comtudo para lhe dar mais força ou graça. Exemplos : *lá no ceo, cá na terra; eu mesmo o vi com estes olhos; parece-me a mim; tantos outros assombros da natureza e prodigios inauditos, vistos com os olhos, palpados com as mãos e pisados com os pés.* Bastaria dizer : *No ceo; na terra; eu o vi; pareceme; vistos; palpados, pisados.*

O pleonasmo que não torna a phrase mais graciosa e mais energica é vicioso; pouco differe da *perissologia*.

São elegantes os pleonasmos seguintes : *o amigo, sócio da*

...eza, *não o achareis na adversidade. Perigos e defeitos em toda a parte os ha.*

Virtude sem trabalhos não a verás tu jámais com teus olhos.

Mas este éco da historia, que devia ser para ti como um grito de remorso, não ha ouvidos que o escutem.

Quando a repetição se emprega para asseverar a verdade, e ...a fazer crer que o testemunho dos sentidos nos não engana, ...ixa de ser vicio.

Plicar. — Veja *Desinencias.*

Ploce. — Figura que apparece, quando a mesma corres...dencia se dá nas palavras do meio de uma phrase, com as ...principio ou do fim da outra. Exemplos: *não se engana quem ...ja ser honrado; mas engana-se quem busca honra entre gente ...honra.*

...ccederá a saude á enfermidade; e vós conhecereis o que ten...ha saude.

Plume. — Veja *Desinencias.*

Plural. — Forma destinada a indicar muitos individuos. ...a das divisões do numero grammatical que designa mais ...uma pessoa ou cousa; como: *livros, homens, aves, feras, dis...ões,* etc.

O plural dos substantivos e dos adjectivos, terminados em ...al ou diphthongo, forma-se ajuntando um *s* á terminação ...singular; como: *arma, armas; maçã, maçãs; mestre, mes...res; rubi, rubis; rico, ricos; mau, maus;* etc.

EXCEPÇÕES

Os substantivos terminados em *ão* fazem o plural, uns em ..., como — *pão, pães;* outros em *ões,* como — *acção, acções;* ...ros conforme a regra geral — *irmão, irmãos.* Os adjectivos ...sta terminação formam geralmente o plural com accrescen...mento do *s,* v. g.: *são, sãos;* alguns mudam a terminação *ão* ...*ões;* como — *beirão, beirões.* Plural em *ães,* só o têem al...uns adjectivos patrios, como: *allemães, catalães.*

Os nomes substantivos e os adjectivos terminados em ...*al, ol, ul* — formam o plural mudando o *l* em *es,* como — *quin...al, quintaes; lençol, lençoes; azul, azues. Cal* faz — *cales,* ainda ...pouco usado; *mal, males; consul, consules;* e assim os com...postos d'este nome; v. g.: *proconsules, vice-consules*

...*el, il* (breve ou átono)—trocam estas terminações em *eis;* v. g.: *...pel, papeis; provavel, provaveis; projectil, projecteis; facil, ...ceis*

il (agudo ou longo)—mudam *l* em *s*, v. g.: *fuzil*, *fuzis*; *gentil*, *gentis*

m—mudam esta lettra em *ns*; v. g.: *homem*, *homens*; *bem*, *bens*; *fim*, *fins*; *bom*, *bons*; *atum*, *atuns*.

r z—accrescentam *es* a estas lettras; v. g.: *mar*, *mares*; *alvar*, *alvares*; *capaz*, *capazes*; *luz*, *luzes*

s—não alteram a terminação; v. g.: um *lapis*, dois *lapis*; muitos *alferes*. Exceptuam-se *deuses* plural de *deus* (no sentido mythologico), *duples* e *simples* que no plural fazem *duplices* e *simplices* ou *simples*.

O plural dos substantivos compostos forma-se, ou dando terminação plural á ultima palavra, como — *varapau*, *varapaus*; *malmequer*, *malmequeres*; ou dando-a a ambas as palavras componentes; v. g.: *gentil-homem*, *gentis-homens*; *couve-flor*, *couves-flores*.

Nos compostos de uma palavra invariavel seguida de um substantivo ou adjectivo, dá-se a forma de plural só ao substantivo; v. g.: *antedata*, *antedatas*; *semsaborão*, *semsaborões*; *sub-chefe*, *sub-chefes*.

Nos compostos de um verbo, seguido de um substantivo, dá-se a forma do plural só ao substantivo; v. g.: *passatempo*, *passatempos*; *porta-bandeira*, *porta-bandeiras*. Os mais com o uso.

Alguns substantivos terminados em *o*, cuja vogal accentuada é um *o* fechado, mudam no plural esse *o* fechado para *o* aberto, v. g.: *ôvo*, *óvos*; *avô* faz *avós* e tem a singularidade de representar no plural os dois pluraes de *avô* e de *avó*, i. é, dos dois sexos. *Adorno*, *bolso*, *estojo*, *folho*, *globo*, *gosto*, *molho*, e outros conservam no plural o *ô* (fechado); v. g.: *adôrnos*, *bôlsos*, etc., mas, se *molho* significar *feixe*, tanto no singular como no plural se ha de dizer, *mólho*, *mólhos*.

Os adjectivos cujas duas ultimas syllabas tiverem no singular masculino *o*, como — *grosso*, *morto*, *posto* e os terminados em *oso*, mudam o penultimo *o* que é fechado no singular — *ô* — em *ó* (aberto) no plural; v. g.: *grossos*, *mortos*, *postos*, *ditosos*, *famosos*, etc.

Caracter muda no plural o accento da 2.ª para a 3.ª syllaba — *carácter*, *caractéres*.

Canon e *ademan* fazem *canones*, *ademanes*.

Apendix ou *appendice* faz *appendices* e *index* ou *indice*, *indices*.

Nos diminutivos dos substantivos acabados em *ão*, o plural forma-se pondo tambem no plural os substantivos primitivos; v. g.: *acçãosinha*, *acçõesinhas*.

Não têem plural:

Os NOMES PROPRIOS; v. g.: *Pedro*, *Paulo*, todavia succede algu-

mas vezes serem empregados como nomes; v. g.: *dois Christos de marfim*, *morrem Scipiões nos hospitaes*, *nem Telles nem Menezes*, ou quando queremos designar ao mesmo tempo muitas pessoas do mesmo nome; v. g.: os dois *Brandões*, os *Nunes*, etc.

Os NOMES PROPRIOS DERIVADOS; v. g.: o *budhismo*, o *judaismo*, etc.

Os de SCIENCIAS E ARTES; v. g.: a *theologia*, a *philosophia*, a *pintura*, etc.

Os que exprimem IDEIAS ABSTRACTAS, tomadas individualmente; v. g.: a *pureza*, a *prudencia*, o *pejo*, etc.

QUALIDADES HABITUAES: a *fé*, a *esperança;* menos quando são tomadas pelos actos d'ellas; como: *duas fés e crenças. Deus aborrece avarezas;* i. é, os actos viciosos da avareza;

METAES E SUBSTANCIAS INORGANICAS; v. g.: *ouro, prata, hydrogeneo, azote, carbone*, etc. excepto se quizermos significar peças, artefactos, porções ou especies accidentalmente differentes, como: *estar a ferros, muitas pratas, aguas mineraes, thermaes*, etc.

PRODUCTOS ANIMAES OU VEGETAES: v. g.: *leite, mel, cera, canella*, etc.

VENTOS—*norte, sul*, etc.; algumas vezes se dá a forma plural a alguns d'estes nomes, mas figuradamente, etc.; e ha outros que nem figuradamente a podem tomar, como: *isto, isso, aquillo, tudo, outrem, nada, alguem, quem, pez*, e alguns mais terminados em *ez*, que só no singular costumam ser empregados, taes são: *tez, rapidez, sensatez, languidez*, etc.

Ha nomes que têem uma só terminação em ambos os numeros, como: *pires, ourives, caes, arraes, alferes*, etc.

Parecem ter terminação de plural muitos nomes de terras (villas e cidades); v. g.: *Abrantes, Elvas, Guimarães, Lagos, Silves*, etc.

Têem geralmente só plural os nomes que significam *pares, multidão* ou *congestão* de cousas da mesma especie; v. g.: *bragas, preces, exequias, viveres, ceroulas, algemas, caricias, febres, grelhas*, etc.

Tanto os infinitos dos verbos empregados substantivadamente e significando cousas e não acções, como as outras palavras do discurso, tomadas como substantivos, podem empregar-se no plural; v. g.: *os dares e tomares, os seus teres e haveres; isto tem seus quês; dar os amens, os setes, os oitos, os noves;* as lettras do alphabeto tomam tambem um *s* no plural *os ás, os bês*, etc.

Quando um nome é composto de dois substantivos unidos pela preposição *de*, o primeiro é que toma ordinariamente o signal de plural; v. g.: *pé-de-boi, pés-de-boi; primor d'arte, pri-*

[illegible] d'arte: mestre-d'-obra, mestres-d'-obra: flor de liz, flores de liz;

Ha nomes cujo plural ainda não está bem fixado, e por isso cada auctor os escreve a seu modo; taes são entre outros:

Calis, calix ou calice.........	calis — calices
Index, indes ou indice........	indes — indices
Ancião.....................	anciãos — anciões
Aldeão.....................	aldeãos — aldeões
Ermitão....................	ermitãos — ermitões
Cortezão...................	cortezãos — cortezões
Ademan....................	ademães — ademanes
Charlatão..................	charlatães — charlatões
Simples....................	simples — simplices
Sacristão..................	sacristães — sacristãos

Pneuma. — É a oração periodica composta de tantos membros, quantos a respiração de quem falla pode alcançar.

Poda. — Veja *Desinencias.*

Poema. — Dá-se em geral este nome a toda a composição poetica de uma certa extensão. Ordinariamente toma-se por uma epopeia ou poema épico.

Os differentes generos de taes composições podem reduzir-se a tres: *lyrico, épico* e *dramatico*, e n'estes se comprehendem todas as outras especies, que são derivações de cada um dos tres generos.

A litteratura portugueza conta muitos poemas épicos, mas onde mais se exalçam os feitos lusitanos, é nos *Lusiadas* e na *Malaca conquistada*; Camões e Menezes com seus versos sublimes deram á gloria dos Vascos da Gama e dos Albuquerques o mais vivo fulgor, que o genio poetico poderia projectar nos seculos vindoiros.

Não é menos apreciado, antes o tomaremos pelo primeiro depois dos *Lusiadas*, o *Affonso Africano*, epopeia notavel em que Vasco Mousinho de Quevedo, tomando por assumpto as cavalheirescas façanhas de Affonso v na Africa, sem se deixar dominar pelo culteranismo, que principiava a ter voga em Portugal, soube cantar com épica singeleza, mas com opulencia d'estylo, o heroe que escolhera.

Poemeto. — Este termo, diminutivo de poema, dá a ideia de — pequeno poema.

Este nome pode dar-se á preciosa composição do «Cantor

mavioso do Cantor do Gama [1]," intitulado — *Camões*, em versos de differentes medidas e a modo dramatico.

Poesia. — É a linguagem da paixão e da imaginação por meio da qual se compõem obras em verso. Viva e animada, quasi sempre sujeita a certa medida regular, mas livre das ligações ordinarias que exige o discurso unido; encerrada aliás em cadencias numerosas que augmentam sua força, a poesia surprehende o ouvido, prende a imaginação e commove o espirito; requer portanto uma linguagem aprimorada.

A historia da poesia é a historia da humanidade. Em todos os tempos o homem cantou suas alegrias e cantou suas dores, misturando a harmonia e a musica com suas lagrimas ou sorrisos.

A poesia é a incarnação do que o homem tem de mais intimo no coração e de mais divino no pensamento; do que a natureza visivel tem de mais magnifico nas imagens e de mais melodioso nos sons. É ao mesmo tempo sentimento e sensação, espirito e materia, e eis porque é a lingua completa, lingua por excellencia que prende o homem por sua humanidade toda inteira, ideia pelo espirito, sentimento pela alma, imagem pela imaginação e musica pelo ouvido.

Os generos de poesia cultivados em nossos dias são: o acrostico, a cantata, a canção, a cançoneta, a charada, a egloga, a elegia, o epigramma, o epitaphio, o epithalamio, a epistola, o idyllio, o madrigal, a ode, o quarteto, a quintilha, a redondilha, etc.

Os generos de poesia em que se exercitava o genio de nossos antepassados eram: o acrostico, a ballada, a bucolica, o cantico, a canção, a copla, a decima, a desgarrada, o distico, a egloga, a elegia, a endeixa, a estancia, o enigma, o epigramma, o epitaphio, a epistola, o idyllio, o madrigal, a ode, a redondilha, a satyra, o solau, o soneto, a xacara, etc.

Do uso popular tivemos o fado, o fandango saloio, a giralda, a caninha verde, a ciranda, o landum, a xacota, a rebaldeira, as janeiras, as maias, as barcas, as serranilhas.

A poesia representando-nos um mundo melhor e mais seductor do que a realidade, produz em nós as deliciosas commoções do bello, especialmente do bello moral; e esse é o seu fim.

O bello encanta-nos, faz-se amar, esclarece-nos, exalta as nossas melhores faculdades, e até algumas vezes impelle-as á producção d'obras igualmente bellas; e por isso a poesia, attingindo aquelle fim, desempenha tambem a missão moral e civilisadora de purificar a nossa alma, fortalecel-a, eleval-a e im-

[1] Visconde d'Almeida Garrett.

pellil-a para a perfectibilidade. Cria uma linguagem sua, brilhante, poderosa, expressiva no mais alto ponto e elevada á altura das creações inspiradas, engrandecida e distincta da mais elevada prosa, pelo uso exclusivo de certas palavras, pela exclusão de outras que repelle como baixas, pela maior ousadia na reproducção e innovação de outras, pelo maior arrojo nas inversões, pela frequencia e maior atrevimento nas imagens, tropos e figuras, e finalmente pelo uso de certas licenças permittidas só ao verso, como tirar e acrescentar lettras ás palavras, mudar os tempos dos verbos, etc.

Nascida com o homem, a poesia transforma-se, mas não morre; e ou nos versos da poesia lyrica e dos poemas narrativos, ou na prosa do drama, da comedia e do romance, continuará, exprimindo o bello ideal da natureza, a derramar em nossa alma as puras e deliciosas commoções do bello, e a satisfazer ao nobilissimo fim de tornar melhor o homem.

A antiga poesia portugueza deixou-nos cinco reliquias encontradas no *Cancioneiro* do Conde de Marialva:

A Canção do Figueiral, anterior ao seculo xv. Começa:

No figueiral figueiredo, a no figueiral entrey,
seis ninhas encontrara, seis ninhas encontrei,
para elas andara, para elas andei,
lhorando las achara, lhorando las achei;
logo las percurara, logo las percurei
quem las mal tratava y a tam mala lei?

No figueiral figueiredo, a no figueiral entrei,
Uma repricava: «Infançom non sei,
mal cunusse la terra que teme ó mal rei;
s'eu las armas usara, ya mi fee nom sei

e n'este theor vai seguindo.

O *Poema da Cava* ou da *Perda d'Hespanha*, que muitos julgam do tempo da invasão sarracena, é um fragmento de poesia épica; a 1.ª oitava diz assim:

O rouço da Cava imprio de tal sanha.
A Juliam e Oppas a saa grey daninhos,
Que ensombra co os netos d'Agar fornesinhos
Huãa atimarom prasmada façanha;
Cáa Muça e Zariph com basta companha
De Jussu da sina de Miramolino
Cá falso Infançono e Prestes malino
De Cepta aduxerom ao Solar de Espanha.

A *Canção de Gonçalo Hermingues*, sobre as aventuras de Oriana. Suppõe-se dos fins do seculo xiv. Começa assim:

Tinherabos, nom tinherabos
Tal a tal cá assoma,
Tinheradesme nom tinheradesme;
De la vinherades de ca filharedes
Ca amabia tudo em soma

Per mil goivos trebelhando
Ov, oy bos lombrego,
Algorem se cada folgança
Asmei eu: perque do terrenho
Nom ha hi tal perchego.

inúa.

.ª *carta de Egas Moniz Coelho* a D. Violante, quando o partiu para Coimbra, que é do theor seguinte:

Picaredes bos embora
Taom coitada
Que eu boime per hi fora
De longada

Baese o bulto de mei corpo,
Mas ei non
Que os çocos bos finca morto
O coraçom, etc., etc.

.ª *carta* depois do regresso de Coimbra, e conhecida a inão de D. Violante, reza assim:

Bem satisfeita ficades
Corpo de oiro,
Alegrade a quem amades
Que eu já moiro.

Ei bos rogo bos lembredes
Ca bos quije,
A que dolos nom abedes
Que bos ilge.

Cambastes a Pertigal
Por Castilla.
Etc., etc.

tas duas composições do mesmo genero da canção antete pertencem ao seculo XIV; são curiosos monumentos que eixaram os trovadores dos seculos XII a XIV, pertencentes hola provençal, tambem chamada galleciana pela communde ideias poeticas em Provença e Galliza, *caracterisada alliança das tradições classicas com a paixão da alma mo;; pelo objecto dos seus cantares que é o amor; pela affeo e cultismo que a separam da poesia popular do tempo; influencia da lingua d'oc; pela rudez da linguagem e pelo cado da sua poetica que se perde em casuisticas amorosas, rtificios metricos; canções, serranas, dizeres, alvoradas, selas, solaus, descorts, ritornellos, sirventes joc-partis,* etc.

ra conhecimento e analyse da poesia provençal devem lar-se os *Cancioneiros* e os *Nobiliarios;* depois consulte-se o *Poetas Palacianos* do sr. Theophilo Braga.

eschola provençal no seculo XV é já, pela influencia de Peha, cheia de phrases eruditas e sentimentaes; sua lingua-

gem formosa e pittoresca apresenta uma nova phase que nos é conhecida pelo *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende* publicado em 1516, citado a paginas 354 no artigo *Litteratura*.

Veja n'este artigo as secções — Poesia e Poetas.

Poeta. — É assim chamado o que falla ou escreve em verso.

Diz-se lyrico, dramatico, tragico, épico, comico, elegiaco, satyrico, burlesco, etc., conforme o genero em que se compõe.

A differença que pode notar-se entre o poeta e o prosador, é que o primeiro apregôa que quer agradar; e, se instrue, parece encobrir que fôra esse o seu projecto; o segundo, pelo contrario, apregoa que quer instruir; e, se agrada, não parece ter formado semelhante designio.

O poeta aspira sempre ao bello ideal: se descreve, pinta realisando com o pincel; se falla, dá á palavra um poder expressivo, e uma ordem acima do commum. São pois essencialmente necessarias ao poeta: uma imaginação viva, que reproduzindo vivamente os objectos ausentes, e combinando-os de maneiras variadas, forme d'ellas um typo ideal de belleza; e exaltando-se até ao grau que se denomina enthusiasmo, cinja d'amor esse typo e se apaixone por elle, como Promoteu pela sua estatua; uma sensibilidade ardente, que se resinta das melhores bellezas e defeitos, e apaixonando-se facilmente pelas obras da imaginação, irradie sobre ellas alma, movimento e vida.

No artigo *Litteratura* encontrarão os estudiosos os nomes dos nossos mais notaveis poetas, desde Bernardim Ribeiro até ao sr. João de Lemos, o mais respeitavel familiar das musas lusitanas.

Poetica. — Dá-se este nome á exposição methodica dos principios da poesia e das regras da versificação, ou á collecção de preceitos que podem auxiliar o poeta nas suas diversas composições.

Poetico. — Diz-se o estylo que geralmente se distingue da prosa pelo uso exclusivo de certas phrases; pela exclusão de outras; pelo atrevimento da innovação e reproducção de palavras; pelo arrojo das transposições; pela frequencia e ousadia nas imagens, tropos e figuras; e finalmente pelo uso de certas licenças permittidas só ao verso.

D'aqui a liberdade que tomam os espiritos aventurosos para transpor os limites, em que pretendem que seu genio está apertado.

Pola, Poli. — Veja *Desinencias*.

r. — Veja *Prefixos.*

rglotta. — Diz-se o que está escripto ou impresso em linguas. *Diccionario, biblia, obra, traducção polyglotta.* em se dá o nome de *polyglotta* ao que sabe fallar ou r muitas linguas.

yptoton ou **Derivação.** — Figura que repete as ı palavras, variando-as pelos seus differentes acciden-ircumstancias. Exemplos :

«O Mir-almuminim só não fugiu ;
«Porque antes de fugir lhe foge a vida.

«Já co'as infestas armas pelejando,
«A lança á lança oppõem, o peito ao peito.

«No mar tanta tormenta e tanto damno,
«Tantas vezes a morte apercebida !
«Na terra tanta guerra, tanto engano,
«Tanta necessidade aborrecida !

ysyllabos. — Palavras compostas de mais de tres ı ; v. g. : *caridade, constituição, perpetuamente*, etc. se considerado a formação e a multiplicidade dos po-bos em uma lingua, como indicio da civilisação dos po-ı a fallam.

ysyndeton. — Figura de rhetorica que consiste em a mesma conjuncção em muitas phrases seguidas.

Viuva, e triste e posta em vida escura

Suspira, e chora, e cança, e geme e sua.

figura é propria para amontoar ideias importantes. os : *até esta hora padecemos fome e sede e desnudez e maus itos e não temos morada estavel e trabalhamos por nossas ı mãos com assaz fadiga.*
n ingenho ha de ter agudeza e subtileza e força e veloci-as isto ha de ser para o conhecimento de coisas provei-

poso. — Veja *Sublime.*

to. — Pequeno signal que se emprega sobre o *i*, como aram sabendo desde os primeiros ensaios de leitura ou ota ; o mesmo que se emprega no fim de uma phrase, ou le completo um sentido ou pensamento, em vista do emos pausa maior na leitura ou na recitação.

Toda a phrase final, toda a proposição, cujo sentido é
pleto e independente das proposições que se seguem, dev
minar por um ponto.

Ha quatro qualidades de pontos: *ponto simples* ou *fina*
ponto interrogativo ou *de interrogação* (?); *ponto exclamati*
de exclamação, admirativo ou *de admiração* (!); e *pon*
abreviatura.

O ponto final ou simples, que é o de que aqui tratamos
jeito á influencia das proposições, deve-se pôr no fim de t
os periodos, em que os seus differentes membros, ou p
subalternas principaes, tenham sido divididos por ponto e
gula, ou dois pontos, e em que o sentido da proposição, o
riodo, esteja completo; emfim, por via de regra, colloca
ponto no fim de todas as phrases, periodos ou proposições
são inteiramente independentes do que se segue, ou que só
elle têem relação pela conveniencia e semelhança do obje
analogia geral das ideias.

Ponto de abreviatura. — Emprega-se este s
orthographico para abreviar uma palavra, seguindo-se a
tuação que a mesma devesse ter, quando escripta por ext
v. g.: — Lagos, cid. do Algarve; 7:500 habit.; duas f
aquartelamento do reg. d'inf. n.º 15; estç. teleg.; patri
celebre navegador port., Gil Eanes, e do actual patriarcl
Lx.ª, etc.

Ponto de admiração. — Signal que se empreg
fim das phrases que exprimem transporte subito, surp
compaixão, indignação, exclamação, terror, ou algum
sentimento profundo e affectuoso, como ternura, piedade

«Bem puderas, ó sol, da vista d'estes
«Teus raios apartar aquelle dia,
«Como da seva mesa de Thyestes,
«Quando os filhos por mão de Atreu comia!
«Vós, ó concavos valles, que pudestes
«A voz extrema ouvir da boca fria,
«O nome do seu Pedro que lhe ouvistes,
«Por muito grande espaço repetistes!

E o passado deixando cair o seu immenso sudario, er
em pé, e pondo-se deante do que medita, diz-lhe: — Aqui
eu!

Ah Senhor, quantos falsos testemunhos vos levantam! Qu
vezes ouço dizer, que dizeis o que nunca dissestes! Quantas
ouço dizer, que são palavras vossas, o que são imaginaçõ
nhas: que me não quero excluir d'este numero!

Veja *Exclamação, Interjeição.*

Ha muitas phrases que exprimem ao mesmo tempo interrogação e admiração. Para estas se carece de um signal particular, que ainda não está em uso, nem até inventado. Este *tom* do discurso se pode mui bem fazer perceber ao leitor, usando conjunctamente de ambos os pontos, interrogativo e admirativo, como na seguinte passagem : *que me faça respeitar dos pobres, gastando em minha pessoa, e tirando aos mesmos pobres aquillo com que os posso remediar e manter ? ! Que metta, em ataviar criados, doirar baixellas, e ornar paredes mortas, o cabedal com que posso amparar a orphã, soccorrer a viuva e vestir paredes vivas ? ! Que empregue tempo e cuidado em apparato de mesa, e mestres de cozinha, para que sobejem potagens, que desbaratam a saude, e aos pobres não matam a fome ? ! Quem não vê que isto são preceitos gentilicos ? !*

Ponto de interrogação. — Mostra que o discurso acaba em tom interrogativo, i. é, depois de uma interrogação ou pergunta.

Que novas nos trazes, Vellido ? Qual caminho seguem os arabes ?

São muitos ou poucos os inimigos ? A que distancia se acham ?

Dos exemplos dados se vê que se deve pôr este signal no fim de qualquer proposição, phrase, ou palavra com que se pergunta alguma cousa.

Alguns auctores modernos têem adoptado, no começo das phrases interrogativas, o ponto de interrogação voltado, como se usa na litteratura hespanhola *¿Quem está ahi ?*

Mas quando as interrogações são tão curtas, que se podem submetter a um golpe unico de vista, como a que demos para exemplo, achamos inteiramente escusado o signal (¿) que a precede.

Ha muitas phrases que exprimem ao mesmo tempo interrogação e admiração. Veja *Ponto de admiração*.

Ponto d'exclamação. — Veja *Ponto de admiração*.

Ponto e virgula. — Indica uma pausa maior que a da virgula, sem se abaixar nem levantar a voz.

Extrema os membros do periodo, em que haja orações annexas já divididas por virgulas, mormente seguindo-se as conjuncções *mas, porém, todavia,* etc. Exemplo : *Moysés tinha previsto o perigo. Em vez de sair directamente pelo isthmo de Suez, dirige-se pelo meio dia, para desconcertar os planos do inimigo; mas, apertado nas costas do mar Vermelho...*

Separa dois membros do periodo de sentido contrario. Exemplo :

O menino Ismael desamparado no deserto, não lemos que pedisse agua: sua mãe Agar sim, que a pedia com vozes e lagrimas.

Divide uma serie de membros similhantes, ligados pela conjuncção copulativa *e*, clara ou occulta. Exemplo: *das rochas aridas espadanam as fontes; do ceo chove o maná; as hordas barbaras dos amalecitas são dispersas; tres mezes de marcha conduzem...*

E tambem uma serie de termos, ou de complementos sob a mesma regencia, principalmente sendo uns e outros extensos.

. . . .

Quando as partes principaes em que uma proposição é dividida, são subdivididas em partes subalternas, devem estas ser separadas entre si por virgula, e as partes principaes por ponto e virgula: pois que esse caracter indica uma pausa pouco maior que a virgula, como melhor se percebe do seguinte exemplo: *Se alguem visse, desde um ponto eminente, todas as mudanças, que no mundo succedem em espaço de meia hora, que admirado ficaria de ver a variedade, com que esta roda se revolve! Veria aqui prazeres, acolá festas; aqui banquetes, acolá brigas; aqui desposorios, e logo enterros; por uma parte batalhando, por outra marchando armadas; estes edificam, aquell'outros destroem; estes sobem pelos degraus da honra, aquelles descem:* etc.

Pontuação. — É a arte de indicar na escriptura, por signaes ou notas convencionaes, a proporção das pausas, que devemos fazer, lendo, fallando, ou escrevendo, afim de tornarmos o discurso mais claro, separando as phrases e os membros da phrase, conforme a ordem e ligação dos pensamentos.

Cicero disse no seu 3.º livro, que taes notas são destinadas para mostrar o repouso e as medidas: porque será bellissimo aquelle discurso, que tiver uma boa ordem e natural, com judiciosa e propria junctura, e com cadencia justa e harmoniosa: o que tudo por semelhantes signaes, sómente, se pode fazer perceber.

A pontuação consola e dirige o leitor, indica-lhe os logares, onde convem descançar, para tomar a respiração, e quanto tempo devem durar estas pausas. Isto concorre muito para a boa intelligencia, de modo que tanto o homem de mais agudeza, como o de menos possa entender o que lê, havendo muitos casos, em que o sentido de um bello discurso não seria percebido, nem pelo douto, nem pelo indouto, se lhe tirassem a pontuação.

Assim como fallamos para ser entendidos, assim tambem escrevemos para transmittir aos ausentes os nossos pensamentos de modo intelligivel. Ora, a palavra escripta é como a palavra pronunciada. Os signaes da pontuação na escriptura, e o des-

ıo **discurso** correspondem-se mutuamente, e igual-
n **a união,** ou desunião das ideias: e assim, tanto
e **haveria** em supprimir, ou collocar erradamente
a **os signaes da** pontuação, como em supprimir ou
no **discurso** o descanço da voz.

rthographia diz João de Barros: — uma das cousas
la **orthographia,** pela qual entendemos a escriptu-
tar **das partes,** e clausulas, em que os latinos mos-
:a **diligencia.** É dado, prosegue o mesmo autor, que
:nto, **pela maior** parte, quando imos lendo qualquer
elle **vai fazendo** os pontos que se requerem, sem os
vezes os mesmos pontos lhe fazem sentir a verdade
ão de Barros dá então o exemplo de uma dicção
ica **em** que, tirados os pontos, ou mal collocados, se
ler **o contrario** do que se queria dizer. Eis o exem-

ıras de Luthero nunca obedecer ao papa é o mais se-
ı salvação.

ıodo pode-se pontuar de dois modos, que dão dois
ıtrarios.

ı **obras** de Luthero, nunca! Obedecer ao papa é o
ı **para** a salvação.

ı **obras** de Luthero; nunca obedecer ao papa, é o
ı **para** a salvação.

ıtro exemplo. Quando S. Marcos refere a resurrei-
ıs Christo, diz: *resuscitou; não está aqui.*

rvirdes de outra pontuação, n'este periodo, fareis o
fallar, como se fosse um incredulo: — *resuscitou?*
ıqui.

ca **dito** se conhece, não só a necessidade da pontua-
mbem a de empregar os signaes d'ella correctamen-
a **sorte** entender-se-á muitas vezes o contrario do
ıos **dizer.**

pontuação é portanto da mais alta importancia,
nprego inopportuno, o abuso ou a omissão dos si-
: dar á phrase ou ao discurso um sentido inteira-
ente do que se quer exprimir.

os signaes de que nos servimos na escriptura:
ı — (;) ponto e virgula — (.) ponto final — (:) dois
) **ponto** de interrogação — (!) ponto de admiração
mação — (') apostropho — (*) asterisco — („) vir-
das — [( )] parenthesis — (—) hyphen ou risca de
.) reticencia — (• •) trema — (§) paragrapho —
circumflexo — (´) accento agudo — (`) accento
m **portuguez** já se não usa — (˜) til e (¸) cedilha.

ja *Para, Per, Prefixos.*

Porta. — Veja *Prefixos*.

Portar. — Veja *Desinencias*.

Pos. — Veja *Prefixos*.

Positivo ou **Normal.** — Diz-se o adjectivo na sua fórma [illegible] que enuncia absolutamente propriedade ou qualidade ora essencial, ora accidental, mas sem augmento nem diminuição, como: *justo, estudioso, sabio*.

Este [illegible] significação nos adjectivos e nos adverbios que admittem comparação: qualifica ou modifica simplesmente.

Pospositiva. — Diz-se a particula ou conjuncção que se emprega precedida de uma ou mais dicções, como succede muitas vezes nas seguintes: — *pois, porem, portanto, tambem, todavia, comtudo*, etc. v. g.: *ainda que fossem gentios tiveram porem* [illegible] *Sebastião pois que elle foi o vencedor, seguese* [illegible] *V. Alteza for todavia a que tem mostrado*, etc.

Possessivos. — Dos pronomes pessoaes, no singular e no plural, se formam os adjectivos possessivos, que qualificam os substantivos como cousa possuida, ou pertença de um possuidor representado na pessoa do pronome pessoal donde respectivamente se derivam.

São os seguintes, que se chamam por isso derivados:

Meu, minha	correspondente de cousa de	*mim*, ou que *me* pertence
Nosso, nossa		*nós*, ou que *nos* pertence
Teu, tua		*ti*, ou que *te* pertence
Vosso, vossa		*vós*, ou que *vos* pertence
Seu, sua		*si*, ou que pertence a *si* (reflexo)
Cujo, cuja	cousa do	*qual*, da *qual*, etc. (relativo).

Os possessivos em regra collocam-se antes dos substantivos.

Em certas locuções os possessivos collocados antes dos substantivos têem significação activa, por ex.: *minhas saudades*, saudades que eu tenho por alguem, e collocados depois têem significação passiva, como: *saudades minhas*, saudades de outrem por mim.

(1) O pronome possessivo *seu, sua* serve tambem de representar a pessoa [illegible] com quem tratamos na 3.ª pessoa. *Espero que V. Ex.ª* [illegible]

Veja *Pronomes*.

Complemento, Restrictivo, Substantivar — Directa (con-o).

as vezes se emprega um complemento indirecto (sobre ronomes pessoaes) ligado ao verbo, em vez de se ligar essivo a um substantivo, v. g.: *doe-me a cabeça,* em — *doe a minha cabeça.*
ca-nos *tambem na amada terra o coração,* em vez de — *o nosso coração.* D'este modo dá-se realce á ideia de que o acontece em proveito ou damno do complemento indi-

a. — Veja *Após.*

atica. — Tomado em accepção especial ou restricta, si- este nome conversação ou discurso breve, quer fallado, escripto entre varias pessoas.
ifica-se como o dialogo, segundo a materia de que se

o. — Veja *Prefixos.*

ambulo. — Parte preliminar de uma obra ou dis- em que são expostos os motivos, as razões, a utilidade . assumpto que vai ler-se ou ouvir-se. Veja *Prologo,* io.

ecisão. — É uma qualidade geral do estylo que deve trar-se em todos os generos, e sempre bem aceita; uma ião tal que nada dispensa do que é util.
iste a precisão em não empregar nem mais nem menos as, do que as necessarias para a conveniente expressão samento. Tudo que é de mais prejudica a clareza, ou enos a força; porque cança e confunde o espirito, e de- a phrase tornando-a arrastada; tudo o que falta, é um á clareza, ou pelo menos ao ornato, se este fôr necessa-

precisão uma das principaes qualidades que devem ter osições historicas; exige ella que o historiador, ao e se demora, pondo em relevo os factos e circumstan- portantes, omitta ou passe rapidamente os factos e cir- ncias, e da sua apresentação pelo lado mais luminoso, e a perfeição da *pintura historica,* que faz comprehen- ito melhor os factos e a indole dos tempos passados, do a narração muito miuda e completa, mas descolorida e ivo.
mos ser parcos nas palavras, quando os objectos são ta-

predicativo do sujeito; v. g.: *O duque de Bragança D. João era pela côrte supposto incapaz de qualquer pensamento ousado.*

«Com alguns verbos o nome predicativo pode ligar-se ao verbo por meio da particula *como*; v. g.: *considerar uma cousa como justa.*

«Com alguns verbos a qualificação de complemento directo, em logar de ser simples nome predicativo pode ser regida da preposição *por*, e tambem *para* (exprimindo-se um fim), v. g.: instituir alguem por herdeiro. O emprego de *por* (ou *como*) é obrigatorio com os verbos *ter* e *haver* na accepção de julgar, suppor, e com os verbos *dar* e *tomar* e seus synonymos: *ter alguem por feliz.*

«O nome predicativo é ás vezes substituido por expressões equivalentes: *Os historiadores reputam* D. João III de intelligencia apoucada.

A estas regras, que vieram prejudicar a definição de *predicativo*, seguem outras concernentes á concordancia.
Veja este artigo.

Predominante ou **Tonica.** — Diz-se a syllaba, accento ou pausa n'um vocabulo em que parecemos insistir, ou deter-nos mais, v. g.: em *louvo*, a 1.ª; em *louvando*, a 2.ª; em *louvador*, a 3.ª; em *omnipotente*, a 4.ª; em *extravagantissimo*, a 5.ª etc.

Se essa syllaba é a ultima (pode ser unica), a palavra diz-se *aguda*,— *dá*, *rei*, *José*, *colossal*, *edificação*, etc.; se é a penultima, diz-se *inteira* — *dote*, *cavaco*, *similhança*; se é a antepenultima, diz-se *esdruxula* — *pallida*, *pyramide*, *condiscipulo*.

Tem pois a lingua portugueza tres especies de palavras, que dos accentos finaes de que constam se chamam *agudas*, *graves* e *esdruxulas* ou *dactilicas*, e de cuja optima escolha sobre maneira depende o primor da elocução, e o perfeito imitativo do discurso.

Nas palavras de duas ou mais syllabas, é geralmente *predominante* ou *tonica* a penultima; é porém a antepenultima:

1.º nas 1.as pessoas do plural dos verbos nos tempos e vozes seguintes — *louvavamos*, *louvaramos*, *louvariamos*, *louvassemos*.

2.º nos superlativos; v. g.: *carissimo*, *optimo*.

3.º nos adjectivos terminados em *aco*, *ica*, *ico*; v. g.: *maniaco*, *rachitica*, *mathematico*.

4.º nas palavras terminadas em *eo*, *io*, *oa*, *ua*, *uo*.

5.º em certos adjectivos derivados do latim, como: *esqualido*, *pallido*, *timido*, *fervido*, *magnifico*, *grandiloquo*, *quadruplo*, *quintuplo* e nos da mesma origem com a terminação seguinte:

cola, fero, fugo, geno, gena, gero, paro, peto, sono, ulo, ula, volo, vomo, voro.

6.º em alguns nomes de litteratura, sciencia e artes, derivados do grego com as terminações seguintes *ada, allage, gamo, grapho, gono, logo, meno, metro, nomo, onymo, phago, phalo, phono, phora, phrase, poda, ptero, scopo, sporo, stole, strophe, stylo, syllabo, these, tono.*

7.º em algumas palavras derivadas do arabe, hebraico, e outras linguas orientaes, como: *alcaçova, alfandega, azemola, cafila, canhamo, chavena, chicara, ébano, mascara,* etc.

É predominante a ultima nas palavras terminadas nas vogaes e diphthongos seguintes:

i, u, (exceptuam-se — *quasi, tribu); ã, im, um, au, eu, iu, oi, ou, ão,* e as syllabas finaes seguintes: *al, el, il,* (agudo) *ol, ul,* e a penultima dos adjectivos terminados em *vel* (bem que seja o *e* aberto), e *il* breve (exceptuam-se dos primeiros — *Annibal, Setubal, Tentugal, consul); ar, er, ir, or, ur,* (exceptuam-se — *alcaçar, almiscar, ambar, nectar, aljofar, assucar, impar, Cesar, nectar, caracter, cadaver, acer, martyr),* cujo accento é na penultima; *is,* plural dos nomes acabados no singular em *il* agudo; *az, ez, iz, oz, uz.*

Não têem accento predominante as enclyticas *me, te, se, lhe, lhes, o, a, os, as, de, que, por, porque,* que se pronunciam brandamente appoiadas na palavra proxima, parecendo um só vocabulo. Exceptuam-se *que* e *porque* estando no fim de phrase, porque n'este caso o som predominante está no *e,* que se pronuncia *quê,* e tambem o *que* da seguinte phrase — *acho-lhe um não sei quê de rude e selvagem.*

Algumas vezes, ainda que raras, pode achar-se o accento predominante sobre a preantepenultima syllaba nos verbos seguidos de pronomes ligados por traços de união, os quaes devem, n'este caso, pronunciar-se como fazendo corpo com o verbo; ex.: *mandava-se-lhe, dizendo-nol-o, afigura-se-nos,* etc.

Mais de um accento predominante só existe em palavras compostas, como *bemaventurança, horridamente.*

A terminação *em* é breve na 3.ª pessoa do plural dos verbos ex: *louvem, devem, applaudem;* e geralmente no fim dos substantivos, exceptuam-se *armazem, desdem, parabem, vintem* e poucos mais, em que o accento predominante está na ultima, como igualmente se encontra nas particulas *tambem, porém, além, áquem.* Tem o accento na penultima o adverbio *hontem.*

As palavras terminadas em vogal não têem o accento predominante na ultima syllaba, se esta não estiver accentuada.

Todas as palavras terminadas em dipthongo nasal têem o dito accento na ultima syllaba estejam ellas no plural ou no singular. Exceptuam-se *bençãos, orphão, rabão, orgão, sotão,*

Condição, *Estação*, que têem o accento predominante na penultima syllaba.

Se, passando ao plural ou ao feminino, a palavra toma uma syllaba mais, o accento não muda por isso, v. g.: *cicatriz*, *cicatrizes*; *cadaver*, *cadaveres*; *portuguez*, *portugueza*, *traidor*, *traidora*; de sorte que se a syllaba accentuada no singular ou no masculino era a ultima, torna-se penultima no plural ou no feminino; e se penultima torna-se ante-penultima.

Raras são as excepções a esta regra: citaremos *caracter* que no plural faz *caractéres* (que muitos dizem *carácteres*). Aqui o accento muda de logar com a addição da syllaba.

O verso toma o nome de *agudo*, *inteiro* ou *grave*, e *esdruxulo*, segundo o ultimo accento predominante é na ultima, penultima ou antepenultima syllaba:

Têem o accento predominante na 6.ª e 13.ª os versos de 17 syllabas, que são raros; na 6.ª e 12.ª, os de 13 ou alexandrinos; na 5.ª e 11.ª, os de 12 ou de arte maior; na 6.ª e 10.ª, ou na 2.ª, 6.ª e 10.ª, ou na 3.ª, 6.ª e 10.ª, ou na 2.ª, 4.ª, 8.ª e 10.ª, ou na 1.ª, 8.ª e 10.ª, os de 11 syllabas ou hendecasyllabos; na 5.ª, 6.ª e 9.ª os de 10; na 4.ª e 8.ª os de 9; na 3.ª e 7.ª, ou na 2.ª e 7.ª, ou na 1.ª e 7.ª os de 8 ou redondilha maior; na 6.ª os de 7 ou heroico quebrado ou menor; na 2.ª e 5.ª ou na 3.ª e 5.ª os de 6 ou redondilha menor; na 1.ª e 4.ª ou na 2.ª e 4.ª os de 5 ou quebrado de 5 syllabas; na 3.ª os de 4 ou redondilha pequena; na 2.ª os de 3, ou trissyllabos; na 1.ª os de 2 ou dissyllabos.

O verso terá tanto maior sonoridade, quanto maior for o numero de accentos predominantes que tiver em vogaes variadas: os accentos predominantes necessarios para a musica do verso podem tambem fazer-se em monosyllabos, mas só quando estes sejam agudos, e o sentido da phrase deixe parar n'elles a leitura ou recitação.

Prefacio, Prologo. — Estas palavras pertencem á litteratura, ou, para melhor dizer, aos livros considerados materialmente. O *prefacio* ou *prefação* d'um livro é a introducção na materia de que n'elle deve tratar-se. O *prologo* é realmente uma advertencia, por meio da qual se instrue ao leitor da materia que vai a tratar o escriptor, e do objecto e modo de fazel-o. Os livros religiosos ordinariamente têem *prefacios*; os profanos, *prologos*.

Tambem se dá o nome de *Prefacio* áquella parte da missa que immediatamente precede ao *Canon*.

Prefixos. — São as syllabas, particulas ou preposições, que se antepõem ás palavras simples, formando ambas palavras compostas.

trucção de grande numero de palavras portuguezas, ıxilio de algum ou de todos os elementos — *infixo*, iz e *suffixo;* e isto recommenda quanto importa coalor de cada um d'estes elementos.

xos de que n'este artigo nos occupamos, modificam nte a significação das palavras simples a que se gando-lhes diversas ideias accessorias; e podem ser compostos. Nota-se no seguinte quadro o que deiosto.

PREFIXOS SIMPLES	VERBO
Com, De, Dis, In.[1]	pôr
'ro, Re, Soto, Sup, Trans.............	
PREFIXOS COMPOSTOS[2]	
escom, Indis, Predis, Recom..........	

xos *ad, con, in, ob, sub*, na composição mudam, por *d, n, b*, na lettra por que principiam as palavras raue estão unidos[1], ordinariamente havidas de transtina, já assim compostas; como: *acclamar, accusar; conta; aggravar, aggredir; allocução, alludir; annuir, apparecer, applicar; asseverar, assumpto; attender, collecção, collocar; corromper, corruptor; illicito, ilninente, immovel; irracional, irregular; occasião, opmbir, supplicar;* etc.

ca-d'união.

ixos portuguezes são: *a, abs, ad, ante, anti, archi, cum, com* (con, co), *contra, de, des, di, dis, e, es, en*n, in), *entre, ex, extra, in* (im), *inter, intro, mal, ob*, o), *per, pre, pro, re, retro, sob*, (so, soc, sota, soto, sup, sur), *sobre, super, trans*, (tras, tres), *ultra, vice*,)'estes os principaes são: *a, de, des, es, in, re.*

dmittidos em nossa lingua os seguintes prefixos de ina ou grega, com as differentes significações que adas para cada um:

APROXIMAÇÃO; v. g.: *abordar, avizinhar-se.*

GMENTO, INTENSIDADE; v. g.: *afadigar, atormentar.*

SVIO, SEPARAÇÃO; v. g.: *amover, apartar.*

SPOSIÇÃO, COLLOCAÇÃO, ADORNO; v. g.: *abalizar, abarhar, abainhar.*

EGANCIA, EUPHONIA; v. g.: *acalmar, animar, atambor.*

ITAÇÃO; v. g.; *acolchoar, afidalgar.*

---

[1] ou preposição *in* muda o *n* em *m* antes de *b, p, m.*

[2] prefixos; não confunda com *infixo*, quasi sempre formado por ı — *cama-z-i-nha.*

— 7.º inclusão, multidão; *abarcar, abraçar, alistar, ani*
— 8.º negação, privação; v. g.: *atheu, acephalo.*
— 9.º oppressão, perseguição; v. g.: *acoimar, acutilar*
— 10.º prolongação; v. g.: *alongar, aprazar.*
— 11.º reducção a..., mudança; v. g.: *acurvar, adelgaç*
Veja lettra A.
AB — 1.º augmento, intensidade; v. g.: *abominar, abor*
— 2.º apartamento, desvio, separação; v. g.: *abdicar, ração, aborto, abuso.*
— 3.º significação contraria ou opposta; v. g.: *abjura*
ABS — privação, separação; v. g.: *abster-se, abstrair.*
ACRO — elevação, extremo; v. g.: *acrobata, acrolith*
AD — 1.º augmento, intensidade; v. g.: *accelerar, agg alliviar.*
— 2.º destino, direcção; v. g.: *adduzir, allocução, attr*
— 3.º mudança; v. g.: *arruinar, attenuar.*
— 4.º opposição, perseguição; v. g.: *affrontar, arrem*
— 5.º proximidade, união; v. g.: *affixar, approximar, ciar.*
— 6.º uniformidade; *acceder, acclamar.*
ALTI — altamente, em estylo elevado, em voz alta; *altiloquo, altisono.*
AMBI — dualidade; v. g.: *ambidextro.*
AMPHI — dois; v. g.: *amphibio.*
ANA — 1.º accrescimo; v. g.: *anaddir.* — 2.º em ci cima; v. g.: *anáthema.* — 3.º entre, por entre; v. g.: *ana* — 4.º repetição; v. g.: *anadiplose.* — 5.º retiro, solidão; *anachoreta.* — 6.º similhança, v. g.: *analogia.*
ANEMO — vento; v. g.: *anemometro.*
ANTE — 1.º posição fronteira; v. g.: *anteparar.* — 2.º cedencia, precedencia, prioridade; v. g.: *antepassados por, antediluviano.*
ANTHO — flor; v. g.: *anthóphilos.*
ANTI — 1.º precedencia, prioridade; v. g.: *anticipar opposição; v. g.: antidoto.*
APO — distancia; v. g.: *apogeu.*
ARCE (ou *arch, archi*) — principio, primazia, prec v. g.: *arcebispo, archanjo, archiduque.*
AUTO — si mesmo; v. g.: *autocrata.*
BARO — peso; v. g.: *barometro.*
BEM — bondade; v. g.: *bemquerença.*
BENE — bem; v. g.: *beneficio.*
BI — dois, em duas partes; v. g.: *bipede, bipartido.*
BIBLIO — livro; v. g.: *bibliophilo, bibliotheca.*
BIO — vida; v. g.: *biographia.*
BIS — duas vezes; v. g.: *bisneto, bisavô.*
BOTANO — planta; v. g.: *botanica.*

BOM, BELLO; v. g.: *calligraphia.*
MÃO; v. g.: *chirographia.*
— TEMPO; v. g.: *chronologia.*
— OURO, AUREO; v. g.: *chrysologo.*
— GYRO, RODEIO, VOLTA; EM TORNO, Á VOLTA; v. g.:
a, circumloquio, circumstantes.
UEM, DE CÁ; v. g.: *cisalpino.*
col, con, cor, co — segundo a lettra que se lhe se-
GMENTO, INTENSIDADE; v. g.: *consternar, convalescer*
MENTO, COMPANHIA, CONCOMITANCIA, UNIÃO; v. g.:
lligir, colloquio, corroborar.
— OPPOSIÇÃO; v. g.: *contradizer, contrastar.*
MUNDO; v. g.: *cosmographo.*
CRUZ; v. g.: *crucifixo.*
BATIMENTO, ACABAMENTO, HUMILHAÇÃO, RUINA, DE CIMA
DE DENTRO PARA FORA; v. g.: *derribar, decair, de-*
car, demittir.
ENTO, INTENSIDADE; v. g.: *declamar, denegrir, de-*

UIÇÃO, CONTRARIEDADE; v. g.: *decompor, decrescer,*

IO, SEPARAÇÃO; v. g.: *debandar, deportar.*
TAÇÃO; v. g.: *delonga, deter.*
SIÇÃO; v. g.: *debater, debellar.*
EDENCIA; v. g.: *derivar, depender.*
DEZ; v. g.: *decalogo, decametro.*
POVO; v. g.: *democracia.*
ABATIMENTO, RUINA; v. g.: *desfazer, desmoronar.*
IENTO, INTENSIDADE; v. g.: *desinquietar, desperdi-*

AÇÃO, SIGNIFICAÇÃO CONTRARIA; v. g.: *desafogo, des-*
ar, desunir.
IO, SEPARAÇÃO; v. g.: *descascar, desculpar, desviar.*
AUGMENTO, INTENSIDADE; v. g.: *dilatar, diluvio* —
CIA; v. g.: *dimanar* — 3.° DISPERSÃO, como DIS;
r, divulgar.
AVEZ, PELO MEIO; v. g.: *diametro, diaphragma.*
if) — 1.° AUGMENTO, INTENSIDADE; v. g.: *dissimular,*

ERSÃO, DISTRIBUIÇÃO; v. g.: *diffundir, distribuir.*
des) — NEGAÇÃO, SIGNIFICAÇÃO CONTRARIA; v. g.:
icil, dissonante.
O, SEPARAÇÃO; v. g.: *discordar, dissolução, distrac-*

U ESTADO, AFFLICÇÃO; v. g.: *dysenteria, dyspepsia.*
GMENTO; v. g.: *eloquente, enumerar* — 2.° EXTRAC-
ICIA, SEPARAÇÃO; v. g.: *egresso, eliminar, emanci-*

par. encantar — 3.º DE DENTRO PARA FORA; v. g.: *evadir, evocar.*

EM (ou *en*) — INTRODUCÇÃO; (nos derivados de substantivos); v. g.: *embainhar, enterrar* — 2.º TRANSIÇÃO; (nos derivados d'adjectivos): v. g.: *emmagrecer, entorpecer* — 3.º MODO; v. g.: *embandeirar, empoar.*

ENTRE — 1.º INTERVALLO, SITUAÇÃO MÉDIA; v. g.: *entreacto, entrelinha* — 2.º MAL, A CUSTO. *entreabrir, entrever* — 3.º RECIPROCIDADE: v. g.: *entrelaçar, entretecer.*

EPI — EM, SOBRE; v. g.: *epigramma, epilogo.*

EQUI — IGUAL: v. g.: *equidistante, equivaler.*

ES — 1.º AUGMENTO, INTENSIDADE; v. g.: *esburacar, espicaçar* — 2.º EXTENSÃO; v. g.: *estender, estirar* — 3.º EXTRACÇÃO; v. g.: *escorrer, esgotar* — 4.º PRIVAÇÃO, SEPARAÇÃO; v. g.: *esbulhar, es-colhar* — 5.º TRANSIÇÃO: v. g.: *espalmar, esvasiar.*

ETHNO — NAÇÃO: v. g.: *ethnographia.*

ETHO — COSTUMES, MORAL; v. g.: *ethologia, ethopeia.*

EU — BONDADE; v. g.: *euphonia.*

EX — 1.º AUGMENTO, INTENSIDADE; v. g.: *exalçar, exprobar* — 2.º EXTRACÇÃO, DESVIO: v. g.: *extrair, expatriar* — 3.º CESSAÇÃO; v. g.: *ex-director, ex-ministro.*

EXTRA — FORA, ALEM; v. g.: *extramuros, extraordinario.*

FALSI — FALSO: v. g.: *falsificação.*

FORT (ou *forti*) — FORTE; v. g.: *fortalecer, fortificar.*

GASTRO — VENTRE; v. g.: *gastronomo.*

HEMI — METADE: v. g.: *hemispherio.*

HIPPO — CAVALLO; v. g.: *hyppodromo.*

HOMEO, HOMO — SEMELHANTE; v. g.: *homeopathia, homologo.*

HYDRO — AGUA: v. g.: *hydrographia.*

HYPER — EXCESSO, SUPERIORIDADE; v. g.: *hyperbole.*

HYPO — DIMINUIÇÃO, INFERIORIDADE; v. g.: *hypotheca.*

IN (ou *il, im, ir*) — 1.º AUGMENTO, INTENSIDADE; v. g.: *illustre, inundar.*

— 2.º AUXILIO, FAVOR; v. g.: *implorar, invocar.*

— 3.º INTRODUCÇÃO: v. g.: *injectar, inserir.*

— 4.º NEGAÇÃO, PRIVAÇÃO; v. g.: *incauto, illegal.*

— 5.º OPPOSIÇÃO, CONTRARIEDADE: v. g.: *incitar, increpar.*

— 6.º TRANSICÇÃO, MUDANÇA; v. g.: *illuminar, inflammar.*

INTER e INTRO — ENTRE, NO MEIO, PARA DENTRO; v. g.: *interpor, introduzir.*

LITHO — PEDRA: v. g.: *lithographia.*

MACRO — LONGO: v. g.: *macrologia.*

MAL e MALE — MAL; v. g.: *malfeitor, maltratar.*

META — ALEM, MUDANÇA; v. g.: *metaphysica, metathese.*

METRO — MEDIDA; v. g.: *metrologia.*

MICRO — PEQUENO; v. g.: *microcosmos.*

MONO — SÓ; v. g.: *monologo.*

MULTI — muito ; v. g. : *multiplicar*.

NEO — novo ; v. g. : *neologismo*.

OB (ou *oc*, *of*, *op*) — 1.º augmento, intensidade ; v. g.: *obscurecer*, *occultar*, *offuscar*, *opprimir* — 2.º opposição, contrariedade ; v. g. : *obstar*, *oppor*.

ONTO — ente ; v. g. : *ontologia*.

PAN — tudo ; v. g.: *pantheismo*.

PER — 1.º augmento, perfeição, acabamento ; v. g.: *perlongar*, *perfeito*, *perduravel*, *persuadir*. — 2.º atravez, pelo meio ; v. g.: *percorrer*, *perfurar*.

PERI — em torno, á roda ; v. g.: *periphrase*.

PHILO — amigo ; v. g.: *philosophia*.

PHOTO — luz ; v. g.: *photographia*.

PNEUMA — espirito, ar ; v. g.: *pneumatico*.

POLY — muito ; v. g.: *polysyllabo*, *polyglota*.

PORTA — que leva ; v. g.: *porta-machado*.

POS (*pós*) — depois, de traz ; v. g.: *pospor*, *pósthumo*.

PRE — 1.º augmento, intensidade : v. g.: *preponderar*, *prevalecer*.— 2.º precedencia, excellencia ; v. g.: *precursor*, *presidente*.

PRETER — alem de, excesso ; v. g.: *preterir*, *preternatural*.

PRO — 1.º intensidade ; v. g.: *professar*.— 2.º origem, derivação : v. g.: *procedencia*.— 3.º precedencia ; v. g.: *projecto*.— 4.º para deante, para o futuro ; v. g.: *progredir*, *prolongar*, *protrair*.

PROTO — primeiro ; v. g. : *protogonista*.

PSEUDO — falso ; v. g. : *pseydonymo*.

PSYCHO — alma ; v. g. : *psychologia*.

PYRO — fogo ; v. g. : *pyrologia*.

RE — 1.º augmento, intensidade ; v. g. : *realçar*, *reluzir* — 2.º negação ; v. g. : *reprovar* — 3.º opposição, para traz, atraz ; v. g. : *reagir*, *refrear*, *regressar*, *remittir* — 4.º repetição : v. g. : *reeleger*, *reanimar*.

RETRO — para traz ; v. g. : *retrogradar*.

SEMI — meio ; v. g. : *semicirculo*.

SOB (ou *so*, *soc*, *sota*, *soto*) — abaixo, debaixo, junto, immediato ; v. g. : *sobraçar*, *soccorrer*, *sotavento*, *sotopor*.

SOBRE — acima, posição superior ; v. g. : *sobrecarregar*, *sobrehumano*, *sobrescrever*.

STENO — estreito, breve ; v. g. : *stenographia*.

STEREO — solido ; v. g. : *stereographia*.

SUB — abaixo, debaixo, ás escondidas ; v. g. : *succumbir*, *subdelegado*, *supplantar*.

SUPER — acima, excesso ; v. g. : *superabundante*, *superfluo*.

SYL (ou *sym*, *syn*) — ajuntamento, simultaneidade ; v. g. : *syllaba*, *sympathia*, *synonymo*.

THEO — deus ; v. g. : *theologia*.

THERMO — CALOR; v. g.: *thermometro.*
TRANS (ou *tras, tres*) — ALEM DE, ATRAVEZ DE; v. g: *transpor, trasladar, trespassar, tresfegar.*
ULTRA — ALEM, DE OUTRA PARTE, MAIS QUE; v. g.: *ultramar, ultramontano, ultrapassar.*
VERI — VERDADE; v. g.: *verificar, verisimil* ou *verosimil.*
VICE — EM VEZ, EM LOGAR; v. g.: *vice-consul, vice-presidente, vice-rei.*
VIS — EM VEZ, EM LOGAR; v. g.: *visconde.*
ZOO — ANIMAL; v. g.: *zoologia.*

Premissas. — Assim designadas as duas proposições de um syllogismo, chamada a primeira *maior*, e a segunda *menor.*

Prenome. — É assim indicado entre nós, como o era entre os romanos, o titulo que precede o nome, como D. *(dom* ou *dona); fr.* (abreviatura de frade;) *S. (são* ou *santo)* [1], e *santa, vice, archi, sub,* etc.

Não se confundam *prenome* e *pronome,* são termos de significação diversa.

Preposição. — Uma das quatro palavras invariaveis do discurso que se colloca entre duas palavras ou phrases, mostrando a relação de complemento que entre ellas ha; v. g.: *venho de casa;* a preposição *de* mostra que *casa* é complemento de *venho.*

Entre uma e outra palavra pode haver um grande numero de relações, que a preposição exprimirá uma a uma. Assim entre estas palavras — *venho* e *casa* pode haver muitas relações; taes como: logar d'onde — *venho de casa;* logar para onde — *venho para casa,* (com ideia de ficar ahi); logar aonde — *venho a casa,* (com ideia de tornar a sair); opposição hostil — *venho contra a casa;* logar por onde (de passagem) — *venho por casa de...;* e ainda outras, v. g.: *até casa, desde casa, ante a casa, perante, após, sobre,* etc.

Assim, sempre que houver um nome regido de uma preposição, haverá um complemento.

Quanto á significação, as preposições designam primeiramente relações physicas ou materiaes de logar e tempo, a saber: o logar *onde* se está ou *onde* alguma cousa se faz; *d'onde* alguem vem ou alguma cousa procede; *por onde* se passa; *a* ou *para onde* se vai ou alguma cousa tende; o *tempo em que*

---

1 Emprega-se S. *(São)* antes dos nomes que começam por invogal e *Santo* antes dos que começam por vogal; e assim diz-se: *S. Joaquim; Santo Antonio; S. Manoel; Santo Ignacio,* etc. Antes dos femininos diz-se sempre *Santa.*

alguma cousa succede; *desde que* alguma cousa succede ou dura; o *espaço de tempo* pelo qual ou durante o qual a cousa dura; e o *termo* de espaço ou duração.

Quanto á sua construcção, umas vêem sempre unidas a substantivos, adjectivos e verbos e se chamam *prefixos;* outras nunca vêem unidas á palavra que determinam e chamam-se *separadas;* e outras podem vir separadas ou unidas e chamam-se *communs;* e estas, quando unidas a outra palavra formando ambas uma só, tambem se chamam *prefixos.*

As preposições portuguezas propriamente ditas são: *a, ante* ou *perante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, por, sem, sob, sobre, tras* [1].

Além d'estas, temos as preposições compostas ou locuções prepositivas, as quaes, consideradas analyticamente, são nomes adjectivos e adverbios com preposição ou sem ella, e ainda duas preposições já separadas, já combinadas em uma só palavra; taes são: *até a, á roda, em roda,* ou *ao redor de, para, com, por entre, em vez de, cerca de* ou *á cerca de,* etc. Veja *Prepositivas.*

Muitas vezes a preposição regendo um nome equivale ella com o seu complemento a um adverbio, e assim dizemos: *com assiduidade* por *assiduamente; depressa* por *apressadamente; no mesmo instante* por *instantaneamente.*

As duas palavras unidas pela preposição chamam-se termos da relação, a 1.ª diz-se *antecedente,* a 2.ª *consequente* ou tambem complemento da preposição.

Algumas vezes succede, por necessidade ou elegancia, não ser collocada a preposição entre as duas palavras, cuja relação ella indica, sem que por isso deixe de as juntar e combinar igualmente. Exemplo: *d'isto se conclue; em Lisboa não se pode viver; por novas não vos canceis; para não presenciar tal desgraça, não saio,* etc.

Podem ser complemento de preposição os substântivos, os pronomes e os infinitos verbaes.

A preposição com o seu complemento forma o que se chama um *complemento indirecto,* e junta-se a qualquer palavra de significação vaga ou relativa, para a modificar, restringindo-a ou completando-a; v. g.: *amor de mãe; necessario á vida; util ao commercio; não presta para nada; dispense-me d'isso; acção de graças;* etc.

O emprego das preposições constitue uma das partes essenciaes do estudo das linguas; este estudo, depois de algumas re-

---

[1] Veja cada uma d'estas preposições no seu logar de ordem alphabetica.

gras aqui indicadas, completa-se com o frequente uso dos bons diccionarios e pelo habito da leitura dos bons escriptores.

Não se deve fazer reger pela mesma preposição palavras que pedem preposições differentes. Assim diremos bem: *util e agradavel a todos; nasceu e foi educado em Paris.* Mas não diremos: *affavel e querido de seus amigos*, porque *affavel e querido* exigem preposições differentes; ha de compor-se e dizer-se: *affavel com seus amigos e querido d'elles.*

Em geral não devem repetir-se as preposições, cujos complementos são palavras que têem, pouco mais ou menos, o mesmo sentido; v. g.: *viver na mollesa e ociosidade; encanta a todos com a sua bondade e doçura; deve a vida á clemencia e magnanimidade do vencedor; encontram-se os mesmos preconceitos na Europa, Asia, Africa e até na America; para a harmonia da phrase e discurso*, etc.

Mas se estes diversos complementos têem um sentido opposto um ao outro, ou se são de cathegoria differente, é necessario repetir a preposição; v. g.: *Na cidade e no campo cumpri os vossos deveres para com Deus, para com vossos paes e para com a patria.*

Ainda assim devemos notar que não são estas regras tão absolutas, que não admittam infracções, quando o exijam a harmonia, ou qualquer outra necessidade do estylo.

Uma preposição não deve ser empregada na mesma phrase em mais de uma accepção ou sentido; seria incorrecto dizer: sobre *a tarde iamos a sua casa discorrer* sobre *a immortalidade da alma; comecei* por *provar-lhe* por *todos os meios.* Dando qualquer outro giro ás phrases, diriamos por exemplo: *sobre a tarde iamos a sua casa discorrer ácerca*, etc., ou—*de tarde iamos*, etc.; *comecei provando-lhe por todos os meios*, ou *comecei empregando todos os meios por lhe provar.*

Algumas preposições contraem-se com os artigos e alguns demonstractivos.

As terras são defendidas DOS *frios*, DAS *chuvas*, DAS *lamas*, DAS *serras e* DO *hynverno.*

AO *orgulho e* Á *vaidade bem podem muitos attribuir o desprezo que lhes vota o bom senso.*

NO *ceo*, NO *ar*, NO *mar*, NA *terra, por toda a parte ostenta Deus a sua omnipotencia.*

N'AQUELLE *olhar*, N'AQUELLE *fallar e* N'AQUELLE *andar bem mostra leviandade de espirito.*

Esta é a benção que nos deixaram nossos maiores, morrer gloriosamente PELA *lei*, PELO *rei, e* PELA *patria.* Veja *Contracção.*

Nenhuma outra parte da oração concorre tanto como a preposição para a clareza; poderemos por conseguinte concluir

afoitamente que é ella o principal instrumento da syntaxe de regencia.

Pelas propriedades que lhe são inherentes, e que produzem pasmosa variedade nas relações dos nomes, e maravilhoso cambiante na accepção dos verbos, merece que d'ella nos occupemos com acurado estudo, pois que ás preposições devemos em grande parte a elegancia de muitas phrases da lingua; e é de ignorar-se o conveniente emprego das preposições que procedem muitos solecismos e outros erros de syntaxe.

Preposição e *proposição* são termos grammaticaes de significação distincta. Convem não os confundir.

Prepositivos. — Dizem-se as partes elementares que entram na composição das palavras, e que são de ordinario originarias da lingua latina, postas no principio ou antes do vocabulo cuja significação modificam, addicionando-lhe alguma ideia accessoria. Veja *Prefixos*.

Tambem se dizem *prepositivas* as palavras que, sem significarem nada physico, estão identificadas com aquellas deante que se collocam, e fazem que as tomemos n'uma accepção particular; taes são : *este, esta, estes, estas, certo, certa, certos, certas, algum, alguma, alguns, algumas, todo, toda, todos, todas, cada, nenhum, nenhuma, nenhuns, nenhumas, meu, teu, seu, meus, teus, seus, minha, tua, sua, minhas, tuas, suas* e outros determinativos.

Prepositivo definitivo é o adjectivo articular ou artigo *o, a, os, as,* quer se empregue só na oração, quer contraído com alguma das preposições *a, de;* do mesmo modo são *prepositivos definitos* — *ao, aos, á, ás, do, da, dos, das* — porque, como — *o, a, os, as* — não se empregam senão diante de um nome tomado n'um sentido preciso, circumscripto e determinado; fora d'estes casos será variação de pronome demonstractivo ou pessoal.

Dizem-se prepositivas certas locuções que têem a natureza da preposição; i. é, uma reunião de palavras que fazem as vezes de uma preposição; v. g. : *a respeito de, quanto a,* etc.

Em portuguez formam-se preposições novas por cinco modos: 1.º por meio dos substantivos, como : *mau grado, a ponto, de encontro;* 2.º por meio dos adjectivos, como : *salvo, de novo;* 3.º por meio dos verbos, no imperativo, como : *vide;* no partecipio perfeito, como : *excepto, em seguida;* no partecipio imperfeito, como : *durante, não obstante;* 4.º por meio de adverbios, como : *por pouco, de longe em longe;* 5.º por meio de duas preposições, já combinadas n'uma só palavra, já separadas, como: *deante, por deante de,* etc.

As principaes preposições compostas ou locuções prepositivas são :

... sempre pela preposição
É vogal *prepositiva* a prime

Presente. — É este um conjugação; póde ser do indi nito.

O presente do indicativo, absoluto existencia ou acção vra, como — *sou* feliz, *estou* c para exprimir:

1.º Existencia habitual, não Exemplo: *as cousas do mundo manece de uma mesma maneira.*

2.º Acção presente na intenç cução. Exemplo: *parto ámanhã*

3.º As verdades primeiras d *virtude merece premio, e o vicio*

O presente pode empregar- rações animadas e seguidas (*moribundo barafusta ainda, offe tugueza; e sentindo sobre si o co pode ver, despede com um grito da mão a espada, finalmente viu*

Tambem se emprega ás vez conversação, como futuro emph

O presente do conjunctivo simultanea ou posterior ao pres bordinante, que deve ser dos

O presente do conjunctivo em todos os verbos da 1.ª conju-
ção, excepto *estar*, termina em *e, es, e, emos, eis, em*[1]; se o
rbo for da 2.ª ou 3.ª terminará em *a, as, a, amos, ais, am*.
Sobre o presente do infinito, veja-se o que ficou dito no vo-
bulo *infinito*.
Tambem se diz do *presente* o partecipio (imperfeito ou activo).
ja *Imperfeito*.

Preter. — Veja *Prefixos*.

Preterito. — Assim se denomina um dos tempos dos ver-
s na sua conjugação, que declara um facto já succedido,
mo: *eu dormi*.
Pode ser *imperfeito* (no modo indicativo ou conjunctivo),
feito, e *mais que perfeito*.
Vejam-se estes vocabulos. Tambem se diz do *preterito* o par-
pio (perfeito ou passivo.) Veja *Perfeito*.

Preterição. — É a figura com a qual o orador, preve-
do que não quer fallar sobre certa cousa, sem embargo d'isso
i dizendo. Exemplo: *não fallo dos juros, que fidalgos têem
ido, nas joias empenhadas, nas lagrimas das mulheres, na
ia da gente nobre, na miseria dos que pouco podem. Gaste-se
, e consuma-se por serviço de Deus e de Vossa Alteza, mas
em tempo que aproveite.*
r este meio, insinua destramente o orador em seu discurso
e fingia não querer annunciar muito abertamente, e pre-
os seus ouvintes a darem mais attenção a outros objectos.

rimarios. — Dizem-se primarios os seguintes tempos
da conjugação: *presente, preterito* e *futuro*.
ja cada um d'estes.

imir. — Veja *Desinencias*.

imitivos. — Dizem-se as palavras que se inventam
exprimir a ideia que significam; como: *arvore, livro, prego,*
as que se formam os *derivados* — *arvoredo, livraria, pre-*
, etc., embora a sua origem lhes venha do latim, do
ou de qualquer lingua estranha.
as primeiras palavras originaes que se não derivam de

---

[1] verbo *dar* faz — *dê, dês, dê, dêmos, dêis, dêem*.
r que é da 1.ª, (irregular) faz — *esteja, as, a, amos, ais, am*, como
2.ª ou 3.ª conjugações. Veja as tabellas das conjugações dos verbos.

[illegible] originarias que formamos antes d'ellas, e as derivadas ou [illegible] de que as primitivas são a raiz: assim, de *pedra* — [illegible] *pedrada*, *pedraguso*, *pedragulho*, *pedraria*, [illegible] *pedreira*, *pedrez*, *pedrisco*, *pedroso*, etc.

Tambem se dizem *primitivos* os tempos que servem para a formação dos outros: e são: o *infinito*, o *presente do indicativo*, [illegible]. Veja *Formação dos tempos*, *Raiz*.

As palavras primitivas, em quanto á sua origem, são [illegible] ou *neologismos*.

Principaes. — Dizem-se as orações que não dependem [illegible]. Exemplo: *Ninguem pode dizer em poucas palavras o* [illegible] *muitas*. D'estas orações a primeira é principal.

As orações principaes conhecem-se pelos signaes seguintes:

1.° [illegible] indicativo, no imperativo e no condicional;

2.° [illegible] subordinativa, nem palavra que mostre [illegible] d'outra oração;

[illegible] sentido perfeito.

[illegible] principaes: as *copulativas*, as *disjunctivas*, as [illegible], as *conclusivas*, as *explicativas*, as [illegible], e as [illegible]. Veja estes artigos e *Oração*.

Pro. — Veja *Prefixos*.

Prochronismo. — É o mesmo que antedata. Veja *Ana*-[illegible].

Proemio. — Exordio; principio de discurso: discurso [illegible].

Veja *Prologo*, *Prefacio*, *Preambulo*.

Proferiveis. — São assim denominadas as articulações [illegible] e as soantes — *ç*, *f*, *s*, *x* e a equivalente composta *ch*. Veja *Improferiveis*.

Projectada. — Veja *Linguagens de significação começada*.

Prolegomenos. — Dizem-se as explicações preliminares, que fixam o sentido de termos especiaes e encerram as noções mais necessarias á intelligencia do que se segue: é uma especie de introducção (prefacio ou prologo), mais ou menos extensa, posta no começo de uma obra e mais particularmente de um tratado didactico.

Prolepse. — Figura de rhetorica, que consiste em ante-

cipar-nos a desfazer a objecção do contrario. Exemplo: *dir-me-eis que não ha com que premiar a tantos: por essa escusa esperava. Primeiramente elles dizem que ha para quem quereis; e não ha para quem não quereis. Eu não digo isso...*

Dir-me-eis o que a mim me dizem e o que já tenho experimentado: que, se prégamos assim, zombam de nós os ouvintes... Zombem e não gostem embora, façamos nós nosso officio.

Prolixo ou **Diffuso.** — Dá-se este qualificativo ao estylo que vai alem do sobejo nos pensamentos e palavras; prodigalisa as periphrases, as synonymias, os epithetos, e geralmente todos os ornatos; e não se contentando com fazer conhecer os pensamentos, reprodul-os e decompõe-os com excesso.

Prologo. — Especie de introducção ou discurso preliminar que se põe no começo de um livro, e no qual o auctor indica ordinariamente o fim, que se propõe na sua composição.

Proloquio. — Dicto, proverbio, sentença, rifão ou adagio, que contém moralidade.

Veja algum d'aquelles vocabulos.

Promiscuos. — Veja *Sobre-communs.*

Pronome. — É a palavra ou expressão abreviada, que se emprega em vez do nome, cuja repetição queremos evitar. É um substituto do substantivo. Em vez de se dizer: *Este livro é bom, mas este livro é pesado, por isso não gosto de usar este livro,* dizemos: *Este livro é bom, mas* (elle) *é pesado, por isso não gosto de o usar.* Os pronomes *elle* (subentendido) e *o*, são empregados em vez de *livro*, fazendo-o conhecer e indicando-o sem enfadonha repetição.

Desde que o pronome substitue o nome, admittimos, como consequencia necessaria, que elle revella a ideia d'esse mesmo nome tal como ella é, e como elle proprio a revelaria, sem nada lhe acrescentar ou subtrair.

Os pronomes por tanto, dão a conhecer os objectos — sem os nomear (como fazem os nomes) — mas simplesmente indicando-os.

Os pronomes podem ser: *Pessoaes, Demonstrativos, Possessivos, Relativos* ou *Conjunctivos, Indefinitos, Reflexos* e *Interrogativos.* Veja cada um d'estes.

Chamam pronomes ou adjectivos pronominaes a certas formas dos determinativos, quando se empregam em vez de nome ou phrase cuja repetição não convem; são: *isto, isso, aquillo, o mesmo, quem, que, tudo, ninguem, nada, alguem, outrem, algo, o.*

Pronominal. — Diz-se o verbo activo que sempre anda acompanhado da variação do pronome da pessoa do sujeito, que póde servir-lhe de complemento objectivo; são taes: *dignar-se*, *compadecer-se*, *rir-se*, etc. Conjugam-se — *eu me digno; tu te dignas*, *elle se compadece; nós nos compadecemos; vós vos ris; elles* ... *ellas se riem*. *Nós nos riremos* ou *rir-nos-emos*. *Elles se compadeceriam* ou *compadecer-se-iam*, etc.

Chamam-se pronominaes quanto ao modo de serem conjugados, como se mostra, com dois pronomes da mesma pessôa; quanto ao effeito da acção que expressam, podem ser — *reflexos* ou *recíprocos*.

Veja estes dois vocabulos e *Tmese*. Na tabella da conjugação dos verbos, II Parte, damos um exemplo para conjugação de verbos pronominaes. Veja *Adjectivos pronominaes*, *Pronomes*.

Tambem se dizem pronominaes certos adverbios que correspondem a pronomes quanto á sua origem. Veja *Adverbios*.

Pronunciação. — É a parte da prosodia, que se occupa da articulação das vozes, diphtongos, syllabas e palavras, cujos elementos representativos são as lettras: póde ser *facil*, *distincta*, [illegible], *acabada*, *difficil*, *clara*, *enleada*, *viciosa*, [illegible], etc.

A pronunciação differe muitas vezes da orthographia: assim escrevemos: *Luz*, *Baptista*, *diphtongo*, etc., que lemos — *Luz*, *Batista*, *ditongo*, etc.

A palavra humana não é somente a obra da intelligencia, realisa-se por meio de orgãos, e a divisão das lettras em *labiaes*, *linguaes*, *palataes*, *dentaes*, *nasaes*, *gutturaes*, indica a funcção de cada um destes orgãos na pronunciação. O clima, os habitos e a differença de raças teem uma influencia notavel sobre os instrumentos da voz e o ouvido. Ha até em alguns povos repugnancias e difficuldades para certos sons, que parecem o resultado d'uma conformação particular.

O *th* inglez, o *j* hespanhol o *eu* francez, o *x* portuguez, são sons aos quaes os orgãos difficilmente se prestam os orgãos de um estrangeiro.

A pronunciação é mais rude ao Norte, mais suave no Meio Dia da Europa, conforme a maior ou menor difficuldade que os orgãos experimentam atravez da atmosphera. Os habitantes das costas maritimas teem uma intonação energica, disposta a triumphar do ruido das vagas e dos ventos. A esta influencia do habito vem juntar-se, na pronunciação, a do clima.

Póde dizer-se que a pronunciação é um typo natal.

Os seus vicios teem recebido differentes denominações — [illegible], *gagueira*, *vicio*, *mutacismo*, *fanhoso*, etc.

A pronunciação é uma das principaes partes da arte oratoria. Não é com violentos esforços, nem por grandes brados que o orador consegue fazer-se ouvir, e sim por uma pronunciação sonora, distincta e grave.

Mas, para bem se pronunciarem todas as palavras portuguezas, releva conhecer, alem dos sons elementares, os *accentos*, a *quantidade* e a *aspiração d'ellas*, se bem que a pronunciação só recai sobre o valor phonetico das vogaes, e sobre a influencia das invogaes que as acompanham. É necessario tambem para se adquirir boa pronuncia seguir por modelo os litteratos, que fallarem com escrupulosa propriedade e pureza, podendo evitar-se a pronunciação viciosa.

Para que a pronunciação tenha o epitheto de viciosa, basta que não seja regulada, clara, sonora e cortezã; se não é regulada e facil, cança logo o orador; se injocunda, rustica e extravagante, enfastia o auditorio; seja como chuva que serenamente banhe e se introduza na terra, e não rio caudaloso que tudo arraste e leve comsigo; i. é, uma pronunciação acompanhada de força e de intimativa, nunca porem de furia e violencia: deve sim o orador mostrar sempre que ha n'elle fogo; por que, se o não mostrar, ha de lhe faltar o auditorio com a attenção; mas o fogo, em que se accender, seja brando e sereno, na certeza de que esta serenidade sempre viva e animada é o mais bello requisito, e ao mesmo tempo a maior difficuldade da pronunciação oratoria. Veja *Recitação*.

Proporcionaes. — Dizem-se os numeraes que, a par da ideia de numero, juntam ao substantivo a ideia de proporção. São elles : — *duplo*, *triplo*, *quadruplo*, *quintuplo*, *sextuplo*, *septuplo*, *octuplo*, *nonuplo*, *decuplo*, *centuplo*, cujas variações em genero e numero, se formam segundo as regras geraes — Veja *Definitos*, *Multiplicativos*.

Proposição. — No sentido grammatical é a expressão de um juizo, como uma palavra é a expressão de uma ideia. Veja *Oração*.

No sentido logico é a enunciação total de um juizo; especie de operação ou d'equação mental, pela qual o espirito approxima ideias, sêres e attributos, para julgar se elles convêem ou não entre si. É emfim um juizo expresso por palavras.

Consta a proposição de tres elementos — *sujeito*, *verbo* e *attributo* ou *predicado*, dos quaes o primeiro e o ultimo têem o nome especial de *termos da proposição*. Veja *Predicado*.

O sujeito exprime o objecto principal do nosso juizo; o attributo exprime a qualidade que comparamos ao sujeito; e o verbo indica se o attributo convem ou não ao sujeito. N'este ultimo caso, accrescenta-se uma formula negativa, que modi-

fica a significação do verbo; o sujeito e o attributo permanecem sem alteração.

Ha pois proposições — *affirmativas* e proposições *negativas*, conforme julgamos convir ou não convir o attributo ao sujeito.

Estas proposições affirmativas ou negativas podem, ellas mesmas, exprimir nosso pensamento absolutamente ou de um modo interrogativo, ou como uma vontade, um desejo, uma exclamação; d'ahi os nomes particulares que damos a estas proposições, e que são: *interrogativas*, *exclamativas* ou *optativas*.

Considerando as proposições quanto á relação de umas com outras, dividimol-as utilmente em *absolutas* e *relativas*, *principaes* e *não principaes* ou *secundarias*.

Uma proposição absoluta é aquella que, para ser perfeitamente comprehendida, não precisa de outras palavras mais, que as que entram na sua composição. Uma proposição é *relativa* ou *parcial*, quando o sentido que exprime suppõe um outro juizo e, conseguintemente, uma outra proposição para completar a primeira.

A reunião d'estas proposições parciaes forma uma *proposição composta*.

Na proposição composta uma das duas *correlativas*, cuja funcção é determinar a outra, chama-se *secundaria*, *subordinada* ou *determinante*; a que ella determina é, ao contrario, a *proposição principal*.

A proposição *secundaria* toma algumas vezes os nomes de *incidente*, encravada na *principal*; de *restrictiva*, quando restringe o sentido de um nome commum a um certo numero de individuos; de *determinativa* ou *qualificativa*, quando determina expressamente por uma qualificação um dos termos da *principal*.

Consideradas quanto á sua construcção, as proposições são *directas* ou *inversas*; directas, se as palavras ahi estão collocadas pela ordem analytica; inversas, se se afastam d'esta ordem para tomar uma outra mais favoravel á harmonia do discurso ou á paixão.

As proposições são *plenas* quando os seus elementos — sujeito, verbo e attributo — ahi estão expressos totalmente; são *ellipticas*, se esses elementos não vêem completamente enunciados.

Chama-se *complexa* a proposição que encerra proposições complementares; *incomplexa*, aquella em que nem o sujeito nem o attributo encerra condição alguma expressa por outra proposição separada.

O exame das proposições, a determinação de sua natureza e dos elementos que n'ella entram, formam o objecto de uma parte importantissima do estudo grammatical, que se chama *analyse logica*.

Não se deve confundir *proposição* com *preposição*, cuja significação em grammatica é bem distincta uma da outra.

Propriedade dos termos. — É uma das qualidades essencialissimas para a boa expressão, e que muito contribue para a clareza e correcção do estylo. É ella que distingue os mestres de uma lingua dos auctores mediocres; com o seu auxilio sabem elles dar colorido á expressão, vestil-a e ornal-a de uma dicção e de um estylo taes, que parece possuirem elles só o dom de communicarem e espalharem as ideias como privilegiados.

Consiste a propriedade dos termos em se tomarem as palavras no seu sentido natural, habitual ou mais accommodado ás ideias que expressamos. Sentido proprio; termos proprios; propriedade dos termos. Veja *Natural*.

Quando se diz que uma palavra é *propria*, quer-se significar umas vezes, que ella é empregada na accepção primitiva e não em nenhuma das secundarias; outras, que é empregada no sentido usual e não no translato; e outras, que é a mais expressiva que podia achar-se.

A palavra, que não significar a ideia que por ella se quiz expressar, é errada; a que só exprime parte da ideia, é insufficiente; a que exprime mais que a ideia, é exaggerada; e em todo o caso, não é o que deve ser — a pintura exacta da ideia.

Fallando propriamente dos nomes dizemos: *bando de aves: cardume de peixes, rebanho de ovelhas, vara de porcos, alcatea de lobos, cafila de camellos, récua de cavalgaduras, roda de homens,* etc., e tambem: *folha de espada, lume de espelho, veia d'agua, leito de rio, braço de mar, lingua de fogo, lanço de muro,* etc. Fallando dos verbos, dizemos: *chiar de aves, balar de gado, grunhir de porcos, ladrar de cães, rinchar de cavallos, bramir de leões, empolar de marés, encapellar de ondas, sulcar de vagas, assoprar de ventos,* etc.

Se dissessemos *rinchar de leões, grunhir de cavallos, cardume de homens, rebanho de aves,* etc., commetteriamos impropriedade e desconcerto.

Proprio ou **Individual.** — Diz-se o substantivo que convem a uma só pessoa ou cousa, como: *Antonio, Elvas, Douro, Africa,* etc.

Os substantivos proprios não têem plural, porque exprimem um individuo só, como: *Virgilio, Cesar,* etc.; e, quando se lhes dá este numero, é figuradamente para significar individuos da mesma classe, como; os *Virgilios,* os *Cesares,* etc., i. é, *os poetas celebres* como Virgilio, *os grandes generaes* como Cesar, etc.

Todavia diz-se no plural *Perineos, Alpes,* etc.

O substantivo proprio designa um ser pela ideia de sua natureza individual, i. é, de tal maneira que essa designação só é applicavel a uma cousa, a um individuo. Assim, quando eu digo: *Asia, Pedro, Roma,* cada um d'estes nomes applica-se

um individuo e designa esse individuo de uma maneira que não pode convir a outro. Todo o homem é um homem, mas nem todo o homem é *Antonio*; não sendo pois este nome applicavel a todos os individuos da mesma especie, chama-se nome proprio.

Diz se proprio ou natural o sentido em que as palavras são tomadas ou empregadas, exprimindo exactamente a ideia para que primeiro foram inventadas. Veja *Propriedade dos termos, Termos proprios, Sentido proprio.*

Proprio diz se o vocabulo, ou propria a palavra, que o uso destinou e como que consagrou para significar um de muitos objectos, que entre si têem alguma cousa de commum; assim a palavra — *nenia* — foi consagrada para designar o canto funebre. A esta classe pertencem os termos *technicos* ou proprios das artes, como estes nauticos — *amurada, bolina*, etc.

Tambem se diz proprio *aquelle nome que, sendo commum a outros individuos ou objectos*, por excellencia *se apropria a um d'elles em particular*: assim em vez de Luiz de Camões, dizemos — *o épico portuguez*.

Proprios se dizem igualmente os vocabulos, ou proprias as palavras tão significativas, que não se podem descobrir outras que mais o sejam. As palavras d'esta classe denominam-se — *de propriedade oratoria*, — por se escolherem as *mais accommodadas* aos pensamentos: as quaes são pela mór parte translatas, como estas de Vieira, quando descreve o trabalho do estatuario formando uma estatua humana: — *ondea-lhe os cabellos, alisa-lhe a testa, rasga-lhe os olhos, afila-lhe o nariz, abre-lhe a bocca, avulta-lhe as faces, torneia-lhe o pescoço, estende-lhe os braços, espalma-lhe as mãos*, etc.

Prosa. — É a phrase corrente e solta, i. é, que não está, como o verso, sujeita a numero certo de syllabas, nem a determinada ordem de accentos e consonancias.

É esta a linguagem usual, a forma do discurso mais commoda, mais exacta que podemos empregar na expressão do pensamento.

O dominio da prosa abraça as sciencias, a eloquencia, a philosophia e algumas vezes até luta vantajosamente com a poesia; porque em vez da rima dos versos, tem uma especie de numero rico e harmonioso, que nasce do arranjo das palavras e do cortado dos periodos.

Buffon, que foi um habil prosador, quando queria gabar um verso dizia: *é bello como a prosa bella*.

Assim a prosa, com quanto tenha uma forma de expressão mais livre do que o verso, e não esteja sujeita a uma medida

rigorosa, deve comtudo offerecer sua ordem, sua melodia, seu rhythmo, tanto nas palavras como nas phrases.

Umas vezes é *incidida* ou cortada; outras *desmembrada* ou solta; outras *periodica* ou ligada: é o que chamam — *inciso, membro, periodo.* — E não é arbitrario o emprego d'estas tres formas ou aggregados de palavras.

A 1.ª i. é, a phrase desligada de outra, e tão breve que, ao pronunciar-se, não enche o ouvido, — é propria para dar ao discurso força, calor e acrimonia; como nas invectivas, nas apologias, nas argumentações, etc. A 2.ª, que consiste em duas ou mais phrases, cuja pronunciação satisfaz ao ouvido, mas que não liga ainda o sentido com o d'outras phrases, — serve para as narrações e para a conversação e cartas familiares; excepto se n'aquellas se procura o ornato, ou n'estas o assumpto é elevado como o philosophico, o politico, e outros quejandos. A 3.ª, que vem a ser o aggregado de varias phrases, que não só enchem o ouvido, senão que vão travadas, de geito que os sentidos parciaes ficam suspensos, até que a ultima phrase os feche a todos, — fica bem ás partes do discurso que, pela maior elevação do assumpto, demandam pompa e grandeza, como na oratoria remontada.

Os principaes generos do discurso prosaico são: o *familiar*, o *epistolar*, o *didactico*, o *descriptivo*, o *historico*, o *oratorio;* cada um dos quaes comprehende varias especies, de que em seus proprios logares damos ligeira noção. A cada genero, e ainda algumas vezes a cada especie, cabe seu *estylo.*

Prosador. — Escriptor que emprega principalmente a prosa para expor os seus pensamentos. Veja *Poeta.*

Prosodia ou **Orthoepia.** — É a parte da grammatica que ensina a distinguir os sons fundamentaes das palavras para bem as pronunciarmos.

Comprehende a pronuncia e a accentuação.

A verdadeira prosodia consiste mais na mistura feliz dos sons que na sua duração; basta um ouvido attento, para empregar este genero de harmonia, que nasce da combinação das nossas vogaes brandas com as fortes, sem que o numero exceda nunca o d'aquellas. Veja *Grammatica, Phonologia.*

Prosopopeia. — Consiste esta figura de rhetorica em dar vida e animação a uma cousa inanimada, ou em fazer que obre e falle uma pessoa ausente ou morta.

A eloquencia e a poesia são as unicas que recorrem á prosopopeia, como devendo produzir um grande effeito; sem o que torna-se ridicula, ou gela os ouvintes em vez de os inflammar. Exemplos:

As estrellas foram chamadas e disseram: aqui estamos; e
ram luz com alegria áquelle que as fez.
É possivel (estão bradando estas paredes), é possivel que
Deus tantos milagres por nos dar a saude e a vida temporal, e
os homens não queiram fazer o que Deus lhes manda, sendo
facil, para alcançar a saude espiritual e a vida eterna?

Entre as magnificas prosopopeias que se têem produzido taremos a do gigante Adamastor, certamente concebida j famoso cantor das glorias luzitanas, quando em 1553 dob o Cabo da Boa Esperança em viagem trabalhosissima, á sinistra do relampago, e ao rugir medonho do trovão; n menos que 21 estancias occupa aquella formidavel pros peia — desde a XXXIX até á LX do canto V.

São tres as especies de prosopopeia ou personificação — *logismo, idolopopeia*, e *prosopopeia* propriamente dita.

Prothese. — É a figura que resulta do augmento de q quer lettra no principio de uma palavra, como: *acredor, vantar, atambor, avexar* por — *credor, levantar, tambor,* Veja *Palavras*.

Proto. — Veja *Prefixos*.

Provençal. — Tomou este nome a eschola dos trovad por se seguirem n'ella os mesmos principios poeticos da vença. Esta eschola começou com a monarchia, porque, procedentes da França os seus iniciadores, não admira fossem bem recebidos pela dynastia borgonheza que tam o era. Estende-se até Gil Vicente, época em que foi desapp cendo a rudeza, a falta de arte, a versificação dura e irreg e outros caracteristicos de uma linguagem muitas vezes telligivel.

Pertencem a esta eschola os seis *cancioneiros* que já me namos n'este artigo. Veja *Trovadores*.

Proverbio. — É uma sentença expressa em poucas vras, contendo um como éco da experiencia, tornado comm vulgar. Em todas as linguas contêem os proverbios a vulgar do paiz e merecem ser conservados.

A nossa lingua é riquissima em proverbios, citaremos al para exemplo:

O homem põe e Deus dispõe.
Ninguem vê o argueiro no seu olho.
O prudente tudo ha de provar antes de armas tomar.
Mocidade ociosa faz velhice vergonhosa.
Ninguem faz mal que o não venha a pagar.

Quem semeia ventos recolhe tempestades.
A palavra é de prata, o silencio de ouro.

O *proverbio* confunde-se com o *adagio*, o *rifão*, o *anexim*; é menos vulgar que o *adagio* e de uma moral mais austera; alem d'isto é grave e secco.

Diz-se commummente que os *proverbios* são a *sabedoria das nações*; mas quantos prejuizos circulam e se perpetúam com a capa dos proverbios! Devem pois acceitar-se com a reserva da consciencia individual.

Livro dos proverbios se intitula um dos livros do Antigo Testamento que se attribue a Salomão. É uma collecção de sentenças moraes e de maximas de conducta para todos os estados da vida.

Não se tomem os proverbios como exemplares de grammatica, porque têem muitas corruptellas do povo, e muita particula superflua para fazer melhor sonido.

Provincianismo. — Dá-se este nome ao emprego de termos só proprios de uma provincia, como: *cachôpo* em vez de rapaz; *monte* em vez de caza (de campo, em propriedade rural), etc.

Pseudo. — Veja *Prefixos*.

Pseudonymo. — Quer dizer falso nome, nome supposto. Esta palavra applica-se igualmente aos auctores que tomam, quando publicam obras, um outro nome differente do seu, e ás obras d'esses auctores.

Este costume — de disfarçar o auctor o seu nome — remonta á invenção da imprensa; mas começou principalmente a ser perfilhado nos ultimos tempos, em que tem servido de encobrir um grande numero de pessoas, que se ensaiam na carreira da arte litteraria dando a lume suas primeiras producções. Veja *Cryptonymo*.

Puras. — Dizem-se as vozes signaladas pelas vogaes puras, em opposição ás nasaladas. Podem ser — *nominaes*, *fechadas*, *abertas*, *graves*. Veja estes artigos.

São puras as palavras auctorisadas pelo uso dos que bem fallam a lingua, e empregadas em accepção vernacula.

Cai-se em impureza quando se empregam palavras não autorisadas, ou quando a estas se dá uma accepção estrangeirada.

Será pura a phrase se, tanto na combinação das suas partes, como no seu arranjo geral, seguir o genio da lingua, ou o uso constante dos homens illustrados.

Uma construcção estrangeirada jámais é desculpavel: porque nunca é necessaria, e porque vicía a lingua na sua essencia; pois esta não tanto está nas palavras, que todos os dias soffrem alteração, como no modo especial de combinar essas palavras.

D'aqui se vê quanto cumpre estudar, na aturada e reflectida lição dos classicos, a indole e propriedade da lingua: pois são tantos, e ás vezes tão pouco salientes, os modos por que se pode cair em barbarismos de phrase, que sem aquelle estudo nunca se poderão evitar. Veja *Impureza*.

Pureza. — É uma qualidade do estylo estimadissima n'uma obra, em que a dicção brilha sempre pela correcção da linguagem exacta, escolhida, natural; quer vista em relação ás expressões, quer em relação á construcção das phrases.

Esta qualidade é importantissima, já porque contribue para a clareza da expressão, já porque os archaismos têem-se como affectação; os provincianismos e plebeismos como rusticidade e baixeza; e os barbarismos, sobre terem-se como prova de ignorancia da lingua, são perigosos nas linguas que têem uma litteratura afamada, por minarem a existencia d'essa litteratura, tornando-a ininteligivel. Por isso os neologismos (especialmente os importados de lingua estranha) e os archaismos são permittidos sómente quando necessarios, i. é, quando a lingua não tiver palavra propria ou não a tiver boa, para a ideia que se quer exprimir; e os provincianismos e plebeismos, quando se quer imitar a linguagem de pessoas que usam d'esses termos, ou produzir um effeito especial, como ridiculizar.

Os vicios oppostos á pureza são pois tres, principaes: *barbarismo* ou *peregrinismo*, *provincianismo* e *purismo*.

Purismo. — Diz-se o defeito d'aquelle que affecta muito a pureza da linguagem, ou que a procura mui escrupulosamente no estylo; é como o *rigorismo* na moral.

É sem duvida louvavel que, fallando ou escrevendo, se empreguem racionalmente expressões convenientes, ou phrases conformes com as regras da syntaxe; mas se nos puzermos a pesar e medir puerilmente todas as palavras; se nos constituirmos censores implacaveis de todos os termos, que se cruzam n'uma conversação, cairemos no *purismo*, doença que mata as ideias; porque a attenção exclusiva que prestamos ás palavras é prejudicial ás operações do espirito e á rapidez da expressão.

Purista. — É aquella pessoa que presume de escrever e

fallar puramente; dedica-se a não empregar senão expressões convenientes, phrases conformes com as regras da syntaxe, affectando de tal modo a pureza na linguagem, que se exprime sempre em phrase ridicula ou friamente correcta, de que gosta de fazer alarde. Os *puristas* não arriscariam o menor termo de seu nimio escrupulo, ainda que elle houvesse de produzir o mais bello effeito.

Puros. — Dizem-se os sons produzidos pelas vogaes simples; podem ser mais ou menos fortes (convencionaes).

Pyro. — Veja *Prefixos*.

Q

Decima setima lettra do alphabeto e decima terceira invogal ou articulação; improferivel, lingual, guttural, certa.

Chama-se *quê* ou *kê*; não se escreve sem *u*; mas esse *u*, com *e* ou *i*, rarissimas vezes se lê.

Seu valor é improferivel, simplesmente modal; mas para ser indicado é necesario ajuntar ao seu valor a terminação vocalisada — *ê*; e assim diz-ze um *quê*, este *quê*, etc. O uso considera-o do genero masculino como todas as lettras do alphabeto.

Pode ser maiusculo *Q* ou minusculo *q*.

Quadras. — São estrophes de quatro versos, cujo quarto rima com o segundo, ficando soltos o primeiro e terceiro. Exemplo:

Defender os patrios lares,
Dar a vida pelo rei,
Foi dos lusos valorosos
Caracter costume e lei.

Ha tambem quadras todas rimadas, a saber; o primeiro verso com o terceiro, e o segundo com o quarto. Exemplo:

Esta infeliz viuva,
Foi-lhe o telhado ao ar;
Depois, já nem da chuva
Tinha onde se abrigar.

ou o primeiro com o quarto e o segundo com o terceiro. Exemplo:

Vós sois velhinha, já não tendes cores
Que o rosto animem e os olhos prendam,
Mas tendes prendas que o amor accendam,
Tendes ainda no inverno... flores.

Quadrimembre ou **tetracolos.** — É o periodo composto de quatro membros. Exemplo:

Se o ingrato perde os beneficios pequenos, porque lh'os não agradeceu; o ingrato, por isso mesmo que não agradeceu os beneficios pequenos, perdeu os grandes.

Assim como a espada quanto é mais excellente, tanto é mais perigosa na mão do furioso: assim a linguagem quanto é mais elegante, tanto maior perigo traz comsigo aos livros profanos.

Este periodo quadrimembre é de todos o mais perfeito, porque enche o ouvido sem fatigar a respiração nem a attenção: deve porem ser mais raro, assim para evitar a affectação, como porque o discurso não marche sempre a passo egual, nem perca a variedade, que em tudo se ha de guardar.

Qualificativos ou **Attributivos.** — Dizem-se os adjectivos que mostram propriedades ou qualidades dos substantivos. Dividem-se em *explicativos* e *restrictivos*.

EXPLICATIVOS, se podem converter-se em orações causaes: v. g.: *o homem mortal* (i. é — por que é mortal) *em tudo manifesta a sua fraqueza.*

RESTRICTIVOS, se podem converter-se em orações condicionaes: v. g.: *o homem sabio* (i. é — se é sabio) *deve ser escutado.*

Os adjectivos qualificativos, se são explicativos podem tirar-se ao substantivo cuja significação modificam, sem que esta suppressão altere a ideia expressa por esse substantivo: se dissermos — *o homem em tudo manifesta a sua fraqueza*, a suppressão do qualificativo *mortal* em nada influiu na verdade da proposição, nem alterou a ideia expressa pelo substantivo homem: e d'aqui se conclue que o qualificativo *mortal* é *explicativo*.

Já não succede assim com o qualificativo restrictivo, cuja suppressão influe na verdade da proposição: se dissermos — *homem deve ser escutado* —, supprimindo o qualificativo *sabio*, seguimos um conselho diverso, e que a muitos repugnará aceitar: a ideia que concebêramos do substantivo *homem* com o qualificativo *sabio* deixou de ser a mesma sem o qualificativo, que é evidentemente *restrictivo*.

As propriedades ou qualidades que exprimem estes adjectivos podem ser *essenciaes* ou *accidentaes*. Veja estes artigos.

A esta classe de adjectivos pertencem os derivados: — *gentilicos, patrios e verbaes.*

Os adjectivos qualificativos admittem tres graus em sua significação: *positivo, comparativo* e *superlativo*.

D'estes adjectivos tambem se formam *augmentativos* e *diminutivos*, como: *valentão* e *valentito* de valente; *sabichão* e *sabichinho* de sabio; *ricaço* e *riquito* de rico; *mansinho, mansito* de manso, etc.

Collocam-se em geral depois dos substantivos: 1.º os adjectivos verbaes e os partecipios; v. g.: *cousa pertencente, homem divertido, mulher estimada;* 2.º os que mostram a nacionalidade; v. g.: *artista portuguez, alfaiate francez;* 3.º os que exprimem a forma ou a cor dos corpos; v. g.: *vestido preto, campo triangular;* 4.º os adjectivos que exprimem certas propriedades ou estados physicos; taes como: *quente, frio, humido, secco,* etc., quando estes estados são accidentaes, assim como certos defeitos ou certas qualidades; v. g.: *homem aleijado, cavallo fogoso,* etc. Veja *Directa* (construcção).

Estas regras não deixam todavia de admittir excepções, e ha casos ainda em que, se é licito revogal-as a respeito de uns adjectivos, não o é a respeito de outros.

Quantidade. — No sentido restricto e grammatical em que aqui definimos este vocabulo, é a medida da duração de tempo, maior ou menor que se percebe, quando dizemos qualquer syllaba.

Esta duração é relativa; na mesma palavra ha syllabas que pronunciamos umas mais demoradas que outras; podemos dizer que ha uma certa semelhança com as notas da musica, em que uma é mais longa em relação a outra que o não é tanto.

Em portuguez distinguem-se duas quantidades — *longa* e *breve;* os diccionarios latinos trazem accentuadas com este signal (¯) as syllabas longas, e com est'outro (˘) as breves; v. g.: *fālsŏ, fāmă, fălădōră, fēlīz.*

Quantitativos. — São em geral os determinativos, que significam todos ou parte dos individuos de uma classe.

Dividem-se em:

Universaes	collectivos		todo, nenhum
	distributivos		cada, qualquer, quemquer
e			
Partitivos	definitos ou numeraes	cardinaes	1, 2, 3, etc. um, dois, tres, etc.
		ordinaes	1.º, 2.º, 3.º, etc. primeiro, segundo, terceiro, etc.
		multiplicativos	duplo, triplo, quadruplo, etc.
	indefinitos		algum, outro, tal, certo, muito, pouco, quanto, tanto, mais, etc.

Quartetos. — Composição poetica, estrophes de quatro versos rimados, o primeiro com o quarto e o segundo com o terceiro, ou o primeiro com o terceiro e o segundo com o quarto, v. g.: *o soneto* tem dois quartetos e dois tercetos.
Veja *Soneto.*

Quebrado de cinco syllabas. — Assim chamado o verso de cinco syllabas, com accento na primeira e quarta, ou na segunda e quarta, como estes:

«Da meiga infancia
«Ledo sorrir
«Foge co'o tempo,
«Não torna a vir,

Quinhentistas. — São assim denominados os escriptores da eschola classico-italiana, que enriqueceram nossa lingua, tomando por modelo os classicos latinos, e usando de uma linguagem culta, formosa e pittoresca; phrase energica, ainda que ás vezes trivial, e mais juizo do que imaginação.
Os poetas d'esta época fixaram o verso endecassyllabo (o decasyllabo da eschola moderna). Veja *Medição do verso.*
Os poetas lyricos mais notaveis e os primeiros cultores d'esta eschola são:
Francisco de Sá de Miranda, Antonio Ferreira, Pedro d'Andrade Caminha, Diogo Bernardes, D. Manuel de Portugal, Fernão Alvares do Oriente, Antonio Ribeiro Chiado, Fr. Agostinho da Cruz.
Os poetas épicos são:
Luiz de Camões, Jeronymo Corte Real, Luiz Pereira Brandão, e Francisco d'Andrade.
Os poetas dramaticos são:
Gil Vicente, Jorge Ferreira de Vasconcellos, Dr. Antonio Ferreira, Camões, Chiado, Sá de Miranda, Bernardim Ribeiro, Jorge de Monte Maior, Fernão Alvares do Oriente, etc.
Os oradores quinhentistas mais notaveis são:
Fr. Luiz de Granada, D. Antonio Pinheiro, Padre Luiz Alvares, Padre Pedro Calvo, Dr. Diogo de Paiva d'Andrade, Fr. Antonio Feio, Dr. Francisco Fernandes Galvão, Fr. João de Ceita, Fr. Philippe da Luz, Padre Francisco do Amaral, Fr. Thomaz da Veiga, e Fr. Miguel dos Santos, notaveis pela simplicidade, pureza de linguagem e singeleza evangelica.
Chronistas e historiadores, os principaes são: Fernão Lopes, Gomes Eannes de Azurara, Ruy de Pina, Duarte Galvão, Antonio Galvão (filho) Garcia de Rezende, Fernão Mendes Pinto, Fernão Lopes de Castanheda, João de Barros, Diogo do Couto, Damião de Goes e Jeronymo Osorio.
Veja *Litteratura.*

Quintilhas. — Estrophes de cinco versos e duas rimas; estas podem ser diversamente collocadas, a saber: uma no 1.º 3.º e 5.º verso; outra no 2.º e 4.º; uma no 1.º, 3.º e 4.º, e a outra no 2.º e 5.º Acham-se exemplos de composições, nas quaes as quintilhas d'ambas estas contexturas se vão alternativamente revezando. Exemplos:

«Sim, senhor, obra segura,
«Obra como deve ser;
«Feio e forte; é o que dura:
«Foi sempre o que ouvi dizer
«A quem está na sepultura.

«É um favo a tua boca
«De doçura quando falla;
«A tua lingua, uma sopa
«De leite e mel; essa roupa
«Cheira a incenso, regala.

Em Sá de Miranda, o principe das quintilhas portuguezas, encontram-se ainda com outra variedade, a saber: uma rimando o 1.º verso com o 4.º, e o 2.º com o 3.º e 5.º, e a seguinte rimando o 1.º com o 3.º e 4.º, e o 2.º com o 5.º

R

Decima oitava lettra do alphabeto e decima quarta invogal, incerta.

É uma das articulações proferiveis, toantes ou vocalisadas.

Chama-se *rêre;* tem dois valores: *rr* proferivel, no principio das palavras, quando está dobrado no meio d'ellas, e ao pé de *l* ou *n;* fora d'estes casos tem o valor mechanico improferivel — pancada da lingua no ceo da boca *(r')*.

Ordenadamente dispostos, temos os differentes valores proferiveis do *rêre* nos seguintes vocabulos; *raio, rei, rico, roda, rua; terra, carro, guerra, gôrro, birra, burro,* etc.; *palra, melro, bilro; tenro, honra,* etc.

Tem valor improferivel n'est'outros: *cara, corda, grito, erva, flor, prado, urge, febre, par, broca, prompto, Pedro,* etc.

Tem ainda o primeiro valor *rr,* proferivel em algumas palavras compostas dos prefixos *ab, de, ob, pre, pro, sub,* o *r* que se lhes segue; como: *abrupto, derisão, obreptício, prerogativa, prorogar, subrepticio,* que se lêem — *abrrupto, derrisão, obrreptício,* etc.

No principio das palavras nunca se dobra.

Rh encontra-se em algumas palavras de origem grega, como: *catarrho, rhetorica,* etc., mas sem influencia phonica.

Pode ser maiusculo *R,* ou minusculo *r.*

Considerando-o do genero masculino como todas as lettras

do alphabeto, diremos — um *rêre*, este *Rêre*, esse *rêre*, juntando aos seus valores, sempre que o quizermos indicar, a terminação vocalisada *e*.

Applica-se para designar aquellas cousas que de si lançam algum som duro e tremulo, ou com isso parecido: *trovão, raio, [illegible], trompa, [illegible], carro, trote, horror, corrente, serra, grosa, [illegible], [illegible]*, etc.

É muito apreciado pelo seu valor onomatopaico aquelle verso de Virgilio:

> Quà data porta ruunt et terras turbine perflant.

e esse valor vem-lhe dos *rêres*.

Lima Leitão traduzia:

> E s[illegible] da [illegible] os ventos ruem.
> E em turbilhão ruidoso as terras varrem.

e Odorico Mendes:

> . . . . em turbilhão cerrados
> Nas terras os ventos, dada a porta ruem;

Melhor se infere da 1.ª traducção, que grande havia de ser a tempestade, e justamente porque ha n'aquella mais *rr*.

Os substantivos e adjectivos terminados em *r* formam o plural com a addição de *es*, como: *mar, mares; mulher, mulheres; par, pares; flor, flores; familiar, familiares*, etc.

Raciocinio. — Processo pelo qual o espirito deduz um juizo contido n'outros juizos. Emprega-se ou para se descobrirem verdades novas, ou para se demonstrarem verdades que já são do nosso conhecimento.

O raciocinio pode ser *inductivo, deductivo*, ou *comparativo* e qualquer d'estes pode ser *justo, recto, falso, obscuro, capcioso, [illegible], concludente*, etc.

O raciocinio, sendo sempre no espirito um juizo motivado, toma na expressão verbal, differentes formas, a que se dá o nome d'argumentações. D'estas as principaes são seis: *enthymema, syllogismo, epicherema*, argumento pessoal ou *ad hominem*, argumento comparativo ou *exemplo* e *dilemma*.

Um raciocinio compõe-se de muitos juizos: *todos os homens são mortaes*: eis aqui um juizo; *eu sou homem*; aqui está outro; ambos conduzem a esta conclusão; *logo eu sou mortal*.

O raciocinio umas vezes é curto, outras vezes longo. Examinado miudamente reduz-se sempre a alguns juizos, dos quaes tiramos uma conclusão. *Esta casa convem-me.* Taes pa-

lavras encerram um raciocinio completo, que pode desenvolver-se d'esta maneira: *eu sou um negociante, tenho muitas fazendas, preciso uma casa com grandes armazens, que esteja situada em bairro bem frequentado; ora esta casa reune todas estas vantagens; logo esta casa convem-me.*

É importantissimo recommendar ao homem que se habitue a discorrer, e desde a infancia encaminhal-o, para se acostumar a observar bem as suas impressões e sensações; a tomar boa conta das suas percepções; a formar ideias bem claras, bem completas; a comparar as cousas com toda a attenção, e por todas as faces; a não proferir juizos, senão com perfeito conhecimento de causa; e a não discorrer senão sobre juizos bem exactos.

Longe de desgostar, ou de cançar as intelligencias tenras, nada as recreia tanto, como os exercicios de comparação e de raciocinio.

Porem debalde a nossa intelligencia se enriqueceria com percepções, ideias, juizos e raciocinios, se não tivesse a faculdade de os conservar, e de os recordar quando precisa. Mas todos sabem que ella possue esta faculdade, a que chamamos *memoria;* e tambem é sabido que as nossas ideias chamam naturalmente umas pelas outras, ou por algum ponto de parecença, ou de contraste, ou por outras causas. O caso é que esta associação natural das ideias, e estas reminiscencias involuntarias prestam á memoria um grande auxilio.

Radical ou **Thema** [1]. — Diz-se a parte invariavel da palavra, por opposição ás differentes terminações ou desinencias que essa palavra for susceptivel de receber; *am* é o radical do verbo *amar.* Veja *Congeneres.*

Tambem se dizem lettras radicaes as que formam a raiz de uma palavra e que se conservam nas palavras derivadas; como em: *arvoredo* derivado de *arvore; gritaria* de *grito; pedrada* de *pedra*, etc.

Raiz ou **Raizes**. — É a primeira parte da palavra derivada ou composta que representa a palavra primitiva.

Na radical ou raiz dos verbos adjectivos está representado o *attributo* ou a significação de *qualidade;* esta 1.ª parte do verbo é invariavel nos regulares.

---

[1] Em rigor, as palavras *radical* e *thema* não são inteiramente synonymas. A primeira é ordinariamente simples, e forma um elemento constitutivo da palavra; e a segunda pode ser composta, e comprehender a *radical* conjunctamente com o *prefixo* e *infixo,* se o verbo os tiver. Ha comtudo alguns casos em que o *radical* é composto, e então alguns grammaticos empregam-nas como se fossem synonymos.

RAIZES DE FORMAÇÃO chamam-se certos tempos primitivos donde se formam todos os mais.

1.ª raiz o infinito, d'onde se formam : o *presente*, o *preterito imperfeito*, o *preterito perfeito*, e o *futuro imperfeito* do indicativo ; o modo *condicional* e os *partecipios*.

2.ª raiz o presente do indicativo, primeira pessoa do singular, d'onde se formam : o *presente* do *conjunctivo* e da 2.ª pessoa de ambos os numeros, tirado o *s* final, se formam as 2.as pessoas do *imperativo*, cujas 3.as pessoas e primeira do plural são as mesmas do *conjunctivo* presente, só com a differença que no imperativo ordinariamente vai o sujeito depois do verbo.

3.ª raiz o preterito perfeito, de cuja 2.ª pessoa do singular se formam : o *preterito mais que perfeito* do indicativo, o *preterito imperfeito* e o *futuro* do conjunctivo, mudadas as lettras *ste* da terminação em — *ra, sse, r*.

A principal raiz para a formação das differentes vozes do verbo é o seu infinito, porque d'este, com as convenientes alterações, se podem formar todos os tempos e numeros de qualquer verbo.

Veja *Formação dos tempos*.

Razão.—Em sua accepção geral é esta palavra synonymo de *intelligencia*, ou da faculdade de conhecer. Em um sentido especial, designa a faculdade pela qual nós prendemos as ideias universaes, as verdades absolutas, os principios invariaveis.

A razão é esta forma da intelligencia que introduz no espirito os elementos, que a experiencia lhe não pode fornecer, quer nos ponha em relação com o mundo exterior, quer nos descubra os recessos intimos da nossa consciencia ; reflexo puro, bem que enfraquecido, d'esta luz primitiva que emana do proprio seio da substancia eterna, é uma revelação do mundo invisivel; ella forma a passagem necessaria do homem para o seu Creador. Reguladora interior dos nossos juizos, lei suprema do ser pensante, regra absoluta da liberdade, a razão communica-se aos homens por diversos graus e esclarece-os ácerca dos seus deveres, sobre o seu destino, sobre o fim da vida, etc.

Re. — Este prefixo nem sempre se emprega para dar aos verbos um sentido reduplicativo ; se podemos dizer : *reconquistar*, *reeleger*, *rever*, não dizemos *redar*, *redever*, *retossir*, porque a maior parte das vezes usamos, para exprimir o sentido reduplicativo, da circumlocução — *tornar a* — seguido do infinito do verbo principal ; v. g. : *tornar a dar*, *tornar a dever*, *tornar a tossir*.

O prefixo *re* junto a certos verbos dá-lhes uma significação

differente da que tinham os primitivos, sem ideia alguma de reduplicação; como: *requerer, referir, recapitular*, etc., que não dizem — *tornar a querer, tornar a ferir*, etc. Veja *Prefixos*.

Reaes. — Substantivos que não são abstractos, i. é, que significam entidades que realmente existem na natureza ou subsistem por si mesmas. Veja *Abstractos*.

Tambem se denominam assim os determinativos, á excepção dos articulares que se denominam *ostensivos*.

Recapitulação. — Emprega-se particularmente este nome em rhetorica, para designar aquella parte da peroração, que consiste em uma enumeração curta e precisa dos principaes pontos sobre que mais se insistiu no discurso, afim de serem apresentados aos ouvintes, como apanhados e reunidos em um laço, para causarem uma ultima e viva impressão no espirito.

É a repetição summaria do que foi desenvolvido, e novamente se apresenta n'um só ponto de vista.

Seus effeitos são: 1.º avivar a memoria dos ouvintes: 2.º tornar mais intelligivel o assumpto, pela vista simultanea de seus pontos: 3.º dar, pela união, mais força ás provas, do que tiveram separadas.

As cousas que se recapitularem deverão ser animadas com pensamentos os mais accommodados ao fim, significados com palavras expressivas e ornadas, e sobre tudo variadas com um torneio de phrase acima do vulgar; porquanto, se repetir n'ella as palavras já usadas no corpo do discurso para designar taes ideias, mostrará o orador com essa repetição simples e nua, que desconfia da memoria dos seus ouvintes, o que não deixará de os desgostar e de os alhear um pouco de si, alem do tedio que infallivelmente lhes causará.

A *recapitulação* é necessaria na *peroração*, e até deve fazer-se parcialmente em outras partes do discurso, como são a *narração* e a *confirmação*, quando o discurso é complicado em accidentes, ou quando consta de muitos pontos, ou quando, posto que conste de um só, este é confirmado com muitas provas. Será porem desnecessaria, quando o discurso for simples e breve.

Devem pois guardar-se na recapitulação duas regras: 1.ª tocar só os argumentos mais importantes e com a maior brevidade; 2.ª reforçal-os com pensamentos ponderosos, e tirar-lhes o tedio pela variedade d'uma expressão nova e não trivial. N'este ultimo intuito, e harmonisando com o tom da outra parte da peroração, a recapitulação reveste, umas vezes, a forma de appello á indignação, á vingança ou ao terror; outras a de exhortação, animação, invocação, supplica ou espe-

a preposição *com* e o verbo ir para
o primeiro; v. g.: *carteio-me com A*
A differença entre verbo reflexo
sujeito do 1.º vem no singular, o do
Ao pronome reflexo *se* tambem s

Recitação. — Acção de recit
capitulo, discurso, composição, etc.
é uma declamação mais ou menos
dos homens inventou para agradar
que o pode fazer a leitura, sobre tud
Duas são as partes da recitação
damental é a justa conformidade
mentos e da composição que tem d
quer em verso.
Em recitação pouco nos podem
arte, se não houvermos recebido d
telligencia e *sentimento;* sem isto n
Pode alguem ter uma voz clara
e harmoniosa, pode gesticular mu
d'isto, recitar mal. Se porem conc
remos bom recitador.
A boa declamação, dizia Castilh
tudo previo e profundo do trecho
e, prosegue o sr. Pereira, é impo
tenha alma, vida e expressão, se
res dos pensamentos, e bem comp
ções que, em recitando, nos propc

Assim os grandes pensamentos querem voz magestosa; os
ixos submissa; os mediocres moderada. Quanto ás paixões,
colera pede voz aspera, aguda, cortada a miudo pela respi-
ção; o amor e a mansidão, branda; a compaixão e a tris-
za, chorosa, interrompida; o prazer e a alegria, cheia e fluen-
; o medo, abatida; o atrevimento, alta e elevada.

Deve o *gesto* acompanhar a voz e abrir com ella os varios
nceitos do espirito. Convem que seja grave, nobre e delicada.
evemos evitar tudo o que é rusticidade, grosseria, affectação
domice.

Não concluiremos, sem primeiro transcrever o que relativa-
ente á *voz* disse Castilho:

A força da voz deve ser proporcionada á intenção que
ompanha cada ideia; esta escala é vastissima, pois corre
sde o tom confidencial e do segredo, que são caracteristicos
tristeza, da inveja e de outros affectos que a si mesmo se
errecem, até ao brado, ao grito, ao clamor, que parecem
ontaneos no alvoroço e nas paixões nobres. Não quero dizer
e havemos de seguir aqui á risca a natureza, tomando como
pressão d'ella o familiar; digo, porem, que atravez das mo-
icações exigidas pelo decoro do declamador e dos ouvintes,
a mesma natureza se deve sempre reconhecer, como por
ixo dos panejamentos da estatua, da pintura ou do vivo,
ultam ou se adivinham as formas do corpo humano........

....

....

O metal de voz, de que depende innegavelmente uma grande
rte do effeito favoravel ou desfavoravel do que se recíta é,
m duvida, um dote natural; é como a formosura ou a feal-
de, uma graça ou uma desgraça original.

A importancia d'este artigo leva-nos mais longe; julgamos
proposito transcrever do sr. Oliveira Maya as suas

REGRAS PARA A RECITAÇÃO

Articular distinctamente as syllabas e palavras, dar a cada
o som usado pelas pessoas que bem fallam, não arrastar
atropellar a dicção, fazer as pausas convenientes, e final-
e dar ás ideias e pensamentos a inflexão propria, são con-
s tão necessarias a uma boa recitação, como a uma boa
a.

m objecto de pausas, pensam muitos ter feito tudo, logo
guardem as indicadas pelos signaes da pontuação; mas é
ro, porque a pontuação, alem de muito arbitraria, é mais
inada para os olhos, do que para os ouvidos. Alem das
as por ella indicadas, ha outras não menos importantes;
rvem, ora para favorecer a respiração sem prejuizo do sen-

tido, e ora para chamar a attenção sobre o que se disse ou vai dizer. Assim esta sentença — *o nascimento em todos é igual; as obras fazem os homens differentes* — lê-se fazendo breves pausas depois de *nascimento* e de *obras*.

Na leitura do verso, têem muitos o habito de fazer pausa no fim de cada verso: é grave defeito, porque essas pausas cortam o sentido e produzem uma monotonia insupportavel. O verso deve lêr-se como a prosa, sem outra differença mais do que uma inflexão mais firme que se dá á voz nas syllabas finaes e n'aquellas em que recahem os accentos necessarios á musica do verso.

Na observancia das pausas de gosto, e nas inflexões da voz, conhece-se immediatamente aquelle, que comprehende bem aquillo que lê ou recita. Com effeito, cada pensamento, sentimento, figura e até cada parte da phrase, tem uma inflexão propria, sem a qual a dicção é monotona, deixa de fazer a impressão que devia, e ás vezes nem mesmo se entende bem. Quem em muitos casos reconheceria a ironia sem o tom de escarneo, de prezo ou gracejo? Quem acreditaria na convicção de quem argumentasse no tom de uma conversa placida? Assim as convenientes modulações da voz não só ajudam admiravelmente as palavras, mas são ellas mesmas um meio d'expressão. Na mesma phrase fazem ellas o officio de meias tintas, empregadas nas partes secundarias para que sobresáiam as principaes: e a esse effeito as orações incidentes e os complementos circumstanciaes se pronunciam geralmente em tom mais baixo.

Tanto as pausas dictadas pelo gosto, como as modulações convenientes da voz fazem-se instinctivamente, quando se entende bem o que se diz: e esse instincto pode ser coadjuvado ou emendado pela observação das pessoas que lêem bem. Se assim se não aprender, não se aprende de modo algum; porque as regras que podem dar-se, ou hão de ser tão minuciosas que seja melhor passar sem ellas, ou ha de cada regra ter milhares de excepções.

Recitativo. — Especie de canto que se approxima muito da palavra. É propriamente uma declamação por musica, na qual se devem imitar, o mais possivel, as inflexões da voz da declamação. Este canto diz-se *recitativo*, porque se applica á recitação ou á narração, e porque se emprega no dialogo. Não se mede o recitativo cantando; a paixão é que deve medir a lentidão ou a rapidez dos sons. O compositor, notando o recitativo sobre qualquer medida determinada, só tem em vista indicar pouco mais ou menos como se ha de passar, ou appoiar em certos versos e determinadas syllabas, e marcar a relação *exacta* da musica e do canto.

Recopilação. — Veja *Resumo, Summario, Epitome, Recapitulação.*

Recriminação. — Veja *Antanagoge.*

Redacção. — Veja *Composição.*

Redondilha maior. — Versos de oito syllabas; tambem se chamam pequenos ou lyricos; têem o accento na 2.ª e 7.ª, ou na 3.ª e 7.ª, ou na 4.ª e 7.ª, ou na 5.ª e 7.ª, como estes:

«Que irá dizendo o Mondego
«A sussurrar n'esta areia?
«Que lhe responde da margem
«O sinceiral que o sombreia?

Redondilha menor. — Versos de 6 syllabas com accento na 2.ª e 5.ª ou na 3.ª e 5.ª, como os seguintes:

«No espaço mesquinho
«Da vida mortal,
«O bem só se sonha:
«Mas sente-se o mal.

Tambem se encontram outros que, alem do accento na penultima, têem outro na 1.ª, 2.ª ou 3.ª

«Estrellas e flores,
«Areias do mar,
«Podem-se contar,
«Não vossos louvores.

Redondilha quebrada. — Versos de quatro syllabas com accento na 3.ª, como os da seguinte quadra:

«De amor foge,
«Coração,
«Não te arroje
«N'um volcão.

Redundancia. — Dá-se tambem este nome á superfluidade de palavras. A redundancia torna o estylo fraco e [illegible]; as mais das vezes só tem por objecto encobrir a deficiencia dos pensamentos, sob o apparato de palavras inuteis. Veja *Pleonasmo.*

Reduplicação. — É a figura que repete seguidamente [illegible] palavra; emprega-se ou para amplificar ou para exprimir mais vivamente alguma paixão. Exemplos:

«Quando Mercurio em sonhos lhe apparece
«Dizendo: *fuge fuge*, Lusitano:

> «Que sempre no seu reino chamarão
> «*Affonso, Affonso*, os ecos, mas em vão.

Ou para exprimir a compaixão; como:

> «*Ah coitada de ti! ah triste, triste!*

Veja *Separação*.

Reflexão. — Esta palavra tomada no sentido de meditação exprime uma das faculdades intellectuaes, que pertencem propriamente ao homem e que caracterisam sua natureza. Sua importancia é tal, que aquelle que d'ella é desprovido, incapaz por si mesmo de comprehender a missão que recebeu, torna-se infallivelmente o ludibrio ou a victima de suas paixões e do erro. Assegura áquelle em quem se tem desenvolvido, uma immensa superioridade debaixo do ponto de vista intellectual e moral. Tanto é verdade que este preceito da antiguidade: *nosce te ipsum (conhece-te a ti mesmo)*, é o principio de toda a sciencia e de toda a sabedoria.

A reflexão é uma faculdade complexa; é o conhecimento de si, ou a consciencia em actividade, para esclarecer e completar os conhecimentos que o estado de espontaneidade deixara na obscuridade e na confusão. Differe da *observação*, porque esta occupa-se especialmente dos objectos do mundo exterior, e a reflexão dos do mundo interior ou moral; distingue-se tambem da *meditação*, ainda que por uma pequena differença. A reflexão serve á meditação. Meditar é bem reflectir n'um objecto particular; medita-se uma verdade, e reflecte-se sobre sua importancia.

A reflexão é a faculdade cujo exercicio é o mais difficil e o mais penoso para o homem. Este retrocesso do espirito sobre si mesmo, este trabalho do pensamento sobre o pensamento, quando é serio e prolongado, exige esforços de que nem todos os homens são capazes, e em comparação com elles nada são os rudes trabalhos braçaes.

Mas o homem que reflecte vê desviar-se o dissabor; não dá guarida á vergonha; não tem conhecimento do pezar; nem lhe resuda no rosto a tristeza.

O que pelo contrario se engolfa de subito em alguma acção; o que não refreia sua lingua, enredando-se na fatuidade de suas proprias palavras, soffre depois amargas consequencias, semelhante áquelle que em rapida corrida saltasse um muro fronteiro, sem reflectir que do lado opposto estava o precipicio onde iria esmagar-se.

Reflexo (*Reflexivo* ou *Reciproco*). — Diz-se o pronome pes-

:ujas variações são — *si*, *sigo*, por denotar que a acção para o mesmo sujeito que a pratíca ; assim n'este exem-co *banqueteava-se esplendidamente e Lazaro consolava-se* *perança de uma vida melhor ; equivale dizer : o rico re-ı sua pessoa com banquetes, e Lazaro pensando na eter-llliviava a sua propria miseria.*

, *comsigo*, empregam-se algumas vezes sem valor re-presentando a pessoa com quem fallamos e a quem tra-a 3.ª pessoa. Exemplos : *quando o sr. quizer irei com-› é para si.*

ıome reflexo *se* chama-se indefinito, quando se junta ás ›as dos verbos para os apassivar, o que pode admittir-se, › sujeito não é que pratica a acção expressa pelo verbo. s : *regam-se as flores. As cousas estimam-se pelo que va-o pelo que custam.* Veja *Pessoaes.*

›o não poderá passivar-se assim, se trouxer expresso o plemento de causa efficiente ; v. g. : *regam-se estas flo-jardineiro. As cousas estimam-se de nós todos pelo que* tc. ; n'este caso, a construcção deve ser : *estas flores das pelo jardineiro. As cousas são estimadas de nós to-*›or todos nós) *pelo que valem*, etc.

exo-ou reciproco *se* não é mais do que a variação de :minativo da 3.ª pessoa, que pode ser— *elle*, *este*, *aquelle*, qualquer, como se vê nos seguintes exemplos : *este re-la aula, esse recusou-se á lição, e ninguem mais se pres-tudo.*

: *reflexo* o verbo activo, quando tem por complemento iação do mesmo pronome da pessoa do sujeito, que é o tempo agente e paciente, i. é, sujeito e complemento, s exemplos citados e n'estes : *eu me admiro, tu te ban-s, elle se julga, nós nos lavamos* ou *lavamo-nos*, *vós vos* ou *molhais-vos*, etc.; se a acção é praticada por mais de ito, ou sujeito do plural, o verbo chama-se *reciproco ; riram-se mutuamente*, i. é, um ao outro.

ıjugação reflexa (na terceira pessoa) serve outrosim ›assiva, quando não se nomeia o agente ; v. g. : *desar-m tendas*, i. é, *são desarmadas as tendas.*

ssivas assim formadas podem empregar-se quando o :— ser inanimado — e ainda quando é — ser animado o resultar ambiguidade ; v. g. : *derrotaram-se os ini-*

erbos intransitivos, e tambem aos transitivos tomados ivamente (i. é, sem referencia a complemento objectivo :terminado), pode-se dar, no singular, a forma reflexa da como voz passiva, como fica dito, para d'este modo ›talmente indeterminada a pessoa que pratica a acção, :em a qualidade ou estado significados pelo verbo ; v.

g.: *combate-se. É-se douto á força de estudo. O que se faz? estuda-se.*

Conseguintemente os verbos assim empregados não têem sujeito determinado, e a oração a que pertencem é impessoal.

Tambem algumas vezes se dá por emphase a forma reflexa ao verbo intransitivo no plural, como: *nós regressamos da India, mas elles lá se ficaram*, etc. *Os peixes pelo contrario, lá se vivem nos seus mares e rios, lá se mergulham nos seus pegos, lá se escondem nas suas grutas.*

Ha verbos que sómente se empregam na forma reflexa, como *arrepender-se*, *suicidar-se* e outros.

Dizem-se consoantes *reflexos* as vozes cujas ultimas syllabas têem sentido diverso do que significa a voz inteira; v. g.: *sa-grada*, é consoante reflexo de *grada; dado*, de *cuidado*. *Dobrado brado. Andam os patos sem sapatos. Muito riso pouco siso*, etc. D'estes sons seguidos resulta o *echo*.

Refutação. — É a parte do discurso que responde ás objecções; onde se combate e destroe com rasões solidas, com argumentos irrefutaveis, o que um outro avançou.

A refutação dissolve as objecções feitas ou que se podem fazer; e, embora se considere como parte da *confirmação*, não tem logar certo no discurso, mas ora precede, ora acompanha, ora succede á comprovação directa. Em quanto dissolve objecções, que se podem fazer, cabe até no discurso sagrado; mas é na discussão contradictoria, que demanda mais cuidado e se faz indispensavel.

Para destruir as objecções do adversario, a refutação faz arma de tudo: volta contra elle os argumentos communs, dissolve-lhe os fracos, nota-lhes as contradicções, e até as cousas incriveis, escusadas e alheias do assumpto, que elle houver dito; tudo isto porem sem impertinentes divagações.

Quando o orador refuta as suas proprias palavras toma esta refutação o nome de *Apophase*.

Regencia. — É a parte da grammatica que assenta as relações de determinação e mutua dependencia em que umas palavras estão para com as outras: porquanto, as palavras de significação transitiva requerem outras para seu complemento, sem o que a significação d'aquellas ficaria suspensa ou intelligivel. Estas relações conhecem-se — pelo *sentido* das palavras e pelas *preposições*.

É por tanto a dependencia que existe entre os membros de uma phrase. Consiste em que uma parte da oração faça com que outra, que a determina ou explica varie de sorte, que appareça a correlação que ha entre ambas.

ıxe que ensina estas variações chama-se *Syntaxe de* Veja *Syntaxe, Analyse.*

ntes ou Subordinantes.— Dizem-se em oppo- regidas ou subordinadas, todas as palavras que pe- ıs para lhes completar o sentido; taes são: o *verbo* o *adjectivo*, o *adverbio* de significação transitiva e a).

las ou Subordinadas. — Dizem-se em opposi- gentes ou subordinantes as palavras que servem de nto á significação das regentes; e podem ser todas npõem o discurso.

ne ou Regimen. — Veja *Complemento.* Pode ser *indirecto.* Veja estes artigos.

ssão. — Veja *Epanoda.*

lar. — Diz-se a conjugação dos verbos, que seguem ão dos seus tempos as regras geraes das conjugações.

lar a syntaxe, quando na concordancia, regencia e lo se observam as regras geraes da mesma syntaxe. a conjugação dos verbos como a syntaxe podem ser, ição, *irregulares.*

se *regulares*, os verbos que conservam em todos os s lettras do radical, e seguem á risca as terminações gação respectiva, que serve de paradigma.

laridade da syntaxe pode alterar-se por tres modos: ndo palavas, ou accrescentando outras, ou alteran- disposição. Veja *Figuras.*

ção. — Diz-se a narração circumstanciada de um só acontecimento notavel, de uma empreza, de uma via- m descobrimento, naufragio, cerco ou batalha.

escreve uma *relação*, refere com escolha, discerni- exacta fidelidade, o que viu, presenceou ou averiguou, indo circumstancia alguma, que possa ser util, para um justo conceito do facto em toda a sua integridade. rito consiste principalmente na exactidão e utilidade nores e em que o colorido que se dá ao estylo seja proprio.

a se diz que na construcção das palavras, para bem ir o pensamento, deve haver *relação* entre umas e

Assim o adjectivo deve mostrar a relação de concordancia entre elle e o substantivo. A preposição *a* exprime uma relação de tendencia, termo, attribuição. A preposição *de* exprime uma relação de qualificação, restricção, afastamento, procedencia, etc. Veja *Concordancia, Casos, Variações*, etc.

As relações podem ser infinitas; as mais ordinarias e importantes são as que se escolheram para se exprimirem por meio de certas particulas; taes são:

1.ª a *relação sujectiva*, que faz da ideia exprimida pelo nome *o sujeito que falla*, ou *de quem se falla* na oração.

2.ª a *relação vocativa*, que faz da mesma ideia *o sujeito com quem se falla na oração.*

3.ª a *relação restrictiva*, que faz com que um nome, junto a outro, lhe *restrinja* sua significação geral.

4.ª a *relação terminativa*, que faz que o nome, ou sua ideia seja o *termo* de outra relação.

5.ª a *relação objectiva*, que faz com que a ideia, exprimida pelo nome, seja o *objecto* de uma acção.

6.ª a *relação circumstancial*, que faz dos nomes, ou de suas ideias, varias circumstancias, que modificam e explicam os termos da proposição.

Para que um mesmo nome podesse exprimir a sua ideia com todas estas relações, escolheram as linguas um d'estes tres meios: ou o das terminações finaes sós, chamadas *casos*; ou o das *particulas* incorporadas *(affixos)*, ou separadas (preposições), ou de ambos os modos.

A lingua portugueza indica as relações por meio dos *artigos*, das *interjeições*, das *preposições*, sós ou contraidas com os artigos, e pelas posições; e só tem *casos* para os pronomes pessoaes.

Veja no vocabulo *casos*, como são indicadas estas differentes relações nominaes.

Relativos ou **Relativos conjunctivos.**—Dizem-se os pronomes demonstractivos—*que, qual, quem, cujo, quanto, onde* (adverbio relativo); os quaes se referem sempre a uma palavra ou sentido que substituem ou representam, e se chama o *antecedente* do relativo (claro ou subentendido), com o qual concorda o mesmo relativo em genero e numero. Exemplos: *a sabedoria facilmente é vista por aquelles que a amam e achada pelos que a buscam. Fallei com o sujeito, o qual me disse. O sol doura a quem o vê, o sabio illumina a quem o ouve. Respeite-se a vontade do povo, cuja rasão e cuja sciencia é o sentimento. Fiz quanto pude. No coração do invejoso o sangue é fel, d'onde distilla veneno.*

Dos pronomes relativos, dois variam de forma, segundo o genero e o numero—*cujo, cuja, cujos, cujas; quanto, quanta,*

quantos, *quantas* —; um apresenta simplesmente variação de fórma, segundo o numero — o *qual* a *qual*, os *quaes* as *quaes*—; os restantes conservam-se invariaveis — *que*, *quem*, *onde*.

O relativo, como accessorio do seu antecedente, liga a oração, em que se acha e que serve de caracterizar esse antecedente, áquella em que está o mesmo antecedente, o qual deve sempre collocar-se o mais proximo possivel do relativo, para se evitarem equivocos; raros são os casos em que esta regra se altera.

Os relativos vão em regra no começo das orações incidentes de que fazem parte, ficando estas subordinadas a uma principal.

Quando seguidos do signal de interrogação, chamam-se *interrogativos*, e, embora comecem o periodo, sempre é possivel subentender-lhe uma oração principal onde se colloque o antecedente respectivo. Assim, quando se diz, por exemplo — *Qual é o homem que encontrou a sua felicidade?* — teremos o antecedente n'esta outra oração, que por ellipse se omittiu — *Mostrai-me o homem o qual*, etc.; e o *que*, referindo-se ao substantivo *homem*, seu antecedente, e do qual é accessorio, liga ao mesmo tempo a sua oração á principal que o precede e da qual é — parcial incidente.

Que é invariavel e serve para todos os generos e numeros: o homem *que*, os homens *que*; a mulher *que*, as mulheres *que*; e só é relativo conjunctivo quando pode ser substituido pelo relativo *o qual*, *a qual*, *os quaes*, *as quaes*, aliás é conjuncção.

Se na oração se empregar o relativo *que* precedido de um pronome pessoal, o relativo é sempre da mesma pessoa que a d'esse pronome. Exemplo: *sou eu que tenho de trabalhar. É elle que tem de pagar*, etc. Mas se em vez de *que*, se empregar *quem*, então deve o verbo pôr-se na 3.ª pessoa do singular. Exemplo: *sou eu quem tem de trabalhar. Sois vós quem tem a culpa.*

Se o attributo com o verbo *ser* for um substantivo seguido de *que*, o verbo da oração seguinte (incidente) pode concordar com o sujeito do verbo *ser* ou com o attributo; mas deve preferir-se a concordancia com o sujeito, por ser mais natural. Exemplo? *Eu sou um homem que ainda não perdi* ou *que ainda não perdeu a crença.*

Não ha palavra mais importuna e molesta na lingua portugueza que a particula *que*, por se offerecer a cada passo com diversos significados, em rasão de accumular muitos empregos grammaticaes, de que resulta embaraçar o discurso e causar repugnantes cacophatos.

Os auctores antigos peccavam em atravancar a escripta com

este vocabulo, tornando-a obscura; e pode ser que d'aqui provenha o dizer-se vulgarmente de uma cousa intrincada — *que [illegible] quaes*. Veja *Particula*.

Qual, só variavel em numero, faz o plural *quaes*: e deve ser sempre precedido de artigo: *o qual, a qual, os quaes, as quaes*: assim se distingue do interrogativo *qual*, que nunca [illegible], e do comparativo *qual*, correlativo de *tal*. Exemplos: [illegible] *tal desventura, qual a que soffreu. Qual é Maria, [illegible]*.

Qual [illegible] singular e sem artigo emprega-se algumas vezes como partitivo, equivalendo a — *um, algum, outro, est'outro*. [illegible]. Exemplo: *todos temos de nos applicar*, QUAL *mais*, [illegible] *mais, outros menos*.

Entre os relativos é *qual* o unico que se faz preceder do artigo: v. g.: *o qual, a qual, os quaes, as quaes*: quando pois se [illegible] *que, a que, os que, as que* —, *o, a, os, as*, não são artigos, são pronomes demonstractivos que tambem podem vir contrahidos com alguma preposição: v. g.: *do que, da que, [illegible], pelo que*, etc., vindo a figurar como substitutos [illegible] substantivo.

Quem, invariavel, tem varios usos: vale por — a pessoa ou pessoas [illegible] n'estes exemplos: — *dize quem fez isto: [illegible]*. Quando interrogativo, vale por — que pessoa ou pessoas. v. g.: *quem és tu? quem são estes? quem dizem que são [illegible]?*

Vale por [illegible]; v. g.: *contendendo a ver quem mais [illegible] dão bom fructo e as más como quem são*: [illegible] ellas são.

[illegible] equivale a — *aquelle que* — no sentido de — *a pessoa que*. v. g.: *quem tem telhado de vidro, não atire pedras ao [illegible]*. Assim empregado, tem o valor de um pronome relativo, [illegible] a um pronome demonstractivo. N'este caso é do genero masculino e considera-se no singular.

Quem [illegible] puramente pronome relativo só se pode empregar precedido de preposição: mas á preposição *sem* não deve dar-se [illegible] complemento o pronome *quem*, por evitar-se dissonancia: assim pois não se diga — *o amigo sem quem* — como se [illegible], e sim [illegible] *sem o qual*.

Quem [illegible] de *quer* é locução que vale por *qualquer pessoa* [illegible] *seja*: i. é, *qualquer pessoa que seja* ou *seja* [illegible] qual pessoa fôr.

Com [illegible] refere-se mais propriamente a pessoas, ainda que algumas vezes a cousas.

O pronome relativo *que* serve de complemento directo referindo-se [illegible] pessoa, e regido de preposição, deve ser *quem* de preferencia a *que*. Exemplo: *chamou-se Adão o primeiro h-*

o Omnipotente deu por companheira a primeira mu-

iavel em genero e numero, vale o mesmo que — *de*
ıal, da qual, dos quaes, das quaes. E erro usal-o em
ıual, a qual, os quaes, as quaes; assim dizemos :
oder, cuja misericordia é infinita, i. é ; *o poder do*
ıericordia do qual; d'onde se vê que concorda em
umero com o nome da cousa possuida e jámais com
ıidor, i. é, com o objecto possuido pelo individuo a
ere, sem com este concordar, como succede com os
ıtivos

«Promettido lhe está do Fado eterno,
«*Cuja* alta lei não póde ser quebrada.

ıacerdote *cujas* eram estas filhas havia nome Jetro.»

as vezes emprega-se como interrogativo v. g. : *Cujo*
a) *é este chapeo? Cujas são estas ricas armas?*
mitte antes de si preposição, quando o substantivo com
corda, regido de uma preposição, tem de servir de com-
o a outra palavra, como n'estes exemplos : *o homem de*
ıbidade se não pode duvidar. A mulher a cujas virtudes
ıos devidos respeitos. O cavalheiro com cuja amisade nos
ıs, etc.
ıto tambem se emprega como pronome relativo, em cor-
) :
ım o pronome *tanto,*
ım o pronome *todo,*
om o pronome *tudo,*
les se podem occultar : v. g. : *foi sonho tudo quanto vi.*
recioso todo o espolio quanto herdara. Veja *Indefinitos,*
ıinativos.
ı, invariavel, valendo por *em que, no qual*, etc., refere-se
ıente a cousas e algumas vezes tambem a pessoas, si-
ıdo *logar em que* e relações analogas ; v. g. : *amamos*
ı mais a terra onde (na qual terra) *nascemos. Não ha*
fraco onde (no qual corpo) *o coração é forte. Eu chamo*
onde ha baixos intentos ; i. é, aquelles homens, *em que* ou
ıes. Não ha completa ignorancia onde ha applicação : i.
homens que se applicam.

ım-se *relativos*, os verbos transitivos que requerem para
ımento uma palavra ou oração regida de preposição con-
te á sua significação ; v. g. : *cair no erro ; desistir do in-*
partir para o campo ; ir por terra, etc.; e *activos relativos*
ıos transitivos que requerem dois complementos — um
vo e outro terminativo. Veja *Activo-relativo.*

Tambem se dizem *relativos* ou secundarios os tempos dos verbos, que vão indicados no vocabulo — *Secundario.*

Igualmente se dizem *relativos* em opposição a *absolutos* os adjectivos elevados ao grau superlativo, e exprimindo as propriedades ou qualidades de uns individuos, em resultado da comparação estabelecida entre as de outros individuos da mesma especie: Exemplo: *a civilidade é a mais forte cadeia da sociabilidade: é muito menos raro encontrar homens sem virtudes que encontral-os sem defeitos.* Veja *Superlativos.*

Reminiscencia. — Como figura de rhetorica, é assim chamada a ideia, a expressão, a phrase, etc., que volta á memoria quando se compõe, e da qual fazemos uso involuntariamente ou de proposito.

Vejam-se as estancias LXXVIII e seguintes com que termina o canto 7.º dos Lusiadas, e M. Lus. fls. 277.

Renascença. — Deu-se este nome á epoca do renascimento das lettras e das artes. Desconhecidas ou despresadas até então as obras primas da antiguidade, o seu descobrimento e cultura veio modificar não só a philosophia e as lettras que se reanimavam á luz dos seculos XV e XVI, mas tambem as bellas artes.

N'esta época foi que appareceu a mais celebre producção do genio entre nós — os Lusiadas, de Camões. — Era o 1.º poema regular que via a luz da publicidade n'esta época memoravel, em que as lettras, as sciencias e as artes em contacto com os antigos começavam a viver de novo no Occidente.

Fixam esta restauração depois da tomada de Constantinopla pelos turcos em 1453.

Com a renascença appareceu a tragedia.

Repercussão. — Veja *Antanaclase.*

Repetição. — É a figura de rhetorica que consiste em repetir uma palavra ou phrase para dar mais força, e intimativa ao que se diz. Em geral devem-se evitar no estylo as repetições, todavia empregam-se algumas vezes as repetições como effeito d'arte e com intenção; como n'estes versos:

«Para o ceo crystallino alevantando
Com lagrimas os *olhos* piedosos;
«Os *olhos*, porque as mãos lhe estava atando
«Um dos duros ministros rigorosos.

A *repetição* pode ser de ideias *(synonymia)* ou de palavras, cujo fim commum é fazer sentir bem as ideias, que particularmente se desejam inculcar.

tição superflua é um vicio: *tautologia*, se é de pala-
nasmo, se é de ideia.

tição é um dos meios mecanicos que a lingua portu-
ualmente emprega para produzir varios effeitos artis-
ıs vezes para exaggerar a ideia de uma grandeza ou
le; outras para denotar a repetição e intensidade de
o; outras finalmente para esforçar uma intimativa:
ificio proprio e peculiar, uma riqueza de elocução,
ɜza e elegancia de tão simples e natural invenção,
.s mesmas crianças em suas exaggerações e affirma-
ımam repetir muitas vezes a mesma palavra.

ısos adagios e rifões vulgares, sorte de portuguez
que tem todo o sabor e travo nacional, se encontra
nente a repetição da mesma palavra para apresen-
as das referidas ideias; v. g.:

grão enche a gallinha o papo. Gotta a gotta o mar se
olle e molle longe vai o homem. De farei, farei nunca
i. Nadar, nadar ir morrer á beira. De ruge, ruge nas-
ıcaveis, etc.

ɜmplos transcriptos se nos offerecem todos os effeitos
ão produzidos pelo mechanismo de que tratamos.

ão do mesmo nome exaggerando a ideia de numero
.ade:

e mais gallas para o corpo, sedas e mais sedas para o
o e mais ouro, joias e mais joias, vaidades e mais vai-
a o corpo.

forçar uma intimativa:

«*Aos infieis*, senhor, *aos infieis*
«E não a mim que creio o que podeis;

ıdo augmento e intensidade da acção que significa:

«Metto a mão á folha:
«*Puxo, puxo*, com quanta força tenho;
«Na bainha emperrada a ferrugenta...

ɜnte ao fumo que sobe e sobe, e, emfim, na maior altura

ão do mesmo verbo servindo de augmentar uma in-

«Não eram os traquetes bem tomados,
«Quando dá a grande e subida porcella:
«*Amaina* disse o mestre a grandes brados,
«*Amaina* disse, *amaina* a grande vela.

ão do mesmo adverbio, servindo de dar força a uma
ı:

ɔra com essas velhices.

Resposta. ... sentido particular, tomamos aqui este ... figura de elocução, admittida quan... alguma cousa, responde outra, por ... para aggravar uma imputação.
... exemplificámos o caso em que o ... pessoa e, sem esperar pela res... a faz a si mesmo e passa ... como no seguinte exemplo:
... disto? Sim perante aquelle ... contudo, antes que ... República.

Restrictivo, a. — Diz-se o adjectivo qualificativo, que ... uma qualidade accidental e ac... pode resolver-se em uma oração con... Ex.: *o homem justo* (incidente implicita) ... i. é, o homem, *quando é justo*, ou *que é* ...
... depois dos substantivos, como — *um ho...* — *um pobre homem* — o sentido fica ...
... adjectivos qualidades accessorias, e não ... dos substantivos, não podem omit... por ex.: *o homem dá o ser a seu dono;* ... pela omissão do restrictivo.
V. ... *qualificativos, Substantivo.*

C... se diz a palavra, ou oração inte... seguidamente a nome commum ... significação geral a uma ideia particular. ... *da casa. — Petição do que não é ... a despachemos.*
... *dono, petição*, sendo communs a muitos ... ficam por este complemento restringidos ... individuo possuidor (*Pedro*), a uma só ... a uma petição especial (*do que não é ho...*).
... restrictivo for pronome pessoal, em vez ... *de*, emprega-se o adjectivo possessivo ... *meu* livro, *tua* casa, *nossa* familia. ... livro *de mim*, casa *de ti*, etc.
O ... restrictivo pode ás vezes resolver-se pela ... v. g.: *livro de Pedro*, i. é, *que pertence a* ... *da imprensa é a respiração do corpo social*: ... *a imprensa* é *a respiração que* ... *de que gosa o corpo social.*
Se o pronome for da 3.ª pessoa, pode empregar-se com a

preposição *de* ou com o adjectivo possessivo, segundo fizer melhor sentido e sem amphibologia. Exemplo: *leste as poesias de Herculano? Não li as suas poesias,* ou — *as poesias d'elle.*

O complemento regido da preposição *de* nem sempre é restrictivo, mas pode ser *terminativo, circumstancial, de causa efficiente,* etc.; v. g.: *temor de Deus,* i. é — a Deus; *fugiu de casa* (logar d'onde); *estimado de todos,* i. é — por todos (causa efficiente), etc. Veja *De* (preposição).

E tambem denominada *restrictiva* a oração incidente que exprime qualidade accidental á ideia restringida, e por isso, omittida que seja, altera-lhe a verdade ou o sentido. Exemplo:

Aquelle, que nega a existencia de Deus, é como o filho, que nega seu pae.

Não consideremos perfeitamente civilisado o homem, que é mau.

Não ha corpo fraco, onde (no qual) o coração é forte.

Consideram-se como *restrictivos* os substantivos que modificam outros, como se fossem adjectivos. Ex.: *propheta rei, general heroe,* etc.

Tambem se dizem *restrictivas* as conjuncções concessivas. Veja *Concessivas.*

Resumo. — Recopilação ou epitome de obra, discurso ou razões mais largas.

Reticencia. — É a figura de rhetorica, pela qual o orador ou o poeta, interrompendo o discurso ou a expressão começada, subitamente passa a uma outra, mas de maneira que o ouvinte possa facilmente supprir o que o seu silencio deixa subentendido.

Vêem-se algumas reticencias nos seguintes versos de Garrett, narrando o facto historico de ter Camões salvado seu pae da morte, de que lhe resultou perder o olho direito, em um combate naval, empenhado contra os mouros no Estreito de Gibraltar:

«Juncto a meu pae — á frente o viram sempre...
«Sobre o inigo baixel a panno cheio
«Caía a nau de seu commando... um silvo
«De peloiro soou. Mirado a elle
«Certeiro mouro tinha. Estendo o escudo...
«Movimento feliz! Salvei-lhe a vida.
«A balla resvalou, e já sem força
«Leve aqui me feriu na sestra face,
«E fria aos pés me cai.

«— Leve ferida
«Que um dos olhos!...
«— Oh! dous nos ha dado
«Liberal natureza. Que vale isso!
«Salvei meu pae.

A reticencia é muitas vezes mais expressiva que o seria o discurso; mas só a devemos empregar nas occasiões importantes. Veja *Aposiopese.*

O mesmo nome de reticencia tem o signal orthographico (...), que nota a subita suspensão do que se leva dito, ou a suppressão, interrupção, lacuna, etc., no que se ia dizer; v. g.:

«É verdade, é verdade, os anjos ouço...
«Mas é dado aos mortaes ouvir-lhe o canto?

Retrato. — É vulgarmente conhecida pelo nome de *retrato* a descripção que se faz moral ou physicamente de uma pessoa determinada, como esta de Nicolau Tolentino:

Mais ao longe com pallida viseira
Sujo poeta está vociferando;
Da nojosa empeçada cabelleira,
Varias poatas de palha vem brotando;
Os papeis que lhe pejam a algibeira,
Vão pelo forro larga porta achando;
Faz da vestia camiza; e é collarinho
Torcido, solitario pescocinho.

Retro. —Veja *Prefixos.*

Rhetorica. — É a arte de bem dizer e de persuadir; sciencia de observação, deduzida do estudo do espirito humano e das obras primas de eloquencia.

A rhetorica é para a eloquencia o que a poetica é para a poesia, e o que a logica é para o raciocinio. Filha da arte que ensina e á qual empresta novas forças pelos seus principios e methodos, a rhetorica, regendo o genio no uso da eloquencia, dará aos espiritos bem feitos novas forças, mas é necessario dirigil-a antes de nos servimos d'ella e possuil-a tão bem, que possa penetrar nos habitos do espirito para ahi se confundir, estando presente e invisivel ao mesmo tempo, como a luz que allumia e se não vê.

N'esta theoria da eloquencia aprendem-se differentes modos de fallar, que se empregam para dar mais força, luz e graça ao discurso; estes modos são chamados *figuras de rhetorica,* e se dividem principalmente em duas cathegorias; a saber: figuras de dicção ou de palavras, e figuras de pensamento.

Nas primeiras, que tambem se chamam *tropos,* contam-se: a metaphora, a allegoria, o apologo, a parabola, o euphemismo, a catachrese, a hyperbole, a periphrase, a ellipse, o epitheto, a antithese, a imprecação, etc.

Nas segundas contam-se: a prosopopeia, a hypotypose, a illusão, a ironia, a hypothese, a reminiscencia, etc.

Veja *Figuras, Eloquencia, Oratoria.*

Tem a sua origem no estudo dos modelos, e na observação e experiencia do discurso oral; é um corpo de doutrina; tem estas por objecto; e por fim, dirigir e aperfeiçoar a aptidão natural para a eloquencia, ou pelo menos formar o discernimento e bom gosto para a apreciação das obras eloquentes, e dar preceitos uteis a todos, que pretendam fallar ou escrever sem graves defeitos.

Para ser util, tem, como a oratoria, não só de expender a theoria da eloquencia no discurso oral, mas ainda de completar a grammatica, expondo as outras regras geraes da arte de fallar e escrever, e as especiaes das composições em prosa.

Rhodio. — Diz-se o estylo copioso, sem ser redundante e superfluo, como o asiatico; forte e nervoso, sem com tudo ser tão cerrado e conciso como o attico; pode dizer-se *medio* entre um e outro; porque nem tem a redundancia do *asiatico*, nem eguala a precisão do *attico*.

Rhythmo. — Veja *Numero*.

Rifão. — Diz-se a phrase ou locução, que encerra alguma allegoria ou metaphora instructiva e vulgarisada.

Costuma ser agudo, chistoso e muitas vezes d'um estylo baixo; é n'isto que se distingue do *Adagio*, do *Anexim* ou do *Proverbio*.

Consideram-se rifãos os seguintes:
Barriga vasia não tem alegria.
Pobrete alegrete.
Do mal o menos.
O mel não é para a boca do asno.
Muito riso pouco siso.
Amola-o bem que logo cá o mettes.
Pão pão, queijo queijo.
Dêem-lhe corda, etc.

Rima. — É a conformidade dos sons finaes de dois ou mais versos, desde o ultimo accento predominante.

A rima pode ser *consoante*, e *toante* ou *assoante*.

A rima contribue para dar um grande encanto á poesia; deve por isso ser sensivel ao ouvido, para o que, ha de cair em syllabas sonoras, e que apresentem o mesmo caracter ou equivalente. Veja *Verso*.

Rimados. — Dizem-se os versos terminados em vocabulos consoantes.

São preferiveis os versos rimados: nos poemas de qualquer extensão que sejam, destinados simplesmente a agradar; nos

que são compostos para as sociedades, para as damas e para a musica; nos que tratam os affectos como simples passatempo; nos que, ainda que tendam a instruir e moralisar, empregam como meio a mordacidade e o riso; o namorado, o campestre, o ameno, receberão da rima o realce, que uma pequena pintura recebe do verniz.

Os versos rimados, por isso mesmo que retardam o trabalho, fazem concentrar n'elle maior attenção, e conseguintemente lhe proporcionam maior primor; tornam a forma poetica mais perceptivel e saborosa ao commum dos leitores e ouvintes, e ajudam a memoria, pois chamando cada desinencia pela sua semelhante, mais promptamente suscita a palavra, e com a palavra vem a phrase toda como que pegada.

Risca de união ou **Hyphen.** — Signal orthographico que, posto entre duas palavras, mostra que ellas se devem pronunciar, como se foram uma só; v. g.; *metrico-decimal, agua-ardente, Monte-mór-o-velho, cumpre-me, dize-lhe, fel-o*, etc.

No fim da linha indica que a palavra alli começada vai terminar no principio da seguinte, devendo observar-se as seguintes regras:

1.ª Quando muitas vogaes reunidas não formam diphtongo, podemos separal-as; v. g.: *sa-ude, a-inda.*

2.ª Quando duas vogaes formam diphthongo pertencem á mesma syllaba e não podem ser separadas; v. g.: *cau-sa, pou-co, coi-tado, ou-ro.*

3.ª Toda a invogal simples formando uma syllaba com a vogal seguinte não pode separar-se d'ella; v. g.: *a-mar, se-na-do.*

4.ª Toda a invogal collocada entre duas vogaes pertence á vogal seguinte; v. g.: *a-ve, ca-sa, a-mor, se-xo.*

Todavia, no começo das palavras, *x* precedido de *e* forma uma syllaba com esta vogal; v. g.: *ex-ercito, ex-imir, ex-onerar.*

5.ª Quando duas invogaes se seguem em uma palavra, pertence a primeira á vogal que precede, a segunda á vogal seguinte; v. g.: *pos-so, nor-te;* exceptuam-se os casos adiante indicados.

6.ª As invogaes *bl, br, cl, cr, dr, fl*, etc., todas aquellas emfim, que reunidas podem começar uma syllaba, pertencem uma e outra á vogal seguinte; v. g.: *a-brir, a-dro, qua-tro, a-pla-car.*

7.ª *c, p, l, n*, seguidas de *h*, são inseparaveis d'esta lettra, e reunem-se com ella á vogal seguinte para formar uma syllaba; v. g.: *a-lhei-o, pe-nhor, phi-lo-so-pho, cha-mar*, etc.

8.ª Os dois *cc*, quando o segundo é cedilhado *(cç)*, pertencem á vogal seguinte; v. g.: *di-cção;* e as derivadas dividem-se como a palavra primitiva, ainda quando a cedilha haja de

supprimir-se ante *e* ou *i*; v. g.: *cor-re-cção, cor-re-ccional*[1].

9.ª Quando n'uma palavra ha tres invogaes seguidas, se as duas ultimas podem começar uma syllaba, pertencem essas á vogal seguinte, devendo a primeira pertencer á vogal precedente; v. g.: *ac-clamar*[2], *com-prido, es-tragar.*

Entretanto existe uma excepção, como para todas as regras: é que em toda a palavra composta, a separação deve geralmente fazer-se no ponto da juncção dos termos componentes, quando a palavra, assim dividida, em nada melindre nem a vista nem a pronuncia, qualquer que seja a combinação de lettras que resulte d'esse ajuntamento; v. g.: *in-au-di-to, in-huma-no, phil-ar-mo-ni-co, ad-mit-tir, des-com-pôr, ab-ro-gar, anhe-lar, an-hy-dro,* etc.

Esta divisão das palavras compostas apresenta em certos casos algumas difficuldades, porque as mesmas reuniões de lettras podem exigir divisões differentes, conforme as palavras que houverem de formar.

Por exemplo nas palavras que começam por *ab*, o *b* pertence ora á vogal precedente, como em *ab-uso*, ora á vogal seguinte, como em *a-boccar.*

O mesmo acontece com as palavras que começam por *sub, ad, trans, am* ou *an, com* ou *con, em* ou *en.*

O conhecimento da origem e da composição das palavras é que pode habilitar-nos a dividil-as correctamente. Nas palavras que começam por *abs*, o *s* pertence á syllaba seguinte, se elle for seguido de uma vogal; v. g.: *ab-soluto, ab-surdo;* e á precedente, se for seguido de uma invogal; v. g.: *abs-cesso, abstinencia.*

Todavia faremos notar que nas palavras que começam por uma das syllabas *privativas* — *in* ou *des*, o *n* e o *s* pertencem á vogal precedente; v. g.: *in-util, in-habil, in-evitavel, in-experto, des-atar, des-esperação, des-ordem, des-unido.*

Nas palavras que começam pelas syllabas *con, in, per, pro, circum* e *super*, seguidas de *s*, pertence este quasi sempre á syllaba seguinte: *con-stancia, in-stavel, per-spicacia, pro-sperar, circum-stancia, super-stição,* etc.

Por vezes ha necessidade de infringir estas regras quasi geralmente adoptadas; v. g.: em *je-rarchia, prete-rito,* que por nenhuma rasão se podem dividir — *jer-archia, preter-ito.*

Da mesma sorte se não podem dividir, no ponto de juncção

---

[1] N'este caso, leiam-se como se a divisão e a leitura foram assim indicadas — *co-rre-kção, co-rre-kci-o-nal.*

[2] Note que a 2.ª invogal é a unica a ler-se; v. g.: *póço* e não *posço, acclamar* e não *akclamar*, posto que se parta assim: *pos-so, ac-clamar.*

dos termos componentes, certas palavras derivadas do grego ou do latim; taes como:

anto-nomasia	que se não pode dividir assim			*ant-onomasia*
me-thodo	»	»	»	*meth-odo*
mo-narcha	»	»	»	*mon-archa*
pe-nultimo	»	»	»	*pen-ultimo*
pe-ninsula	»	»	»	*pen-insula*
Phi-lipe	»	»	»	*Phil-ipe*
pro-sodia	»	»	»	*pros-odia*
pseu-donymo	»	»	»	*pseud-onymo*
rec-tangulo	»	»	»	*rect-angulo*
re-dempção	»	»	»	*red-empção*
stra-tegia	»	»	»	*strat-egia*
teles-copio	»	»	»	*tele-scopio*
vi-nagre	»	»	»	*vin-agre*

Todavia algumas ha, derivadas do grego, que se dividem muito bem pelo ponto de juncção dos termos componentes; taes como: *anti-scorbutico, anti-ptose, hyper-bolico, pery-stylo, peri-plo, per-oxido, syn-odo, syn-onymo, syn-opse*, etc.

Finalmente nunca se passa para a linha seguinte uma vogal só, ainda que forme syllaba inteira, nem pontuação pertencente á ultima palavra da linha antecedente.

Romance. — Narração mais ou menos verdadeira, ou engenhosamente composta a exemplo das scenas communs ou extraordinarias da vida humana.

Os romances podem ser historicos, e n'este caso consideram-se verdadeiros, mas com mistura de ideal ou ficção; a parte d'invenção ha de ser tão ajustada á verdadeira, e tão apropriada a realçal-a e completal-a, que n'ellas se ache, em certo modo, uma verdade ainda mais fiel e mais viva do que na historia.

O romance tendo de occupar-se da vida do homem, da familia, dos interesses e accidentes quotidianos, das paixões, virtudes e vicios, usos e caracteres da vida commum, offerece um campo vasto e fecundo á imaginação do romancista. É n'este genero de composições que o escriptor tem muitas vezes ensejo de apresentar a virtude sob um aspecto attrahente e respeitavel, ainda entre as maiores humilhações; e pelo contrario pintar o vicio de modo a tornal-o odioso, ainda na mais brilhante prosperidade. O que fizer o contrario, não será digno da qualificação de homem honesto, nem da de bom cidadão.

O romance, sendo breve, toma o nome de *conto* ou *novella*.

Romance ou antes *rimance* foi já empregado para designar

uma narrativa épica, sem canto, abraçando em geral assumptos historicos, como o dá a entender Garcia de Rezende, quando diz: «E assy muitos emperadores, reys, e pessoas de memoria pelos *rymances* e trovas, sabemos suas estorias.»

Tambem se tem dado o nome de *romance* ou *lingua romanense* em que sobresaía o latim corrompido e se fallava na Galliza, na Castella e no nosso paiz, quando tomou o nome de Portugal.

S

Decima nona lettra do alphabeto e decima quinta invogal incerta.

Esta invogal é frequentissima, n'ella acabam metade das inflexões dos verbos, todos os nossos pluraes de nomes, pronomes, partecipios e de quasi todos os adjectivos; não fallando nos infinitos casos em que figura no principio e meio de palavra, já antes, já depois de vogal; e tambem antes e depois de invogal, como em *sciencia* e *psalmo*.

É tambem uma das articulações *proferiveis*, toante como em *riso*, *caso*; e soante como em *susto*, *falso*.

Chama-se *Çezêxe*. Tem tres valores: *ç ç*, primeiro valor, proferivel soante, no principio, dobrado e entre invogal e vogal; v. g.: *silva, passo, valsa; z z*, segundo valor, proferivel toante, entre vogaes; v. g.: *desusado; x x*, terceiro valor proferivel soante, no fim de syllaba; v. g.: *postas, luzes, restos, bois, teus, sustos*, etc.

No principio de palavra nunca se dobra.

Pode ser maiusculo *S*, ou minusculo *s*.

Considerando-o masculino como todas as lettras do alphabeto, diremos — um *cezêxe*, este *cezêxe*, juntando a cada um dos seus tres valores, sempre que o quizermos indicar, a terminação vocalisada *ê*.

Nas palavras compostas de uma preposição terminada em vogal o *s* que fere a vogal da 2.ª componente tem o primeiro valor, como se lê em — *presagio, presuppor, resurgir, resuscitar*; mas não succede o mesmo nas palavras em que o prefixo é privativo, como em *desaventurado, desaffronta*, que se lê como *dezaventurado, dezaffronta*, dando-se ao *s* o seu 2.º valor.

Em leitura continua tambem, damos ao *s* o 2.º valor, quando uma palavra termina por elle e a seguinte começa por vogal; e assim diremos: *casas altas, esses escudos, taes historias, nossos olhos*, os ultimos *hebreus* — como se vissemos — *cazazaltas, essezescudos, taezistorias, nossozolhos, ozultimozebreus*.

Esta regra é constante para todas as palavras que começam por *vogal* ou *h*, sem excepção.

O *s* da terminação *simo* dos numeraes ordinaes, *vigesimo, tri-*

gesimo, quadragesimo, centesimo, millesimo, millionesimo, e dos mais que assim terminam pronuncia-se como *ç*, não obstante estar entre vogaes.

Os nomes substantivos e adjectivos terminados em *s* não alteram para o plural a terminação, excepto *deus, duples* e *simples, ourives, lapis, arraes*, que fazem *deuses* (mythologicos), *duplices* e *simples* ou *simplices*.

Tem a natureza animal e a inanimada sons que arremedam com muita propriedade o *s*, taes como: o silvo da serpente; o siciar da seara; o assoviar do vento pela enxarcia; e o ruído macio da ressaca, quando o mar arregaça brandamente as fraldas de cima das areias e declives de suas praias. É logo manifesto que onde houvermos de imitar estas ou semelhantes vozes da natureza, o emprego de palavras com *s* ou *ç* ajudará material, mas efficazmente, a representação da ideia. Os exemplos são triviaes em todos os poetas de alguma conta.

Veja *Z*.

Saphicos. —Veja *Hendecasyllabos*.

Sarcasmo. — Ironia amarga e pungente acompanhada de riso insultante, e dirigida a quem se não pode vingar; tal é a que os judeus dirigiram a Jesus crucificado: *tu que destroes o templo de Deus, e o reedificas em tres dias, livra-te a ti mesmo, descendo da cruz.*

O *sarcasmo* tem servido de arma terrivel para acabar com muitos prejuizos; com ella têem tambem muitos oradores ou escriptores escarnecido ou insultado seus adversarios ou inimigos.

Satira. — Composição poetica destinada a censurar ou a fazer cair em ridiculo os vicios, as tolices, as paixões, as loucuras dos homens.

Pode tambem ser composta em prosa; qualquer escripto composto para o mesmo fim, sempre mordaz, maledicente ou offensivo.

Ha elogios que são satiras, como o podem ser quaesquer reflexões ou discursos, em que as palavras trazem um sentido duplo, reservado e cheio de ironia.

Daremos para exemplo o que Nicolau Tolentino dirigiu a um charlatão n'uma de suas judiciosissimas e jocosissimas satiras:

Chegou Monsieur de tal,
Chimico em Paris formado;
Traz segredo especial;
Um elixir approvado,
Um remedio universal:

Não pretende ajuntar fundo
C'os grandes segredos seus;
E cheio de dó profundo,
Tira pelo amor de Deus
Os dentes a todo o mundo.

Differe a satira muito da critica, ainda que commummente se toma pela mesma cousa, por que a critica é feita para emendar; e a satira escandalisa, doesta, fere, revolta e indispõe, principalmente se é chamada *menippêa*, declarando os nomes, os empregos, e notas conhecidas das pessoas a quem se dirige, e contra quem é feita.

Pode tomar todas as formas e todas as proporções, desde o epigramma até ao poema heroicomico, desde a ode até ao drama.

A satira ora adopta um tom indignado, caustico, mordente, perseguindo o mal e verberando-o energicamente; ora um tom gracejador, e zombeteiro, escarnecendo e ridiculisando sem colera.

As formas mais usadas têem sido as quintilhas, ou quadras rimadas de versos octosyllabos, e o hendecasyllabo solto ou rimado.

Scender. —Veja *Desinencias.*

Schema. — Forma de locução despertada pela imaginação e affectos, a que se dá em rhetorica o nome geral de *Figura.*

Sciencia. — Diz-se em geral todo o conjuncto, todo o ramo do saber, dos conhecimentos humanos, e particularmente os conhecimentos que foram verificados e systematisados pela applicação do methodo, e que se tornaram o objecto de um estudo especial.

Seu objecto principal é conhecer a verdade, e por isso é inimiga de toda a superstição.

A leitura e a meditação contribuem immenso para se adquirir uma copia abundante dos conhecimentos humanos, comtudo, adquiridos ou verificados pela pratica, são esses conhecimentos mais seguros, que repousando somente sobre uma simples theoria.

Estudadas por um diminuto numero de homens, encerradas n'um circulo estreito de factos, e não encontrando nas circumstancias ordinarias da vida senão raras applicações, as sciencias formavam outr'ora como um dominio áparte, onde se agitavam longe dos olhos do vulgar algumas discussões theoricas, sem relação e sem ligação directa com os interesses communs.

Hoje são inteiramente outras as condições da sciencia. Cul-

tivada por um numero immenso de espiritos, abraçando toda a esphera das realidades que nos cercam, a sciencia toca-nos agora por todos os lados ao mesmo tempo; faz quasi parte da nossa existencia.

Diz-se *sciencias exactas*, *sciencias moraes* e *politicas*, *sciencias metaphysicas*, *sciencias historicas*, *sciencias physicas* e *naturaes*, etc.

Scientificos. — Dizem-se os termos relativos a uma sciencia.

Tambem se diz obra scientifica; questão, discussão, materias scientificas.

Secco. — Diz-se o estylo que exclue toda a qualidade de ornatos; o auctor que d'elle se serve, contenta-se com se fazer entender, importando-lhe pouco o lisongear o ouvido e a imaginação.

Um tal estylo só é toleravel nos escriptos didacticos; e n'estes mesmos, para o ser, precisa de andar acompanhado de muita importancia e solidez de pensamentos, juntos com uma perfeita clareza de expressão.

Secundarios. — Secundarios ou relativos dizem-se os tempos que, alem de notarem o *presente*, o *preterito* ou o *futuro*, denotam tambem outro presente, outro preterito ou outro futuro, a respeito dos quaes se dizem perfeitos ou acabados. São tambem tres: o *imperfeito* (presente relativo a preterito), *o mais que perfeito* (preterito relativo a preterito), e *o futuro perfeito* (preterito relativo a futuro).

Segundo. — Esta preposição, que se não deve confundir com o adjectivo numeral ordinal (2.º), designa — CONFORMIDADE. *Segundo a lei. Cada qual segundo suas posses.*

Phrases ellipticas equivalentes a est'outras — *segundo* ou *conforme* a lei determina. — Cada qual *segundo* suas posses lh'o permittem.

Esta preposição tambem se pode considerar partecipio irregular do verbo *seguir*; porque dizendo nós — *segundo a moda*, é como se disseramos: *seguindo a moda.*

Sem. — Annuncía esta preposição:

1.º SITUAÇÃO ISOLADA OU EXCLUSIVA.

> «Sereno o ar e os tempos se mostravam
> «*Sem* nuvens, *sem* receio de perigo.

2.º PRIVAÇÃO, FALTA. *Fama sem proveito. N'esta vida não ha rosa sem espinho, nem mel sem abelha.*

«Uma união de pedras é edificio: uma união de taboas é navio: uma união de homens é exercito. E *sem* esta união tudo perde o nome e mais o ser. O edificio *sem* união, é ruina: o navio *sem* união é naufragio: o exercito *sem* união é despojo. Até o homem (cuja vida consiste na união de alma e corpo) com união é homem, *sem* união é cadaver.»

Semelhança. — Esta figura de rhetorica consiste em approximar da cousa de que se falla uma outra cousa, que se lhe pareça por algum lado, e que sirva de a fazer comprehender melhor; para isto devem reunir-se ideias, que se não contradigam.

Umas vezes assignala explicitamente os pontos de parecença, como faz Camões pintando a D. Ignez assassinada:

Assi como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi candida e bella,
Sendo das mãos lascivas maltratada
Da menina que a trouxe na capella,
O cheiro traz perdido e a cor murchada;
Tal está morta a pallida donzella,
Seccas do rosto as rosas e perdida
A branca e viva cor, co'a doce vida.

outras vezes lança rapidamente a confrontação e deixa ao ouvinte ou leitor o descobrir e desenvolver os pontos de analogia; assim o mesmo poeta:

«................E n'isto de mimosa
«O rosto banha em lagrimas ardentes,
«Como co'o orvalho fica a fresca rosa.

Tanto a semelhança desenvolvida, como a abreviada, apparecem muitas vezes, especialmente nos poetas lyricos, sem as formulas — *como*, *tal*, *qual*, *assim como*, e outras que commummente as acompanham.

Veja *Comparação*, *Parabola*, *Enargueia.*

A regra principal que deve observar o orador n'estas pinturas, é pôr um particular cuidado em que a cousa, de que tira a semelhança, não seja escura, nem desconhecida, antes familiar aos seus ouvintes.

Semi. — Veja *Prefixos.*

Semiologia. — Uma parte da grammatica, modernamente admittida, que ha de estudar a funcção das palavras.

Não está ainda organisado este estudo, diz o sr. A. Coelho. Esta parte da grammatica tem de determinar as leis geraes que presidem á transformação da significação das palavras.

Sentença. — Toma este nome qualquer reflexão profunda e luminosa, cuja verdade assenta no raciocinio ou na experiencia; é universalmente verdadeira e louvavel, ainda que fora do individuo a que se applica.

As *Maximas*, os *Pensamentos*, os *Proverbios*, os *Apophthemas*, os *Adagios*, etc., são SENTENÇAS que, como as *clausulas*, significam ou contêem pensamentos sentenciosos, i. é, reflexões ou observações profundas, philosophicas ou moraes.

A *sentença* é considerada como grau de ornamento, um conceito agudo, ou um pensamento delicado, que em poucas palavras encerra um sentido profundo — *O sabio deve viver como pode, caso não possa viver como deseja.*

A generalidade dos rhetoricos admittem tres especies principaes de sentenças — *Gnomas*, *Enthymemas* e *Epiphonemas.*

Sentido proprio. — Confundem-se vulgarmente estas duas expressões — *sentido proprio* e *termo proprio*, mas em litteratura designam cousas mui distinctas.

Termo proprio quer dizer termo que exprime bem a ideia, esteja elle tomado na accepção que se queira; termo tomado em *sentido proprio*, quer dizer que está tomado na accepção primitiva, em sentido recto, não translato. Assim, por exemplo, quando usamos a palavra *coração* para designar a parte moral do homem, servimo-nos d'um *termo proprio* e propriissimo, porque exprime perfeitamente a ideia; porem não está tomado em *sentido proprio*, pois *coração* não designa, em sua primitiva accepção, mais do que a entranha material que se chama assim em nossa lingua. Veja *Propriedade dos termos.*

Separação. — A que tambem se dá o nome de *Diacope*, é a figura que resulta da repetição da mesma palavra, mettendo-lhe porem de permeio outra ou outras differentes, no que differe da reduplicação. Exemplos:

«Tu, só tu, puro amor, com força crua.

«Dai velas, disse, dai ao largo vento

«Feliz, ai! mui feliz, se ás praias nossas
«Nunca troianas quilhas aportassem!

Sermão. — Veja *Homilia.*

Sextinas. — Composição poetica em estancias ou estrophes de seis versos, geralmente consagradas a assumptos amorosos.

Não eram propriamente rimas, mas tambem não deixavam de o ser; os versos de que se compunham tinham todos desi-

nencias differentes e deviam ser substantivos e geralmente de duas syllabas; todas as sextinas de que uma composição constasse, por mais que ellas fossem, haviam de conter cada uma as mesmissimas seis palavras, no remate dos seus seis versos; o 1.º verso da 2.ª sextina terminava como o ultimo da 1.ª; o 2.º da 2.ª como o 1.º da 1.ª; o 3.º como o 5.º; o 4.º como o 2.º; o 5.º como o 4.º; o 6.º como o 3.º; a sextina 3.ª correspondia á 2.ª, como a 2.ª á 1.ª, a 4.ª á 3.ª e assim por diante; o fecho eram tres versos, concluidos ainda por tres d'aquellas já estafadas palavras, e que, para não ficarem devendo nada, levavam dentro em si as outras tres.

A respeito d'este genero de poemetos, rasão teve Costa e Silva, quando assim se exprimiu: — Entre as rimas de Camões encontram-se algumas sextinas; estes poemas que D. Manuel José Quintana, com o bom gosto que distingue todos os seus juizos, qualificou de *impertinentes*, estão hoje de todo fora da moda; e com rasão, visto que é tal a ruindade de sua natureza que nem Petrarcha, nem Camões as poderam tornar supportaveis.

Signaes orthographicos. — São os que se empregam na escriptura para a divisão das differentes partes do discurso, e para indicar na leitura e recitação as devidas pausas e inflexões de voz.

Os pontos que formam a collecção dos signaes orthographicos são os que ficaram designados no artigo *Pontuação*, onde, por lapso, não indicámos o *Travessão*. Veja este artigo.

Significação. — Diz-se de significação uma classe de figuras de palavras, em que se comprehende o *tropo*, a *ironia*, a *metaphora*, a *allegoria*, a *synedoche*, a *metonymia*.

Simples. — É *simples* o estylo que se contenta com uma elocução pura, correcta e clara; não admitte ornato, que não seja muito modesto e natural; e se tem harmonia, é só quanto baste para não offender o ouvido.

É este o estylo que se emprega na conversação familiar, nas cartas, nas fabulas. Deve ser puro, claro e sem ornato apparente.

É *simples* a oração que tem ou um só sujeito, ou um só attributo. Exemplo: *O homem é mortal.*

São simples as palavras que não podem decompôr-se em duas; v. g.: *ar*, *ceo*, *terra*.

Simples dizem-se tambem os tempos dos verbos, que se conjugam sem auxiliares; exprimem-se por uma só palavra, ainda que esta seja composta, como: *louvo*, *devemos*, *contradisse*, etc.

Estes tempos, como se vê, não carecem para a sua forma-

outras muda o *b* na invogal por que começa a segui
vra componente; v. g.: *sor-rir, soc-correr,* etc. Veja

Sobre. — Esta preposição indica:
1.° LOGAR *onde, situação superior.* — *Deitado sobre*
sobre a terra. E virtualmente: *Caiu sobre os judeu*
maldição.
2.° PROXIMIDADE *precedente.* — *Vendo sobre si tão gra*
(vendo já *proximo a si*). *Sobre a manhã; sobre a tard*
noite (*proximo ao* amanhecer, *perto da* tarde, da noit
tar sobre aviso (estar *avisado antes*). •
3.° SUPERIORIDADE, INDEPENDENCIA. — *Prevaleceu so*
Reinou sobre seu povo. Viviam todos na mesma casa,
um sobre si.
4.° DIRECÇÃO, TENDENCIA. — *Fechar a porta sobre si* (
Ir sobre alguem (contra alguem ou para o atacar). *M*
o branco que sobre o baço.
5.° DEMASIA, EXCESSO (alem, mais do que). *Trabal*
posse (*mais do* que pode). — *Deixando sobre 500 m*
contar os feridos (*alem de* 500 mortos, etc.) Empreza,
meraria, impraticavel (*alem de* temeraria, etc.) — *Sobr*
de pelejar, ferir e matar, era insupportavel a força d
sede.
6.° POSTERIORIDADE. — *Trabalhos sobre trabalhos* (uns
tros); *sobre pensado; sobre contas feitas* (*depois de* pe
pois de contas feitas.)
7.° MATERIA, OBJECTO de que se trata. *Dar o seu par*
alguma cousa (*ácerca ou a respeito de* alguma cousa).
a questão da divindade... perguntou o Senhor.

Esta preposição tambem se emprega, e mui elegan
com a significação de *alem de;* v. g.: *sobre feia é i*
sobre ser rica é bella e meiga. Veja *Prefixos.*

Sobre-communs. — Tem este nome um peq
mero de substantivos que são sempre do mesmo gen
se refiram a homens, quer a mulheres; v. g.: *te*
criança, victima, etc.; assim dizemos — *linda crian*
testemunha, sympathica creatura, seja qual for o sexo a
tençam.

Sobrenome. — Veja *Cognome.*

Soc. — Veja *Prefixos.*

Solao. — Romance ou cantiga de origem prove
toada de musica, ou que affectava esse estylo, ant

usado para allivio de melancholia, occasionada por cousas tristes.

Toma-se por uma especie de romance narrativo, quando sobre assumpto amoroso junta ao narrativo o elegiaco; constitue na peninsula iberica um thesouro precioso de poesia popular. A sua forma ordinaria era de versos octosyllabos, rimados em toante ou consoante e formando estancias regulares; ou sem divisão d'estancias e com a mesma rima, em todos os versos pares.

Solecismo. — Figura que resulta de se offenderem as regras da syntaxe. Exemplos: *Eu parece-me. Eu aborrecem-me. Deparei com um amigo* — por: *A mim parece-me* ou simplesmente — *parece-me. A mim aborrecem-me* ou somente — *aborrecem-me. Deparou-se-me* ou *deparou-me a sorte um amigo.*

O solecismo é differente do barbarismo: por que este mais propriamente se diz de uma locução, ou de uma accepção estranha, de uma errada pronunciação, etc.: e o solecismo é uma infracção das regras estabelecidas para a construcção de uma lingua; assim toda a falta nas conjugações, na syntaxe, etc., se diz *solecismo*; v. g.: *tu destes-me*; *vós fizesteis*, em vez de — *tu deste-me*: *vós fizestes*; *entrou-lhe em casa*, em vez de — *entrou em casa d'elle*; *melhor que a mim* em vez de — *melhor que eu* (sou), são outros tantos solecismos. Ainda outro bem frequente:

Peza-me, senhor de vos ter offendido, por SERES *vós quem sois* etc. — *em vez de* — ... *por* SERDES *vós*, etc.

Silva Tulio em um dos seus ESTUDOS DA LINGUA MATERNA, publicados no *Archivo Pittoresco*, dizia o seguinte: «Apontaremos e reprehenderemos hoje o mais vulgar e repetido solecismo da nossa lingua, o qual anda mui arreigado não só na conversação familiar, mas tambem nos discursos publicos, e nos dialogos dramaticos, em quasi todos os theatros: —

«Eu *parece-me que hoje temos bom tempo.*

«Eu *convem-me*, etc., etc.»

Mal pensava o intelligente humanista que 20 annos depois, já quando a lousa pesasse sobre suas cinzas, haveria quem o contradissesse, e tão *engraçadamente*, como isso que transcrevemos de um dos numeros do *Diario Popular*, que nos veio á mão por acaso.

Depois de tres periodos em que a *pilula* é manipulada por forma a poder ser engulida, apparecem ainda outros nos seguintes termos:

«Muito é para notar o singular IDIOTISMO, que resulta na conversação fallada ou escripta, e que a muitos parece erro crasso.

«— Eu PARECE-ME. Não reprovamos esta locução; antes a

achamos auctorisada nos classicos: «*Ás apalpadellas* ...
aos periodos, EU PARECE-ME.[1]»

«É, sem duvida, um idiotismo da lingua a locução — EU PARE-CE-ME; na qual o EU tem a força do — QUANTO A MIM. E, d... sequente interpretação, a teremos regular: QUANTO A MIM ... CE-ME...»

Um mau exemplo não se deve seguir, venha elle de (... ou de Vieira: devemo-nos desviar da cega sujeição á a... dade dos escriptores que nem sempre, nem em tudo é ... ma,

É parecer muito prudente e insuspeito de um douto ... mico e litterato dos nossos dias, o Ex.mo sr. José Silves... beiro.

Aquelle modo de fallar errado fica em bom portug... *mim parece-me*, etc., e supprimindo o pronome inicial, ... phrase fica, alem de mais breve, mais energica e affir... Assim: — PARECE-ME *que hoje temos bom tempo.*

Convença-se o leitor de que as locuções citadas são v... e incontestaveis corruptelas; mas se quizer mais comp... ção, veja o n.º 2 do dito *Archivo Pittoresco*, public... 1862.

Soliloquio. — Discurso de uma pessoa que c... comsigo mesma. Veja *Monologo*.

Solto.—Diz-se o estylo cortado. Veja *Cortado* ou *I*...

Soltos. — São os versos terminados em vocabul... consoantes.

Os versos sem rima ou soltos, a que tambem chaman... cos, têem por si: 1.º maior facilidade de se fazerem; ... precisam de se ajustar a uma medida invariavel; 3.º ... tem estender ou encurtar cada periodo; 4.º têem maior ... dade; 5.º maior naturalidade.

São preferiveis: — nos assumptos mais graves e ... como as obras moraes e didacticas; n'aquelles em que ... pressam as paixões vehementes, como a tragedia; n... como a comedia ou simples dialogo, têem indeclinavel ... ção de ser naturalissimos.

E empregam-se: 1.º nos versos heroicos ou de onz... bas seguidos e sem mistura; 2.º nos mesmos versos ... ou irregularmente intermeados dos seus respectivos ... dos, isto é, dos versos de sete syllabas; 3.º ainda nos ...

[1] Garrett, cit. por Estacio da Veiga no seu *Cancioneiro do Alga*...

seguidos de tres em tres, de um de cinco syllabas, lo-se a esses quatro juntos uma estrophe saphica.
so solto, qualquer que seja a sua medida, pois que se) captiveiro das desinencias uniformes, é, em compenbrigado a ter n'ellas a maior diversidade; não só o e lhe fica sendo um defeito imperdoavel, senão que se estranha a coincidencia das mesmas vogaes na ulusa de dois versos a fio, sobre tudo se na syllaba ue á pausa se seguir, se der tambem outra identica ncia.
gaes deverão ser em cada verso solto o mais variadas ossa: o verso que tiver todas as cinco será a este resnelhor.

«Rugindo estoura o mar em brutas serras»

lo a mesma vogal se repetir, embora domine todo o ra o effeito onomatopico, o defeito passará a ser uma cia.
a dureza como a frouxidão são no verso solto sobreprehensiveis.
llabas mais cheias, as de sons mais abertos, e de artimais resoantes são no verso solto, e sobre tudo em entos. as mais plausiveis.

«— Se tentas sublimar-te a grandes cousas,
«se mais que a força tua, é tua empreza,
«eis numen bemfazejo, inspira o canto:
«numen de quem rival não fora Apollo,
«nem de Aonias irmãs turba engenhosa —»

m dar aos seus periodos a maior variedade de cortes; ma clausula para a perfeição dos versos brancos.

«........................... Joven ousado,
«Grande empreza te coube, — acerba gloria,
«De que não gosaras. Desgraças cruas
«Fadam teus dias... Mas a gloria ao cabo.
«A patria, que foi minha, que amei sempre,
«Que amo inda agora, gran serviço aguarda
«De ti. Um monumento mais duravel
«Do que as molles do Egypto, erguer-lhe deves.
«Pyramide será por onde os seculos
«Hão de passar de longe e respeitosos.
«Galardão, não o esperes.............

. — Dá-se em grammatica este nome ás simples emisar, modificado diversamente para a pronunciação das

o reprimimos a voz, limitando-nos só a respirar, proo que se chama *som*, e isto succede quando dizemos

o valor, sómente o valor, das lettras — *f, ç, x, ch* (composta). Nas palavras — *faça chá* — lemos esses valores com a vogal a.
No *som* ha só bafo; no *tom* ha voz, embora embaraçada.

Soneto. — Composição poetica de quatorze versos distribuidos em dois quartetos e dois tercetos, ou em dois periodos: um de oito versos, subdivididos em dois de quatro versos (quartetos), outro de seis, subdivididos em dois de tres versos (tercetos).

Tanto os quartetos como os tercetos não admittem mais que duas rimas; nos quartetos é a 1.ª rima nos versos — 1.°, 4.°, 5.° e 8.°, e a 2.ª nos versos — 2.°, 3.°, 6.° e 7.°; nos tercetos é a 1.ª rima nos versos — 9.°, 11.° e 13.° e a 2.ª nos versos — 10.°, 12.° e 14.° Todavia apparecem com outras rimas nos quartetos.

Damos para exemplo o seguinte improviso do nosso espirituoso poeta e amigo o sr. João de Deus.

PELA PROMOÇÃO DE UM QUIDAM A UM LOGAR SUPERIOR

Diz em lettra vermelha a Escriptura,
Eterno pregoeiro da verdade,
Que, quanto mais se humilha a creatura,
Mais se eleva perante a Divindade:

Assim como perante a magestade,
Que é cá na terra a sua imagem pura,
Um rei nunca eleva á dignidade,
Senão a mais ridicula figura.

Têem os reis tão bem comprehendido
Esta maxima do antigo testamento,
Que (ate mesmo em concurso é sabido)

Nunca a imprensa, nunca o parlamento
Se queixou d'elles terem preterido
O ultimo em serviços e talento.

O soneto não admitte rimas ou expressões improprias, nem versos fracos; deve sempre terminar n'uma phrase picante.

Um soneto sem defeito vale, elle só, um longo poema.

Os melhores sonetos que se têem composto na lingua portugueza são devidos ao privilegiado engenho de Bocage. Castilho disse — o soneto portuguez nasceu com Bocage, e com Bocage morreu.

Sono. — Veja *Desinencias.*

Sons. — Nome que se dá ás simples emissões do ar, modificado pela lingua ou pelos labios; podem ser: *puros* ou nasaes.

Os sons proferidos juntamente com as invogaes deixam

iaros; é então que elles se dizem modificados pela lingua alos labios.

ra se obter o valor modal ou proferivel das invogaes, é ssario dispor estes orgãos modificadores dos sons de um puramente mecanico ou particular: já unindo os labios, costando a lingua aos dentes, já comprimindo-a na gar-, etc... por isso as invogaes, que tambem se chamam ar-ações, são — umas dentaes, outras labiaes, outras guttu- etc.

ons articulados. — São as modificações operadas om vocal pela lingua, paladar, dentes e beiços.

verso não se contam por syllabas todos os sons em que lavras se podem dividir; mas omittem-se uns, absorvem-a contrahem-se outros.

ja *Syllabas, Medição do verso.*

ophisma. — Argumento capcioso que pecca ou na forma a essencia.

orites. — É uma série de proposições, de tal modo jun- que o predicado da 1.ª se faz sujeito da 2.ª, o predicado .ª sujeito da 3.ª, e assim por diante, até que o sujeito da om o predicado da ultima formam a conclusão. Exemplo: o *é homem; todo o homem é mortal; Pedro é mortal.*

ota, Soto. —Veja *Prefixos.*

pirar. —Veja *Desinencias.*

teno. —Veja *Prefixos.*

tenographia. — Arte que ensina o emprego das abre-uras convencionaes, para se escrever tão depressa como se .

sta arte é de um grande soccorro, para se conservarem os ursos pronunciados na tribuna legislativa e os debates fo-es. É sobre a omissão facultativa de certas lettras vogaes em geral se funda a arte da stenographia.

ttribue-se a Tirou, liberto de Cicero, encarregado de reco-os discursos do grande orador. Veja *Tachygraphia.*

tereo. —Veja *Prefixos.*

termia, Stylo. —Veja *Desinencias.*

ub. —Veja *Prefixos.*

Subjecção. — **Figura de rhetorica pela qual o ora fazendo a pergunta, ajunta logo a resposta, como disse Vi** *Pois quem é o verdadeiro rico? Aquelle que não quer n porque nenhuma coisa lhe falta.*

Subjunctiva. — Em opposição a *prepositiva* diz-l vogal segunda, que entra na composição de qualquer d thongo.

Subjunctivo. —Veja *Conjunctivo.*

Sublime ou **Grandiloquo.** — É aquelle conceito pela grandeza do objecto, ou pela excellencia da acção, tr porta a alma acima de si mesma, sentindo e communic admiração e espanto.

Diz-se o estylo que a imaginação torna colorido; aq que ostenta nos seus periodos o brilhante fulgor da expre e a pompa de uma linguagem figurada.

Convem aos assumptos elevados e grandes, em que se pregam phrases e palavras vehementes e de enthusiasmo, darem inteiro realce á expressão dos pensamentos.

Mas esse estylo, com quanto exprima altiloquo uma ser ideias e de sentimentos nobres e elevados, nem por isso att *necessariamente* as proporções do que em rigor se cham *blime,* nem com este deve ser confundido.

O *sublime,* propriamente dito, é um rasgo, um movim uma phrase, uma palavra, que enlevam a alma, arrebatam e incutem-lhe uma certa admiração, entretecida de suspe e de espanto.

Um poeta, um orador, um historiador, um philosopho e mem, por vezes, nobremente uma longa progressão de pe mentos; mas somente tocam as raias do *sublime* em um riodo, em um verso, e até em uma reticencia ou no silenci

Cinco são as fontes d'onde pode dimanar o *sublime:* a vação do pensamento; o patheth ico; a nobreza da dicçã extraordinario das figuras; a disposição das palavras, tend a produzir o numero e a harmonia.

A elevação do pensamento e o pathetico dependem da g deza d'alma, que é mais um presente da natureza, do q resultado do estudo; no entanto a alma e o coração po tornar-se nobres, magnanimos, sublimes pela cultura da tude, pelas cogitações grandiosas, pelo amor da humanic

Serve-se o estylo sublime de toda a sorte de palavras e pressões valentes, animadas e proprias a dar força, e gran aos pensamentos; por isso entram na sua composição as *plificações,* os *tropos* mais atrevidos, as *hyperboles* e as fi mais energicas, como as *exclamações,* as *apostrophes,* as p

especies, em uma palavra, tudo quanto a eloquencia põe em acção para despertar o pathetico.

Depois do sublime, a mais abundante fonte dos prazeres do gosto é o *bello* ou a *belleza*, termos synonymos que importa distinguir, embora ás vezes se tome um pelo outro. *Belleza* (termo de linguagem metaphysica (exprime a noção abstracta de uma qualidade de todos os objectos, da natureza ou da arte, a que chamam bellos. Taes são — já os que, por suas formas engraçadas, encantam os olhos, — uma bella flor —, já os ouvidos, pelos sons agradaveis, — um bello canto —, já o espirito, pelas concepções aprazivеis, — um bello poema. — *Bello* (termo de linguagem das bellas artes) exprime o typo ideal formado pela phantasia do artista para, conforme elle, executar as producções de seu engenho; é, por assim dizer, a belleza personificada e sem senão.

A *belleza* ou o *bello* despertam quasi sempre, um sentimento distincto d'aquelle que nasce do *sublime*. Este produz uma impressão mais viva e, por isso menos duravel; a belleza eleva menos a alma e, mais doce e tranquilla, nos faz experimentar uma serenidade extremamente agradavel e que pode durar por muito tempo. Alem d'isto, os prazeres que ella procura estendem-se a muitos mais objectos do que os do sublime. Tamanha variedade de objectos ella abrange que, muitas vezes, produz sensações dissimilhantes, não só em grau mas ainda em especie. Assim que, as palavras — bello e belleza — a cada passo se applicam indistinctamente a quasi todos os objectos externos, que lisonjeam a vista e o ouvido; ás graças da composição; a muitas disposições do espirito; e até a varios objectos das sciencias abstractas.

Subdivide-se o sublime em duas especies: sublime da ideia ou do *pensamento*, e sublime do coração ou do *sentimento*.

Dá-se o primeiro, quando ácerca d'um objecto extraordinario concebemos ideias grandes, nobres e elevadas, exprimindo-as, de ordinario, por uma phrase singela, rapida e vehemente.

Temos o segundo, quando ao contemplar uma acção heroica e insolita, experimentamos no coração um movimento extraordinario. Sublime ideia da omnipotencia do Ente Supremo concebeu por certo Moisés n'estas palavras do Genesis: *Disse Deus: Faça-se a luz; e fez-se a luz!*

Subordinadas. — Dizem-se as palavras e as orações. Pelo que respeita ás palavras subordinadas, veja *Regidas*. Orações subordinadas são as *não principaes*, que enunciam um facto referente á principal que as determina: podem ser: *condicionaes*, *causaes*, *concessivas* e *circumstanciaes*. Veja cada um d'estes artigos, e *Integrantes*.

Subordinantes. — Veja *Regentes*.

Subordinativas. — São as conjuncções que ligam subordinam; comprehendem seis especies, a saber: *condicionaes, causaes, concessivas* ou *restrictivas, circumstanciaes, integrantes* e *dubitativas*.

Subsequente. — Diz-se em opposição a *antecedente* termo que, depois do relativo, vem claro ou subentendido com o qual o mesmo relativo concorda em genero e nume como succede com o seu antecedente, que é regularment mesmo nome. Veja *Antecedente* e *Consequente*.

Substantivar. — É dar a uma palavra o valor de substantivo; o infinito dos verbos muitas vezes se toma co substantivo. Estas palavras, assim empregadas por enall consideram-se do genero masculino; tambem se conside como substantivos do genero masculino as orações *integra* no seu sentido inteiro. Exemplos:

Eu (pronome) — *em mim ha dois* eus, *o* eu *da carne e o* eu *espirito*.

Elles (pronome) — *de maneira, emfim, que na eleição d'e* elles *consiste a paz, o socego e o bom governo das conquistas*.

Alguem, Ninguem (pronomes) — *cuida que é* alguem. *São* ninguens.

Todo (pronome ou adjectivo universal) — *o* todo *d'esta* cu i. é; o conjuncto: n'esta accepção não tem plural.

Tanto (indefinito) — *outro* tanto; *dois* tantos, *tres* tantos,

Justo, honesto (e outros adjectivos) — *o* justo *e o* hon *agradou sempre; o* natural *é sempre bello*.

Alguns participios — *O* cavado *das faces; o* calado *é o lhor*.

Perto, longe (adverbios) — *tem melhores os* longes *que* pertos.

Que, porque (conjuncções) — *tem seus* quês. Diz-se vul mente de uma cousa intrincada. *Os* porquês *de Deus só a são manifestos*.

Pró, contra (preposições) — *examinai os* prós *e os* contr

Ai (interjeição) — *nem podia dar um* ai; *tristes* ais.

Infinitos verbaes — *O* navegar *tão difficultoso, o* chegar *certo, o* desembarcar *e* apparecer *cheio de perigos*.

Orações integrantes (complemento) — *Dizias ás demai dades da Europa:* sou vossa irmã mais velha — (sujeito c plemento e attributo) — confessar que nos enganamos é de rar que temos um erro de menos.

Differentes pessoas dos infinitos pessoaes e até, em ce casos, as pessoas dos outros tempos dos verbos tambem

gam como substantivos precedidos dos artigos; v. g.: ***es e os bebes; mais vale um toma que dois te darei; o vi-o tarde mostra que não és pontual; o sairem agora é uma dencia; causa-nos muito desgosto o sabermos que elle recu-) leva leva com que partimos***, etc. Veja *Infinito*.

nbem se substantivam os possessivos em certas phrases ue o substantivo foi ellidido; v. g.: *fazer das suas; leva-* ***minha á vante;*** **isto é, a minha ideia, a minha opinião,** **'eja** ***Lusitanismo.***

bstantivo.—É uma palavra variavel com que damos **hecer** cousas, pessoas e qualidades em abstracto, como: ***homem, prudencia.***

le ser *proprio*, ou *patronymico, commum, abstracto, colle-* ***primitivo***, *derivado, augmentativo, diminutivo, verbal, sim-* ***composto***, *physico, moral.*

le ser do genero masculino, feminino, commum de dois, **commum** ou promiscuo e epiceno.

qualquer palavra pode dar-se o valor de substantivo. *Substantivar.*

substantivo desempenha no discurso cinco especies de ões differentes. Emprega-se: 1.º, como sujeito do verbo: ***em nasceu para soffrer, amar e morrer;*** 2.º, como regi-**ou complemento do verbo**: *a miseria torna o homem in-* ***para*** *com os seus semelhantes:* 3.º, como attributo: *se elle* ***homem*** *de fortuna, é homem de bem;* 4.º, como apostrophe: ***em,*** *lembra-te que és pó e que a pó voltarás;* 5.º finalmente **complemento de preposição**: *a temperança e o trabalho* ***s*** *dois verdadeiros medicos do homem: a consciencia deve* ***ira*** *o homem a estrella polar das suas acções; não ha vir-* ***mais*** *social, e mais propria para manter a harmonia entre* ***nens,*** *que a moderação.*

substantivos algumas vezes modificam outros, servindo-**le adjectivos** restrictivos, como: *rei* PHILOSOPHO, *povo* REI, **s** POETA, *terra* VIRGEM, etc.

mpliando ou explanando mais a definição diremos, que o ***ntivo*** ou nome é uma palavra que por si só (e sem por **carecer** do auxilio de nenhuma outra) designa e nomeia: **ma** entidade qualquer (animada ou inanimada, real ou **inaria**). 2.º qualquer acto, qualquer qualidade, qualquer **o, qualquer** condição, qualquer propriedade, fazendo **acção** dos objectos ou seres, a que digam respeito ou es-**inherentes** essas propriedades, condições, estados, qua-**s e actos.** [1] *Homem, borboleta, flor, esmeralda, theatro,*

---

[1] **es dois** grupos dão origem á divisão dos substantivos em concretos **actos.**

cherubim, affecto, leitura, virtude, escravidão, saude, indole, apetite, magnetismo, ministro, consul, são exemplos de substantivos.

Considerados emquanto á sua significação, podem ser: — *proprios, communs* ou *appellativos* e *collectivos*. Emquanto á sua formação, *primitivos* ou *derivados;* dos derivados procedem os *augmentativos, diminutivos, patronymicos, verbaes* e *compostos*. Tambem temos alguns substantivos de adjectivos — *adjectivos substantivados*. Veja cada um d'estes artigos.

Substantivo é tambem o nome que se dá ao verbo *ser*, em consequencia de subsistir por si mesmo, e não encerrar n'elle nenhuma ideia de attribuição; por isso que somente liga o sujeito com o attributo sob a modificação variavel do tempo. Veja *Adjectivo*.

O verbo substantivo chama-se auxiliar, por que com elle e o participio perfeito de outro verbo se formam as linguagens da voz passiva.

Partes da Oração ou **Partes do Discurso.** — Veja *Palavras*.

Subtil. — Diz-se o estylo que se deve empregar n'aquella parte do discurso que se chama *confirmação*, e na qual a pureza e a perspicuidade da phrase vai acompanhada de força e ardor; convem todavia que quem emprega este estylo não caia em pensamentos forçados, querendo ostentar de sabio, original e engenhoso: porquanto os pensamentos que não têem estreita connexão com o assumpto, ou não convêem á pessoa que os expressa, trazidos de longe com certa violencia, ou desagradam por essa mesma violencia.

Suc. — Veja *Prefixos*.

Suffixo. Derivativo ou **Desinencia.** — É o nome que se ha de dar ás syllabas ou lettras, que nas palavras derivadas se juntam depois da raiz, formando com esta um só vocabulo.

Os suffixos modificam de varios modos a significação da palavra simples a que se appõem, segundo o seu diverso valor.

O suffixo dos superlativos regulares é *issimo, issima*.

Aos suffixos oppõem-se os *prefixos*. Veja *Desinencias*.

Sujeito. — É o termo da proposição de que alguma se affirma ou nega. Exemplo: *a terra é solida*.

Tambem se póde dar o nome de sujeito á pessoa ou cousa em que nós pensamos: assim n'estas orações — *Deus é bom; a terra é solida: Deus* e *terra* são os sujeitos; e as qualidades

ercebemos como ligadas aos sujeitos, têem o nome de
, taes são — *bom* e *solida*. Veja *Predicado*.

to de uma oração ou proposição, que tem o verbo na
a, é o que pratíca a acção expressa por esse verbo.
: *o lavrador cultiva a terra*. Mas se o verbo estiver
ssiva, o sujeito recebe a acção praticada pelo que lhe
complemento de causa eficiente. Exemplo: *a terra é
pelo lavrader*.

to concorda com o verbo em numero e pessoa. Exemplo:
m os ceos e a terra; os ceos narram a gloria de Deus.

) na oração houver muitos sujeitos, irá o verbo para
a concordar com o mais nobre. É mais nobre o su-
.ª pessoa, depois o da 2.ª, e depois o da 3.ª

rendo pois um sujeito da 1.ª pessoa com outro da 2.ª
i o verbo para a 1.ª do plural. Exemplo: *eu e tu te-
;* i. é, *nós* temos saude.

rendo um sujeito da 2.ª pessoa com outro da 3.ª, irá
ara a 2.ª do plural. Exemplo: *tu e elle haveis de mor-
vós* haveis de morrer.

rendo muitos sujeitos, todos da 3.ª pessoa do singu-
verbo ou para a 3.ª do plural a concordar com todos
para a 3.ª do singular a concordar com cada um de
xemplo: *a comida, a bebida, a vigilia e o somno sem
ida não aproveitam*: i. é, *estas cousas* (a comida, a
c.) não aproveitam. Sendo o verbo empregado na 3.ª
) singular irá melhor a construcção inversa, d'este
sem certa medida não aproveita a comida, a bebida,

o sujeito for collectivo partitivo do singular, e tiver
uto restrictivo do plural, claro ou occulto, o verbo e
o podem ir para o plural concordando com o comple-
trictivo. Exemplo: *parte dos quaes, por fugir ao ferro
, se lançaram a uma lagoa a nado*.

porem o sujeito um collectivo geral do numero sin-
bora tenha complemento restrictivo do plural, o verbo
uto concordarão com elle no singular. Exemplo: *o
s inimigos foi derrotado*. Veja *Syllepse, Zeugma, Con-
i*.

o da 2.ª pessoa, quando é nome de individuo a quem
, exhortamos, invocamos, etc., com a interjeição clara,
, chama-se vocativo. Exemplos: *ó tu, ó vós; ó ceos,
enhor, ouvi nossos rogos*.

servir de sujeito a uma oração ou proposição — um
, um *pronome*, um *verbo no infinito*, e tambem pode

Attributo ha doutrinas applicaveis ao *sujeito*.

ser *qualquer palavra* ou voz *substantivada pelo artigo*, e ain *uma oração*, que n'este caso se chama *parcial integrante*. Exe plos: *a ignorancia marcha quasi sempre acompanhada da v dade e do orgulho. Aquillo que se adquiriu pela força, não conserva senão pela doçura. Viver é um beneficio da natur commum a todos; mas aceitar a morte pela virtude é propri grandes animos. Um não sempre amarga*; etc. O sujeito pode *simples* ou *composto*, *complexo* ou *incomplexo*.

Para havermos a certeza de que o sujeito de uma prop ção é simples ou composto, bastará dividil-a em muitas posições, que tenham todas o mesmo attributo e sujeito di rente. Por exemplo, reconhecer-se-á que n'esta proposiçã *os pecegos, as peras e as laranjas são excellentes fructos* — o jeito é composto, porque se pode resolver nas tres seguin

Os pecegos são excellentes fructos.

As peras são excellentes fructos.

As laranjas são excellentes fructos.

Estas tres proposições têem todas, como se vê, o mesm tributo, mas tem cada uma por sujeito uma parte do su composto da primeira proposição.

De igual modo se conhece que n'esta proposição — *os pec que comi este anno eram optimos* — o sujeito (*os pecegos que este anno*) é simples, porque eu não posso dividir esta pro ção e formar d'ella muitas proposições.

Do que fica exposto, não será difficil conhecer n'esta pr sição — *o amor da virtude e o odio dos homens virtuosos sentimentos inconciliaveis* —, que o sujeito é simples, ainda á primeira vista, e abstraindo do attributo, pareça comp Basta que vejamos se é possivel dividil-a em proposiç dando a cada uma o attributo. Ora, se não é possivel dizer — *O amor da virtude é um sentimento inconciliavel.*

O odio dos homens virtuosos é um sentimento inconciliavel porque taes juizos nada significam, segue-se que o sujei simples.

Esta doutrina é applicavel ao attributo.

A collocação do sujeito deve ser em regra antes do ver todavia com alguns verbos unipessoaes, infinitos pessoaes, p tecipios, imperativos, e nas phrases interrogativas a inver do sujeito é necessaria; nos mais casos é facultativa, i. e., duz-se a uma questão de estylo.

Veja *Ordem directa*, *Interrogação*, *Pessoal*, *Unipessoal*.

O sujeito acompanhado de nome regido da preposição attendendo ao significado de concomitancia, ou simultane que tem esta proposição, leva o verbo ao plural, como se sujeito collectivo; v. g.: *na mesma noite fatal em que o rei mil magnates da sua monarchia, estavam brindando pelos sagrados*. Mas tambem não é raro encontral-o no sing

oi um padre com um irmão ao reino do Congo, para sa-arem, etc. Note-se porem que o verbo precede aqui o Veja *Com.*

ımario. — Compendio dos pontos principaes e mais cias de um livro, de um discurso, etc., offerecidos em ılação, ou analyse succinta.

, Super. — Veja *Prefixos.*

erlativo. — É o adjectivo que enuncia qualidade a um grau muito alto ou muito baixo, como *justissimo,* ısto, *o mais* justo, ou *o menos* justo *de*... Pode ser abso- relativo.

ɔerlativo *absoluto* é o que exprime qualidade em grau , mas sem comparação; e conhece-se, alem de outros pela palavra *muito* anteposta ao positivo, ou pela ter-) *issimo,* variavel, como: *varão muito douto* ou *doutis-* '*ama nobilissima.*

ıerlativo *relativo* (ou *comparativo*) exprime propriedade idade em maior ou menor grau, em relação ás proprie- ɔu qualidades de outros individuos da mesma especie; :ce-se pelas palavras *o mais* ou *o menos,* antepostas ao ı, seguindo-se *de.* Exemplo: *Socrates foi o mais sabio s os gregos. Cicero foi o mais eloquente dos romanos. O ı prudente é o menos arriscado* (de todos os conselhos). : que pede este complemento pode ficar subentendido; *Socrates foi o mais sabio grego* (*do numero dos gregos*). *foi o mais eloquente romano* (*do numero dos romanos* ou *os romanos*).

ui se vê:

ue o superlativo *absoluto* se forma antepondo *mui* ou .o positivo, ou accrescentando á ultima invogal d'este nação *issimo* ou *issima* (supprimida a vogal *o* ou *e* final).

EXCEPÇÕES

djectivos terminados em vogal ou diphthongo nasaes *ão* ou *m* finaes do singular em *n*, e tomam depois a ter-) *issimo;* como: *chão, chanissimo; commum, communis-*

abados em *z* mudam esta lettra em *c* seguindo-se-lhe a ção caracteristica *issimo;* como: *atroz, atrocissimo; ca- acissimo.*

do o positivo termina em *vel*, muda-se primeiro *vel* em ı-*vel, amabil-issimo.*

rminados em *co,* uns fazem o superlativo mudando esta

syllaba em *quissimo;* v. g.: *rico, riquissimo;* outros mudan
em *cissimo;* v. g.: *parco, parcissimo.*

Os adjectivos — *bom, mau, grande, pequeno, alto, baixo,* t
têem comparativos irregulares, têem tambem os seguintes
perlativos: *optimo, pessimo, maximo, minimo, supremo* ou *s*
mo, infimo. Veja *Graus de significação.*

São irregulares os superlativos absolutos dos seguintes
jectivos:

Acre	acerrimo
Amigo	amicissimo
Antigo	antiquissimo
Aspero	asperrimo
Celebre	celeberrimo
Christão	christianissimo
Cruel	crudelissimo
Difficil	difficilimo
Doce	dulcissimo
Facil	facilimo
Fiel	fidelissimo
Frio	frigidissimo
Geral	generalissimo
Humilde	humillimo
Infiel	infidelissimo
Magnifico	magnificentissimo
Mau	malissimo (pessimo)
Misero	miserrimo
Livre	liberrimo
Nobre	nobilissimo
Pobre	pauperrimo
Sagrado	sacratissimo
Salubre	saluberrimo
Simples	simplicissimo
....	uberrimo (não tem posi

2.° que o superlativo relativo ou de comparação se f
antepondo o artigo definito aos comparativos formados
os adverbios *mais, menos:* Exemplo: *a devoção é a mais*
de todas as paixões, pelo seu objecto que é Deus; e a mai
cional, por seu fim, que é a eternidade. O invejoso é o men
liz de todos os homens.

Os comparativos — *melhor, peior, maior, menor,* prece
de artigo, tornam-se superlativos relativos. Exemplo: *a m*
e a peior cousa que ha no mundo é o conselho; se é bom,
maior bem; se é mau, é o peior mal (de quantos ha).

Taes superlativos pedem depois a preposição *de* ou
claras com seu complemento ou subentendidas, que lhes

caracter partitivo, pelo qual extraem do total dos individuos aquelle que exaltamos ou deprimimos. Exemplos: *elle é o mais feliz homem* (de quantos eu conheço); *é o menos competente de todos. Tu és a mais formosa entre as cidades do mundo. Este é o maior ou o menor* (*de ou entre todos*).

Muitos adverbios se podem exprimir no grau superlativo; v. g.: *a Escriptura sancta manda mui expressamente honrar nossos paes.* Veja *Adverbio.*

Supino. — O supino, que em portuguez tem a significação, mas não a forma, que os latinos deram a este modo do infinito, representa a acção no tempo em que ella se executa, em que está a fazer-se, durante a qual decorre um tempo indefinito que não sabemos, ou não podemos appreciar. Para maior clareza adduzamos uma comparação.

Se um viajante ao entrar n'uma floresta ouvir passaros *a cantar*, fontes *a correr*, leões *a rugir*, notará *o cantar, o correr, o rugir* sem saber quando cada um d'estes actos teve começo, nem quando ha de ter fim; porque só lhe serão presentes no tempo em que estão a executar-se. Assim os supinos *a cantar, a correr e a rugir*, designam a acção n'um tempo indefinito que está a passar-se; em que se nos mostra successiva e indeterminada; em que lhe não vemos o principio, nem sabemos o fim. Eis aqui alguns exemplos classicos.

«Andavam em competencia com fr. Bartholomeu as honras e as dignidades, elle *a aborrecel*-as, ellas *a entrar*-lhe por casa.

«Os santos *a prégar* pobreza e *seguil*-a em tudo, e eu que me metta em faustos! Os santos *a persuadir*-me humildade, e *a metter*-me debaixo dos pés de todos, e eu que mostre brios e ufania!

«E pelos caminhos têem homens postos *a dar* de beber a todos os caminhantes.

«O resumo de toda esta rapante conjugação vem a ser o supino do mesmo verbo: *a furtar para furtar.*

Este ultimo é de Vieira.

O supino porem desappareceu com o gerundio nas grammaticas modernas, e um e outro ficaram reduzidos ás formas do infinito.

Supplemento. — Diz-se o que se ajunta a uma publicação —*jornal, livro, catalogo*, etc., para supprir qualquer lacuna ou lapso, ou addiccionar ao que está escripto ou composto noticias, textos, etc., conhecidos posteriormente.

Sur. —Veja *Prefixos.*

Suspensão. — Figura de elocução por meio da qual o

orador, depois de ter por algum tempo suspensos os seus ouvintes, fazendo-os esperar cousas menores, do que talvez presumiam, ajunta uma cousa maior: ou *vice-versa:* fazendo esperar cousas grandes, ajunta alguma cousa que o não é.

Syl- Veja *Prefixos*.

Syllaba. — É a vogal que, ou só ou junta a outras lettras, se diz d'uma vez, n'um tempo.

Na palavra *ataque* ha tres syllabas, formadas: a 1.ª de uma só lettra — *a*, a 2.ª de duas — *ta*, a 3.ª de tres — *que*.

Conforme constam de uma, duas, tres, ou mais syllabas, assim as palavras tomam o nome de — *monossyllabos*, *dissyllabos*, [illegible] *polysyllabos*: como: *mar*, *grito*, *merito*, *recompensa*, [illegible] *[illegible]ridade*, *estabelecimento*, *circumstanciadamente*, etc.

As syllabas, pois, compostas por uma vogal ou diphthongo, com as consoantes ou com as invogaes respectivas, constituem as palavras.

As syllabas podem ser, quanto ao modo de as contar na recitação — *grammaticaes* ou *metricas*.

As syllabas grammaticaes contraem-se algumas vezes no verso, d'onde procede achar-se em um mesmo verso mais syllabas grammaticaes do que metricas, como no seguinte:

E se de agreste avena ou frauta ruda

Que se recita:

E s'de agrest'aven'ou frauta ruda.

Conforme o numero de suas syllabas, assim toma o verso portuguez differentes nomes.

Ha-os de 14 syllabas (raros)
de 13 ou *alexandrinos*
de 12 ou de *arte maior*
de 11 ou *hendecasyllabos*, que tambem se chamam *grandes* ou *heroicos*
de 10 syllabas
de 9 syllabas
de 8 ou *redondilha maior*
de 7 ou *heroico quebrado* que tambem se chama *menor*
de 6 ou *redondilha menor*
de 5 ou *quebrados de 5 syllabas*
de 4 ou *redondilha quebrada*
de 3 ou *trissyllabos*
de 2 ou *dissyllabos*

Veja *Syllaba predominante*.

A syllaba para o grammatico é cada som distincto, em que pode ser rigorosamente dividida a palavra. O poeta conta as syllabas do mesmo modo, mas com uma excepção; e é que seguindo-se duas, ou ainda tres vogaes de syllabas differentes, deixa de contar aquella ou aquellas que, no correr da pronuncia, nada ou quasi nada se percebem.

E como seguindo-se uma vogal breve a uma longa, ou que faça parte de diphthongo, ambas as vogaes se percebem distinctamente, vem a dita contracção a verificar-se somente, *quando nenhuma, ou só a ultima das vogaes seguidas, for longa, ou fizer parte de diphthongo.* Em ambos estes casos faz-se a contracção, tanto na união de uma palavra com outra e denomina-se *synalepha*, como dentro, mas não no meio d'uma palavra, e denomina-se *synerеsis*. Assim este verso :

Glo-ria e-pie-da-de e a-mor

tem para o poeta seis syllabas somente; e est'outros :

Mais-do-que-per-mit-tia a-for-ça hu-ma-na

Se a-jun-tam-em-con-ci-lio-glo-ri-o-so

têem para o poeta onze syllabas, e mostram no vocabulo *humana* que o *h* no principio de palavra, como escusado que é, não impede a synalepha; e na palavra *glorioso*, que no meio de palavra, não se faz synerеsis. Porem estas regras soffrem excepções impossiveis de enumerar; e por isso ao ouvido apurado, como sendo, n'estes pontos, o grande regulador, pertence descobril-as.

Syllaba predominante. — Veja *Predominante*.

Syllepse. — Ou concepção é uma especie de ellypse que se dá quando, concorrendo muitos substantivos, nem o adjectivo concorda com elles, nem o verbo se servirem de sujeito [1]; mas tanto o adjectivo como o verbo concordam com um substantivo geral que se subentende e se appõe aos primeiros, como : *coisa, animal, homem, facto, tudo, nada,* etc. Exemplos : *a fugida de Jacob para a Mesopotamia, onde serviu a Laban, irmão de sua mãe, 14 annos, em premio da mão de sua filha ; o seu amor a Rachel ; e o seu extremo pelos dois filhos que teve d'ella* (estes [tres] factos), *formam o prologo da historia de Joseph vendido por seus irmãos.*

---

[1] Sujeito necessariamente composto, complexo ou incomplexo

A religião e a caridade (estas [duas] virtudes) *caminham sorrindo uma para a outra, logo que se encontrem n'um abraço estreito de irmãs para nunca mais se dividirem...*

A' abobada, pilares e parede são tudo cantaria [1]

Ha syllepse de genero, de numero, e de genero e numero juntamente.

I. Syllepse de *genero*. Exemplo :

> Mas já a *planeta* que no ceo primeiro
> Habita, cinco vezes *apressada*...

Isto é : Mas já a *lua*, o planeta que no ceo primeiro habita, cinco vezes *apressada*.

Nos tratamentos politicos concordam, por syllepse, os adjectivos com o genero da pessoa a quem esses tratamentos dizem respeito, e não com o genero dos substantivos que os significam, como : *magestade, alteza, excellencia*, etc. Exemplo : *vossa magestade foi servido* (sendo rei), ou *foi servida* (sendo rainha).

II. Syllepse de *numero*. — Quando o sujeito é collectivo partitivo do singular, mormente tendo complemento restrictivo do plural, o verbo e o attributo tomam, por syllepse, o numero plural. Exemplo : *das ovelhas a maior parte ao desamparo dos pegureiros se perderam. Povoaram os degraus muita sorte de gente que pareciam pobres.*

Quando usamos de *nós* e *vós* em logar de *eu* e *tu*, tambem por syllepse, os verbos concordam com aquelles no plural, mas os adjectivos vão para o singular : Exemplos : *antes sejamos breve que prolixo. Quando d'isso fomos sabedor.*

III. Syllepse de *genero e numero*. Exemplo : *eu e Tullia estamos bons* : i. é, *nós* ambos (eu e Tullia) etc. *Onde estavam armadas tamanha somma de tendas e leitos, como para tanta cavallaria parecia necessario.*

Veja *Concordancia*.

Syllogismo. — Argumento composto de tres proposições, das quaes as duas primeiras se chamam *premissas*.

Quando aos dois juizos do entymema se junta um terceiro, que mostra a ligação entre os outros dois, dá-se o syllogismo, como n'este exemplo — *Pedro é racional ; porque é homem ; e o homem é um animal racional.* Este syllogismo tem a forma inductiva : mas teria a deductiva, quando seguisse a marcha inversa.

---

1 Os classicos em [illegible] seguem a syntaxe figurada, i. é, preferem o verbo no singular [illegible] quando usam de *um e outro, nem um nem outro* ; pela razão [illegible] plurais, communmente, affrouxam e monotonisam a phrase.

As proposições de um syllogismo chamam-se, segundo a sua extensão, *maior*, *menor* e *conclusão*; e segundo o fim, porque entram no syllogismo, *intenção*, *assumpção* e *connexão*; esta ultima mostra a relação que ha entre as duas precedentes, como: *podemos usar das armas contra o aggressor: porque as leis as permittem: e não as permittiriam se não podessemos usar d'ellas.* N'esta argumentação segue o logico o methodo *synthetico*, e denomina as proposições — *maior*, *menor*, *conclusão*; — o orador segue de ordinario o *analytico*.

Sym. — Veja *Prefixos*.

Symbolos ou **Symbolica.** — São as figuras ou imagens que servem para designar alguma cousa, quer por meio da pintura ou da escultura, quer pelo discurso. O cão é o *symbolo* da fidelidade. O leão o do valor. A raposa o da astucia. A palma e o loureiro são os symbolos da victoria. A justiça é allegoriada ou symbolisada sob a forma de uma mulher, tendo em uma das mãos uma balança e na outra uma espada: na balança pesa os direitos, com a espada castiga, e se, devendo ser perspicaz, intelligente e de vista penetrante, tem uma venda sobre os olhos, significa isso que não faz distincção de pessoas; não vê, nem conhece aquelles que a ella recorrem.

Diz-se linguagem symbolica, escriptura symbolica, aquella em que os pensamentos se exprimem por meio de symbolos. Veja *Allegoria*.

Symploce. — Figura de rhetorica, chamada tambem *complexão*, que é uma repetição, consistindo em começar muitos membros de phrases, ou em acabal-os, pela mesma palavra.

Comprehende a *anaphora* e a *epistrophe*. Exemplo: *O que faz o lavrador na terra cortando com o arado? busca pão. Que faz o soldado na campanha, derramando o sangue? busca pão. Que faz o navegante no mar luctando com as ondas? busca pão.*

Syn. — Veja *Prefixos*.

Synacolutho. — Dizem-se os pensamentos formados de symples proposições, que contêem em si mesmas as provas, i. é, aquellas que apresentam em um só ponto de vista o principio e a conclusão; sirva para exemplo aquella tão conhecida passagem de Virgilio:

> Na desgraça aprendi a condoer-me
> Das alheias dores [1].

---

[1] *Non ignara malis miseris succurrere disco.*

Synalepha. — É a figura que resulta da contracçã duas syllabas em uma só; v. g.: *m'o m'a, m'os m'as, t'o t'os t'as, lh'o lh'a, lh'os lh'as, do da, dos das, d'elle, d'este, d' d'algum, d'outro*, etc.: por — *me o, me a, me os, me as, te o, t lhe o, lhe a, lhe os lhe as, de o de a, de os de as, de elle, de de esse, de algum, de outro*, etc.
Veja *Apostrophe*.

Synchyse. — É a figura que resulta da confusão n dem syntactica das palavras, a ponto de ficar obscuro o tido.
Esta confusão, sendo antes vicio do que figura, apen tolera no verso para o tornar harmonioso. Exemplo:

> «Assim como a bonina...
> Sendo *das mãos lascivas* maltractada
> Da *menina* que a trouxe na capella.

Isto é:... a bonina sendo maltractada das mãos lasciv menina, etc.
É porem viciosa, ainda no verso, a synchyse exagge ou o trocado de palavras de que resulte obscuridade á ção: v. g.:

> «A grita se levanta ao ceo da gente
>
> «O ceo fere com gritos n'isto a gente

Na prosa é ainda mais viciosa; v. g.:

Partiram os filhos d'Israel do Egypto com o alforge fei pão mal composto e amassado, com a pressa da fugida, a em massa.

Syncope. — É a figura que resulta da suppress qualquer lettra no meio de uma palavra, como: *cuidosos, parecer, imigo, mór, soidão, dina*, por *cuidadosos, desappa inimigo, maior, solidão, digna*.
Veja *Apostropho, Palavra*.

Syndetica. — Diz-se a coordenação indicada por juncções claras. Veja *Polisyndeton*.
Oppõe-se-lhe a coordenação *asyndetica*.
A coordenação syndetica é feita pelas conjuncções:
copulativas, que exprimem simplesmente enumeração ou sem gradação); *e, nem*.
disjunctivas, que exprimindo enumeração, apresenta cousas como separadas e excluindo-se em algum sentido
adversativas, que exprimem contraposição ou oppo *mas, porém*.

, que exprimem relação de inferencia ou conclu-
ie foi dito precedentemente : *pois.*
s, que desinvolvem e esclarecem algum dos ter-
ı a que está unida : *como.*
s, que denotam relação commum e reciproca: *que,*

oche. — É a figura de rhetorica ou tropo pelo
ı do nome do objecto, emprega o d'outro que o com-
. é n'elle comprehendido.
ɔ funda-se na relação de comprehensão ; assim põe :
ı do physico pela parte, ou a parte pelo todo, como
:mos : *mora em tal rua ; tem tantos fogos aquella*

;ular pelo plural ou vice-versa, e tambem um nu-
ninado por um indeterminado ; como : *o homem é*
spanhol é arrogante; subiu aos ceos ; parece-nos ; te-
vezes.
ɜria pela forma ou artefacto, e assim empregados :
pada, o lenho pela *cruz.*
ɜro pela especie ou vice-versa, e tambem a especie
.uo (grammaticalmente fallando, o nome appellativo
ı) ou este por aquella ; como : *mortaes* por *homens ;*
ı em vez de *não tem que comer ; o épico portuguez* por
ı *Mecenas* por *um protector das lettras.*
tracto pelo concreto, quando em vez de exprimir o
ı a qualidade que lhe é propria, se exprime a quali-
ɜndentemente do objecto, como quando se diz : *hu-*
iobreza, pobreza, em vez de *os homens, os nobres, os*
-se o concreto pelo abstrato, quando dizemos : *O*
seus dentes, o ebano dos seus cabellos, as rosas das
expressões estas em que, alem da metaphora, ha
em se pôr o nome de um objecto corporeo para ex-
cousa abstracta, como é a côr.
se pode referir a esta especie ou á metonymia do
pelo contido, o tropo que se faz, quando se diz :
por *ter bondade; ter má cabeça* por *ser pouco ajuisado.*
rnecdoche — o tropo que dá a perceber mais ou me-
as palavras significam no sentido proprio ; e serve
dar variedade ás phrases como para as tornar mais

hetoricos collocam a synecdoche entre as figuras de
e a tomam ou confundem com a *Ellipse* que sub-
ɜe alguma palavra, que pelo contexto facilmente se
ıu uso é frequente em todo o genero de eloquencia ;
e na conversação ordinaria, frequentissimo.
ipse.

Synerese. — É a figura que resulta da reunião de duas vogaes brandas em uma só syllaba, como : *glo-ria, pie-da-de, sau-da-de* : por *glo-ri-a, pi-e-da-de, sa-u-da-de.*

Na prosa só se dá a synerese no *u* precedido de *g* ou *q* e seguido de voz longa, como em *qual, quaes, quasi, igual, iguaes*, etc.

Synonymia. — Como figura de rhetorica entende-se o emprego de muitas palavras significando a mesma cousa com pequena differença, para ampliarem ou empolarem o discurso. Quando as ideias sobem gradualmente, toma esta figura o nome de *[illegible]*. Exemplos : *Peccamos com os nossos paes, obrámos injustamente, commettemos iniquidades.*

Em sentido restricto e applicado ás palavras, é a diversidade de aspectos accidentaes debaixo de que se pode considerar a ideia principal, e para cuja modificação se cria um termo novo.

Em se tratando dos (negocios) *de Deus, era fogo, era raio, era corisco.* Veja *Synonymos.*

Synonymos. — Dizem-se os termos cujo sentido tem grandes relações e differenças ligeiras, mas reaes.

Todas as vezes que certas palavras se acham ligadas por uma ideia generica, commum, e que se differençam entre si por ideias particulares accessorias, não mui distantes, e que só uma analyse fina pode distinguir, diremos que são synonymas ; assim : *causa, motivo, sujeito, rasão, pretexto*, são synonymos : a *causa* faz nascer a acção : o *motivo* dá-lhe a actividade : o *sujeito* determina-a : a *rasão* tende a justifical-a ; o *pretexto* deseja disfarçal-a.

D'aqui se deduz quanto importa fixar a exacta e peculiar significação de cada uma d'aquellas vozes, que o uso, e ainda a auctoridade, tem applicado até agora ás mesmas ideias, porém que examinadas com todo o rigor, explicam a ideia commum em differentes relações, descobrindo n'ella outras ideias accessorias que a modificam, de modo que, se nem sempre variam o nosso sentido, ao menos dão á phrase differente energia e exactidão, e por conseguinte não se podem usar indistinctamente uma por outra, com igual propriedade em todos os casos.

O estudo dos synonymos, disse Guizot, exerce a sagacidade do entendimento, acostumando-o a distinguir o que seria facil confundir : determinando o sentido proprio dos termos previne as disputas de palavras de que são sempre causa os equivocos e amphibologias ; fixa o uso, do qual vem a ser a testemunha e o interprete : collige, por assim dizer, as folhas dispersas em que se contêem os oraculos d'esta imperiosa si-

ode até suppril-as, ajudando-se dos recursos que a ana-
ica e grammatical lhe ministram; faz adquirir ao estylo
propriedade de expressão, aquella precisão, que é a
le toque dos grandes escriptores; emfim enriquece a
de todos os termos, os quaes distingue de um modo
, porque não é a repetição dos mesmos sons, senão a
mas ideias, que enfastia e cança o leitor.
gua portugueza não é pobre em synonymos. O padre
a era tão propenso a examinar a synonymia das pala-
rtuguezas que d'um só synonymo fez um sermão: Crer
isto, crer a Christo — II, 244.
usas da origem dos synonymos são tantas que apenas
mos as principaes
diversidade dos dialectos; 2.ª a origem etymologica;
cilidade com que d'antes se formavam novas palavras
anças etymologicas, muitas vezes obscuras e arbitra-
ª a translação das palavras do seu sentido proprio ao
; 5.ª a liberdade com que os poetas da edade aurea
m palavras novas ou aportuguezaram grandissimo nu-
s latinas; 6.ª os neologismos.

opse. — Esta palavra, attenta a sua etymologia, quer
golpe de vista lançado sobre o conjuncto de uma scien-
de qualquer objecto de ensino; é synonymo de com-
summario, epitome.
-se tabellas, taboas, methodos synopticos que a um
le uma vez, se offerecem á vista.

taxe. — É a parte da grammatica, que ensina a com-
s palavras na oração, e a sabel-as coordenar segundo
s e as relações que representam.
as vezes que quizermos pintar uma ideia por meio da
temos a considerar a forma que exige cada termo ou vo-
para se ligar com os outros, e o logar que deve occu-

cem-se tres especies de syntaxe: — de *concordancia*,
cia e de *construcção*.
xe de *concordancia* ensina a conformar as terminações
ctivos com o genero e numero de seus substantivos,
minações dos verbos com o numero e pessoa de seus

xe de *regencia* ensina a juntar ás palavras os comple-
que as mesmas pedem em rasão de sua significação.
xe de *construcção* (ou *collocação*) ensina a dispor as
e as orações pela ordem local, auctorisada pelo uso
res da lingua.
taxe pode ser *regular* ou *irregular*. Veja estes artigos.

Synthese. — É assim chamado o methodo de composi ou toda a operação do espirito, cujo fim essencial é combi elementos, prender relações, formar um todo ou conjuncto.
Oppõe-se á *analyse*, bem que uma e outra sejam os dois j cessos fundamentaes de todo o methodo. Veja *Analyse*.

Syntheticas. — Dizem-se as interjeições, por serem lavras equivalentes a uma ou mais orações, e de natureza ferente das outras partes elementares do discurso, as qu são todas *analyticas*.

Syntomia. —Veja *Bosquejo*.

Systhema. —Reunião de muitas proposições, de mu principios, verdadeiros ou falsos, ligados simultaneament sobre os quaes se estabelece uma opinião, uma doutrina, dogma, etc. Veja *Methodo*.

Systole. — É a figura que resulta da abreviação da laba longa, como: *democrácia, Samária*, por *democracia, maria*.
Oppõe-se esta figura á *Diastole*.

T

Vigesima lettra do alphabeto e decima sexta invogal, co uma das articulações improferiveis, linguaes dentaes.
Chama-se *tê*, irmã do *d* no valor, que não é nem toante n soante, é improferivel: lê-se pondo a lingua nos dentes i emissão de tom nem som; por este *modo* sairá a voz mod cada pela articulação *t*: v. g.: *tafetá, fatia, tua, tela, total*.
Diz-se: esse *tê*, o *Tê*, um *tê*, aquelle *Tê* grande, juntand seu valor, quando o quizermos indicar, a terminação vo sada *ê*.
Consideramol-o do genero masculino como as demais lett do alphabeto. Póde ser maiusculo *T*, ou minusculo *t*.
O minusculo dobra-se por effeito da derivação ou da c posição das palavras, como em *metter* e seus compostos; *attenção, attonito* e mais palavras cujo prefixo *ad* mudou o d *t*, por começar a 2.ª componente por *t*, v. g.: *attender, atte attento, attenuar, attestar, attracção, attrahir, attricção, a cito*, etc.
No principio da palavra nunca se dobra.
Junta-se ao *h*, sem que este tenha influencia vocal ou dal, só para attestar a derivação grega do vocabulo, com

rithmetica, cithara, epitheto, these e seus compostos; lethargo, mathematica, thalamo, thema, theologia.

) e *T* se representam com assaz de naturalidade as s seccas e fortes, as quédas repentinas e duras, os e as topadas violentas, os tiros e as explosões; d'ahi parte a propriedade das palavras: *martellar, bater, s, triz, trovão, tambor, tantan, assentar, açoitar*, etc.

hygraphia. — Arte de escrever tão depressa como por meio de abreviaturas e signaes convencionaes. achygraphias modernas, supprimem-se todos os acces- a escriptura, tudo o que a voz não articúla e que só- e reputam sons auditivos. Veja *Stenographia.*

eimosis. — Vicio d'ornato com que se attenua a a, ou a dignidade do objecto que se intenta significar; ao parricida dessemos o epitheto de *ruim*, em vez de *scelerado.*

tologia. — É a repetição inutil de uma mesma ideia rentes termos; especie de pleonasmo escusado; como se diz: *segundo e conforme; estou certo e seguro; não so d'isso, não lhe ligues importancia*, etc.

ezes serve a repetição para imprimir mais profunda- to animo do ouvintes a ideia do objecto, e então deixa m vicio.

mia. —Veja *Desinencias.*

nicos. — Dizem-se os termos que propriamente m a uma arte ou a uma sciencia.

bios, os artistas, os commerciantes, etc., fallando do que ro ás sciencias ou ás artes, empregam muitas expres- e se não usam na linguagem ordinaria; é o que se *ermos technicos, palavras technicas.*

hnologia. — Em sentido restricto, é a explicação nos proprios a diversas artes e misteres.

hnologia, sciencia de creação moderna, limitava-se ao o á simples explicação dos termos technicos; mas de- endeu-se á descripção e á critica dos processos indu- traçando a historia de seus aperfeiçoamentos, e investi- quelles de que são susceptiveis.

n-se palavras technicas os termos proprios das artes, ecidos a quem as não professa, como: *o turco, a latina de nautica*), etc.

Telegraphia. — Arte de transmittir a quaesquer distancias avisos, ordens, communicações, noticias, etc., por meio de signaes, ou usando-se dos muitos recursos que a electricidade e a mechanica põem ao alcance da industria e da actividade humana. Esta arte é antiquissima; mas tal como existe hoje é de organisação moderna.

Temperado ou **Ornado.** — Diz-se o estylo, médio entre o nobre e o tenue; de modo que, mais rico do que este, e mais moderado e doce do que aquelle, veste-se de todas as galas da eloquencia; rejeita porem as figuras mais vehementes, porque põe sua mira no deleite.

Susceptivel de gradações ou matizes, umas vezes subirá ao sublime, outras descerá ao singelo.

Os dotes d'este estylo são: a *doçura*, a *graça*, e todas as *bellezas* que excitam sensações agradaveis em quem lê ou escuta. Veja *Médio.*

Temporaes. — Modernamente tem-se dado este qualificativo ás orações circumstanciaes de tempo; i. é, áquellas que exprimem o tempo em que uma cousa acontece; v. g.: *O nosso inclito rei D. Manuel, de feliz recordação, quando se viu dominador dos reinos do Oriente, de sorte que poderiamos dizer que as azas do sol se mediam com o seu imperio, e que aquelles povos infieis se não confederavam contra a potencia de suas armas, mais que para ser d'ellas triumpho, e ouvir os annuncios da palavra evangelica, então folgou de submetter toda esta grandeza aos pés do summo pontifice Leão X.*

Então, ó cidade do Tejo, reinavas tu, e eras forte, mais do que Roma ou Carthago.

Depois de haverem transposto as montanhas, os invasores assenhorearam-se da cidade de Asido.

As relações de tempo em que as orações dos exemplos dados estão para com as que se lhes seguem, vão indicadas pelo adverbio ou conjuncção *quando*, pelo adverbio *então*, e pela locução prepositiva *depois de*, d'onde se vê que estas partes da oração têem mais esta funcção no discurso.

Tempos. — Dizem-se as diversas formas ou flexões terminativas, que o verbo toma na sua conjugação, e cujo effeito é marcar se a acção expressa se refere a um periodo passado, presente ou futuro.

Os tempos podem ser *simples* ou *compostos*, *primitivos* ou *derivados*; *primarios* ou *absolutos*, e *secundarios* ou *relativos*.

Tempos dizem outros as flexões dos verbos destinadas a exprimir a época de effectuar-se a acção que o verbo enuncia. *Os* tempos são propriamente tres: *presente*, *preterito* e *futuro*;

futuro e no *preterito* podem dar-se certas particulari-
; acção, que os desdobram em outras tantas modalida-
ibem chamadas *tempos*, e assim temos *preterito imper-
terito perfeito, preterito mais que perfeito ; futuro per-
uturo imperfeito.*
o ao modo de os formar, veja *Formação dos tempos*,
c.

ie. — Tambem chamado *simples, infimo* e *subtil*, diz-
ylo em que as ideias são enunciadas com vocabulos
, claros e significativos, sem todavia serem acompa-
le ornatos, pelo menos exquisitos.
tivel de muitas gradações ou matizes, ora será mais,
s subtil.
otes d'este estylo a *agudeza*, a *perspicuidade*, a *singe-
recisão*, posto que a luz da perspicuidade deva brilhar
o estylo, e os outros dois dotes sejam sempre proprios
rimir tanto um objecto familiar e ordinario, como um

etos. — Os tercetos são periodos ou estancias de tres
imando o verso primeiro com o terceiro, e o do cen-
as duas extremidades do terceto seguinte ; o centro
m as duas do immediato, e assim por diante, até ao
omposição, que necessariamente rematam n'um quar-
as rimas cruzadas.
lifiquemos com uma das primorosas composições do
de Deus.

«Maria ! ver-te á porta a fazer meia,
«Olhando para mim de vez em quando,
«É o que n'esta vida me recreia.

«Acordo até de noite suspirando
«Porque rompa a manhã, e tenho o gosto
«De te ver já tão cedo trabalhando.

....
....

«Oh que ditoso, alegre e satisfeito
«Não viverá o homem que algum dia
«Sentir pular-te o coração no peito.

«E que em deliciosa agonia,
«Vendo-te já os olhos desmaiando
«Como desmaia o ceo á luz do dia,

«Nas azas da ventura atravessando
«Os espaços d'um extasi ineffavel,
«Abraçado comtigo for voando
«Lá para onde tudo é bello e estavel !

Terminação. — É o ultimo som de uma palavra, por exemplo: *o* em *louro*, *ões* em *acções*, ou, mais exactamente, toda a parte variavel do fim das palavras; a que se junta ao *radical* para exprimir os accidentes de numero, de genero, de caso, de modo, de tempo, de pessoa, e mostrar assim as relações de concordancia, ou de dependencia que as palavras têem entre si.

É pela differença de suas terminações que se distinguem as conjugações dos verbos, que podem pertencer á 1.ª, 2.ª ou 3.ª; ser regulares ou irregulares, etc.

Na terminação dos verbos adjectivos está incluida a significação de *ser* ou *existencia* propria do verbo substantivo, com as modificações de modos, tempos, numeros e pessoas.

Terminativo. — Diz-se o complemento que regido mais regularmente das preposições *a*, *para*, e tambem das preposições *de*, *contra* e outras convenientes, se junta aos verbos, adjectivos e adverbios de significação relativa para completar essa significação. Exemplos: *Abrir a alma á ambição, é fechal-a ao socego. A adulação é para a lisonja, como a mentira é para o erro. O temor de Deus é o principio da sabedoria. Está rebellado contra o poente.*

Para complemento terminativo com a preposição *a*, expresso pelos pronomes pessoaes, empregam-se as formas *me*, *nos*, *te*, *vos*, *lhe*, *lhes*, *se*, que equivalem a estas — *a mim*, *a nós*, *a ti*, *a vós*, *a elle* ou *a ella*, *a elles* ou *a ellas*, *a si*.

O verbo activo relativo, alem do complemento objectivo pede terminativo. Exemplo: *descobriram-lhe a verdade*. E havendo de mudar-se a oração para a voz passiva, conserva-se o complemento terminativo; v. g.: *foi-lhe descoberta a verdade*.

Muitas vezes a variação *lhe*, representando o complemento terminativo, pode mudar-se para complemento restrictivo, como no seguinte exemplo: *entrei depois a acordar-me que se elle fora vivo, e nos visse n'este tão grande apuro de miseria, se lhe despedaçaria a alma*: i. é: *se despedaçaria a alma d'elle. Taes cuidados affligem-me a existencia* (a existencia de mim) i. é: *a minha existencia*.

Veja *Complemento*.

Terminologia. — É a sciencia dos termos technicos, ou das ideias que elles representam.

Os termos particulares para designar os objectos especiaes d'uma arte, d'uma sciencia, d'um mister, são inventados para as pessoas que se occupam d'essa arte, d'esse mister, d'essa sciencia, e as mais das vezes trazidas das linguas grega ou latina.

Termo, os. — Termo é o vocabulo proprio da sciencia,

ciplina de que se trata, ou da linguagem e estylo alla.

: á precisão de enunciar as ideias de modo mais ɔ assumpto de que se trata.

s de cada sciencia ou arte formam uma especie de rente da vulgar, que ordinariamente só entendem tudaram, mas que servem de fundamento a um senlo na linguagem ordinaria e commum.

alavra, *vocabulo*, são synonymos; todas estas exɔnformam em serem signaes verbaes, indicadores, entos: differem porem em que o *vocabulo* refere-se nte á parte material do dito signal, o *termo* á ideia prime, e a *palavra* a ambos estes elementos, o ideal l. Veja *Propriedade dos termos*.

e *termos da proposição* os dois elementos constitutiı formação, i. é, *sujeito* e *attributo*; v. g.: *a morte é balho é o contraveneno do vicio.*

-se *termos de relação* as duas palavras ou phrases a preposição, sendo a 1.ª designada com o nome de e a 2.ª com o de *consequente*, ou complemento da . Exemplos: *vou para Lisboa; conversa commigo; a saria aos talentos; não se está a coberto da calumnia pela inviolabilidade da desgraça*, etc.

ircumstanciaes. Veja *Circumstancial*.

proprios, palavras proprias, expressão propria, dizconvem precisamente empregar, quando queremos hendidos.

ntemente dizemos: sentido litteral, primitivo, real, , opposto ao *figurado*.

s ha que tanto desviam as palavras do sentido naɔprio, que as torturam de mais para servirem aos oxos. Veja *Sentido proprio*.

:olos. —Veja *Quadrimembre*.

s ou Extensão. — Dão os rhetoricos este nome eriodos que, sendo muito longos, apenas pode bastar .o para pronuncial-os de seguida.

a. — Assumpto, proposição que se tenta provar ou O que se dá a um estudante para compor ou tramma lingua differente da sua, ou da do texto que se nta. Veja *Radical*, *Versão*.

Thermo. —Veja *Prefixos*.

, — Proposição ou questão prévia, posta n'um dis-

curso ou n'uma conversação, com o intuito de a sustentarmos.

Este termo tambem costuma empregar-se n'uma accepção particular, mas alheia ao nosso proposito. Differe de *hypothese*.

Diz-se *em these*, na generalidade.

As conclusões publicas chamam-se *theses*.

A these é a questão que se não liga ás circumstancias do objecto como: *Se a paz é desejavel?* Hypothese é a questão limitada pelas circumstancias da pessoa, logar, tempo, etc.; como: *se devemos com este inimigo e n'esta conjunctura tratar da paz?* Aquella é universal e indeterminada; esta particular e determinada; e por isso aquella mais extensa que esta; assim como o todo o é mais que a parte, e o genero mais que a especie. D'onde se segue que toda a hypothese tem relação com uma these. Veja *Desinencias*.

Til. — É um signal orthographico que, posto sobre uma vogal, incute-lhe um som nasal, como se percebe nas palavras — *mão*, *tem*, *coração*, etc.; d'aqui se vê que o til suppre o *m* ou o *n*, quando á vogal nasal se segue outra vogal; evitando-se por este meio um equivoco de percepção, como succederia se escrevessemos *mamo* ou *mano*, querendo nasalar o *a* com um *m* ou *n*.

No fim da palavra é indifferente nasalar a ultima vogal com *til* ou *n*: assim escrevem muitos — *maçã* ou *maçan*, *irmã* ou *irman*.

É hoje quasi geralmente seguida a primeira formula; excepto em — *ademan*, *irman*, *afan*, e poucas mais que se escrevem sempre assim.

Tambem se emprega algumas vezes o (˜) como signal de abreviação: v. g.: *q̃*. por *que*; *Roĩz* em vez de *Rodriguez*. *Glz̃* por *Gonçalves*, *Fẽz* por *Fernandes*, etc.

Tmese. — É a figura que resulta da separação ou divisão de um verbo para intrometter-lhe algum pronome, como: *dir-me-ás*, *dir-se-ia*, *far-te-ei*, por — *dirás-me*, ou *me dirás*, *diria-se* ou *se diria*, *farei-te* ou *te farei*; *louval-o-ás*, *convencer-nos-emos*, etc. Veja *Palavras*.

Toante. — Diz se a rima em que se guarda conformidade somente nas vogaes desde a syllaba predominante, como: *manto* e *casto*, *chá* e *mortal*, *horrifico* e *sanctissimo*, *mal* e *dar*.

A rima toante foi sempre pouco usada entre nós e hoje está em completo desuso.

Denominam-se toantes as articulações *v*, *z*, *j*, *r*, por causa dos *tons* ou *[illegible]* que produzimos quando as lemos. Conforme

a «Cartilha Maternal» podem analysar-se ou verificar-se os seus valores na phrase — *vaze o* JARRO.

Tom. — Esta palavra, por uma extensão muito natural, passou a significar: 1.º certo grau de elevação, ou descida na voz: 2.º maneira de fallar, não somente em relação ao som da voz, mas relativamente á natureza do discurso; 3.º caracter, genero de estylo das obras d'espirito e d'arte. Exemplos:

Obrigar a fallar n'um tom menos imperioso.

Fere menos o que se diz, que o tom com que se exprime.

Tom altivo, baixar o tom; o tom queixoso da elegia.

A escolha entre o tom placido e o vehemente e entre a insinuação e a aggressão, é das cousas mais delicadas da arte oratoria, porque se o auctor empregar um processo ou um tom, em desharmonia com o caracter d'aquelles a quem se dirige, ou com o seu proprio; se usar de um tom uniforme ou d'uma vehemencia inopportuna ou exagerada; se não der ao tom toda a elevação, que o assumpto, as pessoas e as circumstancias exigirem — em vez de mover a seu favor, indisporá ou não produzirá effeito algum. Cumpre pois na excitação directa dos affectos, ter sempre presentes estas regras da arte, sobre a occasião, duração, maneira e grau de excitação; 1.º não entrar a apaixonar sem antes fazer ver a grandeza e importancia do assumpto; 2.º não prolongar o pathetico alem do justo; 3.º não misturar com elle, nada que lhe diminua o effeito; 4.º gradual-o pela grandeza da materia e condição das pessoas a quem se pretende mover.

Dizemos ainda em sentido mais restricto, que *tom* é o valor que produzimos, quando lemos alguma das articulações toantes *v*, *z*, *j*, *r*; pois na voz embaraçada com que as dizemos na phrase *vaze o jarro* ha *tom* e não *som*, e menos *voz*.

Tomia. —Veja *Desinencias.*

Tónico. — *Predominante.*

Traço de união. —Veja *Risca d'união.*

Tradição. — Diz-se dos factos historicos que nos são transmittidos de boca em boca, de seculo em seculo, de uma geração a outra, e que não repousam sobre nenhum monumento escripto; geralmente fallando, tudo o que se transmitte de geração em geração pelo exemplo ou pela palavra. É assim que os costumes, os habitos, os usos, os procedimentos, as opiniões se estabelecem n'uma familia, n'um paiz, n'uma região.

A tradição pode ser *oral*, *escripta*, *doutrinal*, *divina*, *humana*, *apostolica*, etc

Traducção. — É o que se diz ou escreve, em consequencia do acto pelo qual fizemos trasladar os pensamentos expressos n'uma lingua para uma outra.

O verdadeiro merito de uma traducção consiste absolutamente na fidelidade.

Por isso é rara uma excellente traducção, por que nada mais difficil que guardar um justo meio entre a liberdade da interpretação e a sujeição á lettra. Uma submissão muito escrupulosa á lettra do texto destroe o espirito que vivifica; muita liberdade apaga os traços caracteristicos do original, ou fica d'elle uma copia infiel.

Estas observações são applicaveis á traducção de um auctor excellente e d'um texto perfeito, aliás seria facil uma traducção muito superior ao original de um auctor mediocre.

Traducções bem feitas são sempre estimadas, por que são o meio mais seguro e mais prompto de enriquecer as linguas.

A *traducção* differe da *versão*. Esta deve ser fiel e clara, conservando alguns vestigios da lingua original. Aquella deve ter mais facilidade, mais correcção, e o tom proprio da materia de que se trata, em completa conformidade com a indole do novo idioma.

Para fazer uma boa traducção é necessario saber com perfeição (a *fundo)* a indole das duas linguas.

Traductor. — Diz-se aquelle que sabe traduzir e traduz; i. é, o que traslada qualquer obra ou discurso de uma lingua para outra.

Qualquer que seja o genio do traductor, sente sempre muita difficuldade, para não dizer impossibilidade, em passar para uma lingua o gosto, o espirito, a graça do auctor que deseja traduzir; entende-se auctor de nota, aliás pode até excedel-o com facilidade e muita vantagem.

Traduzir. — É fazer trasladar qualquer palavra, oração ou discurso, fallado ou escripto de uma para outra lingua.

Veja *Traducção.*

Tragedia. — Poema dramatico ordinariamente dividido em muitos actos, que offerece uma acção importante, acima do commum e propria a excitar o terror ou a piedade; termina ordinariamente por um acontecimento funesto que se chama *catastrophe.*

A acção pode ser tragica, sem que precise de acabar por *catastrophe;* basta que, ao lado d'exemplos de virtude proprios a inspirar sentimentos generosos, offereça um quadro de perigos ou males, assaz graves, para nos aterrarem e apiedarem.

A *tragedia* propõe-se dois fins: um proximo, que é agradar

interessando; o outro remoto, que é interessar e corrigir. O 1.º é indispensavel; o 2.º, ainda que menos essencial, constitue a sua excellencia e o seu apreço.

A *tragedia* deve reunir o terno, o tocante, o terrivel, o grande, o sublime, alliados á grandeza do sentimento e ao arrojado das expressões.

O fim moral da tragedia é aperfeiçoar a nossa sensibilidade virtuosa, inspirando-nos compaixão pelos infelizes, indignação contra o vicio e o crime, amor e admiração da virtude; e mostrar-nos a inconstancia da fortuna e a necessidade de refrear as paixões.

O estylo proprio da *tragedia* é o nobre, grande ou sublime, por ser a acção tragica de si grave, nobre e pathetica, obrada por illustres personagens.

O metro usado entre nós costuma ser o hendecassyllabo solto.

Quando a tragedia é composta para ser cantada, toma o nome de *tragedia lyrica* ou *grande-opera*; e distingue-se não só pela musica, mas por admittir maravilhoso, scenas mais alegres e menos ligação e unidade.

Tragico. — Diz-se o estylo empregado pelos auctores tragicos, quando põem em scena as paixões humanas, os mysterios do coração, os diversos movimentos da alma, e ora lhes é preciso ser vehementes, ora patheticos, ora animados e impetuosos, ora brandos e ternos; umas vezes pintam o homem arrebatado de alegria e enthusiasmo, outras vezes repassado de tristeza e desalento, etc.; *do que facilmente se comprehende, quanto este genero de poesia conduz ao exercicio da lingua, modificando diversissimamente as suas phrases conforme as acções, as intrigas, os caracteres dos actores.*

Tragi-comedia. — Esta especie, que tambem se denomina *drama* em sentido restricto, toma para assumpto, umas vezes uma acção commum e lastimosa, e outras uma acção mixta de tragico e comico, de heroico e vulgar. Assim ora representando acontecimentos funestos e situações desgraçadas da vida commum, vem a ser a tragedia popular, excitando, como a alta tragedia, o terror e a compaixão; ora representando uma acção mixta de extraordinario e vulgar, de heroico e visivel, constitue o drama romantico e excita conjunctamente as commoções dos generos tragico e comico.

Não tendo a elevação da tragedia, nem o familiar da comedia, o seu estylo deve manter-se n'um tom intermedio, variando conforme os personagens, mas sem que essas variações se façam de salto, nem subam á elevação tragica ou desçam á familiaridade comica.

Trahir ou **trair.** —Veja *Desinencias.*

Trans. —Veja *Prefixos.*

Transitiva, o. — Dizem-se de significação transitiva aquellas palavras, cujo significado ou sentido se não completa sem outra ou outras palavras que se lhe addicionam; como são: muitos *adjectivos, verbos adjectivos, adverbios.* Veja *Regentes.*

É *transitivo* o verbo adjectivo que significa uma acção que, praticada pelo sujeito, passa para outro objecto, ou reverte para o mesmo sujeito e n'este caso se chama *reflexo.* Pede para isso um ou mais complementos. Exemplo: *honrai os bons para que vos honrem, e os maus para que vos não deshonrem. Chega-te aos bons serás um d'elles.*

Transitivos. —Veja *Conjunctivos, Regentes.*

Certos verbos transitivos pedem, alem do complemento directo, uma segunda determinação constituida por um adjectivo (ou palavra adjectiva) ou substantivo, que se refira, como qualificação, ao complemento directo e sirva de completar a significação do verbo; v. g.: *nomear alguem deputado; fazer alguem feliz.*

Esta determinação denominam agora — *nome predicativo* do *complemento directo.*

Os verbos principaes que se construem d'este modo são: *fazer, tornar, eleger, nomear, jurar, declarar, constituir, instituir, sagrar, ungir, coroar, chamar, appellidar, cognominar, achar, considerar, crer, julgar, reputar, suppôr, descrever, pintar, representar.*

Com alguns verbos o nome predicativo pode ligar-se ao verbo por meio da particula *como;* v. g.: *considerar uma causa como justa.*

Com alguns outros a qualificação do complemento directo, em logar de ser simples nome predicativo, pode ser regida da preposição *por* e tambem *para* (exprimindo-se um fim), v. g.: *instituir alguem por herdeiro.* O emprego de *por* (ou como) é obrigatorio com os verbos *ter* e *haver* na accepção de *julgar, suppor,* e com os verbos *dar* e *tomar* e seus synonymos; v. g.: *ter alguem por feliz.* Veja *Predicativo.*

Os verbos *transitivos* tornam-se *intransitivos,* quando enunciam só a qualidade ou a acção do sujeito de um modo absoluto, e sem relação com algum objecto, i. é, abstraindo do objecto em que a qualidade ou a acção se empregam. Exemplos: *este menino estuda. Animava mais do que aprendia.*

Ao contrario tornam-se *transitivos* os verbos *intransitivos*, quando se empregam com significação transitiva; e n'este caso teem complemento objectivo, como: *o jogador vive uma vida airada.*

O meio pratico de conhecer o verbo transitivo é ajuntar-lhe a pergunta — *o que?* ou *a quem?* Se depois pedir alguma palavra ou palavras para lhe completar a significação, esse verbo será *transitivo*; aliás, será *intransitivo*, como: *Antonio ama... o que?* ou *a quem...* o estudo. O verbo *ama* é transitivo, e *estudo* é o seu complemento objectivo.

Os verbos *transitivos* em razão dos complementos que pedem são: ou *activos*, ou *relativos*, ou *activos-relativos*. A significação d'estes verbos põe o sujeito em relação com um ou mais objectos exteriores, aos quaes se transmitte o effeito da acção enunciada pelo verbo e produzida pelo sujeito.

Veja cada um dos artigos em *italico*.

Translação. — Tomamos este termo por synonymo de tropo, i. é, mudança da significação propria de uma palavra para outra.

As translações por opposição são o effeito da ironia. Veja *Figura, Tropo.*

Translato ou **Figurado.** —Diz-se o sentido em que é empregada uma palavra ou phrase, desviada do natural e proprio por meio de alguma figura ou tropo, para se empregar em accepção diversa da usual: assim dizemos: *flor dos campos, calor do sol, agua fria,* empregando *flor, calor, fria,* em accepção natural e propria; mas se dissermos: *morrer na flor da edade, calor da discussão, recepção fria,* os mesmos vocabulos são empregados em sentido translato. Veja *Figurado, Sentido proprio.*

Transposição. — Applica-se esta palavra, em litteratura principalmente, á deslocação da ordem pela qual as palavras são de ordinario dispostas. Isto succede á semelhança das linguas latina e grega, mas este uso é mais frequente na poesia e mui raro na prosa.

Esta figura, chamada tambem *inversão* e *hyperbato,* estabelece entre a prosa e a poesia uma differença essencial. Assim as transposições seguintes, que são admittidas na versificação, não seriam auctorisadas em prosa:

No tempo em que do reino a redea leve
João, filho de Pedro, moderava;
. . . .
Aberta em par do templo estava a porta.

Se a transposição torna o sentido obscuro, deg
chyse; v. g.: *considerando que este delicto era fe*
plo, para castigo pouco averiguado.

As transposições em geral, rompendo a natur
ideias, confundem e obscurecem; e, por isso
transpor e interromper arbitrariamente em pro
por amor da elegancia e da harmonia, toleram-s
sições e até, ás vezes, são necessarias.

As regras pois sobre este objecto são as segu
tar hyperbatos ou transposições que causem
dando dois sentidos differentes; 2.ª entre duas i
tivas não metter terceira que exprima relação
entre duas palavras ligadas não metter access
plementos que as separem muito uma da outra,
synchyse ou confusão de ideias incoherentes.

Veja *Collocação, Inversão.*

Cumpre portanto não abusar de um artifici
pode degenerar em vicio ou defeito.

Todavia não desconheçamos que é esta uma
cellentes qualidades que possue a lingua portu
a torna susceptivel de um grande numero de be
cução, permittindo que as palavras se colloquem
gar mais conveniente, em relação á harmonia
qual provém de uma acertada combinação das v
gaes, senão onde as mesmas palavras possam pr
effeito oratorio.

Uma longa transposição é sempre um defeit
deixa ver logo a relação das ideias, dando occas

Transpositivas. — Dizem-se as linguas
substantivos e aos adjectivos terminações rela
analytica, e que adquirem assim o direito de lhe
no discurso, uma coordenação inteiramente inc
successão natural das ideias. O grego e o lati
transpositivas

Transposta. — Diz-se transposta (ou int
dem ou collocação das palavras que, devendo
pela mutua relação de concordancia ou de rege
rada pela interposição de outras palavras de
rente. Exemplos: *devia servir* (a torre) *para,*
PAZ, *se darem avisos com fogo. Corria o risco d*
IMPRUDENCIAS, *perder a fama adquirida.*

Veja *Transposição.*

Tras. — Esta preposição designa logar post
vê das seguintes phrases: *trás si; o paternal am*

e do desejo dos homens, trás elles vindo; postos uns

trans que significa *alem*, v. g.: *traspor* (pôr atraz,); *transpor* (pôr alem). Outras vezes se usam nas npostas sem differença como sendo *tras* abrevia- *s;* v. g.: *trasbordar, transbordar* (mesmo sentido; lgumas palavras conserva-se *trans* de preferen- v. g.: *transacção, transcender, transfuga, trans-*

, Atraz, e *Trans* (prefixo).

lo. —Veja *Extracto.*

os. — Dá-se o nome de *tratados* ás composições ondo doutrina relativa a todas as partes do assum-) essa doutrina se reduz ás noções principaes, ou e essas e as demais noções, assim o tratado se diz primeiro caso, e *magistral* ou *completo* no segundo. thodo, perfeita clareza, rigor de definições, solidez e geralmente um estylo preciso e apurado, são as ualidades n'estas composições. Mas se tratam as- fallem á imaginação ou ao coração, deve o estylo altura do assumpto. De espaço a espaço, deve en- lguma passagem mais agradavel, que reanime a ndo allivio e recreio ao leitor fatigado pela exten- : do caminho. Servem a este effeito, nos tratados , as imagens, comparações e exemplos; e nos ou- s, alguma digressão, descripção ou narração, saídas e do assumpto e proprias para o aformosearem. E a será, se esta especie de oasis, ao mesmo tempo a e recreia o espirito, servir ao fim mais elevado a — o culto do bello moral.

são. — Signal orthographico que marca geral- mais extensa que a do ponto e virgula, chamando mpo a attenção dos leitores sobre as palavras que Exemplo: *era o propheta de Anathot, que em cima s palacios e templos entoava uma elegia tremenda — sua nação.* Serve tambem para distinguir differen- tores. Exemplos:

(disse o doutor) faremos breves em uma carta? — pondeu Leonardo) de tal maneira e com tal artefi- rmos, que se intendam n'ella mais cousas do que tem — E como pode ser? (tornou o doutor). — Por meio e subsequentes (disse Leonardo) que sem nomear as repetem. Veja *Risca de união.*

Trema. — Veja *Diérese.*

Tres. — Veja *Prefixos.*

Tricolos. — Veja *Trimembre.*

Triformes. — Este qualificativo pode applicar-se adjectivos que têem 1.ª, 2.ª e 3.ª forma, ainda que esta ult se deva considerar um verdadeiro pronome ou adjectivo j nominal; n'este caso estão os seguintes:

Este, esta, isto. Esse, essa, isso. Aquelle aquella, aquillo. T toda, tudo. Algum, alguma, algo ou alguem. Nenhum, nenhu nada ou ninguem. Outro, outra, outrem. Veja *Formas dos no*

Sem que a 3.ª se deva considerar pronome, temos adject triformes; v. g.: *enredador, enredadora, enredadeira, mo motora, motriz;* as duas ultimas porem são formas femini duplas.

Trimembre ou **Tricolos.** — É o periodo compost tres membros. Exemplo:

Quem dá o que tem, pode dar o que vale pouco; mas quem o que pede, não pode dar senão o que custa muito; por que nhuma cousa custa tanto, como o pedir.

Trissyllabos. — Dizem-se as palavras compostas tres syllabas ou diphthongos, como: *estrella, querença, a ção, raivoso, cuidado,* etc.

Igual nome se dá aos versos de tres syllabas, com acce na 2.ª Exemplo:

«As testas
«Cinjamos
«De flores,
«Amores.

Trocadilho ou **Trocados.** — É uma especie de nato do estylo vicioso, que consiste em equivocos e palav em que, trocada uma lettra, ha diverso sentido: v. g.: *que p sos se observam nos paços! Não lhe pese o que lhe pede.*

«Jacinto, o que já sinto,
«É rasão que o não calle:
«Sinto já que nunca o valle
«Criou mais lindo Jacinto.

É um pueril jogo de palavras, quasi sempre ridiculo.

Trophia. — Veja *Desinencias.*

Tropo. — É a figura de rhetorica pela qual se pode fa

ar a uma palavra uma significação que não é precisamente gnificação propria d'essa palavra.

?oder-se-iam contar tantas especies de tropos, quantas são maneiras differentes, pelas quaes se pode dar a uma ou is palavras uma significação differente da que lhe é pro-ia.

Mas estabeleceu-se um pequeno numero d'elles, entre os aes se conta a *metonymia*, a *synecdoche*, a *metaphora*, a *an-tonasia*, a *allegoria*, a *litotes*, a *hyperbole*, a *ironia*, a *cata-rese*, a *allusão*, o *euphemismo*.

Todos estes se podem reduzir aos tres primeiros; apezar isso porem devemos mencionar ainda: a *metalepse*, a *ono-topeia*, o *epitheto*, a *periphrase* e o *hyperbato*.

São os tropos umas vezes filhos da necessidade de supprir falta do termo proprio; e assim diremos, *os braços, as costas*, *pés de uma cadeira*. Outras vezes provém da imaginação, e gosta de revestir as ideias de imagens sensiveis, ou que, ida mais vivamente por um objecto connexo ou por uma cir-mstancia accessoria, exprime o principal pelo termo do con-xo ou accessorio; e assim dizemos, *o fogo da paixão*, *uma ta de tantas velas*. Outras vezes, como n'estas expressões — *u á Trindade*, *estou lendo Virgilio* — é o desejo da brevidade e produz as translações. Finalmente tambem é causa de tro-s a delicadeza, que leva a evitar o termo proprio, quando lecente ou desagradavel; como quando dizemos: *adeus, passe ito bem*, em vez de — *vá-se embora*; *gosta do copo*, em vez de *embebeda-se*.

D'aqui se vê quanta é a virtude dos tropos: supprem a po-eza da lingua, sem a alterar com innovações de palavras; nobrecem a elocução, porque se afastam da linguagem com-um: dão do objecto uma ideia mais clara, mais viva, e por ses mais concisa, do que podiam dar as palavras proprias: rvem de adoçar e disfarçar ideias tristes, desagradaveis ou lecentes; e finalmente deleitam, fazendo ver ao mesmo mpo e distinctamente dois objectos, e as relações que esses jectos têem entre si.

Mas para que o tropo tenha essas virtudes é necessario: que ou seja exigido pela falta de termo proprio, ou seja l para dar á expressão mais luz, força ou graça, do que o mo proprio; 2.º que tenha fundamento na relação natural *semelhança*, *opposição*, *comprehensão*, ou *connexão* entre o ecto a que se pede a palavra, e aquelle para que se trans-e.

Nem sempre é facil designar de prompto, a que especie tence um tropo, porque n'um sentido pertence a uma espe-e n'outro a outra; e até acontece n'uma só palavra da-se dois tropos juntos.

O que mais importa pois é, não designar a especie a q tropo pertence, mas sim distinguir bem o verdadeiro sen das palavras, não confundindo o sentido tropologico co proprio.

Trovadores.—Deu-se este nome a esses poetas do a e das aventuras que percorreram o sul da Europa, compo e cantando trovas, e vieram com seus cantos despertar o g pelas canções provençaes.

Oriundos da França, os trovadores foram bem recebidos dynastia affonsina, que tambem era de procedencia franc e, frequentando já os paços dos reis, já os castellos feud concorreram com suas ternas harmonias para adoçar os tumes, despertar o espirito aventureiro das cruzadas e de volver as linguas romanicas, fixando-as pela escriptura e primindo-lhes uma nova prosodia.

A escola dos trovadores ou provençal começa pois entre com a monarchia, e estende-se até Gil Vicente, (seculos XII–

Sua caracteristica é a rudeza da linguagem, não raro i telligivel, a falta d'arte, uma versificação irregular e dura como dizem outros, a alliança das tradições classicas co paixão da alma moderna.

Dos escriptos d'esta eschola restam-nos os *Cancioneiros*

Trova. — Composição poetica muito ligeira, em verso gar e pouco polido. Cantiga.

Typo. — Veja *Desinencias*.

U

Quinta vogal, pura, nominal, e vigesima primeira lettr alphabeto.

Diz-se um *U*, este *u*, etc. D'onde se infere que se consi do genero masculino e que pode ser maiusculo ou minusc

Tem o valor certo e nominal em todas as palavras, em de pronunciação menos longa n'umas que n'outras palav como se verifica entre *pucaro* e *baculo, patusco* e *esti macula* (substantivo), *macúla* (verbo), etc.

Seguido de *m* ou *n* na mesma syllaba, torna-se nasal, e se diz nas palavras—*facundia, umbella*, etc.; não deve po nasalar-se o *u* com o *m* senão seguindo-se-lhe *b, p* ou *m* fim das palavras, como—*deslumbrante, cumpra, commum album*, etc., exceptuam-se as palavras compostas de *cir* v. g.: *circumstancia, circumferencia, circumcisão*, etc.

Junto de *q* e seguido este de *e* ou *i* não se lê; v. g.: *qu*

ueixo, quinhão, quinquilheria. O mesmo succede seguido de *e* u *i*, precedido de *g*; v. g.: *guerra, guita;* exceptuam-se *ambiuidade, frequente, eloquente,* e seus derivados; *equestre, tranuillo, guela, quinario, quinquagesimo* e poucos mais.

Na palavra *muito* soa o *u* como sendo nasalado; i. é, como e fora escripto *mũito.*

Diz-se o *u* com a voz abafada, emittindo-se com a boca já uasi de todo cerrada. Sumido e soturno parece convir á desnimação, á tristeza profunda, aos assumptos luctuosos: *sepulhro, tumulo, funebre, funereo, lugubre, carrancudo, moribundo, urvo,* etc.

Ultra. — Veja *Prefixos.*

Um. — Os nomes acabados n'esta syllaba formam o plural ela addição de um *s*, depois de mudado o *m* em *n*; v. g.: *tum, atuns; commum, communs.*

Ume. —Veja *Prefixos.*

Undo. —Veja *Desinencias.*

Unidade. — Em litteratura diz-se *unidade* a virtude que eve encontrar-se nos pensamentos considerados juntos.

«Consiste em fazer que os pensamentos secundarios convirm para o principal de que emanam, e todos os principaes presentem igual convergencia para o fim geral da composição; vitando-se d'esta arte toda a divagação inutil, de modo que das as partes se auxiliem mutuamente, para produzirem uma npressão profunda.

«As phrases e clausulas terão *unidade*, se todas as suas artes estiverem estreitamente ligadas entre si e com uma leia principal em torno da qual se agrupem, em forma a não presentarem, por assim dizer, mais de um objecto. Sem isto carão sempre desairosas e arrastadas, e muitas vezes chegalo a ser escuras. Deve pois evitar-se:

«1.° a successão de orações apresentando cada uma um suito differente; 2.° a juncção de pensamentos pouco connexos, ue melhor ficariam divididos por duas ou mais clausulas: 3.° inserção de parenthesis extensos, ou, posto que breves, desecessarios; 4.° a collocação, no fim das clausulas, de ideias ue não eram de esperar alli, porque parecia que antes d'ellas stava terminado o pensamento.

Uniformes. — São os adjectivos que têem uma só forma ara ambos os generos; taes são os terminados em *e, l, ar, az, z, ol, oz, im, um,* como: *alegre, leal, amavel, facil, subtil, sin-*

polar, capaz, feliz, reinol, veloz, affim, commum e tambem *femea, só.*

Dos acabados em *e* e *l* exceptuam-se *este, esse, aquelle, hespanhol*, que são *biformes* (*este, esta; esse, essa; aquelle, aquella; hespanhol, hespanhola*). Veja *Formas.*

Tambem se consideram uniformes aquelles substantivos que não são susceptiveis de mudança para o feminino, como o são: *[illegible], varão, Pedro*, etc.

D'estes alguns ha que sob a mesma terminação têem dois generos, significando em cada um sua ideia particular e differente: taes são: *cabeça, capital, colera, cura, espia, guarda, lente, scisma*, etc.

Lente na significação de vidro de augmentar é feminino; significando professor, é do genero masculino.

Scisma significando dissidencia na unidade da egreja catholica, é masculino: exprimindo a ideia de apprehensão do espirito humano, é feminino. Assim os mais.

Unipessoaes. — Dizem-se os verbos que só se empregam na terceira pessoa, como: *alvorecer, amanhecer, anoitecer, chover, chuviscar, coriscar, fuzilar, gear, gelar, granizar, nevar, orvalhar, pezar* (ter sentimento), *prazer, relampaguear* ou *relampejar, trovejar, ventar.*

D'entre estes, que são os essencialmente unipessoaes, alguns empregam-se ás vezes no sentido figurado, ou quando designam o logar ou o estado em que se está pela manhã ou á noite. Exemplos:

Da espessa nuvem settas e pedradas
Chovem sobre nós-outros sem medida.

Se amanhece o sol a todos aquenta, e se chove o ceo a todos molha.

Amanheci em Elvas e anoiteci em Lisboa. Amanheceste bom e anoiteceste doente.

Bastar, convir, cumprir, custar, parecer, relevar, succeder, e outros são unipessoaes apenas accidentalmente; tomados em differente accepção, têem todos os seus tempos e todas as suas pessoas: de ordinario consideram-se unipessoaes, quando têem por sujeito — uma oração do modo infinito, ou do finito com a conjuncção *que* (integrante), ou algum dos pronomes — *isto, isso, aquillo, tudo, nada, algo* — v. g.: *convem respeitar os outros: parece que foi Lisboa patria de Camões: isso basta; isto custa:* etc.

Acontecer, agradar, aprazer, bastar, constar, contar, convir, cumprir, custar, doer, haver-se, importar, orvalhar, parecer, relevar, ser preciso, ser necessario, ser mister, succeder, urgir e

outros, tanto podem empregar-se na 3.ª do singular, como na 3.ª do plural, quer no sentido proprio, quer no figurado.

Alguns verbos unipessoaes, que se empregam no plural quando têem o sujeito n'esse numero, tomam o auxiliar *ter* nos tempos compostos, tornando-se este tambem unipessoal. O mesmo acontece com o verbo *estar*, empregado com o participio do presente d'um verbo unipessoal; v. g.: *tem constado; têem doído; está acontecendo; estão succedendo,* etc. *Acontecem desastres; isto acontece* (ou *succede*) *com frequencia.*

Tambem se empregam na 3.ª pessoa do plural alguns verbos sem sujeito; v. g.: *batem á porta*, exprimindo d'este modo que, comquanto a acção se conceba referida a uma pessoa ou pessoas determinadas, todavia não podemos ou não queremos nomeal-as. Veja *Reflexos.*

Universaes. — São os determinativos (adjectivos) quantitativos, que fazem extensiva a significação do nome commum a todos os individuos de uma classe juntamente, ou a todas as partes de um todo; taes são: *todo, nenhum* (collectivos).

Ou applicam a significação do nome commum a todos os individuos de uma classe, considerados cada um de per si, ou a todas as partes de uma totalidade; taes são: *cada, qualquer, quemquer* (distributivos).

No 1.º caso dizem-se — *universaes collectivos.* Veja *Distributivos.*

No 2.º, *universaes distributivos.*

Todo — universal, no singular é distributivo. Exemplo: *todo o homem é mortal.* Na accepção de *inteiro* é qualificativo, podendo, n'este caso somente, ir antes ou depois do substantivo. Exemplo: *queimou-se toda a casa,* ou *a casa toda. Esperei-o todo o dia,* ou *o dia todo.*

D'onde se vê que, antes do substantivo, significa algumas vezes — *cada;* depois do substantivo ou do pronome, significa sempre — *inteiro.*

Todavia, antes do substantivo, pode tambem significar a *totalidade,* a *integridade.* Exemplo: *elle tem toda a minha confiança* ou *a minha confiança toda.* Mas *todo,* significando *cada,* não ha de collocar-se depois do substantivo, e sim precedel-o sempre. *Todo o homem é mortal;* i. é, cada homem; errariamos se dissessemos — *o homem todo é mortal,* i. é, o homem inteiro, corpo e alma, de que elle se compõe, porque, conforme nossas crenças, *só o corpo é mortal.*

Todo precedido de artigo, toma-se como substantivo. Exemplo: *O todo é maior que a parte. A parte de um todo,* etc., ou significando *o conjuncto,* v. g.: *o todo d'esta paisagem.* Tambem se emprega na composição de varias locuções adverbiaes; v. g.: *ao todo, de todo em todo,* etc.

Tudo — invariavel, é pronome universal positivo, equivalendo a — *todas as cousas*. Exemplo: *tão fóra está o homem de saber tudo, que de tudo nem os nomes sabe.*

Nenhum — variavel, é universal negativo. Exemplo: *nenhum mal é crido, o bem só é esperado.*

Ninguem — invariavel, é pronome universal negativo, referido somente a pessoas, equivalendo a — *nenhum homem*. Exemplo: *ninguem se contenta com a sua sorte.*

Nada — invariavel, é pronome universal negativo, referido a cousas, equivalendo a *nenhuma cousa*. Exemplo: *nada duvida quem não sabe.*

Com artigo, é substantivo. Exemplo: *Deus tirou do nada todas as cousas.*

Cada — invariavel, distribue positivamente os individuos de uma classe ou as partes de uma totalidade. Exemplos: *cada terra com seu uso.* — *Cada dois, cada tres, cada vinte*, etc.

Cada qual, cada um — são pronomes universaes distributivos compostos. Exemplos: *cada qual sente o seu mal. Ninguem é menos conhecido, que cada um de si mesmo.*

Qualquer — composto de *qual* (variavel) e *quer* (invariavel), refere-se a individuos indeterminados (pessoas ou cousas), tomados á vontade d'entre os de uma classe. Exemplos: *qualquer homem. Em qualquer dia e a qualquer hora. Quaesquer que sejam os meios.*

Quemquer — invariavel, é pronome universal distributivo referido sómente a pessoas, equivalendo a — *qualquer homem*. Exemplo: *quem quer sabe isso.* Veja *Quantitativos*.

Ura. —Veja *Desinencias*.

V

Vigesima segunda lettra do alphabeto e decima septima invogal, certa; uma das articulações proferiveis toantes. Lê-se com o beiço inferior sempre unido aos dentes de cima, vozeando; a mesma disposição mecanica se emprega na leitura do *f*, mas com differença importante no valor.

Pode ser maiusculo *V* ou minusculo *v*; mas, para ser indicado, é necessario juntar-lhe a terminação vocalisada *ê*: este *vê*, aquelle *Vê* (masculino).

O *V* entre os romanos foi a expressão numerica de 5, ou valendo 4, se era precedido do I, v. g.: IV, como se dissessem: 5 menos um. Veja *Abreviaturas*.

Vago. — Veja *Desinencias*.

Variações. — Dá-se este nome aos differentes *casos*, ou mudanças de desinencias, de que são susceptiveis os pronomes pessoaes na lingua portugueza, á similhança da latina.
Veja *Pessoaes*, *Casos*, *Complementos*, *Formas*, *Relações*.

Vehemente. — Diz-se o estylo que pertence ao genero sublime.

«É o resultado do impulso de uma alma profundamente abalada, onde os pensamentos se agglomeram, se succedem, e se comprimem impacientes por ter expansão. A celeridade das ideias, que se escapam como relampagos successivos, communicada á expressão, e animada pelo sentimento, produz a vehemencia. As phrases desligadas, a interrogação, a apostrophe, a exclamação, a prosopopeia, a repetição, a ellipse, a metaphora, e geralmente todas as figuras apaixonadas, e todas as que augmentam a força das palavras, são elementos essenciaes do estylo vehemente.

«Serve-se de toda a sorte de palavras animadas, graves e valentes, e proprias para engrandecer a sublimidade dos pensamentos e a força dos affectos; empregando os tropos mais atrevidos e as figuras mais energicas, arrasta o ouvinte, ainda o reluctante.

«Como os generos, é este estylo susceptivel de gradações ou matizes, será por isso mais ou menos robusto; caracterisam-no a *gravidade*, a *riqueza*, a *força*, a *energia*, a *vehemencia*, e tudo o mais que pode despertar as paixões e a admiração, sem todavia cair no *furioso*. Ha em tudo certas raias, fora das quaes não pode existir a virtude, ou o bello ideial e moral.

Variaveis. — Dizem-se as seis seguintes partes elementares do discurso: *substantivo, adjectivo, artigo, pronome, particípio* e *verbo;* variaveis, porque, sujeitas aos varios accidentes de genero, forma, numero, terminação, pessoa, modo, tempo, etc., não acabam sempre nas mesmas lettras; são susceptiveis de mudança de desinencias; especialmente as terminações dos pronomes pessoaes e as dos verbos soffrem muitas modificações. Veja *Declinação*.

Vel. — Veja *Desinencias*.

Verbaes. — Dizem-se os adjectivos terminados em *ante*, *ente*, *inte*, *or* e *vel*, derivados de verbo ou partecipio, como *amante*, *temente*, *ouvinte*, *sabedor*, *amavel*, *temivel*.
Os terminados em *ante* e *or* têem significação activa; e os terminados em *vel* têem-na quasi sempre passiva.
Amante é o que ama; *fallador*, o que falla; *amavel*, o objecto digno de ser amado.

Os substantivos verbaes derivam-se dos verbos por 3 n 1.º empregando a terceira pessoa do singular do presente dicativo da primeira conjugação, como: *molha, paga, me peita*: ou empregando a primeira pessoa, como: *reparo, ermanho* (da terra); 2.º empregando o *infinito*, o *partecip perfeito* ou o *perfeito*, como: o *descançar, prazer, pres respirado, redicto, producto, entrada, partida*: 3.º ajunt radical do verbo differente terminação ou *suffixo*, como: *alçada, elegancia, discrepancia, molhadella, requerimento, s ção*, etc.: tambem assim podemos formar alguns adjectiv rivados de verbos; v. g.: *espantadiço, pensativo, queb* etc.

Tambem se dizem *verbaes* os substantivos igualmente vados de verbo, como: *alliança*, de alliar; *livramento*, vrar; *creação*, de crear; *leitor* e *leituras*, de ler; *andaril dador* e *andadura*, de andar; *escriptor* e *escriptura*, de ver ou do seu partecipio *escripto*, etc.

Verbo. — É a parte da oração, que serve de marca ção ou o estado dos seres com relação ao tempo e ás pe É o verbo que dá vida ao discurso, que sem elle seria e inintelligivel. Se eu disser — *terra fertil* — expor-me-e ser perfeitamente comprehendido d'aquelles a quem falla que não terei assim exprimido claramente a ligação qu cebo entre este sujeito e este attributo; mas se ajuntar las expressões a palavra *é*, e disser — *a terra é fertil*, diatamente se comprehenderá que eu julgo que a *terra* com a qualidade expressa pela palavra *fertil*. Não obs ta muitos casos em que o verbo se supprime mui vant mente.

Veja *Ellipse*.

É pois a mais importante de todas as palavras; assim l ram os antigos grammaticos o nome que tem, da palavr *verbum*, que na lingua latina queria dizer *palavra*, dando tender que é a palavra essencial do discurso, de todas variavel; a palavra por excellencia; a que desempenha cipal papel na expressão do pensamento; a que enuncia, velando em seus effeitos, o exercicio de qualquer acçã modo de existir de qualquer entidade; aquella emfim vida e movimento ao discurso.

As outras palavras não passam de signaes isolados d res ou de suas qualidades sensiveis; são materiaes espal que o verbo vem ligar uns aos outros, mostrando a relaç ha entre elles. Os objectos existem, mas o seu nome, s basta para affirmar a sua existencia; é portanto necessari palavra propria para exprimir esta affirmação. Tal é a fu dos verbos *ser* e *existir* nas phrases seguintes: *Eu pens*

existo. Deus é quem é. O povo levanta incessantemente as mãos para Deus e vós duvidais que elle existe!

Mas, independentemente d'esta affirmação da existencia dos individuos, nós temos muitas vezes necessidade de exprimir, se tal ou tal qualidade lhes convem ou não. É ainda o verbo a palavra destinada a indicar esta conveniencia ou desconveniencia. Nas phrases seguintes: *a terra é fertil; os momentos são preciosos;* as palavras — *é*, *são* — formam o laço entre os adjectivos *fertil*, *preciosos*, e os substantivos *terra*, *momentos*, mostrando ao mesmo tempo a relação de conveniencia (podia ser desconveniencia) entre os sujeitos *terra*, *momentos*, e os attributos respectivos *fertil*, *preciosos*.

Duas funcções são pois attribuidas ao verbo *ser*. No sentido absoluto exprime existencia: *eu penso, logo sou* (i. é — existo). Diante d'um adjectivo, forma o laço entre este adjectivo e o sujeito, mostrando sua conveniencia ou desconveniencia.

Mas não basta dizer que os objectos existem, e que existem com tal ou tal qualidade; temos ainda necessidade de indicar seus diversos movimentos, as acções sem numero que elles podem produzir.

As palavras *ver*, *ouvir*, *gritar*, *andar*, *correr*, *nascer*, *morrer*, etc., servem de pintar os movimentos, as acções dos seres inanimados. Ha pois em todas as linguas uma especie de palavras destinadas a exprimir, alem da acção dos seres, os actos do espirito ou da alma, a existencia, a posse, o estado, a posição, etc., e d'esta especie de palavras é o *verbo*, palavra que effectivamente merece o nome que lhe deram, porque n'elle reside todo o sentido do discurso.

O verbo admitte quatro especies de modificações ou mudanças de formas, por quatro cousas: *pessoa*, *numero*, *modo* e *tempo*.

O verbo em geral divide-se em verbo *substantivo* ou abstracto e verbo *adjectivo*, attributivo, ou concreto.

O verbo *substantivo* tambem se chama *auxiliar*. O verbo *adjectivo* pode ser: quanto á significação, — *transitivo* e *intransitivo*; quanto ao modo de ser conjugado, pode ser — *regular*, *anomalo*, *anormal* ou *irregular*, *defectivo*, *unipessoal* ou *impessoal*, *reflexo*, *pronominal* ou *reciproco*; auxiliando a conjugação de outro, chama-se *auxiliar*; quanto á sua derivação e modo de significar a acção, pode ser *inchoativo* e *frequentativo*, *denominativo*, *imitativo*, *augmentativo*, *diminutivo* e *negativo*, todos estes derivados; pode estar na voz *activa* ou *passiva*; quanto aos complementos que pede, pode ser: — *activo*, *relativo*, e *activo-relativo*.

A lingua portugueza não tem verbos passivos, propriamente ditos, forma linguagens da voz passiva com o partecipio perfeito dos verbos adjectivos e o verbo substantivo *ser* que, n'este caso, é quando se chama *auxiliar*.

Os verbos nomeiam-se no presente impessoal do infinito; assim dizemos: o verbo *louvar*, *conjugue o verbo dever*, *conjugação do verbo applaudir*, etc.

Alguns verbos têem duas construcções; por exemplo: *ensinar alguma cousa a alguem* (*alguem* é complemento terminativo) ... *ensinar alguem a fazer alguma cousa* (*alguem* é complemento objectivo); e *alguma cousa* que no primeiro exemplo foi complemento objectivo ou directo, no segundo é complemento ... composto com este o complemento terminativo do verbo *ensinar*.

Veja *Verbo*, *Conjugações*, *Complemento*, *Ordem directa*, *Pa*... e os mais artigos que n'este vão em *italico*.

Verboso. — Veja *Prolixo*.

Vergir. — Veja *Desinencias*.

Veri. — Veja *Prefixos*.

Vernaculidade. — Dá-se este nome á virtude, que tem o que falla ou escreve de se não servir de outras expressões e phrases, que não sejam aquellas proprias do paiz, e usadas pelos melhores escriptores, ou que melhor fallam a lingua d'esse paiz.

Esta qualidade adquire-se com a leitura pausada e reflectida dos melhores modelos, cuja linguagem é *vernacula*.

A vernaculidade, disse Castilho, não está tanto nas palavras como na construcção d'ellas, no arranjo e na afinação do periodo.

A vernaculidade, assim entendida, não ha negar que é uma ... boníssima cousa, e, dado que sujeita a mudanças com o longo lapso dos tempos, e o dever por ventura dissipar-se em remotos futuros n'uma lingua commum e universal, ... com isso parecel-a, merece comtudo ser acatada e servida, e por isso estudada e reestudada de contínuo.

Todo aquelle que se acostumar com cedo á lição dos classicos da nossa lingua e nunca abrir mão d'ella pela vida além, ha de vêr creado dentro em si uma consciencia que o inspire muito em fallar e ao escrever, para que sobresaia ao vulgo dos escrevedores e oradores.

Versão. — É a traducção que se faz de uma lingua para outra; é mais especialmente a traducção que os alumnos fazem de uma lingua morta ou estrangeira em sua propria lingua.

Differe da *traducção* em que esta refere-se mais particularmente ao fundo dos pensamentos, com mais attenção a pro-

tal-os debaixo da forma que melhor convem em a nova lin-
ı, e mais esmerada nas expressões, phrases e idiotismos
sta; em quanto que a *versão* é mais litteral, mais limitada
giros proprios da lingua original, e mais sujeita em seus
es ás regras da construcção analytica.

Para fazer uma versão exacta é necessario saber a signifi-
ão das palavras da lingua que se *verte* por outra.

Da mór parte das versões — umas entre-mostram, sim, o
inal, mas em pedaços, como fragmentos de quebrado espe-
—outras semelham-se como um simio a um homem, um
eito a um sorriso, um satyro a uma graça. Talvez o pen-
mento musical seja o mesmo, mas aqui executado na lyra,
m na marimba do selvagem.

Verso. — Dicção sujeita a uma medida regular e musical;
ntamento de palavras, e algumas vezes uma palavra só,
e tem numero certo de syllabas e determinada ordem de
ntos e consonancias, d'onde resulta cadencia aprazivel.

Os versos portuguezes distinguem-se:
1.º pelo numero de syllabas;
2.º pela posição do ultimo accento predominante;
3.º pela melodia ou cadencia final;
4.º pelo numero de versos de cada estrophe.

Quanto ao numero de syllabas, podem contar-se as seguintes
ecies:

Versos de 14 syllabas (raros); *alexandrinos 13; d'arte maior*
hendecasyllabos 11; de 10 syllabas; de 9 syllabas; *redon-*
maior 8[1]; *heroico quebrado* ou *menor 7; redondilha me-*
6; quebrado de 5 syllabas; redondilha quebrada 4; trissyl-
, e *dissyllabos*, que tambem se chamam *pequenos* ou *lyricos*.

Pela posição do ultimo accento predominante, podem ser:
ros ou *graves, agudos* e *esdruxulos*.

la melodia ou cadencia final, podem ser *soltos* ou *rimados*.
eja cada um d'estes artigos.

a medida do verso repousa sobre a quantidade (tempo
gasto a pronunciação de cada syllaba), o verso toma o
de *metrico;* se depende do numero de syllabas, toma o de
bico.

versos gregos e latinos são *metricos;* em portuguez, e em
todas as linguas modernas, os versos são *syllabicos*, mas
musica depende mais do concurso d'alguma ou algumas
as circumstancias: certa disposição d'accentos predomi-
es, rima e cesura.

lo numero de versos de cada estrophe denominam-se *ter*

---

[1] Tambem se chamam *pequenos* ou *lyricos*.

tercetos, quartetos ou *quadras, quintilhas, sextinas, oitavas* ou estancias de 8 versos, etc. Veja *Estrophe*.

Verter. — Veja *Traduzir*.

Verter, Vertir. — Veja *Desinencias*.

Vicios da oração *e outros*. — São todos os defeitos que impedem a oração de ser *clara*, i. é, correcta ou livre de erros.

Os erros podem dar-se, ou nas palavras, e então ha *barbarismo*; ou na collocação das palavras e orações e ha *solecismo*.

Os vicios oppostos á pureza são, principalmente: o *barbarismo* ou *peregrinismo*, o *provincianismo* e o *purismo*. D'estes vicios o que mais tem deturpado a nossa lingua é o *peregrinismo*, e principalmente o *gallicismo* ou *francezismo*, especies do *barbarismo*, ou o emprego de palavras, phrases e construcções proprias da lingua franceza.

E tambem a *obscuridade* um vicio opposto á clareza, cujas causas são: *archaismo, neologismo, palavras technicas, homonymos, longa transposição, synchyse* e *ambiguidade* de que procedem a *incerteza* e o *equivoco*.

São vicios contra a harmonia, o *cacophato*, o *hiato*, a *collisão*[1].

São vicios contra a melodia a *dissonancia* e a *monotonia*.

Veja cada um d'estes artigos.

Os vicios da pronunciação podem reduzir-se á *troca de vozes*, de *consonancias*, de *diphthongos* e de *syllabas*.

Outras causas originam outros vicios, taes como — *balbuciação, tartamudez, gagueira, cicio, mutacismo, fanhoso*, etc.

Veja *Ornato*; n'este artigo enumerámos os vicios que lhe são oppostos, bem como as virtudes que o recommendam.

Villancete. — Composição poetica glosada em coplas, e em versos de curta medida; poema rustico, especie de chacota em cantigas vulgares com toque e allusões satiricas.

Villancico. — Era um canto campestre com que finalisavam as eglogas ou autos representados pelos nataes, e usados principalmente no seculo XVI. Pode até apresentar-se como uma das origens populares do theatro moderno. Assim opinam eruditos competentissimos.

Virgula. — Pequeno signal de pontuação, formado de

---

1 Os vicios contra a harmonia tornam-se bellezas, quando as palavras se empregam com o fim de imitar a natureza. Veja *Onomatopeia*.

na pequena cauda, recurvada da direita para
› n'este periodo fica empregada.
ão invento dos grammaticos modernos, para
eza ao discurso. Uma virgula omittida ou mal
em de confusão em uma ou mais phrases, tor-
ou equivocas, podendo significar o contrario
exprimir.
ura ou recitação uma pequena pausa, levan-
uco a voz no fim da palavra que a precede,
e o sentido fica suspenso. Porem n'uma série de
ases, divididas por virgula, far-se-á em cada
pausa, e a inflexão de voz na ultima.
rega-se:
rar as partes semelhantes de uma mesma pro-
s sujeitos, os verbos, os attributos e os com-
esma natureza. Exemplos: *a caridade é doce,*

*› de que estava coberta, enxuga os olhos das la-
orava ao ceo; manda vir cheiros, joias, gallas,
ompõe, enriquece, esmalta os cabellos, a gar-
s mãos, os braços, e até os pés, não de todo co-
udith um thesouro de cubiça, um pasmo de for-
ada pelas portas da cidade, salta o fosso, passa
ra pelo exercito inimigo, e vai direita á mesma
nes.*
rar umas das outras as proposições da mesma
o são pouco extensas. Exemplos: *vinha o la-
soldado, vinha o estrangeiro com a sua deman-
etenção, com o seu requerimento.*
*tão difficultosa, tão ardua, tão repugnante á
não obrigue, a que a não renda, a que a não
ontade, mas por força e violencia, a durissima
a necessidade.*
pois de qualquer reunião de palavras ou de
a que se não pode supprimir sem desnaturar
rase; as proposições incidentes explicativas e
endo extensas; os accessorios, os complemen-
ue exprimem uma circumstancia que o verbo
mente dispensar, etc. Exemplo: *creado pela
e se offerecera para ama, e instruido no conhe-
deiro Deus, no meio de uma corte idólatra e
deu as sciencias, que faziam o orgulho dos sa-
o coração do seu povo que gemia.*
*m que percorreu a praça, domando o fogoso ca-
ceber o menor esforço, arrancou vivos e prolon-*

e orphão do filho, que era a luz da sua alma e

o orgulho da sua velhice, não proferiu uma palavra, não c mou uma lagrima. Os joelhos faltaram-lhe, inclinou-se d da adversidade, que para elle pesava um mundo, e vira rosto ao céu, moveu os beiços, sem expirar o menor som, s força de mover os braços.

5.º Separa vocativos. Exemplo :

> «Não vos hão de faltar, *gente famosa,*
> «Honra, valor e fama gloriosa.

A conjuncção copulativa, como se vê, suppre a virgu casos identicos.

6.º Encerra palavras ou pequenas phrases encravada se recitam em tom de parenthese. Exemplo : *o homem, Aristoteles, é mais propenso a seguir o bem em particul que em geral e abstractamente.*

7.º Occupa o logar do verbo n'aquellas orações, em q é algumas vezes subentendido, para não tornar enfadonl repetição. Exemplo : *no reinado de D. Diniz ainda ha Portugal dois dialectos — um relativamente culto, outro c lhanado e rude ; o primeiro escreviam-no os poetas ou tr res, e o segundo* [1], *o vulgo e os officiaes publicos.*

Virgular ou **Pontuar.** — Diz-se para se marca signaes da pontuação em seus respectivos logares, e co as regras estabelecidas para cada um d'elles.

Virgulas dobradas. — Signal orthographico tambem se chama *aspas*, e que serve para encerrar pa d'outrem, ou transcriptas textualmente de algum au tambem palavras ou phrases que se apresentam para e ou observação, como nos seguintes periodos :

Sobre a porta da ermida havia um letreiro que dizia : vida que sempre morre, que se perde em que se perca ?»

Assim disse Bersabé a Salomão : «*trago-vos, senhor, u tição, não me envergonheis a face.*»

Moysés prostra-se escutando o Deus de seus paes, e volt

---

[1] O 2.º *escreviam-no* o vulgo e os officiaes publicos. Sobre este pon J. I. Roquete — «Sem remontarmos muito alto na historia de nossa vemos que no tempo d'El-Rei D. Diniz ainda havia em Portugal dou ctos, um culto (para aquelles tempos semi-barbaros) em que escre poetas ou trovadores, que era o galliziano algum tanto modificado, gar, mais acastelhanado e rude, que depois se foi aperfeiçoando e prevaleceu aquelle. No 1.º escreveu El-Rei D. Diniz suas canções, linguagem e estylo muito se parecem com as de Affonso, o sabio tella, e no 2.º se escreviam os actos e instrumentos publicos, e se ziam por ordem sua as leis das Partidas feitas por seu avô.»

o Egypto a tirar seus irmãos do captiveiro, em nome d'Aquelle que, perguntado sobre quem era, lhe respondeu na sua infinita magestade: «Eu sou quem sou!»

Vocabulario. — Collecção dos vocabulos de uma lingua por ordem alphabetica, ou catalogo onde todas as palavras de uma lingua, ou sciencia assim disposta, apenas vêem acompanhadas de uma explicação succinta, i. é, sem reflexões philosophicas; não se estende a mais explicações que ás materiaes dos vocabulos.

Vocabulo. — É a palavra ou parte integrante de uma linguagem. Os vocabulos do idioma portuguez. Dá-se mais particularmente este nome aos substantivos.

Expressão, palavra, termo, vocabulo, voz, são synonymos, mas os dois ultimos referem-se mais commummente á composição material e ás circumstancias grammaticaes da lingua a que pertencem. Veja cada um d'estes artigos.

Vocalisação. — Diz-se dos sons da voz, das vogaes, por opposição ás articulações, ás invogaes.

Vocativo. — A que alguns grammaticos chamam compellativo.

Era o caso de que se serviam os latinos quando dirigiam a palavra a alguem; *companheiros e amigos, não vos ensinarei a temer*... Em nossa lingua é empregado o substantivo na mesma relação vocativa, umas vezes precedido da interjeição *ó*; v. g.: *ó meu Deus, ó minha patria, ó minha mãe;* outras vezes omitte-se a interjeição por ellipse; v. g.: *Padre nosso, que estais nos ceos.*

Quasi sempre se emprega depois da primeira ou primeiras palavras. Exemplo: *eu vos mando, filho, com este soccorro a Diu...*

Se em algum tempo, Beatissimo Padre, teve o povo christão...

Não terei, senhores, pejo de vos dizer que ao viso-rei da India faltam n'esta doença as commodidades que acha nos hospitaes o mais pobre soldado.

Nós não fazemos uso da palavra senão para communicar nossos pensamentos aos outros homens, e por consequencia é a alguem que se dirigem sempre os nossos discursos. Para que aquelles a quem fallamos sejam advertidos de que é a elles que dirigimos a palavra, nós os chamamos, quer pelo seu nome, quer por alguma expressão equivalente, propria a fixar a sua attenção sobre nós. E assim quando eu digo: — *João, tu não estás attento. Estuda, menino* — *João, menino,* não fazem parte das proposições respectivas.

Todo o discurso suppõe um vocativo; mas acontece quasi

sempre vir subentendido, porque as circumstancias, o gosto, a attitude de quem falla, ou a disposição d'aquelles que escutam, supprem-n'o perfeitamente.

Vogaes. — São as lettras que representam as vozes — *a, e, i, o, u, y*.

Chamam-se *vogaes* porque se dizem só com a voz, i. é, independentemente dos beiços e da lingua.

Sem vogal não pode haver palavra escripta; ha palavras que se escrevem só com vogaes, mas não ha palavras escriptas só com invogaes: por isso que não pode haver palavra fallada sem voz, e só a vogal representa a voz.

O valor das vogaes não é certo, nem pode haver para as não accentuadas uma lei geral que o fixe.

Pronunciam-se *claras* — *a, e, i, o, u*, isto é, com o seu valor nominal, como nas palavras — *ai, é, ia, ora, ui*: *fechadas* — â, ê, ô, como nas palavras — *arder, herdar, hoje*; *aberta* — é, como nas palavras — *era, céo*; *grave* — *e*, como nas palavras — *pedi, com*; *nasaladas* — *ã, ẽ, ĩ, õ, ũ* (ou seguidas de *m* ou *n* na mesma syllaba), como nas palavras — *ando, ente, indo, onda*, [illegible].

Recapitulando a indole das cinco vogaes temos o *A* brilhante e arrojado; o *E* tenue e incerto; o *I* subtil e triste, o *O* animoso e forte, o *U* carrancudo e turvo.

No principio e fim de palavra não se dobram já vogaes como antigamente se usava.

As vogaes *a, e, o*, no fim dos nomes, não vindo accentuadas perdem o seu valor nominal e trocam-no por um outro convencional, como se observa nos pronomes *esta, este, isto*.

Veja *Voz*.

Vogal penultima. — É a vogal em que termina o radical dos verbos, umas vezes seguida outras não de invogal; nos verbos — *louv-ar, dev-er, applaud-ir*, a vogal penultima é a que precede o *v*, nos dois primeiros — (*u* e *e*); e a que precede o *d* no terceiro — (*u*). Nos verbos *rece-ar, negoci-ar, mago-ar*, as vogaes penultimas são — *e, i, o*, — que precedem a terminação *ar* de cada um.

Nos verbos que se conjugam irregularmente, é muitas vezes por antithese substituida a vogal penultima por outras lettras nas differentes vozes; o que pode verificar-se nas observações que deixamos no fim de cada exemplo para a conjugação dos verbos regulares. Veja o começo da II Parte.

Volo. — Veja *Desinencias*.

Voz. — Elemento soberano da falla, que, entremeada com as inflexões e articulações, é como a perola que realça no en-

› a voz se alteia e expande, segundo o folego e gar-
: cada um, a ponto de encher um templo, de retumbar
, do alto da montanha; pelo contrario as articulações
›s passos de distancia, somem-se: todavia uma lingua
ozes, seria uma lingua barbara.
'ozes podem ser *puras* ou *nasaladas* e representam-se
rogaes, cujá divisão e cujos valores vão designados no
.te

QUADRO

Vozes.	Puras....	Nominaes.	Ai........	(á)
			É.........	(é)
			Ia.........	(í)
			Ora........	(ó)
			Ui.........	(ú)
		Fechadas.	Arder......	(â)
			Herdar....	(ê)
			Hoje......	(ô)
		Aberta...	Era........	(è)
		Grave....	Pedi.......	(e)
	Nasaladas	....	Ande......	(ã)
		....	Ente......	(ẽ)
		....	Indo......	(ĩ)
		....	Onda......	(õ)
		....	Unto......	(ũ)

voz, no sentido oratorio, deve ser em especial; 1.º clara
distincta articulação das syllabas e observancia das pau-
le sentido e de gosto; 2.º natural sem affectação nem vi-
e 3.º variada convenientemente, mas sem que passe a ser
› alta ou muito baixa, muito apressada ou muito vagarosa.
voz é auxiliada pelo gesto e este comprehende as attitu-
lo corpo, os movimentos da cabeça, braços e mãos, a ex-
ão dos olhos e em summa tudo que nos movimentos do
› pode auxiliar a voz na expressão do pensamento. As
regras geraes são: — 1.º que o corpo se conserve natu-
ente direito, e os seus movimentos sejam dignos e com-
s, e quanto mais violentos, mais raros; — 2.º que o gesto
natural sem affectação, nem grosseria; — 3.º que esteja em
ita harmonia com os pensamentos cuja expressão auxilia.

›zes. — Dizem-se as duas maneiras de exprimir a acção
ficada pelo verbo.
verbos activos têem duas vozes: *activa,* quando o subjeito
ca a acção; e *passiva,* quando o subjeito recebe a acção
ada por outro. Exemplo: *O lavrador cultiva a terra*
ra). *A terra é cultivada pelo lavrador* (passiva).

A lingua portugueza suppre as formas passivas, que não t com as do verbo *ser* e o partcecipio *perfeito* (passivo), conc dado, com o sujeito, como: *ser louvado, sendo louvado, te sido louvado, sou louvado, era louvado, fui louvado* ou *louva seremos louvados* ou *louvadas*, etc.

O infinito impessoal e as 3.as pessoas dos verbos activos ta bem se apassivam com o pronome indefinito *se*, quanto o jeito é nome de cousa e não de pessoa. Exemplo: *A terr lavrada, ou lavra-se a terra.*

Por analogia dá-se esta mesma forma passiva a verbos transitivos, quando queremos exprimir simples e absolutame a sua significação, abstrahindo de subjeito, como: *corre vive-se, combate-se, grita-se*, etc.

Tambem se dá a forma passiva aos verbos intransitivos relativos, empregando o verbo *ser* por *ter* ou *haver*, d'este mo *eram chegados*, por — *tinham* chegado. *Ainda não era vind hora do sol...* por — *não tinha* vindo a hora do sol.

Tambem se dizem *vozes* do verbo as tres formas differen que elle toma em cada tempo, tanto no singular, como no p ral; i. é — as pessoas: 1.a, 2.a, 3.a correspondentes aos 3 p nomes pessoaes — *eu, tu, elle* ou *ella* e seus respectivos plur — *nós, vós, elles* ou *ellas*. Veja *Voz* (quadro das vozes).

W

É teutotica a origem d'esta lettra; emprega-se em wag *revolver, whist*, etc.; rigorosamente não pertence ao alphab portuguez; todavia emprega-se em palavras procedentes lingua ingleza ou allemã, d'onde simultaneamente foi trazi

Figura já como vogal (mórmente nas palavras inglezas i portadas para o idioma portuguez), já como invogal (mórme nos vocabulos importados do allemão).

O *W*, quando vogal, equivale a *u*, vogal pura.

X

Vigesima terceira lettra do alphabeto e decima oitava in gal, incerta; uma das articulações proferiveis, soantes.

O uso considera este elemento do genero masculino, como dos os mais do alphabeto.

Tem quatro valores: *kç, ç, z, x*, (ch); os tres ultimos va res são similhantes aos do *S* (çezêxe); v. g.: *fixo* (kç), *aux* (ç), *exacto* (z), *luxo* (x ou ch).

Juntando aos seus differentes valores, como em regra p todas as invogaes, a terminação vocalisada *ê*, sempre qu

queiramos indicar, diremos que o nome d'esta lettra é *kçeçezêxe;* o que se não pode é fixar uma regra invariavel para cada valor, apenas nos aventuramos a dizer que no principio e fim da palavra vale *x*, como em *xale*, *calix* e tambem no fim da syllaba como em *sexta*; e que seguindo-se-lhe outro nome começando por vogal vale *z*, como se observa nas expressões *calix antigo* (calizantigo).

Pode ser maiusculo *X* ou minusculo *x*.

O X entre os romanos foi a expressão numerica de 10, ou valendo 9, se era precedido de I, v. g.: IX, como se dissessem 10 menos um; similhantemente X antes de L, por ser X menos que L (50), valia — 50 menos dez, i. é, — 40, e collocado depois do L (LX), valia 50 mais 10 — 60, a que se seguia LXX (70), LXXX (80); semelhantemente X antes de C, por ser X menos que C (100), valia — 100 menos 10, i. é, — 90. Veja *Ordinaes*.

Os nomes terminados no singular em *x* fazem o plural mudando *x* em *ces;* v. g.: *calix, calices, appendix, appendices; index faz indices*, e *codex codices*.

Xacara. — Pequena composição poetica festiva e alegre, dançada ou cantada, mas sempre com movimento animado, como a *seguidilla* hespanhola.

Pode tomar-se a xacara por uma especie de romance narrativo, quando trata assumpto popular, e toda a narrativa, ou a maior parte d'ella, é feita por via de personagens, que o poeta introduz a fallar.

Quebedo foi quem lhe deu cultura litteraria e a vulgarisou no seculo XVII. As *xacaras* de Quebedo seguem quasi sempre a forma epistolar.

É com pouco fundamento que alguns a reputam dramatica e mourisca, posto que sua etymologia seja arabe.

Y

Vigesima quarta lettra do alphabeto.

Caracter de origem grega, que tendo o valor da vogal *i* podia ser dispensado em nossa lingua, se não fora o amor á etymologia; assim *hydra*, *estylo*, muito bem ficariam — *hidra*, *estilo*; melhor ficaria á similhança do francez, quando o emprega em vez de dois ii; v. g.: *Gaya*, *Fayal*, etc., e assim *seyo*, *torneyo*, *alheyo*, *apoyado*, etc., que se escrevem *seio*, *torneio*, *alheio*, *apoiado*, etc.

O maiusculo *Y* differe do minusculo *y*.

Veja *I*.

Z

Vigesima quinta lettra do alphabeto e decima nona invogal, incerta.

Uma das articulações proferiveis, toante como em *zelo*, *azougue*; e soante como em *giz*, *cruz*.

Chama-se *zêze*. Tem dois valores: *z*, *x*; este ultimo no fim de syllaba; v. g.: *Zaz*.

Pode ser maiusculo *Z* ou minusculo *z*.

Dizemos um *zêze*, este *zeze* como elemento masculino, juntando a terminação vocalisada *ê* no fim de cada valor, sempre que o queiramos indicar.

É esta articulação a mais affim por sua indole áquell'outra do *s*, differindo uma da outra em que o *S* assovia mais do que zune, e o *Z* zune mais do que assovia. Em muitos casos se poderão usar promiscuamente, mas o soído do *z* virá sempre mais bem cabido ás cousas, cujo som tiver uma certa aspereza: *zunido*, *zumbido*, *zurro*, *bezoiro*, *zoada*, *zumzum*, *zangão*, *zanguizarra*, *aza*, *zaz*, *zorra*, etc.

Muitas vezes influe o *z* final de uma palavra no valor da vogal que o precede, e assim escrevemos e lemos *capaz* em vez de *capás*; *cortez* em vez de *cortês*, *perdiz*, *retroz*, *abestruz*, etc.; não é porém uma regra invariavel, que temos por excepção — *algoz*, *arroz*; com tudo costumam ser agudas as palavras terminadas em *z*.

Os substantivos e adjectivos terminados em *z* têem no plural o accrescentamento de *es* como — *paz*, *pazes*; *vez*, *vezes*; *algoz*, *algozes*; *feliz*, *felizes*; *capuz*, *capuzes*.

Zeugma. — Figura grammatical, especie de ellipse pela qual uma palavra, já expressa n'uma proposição se subentende n'outra, que lhe é analoga e até ligada, ou na mesma forma ou com mudança de accidente, segundo as regras de concordancia.

Differe da ellipse propriamente dita, porque n'esta a palavra subentendida não existia n'outra oração. Exemplo: *todas as classes, todos os sexos, todas as idades devem aspirar á felicidade.*

N'este exemplo as palavras *devem aspirar* ligam os diversos sentidos particulares, e são subentendidas depois de cada um dos sujeitos.

Foi entrada a cidade e saqueada e muitos inimigos mortos; isto é, muitos inimigos *foram mortos*.

N'este exemplo o verbo é subentendido na 2.ª oração com accidente do numero, empregado, como se vê, no plural para concordar com o sujeito — *muitos inimigos*.

figura é de um uso frequente em poesia e nos discur-

«Pouco val coração, astucia e siso,
«Se lá dos céos não vem celeste aviso»

es o juiz era o pae do opprimido, o tribunal o abrigo do
e, a justiça o nervo do imperio gothico.

ıs rhetoricos collocam a *zeugma* entre as figuras por
ção e por ella com um só verbo ficam ligadas varias
, posto ou no principio, ou no meio, ou no fim. Exem-

u ao pudor a lascivia, ao temor a audacia, á razão a

da formosura murcha com a doença e com os annos.
Vasco da Gama venturoso em seus trabalhos, domador do
oceano, e conquistador do imperio occidental.
ste facto dão alguns rhetoricos á figura zeugma o nome
ão.

ERRATAS

Virgulas e pontos a mais ou a menos; lettras trocadas, excusaveis, supprimidas ou deixadas n'uma em vez de n'outra linha, tudo isto encontrará o leitor; mas facilmente corrige ou desculpa; não são estes lapsos de natureza tal, que alterem essencialmente a doutrina do texto. São descuidos que escapam á attenção do mais cuidadoso revisor, e justamente porque são insignificantes.

A paginas 548 repetiu-se a inserção do artigo — PARTES DA ORAÇÃO, que já occupára o seu logar de ordem alphabetica a paginas 433, e cuja repetição, alem de deslocada, era perfeitamente escusada; houve outras deslocações parecidas, mas a menores distancias, quasi imperceptiveis.

Attribuimos ao sr. Epiphanio Dias o que diz o 1.º periodo da pagina 126; errámos: aquelle preambulo philosophico é do defuncto normalista Caldas Aulete. D'aquella explanação não inferimos que o A. cresse na possibilidade *d'um idioma que representasse por um só vocabulo as ideias que o homem tem;* nem que a origem dos complementos fosse *a pobreza das linguas,* sendo antes a *riqueza d'ellas* ou melhor o *caracter analytico da linguagem* como bem o disse e melhor demonstrou o eminente professor de linguas e nosso mestre em logica, o Ex.mo Sr. Dr. Alves de Sousa, sempre credor da nossa amisade e da nossa cordeal veneração.

O ESCHOLIASTE PORTUGUEZ

OU

SUBSIDIOS LITTERARIOS

Grammaticaes, philologicos e rethoricos

COMPILADOS DOS MELHORES AUCTORES

E

Divididos em tres partes

ACCOMMODADAS AO ESTUDO ELEMENTAR E COMPLEMENTAR

DA

LINGUA PORTUGUEZA

POR

ANTONIO MARIA D'ALMEIDA NETTO

Professor particular das linguas Portugueza
Latina e Franceza

178, 1.° — RUA DOS DOURADORES — 1.°, 178

2.ª E 3.ª PARTES

LISBOA

LIVRARIA FERREIRA

132 — Rua Aurea — 134

1885

JUIZO DA IMPRENSA

Sobre a 1.ª Parte do Escholiaste — O DICCIONARIO

A Imprensa periodica foi tão benevola para com osco, tecendo apreciações encomiasticas e recommen-ações sobremaneira obsequiosas á primeira parte lo nosso trabalho «o *Diccionario*», que faltariamos nós mesmos, se não testemunhassemos aqui o nosso ordeal agradecimento ás muito illustradas Redacções l'onde transcrevemos, com a devida venia, os seguintes rechos:

Do Album Viziense. — *O Escholiaste Portuguez.* — Se é certo que o conhecimento seguro da lingua patria deve ser considerado como principalissimo objecto da attenção d'um estudioso, com justiça o *Escholiaste Portuguez* tem direito a todos os gabos e á recommendação mais calorosa. N'um volume de 600 paginas estão alphabetados valiosos subsidios litterarios, grammaticaes, philologicos e rhetoricos, compilados erudita e pacientemente dos mestres que melhor exemplo podem dar no modo de fallar e escrever com pureza.

É um livro de estudo e de consulta, egualmente util a mestres e discipulos, como muito bem diz o seu auctor d'elle. É um magnifico repositorio de definições e commentarios de que só poderiamos ter conhecimento depois do estudo demorado e fatigante de muitos livros.

O *Escholiaste Portuguez* é um livro de maxima utilidade, especialmente, a nosso ver, para os que exercem a espinhosa missão do magisterio. Nada mais conveniente ao professor do que encontrar catalogados preceitos, regras e exemplos a que soccorrer-se a miudo e que nem sempre a memoria fornece promptamente.

Da competencia que presidiu a este trabalho diz o auctor — o sr. Antonio M. d'Almeida Netto, professor de linguas em Lisboa, e traductor da *Religião em face da Sciencia.*

Agradecemos o exemplar que nos foi offerecido.

Do Commercio do Minho. — *O Escholiaste Portuguez.* — O sr. Antonio Maria d'Almeida Netto professor particular das linguas portugueza, latina e franceza, acaba de dar á estampa um utilissimo livro com o titulo de „Escholiaste

Portuguez, ou Subsidios litterarios, grammaticaes, phi logicos e rhetoricos.„ compilados dos melhores auctore divididos em tres partes acommodadas ao estudo elem tar e complementar da lingua portugueza.

A primeira parte d'esta importantissima obra acaba sair dos prélos da Typographia Universal, de Lisboa custa 1$200.

Restringindo-nos a asseverar aos nossos leitores a u lidade de possuir esta obra, transcrevemos do seu prefa a seguinte apreciação do nosso distincto collega do „Dia de Noticias„, o sr. Eduardo Coelho, pois que a acham por demais merecida:

„...O „Escholiaste Portuguez„ é um livro de summ utilidade para os que estudam, porque estão n'elle reu dos todos os preceitos e definições da grammatica, da l gica, da rhetorica, e da eloquencia, e a par das leis esp ciaes que regulam o exercicio do entendimento disciplina muitas prescripções que se referem á morphologia litter rio-artistica, á poesia e ao theatro. Esta compilação repr senta um longo trabalho; vem evidentemente prehench uma falta. Parece-nos muito proveitosa aos escolares, quem principalmente se destina, pois suppre, por si só, a leitura ou a consulta de muitos livros. Pelos mesmos pr dicados é util a todas as pessoas como livro de consult facil no trato quotidiano, para fixar noções, evitar erros destruir duvidas; que n'estas epochas caracterisadas p uma crescente actividade material é preciso saber tud mas depressa. Recommendo pois aqui o „Escholiaste„ com faria exercendo a profissão de jornalista nas minhas rel ções com uma mais larga publicidade, certo de que sati faço unicamente o meu dever.„

Recommendamos a todos a acquisição d'este livro.

Do Conimbricense. — *O Escholiaste.* — Recebemos d Lisboa um exemplar da seguinte interessantissima publi cação: — *O Escholiaste Portuguez, subsidios litterari grammaticaes, philologicos, compilados dos melhores au ctores, e divididos em tres partes, acommodados ao estud elementar e complementar da lingua portugueza, por An tonio Maria d'Almeida Netto, professor particular da linguas portugueza, latina e franceza — 1.ª Parte.*

É um grosso volume de 598 paginas.

Os artigos são publicados em fórma de diccionario, par mais facilmente poderem ser procurados.

Tanto os estudantes, como todo o individuo que des jar instruir-se tem muito que aprender n'este livro, para qual todos os elogios serão poucos.

a parte dizemos que teremos de o consul-
ezes, porque se acham alli reunidos e simpli-
recimentos e definições, que andam espalha-
:os livros, e que nem sempre ha tempo nem
manusear.
ndamos muito particularmente este excellente
ofessores, alumnos, e em geral ás pessoas que
ruir-se.
ı leitura terão muito que aproveitar.
mo este é que desejamos ver vulgarisados, e
dades com que muitas vezes fazem gemer os

spondencia de Coimbra — *O Escholiaste Por-
subsidios litterarios, grammaticaes, philolo-
oricos, compilados dos melhores auctores e
tres partes accommodadas ao estudo elemen-
:mentar da lingua portugueza, por Antonio
:eida Netto, professor particular das linguas
'atina e franceza, 1.ª parte. Typographia Uni-*
ıa, 1884.
›sente este proveitoso livro, cujo offerecimento
›cemos a seu auctor.
ontade e com a profunda convicção do que elle
s apenas duas palavras, desataviadas e sim-

ellente subsidio litterario, um repositorio de
preceitos, que a todos os que amam as letras
spensavel.
n ali os estudiosos regras e leis sobre gram-
›sophia e eloquencia que muito tempo lhes
uirir consultando livros.
ır e para escrever se torna este livro util na
nem de letras.
ma de diccionario, o que muito facilita a con-
ja de fazer-se.
osso, no cargo que occupamos, fazer recom-
pecial d'este interessante livro, de 598 paginas,
·es e alumnos, porque raros são hoje os livros
cam com a utilidade do que ora noticiamos.
ctor em via de publicação o 2.º volume d'esta
›verá servir de applicação pratica; devendo
m curso completo de exercicios, desde as le-
ıbeto até á analyse do discurso. Todas as tres
ıcionam muito proveitosamente.

› de Noticias — Está publicado o 2.º fasciculo

do *Escholiaste Portuguez*, um dos trabalhos mais uteis, não só áquelles que presentemente se applicam ao estudo da lingua patria, mestres e discipulos, mas a quantos precisam de consultar as regras da grammatica, da hermeneutica, e da rhetorica. Os assumptos são ali tratados com a maxima claresa, tendo a vantagem, sobre todas as mais publicações d'esta natureza, de seguirem os artigos a ordem alphabetica, o que facilita a resolução de quaesquer duvidas suscitadas, todos diffusamente tratados. Abstemonos de encarecer os meritos d'este bom livro; por quanto elle se recommenda por si e julgamol-o destinado a proveitosos effeitos; basta que a 1.ª edição vai quasi exhausta.

Fallando sobre a importancia d'esta publicação, e seu auctor o sr. Antonio Maria d'Almeida Netto, diz *O Elvense*, n'um dos seus ultimos numeros:

„Quanto á proficiencia do auctor diremos apenas, que o sr. Almeida Netto deixou ha pouco tempo de ser professor particular de instrucção primaria e secundaria em Elvas, onde leccionou por alguns annos e com a maxima dedicação, os filhos e filhas das melhores familias, que ainda hoje lamentam a sua ausencia, porque o sr. Almeida Netto, infatigavel trabalhador e consciencioso educador, soube conquistar duravel e sincera estima de quantos com elle trataram. Nós, que de ha muito conhecemos a grande competencia do auctor e muito apreciamos os seus predicados, limitar-nos-hemos a recommendar o *Escholiaste Portuguez* como um dos melhores livros de instrucção.„

No Diario Popular. — *O Escholiaste Portuguez*. — Compõe-se este excellente livro de subsidios litterarios, grammaticaes, philologicos e rhetoricos, compilados dos melhores auctores e divididos em tres partes, acommodadas ao estudo elementar e complementar da lingua portugueza, pelo sr. Antonio Maria d'Almeida Netto, professor particular das linguas portugueza, franceza e latina.

O sr. Almeida Netto que é um professor muito distincto e estudioso e que se dedica de coração ao adiantamento dos seus discipulos, tem provado os seus merecimentos em varias obras, entre as quaes o *Escholiaste Portuguez* figura como a de maior utilidade. Com infatigavel perseverança e incalculavel trabalho de investigação, formou o sr. Almeida Netto, um reportorio alphabetico de tudo o que diz respeito ao estudo da lingua portugueza. É um auxiliar pratico para resolver todas as duvidas, incluindo todas as regras e exemplos, poupando trabalho e tempo, que seria necessario empregar em folhear muitas paginas, ás ve-

ıte, por não se saber onde vem tratado o as-
:e procura.

:*aste Portuguez* auxilia o estudante e até o
ısde o conhecimento das letras do alphabeto
ıe do discurso, comprehendendo a gramma-
:ica e muitas noções de philosophia e litte-
imeira obra forma um volume de 600 pagi-
as em forma de diccionario. de modo que fa-
sam ser consultadas pelos professores e dis-

· é até importante como economia de dinheiro,
ırehende a materia de outros muitos, sendo
da mais simples comprehensão, por estar ao
ıdas as intelligencias.

ıeida Netto prestou realmente um serviço va-
ıcção com o seu *Escholiaste Portuguez*, e por
· os professores e discipulos o recommenda-
na publicação utilissima.

icto de Vizeu — *O Escholiaste Portuguez* —
.a pouco um grosso volume de 600 paginas com
ıossa epigraphe. O seu auctor é o sr. Antonio
eida Netto, professor particular em Lisboa das
ugueza, latina e franceza.

lo auctor, que é sem duvida um humanista
ado e de larga experiencia do ensino, é já uma
ção preciosa; mas devemos tambem confessar
ue esta obra não precisava de ser garantida
.e illustre, para se recommendar á attenção da
:udiosa.

ecimento proprio e grande merecimento.

iaste Portuguez é em forma de diccionario, e
subtitulo indica, versa sobre conhecimentos
ɔs, philologicos e rhetoricos compilados dos
.ctores, constituindo valiosos subsidios litte-
lo se encontram reunidos tão facilmente, como
io do sr. Almeida Netto.

ıem tiver duvidas sobre qualquer questão con-
ingua ou á litteratura portugueza, não tem
ɔrir o *Escholiaste* e resolverá a difficuldade,
saber que n'esta obra copiosa raras são as ma-
tantes que alli não venham indicadas.

to fez um bom serviço ás letras do seu paiz, e
ıs em ter este ensejo de applaudir a sua obra,
rer de todos auxiliar as emprezas que teem por
o nivel intellectual do paiz.

ımos, pois, o exemplar que recebemos por in-

tervenção do acreditado livreiro sr. José Maria d'Almeida e damos ao auctor os parabens que lhe são devidos.

Da Era Nova. — *Um livro util* — Acaba de ser publicada em portuguez uma obra de verdadeira utilidade. E' o — *Escholiaste Portuguez*, editado pelo professor, sr. Almeida Netto, director do Collegio Familiar, sollicito e zeloso apostolo da educação da infancia.

Aos esforços e boa vontade do sr. Almeida Netto deve a litteratura portugueza o contar mais um livro de estudo, precioso auxiliar para aquelles que não tendo podido completar um curso desenvolvido de estudos litterarios, grammaticaes e philologicos, ali vão encontrar larga copia de elementos indispensaveis para resolver grande numero de difficuldades, que por vezes se apresentam a quem não possue certas noções elementares.

Por isso recommendamos ao publico a acquisicão do *Escholiaste Portuguez.*

Do Seculo. — *O Escholiaste Portuguez.* — Poucas vezes temos a accusar a recepção de trabalhos litterarios de tanta monta como o que acabamos de receber com o titulo de *Escholiaste Portuguez*, livro preciosissimo pelo grande cabedal de conhecimentos litterarios, grammaticaes, philologicos, e rhetoricos que encerra e que apurada e esmeradamente foram compilados dos nossos melhores auctores pelo sr. Antonio Maria d'Almeida Netto, professor de latim, portuguez e francez.

O *Escholiaste* é muito necessario a todos os que estudam e cultivam as lettras. Com isto dizemos tudo o que poderiamos dizer d'este livro.

Está publicada a 1.ª parte, cuja offerta muito reconhecidos agradecemos.

Do Viriato.— *O Escholiaste Portuguez.* — Ou subsidios litterarios, grammaticaes, philologicos, e rhetoricos; compilados dos melhores auctores e divididos em tres partes, accommodadas ao estudo elementar e complementar da lingua portugueza, por Antonio Maria d'Almeida Netto professor particular das linguas portugueza, latina e franceza.

Pelo titulo se póde avaliar facilmente da importancia d'este excellente livro, que vem preencher entre nós uma lacuna.

É indubitavel que o seu auctor prestou com o *Escholiaste* um valioso serviço a quantos se dão ao estudo da nossa lingua.

Agradecemos o volume que nos foi offertado.

O

CHOLIASTE PORTUGUEZ

2.ª PARTE

Applicação pratica

CONJUGAÇÕES VERBAES

Conjugação dos tempos simples do verbo substantivo auxiliar[1] SER

Numeros	Singular			Plural		
Pessoas	1.ª Eu	2.ª Tu	3.ª Elle ou Ella	1.ª Nós	2.ª Vós	3.ª Elles ou Ellas

MODO INDICATIVO

Presente	sou	és	é	somos	sois	são
Preterito imperfeito	era	eras	era	eramos	ereis	eram
Preterito perfeito	fui	foste	foi	fomos	fostes	foram
Preterito m. que perfeito	fora	foras	fora	foramos	foreis	foram
Futuro	serei	serás	será	seremos	sereis	serão

MODO CONDICIONAL

Imperfeito	seria	serias	seria	seriamos	serieis	seriam
ou	fora	foras	fora	foramos	foreis	foram[2]

MODO IMPERATIVO

MODO INFINITO

Presente..	*impessoal*....	—	—	—	—	—	ser
	pessoal......	ser	seres	ser	sermos	serdes	serem [3]
Participio	do presente (imperfeito ou activo)			—	—	—	sendo
	do preterito (perfeito ou passivo)			—	—	—	sido [4]

Muitos professores têem por mais efficaz fazer estudar primeiramente os tempos simples. Seguindo esta pratica, separámos os tempos compostos para serem opportunamente estudados e então será tempo de os intercalar, depois dos simples correspondentes que devam seguir. Veja a *ordem dos tempos* a paginas 6.

[1] O verbo substantivo *ser* é somente considerado auxiliar, quando, junto ao partecipio perfeito do verbo adjectivo, forma as linguagens da voz passiva; como: *eu sou louvado, eu era louvado*, etc. Veja-se adiante o modelo para a conjugação da voz passiva. Tambem auxilia a voz passiva de alguns verbos intransitivos, tomando a significação de *ter* ou *haver*, d'este modo: *a esse tempo já elle era fallecido*, por — *tinha fallecido*. Algumas vezes se encontra empregado com a significação de *estar*; v. g.: *serei comvosco*; por — *estarei comvosco, suspeitou-se que era morto* (que estava morto).

[2] Nos classicos era frequente o emprego d'estas vozes pelas condicionaes terminadas em *sse* ou *ria*.

[3] No modo imperativo e nos tempos pessoaes do infinito, seguem as vozes do verbo os pronomes pessoaes que lhes servem de sujeito: v. g.: *se tu, sêde vós; ser eu, seres tu*, etc.

As segundas pessoas do imperativo precedidas da negativa correspondem ás do conjunctivo em todos os verbos; v. g.: *não sejas tu, não sejais vós*.

[4] Veja nota [4] ao verbo *haver*.

Conjugação dos tempos compostos[1] do verbo substantivo auxiliar SER

INDICATIVO

	Preterito Perfeito		Preterito Mais que perfeito		Futuro Imperfeito		Futuro Perfeito	
S. Eu	tenho	sido	tinha	sido	hei	de ser	terei	sido
S. Tu	tens	sido	tinhas	sido	has	de ser	terás	sido
S. Elle[2]	tem	sido	tinha	sido	ha	de ser	terá	sido
P. Nós	temos	sido	tinhamos	sido	havemos	de ser	teremos	sido
P. Vós	tendes	sido	tinheis	sido	haveis	de ser	tereis	sido
P. Elles[3]	têem	sido	tinham	sido	hão	de ser	terão	sido

CONDICIONAL

Perfeito			
teria	ou	tivera	sido
terias	ou	tiveras	sido
teria	ou	tivera	sido
teriamos	ou	tiveramos	sido
terieis	ou	tivereis	sido
teriam	ou	tiveram	sido

CONJUNCTIVO

	Preterito Perfeito		Preterito Mais que perfeito		Futuro Imperfeito		Futuro Perfeito	
S. Eu	tenha	sido	tivesse	sido	houver	sido	tiver	sido
S. Tu	tenhas	sido	tivesses	sido	houveres	sido	tiveres	sido
S. Elle	tenha	sido	tivesse	sido	houver	sido	tiver	sido
P. Nós	tenhamos	sido	tivessemos	sido	houvermos	sido	tivermos	sido
P. Vós	tenhais	sido	tivesseis	sido	houverdes	sido	tiverdes	sido
P. Elles	tenham	sido	tivessem	sido	houverem	sido	tiverem	sido

INFINITO

Preterito impessoal, Ter sido

Preterito pessoal

S. ter eu, teres tu, ter elle } sido
P. termos nós, terdes vós, terem elles } sido

Futuro impessoal, Haver de ser

Futuro pessoal

S. haver eu, haveres tu, haver elle } sido
P. havermos nós, haverdes vós, haverem elles } sido

Partecipio, Tendo sido

Observações

ɔo *ser* não encerra em si, como todos os mais, ideia al-
: attribuição; servindo para ligar o sujeito com o at-
: subsistindo por si mesmo, tem o nome especial de
ro ou *abstracto* que em geral lhe dão os grammaticos.
ɛga-se portanto e principalmente para designar o at-
.uherente, essencial, inseparavel, permanente ou habi-
sujeito. Ex.: *ser homem, ser generoso, ser portuguez.*
pregassemos *estar*, o significado seria differente; *estar*
|uereria dizer — *estar desenvolvido, alto*, como um ho-
r chegado á edade viril; estar emfim um homem feito.
ᵓneroso, estar portuguez, é dizer — que se tornou gene-
ıe se naturalisou portuguez, ou porque já falla bem o
ez, ou que já adquiriu habitos, aptidões, gestos pro-
ıs portuguezes.
ısermos *está rico*, em vez de — *é rico*, não queremos di-
nasceu rico ou que o é ha muito tempo, e sim que ad-
sua fortuna ha pouco ou não ha muito tempo. A mes-
ɛrença faz dizer *Maria é bonita* ou *está bonita*, no 1.º
ıria foi sempre bonita; no 2.º, parece bonita accidental-
- *Maria está muito bonita esta noite.*

ɔem se emprega *ser* para indicar a materia de que o
é feito, suas propriedades physicas, como o estado so-
|uido ou gazoso, a forma, a cor, a dimensão, a dureza,
bilidade, a frialdade, a tenacidade, etc., etc.; v. g.:
uro, ser solido, ser redondo, etc.; e o verbo *estar* se qui-
indicar que a propriedade expressa não é natural ao
nas accidental ou adquirida, como: *a agua está gelada;*
stá derretido.

.mente se emprega o verbo *ser* para indicar a origem, a
encia, o uso, o destino dos objectos; v. g.: *sou de La-*
te livro é para meus patricios; este papel é de Thomar;
dicar as horas — *são quatro horas;* etc.
o verbo *ser* se forma um certo numero de phrases ou
s familiares muito usadas, taes são: a *ser* assim; a *ser*
ı não *ser* que; *sendo* Deus servido; isto *é;* tinha de *ser;*
ıal *for;* se não *fosse* eu; se não *fossemos* nós; se não
os teus amigos; que *é* feito de ...?; que *é* do meu cha-
que *será* de nós?; quando *será* isso; *sendo* assim; *era*
. vez; se assim *for; serei* comvosco, etc., etc.
ımas vezes, ainda que mui raras, emprega-se o verbo
ı attributo claro, para affirmar somente a existencia do
, como n'esta phrase *Deus é* — por *Deus é um ser.*

A ordem dos tempos na conjugação de todos os ve verá ser:

MODO INDICATIVO

Presente; preterito imperfeito; preterito perfeito, perfeito composto; preterito mais que perfeito, preterito perfeito composto; futuro, futuro imperfeito compost perfeito composto.

MODO CONDICIONAL

Imperfeito; perfeito composto.

MODO IMPERATIVO

Presente.

MODO CONJUNCTIVO

Preterito, preterito perfeito composto, preterito mais feito composto; futuro, futuro imperfeito composto, fu feito composto.

MODO INFINITO

Presente impessoal, presente pessoal; preterito i composto, preterito pessoal composto; futuro impess posto, futuro pessoal composto; partecipio do present cipio do preterito, partecipio composto.

Conjugação do verbo SER conforme se enco nos escriptores da primeira dynastia

MODO INDICATIVO

Tempo presente

Eu sum (*Ineditos d'Alcobaça*) ....
» ssom..................................
» son....................................
» som ....
» soon...................................
» soom...................................
» ssoom..................................
Tu es ....
» eres (*Menina e Moça*, II, 13)................
Elle he..................................
» est ....
» e......................................

os sumus 1270
» somos *(Ineditos d'Alcobaça*, vol. 1.º) .... ?
os sodes 1303
» soes .... ?
» seedes *(Ineditos d'Alcobaça*, vol. 1.º) .... ?
les sunt 1260
» som 1303
» son (Vem no *Cancioneiro do Collegio dos Nobres*. Madrid, 1849 ....
» sam 1305

Imperfeito

Eu era 1222

A 2.ª pessoa d'este Imperfeito ainda não foi encontrada: o tratamento de *Tu* era rarissimo n'aquella época, predominando o de *Vós*.

Elle era *(Cancioneiro de D. Diniz)* .... ?
» seerá *(Ineditos d'Alcobaça)* .... ?
» eramos *(Livro das Linhagens* nos *Monumenta Historica)* ....
» erades *(Ç. de D. Diniz)* .... ?
» seeram *(Ineditos)* .... ?
» sijam « .... ?
» siam « .... ?
» erom « 1303

Preterito perfeito

Eu fuy .... ?
» ffuy .... ?
Tu foste (Traducção de Santo Isidóro no comm. *Ms. Alcobatiæ*. Por Fr. Fortunato de S. Boaventura .... ?
Elle foe .... ?
» ffoe .... ?
» fui (Todos estes exemplos vêem nas Dissertações referidas) .... ?
» foy .... ?
» ffoy .... ?
» fou .... ?
Nós fomos .... ?
Vós fostes *(Cancioneiro do Collegio dos Nobres)* ..... ?
Elles forom *(Elucidario)* .... ?
» furum .... ?
» forum .... ?

Preterito mais que perfeito

Eu fora ....

Não se tem encontrado a 2.ª pessoa do singula

Elle fora....................................
» ffora....................................

A 1.ª do plural tambem não foi ainda encontra

Vos forades....................................
Elles foram....................................

Futuro imperfeito

Eu serey *(Cancioneiro de D. Diniz)*...............

A 2.ª pessoa não foi encontrada.

Elle seerá....................................
» será ....

A 1.ª do plural não foi ainda encontrada....

Vos seeredes....................................
Elles serom.................................... 1
» seeram....................................

Condicional

Eu seeria.................................... 1

A 2.ª pessoa não foi encontrada.

Elle seria....................................

As restantes não foram encontradas.

IMPERATIVO

Tu sey....................................
» sê....................................
Vos sede....................................
» seede *(Cancioneiro de D. Diniz)*...............

CONJUNCTIVO

Presente

ia.................................... ?

A 2.ª pessoa não foi encontrada.

ia.................................... ?
eja................................... ?
eija.................................. ?
eya................................... ?

A 1.ª do plural não foi encontrada.

ejades................................ ?
ejam.................................. 1264
eiam.................................. ?
seiam................................. ?
eem................................... ?

Imperfeito

osse.................................. 1254

A 2.ª não foi encontrada.

osse.................................. ?
fossemos.............................. ?
osedes................................ ?
fossem................................ ?

Futuro

for................................... ?

A 2.ª pessoa não foi encontrada.

for................................... ?
formos................................ ?
fordes................................ ?
forem................................. ?

INFINITO

er, seeres, seer, sseer, seermos, seerdes, seerem.. ?
.... 1285
.... 1266

estes extractos do sr. M. B. Branco, se poderá formar eia das transformações por que têem passado as diffe- vozes dos verbos portuguezes.

Conjugação dos tempos simples do verbo auxiliar[1] ESTAR

Numeros	Singular			Plural		
Pessoas	1.ª Eu	2.ª Tu	3.ª Elle ou Ella	1.ª Nós	2.ª Vós	3.ª Elles ou Ellas
MODO INDICATIVO						
Presente	estou	estás	está	estamos	estais	estão
Preterito imperfeito	estava	estavas	estava	estavamos	estaveis	estavam
Preterito perfeito	estive	estiveste	esteve	estivemos	estivestes	estiveram
Preterito m. que perfeito	estivera	estiveras	estivera	estiveramos	estivereis	estiveram
Futuro	estarei	estarás	estará	estaremos	estareis	estarão
MODO CONDICIONAL						
Imperfeito	estaria	estarias	estaria	estariamos	estarieis	estariam
ou	estivera	estiveras	estivera	estiveramos	estivereis	estiveram
MODO IMPERATIVO[2]						
	—	está	esteja	estejamos	estai	estejam
MODO CONJUNCTIVO						
Presente[3]	esteja	estejas	esteja	estejamos	estejais	estejam

Observações

e auxiliar este verbo, como todos aquelles que, juntro formam os tempos compostos, ajudando assim a s diversos modos de significar a acção.

›s casos já indicados nas *observações* ao verbo *ser*, o ʳ emprega-se:

se quer exprimir, no moral como no physico, um es-l, recente, accidental, transitorio ou passageiro, não ma palavra, nenhum caracter essencial ou perma-: *estar triste; estar mal com alguem; estar cansado; do; estar concertado; estar junto.*

se quer exprimir a morada, a presença temporaria ι de uma pessoa, ou de uma cousa em um logar qualado emfim o verbo *estar* tem a significação de *achar-eu estava então em Elvas; n'esse dia estarei em casa; ima da mesa, ou sobre a mesa, dentro do cofre, junto ɔ pé do lume*, etc.

primir a continuidade de uma acção ou a sua concocom uma outra acção, empregar-se-á esta forma: ou *o que está fazendo? estou escrevendo; elle estava , quando eu cheguei; estarei escrevendo quando o se-r.*

estar entra tambem na composição de muitas locum uso frequente; taes como: *está bom; está dito; está entendido; estar de luto; estar de sentinella; es-a; estar de vez; estar de posse; estar de chapeo; estar ι; estar por isso; estar fresco; deixe estar que...; es-to; não está em nossa mão; estar de boa ou de má fé; ιdo; esta obra está-me em tantos mil réis*, etc.

Conjugação dos tempos simples do verbo auxiliar **TER**

Numeros	Singular			Plural		
Pessoas	1.ª Eu	2.ª Tu	3.ª Elle ou Ella	1.ª Nós	2.ª Vós	3.ª Elles ou Ellas

MODO INDICATIVO

Presente	tenho	tens	tem	temos	tendes	têem [1]
Preterito imperfeito	tinha	tinhas	tinha	tinhamos	tinheis	tinham
Preterito perfeito	tive	tiveste	teve	tivemos	tivestes	tiveram
Preterito m. que perfeito	tivera	tiveras	tivera	tiveramos	tivereis	tiveram
Futuro	terei	terás	terá	teremos	tereis	terão

MODO CONDICIONAL

Imperfeito	teria	terias	teria	teriamos	terieis	teriam
	ou					
	tivera	tiveras	tivera	tiveramos	tivereis	tiveram

MODO IMPERATIVO

Presente..............	tenha	tenhas	tenha	tenhamos	tenhais	tenham
Preterito..............	tivesse	tivesses	tivesse	tivessemos	tivesseis	tivessem
Futuro................	tiver	tiveres	tiver	tivermos	tiverdes	tiverem

MODO INFINITO.

Presente { *impessoal*....	—	—	—	—	—	ter
Presente { *pessoal*......	ter	teres	ter	termos	terdes	terem
Partecipio { *imperfeito*...	—	—	—	—	—	tendo
Partecipio { *perfeito*.....	—	—	—	—	—	tido [2] e teúdo

[1] Veja no Diccionario, 1.ª parte do nosso estudo, o vocabulo — *Nasalidade*.
[2] Veja a nota 4 ao verbo *haver*.

Observações

Das vozes do verbo *ter* com o partecipio perfeito de outro verbo se formam os tempos compostos, que se denominam *perfeitos*; ou *de significação começada*, sendo formados das ditas vozes, seguidas da preposição *de* e do infinito impessoal do verbo auxiliado.

Exemplo dos 1.os: *tenho louvado, tinha, tive, tivera, terei louvado*, etc. N'estes tempos o verbo *ter*, como auxiliar, perde a significação de *possuir*, real ou virtual, que lhe é propria; por isso, conjugado como auxiliar de outro verbo, não tem vozes compostas; se as tivera, seriam activas, necessitando de complemento directo ou objectivo.

Exemplo dos 2.os: *tenho de louvar, tinha, tive, tivera, terei de louvar*, etc. Estas linguagens tambem se denominam *iniciaes* ou *projectadas*, por que significam um facto começado na intenção e futuro na execução. Adiante damos um modelo para a conjugação dos tempos de significação começada, *conjugação periphrastica*.

Quando não é auxiliar tem todos os tempos simples e compostos, como os precedentes *Ser* e *Estar*.

Este verbo entra na composição de um grande numero de locuções, ou de idiotismos muito empregados; aqui damos alguns exemplos:

Aqui *tem*, ahi *tem*, ali *tem; ter* por si; *ter* para si; *ter* por, *ter* em conta de; *ter* por certo; *ter* em muito, em pouco, em menos; *ter* falta de; *ter* por bem; *ter* mão; *ter* mão em alguem; *ter* cuidado de ou... que; *ter-se*; *ter* em casa; *ter* em pé; *ter* por feliz; não *ter*-se com riso; não se pôde *ter* com riso; ir *ter* a...; ir *ter* com; é *tido* i. é. olhado, reputado, etc.

Algumas vezes se emprega o verbo *haver* pelo verbo *ter*.

Os nossos classicos até ao principio do seculo XVII usavam mais do auxiliar *haver* do que do auxiliar *ter* para todos os tempos perfeitos de todos os modos, tanto na conjugação do verbo substantivo, como na do adjectivo. Hoje usamos mais de *ter* do que de *haver*.

O verbo *ter* bem como o *haver* são os unicos que formam os seus tempos compostos sem auxilio de outro verbo.

Quando *tido* e *havido* são partecipios, e por conseguinte passivos, então conjugam-se com *ser* e *estar*, como os mais partecipios passivos; v. g.: *sou* ou *estou tido* ou *havido* por homem

le bem. Serás *tido* ou *havido* em boa conta, se procederes)em, etc.

Ter e *haver* são auxiliares, como vimos nas conjugações pre- :edentes, de *ser* e *estar*. Veja a nota 1 a paginas 4.

«Os verbos *ter* e *haver* como auxiliares, repetimos, perdem a ignificação transitiva de *possuir* e servem unicamente para epresentar as ideias de *modo*, de *tempo*, etc.

«Exemplos: —*tenho* ou *hei concluidos diversos compendios.* — *enho* ou *hei concluido diversos compendios.* No 1.° caso, os 'erbos *haver* e *ter* estão empregados como verbos transitivos e :xprimem tanto como *possuir:* — possuo diversos compendios :oncluidos; — no 2.°, estão empregados auxiliarmente, sem si- ;nificação propria: — *tenho concluido* ou hei *concluido* ou *con- lui diversos compendios.*» C. e C.

Conjugação dos tempos simples do verbo auxiliar[1] HAVER

Numeros	Singular			Plural		
Pessoas	1.ª Eu	2.ª Tu	3.ª Elle ou Ella	1.ª Nós	2.ª Vós	3.ª Elles ou Ellas

MODO INDICATIVO

Presente	hei	has	ha	havemos	haveis [2]	hão
Preterito imperfeito	havia	havias	havia	haviamos	havieis	haviam
Preterito perfeito	houve	houveste	houve	houvemos	houvestes	houveram
Preterito m. que perfeito	houvera	houveras	houvera	houveramos	houvereis	houveram
Futuro	haverei	haverás	haverá	haveremos	havereis	haverão

MODO CONDICIONAL

Imperfeito	haveria	haverias	haveria	haveriamos	haverieis	haveriam
	ou					
	houvera	houveras	houvera	houveramos	houvereis	houveram

MODO IMPERATIVO [3]

Presente	haja	hajas	haja	hajamos	hajais	hajam
Preterito	houvesse	houvesses	houvesse	houvessemos	houvesseis	houvessem
Futuro	houver	houveres	houver	houvermos	houverdes	houverem

MODO INFINITO

Presente.. *impessoal*	—	—	—	—	—	haver
Presente.. *pessoal*	haver	haveres	haver	havermos	haverdes	haverem
Participio *imperfeito* ...	—	—	—	—	—	havendo
Participio *perfeito*	—	—	—	—	—	havido [4]

[1] Quando não é auxiliar, toma-se como synonymo de *ter*.
[2] Por *havemos*, *haveis*, tambem se empregam as contracções ou formas contractas — *hemos*, *heis*, ainda que raras vezes.
[3] Pouco usado.
[4] Os quatro participios perfeitos *sido*, *estado*, *tido*, *havido*, nunca se empregam na oração, como os dos mais verbos adjectivos; mas sempre juntos com o auxiliar *ter*, como *tendo sido*, *tendo havido*, *tendo estado*, *tendo tido*.

Observações

O verbo *haver*, quando não é auxiliar, tem todos os tempos simples e compostos, e é synonimo de *ter*. Vejam-se as observações ao verbo *ter*, applicaveis a *haver*.

E' este verbo empregado frequentes vezes uni-pessoalmente nas 3.as pessoas.

Quando dizemos: *ha cousas, havia pessoas, houve republicas, haverá lances, haja festejos*, fallamos classicamente, e não commettemos cousa a que se possa dar o injurioso nome de idiotismo, porque n'este e outros similhantes dizeres ha incontestavelmente uma ellipse, i. é: omittiram-se por brevidade e elegancia as palavras que, logo que se restituam mentalmente á phrase, a tornam regularissima. Vejamos: *ha cousas*, inteira-se assim—a vida *ha* ou *tem cousas; havia pessoas*, o mundo ou a terra ou o reino *havia* ou *tinha pessoas; houve republicas*, o mundo ou a antiguidade *houve*, etc.; *haverá lances*, o mundo, o tempo, a fortuna ou a vida *haverá*, etc.

O verbo *haver* n'este e em todos os casos semelhantes, deve estar forçosamente no singular. A coisa, cuja existencia se quer significar, é complemento objectivo e não sujeito. O verdadeiro sujeito é um substantivo occulto e que o discurso facilmente desencanta.

Esta regra applica-se, não só aos verbos auxiliares que entram na conjugação periphrastica, mas tambem a quaesquer outros verbos que se combinem com o infinito do verbo *haver*; v. g.: *ha de (pode, costuma, deve) haver leis.*

Outros grammaticos pretendem que nos exemplos: — *havia homens, houve iguarias* — *homens* e *iguarias* são complementos directos do infinito impessoal *haver*, servindo toda a oração integrante, assim formada — *haver homens*—, de sujeito a *havia*; — *haver iguarias* ou o *haver iguarias* —, de sujeito a *houve*.

O composto *rehaver* é defectivo. Veja observações ao modelo da 2.a conjugação regular.

Tambem podem ser considerados na classe dos auxiliares os verbos — *andar, começar, entrar, ir, vir, ficar, cessar de, deixar de*, etc., quando auxiliem a conjugação de outros verbos, o que muitas vezes succede.

Em alguns auctores encontra-se o verbo *haver* empregado pelo verbo *ter* para exprimir a possessão, a obtenção; v. g.: *houve o perdão do juiz; houveram grande victoria dos inimigos; dos moradores do bairro nenhum havia tal nome.*

O participio perfeito *havido* tem algumas vezes a significação de *adquirido*; v. g.: *bens mal havidos*, i. é, *mal adquiridos*; tambem se emprega por *tido* para significar *reputado, olhado*; v. g.: *é havido por homem de bem*, i. é: *tido.*

r-se significa algumas vezes *conduzir-se*, *portar-se*, v. g.: *e com tal prudencia que salvou ao mesmo tempo a honra tuna.*

as phrases se formam com o verbo *haver;* aqui daguns exemplos: *haver-se* com alguem; *havel-o* ou hacom alguem; *haver* á mão; *haver* por bem; *haver* que; *haver* (n'um balanço) quer dizer creditos, o *haver* em ;ão ao *debito; ha dias, ha horas, ha homens,* etc.

lmente o verbo *haver* presta-se á construcção de muirases, por isso que se pode empregar na triplice accee tem de auxiliar, de transitivo, e de impessoal.

nplos da 1.ª: *havemos de fazer conta que os segredos são lançadas ao fundo do mar. Com armas navaes conquis- India, com ellas a havemos de conservar, porque temos gem dos vasos e da marinha.* (Isto dizia-se no tempo em inhamos...)

iplos da 2.ª: *o mesmo fim houveram muitas cidades, ao dos homens, inexpugnaveis.*

> Que se não me ajudais, hei grande medo
> Que este fraco batel se alague cedo.

iplos da 3.ª: *ha desgostos para que não bastam consola- ianas. Não ha corpo fraco onde o coração é forte.*

PARADIGMA DA 1.ª CONJUGAÇÃO REGULAR

Ou modelo para conjugar os verbos terminados em -AR, como LOUV-[1]AR na voz activa

Tempos simples

Numeros	Singular			Plural		
Pessoas	1.ª Eu	2.ª Tu	3.ª Elle ou Ella	1.ª Nós	2.ª Vós	3.ª Elles ou Ellas

MODO INDICATIVO

Presente	louv-o	...-as	...-a	...-amos	...-ais	...-am
Preterito *imperfeito*	...-ava	...-avas	...-ava	...-avamos	...-aveis	...-avam
Preterito *perfeito*	...-ei	...-aste	...-ou	...-ámos	...-astes	...-aram
Preterito *m. que perfeito*	...-ara	...-aras	...-ara	...-aramos	...-areis	...-aram
Futuro	...-arei	...-arás	...-ará	...-aremos	...-areis	...-arão

MODO CONDICIONAL

	[illegible]	[illegible]	...-aria	...-ariamos	...-arieis	...-ariam

	—	. . .-a	. . .-e	. . .-emos	. . .-ai	. . .-em

MODO CONJUNCTIVO

Presente..............	. . .-e	. . .-es	. . .-e	. . .-emos	. . .-eis	. . .-em
Preterito..............	. . .-asse	. . .-asses	. . .-asse	. . .-assemos	. . .-asseis	. . .-assem
Futuro..............	. . .-[2]ar	. . .-ares	. . .-ar	. . .-armos	. . .-ardes	. . .-arem

MODO INFINITO

Presente. . *impessoal*....	—	—	—	—	—	louv-ar
Presente. . *pessoal*......	. . .-ar	. . .-ares	. . .-ar	. . .-armos	. . .-ardes	. . .-arem
Participio *imperfeito*...	—	—	—	—	—	. . .-ando
Participio *perfeito*.....	—	—	—	—	—	. . .-ado.

---

[1] A risca de união separa o *radical* que é invariavel nos verbos regulares, da terminação muitas vezes exquisita nos verbos irregulares.

[2] Nos verbos regulares é este futuro igual ao infinito pessoal ou vice-versa; nos irregulares nem sempre succede assim: são estes tempos quasi sempre differentes entre si.

PARADIGMA DA 1.ª CONJUGAÇÃO REGULAR

Ou modelo para conjugar os verbos terminados em **-AR**, como LOUV-[1]**AR** na voz activa

Tempos simples

Numeros	Singular			Plural		
Pessoas	1.ª Eu	2.ª Tu	3.ª Elle ou Ella	1.ª Nós	2.ª Vós	3.ª Elles ou Ellas

MODO INDICATIVO

Presente	louv-o	. . .-as	. . .-a	. . .-amos	. . .-ais	. . .-am
Preterito imperfeito	. . .-ava	. . .-avas	. . .-ava	. . .-avamos	. . .-aveis	. . .-avam
Preterito perfeito	. . .-ei	. . .-aste	. . .-ou	. . .-ámos	. . .-astes	. . .-aram
Preterito m. que perfeito	. . .-ara	. . .-aras	. . .-ara	. . .-aramos	. . .-areis	. . .-aram
Futuro	. . .-arei	. . .-arás	. . .-ará	. . .-aremos	. . .-areis	. . .-arão

MODO CONDICIONAL

Imperfeito	. . .-aria	. . .-arias	. . .-aria	. . .-ariamos	. . .-arieis	. . .-ariam
			ou			
	. . .-ara	. . .-aras	. . .-ara	. . .-aramos	. . .-areis	. . .-aram

MODO IMPERATIVO

	—	. . .-a	. . .-e	. . .-emos	. . .-ai	. . .-em

MODO CONJUNCTIVO

Presente.	. . . .-e	. . .-es	. . .-e	. . .-emos	. . .-eis	. . .-em
Preterito	. . . .-asse	. . .-asses	. . .-asse	. . .-assemos	. . .-asseis	. . .-assem
Futuro.	. . . .-[2]ar	. . .-ares	. . .-ar	. . .-armos	. . .-ardes	. . .-arem

MODO INFINITO

Presente. . *impessoal*. . . .	—	—	—	—	—	louv-ar
Presente. . *pessoal*.	. . . .-ar	. . .-ares	. . .-ar	. . .-armos	. . .-ardes	. . .-arem
Participio *imperfeito* . . .	—	—	—	—	—	. . .-ando
Participio *perfeito*	—	—	—	—	—	. . .-ado

---

[1] A risca de união separa o *radical* que é invariavel nos verbos regulares, da terminação muitas vezes exquisita nos verbos irregulares.

[2] Nos verbos regulares é este futuro igual ao infinito pessoal ou vice-versa; nos irregulares nem sempre succede assim: são estes tempos quasi sempre differentes entre si.

vogal *a*, como — *acatar*, *afagar*, *badalar*, *fallar*, *matar*, *fragar*, *pagar*, *rasgar*, etc., têem o penultimo *a* com o *nominal*, se as differentes vozes não derem palavras a(ou de mais syllabas que se contam no infinito; v. g.: (*afagas*, *badala*, *falle*, *mates*, *naufraguem*, *pagam*, *raspe*, e com o valor *fechado*, se derem palavras agudas ou de syllabas que se contam no infinito; v. g.: *acatei*, *afag* *badalais*, *fallava*, *matou*, *naufragámos*, *pagaram*, *raspeis*

O verbo *ganhar* em todas as vozes conserva *nominal* o 1.ª syllaba do infinito.

Os verbos cuja penultima syllaba do infinito é com das lettras *al* tambem conservam nominal em todas as o *a* d'esta syllaba.

Os verbos *abanar*, *amar*, *andar*, *apanhar* e outros que finito têem o penultimo *a nasal*, conservam-no assim em as vozes, pela influencia do *m* ou *n* seguintes.

A primeira pessoa do plural do preterito perfeito dif ça-se da primeira do plural do indicativo, em que esta terminação *amos* com o valor do *a*, em regra *nasalad* effeito retro-activo do *m* que se lhe segue, e aquella mesmo *a* com o valor nominal; v. g.: no presente do i tivo — *louvamos* (louvâmos) —; no preterito perfeito - *vámos*.

A segunda pessoa do plural do futuro do indicativo rença-se da mesma pessoa do preterito mais que perfeit ter esta o *a nominal* da syllaba *areis* (áreis) e aquella te *chado* — *areis* (âreis).

Em regra tem o valor nominal a vogal que compõe a p tima syllaba, se a ultima não é aguda ou composta de *n* que nasalem a vogal precedente com sua inflencia retro-a v. g.: *abato*, *adora*, *pegue*, *fallasse*, *rogava*, *seccaste*, etc.

Ainda poderiamos addiccionar mais notas, se em t caso não julgaramos necessaria a repetição de muitos e dos exercicios de conjugações. Veja lettra *A*, no Dicci I.ª Parte.

O professor alem de fazer conjugar na integra os verb signados n'estas notas, dará para exercicios fallados ou ptos alguns dos seguintes, notando as irregularidades, a renças entre as terminações de uns e outros, quaes são fectivos ou por que se não devam empregar em algum zes, até onde alcança o radical, etc.

aplacar	encarregar	navegar
appellar	encastoar	negociar
applicar	encontrar	nevar
apregoar	encontroar	notificar
arengar	enfadar	officiar
arremessar	enlaçar	obsequiar
arrogar	enrolar	olear
articular	entroncar	oxidar
assear	enxugar	peccar
associar	escorregar	pegar
atordoar	espalhar	pentear
atraiçoar	exemplificar	pescar
autuar	faltar	pleitear
avariar	fechar	propagar
avocar	folhear	questionar
batalhar	folgar	quinhoar
bronzear	fraternisar	reclamar
caçar	fundear	reconciliar
carregar	ganhar	reforçar
cavaquear	galopar	riscar
circular	gargantear	rogar
concordar	glorificar	rubricar
costear	governar	saquear
cravar	guardar	saudar
cravejar	guiar	soffrear
crucificar	honrar	sortear
custodiar	idear	substanciar
declinar	illustrar	substantivar
decretar	instaurar	talhar
delegar	interrogar	tapetar
delinear	invocar	tornear
demarcar	jogar	trafegar
depositar	jurar	traficar
derramar	lançar	triumphar
desmanchar	legar	uniformisar
desarmar	ligar	usurpar
desatar	maguar	vaguear
descascar	martyrisar	vegetar
descarregar	minguar	verificar
deslocar	mitigar	voar
destapar		

d'estes, devem conjugar-se os que constam da tabella
os que têem dois participios, e adiante vão designados.

2.ª CONJUGAÇÃO REGULAR

Modelo para conjugar os verbos terminados em -ER, como DEV-ER, na voz activa

Numeros	Singular			Plural		
Pessoas	1.ª Eu	2.ª Tu	3.ª Elle ou Ella	1.ª Nós	2.ª Vós	3.ª Elles ou Ellas
			MODO INDICATIVO			
Presente	dev-o	...-es	...-e	...-emos	...-eis	...-em
Preterito imperfeito	...-ia	...-ias	...-ia	...-iamos	...-ieis	...-iam
Preterito perfeito	...-i	...-este	...-eu	...-emos	...-estes	...-eram
Preterito m. que perfeito	...-era	...-eras	...-era	...-eramos	...-ereis	...-eram
Futuro	...-erei	...-erás	...-erá	...-eremos	...-ereis	...-everão
			MODO CONDICIONAL			
Imperfeito	...-eria	...-erias	...-eria	...-eriamos	...-erieis	...-eriam
			ou			
	...-era	...-eras	...-era	...-eramos	...-ereis	...-eram

MODO IMPERATIVO

MODO CONJUNCTIVO

....	...-a	...-as	...-a	...-amos	...-ais	...-am
Preterito	...-esse	...-esses	...-esse	...-essemos	...-esseis	...-essem
Futuro................	...-er	...-eres	...-er	...-ermos	...-erdes	...-erem

MODO INFINITO

Presente.. *impessoal*....	—	—	—	—	—	dev-er
Presente.. *pessoal*......	...-er	...-eres	...-er	...-ermos	...-erdes	...-erem
Participio *imperfeito* ...	—	—	—	—	—	...-endo
Participio *perfeito*	—	—	—	—	—	...-ido

Servem de modelo para os tempos compostos os que deixámos conjugados para o verbo *louvar*, a folhas 24, substituindo — *louvado* por — *devido; de louvar* por — *de dever*.

Observações

Os verbos acabados em *ger* mudam o *g* em *j* antes de *a* ou *o*; assim o verbo *Reger* faz no indicativo — *rejo*, *reges*, etc.; no imperativo — *rege*, *reja*, *rejamos*, *regei*, *rejam*: e no conjunctivo — *reja*, *rejas*, etc.

Os verbos terminados em *guer* perdem o *u* que se segue ao *g*, antes de *a* ou *o*, como: *erguer* que faz — *ergo*, *ergues*, etc.; *erga*, *ergas*, etc.

Nos verbos acabados em *oer*, o *o* escreve-se *ô*, quando a terminação começa por *a* ou *o*, e o accento predominante é na vogal penultima — *ô*: assim *Moer* faz no indicativo — *môo*, *moes*, etc.; no imperativo — *moe*, *môa*, *moamos*, *moei*, *môam*; e no conjunctivo — *môa*, *môas*, etc.

Os verbos terminados em *cer* mudam a figurativa *c* em *ç*, quando a terminação começa por *a* ou *o*; assim *Tecer* faz no indicativo — *teço*, *teces*, etc.; no imperativo — *tece*, *teça*, *teçamos*, *tecei*, *teçam*: e no conjunctivo — *teça*, *teças*, etc. Note-se que não ha verbos terminados em *ser*, se excluirmos o verbo substantivo — *ser*, em que o *s* valha *ç*.

Perder muda o *d* em *c*: e *Valer* o *l* em *lh* antes de *a* ou *o*, e fazem — *perco*, *perca*; *valho*, *valha*, etc.

Os derivados conjugam-se como os seus primitivos; assim — *Contrafazer*, *Desfazer*, etc., como *Fazer*; *Deter*, *Reter*, etc., como *Ter*: *Antever*, *Rever*, etc., como *Ver*; todavia *Desprazer*, e *Comprazer-se*, composto de *Prazer*, são regulares excepto na 3.ª pessoa do singular do indicativo, e *Prover* é regular no preterito perfeito do indicativo, nos tempos que d'elle se derivam e no participio perfeito.

O verbo *Precaver* (defectivo) emprega-se unicamente nas formas em que a penultima invogal do presente infinitivo é seguida de *i* ou *e*. *Rehaver* conjuga-se como *Haver*, mas só se usa nas vozes em que ha *v*; é tambem defectivo.

Mover, *colher*, *comer*, *correr*, e outros com seus derivados fazem no presente do indicativo — *Môvo*, *moves*, *move*, *movemos* (muvemos), *moveis* (muveis), *movem*[1] e assim *côlho*, *colhes*, *colhe*, *colhemos*, *colheis*, *colhem*, e *corro*, *corres*, *corre*, *corremos*, *correis*, *correm*, etc., em que a vogal penultima — *o* — passa por tres differentes modificações phoneticas.

Requerer faz na 1.ª pessoa do presente do indicativo — *re-*

[1] Não temos necessidade de escrever — *móves*, *móve*, *móvem*; nas palavras *inteiras*, a vogal da penultima syllaba tem, regularmente, valor nominal.

queiro, e na 3.ª *requer*[1]; no preterito perfeito — *requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram;* no preterito mais que perfeito — *requerera*, etc.[2]; no preterito do conjunctivo — *requeresse*, etc., e no futuro — *requerer, requereres*, etc.; nos mais tempos e vozes termina como o seu primitivo — *Querer*, conjugado adiante no logar alphabetico da Tabella dos irregulares.

Os alumnos deverão exercitar-se não só nas conjugações dos verbos, constantes da tabella dos que têem dois participios, e adiante vai inserida, mas em alguns dos seguintes que damos para exercicios fallados ou escriptos:

abastecer	correr	exercer	prescrever
abater	corresponder	extender	prometter
aborrecer	corromper	favorecer	prover
absolver	coser	fender	ranger
abster	crescer	fenecer	receber
accender	debater	ferver	recolher
adormecer	defender	florescer	recorrer
agradecer	depender	fornecer	recrescer
alvorecer	derreter	fortalecer	recrudescer
amanhecer	desaperceber	guarnecer	reger
anteceder	desattender	humedecer	remetter
antever	descer	incorrer	render
aperceber	desfallecer	interceder	resolver
apprehender	despender	lamber	retorcer
aprazer	desprender	manter	revolver
arder	desvanecer	merecer	sobreviver
ascender	doer	metter	sorver
attender	eleger	mexer	succeder
bater	embeber	moer	tecer
beber	embravecer	morrer	temer
benzer	embrutecer	mover	tender
ceder	encarecer,	nascer	tremer
colher	encher	obscurecer	tolher
comer	entender	offender	torcer
conceder	escolher	offerecer	transcrever
conhecer	escrever	padecer	varrer
convalescer	escurecer	pender	vencer
convencer	esmorecer	perder	vender
conviver	exceder	pertencer	verter

---

[1] Em alguns escriptores temos visto empregada a forma *requere;* v. g.; a *mesma prosa solta se* REQUERE *na conversação familiar... O fecho é todavia a parte em que elle mais se* REQUERE *e se faz mais sensivel.* Cardoso.

[2] O imperativo, que em regra se forma da 2.ª pessoa do singular do presente do indicativo menos o *s*, usam alguns *requer* (tu), em vez de *requere;* as mais vozes são — *requeira* (elle), *requerei* (vós), *requeiram* (elles).

3.ª CONJUGAÇÃO

Modelo para conjugar os verbos terminados em -IR como APPLAUD-IR, na voz activa

Numeros	Singular			Plural		
Pessoas	1.ª Eu	2.ª Tu	3.ª Elle ou Ella	1.ª Nós	2.ª Vós	3.ª Elles ou Ellas

MODO INDICATIVO

Presente	applaud-o	-es	-c	-imos	-is	-em
Preterito imperfeito	-ia	-ias	-ia	-iamos	-ieis	-iam
Preterito perfeito	-i	-iste	-iu	-imos	-istes	-iram
Preterito m. que perfeito	-ira	-iras	-ira	-iramos	-ireis	-iram
Futuro	-irei	-irás	-irá	-iremos	-ireis	-irão

MODO CONDICIONAL

Imperfeito	-iria	-irias	-iria	-iriamos	-ireis	-iriam
			ou			
	-ira	-iras	-ira	-íramos	-íreis	-iram

MODO IMPERATIVO

Presente	........-a	........-as	........-a	....-amos	....-ais	....-am
Preterito	........-isse	........-isses	........-isse	....-issemos	....-isseis	....-issem
Futuro	........-ir	........-ires	........-ir	....-irmos	....-irdes	....-irem

MODO INFINITO

Presente	*impessoal*	—	—	—	—	—	applau-dir
	pessoal	........-ir	........-ires	........-ir	....-irmos	....-irdes	......-irem
Participio	*imperfeito*	—	—	—	—	—	......-indo
	perfeito	—	—	—	—	—	......-ido

Servem de modelo para os tempos compostos os que deixámos conjugados para o verbo *louvar* a folhas 24, substituindo — *louvado* por *applaudido*; *de louvar* por — *de applaudir.*

Observações

Os verbos terminados em *gir* mudam o *g* em *j* antes de *a* ou *o*: assim o verbo *Fingir* faz no indicativo — *finjo*, *finges*, etc.; no imperativo — *finge*, *finja*, *finjamos*, *fingi*, *finjam*; e no conjunctivo — *finja*, *finjas*, etc.

Os verbos terminados em *guir* perdem o *u*, quando a terminação começa por *a* ou *o*: assim o verbo *Distinguir* faz no indicativo — *distingo*, *distingues*, etc.; no imperativo — *distingue*, *distinga*, *distingamos*, *distingui*, *distingam*; e no conjunctivo — *distinga*, *distingas*, etc. Entretanto o verbo *Arguïr* conserva o *u* em todas as pessoas, porque as letras *g u i r* formam n'este verbo duas syllabas, vindo por tanto a terminar em *ir* e não em *guir*.

Muitos verbos d'esta conjugação mudam a vogal penultima *e*, em *i*, quando a terminação começa por *a* ou *o*; assim o verbo *sentir* faz no indicativo — *sinto*, *sentes*, etc.; no imperativo — *sente*, *sinta*, *sintamos*, *senti*, *sintam*; e no conjunctivo — *sinta*, *sintas*, etc. Em o numero d'estes contam-se principalmente os que terminam em *pellir*, e *petir* e os verbos *Adherir*, *Advertir*, *Apperir*, *Conseguir*, *Despir*, *Divertir*, *Enxerir*, *Ferir*, *Mentir*, *Seguir*, *Servir*, *Vestir*, em summa aquelles que têem um *e* na ultima syllaba do radical.

Nos verbos: *Aggredir*, *Denegrir*, *Prevenir*, *Progredir*, *Reunir*, *Transgredir*, a vogal da penultima syllaba do presente do infinito impessoal passa para *i*, todas as vezes que esta syllaba for accentuada: v. g.: *aggrido*, *aggrides*, *aggride*, *aggredimos*, *aggredis*, *aggridem*.

Só se empregam nas formas em que á penultima consoante do presente do infinito impessoal se segue a vogal *i* os verbos seguintes: *Abolir*, *Banir*, *Brandir*, *Carpir*, *Colorir*, *Delir*, *Desmedir-se*, *Embair*, *Empedernir*, *Extorquir*, *Fallir*, *Florir*, *Munir*, *Renhir*, *Retorquir*, *Submergir* e outros.

O verbo *Fremir* emprega-se unicamente nas formas em que a penultima consoante do presente do infinito impessoal é seguida de *e* ou *i*.

Os verbos terminados em *lir*, *gir*, *ctir*, empregam-se tambem nas pessoas em que a ultima consoante do radical é seguida de um *e*: v. g.: *expelles*, *submerge*, *reflectem*: assim como o verbo *Carpir*: *carpes*, *carpe*, *carpem*, etc.

Os verbos que têem *u* antes das figurativas — *b*, *d*, *g*, *l*, *m*, *r*, *sp*, *ss* — mudam, pela maior parte, o *u* em *o* na 2.ª e 3.ª pessoas do singular, na 3.ª do plural do presente do indicativo e na 2.ª do singular do imperativo, assim o verbo *subir* faz no indicativo — *subo*, *sobes*, *sobe*, *subimos*, *subis*, *sobem*; e no imperativo — *sobe*, *subi*, etc.; e assim: *Acudir*, *Bulir*, *Fugir*, *Engulir*, *Consumir*, *Entupir*, *Cuspir*, *Tussir* e outros; mas *Assumir*, *Presumir* e *Resumir* são regulares. *Construir* e *Destruir* são

incertos; em auctores de boa nota encontra-se: — *construe, constroe; destrue, destroe.*

Sortir e *Cortir* mudam o *o* em *u*, em todas as vozes em que a primeira syllaba é accentuada.

Antes de *a* ou *o* mudam o *d* em *ç*: — *Medir* e *Pedir* que fazem — *meço, meça, peço, peça*, etc.; o *o* em *u*: — *Cobrir* e *Dormir* que fazem — *cubro, cubra, durmo, durma*, etc.; o *v* em *ç*: — *Ouvir* que faz — *ouço, ouça*, etc.

Os verbos que terminam com as syllabas *uzir*, têem irregular a 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo, assim *Conduzir*, faz *conduz*, e similhantemente — *Luzir, Produzir, Reduzir*, etc, que todos perdem o *e* da terminação regular, dizendo-se *luz* em vez de *luze*, etc.

Nos verbos terminados em *quir*, o *qu* do infinito muda-se em *c*, em todas as pessoas em que elle é seguido de *a* ou *o*, *delinquir* por exemplo.

Os derivados em regra conjugam-se como os primitivos, assim: — *Despedir, Impedir*, como *Pedir*; *Descobrir, Encobrir*, como *Cobrir*; *Consentir, Presentir*, como *Sentir*; etc.

Alem dos verbos referidos n'estas observações e na tabella dos que têem dois participios adiante inserida, é conveniente dar para exercicios fallados ou escriptos os seguintes:

abrir	cuspir	frigir	reduzir
accudir	decidir	fruir	referir
adquirir	deferir	fundir	refluir
affligir	delir	garantir	repartir
aggredir	denegrir	gerir	resarcir
aspergir	descair	impedir	resentir
assistir	descobrir	imprimir	restringir
attingir	destruir	indeferir	retinir
attribuir	desunir	induzir	rugir
bramir	differir	infringir	servir
cernir	dissuadir	inquirir	sortir
cingir	distinguir	instituir	submergir
colligir	dividir	luzir	suggerir
compellir	embutir	munir	substituir
concluir	encobrir	permittir	sumir
conduzir	engolir	persistir	supprimir
conferir	esculpir	persuadir	supprir
confundir	excluir	possuir	surtir
consentir	exigir	preferir	tingir
construir	expungir	preterir	transigir
contrair	extinguir	produzir	transmittir
contribuir	ferir	proferir	unir
convergir	fingir	punir	zunir
cortir	franzir	reagir	zurzir.

Tabella das terminações dos tempos simples d regulares das tres conjugações

INDICATIVO — PRESENTE

	1.ª	2.ª	3.ª
S.	o	o	o
	as	es	es
	a	e	e
P.	amos	emos	imos
	ais	eis	is
	am	em	em

PRETERITO IMPERFEITO

S.	ava	ia	ia
	avas	ias	ias
	ava	ia	ia
P.	avamos	iamos	iamos
	aveis	ieis	ieis
	avam	iam	iam

PRETERITO PERFEITO

S.	ei	i	i
	aste	este	iste
	ou	eu	iu
P.	ámos	emos	imos
	astes	estes	istes
	aram	eram	iram

PRETERITO MAIS QUE PERFEITO

S.	ara	era	ira
	aras	eras	iras
	ara	era	ira
P.	aramos	eramos	iramos
	areis	ereis	ireis
	aram	eram	iram

FUTURO

	1.ª	2.ª
S.	arei	erei
	arás	erás
	ará	erá
P.	aremos	eremos
	areis	ereis
	arão	erão

CONDICION

S.	aria	eria
	arias	erias
	aria	eria
P.	ariamos	eriamos
	arieis	erieis
	ariam	eriam

IMPERATI

S.	a	e
	e	a
P.	emos	amos
	ai	ei
	em	am

CONJUNCTIVO –

S.	e	a
	es	as
	e	a
P.	emos	amos
	eis	ais
	em	am

[1] As vozes da 2.ª formula do condicional são similhantes dentes do *preterito mais que perfeito.*

PRETERITO

	1.ª	2.ª	3.ª
S.	asse	esse	isse
	asses	esses	isses
	asse	esse	isse
P.	assemos	essemos	issemos
	asseis	esseis	isseis
	assem	essem	issem

FUTURO

S.	ar	er	ir
	ares	eres	ires
	ar	er	ir
P.	armos	ermos	irmos
	ardes	erdes	irdes
	arem	erem	irem

INFINITO

PRESENTE IMPESSOAL

1.ª	2.ª	3.ª
ar	er	ir

PRESENTE PESSOAL

S.	ar	er	ir
	ares	eres	ires
	ar	er	ir
P.	armos	ermos	irmos
	ardes	erdes	irdes
	arem	erem	irem

PARTICIPIO IMPERFEITO

ando	endo	indo

PARTICIPIO PERFEITO

ado	ido	ido

Observações

Como se vê todos os tempos se podem formar das terminações do infinito — *ar*, *er*, *ir*, chamando-se *radical*, isto é — *parte invariavel*, ao composto de todas as lettras que precedem aquellas terminações, nos verbos de conjugação normal (regulares).

Note-se que, exceptuando somente a 2.ª pessoa do singular do preterito perfeito do indicativo e a mesma do imperativo, todas as mais segundas pessoas do singular dos tempos pessoaes acabam em *s*.

Note-se tambem que das 2.ªˢ pessoas de ambos os numeros do presente do indicativo se formam as mesmas vozes ou pessoas do imperativo, apenas com a suppressão do *s* que tenham no indicativo; sendo as 3.ªˢ pessoas e 1.ª do plural as mesmas do presente do conjunctivo; regra applicavel aos verbos regulares e irregulares [1].

---

[1] O verbo irregular *Requerer* que faz no presente do indicativo *requeiro, requeres*, faz no imperativo *requer tu*, por excepção a esta regra; todavia ha quem prefira a regra geral, dizendo *requere*. O imperativo do verbo *ser* constitue tambem uma excepção, por que, sendo como se mostrou, o presente do indicativo — *sou, és, é, somos, sois, são*, faz o imperativo — *sê tu... sêde vós*.

Mudando a terminação *ste* do preterito perfeito do indicativo (2.ª pessoa do singular) em *ra*, *sse*, *r*, tem-se as 1.ªˢ pessoas do singular do preterito mais que perfeito do indicativo, do preterito e do futuro do conjunctivo em todos os verbos regulares ou não.

No imperativo e nos tempos pessoaes do infinito vão os sujeitos depois dos verbos.

O futuro do conjunctivo dos verbos regulares é semelhante ao infinito pessoal de cada um.

Os verbos compostos de *re* — e *des* — conjugam-se sempre como os simples, salvas as excepções já referidas nas observações e notas precedentes.

Na terceira pessoa do plural do futuro imperfeito empregue-se a desinencia *ão*, e bem assim na 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo d'aquelles verbos cujo accento predominante estiver na ultima syllaba como em *hão*, *estão*, *são;* em todos os outros tempos prefira-se a desinencia *am;* v. g.: *amarão* (futuro), *amam* (presente), *amaram* (preterito mais que perfeito), *amariam* (condicional), etc.

Quando o verbo terminar em *r* e se lhe seguir immediatamente algum dos pronomes *o*, *a*, *os*, *as*, substitua-se para melhor euphonia (antithese), o *r* final por um *l*, como: *amal-a*, por *amar a; dizel-o* por *dizer o; seguil-os* por *seguir os*, etc.

Muitas vezes se intercalam os pronomes nos futuros, dividindo-se estes em duas partes (tmese), do seguinte modo: *louvar-te-ei*, *dever-nos-ás*, *applaudir-vos-emos; dir-lhe-eis*, *fal-o-ás*, em vez de *louvarei-te*, *deverás-nos*, etc.[1].

---

[1] Na 1.ª parte dos estudos a que pertence esta publicação foram largamente tratados estes e muitos outros pontos das linguagens.

para a conjugação de um verbo uni-pessoal

) proprio	Em sentido figurado

INDICATIVO

PRESENTE

e	P. Chovem

PRETERITO IMPERFEITO

ia	P. Choviam

PRETERITO PERFEITO SIMPLES

;eu	P. Choveram

PRETERITO PERFEITO COMPOSTO

chovido	P. Têem chovido

PRETERITO MAIS QUE PERFEITO SIMPLES

vera	P. Choveram

PRETERITO MAIS QUE PERFEITO COMPOSTO

ia chovido	P. Tinham chovido

FUTURO IMPERFEITO SIMPLES

verá	P. Choverão

FUTURO IMPERFEITO COMPOSTO

le chover	P. Hão de chover

FUTURO PERFEITO COMPOSTO

chovido	P. Terão chovido

CONDICIONAL

IMPERFEITO

Em sentido proprio	Em sentido figurado
S. Choveria ou Chovera	P. Choveriam ou Choveram

PERFEITO

S. Teria chovido ou Tivera chovido — P. Teriam chovido ou Tiveram chovido

IMPERATIVO

S. Carece — P. Chovam

CONJUNCTIVO

PRESENTE

S. Chova — P. Chovam

PRETERITO IMPERFEITO

S. Chovesse — P. Chovessem

PRETERITO PERFEITO COMPOSTO

S. Tenha chovido — P. Tenham chovido

PRETERITO MAIS QUE PERFEITO COMPOSTO

S. Tivesse chovido — P. Tivessem chovido

FUTURO IMPERFEITO SIMPLES

S. Chover — P. Choverem

FUTURO IMPERFEITO COMPOSTO

S. Houver de chover — P. Houverem de chover

FUTURO PERFEITO COMPOSTO

S. Tiver chovido — P. Tiverem chovido

INFINITO

ido proprio	Em sentido figurado

PRESENTE IMPESSOAL

Chover

PRESENTE PESSOAL

ıover	P. Choverem

PRETERITO IMPESSOAL

Ter chovido

PRETERITO PESSOAL

'er chovido	P. Terem chovido

FUTURO IMPESSOAL

Haver de chover

FUTURO PESSOAL

ver de chover	P. Haverem de chover

PARTICIPIO IMPERFEITO

Chovendo

PARTICIPIO PERFEITO

Chovido

PARTICIPIO PERFEITO COMPOSTO

Tendo chovido

i-pessoaes no Diccionario, 1.ª Parte dos nossos es-

Modelo para a conjugação da voz passiva

INDICATIVO

PRESENTE

Singular.	Eu	sou	louvado ,-a [1]
	Tu	és	
	Elle ou Ella	é	
Plural...	Nós	somos	louvados,-as
	Vós	sois	
	Elles ou Ellas	são	

PRETERITO IMPERFEITO

Singular.	Eu	era	louvado ,-a
	Tu	eras	
	Elle ou Ella	era	
Plural...	Nós	eramos	louvados,-as
	Vós	ereis	
	Elles ou Ellas	eram	

PRETERITO PERFEITO

Singular.	Eu	fui	louvado ,-a
	Tu	foste	
	Elle ou Ella	foi	
Plural...	Nós	fomos	louvados,-as
	Vós	fostes	
	Elles ou Ellas	foram	

PRETERITO MAIS QUE PERFEITO

Singular.	Eu	fora	louvado ,-a
	Tu	foras	
	Elle ou Ella	fora	
Plural...	Nós	foramos	louvados,-as
	Vós	foreis	
	Elles ou Ellas	foram	

---

[1] Em vez d'este, o participio perfeito do verbo que se queira passivar.
D'onde se vê que, ajuntando a todos os tempos simples e a todos os t
pos compostos do verbo *ser* o participio perfeito de um verbo activo, te
a voz passiva d'esse verbo em todos os seus tempos.
Pode conjugar-se a voz passiva negativamente, como a voz activa; v.
eu não louvo, ou *eu não sou louvado*; mas se a conjugação for uni-
soal em vez de se dizer, — *não louva-se*, dir-se-á — *não se louva*, c
cando o pronome entre o adverbio negativo e o verbo.

FUTURO

Singular.	Eu	serei	louvado ,-a
	Tu	serás	
	Elle ou Ella	será	
Plural...	Nós	seremos	louvados,-as
	Vós	sereis	
	Elles ou Ellas	serão	

CONDICIONAL

Singular.	Eu	seria	louvado ,-a
	Tu	serias	
	Elle ou Ella	seria	
Plural...	Nós	seriamos	louvados,-as
	Vós	serieis	
	Elles ou Ellas	seriam	

IMPERATIVO

S. Sê tu, seja elle ou ella louvado,-a. P. Sejamos nós sêde vós, sejam elles ou ellas louvados,-as

CONJUNCTIVO

PRESENTE

Singular.	Eu	seja	louvado ,-a
	Tu	sejas	
	Elle ou Ella	seja	
Plural...	Nós	sejamos	louvados,-as
	Vós	sejais	
	Elles ou Ellas	sejam	

PRETERITO

Singular.	Eu	fosse	louvado ,-a
	Tu	fosses	
	Elle ou Ella	fosse	
Plural...	Nós	fossemos	louvados,-as
	Vós	fosseis	
	Elles ou Ellas	fossem	

FUTURO

Singular.	Eu	for	louvado ,-a
	Tu	fores	
	Elle ou Ella	for	
Plural...	Nós	formos	louvados,-as
	Vós	fordes	
	Elles ou Ellas	forem	

INFINITO

PRESENTE IMPESSOAL

Ser louvado,-a

PRESENTE PESSOAL

S. Ser eu, seres tu, ser elle ou ella louvado,-a
P. Sermos nós, serdes vós, serem elles ou ellas louvados,

PARTICIPIO IMPERFEITO

Sendo louvado,-a ; os, as

PARTICIPIO PERFEITO

Louvado, a, os, as

Servem de modelo para os tempos compostos da voz pass os que deixámos conjugados para o verbo substantivo *ser* a p 4, seguido, tanto o participio *sido*, como o infinito *ser* pre dido da preposição *de*, do participio perfeito do verbo que passivar; escrevendo-se e dizendo-se por ex.: *tenho sido l vado, tinha sido louvado, houver de ser louvado, tiver sido l vado,-a*, etc.

Outro modelo da voz passiva, uni-pessoal em cada numero

INDICATIVO

	PRESENTE	PRETERITO		
		imperfeito	perfeito	perf. compo
S.	Louva-se	Louvava-se	Louvou-se	Tem-se
P.	Louvam-se	Louvavam-se	Louvaram-se	Têem-se

PRETERITO			FUTURO
mais que perfeito	mais que perfeito composto		
Louvara-se	Tinha-se	louvado	Louvar-se-á
Louvaram-se	Tinham-se	louvado	Louvar-se-ão

FUTURO COMPOSTO

S. Ha P. Hão	de louvar-se	Ter-se-ão Ter-se-á	louvado[1]

CONDICIONAL

IMPERFEITO	PERFEITO	
,ouvar-se-ia ,ouvar-se-iam	Ter-se-ia ou Tivera-se Ter-se-iam ou Tiveram-se	louvado

CONJUNCTIVO

SENTE	PRETERITO imperfeito	perfeito		mais que perfeito	
ve-se	Louvasse-se	Tenha-se	louvado	Tivesse-se	louvado
vem-se	Louvassem-se	Tenham-se		Tivessem-se	

FUTURO

	imperfeito composto		perfeito composto	
var-se varem-se	Houver Houverem	de louvar-se	Tiver-se Tiverem-se	louvado

INFINITO

PRESENTE	FUTURO
,essoal e pessoal — Lou- .r-se soal — Louvarem-se	S. Impessoal e pessoal — Ter-se louvado P. Pessoal — Terem-se louvado
PRETERITO	PARTICIPIO
,essoal e pessoal — Ha- r-se louvado soal — Haverem-se lou- do	Imp. Louvando-se Perf. Tendo-se louvado

a a nota 2 no Modelo para a conjugação dos verbos pronominaes ,os ou reflexos), a pag. 46.

Modelo para conjugação dos verbos pronomina

(RECIPROCOS OU REFLEXOS)

INDICATIVO

PRESENTE

Singular.	Eu	me	louvo	ou louvo-me
	Tu	te	louvas	etc.
	Elle ou Ella	se	louva	
Plural...	Nós	nos	louvamos[1]	
	Vós	vos	louvais	
	Elles ou Ellas	se	louvam	

PRETERITO IMPERFEITO

Singular.	Eu	me	louvava	ou louvava-m
	Tu	te	louvavas	etc.
	Elle ou Ella	se	louvava	
Plural...	Nós	nos	louvavamos	
	Vós	vos	louvaveis	
	Elles ou Ellas	se	louvavam	

PRETERITO PERFEITO

Singular.	Eu	me	louvei	ou me tenho
	Tu	te	louvaste	ou te tens
	Elle ou Ella	se	louvou	ou se tem
Plural...	Nós	nos	louvámos	ou nos temos
	Vós	vos	louvastes	ou vos tendes
	Elles ou Ellas	se	louvaram	ou se têem

PRETERITO MAIS QUE PERFEITO

Singular.	Eu	me	louvara	ou me tinha
	Tu	te	louvaras	ou te tinhas
	Elle ou Ella	se	louvara	ou se tinha
Plural...	Nós	nos	louvaramos	ou nos tinhamos
	Vós	vos	louvareis	ou vos tinheis
	Elles ou Ellas	se	louvaram	ou se tinham

---

[1] Quando o pronome *nos* vem após o verbo, a boa euphonia exige q supprima o *s* final da 1.ª pessoa do plural; v. g.: *louvamo-nos*, *[illegible] nos*, etc.

[2] O participio perfeito com os verbos pronominaes é sempre invariav

FUTURO IMPERFEITO[1]

me louvarei	louvar-me-ei		me hei		
te louvarás	louvar-te-ás		te has		
se louvará	louvar-se-á	ou	se ha	de louvar	
nos louvaremos	louvar-nos-emos		nos havemos		
vos louvareis	louvar-vos-eis		vos haveis		
s se louvarão	louvar-se-ão		se hão		

FUTURO PERFEITO

	Eu	me terei	ou ter-me-ei	louvado
ar.	Tu	te terás	ou ter-te-ás	
	Elle ou Ella	se terá	ou ter-se-á	
	Nós	nos teremos	ou ter-nos-emos	
..	Vós	vos tereis	ou ter-vos-eis	
	Elles ou Ellas	se terão	ou ter-se-ão	

CONDICIONAL[1]

IMPERFEITO

	Eu	me louvaria	ou louvar-me-ia
ar.	Tu	te louvarias	ou louvar-te-ias
	Elle ou Ella	se louvaria	ou louvar-se-ia
	Nós	nos louvariamos	ou louvar-nos-iamos
...	Vós	vos louvarieis	ou louvar-vos-ieis
	Elles ou Ellas	se louvariam	ou louvar-se-iam

PERFEITO

	Eu	me teria	ou ter-me-ia	louvado
lar.	Tu	te terias	ou ter-te-ias	
	Elle ou Ella	se teria	ou ter-se-ia	
	Nós	nos teriamos	ou ter-nos-iamos	
L..	Vós	vos terieis	ou ter-vos-ieis	
	Elles ou Ellas	se teriam	ou ter-se-iam	

s linguagens do futuro imperfeito do indicativo e nas condicionaes, é
e empregar o pronome entre a forma primitiva em *ar*, *er*, ou *ir* e
inação final; v. g.: *louvar-me-ei, louvar-me-ia*, etc. (tmese).
singularidade tem feito duvidar, se porventura estas linguagens são
s, como se representam nas conjugações da voz activa, pronunciando-se
vendo-se juntamente — *louvaria, deverei*, etc; ou compostas dos in-
louvar, etc. com o verbo auxiliar *hia*, contraído de *havia*, e do pre-
ei, como quem dissesse — *havia de louvar*, *hei de dever*, como aqui
sentam; e se, por consequencia, se devem escrever com *h*, á maneira

IMPERATIVO[1]

Singular.	Louva-te tu
	Louve-se elle
Plural...	Louvemo-nos nós
	Louvai-vos vós
	Louvem-se elles

CONJUNCTIVO[2]

	PRESENTE			PRETERITO IMPE
Singular.	Eu me louve			Eu me louva
	Tu te louves			Tu te louva
	Elle se louve			Elle se louva
Plural...	Nós nos louvemos			Nós nos louva
	Vós vos louveis			Vós vos louva
	Elles se louvem			Elles se louva

---

das mais linguagens do verbo *haver*, v. g.: *louvar-me-hei*, *lo* ou sem elle, v. g.: *louvar-me-ei*, *louvar-me-ia*. O uso porem phia de nossos escriptores auctorisa uma e outra opinião, esc estas linguagens ora sem *h*, ora com elle.

1 Com a negativa diz-se e escreve-se: — *não te louves tu*, *elle, não nos louvemos nós, não vos louveis vós, não se lou*

2 Se em algum dos tempos do conjunctivo empregarmos qual ticulas *que*, *se*, o pronome que servir de complemento ao verb cedel-o; assim diremos: *que eu me louve; se eu me louvar*, et

Todas as vezes que se supprimir o pronome sujeito, o prono de complemento deve pôr-se depois do verbo nos tempos simp do auxiliar, nos tempos compostos; assim, é preciso dizer: — não — *me louvo; tenho-me louvado*, e não — *me tenho lou* quando o verbo é precedido de uma outra palavra; n'este caso, locar o pronome complemento antes do verbo, como: *sempre te te louves*.

Com a negativa deve a negação preceder sempre o pronome c

Quando se interroga collocam-se os dois pronomes no fim; v. *eu?* Nos tempos compostos collocam-se depois do auxiliar, send ultimo; v. g.: *temo-nos nós louvado?*

Quando o verbo pronominal é conjugado negativa e interroga o sujeito se colloca depois do verbo; o pronome que serve de c fica entre o verbo e a negação, que deve sempre preceder o *não me louvo eu?*

Alguns verbos ha que só se conjugam na forma de reflexos; v. g *arrepender-se, atrever-se, jactar-se*, etc.; são estes os verbos es pronominaes. Outros conjugam-se, ora com o pronome, ora sem vando em ambos os casos a mesma significação; taes são: *ado adormecer, ajoelhar-se* ou *ajoelhar*, *cazar-se* ou *cazar*. Outro certos verbos activos que, tomando por complemento um pronon pessoa do sujeito, tornam-se accidentalmente pronominaes: como: *c ferir-se, lembrar-se, lisonjear-se*, etc.

Os verbos pronominaes conjugam-se sempre com o auxiliar *T* nos tempos compostos.

PRETERITO PERFEITO E MAIS QUE PERFEITO

	Eu	me tenha	e me tivesse	louvado
lar.	Tu	te tenhas	e te tivesses	
	Elle ou Ella	se tenha	e se tivesse	
	Nós	nos tenhamos	e nos tivessemos	
l...	Vós	vos tenhais	e vos tivesseis	
	Elles	se tenham	e se tivessem	

FUTURO IMPERFEITO

	Eu	me louvar	ou me houver	de louvar
ar.	Tu	te louvares	ou te houveres	
	Elle ou Ella	se louvar	ou se houver	
	Nós	nos louvarmos	ou nos houvermos	
..	Vós	vos louvardes	ou vos houverdes	
	Elles ou Ellas	se louvarem	ou se houverem	

FUTURO PERFEITO

	Eu	me tiver	louvado
Singular.	Tu	te tiveres	
	Elle ou Ella	se tiver	
	Nós	nos tivermos	
Plural...	Vós	vos tiverdes	
	Elles ou Ellas	se tiverem	

INFINITO

PRESENTE IMPESSOAL

Louvar-se

PRESENTE PESSOAL

ouvar-me eu, louvares-te tu, Louvar-se elle ou ella
ouvar-mo-nos nós, louvardes-vos vós, louvarem-se elles

PRETERITO IMPESSOAL

Ter-se louvado

PRETERITO PESSOAL

'er-me eu, teres-te tu, ter-se elle ou ella louvado
'ermo-nos nós, terdes-vos vós, terem-se elles louvado

Louvai

PARTICIPIO

Tendo-se

Linguagens de significação

(FUTURO INI

Modelo para a conjug

INDICA

PRESEI

Singular.	Eu	hei
	Tu	has
	Elle	ha
Plural...	Nós	havemos
	Vós	haveis
	Elles	hão

PRETERITO IM

Si...	Eu	havia

PRETERITO PERFEITO

	Eu	houve	ou tive	de louvar
ıgular.	Tu	houveste	ou tiveste	
	Elle	houve	ou teve	
	Nós	houvemos	ou tivemos	
ural...	Vós	houvestes	ou tivestes	
	Elles	houveram	ou tiveram	

PRETERITO MAIS QUE PERFEITO

	Eu	houvera	ou tivera	de louvar
ngular.	Tu	houveras	ou tiveras	
	Elle	houvera	ou tivera	
	Nós	houveramos	ou tiveramos	
ural...	Vós	houvereis	ou tivereis	
	Elles	houveram	ou tiveram	

FUTURO

	Eu	haverei	ou terei	de louvar
ıgular.	Tu	haverás	ou terás	
	Elle	haverá	ou terá	
	Nós	haveremos	ou teremos	
ıral...	Vós	havereis	ou tereis	
	Elles	haverão	ou terão	

CONDICIONAL

	Eu	haveria	ou teria	de louvar
ıgular.	Tu	haverias	ou terias	
	Elle	haveria	ou teria	
	Nós	haveriamos	ou teriamos	
ıral...	Vós	haverieis	ou terieis	
	Elles	haveriam	ou teriam	

ou houvera ou tivera de louvar, etc., etc., etc.

CONJUNCTIVO

PRESENTE

	Eu	haja	ou tenha	de louvar
gular.	Tu	hajas	ou tenhas	
	Elle	haja	ou tenha	
	Nós	hajamos	ou tenhamos	
ral...	Vós	hajais	ou tenhais	
	Elles	hajam	ou tenham	

PRETERITO IMPERFEITO

Singular	Eu	houvesse	ou tivesse	de louvar
	Tu	houvesses	ou tivesses	
	Elle	houvesse	ou tivesse	
Plural	Nós	houvessemos	ou tivessemos	
	Vós	houvesseis	ou tivesseis	
	Elles	houvessem	ou tivessem	

FUTURO

Singular	Eu	houver	ou tiver	de louvar
	Tu	houveres	ou tiveres	
	Elle	houver	ou tiver	
Plural	Nós	houvermos	ou tivermos	
	Vós	houverdes	ou tiverdes	
	Elles	houverem	ou tiverem	

INFINITO

PRESENTE IMPESSOAL

Haver ou ter de louvar

PRESENTE PESSOAL

S. Haver ou ter, haveres ou teres, haver ou ter de louvar
P. Havermos ou termos, haverdes ou terdes, haverem ou terem de louvar

PARTICIPIO

Havendo ou tendo de louvar

Voz passiva

INDICATIVO

PRESENTE

S.	Eu	hei	ou tenho	de ser louvado[1]			de se louvar
	Tu	has	ou tens				
	Elle	ha	ou tem		ou ha	ou tem	
P.	Nós	havemos	ou temos				
	Vós	haveis	ou tendes				
	Elles	hão	ou têem		ou hão	ou têem	

[1] Variavel em genero e numero; v. g.: *louvado, louvada, louvados, louvadas*, conforme o sujeito.

PRETERITO IMPERFEITO

S.	Eu	havia	ou tinha	de ser louvado 1	ou havia ou tinha — de se louvar
	Tu	havias	ou tinhas		
	Elle	havia	ou tinha		
P.	Nós	haviamos	ou tinhamos		
	Vós	havieis	ou tinheis		
	Elles	haviam	ou tinham		ou haviam ou tinham

E assim os mais tempos pela ordem indicada para a voz tiva, etc.

Muitos verbos têem dois participios perfeitos, um regular e tro irregular.

Os que têem forma regular são geralmente os que se congam com os auxiliares *Ter* e *Haver*.

Os participios irregulares, muitos dos quaes tambem se subtivam, sendo em geral adjectivos verbaes e designando nte qualidades, como qualquer adjectivo qualificativo, de antes conjugar-se com os auxiliares — *Ser*, *Estar*, *Andar*, *ar*, *Vir*.

bella dos verbos que têem dois participios, ou que na a conjugação têem algumas irregularidades, ainda o conhecidas pelas observações antecedentes [2]

bolir, carece das vozes cujas terminações comecem por *a* *o*, e só é usado n'aquellas em que a terminação começa por *i*.
Abrir, abrido, aberto [3].
Absolver, absolvido, absoluto, absolto.
Absorver, absorvido, absorto.
Abstrair, abstraído, abstracto. Conjuga-se como *Cair*.
Acceitar, acceitado, acceito. Tambem se usa a forma *Acceite*.
Accender, accendido, acceso.
Acquerir, acquirido, acquisito.
Affeiçoar, affeiçoado, affecto.
Affligir, affligido, afflicto. Veja observação a pag. 34.
Agradar, agradado } grato.
Agradecer, agradecido } grato.
Amanhecer, usado só nas 3.as pessoas.

---

1 Veja a nota da pagina antecedente.
2 Veja as observações inseridas no fim de cada modelo dado para as conções regulares.
3 Veja no Diccionario, 1.ª Parte do nosso estudo o artigo — *Participios* *os*.

Annexar, annexado, annexo.
Aprомptar, apromptado, prompto.
Aprazer, conjuga-se como *Prazer*, mas é verbo com
Anoitecer, usado só nas 3.as pessoas.
Arrebatar, arrebatado, rapto.
Aspergir, aspergido, asperso. Veja observação a pag
Assentar, assentado, assente.
Assumir, assumido, assumpto. Veja observação a pa
Attender, attendido, attento.
Banir, carece das vozes cujas terminações comecem *o*, e só usado n'aquellas em que a terminação começa
Bemquerer, bemquerido, bemquisto.
Benzer, benzido, bento.
Botar, botado, boto (desusado).
Brandir, como *Banir*.

Caber é irregular nas seguintes pessoas:

Do INDICATIVO

PRESENTE

S. 1.a Caibo.

PRETERITO PERFEITO

S. Coube, coubeste, coube.
P. Coubemos, coubestes, couberam.

PRETERITO MAIS QUE PERFEITO

S. Coubera, couberas, coubera.
P. Couberamos, coubereis, couberam.

Do IMPERATIVO

S. 3.a Caiba. P. 1.a Caibamos, 3.a Caibam.

Do CONJUNCTIVO

PRESENTE

S. Caiba, caibas, caiba. P. Caibamos, caibais, caibam

PRETERITO

S. Coubesse, coubesses, coubesse.
P. Coubessemos, coubesseis, coubessem.

FUTURO

S. **Couber**, **couberes**, **couber**.
P. **Coubermos**, **couberdes**, **couberem**.

Cair é irregular nas seguintes pessoas:

Do INDICATIVO

PRESENTE

S. **1.ª Caio.**

Do CONJUNCTIVO

PRESENTE

S. Caia, caias, caia. P. Caiamos, caiais, caiam.

Captivar, captivado, captivo.
Carpir, carece das vozes cujas terminações começem por *a* ou *o*, e só usado n'aquellas em que a terminação começa por *i*.
Cegar, cegado, cego.
Chover, usado só nas 3.as pessoas.
Cingir, cingido; cinto[1].
Circumcidar, circumcidado, circumciso.
Cobrir, cobrido, coberto. Veja observação a pag. 34.
Colorir, como *Carpir*.
Colher, colhido, colheito.
Comer, comido, comesto.
Compellir, como *Carpir* e *Colorir*.
Completar, completado, completo.
Comprimir, comprimido, compresso.
Conceder, concedido, concesso.
Concluir, concluido, concluso.
Concretar, concretado, concreto.
Confessar, confessado, confesso.
Confundir, confundido, confuso.
Consistir, Constar, são uni-pessoaes.
Conter, contido, conteudo (antigo).
Contrair, contraído, contracto; conjuga-se como *Cair*.
Contundir, contundido, contuso.
Convencer, convencido, convicto. Veja observação a pag. 30.
Convulsar, convulsado, convulso.

---

1 Só entra em certas combinações, ou forma palavras compostas; v. g. *Espada-Cinta*.

Converter, convertido, converso.
Corrigir, corrigido, correcto.
Corromper, corrompido, corrupto.
Cozer, cozido, coito[1].

Crer é irregular nas seguintes pessoas:

Do INDICATIVO

PRESENTE

Creio, crês, crê, cremos, crêdes, crêem.

Do IMPERATIVO

Crê, creia, creiamos, crêde, creiam.

Do CONJUNCTIVO

PRESENTE

Creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam.

Cultivar, cultivado, culto.
Curvar, curvado, curvo.

Dar é irregular, conjuga-se como se segue:

INDICATIVO

PRESENTE

S. Dou, dás, dá. P. Damos, dais, dão.

PRETERITO IMPERFEITO

S. Dava, etc.

PRETERITO PERFEITO

S. Dei, deste, deu. P. Démos, destes, deram.

PRETERITO MAIS QUE PERFEITO

S. Dera, deras, dera. P. Deramos, dereis, deram.

---

[1] Só entra em certas combinações, ou forma palavras composta

FUTURO

S. Darei, etc.

CONDICIONAL

Daria, etc.

IMPERATIVO

S. Dá, dê. P. Dêmos, dai, dēem.

CONJUNCTIVO

PRESENTE

S. Dê, dês dê. P. Dêmos, dêis, dêem.

PRETERITO

S. Desse, desses, desse. P. Dessemos, desseis, dessem.

FUTURO

S. Der, deres, der. P. Dermos, derdes, derem.
As vozes do infinito são todas regulares.

Defender, defendido, defeso.
Delir, **Demolir** } carecem das vozes cujas terminações comecem por *a* ou *o*, e só usados n'aquellas em que a terminação começa por *i*.
Descalçar, descalçado, descalço[1].
Descobrir, descobrido, descoberto.
Descrever, descrevido, descripto.
Despertar, despertado, desperto.
Desprender, desprendido, despreso.
Devolver, devolvido, devoluto.
Diffundir, diffundido, diffuso.
Digerir, digerido, digesto. Veja observação a pag. 34.
Dirigir, dirigido, directo. Veja observação a pag. 34.
Discernir, carece das vozes cujas terminações comecem por *a* *o*, e só usado n'aquellas em que a terminação começa por *i*.
Dispersar, dispersado, disperso.
Dissolver, dissolvido, dissoluto.

---

[1] Emprega-se unicamente como adjectivo.

Distinguir, distinguido, distincto. Veja observação a]
Distrair, distraído, distracto.
Dividir, dividido, diviso.

Dizer é irregular nas seguintes pessoas :

Do INDICATIVO

PRESENTE

S. 1.ª Digo, 3.ª Diz.

PRETERITO PERFEITO

S. Disse, disseste, disse. P. Dissemos, dissestes, diss

PRETERITO MAIS QUE PERFEITO

S. Dissera, disseras, dissera. P. Disseramos, disser seram.

FUTURO[1]

S. Direi, dirás, dirá. P. Diremos, direis, dirão.

Do CONDICIONAL[1]

S. Diria, dirias, diria. P. Diriamos, dirieis, diriam.

Do CONJUNCTIVO

PRESENTE

S. Diga, digas, diga. P. Digamos, digais, digam.

PRETERITO

S. Dissesse, dissesses, dissesse. P. Dissessemos, dis dissessem.

FUTURO

S. Disser, disseres, disser. P. Dissermos, disserdes, di

PARTICIPIO PERFEITO

Dicto, ou Dito

---

[1] *Direi* e *diria* por — *dizerei, dizeria* não **são irregulares, tien** nos a syllaba *ze* por syncope.

r, elegido, eleito. Veja observação a pag. 30.
:r, enchido, cheio.
rir, encobrido, encoberto.
gar, entregado, entregue. Veja observação a pag. 25.
ver, envolvido, envolto.
;ar, enxugado, enxuto. Veja observação a pag. 25.
', erigido, erecto. Veja observação a pag. 34.
ıer, escolhido, escolheito.
ver, escrevido, escripto.
ecer, escurecido, escuro.
tar, espertado, esperto.
tar, estreitado, estreito.
tuar, exceptuado, excepto [1].
ir, excluido, excluso.
ar, excusado, excuso.
ɔtar, exemptado, exempto.
ırir, exhaurido, exhausto.
r, eximido, exempto.
nir, Expellir, carecem das vozes cujas terminações co-
ɔor *a* ou *o*, e só usado n'aquellas em que a terminação
por *i*.
ssar, expressado } expresso.
nir, exprimido }
sar, expulsado, expulso.
der, extendido, extenso.
guir, extinguido, extincto. Veja observação a pag. 34.
juir, extorquido, extorto.
ır, extraído, extracto.
nar, extremado, extorto.
:, faltado, falto.
r, fartado, farto.

é irregular nas seguintes pessoas:

Do INDICATIVO

PRESENTE

Faço, 3.ª Faz.

PRETERITO PERFEITO

, fizeste, fez. P. Fizemos, fizestes, fizeram.

'orma tambem se usa como sendo invariavel — *todas morrerão* *sta*. EXCEPTO *os sacramentos*. A Vieira pareceu mais correcto di- :PTAS *as cartas*. EXCEPTA *só a sua graça*, etc.

PRETERITO MAIS QUE PERFEITO

S. Fizera, fizeras, fizera. P. Fizeramos, fizereis, fizeram.

FUTURO

S. Farei[1], farás, fará. P. Faremos, fareis, farão.

Do CONDICIONAL

S. Faria[1], farias, faria. P. Fariamos, farieis, fariam.

Do IMPERATIVO

S. 3.ª Faça, P. 1.ª Façamos, 3.ª Façam.

Do CONJUNCTIVO

PRESENTE

S. Faça, faças, faça. P. Façamos, façais, façam.

PRETERITO

S. Fizesse, fizesses, fizesse. P. Fizessemos, fizesseis, fizess

FUTURO

S. Fizer, fizeres, fizer. P. Fizermos, fizerdes, fizerem.

PARTICIPIO PERFEITO

Feito

Feder é defectivo; usado em bem poucas vozes. Em seu gar emprega-se a phrase — *Cheirar mal.*
Findar, findado, findo.
Fingir, fingido, ficto.
Fitar, fitado, fito.
Fixar, fixado, fixo.
Frigir, frigido, frito. Veja observação a pag. 34.
Ganhar, ganhado, ganho.
Gastar, gastado, gasto.
Ignorar, ignorado, ignoto.

---

[1] *Farei*, *Faria*, são vozes syncopadas por *Fazerei*, *Fazeria*.

Illudir, illudido, illuso.
Immergir, immergido, immerso. Veja observação a pag. 34.
Imprimir, imprimido, impresso.
Incluir, incluido, incluso.
Incorrer, incorrido, incurso.
Induzir, induzido, inducto.
Infectar, infectado, infecto.
Infestar, infestado, infesto.
Inficionar, inficionado, infecto.
Infundir, infundido, infuso.
Inquietar, inquietado, inquieto.
Inserir, inserido, inserto. Veja observação a pag. 34.
Instruir, instruido, instructo.
Interromper, interrompido, interrupto.
Introduzir, introduzido, intruso.
Inverter, invertido, inverso.
Involver, involvido, involto.

Ir é irregular; conjuga-se como se segue:

INDICATIVO

PRESENTE

S. **Vou**, vaes ou vais, vae ou vai. P. Vamos ou imos, ides, vão.

PRETERITO IMPERFEITO

S. **Ia**, ias, etc.

PRETERITO PERFEITO

S. **Fui**, foste, foi. P. Fomos, fostes, foram.

PRETERITO MAIS QUE PERFEITO

S. **Fora**, foras, fora. P. Foramos, foreis, foram.

FUTURO

S. **Irei**, irás, irá. P. Iremos, ireis, irão.

CONDICIONAL

S. **Iria**, irias, etc.

IMPERATIVO

S. **Vae ou vai**, vá. P. Vamos, ide, vão.

CONJUNCTIVO

PRESENTE

S. Vá, vás, vá. P. Vamos, vades, vão.

PRETERITO

S. Fosse, fosses, fosse. P. Fossemos, fosseis, fossem.

FUTURO

S. For, fores, for. P. Formos, fordes, forem.

INFINITO

PRESENTE PESSOAL

S. Ir, ires, ir. P. Irmos, irdes, irem.

PARTICIPIO IMPERFEITO

Indo.

PARTICIPIO PERFEITO

Ido [1].

Isentar, isentado, isento.

Jazer é defectivo, e tem irregulares as seguintes pess

Do INDICATIVO

PRESENTE

S. 1.ª Jaço (ant.) 3.ª jaz; P. 2.ª jazedes (ant.)

PRETERITO PERFEITO

S. 1.ª Jouve, etc. (ant.) [2]

---

[1] Tambem se emprega com significação activa — *que foi*. N'este caso, forma feminina — *Ida*.

[2] Alem das vozes antigas tem as mais usadas que são regulares — J *jazeis*, *jazi*, etc.

Juntar, juntado, junto.

Ler tem irregulares as seguintes pessoas:

Do INDICATIVO

PRESENTE

S. Leio, lês, lê. P. 2.ª Lêdes, 3.ª lêem.

Do IMPERATIVO

S. Lê, leia. P. Leiamos, lêde, leiam.

Do CONJUNCTIVO

PRESENTE

S. Leia, leias, leia. P. Leiamos, leiais, leiam.

Libertar, libertado, liberto.
Limpar, limpado, limpo.
Livrar, livrado, livre.
Malquistar, malquistado, malquisto.
Manifestar, manifestado, manifesto.
Manter, mantido, manteúdo (ant.)
Matar, matado, morto (rigorosamente pertence ao verbo morrer).
Misturar, misturado, misto ou mixto.
Molestar, molestado, molesto.
Morrer, morrido, morto [1].
Munir carece das vozes cujas terminações comecem por *a* ou *o*, e só usado n'aquellas em que a terminação começa por *i*.
Murchar, murchado, murcho.
Nascer, nascido, nado [2]; muda o *c* em *ç*, quando a terminação comece por *a* ou *o*.
Nevar, usado só nas 3.as pessoas.
Occultar, occultado, occulto [3]
Omittir, omittido, omisso
Opprimir, opprimido, oppresso.
Orvalhar usado só nas 3.as pessoas.

---

[1] Tambem se emprega com significação transitiva, equivalendo — *tendo morrido, que morreu.*
[2] Só entra em certas combinações, ou forma palavras compostas, como *mal nado*.
[3] Os irregulares empregam-se unicamente como adjectivos.

Pagar, pagado, pago.
Perverter, pervertido, perverso.
Pezar quando significa ter sentimento, é só usado na pessoas do singular.

Poder é irregular nas seguintes pessoas:

Do INDICATIVO

PRESENTE

S. 1.ª Posso.

PRETERITO PERFEITO

S. Pude, podeste, pôde. P. Podémos, podestes, podéram

PRETERITO MAIS QUE PERFEITO

S. Podéra, etc.

O imperativo é raro encontrar-se a não ser em Vieira-*dei* sómente o justo e licito.

DO CONJUNCTIVO

PRESENTE

S. Possa, etc.

FUTURO

S. Podér, podéres, podér. P. Podérmos, etc.

Polir só usado nas vozes em que a ultima consoante do dical é seguida de um *i*.

Pôr[1] (contracção de *Poer* antigo) é irregular e conjuga

INDICATIVO

PRESENTE

S. Ponho, pões, põe. P. Pômos, pondes, põem.

---

[1] Os compostos de *Pôr*, são: *Antepor, appor, compor, contrapor por, decompor, descompor, dispor, entrepor, expor, impor, inte indispor, justapor, oppor, presuppor, pospor, propor, predispor, por, recompor, repor, sobrepor, suppor, sotopor, transpor*. Veja *xos* no Diccionario, 1.ª Parte dos nossos estudos.

PRETERITO IMPERFEITO

S. Punha, punhas, punha. P. Punhamos, punheis, punham.

PRETERITO PERFEITO

S. Puz, pozeste, poz. P. Pozemos, pozestes, pozeram.

PRETERITO MAIS QUE PERFEITO

S. Pozera, etc.

FUTURO

S. Porei, etc.

CONDICIONAL

S. Poria, etc.

IMPERATIVO

S. Põe, ponha. P. Ponhamos, ponde, ponham.

CONJUNCTIVO

PRESENTE

S. Ponha, ponhas, ponha. P. Ponhamos, ponhais, ponham.

PRETERITO

S. Pozesse, etc.

FUTURO

S. Pozer, etc.

INFINITO

PRESENTE IMPESSOAL

Pôr

PRESENTE PESSOAL

S. Pôr, pôres, pôr. P. Pôrmos, pôrdes, pôrem.

PARTICIPIO IMPERFEITO

Pondo

PARTICIPIO PERFEITO

Posto, — a

Possuir, possuido, possesso.

Prazer é defectivo e unipessoal e conjuga-se :

INDICATIVO

PRESENTE

Praz

PRETERITO PERFEITO

Prouve

PRETERITO MAIS QUE PERFEITO

Prouvéra

CONJUNCTIVO

PRESENTE

Praza

PRETERITO

Prouvesse

FUTURO

Prouver [1]

Precaver carece das vozes, cujas terminações com
a ou *o*.
Prender, prendido, preso.
Prescrever, prescrevido, prescripto.
Professar, professado, professo.
Propender, propendido, propenso.

Querer é irregular e conjuga-se:

---

[1] Alguns escriptores empregaram este verbo nas outras pessoa
no singular como no plural.

INDICATIVO

PRESENTE

S. **Quero, queres**, quer. P. Queremos, quereis, querem.

PRETERITO IMPERFEITO

S. **Queria**, etc.

PRETERITO PERFEITO

S. **Quiz, quizeste**, quiz. P. Quizemos, quizestes, quizeram.

PRETERITO MAIS QUE PERFEITO

S. **Quizera**, quizeras, quizera. P. Quizeramos, quizereis, quizeram.

FUTURO

S. **Quererei, quererás**, quererá, etc.

CONDICIONAL

S. **Quereria**, quererias, quereria, etc.

IMPERATIVO

Carece de imperativo; todavia encontra-se em Vieira — *Querei só o que podeis.*

CONJUNCTIVO

PRESENTE

S. **Queira**, queiras, queira, etc.

PRETERITO

S. **Quizesse**, quizesses, quizesse, etc.

FUTURO

S. **Quizer**, quizeres, quizer, etc.

PARTICIPIO IMPERFEITO

Querendo.

PARTICIPIO PERFEITO

Querido, quisto.

Quietar, quietado, quieto e quedo [1].
Recluir, recluido, recluso.
Recozer, recozido, recouto (antigo).
Redimir, veja Remir.
Reflectir só usado nas vozes em que a ultima conso
radical é seguida de um *i*.
Refranger, refrangido, refracto.
Regeitar, rejeitado, rejeito.
Relampejar usado só nas 3.as pessoas.

Remir é irregular nas seguintes pessoas:

Do INDICATIVO

PRESENTE

S. Redimo, redimes, redime. P. Remimos, remís, redi

PRETERITO

S. Redimi, redimiste, redimiu, etc.

Do IMPERATIVO

S. Redime, redima. P. Redimamos, remi, redimam.

Do CONJUNCTIVO

PRESENTE

S. Redima, redimas, redima, etc. [2].

Remittir, remittido, remisso.
Remover, removido, remoto.
Repellir, repellido, repulso. Carece das vozes cujas te
ções comecem por *a* ou *o*, e só usado n'aquellas em que
minação começa por *i*.
Reprehender, reprehendido, reprehenso.

---

[1] Na significação de socegar tem o participio *quieto*, e quando *parar*, tem o participio *quedo*, do verbo antigo *quedar*.
[2] Para evitar estas irregularidades, será melhor usar do verbo r que tem a mesma significação.

Reprimir, reprimido, represso.
Requerer. Veja a observação do modelo da 2.ª conjugação, pag. 30.
Requisitar, requisitado, requisito.
Restringir, restringido, restricto.
Resolver, resolvido, resoluto.
Restringir, restringido, restricto. Veja observação a pag. 34.
Reter, retido, retenso.
Revolver, revolvido, revolto.

Rir, é irregular nas seguintes vozes:

Do INDICATIVO

PRESENTE

S. Rio, **ris**, **ri**. **P. 2.ª rides**, **3.ª riem**.

Do IMPERATIVO

Ri, **ria**. **P. Riamos**, **ride**, **riam**.

Do CONJUNCTIVO

PRESENTE

Ria, **rias**, **ria**. P. Riamos, riais, riam.

mper, rompido, rôto.

ber, é irregular nas seguintes vozes:

Do INDICATIVO

PRESENTE

1.ª Sei.

PRETERITO PERFEITO

Soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam.

PRETERITO MAIS QUE PERFEITO

Soubera, souberas, soubera, etc.

Do IMPERATIVO

Sabe, **saiba**. P. Saibamos, sabei, saibam.

Do CONJUNCTIVO

PRESENTE

S. Saiba, saibas, saiba, etc.

PRETERITO

S. Soubesse, soubesses, soubesse, etc.

FUTURO

S. Souber, souberes, souber, etc.

Safar, safado, safo.
Sair, conjuga-se como *Cair*.
Salvar, salvado, salvo.
Seccar, seccado, secco. Veja observação a pag. 25.
Segurar, segurado, seguro.
Sepultar, sepultado, sepulto.
Situar, situado, sito.
Sobreprehender, sobreprehendido, sobrepreso.
Soer, só se emprega nas vozes — *soe*, *soem* do presente do indicativo e nas do imperfeito do mesmo modo, *soia*, *soias*, etc.
Soltar, soltado, solto.
Submergir, submergido, submerso. Carece das vozes cujas terminações comecem por *a* ou *o*, e só usado n'aquellas em que a terminação começa por *i*. Veja observação a pag. 34.
Submetter, submettido, submisso.
Sujeitar, sujeitado, sujeito
Supprimir, supprimido, suppresso.
Surgir, surgido, surto. Veja observação a pag. 34.
Suspeitar, suspeitado, suspeito.
Suspender, suspendido, suspenso.
Tanger, tangido, tacto.
Tender, tendido, tenso, teso.
Ter, tido, teúdo.
Tingir, tingido, tincto. Veja observação a pag. 34.
Tolher, tolhido, tolheito.
Torcer, torcido, torto.
Trair, conjuga-se como *Cair*.

Trazer, é irregular nas seguintes vozes:

Do INDICATIVO

PRESENTE

S. 1.ª Trago, 3.ª traz.

PRETERITO PERFEITO

S. Trouxe, trouxeste, trouxe. P. Trouxemos, trouxestes, trouxeram.

PRETERITO MAIS QUE PERFEITO

S. Trouxera, trouxeras, trouxera, etc.

FUTURO [1]

S. Trarei, trarás, trará. P. Traremos, trareis, trarão.

Do CONDICIONAL

S. Traria [1], trarias, traria. P. Trariamos, trarieis, trariam.

Do CONJUNCTIVO

PRESENTE

S. Traga, tragas, traga. P. Tragamos, tragais, tragam.

PRETERITO

S. Trouxesse, trouxesses, trouxesse, etc.

FUTURO

S. Trouxer, trouxeres, trouxer, etc.

Trovejar, usado só nas 3.as pessoas.
Vagar, vagado, vago.

Ver, é irregular nas seguintes vozes:

Do INDICATIVO

PRESENTE

S. Vejo vês, vê. P. 2.a Vêdes, 3.a vêem.

PRETERITO PERFEITO

S. Vi, viste, viu. P. Vimos, vistes, viram.

---

[1] *As vozes d'estes* dois tempos são formas syncopadas das regulares — *trazerei, trazeria,* etc.

PRETERITO MAIS QUE PERFEITO

S. Vira, viras, vira. P. Viramos, vireis, viram.

Do IMPERATIVO

S. Vê, veja. P. Vejamos, vêde, vejam.

Do CONJUNCTIVO

PRESENTE

S. Veja, vejas, veja. Vejamos, vejais, vejam.

PRETERITO

S. Visse, visses, visse. P. Vissemos, visseis, vissem.

PARTICIPIO PERFEITO

Visto

Vir, é irregular nas seguintes vozes:

Do INDICATIVO

PRESENTE

S. Venho, vens, vem. P. 2.ª Vindes, vêem [1].

PRETERITO IMPERFEITO

S. Vinha, vinhas, vinha. P. Vinhamos, vinheis, vinham

PRETERITO PERFEITO

S. Vim, vieste, veio. P. Viemos, viestes, vieram.

PRETERITO MAIS QUE PERFEITO

S. Viera, vieras, viera, etc.

---

[1] Veja no Diccionario 1.ª Parte dos nossos estudos, o vocabulo Nas

Do IMPERATIVO

S. **Vem, venha.** P. **Venhamos,** vinde, **venham.**

Do CONJUNCTIVO

PRESENTE

S. **Venha,** venhas, venha. P. Venhamos, venhais, venham.

PRETERITO

S. **Viesse,** viesses, viesse, etc.

FUTURO

S. **Vier,** vieres, vier, etc.

PARTICIPIO IMPERFEITO E PERFEITO

Vindo [1]

Voltar, voltado } volto (antigo).
Volver, volvido }

Alem d'estes participios ha *arrepeso*, derivado de *arrepen-r*; *cozeito* de *cozer*; *despeso* de *despender*; *encolheito* de *encolher*; **quaes** só se encontram n'alguns classicos antigos apenas.

Outras observações aos participios

Não se pode estabelecer uma regra fixa que regule o em-**rego** dos participios irregulares; todavia é conveniente atten-**r** **ás** seguintes observações:

1.ª Na formação das vozes passivas não se usa o 1.º partici-**io** dos verbos *pagar*, *eleger*, *escrever*, *prender*, *abrir*, *cobrir*, ***rgir***, *imprimir*, *tingir*; e tambem o 2.º dos verbos, *absorver*, ***rromper***, *diffundir*, *excluir*, *infundir*, *submergir*.

2.ª Na formação dos tempos compostos activos não estão em **o** os participios irregulares dos verbos *attender*, *corromper*, ***cender***.

---

[1] Tambem se emprega com significação activa — *que veiu*.— N'este caso a forma feminina — *Vinda*.

3.ª Empregam-se como adjectivos e não entram na forma dos vozes passivas, nem na de tempos compostos activos participios *descalço*, *correcto*, *omisso*. *oppresso*.

4.ª São considerados perfeitos plebeismos, porque são u dos pelo vulgo, os participios *arrepeso*, em logar de — arrep dido; *nado*, por — nascido, e outros.

Muitos d'esses participios acham-se hoje substantivado por tanto são usados comos nomes, cuja significação se d procurar na radical do verbo de que elles são participios.

Assim *assumpto* deriva de *assumptum*, supino de *assumo* (mar, attribuir, arrogar); *colheito*, *colheita* de *collectum*, *su* de *colligo* (recolher); *confesso*, *confessus*, participio de *conf* (confessar); *rapto*, *raptum*, supino de *rapio* (arrebatar); *ta* *tactum*, supino de *tango* (tocar); *tincto*, *tincta*, de *tinctum*, pino de *tingo* (tingir) etc.

Formação dos verbos

Muitos verbos portuguezes podem formar-se por *composi* e por *derivação*: por composição, antepondo-lhes algum (*prefixos*[1]; e por *derivação*, tirando-os d'outros *verbos*, de *s* *stantivos* ou de *adjectivos*, empregando *suffixos*[1] verbaes. Des alguns exemplos de

Verbos formados por composição

Prefixos	Compostos	Prefixos	Compos
Ab	Absorver	In	Informar
Abs	Abster	Ob	Obtestar
Ad	Adornar	Per	Perverter
Ante	Antever	Por	Porfiar
Classi	Classificar	Pos	Pospor
Com	Compadecer	Pre	Preferir
Con	Confundir	Pro	Protrair
De	Decorar	Re	Redobrar
Des	Desfazer	Retro	Retroceder
Des e Com	Descompor	Sobre	Sobresair
Dis	Dispartir	Sub	Subdividir
En	Encantar	Sus	Suspeitar
Es	Escoar	Trans	Transpare
Ex	Expurgar	Tras	Trasbordar
Im	Impedir	Ultra	Ultrapassa

1 Veja-se este vocabulo na 1.ª Parte dos nossos estudos, o Diccionario.

emplos de alguns verbos formados por derivação empregando suffixos

POR DERIVAÇÃO D'OUTROS VERBOS

ɔs primitivos	Verbos derivados	Verbos primitivos	Verbos derivados
ɛr	beberricar	Escrever......	escrevinhar
ar	cantarolar	Exercer.......	exercitar
ar	choramingar	Fumar	fumegar
·er	choviscar	Saltar........	saltear
·ar	cravejar	Tremer.......	tremelicar
nir.......	dormitar	Voltar........	voltear

POR DERIVAÇÃO DE SUBSTANTIVOS

ɪbstantivos	Verbos derivados	Substantivos	Verbos derivados
ɔr	alvorecer	Mar	marear
r	bolorecer	Negocio	negociar
inho......	caminhar	Oleo	olear
ɔte	decotar	Pavão........	pavonear
ɔrço	esforçar	Queixa	queixar
ɪra	figurar	Roda.........	rodear
:a	gottejar	Som	soar
:nonia	harmonizar	Trabalho	trabalhar
....	irar	Uivo	uivar
m........	jejuar	Vigia	vigiar
:a	luctar	Zanga........	zangar-se

POR DERIVAÇÃO DE ADJECTIVOS

djectivos	Verbos derivados	Adjectivos	Verbos derivados
.rello	amarellecer	Manifesto.....	manifestar
ɾo	embravecer	Natural	naturalisar
rario	contrariar	Obvio	obviar
ɪlo	doudejar	Peor	peorar
ɛrto	espertar	Puro	purificar
o	falsear	Quedo........	quedar
ɾe........	gravitar	Real	realisar
il	habilitar	Solemne	solemnisar
ieto	inquietar	Taful	tafular
:o	juntar	Util..........	utilisar
ɾo........	lourejar	Vadio	vadiar

...tivos, abstractos, primitivos d
nutivos, verbaes, simples, con
communs de dois, sobre commu
monosyllabos, dissyllabos, trissy
singular ou no plural.

§ 1

Segundo convêem a uma só o
são: proprios ou patronimicos, c

EXEMPL

Deus, pae, Christo, cruz, hom
raizo, eden, anjo, demonio, fruct
ficio. Abel, filho, imagem, dilu
Moysés, Egypto, praga, legisla
guerra, David, propheta, rei, p
conquista, flor, traição, abelha, a
grito, Roma, ave, garra, Tejo,
gallo, hora, Paulo, visão, tigre, f
tro, França, janeiro, Miguel, Min
Musas, dança, fogo, vento, raio,
fragio, Cintra, Mondego, rio, an
Portugal, ambar, annel, bosque, li
nus, belleza, mez, Alvares, hora,
padre, espada, rua, reza, Asia, E
Henriques, Lagos, Lopes, navio,
Maria, mãe [2].

EXEMPLOS [1]

'amilia, virtude, povo, respeito, exercito, caridade, rebanho, obediencia, bando, honra, adversidade, ria, enxame, cardume, renque, matilha, ferocidade, lvura, mansidão, humildade, duzia, gritaria, triplo, alcatea, milheiro, metade, bibliotheca, quarteirão, prudencia, protecção, terço, pundonor, capricho, gosto, milhão, tropel, archipelago, correame, formi- ;earia, ingenuidade, contentamento, grosa, livraria, formosura, sensatez, vazilhame, teclado, receio, ravura, constancia, mocidade, juventude, boiada, urada, vingança, perdão, arrependimento, emenda,)ertinacia, louvor, firmeza, gloria, cambada, des- ı, ferocidade, intriga, quietude, partida, pudor, pejo, ıde, cartuchame.

§ 3.º

a origem e estructura podem ser primitivos, deri- baes, simples ou compostos.

EXEMPLOS [2]

ra, grito, eco, ar, leitor, alliança, escriptor, creação, sineta, arcada, novidade, sineiro, sanguesuga, lei- r, escriptura, feitoria, comedor, caminhante, diario, , nauta, bicada, vidraça, gyrasol, massador, che- a, fallador, vidro, leme, pé, bico, pontapé, portaria, ı, sacatrapos, vara, rapagão, contratempo, dia, na- .lhinho, valentão, sangue, pormenores, nova, sino, arco, vida, roedor, fidalgote, rapinante, animalejo, rada, tornozelo, beijinho, riacho, torcedura, tinteiro, rdigoto, mestraço, namoradeira, marmellada, tinta, confeiteiro, casacão, burrico, pranto, riso, cazinha, to, bofetão, bicharia, rua, livrinho, picoto, casa, o, mesa, lebracho, bicho, mocetão, fornalha, velhice, sobresalto, palavrão, alteração, passatempo, espa- ete, saiote, quintalejo, papelada, cartilha, logarejo, ento, condado, areal, correame, varapau, boqueirão, obresalto, malmequer, copazio, contratempo, papel, casamento, albardão, centopeia, queimadura, careta,

---

[1])rehendidos os collectivos geraes — determinados ou indetermi- collectivos partitivos — definitos ou indefinitos.

[2] prehendidos os augméntativos e os diminutivos, como derivados

... que se intrometem em s

Segundo o genero que lhe pertencem, seja pelo que rece vencional, podem os substant communs de dois, epicenos, pr

EXE

Homem, sacerdote, respeito, avó, poeta, rola, vespa, herva lampreia, cavallo, rã, sardinha, tropa, general, serra, ave, cys fructo, fructa, ladrão, cantor, ac amendoa, abelha, zangão, vacc padrinho, prophetiza, madrasta, fante, artifice, cantor, hypocrita bre, hyena, cegonha, pavão, m nha, vigia, testemunha, gallo, nha, princeza, pavão, carneiro, casca, hospede, quadrupede, tigr leia, tubarão, primavera, anno, i estio, semana, outomno, festa, s sciencia, victima, interprete, esp rosa, capellista, historia, mar, p trella, rã, phoca, lebre ...

EXEMPLOS [1]

Luz, riso, bondade, satisfação, descobrimento, lei, brio, valor, vicio, campina, delicto, Leonor, espingarda, flor, espectaculo, Pedro, caminho, Paulo, mar, servo, calculo, sabor, pessoa, Emilia, sal, graça, Martha, alfandega, despacho, rapaz, susto, côr, amigo, auctoridade, despeza, dôr, café, sal, agua, voz, arma, remedio, avental, Theophilo, Margarida, rua, symbolo, povo, lar, milha, legua, lampada, Israel, prova, campo, anonymo, freguez, pão, mãe, lettra, velhice, aspide, área, lingua, aria, vasilha, Luiza, titulo, Henrique, riqueza, perdão, batalha, modestia, exercito, assumpto, domestico, tulipa, vegetal, estame, raiz, pétala, cenaculo, dragão, mal, conde, guerra, Job, viveres, noite, fim, Victor, passageiro, responsabilidade, acto, trigo, rol, furia, pó.

§ 6.º

Segundo significarem uma ou mais pessoas ou cousas, assim estarão os substantivos no singular ou no plural.

EXEMPLOS [2]

Livros, escravos, coração, ardores, estrellas, orgão, plumagens, homens, reputações, voz, caracoes, capitão, estações, animal, castiçaes, taful, gorgeio, ramos, trabalhador, anil, fuzís, fructos, sementes, anneis, projectil, canhões, painel, crystaes, anzol, logares, cadaver, cores, região, irmão, arratel, dentes, zangão, discipulos, mestre, professor, sentinella, metros, ilhas, narizes, calix, paz, selvagens, raiz, metaes, vezes, vertigem, jardim, aptidão, folhas, juba, cauda, crina, cães, nozes, rã, manhãs, pão, larvas, insecto, chrysalidas, borboleta, valores, ovo, avô, avos, provisões, mar, cascaveis, rapazes, vôos, vãos, pé, pez, alferes, mulheres, homens, irmão, canção, real, funil, sons, cachopo, molhos, caracter, lençoes, pó, sol, cidadão, exequias.

§ 7.º

Se os nomes significam seres reaes (substancias) [3], dizem-se

---

1 As palavras *inteiras* tambem se denominam *graves* e as *esdruxulas*, *dactylicas*.

2 Os nomes que estão no singular passem-se para o plural e vice-versa.

3 A substancia é um ser que existe ou pode existir em si mesma (*in se*), isto é, sem ter necessidade de um appoio, de um *substratum*, de um outro ser a que seja applicado para existir. Ao contrario chama-se *accidente* um

phalanges, distincção, propheta
Musas, victoria, nervos, suspiros,
tristeza, figura, triumpho, astuc
pação, thesouro, excellencia, m
pintura, quadro, moldura, mol
justiça, fé, gaiardão, patrimo
viuvez.

Passem-se á forma feminina
gato, menino, filho, cidadão, bar
abegão, diacono, abbade, leitor,
xador, marquez, mestre, duque,
principe, propheta, rapaz, visco
reo, hospede, francez, hespanhol

N'estes exercicios se depara ao

---

ser que não pode existir só e indepen
gado. Assim a cor, o peso, a figura, são
cados a qualquer *cousa*. Ha duas cous
esphericos, cubicos, vermelhos, verdes,
a cor, o peso, etc., são *accidentes*. A
sem ter alguns accidentes, mas esses a
cer, ser substituidos por outros, sem que
quilada; assim um pedaço de madeira p
vermelho, de verde, de azul; ser cortad
cadeira, ou em forma de estatua; é sem

1 A designação de *concreto* mais pr
que se nomeiam os individuos com su
o *pobre*, o *rico*, o *sabio*, o *avarento*, a

obre varios assumptos, formando no espirito dos alum-
ias claras e precisas das cousas, e obrigando-os ao uso
ionarios, como livros de consulta indispensavel.

SECÇÃO II

Dos adjectivos e seus accidentes

jectivos podem ser:
minativos ou extensivos e qualificativos ou attributivos.
os comprehendem: os demonstractivos; os relativos
:ivos, os interrogativos; os quantitativos universaes
ubdividem em collectivos e distributivos; e os quanti-
artitivos que se subdividem em definitos ou numeraes,
ser — cardinaes ou ordinaes — e partitivos indefini-
possessivos; os pronominaes; e os articulares [1].
os comprehendem: os explicativos ou essenciaes e os
os ou accidentaes, podendo tambem elevar-se ao grau
tivo ou superlativo [2]; — e os derivados — patrios, gen-
verbaes.
ainda os adjectivos ser: uniformes, biformes e até
, e estar no singular ou no plural, devendo concordar
ro e em numero com aquelles substantivos, cuja signi-
odifiquem.

§ 1.º

lo forem ou não susceptiveis de graus de significação,
signaremos — qualificativos ou determinativos — os
s dos seguintes

EXEMPLOS

o, severo, alegre, quanto, curioso, este, fino, bom,
adavel, qual, esse, outro, duro, verde, mau, aquelle,
acil, feroz, nobre, novo, quatro, precioso, util, mesmo [3],
segundo, cada, tanto, natural, nosso, bello, teu, rico,
ujo, livre, veloz, algum, leve, sabio, vosso, aspero,
, amavel, ultimo, ambos, distincto, cinco, decimo, per-

ção III se trata dos articulares, com a denominação distincta de
os grammaticos geralmente lhe dão.
us de significação nos adjectivos são 3 — positivo, comparativo e

que sejam determinativos, e estes não admittam graus de signi-
contram-se no superlativo — mesmissimo, pouquissimo. Certissimo
vo de certo, empregado como qualificativo.

Este, qual. que? nenhum, qu
meu, tudo, tanto, esse, todo, e
aquelle, qual? dez, onze, terceiro
aquelle, ultimo, dois, aquillo, cen
tal. mais, aquell'outro, trinta, m
ambos, segundo, quatorze, cada,
um, mesmo[1], centesimo.

§ 3.º

Conhecer pelas definições do dic
ctivos explicativos e quaes os rest

EXEMPLC

Deus eterno, homem mortal, liv
tinta preta, tenra idade[2], calma
pesado, pão molle, gaz leve, ar
innocente, senilidade caduca, don
cido, tigre feroz, poeta mavioso, s
dito, leão bravo, cavallo fogoso, m
discipulo applicado, professor dili
circular. torre alta, toalha branca
dado cubico, ceo estrellado, vidro
ciosa, genio arrebatado. nuvem d

§ 4.º

Determinar o grau de significação a que foi elevado cada um dos adjectivos empregados nos seguintes

EXEMPLOS [1]

Bom, peior, maximo, branco, negro, valente, velhissimo, inferior, frio, tão abundante, melhor, temperado, pessimo, rapido, mais lento, mau, maior, regular, minimo, menos forte, grande, fraquissimo, harmonioso, optimo, menor, mais perfeito, muito regular, o menos diligente, doce, duro, tão secco, discordante, fidelissimo, muito penetrante, agradavel, acre, fortissimo, saboroso, menos rijo, mais polido, fiel, durissimo, tão solido, insipido, muito lindo, superior, magnificentissimo, liso, leal, menos cuidadoso, tão agudo, supremo, gentil, muito decente, exactissimo, infimo, alegre, summo, saborosissimo, cruel, facillimo, mais arriscado, perigoso, tão honesto, eloquentissimo, util, atroz, o mais distincto, muito contente, o menos querido.

§ 5.º

Conhecer quaes sejam os adjectivos patrios, quaes os gentilicos e quaes os verbaes nos seguintes

EXEMPLOS

Bejense, algarviense, portuguez, brazileiro, caminhante, fallador, elvense, italiano, amavel, lacobrigense, hespanhol, temivel, madrileno, russo, austriaco, ouvinte, beirão, lisbonense, sueco, amante, minhoto, serpense, inglez, grego, temente, nadador, bracarense, aceitavel, turco, albanez, gracejador, respeitavel, portuense, indio, africano, repressor, escrevente, viziense, oceanico, covilhanense, europeu, gastador, americano, parisiense, dinamarquez, suisso, setubalense, portalegrense, denunciante, pedinte, montenegrino, laponio, japonez, marroquino, conquistador, algeriano, macaense, damasceno, maledicente, leiriense, reinante, enganador, allemão, prussiano, viajante, calumniador, perseguidor, assistente, belga.

§ 6.º

Classifiquem-se segundo as formas que tiverem, e indi-

---

[1] Faça passar pelos 3 differentes graus os adjectivos que d'isso forem susceptiveis. O superlativo póde ser *absoluto* ou *relativo*.

grandes, espaçoso, firmes, diligen
gemeo, valentes, fertil, important
util, necessario, bons, natural, q
dinaes, intercalar, pessoal, excell

§ 7.º

Faça concordar em genero e em
seguintes

EXEMPL(

Substantivos	
Homem, cão, mulher, flor, historia, menina, casa, cavallo, palavras, abelhas, fructa, jardins, nomes, creatura, olhos, cousas, ave, oração, pontos, região.	fe ç(tr re gı di

Os adjectivos determinativos pr

Este, todo, esse, nenhum, aquelle, algum, o mesmo, pouco, muito, o qual, que, mais, menos, tal, cada, meu, teu, seu,	po sa na

adjectivos qualificativos precedem, ás vezes, os substan-

ste, desgraçado, boa, louco, novo, falso, breve, melhor, longa, lindo, nioso, abundante, insup- 'el, celebre, excellente, medonho, constante, nal, formosa, feio.	Região, paiz, fructo, quinta, paixão, mal, noticia, tempo, obra, intenção, discurso, creança, orchestra, colheita, fadiga, nauta, piloto, relva, tempestade, affecto, carinho, quadro, acção.

SECÇÃO III

Dos artigos e seus accidentes

§ unico

ırtigos podem ser:
nitos ou indefinitos, simples, e compostos ou contraídos
lguma preposição [1].

EXEMPLOS

ia, a hora, os mezes, as semanas, o culto á Divindade, o iasmo da liberdade, a pureza do ar, a variedade das ens, a excellencia das producções, os accidentes da na-, a belleza do firmamento, um livro qualquer, uns ho- uma pessoa, umas pedras, a bibliotheca do convento, o las minas, os padres da igreja, um navio dos Estados-s, uma esquadra no Atlantico, em direcção ao Sul, um o pela praça, direito á rua do Norte, constante nos seus iitos, estimado pelo seu merito, no anno da salvação ia, pela cruz do Redemptor, attento aos conselhos, d'um ra outro, arriscado nas emprezas, ás apalpadellas, pelos ãos dos conselheiros, pelas razões expostas, na minha o, n'umas sentenças, por uma bagatella, no dia da festa pirito Santo, os discursos dos deputados da camara, as ças do juiz no tribunal, a resposta do ministro das obras as ás petições das senhoras, uns bentinhos, umas veneras quer, as conchas usadas pelos romeiros do apostolo, ao le muitos annos, ás direitas e ás vessas, n'um dia da rera, todo o, toda a, todos os, todas as, o mesmo, a mesma, smos, as mesmas.

[1] a em nosso Diccionario — *Artigo, Contracção*.

2.º Que podem ter — forma
no singular ou no plural: e ser
e compostos (com outro pronc

§

Conhecidas as respectivas c
1.º grupo, discriminando-os nos

EXEMI

Eu, elle, tu, aquelle, isso, tu
nosso, esse, isto, qual, que, aquill
todo, algum, nada, se, alguem, c
nenhum, tanto, um, quanto, o n
pouco, que?, o mais, o, fulano, si

§ 2.º

Denominem-se os do 2.º grupo
pectivos accidentes que soffreram
seguintes

EXEMPLO:

Nós, vós, ellas, sigo, me, vosco
nossos, nosco, tigo, lhes, os, ella, t
seus, as, vos, quantas, os mais, os
bastantes ...

SECÇÃO V

Dos participios e seus accidentes

Nos participios distinguem-se duas especies:

Do presente (imperfeito ou activo), e do preterito (perfeito ou passivo) podendo este ser — composto ou duplo e susceptivel de variações de forma e de numero.

§ unico

Indiquem-se as especies de participios, e os accidentes que soffreram os que são dados nos seguintes

EXEMPLOS

Louvando, devido, applaudidas, louvado, applaudindo, devidas, correctas, fazendo, sabido, louvadas, devendo, corrigindo, feitas, trazendo, fritas, visto, dando, disperso, dizendo, dados, vistas, defendidos, dito. dividindo, indo, vindo, eleito, querendo, expulsas, traindo, atraiçoado, ganhando, elegendo, corrupto, corrompido, cultivadas, gastos, ignorando, lendo, isentos, gastando, instruindo, juntas, juntando, limpos, livre, murchas, nascendo, apparecido, pesando, occultos, omissas, pervertendo, posto, pondo, postas, podendo, postos, possuindo, rompendo, imprimindo, roto, impressas, carecendo, acariciando, tendo sabido, submergindo, tendo mandado, supprimido, retirando, havendo requerido, trazendo, tendo ou havendo submettido, viajando, vendo, escriptos, comendo, cantando, falladas, morando, despedindo.

SECÇÃO VI

Do verbo e seus accidentes

O verbo pode ser: substantivo e adjectivo.

O 1.º tambem se chama abstracto ou absoluto e, em certos casos, auxiliar.

O 2.º, a que tambem chamam attributivo ou concreto, pode ser:

Transitivo, intransitivo, activo, relativo, activo-relativo, reflexo, pronominal, reciproco, auxiliar, regular, irregular, anomalo ou anormal, defectivo, unipessoal ou impessoal, inchoativo e frequentativo [1].

---

[1] Como qualquer outra palavra, podem os verbos ser tambem *simples* ou *compostos*, primitivos ou derivados.

Deus é grande, quem foi o
José era filho de Jacob, ao
são innumeraveis, está quie
fumo ha fogo, a rosa pode ser
põe ovos, tenho medo, porq
agua bebe-a quem tem sede,
intelligencia, o rosto compõe
felizes, a rico não devas, a p
seja mudo? não, sê discreto, q
não faças mal porque o vens a

§

Distinguir o verbo transitivo

EXEM

A inveja combate[1] a elevaçã
mez, as ovelhas balam, tremia
nos estudam[2], os ceos narram a
dão sombra, os reptís andam de
do Senhor[3], existe a liberdade, o
deve auxiliar a natureza, os cava
cede o sol, os mortaes dormem, o
didas, os peixes nadam, as aves
gios, o globo ...

os leões rugem, o despota arma o braço do prudente, porco e elle grunhia, o orgão toca, os sacerdotes ıa, o juiz condemnou o reo, toda a primavera ouvi-xinoes cantarem, amemos a verdade.

§ 3.º

ir o verbo activo do verbo relativo e do verbo acti-, dando a respectiva denominação a cada um dos ꞉ncionados nos seguintes

EXEMPLOS

ıir, prometter, louvar, dizer, vir, offerecer [1], ir, de-r, contar, referir, requerer, ver, ouvir, transportar, 'ar, acompanhar, acudir, dirigir, attender, invejar, ıorar, desembarcar, consentir, censurar, advertir, ꞉nsinar, prover, recusar, partir [3], fornecer, retirar, servir, chegar, levar, lutar, presidir, acceitar, com-ıntar, repetir, fugir, guarnecer, começar, assegurar, ıltivar, encalhar, aproveitar.

§ 4.º

qual seja o verbo reflexo, pronominal, reciproco, e ꞉ntre os que vão empregados nas seguintes phrases e

EXEMPLOS

aproveitas-te, auxiliemo-nos, tens visto, foram per-sqneceram-se, davam-se mutuos parabens, havias ·ompadece-te d'elle, foi ferido, tu os has visto, têem ıaram-se sem se conhecerem, são devidos, lembras-applaudidos, conservemo-nos amigos, tinham sido haveis conquistado, vamo-nos? carteavam-se ha-

---

os formarão phrases completas sub-entendendo os complemen-:es á significação de cada verbo, servindo-se dos termos gene-*n, alguma cousa,* v. g.: *offerecer alguma cousa,* ou *offere-:ousa a alguem*, d'onde concluirão que este verbo pode ser *:vo-relativo.*

:rbos que são activo-relativos, podem ser empregados simples-activos; pode alguem dizer que *deve cem mil réis* e não de-*os deve.*

inação exigida depende da accepção em que o verbo estiver *partir* de um ponto qualquer, na accepção de *sair,* é *rela-*algum objecto, na accepção de *quebrar,* é *activo*. Pode ainda ıpregar-se intransitivamente, v. g.: *Pedro já partiu;* i. é: *aminho*. Esta doutrina é applicavel a muitos verbos.

via amos, correspondam-se, deixem-se d'isso; tinham vindo, não vos entendeis, convem-me, faz-me arranjo, ando vendo, somos obrigados, vinha cantando, aborreço-me d'esta vida, não te vás, consolai-vos, vá ouvindo, não se consumam, apartar-se, serás informado, entrou a dançar, irás soffrendo, vireis applaudir, estou lendo, estava a partir, congratulo-me com V. Ex.ª[1].

§ 5.º

Conhecer que verbos são regulares, irregulares, defectivos e unipessoaes, nas seguintes phrases e

EXEMPLOS [2]

Mandar, entender, opprimir, saber, munir, constar, haver, pôr, sentir, diz-se, far-se-á[3], caminhar, pedir, ser, nevar, andar, consistir, dir-nos-ão, estar, ter, ir, compôr, attender, dar, vir, trazer, trovejar, pezar (ter sentimento), prazer, ver-se-ia, voar, appoiar, jazer, crer, abraçar, servir, cobrir, negociar, pedir, marcar, medir, pagar, repellir, competir, circumcidar, requerer, valer, obviar, soar, eleger, difficultar, dormir, vencer, sumir, tingir, conduzir, morrer, escrevem-se cousas!... falla-se n'isso, consta-nos, diga-se, negue-se, mata-se, informem, estimar, concluir, trair, prever, passeiar, continuar, repetir, sobresair.

§ 6.º

Distinguir os verbos inchoativos dos verbos frequentativos nos seguintes

EXEMPLOS [4]

Alvorecer, saltear, espicaçar, embravecer, bolorecer, doidejar, enfraquecer, dormitar, adormecer, amadurecer, fraquear, exercitar, esmorecer, barbear, bafejar, fenecer, adoecer, passeiar, choramingar, embarbecer, aquecer, choviscar, amolecer, forcejar, branquear, emmurchecer, cravejar, exercitar, enraivecer, voltear, boquejar, entorpecer, escrevinhar, estremecer, revericar, caminhar, amortecer, espezinhar, entristecer, etc.

---

[1] Veja abreviaturas na 1.ª Parte dos nossos estudos — *Definições.*

[2] Veja observações e exemplos impressos n'esta Parte dos nossos estudos — *Conjugações.*

[3] Veja *Tmese* na dita 1.ª Parte (Diccionario).

[4] Derivando os verbos dados para exemplos, de substantivos, de adjectivos e de outros verbos, veja-se a derivação de cada um d'elles.

§ 7.º

radical da terminação, e dizer em que pessoa, nu-
, modo e voz se acham as linguagens empregadas
s phrases e

EXEMPLOS [1]

vemos, applaudiremos, faze, direi, trouxerdes, são
reis perdoados, partilhando, dardes, sentenceiem,
seis, foram conduzidos, compararieis, facilitado,
segue, deixai, não tragas, traze, repetistes, pediste,
s dispensados, calem-se, fugirias, foste absolvido,
bençoado sejas, contar-vos-ão, ferimo-nos, despe-
lhe, tenha paciencia, referi-vos, lêde, crê, foi as-
ssignastes? assignamos, puz.

§ 8.º

elas definições do diccionario (1.ª Parte) o que se-
ns periphrasticas ou de significação começada e
nas phrases dos seguintes

EXEMPLOS

um dia, deixou de cumprir, esteve para succumbir,
ever, andava aprendendo, começou a chover, teve
mos de resuscitar, ha de haver outra vida, acabou
-se, tornemos a porfiar, tereis de repetir, andais
sponde-vos a partir, havias de saber, não tens de
-te, veiu a ser nosso amigo, teriamos de conten-
a-te de esperar, mortificava-se de ver, expirou a
nta-se de ouvir, haveis de dançar, tivemos de fu-
-se de tocar.

§ 9.º

ncorda com o sujeito em numero e pessoa, o que
s seguintes

---

as raizes de formação dos differentes tempos dos verbos
nplos; qual seja a lettra figurativa e a vogal penultima de
Consultem-se estes termos em nosso Diccionario.

EXEMPLOS

Eu fallo; tu cantas; elle lê; ella borda; nós escrev tocaes; elles vêem; ellas vão; as lettras alimentam liberalidade multiplica as vantagens da riqueza; sen passado, não ha verdadeiro patriotismo; amai voss mais que a vós mesmos; vossa patria mais que a vo lia; o genero humano mais que a vossa patria; a pa o cultivador, até sobre aridos rochedos; a guerra o c e o destroe, até no meio de uberrimas campinas; f vestir dignamente um pensamento é muito mais di concebel-o[1]; bem não pensa, quem não contrapensa; confiança não se perdem senão uma vez; um e outro lentes professores; quem tudo quer tudo perde; ha per mais faceis de prevenir, que de reparar; as persegu maus honram o homem de bem; nem um nem outro para nada; a gente do povo é geralmente fraca e c condição; é mais para temer um exercito de ovelha têem por chefe um leão, que um de leões se os capita ovelha; tudo está perdido, quando os maus servem de e os bons de riso; é mais facil subir a um posto en delicado, que permanecer n'elle; aquella é a cavall moiros que vieram a seu chamado; a maior parte d da grammatica portugueza são as mesmas de que usa matica latina; dentro em pouco estavam em Rom quantidade de porcelanas de toda a sorte; a fabula é lecção de allegorias que commummente representam taphysicos personalisados; a desgraça não deshon aquelles que a têem merecido; ha occasiões em que o vê melhor que os olhos; a industria e a graça tudo ve

2.º GRUPO

Palavras invariaveis

N'esta collecção de palavras acham-se comprehendi preposição, o adverbio e a conjuncção (analyticas to como as seis de que já tratamos), e — a interjeição synthetica.

Umas e outras podem ser: simples, ou compostas; n timo caso, denominam-se *locuções* — prepositivas, adv conjunctivas e interjectivas, e tambem — *circumloquio*

---

[1] Veja *Syllepse*, *Concordancia* — (1.ª Parte).

SECÇÃO I

Das palavras invariaveis analyticas-compostas ou locuções e das analyticas-simples

§ 1.º

s **preposições** ou as locuções prepositivas exprimem a re-
o de algum dos seguintes complementos: predicativo, res-
ivo, terminativo, circumstancial — de modo, de duração ou
o, de principio ou parte d'onde, de companhia, de logar,
usa, de materia, de preço, de louvor ou vituperio, de dis-
a, de instrumento, de meio e de causa efficiente.

signar a relação de complemento indicada por cada uma
preposições ou locuções prepositivas empregadas nas se-
es phrases ou

EXEMPLOS

João I de boa memoria; a litteratura de um povo; chega-te
bons; toda a sabedoria vem de Deus, e com elle esteve
re, e está antes de todos os seculos; tem todo o teu pen-
nto nos preceitos do Senhor; a sabedoria facilmente é
por aquelles que a amam e achada pelos [1] que a buscam.
se antecipa aos [1] que a cobiçam de tal sorte que se lhes
eia primeiro [2]; é o clarão da [1] luz eterna, o espelho sem
a da Magestade Divina e a imagem da sua bondade; é
arada com a luz; a ella succede a noite; o homem nasceu
trabalhar, como o passaro para voar; o preguiçoso não
trabalhar por causa do frio, mendigará no verão; ai dos
e extraviaram pelas veredas corrompidas; humilha-te em
s as cousas e acharás graça diante de Deus; não trates
o servo, que trabalha com fidelidade, nem o mercenario
odo se dá a servir-te, e não o deixes cair em pobreza; não
s o varão pela sua gentileza, nem desprezes o homem
seu exterior; pequena é a abelha entre os animaes volateis,
tudo logra o seu fructo a primazia da doçura; o que honra

---

ela no Diccionario (1.ª Parte do nosso estudo), *Artigo — Contracção*.
io nos esqueçamos de que não tem ainda o alumno as noções indis-
eis para conhecer nem sujeito, nem attributo, nem outras partes da
ainda por tratar; não deve pois precipitar-se o ensino nem as exi-
s, que devem ser accommodadas ás habilitações de cada um; se as ora-
do mais substanciaes n'estes exemplos, não quer isso dizer que vamos
das forças do respondente: ajudemos-lhe a reflexão, mas não lhe exi-
, por emquanto, uma analyse rigorosa de todas as palavras, para que
stá habilitado.

partecipante d'ella; o hon
rico sem caridade é uma
abriga; as chammas da ca
uma taça de prata vendida
dece na adversidade, como
4 leguas de Lisboa; fui con
em Paris 20 dias; passamos

O adverbio ou as locuções
De affirmação, de compara
exclusão, de logar, de modo
dade, de quantidade, de temp
Denominar a especie a que
ou cada uma das locuções e
ou

EXE

Effectivamente é elle, era p
vez diga, apenas dorme 5 ho
mintas, depois veremos, cumpr
retira-te, ámanhã virás, sinto
pode, primeiro está a verdade,
foi mal desempenhado, onde es
do Tejo, não tem senão dez, aca
eis ahi una resposta, que melh
o frade usa assim ...

ɔje em diante começa vida nova, trabalhava ás escon-
da ás apalpadellas, sobre maneira arriscados, ante-
ɔi sabbado, falla a torto e a direito, é assaz eloquente,
ɪ leguas pouco mais ou menos, parou em continente,
bora, inda agora chega, a calumnia é sempre a arma
osos, quem dá muito acanhadamente obriga pouco,
pouco magnificamente obriga muito, aqui tem a expli-
· menor, não a fiz por alto.

§ 3.º

ıncção ou as locuções conjunctivas podem ser:
ıativas, (i. é: copulativas, continuativas, disjunctivas,
vas, correlativas ou comparativas, explicativas, con-
e subordinativas (i. é: condiccionaes, concessivas, ou
ıs, causaes, circumstanciaes, integrantes, dubitativas).
inar a especie a que pertence cada uma das conjunc-
cada uma das locuções empregadas nas seguintes
u

EXEMPLOS

ɜ e ventos, titulos inchados não dão descanço nem
ɜ somno; um dos maiores males que se pode fazer a
, é ou desenganar, ou encurtar, ou affrouxar as espe-
s homens, porque é tirar-lhes o principal cabedal de
stentam; o homem é inconstante nas suas resoluções,
ıma cousa, já outra; o tempo vai desigual, ora está
está quente; condemnou-o como juiz, como testemu-
vel-o-ia; Jesus Christo emquanto Deus é impassivel,
ı homem soffreu a morte por nós; os pontos cardinaes
saber; Norte, Sul, Leste e Oeste; sabido, pois, que
vencedor, segue-se, etc.; digo, portanto, que com diffi-
ɔonsegui escapar; deve-se amar o que é amavel; ora
mavel, logo deve ser amado; o amor e a amizade ver-
ıão na bonança, mas na adversidade se conhece; o
que não é avarento, serve-se do dinheiro; porem o
(ou o avarento porem) em logar de servir-se d'elle,
elle; tudo o que podiamos haver mister, tinha Jesus
enão (excepto) fazenda e terra; não é facil conhecer
ɔ os aduladores e quaes os amigos deveras; todavia
ɜsim ou comtudo) se conhecem uns dos outros nas
des; quem não tem gosto da vida, ainda que do mundo
ja, que tem? mais vale aqui a pequena geira, a pobre
ıue, ó Arabia, ó India, os teus thesouros; se a justiça
uba, se a verdade se deturpa; nenhuma sciencia se
fundamente, senão em escolas, onde a conferencia e
põem esporas e avivam os engenhos; fazei penitencia

d'aquella quinta vale muito n
mens sem tino valem menos
d'este negocio causou-me pra
ria a minha pena, se elle fic
terra, não sendo lavrada cria
não sendo exercitada na virtu
mentos: aquelles homens qu
morram, que importa, se viver
partem ámanhã; lembro-vos q
será meu filho; não tenho tic
me tem sido sensivel a ausenc
não que estivesse enfadado, r
tracção.

SEC

Da int

§ u

Assim como uma mesma pa
ficações, segundo é pronuncia
bem uma mesma interjeição,
em que é proferida, serve de e
dor, de alegria, de indignação,
Estas explosões da voz ou
mimos os varios affectos de n

dinha! adeus! faça alto! saude! vá com Deus! d'aqui p'ra
ra! rode! saia! nem pio! tenha animo! ora essa! não está má!
m effeito! realmente! safa! t'arrenego! Jesus me valha!
reda! cruzes! Virgem Santissima! misericordia, Senhor!
edo! psiu! olhe! fogo! caspité! irra! ápage! nunca mais! era
que faltava! pois não! ha de ser servido! que traste! ora
eus! isso sim! com que então!... tal qual! mau! vadè rètro!
m! com certeza! basta! é caso! coisas suas! ora! silencio!
ão! o quê! que diz!... pode lá ser! é possivel! qual historia!
rivel! appoiado! ávante! coragem! ah que d'el-rei! ou aqui
-rei! assim eu seja feliz! valha-me Deus! apre! bofé! assim
is me ajude!

Exercicios transitorios

MONOSYLLABOS QUE PODEM SER DICTADOS

Ensaios de composição

ar bom não faz mal. Quiz ver o mar e lá foi ter. És tal,
foi teu pae. Tu vais ser rei. Teu pae não é mau. O fel
é tão bom que o mel. Por fim has de rir. Não faz mal
i quer bem. Fui vil se, em vez do bem, só fiz o mal. Faz
er o reo. Eu sei lá quem foi! Pão com mel é mais que
A lei quer a paz e não a ha. A luz vem do sol. Não vai
já o sei. Ha dor no pé e na mão. A luz faz a côr. O sal
do mar. A mãe não é sã, já deu tres ais. Job foi bom. Já
im pé de boi? Eu já vi mas foi cal e grés. Diz-se que ha
le grão, e luz de gaz. A flor de liz não quiz mais ser bem
eis. Que mez tão mau!... A cruz faz-se com dois paus.
dó da rã que só tem sol. Eu já li que um par de rãs quiz
ei e foi de pau. Ha mal que vem por bem. Dá e dar-
. Um, dois, tres, seis e dez não dão mil, quer-se mais.
fé em Deus. A dor não se vê. Um par de cães, qual mais
Que boa lã! Vai ver teu pae. O rio vai ter ao mar, lá
a foz. Que luz tão má! É um rei que não quer a paz, que
vê a lei, que não tem fé na grei. Tal não fiz, não puz lá
pés. Vi que foi bom. A ré não é boa. Já fui ver seis pás
au. Vou á ré por ter mais ar. Mau é o vil. Braz não é
Gil faz bem a seus paes. Não sei o que Vaz diz, nem o
rê. Pae do céo, vê a dor que vai por cá. O ar não faz
ao mar. A flor dá-se bem ao ar. A sé tem boa luz, mas o
io é bom. Vir do mar com dor nos rins. Qual é a rez que
lois pés? A nau tem mil pés. O vão da nau traz dez mil
com breu. O pez tem a cor do breu. Que diz o Sá ao
do teu lar? O sul se vem do mar não é tão bom. O mal é

o bem á tez vem. Não se diz que a cor da lã é tal, sem a ver. Viu e leu no ceo o mal que lhe veio. O til não deu tal som aos [illegible]. De tres a dez vão seis e mais um. Que bom é o seu chá!

DISSYLLABOS QUE PODEM SER DICTADOS

Ensaios de composição

A terra é curva, um homem a andar uma legua por hora, dia e noite, gasta um anno e dez dias em fazer o giro todo á roda d'ella. Como é mister passar umas vezes sobre a terra outras pelo mar, não é facil marchar em linha recta; por mar gastam-se dois e tres annos em dar a volta, por que não pode deixar de haver longos rodeios por causa dos ventos varios. A terra gira no ar como uma bola, sobre a qual pousam aves em todos os pontos; e não só gira sobre si mesma em um dia, mas anda em roda do sol, com seus giros de cada dia pelo tempo de um anno. A terra tem uma massa rija [1] cujas tres quartas partes ou pouco menos estão cheias de agua do mar. Cobre todo o globo uma capa de ar tão densa, como cerca de seis vezes dez mil metros. Tem-se visto que o calor cresce tanto mais quanto mais se cava para o fundo do solo, o que tem feito pensar a alguns sabios que o centro do globo está em fusão, sendo esta crosta sobre que nós vamos indo ha tantos lustros, uma tenue codea fria. Bem que a terra seja curva em geral, é um pouco chata nos dois polos do eixo em redor do qual gira. Suppõem-se sobre a face da terra grandes curvas, que vêem todas passar pelos polos; uma outra grande curva corta estas e passa pelo centro do globo, de modo que dista o mesmo tanto do polo norte, como do sul e ainda outras duas curvas como esta passam entre ella e cada um dos polos. estas linhas traçam curvas menos longas que a do centro; mas todas estas curvas devem medir tres centos e mais seis vezes dez graus.

---

[1] De proposito se [illegible] alguns termos proprios para só empregarmos [illegible] lembrará o termo adequado; aqui por exemplo: [illegible].

[illegible] harmonizar-se quanto possivel com o programma res[illegible] conhecidas dos alumnos, ou cuja significa[illegible] explicar a seus discipulos, diligen[illegible] o sentido do que lêem ou escrevem e attendam. [illegible] contêem conhecimentos uteis, conselhos prati[illegible] ao nivel da intelligencia que se vai desenvolvendo. [illegible] tiverem escripto ou lido, pelas mesmas ou [illegible] ideias equivalentes, embora em resumo, [illegible] defeitos de exposição.

[illegible] exercicios e nos seguintes noções e conselhos uteis, [illegible]; em geral assumptos que possam servir ao [illegible] sobre mui variados conhecimentos.

saber que ha estes quatro pontos—*norte*, *sul*, *leste*, e leste é o ponto onde o sol nasce, o oeste esse onde elle ; o sul dista tanto do ponto onde o sol nasce como do ndé se põe; o norte está em frente do sul; quando se ıra o sol ao meio dia temos o leste e o oeste aos lados; ı frente e o norte pelas costas.

TRISYLLABOS QUE PODEM SER DICTADOS

Ensaios de composição

ıontanhas seguem-se umas ás outras e formam cadeias; cipaes são: os *Alpes* que separam a Italia da França; *neos* entre a França e a Hespanha; os *Carpathos* entre ıia e a Hungria; os montes *Uraes* que separam a Europa a; o *Caucaso* entre o mar Negro e o mar Caspio; os *Altai* entre a Siberia e a Tartaria; o *Himalaia* ao norte ia; o *Atlas* ao norte da Africa e emfim os *Andes* que em a America do sul ao norte. O monte *Branco* nos ; a mais alta montanha da Europa; eleva-se a quatro) centos metros acima do mar. A mais alta montanha nos Andes é o Sorata de sete mil sete centos metros. ıalaia encontram-se montanhas que medem na sua altura sete mil oito centos e vinte metros. Do pé das has correm fontes cujas aguas se reunem formando re- A reunião d'aquelles regatos formam ribeiras. Se uma notavel conduzir suas aguas para o mar, tomará o nome Os rios mais notaveis da Europa são: o *Danubio* que ı no mar Negro, depois de haver corrido por muitos ; o *Volga* que percorre a Russia até desaguar no mar o *Ganges* e o *Indo* que correm do Himalaia; o *Tigre* e ırates que saem do Caucaso e se reunem antes de se no golpho persico. Na Africa o *Nilo*, o *Niger*, o Zaire go. Os rios que percorrem a America são ainda mais s pela extensão do seu curso e pelas vastas planicies) regando. A Asia é mais extensa que a Europa, começa ı norte e alcança até ao equador; está n'esta parte do a Siberia, extenso deserto que o gelo e as neves cobrem : nove ou dez mezes do anno. Na Asia encontram-se ı, leões, tigres, serpentes e outros animaes; as tamaras, so e outros productos têem sua origem na Arabia, na na China; tambem se encontram pedras famosas; as pescam-se nos seus mares.

POLYSYLLABOS QUE PODEM SER DICTADOS

Ensaios de composição

As palavras dizem-se *agudas*, *inteiras*, ou *esdruxulas* conforme a collocação do ultimo accento *predominante*.

O professor exigirá a classificação indicada fazendo copiar em grupos distinctos as seguintes palavras:

Paguei vinte oculos; comi nove tamaras; venci esses obstaculos; corta dez arvores; Mertola é velha; terreno assaz humido; cem leguas kilometricas; atravessou sete seculos aquella magestosa cupula; senhor conego Henrique; deixámos Africa meridional; fomos ver America; Alvaro foi ingrato; Lucifer ainda peior; não faças cocegas; desconheço merito real; uma só receita; recitarão maximas moraes; vendi pecegos verdes; não teve duvida; novo codigo portuguez; compoz essas satyras; quebrou quatro perolas; vai traçando circulos; esta camara liberal; tonicos para estomagos; tinham solida instrucção, habitos regulares, espiritos sollicitos, caridade evangelica; sulcando asperos mares, ora liquidos, ora congelados, entre relampagos medonhos; ultimas lagrimas, celebres medicos, principe real, hospede illustre, magnifica polvora; altas pyramides, riquissimo predio; sabbado não saias; pedra marmore; corações benignos; cuidado maternal; politica ronceira; angulo agudo, recto, obtuso; polygono regular; é licito pensar; Telemaco, Jupiter, Hercules não valem Archimedes, Socrates, Seneca ou Aristoteles; celebre orador foi Cicero, maior dizem fora Demostenes; praias maritimas, arenosas, banhadas pelo Atlantico; prefiro a pratica á theoria; isto não admitte replica; um prologo original; tanta dor n'este musculo; museu nacional; anaphora, hypallage, paraphrase são tres figuras de rhetorica; li uma decima camoniana; eram leis canonicas; já não é chrysallida; chronica real escripta; muito povo idolatra sem critica nem sciencia; numero impar; lugubres masmorras; symbolos significativos; judeu myope; tenues moleculas; enigmas decifrados; barbaros costumes; colera asiatica; phosphoros já queimados; lampada ardente; luz brilhante; real fabrica peninsular com muitos socios.

Os *accentos* influem na pronunciação das syllabas ou das palavras e podem ser vogaes ou prosodicos.

A *acepção* influe na escolha dos complementos, directos ou indirectos, que se devem juntar ás palavras de significação transitiva.

A accepção pode ser natural ou propria e figurada.

As palavras podem ser empregadas em sentido proprio, translado, natural ou figurado. Note-se que ha differença entre sentido proprio e termos proprios e propriedade dos termos, expressão ainda mais complexa.

As palavras variaveis soffrem diversos accidentes, flexões ou formas; e podem ter accessorios de varias especies, — orações incidentes, appostos, epithetos, etc.

Exercite-se o estudante nos seguintes

EXEMPLOS [1]

As acções são mais sinceras que as palavras; a unica acção da vida humana que attinge sempre o seu fim, é o cumprimento do dever; eram quatro horas da tarde quando começou a acção e ás oito ainda a victoria estava indecisa; no dia seguinte é que se resou missa em acção de graças. Victoria é o nome de minha prima. Ainda não pude responder á sua carta; salvou a nau e responde-lhe o castello; se me provocam não respondo por mim. Faça o que lhe mando e não responda; palavras de muita discrição que respondiam com a fama que d'elle haviamos. No anno de 1542 que responde ao justo com os 23 de sua edade; e assim respondeu com boas obras ás do bemfeitor. Estavam expostos ao rigor do inverno; os geometras provam e demonstram tudo com o rigor mathematico; não castigues com demasiado rigor. Quando o rio não faz ruido, ou não leva agua ou vai crescido; têem-se gasto rios de dinheiro; d'este terreiro (de Lisboa) correm perpetuos rios de trigo, centeio, cevada, legumes; o rio Minho dá seu nome á provincia portugueza que fica mais ao Norte; pallido, magro e descorado chorava rios de lagrimas. O dinheiro é nervo do poder; sentia fortes contracções dos nervos; tem a eloquencia nervo e força para mover; os nervos, orgãos geraes das sensações, contam-se aos pares. Anteciparam-se este anno as chuvas; Agrippina, mulher de Claudio, 4.º imperador romano, sabendo que seu marido mandára que a matassem como a Messalina, sua antecessora, antecipou-se-lhe fazendo-o envenenar por Locusta, célebre envenenadora romana; Cliton, que era um grande comilão, antecipava as horas do jantar; o filho prodigo antecipou a herança que logo dissipou em vicios e larguezas. Os cardeaes, principes da egreja e exemplares de humildade, usam no assento almofadas de veludo carmezim; a cabeça é assento da razão; os deputados, que são os representantes da nação têem seu assento em côrtes; A. Herculano, o grande historiador por-

[1] Veja — *Metaphora* em nosso Diccionario, consultem-se ahi os outros termos referidos.

tuguez, por fim fez assento em sua quinta de Valle de Lobos. Lisboa, a mais formosa cidade da peninsula hispanica, é assento e côrte dos reis de Portugal; os senadores ou pares do reino devem ser homens de assento, ha de ver-se-lhes no rosto uma serenidade e assento de animos circumspectos; foram escripturadas todas as verbas nos livros de assentos de receita e despeza; é um vinho que deixa muito assento; quando lê os nomes faz o assento onde o não deve fazer. Aos cegos fez ver e aos que tinham vista cegou; quantas vezes o ouro cega os juizes e as consciencias; Deus cega a razão d'aquelles a quem quer perder; o sol cega as estrellas; ... e assim cegaram a artilheria para que a povoação não recebesse damno; o tempo cegara as lettras da inscripção; cegaram a inveja com o esplendor dos seus feitos. Castilho, o afamado poeta, era cego; em terra de cegos o torto é rei; cego de ciumes e de ira fez desatinos: teme teus erros, mocidade cega; os mancebos escolhem de ordinario seus amigos ás cegas; se por acaso fazem má escolha, entregam-se cegamente a seus caprichos e extravagancias; o homem sensato não crê nunca ás cegas; não se deve crer ás cegas o que diz um doutor para quem a lei é ás vezes lettra morta.

De muitas palavras de nossa lingua se podem formar anagrammas; taes são entre outras as seguintes, em que os estudantes se podem exercitar, como bom auxiliar da composição dictada:

[1] Carta (2); cama (2); prazer (2); valsa (2); rito (2); pedra (2); turco (2); prova (2); Volga (2); cadarço (2); atrelar (2); morna (2); babar (2); falso (2); bazar (2); coral (2); chamada (2); cardo (2); dorna (2); perda (3); pardo (3); verde (2); trela (2); torna (2); rasgo (2); trigo (2); nadar (2); burrica (2); folgo (2); gera (2); Oliva (2); tarda (2); gitana (2); rito (2); carpa (2); pascer (2); luza (2); Luzia (2); leprosa (2); talar (2); rama (3); tubra (3); coval (3); mala (3); drago (4); lagedo (3); prosa (3); arco (4); pasto (3); dobra (3); parga (3); podre (3); Lagos (3); roman (3); soga (3); emire (3); Merida (4); preto (4); morte (4); prato (6).

Alguns anagrammas são formados tendo mais ou menos lettras e até differentes, bastando que o sejam no valor; assim de Natercia se formou — Catharina; de activo — captivo; de inepto — impeto; de arsenico — negociar; de Alcacer — escalar, cercal-a, etc.

---

[1] Os algarismos adiante e entre parenthesis advertem quantos nomes se podem formar do antecedente; v. g. de *carta*, este e *catar* — 2.

O professor notará a differença entre synonymos, antonymos, paronymos, homophonos, palavras equipolentes, simples, compostas; fará substantivar as palavras que d'isso forem susceptiveis, dando assim occasião a que o Diccionario seja consultado e estudado, no tocante á definição e doutrina de cada um dos termos referidos.

Em qualquer dos exercicios que damos para analyse, irá o professor exigindo a definição do que sejam palavras transitivas ou intransitivas, variaveis, invariaveis, primitivas, derivadas, subordinantes, subordinadas, syntheticas, analyticas, concordantes, congeneres, nacionaes, nacionalisadas e obsoletas; aproveitando toda a opportunidade lembrará as differentes figuras de palavras, seus nomes e em que circumstancias os tomam e bem assim os dos tropos; fará decompor as palavras que não forem simples — ensinando — quaes as desinencias, terminações ou suffixos, prefixos ou radicaes e infixos; advertirá que as syllabas podem ser breves ou longas na pronunciação pela influencia dos accentos predominantes; que a pronuncia pode ter vicios que devemos evitar; as differentes especies de vicios, nas palavras, na collocação, na harmonia, etc.; o uso da risca de união ou hyphen e dos outros signaes da pontuação, etc., etc.

Antes de entrarmos n'outro capitulo examinemos e estudemos os modelos de analyse tanto logica, como grammatical que constituem a secção seguinte.

SECÇÃO III

Modelos d'analyse segundo os melhores grammaticos

§ 1.º

ANALYSE LOGICA [1]

1.º PERIODO

A lembrança de uma acção, eminentemente virtuosa, é um perfume delicioso no caminho da vida.

Este periodo encerra uma só oração ou proposição — principal absoluta, simples, complexa e plena.

---

[1] Exercitem-se primeiro os alumnos na analyse grammatical cujos modelos vão depois d'esta, se o professor assim o entender. Veja pag. 110 e seguintes.

SUJEITO ..... — *A lembrança de uma acção, eminentemente virtuosa* — simples, mas complexo.
VERBO ...... — *é.*
ATTRIBUTO... — *um perfume delicioso no caminho da vida* — simples, mas complexo.

Servem de complementos n'esta oração: *de uma acção* — restrictivo de *lembrança; eminentemente virtuosa* — accessorio de *acção; delicioso* — accessorio de *perfume; no caminho* — circumstancial de logar; *da vida* — restrictivo de *caminho.*

2.° PERIODO

O tempo e a agua limpam as manchas do corpo: nem o tempo nem as aguas de rio algum podem limpar as manchas da alma se as não limpa uma sincera penitencia.

Ha n'este periodo duas orações ou proposições, ambas principaes, absolutas compostas, complexas e plenas, e uma subordinada, condicional, plena, simples, complexa. A 1.ª das tres affirmativa, as duas ultimas, negativas [1].

1.ª — *O tempo e a agua limpam as manchas do corpo;*
SUJEITO ..... — *O tempo e a agua* — incomplexo, mas composto
VERBO ...... — *limpam* — (i. é, *são limpando*) verbo adjectivo
ATTRIBUTO ... — *limpando* — (implicito no verbo que, sendo adjectivo, vale pelo verbo substantivo e o attributo) a que pertencem os complementos: directo — *as manchas* (objectivo) e indirecto — *do corpo* (restrictivo de *manchas*), sendo por isto simples, mas complexo.

2.ª — *nem o tempo nem as aguas de rio algum podem limpar as manchas da alma,*
SUJEITO ..... — *nem o tempo nem as aguas de rio algum* — composto e complexo.
VERBO ...... — *podem* — (i. é, *são podendo*).
ATTRIBUTO... — *podendo* — (implicito no verbo que, sendo adjectivo, vale pelo verbo substantivo e o attributo) a que pertencem os complementos: directo — *limpar* [com o seu objectivo *as manchas*] (objectivo), e indirecto — *da alma* (restrictivo de *manchas*), sendo por isto simples mas complexo.

A preposição *de* e o seu complemento *rio algum* — juntos ao sujeito, servem de complemento restrictivo.

---

[1] Nem todos os philosophos admittem proposições negativas, todas são affirmativas.

3.ª — *se as não limpa uma sincera penitencia* — collocação inversa).
Sujeito ..... — *uma sincera penitencia* — simples mas complexo.
Verbo ...... — *limpa* (i. é, *é limpando*).
Attributo... — *limpando* (implicito no verbo adjectivo) que pela sua significação transitiva tem o complemento objectivo *as* (pronome [*ellas*] valendo por *manchas*).

3.º PERIODO

A victoria do Chrysus assegurara aos arabes a conquista da Hespanha inteira, porque o desalento entrara em todos os corações, e o terror quebrara todos os brios.

ANALYSE LOGICA PELO SR. JOSÉ GONÇALVES LAGE

Compõe-se este periodo de tres orações:
1.ª — *A victoria do Chrysus assegurara aos arabes a conquista da Hespanha inteira* — oração principal, absoluta, simples, complexa, plena e affirmativa.
Sujeito ..... — *A victoria do Chrysus*, simples, complexo por ter o accessorio ou complemento restrictivo *do Chrysus*.
Verbo ...... — *assegurara*, activo-relativo.
Attributo... — *assegurando*, implicito no verbo *assegurara*, simples.
Complemento. — *a conquista da Hespanha inteira*, objectivo, complexo; *aos arabes*, terminativo.
2.ª — *Porque o desalento entrara em todos os corações* — oração causal, subordinada á principal pela conjuncção *porque*, plena, simples e complexa.
Sujeito ..... — *o desalento*, simples, incomplexo.
Verbo ...... — *entrara* (fora entrando), relativo.
Attributo... — *entrando*, implicito no verbo.
Complemento. — *em todos os corações*, terminativo (ou antes circumstancial de logar onde).
3.ª — *E o terror quebrara todos os animos* — oração copulativa (ou antes copulada), ligada á oração principal pela conjuncção *e* simples, complexa e plena.
Sujeito ..... — *O terror*, simples, incomplexo.
Verbo ...... — *quebrara* (*quebrando* attributo e *fora* verbo), activo, transitivo.
Attributo... — *Quebrando*, implicito no verbo, regendo o complemento objectivo.
Complemento. — *todos os animaes*, objectivo.

4.º PERIODO

Bem sei quem vos deu esse conselho.

ANALYSE LOGICA PELO SR. E. M. G. C.

Este periodo consta de duas orações:

1.ª — *Bem sei* — principal, simples complexa e elliptica.

SUJEITO ..... — (elliptico) *Eu* — simples e incomplexo.
VERBO ...... — *sei* (por *sou sabedor* ou *estou sciente*).
ATTRIBUTO ... — (do verbo *sou*) — *sciente* (em que se resol verbo adjectivo *sei*.
Complemento objectivo — a oração se segue.

2.ª — *Quem vos deu esse conselho* — subordinada, integr simples, complexa, e plena.

SUJEITO ..... — *quem*, simples e incomplexo (a pessoa qu
VERBO ...... — *deu*, activo transitivo (foi dando).
Complementos, objectivo — *esse cons* terminativo — *vos*.

5.º PERIODO

«As pequenas forças que hoje temos, são formidaveis a n inimigos em quanto não as conhecem, porque toda a Asia a nosso poder pelas victorias mais, que pelos soldados; de sort só a fama das cousas passadas nos conserva as presentes.»

ANALYSE LOGICA PELO SR. BENTO JOSÉ D'OLIVEIRA

Consta este periodo de cinco orações.

1.ª — *«As pequenas forças são formidaveis a nossos inimi* — Principal absoluta.

SUJEITO ..... — *As pequenas forças*, complexo por vir ac panhado do accessorio *que hoje temos*, ora parcial incidente.
VERBO ...... — *são*, concordado com o seu sujeito *forças*.
ATTRIBUTO ... — *formidaveis*, attributo que o verbo affirma sujeito *forças*.
COMPLEMENTO. — *a nossos inimigos*, complemento de attrib pertencente ao attributo *formidaveis*.

2.ª — *«que hoje temos,»* — Incidente restrictiva, parcial, cessorio do sujeito da oração principal (*forças*).

SUJEITO .....— *nós* (elliptico) indicado pela terminação do ve
VERBO ......— *temos* por *tendo* attributo e *somos* verbo, dificado pelo adverbio *hoje*.

Attributo ... — *tendo*, implicito no verbo *temos*, regendo o complemento objectivo *que*.

Complemento. — *que* (*as quaes forças*). Vem sempre no principio da oração por ser palavra conjunctiva.

3.ª — «*emquanto não as conhecem,*» — Circumstancial, ligada á oração principal pela locução conjunctiva *emquanto*.

Sujeito ..... — *elles* (nossos inimigos), occulto.

Verbo ...... — *conhecem*, activo, modificado pela locução adverbial *emquanto*, que tambem serve de conjuncção circumstancial de tempo, e pelo adverbio *não*.

Attributo ... — *conhècendo*, implicito no verbo, regendo o complemento objectivo *as*.

Complemento. — *as* (forças), objectivo.

4.ª — «*porque toda a Asia avalia nosso poder pelas victorias mais, que pelos soldados;*» — Causal ligada á oração principal pela conjuncção *porque*.

Sujeito ..... — *toda a Asia*, simples, incomplexo.

Verbo ...... — *avalia*, activo.

Attributo ... — *avaliando*, implicito no verbo, e regendo o complemento objectivo *nosso poder*.

Complemento. — *nosso poder*, objectivo — *mais pelas victorias, que pelos soldados*, circumstancias de *meio*, que modificam o attributo *avaliando* incluido no verbo: dois meios (victoria e soldados) pelos quaes a Asia avalia nosso poder, tendo preferencia o primeiro meio (victorias).

5.ª — «*de sorte que só a fama das cousas passadas nos conservam as presentes.*» — Explicativa ligada á principal pela locução conjunctiva *de sorte que*, desinvolvendo o attributo *formidaveis*.

Sujeito ..... — *só a fama*, simples, complexo por ter o accessorio — *das cousas passadas*, complemento restrictivo, que pode resolver-se na parcial incidente *que passaram*.

Verbo ...... — *conserva*, activo.

Attributo ... — *conservando*, implicito no verbo, regendo o complemento objectivo *as* (cousas) *presentes*.

Complementos — *das cousas passadas*, (ou *que passaram*), restrictivo de *fama*.

as (cousas) *presentes*, objectivo.

nos (*para nós*), attribuição, porque o verbo activo só pede complemento objectivo (as presentes).

bal, abstracto,
de .... preposição, reger
virtuosa, comp
brança.
uma .... artigo indefinito,
cordado com *a*
acção .... substantivo commu
cto, simples.
eminentemente adverbio de qualid
forme *eminent*
terminação *me*
tuosa.
virtuosa..... adjectivo qualifica
grau positivo, f
cordado com *ac*
é........... verbo substantivo
do presente do
um .... artigo indefinito,
concordado com
perfume ..... substantivo commu
gular abstracto,
delicioso..... adjectivo qualifica
grau positivo,
concordado com
no.......... contracção da prep
o no singular e
dado com *camin*
caminho..... substantivo commu

de (contraída com o artigo *a*) e servindo de complemento restrictivo de *caminho.*

2.º periodo. — *O tempo e a agua limpam as manchas do corpo, nem o tempo nem as aguas de rio algum podem limpar as manchas da alma, se as não limpa uma sincera penitencia.*

O.......... artigo definito, forma masculina, singular, concordado com *tempo.*

tempo....... substantivo commum, masculino, singular primitivo, simples, abstracto, serve de sujeito.

e........... conjuncção copulativa liga os dois substantivos ou sujeitos *agua*, *tempo.*

a........... artigo definito, forma feminina, singular, concordado com *agua.*

agua........ substantivo commum, feminino, singular primitivo, simples, serve tambem de sujeito.

limpam...... verbo limpar, adjectivo transitivo e activo, na voz activa, pertence á 1.ª conjugação e é regular; está na 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo, concordando com um substantivo geral que se subentende, apposto aos substantivos *tempo* e *agua*, conforme a figura syllepse.

as.......... artigo definito, forma feminina, plural, concordando com *manchas.*

manchas..... substantivo commum, feminino, plural primitivo, simples, serve de complemento objectivo do verbo.

do.......... contracção da preposição *de* e o artigo definito *o* forma masculina, singular, concordado com *corpo.*

corpo....... substantivo commum, masculino, singular, primitivo simples, regido da preposição *de* (contraída com o artigo *o*), e servindo de complemento restrictivo de *manchas.*

nem......... conjuncção disjunctiva negativa.

o........... artigo, etc., concordado com *tempo.*

tempo....... substantivo, etc.

nem......... conjuncção, etc.

as.......... artigo, etc., concordado com *aguas.*

aguas....... substantivo plural, etc.

de.......... preposição regendo *rio algum.*

rio......... substantivo commum, masculino, singular, primitivo, simples, regido da preposição *de*, complemento restrictivo.

algum....... adjectivo determinativo, indefinito, triforme, na forma masculina, singular concordado com

manchas..... substantivo, serve c
verbo *limpar*.

da.......... contracção da prep
forma feminina, s

alma........ substantivo commu
tivo, simples, re
traída com o ar
plemento restric

se........... conjuncção subordi
nome á oração,
nome reflexo *se*
acaso — sem prej

as........... variação do pronom
ral, forma femin
objectivo ao ver
em vez de *manch*

não......... adverbio de negação
verbo *limpa*.

limpa....... verbo, etc., está na
presente do indi
sujeito *penitencia*.

uma........ artigo indefinito, for
cordado com *peni*

sincera...... adjectivo qualificativ
feminina, singular
no grau positivo.

penitencia.... substantivo commum,
cto, serve de su

ria...... substantivo commum, feminino, singular, abstracto, variavel em quanto ao numero, derivado do latim.

.... contracção da preposição *de* e o artigo *o* por synalepha, masculino, singular, concreto, derivado do grego.

urara... (*assegurando* attributo e *fora* verbo), verbo *assegurar*, 1.ª conjugação, regular, activo-relativo, indicativo, preterito mais que perfeito simples, 3.ª pessoa do singular. Verbo composto do prefixo *ad*, mudado o *d* em *s* por antithese, e de *segurar*.

.... contracção da preposição *a* e o artigo *os*, masculino, plural concordado com *arabes*.

s....... adjectivo derivado, gentilico, uniforme, plural, concordado com *homens* (occulto).

.... artigo definido, feminino, singular, concordado com o substantivo *conquista*.

uista.... substantivo commum, feminino, singular, abstracto, primitivo, variavel emquanto ao numero.

.... contracção da preposição *de* e o artigo *a* feminino, singular.

anha.... substantivo proprio, feminino, singular.

a...... adjectivo qualificativo, biforme, forma feminina, singular, concordado com *Hespanha*.

e...... conjuncção subordinativa, causal.

.... artigo definido, masculino, singular.

nto.... substantivo commum, masculino, singular, abstracto, composto do prefixo *des* e *alento*.

a..... (*entrando* attributo e *era* verbo), verbo *entrar*, 1.ª conjugação, regular, relativo, preterito mais que perfeito simples, 3.ª pessoa do singular.

.... preposição simples; junta ao verbo *entrara* o complemento relativo *todos os corações*.

.... adjectivo determinativo, variavel, biforme, quantitativo, universal collectivo, masculino, plural, concordado com *corações*.

.... artigo definido, masculino, plural.

es..... substantivo commum, masculino, plural, concreto, derivado do latim, variavel em quanto ao numero.

.... conjuncção coordenativa, copulativa.

.... artigo definido, masculino, singular.

.... substantivo commum, masculino, singular, abstracto, derivado do latim.

ra.... (*quebrando* attributo e *era* verbo), verbo *quebrar*,

cto, primi
mero.

4.º periodo. — *Bem sei que*

bem......... adverbio de n
verbo *sei*.

sei.......... verbo *saber*, a
lar da 2.ª
singular do
ptico o suj
pessoal da

quem........ pronome pesso
— o homem
vir de comp
é, conheço),
verbo *deu*.

vos......... variação do pro
ral, valendo
mento termin

deu......... verbo *dar*, adjec
irregular, da
soa do preter

esse......... adjectivo determ
na forma m
com *conselho*.

conselho..... substantivo com
gular, primiti
plemento direc

5.º periodo. — « A...

adjectivo, além do comparativo e superlativo regulares, tem o comparativo *menor* e o superlativo *minimo*, irregulares.

.... substantivo commum, feminino, plural.

.... *(as quaes forças)*, pronome relativo, invariavel.

.... adverbio de tempo modificando o verbo *temos*, ou antes o verbo *ser* incluindo n'elle *(hoje somos* tendo, ou *somos possuidores)*, porque os adverbios, ou circumstancias de tempo, só dizem respeito ao verbo substantivo, quer estreme, quer implicito no verbo adjectivo.

.... *(tendo somos)* verbo *ter*, 2.ª conjugação, irregular, indicativo presente, 1.ª pessoa, plural. Aqui é activo, como todas as vezes que tem a significação de *possuir*.

.... verbo *ser*, indicativo, presente, 3.ª pessoa, plural, liga o attributo *formidaveis* ao sujeito *forças*. Chama-se verbo substantivo e abstracto.

laveis.. adjectivo uniforme, plural, qualificativo, positivo.

.... preposição, liga formidaveis, qualidade attribuida a — *nossos inimigos* (complemento terminativo).

.... adjectivo biforme, possessivo da 1.ª pessoa do plural, forma masculina, concordado com *inimigos*.

os..... substantivo commum (ou adjectivo substantivado), masculino, plural, concordado com *homens* (occulto).

to.... *(em* preposição, *quanto* adjectivo), locução conjunctiva, circumstancial de tempo.

...... adverbio de negação, modifica o verbo *conhecem*.

...... pronome demonstrativo, feminino, plural, substitue o nome commum *forças*.

m.... *(conhecendo* ou *conhecedores são)* verbo *conhecer*, 2.ª conjugação, regular, activo, indicativo, presente, 3.ª pessoa, plural.

...... conjuncção subordinativa, causal.

...... adjectivo biforme, forma feminina, singular, qualificativo, significando o mesmo que *inteira*.

...... artigo definido, feminino, singular, determina o substantivo commum *região*, que se subintende *(a região da Asia)*.

...... substantivo proprio, feminino.

...... *(avaliando* ou *avaliadora é)* verbo *avaliar*, 1.ª conjugação, regular, activo, indicativo, presente, 3.ª pessoa, singular.

que .... (*do que*) conju
tecedente
pelos .... preposição *pe*
e o artigo,
soldados ..... substantivo co
de sorte que .. (*de* preposição,
cução conj
plicativa.
só .... adjectivo unifor
fama, a fam
a........... artigo definido,
fama .... substantivo con
das .... contracção da p
nalepha, fen
cousas ...... substantivo com
passadas .... partecipio perfe
nina, plural,
cousas.
nos .... (*a nós* ou *para n*
1.ª pessoa, pl
conserva ..... (*conservando* ou
1.ª conjugaç
presente, 3.ª
as .... pronome demons
presentes ..... adjectivo unifor
dado com o s
Para melhor se poder analys
periodo poetico, é o sr. M

Convertendo esta *estancia* (que encerra um periodo) em prosa, e construindo pela ordem directa, diremos :

«O lucido planeta, que vai distinguindo as horas do dia, já chegava n'este tempo á meta desejada e lenta, encobrindo a luz celeste ás gentes, e o deus nocturno lhe estava abrindo a porta da casa maritima secreta, quando as gentes infidas se chegaram ás naus, que pouco havia que ancoraram.»

Agora faz-se a analyse grammatical, segundo os modelos precedentes.

CAPITULO III

Da syntaxe

Conhecido, pelas definições dadas na 1.ª parte do nosso estudo, o que seja syntaxe, e suas divisões em syntaxe de concordancia, de regencia e de construcção ou collocação, syntaxe regular e syntaxe irregular ou figurada; sabido outrosim o que seja sujeito, attributo e seus accessorios, como já sabiamos o que era verbo e seus accidentes, passamos á analyse da oração ou do periodo, e á dos elementos ou termos que constituem um juizo [1].

SECÇÃO I

Da oração ou proposição

A oração pode ser :

Simples, composta, complexa, incomplexa, plena, elliptica, principal ou não principal ; considerada logica ou grammaticalmente ; estar na voz activa ou na voz passiva.

§ 1.º

Distinguir as orações simples das compostas e sujeital-as á analyse logica e grammatical, i. é : analyse de sentido e de palavras, suas respectivas funcções e accidentes nos seguintes

EXEMPLOS

Portugal é livre ; o mar é immenso ; os homens são mortaes ; os campos dão flores ; o pão é um alimento ; é necessario co-

---

[1] Veja no Diccionario, primeira parte dos nossos estudos, o vocabulo *Analyse.*

Quando tratámos da preposição, secção I § 1.º fallando de complementos convidámos o alumno a consultar o nosso diccionario sobre as doutrinas d'aquelle termo, advertiremos agora que além dos complementos já indicados, lhe convem saber o que seja complemento directo ou objectivo e complemento apposto ou continuado.

miferos; as plantas podem t
fructos; Pedro Alvares Cabr
fez o chapeo; que fructa é es
res; vai depressa; cantou o
vem n'agua; o cão ladrava;
as ovelhas e as cabras têem
quatro azas e um aguilhão;
folhas; o Redemptor morreu
tra vida; algumas flores exhal
dois olhos, duas orelhas, nariz,
as unhas terminam os dedos; o
outros gazes constituem a atm
mento; é de marmore aquelle al
é doce, outra azeda, qual é a
cego; o surdo não conhece o
homem, nem o troar do canhão
ções naturalissimas e até neces
mais; nem todos os insectos vo

§ 2

Distinguir as orações comple
tal-as á analyse de sentido e de p
ções e accidentes nos seguintes

EXEMPL

A innocencia

ıe; a cruz sobre a terra é o presagio da alegria e da fe-
e no ceo; um bravo official e um magistrado recto são
ente uteis á patria: o primeiro faz a guerra aos inimi-
teriores, o segundo é o protector do paiz contra os ini-
interiores; o outomno é uma estação amena, temperada
lavel; a França é fertil e aguerrida, os naturaes d'esta
ınte nação, apezar de muitos revezes, continuam a ser
industriosos; um bom amigo é uma preciosidade rara e
le nossa perpetua estimação; a falsa confiança é o maior
rigos; abandonar o erro para abraçar a verdade nunca
ır desairoso; o crime e a virtude são irreconciliaveis; o
a pratica das instituições são o escudo mais forte dos
ivres.

§ 3.º

o as orações simples como as compostas podem ser com-
ou incomplexas, e qualquer d'ellas, plena ou elliptica [1];
ıe ha de analysar nos seguintes

EXEMPLOS

ennas do cysne são brancas, as do corvo, negras; o mau
ɔ é contagioso; os litigantes, os amantes, os zelosos, os
ısos, os avaros e os jogadores não conhecem descanço;
ɔura o dia, a lua prateia a noite; uma desconfiança con-
az pagar mui cara a vantagem de não ser enganado; o
no é quasi sempre a sorte dos infelizes; quando aprouve
ıa sabedoria, creou por mero acto da sua vontade, e só
perio da sua palavra este universo sensivel; variamente
m os antigos a fortuna; uns lhe pozeram na mão o
outros uma cornucopia, outros um leme; uns a forma-
ouro, outros de vidro; a formosura é um bem fragil;
livros uns mestres mudos: fallam a verdade sem res-
eprehendem sem pejo; via os esquadrões, os formosos
hos, as armas reluzentes, a multidão dos cavallos, tudo
ıposto e prestes a pelejar; a primeira e a mais rara das
des sociaes é a abnegação de nós mesmos; o rico é o
do pobre, o forte do fraco, o poderoso do desvalido; o
ɔ passo para o bem é a abstinencia do mal; o maior dos
é respeital-os; uma das nossas melhores acções é a de
iar nossas más inclinações; a lembrança de uma acção,
ɛemente virtuosa, é um perfume delicioso no caminho da

---

ipse tanto pode ser do sujeito, como do verbo, como do complemento,
attributo, e tambem de mais de um d'estes elementos da oração ao
ɛmpo.

vida; o melancholico sonha cousas tristes e tragicas, o sanguineo felicidades e festas, o colerico guerras e batalhas; Beatriz entreabrindo os olhos parecia voltar a si; quem pode nadar e quer voar, tempo virá em que não vôe, nem nade; um dos nossos maiores cuidados, uma das nossas primeiras leis seja respeitar os outros e a nós mesmos; o carvão apagado é negro, acceso, vermelho;

§ 4.º

Podem ser principaes ou não-principaes as orações de que nos occupámos nos §§ antecedentes; designemos quaes são as principaes e as que se devem denominar não principaes nos seguintes

EXEMPLOS

É impossivel que duas pessoas vivam entre si de accordo, sem ceder uma á outra muitas vezes; com muita razão disse, que este vosso louvor o havia de referir com inveja; Jesus Christo disse que todos os homens eram irmãos; o pastor que sentia os roubos e não reconhecia o ladrão, ao recolher o rebanho, deu com a vara em cada uma das ovelhas, todas recebiam o golpe com a sua natural mansidão, e se calavam, chega o lobo, leva o golpe, e dá um grande berro, grita o pastor — ah! infame, bem sabia eu que a falta de paciencia descobriria a tua malicia, porque as minhas ovelhinhas mostram que são ovelhas soffrendo e calando; o sol doura a quem o vê, o sabio illumina a quem o ouve; muitos são os que dão, poucos os que sabem dar; a ira é como o servidor diligente que antes de ouvir o recado já parte, e quando chega aonde o mandam, não sabe o que ha de dizer; um deputado accusava a presidencia de lhe haver roubado a palavra, quando lhe pertencia fallar, ao que o presidente retorquiu — olhe que não fiquei rico; dize-me se és feliz; se me contares as tuas aventuras, contar-te-ei as minhas; a condição da humanidade é triste, mas, para a adoçar, deu-lhe Deus duas companheiras celestes: a fé que a sustenta, e a esperança que a consola; vingar-se de uma offensa, é pôr-se ao nivel do seu inimigo, perdoar-lhe é elevar-se muito acima d'elle; não digas: d'esta agua não beberei; os deveres não precisam de nenhum genero de recompensa; os physiologistas dizem que são quatro as idades do homem: infancia, adolescencia ou mocidade, virilidade e velhice; é nossa religião o catholicismo, cujo signal sublime é a cruz do Redemptor.

§ 5.º

As orações principaes podem ser: copulativas, disjunctivas, adversativas, conclusivas, explicativas, comparativas e corre-

lativas; conhecem-se principalmente pelas respectivas conjuncções que entram na sua composição. As orações principaes tambem se dizem coordenadas.

Vejamos a que especie pertencem as differentes orações dadas nos seguintes

EXEMPLOS

A verdade reina no ceo, illumina a terra, inspira a justiça e rege as nações; o juiz tem de condemnar ou de absolver; não é mais rico o que mais tem, senão o que menos ha mister; Deus é justo, logo ha de premiar a virtude, cada um conta da festa como lhe vai n'ella; mais valente é o que domina seu animo, que o que vence cidades; assim como na puericia as virtudes parecem mais formosas, assim na ancianidade os vicios parecem mais feios; o methodo facilita as emprezas, suavisa o trabalho e economisa o tempo; aqui, soldados, haveis de vencer ou morrer; as pessoas não se avaliam pelo semblante, mas pelo coração; sabido pois que elle foi o vencedor, segue-se que lhe cabem os louvores; discursou largo tempo, como quem sabia; melhor é dar aos maus, que pedir aos bons; quanto se põe no superfluo, tanto se tira do necessario; assim como a terra que não é lavrada cria espinhos e cardos, assim a alma, que não é exercitada na virtude, cria malicia e maus pensamentos; ha formosuras que são deformidades no mundo da intelligencia, como ha fealdades que são bellezas supremas no mundo da materia; a virtude sempre teve contradicções, e o illustre nome nunca se alcançou sem trabalhos; a verdade com sua força, não somente vence as cousas que o tempo com seu discurso vai extinguindo e annullando, mas ainda triumpha do mesmo tempo; quem quizer ser rico, não augmente na riqueza, mas diminua na cobiça; a ingratidão perverte o juizo, perturba a razão, cega o entendimento e corrompe a vontade; fôra um domingo prégar (o arcebispo), como costumava, a um logar do termo; esta questão ou a venço e fico remediado, ou a perco e terei anniquilado a minha fortuna; não sei que pense nem que deva escrever.

§ 6.º

As orações não-principaes podem ser: condicionaes, causaes, concessivas, circumstanciaes e parciaes. As orações não-principaes tambem se dizem subordinadas.

Vejamos a qual das especies indicadas n'este paragrapho ou nos antecedentes pertencem as orações dos seguintes

EXEMPLOS

Se compararmos o estudante ao lavrador, reconheceremos: que ambos trabalham porque ambos cultivam, um o espirito e o outro o campo; que ambos necessitam de assiduidade, de paciencia e de attenção; embora seja differente o seu genero de trabalho, ambos são recompensados dos seus esforços, quando chega a cada um o tempo opportuno de recolher, o primeiro os fructos da sua força de vontade, do seu juizo, da sua memoria; o segundo, os da sua actividade, dos seus sacrificios, da sua vigilancia. Na primavera cobrem-se as plantas de botões, de verdura e de flores, no outomno amarellecem e caem as folhas das arvores; os beneficios, ainda que sejam tenues, pedem o honesto juro do reconhecimento; logo que vemos uma cruz, lembramo-nos do supplicio ignominioso que Jesus Christo soffreu pela salvação dos homens; tenha-se muita conta com a justiça, porque não falte o favor divino; ha poucos desejos que nos não enganem, nenhuns que nos não lisongêem; os homens enganariam menos, se elles fossem igualmente sinceros, ou igualmente enganadores; todo o systema, que põe a preço a impunidade, é incompativel com a segurança e com a ordem social; os olhos sabem o alphabeto do coração que falla o idioma do sentimento; rapida é a carreira do malvado no trilho do crime, por que esse trilho guia por despenhadeiros ao abysmo da perdição; trinta seculos surgiram já, depois que tu surgiste; um dia no Horeb, o Senhor, que lia no coração de Moysés, apparece-lhe em uma çarça que ardia sem se consumir; conheço quanto devo á grandeza e piedade de V. Ex.ª, e quanto ella poderia valer, se os decretos da Providencia divina se poderam impedir com diligencias humanas; não sei que deva pensar de tudo que acabo de ouvir; o officio de principe magnanimo é perder o medo a grandes emprezas, por perigosas que sejam; quando a desordem se manifesta nas espheras do poder, devemos esperar a revolução nas praças; pois que o silencio opportuno é a melhor resposta, nada accrescentarei ao que já disse. Isso não, respondeu, que em deixando de estar álerta, leva-me o lobo a melhor ovelha.

§ 7.º

As orações parciaes podem ser: integrantes e incidentes; umas e outras devem ser indicadas nos seguintes

EXEMPLOS

Quanto pensas tu que ainda has de viver, pois que n'essa edade já tão adiantada estás a plantar uma arvore, que por

e só d'aqui a largos annos dará fructo? Senhor, disse
, tenho grande contentamento em a estar plantando,
quirir se serei eu ou outro depois de mim quem lhe co-
s fructos. Assim como nossos paes trabalharam por nos
s arvores que nós hoje disfructamos, assim é justo que
os outras novas, com que nossos filhos e netos venham
ar-se, e enriquecer-se. Deixai-o ir, o velho cavalleiro de
o v, a dôr que o feriu não tem egual na terra. O fogo
presta vida e dá vigor áquelle corpo já curvado para o
é a desesperação, deixai-o passar e de joelhos! saudai
magestade do infortunio. Até o pobre, o atrevido la-
ne, desde o primeiro passo com que salteou os caminhos,
a a caminhar para a forca, se ao pé d'ella lhe pergun-
quem o trouxe a tão miseravel estado, responde com o
garganta, que a necessidade. Dizem os philosophos
dmiração é filha da ignorancia e mãe da sciencia, filha
rancia, porque ninguem se admira senão das cousas
ora, principalmente se são grandes, e mãe da sciencia,
admirados os homens das mesmas cousas que ignoram,
n e investigam as causas d'ellas, até as alcançar, e isto
se chama sciencia. Ensinemos á mocidade que de quatro
rmosissimas nascem quatro filhos muito feios: da ver-
odio, da prosperidade o orgulho, da familiaridade o des-
la segurança o perigo. Ordinariamente não sabe que
n aquelle que nunca esteve mal. É fazer mal o não fa-
, quando se pode fazer. O homem prudente sabe pre-
mal, o corajoso supporta-o sem se queixar. Mentir é
que se despreza Deus por causa dos homens. Os
ministros costumam ser aquelles que a fortuna havia
o mais longe do ministerio. É geralmente reconhecido
erecimento vale mais que o ouro: entretanto pesa me-
elle na balança do coração humano. O homem simples
sto pode comparar-se áquellas flores, que nascendo so-
nildes hastes escapam á vista, até que o seu perfume
lescobrir. A moral é uma planta cuja raiz está no ceo,
flores perfumam a terra. A morte dizem os turcos é um
negro que ajoelha a todas as portas. Uma pagina do
ho é mais capaz de ensinar a morrer, que todos os vo-
os philosophos. Chama-se cratera a boca por onde se
upção de um vulcão.

§ 8.º

ações incidentes podem ser:
ativas e restrictivas. Distinguem-se umas das outras
uintes

faz cair cedo ou tarde. Julga mal e
os outros por si. A instrucção é ui
balho a chave mais certa e segura
de mar que entra na costa e cuja a
interior. A injustiça tem uma feald
aborrecel-a, independentemente de
esperar ou a receiar. A inimigo q
má toda aquella causa que tem n
Ternamente lhe sorria por entre
quaes lhe aljofrava o rosto. Certo h
dos quaes o mais moço pediu ao p
de caber mais tarde, e assim se fo
logo dissipou em larguezas e prodi
só o eram do seu dinheiro; finalme
um amo que o mandou guardar p
desejava matar a fome que padecia
o gado se sustentava, mas nem es
então da abundancia com que áque
criados de seu pae, e arrependido
caminho. Ora como um bom pae q
terra, tem sempre o perdão para
seus erros e d'elles se arrependem,
que julgava perdido, mas até feste
lhor vitello que tinha e com outra
bem revelavam a alegria de que est
acontecimento.

§ 9.º

do mundo; recebida por Martim Affonso a carta, e ouvidos os embaixadores do Hidalcão; embarcado o conde; resoluta a necessidade de guerra por voto de todos; estando o santo a prégar; prosperamente os ventos assoprando; estando uma noite descuidados; mettendo-se em uma galveta; chegado Affonso de Albuquerque ás naus; arruinados os baluartes; perdidas as esperanças; tendo enchido o mundo de suas façanhas; havendo-se por offendido; estando vencidas as difficuldades.

§ 10.º

Qualquer das orações já indicadas n'esta secção pode ser considerada logica ou grammaticalmente e estar na voz activa ou passiva. Exercitem-se os alumnos n'estes modos de analysar as orações dos seguintes

EXEMPLOS

O amor e a pratica das instituições são o escudo mais forte dos povos livres. A lei desacatada pelos seus guardas naturaes perde-se o respeito com facilidade. A sociedade compõe-se de elementos interessados que se relacionam entre si. Vaidoso é o que chama o mundo para espectador do seu orgulho; orgulhoso é o que se colloca a si como unico espectador da propria vaidade. As convicções improvisam soldados. A consciencia é o espelho onde vêem reflectir-se todas as faculdades do espirito, é o foco onde se concentram todos os raios de nossa actividade. A grandeza não descai quando se torna pequena em proveito da infancia. Quem tem o amor proprio tão susceptivel que a mais pequena observação estranha o fere, deve evitar quanto possivel o escutar de si, porque n'esse acto de civilidade ou de prudencia tem tudo a ganhar o mesmo amor proprio. Os algarismos foram inventados pelos arabes e as lettras pelos phenicios. A numeração é uma arte que consiste em enunciar todos os numeros com o menor numero de palavras possivel, e em escrevel-as com o menor numero possivel de signaes que são chamados algarismos. Vasco da Gama descobriu o caminho maritimo das Indias. Christovão Colombo descobriu a America. O archipelago dos Açores foi descoberto por Gonçalo Velho Cabral. O patriarchado de Lisboa foi creado em Portugal no reinado de D. João v. A omnipotencia, a sabedoria e o amor concorrem para fazer de Deus a causa creadora de tudo o que existe. As leis da patria devem ser respeitadas como as vontades de nossa mãe; as leis são a expressão da justiça. Todos devemos contribuir com boa vontade para a manutenção da ordem, primeira condição da vida social. Toda a infracção á disciplina é considerada um crime. Nem sempre

a victoria coroou os defensores da independencia; porém as palmas que os invasores de quando em quando colhiam, eram sempre compradas a preço de muito sangue. A resistencia invencivel que as forças de terra e de mar do imperio musulmano tinham encontrado em Portugal, provava-lhe que o povo educado por Affonso Henriques passára em curtos annos de debil infancia a juventude robusta. O edificio da independencia nacional, desenhado pelo conde Henrique, cimentado por D. Thereza e realisado de todo o ponto por elle, achava-se emfim concluido com a segurança necessaria para resistir á destruidora acção dos seculos.

SECÇÃO II

§ 1.º

Dos periodos e da disposição das palavras

O periodo pode ser:

Bimembre, trimembre, quadrimembre e oração periodica; as palavras que os compõem collocam-se pela ordem directa, inversa, transposta ou interrupta. Verifiquem-se estas construcções, e, havendo *incisos* ou *pneumas*, notem-se nos seguintes

EXEMPLOS

1. Não creias muito na sinceridade das pessoas fracas.

2. Com este ultimo assalto poremos fim a tão illustre empreza; e se acordará o oriente edades largas, com alegre memoria de tão formoso dia.

3. Passavam um dia de inverno o arcebispo com sua comitiva a serra do Gerez por caminhos asperos e fragosos; salteou-os uma chuva fria e importuna, que os não largou na mór parte da jornada, e corria um vento agudo e desabrido que os congelava a todos.

4 As pequenas forças que hoje temos são formidaveis a nossos inimigos, emquanto as não conhecem, porque toda a Asia avalia o nosso poder pelas victorias, mais que pelos soldados, de sorte que só a fama das cousas passadas nos conserva as presentes.

Naturalmente bellicoso, duas gerações successivas aprenderam na sua escola o duro mister da guerra, e alcançaram legar aos vindouros as gloriosas tradições de esforço e amor patrio que a nação guardou religiosamente durante alguns seculos. Antes, porem, que Affonso I podesse confiar á sorte das batalhas a independencia do paiz, precisava de a amparar, quando

planta debil, com a destreza da politica. D'ahi nascia, em certas circumstancias, um proceder que, absolutamente considerado, a severidade da moral condemnará.

A mais preciosa herança que pode um pae deixar a seus filhos é uma boa educação.

Ha um não sei que de nobre na simplicidade, e quanto menos um homem é soberbo, mais elle é veneravel.

A mentira é filha primogenita do ocio. Quem trabalha, trata da sua vida, quem está ocioso trata das alheias.

Todos amam a simplicidade, alguns a admiram, poucos a adoptam, ninguem a inveja.

O silencio é para os grandes falladores um supplicio cruel; assim como elles são para quem os ouve um fardo pesadissimo.

Em quanto innumeraveis povos desapparecem, e os chefes passam como elles, legando apenas a confusa tradição de grandes estragos, e a memoria de alguns nomes illustres, os filhos de Israel provados por todos os males, cortados das maiores calamidades, e tantas vezes sem patria, conservam fielmente o deposito da lei, e com elle intacto alcançam a hora d'Aquelle, que desde Abrahão fôra promettido á regeneração espiritual.

Cem annos depois de entrado na terra de Canaan, o patriarcha fecha os olhos, rico dos bens do mundo e cercado de uma familia que já era um povo, deixando um nome venerado por todos os orientaes.

Moysés prevendo o perigo, em vez de sair directamente pelo isthmo de Suez, dirige-se pelo meio dia, desconcertando assim os planos do inimigo; mas, apertado nas costas do mar Vermelho, e inspirado por Deus, estende o braço sobre as aguas, e obriga-as a abrirem-lhe passagem. Os israelitas atravessam a pé enxuto; e, quando as tropas egypcias querem imital-os, as vagas rebentam e ajuntam-se, sepultando-os.

E' então que Moysés, no meio dos filhos de Jacob, fitos os olhos na espantosa catastrophe, entôa o soberbo cantico do mar Vermelho, o mais sublime monumento da poesia lyrica dos antigos. A voz do propheta, commovida pela grandeza do espectaculo, diante do naufragio da nação oppressora, eleva-se cheia de jubilo, celebrando a victoria com a magnificencia das imagens orientaes.

Israel entra no deserto, e a protecção divina tambem entra com elle. Das rochas aridas espadanam as fontes; do ceo chove o maná; as hordas barbaras dos arabes amalecitas são dispersas; e tres mezes de marcha conduzem os hebreus ás raizes do Sinai, onde acampam por um anno. Moysés sobe á montanha, e no meio de trovões e relampagos, recebe pela voz de Deus a lei escripta, assignalando-se a presença do Eterno nos portentosos signaes da sua magestade.

§ 2.º

Da disposição das orações

Conforme as regras já conhecidas, contem-se, dividam-se, classifiquem-se e analysem-se as orações dos seguintes

EXCERPTOS

Durante o reinado de D. João I mudou-se a chronologia até então em uso. Seguindo o exemplo de Aragão (1358) e de Castella (1383), ordenou el-rei por uma lei de 15 d'agosto de 1422, que fosse abandonada a era de Augusto *(era de Cesar)*, empregada desde a origem em Portugal em todos os actos[1], para que se contasse o tempo a partir do nascimento de Christo. Essa era figura depois em todos os documentos publicos, e mal se encontra um exemplo do emprego da precedente. Assim, quando se encontra a palavra *era* sem outra designação, deve-se entender por esse termo o anno do nascimento de Jesus Christo.

A litteratura e as artes contam quatro seculos notaveis pelo esplendor e pela perfeição de um grande numero de obras, que hoje ainda excitam a admiração geral. O primeiro pertence á Grecia, é o de Pericles; o segundo pertence aos romanos, é o *seculo de Augusto;* a Italia moderna deu-nos o terceiro, conhecido sob o nome de seculo dos Medicis ou de Leão X; e finalmente pertence á França o quarto que é o de Luiz XIV.

O Mondego na primavera e no estio passa humildemente por baixo da ponte, espreguiçando-se por cima de areias, que parecem campos de oiro; porém na estação das tempestades enche-se de soberba e arrogancia: invade com soberania os campos, estraga as hortas, inunda as quintas, derruba as arvores, e leva em suas aguas triumphantes os despojos das terras assoladas. Muitas vezes salta por cima da ponte, e d'alli continúa entre estragos e ruinas, até ir sepultar-se nas ondas do oceano.

Todas as corporações privilegiadas tendem naturalmente, com o discorrer dos tempos, a constituir-se em aristocracias. Todas as reformas descaem da sua primeira observancia. Os que eram hontem exemplares, vivem hoje de laxar os vinculos da antiga disciplina. As riquezas exageradas e as piedosas e frequentes

---

[1] Antes do seculo XII, não se encontra em Portugal exemplo algum incontestado d'acto que date do nascimento de Jesus Christo.

doações, introduzem o mundo no deserto e corrompem, com as recreações da carne, a candura e o mysticismo dos espiritos.

Pergunta-se ahi se poderemos tornar a ser o que fomos? Sim, podemos. Os homens são sempre os mesmos. A educação é que os extrema. Livres e fortes emquanto guardaram as leis de Licurgo, afeminados e escravos depois que as perderam.
Só um bom codigo de leis pode formar um bom povo. É do espirito da lei que sai o caracter da nação.
Os povos não se levantam educados do berço, necessitam de preceptores.
Os preceptores dos povos devem ser os governos. N'este caso a lei é a sciencia, o magistrado o pedagogo. Depois... se os governos são bons, se dignos e justos, as republicas organisam-se, moralisam-se, florescem. O contrario dá o contrario.

Antes de darmos ás secções seguintes a materia que lhes destinamos — artigos ou excerptos dos mais nomeados escriptores de ambos os sexos —, continuando na analyse d'essas paginas proveitoso ensejo de se repetirem exercicios, definições, demonstrações e regras já conhecidas, em especial se offerece mais vantajosa opportunidade de se ampliar a esphera, não só dos conhecimentos grammaticaes, como a dos litterarios, rhetoricos ou oratorios dos alumnos, guiando-se praticamente sua aptidão pelos differentes artigos da 1.ª parte — O *Diccionario* —, ainda não estudados.
Escusado se nos afigura lembrar que artigos devam ser mais ou menos consultados, ou qual a ordem de precedencia a seguir; tarefa é esta do exclusivo cuidado e do efficaz desvelo do professor, a quem toca regular a alludida ampliação, e adoptar o methodo que lhe pareça mais em harmonia com as forças ou com as habilitações dos alumnos.
Todavia prestando a devida venia á sua incontestavel competencia, seguiremos o conselho de uns e o parecer de outros, que nem superflua nem inutil julgaram a inserção de algumas tabellas synopticas dos principaes artigos tratados no referido *Diccionario*, 1.ª parte.
Aqui as damos dos artigos de que ainda nos não occupámos; ainda assim menos desenvolvidas que seria para desejar, não supponha alguem que pretendemos justificar o paradoxo — a necessidade de um indice para um diccionario.

TABELLAS SYNOPTICAS

LINGUAGEM

A LINGUAGEM, que tem por synonymos — *lingua, idioma* *lecto*, pode ser: *natural* ou *articulada;* em *prosa* ou em *fallada* ou *escripta.*

Os signaes empregados são: *palavras (termos* ou *vocal* *gestos* e gritos [1].

Na boa linguagem requer-se principalmente — *pureza* *recção, clareza, precisão, ordem, propriedade.*

Além de muito influirem os *synonymos*, obstam ás virtud queridas os *vicios* que adiante se indicam, ou concorrem para grande numero das figuras adiante designadas, influindo na *elegancia*, na *harmonia*, no *ornato;* concorrendo outras os vicios que se oppõem ás bellezas ou virtudes da *lingu* do *estylo* e do *ornato.*

Á *pureza* oppõem-se o — *barbarismo* ou *peregrinismo*, o *vinçianismo* e o *purismo.*

Á *correcção* — o *solecismo.*

Á *clareza*, para a qual se requerem: *precisão, ordem,* *priedade, unidade* e *que a conclusão das clausulas se não de* *muito,* oppõe-se a *obscuridade,* para a qual concorre a *d* siada *concisão* ou *laconismo.*

Á *precisão* — a *redundancia*, a *perissologia*, a *battologia*, *riphrase*, o *pleonasmo.*

Á *ordem*, que pode ser *directa, indirecta, transposta* ou *terrupta* (collocação), oppõe-se a — *synchese*, a *ambigui* o *longo parentheses*, a *grande transposição.*

Na *propriedade* influem muito os *synonymos*, o conhecim perfeito da lingua em que se falla ou escreve, o da *technolog* dos *archaismos*, dos *neologismos*, dos *provincianismos*, etc.

---

1 As palavras em italico raras são as que se não encontram, na 1.ª p — o Diccionario, tratadas em artigo especial.

conhecimento e estudo d'esta parte da *oratoria* resultará
ι *elocução, eloquencia* ou *locução*, a boa *dicção*, o bom *estylo*,
n.

ESTYLO

ESTYLO tem por qualidades essenciaes :
'ENSAMENTOS : *verdade, clareza, naturalidade, ordem, ligação e unidade.*
PALAVRAS : *pureza, propriedade, clareza, decencia* e *conveniencia.*
PHRASES e CLAUSULAS : *correcção, pureza, clareza, unidade, força e harmonia.*
SENTIMENTOS : *naturalidade* e *verdade.*

ESTYLO, considerado quanto ao desenvolvimento que to-
os *pensamentos* ou a *expressão*, divide-se em : *laconico,*
), *rhodio e asiatico*, denominações correspondentes a est'ou-
: *conciso* ou *apanhado*, *preciso*, *desenvolvido*, *abundante*, *pro-*
diffuso ou *verboso.*
nsiderado quanto ao grau e qualidade do ornato, pode ser :
les ou *tenue* (que comprehende o *natural* e o *familiar*) ; *tem-*
do ou *ornado* (que comprehende o *apurado*, o *elegante* e o
ituoso); *sublime*, *grande*, ou *nobre* (que comprehende o *ener-*
o *vehemente* e o *magnifico*).

ianto á fórma das *phrases* e *clausulas*, denomina-se : *cor-*
ou *solto, ordinario* e *periodico.*
s assumptos de *discussão* ha de o *estylo* ser : *claro, preci-*
rte e *grave.*
s de *imaginação*, — *elegante, espirituoso, delicado* e *pitto-*
).
s *patheticos*, — *insinuante, vivo, animado, vehemente* e *ener-*
(algumas vezes).

estylo philosophico requer *precisão* e *raciocinio.*
dialogo da sociedade aristocratica deve ser : *delicado, gra-*
), *fino* e *elegante.*
estylo do homem de imaginação, — *rico* e *brilhante.*
da *epopeia, elevado* e *pomposo*, como o *sublime.*
da *satyra, forte, energico, vehemente, incisivo.*
da *historia, correcto, varonil, nervoso.*
da *maxima, apertado, conciso.*
pastoril, florido, singelo, como o *infantil.*
dos *contos, brincado, attractivo.*
da *sciencia, severo, didactico.*

enumeração de todas as especies de estylo é quasi impos-

sivel; ás classificações dadas, accrescentamos: *affectado, apurado* ou *florido, breve, comico, descriptivo, epistolar, figurado, grandiloquo, historico, medio, monotono, mordaz, oratorio, poetico, satyrico, tragico*, etc.

Para o bom *estylo* muito concorrem a *elegancia*, a *harmonia*, a *conveniencia*, a *consonancia*, e a *collocação* que pode ser *directa, inversa, transposta* ou *interrupta*, e influir para que a *prosa* seja — *incidida* ou *cortada, (inciso), solta, periodica* ou *ligada, (membro* e *periodo)*.

A estas virtudes oppõem-se: a *dissonancia*, que resulta do *cacophato*, do *hiato*, da *collisão*, a *monotonia* proveniente do *echo*, etc.

Importa conhecer as figuras e os tropos que tanto influem na linguagem e no estylo.

FIGURAS

As FIGURAS podem ser: de *palavras*, de *syntaxe*, de *rethorica* ou de *pensamento*.

Nas figuras de palavras pode dar-se:

O ACCRESCENTAMENTO de lettras: no principio — *prothese*; no meio — *epenthese*; no fim — *paragoge*.

A SUPPRESSÃO, de que resulta: no principio — *apherese*; no meio — *syncope*; no fim — *apocope*.

A MUDANÇA, de que resultam — *antithese* e *metathese*.

A SEPARAÇÃO, de que resultam — *diérese, tmese*.

A CONTRACÇÃO, de que resultam — *crase, ecthlipse, synalepha, synérese*.

A TRANSPOSIÇÃO de vozes, de que resultam — *diastole, systole*.

A estas figuras de palavras ajuntaremos as que se fazem: por ACCRESCENTAMENTO das mesmas palavras, taes são: *anaphora, anadiplosis, climaxon, epanalepse, epistrophe, exergasia, ploce, polyptoton, polysyndeton, reduplicação, separação, simploce*.

por DIMINUIÇÃO: *assyndeton, ellipse*, ou *synedoche* e *zeugma*.

por CONSONANCIA: *antanaclasis, agnominacio* ou *paranomasia*.

por SYMETRIA das orações: *isocolon, homeoptoton, homeoteleuton* e *parison*.

por CONTRAPOSIÇÃO: *antithese*.

Nas figuras de syntaxe pode dar-se:

a OMISSÃO por *ellipse, zeugma* e *syllepse*.

a REDUNDANCIA ou accrescentamento por *pleonasmo*.

a ALTERAÇÃO por *enallage* (troca), por *anastrophe* (inversão), por *parenthese* (interrupção), por *hyperbato* (transposição).

As figuras de pensamento comprehendem :
as de COLORIDO : *allegoria, descripção, imagem, periphrase, se-elhança.*
as de DESENHO e ARTE : *antithese, enumeração.*
as de ANIMAÇÃO : *apostrophe, exclamação, hyperbole, interro-ução, ironia, prosopopeia.*

A *erudição* emprega ainda muitas outras, e são :
entre as que *provam* — *communicação, permissão, perplexi-ade, preterição, prolepse, resposta, suspensão ;*
entre as que *movem* — *aposiopese, ethopeia, hypothese, parrhesia ;*
entre as que *recreiam* — *anamnesis, correcção.*
Além d'estas são conhecidas pela denominação geral de

TROPOS

a METAPHORA cujas especies são : a *catachrese* e a *allegoria.*
a IRONIA cujas especies são : o *sarcasmo*, o *asteismo*, a *anti-rase* e o *euphemismo.*
a METONYMIA cujas especies são: a *antonomasia*, a *metalepse*, etc.
a *synecdoche*, a *litotes*, a *catachrese*, a *allusão*, o *euphemismo*, *metalepse*, a *onomatopeia*, o *epitheto*, e outros já mencionados.

Ha outras figuras de rethorica, ainda não mencionadas n'estas nopses, taes são :
alliteração, ambiguidade, amphibologia, amplificação, anace-se, anacephaleose, anacolutho, antanagoge, antapodose, antho-ria, anthropologia, antimetabole, antiparastase, antiphrase, tistrophe, apagogia, apodioxe, apodose, apophase, aporia, ap-sição, archaismo, circumlocução, complexão, congeries, conglo-ção, deprecação, diacope, dialogismo, dubitação, echo (ou *eco*), *são, emphase, enargueia, epanadiplose, epanastrophe, epanoda, anorthose, epiphonema, epiphrase, epistrophe, equivoco, epitro-asmo, epitrope, ficção, gradação, hiato, homeologia, homeose, meoteleuton, hypallage, hypotypose, idolopeia, inversão, mime-, obsecração, parabola, paranomasia, paremia, personificação, percussão, repetição, reticencia, solecismo, subjecção, synchese, nonymia, tmese, translação, transposição.*
Estas figuras e tropos de que nos occupámos são emprega-s em algumas das seguintes

COMPOSIÇÕES DIVERSAS

(em prosa ou em verso)

Acrostico, adagio, analyse, anecdota, anexim, annaes, aphoris-, apologo, apophthema, axioma, biographia, bosquejo, bucolica,

canção, cançoneta, cantata, cantico, cantiga, canto, carta, charada, chronica, comedia, commentarios, compendio, conto, copla, critica, decima, dedicatoria, definição, descripção, dissertação, dithyrambo, drama, egloga, elegia, endeixa, enigma, epicedio, epigramma, epinicio, epitaphio, epithalamio, epitome, epopeia, estancia, estrophe, ethopeia, fabula, fastos, glosa, gnoma, historia, homilia, hymnos, idylio, libello, logogripho, lyra, madrigal, maxima, memorial, memoria, mote, novella, ode, opera, paraphrase, parodia, phrase, poema, poemeto, prefacio, prolegomenos, prologo, proverbio, quadra, romance, satyra, sentença, sermão, solao, soneto, tragedia, tragi-comedia, trocadilho, villancete, xacara, etc.

A manifestação dos pensamentos sobre qualquer assumpto obriga a uma serie de raciocinios, que no dominio da eloquencia se chama

DISCURSO

O DISCURSO divide-se em *capitulos, paragraphos*, etc., e póde ser: *directo* ou *indirecto*. Seus generos são: *descriptivo, didactico, epistolar, familiar, historico* e *oratorio*; a que poderiamos juntar — *academico, anacreontico, deliberativo, dramatico, evangelico, elegiaco, épico, epigrammatico, forense, genethliaco, laudativo, pastoril, politico, panegyrico*, etc.

São objecto do genero descriptivo: o *caracter*, a *chronographia*, a *ethopeia*, a *descripção* propriamente dita, a *hypothypose*, o *retrato*, etc.

Ao genero didactico pertencem: as *composições philosophicas* e *moraes*, as *criticas litterarias* ou *scientificas*, os *dialogos*, as *dissertações, litterarias, religiosas* ou *moraes*, os *escriptos elementares*, os *tratados*, etc.

Ao genero epistolar pertencem as *cartas* ou *epistolas*, cujas qualidades essenciaes são: *brevidade, clareza, propriedade* e *conveniencia*.

Ao genero familiar pertencem: o *apophtegma*, o *colloquio*, a *conferencia*, a *conversação*, o *dialogo*, o *exemplo*, a *gnoma*, a *pratica*.

O genero historico comprehende: *annaes, biographias, chronicas, commentarios, factos, historia propriamente dita, memorias, narrativas, quadros, romances historicos*; cujas qualidades essenciaes são: *verdade, precisão, imparcialidade, interesse* e *dignidade*.

O genero oratorio destinado a *convencer, persuadir* e *mover*; requer: — *acção, disposição, elocução, invenção, memoria* e *boa pronunciação* ou *declamação*.

Pertencem a estes differentes generos de discurso, alem das

especies designadas, as seguintes: *allegoria*, *allocução*, *arenga*, *bosquejo*, *confirmação*, *digressão*, *divagação*, *epilogo*, *epiphonema*, *epithetos*, *exordio*, *explanação*, *imagens*, *improviso*, *interlocução*, *invocação*, *monologo*, *narração*, *panegyricos*, *parabola*, *peroração* ou *conclusão*, *pintura*, *preambulo*, *proemio*, *recapitulação*, *refutação*, etc.

Para todos estes productos da imaginação e do genio devem concorrer os differentes graus do *ornato*: — o *adorno*, a *cadencia*, a *conveniencia*, a *decencia*, a *energia*, os *gestos*, a *harmonia*, a *inversão*, a *ligação*, a *melodia*, o *numero*, a *pureza*, a boa *recitação*, a boa *voz*, etc., que têem cabimento nas differentes especies de

RACIOCINIO

O RACIOCINIO pode ser por *comparação* — comparativo, por *deducção* — deductivo, por *demonstracção* — demonstractivo, por *inducção* — inductivo. As formas do raciocinio de que mais ou menos nos occupámos na primeira parte de nossos estudos foram: o *argumento pessoal*, o *dilemma*, o *enthymema*, o *epicherema*, o *exemplo*, o *sophisma*, o *sorites*, o *synacolutho*, em que podem entrar algumas das *proposições* — *adversativa*, *affirmativa*, *axiomatica*, *explicativa*, *negativa*, etc... qualquer das que ficaram mencionadas de paginas 117 a 124 d'esta parte de nossos estudos.

Assim como na expressão do *pensamento* se encontram bellezas de *dicção*, a que em litteratura se dá impropriamente o nome de *virtudes*, assim importa igualmente conhecer as differentes especies de

VICIOS

Aqui apenas enumeraremos os principaes VICIOS, (*defeitos*), e as principaes virtudes do *enunciado*, ás quaes aquelles se oppõem:

Oppõem-se á CLAREZA: — a *obscuridade*, a *inversão*, a *synthese*, a *transposição* (*collocação*), etc.

—á CORRECÇÃO: — o *solecismo*, o *idiotismo*.

—á BOA ELOCUÇÃO: — a *bathologia*, a *brachylogia*, a *cacologia*, o *cacophato*, a *declamação*, a *perissologia*.

—á HARMONIA ou á *melodia*: — a *blesidade*, a *collisão*, a *dissonancia*, o *cacophato*, o *hiato*, o *éco*, o *hyperbato*, a *monotonia*.

—á NATURALIDADE: — o *culteranismo*, *cultismo* ou *gongorismo*, o *marinismo*, o *purismo*.

—ao ORNATO: —a *auxesis* ou *hyperbato*, o *cacozelon*, o *cenismo*, a *macrologia*, a *meiosis*, a *omeiologia*, a *periargia*, a *tapeinosis*.

—á BOA ORTHOGRAPHIA: — a *cacographia*.

as *ideias*, pela *falla* ou pela *escri*
crevendo, empregamos *palavras*;
tas *partes* elementares de toda a *l*
tão variados aspectos, que não d
differentes qualificações que lhes
feito allusão a algumas d'ellas nc
nossos estudos.

Palavras, vozes, vocabulos, term
a tabella com que completamos o n
á prosa, principalmente se refere a

PALAVR

As palavras referem-se com pa
e *circumstancias* em que teem part
todavia influem tambem na *compo*
stancias grammaticaes, e se forem,
engraçadas e energicas, revestirão
estylo de *belleza*. As palavras pois p
cas, *archaismos*, *compostas*, *congen*
dissyllabos, *enclyticas*, *equipolentes*,
grammos, *homographos*, *homonymos*,
jectivas, *intransitivas*, *invariaveis*, *n*
cionalisadas, *neologismos*, *obsoletas*
polisyllabos, *primitivas*, *puras*, *reger*
dinadas, *subordinantes*, *synonymos*, *s*
tivas, *trisyllabos*, *variaveis*, etc.

ANALYSE GERAL

SECÇÃO III

(Prosa dos melhores escriptores de ambos os sexos)

A Europa deve unicamente ao Evangelho o imperio que exerce nos destinos do mundo. É do Evangelho que ella tem auferido a sua superioridade intellectual e moral, a mansidão progressiva dos seus costumes, a perfeição das suas leis, a grandeza das suas instituições, e até a esperança que tenha no futuro. Porque se houvessemos de cair na decrepitude, seria renegando o Evangelho; ao passo que se um dia virmos, como é de crer, sentados ao banquete da civilisação os povos mais ou menos barbaros da Asia, da Africa, das ilhas oceanicas e da America, então abraçarão esses povos o Evangelho, já agora inseparavel de quanto ha grande no universo.

Ás vessas das cousas humanas, que em tendo durado muito, signal que breve acabam, o christianismo pode affirmar os seus futuros e inevitaveis triumphos, fiado nas suas passadas victorias. Está a rasão d'isto muito acima da esphera, onde os seus impotentes adversarios costumam assentar a sua falsa critica. A prova de que o christianismo é uma revolução definitiva, está na elevação e santidade do seu principio. Para os crentes nada mais claro; os outros interroguem a historia e julguem.

O christianismo não foi uma d'essas innovações de formas politicas e sociaes, nem um d'esses accidentes que encrespam a superficie dos estados; innovações e accidentes que passam com o tempo e acabam por

exemplo, ennobrecendo-a]
nas lides da tribuna e da
gna de admiração, que a ı
tães coroados pela victori
do mundo, rodeados de p
bem do triste cortejo de
até a mais justa e santa g
dos seus triumphos.

As duas glorias são irm
timento (o amor da terra)
louros salpicados de sang
de Frederico da Prussia,
ma civica de Fox, de Ch
Franklin, a rasão e a phi
insondaveis.

Todos são combatentes e
guiados pela mão da Prov
que muitas vezes alcançam
de uns não são comtudo c
A espada quasi sempre f
troa e derruba ao acaso.
consuma, e não cria ideias.

a fumo, em fogo e em estrondo. Por onde correm do treme, vacilla e cai. A sua voz consterna o presnte, embora annuncie o futuro. A sua obra espanta paralysa de terror as gerações. Entre o mundo, que ısaba, e o mundo, que se reconstrue, as phalanges ; Alexandre, as legiões de Cesar, as hordas dos barıros, os esquadrões dos cruzados, e as aguias de onaparte, rasgam novos caminhos, dilacerando prondamente o seio das nações, cuja transformação opem. Quem dirá que o rei de Macedonia, o vencedor ; Pompeu, o rei dos hunos, Godofredo de Bouillon, ı Napoleão não obedeciam a um espirito invisivel, otor e alma de todos os seus prodigios! Quem não ; que terminada a sua missão dolorosa, mas neces.ria, se lhes levantam de subito as columnas do im›ssivel para os deter, provando aos mais soberbos poderosos, que só Deus é grande?!

Ha quasi tres seculos um portuguez que resumia › seu engenho todas as faculdades da sua nação, no ıu coração todos os sentimentos da sua terra, na sua ›r todas as agonias da sua patria, já debruçado sobre tumulo soltava, cysne moribundo, os accentos in›irados da sua voz para pagar ao *ninho seu paterno* preito da sua gloria.

O sarcophago do cantor seguiu apenas com dois ınos de intervallo ao sarcophago da patria, a jazida ›scura de Sant'Anna aos areaes sangrentos de Alca›r-Quibir.

No mesmo anno em que Filippe de Castella ataı o nobre Portugal, o Promotheu da civilisação mo›rna, ao aspero penedo da sua tyrannia, soltava-se poeta das cadeias da terra para voar á immortaliıde.

A patria morrera. Morreu com ella o seu Homero o seu Tyrteu. Mas, filho obsequente e estremoso,

lyra ao doce alvorecer do
veu o testamento da velha
D. Sebastião, o illustre a
vallaria, bruxoleava os ul
magestade. O outro inscu
de uma era nova, mescl
nacional, ao estrepito da
Pedro IV, o generoso pal

Garrett vinha atar o
heroicas de outras eras cc
Portugal. Porque a vida c
ma cuja unidade não pe
jubilosas ora sombrias do

O poeta liberal para ca
elegeu um nome que as ci
reprehendendo os seus co
veneravam a augusta reli
culto patriotico de seus gr
n'um rasgo de nobre agas

> Onde está, portugueze
> Que do immortal cant

da sua natural belleza e de venerandas recordações; e veio aqui (grande e nobre façanha!) repor a bandeira franceza em um navio, d'onde nós a haviamos arrancado, para que não continuasse a manchar-se, cobrindo o trafico da escravatura.

Esta visita á nossa terra foi mais feliz do que outras, porque já vimos essa mesma aguia levantar-se das eminencias que bordam este mesmo Tejo, e arrastar-se em vôos atordoados e incertos de serro em serro atravez das Hespanhas, até se recolher na guarida d'onde saira, levando apenas nas garras já mal seguras o desengano de imaginados dominios e poderios. (*Vozes — muito bem*).

A França nunca pode ser grande senão como philosopho, como pensadora, como humanitaria, como liberal, como protectora de gratas ideias e promotora de grandes intuitos.

As suas armas são muito valorosas, mas desacompanhadas d'estes auxiliares estão sujeitas ás vicissitudes da guerra, e esta verdade já foi ensinada á França com amargas lições, que ella teria evitado se não fôra o seu engodo por glorias falsas.

O maior defeito d'essa brava e estimavel nação, é juntar á mais extremada vaidade a mais injustificavel modestia. A França crê que pode tudo, mas não crê poder governar-se, como se uma nação d'aquellas não lhe fôra facilimo compor governo de si propria para si propria, pelas suas luzes, pela sua experiencia, pelos instinctos do seu povo, pela sua dedicação e virtudes de seus naturaes, que são muitos com estas qualidades, sem recorrer nos seus momentos de angustias, a recordações obsoletas, a nomes desprestigiados, a brazões obliterados, a symbolos que já se não podem traduzir, e a cores que ficaram para sempre desbotadas.

Os heroes são excepções monstruosas da nossa natureza; podemos vangloriar-nos de vermos os seres da nossa especie exceder as condições ordinarias da nos-

mildade do berço commum
sepultura para que os de
apontada á indignação publ
(Vozes — muito bem).

As ondas tocadas da temj
no penhasco que as assober
se, amontoam-se; sobem u
petem assim os ataques, re
que galgam á altura onde a
lá, fatigadas e desfeitas e
d'onde sairam, no mar d'oi
dera a força, no mar em
muito bem). Os heroes são e
estes canhões espumosos.
como elle larga, vasta, imn
sempre saltar fora das sua
que a dominam, e voltand
inquietação, aos principios
perpetuamente está sujeita,
foi creada. E, serenada a t
penhascos em que as ondas
apenas roca. que iá não at

cisão a marcou o douto e elegante cardeal Saraiva, no *Ensino sobre alguns synonymos da lingua portugueza.*

O *homem* entende-se por toda a comprehensão da ideia da natureza humana; *os homens* por toda a extensão d'essa ideia, isto é, pela collecção de todos os sujeitos, a quem ella compete.

O *homem* entende-se o typo original da natureza; *os homens* entende-se esse typo alterado por immensos accessorios, que ás vezes o tornam quasi desconhecido a si mesmo e aos outros. — Em abono d'esta differença adduz o insigne philologo os seguintes pensamentos de dois philosophos: *o homem* é bom; mas *os homens* são maus. — Os philosophos ordinariamente conhecem muito melhor *o homem* do que *os homens.*

— Natural transição nos offerecem estes dois exemplos para tomarmos nota de alguns pensamentos, que diversos escriptores nos fornecem a respeito *do homem, dos homens e dos grandes homens.*

O famoso publicista Bonald formulou do modo mais conceituoso esta bellissima definição philosophica: — *O homem é uma intelligencia, que tem ao seu serviço orgãos materiaes.*

O homem, disse Segur, *vive de contínuo sujeito a duas forças oppostas que alternativamente o arrastam: o attractivo da novidade, e a influencia do habito.*

— Desprendamo-nos agora da essencia, do typo da humanidade, e passemos á consideração do estado, da segunda natureza do homem, já transformado pelas relações sociaes, pelas paixões, pelos interesses.

«*Os homens* (disse um pensador) assemelham-se áquelles viajantes, que, devorados pela sêde, chegam por fim a encontrar a agua por que suspiravam; logo, porém, que se refrigeram, e saciam a sêde, voltam immediatamente as costas á fonte.»

¿ Não quererá isto dizer que os homens, apenas salvos do perigo, se esquecem logo de que elle pode repetir-se?

necessidade de *grandes ho*
lhe seja funesto um tal]
força concedida a esses «
a constituir a nossa prop
d'elles nos ergue e alevan

A ultima parte d'este
como facilmente o penetr.
parte porém apresenta-no
que a experiencia confirm
mais que necessarios, são
ções politicas; mas a hist
de que ás vezes são funes

Esses genios, disse Chat
quaes começa uma nova o
bem, quer para mal, são s
senão pelas suas obras e já

No mesmo sentido refer
poleão I á pessoa, que lh
preparar pela educação o p
stituir um dia:

= Ao soldado, que chega
no, disse alguem: Senhor!

ia bem que o poder lhe havia sido confiado
1 determinado fim, e até chegar uma hora que
prio não podia antecipar nem retardar.
a realmente estranheza que um philosopho il-
im espirito grandemente cultivado, um pensa-
exivo, Cousin finalmente, se contentasse com
s que nada significam!
o acaso conceber-se que, por um decreto da
de, por um *fiat* da Providencia, fossem ou-
s poderes a um homem para pelejar batalhas,
crificar victimas innumeras ao seu engrande-
, para attrair á França duas invasões e, afi-
morrer captivo em um rochedo inhospito?
a que é recorrer a explicações mysticas e de-
rias, que não sustentam a analyse da critica,
do aliás é facillima e muito natural a explica-
historia do *soldado feliz*?
grande homem tinha uma extraordinaria ca-
e intellectual; nas cousas da guerra e da admi-
o possuia o que se chama *genio*; mas era maior
o isso a ambição que o devorava. No exerci-
limitada liberdade de acção, e á força de au-
oi subindo, subindo, até que a sua propria ce-
resultado de uma infatuação collossal, o pre-
no abysmo.
o, não acredito na *missão providencial dos*
ominadores [1].

---

eio do luxo dos reaes aposentos de Fontaine-
:hava-se reclinado n'uma poltrona um ancião
el, envolvido até aos pés n'uma sotaina bran-
nenhum ornamento ou insignia de dignidade.
ies do nobre ancião apresentam os vestigios
pungente dor; o rosto é magro e pallido, as
gadas e os olhos encovados; porem uma tran-

3.º periodo do artigo a pag. 138.

silenciosamente na sala.
o Papa, e diz-lhe:
— O antigo Deus viv
dade; e o que espera d'e
— Eu sei que este I
cumpre a sua palavra, d
— O que vos promette
— Prometteu á sua Eg
tra seus inimigos, e qu
consummação dos seculos
o santo Padre.
— É uma grande pro
mal satisfeito com o Pa
Deus antigo. Quero fun
meu bel prazer; o seu C
dor e não o Representant
— Senhor! vós ultrap
poder!...
— Eu posso tudo na
soberbo — salvo vencer a
qual se intitula Represent
tanto na sua obstinação e

incutiam o terror nos corações dos soldados, fitaram tremulos o chão.

— Fallai, estou escutando — disse elle inclinando-se ligeiramente.

— Ameaçais de fazer morrer o Papa entre ferros; de perseguir e anniquilar a Egreja; de fundar uma religião d'Estado — continuou Pio VII. — Soberanos mais poderosos do que vós o tentaram debalde. Os imperadores romanos, senhores do Universo, perseguiram a Egreja durante 300 annos. Tentaram anniquilar a doutrina de Christo. Mataram os Papas, martyrisaram os fieis. Que resultados alcançaram aquelles poderosos imperadores, por uma perseguição de trezentos annos, por uma crueldade inaudita e pelo morticinio de doze milhões de christãos?! Justamente o contrario do que pretendiam. A doutrina de Jesus Christo não foi desarraigada! A perseguição foi apenas um furacão que levou a semente da palavra divina aos paizes mais longiquos; do sangue dos martyres nasceram novos christãos. D'onde provém este phenomeno prodigioso? Provém simplesmente de que este Deus antigo, do qual Vossa Magestade está zombando, cumpriu a palavra de proteger a Egreja contra todos os seus inimigos e contra as proprias potencias do inferno. Onde estão hoje os imperadores romanos, esses dominadores do Universo? Desde ha muito desappareceram com o seu imperio! O aquilão dispersou as cinzas de seu throno; os altares do paganismo estão derribados, a Egreja porém está em pé! Folheai ainda mais a historia. Na idade média, mais de um braço ameaçou o papadò. Deram-se assaltos terriveis contra a Egreja e o seu chefe supremo; o braço divino porém, que protege a Egreja, esmagou os seus inimigos. Magestade, o Directorio arrastou para o captiveiro ao meu predecessor, o Papa Pio VI, e deixou-o perecer entre ferros; vós conheceis os fructos d'este attentado sacrilego. Agora conservais-me prisioneiro ha quatro annos. Oh! tenho soffri-

do cruelmente! Mais de uma vez me pareceu que a morte queria pôr termo aos meus soffrimentos, e no entretanto estou ainda vivo! Sim! eu vivo ainda para servir de testemunha, quando o antigo Deus vos esmagar tambem, logo que esteja cheia a vossa medida! Logo então experimentareis a sorte dos perseguidores da Egreja!...

O Papa caíu extenuado sobre a poltrona; o imperador ficou em pé com os braços cruzados, fitando olhares selvagens no ancião.

— Eis ahi o apogeu do orgulho sacerdotal! — exclamou o soberbo conquistador exasperado. — O Deus antigo só esmaga os tolos, mas respeita um Cesar! Porém vós, senhor Papa, tremei da minha colera...

E retirou-se bruscamente da sala, deixando a sua augusta victima debaixo do peso da mais dolorosa impressão.

....

....

....

Dois annos depois estava Napoleão, outr'ora senhor da Europa, prisioneiro na ilha de Santa Helena. Esta ilha é deserta, inhospita. N'ella não ha mattas, nem arvoredos sombrios e umbrosos; por toda a parte rochedos e ruinas vulcanicas; nenhum cantinho de terra cultivada; é um horrivel carcere no meio das solidões do mar!

Alli n'aquelle ermo solitario, curvado sobre a immensidade do Oceano, meditando na inconstancia das cousas humanas, dizia o ambicioso corso, *que tudo podia na Europa* (e agora prisioneiro de Hudson Loove); aquelle homem extraordinario, que fizera tremer os thronos da Europa a um lampejo da sua espada: — o que são as conquistas de Alexandre, comparadas com as de Jesus Christo? Nada!... Ainda que Alexandre tenha conquistado o universo pela força, as suas conquistas não foram duradouras: Jesus conquista e affeiçoa-se, não a uma nação mas a toda a

raça humana. Suas conquistas estendem-se a dezoito seculos, e, segundo toda a apparencia, estender-se-ão até á consummação dos seculos! E o que exige Jesus de cada homem? Aquillo que mal se chega a ganhar com grande difficuldade: o coração. O objecto que muitas vezes pede em vão o homem sabio a alguns amigos; o pae a seus filhos; o esposo a sua esposa; irmão a seu irmão — o coração, o amor! Jesus os tem conquistado aos milhões durante dezoito seculos!... Milagre maior que todos os milagres.... Alexandre, Cesar, Annibal, com todo o seu genio, nunca alcançaram semelhante fim. Conquistaram o universo, porém nunca souberam conquistar um coração humano! E Christo? Pertencem-lhe os corações de milhares e milhares de individuos ha dezoito seculos; e muitos d'elles se deixaram martyrisar por amor d'Elle; outros acceitam voluntariamente o seu jugo, e supportam por Elle as mais duras privações! Quem desconhecerá, pensando n'este grande e permanente milagre de Christo, o Verbo Divino que creou o Universo!....

Exaltei batalhões que morriam por mim. Elles porém, precisavam da minha presença, do meu olhar magnetico, da minha voz...... Onde estão os cortezãos que tanto me lisongeavam?! Onde estão os meus amigos?! Apenas dois ou tres partecipam do meu exilio!!....................................

Que abysmo entre a minha profunda miseria e o reino eterno de Christo, que é annunciado, prégado, amado e adorado por toda a terra!..............

E a sua Egreja! a Egreja que Elle proprio fundou?!... O seu braço omnipotente ha de protegel-a!... Que temerario, que orgulhoso eu fui!..... Nenhum poder contra ella triumphará.............

E as vagas do oceano, quebrando-se contra os rochedos, pareciam applaudir as palavras do vencedor da Europa no desterro e na oppressão em que morreu.

....

Um dia, perto do tumulo que o havia de guardar,

ouvidos... soccorreram-
morresse ainda... Este (
nham de ser testemunha
mares d'Africa... O pe
lena era o meu destino!

Que grandes ideias nã
no animo do homem reli
pensador! Para aquelle
sublime em que se encarr
o regenerador da humanid
que mais pura e santa d
para ambos o iniciador da
tyr de uma causa sagra
sangue fecundou a arvo
dos povos.

O mundo debatia-se na
duzidas pela putrefacção
fructos do Asphaltite, es
apparencia tentadora as c

tada em terreno pedregoso, cuidadosamente escondida na sombra do tabernaculo, produzia apenas fructos amargos ; era necessario que um novo garfo viçoso e luxuriante a viesse rejuvenescer, era necessario que o sangue de um martyr divino se tranformasse para ella em dulcissima seiva ; a Biblia austera, emfim, precisava de ser regenerada pelo Evangelho suave.

Foi então que appareceu o Christo ; foi então que nasceu o doce Jesus no presepe humilde de Bethleem ; e vejam como em todas as circumstancias que rodeiam esse nascimento se conhece já o caracter meigo da nova religião, em vez da epopeia sinistra, que preside á fundação da religião de Moysés, em vez da sarça ardente, em vez dos castigos tremendos que desabam sobre o Egypto, em vez da voragem que se abre no mar Vermelho, temos um idyllio suavissimo, pastores, anjos de azas brancas, estrellas a traçarem uma entrada argentea e não a columna de fogo a afoguear o horisonte com a sua luz vermelha ; e o boi melancolico a bafejar com o tepido halito a criança recemnascida, a mulher bella e pura a ministrar-lhe o seio. É uma egloga suave, bucolica, deliciosa, um idyllio oriental, fresquissimo e perfumado.

Depois, quando chega o momento da prédica, quando a palavra da vida vai ser communicada ás multidões, quando as taboas da nova lei vão ser lavradas pelo Redemptor da humanidade, não é entre os relampagos e os trovões do Sinai que o vulto do legislador religioso nos apparece terrivel, austero, olympico, cercado de uma aureola de raios, fulminando com a palavra de fogo os scepticos e os impios como outr'ora Moysés na montanha, fallando face a face com o Senhor e lançando o anathema sobre o seu povo de vacillante fé ! Não, o codigo do christianismo confia á doce brisa dos campos as suas paginas soltas ; não é trovejante a palavra da vida, é meiga e affavel ; não é sinistra a paisagem, é suave como o reflexo do Paraiso ; o lago de Tiberiades com as suas mansas aguas, as

Este vulto é o Christo,
fundador do novo systen
nova lei, o filho de Deus
Assim o representa a
com effeito. Quando hoje
representamos na phanta
ves, nunca o vulto de Jes
gura. É a multidão silenci
negras, as raparigas judia
zella assustada, com o se
suas formas gentís, de cai
ca, e no meio d'estes gr
suave physionomia, de lon
deixando correr dos labios
lavra eloquente, que ha de
Depois veio o supplicio
vario, a cruz! Nunca se a
apenas mais uma sombra
colica, mais um toque de
gnado, mais um raio de an
Foi sempre assim que a h
sim que elle appareceu em

e alguma vez os grandes pintores da escola hespa-
hola o representaram livido, macerado, ascetico,
histro, quasi feroz, é porque a religião que os in-
pirava não era a religião de Christo, era a de Tor-
nemada, porque a luz dos seus quadros emanava
os autos de fé, não das paginas do Evangelho.

«Dom donzel, onde é que está el-rei? — Dizia Affonso
omingues ao pagem, caminhando com passos incer-
s ao longo do vasto aposento.»
D. João I, que ouvira a pergunta, respondeu em
s do pagem:
«Agora nenhum rei está aqui, mas sim o Mestre
Aviz, o vosso antigo capitão, nobre cavalleiro d'Al-
barrota.»
«Beijo-vos as mãos, senhor rei, por vos lembrar-
ainda de um velho homem d'armas que para na-
presta hoje. Vêde o que de mim mandais; porque
vossa ordem, aqui me trouxe este bom donzel.»
«Queria ver-vos e fallar-vos, que do coração vos
mo, honrado e sabedor architecto do mosteiro de
ta Maria da Victoria.»
Architecto do mosteiro de Santa Maria, já o não
; vossa mercê me tirou esse encargo: sabedor,
ca o fui, pelo menos muitos assim o crêem, e al-
s o dizem: dos titulos que me dais só um me ca-
hoje, o de honrado, que este mercê de Deus, é meu,
ra infamia roubal-o a quem já não pode pegar em
montante para defendel-o.»
«Sei, meu bom cavalleiro, que estais muito torvado
migo por dar a outrem o cargo de mestre das obras do
steiro; n'isso queria eu fazer-vos assignalada mer-
Mas venhamos ao ponto: sabeis que a abobada do
pitulo desabou hontem á noite?»
«Sabia-o, senhor, antes do caso succeder.»
«Como é isso possivel?!»

«Porque todos os dias perguntava a alguns d'esses poucos obreiros portuguezes que ahi restam como ia a feitura da casa capitular: no desenho d'ella puzera eu todo o cabedal do meu fraco engenho, e este aposento era a obra prima de minha imaginação: por elles soube que a traça primitiva fôra alterada e que a junctura das pedras era feita por modo diverso do que eu tinha apontado: prophetisei-lhes então o que havia de acontecer. E — acrescentou o velho com um sorriso amargo — muito fez já o meu successor em por tal arte lhe pôr o remate, que não desabasse antes das 24 horas.»

«E tinheis vós por certo que, se vossa traça se houvera seguido, essa mesurada abobada não viria a terra?»

«Se estes olhos não tivessem feito com que eu fosse posto de banda como uma carta de testamento antiga, que se atira, por inutil, para o fundo de uma arca, a pedra de fecho d'essa abobada não teria de vir esmigalhar-se no pavimento antes de sobre ella passarem muitos seculos; mas os de vosso conselho julgaram que um cego para nada podia prestar.»

«Pois se ousas levar a cabo vosso desenho, eu ordeno que o façais, e desde já vos nomeio de novo mestre das obras do mosteiro de Santa Maria d'Alcobaça, e David Ouguet vos obedecerá.»

«Senhor rei — disse o cego erguendo a fronte, que até alli tivera curvada: — vós tendes um sceptro e uma espada; tendes cavalleiros e besteiros, tendes ouro e poder: Portugal é vosso, e tudo quanto elle contém, salvo a liberdade de vossos vassallos: n'esta nada mandais. Não!... vos digo eu: não serei quem torne a erguer essa derrocada abobada! Os vossos conselheiros julgaram-me incapaz d'isso: agora elles que a alevantem.»

As faces de D. João I tingiram-se do rubor de despeito.

«Lembrai-vos cavalleiro, — disse elle — de que fallais com D. João I.»

Cuja corôa — acudiu o cego — lhe foi posta na ca-
beça por lanças, entre as quaes reluzia o ferro da que
a brandia. D. João I é assaz nobre e generoso,
ara não se esquecer de que n'essas lanças estava
scripto: — *os vassallos portuguezes são livres.*»

«Mas — tornou el-rei — os vassallos que desobede-
em aos mandados d'aquelle em cuja casa têem acos-
amento, podem ser privados da sua moradia...»

«Se dizeis isso pela que me destes, tirai-m'a; que
ão vol-a pedi eu. Não morrerei de fome, que um ve-
lo soldado de Aljubarrota achará sempre quem lhe
smole uma mealha; e quando haja de morrer á min-
ua de todo humano soccorro, bem pouco importa
sso a quem vê arrancarem-lhe, nas bordas da sepul-
ura, aquillo por que trabalhou toda a vida, um no-
me honrado e glorioso.»

Dizendo isto, o velho levou a manga do gibão aos
lhos baços e embebeu n'ella uma lagrima mal sus-
ida. El-rei sentiu a piedade coar-lhe no coração com-
rimido de despeito e dilatar-lh'o suavemente. Uma
as dores d'alma que, em vez de a lacerar, a con-
olam, é sem duvida a compaixão.

«Vamos, bom cavalleiro, — disse el-rei pondo-se
m pé — não haja entre nós doestos. O architecto do
osteiro de Santa Maria vale bem o seu fundador!
Houve um dia em que nós ambos fomos pelejadores:
u tornei celebre o meu nome, a consciencia m'o diz,
ntre os principes do mundo, porque segui ávante por
ampos de batalha; ella vos dirá tambem, que a vossa
ama será perpetua, havendo trocado a espada pela
enna com que traçastes o desenho do grande monu-
mento da independencia e da gloria d'esta terra. Rei
os homens do acceso imaginar, não desprezeis o rei
os melhores cavalleiros, os cavalleiros portuguezes!
Tambem vós fostes um d'elles, e negar-vos-eis a pro-
eguir na edificação d'esta memoria, d'esta tradição
e marmore, que ha de recordar aos vindouros a his-
oria de nossos feitos? Mestre Affonso Domingues,

em nome da gente portugı
nal da posteridade, se rei
á patria vosso maravilhosc
ça, como antigo irmão nc
crê que não quereis perde
de bom e honrado portugı

El-rei parecia grandem
involuntariamente, lançou
coço do cego, que soluçava
só palavra.

Houve uma longa paus
em pé quando el-rei se er
sos o que diria o velho.
silencio.

«Vencestes, senhor rei,
da casa capitular não ficar
teiro da Batalha, sonho q
vida entregues a cogitações
imagens será realisada, se
dra em que vou estampal
almas entendem-se: as uni
e inteiramente suaves que

que entalhou em gargula de cimalha rendada. Que me restituam os meus officiaes e obreiros portuguezes; que portuguez sou eu, portugueza a minha obra! De hoje a quatro mezes podeis voltar aqui, senhor rei, e ou eu morrerei ou a casa capitular da Batalha estará firme, como é firme a minha crença na immortalidade e na gloria.

El-rei apertou então entre os braços o bom do cego, que procurava ajoelhar a seus pés. Era a attracção de duas almas sublimes, que voavam uma para a outra. Por fim D. João I fez um signal ao pagem, que se approximou.

«Alvaro Vaz, acompanhai este nobre cavalleiro á sua pousada. E vós, mestre mui sabedor, ide repousar: dentro de quinze dias vossos antigos officiaes terão voltado de Guimarães para cumprirem o que mandardes. — Mui devoto padre prior, — continuou el-rei, voltando-se para Fr. Lourenço — entendei que d'ora ávante Affonso Domingues, cavalleiro de minha casa, torna a ser mestre das obras do mosteiro de Santa Maria da Victoria, emquanto assim lhe aprouver.»

Era no arrabalde de uma das nossas povoações mais florescentes. A atmosphera estava tepida, ia-se pôr o sol. Por entre o arvoredo de espaçosa varzea uma ninhada immensa de avesinhas pipillava docemente como quem aguardava; tão parecido com a esperança era o seu pipillar. Passado tempo, de um campo extensissimo, dividido por silvados e arbustos, vem uma nuvem de passaros chilreando. Ao verem chegar os paes, as avesinhas batem as azas de contentes. Ali gorgearam, grandes e pequenas. De repente, como que depois do festejo, levanta todo aquelle mundo, voando na direcção da seara, indo na frente uma tribu dos paes, no centro os filhos, e por ultimo o resto das grandes. Uma das pequenas não pode

sim, a fraternidade
nas sociedades antigas,
tro da familia da patria

O soberbo, o hypocri
sentiam-se despedaçar á
dos vendilhões, e das rui
nasciam os fundamentos
iniciados pela boa nova.

O christianismo appar
ção em nome da nature
poderes constituidos, atac
das as instituições, todas
direito justo. «Vim para f
o mundo.»

Julgava matar a sediç
contrario aquelle sangue f
pios. A milicia do progres
labaro onde estava escript
e combatendo assim, o ch
á sua filha, á liberdade d
transformar á sombra d'ell

O genero humano tinha

a serra da Estrella com as suas neves; a Caramulo com a sua tristeza; ao sul, o Bus- gloriosa memoria, e de mystica tradição.
cidentado o solo, succedendo-se ás pequenas 5es do terreno as collinas, os serros e os mon- arados, uns dos outros, por quebradas e val- nde sussurram as aguas, caidas das alturas. ımiadas ou são vestidas de urzes, e de asperos u são toucadas com a rama verdenegra dos ›s. Mas tão rica de seiva é toda a terra, que ıres em que o machado desbastou o pinhal, ɔgo apparecer a leira verdejante, que irá es- ndo pela encosta, até se casar com a farta dos valles.
sotos de castanheiros de carcomido tronco, e hacs e carvalhedos, segue-se, aqui, o rico plai- ıado pelo ribeiro e pelo moinho ruidoso; alli, , a espreguiçar-se na encosta, mais acima, e : perto, a oliveira.
:ristes as aldeias, porque o granito beirão, mal ado e ennegrecido, lhes dá a côr do luto, e .las, e como a oliveira, é triste o aspecto do ão ha as amplas planuras em que a vista se ɜ se namora; nem os meandros da lisa corren- :ir, em longa fita por entre as folhas dos sal- ı; nem o alvejar de muita casa branca no das collinas; nem a laranjeira odorosa enfilei- a pomares extensos; que, fora do Valle de ›s, sómente a encontrareis como benefico ata- :asa do lavrador!
na altura, no logar vistoso, apparecer-vos-á .ada a capella ou a egreja, meia escondida de ı folhas de castanheiros, de carvalhos e de oli- São a devota alegria das povoações visinhas; ɜspeitada causa de festas e romagens, onde ó ɔca, por sincera alegria, o ar serio e grave, é habitual.
eira vereis a infancia dos processos agricolas;

e emquanto vão caminhand
na breve oração, só ouvireis
que se recolhem ao redíl.

E em tudo vereis a cren
a paz, e esta sã virilidade
é o eterno louvor da nature

Caminhai para leste, vin
Estrella, d'esse velho Herm
cultura e a industria, que
lhes corre a agua em torr
transformado em motor eco

Dizeis-me que estamos em
alli está velado por farto len
o corpo o frigido vento, q
aquella parte da Beira é com
talhado.

Vinde, porém, assim mes
generosa e franca, e na lare
cavacos e ramos seccos.

D'aquella altura parecer-v
so espaço até ao Caramulo.

Levar-vos-ei ao presbyter
...

ra saída, atravessando todo o edificio. Ás dos lados
orrespondem duas salas; uma, das visitas; outra,
uarto de dormir do actual possuidor.

São oito horas da noite; dezembro vai no fim e
stá nevando.

No fundo da casa vê-se o clarão brilhante, que da
osinha se expande para o proximo corredor. Sente-
e de longe o rumorejar das fortes chammas e o crepi-
ar da lenha secca.

Sopra gelido vento! Brame nevosa tempestade!
A lareira do presbyterio de S. Romão é a um tempo,
onforto e alegria.

Lá fora pendem dos beirados as stalactytes crysta-
inas, geladas lagrimas do inverno. Do cimo da serra
lesce a grande toalha branca, que esconde, até muito
onge, toda a verdura e toda a vida. As arvores co-
ertas de neve fazem lembrar rocadas de alvissima
l, que alguem (feiticeira, de certo) emmaranhasse,
rrepellasse, desgrenhasse com furia.

E voam e revoam em confusão, os flocos de neve,
ncontrando-se, impellindo-se, afastando-se, subindo,
lescendo, pousando, erguendo-se; borboletas disfor-
nes, leves, subtís a nadarem silenciosas no fluido
tmospherico!

Sopra gelido vento! A lareira do presbyterio tem
alor e vida.

Poz Deus no paraizo a Adão, e deu-lhe para seu
egalo o fructo de quantas arvores tinha aquelle mar
le plantas, aquelle ceo de flores, bosque de suavida-
les e côrte das frescuras. Vedou-lhe porém, com pena
le morte o fructo da arvore da sciencia do bem e
lo mal.

Sem embargo d'isto, em Deus virando costas, co-
no cá diremos, foi Eva conversar com o demonio, e
omo de tal conversação se não tira outro fructo, lan-
ou Eva mão ao pomo vedado, provou com Adão e

peccaram ambos, e no brevissimo espaço er
bocado fatal passou pela garganta do homem
tambem com elle o mundo do estado da in
ao da culpa, da immortalidade á morte, da p
desterro, das flores aos espinhos, do descanço
balhos, da felicidade summa ao summo da in
de e da miseria.

Mui judicioso é o apologo, que se conta das
que tinham seus ninhos entre as searas.

Dissera o dono do campo a seus criados,
tassem de metter a foice, se vissem estar os
zonados. E ouvindo este recado uma d'ellas,
ares avisar as outras, que mudassem de sitic
vinham logo os cegadores. Porem outra mais
aquietou do susto dizendo: — deixemo-nos es
de mandar elle os criados a fazer-se a obra v
muito tempo.

D'alli a alguns dias ouviram, que o amo
tava com os criados, porque não tinham feil
lhes ordenara, e que mandava sellar a egua p
mesmo vir ver o que convinha. — Agora sii
aquella cotovia astuta) agora sim, irmãs, lev
o vôo, e mudemos a casa, que vem quem lh
fazenda.

A moralidade d'esta fabula explica-se perfei
com o proverbio portuguez: Quem quer vai q
quer manda.

Presença e voz insinuante, phrase e phant
rebatada foram as prendas, que grangearam
Estevão as palmas de primeiro orador portu
o logar eminente que occupou nas lides parl
res.

Quando o assumpto o inflammava, quando de
bre elle a luz, que despede o astro radioso dos

quem não sentia, ouvindo-o, o espirito enlevado na commoção irresistivel, que só o *bello* tem o raro privilegio de excitar, qualquer que seja a forma e o momento?

N'esta manifestação da arte, uma das mais arriscadas, os dotes physicos são auxiliares poderosos. Muitas vezes na tribuna o aspecto completa o discurso; e por isso antes de nos determos diante do orador paremos por instantes a contemplar o homem.

José Estevão pertenceu á geração, que assistiu em 1828 á queda da liberdade, padeceu por ella nas amarguras do desterro, e que a fez triumphar nas lutas e combates.

De estatura mais que mediana, esbelta, tocada de certa arrogancia militar, que lhe realçava a gentileza, á sua presença sympathica, espirituosa e animada attraía e insinuava-se. O rosto cheio e engraçado, as feições nobres e varonís e a viveza dos olhos, que ao menor impeto scintillavam, compunham uma das physionomias mais distinctas do typo peninsular.

A fronte, já despovoada, rasgava-se espaçosa e sem nuvens em harmonia com o sorriso, não desmalicioso que lhe alegrava a bocca. Todas as proporções do corpo, quando um grande pensamento o dominava, concorriam para o decoro do gesto e da exposição, e nas occasiões solemnes ninguem excedia a elegancia d'aquelle busto que a natureza parecia ter moldado de proposito para a tribuna.

Nas horas de anciedade publica, ou nos momentos mais graves de anciosa discussão, antes de elle abrir os labios já o silencio de amigos e adversarios annunciava a voz que todos escutavam com admiração.

Nervoso e sensivel, o coração pulsava-lhe em cada palavra, o enthusiasmo, ou a indignação accendiam-lhe a phrase, e de um jacto fundiam a imagem.

---

cas, cujas origens se confu
humanidade; o berço occide
balado esses guerreiros da
ram a terra com os seus fe
ga minguada da peninsula
metteram ousados com a
sulcaram as immensidões; t
jos alicerces eram um mu
cimentadas pelo sangue d
sustinham a gloriosa bande
abalada pela mão potente da
os ruídos soturnos e sinistr
valentes. A immensa mole, q
portuguez, desconjuntava-se
por um demonio implacave
rangia nos intimos seios. D
sempre redivivo, espalhava
no a solidão e a morte, e l
de cadaveres. Debalde a tub
mundo absorto, o hymno d
gor, que soava aos ouvidos
certo de morte e estrago. I

do mar, sustentando n'uma das mãos o facho do evangelho, e na outra o gladio do archanjo, debalde apontou para os quatro pontos cardeaes do mundo, e disse ás gentes com voz solemne e grave, que retumbou em toda a terra: «irmãos, novos caminhos abri, novas sendas rasguei. Seguí ousados meu rastro, trilhai os meus vestigios. Caminhai pressurosos e avidos á conquista dos thesouros que a successão das idades depoz n'estas plagas arredadas. Esparzí por toda a parte a luz do Evangelho; lançai a semente da civilisação; exterminai o gentilismo e as velhas praticas; arrojai ao vento da destruição o pó inerte das priscas tradições, que abala e esmaga esses milhões e milhões de cegos que são nossos irmãos. Eia. Vinde, correi á cruzada santa. A terra é a patria do homem.»

Proferidas estas palavras propheticas, Portugal caíu exangue e mal ferido nos plainos de Alcacer-Quibir.

Por que? Pois o titão que projectava a sombra immensa do seu vulto pelos palmares da Asia, pelos desertos da Africa e florestas da America, assim podia acabar e morrer, atravessado pela setta do filho de Agar? Pois os velhos guerreiros, que resistiram ao terrivel embate da India, dobrariam assim o collo e ajoelhariam vencidos perante as hordas de serracenos?

Não, Portugal não morreu em Alcacer-Quibir; já tinha morrido na India, quando a fé viva e a inquebrantavel confiança no seu valor lhe começou a faltar.

Já então as chammas da inquisição requeimavam não só o corpo esqualido das victimas, senão a alma da nação, esse impeto tremendo e invencivel com que Portugal derruíu obstaculos, venceu ciladas, domou elementos, esmagou resistencias, e circumdou a terra com os seus braços infinitos.

Portugal abraçara a terra como o polypo immenso abraça o rochedo. Debalde as ondas redopiavam furi-

logo as confrarias rezan
dias, com os seus hossan
podia campear á vontad
lio de parceria com a ca
menos catholico Filippe,

Começaram, pois, a q
roico polypo não se ren
em leão para concentrar

Já era tarde. A gang
Manietado, algemado, m
levaram á Africa, onde r
deiros leões do Atlas. O
ceu balido plangente de
accordou um só ecco ge
Portugal foi uma tença
valido de Castella.

Do cyclo heroico, que c
em Alcacer-Quibir, só qua
um padrão, uma memoria

Do coração alanceado
— *Os Lusiadas,* consagra
altos feitos portuguezes.

nando, ou *ex professo*, ou por incidente, se occupam e especialidades ponderosas, que demandam precisão propriedade de linguagem.

Um escriptor — tal como Vieira — paga bem o traalho de um exame demorado, pois que em pontos de nguagem é indisputavelmente um mestre auctorisalo. E, note-se bem, não é somente um modelo, no ue respeita á expressão de pensamentos religiosos, noraes, ou politicos; consultado deve tambem ser omo exemplar n'outras provincias do mundo intelletual. Tivemos já occasião de o apresentar como inigne pintor da natureza, abonando o nosso juizo com ma serie de passagens das suas obras; e agora vinos demonstrar, recorrendo a identico genero de prova, ue até nas cousas da navegação e da guerra é admiavel a propriedade das expressões consagrada á xposição de assumptos especialissimos, em que toca or incidente nos escriptos que legou á posteridade.

¿Como poderá explicar-se que um religioso, essenialmente estranho ás profissões que presuppõem cohecimentos technicos, nos offerece termos appropriaos e um geito de phrase, que os especialistas não ngeitariam? É porque o Padre Antonio Vieira, sobre ossuir uma alta intelligencia, esmerava-se em pintar ivamente com a palavra tudo quanto tinha que desrever, ainda nos assumptos que não eram da sua ompetencia professional. Em todo o caso acertava o lustre jesuita de poder copiar das suas reminiscenias as descripções maritimas, como quem estava faniliarisado com as ondas, e com os navios que sulavam o oceano. A lição dos livros, o instincto de genio, as batalhas e assedios que houve no seu tempo eram-lhe a luz bastante para penetrar os segredos a guerra, e para os explicar com acerto.

¿Quem seria capaz de se exprimir mais apropriaamente, do que o Padre Antonio Vieira, na seguinte assagem:

= A nau que não dá pelo leme, e toma por davante,

Mas o que é grandemente
nhoso por que se enlaçam
maritimas com a doutrina re
tonio Vieira pretende inculc
segue-se immediatamente est

=Assim se não podia
Amante *(Christo na Ascenção*
(na terra). Um vôo o levava
para o Occaso, sem lhe conse
seguisse a derrota do Ceo (p
reitura.=

Nenhuma lingua poderá ap
apropriadas e energicas, do
serve o nosso classico, ao tra
Santo Ambrosio—no comm
do 1.º Psalmo:

=Todos imos embarcados
vida, e todos navegamos, con
o tempo: e assim como na na
outros maream as velas: uns
uns passeiam, outros estão a

=O monte Syon da Bahia não ha duvida que é este monte, em que estamos, posto que ao principio tão mal fortificado; depois tão forte, e inexpugnavel, como as baterias e assaltos do inimigo, tanto á sua custa, experimentaram.=

=As armas com que vencemos o inimigo, visivelmente eram meneadas pelas mãos dos nossos soldados na terra, e invisivelmente pelas mãos de todos os santos do ceo.=

=...... e taes foram os tiros e as ballas, que choveram sobre a nossa cidade, depois que o inimigo assentou as suas baterias. As ballas que se atiravam ás nossas trincheiras por linha tendente e a ponto fixo, ordinariamente ficavam enterradas nas mesmas trincheiras; mas as que se lançavam contra a cidade, como iam por elevação, voavam por cima dos muros e caíam como chuva do ceo, sem nenhum reparo humano, mas com milagrosos effeitos da protecção divina.=

=Os tiros da artilheria inimiga que se contaram, foram mais de mil e seiscentos, e choveram a maior parte d'elles sobre a cidade; que faziam? Uns caíam saltando, e rodavam furiosamente pelas ruas e praças; outros rompiam as paredes, outros destroncavam os telhados despedindo outras tantas ballas, quantas eram as pedras e as telhas: e foi coisa verdadeiramente milagrosa, que a nenhuma pessoa tomassem, nem ferissem, nem ainda tocassem dentro da cidade, etc.=

=Se o inimigo queria render a cidade por assedio, porque a não cingiu e cerrou por fora com as linhas de circumvallação, porque ao menos não intentou fortificar-se nas tres eminencias que a dominavam; mas se reduziu todo a um quartel?=

=Mas não era menos digno de admiração, que no mesmo tempo em que as praças fortes artilhadas, e presidiadas, espontaneamente se entregavam, só a trincheira de Santo Antonio, arruinada, aberta e quasi rasa com a terra mostrasse espirito de resistencia!

d'isso; seria necess
citar o muito que ai
somente chamar a at
de Vieira, consideran
dade da expressão r
guerra.

Sentindo ou imagin
seja-o, procura-o; e a
nando o mal teme-o,
mentos de attracção o
pela sensação ou pela i
nome de *affectos* ou *sen*

Debaixo do ponto de
res de affectos: o honro

Obedecem ao primei
generosos, que elevam
teria e do egoismo. Tae
cia, a coragem, o am
gloria, o amor do bello,
humanas, etc. O

m o homem ao cuidado da propria conservação, estar, gosos e satisfação dos instinctos materiaes. s são a cubiça, o amor do luxo, e do prazer, a ·, a cobardia, a preguiça, o odio, a inveja, etc. eu caracter é o egoismo, e a sua satisfação con-te a parte material da felicidade do homem.

'odos os affectos são legitimos, pois que Deus os em nossa alma; mas deixam de o ser, logo que em áquem, ou vão alem dos limites da actividade, o mesmo Deus lhes assignou. Esses limites reve-s a consciencia, que premeia a preferencia dada bem com um sentimento interior de satisfação, e a preferencia dada ao mal com um sentimento nau estar e desgosto de si mesmo.

m quanto a alma se conserva no estado normal, s os affectos teem n'ella franca entrada; a razão consciencia pesam-lhes a importancia e bondade; liberdade, afastando os que são uteis sem serem rosos, adopta os honrosos, os que reunem os dois cipios, e propõe-os á vontade, e esta acceita im-iatamente os propostos e obra no sentido d'elles, se a força moral e a liberdade material necessaria o fazer.

EXEMPLO

m homem debate-se com a morte na corrente de rio. Se formos testemunhas d'essa agonia, uma peração rapida, mas real, se passará em nossa al-Do lado do honroso virá o sentimento d'humani-impellir-nos a soccorrer o infeliz prestes a afo-se. Este sentimento principal será apoiado *por liares* da mesma classe, como o sentimento reli-o que ordena a caridade, o desejo de ganhar o or publico, e a esperança da gratidão do infeliz. stes affectos honrosos poderá vir juntar-se ainda auxiliar da ordem do util: a esperança d'uma re-pensa. Em contrario a estes affectos, virão outros ordem do util: virá primeiro o medo de morrer;

dendo a elles, lançam

Tal é a acção dos
ma; mas essa sujeiçã
monia entre a razão
muitas vezes perturb
exageração de um aff
uma aberração da ord
As paixões teem va
ou menor aberração.
abusiva de um affecto
cluindo os outros affec
fazendo parecer que a
ção; e attingem o mai
metralmente oppostos
giam. Preponderancia
luto, substituição ao
esse fim — tal é a ma
marcha fatal, se a forç
ou o sentimento religi
vimento.
Assim o avarento

mentos, para conservar e augmentar o ouro: e eil-o no opposto ao seu fim primitivo.

O mesmo acontece com as paixões da ordem do honroso. Assim a paixão do sentimento religioso conduz á superstição; a da liberdade politica á escravidão na licença; e até o amor da felicidade vai á negação da felicidade, ao *spleen*, ao suicidio.

Desde que um affecto se converte em paixão, a razão é primeiro desattendida, e depois levada a pôr-se ao serviço da paixão, ajuizando em harmonia com ella; a liberdade deixa de existir; a vontade torna-se escrava da paixão. As paixões do util, por isso que o seu principio é o egoismo, são, quando attingem um alto grau, vís e despresiveis; e fazem a desgraça e o castigo das suas victimas. As do honroso são mais raras; porem os effeitos de algumas não são menos desastrosos, e até indirectamente fazem maior numero de victimas. Assim o prodigo, que empobrece a sua familia, faz mais victimas do que o avarento, que ao menos aproveita aos herdeiros; o fanatismo liberal tem obrado mais crueldades do que a tyrannia; o fanatismo religioso mais do que o atheismo.

O senhor de Lamothe, arcebispo de Amiens, com os desejos de acudir a uma familia numerosa que, em consequencia de um incendio, ficara arruinada, foi elle mesmo fazer um peditorio pelas casas das pessoas caritativas d'aquella cidade.

O acaso conduziu este respeitavel prelado a uma casa de jogo forte, e longe de se dissuadir do seu proposito com a ideia de que, mal pode exercer a caridade e ser humano, quem se entrega á paixão mais contraria aos seus principios, entrou não obstante com a esperança de que aquelles a quem a fortuna havia favorecido, poderiam contribuir para alliviar uma familia desgraçada. Com effeito alguns dos jogadores, aos quaes a

bofetada na face do re
revolta a todas as pes
seguida castigar seme
mem, sustendo com u
pitam para junto do
dão verdadeiramente e
para mim, dai agora a
a quem eu desejo socc
Julgue-se o effeito q
caridade heroica: não
com lagrimas de ternu
dos por esta bella acçã
ousara levantar mão te
cerdote, caíra-lhe já ac
sua culpa, e, quando o
que o bondoso prelado
Sublime triumpho do
eloquencia respondes á
como Volney!

—

Jesus Christo tinha c

dições de Jesus Christo não tinham sido vãs ameaças de um embusteiro.

Subiu, emfim no IV seculo da nossa era, ao throno dos Cesares o imperador Juliano. Fora este educado no Christianismo; mas o odio contra o primeiro imperador christão, Constantino, e contra o seu successor Constancio, que o haviam perseguido, o levou a aborrecer a religião christã. O grande tracto que tinha com alguns philosophos pagãos o inclinou ao paganismo: alem d'isso, porque achara nos que seguiam esta crença os seus mais zelosos partidarios, e porque era mui versado na litteratura e theologia dos gregos, determinou-se a ser o restaurador da antiga crença.

Sabendo que a experiencia de tres seculos tinha provado, que para extirpar o christianismo seria baldada a força, recorreu a meios indirectos: o escarneo, as affrontas, os argumentos, o affastar os christãos dos empregos publicos, o tirar-lhes os meios de instruirem, o mandal-os roubar pelos seus soldados, para (como elle dizia) irem mais leves pelo caminho do ceo, e alem d'isso cumprirem á risca os preceitos do Evangelho, foram as armas de que se serviu contra elles; e tal foi o effeito d'este systema de perseguição, que no sentir de um gravissimo historiador, elle teria quasi anniquilado a nova religião, se ella não fôra realmente divina, ou a morte não atalhasse tão depressa os damnados intentos de um tal perseguidor.

Entre os differentes meios acima apontados, lembrou-se Juliano de provar ao mundo que Jesus Christo, condemnando a perpetua ruina o templo de Jerusalem, tinha sido um embusteiro. Para sair com seu intento, começou a chamar para a Palestina os judeus, que andavam dispersos pelo imperio, e deu ordem para que se reedificasse o templo. Alypio, pagão, amigo intimo do imperador, foi encarregado da superintendencia da obra: ajuntou-se avultadissima porção de materiaes, e grande numero de obreiros: todos os ju-

mentos, e então o or
lho era a palavra do
Apenas os alicerc
fogo saíram do seio d
queimados tiveram c
vas, mas de cada vez
até que desanimando
vergonha, teve que
Juliano qual fôra o
com o ceo.
Ammiano Marcelin
e amigo de Juliano,
escriptores contempor
facto : o proprio Juli
dos seus escriptos ; c
ram unanimes no ess
guns variem em circu
um escriptor judeu ((
fallou n'elle, convém
Esta concordancia
posteriores ao succes
d'elle (posto que foss
giões), e tornam

Oh Christo! —quando no meio de uma plebe cor-
mpida pela servidão, e incendida contra ti pela cre-
lidade em palavras d'hypocritas, tu eras arrastado
las vagas populares na terrivel procella do dia ex-
ımo da vida, por certo que o teu coração verteu
ngue debaixo de tão dilatada agonia.

Como, pois, foi possivel que diante dos insensatos
ıe te atormentavam, rei da philosophia eterna, não
ımasses segunda vez ao Pae, como na solidão de
ethesemani, para que te afastasse dos labios o ca-
t que transbordava de fel e de amargura?

Como foi possivel que tu, o que havias condemnado
gerações passadas, e arremessado as futuras por
a caminho até ahi incognito, não curvasses a cabeça
ante do espectro de padecer atroz, e não trahisses a
ı missão, dizendo *basta!*, e fazendo cair a teus pés
n a face no pó os verdugos da tua innocencia?

N'essa hora, Filho do Homem, não eras tu fraco e
rtal como todos os teus irmãos?

ſa historia da tua mysteriosa passagem na terra
tas paginas quizeste, oh Christo, que fossem dei-
ıs em branco; porventura porque, se essa historia
: completa, a sabedoria do homem poderia egua-
ι sabedoria de Deus.

ıs achamos hoje os vestigios dos teus pés pela su-
do Golgotha; mas estão apagados os que estam-
nas ruas de Salem, na hora em que os assassi-
nham vestido a toga de juizes, e, julgando-te
ei do odio popular, blasphemavam da justiça.
essa hora de dolorosa anciedade, que a tradi-
ardou no incompleto thesouro do Evangelho, e
ı a tua constancia entre as affrontas, e atrocida-
turbas desenfreadas por hypocritas, é o mais ter-
ırofundo dos mysterios da tua morada na terra..
·uz semi-morto estorceste-te, oh Christo, nos
la agonia e bradaste ao Senhor: — *Heli! He-*
·que padeceste e soffreste em silencio na hora
ras cheio de vida?

espaço em que está derr
dos mundos: e estes mo
laram o teu espirito.

Depois que o governa
tar-te, por preço de vitupe
gui-sedenta dos hebreus,
tregára aos furiosos para
vario, lavando as mãos d
mavam que o sangue
suas cabeças e das cabe
te conduziam ao patibulo

E o pobre Simão de Cy
aos hombros o instrume
plicio, que hoje é para o
rança.

Foi então, talvez, que
sados e feridos sobre a
nho do Golgotha.

Porque o Senhor, que
os animos dos algozes p
sar e n'esses curtos insta
generosa e terrivel, anni

os joelhos, foi larga e profunda a tua meditação que abrangia, no espaço o mundo, e no tempo os seculos passados, o presente e o indefinito porvir.

Porque para ti não havia estas medidas por onde o homem é constrangido a afferir os phenomenos do universo, e que, tirando-as do seu modo de existir para applicar ao que o rodeia, dominou a duração e a extensão.

Sobre a tua cabeça um ceo sem limites patenteava os mysterios que encerra a teus olhos divinos, e volvendo estes para a terra vias o orbe inteiro a teus pés e a sua historia desde o primeiro até ao ultimo dos dias estava escripta na face d'elle.

Que viste, oh Jesus, na historia que passava rapida ao redor de ti? Corrupção e miseria.

Viste os homens separados dos homens detestarem-se e perseguirem-se, ignorando que eram irmãos: viste o crime de Caim convertido em norma dos povos.

Viste que a virtude era uma ostentação vã — um embuste contado ás multidões, porque não se firmava nem no ceo nem na esperança; que o poder era uma tyrannia insoffrivel, e a obediencia servidão: tyrannia até no ser pae; escravidão até no ser filho.

Viste á roda de ti desmentidos todos os affectos humanos; viste a espada posta no logar da lei; viste combates de gladiadores e o pão arrojado pelos despotas ao tigre popular para haverem de pôr mais longe a hora de serem devorados por elle.

Viste a superstição dos idolos, um culto dissoluto e infame aos deuses das mãos dos homens, e os vicios e crimes sanctificados por hypocritas.

As gerações que te precederam e a que te rodeava estava como um cadaver gangrenado; a civilisação era um ouropel; a vida um materialismo insensato.

A sociedade fôra pois, até á tua vinda uma mentira: engano cruel continuaria a ser, se tu, oh Christo, não tiveras vindo para a transformares com a tua sabedoria celeste.

como um exercito de ma
philosophia da redempção,
rança retumbavam por essa
brosas, emquanto por cim
restrugiam os cantos obsc
nas orgias dos senhores do

Depois vistel-os diante d
longa agonia do imperio e o
que morria, como um velho
lucções, a unica salvação q
Senhor guardou para o arre
sepulchro.

Os selvagens do norte
diante dos teus olhos sobre
moribunda, e despedaçando
mãos de ferro templos, pal
sciencias, tudo na sua nativ
virtude, não tomaram uma s

Salvo duas cousas peregri
sas, que nunca tinham podid
com os objectos de luxo,
civilisação antiga.

vas, novas para elles como tinham sido para
.de corrompida, que se desfazia debaixo de

momento, que separava duas formas d'exis-
ıas, a antiga e a moderna, a tua crença, oh
Iomem, tomava pela mão as nações que sur-
meio de uma grande revolução social, e
ı pelo caminho de uma nova civilisação bem
la que cessava.
› hoje é a honra e a gloria dos grandes po-
tu viste nascer da tua palavra como de fonte
› facho que tu accendeste foi que alumiou o

[ue o tronco, onde devias soffrer transe affron-
topo do Calvario, seria o asylo junto do qual
brigar-se milhões de homens das gerações

ı de haveres contemplado a tua obra, oh Jesus,
te para caminhares ao supplicio, e os que te
ı viram no teu rosto divino um jubilo ineffa-
sorriso de bemaventurança nos teus labios.
ınto amara os homens julgava-se acaso pago
.crificio immenso?...
bocca não o disse: tu guardaste para ti esse
ɜo segredo! O juiz a quem se revelou a tua
.a chamou-te o homem. — Nós a quem tu
nossos eternos destinos, e os mais puros e
ffectos da vida moral, nós te chamamos um

ıe sois christão? sou-o, não por ter nascido
christão, nem por me haverem meus paes
na religião catholica: — não porque muitos
le admiravel erudição e virtude tenham pro-
ı defendido o christianismo, nem por ser este
o mais proprio para tornar feliz o genero
mas porque a evidencia que acompanha o
ıo me convenceu da sua verdade. —

d'estes homens celebres nã
monumentos; como ácerca
ptos de Livio, Plinio, Cic
anctoridade do que os quat
e alguns historiadores pag
cumstancias particulares s
morte de Jesus.

Estas evidencias histori
tantas prophecias e circum
— o caracter divino da d
pureza admiravel dos seu
dos exemplos que constante
pagação do Evangelho pelo
e o depois descoberto — a ci
escolhidos para propagal-o
condição — o haverem os d
o seu sangue a verdade qu
sido imposto o christianism
vencendo pelo contrario a re
civil, a furia dos judeus, a
pagãos, e o grande engenho
insolencias dos seus inimigo

Movido por tão poderosos argumentos creio em toda a historia evangelica, posto que haja nos quatro evangelhos alguma divergencia sobre objectos de nenhum valor, devida, certamente ás versões do syriaco para o grego, do grego para o latim e d'este para as linguas modernas; — e tambem creio que o haver egreja catholica e protestante nada prova contra a verdade evangelica.

Convencido d'estas verdades o celebre escriptor *Grotius* rematou a sua obra a — *Verdade da Religião Christã* com a seguinte peroração: — «Recebamos pois «e leiamos repetidas vezes o dogma santo de Christo, «em cujos escriptos ninguem pode ser enganado. Os «seus auctores eram mui fieis e mui cheios do espirito «divino para nos illudirem ou nos occultarem o que «devemos crer, esperar e obrar, afim de excitar em «nossos corações aquelle espirito, verdadeiro penhor «da nossa futura felicidade. Consideremos que a cir«cumcisão da carne foi substituida pela circumcisão «interior do coração, pela observancia dos manda«mentos de Deus, e pelo meio efficacissimo de ami«zade mutua.

«E se Deus n'outro tempo illuminou muitos varões «piedosos e a fim de que por varios modos annun«ciassem aos viventes a sua vontade, quiz ultimamente «manifestar-se-nos por intervenção do seu filho, senhor «de tudo o que existe, resplandor da sua gloria, ima«gem da sua substancia, e por quem foram creadas «todas as cousas que existiam, existem e existirão, «para sujeital-as ao seu dominio; — o qual, expiando «as nossas culpas, foi collocar-se á direita de Deus e «gosar de uma dignidade superior á dos anjos, faci«litando-nos o glorioso accesso ao seu pae celestial. « — Lembremo-nos da mutua concordia que elle nos «recommendou antes de subir ao ceo, e não nos divi«damos entre muitos doutores, por quanto um só temos «que é Jesus Christo — o qual no seu Evangelho «ensina a cada um de nós, conforme o grau de talento

«cter de doutor, nem fazer
«porém dando em tempo o
«veis, fortificados com o ex
«para que o ignorante ai
«bondade de Deus e da pu
«porte regular do seu mest

O homem, a quem Port
lhe deu immortal renome,
concorreram para a civilisa
rei D. João I e de D. Phili
ceu no Porto a 4 de março d
todos os seus irmãos, a es
mãe, modelo de princezas,
Henrique manifestou decidi
tudos mathematicos, adquiri
cia humana, os mais dilatad
seu tempo era possivel ad
ro, ganhou grande fama na

ue muitas e desconhecidas terras estavam para o sul
a Africa immersas no esquecimento, determinou pro-
ural-as, e os cavalleiros da sua casa e os da ordem
e Christo, de que era mestre, começaram incitados
elos seus preceitos e pelos seus promettimentos, a
evassar esses mares nunca d'antes navegados, que a
maginação popular semeára de terrores. Foram coroa-
os os seus esforços; as ilhas do Porto-Santo, Madeira
dos Açores surgiram, cingidas com o seu diadema de
erdura, do abysmo das aguas onde a ignorancia as
epultava; os cabos Não e Bojador, successivamente
encidos, revelaram a audacia dos portuguezes, e
ostraram-lhes em recompensa a costa africana po-
oada e coberta de luxuriante vegetação. Entretanto,
). Henrique, no seu palacio de Sagres, na extremi-
ade do cabo S. Vicente, onde fundara uma aula,
m que se aprendiam as sciencias necessarias aos ma-
antes, debruçado para as vagas, esperava ancioso
s caravellas, que n'esses mares verdes corriam á
entura, e tinha sempre para os que voltavam recom-
ensas ou estimulos.

Distrahido não, mas desviado, d'um modo imme-
iato, d'esses disvelos pela empresa desgraçada de
'anger, que aconselhou e commandou, D. Henrique
ve na sua existencia uma provação cruel, que foi a
o captiveiro de seu santo irmão D. Fernando. Por
uito tempo se não consolou d'esse infortunio, de
ue fôra causa involuntaria; mas emfim tornou de
ovo á sua faina de descobrimentos, até que morreu
m Sagres a 13 de novembro de 1460, deixando o
undo assombrado e Portugal dominando em trezen-
s e tantas leguas de costa africana, até ahi desco-
hecida ou julgada inhabitavel, e n'uma grande parte
'esses archipelagos que esmaltam o Oceano Atlan-
co.

Foi D. Henrique bravo, generoso, perseverante, e
omem d'esclarecido espirito e de muito alta intelli-
encia; a elle, mais do que aos Colombos e aos Ga-

Nada se sabe do inu
que era de Lagos. O a
sua morte, o sitio ond
ram no esquecimento.
primeiro quebrou o
aos navegantes, ultra
ignorancia e pela sup
peus.

Desde 1415 que o i
vios a correrem a cost
sasse passar adiante
além o mar das Trev
requeimados pelo sol.

Em 1433 tentou Gil
animado. Em 1434, i
las promessas do infan
venceu-o emfim: dobro
mar era para além eg
portuguezas, pequena
d'hoje, mas enorme se
dominantes n'aquella é

No anno seguinte, v

realisar o grandioso feito da circumnavegação da Africa. Gil Eanes foi um precursor.

As creanças são a alegria das familias, como a familia é a suprema ventura dos felizes, e o supremo consôlo dos desgraçados. Quando apparecem trazem comsigo o sol; tudo se illumina. Sorriem os labios mais ironicos; marejam-se de lagrimas doces os olhos mais aridos, estendem-se prodigas de bençãos as mãos mais avaras. Ellas são a graça que se ignora, a franqueza que nenhum poder assusta, a innocencia que interroga, a aurora intellectual que desponta e que diffunde em torno de si uma luz cariciosa e limpida, uma luz que se reflecte em jubilos nos corações das mães.

Tudo na vida é para ellas mysterio, mysterio que as chama e as attrai, cujas trevas as não apavoram, em cujos sinistros meandros nem sequer receiam perder-se.

Em cada um d'aquelles pequeninos cerebros encerra-se em germen tudo que é no homem pequenez ou grandeza, genio ou mediocridade, força ou impotencia, virtude, abnegação, esquecimento de si ou egoismo, vicio ou crime.

Onde ha maior mysterio do que a creança?

Debalde a interrogamos, não sabe responder senão aquelles que pelo amor da sympathia logram identificar-se com ella. Recebel-a das mãos de Deus é para a mulher, para a mãe, a mais tremenda das responsabilidades, e desgraçadamente aquella de que tem a consciencia menos definita e menos clara!

Ser mãe, quem o não é?

A difficuldade e o segredo é saber sel-o.

. . . .

. . . .

. . . .

corpos alabrastinos, d(
louras por aureola, que
susteem, acariciam, e1
e pensativo illumina
uma bocca que só sab
que nunca desamparar
das suas doces aves in

—

Estavam duas creanç
arraigada, na vespera,
era a menina do palace
de um pobre operario
livro na mão, outra reci
de cathecismo, que ach

A mestra e a discip
attentas, que nem repa
vindo.

— Vamos, animo, G
esta pergunta, rcsponde
vem a ser o mysterio d

mas superior á nossa rasão, e que devemos acredital-a sem a comprehender.

Comtudo pode-se fazer uma ideia dos mysterios por certas comparações, e é o que eu logo te procurarei mostrar, como fez a mamã estando no outro dia comigo, entretanto vamos a ver se estás bem certa na tua resposta, perguntando-te eu sem ser como está no livro:

— Quantas são as pessoas da Santissima Trindade?

— Tres.

— Quaes são?

— Padre, Filho e Espirito Santo.

— Qual é a mais velha, a mais perfeita d'essas tres pessoas?

— São iguaes em todas as cousas.

— Pode-se dizer que são tres Deuses?

— Não, não, são tres pessoas que formam um só Deus.

— Bravo, Georgina, sabes isto que nem um padre. Agora vou eu ver se decorei bem o que a mamã me disse a esse respeito. Tenho medo de me enganar. Quando te conto uma historia percebes-me?

— Percebo, respondeu Georgina.

Eu te digo porquê: é porque tens em ti uma intelligencia, isto é uma coisa que pode perceber.

Sabes se és minha amiga?

— Ah! isso sei, sim, menina.

E Georgina saltou ao pescoço da sua companheira.

— É porque tens em ti um coração que pode amar. Queres continuar a ser minha amiga, e a ser boa menina?

— Quero, sim.

— Já vês que tambem tens uma vontade que sabe querer. Conta pelos dedos as tuas riquezas todas. Uma intelligencia, um coração, uma vontade.

— São tres coisas, disse a criança com admiração.

— É verdade; mas são tres Georginas?

— Já se vê que não.

quando Georgina estac
pois mostrando a arvo
— Ora veja, menina
pobre arvore tem:
Raizes;
Tronco;
Ramos;
São tres coisas distin
vores, mas uma só. As
pre lembrar da lição de
Tres pessoas em Deu
«*Perfeitamente*» respo
E ambas fugiram con

—

Havia dois homens q
outro, e cada um d'elle
filhinhos pequenos, a qu
balho de suas mãos. Un
amargurada de cuidados
eu morrer ou cair n'um

vigiar em mim, em minha mulher, e em meus filhos.

E este vivia descançado, ao mesmo tempo que o primeiro nem um instante desfructava de alegria, nem de socego em seu interior.

Um dia como trabalhava nos campos, triste e abatido pelos seus receios, viu alguns passaros que entravam para uns silvados, depois saíam e logo em seguida voltavam outra vez a entrar. Chegando-se para mais perto, percebeu dois ninhos fabricados par a par um com o outro, e em cada um muitas aves pequeninas, recem-saídas da casca, e ainda todas nuasinhas de pennas.

Voltando d'alli para o seu trabalho, levantava de vez em quando os olhos e punha-se a considerar n'aquelles bons passaros, que iam e vinham trazer o sustento de seus filhinhos.

Ora, ao tempo que uma das mães tornava com o biscato, eil-a que é tomada de um abutre que comsigo a leva pelos ares. A pobresinha esvoaçava-se toda entre aquellas garras crueis lançando muitos gritos agudos, sem que nada lhe podesse aproveitar.

O homem que trabalhava, ficou-se d'aquelle espectaculo ainda mais perturbado do que d'antes era; porque, imaginava elle, a morte d'aquella desamparada mãe é a morte de seus filhos, tão desamparados como ella. Tambem os meus não têem senão a mim, e se lhes eu faltar que será d'elles?

Todo aquelle dia jazeu em muito grande tristeza, e não cerrou os olhos em toda a noite. Tornando no outro dia aos campos, disse comsigo: ora quero-me ir ver os filhos d'aquella coitada: a estas horas já hei de achar alguns mortos. E endereçou-se ao silvado, e espreitando para dentro dos ninhos, viu todos os pequeninos de saude; nem um unico dava signal de haver passado mal. Maravilhado do que via, agachou-se para observar.

Após um breve intervallo, sentiu nos ares um leve chilro, viu a segunda mãe toda afadigada com o man-

abre de suas mãos o
gredos que mal cuida
mos, amemos e vamo
caminho. Se eu morr
pae de meus filhos; se
serei eu pae dos teus
de estarem em edade
terão por pae aquelle

-

Dizia um homem e
«que os grandes crime
grandes virtudes.» Seg
não tendo talento nem
desse tornar famoso o
lebridade lançando fogo
mento de Alexandre o
de Diana em Efeso, co
maravilhas do mundo.

Effectivamente, ning
d'esta asserção: os gra

ros, aquelles que, calcando aos pés todos os prin-
ios da natureza e da civilisação humana, se tornam
:bres pelos seus crimes, vivem na opinião publica
a terrivel impressão que geralmente nos desperta
ome e a recordação dos perversos. Ao passo que,
ıinados pela grandeza d'alma dos privilegiados da
ureza, nos curvamos submissos na sua passagem,
a repulsão instinctiva leva-nos a evitar o contacto
outros, cuja terrivel reputação nol-os aponta como
es funestos ; e ao mesmo tempo que se perpetúa
nosso pensamento, aureolada de prestigios, a se-
tora memoria das grandes virtudes, um impulso
ato em quasi todos os caracteres, instiga-nos a pro-
ar apagar do pensamento a lembrança dos crimes
o horrorisam. É por isso que, embora seja bem
dade que os grandes crimes tambem podem alcan-
uma grande celebridade e a celebridade seja uma
cousas que mais lisonjeia a vaidade humana, sempre
difficil de satisfazer, são felizmente, bem raros os
mplos dos que a procuram deixando-se resvalar no
smo do crime e da perversidade.

ˈra eminente o perigo.

ıs meias luas musulmanas despontavam ameaça-
ıs.

ıs multidões dos arabes surgiam do deserto e vi-
m espalhar-se como uma torrente luminosa ou
.o a lava ignea d'um volcão, sobre o solo talado
Hespanhas.

) incendio erguia as suas labaredas devastadoras
s villares e casaes. Os castellos fronteiros abriam
par em par as suas portas, e desciam submissas
)ontes levadiças, por sobre cujos taboleiros tro-
ram os cavallos do deserto.

's povos fugiam amedrontados, vinham debalde
her-se sob a protecção das barbacans, ou sob o
) dos templos.

...mentados e malt...
var-se.

D'alem dos Pyrene...
aguerridas hostes e os...
correram á porfia a o...
no sangrento pleito q...

D. Affonso II não fo...
prio interesse o estari...
esforços para debellar...
se não lhe sobrassem ...
tos de christão.

Foi nos plainos das...
vou a pugna entre a cr...

Os ligeiros cavalleir...
nos paladinos christãos,...
sol das batalhas.

A peonagem esperava...
valleiros, e ora apontar...
um chuveiro de frecha...
longe o inimigo.

Foi n'esse mister ing...
custa, porque faltam os...
milicias concelhi...

Não eram já os servos da gleba, que iam aos combates compellidos e obrigados pelo senhor feudal.

Não eram os mercenarios que vendiam o sangue. Não eram tampouco uns fanaticos, que almejavam a morte, como adito das venturas paradisiacas.

Eram homens livres, que sabiam o que valiam.

Eram os colonos, com que D. Sancho povoara o reino, e que, senhores da terra, que haviam recebido da munificencia regia, tinham robustecido e crescido no trabalho e tinham a virilidade e a força, que só podem ser concedidas pela liberdade.

A liberdade do povo na idade media!

Sim! Isso que se nos affigura paradoxo, foi uma verdade traduzida em facto por D. Sancho, o rei povoador.

Liberdade restricta, sujeita a mil alcavalas e peiagens, mas liberdade que se fundava na posse da terra, que na meia-idade era o alicerce unico do direito e da força.

Da posse originaram-se todos os sentimentos elevados, que naturalmente nascem no animo do homem que pode applicar o seu trabalho ao seu torrão.

Do amor da familia deriva-se o amor da patria, e o servo, que era uma coisa, passou a ser um homem com todos os seus attributos inalienaveis.

Taes foram os milagres do municipio, essa creação magnifica da edade-média, que ainda hoje constitue a força das nações e lhe desperta a vida, a energia, a actividade.

Os homens de criação ou malados, que soffriam as brutezas e crueldades dos fidalgos, ergueram-se cheios de força, vontade e animo, assim que o rei os tornou subditos da corôa.

Os foraes doados pelos reis eram contractos de homem para homem, em virtude dos quaes o burguez a si mesmo impunha um dever ou um encargo a troco de um direito alcançado.

Foi assim que o villão se converteu em burguez e

—

Não era o condestav
e de braços cruzados,
em torno, com ameaç
Poz-se logo a caminho
aldeia, cujo nome havi
castelhanos seguiam-nc
tosa distancia, como qı
já por muitas vezes ex
Valverde demora a
diana e os castelhanos f
impedir a hoste portu
parte dos castelhanos
opposta, a outra conse
destroçar o condestavel
como se diz agora. Perc
tento, e inventou logo tı
carmental-os porque cor
affirmado, Nuno Alvares

anguarda, põe o pé em terra á custa de numerosas idas, ataca ousado dez mil que se lhe oppõem, conuista terreno e forma convenientemente; volta logo primeira margem e traz as bagagens; retrograda utra vez para conduzir a retaguarda e as alas, e afial consegue, com uma audacia digna de Achilles, transor o obstaculo com toda a sua hoste, que toma posições strategicas para repellir os contrarios Trava-se o ombate renhido e porfioso. Afinal os castelhanos reiram em boa ordem e vão alojar-se n'um outeiro, que mister tomar quasi á escalla vista, bem como outros outros onde o inimigo se ia fortificando.

N'esta difficillima e arriscada empreza Nuno Alvaes ia avançando sempre com a vanguarda e as alas. A retaguarda mal podia acampanhal-o antes muito lhe ustava defender as bagagens, continuadamente acommettidas e cubiçadas. Debalde Gil Fernandes, aquelle eroe dos Atoleiros e Elvas dava lançadas, que enhiam de terror aos mais esforçados. A retaguarda stava em grande perigo. Attenta n'isto o condestael, que corre em seu auxilio e tem de soffrer uma spera reprimenda de Gil Fernandes, que sempre tão esobediente e indisciplinado quão heroico e valente, ão poupava os outros nem reconhecia chefes. Torna Nuno Alvares Pereira á frente onde o combate corria om fortuna varia, por isso que do lado dos inimigos mpenhava-se a flor da nobreza e o mimo da cavallaia. Consegue o heroe portuguez avançar, posto que muito custo. Os nossos, dizimados e perdidos no meio da multidão ondeante, que os cerca, não perdem animo nem o tino. Respondem aos golpes com golpes mais profundos e certeiros. Abrem sulcos enormes n'aquelle oceano tumultuoso e bravio. Como os leões do Atlas fincam a garra e lançam por terra, sangrentos e despedaçados, os inimigos; ao passo que mais lhes aguçam as iras e as raivas com motejos e insultos. Os castelhanos, porém, surdem de toda a parte como os lobos das florestas quando presentem pasto

ceu do campo. Os portu
muito desconfiados vão c
o susto. O condestavel q
parece. Morreria na refre
guns a procural-o fora da
lhado entre dois penhasco:
gem, para que lhe valha
está o pagem de lança, se
berto de suor e sangue e
no. Iam os portuguezes :
lencio com um gesto, con
ção, ergue-se radioso e al
teriosas communicações c
voz forte: «Ávante, ávant

A este grito sublime, que
época e aquelle grande ho
gem dos portuguezes, que
irrompem pelo inimigo co
nha dos altos pincaros.

Acode á peleja o mestı
Muños, á frente de nova e
d'elle formam-se todos os
empenhar o ultimo ...

dos ginetes e voltam costas, e os portuguezes cançados de tanto lidar, offegantes, dizimados e rareados, mas contentes e alegres por tão milagrosa victoria, erguem gritos de enthusiasmo, festejam e acclamam o chefe, que nunca obrara tantos prodigios, nem praticara tantos feitos e gentilesas nem se mostrara tão experiente capitão, como n'aquella jornada de inclita memoria.

Antes que Castella se podesse recobrar do golpe de Aljubarrota, diz Schoeffer, segundo golpe a feriu, que fez correr menos sangue do que o primeiro, mas que actuou egualmente sobre a opinião publica. Valverde sôa tão tristemente aos ouvidos dos castelhanos e é invocado com tanto orgulho pelos portuguezes, como Aljubarrota.»

No dia 1 de maio de 1511 desembarcaram de improviso os portuguezes, que formados em dois trôços, confluiram para a ponte, cada um pelo seu extremo. A ponte foi tomada após alguma resistencia e a esquadra veio fundear mais acima assestando a artilheria para a margem. Estavam despercebidos os habitantes, e só conheceram o perigo quando viram o inimigo em casa.

O sultão irrompeu até á ponte para desalojar os portuguezes; mas Affonso de Albuquerque não esperou o ataque. Marchou á frente da sua gente, levou tudo a fio da espada, ao passo que a artilheria varria uma e outra margem e despejava uma tormenta de balas e pelouros nas ribas e nos outeiros, destruindo a casaria e semeando o incendio e a destruição. A rua principal prolongava-se com a ponte e por isso começou a ser enfiada pela artilheria.

Tal foi o effeito d'estas manobras que o sultão, desbaratado o seu exercito, por milagre escapou montado n'um elephante.

Vencidas estas primeiras difficuldades, mandou Af-

zas. Só de artilheria foram
mil peças.

Tomada a cidade e venci
Affonso d'Albuquerque us
em Gôa. Os gentios foram
e nos seus usos e costum
guarnecida tornou-se inex
moeda, firmaram-se pazes
de Sião e o reino de Pegú
ma as coisas, voltou o gov
tormentósa viagem.

Auctorisado pelas disposi
Bragança, Pinto Ribeiro já
pareceu na reunião que os
lacio de D. Antão d'Almad
dos condes d'Almada entre
a egreja de S. Domingos, o
1 de dezembro, e o Centr
mentos das classes laborios
se reuniam os fidalgos no i

secreta aos conjurados e o isolamento do pa-
escoberto impedia com que podessem ser es-
s sem elles o presentirem.

. reunião de 12 de outubro a que assistiu
ıto com certeza, e muito provavelmente San-
Baena, tanto porque o duque não tinha se-
ɔara elle, como porque sua mulher D. Guio-
neiro de Sousa Freire era proxima parente
ntão d'Almada, discutiu-se muito o procedi-
ɔ duque de Bragança; accusaram-no os fidal-
emisso, João Pinto defendeu-o como lhe cum-
s terminou dizendo que, visto ser necessario
ento com toda a brevidade, porque o segredo
e muitos, e não se poder esperar a decisão
e, se elle se conservasse irresoluto, o melhor
ːlamarem-no embora contra sua vontade, por-
ɔois de acclamado, não poderia recuar, sem
ːar na posição embaraçosa de ter que luctar
sua patria, ou de gemer o resto da sua vida
eres da Hespanha. Foi esta proposta de João
ibeiro que verdadeiramente deu a corôa ao
le Bragança, e a independencia a Portugal.
urados acolheram-na com enthusiasmo e, re-
a não fazerem caso das hesitações do pru-
ıbitante de Villa Viçosa, e a proseguirem na
reza, tornando-a independente da sua decisão,
ıdo-se para lhe darem o throno depois de o
ːm, salvaram n'esse momento a patria, muito
a, pelo systema das temporisações, a ficar
ente escrava.

---

ação humano tem muita similhança com o mar
rnativas de bonança e tormenta que n'elle se
m continuamente. Em ambos a tranquillidade
gem purissima do ceo, em ambos a luta apre-
ıadros verdadeiramente infernaes. No mar é o
ı tempestade, que lhe turva o crystallino das

em odios que morder
velmente.

Como iris de bonai
como balsamo que lhe
que affugenta as soml
como crisol, finalmente
impurezas de taes luta:
mano o casto amor dc
aos progenitores. D'est
que, pela elevação e pu
proxima a creatura do
fiel interprete.

De todos os affectos,
humano, nenhum é comp
ra, em extremos de car
dedicação ao amor mate:
no, que o inspira e alimer
sem quebra, emquanto c

Todos os outros affect
mil variações, que os afl
mes ou offensas que o pı
doa, nem esquece M--

é capaz. É no exercicio d'este santo affecto, que ıulher adquire a maior gloria a que pode aspirar. Os archivos da historia de todos os tempos e de os os povos estão cheios de exemplos nobilissimos, e pasmosa elevação, do amor maternal. Entre as ezas militares e mil diversos actos de virtudes cí-as, que illustram e douram os fastos de Portugal, lham muitos d'esses exemplos edificantes.

Á energia do caracter e ao valor do braço de D. onso Henriques, e de seus intrepidos companheiros armas, deveu o limitadissimo condado de Portugal ender-se e transformar-se em reino.

Pelos mesmos meios, no correr do tempo, se robus-eu a novel monarchia, fazendo-se respeitar dos s visinhos. Porém quando o sceptro foi empunhado um rei, que fraquejava ante os inimigos da pa-, e que apenas se mostrava corajoso para satisfa-uma ruim paixão contra os votos e representações seus vassallos, a nação sentiu logo affrouxar-se a energia e entibiar-se-lhe o valor. E em breve viu ua propria independencia ameaçada e em grave igo de se perder.

O patriotismo e a ousadia de um punhado de leaes tuguezes salvou a nação á borda do abysmo. A ria, que resultou d'esse esforço supremo, operando nproviso e beneficamente no corpo social, como se a um choque electrico, rehabilitou-o para a vida iva e gloriosa, porque despertou n'elle aquellas lidades, por momentos adormecidas, e das quaes ende a grandeza das nações.

As legitimas consequencias d'essa rehabilitação fo-n, como todos sabem, os descobrimentos e conquis-, que chegaram a fazer de Portugal, mesquinha a de terra, um dos maiores imperios do mundo. Perto de um seculo nos levou a subir a tamanha

... do alto peu
energia e a audacia c
Não foram os inimi
campo das nossas vic
espadas e o gume da
nas proprias regiões
os elementos deleteric
monarchia e a perda
....
Assim caíu Portuga
ferros de Castella, e a
sessenta annos, até qu
sobre elle pesava, che
despertarem novament
poderam a sua energi
braços da liberdade da
se desarmado, completa
pelos oppressores, ous
de D. Filippe IV; e te
todas as batalhas, que
guerra de quasi vinte e

«A quem me pode ser util, replicou o leão, posso u bem conceder que ande a meu lado.»

Assim pensam os grandes da terra, quando honram ualquer pequeno com a sua familiaridade.

«Quanto sou infeliz! assim se lastimava um avaento a um visinho. Roubaram-me esta noite um theouro, que tinha enterrado no quintal, e no logar d'elle ozeram um pedregulho!

—Tu nunca havias de fazer uso do thesouro, respondeu-lhe o visinho. Imagina que a pedra é o tal hesouro e não ficas sendo mais pobre.

—Vamos que não ficasse mais pobre, replicou o varento; não ha quem aproveite o meu thesouro? Outra pessoa aproveital-o! Oh! eu endoideço!

«Lembra-me lá um animal tão esperto, que eu não ossa imitar!» N'estes termos se gabava um macaco, dirigindo-se a uma raposa.

A raposa replica: «E, tu, dize-me que animal tão miseravel haverá, a quem passe pelo bestunto o imiar-te a ti?»

Hygiene é a arte de conservar a saude. Por esta imples definição se vê quanto é elevado o seu fim, ual é a sua influencia no bem estar e na duração da ida do homem, e que importancia ella deve ter no iver social.

Dar saude ao homem é pôl-o em condições de bem oder empregar a sua intelligencia e a sua actividade de bem se desempenhar do papel que lhe incumbe a sociedade humana.

A hygiene é um ramo, e dos mais importantes da medicina, que é a fonte principal d'onde deriva as

nistoria as successiva
ferentes periodos do s
historia, é facil ver
differentes influencias
de ser politico e scien

Durante os primeiro
tos hygienicos adoptad
que habitos empiricos,
do clima e da situação
da India está, por exe
do uso das carnes e ord
como principaes elemen
que n'aquelle paiz, sob a
tissimo, o empirismo tin
alimentos que forneciam
codigos dos antigos legis
go, Mahomet, observa-s
te dos dictames hygieni
duzem os seus fins poli
epochas os innovadores
viver social revelaram,
pções, as ideias que ti

da maior importancia para a saude as qualida-
ar respirado. Havendo a escolher-se entre uma
imentação e um bom ar, o interesse mais im-
:o da conservação exigiria que se desse a pre-
.a ao bom ar; pode mais facilmente dispensar-
ι boa alimentação, do que uma atmosphera sa-
A respiração de um ar puro e saudavel pode,
rto ponto, supprir a deficiencia da alimentação.
e observa na gente do campo, que é geralmente
.imentada, mas que vive n'um ar puro e con-
mente renovado; apresenta ella em regra melhor
:uição, saude mais resistente, e aspecto mais
ente do que as gentes de grandes povoações.
que fica enunciado se deduz a necessidade de
tar, quanto possivel, um ar que não seja facil-
renovado. Os operarios que passam a maior
do seu tempo em officinas mal ventiladas e in-
es; as mulheres retidas em casa no exercicio
isteres do seu sexo; os homens dados a traba-
e gabinete, e que passam longas horas á mesa
.balho; as creanças, que a necessidade da edu-
e ás vezes as exigencias de uma absurda e ir-
al disciplina, encerram durante a maior parte
a nas escolas e casas de estudo, obrigadas a
gada quietação e silencio, com grande prejuizo
ι grande desenvolvimento physico; todos têem
idade de frequentes banhos de ar renovado, que
ifique e lhes neutralise os effeitos das más con-
em que ordinariamente vivem. A todos de-
ecommendar-se os passeios em localidades bem
ιdas, principalmente em sitios arborisados, e,
e que seja possivel, os passeios do campo. Ás
as especialmente são indispensaveis todos os
asseios em bom ar, em local onde possam cor-
ιaltar para assim obviarem aos inconvenientes;
ιra o seu desenvolvimento physico pode trazer
nanencia nas aulas e nas casas de estudo e de
lizagem. Os passeios e os exercicios ao ar livre

em seguida.

Meia hora ou uma hora
tomar-se uma ligeira refeiçã
chavena de café, um pouco

Nunca se deve usar, em
cas. O uso mui vulgarisado
ciedade, de *matar o bicho* é
uma excepção rarissima se
o individuo se achar em ce
pode ser entre as 9 e as 1
ser precedido de algum exe

A segunda refeição deve
horas depois do almoço; e
zer-se entre as 4 e 6 horas

Se por necessidade este i
tar muito mais, poderá du
alimento solido mas leve.

Entre o jantar e o deitar
um espaço de 3 a 4 horas.

O uso de tomar, antes
pouco de chá — é quasi ge
mais conveniente que preju

têem por causa uma imperfeita mastigação dos alimentos e uma deglutição apressada.

Devemos notar que em geral nos paizes civilisados, mormente nas cidades, os individuos de certas classes sociaes ingerem uma quantidade excessiva de alimentos, que lhes são não só inuteis mas até prejudiciaes.

Não se vive para comer; deve-se comer para viver.

A demasiada multiplicidade de iguarias e o seu tempero excessivo, é inconveniente para a digestão.

O excesso contrario é tambem prejudicial.

N'isto não é possivel formular regras.

O bom senso de cada um é a melhor regra n'este assumpto.

O appetite, quando não está estragado por maus habitos, é o melhor juiz.

Beber moderadamente durante a comida é um uso conveniente.

O uso do vinho está vulgarisado entre nós. Não é preciso aconselhal-o; mas é talvez conveniente dizer que não se devem exceder os limites em que o vinho passa, de ser um auxiliar util da digestão e um *alimento* proveitoso, a ser um excitante energico e até um toxico prejudicial.

São os livros uns mestres mudos que ensinam sem fastio, fallam a verdade sem respeito, reprehendem sem pejo, amigos verdadeiros, conselheiros singelos; e assim como á força de tratar com pessoas honestas e virtuosas, se adquirem insensivelmente os seus habitos e costumes, tambem á força de ler os livros se aprende a doutrina que elles ensinam. Forma-se o espirito, nutre-se a alma com os bons pensamentos, e o coração vem por fim a experimentar um prazer tão agradavel, que não ha nada com que se compare; e só o sabe avaliar quem chegou a ter a fortuna de o possuir.

---

partiram, tomando cada um c
ao cabo de alguns mezes, eil
paterna.

O mais velho contou que
desconhecido lhe confiara sul
d'elle declaração ou signal alg
não obstou á prompta restitu
que seu dono lh'o exigiu. — l
filho, disse o pae; qualquer
de outro modo, seria um velh
dever. Foi boa a tua acção,
de generosa.

O immediato disse que, na
um dia proximo de um tanqu
uma creança, e o mesmo foi
morte, que atirar-se elle á ag
homem, disse o velho, fizeste
obrigados a praticar pelos no

Coube a vez ao mais novo,
contrar um inimigo meu, pro
á borda de um precipicio; tir
minhas mãos; facilmente pod

Certo homem rico tinha dois filhos, dos quaes o ıais moço pediu ao pae que lhe desse, em vida, a arte da herança que lhe havia de caber por sua mor-e, porque desejava lograr o seu. Concedeu-lhe o pae que pedia, e d'ahi a poucos dias, ausentou-se para ım paiz distante, desbaratou e consumiu toda a he-ança em larguezas e prodigalidados, chegando a tal xcesso de miseria, que foi obrigado a servir um amo, a guardar um rebanho de gado immundo. No meio lo montado desejava matar a fome que padecia, com mesmo comer de que o gado se sustentava, mas em esse lhe davam, e perecia. Lembrava-se da abun-lancia com que até os criados de soldada viviam em asa de seu pae, e elle estava alli morrendo á fome. Com esta consideração desenganado, tornou em si, e, rrependido da vida passada, resolveu-se a ir buscar utra vez seu pae e confessar a sua culpa.

Poz-se a caminho; e estando ainda longe da casa o pae, vendo-o este e conhecendo-o, penetrado de iedade e compaixão, apressou os passos e o foi abra-ar, e o chegou a seu rosto com muitas caricias e am-lexos. Então o filho lançando-se a seus pés, lhe disse:

— Meu pae, contra Deus e contra vós pequei, e ão mereço que me chameis mais vosso filho: peço-os que me admittais por um dos vossos jornaleiros.

Porém o pae, mandando-o vestir do mais precioso estido, e mettendo-lhe no dedo um estimavel annel, rovendo-o tambem de calçado, lhe fez preparar um anquete do melhor vitello que tinha, e com grandes estas celebrou a vinda do filho, que julgava por mor-o. Imagine-se por aqui, se é possivel, quanto exul-ará o Pae commum pela contricção verdadeira de cada ilho!...

---

examinar o archivo das
no claustro por ordem da
dentro n'esses corredore
sar ao pé de mim muit
pallidas, cujos cabellos
los nem todos os disting
amargura embranqueceu
essas faces tem-nas emp
aqui lentamente umas po
n'uma tumba de pedra e
vem de lá, do seu tumulo,
na encosta fronteira, e di
por um riacho. N'aquellas
gretadas, desaprumadas, e
maior parte das aldeias da
laboriosa que até certo pc
tada, e a quem, pelo mer
alegria. No mosteiro sum
com um aspecto exterior
é que não ha pão, mas só
do que um carneiro onde s
esquifes de catalepticos.

lá o pão, e tudo isto vê-se para se ter mais fome. Todos os dias uma esperança duvidosa e fugitiva atravessa aquellas grades de envolta com os primeiros raios do sol: todos os dias essa esperança fica sumida debaixo das trevas que á tarde se precipitam sobre Lorvão das ladeiras do poente. Depois as noites de insomnia: depois o choro: depois, sabe Deus se a blasphemia!

. . . .

Imagine, meu amigo, uma noite de inverno, no fundo d'esta especie de poço, perdido no meio da turba de montes que o rodeiam: imagine dezoito ou vinte mulheres idosas, mettidas entre quatro paredes humidas e regeladas, sem agasalho, sem lume para se aquecerem, sem pão para se alimentarem, sem energia na alma, e sem forças no corpo, comparando o passado, sentindo o presente e antevendo o futuro. Imagine o vento que ruge, a chuva ou a neve fustigando as poucas vidraças que ainda restam no edificio; imagine essas orgias tempestuosas da natureza que passam por cima das lagrimas silenciosas das pobres cisterciences, e as horas eternas que batem na torre. Imagine tudo isto e sentirá accender-se-lhe no animo uma indignação reconcentrada e inflexivel.

Ha poucos dias passou-se em Lorvão uma scena tremenda. N'um accesso de desesperação, parte d'essas desgraçadas queriam tumultuariamente romper a clausura; queriam ir pedir pão pelas cercanias. Custou muito contel-as. Tinha-se apoderado d'ellas uma grande ambição: aspiravam á felicidade do mendigo que pode apellar para a compaixão humana: que pode fazer-se escutar de porta em porta. Era uma vantagem enorme que obtinham. A sua voz é demasiado fraca, e os muros de Lorvão demasiado espessos. Gemidos, brados, pranto, tudo é devorado por esse tumulo de vivos. Ao menos surgiam como Lazaro da sepultura.

. . . .

Mas porque o importuno com esta longa historia?

p... estas janellas mal
des verdoengas, cujo as
inexplicavel de frio, ape
n'um dia de julho; para
para os proprios trajos d
isso, repetida por cem mo
tunio, infortunio, infortun
coração, com os seus pri
jornal que tem largas sym
forte pondo a sua penna el
graça e da fraqueza. Faça-
esmola para as freiras de
felizes na mocidade, e que
velhice é santa! Ponha ess
do presente perante os olho
para que se lembrem com al
que gemem debaixo d'estas
meio dos montes ladeirento
de Penacova. Ao governo
deixe esses homens ao seu
poltronas e dormir n'ellas.
de julgar-nos a todos.

Se ent...

Meu caro duque [1]. — São poucas as consolações e os lenitivos para dores taes como a que, n'este momento me persegue. É mais uma provação, e durissima, pela qual aprouve á Providencia fazer-me passar.

Resigno-me com a minha sorte: cumprir um dever pelo que elle é, não pelo que pode valer. Para fazel-o sobra-me o exemplo da esposa que perdi, quando apenas começava a apreciar o thesouro de que me foi dado gosar. Era um coração para a terra e um espirito para o ceo.

Nos quatro annos do meu reinado eu e os meus povos, temos sido companheiros de infortunio. Diz-me a consciencia que nunca os abandonarei. Não me abandonam elles hoje, que procuro um conforto e quasi não o encontro senão na religião, que manda crer e esperar, e nas lagrimas, que se confundem com as minhas.

Queira o duque transmittir a expressão do meu sentido reconhecimento ás corporações e aos individuos, que nos dias luctuosos que acabam de transcorrer, se lembraram de que no meio d'elles, ha alguem que padeceu, e padece muito.

Creia nos sentimentos de estima e de consideração com os quaes sou seu — sinceramente affeiçoado, *D. Pedro* — 1859.

Meu sr. — Uma das maximas que se deviam evitar entre os politicos é esta, que mais serve de renovar a dor, que de diminuir a pena; principalmente quando o sentimento, por grande e justo, parece não admittir allivio. Nem eu me atrevo a intimal-o a V.ª S.ª, pois conheço não pode a minha persuação ser

[1] Ao duque da Terceira.

Seguindo o methodo ado
cerptos em prosa que serv
ral (secção III), faremos igu
pticas as composições poeti
verso, que constituem a sec
Diccionario (1.ª Parte) qua
technicos agrupados, e com

TABELLAS

Se attendermos ao nume
denominar o verso portugue
decasyllabo, *grande* ou *hero*
brado, *redondilha menor*, *que*
quebrada, *trisyllabo*, pequen
Pela posição do ultimo *a*
ser: *agudo*, *grave* ou *inteiro*,
Pela *melodia* ou *cadencia*
solto ou branco.
D'onde se vê que os princi
(verso syllabico) são: o nu
timo *accento tonico* e a *rima*.
Os versos podem tambem

RIMA

ıa, considerada quanto á conformidade dos sons finaes
ou mais versos, pode ser: *aguda*, *assoante* ou *toante* e
e; considerada quanto á distancia dos versos que ri-
de ser; *emparelhada*, *encadeada*, e *interpolada*.
s auctores distinguem da rima *interpolada* a alternada
ada, quando entre dois versos que se correspondem
ıe mette um de rima differente.

ESTANCIA

ıncia, *estrophe* ou *copla* pode ser composta de dois
ue se chamam *disticos* ou parelhas; de tres, *tercetos*,
ro, *quadras* ou *quartetos;* de cinco, *quintilhas;* de seis,
ou sextinas; de oito, *oitavas;* de dez, *decimas*.
'ancias de sete versos não têem nome particular; não
las as de nove.
avas ordinariamente são compostas de uma *sextina* de
erpolada (cruzada), seguida de um *distico* ou *parelha*.
eto é um grupo de dois *quartetos* e dois *tercetos* (qua-
rsos.)

ualquer *estancia* ou *verso* convem conhecer o que seja
hemistichio.

que respeita ás *figuras*, *tropos*, *estylo*, *composições di-*
etc., veja o que dissemos nas respectivas tabellas pa-
0 e seguintes:

No campo, no
Em tudo que d
Em tudo que d
P'ra mim Deus
Deus p'ra mim
Agora, papá, r
Onde é que nã
Onde é que De
Não sabes? Nã
Ai! o meu pap
Pois vou dizer-
Onde nem cabe
Com toda a cer
— É... na alm

—

— Minha mãe,
Pregado n'aquel
— Aquelle, filho
É a santa image

— E quem é Je
— E quem é D

Todo amor, todo bondade!
— E morreu?...—Para mostrar
Que a gente pela verdade
Se deve deixar matar.

ι dezenove seculos, foi Christo,
Nos braços de uma cruz,
ıem disse ao mundo — e por salval-o — : existo!
Eu! A Verdade! A Luz!

ɔós isto expirou! Tinha cumprido
A divina missão!
ıem sabe, se entre a turba foi ouvido,
Ou se exclamou em vão!...

.orou ao expirar! E não seccaram
— Tal era a Sua dôr! —
; lagrimas ardentes que escaldaram
A face do Senhor!

ιs porque tantas lagrimas soltava
Aquelle que nos deu
da e morte, sabendo o que nos dava?
Chorou porque morreu?

morte deve ser uma alegria,
Para aquelle que vae
ver em plena luz d'eterno dia
Com o Eterno Pae!

lagrimas de Christo são a fonte
Que Deus nos quiz deixar,
ra lavarmos a vexada fronte
Antes d'Elle a fitar!

Senhor! e
Mostrar-me eu gra
Tambem po

Ave, rainl
Maria, ch
Os teus la
Do peccad

N'esse thro
O Senhor c
És bemdita
Ó casta flor

Do vosso ve
O rei dos re
É bemdito o
Ó doce Mãe

Rogai ó Vi

Rainha! nossa *vida!*
Doçura, esperança nossa,
Da mais humilde choça
Aos altos ceos querida!

Salve, Rainha eterna
De throno inabalavel!
Soberana sempre affavel!
Rainha sempre terna!

A vós, *a vós bradamos*
Cá d'estes descampados,
Por onde *os degradados,*
Os *filhos de Eva,* andamos.

Por vós, n'estes anceios
D'insupportavel dor,
Ah *suspiramos,* cheios
De saudade e amor!

Gemendo e sempre assim,
Chorando o nosso mal,
N'este profundo *valle*
De lagrimas sem fim!

Das nuvens *eia pois,*
Oh *Advogada nossa,*
Rompa em clarões que possa
Mostrar-nos já quem sois.

Sim, *esses vossos olhos,*
Tão *misericordiosos*
Que tornam os abrolhos
Lirios deliciosos,

A nós volvei, Senhora
Do ceo e mar e terra!
Onde o que ha bom se encerra
Que todo o mundo adora.

E, se um viver sem luz
Expia tanto erro,
Depois d'este desterro
Mostrai-nos a Jesus!

Oh Mãe, sempre *clemente!*
Oh Mãe, sempre *piedosa!*
Mãe, sempre carinhosa!
Mãe, sempre complacente.

Oh nossa *doce* Mãe!
Oh *sempre Virgem* pura!
Excelsa creatura,
Fonte de todo o bem!

Maria! a nossa voz
Ouvi-a lá nos ceos!
Rogai, rogai *por nós,*
Oh *santa Mãe de Deus!*

Para que, auxiliados
D'essa divina graça,
Nós, filhos da desgraça
E pobres desherdados,

Sejamos (ás avessas
Do mal que nos attrai)
Ah! *dignos das promessas*
De Christo, Deus e Pae.

Onde viste lingua, ó grão Ferreira,
Com mais primores de gentil riqueza,
Do que entre os lusos? das vulgares linguas,
Dize, te mostram outra, que já tenha
Tanta copia de termos, de maneiras,
De lindas phrases, de elegancias bellas,
De adagios, de anexins de altivo preço,

e mil apodaduras tão donosas,
e todo o bom fallar prendas nativas,
·ova de lingua cultivada e rica.
uão poucos de seus filhos a conhecem !
atrona nobre e grave, e mui senhora,
ıeia de acatamento e magestade,
o mesmo tempo de formosas galas,
e encantadoras solidas bellezas,
ue brilham no seu rosto, nos seus ares,
ıs expressões e fallas, nos costumes,
ı solta proza, ou já no rico metro.
ão pode ir par com ella a tão valida
·anceza lingua, que ora voga tanto,
ue em lhe tirando termos todos d'artes
ıe a sabia Grecia e Roma lhe emprestaram,
n tudo o mais, se tu a bem comparas,
)'a nossa natural, é frouxa e estreita :
ão tem força de termos magestosos,
ão tem vozes esdruxulas daetylicas,
ão tem ricos vocabulos compostos,
ıe épica trompa bellicosa entôe,
ıe pindarica lyra em sons valentes
)s celestes alcaçares remonte.
ıltam-lhe garbos, nobres gentilezas
) metrico fallar harmonioso :
ｍ azas tem com que voando possa
çar-se aos outros com soberbo espirito,
transpor sublimada o alto Olympo :
ão é lingua dos deuses; é só prosa,
m ter mais brio, que a cançada rima.

---

imagem radiosa, ovante e laureada,
lado sem pão, o triste extincto em dor
ıatria e co'a patria ! — eil-o, heroe e cantor,
ito o livro ingente, a mão na ingente espada!...

Quem te fez grande, ó vate? Arte, engenho, saber?
O toque vigoroso? a ardente phantasia?
O pasmar quem te lê? o enlevar quem te ouvia?
A lingua ampla e sonora, a quem tu deste o ser?

Não. Sublimou-te o amor, entranhado e profundo,
Que sagraste incessante ao bravo solo teu.
És grande, porque, ousando o que ousou Promotheu,
Grande fizeste um povo entre os povos do mundo!

Esse o perenne espelho, em que inda te revês;
Esse o eterno padrão, que o tempo não consome;
Esse lustrou teu genio; esse casou teu nome
Ao timbre, á vida, á fama do nome portuguez!

Este agora é resgate... e nós os resgatados!
Podemos vista e rosto erguer emfim do chão:
Teu vulto nos remiu o orgulho e o coração...
Honrando-te, Camões, ficamos nós honrados!

Não vês como a teus pés, em torno ao pedestal
Dos insignes varões, o douto grupo amigo,
Austero como tu, resurgindo comtigo,
Faz immortal cortejo ao poeta immortal?

Ergue-te ahi, poeta, aos olhos das nações,
Aos applausos da terra, á luz da immensa gloria!...
No marmore e no bronze acclama essa memoria:
«Não é já berço ingrato o berço de Camões!»

Magnifico tropheu de vencedor que assombra!
Planetas elles são! Tu rompes novo sol!...
Mas fulges inda mais com serem-te crysol
Tres seculos... já tres!... de esquecimento e sombra!

Poeta, ergue-te ahi! Qual és te reproduz
Cinzel digno da lyra, e aos fados teus propicio!
Volve da campa aos ceos, tu que, em longo supplicio!
O teu calvario houveste, e no calvario a cruz!

fronte viril das musas prodilecta;
como quem foi da patria a grande voz;
para o porvir, para Deus, para nós...
ɛemplo, e lição, ergue-te ahi, poeta!

As armas e os varões assignalados,
Que da occidental praia lusitana
Por mares nunca dantes navegados
Passaram inda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados,
Mais do que promettia a força humana,
Entre gente remota edificaram
Novo reino que tanto sublimaram!

CAMÕES, *Lusiadas*, canto 1.º, oitava 1.ª

I

ho, a fé, a intrepida ousadia
ı povo pequeno a grande historia!...
ıeroico esboça a monarchia;
esforço a firma co'a victoria,
lo-a até onde nasce o dia:
ı lustre e poder, e dam-lhe gloria
tancia em domar contrarios fados,
s e os varões assignalados!

II

o sceptro do oceano ardido toma,
nas mãos levanta o seu destino,
Portugal, Carthago e Roma;
o Evangelho leva peregrino
varia gente e vario idioma,
:o seu parece, por divino,
a do Eterno, e mais do Empyreo emana
occidental praia lusitana!

III

'o e inclinado no profundo,
nira o porvir, e attento o aguarda;
:e illustre, que não tem segundo,
scentelha porque em chammas arda;

Bem que da fama a s
Diu a invencivel; a i
No Estreito, Persa, O
E, posta ao ignoto a t
Vencendo quanta astu
Passaram inda além d

Tudo isto... e mais...
O grão cantor, exempl
Na ara nova onde pou
Tudo ergue á sombra
A immensa empreza, a
E os egregios varões,
Proclamando-os nos ep
Em perigos e guerras es

Remiu-se emfim a divic
Salvè, Camões! ó nobr

VII

teu lado entrevê grato o sentido
vazes tradições de antigos feitos,
dominando o férvido alarido
alvoroços a todos tão aceitos,
throno, de mil thronos construido,
ie fortes corações, que bravos feitos,
n quanto altas virtudes os amparam,
itre gente remota edificaram.

VIII

iperio das musas tem, tem-n'o os seus filhos
iando um povo com elles vive e sente!...
nplo o tiveste com doirar-lhe os trilhos
n quanto o sacro fogo ardeu na mente!
imiu-te campa humilde os regios brilhos...
as revive a justiça; e finalmente
esse padrão teus meritos acharam
ovo reino que tanto sublimaram!

---

allerno e fresco o vento sussurrava
las inchadas velas. Já na terra,
ue a olho se avisinha, as mal distinctas,
iversas cores surdem; logo o escuro
os pardos sulcos discrimina a vista
os arrelvados campos; depois vêem-se
s casas alvejando entre a verdura:
is claro o porto amigo. Tal observas,
b os pinceis de artifice divino,
imeiro a incerta cor de vagas tintas
ue aos toques mestres, n'esse cahos d'arte,
desinvolvem claras, se aviventam;
ula o ceo, altea-se a montanha,
pa-se o bosque, escarpam-se rochedos,
amenas flores se recamam prados
e pisam nymphas bellas... Pasma absorta,
mirando-se n'arte a natureza.

Da ferrea proa rapida
Grosseiros parabens e
Dos leves barcos sôa
Ao rouco som das vag
A voz do pescador br
—Piloto! gritam; e a
Do alteroso galeão, d'
— Qual delphim namo
Do azul-escuro mar —
Nos segredos do Tejo
Rege a manobra fallad
— «Ala... amaina!» E
Por onde seus tributos
Leva ao Oceano o rio
Junto da torre antiga e
— Hoje tão profanado
Das glorias de Manuel
E aos ingratos inhospit
Do longo velejar, succe
Maneio da suavissima c
Que no remanso de seg
Tão doce é de sentir ao
Dos repellões irados

amplidão dos ceos meus cantos soem,
E a lua resplendente
em seu giro, ao resoar n'est'harpa
O abysmo do Omnipotente.

s de tempo haver, quando o infinito
Media a eternidade,
do vacuo as solidões enchia
De Deus a immensidade,
existia, em sua essencia envolto
E fora d'Elle o nada:
eio do Creador a vida do homem
Estava ainda guardada:
la então do mundo os fundamentos
Na mente se escondiam
Jehovah, e os astros fulgurantes
Nos ceos não se volviam.

o Tempo, o Universo, O Movimento
Das mãos solta o Senhor:
e o sol, banha a terra e desabrocha
N'esta a primeira flor:
e o invisivel eixo range o globo.
Ovante o bosque ondeia:
mba ao longe o mar: da vida a força
A natureza anceia!

m, dignamente, ó Deus, ha de louvar-te,
Ou cantar teu poder?
m dirá de teu braço as maravilhas,
Fonte de todo o ser,
lia da criação; quando os thesouros
Da neve amontoaste;
ndo da terra nos mais fundos valles
As aguas encerraste?!

. onde estava, quando o Eterno os mundos,
Com dextra poderosa,

Da tarde a viraçã
Por sua Providencia num
Zumbiu minimo ir
Nem volveu o elephante
Os olhos inquieto.
Não deu Elle á avezinha
Que ao ceifador es
Do norte ao urso o sol da
Que o reanima e a
Não deu Elle á gazella an
Ao cervo a amena
Ao flamingo os paues, ao
No prado ao touro
Não mandou elle ao mund
Consolação e luz?
Acaso em vão algum desve
Curvou-se aos pés
A quem não ouve Deus? S
No dia da afflicção,
Quando pesa sobre elle po
Do crime a punição.

—

uem ! Mas ai do abeto, se o seu dia
Extremo Deus mandou !
orreu o aquilão : fundas raizes
Aos ares lhe assoprou.
rbo, sem temor, saíu na margem
Do caudaloso Nilo,
rpo monstruoso ao sol voltando
Medonho crocodilo.
eus dentes em roda o susto habita,
Vê-se a morte assentada.
tro em sua garganta se descerra
A bocca afogueada :
l duro arnez de intrepido guerreiro
É seu dorso escamoso ;
o os ultimos ais de um moribundo
Seu grito lamentoso :
o e fogo respira quando irado ;
Porém se Deus mandou,
l do norte impellida nuvem passa,
Assim elle passou !

nome ousei cantar ! — Perdoa, ó Nume ;
Perdoa ao teu cantor !
ios de ti não são meus frouxos hymnos
Mas são hymnos de amor.
ora vís hypocritas te pintem
Qual barbaro tyranno :
tem, por dominar com ferreo sceptro
O vulgo cego e insano.
n os crê é um impio ! Receiar-te
É maldizer-te, ó Deus ;
throno dos despotas da terra
Ir collocar nos ceos.
or mim, passarei entre os abrolhos
Dos males da existencia
iquillo, e sem temor, á sombra posto
Da tua Providencia.

Aguas passadas
Deixal-o; veja
N'este chão que
Coisa que ainda

Veja e escolha.
O que ha em ca
—Tirar com tod
Inda hão de espi

Mas se espinhos,
Não lhe agradam
Mire-se bem nos
Que ha de ahi ve

Ora, se não sei eu quem
Fidalgo: sei perfeitament
O que eu não sei, Gaspa
N'esta vida fazer quem j

eu, cá por mim, bem sabes como eu sou,
é que outro talvez mande tirar
dão de baptismo a teu avô.

Ah! compadre, a gente foge,
Desabelha com calor;
Aqui faz fresco na loge,
É onde se está melhor;
Mas que calor que fez hoje!

— Pois, olhe, assim eu me desse
De inverno quando faz frio,
Como agora que elle aquece.
Tome dois banhos no rio,
Logo vê como arrefece.

— Compadre, nunca me traga
Taes cousas á collecção,
Lembra-me a maldita draga
Compadre do coração!
Não me falle n'essa praga!

— Tenho-lhe a mesma amisade
Que o meu compadre lhe tem.
Ás vezes dá-me vontade
Até de a tragar tambem...
Digo-lhe isto com verdade.

— Ha de isto chegar a pontos
Que quem viver ha de ver!
Já lá vão setenta contos,
A draga a apodrecer,
E trabalhos nenhuns promptos.

— Setenta diz o compadre?
Dão-lhe elles esse verniz...
Lá como a sua comadre...

De a pôr um

— Compadre
Isso não se f
Eu não me t
E ponha os o
Sirva-lhe isso

— Pois bem s
Mas o compad
Estimo a minh
E isto de home
Mas vamos á v

Com que a dra
Coisa que nunc
Sendo uma peça
A tirar lama do
Parece isto cass

—

Vão pensam

No Sacro Templo
  Que Amor habita
  Minha alma afflicta
  Fui immolar.
Na ruiva flamma
  De silva ardendo
  A mão detendo
  Jurei-te amar.
Fumoso sangue,
  Mal findo o voto,
  Do peito roto
  Vi gotejar.
D'alma opprimida
  A insana pena
  Causou-lhe Elena
  Que soube amar.
Nos fitos peitos
  O morto lume
  Negro ciume
  Ia ateiar.
Vulcano fero
  Ante Mavorte
  O rival forte
  Não pode olhar.
Dos despresados,
  Que soffrem tanto,
  O rouco pranto
  Feria o ar.
Aqui jaz Delio
  Terno, e vencido,
  Sem de Cupido
  Premio alcançar:
Que Dafne esquiva,
  Com triste agouro,
  Em verde louro,
  Viu transformar.
Pan segue a Nympha
  Que tanto adora;
  Seu fado chora
  Vendo-a mudar.
De tenras cannas
  Amor lhe manda,
  Que a frauta branda
  Vá fabricar.
Cercada Dido
  De angustias feias,
  Ah! falso Eneas!
  Se ouve bradar.
Seus lindos olhos
  Frouxos erravam;
  Em vão buscavam
  O vago mar.
Subtís enredos
  De acerbo damno
  Bifronte engano
  Eu vi tramar.
Por Thisbe bella,
  Que busca errante,
  Pyramo amante.
  Vai acabar.
Conhece a amada
  O infeliz erro,
  Ousa impio ferro
  Em si cravar.
Serve-lhe a terra
  De duro leito;
  Vê-se-lhe o peito
  Inda arquejar:
As pardas sombras;
  Que Amor mistura
  Na Estyge escura
  Vão aportar:
Desenrugando
  A crespa fronte,
  Ledo Acheronte
  As foi buscar

Do meu penar.

N'unca manhã suave
Estendendo s
Despois de noite gra
Tempestuosa, negra,
Se viu em mares gro
Como a luz clara a n
Aquella formos
Que só no virar d'elle
Com quem a sombra e
Clara se faz, e o camp
Quando a meu pensam
Ella, e a sua viveza,
Me desfazem a nuvem
O meu peito onc
É para tanto bem pequ
Quando acaso virais
Os olhos, que de mi não
Todo, gentil senhora, en

E vós que descuidada
gora vivereis de taes querellas,
'almas minhas cercada,
ão pudesseis tirar os olhos d'ellas,
ão pode ser, que vendo a vossa entre ellas,
dor, que lhe mostrassem
antas, uma alma só não abrandassem.
Mas pois o peito ardente
ma só pode ser, formosa dama,
asta que esta somente,
omo se fossem duas mil vos ama:
ara que a dor de sua ardente flama,
omvosco tanto possa,
ue não queirais ver cinza uma alma vossa.

---

oge-me pouco a pouco a curta vida
ie por caso é verdade qu'inda vivo)
ai-se-me o breve tempo d'ante os olhos,
horo pelo passado, e em quanto fallo,
e me passam os dias passo, e passo,
ai-se-me emfim a idade, e fica a pena.
Que maneira tão aspera de pena,
ue nunca uma hora viu tão longa vida,
m que possa do mal mover-se um passo.
ue mais me monta ser morto, que vivo?
ara que choro emfim, para que fallo,
e lograr-me não pude de meus olhos?
Oh formosos gentis, e claros olhos,
uja ausencia me move a tanta pena,
uanta se não comprehende emquanto fallo,
e no fim de tão longa, e curta vida
e vós me inda inflamasse o raio vivo,
or bem teria tudo, quanto passo.
Mas bem sei que primeiro o estremo passo
e ha de vir a cerrar os tristes olhos,
ue amor me mostre aquelles, porque vivo.
estemunhas serão a tinta, e pena,

Que escreverão de tão molesta vida,
O menos que passei, e o mais que fallo.
Oh que não sei, que escrevo, nem que fallo!
Que se de um pensamento n'outro passo,
Vejo tão triste genero de vida,
Que se lhe não valerem tantos olhos,
Não posso imaginar qual seja a pena,
Que traslade esta pena, com que vivo.
N'alma tenho contínuo um fogo vivo.
Que se não respirasse no que fallo,
Estaria já feita cinza a pena,
Mas sobre a maior dor, que soffro e passo,
Me temperam as lagrimas dos olhos
Com que fugindo não se acaba a vida.
Morrendo estou na vida, e em morte vivo,
Vejo sem olhos, e sem lingua fallo,
E juntamente passo gloria e pena.

A guerra

Desgrenhada, feroz, sanguisedenta
E desvairado o olhar, fundo e sanguineo
Leva, onde chega, o livido exterminio,
Como os ventos crueis de uma tormenta!

Dá morte ignobil, triste, violenta
Aos povos que consentem seu dominio!
— Este monstro pestifero abomine-o
Quem sentimento são inda alimenta!

Ella á voz da ambição, tala campinas,
Reduz bellas cidades a ruinas
Deixando após si vermelho lago...

Asphixia em fogo as justas maldições
Das doridas, rasgadas gerações
De *Strasburgo*, Moscow, Troya e Carthago.

Ao mavioso cantor, illustre herdeiro
D'uma explendida lyra,
Saúda curvo e humilde forasteiro
Que respeitoso o admira!

Tu excitas o transporte,
Eu sou simples trovador,
Mas fez-nos irmãos a sorte
Que nos deu o mesmo amor.
Deixa pois que o peregrino,
Bemdizendo o seu destino,
Teus umbraes logre passar:
O rico ao pobre consola,
Do teu espirito a esmola,
Como pobre vou buscar.

Com esta amavel e finissima poesia rogou um dia sr. Mendes Leal uma entrevista do grande orador, Malhão, que residia junto a Obidos, aonde casual-nte fôra o poeta visitar um amigo seu.

O P. Malhão n'outra poesia de não inferior quilate spondeu, terminando pelos mesmos consoantes:

Avulta muito mais que ser herdeiro
D'alguma illustre lyra,
Creal-a como faz o forasteiro
Que a patria assombra e admira.

O mundo lê com transporte
Bellezas do trovador;
Não somos iguaes na sorte
Se temos o mesmo amor.
Porém venha o peregrino
Adoçar o meu destino
O tempo que aqui passar:
Quem os enfermos consola,
Não lhes dá pequena esmola,
Vem trazer não vem buscar.

I

Que vai além nos arraiaes contrarios ?
De espaço a espaço a artilheria trôa,
Mas não vomita na golfada ignifera
Rabidas balas !

A sentinella, perpassando mostra
De cano á terra o arcabuz ocioso :
Ao meio d'haste a bicolor bandeira
Lugubre desce !

Que vai além nos arraiaes contrarios ?
Saudoso dobre de plangentes sinos,
Casado ao rufo de tambores roucos,
Ouve-se ao longe !

Lá vem... lá vem... um sahimento ! Os crepes
Rojam por terra ! O silencio é fundo,
E na fileira exequial as tochas
Tremulas fulgem !

Que dôr é essa nos arraiaes contrarios !
Com toda a tropa desdobrada em alas
Que perda choram, esmerando afflictos
Funebres pompas ? !

Vão no cortejo os generaes, vai tudo,
Seus estandartes pelo chão se prostram
Sob a passagem do ataúde, e gemem
Musicas tristes !

Por occasião dos funeraes da virtuosa mãe do sr. D. Luiz I, veio pousar uma pomba sobre o carro onde ia a corôa, e ahi se demorou acompanhando o cortejo largo espaço; a este facto allude a presente composição poetica do sr. João de Lemos, que tomou o titulo de « *Funeral e a pomba.*

I

Quem ergue a voz nos arraiaes contrarios?
O canhão inimigo já não trôa,
Despedindo ao clarão da chama ignifera
Horridas balas!

Atravez das fileiras lá se mostra
Pasmado e triste o artilheiro ocioso:
E, em vez de solta aos ventos, a bandeira
Lugubre desce!

Que vai além nos arraiaes contrarios?
Tambem lugubremente dobram sinos,
E o tambor, despedindo accentos roucos
Sente-se ao longe!

E nós, cobertos de funereos crepes,
Acompanhamos com silencio fundo
Os despojos reaes, e em torno as tochas
Tremulas fulgem!

Quem ergue a voz nos arraiaes contrarios?
Vão cobertas de luto as nossas alas.
Porque trajam de lá, tambem afflictos,
Funebres pompas!

De cá perdemos Mãe, Rainha e tudo:
Vassallos, filhos, com a dôr se prostram:
De lá, seus inimigos, porque gemem
Lagrimas tristes?

Não é menos notavel esta paraphrase, producção do
imoso poeta, o sr. F. Gomes d'Amorim, composta assim
ie foi conhecida a do admirado sr. João de Lemos, que a
tampou no seu Cancioneiro.

N'*aquella occasião* appareceram differentes outras com-
sições em prosa e verso allusivas ao mesmo facto.

Que perda choram os arraiaes contrarios?
Dir-se-á que a morte lhe arrancou sinistra
Da crença ao livro n'um augusto nome,
Symbolo caro!

É certo... é certo... que distincto agora,
Por entre o escuro dos callados vultos,
Aureo diadema despediu aos olhos
Rapido brilho!

II

Soldados, que ha vinte annos
Com esforços sobre humanos
Batalhais por vossa fé,
Soldados, eia, de pé!
Respeitem-se aquellas maguas,
E do nosso pranto as aguas
Lavem d'odio o coração;
Não ha odios d'este lado,
Nem se deshonra um soldado,
Quando abraça seu irmão.

Ponham-se treguas á guerra.
E ninguem manche esta terra
Ao pé da funerea luz;
Soldados, olhai a Cruz!
Demos pranto a quem pranteia,
Demos dôr á dôr alheia.
Nos dois campos luto egual!
Nenhum, nenhum se envilece,
Unidos na mesma prece,
Junto á loisa sepulchral.

Solemne melancolia,
Seja n'hora d'agonia
Nosso tributo cortez;
Que o tomem, que é portuguez!

Que voz se ergueu nos arraiaes contrarios?
Acaso o tempo, com a mão sinistra,
Do seu livro de fé rasgou um nome,
Symbolo caro?

São os nossos irmãos; vêde os agora,
Que a dôr, mostrando nos calados vultos,
Co'a nossa perda, morre-lhe nos olhos
Fulgido brilho!

II

Inimigos de ha vinte annos,
Vossos brios mais que humanos
Sanctificam vossa fé;
Respeitamos-vos de pé;
Doeram-vos nossas maguas,
E do vosso pranto as aguas,
Banham nosso coração;
Chorai, chorai d'esse lado,
Que se ennobrece o soldado
Que não nega seu irmão.

Porque andamos nós em guerra?
Nascidos na mesma terra
Não nos guia a mesma luz;
Finde a guerra junto á Cruz!
Quem com seus irmãos pranteia
Não póde ter causa alheia:
Contrarios, perdão egual!
Nenhum lado se envilece,
E nós faremos esta prece
N'um recinto sepulchral.

Aonde a melancolia
N'estas horas de agonia
Não vê ninguem descortez;
Tudo aqui é portuguez!

Respeitemos-l
Amigos, eia, (
Era o seu che
Diziam-n'a coi
De infortunio
Comprehenden
Nós, soldados
Vinte annos g

A cada um sua
Cada qual estr
Do pendão que
Todo branco, é
Mas, se d'elle
Nos manda, po
Ou morrer ou
Tambem no alt
Outro estandart
Manda os triste

Porque é de ar
Não cora o trib
A quem o toma

A dôr que estala nos peitos.
O pranto em olhos affeitos
A occultar o soffrer:
Todos aqui vem das eras,
D'aquellas crenças sinceras,
D'antes quebrar que torcer.

Todos nascemos soldados.
E pela dôr consternados
Oramos co'a mesma fé:
Eia, pois, todos de pé!
E sob uma só·bandeira,
Da nossa paz companheira
Nos esqueça a proscripção;
Dos odios se acabe o grito,
Vinde, amigos do proscripto,
Cessai de gemer em vão.

Não renegais vossas dôres,
Já não desbotam as côres
Que tem vinte annos por si:
Mas pódem unir-se aqui!
A união, por Deus sagrada,
É dever da crença herdada
E ha de por fim triumphar.
Teve o throno o seu Calvario:
Repasse o pranto o sudario
E venha a dôr consolar.

Militando em campo opposto,
Banhastes o nobre rosto
Do pranto que a magua dá:
Em jorros brota de cá!
Do luto da monarchia
Prantear o infausto dia
É de todos commum lei;
Choremos, pois, a Rainha,
Foi do vosso Rei sobrinha,
E era Mãe do nosso Rei.

III

E eil-a que alli vem sem vida,
Que inda ha pouco viçosa,
Como a flôr;
E, flôr do tufão pendida,
Agora da Mãe, da Esposa,
Resta a dôr!

Aos filhos não, não lhes basta
No mundo fallaz ventura
N'este mal!
Mal em que a terra madrasta
Não basta á saudade pura
Filial

Á viuvez que importa o fausto,
Quando uma alma d'outra alma
Enviuvou?!
Se enviuvou n'um peito exhausto,
Toda a flôr d'essa erma palma
Desfolhou.

E eil-a que alli vem sem vida,
Que inda era ha pouco viçosa,
Como a flôr;
E flôr do tufão pendida,
Agora da Mãe, da Esposa,
Resta a dôr!

Oremos todos por Ella!
Que na morte renascesse
Para Deus!
Que Deus, n'aquella hora ao vêl-a,
Da dôr escada fizesse
Para os céus!

III

E o mundo que a vê sem vida,
Lamenta a planta viçosa
Morta em flôr,
E, flôr no tumulo pendida,
A dois Reis, por Mãe e Esposa,
Deixa a dôr

Aos inimigos não basta
Ver os orphãos sem ventura
C'o este mal!
Mal que doera a madrasta,
Quanto mais á magua pura
Filial

Vêde-o como vai sem fausto,
Esse corpo que da alma
Enviuvou!
Enviuvou tambem exhausto
O rancor que viva palma
Desfolhou?

E o mundo que a vê sem vida,
Lamenta a planta viçosa,
Morta em flôr;
E, flôr no tumulo pendida,
A dois Reis, por Mãe e Esposa
Deixa a dôr!

Oh! se orando aqui por Ella
Nossa união renascesse,
Para Deus!
Deus nos fazia inda vêl-a,
Pelo bem que nos fizesse,
Lá dos céus!

Como :
E flôr de tufão
Agora da Mãe,
Resta a

Silencio! Eis pára
D'esse mosteiro qu
O vento agita, de
Co'a chamma funel

Que ponto incerto
Como vagando na a
E baixa, baixa, sem
Que já das azas se

Baixou mais perto,
Mimosa pomba, que
Eil-a veloz se precip
E sobre um carro fu

[redacted]

Todos culpas e erros temos,
Fomos todos desterrados
D'esta Mãe;
Mãe patria — Pois não seremos
N'este voto acompanhados
Cá tambem?

E o mundo que a vê sem vida.
Lamenta a planta viçosa,
Morta em flôr;
E, flôr no tumulo pendida,
A dois Reis, por Mãe e Esposa
Deixa a dôr!

IV

uando passava o prestito no arco
o sacro templo que a piedade ergueu.
ılgido lume brilhou n'um dos coches,
'esse em que a morte descerrava o véu!

ɔbe o vapor da etherea chamma ao alto,
condensado nas regiões do ar,
'entre ella surge mysteriosa, uma ave.
ue os olhos fitam sem poder cançar.

logo ao carro da corôa vê-se
ıe a meiga pomba sem temor vôou;
ɪria um Espirito que alli vinha agora
ɔr ainda a terra aonde já passou?

z no futuro presagiando á c'rôa
ɪria uma alma que alli vinha assim,
abençoar do alto desse carro
ɔdo o seu povo reunido emfim?!

ɪrto, era um Anjo que descia ao povo,
vinha unil-o por favor do céu:

E o sahimento se sumiu na Egreja,
D'esse mosteiro que um Affonso ergueu!

O povo, ás vezes, alluminado na alma,
Dizem que as lettras do futuro vê;
Ou seja Deus que lhe confia o livro,
Ou seja o povo que por Deus só lê.

O povo é fora, pode ser que esp'ranças
Manso ao ouvindo traduzindo alli;
Da pomba o caso correra mil boccas,
Crêem-se ditosos os que dizem —vi.

Lá dentro, em tanto, pela nave triste
Mais triste o orgão na oração gemeu;
E dos levitas lacrimoso canto
Ecchoou na Egreja que um Affonso ergueu!

V

De joelhos, soldados, na ultima prece!
Da loisa na queda cá sinto o fragor!
E a mystica pomba qual lembra ou esquece
Dos campos oppostos...?—Rogar ao Senhor!

A pomba da Arca, no ramo colhido,
Co'as aguas descendo, fallava de paz;
Findava o castigo, e um povo escolhido
Á terra um Messias comsigo lhe traz.

Aquella hoje poisa, por nova Sybilla,
No carro que leva dos Reis o signal;
Se a c'rôa é do reino, na pomba tranquilla
Tranquillos agouros terá Portugal.

Os campos oppostos são livres nos varios
Oppostos juizos que podem fazer;
Que ha outros mais altos, fechados sacrarios,
A que homens não podem as portas romper.

Porque apparecia nos portaes da Egreja
Do sacro templo que a piedade ergueu!

Triste d'aquelle que do fundo da alma
Estes avisos do Senhor não vê!
Que não decifra no ethereo livro
Este milagre que a fé viva lê.

Ou alma, ou pomba, como luz d'esperanças.
Fulgiu na c'rôa que passava alli,
Que do Ceo veiu juram-no mil boccas,
Que ao Ceo voara dizem todos—vi.

E do passado arrependida e triste,
Como um só homem a nação gemeu;
E a voz da Egreja, no luctuoso canto,
Apaga os odios que o passado ergueu.

V

Quebraram-se as armas, e, unidos na prece,
Da guerra fugimos ao duro fragor!
Irmãos, o passado na lousa se esquece,
Não quer inimigos a lei do Senhor!

Irmãos! esse corpo da morte colhido,
Que agora da campa repousa na paz:
Penhor de concordia, por Deus escolhido,
Ainda na morte esperança nos traz.

Que a mystica pomba não era Sybilla,
Mas antes seguro, divino signal!
Foi a alma da Mãe, que veiu tranquilla
Na c'rôa do filho saudar Portugal.

Foi Anjo que veiu nos campos tão aridos,
Por Deus enviado, as pazes fazer,
Que a pomba descia dos altos sacrarios
Que os olhos do mundo não podem romper.

Confiemos pedindo; esp'remos que a pomba.
De paz mensageira, da patria por bem,
Não venha hoje ao lado da loisa que tomba
Trazer injustiças, por mal de ninguem.

De joelhos, soldados, na ultima prece!
Da loisa na queda cá sinto o fragor!
De joelhos, que a pomba só lembra ao que esquece
N'est'hora solemne —Rogar ao Senhor!

Arrimado ás duas portas
Pingue boticario estava,
E brandamente acenou
A um doutor que passava.

Mal que chega o bom Galeno
Diz o outro em ar jocundo:
«Unamo-nos, meu doutor,
E demos cabo do mundo.»

Depois que suja um papel,
Sabe Deus com que verdades,
Põe: *et cætera*, Miguel.
Vês o *et cætera* infinito?
Pois sabes que quer dizer?
Quer dizer que o que disser
É mentira, e o que tem dito.

Dorme, descança na eternal jazida,
Operario assiduo que o lidar cançou:
D'este infortunio, que se chama — vida,
Dorme, descança, que o teu penar findou!

Do berço ao esquife, foi-te a vida, obscura.
Um mar, sem praia, um baldão, a sorte:
Hoje, o repouso tens da sepultura
E a paz eterna da mansão da morte.

Se a c'rôa é do reino, sabia-o a pomba:
Porém d'este reino é filho tambem,
O Rei, que ajoelha na lousa que tomba,
De todos querido, sem odio a ninguem.

Quebremos as armas e unidos na prece.
Da guerra fujamos ao duro fragor!
Irmãos, o passado na lousa se esquece,
Não quer inimigos a lei do Senhor!

—

Um dia que o gado
No prado guardava,
Amor me apparece
Com arco e aljava.
No tronco mais verde,
Que no prado houvesse,
Amor me mandou
Seu nome escrevesse.

Contente parti
Um tronco buscar,
Para n'elle as ordens
Prompto executar.
No tronco d'um freixo
Que viçoso vi
Quiz gravar *amor*,
Marilia escrevi.

Tanto que amor vê
O engano feliz,
O nome beijando
Alegre me diz:
Não temas, Dirceu,
Não mudes de côr;
N'esse doce nome
Escreveste Amor.

Da lusitana
Olhava com assoml
Que nas lid
Ganhava, após os l
O mais alto louvor

Hoje não; que a dc
--- O moderi
Incute n'alma o am
O prejuizo v
De adorar os guerr
Inspira tedio aos nc

Talvez erroneo seja
Que do cer'l
Eu, só vejo no luso
Em regiões
De barbaras conquis
De uma guerra crue

Eu não me curvo a
Que anniquila
Diga-os a historia alt

ıal foi a que os antigos lusitanos
pozeram aos povos africanos...

ıs não julgueis intelligencias dinas,
Que eu tenha o pensamento
exaltar as ideias cerebrinas
De qualquer cujo intento,
bindo ás altas regiões do Estado,
sse desfazer a obra do passado.

quero recordar que n'outras eras
Os povos conquistados
ıco mais viram que indomaveis feras
Nos lusos sublimados!
quero amesquinhar acções de guerra
nova ideia á luz que descerra.

; terras d'além mar hoje só temos
Irmãos estremecidos...
engrandecer a patria não podemos,
Saibamos — filhos qu'ridos —
tando-lhe golpes que molestam,
ıservar-lhe os dominios que lhe restam!

lutas lamentaveis, fratrecidas,
Em pró da liberdade,
; hostes triumphantes, nas vencidas,
Só vejo a humanidade:
ısa-me fundo horror o morticinio,
incendios, a fome, o latrocinio.

ı mim jámais serão vultos ingentes
Os que affrontam metralhas,
nando-se carrascos inclementes
Nos campos de batalhas:

. . . .

. . . .

A historia chama genio ao denodado,
Que produz mais horrores!
Eu, cinjo-me a apodal-o de malvado,
E temo os seus furores;
Á veneração nego-lhe o direito,
E fujo de encaral-o com respeito...

Se ha lutadores dignos de homenagem,
São esses que co'a penna
Nos chamam a render-lhes vassalagem;
São esses que na arena
Em que lidam, em vez de luto e crimes,
Livros produzem — grandes e sublimes!

....
....

Eu sou a Liberdade, a musa inspiradora
De tudo quanto ha grande e nobre e santo aqui!
Resplende em meu olhar a igualitaria aurora!
Nos meus labios em flor fraterno amor sorri!

Nasci, quando de Deus a mão omnipotente
Quiz de mundos de luz o espaço semear.
Embalou-me a procella em seu braço ardente!
Deram-me espumeo berço as solidões do mar!

Quando calcou a terra a fraca humanidade,
Ensinei-lhe a encarar sem medo o azul do céu!
Transfigurou-se então, e, á voz da Liberdade,
Prostrou-se barro vil, ergueu-se Prometheu!

Agrilhoado aos pés do Caucaso nevoso,
Co'a aguia vingadora entorno a voltear,
Minoravam-lhe a dôr, no transe angustioso,
Uma só luz — a esp'rança, uma só lyra — o mar

mia o mundo escravo; o servo, o ilota, o pária
ıtiam sobre o collo ignota maldição;
›m tanto ao longe, ao longe, em rocha solitaria.
um supplicio cruel brotava a Redempção!

ldava um ceo brumoso a lugubre montanha!
ıdia moribundo o Justo de uma cruz!
entre as nevoas do horror, não sei que aurora estranha
chia vagamente a fronte de Jesus!

, librando-me então nas azas refulgentes,
irando em torno á cruz, ao martyr pude ouvir:
ai, pomba do calvario, apostolo das gentes,
olta o verbo de amor aos écos do porvir!

s homem,» dize ao escravo, e aos reis «sou a Justiça!
o pobre: «sou a Esp'rança!» e ao rico «a Caridade!
os tristes: «sou a Fé!» e ao povo que na liça
os despotas se curva: «eu sou a Liberdade!»

Se é dado á floresta soltar suas queixas,
se á onda é dado nas praias cuspir;
se é dado á avesinha com ternas endeixas
as magoas que sente no ar expandir;

se os prantos são dados á fulgida aurora,
murmurios á fonte, suspiros ao vento,
se tudo pranteia, se tudo se chora,
se a todos é dado soltar um lamento;

se é dado ao incendio que lavra escondido
n'uma hora de allivio as chammas erguer;
se é dado a quem ama soltar um gemido,
se é dado a quem soffre seu pranto verter:

porque hei de no mundo só eu ser captivo
das duras algemas que a sorte me dá?
As maguas que eu soffro não tem lenitivo,
não ha quem acolha meu pranto não ha!

Quando nas vossas salas, ó filhos da riqueza,
Não vai turvar as frontes o sopro da tristeza:
Quando por toda a parte encontra o vosso olhar
De espelhos e crystaes o brilho seductor,
Riquezas deslumbrantes do magico esplendor,
E a dança doudejante os peitos faz arfar;
E quando o timbre d'ouro as horas annuncia,
Mudando o grave som em magica harmonia,
Ditosos da fortuna, pensai que geme então
O pobre, o indigente, nas ruas silenciosas,
E pára a ver passar as sombras luminosas
Nos vidros do salão.

Pensai que exposto alli da noite ao frio orvalho,
Lutando contra a fome, o artista sem trabalho
Comsigo está dizendo: «P'ra que é tanta riqueza?
«É tudo alegre alli! Que festas e folganças!
«O rico é bem feliz! Sorriem-lhe as creanças,
«Emquanto os filhos meus vegetam na pobreza?»
Compara a vossa festa ao seu atroz viver,
Ao lar onde jámais a lenha deve arder,
Ás creanças famintas, á mãe toda amargura
E na cama de palha estendida, muda e triste,
A avó d'essas creanças, que ao frio já não resiste
E o tumulo procura,

Marcou Deus esses graus á nossa felicidade.
A uns persegue sempre a dura adversidade,
E á festa da ventura pequena parte vai;
Da sorte o desherdado não tem entrada lá,
Que a lei que n'este mundo parece injusta e má.
A uns só diz: «Gozai!» e aos outros: «Invejai!»
Esta idéa sombria, amarga, inexoravel,
No peito se alimenta do homem miseravel
Felizes d'este mundo, a quem o luxo invade,
Não seja nunca o pobre que, energico e raivoso,
Vos vá tirar os bens que encerra cubiçoso,
Oh! seja a caridade!

ardente caridade, do pobre idolatrada,
ue aos párias da fortuna é mãe abençoada!
ue ampara o infeliz prostrado e quasi exangue,
ue, como o loiro Christo, vai no momento dado,
orrindo com brandura, dizer ao desgraçado:
Vamos! comei! bebei! que é minha carne e sangue!»
ditosos da fortuna, que seja ella sómente
ue as joias e diamantes de brilho refulgente,
s pedras preciosas, do mundo adornos vãos,
alvando as vossas almas e dando ao pobre a esp'rança
o collo das esposas, dos braços da creança
Arranque a plenas mãos!

ai ricos! a esmola é sempre irmã da prece!
uando o mendigo velho, que quasi desfallece,
arar á vossa porta, pedindo esmola em vão:
uando essas creancinhas, de mãos hirtas e frias,
amintas procurarem os restos das orgias,
eus ha de abandonar-vos. Oh! tende compaixão!
ai esmola, para que Deus, que o mundo todo abraça,
ê força a vossos filhos e ás vossas filhas graça.
reis assim viver alegre e satisfeito,
m nada perturbar a paz em vossas casas,
os anjos virão sempre estender as niveas azas
Em torno ao vosso leito.

epois no ceo tereis uma riqueza immensa
esmola ao pobre a justa recompensa.
i, ricos, para que digam que fostes caridosos,
ra que esse, exposto sempre da vida aos vendavaes,
pobre, que padece emquanto vós folgaes,
vossa festa alegre não lance olhares ociosos.
lei-lhe para que Deus os vicios vos desconte,
para que a felicidade seja para vós sem veo.
n dia quando a vida no peito vos fenece,
ntra os vossos peccados, tereis a santa prece
Que o pobre eleva ao ceo.

Traduzido de Victor Hugo.

Seu gemer.

Leves barcos
Vem chegando.
E atracando
Junto ao caes
Larga o leme.
Satisfeito
De seu geito
Velho arraes.

A companha
Cozinha-la
Caldeirada
Vai cear:
E dormindo
Cobra alento,
Sem do vento
Recear.

No mar alto

Tejo acima,
Quasi á sorte,
Volta o bote
Junto ao caes:
Perde o leme
Descuidado,
Do maguado,
Seu arraes!

È já noite:
Sobre a plaga
Triste a vaga
Vem bater.
No mar alto
Freme e lucta
Só se escuta,
Seu gemer.

Do tempo que lá vivi
Na patria, que chorarei,
Inda tenho na lembrança
As venturas que gosei.

GLOSA

Quando os dias meus doirava
Compassivo o meigo Amor,
Quando apenas o maior
Dos seus bens eu disfructava;
Quando a posse me outhorgava
D'um peito que lhe pedi,
Desgraçado então me vi,
Pois da patria me arrancaram
E ideias só me deixaram
Do tempo que lá vivi.

Meus dias, então sedentos,
Vi correr amargurado.
Por tres luas, no salgado
Mar, andei entregue aos ventos.
A todos os elementos
Libações, mil offertei.
Nenhum d'elles abrandei.
E nem forças encontrava,
P'ra chorar o que deixava
Na patria, que chorarei.

Té que o Fado deshumano
Me arrojou a estranha plaga
Onde tona, e tudo esmaga,
Com seu malho o Deus Vulcano; (1)
Plaga onde para meu damno
O Fado prisões me lança
E minha alma tanto cança,
Que até para mais sentir,
Quanto deixei de fruir
Inda tenho na lembrança.

Mas virá em fim ameno
Um dia em que a roda mude,
Que Neptuno então me ajude
E que esteja o mar sereno;
Que pize patrio terreno
Onde ámar me dediquei
Affectos novos terei,
A Marinna hei de avistar,
E a seus pés recopillar
As venturas que gosei.

(1) *Serra dos Horgãos.*

Do cetáceo gigante dos mares
Ao peixinho doirado e tingido;
Do leão do deserto africano
Até ao verme infusorio escondido;

Da aguia altiva que impune olha o sol
Ao cantor emplumado da selva;
Do metal precioso ao pó vil,
Do carvalho potente até á relva:

E fructos, e flôres,
Os astros, os ceos.
A gloria, os amores;
Tudo ha feito Deus

Para um ente só
Que criou do pó!...

Quem és tu, habitante da terra
Onde tudo se curva a teus pés?
Quem és tu que ao ceo volves a vista
Com saudade e ternura?... quem és?

Porque triste meditas? Que queres?
Não te basta esta pompa assombrosa,
Esta luz, estas sombras, estas aguas,
Oiro, joias, saber, uma esposa?

E sempre enleiado
No seu cogitar
Este ente, creado
P'ra tudo gozar,
Por força da sorte
Padece até à morte! ..

E morreu apagou-se-lhe a chamma
Que animava seu corpo ora frio!
Não se move nem falla... que foi?
Da existencia quebrou-se-lhe o fio!

Desce á terra o cadaver inerte:
Nunca mais volta a vida passada!
Se interrogo o sepulchro, responde—
Solidão e silencio—mais nada!

E assim morreria,
De todo, a feitura
De Deus que sabia
Não ter cá ventura
P'ra tão nobre peito
Á morte sujeito!?

Oh! não; que os desejos perennes na vida,
E a vaga saudade que agita a nossa alma;
Oh! não; que a poesia sublime e divina,
Terrores descridos, receios acalma.

Oh! não; que a faisca do lume celeste
Que inspira os artistas, que gera o amar:
Oh! não; que esse fogo que o martyr exhala
P'ra Deus, sua origem, terá que voltar.
Ergue, pois, esse rosto formoso,
Predilecto de Deus, teu Senhor:
Deixa o riso poisar-te nos labios
E despreza infortunios e dôr.

Olha o globo offuscante dos dias,
Olha o facho das noites serenas,
Olha o ceo recamado de estrellas,
Olha os montes, e as varzeas amenas.

Olha o mar lago immenso de anil,
Que soluça na praia arenosa,
E que ruge espumante e tremendo
Se o revolve a borrasca horrorosa.

Olha as flores que enleiam os sentidos,
Olha as fontes de puro cristal.
Olha o raio que fende, que abraza
O madeiro, o rochedo, o animal.

Isso tudo, e prodigios innumeros,
Tudo é obra *d'Aquelle* que te ama,
E que finda a missão que te coube,
A gozar paz eterna te chama.

Ergue, pois, essa fronte orgulhosa,
Que és o filho de forte Senhor;
E tem *fé* que outra patria te aguarda;
Cobra esp'rança da morte na dor.

Dizes tu que as estrellas
Fogem á luz do arrebol,
E que ninguem póde vêl-as
Quando ja dardeja o sol.
Mas olha, estás enganada,
Nem toda a estrella se occulta
Inda depois da alvorada.

Se não — já é dia agora —
Vai, caminha, desce ao valle,
E inclina essa fronte loura
Na torrente de crystal.
E o crystal que te revela?
Olha bem no azul das aguas
Não vês sorrir uma estrella?

Qual é aquella formosura,
Que vestir-se não procura
Por maior honestidade
A verdade.

Que cousa ha no mundo tal
Tão sincera, e rara, e igual,
Que a Deus e aos homens agrade?
A verdade.

Que aprende o sabio? Que encobre
O peito traidor? E ao nobre
Que o rende tão por vontade?
A verdade.

Quem fez amavel e grato
Inda aos barbaros o trato
Da humana sociedade?
A verdade.

Que receia o delinquente,
Se o seu crime não é patente
A' luz da publicidade?
A verdade.

Quem da opprimida innocencia
Com dó, ou com violencia,
Haverá que se apiade?
A verdade.

Qual é o garrote duro
Do hypocrita, do perjuro,
Da traição da impiedade?
A verdade.

Combatidos da tormenta,
Que ancora forte sustenta
Os corações com igualdade?
A verdade.

E que alma tem a historia,
Que a faz nas azas da gloria,
D'idade passar em idade?
A verdade.

E de que ouro se lavra
Tão fino a real palavra,
Que prova n'adversidade?
Da verdade.

Ambas as tabuas da Lei
Que eu mal cumpro, e bem sei,
Que cifram com brevidade?
A verdade.

E quem dá no empyreo a tantos
Milhões de milhões de santos
Eterna saciedade?
A verdade.

Oh visão admiravel! nunca eu cance
De andar no teu alcance
Por graça e liberdade
Adorando-te em espirito e verdade.

Claras acções, nome inclito e notorio.
Arcos, estatuas, porticos, tropheos,
Tudo consome o tempo transitorio.
. . . .
Só vós, filhas eternas da Memoria,
Musas, divinas musas gloriosas,
Do templo alcançais inclita victoria;
Vós do abysmo das sombras tenebrosas,
Das voragens do negro esquecimento
Tirais as obras raras e famosas.
Por mais e mais que se erga o pensamento
Para fazer acções esclarecidas,
E com fama subir ao claro assento,
Sem vós nymphas, de Jove procedidas,
Serão no esquecimento sepultadas
As fadigas mais nobres e subidas.
Lá vai fendendo as ondas levantadas
Do atlantico oceano o invicto Gama,
Apesar das tormentas irritadas;
Lá vai Cabral, vai Castro que se inflamma
Em commetter acções de força extrema
Que merece o louvor da illustre fama...
Já voltam com victoria alta e suprema,
Noticia dando d'outros novos mundos,
Assumpto digno d'immortal poema;
Mas se, com vossos cantos jocundos
Lhes não dais nome eterno, jazerão
Nos abysmos lethargicos profundos.
Vós, contra a furiosa inundação
Do diluvio dos tempos, sôis reparo,
Com as obras de altissima invenção;

E, por mais que combata o tempo avaro.
Contra as virtudes dos sublimes peitos
Vós lhe dais fama egregia e nome claro.
Vós sóis as que inspirais altos conceitos
Ás nobres phantasias que ao ceo voam
Longe do vulgo, envolto em vis defeitos.
Em todo o mundo eternamente soam
Vossos prodigios, vossa illustre gloria,
Com que os gentis talentos se coróam.

Quando as nações outr'ora, erguendo além as vistas
se arrojavam emfim, sedentas de conquistas,
dos mares ao furor, em busca do ideal;
dominadas então do espirito da gloria,
querendo burilar nas paginas da historia
os feitos dos heroes da era medieval:
Quando o erro vivia á sombra da ignorancia,
e despertava já da humanidade a infancia,
cercada dos anneis da antiga escravidão,
fitando o triste olhar no sol que despontava,
e erguendo a rude voz, mas voz que não clamava
contra o fatal poder da barbara oppressão:
Quando as azas abria, em busca da verdade,
a victima dos reis, a doce liberdade,
e tentava voar aos paramos da luz,
dos labios desprendendo os mais agudos brados,
como faziam sempre os grandes condemnados,
os miseros christãos, morrendo pela cruz...
O direito surgiu, — libertador dos povos —
como no espaço o sol, em horisontes novos,
o erro, o vilipendio, a escuridão desfaz,
e appareceu com elle o vulto da justiça,
condemnando dos reis a estolida cobiça,
ás nossas gerações annunciando a paz!
Das sombras infernaes da torva edade média
que fez representar barbara e vil tragedia,

— moderna diversão dos cortezãos e reis, —
surge a rasão humana, e um dogma promove,
á refulgente luz do seculo dezenove
que ao mundo vem ditar suas eternas leis!
....

E o seculo eis vinga o longo esquecimento...
surge o passado e traz o seu depoimento
á verdadeira luz de um tribunal — a *Historia*.
Vai julgar a justiça a immortal memoria
de um condemnado... não, de um desgraçado apenas!
Esse infeliz mortal teve ambições pequenas...
sonhava a patria, emfim livre de horrendo jugo
que lhe impozera um rei — fanatico verdugo;
guerreiro, batalhou nas terras africanas...;
inspirado talvez nas creações humanas,
por sua patria *quiz vibrar* bem alto a lyra.
Ás vezes o infortunio uma grandeza inspira!
No coração nutria o amor da sua terra...
um odio pessoal de subito o desterra
ás ermas solidões da India oriental.
Lá mesmo o perseguiu a inveja official.
Com tudo, entre a mudez de suas agonias,
como consolações aos seus amargos dias,
vinham surprehendel-o, em sua soledade,
duas imagens só: a Patria e a Liberdade!
E o desterrado alli, debaixo da oppressão,
sentindo que possuia um nobre coração,
alimentar não pode o cancro do egoismo.

É que fallou mais alto a voz do patriotismo!

Findo o desterro seu, voltou aos patrios lares.
Transpondo a vastidão dos tormentosos mares,
viu-se, mais uma vez, victima de um presagio,
um caso feliz salvou-o de um naufragio.
A patria o viu chegar, pobre como mendigo...
E não teve o misero sequer um amigo
n'aquella multidão que, ávida de grandezas,
se deixava afundar nas sordidas torpezas

de uma aristocracia estolida e fatal.
O poeta ia transpondo a ingreme espiral
de uma sociedade inerte e já corrupta,
que não sentia em si mais forças para a lucta.
Fugindo á diversão dos homens corrompidos,
apenas uma voz soava aos seus ouvidos
doce como um sorrir que affasta um sonho mau.
Era sómente a voz do seu amigo Jau,
do companheiro bom, do desgraçado pária
que, maldizendo embora a sua sorte vária,
comtudo alimentava um grande coração.

É que a amisade é sempre uma resignação!
Revela a tradição que, á noite, o companheiro,
corria sem cessar as ruas da cidade,
a todos implorando o pão da caridade
para o pobre cantor da lusitana gloria!
Eu não direi ser isto uma invenção da historia!

O que é certo, porém, (e o tempo não o encobre)
é que elle infeliz foi... viveu e morreu pobre.
Um temerario rei, avido de conquistas,
para além-mar erguia ambiciosas vistas,
sonhando dominar um novo imperio.
D'esse rei o destino é hoje ainda um mysterio!

Chegando-lhe, talvez na hora derradeira,
a noticia fatal da perda verdadeira
que arremessava a patria a temeroso abysmo,
o poeta proferiu, no ardor do patriotismo:
«Ao menos morrerei com a patria!» E expirou.
Nunca de um genio a voz tão alto se elevou.

Morreu... não como diz a tradição, de fome...
mas já pertence ha muito aos seculos seu nome,
que enche de pasmo ainda as nossas gerações.
Esse genio immortal chama-se, emfim, Camões!
Camões, — magno cantor das glorias portuguezas.
que desejou á patria immensas grandezas,
e viu-se vacillar nas convulsões da morte!
Um seculo mais tarde um homem crente e forte,

' povo, e tendo um coração guerreiro,
ıe sacudir o jugo do estrangeiro,
novamente á patria eterno brilho.
ırre uma nação que tem Camões por filho!
a-se do passado o funebre sudario...
— Commemorai o tercio centenario
mmortal cantor, do genio sobre humano,
ebrou o *peito illustre lusitano,*
lor transpoz as regiões da historia!
'alla de Camões relembra a vossa gloria!

«—Mãe! leva-me tambem?»
« —Não póde ser, filhinha!»
«—Pois deixa-me sósinha?»
« —Deixo-te á outra mãe

«Que é mãe da orphandade,
«E como mãe te ama!»
«—E ella como se chama?»
«—Chama-se a Caridade!»

---

ossas lides findaram. Chega o dia
leixar estas margens bonançosas.
ɜ colhemos as purpureas rosas
ciencia, do amor, e da poesia.

uem sabe, amigo, o que a fortuna impia,
guarda em suas ondas procellosas?...
temos as dextras extremosas,
ɔ quem um adeus eterno envia.

'rante, ou do teu lar no doce abrigo,
rda-te d'aquelle a quem o fado,
serena amizade uniu comtigo.

ɜmbrança d'esse tempo que é passado,
nome aqui te deixo: o teu, amigo,
ro do coração levo gravado.

Abrindo vinha o Ceo nocturno e frio
Do Rei da luz a bella embaixadora,
E mudando em aljofar o rocio,
Urnas de ouro derrama a rôxa Aurora:
A branda testa as perolas em fio
Toucavam, com que mais ao Sol namora.
E com o veo das nuvens, que a cercava,
Do rosto as frias gotas enxugava.

Festejando a princeza do Oriente,
Que sai as nuvens lucidas pizando,
Os filhos do ar com pena diligente
Vinham o Ceo, e a terra namorando:
Que com farpada lingua docemente
Não aprendida musica espalhando,
Quando nas leves azas se levantam,
A alma suspendem, e o sentido encantam.

Traz d'ella os abrazados horisontes
Com ardente pincel o sol bordava,
E a altiva testa dos soberbos montes
De rios de ouro, e prata coroava:
As plantas, rios, flores, prados, fontes,
Cada um com lingua muda ao sol fallava
Como que agredecia a grão belleza,
Com que enfeitava o Sol a natureza.

Mostrava a terra verde as bellas flores
Vestidas com tal graça, e alegria
De mais finas, e mais suaves cores,
Que estar-se rindo o prado parecia:
O vento c'os primeiros resplendores,
Entre as folhas calado então dormia,
E as fontes, que passando murmuravam.
A suave repouso convidavam,

. . . .

Tudo isto compoz o poeta para dizer que começ
novo dia.

Folga, Abrahão, na campa adormecida,
Folga, Isaac e Jacob!
A promessa de Deus é já cumprida,
E as predicções de Job.
Empresta-me, David, a tua lyra,
Os sons divinos teus:
Quero cantar o genio, que me inspira
Do filho do meu Deus.
Embora os tristes ais de Jeremias
Eu tenha de entoar,
Ou os horrores sacros de Isaias...
Eu quero a Deus cantar.
Embora fugirei, errante, a sanha
De outro novo Saul,
Farei soar a minha voz tamanha
Longe... do norte ao sul.
E com letras de fogo, aos peitos,
Tremendas, vou gravar
As mysticas palavras sobre os muros
De todo o Balthazar.

*
* *

Sim — quasi já dois mil annos
O tempo no pó lançou,
Povos, sceptros e tyrannos
Ao nada precipitou,
Desde quando o Verbo Santo
Coberto de fel e pranto,
Dos reis e povos espanto,
N'um cadafalso expirou.

E sua voz derradeira
O mundo já todo encheu,
Dos homens a raça inteira
Suscitou c'o brado seu.

Os consagra
Que valem i
Que valem i
Ardendo em
Que valem c
Contra a lei
Prégada pel

De Roma ás
Do norte o l
Travou-se rij
E o godo qu
Tomou a cre
No seu pend
O emblema c
As hostes le
E espalhou p
Dos novos ci

Caducas naçõ
Tyrannas de
Sceptros e'r

E quasi já dois mil annos
Do tempo correndo vão,
Renovada entre os humanos
Eternamente a *Paixão:*
E ainda vai aterrando
Tyrannos, que vão ficando,
O brado do Salvador,
Té que um a um já quebrados
Os ferros sejam trocados
Só em algemas de amor.

Tens um estro fulgurante,
Meu inspirado cantor!
O teu caminho brilhante
Abriu-o a mão do Senhor.
Elle te deu por thesoiros
Corôas de verdes loiros,
Doce voz para cantar;
E a mim, em vez de cantos,
Só me deu acerbos prantos,
E o coração para amar.

Se não és dos orgulhosos
Que repellem com desdem
Os testemunhos saudosos
Que da grandeza não vem,
Os meus affectos acceita;
Nenhum coração rejeita
Affecto como este meu;
Divergem nossas ideias,
Porém eu tenho nas veias
Sangue egual ao sangue teu.

Somos ambos portuguezes,
Livres ambos das paixões,
Que nasceram dos revezes
Das passadas dissensões.

Se tu tens nobreza antiga
A minha tambem obriga,
Que a virtude é meu brasão.
Tu és um rei da harmonia
E eu amando a poesia
Desejo ser teu irmão.

Se temos diversas crenças,
Foram irmãos nossos paes;
Mas que importam differenças
Sendo nós ambos leaes?
Eu adoro a liberdade
Porque foi a Divindade
Que no berço me embalou;
Criei-me junto com ella,
E vendo-a joven bella,
Minha alma se lhe entregou.

Vivi com ella nos mares
No meio dos vendavaes,
Da America nos palmares,
E em seus rios collossaes.
Toda a terra achei liberta;
A minh'alma sempre aberta
Captiva jámais se viu,
E sempre o seu pensamento,
Sem nenhum constrangimento,
A minha voz traduziu.

Amei tudo quanto via
Em liberdade viver;
Tomei odio á tyrannia,
Jurei guerra ao seu poder;
E sem susto da metralha
Já nos campos da batalha
Contra ella o braço ergui;
Já nas fillas ignorado,
Da liberdade soldado,
Sua causa defendi.

E tu, vate harmonioso,
Tu segues diversa lei;
Eu só Deus julgo pod'roso,
Tu julgas tambem o rei.
Crença na infancia bebida
Não pode ser esquecida,
Nenhum de nós a perdeu;
Tu sonhas com monarchia,
E eu?... a esp'rança perdi-a,
Mas a crença não morreu.

Que importa, nobre poeta,
O que o futuro dirá?
Nenhum de nós é propheta,
E Deus o melhor fará.
Para mim a liberdade,
Para ti a magestade,
Entre os dois eterno amor,
Para nós é morta a guerra;
Seremos sempre na terra
tu poeta — eu trovador.

Como tu tens da poesia
Torrentes d'inspiração,
Tenho tambem sympathia
Brotando em meu coração,
E foi por ella animado
Que ao poeta sublimado
Eu hoje ousei invocar:
Quiz minha lyra singela
Na tua c'roa tão bella
Mais uma flôr enlaçar.

Vamos cumprir a ultima parte da promessa consi-
ıda em nosso *prospecto — A Collecção de themas.*
Como estes themas são destinados aos alumnos do
e 2.º anno do curso de portuguez, daremos n'el-

les, em primeiro logar, algumas das comparações indicadas pelo sr. Oliveira Maya no seu «*Manual de Estylo*», elaboradas por nossos filhos; ([1]) bem como algumas cartas, contos, narrações e descripções, que apenas corrigimos n'um ou outro ponto, ha tres annos.

Não é de esperar um primor de linguagem; não conviria sair da esphera dos conhecimentos que em taes annos possuem os alumnos de portuguez, nem tratar assumptos tão elevados. e diremos outrosim tão irreprehensiveis, que desdissessem de suas habilitações.

Na 1.ª parte do *Escholiaste* — o Diccionario — pouco nos alongamos na definação da palavra «*Composição*». Diz mais o sr. Maya nos seguintes:

CONSELHOS E REGRAS PARA A REDACÇÃO

«Dado o thema d'um exercicio de redacção, o primeiro cuidado do alumno deve ser assenhorear-se d'elle perfeitamente, meditando cada uma das idéas que encerra, investigando quaes d'ellas devem ser desenvolvidas e até que ponto o possam ser naturalmente, — vendo qual a ordem em que devem ser collocadas essas idéas e desenvolvimentos, e qual a ligação com que devam prender-se — e finalmente elaborando mentalmente a redacção toda. Só depois d'isto feito, é chegada a occasião d'escrever.

«Não se julgue perdido o tempo gasto n'essa elaboração mental; porque feita esta, póde considerar-se feito o exercicio de redacção. O que falta, é apenas escrevel-o e corrigir-lhe algum defeito d'expressão; e para isso pouco tempo se precisa.

«O alumno que assim não fizer, e principiar a escrever precipitadamente sem ter meditado o thema, não só revelará no embaraço da phrase e na pobreza

---

([1]) Antonio Damião da Sousa Netto e **Raymundo Fausto** de Sousa Netto.

das idéas, a falta de meditação previa; mas riscando e corrigindo uma e outra vez, gastará muito mais tempo do que se tivesse começado por meditar, verificar e ordenar as idéas que se propunha expender. Sigam os alumnos o conselho que aqui lhes damos e verão como assumptos, que ao principio se lhe antolharam estereis ou difficeis, se mostram depois fecundos e faceis; e como a penna lhes correrá desembaraçadamente, e a phrase sairá clara e fluente. Nunca faltaram expressões a quem sabe bem o que ha de dizer; e demais n'estes exercicios, o que mais se deve exigir, é bom senso nas idéas e correcção na construcção das phrases e clausulas e na orthographia.

COMPARAÇÕES

A Agua e o Leite

A agua e o leite são duas bebidas deliciosas; a agua é incolor, transparente (se é pura) e liquida; o leite é alvo e tambem liquido, mas soroso; tem um sabor especial que se altera conforme os alimentos tomados pelo animal que o dá; em recebendo acidos, coalha; exposto sem preparo por muito tempo á acção das estações calmosas, azeda-se; preparam-se com elle e outras substancias, taes como assucar, ovos, etc., saborosissimas confeições; comtudo não é indispensavel á vida, como a agua, que faz parte essencial da nossa alimentação quotidiana.

O ouro e o ferro

O ouro e o ferro são dois metaes utilissimos, que se encontram nas entranhas da terra, d'onde se extraem com mais ou menos custo.

O ouro, por ser mais raro e tambem porque é de menos facil corrupção, é mais estimado, não podendo ser adquirido pelas classes pobres, por seu excessivo preço; fazem-se com elle objectos de adorno pessoal,

taes cómo: aneis, brincos, cordões e toda a sorte de enfeites, como franjas e objectos de filagrana em que o ouro chega a tomar as dimensões de um cabello; tão malleavel se póde tornar!

O ferro, empregado em todos os artigos do uso domestico, em ferramentas, em machinas para todas as artes e industrias, no commercio, em a navegação e em todo o genero de construcções, não póde por isso deixar de reputar-se utilissimo; não obstante, nunca ascende em valor ao dos outros metaes, e, relativamente á sua applicação, póde dizer-se baratissimo; todavia não dispensa um certo tratamento, que o preserve da acção do tempo sob a qual se occida facilmente.

Um cão e um gato

São dois animaes domesticos da classe dos quadrupedes e mamiferos geralmente estimados pelo seu prestimo; o cão mais fiel ao homem, acompanha-o a toda a parte, defende-o, e parece desejar conhecer as suas ordens para as cumprir; encarrega-se de umas determinadas missões, que desempenha expondo até a sua vida, taes como na caça, na guarda dos rebanhos, das casas e das quintas, guiando o cego, etc.; não se insobordina quando é castigado, ao contrario, mais se humilha, soffre a saudade, chega a morrer de desgosto, dá visiveis signaes da sua alegria, etc.; tem um olphato apuradissimo, que o conduz a descobrir o que está occulto a grandes distancias, a direcção que tomou o objecto que elle deve seguir, etc.; tem o instincto do bem, mas se o offendem ataca o aggressor denodadamente.

O gato é mais esquivo e menos util, o seu prestimo é limitado á caça dos ratos; poucas sympathias sente pelos donos da casa; comtudo, tratado com certos cuidados, chega a manifestar passegeiras meiguices.

O cão morde, o gato morde e crava as garras que

tinha occultas como traiçoeiro. O cão é atacado de um mal perigosissimo, a hydrophobia; o gato muito perseguido, se chega a assanhar-se, é terrivel, parece hydrophobo e investe furioso.

Uma casa e uma egreja

A casa e a egreja são dois edificios muito differen-.es na forma e na applicação; a egreja é espaçosa, ɔóde ser de uma ou mais naves; na frente e aos lados em capellas e altares com differentes imagens, não levendo faltar a do crucificado; n'estes altares cele-ɔra-se missa cantada ou resada, finalmente é desti-ıada ás ceremonias do culto. Exteriormente apresenta ım aspecto especial, já na construcção da porta prin-:ipal, já porque tem torres ou campanarios, onde ha ;inos, relogio, etc., encimando quasi sempre o fron-.espicio em forma triangular, em cujo vertice sobresai ɔ signal sublime do catholicismo — a *Cruz*.

A casa é o asylo da familia, onde se vive, onde se criam e educam os filhos, onde se preparam e tomam as refeições diarias, onde se dorme, onde se tratam os differentes assumptos concernentes áquella pequena sociedade ou grupo de individuos composto de pae, mãe, filhos, criados, etc.; pode ser abarracada ou apalaçada; constar de um ou mais andares, com varandas ou sem ellas, etc; tem janellas, e estas podem ser de sacada ou de peito, etc.

Um campo e um jardim

Diz-se um campo o espaço de terra deshabitado, sem cultura nem arborisação regular, que de ordinario se estende para além do recinto onde estão comprehendidas as habitações de um povo, aldeia, villa ou cidade; na primavera e no verão cobre-se de macia relva, que parece um bem tecido tapete verde, d'onde se destacam pequeninas mas engraçadas flôres, e ás vezes tambem o majestoso lyrio dos valles.

O jardim é como que a morada luxuosa da vegetação, onde a natureza e a arte ostentam as suas mais preciosas galas no meio das povoações, sempre avidas de apreciarem os encantos d'este seu mimoso ornamento: a frescura das sombras, o perfume das flôres, o susurro das aguas, a disposição ordenada das plantas e das arvores, o brilho e a variedade das cores, a alegria da infancia que alli não falta e folga livremente, tudo isto, e principalmente a concorrencia selecta de damas e cavalheiros em animados colloquios, tornam o jardim um local bem differente de um campo.

O boi e o cavallo

Entre os quadrupedes, que parece foram exclusivamente criados para serviço do homem, devemos contar o boi e o cavallo, acaso os primeiros que submettem suas forças tornando-se doceis ao ensino e ao trabalho.

O boi é um ruminante estimavel, que vive quasi sempre nos campos e entre os camponezes, em cujos trabalhos agricolas toma a mais activa parte, prestando-se a elles submisso, para vir depois, quando gordo, morrer no açougue e dar-nos sua carne, nosso principal e mais nutritivo alimento. No boi, póde dizer-se, tudo é util, desde as pontas até ás tripas, tudo é aproveitavel e necessario a differentes necessidades da vida.

Os serviços d'este ruminante são de uma tal importancia, que a prosperidade e a subsistencia das nações d'elle dependem muito.

O cavallo, mais nobre e mais intelligente, chega a ser amigo do homem; aguarda as suas ordens, percebe a sua vontade e condul-o aonde elle o guia por umas tenues correias (rédeas); apressa o passo ou retarda a carreira veloz, á vontade d'aquelle que o monta. No serviço militar é que o cavallo principalmente mostra quanto é susceptivel de educação, e quão aproveitaveis são o seu instincto e a sua memoria.

Companheiro das nossas fadigas e dos nossos prazeres, não póde o cavallo deixar de ser estimado de todas as nações, ainda as mais barbaras.

Um barco e uma corruagem

São estes dois transportes que o homem soube preparar para o conduzir de um a outro logar, mais ou menos distante.

O barco é feito de madeira e destinado a sulcar as aguas do mar ou dos rios impellido pelos remos; se é grande, tem velas sobre as quaes o vento exerce a sua força e o impelle para a frente; o homem dá-lhe a direcção, servindo-se para isso do leme; em vez de marchar pela pressão do vento sobre as velas, póde o barco ser movido por machina a vapor. Segundo sua construcção, dimensões ou feitio, toma o barco ou navio differentes nomes: póde ser lancha canôa, barca, cahique, escuna, cutre, lugre, patacho, hiate, fragata, corveta, nau etc.

A carruagem é destinada a rodar em terra, não póde mover-se por si só; depois de montada sobre um ou mais jogos de rodas, é puxada por quadrupedes, ordinariamente muares, ou cavallares, que a levam ao destino desejado, guiados por um ou mais conductores, que tomam logar na mesma carruagem, em assentos proprios, atraz dos animaes que a puxam. Segundo sua construcção ou feitio, assim toma differentes nomes, taes como: coupé, landau, cabriolé, berlinda, victoria etc.

O dia e a noite

O dia tomado no sentido em que aqui o descrevemos, o contraste da noite, é o espaço do tempo em que um hemispherio está allumiado pela luz do sol, quer este, radioso no firmamento, projecte os seus raios pela athmosphera, quer o encubram vapores mais ou

menos condensados acima do nosso planeta, ou as nuvens.

Durante o dia e com o auxilio da luz solar, distinguimos todos os objectos que têem existencia propria em a natureza, e que estão ao alcance da nossa vista, percebemos suas formas e côres e podemos estabelecer comparações, e determinar as differenças entre uns e outros seres.

É durante o dia que principalmente se exerce a actividade humana pelos campos e pelas povoações: o canto das aves, a alegria das plantas, o bulicio de todos os viventes, tudo mostra que o mundo saiu do seu lethargo e está vivendo outro dia mais.

A noite é o espaço do tempo em que n'um hemispherio falta a luz do sol, e em que, para distinguirmos os objectos, precisamos de luz artificial; é n'esse periodo de tempo que ostentam seu magnifico esplendor a lua e as estrellas, recamando o firmamento e enviando-nos sua luz suave, se as não encobrem à nossa vista as evaporações da terra, ou as nuvens mais ou menos condensadas na athmosphera.

Durante a noite a natureza parece como que adormecida; o homem procurou o repouso de que carece: cessou o labor do dia, e toda a actividade animal repousa de suas fadigas.

O somno e a morte

O somno é um bem que Deus concedeu aos mortaes; cançado das fadigas do dia, o homem procura o repouso e encontra a reparação das forças, depois de algumas horas de somno; seis horas bastam em cada dia. O que adormece perde a consciencia de que existe; diriamos morto o individuo que dorme, senão respirasse, se não tivesse tão regulares as pulsações, se não conservasse a sua côr, como quando acordado; é pois o somno apenas a imagem da morte. Devido a causas que não são inteiramente desconhecidas da

sciencia, succede muitas vezes sentir-se agitado, e lutando com varios e encontrados pensamentos, o individuo que procurou o beneficio do somno; diz-se então que este individuo sonha; ha sonhos horriveis, como ha sonhos deliciosos, atravez dos quaes o que dorme, vê as imagens queridas de sua phantasia, ou realisadas suas mais acariciadas aspirações. Satisfeita a necessidade de dormir, acorda-se; terminou o somno.

A morte é a ausencia perpetua da vida, a perda total de todas as forças, do todas as faculdades vitaes; poucas horas poderá conservar-se um defunto, sem que comece a corrupção da materia até ao seu geral aniquilamento.

O que morre, perde logo a côr natural que lhe dava o sangue girando nas veias, e agora coalhado e frio. Se nas paginas sagradas do Evangelho não tiveramos a solemne promessa do Salvador — de que virá um dia a julgar os vivos e os mortos, - - nós diriamos que este somno era eterno, e d'elle não se acordaria jámais.

O estudante e a arvoresinha

O estudante póde comparar-se a uma arvoresinha em mais de um ponto: começa a arvoresinha primeiro tenra e apta para receber esta ou aquella inclinação; podem torcer-se as suas primeiras vergas, ou entrelaçarem-se umas nas outras; inclinarem-se para a terra ou dirigirem-se para o ar: limpando-se as differentes vergonteas, fortalece o tronco e cresce robusto, podendo supportar mais tarde o peso de espessa e elevada ramagem, á sombra da qual será grato gosar aprasiveis horas; se é fructifera, tendo sido, desde os primeiros annos de sua plantação, tratada com esmero, não havendo descuido em a regar, em lhe cortar os ramos nocivos, que uma superabundante seiva fazia brotar, mas que depois a absorveriam com prejuizo da belleza e bondade dos pomos, dará certamente saborosissimos fructos.

Assim o estudante desde seus verdes annos, se fôr bem educado, se attender ás lições de seus mestres, se escolher boas companhias, se fôr docil ás advertencias, e amigo do trabalho e da applicação, se seguir á risca todos aquelles preceitos de boa moral que ouve pela voz auctorisada de seus paes; se despresar os maus exemplos, se aborrecer os vicios e amar a virtude, se respeitar o merito, se fôr agradecido aos beneficios recebidos, se confiar que pelas suas boas obras ha de merecer a protecção divina, necessariamente será a consolação de seus paes. Bem quisto de todos não soffrerá privações: póde vir a ser o esteio de muitos necessitados; qualquer que seja a carreira que seguir, será digno de consideração; os fructos do seu trabalho darão com que supprir a todas as necessidades da vida: será em summa um bom cidadão, merecedor de desempenhar os mais elevados cargos do Estado.

A criança e o botão de rosa

A criança, na tenra edade da vida, apenas sabendo os primeiros rudimentos da palavra, com a rasão acanhadissima, não possue ainda os orgãos desenvolvidos de um modo notavel; carecendo da maior sollicitude para para crescer e desenvolver-se, não póde dispensar o amor e a protecção maternal que o agasalhe e defenda; separal-a da ternura e dos carinhos de sua mãe, esperando que ella por si só possa adquirir a robustez e o desenvolvimento de que é susceptivel, quando lhe não faltam os affagos maternaes, seria expol-a á morte, querendo tirar-se provas contra as leis da existencia humana.

Assim é o botão de rosa; contendo em si todas as partes que a flôr ha de apresentar mais tarde— folhas, côr, perfume e belleza, precisa comtudo do abrigo das folhas, da seiva, do ramo ou haste, em que nasceu e da qual, se fôr arrancado, não chegará ao

estado de florescencia, não ostentará aquellas galas, que lhe dão a primazia entre todas as flores e até o diadema de rainha, pois que nenhuma outra flôr se lhe póde comparar nem avantajar.

Assim o homem, que é o rei da creação, se logo nos primeiros dias do seu nascimento lhe faltarem o agasalho, o conforto, o sustento, a educação, ou não terá nascido senão para morrer, ou não chegará a ser um membro da sociedade util e prestadio.

O mestre e o jardineiro

Podemos comparar o mestre com o jardineiro em mais de um ponto: o jardineiro é um homem que tem de seu encargo um jardim; a sua obrigação é tratar das flôres e das plantas que houver n'esse jardim: semear estas, podar aquellas, n'este ou n'aquelle local, n'esta ou n'aquella estação; um bom jardineiro nunca se esquece de tratar cuidadosamente de suas obrigações, é elle que em determinadas épocas revolve a terra, destinando esta para umas certas flores, aquella para outras, cujos principios melhor lhes aproveite; é elle que desbasta aquelles inuteis rebentões, que impedem as plantas de crescer por lhes consumir a seiva; é elle que limpa as flores dos bichos e insectos, que lhes são nocivos; em uma palavra, o bom jardineiro é o solicito protector das tenras e mimosas plantas.

Assim o mestre, se tratar cuidadosamente dos seus discipulos, tirará como o jardineiro bons resultados, e alcançará a fama de bom professor, com a satisfação de ter formado com os primeiros elementos do seu ensino, cidadãos uteis á sua patria, á sua familia e aos seus amigos.

Um bom mestre nunca se esquece de ensinar a seus discipulos as lições que elles não sabem, e de lh'as explicar efficaz e convenientemente; sabidas estas, ensina-lhes outras e explica-lh'as do mesmo modo, de sorte que os estudantes vão dia a dia conhecendo

[illegible] e admirando ao mesmo tempo os vastos [illegible] campo da sciencia se patenteiam ao [illegible]. Um bom professor inquieta-se. [illegible] desprezam as admoestações, quasi [illegible] e dá-lhes o justo castigo, não para se [illegible] que o não magoe a necessidade [illegible] para os corrigir dos erros, mos-[illegible] ao mesmo tempo o caminho recto da virtude, e [illegible] do mal: em uma palavra, o bom [illegible]stre é um segundo pae, porque educa seus discipu-[illegible] carinho, ministrando-lhes diariamente [illegible]

CARTAS

[illegible] que se acha n'um collegio, consolan-[illegible] separação da familia, e animando-o [illegible] como o melhor meio de conso-[illegible]-se a si proprio.

Meu muito presado irmão.

Devo suppor pela amargura que a todos nós tem causado a falta da tua presença na familia, qual será a tua saudade longe de nós, de quem só agora te separaste, e entre pessoas estranhas; estou certo de que em breve grangearás a estima de teus condiscipulos e dos outros collegiaes, como a consideração de teus professores, consequencia lisongeira do teu bom proceder; e essas novas relações te compensarão do que presentemente soffres: pensa porém no ineffavel galardão que te está reservado, se consegues merecer por tua assiduidade e attenção o premio dos teus estudos e das tuas vigilias: que satisfação te não trará o convencimento da alegria, que deve causar a toda a nossa familia o teu aproveitamento e para ti a esperança de um futuro honroso e lucrativo!...

Sejam os meus votos attendidos e espero em Deus que abraçarás alegre o

Teu irmão muito amigo.

Data... [1]

Nome. [1]

Carta de reprehensão e conselhos a um amigo, que sendo rico julgava serem-lhe inuteis a instrucção e a affabilidade

Meu caro amigo.

Houve tempo em que a tua incuria e despreso pela instrucção sobremaneira me incommodavam; parece que adivinhava haviam de ser a tua ignorancia e libertinagem os algozes da tua reputação, e de facto és tu só o culpado da má conta em que és tido.

Ainda é tempo de ganhares bons creditos; na tua idade bem se póde readquirir o amor ao estudo e, como consequencia, a instrucção sem a qual nunca serás um bom administrador de tua casa e fortuna, e esta dissipar-se-á ficando tu sem recursos, por que ao mesmo tempo te faltarão dotes que te recommendem; depois esse abandono votado á instrucção far-te-á contrair habitos grosseiros, em vez da affabilidade que tanto captiva.

Por todos estes motivos vê quanto te será proveitoso mudar de conducta, tornando-te digno da geral estima, respeitado e considerado pelo teu saber e bom senso.

Crê-me sempre

Teu amigo affectuoso.

---

[1] Fique entendido que são pouco mais ou menos estes os logares da data e da assignatura; esta porém deve descer tanto mais, quanto mais considerada for a pessoa a quem a carta é escripta.

meu amigo, de teu pae qu
pode ser substituido por ou
ha duvida, uma perda irrep
que podemos soffrer; mas d
formar-te com a execução
revogavel, a que todos estan
Deus este sacrificio. Sirva d
teza de que têem bom loga
e bons, como era teu queric

Abraça-te o

Carta de F... a seu pae qu
bido ha um mez carta d'elle, e
de que esse silencio seja motiv

Meu queri

Esperando cada dia noticias
mez sem a consolação das s
para mim tanto mais sensivel

me escrever ou de mandar escrever com a possivel brevidade.

E com este favor lhe pede a sua benção o

Seu filho muito obediente e muito
grato amigo do coração.

Carta de F... a um amigo reprehendendo-se por lhe não ter escripto ha muito tempo, pedindo desculpa, e que essa falta não seja motivo para esfriar uma amisade tão antiga e sincera.

Meu caro amigo.

Não sei como deva justificar-me de uma falta, que só na tua amisade póde achar desculpa; faz hoje tres mezes que recebi a tua presada carta, sem que para te responder tenha tirado um bocadinho ás minhas occupações. Forte descuido!

Pois bem, eu venho hoje, primeiro que tudo, pedir-te perdão; depois dizer-te que os teus negocios correm bem; e finalmente asseverar-te que a minha amisade precisa de que tu me digas que o meu procedimento em nada esfriou a nossa mutua affeição, por isso que, pela minha parte, não posso nem esquecer, nem confundir as provas que tenho da tua sincera amisade.

Crê-me portanto sempre o teu melhor amigo, e continúa a dispôr com egual franqueza d'aquelle que é e será sempre:

Teu do coração.

Carta de um amigo a outro pedindo-lhe que venha passar algum tempo em sua companhia e fazendo-lhe ver que passará agradavelmente.

Meu caro Luiz.

Desejo tenhas gosado boa saude e que tenham regularmente corrido os teus negocios. Eu sou feliz na

aqui derramados com
delicias só me falta a
dar-te a que venhas ma
Contando que acced
destinado um aposento
seductor panorama, on
sonte magnifico, quand
Espero nos darás a s

O teu a

De F... a seu irmão
elle escrever de um mod
adivinham que se lêem, e
sem em branco por não ser

Recebi a tua carta, qu
dade, podendo *inferir* q
estimo.
Este teu modo de es
estoia ...

tenda ler as tuas *rabiscas*, acabando por se enfada
votar ao despreso uma caligraphia que se não perce
No teu interesse pois, espero tomarás na devida c
sideração esta advertencia, que te faz

Teu irmão e amigo certo.

De F... a seu pae pintando-lhe o cuidado e inquieta
que lhe causara a doença d'elle; o prazer que sentiu,
bendo que está em convalescença; e o vivo desejo que t
de que cheguem as ferias para com o seu amor e cuida
ajudar ao inteiro restabelecimento.

Meu querido Pae.

A noticia da sua doença collocára-me n'um est
de inquietação indiscriptivel: não podia socegar;
nenhum logar estava bem; a companhia dos m
collegas aborrecia-me; se me via só com os m
pensamentos, affligia-me sobremaneira a distan
que me impedia de estar ao seu lado; d'este m
fôra-me impossivel conciliar duas ideias aproveitav
aos meus estudos, e posso dizer, foram inuteis, p
elles, aquelles dias em que a minha imaginação est
sob a influencia de tão pungente situação.

Mas não ha mal que sempre dure: na alegria c
me trouxe a noticia de que o meu querido pae est
livre de perigo e começava a convalescer, tive
ineffavel compensação da angustia, que me opprim
e como pedira a Deus pela sua saude, lhe rendi l
graças pelo beneficio que nos fez.

Esta satisfação me dará forças para tambem cc
pensar o atrazo nos meus estudos, afim de que pos
satisfeito com o bom resultado dos meus bons e
mes, aproveitar, alegre ao seu lado, as ferias que
sejo ardentemente cheguem, para as passar na
feliz companhia, contribuindo a tornar-lhe bem ag
davel o resto da convalescença, tendo a ventura
gosar muito com o seu inteiro restabelecimento, co

Seu filho muito obediente e grato ami

De F... a sua mãe dizendo-lhe que está proximo o dia dos seus annos, em que ella costuma fazer-lhe um presente, mas que o não diz para lhe lembrar, e sim para que ella commute o mimo costumado, em dinheiro com que elle possa soccorrer uma familia necessitada, sua visinha e digna de compaixão.

Minha querida Mãe.

Approxima-se o dia do anniversario dos meus annos, dia em que a sua benevola generosidade para comigo me tem posto no costume de receber uma lembrança, que além do valor sempre inapreciavel para mim, por ser presente seu, tem o valor, que lhe dá o metal de que é feito. Ora, eu não venho lembrar este agradavel costume de minha querida Mãe. senão para lhe pedir uma pequena modificação, e vem a ser a de commutar o seu mimo em dinheiro, porque desejava soccorrer uma familia necessitada que mora perto de mim, e merece toda a minha commiseração: é muito infeliz, sendo aliás digna de melhor sorte. E assim como tenho observado o seu infortunio. quizera presenciar a sua alegria no dia do seu anniversario, em que certamente ouvirei rogar pela conservação da saude de minha querida mãe, de quem eu sou,

Com summo respeito e amor, filho muito obediente e obrigado.

Carta do F... a um amigo pintando-lhe a sua dor pela morte do pae, o desespero de sua mãe, o vazio e tristeza que se sente em casa, e os apuros com que lucta, e por isso a necessidade que tem de desabafar com um coração amigo que o console e o anime.

Meu excellente amigo.

Deixei de escrever-te desde que a desgraça entrou em nossa casa, roubando-nos a preciosa existencia de meu querido e saudoso pae, e mergulhando toda a

minha familia e o meu espirito na mais pungente dôr: mal poderias avaliar, ainda que tentasse descrever-t'o, a consternação e o desespero de minha querida mãe, para quem não ha consolações capazes de moderar tão inconsolavel afflição. Domina como senhora absoluta d'esta casa a tristeza com todo o seu lugubre cortejo.

Ainda que eu por mim queira, reunindo as forças da minha reflexão, consolar minha familia d'esta irreparavel perda com a confiança de que saberei, ainda que mal, substituir com a minha actividade o espantoso vazio que se percebe aqui, vejo-me em apuros, luctando com a difficuldade de haver recursos; vale-me a esperança de que algum caminho me ha de a Providencia deparar no meio das minhas diligencias.

Desculpa se fui importunar a tua amizade; eu precisava de desabafar, e certo de que só n'um coração amigo acharia lenitivo ao meu infortunio e cuidados, comprehenderás que os teus conselhos serão bem vindos. Adeus.

Abraça-te o sempre teu affectuoso amigo.

Uma anecdota historica

Um sujeito lembrou-se de pedir certo emprego a D. João II, para o que supplicou uma audiencia d'este soberano; concedida esta e expostas as razões, entendeu el-rei dever indeferir á pretenção do requerente.

Não se mostrou este contrariado, antes com ares de agradecido beijou as mãos ao monarcha, com evidentes signaes de agradecimento,

Admirado el-rei d'este procedimento, pois bem podia ser outro, sem quebra do respeito, que lhe era devido, e suppondo antes que o requerente não percebera o despacho, pois lh'o agradecia como se lh'o dera a

me logo despachar.
Maravilhado o sober
da resposta, concedeu
ciado tornou a beijar a
d'esta vez, com melhor
D'antes os reis anda

Leal feito de

É Martim de Freitas
pathico da nossa histori
que se reflecte atravez
veneração ingente!
Era Martim de Freita
Coimbra, da nomeação
a quem jurára respeitos
Deposto do throno este
do Papa Innocencio IV,
não quiz o leal governa
este monarcha, resistind
se lhe punham

D. Affonso III, merecendo que este de novo lhe confiasse a guarda do mesmo, como servidor honrado e de exemplar fidelidade. Em tal conta de respeito tivera este portuguez a sua palavra honrada!

Um conto

A astrologia é indubitavelmente uma impostura, porque a faculdade de predizer o futuro não é ja apanagio dos mortaes. Apezar d'isto não faltam impostores com o nome de astrologos, que sabem especular na credulidade publica, apregoando sua sciencia e extorquindo aos nescios alguns vintens, com que a si mesmos se remedeiam, podendo aliás haver directamente valiosos thesouros de fóra, se fôra infallivel a sua arte.

Certo astrologo preconisava na praça publica de uma cidade a sua sciencia, esperando bom premio do seu arrazoado; quando um dos ouvintes, que vira entrar em casa do propheta um ladrão, lhe objectou que o não acreditava, por isso que, a ser exacta a sua sciencia, deveria elle saber que áquella mesma hora estava sendo roubado.

Cheio de confusão o astrologo, corre a sua casa em defeza do que possuía, e deixa desenganados os circumstantes de que o sabio não passava de um pobre impostor, que vivia á custa dos parvos que o acreditavam. De outro modo não só devia saber o que se passava em sua casa, mas achar remedio ás suas necessidades, sem precisar de vender pelas praças o que a si proprio fazia falta.

Outro conto

Pedro tinha dois filhos que, apenas chegaram á idade em que as ambições começam a desenvolver-se, sen-

tiam o desejo de administrar bens seus e, n'este desassocego, instavam com o pae para que lhes doasse todos os seus bens. Mas o experimentado velho que se receiava do proloquio, foi adiando a resposta, até que havendo á mão uma ninhada de pintasilgos, chamou os filhos e disse-lhes que fossem elles observando o que ia succedendo.

Metteu os pintasilgos n'uma gaiola e collocou-a á janella.

A Providencia que tambem deu ás avesinhas do ceo as delicias maternaes e os cuidados paternaes, ensinou-lhes por ventura que os filhinhos reclamavam amparo e caridade e, ou fosse pelos proprios paes ou por outros, os pequeninos eram alimentados dia a dia e cresceram, até poderem já voar e tratar de si.

Foi então que, apanhados os paes, Pedro soltou as avesinhas já criadas e metteu aquelles na gaiola, onde passados dias morreram á fome, abandonados dos filhos.

Pedro que bem sabia que seus filhos já esperavam este resultado, disse-lhes, depois do fatal desenlace: que, em quanto os filhos dependiam dos paes, tinham uns e outros o pão de cada dia; em quanto que muitos paes, na dependencia dos filhos, muitas vezes ou eram abandonados, ou soffriam privações; e por isso não lhes dava os seus bens.

Conto allegorico

Em uma bella manhã de maio passeavam em um jardim, ornado de formosas e variadas flôres, uma senhora e seu filho, creança de uns 10 a 11 onze annos, viva e alegre, como o são todas, se gosam saude n'esta feliz idade,—Vou colher a melhor flôr d'este jardim,--disse o menino; e logo se dirigiu á rainha das flores, áquelle mimo chamada rosa. Acertou o menino na escolha; mas, não se prevenindo contra os espinhos, que defendem aquelle fragrante ornamento dos jar-

dins e das sallas, feriu-se n'elles. Indignado arremeça longe a rosa para acudir á dor, que o magoava; suavisada esta, tentou de novo colher outra rosa, mas sem espinhos, que o ferissem; vendo, porém, que eram infructiferas as suas pesquizas, com as lagrimas nos olhos e despeitado, dirige queixumes a sua mãe. Esta a quem a experiencia ministra conselhos, diz para seu filho — que antes de colher a rosa devera elle ter-lhe tirado os espinhos.

Mais tarde este menino, lembrado d'este conselho de sua mãe, soube applical-o a vencer as difficuldades dos seus estudos, convencido de que, tirados primeiramente os *espinhos* (que o estudo tem seus espinhos), conseguiria a estima de seus professores e a gloria de ser por elles aprovado e, conseguintemente, alcançaria habilitações, que o elevassem ás honras de cidadão distincto.

Outro conto allegorico

Era uma bella manhã d'abril; o sol não tendo ainda percorrido metade da sua carreira sobre o nosso hemispherio, ostentava as suas galas, animando toda a natureza com a sua luz esplendida e o seu calor benefico: myriades de flores, baloiçando suavemente nos meandros de um formoso jardim, perfumavam a deliciosa atmosphera, que alli se respirava.

Indifferente a todas essas bellezas da criação, perseguia um menino de flor em flor, de arbusto em arbusto, uma lindissima borboleta, cuja posse elle ardentemente procurava, a julgarmos pelas diligencias, que para isso empregava: correndo por este lado, espiando pelo outro, tomando precauções, agora para não ser visto, depois para não ser ouvido, esquecendo-se de se defender a si proprio, já dos obstaculos, que se oppunham aos seus movimentos, já dos

se-lhe em tedio! J
uma pasta informe,
A precipitação
frustrara todas as d
Tiremos d'aqui a
que os meios empre
desgostos; 2.º de q
rarmos, ainda o que
ellaborados trabalho
balho e Moderação.

Narração d
ra
para

Os velhos foram se
peitos e consideraçõe
trazem frequentes exe
cidade dos povos antig
tavam áquelles, que co
ção unanime.
Depois, esta virtude

a bella acção de dois rapazinhos que, tendo ado um velhinho acurvado sob o peso de um e lenha, que levava para a sua residencia, offe-com passos mal seguros e a gemer, reclamava ta linguagem muda, mas digna de ser atten-oda a compaixão dos transeuntes.

teceu de passarem junto do ancião dois rapazi-ue por certo não tinham ainda ouvido a moral de Sparta, mas Deus havia-os dotado de bons os, e aquelles corações, ainda não contamina-criminosa indifferença do vulgo estupido, ou ilhosa vaidade dos poderosos, n'um impulso erosidade bemdita, alliviam o velhinho da sua e conduzem elles, bem que mui difficultosa-para as suas debeis forças, aquelles lenhos, que de fazer no lar domestico, pelas horas frias da is delicias do ancião, o qual pagou com bençãos o generoso auxilio dos seus jovens prote-

---

omeço de um dia de Primavera

o a pouco fomos distinguindo os objectos que de nós ficavam mais distantes; a luz como escia para nós subindo ao lado oriental; as tre-ninuiam sensivelmente; e um clarão mais vivo gradualmente eclipsando o brilho das estrellas enas bruxoleavam raras para o Occidente; come-então a ouvir de todos os pontos o variado das aves, parecendo primeiro timidos ensaios queriam transformar n'aquelles desferidos gor-com que os cantores da Primavera sabem sau-istro do dia prestes o mostrar-se.

etanto ia augmentando o clarão no Oriente ndo-se de rubras cores; a luz tinha-se derra-or toda a superficie terrestre; viam-se fumegar ninés das casas de campo, alvejando por entre

as diversas arvores; os trabalhadores com suas ferramentas, outros, com seus gados e arados, saudavam-nos passando junto de nós; os pastores soltavam os rebanhos dos redis e os cordeiros tintilando as campainhas balavam pelas varzeas ou collinas.

Já toda a abobada celeste está inundada de luz: desponta no mesmo lado oriental um ponto luminoso. parece uma braza, agora é uma curva luminosa, parece de fogo, sobe, é como a parte de um circulo, um semicirculo, vem subindo, é um disco perfeito, rutilante, avança em linha recta, dourava ha pouco as cumeadas dos montes, agora é a face toda da terra que está lavada de luz, é sol nado; experimenta-se um calor suave e este já fez abrir as florinhas por todo o campo, mostrando a riqueza de seus diversos feitios e variadissimas cores; em quasi todas as plantas rolaram até ás pontinhas das folhas umas gotinhas de orvalho da noite; são como aljofares onde a luz do sol faz reflectir as cores do arco Iris; toda a natureza tem manifestado esplendidamente sua alegria: differentes vozes, bulicio por toda a parte, o va-variado e seguido cantico das aves, a vida emfim renascida e continuada.

Descripção do pôr do sol; fim de um dia

Á proporção que a terra se aproxima do sol, parece este augmentar seu disco; um cortejo de nuvens tem vindo rodear o astro, como para lhe apresentar suas homenagens e ouvir suas despedidas; cada uma vai tomando diversas formas ou desenhando figuras phantasticas que os ultimos raios da luz do sol têem illuminado de ouro e vermelho, ou parecendo camadas espessas de algodão formando altas montanhas, soberbos e magestosos porticos de niveo marmore elevados promontorios grutas pontes etc. Entretanto o

sol vai como que escondendo-se por detraz da extrema linha, desliza por entre esta e a abobada celeste; a superficie do nosso hemispherio nem toda se conserva já banhada de luz; o disco solar vai perdendo o seu ambito, apenas se mostra ás cumeadas dos montes, ainda vestidas do manto dourado; mas este manto, eil-o que pouco a pouco se enrola e offusca.

É sol posto: As nuvens que o acompanharam, ainda ha pouco revestidas de cores deslumbrantes vão gradualmente empallidecendo até se tornarem escuras.

Aqui e alli fogem callados e como que espavoridos os passarinhos, a acoitar-se sob a ramagem dos arvoredos; os pastores conduzem os rebanhos para os redis; os trabalhadores largam de mão os serviços do campo e tomam os caminhos da povoação; ouve-se o toque das trindades na torre proxima, e basta para elles e todos os camponezes tirarem seus chapeos de abas largas, proseguindo em silencio até acabarem sua oração.

Fulge no firmamento a primeira estrella; a escuridão vai augmentando e novas estrellas bruxoleam para o oriente; alli a escuridade é maior que no occaso onde ha ainda uns restos de crepusculo; este extingue-se por fim; é noite completa.

O firmamento está agora recamado de fulgentes estrellas; o silencio é quasi completo, e dizemos quasi porque apenas o interrompe o monotono cantar do rallo, o pio compassado do mocho ou o chio prolongado da coruja.

Descripção de uma jornada em dia d'inverno; perdem-se os viajantes no caminho; sobrevem-lhes uma trovoada que põe suas vidas em risco.

Caminhavamos a cavallo pela estrada de... seriam 4 horas da tarde do mez de fevereiro; tinha arrefecido muito esse dia que se aproximava do seu fim

sem maior incidente. Contavamos poder descançar essa mesma noite na aldeia de..., que nos ficava ainda a duas horas de jornada; mas, entretidos em conversa animada, deixamos o caminho; demos por isto, tinha o vento mudado e as nuvens começavam a condensar-se; seguimos então umas veredas tortuosas e por vezes equivocas, que se cruzavam na charneca em differentes direcções. Não se fez esperar muito a chuva que foi augmentando, a ponto de nos encharcar todos e encher em pouco tempo os caminhos, transformando-os em fartos ribeiros e impedindo-nos de avançar, receosos de nos embrenharmos na matta, ou de termos que passar uma noite medonha n'aquelle descampado. Era impossivel permanecer inactivos: a escuridão augmentava com a approximação da noite e com ella a nossa tristeza: a roupa toda molhada arrefecera-nos de modo, que sentiamos um frio desconsolador gélar-nos os membros: experimentámos caminhar a pé: impossivel!

Os lamaçaes eram enormes; havia sitios em que os pés se enterravam até quasi aos joelhos! No meio d'esta situação deploravel, sobrevem uma trovoada horrorosa: os relampagos succediam-se uns aos outros e após estes, medonhos trovões; os cavallos açoutados pelo vento e pela chuva e deslumbrados pelos relampagos, recusavam-se a caminhar; a escuridão era já completa, cada vez mais nos affligia a ideia de passarmos uma noite em tão tristes circumstancias; nenhum abrigo, nenhuma guarida, nem sequer uma arvore!

Só Deus nos poderia valer, se é que não era chegada a nossa ultima noite: mas Deus ouviu as nossas supplicas e valeu-nos: por entre as trevas distinguimos longe uma luz e para ella nos dirigimos immediatamente, picando nos cavallos com sofreguidão, como quem tinha medo de perder aquelle unico indicio de salvação. Por charcos e torrentes caudalosas temerariamente chegámos a uma encosta, que se nos deparou pela frente na linha que seguiamos; foi necessario

subir por ella... Oh felicidade! em vez de uma luz, muitas luzes! Era a aldeia que ficava na vertente opposta, e onde estariamos descançando, se não fossem os incidentes descriptos.

Descripção de um passeio fluvial

Era uma d'essas formosas tardes do Estio, tão frequentes n'esta nossa abençoada terra; a brisa refrigerante começava a compensar-nos do calor que ao meio dia nos imcommodara um pouco.

Soavam cinco horas da tarde, hora aprazada em que nos deviamos reunir, nossa familia e duas mais de nossas relações: umas vinte pessoas de differentes sexos e idades. Estava combinado um passeio fluvial pelas margens do Guadiana. Dois botes bem veleiros nos receberam a seu bordo; embarcámos um pouco abaixo de Pomarão em direcção a Alcoutim. As aguas do rio, mansas como as de um tanque, apenas se encrespavam ao bafejo da leve aragem que impellia os nossos barquinhos; á proporção que avançavamos, seguindo as curvas espelhadas que se escondem além do Chança, admiravamos a luxuriante vegetação que se desenrola em opulentos tapetes de verdura n'uma e n'outra margem: ricos pomares de variados fructos; hortejos onde se criam deliciosas melancias, melões e muitas hortaliças; sobre medronheiros, marmelleiros, macieiras e parreiraes com pesados cachos que foi preciso especar, desferiam os rouxinoes seus melodiosos gorgeios, correspondidos dos alados habitantes da opposta margem; alguns de nós que levamos uns rebecas, outros flautas e violas, tentámos variar de notas. Que temeridade e ao mesmo tempo que profanação!

A arte mostrou bem quanto é escrava da natureza: quebrámos o delicioso encanto. Não ha para comple-

Descripção d
comboio

Pouco antes da hora n
tação de... onde já alg
gare o comboio que não
tanto iam chegando ma
classes, uns que como
amigos, outros que deve
cando n'este ponto, outr
veis que pretendiam ven
que eram empregados n
correios; em poucos mom
ponto, minutos antes er
mercado de muita anima
mentava-se os que chega
lhetes; aquelles traziam
que os carregadores se i
logar conveniente: em su
vida.

Não muito distante, ouve
se approximava sensivelm

frente. Uma filleira de carroagens e de carrões vai seguindo a machina que os puxa na frente; muitas cabeças nas janellas das carroagens, outros a acenar com os lenços, vozes de muitos que parece querem sair já; pára emfim o comboio. Que sussurro!... uns abrem as portinholas das carroagens, impacientes de sair; outros vão abraçar as pessoas de sua amisade que esperavam; estes procuram suas bagagens e fazem repetidas interrogações; aquelles querem embarcar para seguir viagem; aquell'outros fazem sortimento de objectos de que necessitam e alli estão á venda. As vozes dos vendilhões; a grita dos que nas carroagens continuam dirigindo-se a outras estações; o movimento dos carregadores, a vozeria dos moços de fretes e vendedores de jornaes, tudo augmenta a confusão que dura alguns minutos. Toca uma sineta, é o signal da partida do comboio: novo borborinho de entradas e saídas, mas principalmente de entradas para as carroagens, despedidas, adeuses, etc.

Taes são em rapido esboço o aspecto e as scenas que temos presenceado, por occasião da chegada de um comboio a qualquer estação.

Um necrologio

Desceram hontem á sepultura os restos mortaes do sr. (nome). Era um bom amigo que se finou no vigor da vida. Não se podia dizer abastado; todavia nunca se approximou d'elle a miseria que não fosse mais ou menos remediada.

De caracter compassivo, fez que por sua iniciativa e incansaveis diligencias se fundassem varias instituições de beneficencia a que vinculou o seu nome.

Tendo exercido differentes cargos da publica administração deu provas de sua elevada competencia e exemplar honradez, deixando, sempre que se retirava, ex-

Conc

As provas escriptas para
de portuguez consistiram, e
da natureza das que até aq
conformidade com as exhibi
na transcripção de um certo
O estudante fixando *bem*
transformar, e tendo presen
prosa é o modo de dizer liv
que não está sujeito como o
labas, nem a determinada o
cias; sem faltar ás regras da
da collocação e muito menos á
desprendendo o verso das fig
só eram exigidas na linguag
sivel, a ordem directa, por mod
de ser cadente, harmonioso e
estabelecidas convenientemen
entre prosa e verso, sem pre
das leis geraes da syntaxe. (1
Tomamos para exemplo a e
nas 260 d'este volume.

*

Quando, ó filhos da onul

magico explendor, e a dança doudejante faz arfar os peitos; quando o timbre d'ouro, mudando o grave som em magica harmonia, annuncia as horas, pensai, ditosos da fortuna, que o pobre, o indigente geme então nas ruas silenciosas, e pára a ver as sombrss luminosas passar nos vidros do salão.

Pensai que o artista sem trabalho, exposto alli ao frio orvalho da noite e lutando contra a fome, está dizendo comsigo: «Para que é tanta riqueza? Alli tudo «é alegre! Que festas, que folganças! O rico é bem fe- «liz! As creanças sorriem-lhe, em quanto meus filhos «vegetam na pobreza!» Compara a vossa festa ao seu atroz viver, ao lar onde nunca a lenha tem ardido, ás creanças famintas, á mãe toda amargura, e á avó d'essas creanças (que já não resiste ao frio e procura o tumulo), muda e triste, estendida n'uma cama de palha; Deus marcou esses graus á nossa felicidade. A dura adversidade persegue sempre a uns, e pequena parte vai á festa da ventura; o desherdado da sorte não tem entrada lá, porque a lei, que parece injusta e má n'este mundo, só diz a uns: «gosai!» e aos outros «invejai!» Esta ideia sombria, amarga, inexoravel alimenta-se no peito do homem desgraçado.

Ditosos d'este mundo, a quem o luxo invade, oh! seja a caridade, e nunca o pobre raivoso, que vos vá tirar os bens, que elle cubiçoso encerra.

Sim, seja a ardente caridade, essa idolatrada do pobre, que serve de mãe abençoada aos párias da fortuna! que ampara o infeliz, prostrado e quasi exangue, que, como o loiro Christo, sorrindo com brandura, vai, no momento opportuno, dizer ao desgraçado: «Vamos! comei! bebei! que é minha carne e sangue!»

Ditosos da fortuna, que seja ella sómente que, salvando as vossas almas e dando a esperança ao pobre, a plenas mãos arranque do collo das esposas, dos braços da creança, essas joias e diamantes de refulgente brilho, essas pedras preciosas, que são adornos vãos do mundo.